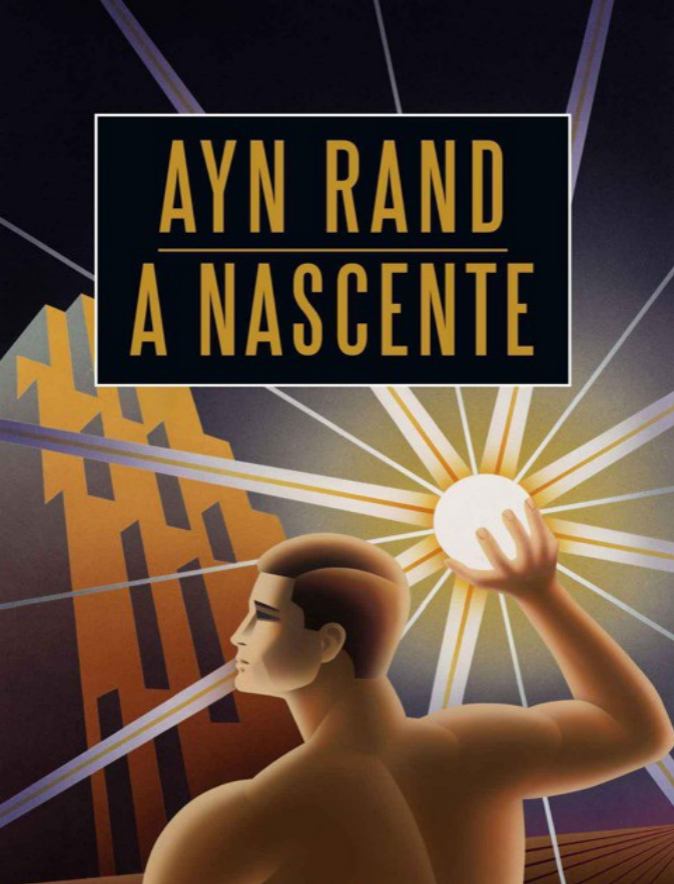


AYN RAND

A NASCENTE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A NASCENTE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

AYN RAND

A NASCENTE



Título original: *The Fountainhead*
Copyright © 1943 por The Bobbs-Merrill Company
Copyright renovado © 1971 por Ayn Rand
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Andrea Holcberg e David Holcberg
revisão: Ana Grillo, Cristiane Pacanowski e Luis Américo Costa
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
imagem de capa: Nick Gaetano / Quentin Cordair Fine Art
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rand, Ayn, 1905-1982
A nascente [recurso
eletrônico] / Ayn Rand
[tradução de Andrea
Holcberg]; São Paulo:

Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: The
fountainhead

R152n Formato: ePub

Requisitos do sistema:
Adobe Digital Editions

Modo de acesso:
World Wide Web

ISBN 978-85-8041-
228-4 (recurso
eletrônico)

1. Ficção americana. 2.
Livros eletrônicos. I.
Holcberg, Andrea. II.
Título.

13-
05746

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Sou profundamente grata à arquitetura e a seus heróis, que nos deram algumas das mais elevadas expressões do gênio do Homem mas permaneceram desconhecidos, nunca descobertos pela maioria das pessoas. E aos arquitetos que me deram assistência generosa nos aspectos técnicos deste livro.

Nenhum personagem ou evento neste livro refere-se a pessoas ou fatos reais. Os títulos das colunas de jornais foram inventados e usados por mim no primeiro manuscrito deste romance. Não foram copiados e não se referem a nenhuma coluna publicada em veículos de comunicação reais.

AYN RAND
10 de março de 1943

INTRODUÇÃO

MUITAS PESSOAS ME PERGUNTAM COMO me sinto com o fato de *A Nascente* vir sendo publicado há 25 anos. Não posso dizer que eu sinta algo em particular, exceto um tipo de serena satisfação. Nesse aspecto, minha atitude com relação ao que escrevo é mais bem explicada por uma declaração de Victor Hugo: “Se um autor escrevesse apenas para a sua época, eu teria que quebrar minha caneta e jogá-la fora.”

Certos escritores, entre os quais eu me incluo, não vivem, pensam ou escrevem impulsivamente. Romances, no sentido apropriado da palavra, não são escritos para desvanecerem em um mês ou um ano. O fato de que a maioria deles desvanece hoje em dia, e o fato de que são escritos e publicados como se fossem revistas, para desaparecer tão rapidamente quanto elas, é um dos aspectos mais tristes da literatura atual e uma das indicações mais claras da filosofia estética que a domina: o naturalismo jornalístico e concreto que agora chegou ao fim da linha nos seus inarticulados sons de pânico.

A longevidade – predominantemente, mas não de modo exclusivo – é a prerrogativa de uma escola literária praticamente inexistente hoje em dia: o romantismo. Este não é o lugar para uma dissertação sobre a natureza da ficção romântica, portanto deixe-me apenas dizer – no intuito de que fique registrado e para benefício dos estudantes universitários a quem nunca foi permitido descobrir – que o romantismo é a escola *conceitual* de arte. Ele trata não das banalidades do dia a dia, mas das questões e dos valores eternos, fundamentais e universais da existência humana. Não registra ou fotografa; cria e projeta. Preocupa-se – nas palavras de Aristóteles – não com as coisas como são, mas com as coisas como poderiam e deveriam ser.

E, para aqueles que dão importância crucial à relevância para a sua própria época, acrescentarei que, em relação ao presente, nunca houve uma época em que os homens precisaram tão desesperadamente de uma perspectiva das coisas como elas deveriam ser.

Não quero dizer que eu já sabia, quando o escrevi, que *A Nascente* continuaria a ser publicado e vendido por 25 anos. Não pensei em nenhum período específico de tempo. Eu sabia apenas que era um livro que *deveria* viver. E viveu.

Mas saber disso há mais de 25 anos – saber ao mesmo tempo que *A Nascente* estava sendo rejeitado por doze editoras, algumas das quais declararam que ele era “intelectual demais”, “controverso demais” e que não venderia porque não havia público para ele –, *essa* foi a parte difícil de sua história; difícil de suportar. Menciono isso aqui para proveito de qualquer outro escritor do meu tipo que talvez tenha que enfrentar a mesma batalha – como um lembrete de que isso pode ser feito.

Não vou recontar aqui a história da publicação de *A Nascente*. Mas me seria

impossível discutir esta obra ou qualquer parte de sua história sem mencionar o nome do homem que tornou possível que eu a escrevesse: meu marido, Frank O'Connor.

Em *Ideal*, uma peça que escrevi pouco depois dos 30 anos, a heroína, uma estrela de cinema, fala por mim quando diz: “Eu quero ver, real, viva, e durante as horas dos meus próprios dias, a glória que crio como ilusão. Eu quero que seja real. Quero saber que existe alguém, em algum lugar, que também quer. Do contrário, qual é a utilidade de ver e trabalhar e se desgastar por uma visão impossível? O espírito também precisa de combustível. Ele pode secar.”

Frank foi o combustível. Ele me deu, nas horas dos meus próprios dias, a realidade desse sentido de vida que criou *A Nascente* – e me ajudou a mantê-lo durante muitos anos, quando não havia nada à nossa volta a não ser um deserto cinza de pessoas e acontecimentos que evocavam somente desprezo e desgosto. A essência da ligação entre mim e ele é o fato de que nenhum de nós jamais quis ou se sentiu tentado a aceitar qualquer coisa que fosse inferior ao mundo apresentado em *A Nascente*. Nós jamais aceitaremos.

Se há em mim qualquer elemento do escritor naturalista que registra diálogos da vida real para uso em um romance, ele foi exercido apenas em relação a Frank. Por exemplo, uma das falas mais memoráveis de *A Nascente* está no final da Parte II, quando, em resposta à pergunta de Toohey “Por que não me diz o que pensa de mim?”, Roark responde: “Mas eu não penso em você.” Essa fala foi a resposta de Frank a um tipo diferente de pessoa, em um contexto semelhante. “Você está distribuindo pérolas sem receber em troca ao menos uma costeleta de porco”, foi o que ele me disse, em relação à minha situação profissional. Eu dei essa fala a Dominique, no julgamento de Roark.

Não me senti desencorajada com frequência, e, quando isso aconteceu, não durou mais que uma noite. Mas houve uma noite, enquanto eu escrevia este livro, em que senti uma indignação tão profunda com o estado das “coisas como são” que parecia que eu jamais recuperaria a energia para dar mais um único passo na direção das “coisas como deveriam ser”. Frank conversou comigo por horas naquela noite. Ele me convenceu de que não podemos abandonar o mundo para aqueles que desprezamos. Quando terminou, meu desânimo havia sumido e nunca mais retornou de forma tão intensa.

Eu era contra a prática de dedicar livros a alguém; acreditava que um livro é endereçado a qualquer leitor que se prove digno dele. Mas, naquela noite, disse a Frank que dedicaria *A Nascente* a ele porque ele o havia salvado. E um de meus momentos mais felizes, mais ou menos dois anos depois, me foi dado pela expressão no rosto dele quando chegou em casa, um dia, e viu o manuscrito do livro, em cujo topo estava a página que declarava em letras frias, claras e objetivas: A Frank O'Connor.

Perguntam-me se mudei nesses últimos 25 anos. Não, eu sou a mesma – ainda

mais do que antes. Minhas ideias mudaram? Não, minhas convicções fundamentais, minha visão da vida e do Homem nunca mudaram, em todo o tempo que posso recordar, mas meu conhecimento de suas aplicações aumentou, em abrangência e precisão. Qual é a minha avaliação atual de *A Nascente*? Eu tenho tanto orgulho dele como no dia em que terminei de escrevê-lo.

A Nascente foi escrito com o propósito de apresentar minha filosofia? Vou citar a seguir uma passagem de “The goal of my writing”, um discurso que fiz no Lewis and Clark College em 1^o de outubro de 1963:

“Este é o propósito e o motivo pelo qual escrevo: *a projeção de um homem ideal*. A representação de um ideal ético, como meu objetivo literário final, como um fim em si mesmo – para o qual quaisquer valores didáticos, intelectuais ou filosóficos do romance são apenas os meios.

Deixem-me enfatizar o seguinte: meu propósito *não* é a educação filosófica dos meus leitores... Meu propósito, causa inicial e motivação principal, é a representação de Howard Roark [ou de cada herói de *A revolta de Atlas*] *como um fim em si mesmo*...

Eu escrevo – e leio – por causa da história. Meu teste básico para qualquer história é: será que eu gostaria de conhecer esses personagens e observar esses eventos na vida real? Essa narrativa é uma experiência que vale a pena ser vivida por si própria? O prazer de contemplar esses personagens é um fim em si mesmo?

Como meu propósito é a apresentação de um homem ideal, tive que definir e mostrar as condições que o tornam possível e que sua existência requer. Uma vez que o caráter de um homem é o produto de suas premissas, precisei definir e apresentar os tipos de premissas e valores que criam o caráter de um homem ideal e que motivam suas ações. Isso significa que tive que definir e apresentar um código ético racional. Como o Homem atua entre outros homens e lida com eles, precisei apresentar o tipo de sistema social que torna possível a existência e o funcionamento do homem ideal – um sistema livre, produtivo e racional que exige e recompensa o melhor de cada homem, e que é, obviamente, o capitalismo *laissez-faire*.

Mas nem a política nem a moralidade nem a filosofia são fins em si mesmas, nem na vida nem na literatura. Só o Homem é um fim em si mesmo.”

Há alguma mudança substancial que eu gostaria de fazer em *A Nascente*? Não, e, portanto, deixei seu texto intocado. Quero que permaneça como foi escrito. Mas há um pequeno erro e uma frase que podem dar uma impressão errada e que eu gostaria de esclarecer, de forma que vou mencioná-los aqui.

O erro é de semântica: o uso da palavra “egotista” no discurso de Roark no tribunal, quando a palavra deveria ter sido “egoísta”. O erro foi causado por minha confiança em um dicionário que dava definições tão enganosas dessas duas palavras que “egotista” parecia se aproximar mais do significado que eu tinha em mente (*Webster’s Daily Use Dictionary*, 1933). (Os filósofos modernos, porém, são mais culpados que os dicionaristas, no que diz respeito a esses dois termos.)

A frase faz parte do discurso de Roark “Da mais simples necessidade até a mais complexa abstração religiosa, da roda ao arranha-céu, tudo o que somos e tudo o que temos vem de um único atributo do homem – a capacidade de sua mente racional.” Isso poderia ser mal interpretado como um endosso à religião ou a ideias religiosas. Lembro-me de haver hesitado sobre essa frase quando a escrevi e de haver decidido que o meu ateísmo e o de Roark, assim como o espírito geral do livro, estavam estabelecidos tão claramente que ninguém poderia interpretar mal, em especial porque eu disse que abstrações religiosas são produto da mente do Homem, não de uma revelação sobrenatural.

Mas uma questão desse tipo não pode ser deixada sem esclarecimento. Eu não me referia à religião em particular, mas à categoria especial de abstrações, das quais a mais exaltada, durante séculos, havia sido um monopólio quase absoluto da religião: a *ética* – não o conteúdo específico da ética religiosa, mas a “ética” como abstração, o universo dos valores, o código do bem e do mal do Homem, com as conotações emocionais de elevação, enaltecimento, nobreza, reverência, grandiosidade que pertencem ao universo dos valores do Homem, mas dos quais a religião se apropriou.

O mesmo significado e as mesmas considerações estão intencionalmente presentes e são aplicáveis a outro trecho do livro, um diálogo curto entre Roark e Hopton Stoddard, que pode ser mal compreendido se isolado de seu contexto:

– Você é um homem profundamente religioso, Sr. Roark.. à sua própria maneira. Eu posso ver isso em seus prédios.

– É verdade – disse Roark”

No contexto dessa cena, porém, o significado é claro: Stoddard está se referindo à dedicação profunda de Roark a valores, ao mais elevado e ao melhor, ao ideal (veja a sua explicação sobre a natureza do templo proposto). A construção do Templo Stoddard e o subsequente julgamento tratam da questão explicitamente.

Isso me leva a uma questão mais ampla que está presente em cada linha de *A Nascente* e que tem de ser entendida por quem quiser compreender as causas do interesse duradouro que ele desperta.

O monopólio da religião no campo da ética torna extremamente difícil comunicar o significado emocional e as conotações de uma visão de vida racional. Assim como a religião tomou conta do campo da ética, voltando a

moralidade contra o Homem, ela também usurpou os conceitos morais mais elevados de nossa linguagem, posicionando-os fora da Terra e fora do alcance do Homem. A “exaltação” é normalmente entendida como um estado emocional evocado pela contemplação do sobrenatural. “Veneração” significa a experiência emocional de lealdade e dedicação a algo mais elevado que o Homem. “Reverência” significa a emoção de um respeito sagrado, que deve ser sentida de joelhos. “Sagrado” significa superior e separado de qualquer interesse do Homem nesta Terra. E assim por diante.

Mas esses conceitos realmente dão nome a emoções reais, mesmo que não exista nenhuma dimensão sobrenatural; e essas emoções são vivenciadas como enaltecedoras ou enobrecedoras, sem a autodegradação exigida pelas definições religiosas. Qual é, então, a fonte ou a referência desses conceitos na realidade? É todo o universo das emoções que provêm da dedicação do Homem a um ideal ético. Mas, separado dos aspectos de degradação do Homem introduzidos pela religião, esse universo das emoções é deixado sem identificação, sem conceitos, palavras ou reconhecimento.

É esse nível mais alto das emoções do Homem que precisa ser resgatado das trevas do misticismo e redirecionado ao seu objeto apropriado: o Homem.

É nesse sentido, com esse significado e essa intenção, que eu identificaria o sentido de vida dramatizado em *A Nascente* como *veneração pelo Homem*.

É uma emoção que poucos – muito poucos – homens sentem constantemente; alguns a vivenciam em raras fagulhas que brilham e morrem sem consequências; outros não sabem do que estou falando; alguns poucos sabem e passam a vida como extintores de fagulhas frenéticos e virulentos.

Não confundam “veneração pelo Homem” com as várias tentativas não de resgatar a moralidade da religião e trazê-la para o campo da razão, mas de substituir os elementos mais profundamente irracionais da religião por um significado secular. Como exemplo, há todas as variantes do coletivismo moderno (comunista, fascista, nazista, etc.) que preservam a ética religiosa-altruísta na sua totalidade e apenas colocam a sociedade no lugar de Deus como beneficiária da autoimolação do Homem. Há as várias escolas modernas de filosofia que, rejeitando a lei da identidade, proclamam que a realidade é um fluxo indeterminado regido por milagres e modelado por caprichos – não os de Deus, mas os do Homem ou os “da sociedade”. Esses neomísticos não têm veneração pelo Homem; eles são meramente os que secularizaram um ódio tão profundo pelo Homem quanto o ódio dos místicos assumidos que os precederam.

Uma variante mais crua do mesmo ódio é representada pelas mentalidades “estatísticas” e focadas em coisas concretas que – incapazes de entender o significado da vontade do Homem – declaram que o Homem não pode ser um objeto de veneração, pois nunca encontraram um espécime humano que a merecesse.

Aqueles que veneram o Homem, no meu sentido do termo, são os que veem potencial mais elevado no Homem e esforçam-se para realizá-lo. Os que o odeiam são aqueles que o veem como uma criatura desamparada, depravada e desprezível – e lutam para jamais deixá-lo descobrir que não é assim. É importante lembrar aqui que o único conhecimento direto e introspectivo do Homem que qualquer um possui é o de si próprio.

Mais especificamente, a divisão essencial entre esses dois campos é: os dedicados à *exaltação* da autoestima do Homem e à *santidade* de sua felicidade na Terra – e aqueles determinados a não permitir que qualquer uma das duas possa existir. A maior parte da humanidade passa a vida e gasta a sua energia psicológica no meio, balançando entre esses dois campos, lutando para não permitir que a questão receba um nome. Isso não muda a natureza da questão.

Talvez a melhor maneira de comunicar o sentido de vida de *A Nascente* seja por meio da citação que encabeçou meu manuscrito, mas que removi da versão final do livro que foi publicada. Com esta oportunidade de explicar esse fato, fico contente de trazê-la de volta.

Eu a removi por causa da minha profunda discordância com a filosofia do seu autor, Friedrich Nietzsche. Filosoficamente, Nietzsche é um místico e um irracionalista. Sua metafísica consiste de um universo “byroniano” e misticamente malévolo; sua epistemologia subordina a razão à “vontade”, ou ao sentimento, ou ao sangue, ou às virtudes de caráter inatas. Mas, como poeta, ele projeta às vezes (não consistentemente) um sentimento magnífico pela grandeza do Homem, expresso em termos emocionais, não intelectuais.

Isso é especialmente verdadeiro no caso da citação que escolhi. Eu não poderia endossar seu significado literal – ela proclama um princípio indefensável: o do determinismo psicológico. Mas, se a considerarmos uma projeção poética de uma experiência emocional (e se, intelectualmente, substituirmos o conceito de uma “certeza fundamental” inata pelo de uma “premissa básica” adquirida), a citação comunica um estado interior de autoestima exaltada – e sintetiza as consequências emocionais para as quais *A Nascente* fornece a base racional e filosófica:

Não são as obras mas a *crença* que é aqui decisiva e determina a ordem de hierarquia – para empregar uma vez mais uma fórmula religiosa antiga com um significado novo e mais profundo –, é uma certeza fundamental que a alma nobre tem sobre si mesma, algo que não é para ser procurado, não é para ser encontrado, e talvez, também, não seja para ser perdido. – *A alma nobre tem reverência por si mesma.* (Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal*)

Raras vezes essa visão do Homem foi expressa na história da humanidade.

Hoje, ela é praticamente inexistente. Entretanto, essa é a visão com que – em vários graus de desejo, avidez, paixão e confusão agonizante – os melhores da juventude da humanidade começam a vida. Não chega nem a ser uma visão para a maioria deles, mas uma percepção indefinida, nebulosa, tateante, composta por uma dor crua e uma felicidade incomunicável. É um senso de enorme expectativa, a percepção de que a nossa própria vida é importante, que grandes conquistas estão ao alcance da nossa própria capacidade, e que grandes coisas estão por vir.

Não é da natureza do Homem – nem de nenhuma entidade viva – começar já desistindo, cuspidando na própria cara e amaldiçoando a existência; isso requer um processo de corrupção cuja rapidez varia de homem para homem. Alguns desistem ao primeiro toque de pressão; se vendem; outros mais definham através de graus imperceptíveis e perdem sua chama, jamais sabendo quando ou como a perderam. E então todos eles desaparecem no vasto pântano dos mais velhos, que lhes dizem persistentemente que a maturidade consiste em abandonar a própria mente; a segurança, em abandonar os próprios valores; a praticidade, em perder a autoestima. No entanto, alguns poucos resistem e seguem adiante, sabendo que a sua chama não deve ser traída, aprendendo a dar-lhe forma, propósito e realidade. Mas qualquer que seja seu futuro, no nascer de suas vidas, as pessoas buscam uma visão nobre da natureza do Homem e do potencial da existência.

É difícil encontrar as poucas placas que indicam o caminho. *A Nascente* é uma delas.

Essa é uma das principais razões por trás do duradouro interesse que este livro desperta: ele é uma confirmação do espírito da juventude, proclamando a glória do Homem, mostrando quanto é possível.

Não importa que apenas alguns em cada geração entendam e alcancem a realidade total da estatura apropriada ao Homem – e que o resto a traia. São esses poucos que movem o mundo e dão à vida seu significado – e é a esses poucos que eu sempre procuro me dirigir. O restante não me diz respeito; não é a mim ou a *A Nascente* que eles traem: é às suas próprias almas.

AYN RAND
Nova York, maio de 1968

VOLUME I

PARTE I

PETER KEATING

HOWARD ROARK RIU.

Ele estava nu, parado à beira do penhasco. O lago se estendia muito abaixo. Uma explosão congelada de granito se projetava rumo ao céu, sobre a superfície imóvel do lago. A água parecia imutável; a pedra, fluida. A pedra possuía a imobilidade de um breve instante na batalha, quando ímpetos opostos se confrontam e as forças mantêm-se suspensas em uma pausa mais dinâmica que o próprio movimento. E brilhava, úmida, com os raios de sol.

O lago abaixo era apenas um fino anel de aço que cortava as rochas ao meio. Elas submergiam nas profundezas, imutáveis. Começavam e terminavam no céu, de modo que o mundo parecia suspenso no espaço, uma ilha flutuando no vazio, ancorada aos pés do homem no penhasco.

Seu corpo apoiava-se contra o céu. Possuía linhas longas e ângulos retos, mas com curvas delineadas em uma série de planos. Ele estava em pé, rígido, as mãos soltas ao lado do corpo, as palmas voltadas para a frente. Sentia seus ombros estendidos para trás, a curva de seu pescoço e o peso do sangue em suas mãos. Sentia o vento soprando em suas costas e balançando seus cabelos contra o céu. Ele não era louro nem ruivo; seus cabelos tinham exatamente a cor da casca de uma laranja madura.

Ele ria do que lhe havia acontecido naquela manhã e do que estava por acontecer.

Sabia que os dias por vir seriam difíceis. Havia questões a serem enfrentadas e um plano de ação a ser traçado. Ele sabia que deveria pensar a respeito. Sabia também que não iria pensar, porque tudo já estava claro para ele, porque o plano de ação fora traçado havia muito tempo e porque ele queria rir.

Tentou pensar, mas esqueceu-se. Estava olhando para o granito.

Parou de rir quando seus olhos se fixaram e perceberam a terra ao seu redor. Seu rosto era como uma lei da natureza, algo que não se pode questionar ou alterar, indiferente a quaisquer súplicas. Possuía maçãs do rosto salientes em uma face magra; olhos cinzentos, frios e enérgicos; uma boca insolente, firmemente selada, como a de um executor ou de um santo.

Ele olhou para o granito: para ser cortado, pensou, e transformado em paredes. Olhou para uma árvore: para ser serrada e transformada em tábuas. Olhou para um veio de ferrugem na rocha e pensou no minério de ferro no subsolo: para ser derretido e emergir como colunas contra o céu.

Estas pedras, pensou, estão aqui para me servir. Elas esperam a broca, a dinamite e o meu comando. Esperam renascer, após serem cortadas, talhadas, malhadas. Esperam pela forma que minhas mãos lhes darão.

Ele sacudiu a cabeça, porque se lembrou daquela manhã e de que havia muito a ser feito. Aproximou-se da beirada, ergueu os braços e mergulhou no espaço abaixo.

Nadou em linha reta, cruzando o lago até a margem à sua frente, e alcançou as pedras nas quais havia deixado suas roupas. Olhou à sua volta com pesar. Ao longo de três anos, desde que se mudara para Stanton, ele viera a este lugar para desfrutar sua única forma de relaxamento, para nadar, descansar, pensar, estar só e vivo, sempre que dispunha de uma hora livre, o que não acontecia com frequência. Em sua nova liberdade, a primeira coisa que quis fazer foi vir aqui, porque sabia que viria pela última vez. Naquela manhã ele havia sido expulso da Escola de Arquitetura do Instituto de Tecnologia de Stanton.

Vestiu suas roupas: uma velha calça jeans, uma camisa de mangas curtas em que faltavam quase todos os botões e sandálias. Saltou para a trilha estreita entre os rochedos, que levava a um caminho através de uma encosta verdejante e acabava na estrada abaixo.

Caminhava rapidamente, com uma destreza de movimentos livre e relaxada. Andava pela estrada, sob o sol. Bem adiante, espalhada ao longo da costa de Massachusetts, ficava Stanton, cenário da sua joia: o grande instituto que jazia na colina a distância.

A cidadezinha começava em um depósito de lixo. Da grama erguia-se um monte de entulho cinza, do qual saía uma fumaça fina. Latas de alumínio brilhavam ao sol. Passando as primeiras casas, a estrada levava a uma igreja. Era um monumento gótico de ripas de madeira pintadas de azul. Possuía grossas escoras desse material que não sustentavam nada. As janelas eram de vitral com ornamentos pesados que imitavam pedra. A igreja abria o caminho para ruas compridas ladeadas de gramados austeros criados por exibicionistas. Atrás dos gramados erguiam-se pilhas de madeira cuja forma sugeria um processo de tortura: esmagadas sob enormes telhados inclinados, suas esquadrias e vigas deformadas, suas varandas protuberantes. Cortinas brancas flutuavam nas janelas. Ao lado de uma porta lateral, uma lata de lixo transbordava. Um velho pequinês estava sentado numa almofada perto de uma porta, babando. Entre as colunas de uma varanda, um varal de fraldas balançava ao vento.

Quando Howard Roark passava, as pessoas viravam-se para observá-lo. Alguns continuavam olhando, com um súbito ressentimento. Não podiam explicar por que isso acontecia, era um instinto que a presença dele despertava na maioria dos indivíduos. Howard Roark não via ninguém. Para ele, as ruas estavam desertas. Poderia andar nu, totalmente despreocupado.

Ele atravessou o coração de Stanton, um vasto gramado cercado por vitrines de lojas, que anunciavam em placas novas: “BEM-VINDOS, CONVIDADOS DA TURMA DE 1922! BOA SORTE, TURMA DE 1922!” A formatura da turma de 1922 do Instituto de Tecnologia de Stanton estava marcada para aquela tarde.

Roark entrou em uma rua lateral. À sua frente, ao final de uma longa fileira de casas, sobre uma colina verde, estava a residência da Sra. Keating. Ele havia se hospedado lá durante três anos.

A mulher estava na varanda, alimentando um casal de canários em uma gaiola suspensa sobre o parapeito. Sua pequena mão rechonchuda parou no ar quando o viu. Ela olhou para ele com curiosidade. Tentou contrair os lábios para expressar a simpatia apropriada, mas só conseguiu revelar que estava fazendo um esforço.

Ele estava atravessando a varanda sem notar a presença dela quando a Sra. Keating o deteve

– Sr. Roark!

– Sim?

– Sr. Roark, sinto muito pelo... – ela hesitou, cautelosa – pelo que aconteceu hoje de manhã.

– O quê?

– O senhor ter sido expulso do Instituto. Não tenho palavras para descrever quanto eu lamento. Eu só queria que o senhor soubesse que sinto muito.

Roark ficou olhando para ela. A mulher sabia que ele não a estava vendo. Não, pensou ela, não era bem isso. Ele sempre fitava diretamente as pessoas e seus malditos olhos não deixavam passar nada, só que ele as fazia sentir como se não existissem. Roark apenas continuou olhando e não respondeu nada.

– Eu costumo dizer – continuou ela – que, se alguém sofre neste mundo, é por causa de um erro. É claro que agora você terá que desistir da profissão de arquiteto, não é mesmo? Mas um jovem sempre pode ganhar a vida trabalhando numa função administrativa ou na área de vendas, ou algo assim.

Ele virou-se para continuar andando.

– Ah, Sr. Roark! – chamou ela.

– Pois não?

– O diretor lhe telefonou quando o senhor estava fora.

Pelo menos desta vez, ela esperava que aquele homem demonstrasse alguma emoção. Vê-lo revelar uma emoção seria o equivalente a vê-lo derrotado. A Sra. Keating não sabia o que ele tinha que sempre a fizera querer vê-lo subjugado.

– Sim? – perguntou ele.

– O diretor – repetiu ela, incerta, tentando recuperar o efeito. – O próprio diretor, por intermédio de sua secretária.

– E?

– Ela mandou lhe avisar que o diretor queria vê-lo assim que você chegasse.

– Obrigado.

– O que o senhor acha que ele pode querer *agora*?

– Não sei.

Roark disse: “Não sei”; a Sra. Keating ouviu nitidamente “Eu não estou nem aí”. A mulher olhou para ele, incrédula.

– A propósito – disse ela, sem aparentar relevância –, Petey se forma hoje.

– Hoje? Ah, sim.

– É um grande dia para mim. Só de pensar em quanto tive que economizar e me sacrificar para pagar os estudos do meu menino. Não que eu esteja me queixando. Eu não reclamo. Petey é um rapaz brilhante.

Ela estava empertigada. Seu corpo gordo e pequeno estava tão apertado pelo vestido de algodão engomado que a sua gordura parecia estar sendo espremida para os pulsos e os tornozelos.

– É claro – continuou rapidamente, ansiosa por prosseguir em seu assunto favorito –, eu não sou de me gabar. Algumas mães têm sorte, outras não. Cada uma leva a vida que lhe cabe. Apenas observe Petey daqui para a frente. Eu não quero que meu filho se mate de trabalhar e agradecerei ao Senhor por qualquer pequeno sucesso que venha ao seu encontro. Mas, se esse menino não for o maior arquiteto dos Estados Unidos, a mãe dele aqui vai querer saber por quê!

Ele já estava entrando.

– Mas o que estou fazendo, tagarelado desta forma? – exclamou ela animadamente. – O senhor tem que trocar de roupa depressa e sair correndo. O diretor está esperando.

Viu-o passar pela porta da varanda, observando a figura magra daquele homem atravessando sua sala de visitas austeramente arrumada. Ele sempre a fazia sentir-se pouco à vontade em casa, com uma vaga sensação de apreensão, como se ela esperasse que ele fosse atacar subitamente e quebrar suas mesinhas, seus vasos chineses, seus porta-retratos. Ele nunca havia demonstrado nenhuma disposição para fazer tal coisa, mas ela continuava na expectativa de que fizesse, sem saber por quê.

Roark subiu as escadas e foi para o seu quarto. Era um cômodo grande e quase vazio, iluminado pelo brilho límpido das paredes caiadas. A Sra. Keating nunca tivera a sensação de que ele realmente morava ali. Não havia acrescentado um único objeto à mobília estritamente necessária fornecida por ela: nenhum quadro, nenhum pôster, nenhum toque humano animador. Roark não levava nada consigo, exceto suas poucas roupas e seus muitos desenhos, que estavam arrumados em uma pilha alta, num dos cantos. Às vezes ela pensava que eram os desenhos que moravam ali, não o homem.

Roark caminhou até os projetos que desenhara. Eram as primeiras coisas a serem empacotadas. Pegou um deles, depois o próximo, em seguida mais um. Ficou parado, olhando as folhas de papel largas.

Eram esboços de prédios que nunca haviam sido erguidos na face da Terra. Eram como as primeiras casas construídas pelo primeiro homem que nasceu, que nunca havia ouvido falar de outros que tivessem feito construções antes dele. Não havia nada a dizer sobre eles, exceto que cada estrutura era, inevitavelmente, o que tinha que ser. Ficava evidente que não eram o resultado do trabalho de um desenhista que houvesse se sentado diante delas, ponderando cuidadosamente, reunindo portas, janelas e colunas, de acordo com os ditames

de seus caprichos e com as orientações dos livros. Os prédios pareciam ter brotado da terra e de alguma força viva, completos, inalteravelmente corretos. A mão que havia traçado a lápis as linhas precisas ainda tinha muito a aprender, mas nenhum traço parecia supérfluo, nenhum plano necessário estava faltando. As estruturas eram austeras e simples, até se olhar para elas e perceber o trabalho, a complexidade de método, a concentração mental que haviam alcançado tal simplicidade. Nenhuma lei tinha ditado um único detalhe. Os prédios não eram clássicos, não eram góticos, não eram renascentistas. Eram apenas Howard Roark.

Deteve-se, fitando um esboço. Era um que nunca o satisfizera. Ele o havia desenhado como um exercício que propusera a si mesmo, além das tarefas do curso. Fazia isso com frequência, quando deparava com algum local em particular e tentava determinar que tipo de construção deveria ocupá-lo. Passara noites observando esse esboço, perguntando-se o que tinha deixado passar. Ao olhar para ele agora, despreparado, percebeu o erro que cometera.

Atirou o esboço na mesa e debruçou-se sobre ele, traçando linhas por cima de seu cuidadoso desenho. Parava de vez em quando para olhá-lo, as pontas dos dedos pressionando o papel, como se suas mãos sustentassem o prédio. Suas mãos tinham dedos longos, veias grossas, as articulações e os ossos dos pulsos salientes.

Uma hora depois, ouviu uma batida em sua porta.

– Entre! – disse bruscamente, sem interromper o trabalho.

– Sr. Roark! – exclamou a Sra. Keating, olhando para ele da entrada do quarto.
– Mas o que é que o senhor está fazendo?

Ele se virou e fitou-a, tentando lembrar quem ela era.

– E o reitor? – gemeu ela. – O reitor está esperando pelo senhor!

– Ah – disse Roark – Ah, sim. Eu esqueci.

– O senhor... *esqueceu?*

– Sim. – Havia um tom de surpresa em sua voz, atônito com o espanto dela.

– Bem, só posso dizer que é bem feito para o senhor! – exclamou ela. – Bem feito. Com a formatura começando às quatro e meia, como espera que ele tenha tempo para recebê-lo?

– Eu vou agora mesmo, Sra. Keating.

Ela não havia agido somente por curiosidade, mas também por um temor secreto de que a sentença do Conselho pudesse ser revogada. Roark foi ao banheiro no final do corredor. Ela o observou lavando as mãos, atirando o cabelo rebelde e liso para trás, dando-lhe uma aparência mais arrumada. Saiu do banheiro e encaminhou-se para as escadas; então ela percebeu que ele já estava de saída.

– Sr. Roark! – chamou ela, ofegante, apontando para as roupas dele. – O senhor vai *assim?*

– E por que não iria?

– Mas é o seu *reitor*!

– Não é mais, Sra. Keating.

Ela pensou, horrorizada, que ele tinha dito isso como se estivesse, de fato, feliz.

O Instituto de Tecnologia de Stanton ficava em uma colina. Suas muralhas altas e ornadas com ameias formavam uma coroa sobre a cidade que se estendia abaixo. Assemelhava-se a uma fortaleza medieval, com uma catedral gótica encravada em seu interior. A fortaleza era notavelmente adequada ao seu propósito, com paredes resistentes feitas de tijolos, algumas aberturas largas o suficiente para abrigar sentinelas, baluartes atrás dos quais poderiam esconder-se arqueiros defensores, e torres nos cantos, das quais óleo fervente poderia ser derramado sobre quem tentasse atacá-la – caso tal emergência surgisse em uma academia de ensino. A catedral erguia-se acima da fortaleza, esplendorosa, uma defesa frágil contra dois grandes inimigos: a luz e o ar.

O gabinete do reitor parecia uma capela submersa em um crepúsculo tênue, que entrava por uma janela alta de vitrais. A luz do fim da tarde fluía através das vestes de santos rígidos, seus braços contorcidos na altura dos cotovelos. Um ponto de luz vermelha e outro de luz roxa incidiam, respectivamente, sobre duas gárgulas genuínas que flanqueavam uma lareira que nunca fora usada, sobre a qual estava pendurada, com um ponto de luz verde no meio, uma pintura do Partenon.

Quando Roark entrou na sala, o contorno do vulto do reitor pairava indistintamente atrás de sua escrivaninha, esculpida como um confessorário. Era um senhor baixo e gorducho, cuja banha em expansão era contida por uma dignidade indomável.

– Ah, sim, Roark – disse ele, sorrindo. – Sente-se, por favor.

O homem sentou-se. O reitor cruzou os dedos sobre a barriga, pronto para ouvir a súplica esperada, que, porém, não se ouviu. O reitor pigarreou.

– É desnecessário que eu expresse quanto sinto pelo acontecimento infeliz de hoje de manhã – começou ele –, pois tenho certeza de que você sempre soube de meu sincero interesse por seu bem-estar.

– Totalmente desnecessário – disse Roark.

O reitor olhou para ele, incerto, mas continuou:

– Nem preciso dizer que eu não votei contra você. Eu me absteve completamente. Porém talvez você fique feliz ao saber que contou com alguns defensores muito obstinados na reunião. Um grupo pequeno, mas determinado. Seu professor de engenharia estrutural agiu como um guerreiro em sua defesa. O de matemática também. Infelizmente, aqueles que julgaram que deveriam votar pela sua expulsão estavam em número bem superior. O professor Peterkin, seu crítico de design, deu importância especial à questão. Chegou a ponto de nos ameaçar com a própria demissão, caso você não fosse expulso. Você deve

perceber que provocou excessivamente o professor Peterkin.

– Eu percebo.

– Veja, esse foi o problema. Estou falando de sua atitude em relação à matéria de design arquitetônico. Você nunca lhe deu a atenção que merecia. Entretanto, tem sido excelente em todas as disciplinas de engenharia. É claro, ninguém nega a importância da engenharia estrutural para um futuro arquiteto, mas por que levar as coisas a tais extremos? Por que se descuidar do que pode ser considerado o lado artístico e inspirador de sua profissão e concentrar-se em todas aquelas matérias cruas, técnicas e matemáticas? Sua intenção era se tornar arquiteto, não engenheiro civil.

– Isso não é irrelevante? – perguntou Roark – É passado. Não há motivo para discutir minha escolha de matérias agora.

– Estou me esforçando para ajudar, Roark. Você deve ser justo a respeito dessa questão. Não pode dizer que não recebeu muitos avisos antes de isso acontecer.

– Recebi.

O reitor se ajeitou na cadeira. Roark o deixava pouco à vontade. Os olhos do ex-aluno estavam fixados nele, educadamente. *Não há nada de errado com a forma como ele está me olhando*, pensou o reitor. *Na verdade, é bastante correta, com uma atenção muito apropriada. Mas é como se eu não estivesse aqui.*

– Cada tarefa que lhe foi dada – prosseguiu o reitor –, cada projeto que teve de desenhar... O que foi que você fez? Cada um deles feito daquele... bem, não posso chamar aquilo de estilo... daquele seu jeito inacreditável. É contrário a todos os princípios que tentamos lhe ensinar, a todos os precedentes estabelecidos e a todas as tradições da arte. Talvez você pense que é um modernista, como costumam chamar, mas não é nem isso. É... é pura insanidade, se você não se importa.

– Eu não me importo.

– Quando você recebia um projeto que deixava a escolha do estilo a seu critério e apresentava uma de suas surpresas selvagens... bem, francamente, seus professores deixavam passar porque não sabiam como julgar seus projetos. Mas, quando recebia um exercício de estilos históricos, como projetar uma capela Tudor ou um teatro de ópera francês, e você apresentava algo parecido com um monte de caixas empilhadas, sem estilo ou razão, você diria que o seu projeto era a resolução de uma tarefa, ou pura insubordinação?

– Era insubordinação – respondeu Roark.

– Nós queríamos lhe dar uma chance, em razão de seu histórico brilhante em todas as outras matérias. Mas, quando você entregou isto – o reitor esmurrou uma folha aberta diante dele –, isto, representando uma vila renascentista, como seu projeto de final de ano, francamente, rapaz, você passou dos limites!

Na folha havia um desenho – uma casa de vidro e concreto. No canto, uma

assinatura precisa e angular: Howard Roark

– Como você espera ser aprovado depois disso?

– Eu não espero.

– Você não nos deixou nenhuma escolha. Naturalmente, deve se sentir amargurado conosco neste momento, mas...

– Não sinto nada disso – retrucou Roark tranquilamente. – Eu lhe devo um pedido de desculpas. Não costumo deixar que as coisas aconteçam comigo. Cometi um erro desta vez. Eu não deveria ter esperado que vocês me expulsassem, já deveria ter ido embora há muito tempo.

– Vamos, vamos, não fique desanimado. Essa não é a atitude certa a tomar, especialmente diante do que vou lhe dizer.

O reitor sorriu e inclinou-se para a frente amistosamente, desfrutando o prelúdio de uma boa ação.

– Este é o verdadeiro propósito desta conversa. Eu estava ansioso para lhe contar quanto antes. Não queria deixá-lo desmotivado. Eu, pessoalmente, me arrisquei a enfrentar a ira do presidente quando mencionei isto para ele, mas... É bom você saber que ele não se comprometeu, mas... A situação é a seguinte: agora que percebe como seu problema é sério, se você sair por um ano para descansar, para pensar... deveríamos dizer, para amadurecer?... pode haver uma chance de nós o aceitarmos de volta. Olhe, eu não posso prometer nada, isto é extraoficial, seria extremamente fora do comum, mas, diante das circunstâncias e de seu histórico brilhante, pode haver uma chance muito boa.

Roark sorriu. Não era um sorriso feliz, nem agradecido. Era um sorriso simples, relaxado e entretido.

– Eu acho que você não me entendeu – disse ele. – O que o fez supor que eu quero voltar?

– Mas...

– Eu não vou voltar. Não tenho mais nada a aprender aqui.

– Eu *não entendo* você – retrucou o reitor, em tom severo.

– Há alguma razão para explicar? Já não é de nenhum interesse para você.

– Por favor, explique-se.

– Se é isso que você quer... Eu quero ser arquiteto, não arqueólogo. Não vejo nenhum propósito em criar vilas renascentistas. Para que aprender a desenhá-las, se nunca vou construí-las?

– Meu caro rapaz, o grande estilo renascentista está longe de ter morrido. Casas nesse estilo são construídas todos os dias.

– São. E sempre serão. Mas não por mim.

– Por favor, isso é infantil.

– Eu vim aqui para aprender a construir. Quando me era dado um projeto, seu único valor para mim era aprender a executá-lo tal como eu faria com um projeto real no futuro. Eu os fiz do jeito que irei construí-los. Aprendi tudo o que

poderia aqui, nas matérias estruturais que você tanto desaprova. Mais um ano desenhando cartões-postais italianos não me serviria para nada.

Uma hora antes, o reitor havia desejado que essa conversa corresse o mais calmamente possível. Agora ele desejava que Roark demonstrasse alguma emoção. Não parecia normal que ele estivesse tão tranquilamente natural nessas circunstâncias.

– Está querendo me dizer que pensa seriamente em construir *dessa forma*, quando e se você se tornar um arquiteto?

– Sim.

– Meu caro rapaz, quem vai deixá-lo fazer isso?

– A questão não é essa. A questão é: quem vai me impedir?

– Olhe, isso é sério. Eu lamento não ter tido uma conversa longa e honesta com você há mais tempo... Eu sei, eu sei, eu sei, não me interrompa. Você viu um ou dois prédios modernistas que lhe deram ideias. Mas não percebe que todo esse tal de movimento modernista não passa de um modismo? Você deve aprender a compreender, e já foi provado por todas as autoridades, que tudo o que é bonito em arquitetura já foi feito. Há uma mina de riquezas em todos os estilos do passado. Nós podemos apenas escolher entre os grandes mestres. Quem somos nós para melhorar o que eles fizeram? Só nos resta tentar, respeitosamente, imitá-los.

– Por quê? – perguntou Howard Roark

Não, pensou o reitor, *não, ele não disse o que eu penso que disse. É uma frase perfeitamente inocente; ele não está me ameaçando.*

– Mas é óbvio! – exclamou o reitor.

– Olhe – disse Roark calmamente, e apontou para a janela. – Está vendo o campus e a cidade? Vê quantos homens moram e andam por lá? Bem, eu não ligo a mínima para o que qualquer um deles pensa, ou para o que todos eles pensam sobre arquitetura... ou sobre qualquer outra coisa. Por que eu deveria ligar para o que os avós deles pensavam?

– Essa é a nossa tradição sagrada.

– Por quê?

– Pelo amor de Deus, quer parar de ser tão ingênuo?

– Mas eu não entendo. Por que você quer que eu ache que isso é excelente arquitetura? – Apontou para o quadro do Partenon.

– *Isso* – enfatizou o reitor – é o Partenon.

– Pois é.

– Eu não tenho tempo a perder com perguntas bobas.

– Está bem, então. – Roark levantou-se, pegou uma régua comprida na escrivaninha e andou até o quadro. – Posso lhe dizer o que não presta nele?

– É o *Partenon!* – exclamou o reitor.

– Sim, droga, o Partenon!

A régua bateu no vidro do quadro.

– Olhe – disse Roark –, as famosas caneluras das famosas colunas. Por que estão ali? Para esconder as junções de madeira, quando as colunas eram feitas desse material; só que essas são de mármore. Os triglifos, o que são? *Madeira!* Vigas de madeira, da forma como tinham de ser colocadas quando começaram a construir casebres. Os seus gregos usaram mármore para fazer cópias de suas estruturas de madeira, porque outros tinham construído dessa forma. Depois vieram os seus mestres renascentistas e fizeram cópias em reboco das cópias em mármore das cópias em madeira. Por quê?

O reitor permaneceu sentado, observando-o com curiosidade. Algo o confundia, não nas palavras, mas no modo como Roark as dizia.

– Regras? – perguntou Roark – Estas são as minhas regras: o que pode ser feito com uma substância nunca deve ser feito com outra. Não existem dois materiais idênticos. Não existem dois locais iguais na Terra. Não existem dois prédios com o mesmo propósito. O propósito, o local e o material determinam a forma. Nada pode ser lógico ou belo a menos que seja feito a partir de uma ideia central, e é esta que define cada detalhe. Um prédio é algo vivo, como um homem. Sua integridade é seguir sua própria verdade, seu único tema, e servir seu próprio e único propósito. Assim como um homem não toma emprestados pedaços de seu corpo, um prédio não toma emprestadas partes de sua alma. Seu criador lhe dá a alma e também cada parede, janela e escadaria para expressá-la.

– Mas todas as formas de expressão apropriadas foram descobertas muito tempo atrás.

– Expressão... do quê? O Partenon não servia ao mesmo propósito de seu ancestral de madeira. Um terminal de aeroporto não serve ao mesmo propósito do Partenon. Cada forma tem seu próprio significado. Cada homem cria seu significado, sua forma e seu objetivo. Por que é tão importante o que os outros fizeram? Por que se torna sagrado pelo mero fato de não ter sido feito por você? Por que qualquer um está certo, desde que não seja você? Por que todos estão certos, menos você? Por que a quantidade desses outros suplanta a verdade? Por que a verdade se torna uma mera questão de aritmética e, pior ainda, somente uma questão de adição? Por que distorcem o sentido de cada coisa para que se encaixe no resto? Tem de haver uma razão. Eu não sei. Nunca soube. Eu queria entender.

– Pelo amor de Deus – disse o reitor. – Sente-se... Assim é melhor... Você se importaria muito de largar essa régua? Obrigado. Agora, escute. Ninguém nunca negou a importância da técnica moderna para um arquiteto. Devemos aprender a adaptar a beleza do passado às necessidades do presente. A voz do passado é a voz do povo. Nada em arquitetura jamais foi inventado por um único homem. O processo criativo tem que ser lento, gradual, anônimo, coletivo. Nele cada homem colabora com todos os outros e se submete aos padrões da maioria.

– Mas veja – disse Roark calmamente –, eu tenho, talvez, mais sessenta anos de vida. Vou passar a maior parte desse tempo trabalhando. Eu escolhi o trabalho que quero fazer. Se ele não me der nenhuma alegria, estarei me condenando a sessenta anos de tortura. E eu só posso encontrar alegria em meu trabalho se o fizer da melhor forma possível. Mas o melhor é uma questão de padrões, e eu estabeleço meus próprios padrões. Não herdo nada. Não sou seguidor de nenhuma tradição. Talvez eu seja o início de uma.

– Quantos anos você tem? – perguntou o reitor.

– Vinte e dois – respondeu Roark.

– É bastante compreensível – disse o reitor. Ele parecia aliviado. – Você vai superar tudo isso – sorriu. – Os padrões antigos persistem há milhares de anos e ninguém foi capaz de melhorá-los. O que são os seus modernistas? Um modismo, exibicionistas tentando chamar atenção. Você já observou o curso das carreiras deles? Consegue mencionar um único que tenha conquistado qualquer distinção permanente? Veja Henry Cameron. Um grande homem, um arquiteto de destaque, vinte anos atrás. O que ele é hoje? Tem sorte se conseguir, uma vez por ano, fazer a reforma de uma garagem. É um vagabundo, um bêbado que...

– Nós não vamos falar sobre Henry Cameron.

– Ah. Ele é seu amigo?

– Não, mas eu vi os prédios dele.

– E achou que são...

– Eu já disse que não vamos falar sobre Henry Cameron.

– Muito bem. Você deve perceber que eu estou lhe permitindo ter bastante... digamos, liberdade. Não estou acostumado a entrar em um debate com alunos que se comportam como você. Entretanto, estou ansioso para impedir, se possível, o que parece ser uma tragédia, o espetáculo de um jovem com os seus óbvios talentos mentais prestes a arruinar sua vida deliberadamente.

O reitor se perguntava por que havia prometido ao professor de matemática fazer tudo o que pudesse por esse rapaz. Simplesmente porque o mestre tinha dito, apontando para o projeto de Roark: “Este é um grande Homem.” *Um grande homem*, pensou ele, *ou um criminoso*. E estremeceu. Não aprovava nenhum dos dois.

Pensou no que havia escutado sobre o passado de Roark. O pai do jovem trabalhara na produção de aço em alguma parte de Ohio e morreria havia muito tempo. Os documentos de matrícula do rapaz não continham nenhum registro de parentes próximos. Quando lhe perguntaram sobre isso, ele dissera, com indiferença:

– Acho que não tenho nenhum parente. Talvez tenha, não sei.

Pareceu surpreso com a ideia de que deveria ter algum interesse pela questão. Não havia feito, nem tentado fazer, uma única amizade no campus e recusara-se a fazer parte de uma fraternidade. Roark havia trabalhado ao longo de todo o

ensino médio e durante os três anos no Instituto. Havia sido um trabalhador comum na área de construção desde a infância. Trabalhara com alvenaria, encanamentos, metalurgia, aceitando qualquer emprego que conseguisse, indo de uma cidadezinha para outra, em direção às cidades grandes do leste. No verão anterior, o reitor o vira, durante as férias, apanhando rebites em um arranha-céu em construção, em Boston. Seu corpo esguio relaxado sob o macacão sujo de graxa, apenas os olhos atentos e o braço direito estendendo-se para a frente, de vez em quando, com habilidade, sem esforço, para apanhar a bola de fogo voadora no último instante, quando parecia que o rebite escaldante, em vez de cair no balde, lhe atingiria em cheio o rosto.

– Veja bem, Roark – disse o reitor gentilmente. – Você trabalhou duro para se formar. Só lhe falta um ano. Há algo importante a ser levado em consideração, sobretudo por um rapaz na sua situação. Você tem que pensar no lado *prático* da carreira de arquiteto. Esse profissional não é um fim em si mesmo, é apenas uma pequena parte de um grande todo social. *Cooperação* é a palavra-chave no nosso mundo moderno, e em especial nessa carreira. Já pensou nos seus clientes em potencial?

– Já – respondeu Roark.

– O cliente – repetiu o reitor. – O cliente. Pense nele, acima de tudo. É ele quem vai morar na casa que você construir. Seu único propósito é servi-lo. Sua aspiração deve ser conferir a expressão artística apropriada aos desejos dele. Isso não é tudo o que se pode dizer sobre o assunto?

– Bem, eu poderia afirmar que minha aspiração deve ser construir para meu cliente a casa mais confortável, mais lógica e mais bonita possível. Poderia dizer que devo tentar lhe vender o melhor que eu tiver, e também ensinar-lhe a saber o que é o melhor. Eu poderia dizer isso, mas não direi, porque não pretendo construir para servir ou ajudar ninguém. Não pretendo construir para poder ter clientes, pretendo ter clientes para poder construir.

– Como você pretende forçá-los a aceitar suas ideias?

– Eu não pretendo forçar ninguém, nem ser forçado. Aqueles que me quiserem virão até mim.

Só então o reitor entendeu o que o intrigava no jeito de Roark.

– Sabe – comentou –, você seria muito mais convincente se aparentasse se importar com o fato de eu concordar ou não com você.

– É verdade – retrucou Roark – Eu não me importo se você concorda comigo ou não. – Disse isso de maneira tão simples que não soou ofensivo, mas como a declaração de um fato que ele notava, perplexo, pela primeira vez.

– Você não se importa com o que os outros pensam, o que pode ser compreensível. Mas não se importa nem em fazê-los pensar como você?

– Não.

– Mas isso é... é monstruoso.

– É mesmo? Provavelmente. Eu não saberia dizer.

– Fico feliz com esta conversa – disse o reitor, subitamente alto demais. – Tirei um peso da minha consciência. Acredito, como afirmaram os outros na reunião, que a profissão de arquiteto não é adequada para você. Eu tentei ajudá-lo. Agora concordo com o Conselho. Você não é o tipo de homem que deva ser incentivado. Você é perigoso.

– Para quem? – perguntou Roark.

Porém o reitor levantou-se, indicando que a entrevista terminara.

Roark saiu da sala. Caminhou lentamente através dos longos corredores, desceu as escadas e saiu para o gramado. Ele tinha conhecido muitos homens como o reitor. Nunca os compreendera. Sabia apenas que havia alguma diferença importante entre suas próprias ações e as deles. Isso já não o perturbava havia muito tempo. Mas ele sempre buscava um tema central nos prédios, assim como buscava um ímpeto central nos homens. Sabia qual era a fonte de suas próprias ações, mas não conseguia descobrir qual era a deles. Não se importava com isso. Nunca aprendera o processo de pensar nas outras pessoas, mas se perguntava, às vezes, o que as fazia ser como eram. Perguntou-se mais uma vez, pensando no reitor. Existia um segredo importante entranhado em alguma parte dessa questão, pensou ele. Havia um princípio que ele tinha de descobrir.

Contudo, parou. Viu a luz do sol do fim da tarde, suspensa no instante logo antes de desaparecer, incidindo sobre o calcário cinza de um friso que corria ao longo da parede de tijolos do prédio do Instituto. Esqueceu-se dos homens, do reitor e do princípio por trás do reitor que queria descobrir. Pensou apenas na aparência encantadora da pedra sob a luz frágil e no que ele poderia ter feito com ela.

Pensou em uma folha de papel larga e viu, surgindo nessa superfície, paredes simples de calcário cinza com faixas compridas de vidro, que deixavam o brilho do céu entrar nas salas de aula. No canto da folha havia uma assinatura precisa e angular: HOWARD ROARK.

– A ARQUITETURA, MEUS AMIGOS, é uma grande arte baseada em dois princípios cósmicos: a Beleza e a Utilidade. Em um sentido mais amplo, essas são apenas uma parte das três entidades eternas: a Verdade, o Amor e a Beleza. Verdade com relação às tradições de nossa Arte; Amor por nossos semelhantes, a quem serviremos; Beleza... ah, a Beleza é uma deusa fascinante para todos os artistas, seja na forma de uma mulher encantadora ou de um prédio... hã... Sim... Concluindo, eu gostaria de dizer a vocês, que estão prestes a embarcar na carreira de arquitetos, que vocês agora são os guardiões de um legado sagrado... hã... Sim... Portanto, partam para o mundo, armados com as três eternas enti... armados com coragem e visão, leais aos padrões que esta escola representa há muitos anos. Que todos vocês sirvam lealmente, não como escravos do passado, nem como os modernistas que pregam a originalidade apenas pela própria originalidade, o que é uma atitude de pura vaidade ignorante. Que todos vocês tenham muitos anos de riqueza e atividade pela frente e que, ao partir deste mundo, deixem sua marca nas areias do tempo!

Guy Francon terminou com um floreio, erguendo o braço direito em uma ampla saudação, num gesto informal, mas com aquele ar alegre e fanfarrão que ele sempre podia se permitir. O imenso salão encheu-se de vida com aplausos e aprovação.

Um mar de rostos jovens, suados e animados contemplara solenemente, durante 45 minutos, o palco em que Guy Francon se apresentara como orador da formatura do Instituto de Tecnologia de Stanton. Ele, que viera em pessoa de Nova York especialmente para a ocasião; Guy Francon, da ilustre firma Francon & Heyer, vice-presidente da Associação Americana de Arquitetos, membro da Academia Americana de Artes e Letras, integrante do Comitê Nacional de Belas-Artes, secretário da Liga de Artes e Ofícios de Nova York, presidente da Sociedade pelo Iluminismo Arquitetônico dos Estados Unidos; Guy Francon, cavaleiro da Legião de Honra da França, condecorado pelos governos de Grã-Bretanha, Bélgica, Mônaco e Tailândia; Guy Francon, o ex-aluno mais importante de Stanton, que desenhara o famoso prédio do Frink National Bank em Nova York, no topo do qual, 25 andares acima do nível da rua, em uma réplica em miniatura do Mausoléu de Adriano, queimava, soprada pelo vento, uma tocha feita de vidro e das melhores lâmpadas General Electric.

Guy Francon desceu do palco, totalmente consciente de sua cadência e de seus movimentos. Tinha estatura mediana e não era pesado, mas possuía uma desafortunada tendência a ser corpulento. Sabia que ninguém diria que ele tinha 51 anos, sua idade verdadeira. Seu rosto não apresentava nenhuma ruga, nem uma única linha reta. Era uma composição engenhosa de globos, círculos, arcos e elipses, com olhinhos brilhantes que piscavam com vivacidade. Suas roupas

revelavam a atenção infinita de um artista aos detalhes. Ele desejou, ao descer os degraus, que esta fosse uma escola mista.

O salão diante dele, pensou, era um modelo esplêndido de arquitetura, hoje um pouco abafado pela multidão e pela questão negligenciada da ventilação. Porém ostentava um acabamento de mármore verde, colunas coríntias de ferro fundido pintado de dourado e grinaldas de frutas douradas nas paredes. Os abacaxis, em particular, pensou Guy Francon, haviam suportado muito bem o teste dos anos. *É tocante, pensou. Fui eu que construí este anexo e este mesmo salão, há vinte anos, e agora aqui estou eu.*

O recinto estava lotado de corpos e rostos, tão comprimidos uns contra os outros que não se podia distinguir, de relance, que rostos pertenciam a que corpos. Era como uma geleia mole e trêmula, feita de uma mistura de braços, ombros, peitos e barrigas. Uma das cabeças, pálida, bonita e de cabelo escuro, pertencia a Peter Keating.

Ele estava sentado bem na frente e tentava manter os olhos no palco porque sabia que muitas pessoas o fitavam e continuariam o observando mais tarde. Não se virava para trás, mas a consciência daqueles olhares centrados nele nunca o abandonava. Seus olhos eram escuros, alertas e inteligentes. Sua boca, uma pequena meia-lua curvada para cima, perfeitamente desenhada, era gentil, generosa e afetuosa, com a leve promessa de um sorriso. Sua cabeça tinha certa perfeição clássica no formato do crânio, na ondulação natural dos cachos ao redor das têmporas côncavas e bem formadas. Mantinha a cabeça erguida, como faz quem sabe que é bonito mas que também tem consciência de que os outros não são como ele. Ele era Peter Keating, aluno em destaque em Stanton, presidente do conselho estudantil, capitão da equipe de atletismo, membro da fraternidade mais importante, eleito o homem mais popular do campus.

A multidão estava lá, pensou Peter Keating, para vê-lo se formar, e tentou calcular a lotação do salão. Eles conheciam seu currículo e ninguém o superaria hoje. Bem, havia o Shlinker. A concorrência com o colega fora dura, mas ele o havia vencido nesse último ano. Trabalhara como um condenado porque queria vencer Shlinker. Hoje ele não tinha rivais... Subitamente, sentiu-se como se alguma coisa dentro de sua garganta tivesse caído em seu estômago, algo frio e oco, um buraco vazio rolando para baixo e deixando esse sentimento como um rastro. Não um pensamento, apenas o indício de uma pergunta, questionando se ele era realmente tão espetacular quanto seria proclamado neste dia. Procurou Shlinker na multidão. Viu seu rosto amarelo e seus óculos com aros de ouro. Contemplou-o afetuosamente, aliviado, reconfortado, grato. Era óbvio que Shlinker jamais poderia aspirar igualar sua aparência ou habilidade. Ele não precisava ter dúvidas, sempre venceria aquele e todos os Shlinkers do mundo. Não deixaria que ninguém conquistasse o que ele não pudesse conquistar. Que todos o observassem. Ele lhes daria uma boa razão para o olharem. Sentiu os

hábitos quentes à sua volta e a expectativa, como um tônico. Peter Keating pensou que era maravilhoso estar vivo.

Sua cabeça começou a rodar um pouco. Era uma sensação agradável, que o carregou, de forma irresistível e inconsciente, ao palco diante de todos aqueles rostos. Ficou ali parado – esguio, arrumado, atlético – e deixou o dilúvio inundar a sua cabeça. O estrondo lhe mostrou que havia se formado com honras, que a Associação Americana de Arquitetos o havia premiado com uma medalha de ouro e que havia recebido o Prix de Paris da Sociedade pelo Iluminismo Arquitetônico dos Estados Unidos: uma bolsa de estudos de quatro anos na École des Beaux-Arts, em Paris.

Em seguida, ele estava apertando mãos, enxugando o suor do rosto com a ponta de um pergaminho enrolado, acenando, sorrindo, sufocando na beca preta e torcendo para que as pessoas não reparassem em sua mãe soluçando, agarrando-o com seus braços. O reitor do Instituto apertou sua mão, dizendo com alarde:

– Stanton se orgulhará de você, meu rapaz.

O reitor apertou sua mão, enquanto repetia:

– ... um futuro glorioso... um futuro glorioso... um futuro glorioso...

O professor Peterkin apertou sua mão e deu-lhe uma palmadinha no ombro, dizendo:

– ... e você verá que é absolutamente essencial. Por exemplo, eu tive essa experiência quando construí o Correio de Peabody...

Keating não ouviu o resto, pois já havia escutado aquela história muitas vezes. Era a única estrutura que se sabia ter sido erguida pelo professor Peterkin, antes de sacrificar sua carreira de arquiteto para assumir a responsabilidade de lecionar. Falou-se muito sobre o projeto de conclusão de curso de Keating – um Palácio de Belas-Artes. Peter não conseguia se lembrar de modo algum, no momento, de que projeto era esse.

Em meio a tudo isso, em seus olhos permanecia a visão de Guy Francon apertando sua mão, e em seus ouvidos permanecia o som da voz suave dele:

– ... como eu lhe disse, ainda está disponível, rapaz. Claro, agora que obteve essa bolsa... você terá que decidir... Um diploma da Beaux-Arts é muito importante para um jovem... mas eu ficaria encantado de tê-lo em nosso escritório.

O banquete da turma de 1922 foi longo e solene. Keating ouviu os discursos com interesse. Ao escutar as intermináveis frases do tipo “Os jovens são a esperança da arquitetura na América” e “O futuro abre seus portões de ouro”, sabia que ele era a esperança e que o futuro era seu, e era agradável ouvir essa confirmação proferida por tantos lábios ilustres. Olhou para os oradores de cabelos grisalhos e pensou em como seria muito mais jovem que eles quando chegasse às posições em que estavam, e mais longe ainda.

Então, subitamente, pensou em Howard Roark. Surpreendeu-se com o fato de que a faísca desse nome em sua memória lhe causasse uma pequena pontada aguda de prazer, antes que pudesse entender por quê. E lembrou-se: Howard Roark fora expulso esta manhã. Repreendeu-se em silêncio. Fez um esforço concentrado para sentir pena. Entretanto, o brilho secreto voltava a cada vez que ele pensava na expulsão. O evento provava de uma vez por todas que ele havia sido tolo ao imaginar que Roark seria um rival perigoso. Em dado momento, havia se preocupado mais com Roark do que com Shlinker, embora aquele fosse dois anos mais jovem e estivesse um ano atrás dele na faculdade. Se Keating jamais tivera quaisquer dúvidas a respeito de seus respectivos dons, este dia não havia resolvido a questão? Além disso, lembrou-se, Roark tinha sido muito simpático com ele, ajudando-o sempre que ficava travado em um problema... não exatamente travado, apenas quando não havia tido tempo de pensar melhor a respeito de uma planta, ou algo assim. Deus do céu! Como Roark sabia desvendar uma planta, como se puxasse um fio e ela se abrisse... *Bem, e daí se ele sabia? O que conseguiu com isso?* Ele estava acabado agora. E, sabendo disso, Peter Keating finalmente sentiu, com um espasmo de prazer, compaixão por Howard Roark.

Quando foi chamado para fazer seu discurso, Keating levantou-se confiante. Não podia demonstrar que estava aterrorizado. Não tinha nada a dizer sobre arquitetura. Contudo, falou, com a cabeça erguida, como se estivesse entre iguais, modestamente sutil, para evitar que qualquer convidado ilustre pudesse se ofender. Lembrava-se de ter dito:

– A arquitetura é uma grande arte... Com nossos olhos voltados para o futuro e a reverência ao passado em nossos corações... De todas as artes, a de maior importância sociológica... E, como disse hoje o homem que é uma inspiração para todos nós, as três entidades eternas são: a Verdade, o Amor e a Beleza...

Depois, nos corredores do lado de fora, em meio à confusão barulhenta das despedidas, um jovem passara o braço ao redor dos ombros de Keating e sussurrara:

– Corra para casa e tire a roupa de gala, Pete. Vamos para Boston esta noite, só a nossa turma. Vou buscá-lo em uma hora.

Ted Shlinker insistira:

– É claro que você vem, Pete. Não tem graça sem você. Aliás, parabéns e tudo mais. Sem ressentimentos. Que vença o melhor.

Keating havia passado o braço ao redor dos ombros de Shlinker; seus olhos brilhavam com afeto, insistentemente, como se aquele fosse seu amigo mais querido. Os olhos de Keating brilhavam assim para todo mundo. Ele dissera:

– Obrigada, Ted, meu velho. Realmente me sinto muito mal pela medalha da Associação Americana de Arquitetos. Acho que era você que a merecia, mas nunca se sabe o que se passa nas cabeças desses velhos molengas.

E agora Keating estava a caminho de casa, em meio à escuridão tranquila, perguntando-se como fugiria de sua mãe pelo resto da noite.

Sua mãe, pensou, fizera muito por ele. Como ela própria comentava frequentemente, era uma dama e havia completado o ensino médio. Mesmo assim, trabalhara duro e transformara sua casa em uma pensão, uma concessão sem precedentes em sua família.

Seu pai fora proprietário de uma papelaria em Stanton. Novos tempos puseram fim ao negócio e uma hérnia pôs fim à vida do Sr. Peter Keating, doze anos antes. Louisa Keating ficara com a casa localizada no fim de uma rua respeitável, com o pagamento anual de um seguro que fora mantido meticulosamente – ela havia tratado disso – e com seu filho. A anuidade do seguro era módica, mas, com a ajuda dos hóspedes da pensão e de sua determinação obstinada, a Sra. Keating havia se virado. Durante o verão, seu filho ajudava, trabalhando em hotéis ou posando para propagandas de chapéus. A Sra. Keating decidira que ele assumiria o lugar que lhe era de direito no mundo, e ela se agarrara a essa decisão de forma tão silenciosa e inexorável como um carrapato. Engraçado, lembrou-se Peter, houve um tempo em que ele queria ser artista. Fora sua mãe que escolhera uma área melhor na qual exercitar seu talento para desenhar. “A arquitetura”, dissera ela, “é uma profissão tão respeitável. Além disso, nela se conhecem as melhores pessoas.” Ela o havia empurrado para sua carreira, sem ele jamais saber quando ou como. Curioso, pensou Keating, havia anos ele não se lembrava dessa sua ambição da juventude. Era engraçado que agora a lembrança o magoasse. Bem, essa era a noite para se lembrar disso – e para esquecer para sempre.

Pensou em como os arquitetos sempre construíam carreiras brilhantes. E, ao chegar ao topo, alguma vez fracassavam? De repente, lembrou-se de Henry Cameron: construtor de arranha-céus vinte anos atrás, velho bêbado com um escritório na desvalorizada zona portuária hoje em dia. Keating arrepiou-se e apertou o passo.

Perguntou a si mesmo, enquanto andava, se as pessoas estavam olhando para ele. Observou os retângulos das janelas iluminadas. Quando uma cortina se mexia e uma cabeça era posta para fora, tentava adivinhar se ela havia se inclinado para vê-lo passar. Se não o fizera, um dia o faria. Algum dia, todos se inclinariam para vê-lo passar.

Howard Roark estava sentado num degrau da varanda quando Keating se aproximou de sua residência. Estava recostado nos degraus, apoiando-se nos cotovelos, suas pernas compridas esticadas. Uma ipomeia trepava pelos pilares da varanda, como uma cortina protegendo a casa da luz de um poste na esquina.

Era estranho ver uma lâmpada elétrica no ar de uma noite de primavera. Tornava a rua mais escura e quieta. Estava suspensa sozinha, como uma fenda, sem deixar nada visível, a não ser poucos galhos, pesados de folhas, imóveis na

beira da fenda. A vaga alusão tornou-se imensa, como se a escuridão não contivesse nada além de uma torrente de folhas. A bola mecânica de vidro fazia com que as folhas parecessem mais vivas. Tirava a sua cor e dava-lhes a promessa de que, à luz do dia, elas seriam de um verde mais vívido do que jamais existira; tirava a visão e deixava em seu lugar um novo sentido, que não era olfato nem tato, mas ambos, um sentido de primavera e de espaço.

Keating parou quando reconheceu o absurdo cabelo laranja na escuridão da varanda. Era justamente a pessoa que ele queria ver esta noite. Ficou feliz, e um pouco amedrontado, por encontrar Roark sozinho.

– Parabéns, Peter – disse Roark

– Oh... Ah, obrigado. – Keating surpreendeu-se ao descobrir que sentia mais prazer do que com qualquer outro cumprimento que havia recebido hoje. Estava timidamente contente com a aprovação de Roark e, por dentro, chamava-se de tolo por isso. – Quero dizer... você sabe ou... – acrescentou rapidamente. – Minha mãe lhe contou?

– Contou.

– Ela não deveria ter contado!

– Por que não?

– Olhe, Howard, você sabe que lamento muito por você ter sido...

Roark inclinou a cabeça para trás e olhou para ele.

– Esqueça – disse Roark

– Eu... quero falar com você sobre um assunto, Howard, pedir seu conselho. Você se importa se eu me sentar?

– O que é?

Keating sentou-se num degrau ao seu lado. Não havia nenhum papel que ele pudesse interpretar na presença de Roark. Além disso, não tinha vontade de fingir nenhum papel agora. Ouviu o farfalhar de uma folha que caía no chão. Era um som leve, rarefeito, próprio da primavera.

Ele sabia que, neste momento, sentia afeição por Roark, uma afeição que continha dor, espanto e desamparo.

– Você não vai achar – perguntou Keating gentilmente, com total sinceridade – que é horrível de minha parte perguntar sobre meus negócios, quando você acaba de ser...

– Eu lhe disse para esquecer isso. O que é?

– Sabe – disse Keating, honesta e inesperadamente, até para si mesmo –, muitas vezes eu achei que você era louco. Mas sei que você sabe muitas coisas sobre isso, a respeito de arquitetura, quero dizer, que aqueles trouxas nunca souberam. E sei que você ama a profissão como eles jamais amarão.

– E?

– Bem, não sei por que deveria falar com você, mas... Howard, eu nunca disse isto antes, mas prefiro saber a sua opinião sobre as coisas à do reitor.

Provavelmente eu seguiria a dele, mas o fato é que a sua significa mais para mim, não sei por quê. Nem sei por que estou dizendo isso.

Roark virou-se de lado, olhou para ele e riu. Era uma risada jovem, benevolente e amistosa, algo tão raro de se ouvir de Roark que Keating sentiu-se como se alguém tivesse segurado sua mão para tranquilizá-lo. E se esqueceu de que havia uma festa em Boston à sua espera.

– O que é isso? – indagou Roark – Você não está com medo de mim, está? O que quer perguntar?

– É sobre a minha bolsa de estudos. O prêmio de Paris que ganhei.

– Sim?

– É por quatro anos. Por outro lado, Guy Francon me ofereceu um emprego há algum tempo. Hoje ele disse que a vaga ainda está disponível. E eu não sei qual escolher.

Roark olhou para ele. Seus dedos moviam-se lentamente, batendo nos degraus.

– Se quer o meu conselho, Peter – disse afinal –, você já cometeu um erro. Ao me perguntar. Ao perguntar para qualquer pessoa. Jamais pergunte a ninguém. Não sobre o seu trabalho. Você não sabe o que quer? Como aguenta não saber?

– Está vendo? É isso que admiro em você, Howard. Você sempre sabe.

– Pare com os elogios.

– Mas estou falando sério. Como você sempre consegue decidir?

– Como pode deixar que os outros decidam por você?

– É que eu não tenho certeza, Howard. Nunca estou seguro de mim mesmo. Não sei se sou tão bom quanto todos dizem que sou. Eu não admitiria isso para ninguém, exceto você. Acho que é porque você sempre tem tanta certeza que eu...

– Petey! – A voz da Sra. Keating explodiu atrás deles. – Petey, querido! *O que está fazendo aqui fora?*

Ela estava parada na porta, usando seu melhor vestido de tafetá vinho, feliz e brava ao mesmo tempo.

– E eu aqui, sentada sozinha, esperando por você! O que pensa que está fazendo sentado nesses degraus imundos, de terno? Levante-se já! Entrem, meninos. Tenho chocolate quente e biscoitos prontos para vocês.

– Mas, mãe, eu queria conversar com o Howard sobre um assunto importante – disse Keating, porém levantou-se.

Ela pareceu não escutar. Entrou em casa e o filho a seguiu.

Roark viu-os entrar, deu de ombros, levantou-se e entrou também.

A Sra. Keating acomodou-se em uma poltrona, sua saia enrijecida estalando.

– E então? – perguntou. – Sobre o que vocês dois estavam conversando lá fora? Keating passou os dedos por um cinzeiro, pegou uma caixa de fósforos, largou-a e então, ignorando a mãe, dirigiu-se a Roark

– Howard, diga de uma vez – falou, com uma voz aguda. – Devo jogar fora a

bolsa e começar a trabalhar, ou deixar Francon esperando e ir para a Beaux-Arts para impressionar os caipiras? O que você acha?

Algo se desvanecera. O momento único se perdera.

– Petey, deixe-me entender direito... – começou a Sra. Keating.

– Espere um pouco, mãe! Howard, tenho que pesar isso cuidadosamente. Não é todo mundo que consegue obter uma bolsa de estudos como essa. É preciso ser muito bom para conseguir essa oportunidade. Um curso na Beaux-Arts, você sabe como isso é importante.

– Não, não sei – disse Roark.

– Ah, diabos, eu conheço suas ideias malucas, mas estou falando do lado prático, para um homem na minha posição. Deixando os ideais de lado por um momento, certamente é...

– Você não quer meu conselho – afirmou Roark.

– É claro que quero! Estou lhe perguntando!

Porém Keating nunca conseguia ser o mesmo quando tinha plateia, qualquer que fosse. Algo desaparecera. Ele não sabia o quê, mas sentia que Roark sabia. Os olhos daquele homem deixavam-no pouco à vontade e isso irritou-o.

– Quero *praticar* arquitetura – disse rispidamente –, e não falar sobre ela! A velha École confere um grande prestígio. Coloca-o acima da categoria dos encanadores que acham que podem construir. Por outro lado, uma vaga com Francon, oferecida pelo próprio, em pessoa!

Roark virou-se para outro lado.

– Quantos jovens alcançarão essa posição? – prosseguiu Keating cegamente. – Em um ano, vão se gabar por estarem trabalhando com Smith ou com Jones, se é que conseguirão algum emprego. Enquanto eu estarei na *Francon & Heyer!*

– Tem razão, Peter – disse a Sra. Keating, levantando-se. – Sobre uma questão desse porte você não quer consultar sua mãe. É importante demais. Vou deixar que resolva com o Sr. Roark.

Ele olhou para a mãe. Não queria ouvir o que ela pensava sobre o assunto. Sabia que sua única chance de decidir era tomar a decisão antes de ouvi-la. Ela se detivera, contemplando-o, pronta para se virar e sair da sala. Peter sabia que não era fingimento, ela sairia se ele quisesse. Queria desesperadamente que ela se retirasse. Disse:

– Puxa, mãe, como pode dizer isso? É claro que quero a sua opinião. O que... o que você acha?

Ela ignorou a irritação indisfarçável na voz dele e sorriu.

– Petey, eu nunca acho nada. A decisão cabe a você. Sempre coube a você.

– Bem... – começou ele indeciso, observando-a – se eu for para a Beaux-Arts...

– Muito bem – disse a Sra. Keating –, vá estudar na Beaux-Arts. É um lugar excelente. Um oceano inteiro de distância da sua casa. Naturalmente, se você

for, o Sr. Francon contratará outro. As pessoas vão comentar. Todos sabem que o Sr. Francon escolhe o melhor aluno de Stanton para seu escritório, a cada ano. O que será que vai parecer, se algum outro aluno conseguir o emprego? Mas imagino que isso não seja importante.

– O que... o que as pessoas vão comentar?

– Não muito, suponho. Apenas que o outro rapaz era o melhor da sua turma. Acho que ele escolherá Shlinker.

– Não! – exclamou ele furioso. – Shlinker não!

– Sim – disse ela docemente. – Shlinker.

– Mas...

– Mas por que você deveria se importar com o que as pessoas vão dizer? Só precisa agradecer a si mesmo.

– E você acha que Francon...

– Por que eu deveria pensar no Sr. Francon? Não tem nenhuma importância para mim.

– Mãe, você quer que eu aceite o emprego com Francon?

– Não quero nada, Petey. Você é quem manda.

Ele se perguntou se realmente gostava dela. Mas ela era sua mãe, fato que todos reconheciam que significava, automaticamente, que ele a amava, portanto teve certeza de que o que quer que sentia por ela era amor. Não sabia se existia algum motivo para que devesse respeitar o julgamento dela. Era sua mãe, e isso deveria estar acima de qualquer razão.

– Sim, claro, mãe... Mas... Sim, eu sei, mas... Howard?

Era um pedido de socorro. Roark estava lá, em um pequeno sofá num canto, meio deitado, largado languidamente, como um gato. Isso com frequência deixava Keating atônito. Vira Roark movendo-se com uma tensão silenciosa, sob controle, com a precisão de um felino. E vira-o relaxado, como um gato, seu corpo sossegado e sem forma definida, como se não possuísse um único osso sólido. Roark olhou para ele e disse:

– Peter, você sabe o que acho de suas duas oportunidades. Escolha o mal menor. O que aprenderá na Beaux-Arts? Só mais palácios renascentistas e cenários de operetas. Destruirão tudo o que pode haver dentro de você. Você faz um bom trabalho, vez por outra, quando deixam. Se quiser realmente aprender, vá trabalhar. Francon é um desgraçado e um idiota, mas você estará construindo. Ficará preparado para trabalhar por conta própria mais cedo.

– Até o Sr. Roark tem bom senso, às vezes – comentou a Sra. Keating –, ainda que fale como um caminhoneiro.

– Acha mesmo que eu faço um bom trabalho? – Keating observava-o como se seus olhos ainda retivessem o reflexo daquela única afirmação. E nada mais importava.

– De vez em quando – respondeu Roark – Não com frequência.

– Agora que já está tudo resolvido... – começou a Sra. Keating.

– Tenho... tenho que pensar, mãe.

– Agora que já está tudo resolvido, que tal aquele chocolate quente? Vou servi-lo a vocês em um minuto!

Sorriu para seu filho, um sorriso inocente que declarava sua obediência e gratidão, e saiu da sala com o vestido farfalhando.

Keating pôs-se a andar de um lado para outro, nervoso. Parou, acendeu um cigarro, ficou parado soltando a fumaça em curtas baforadas e então virou-se para Roark.

– O que vai fazer agora, Howard?

– Eu?

– Foi falta de consideração minha, eu sei, falar só de mim mesmo daquela forma. Mamãe tem boas intenções, mas me deixa louco... Bem, que se dane isso agora. O que você vai fazer?

– Vou para Nova York

– Ah, legal. Para arrumar um emprego?

– Para arrumar um emprego.

– Como... como arquiteto?

– Como arquiteto, Peter.

– Isso é incrível. Fico feliz. Tem alguma perspectiva definida?

– Vou trabalhar para Henry Cameron.

– Ah, não, Howard!

Roark sorriu lentamente, os cantos de sua boca bem definidos, e não disse nada.

– Ah, não, Howard! – repetiu Peter.

– Sim.

– Mas ele não é nada, não é mais ninguém! Sei que ele tem fama, mas está acabado! Não consegue nenhum prédio importante já há anos! Dizem que seu escritório é um buraco. Que tipo de futuro você terá com ele? O que aprenderá?

– Não muito. Apenas a construir.

– Pelo amor de Deus, você não pode continuar assim, deliberadamente arruinando a própria vida! Eu pensei... bem, pensei que você tivesse aprendido algo hoje!

– E aprendi.

– Olhe, Howard, se for porque você acha que ninguém mais o contratará agora, ninguém melhor que ele, eu o ajudarei. Vou amaciar o velho Francon, vou fazer contatos e...

– Obrigado, Peter, mas não será necessário. Está resolvido.

– O que ele disse?

– Quem?

– Cameron.

– Nunca me encontrei com ele.

Nesse momento, uma buzina soou com estrondo do lado de fora. Keating lembrou-se, saiu correndo para trocar de roupa e chocou-se contra sua mãe à porta, derrubando uma xícara da bandeja cheia que ela carregava.

– Petey!

– Não faz mal, mãe! – Segurou-a pelos cotovelos. – Estou com pressa. É uma festinha com os rapazes. Vamos, vamos, não diga nada, não voltarei tarde e... ouça! Vamos comemorar minha contratação pela Francon & Heyer!

Beijou-a impulsivamente, com a alegre exuberância que por vezes o tornava irresistível, voou para fora da sala e subiu as escadas. A Sra. Keating balançou a cabeça, aturdida, reprovadora e feliz.

Em seu quarto, enquanto atirava as roupas em todas as direções, Keating pensou subitamente em um telegrama que enviaria a Nova York Este assunto específico não surgira em sua mente o dia todo, mas agora lhe ocorrera com uma sensação de extrema urgência. Queria mandar o telegrama agora mesmo. Rabiscou-o em um pedaço de papel:

“Cara Katie vou Nova York emprego Francon eterno amor
Peter”

Naquela noite, Keating correu em direção a Boston, espremido entre dois jovens, com o vento e a estrada passando por ele a zunir. E pensou que agora o mundo abria-se para ele, como a escuridão fugindo do feixe de luz dos faróis. Ele estava livre. Estava pronto. Dentro de alguns anos – muito em breve, pois o tempo não existia na velocidade daquele carro – seu nome ressoaria como uma buzina arrancando as pessoas do sono. Ele estava pronto para realizar grandes feitos, feitos magníficos, feitos incomparáveis em... em... ah, diabos... em arquitetura.

PETER KEATING CONTEMPOU AS ruas de Nova York. As pessoas, observou, estavam extremamente bem-vestidas.

Demorou-se por um instante diante do prédio na Quinta Avenida onde o escritório da Francon & Heyer e seu primeiro dia de trabalho o aguardavam. Olhou para os homens que passavam apressados. *Elegantes*, pensou, *elegantes para valer*. Olhou envergonhado para suas roupas. Tinha muito que aprender em Nova York.

Quando não pôde mais postergar, dirigiu-se à porta. Era um pórtico dórico em miniatura, com cada centímetro reduzido às proporções exatas determinadas por artistas gregos da época em que vestiam túnicas esvoaçantes. Entre a perfeição de mármore das colunas, brilhava uma porta giratória niquelada, refletindo as fileiras de automóveis que passavam em velocidade. Keating avançou pela porta giratória, atravessou o lustroso saguão de mármore e entrou em um elevador laqueado de dourado e vermelho que o conduziu, trinta andares acima, a uma porta de mogno. Viu uma placa fina de bronze com letras delicadas:

FRANCON & HEYER, ARQUITETOS

A recepção do escritório da firma parecia um salão de baile fresco e familiar em uma mansão colonial. As paredes brancas, com um toque prateado, tinham painéis com pilastras achatadas, que formavam curvas como caracóis jônicos e apoiavam pequenos frontões partidos ao meio para dar lugar à metade de um cântaro grego, pregado na parede. Gravuras de templos gregos adornavam os painéis, pequenas demais para serem discernidas, mas apresentando os inconfundíveis frontões, colunas e rochas despedaçados.

De forma muito desconcertante, Keating sentia-se como se uma esteira rolante estivesse sob seus pés, desde o momento em que atravessara a soleira da porta. A esteira conduziu-o até a recepcionista, sentada à mesa telefônica, localizada atrás do balaústre branco de uma sacada florentina, e transferiu-o até a entrada de uma enorme sala de desenho. Ele viu pranchetas compridas, uma floresta de hastes retorcidas que desciam do teto e terminavam em luminárias de cúpulas verdes, arquivos enormes de plantas, torres de gavetas amarelas, papéis, caixas de latão, amostras de tijolos, potes de cola e calendários de construtoras, a maioria exibindo fotos de mulheres nuas. O desenhista-chefe falou rispidamente com Keating, sem vê-lo direito. Estava ao mesmo tempo entediado e transbordando de determinação. Apontou com o polegar na direção de um vestiário, indicou com o queixo a porta de um armário e ficou em pé, balançando-se dos calcanhares às pontas dos dedos, enquanto Keating atirava um avental cinza perolado sobre seu corpo tenso e indeciso. Francon fazia questão do avental. A esteira rolante parou em uma prancheta situada em um canto da sala

de desenho, onde Keating viu-se com um conjunto de plantas para ampliar, as costas magras do desenhista-chefe indo embora, demonstrando com clareza que já havia se esquecido de sua existência.

Keating curvou-se sobre sua tarefa imediatamente, os olhos fixos, a garganta seca. Não via nada além do brilho perolado do papel à sua frente. As linhas firmes que desenhava o surpreendiam, pois tinha certeza de que sua mão tremia de um lado para outro no papel. Seguiu os traços, sem saber aonde iam dar ou por quê. Sabia apenas que a planta era uma tremenda conquista de alguém, algo que ele não podia questionar nem igualar. Indagou-se por que jamais se considerara um arquiteto em potencial.

Muito tempo depois, notou as dobras de um avental cinza grudadas em um dos ombros, na prancheta ao lado. Olhou à sua volta, cautelosamente a princípio, depois com curiosidade, em seguida com prazer, e finalmente com desdém. Quando chegou a esta última emoção, Peter Keating voltou a ser ele mesmo e sentiu amor pela humanidade. Notou rostos emaciados, um nariz cômico, uma verruga em um queixo diminuto, uma pança espremida contra a beirada da prancheta. Adorou essas imagens. O que quer que essas figuras fizessem, ele faria melhor. Sorriu. Peter Keating precisava de seus semelhantes.

Quando voltou a olhar para suas plantas, notou os defeitos gritantes da obra-prima. Era o projeto de uma residência particular e ele reparou nos corredores tortos que retalhavam grandes porções de espaço sem razão aparente, nos quartos retangulares e compridos como salsichas, condenados à escuridão. *Meu Deus*, pensou, *eu teria sido reprovado por um trabalho destes, no primeiro semestre*. Em seguida, retomou a tarefa com rapidez, facilidade, habilidade – e felicidade.

Antes do almoço, Keating já fizera amigos na sala. Nenhum definitivo, mas aquele era um solo vago, semeado e pronto, do qual brotariam amizades. Sorria para seus vizinhos de prancheta e piscava com cumplicidade, sem nenhum motivo. Usava cada ida ao bebedouro para acariciar aqueles por quem passava com o brilho suave e animador de seus olhos, olhos radiantes que pareciam escolher um homem de cada vez, da sala inteira, do universo inteiro, como o espécime humano mais importante e como o amigo mais querido de Keating. Lá vai – parecia pairar em seu rastro – um rapaz inteligente, um cara muito legal.

Keating reparou que um moço louro e alto na prancheta ao lado estava fazendo uma projeção frontal de um prédio de escritórios. Keating inclinou-se com um respeito camarada sobre o ombro do rapaz e observou as coroas de louro entrelaçadas ao redor das colunas caneladas de três andares de altura.

– Muito bom o trabalho do velho – disse Keating com admiração.

– Quem? – perguntou o rapaz.

– Ora, Francon – respondeu Keating.

– Francon coisa nenhuma – retrucou o rapaz serenamente. – Há oito anos ele

não desenha sequer uma casinha de cachorro. – Apontou com o polegar por cima do ombro para uma porta de vidro atrás de si. – Ele.

– O quê? – indagou Keating, virando-se.

– Ele – repetiu o jovem. – Stengel. É ele quem faz todas essas coisas.

Por trás da porta de vidro, Keating vislumbrou um par de ombros ossudos acima da beirada de uma escrivaninha, uma cabeça pequena e triangular inclinada atentamente, e duas poças de luz vazias nos aros redondos de uns óculos.

Já era o fim da tarde quando uma presença pareceu passar além da porta fechada, e Keating concluiu, com base no som dos cochichos à sua volta, que Guy Francon chegara e subira até sua sala, no andar de cima. Meia hora depois, a porta de vidro se abriu e Stengel saiu, um pedaço enorme de cartolina suspenso entre os dedos.

– Você aí – chamou, os óculos detendo-se no rosto de Keating. – Está fazendo as plantas para isto? – Balançou a cartolina à sua frente. – Leve isto para o chefe, para ser aprovado. Procure ouvir o que ele disser e tente parecer inteligente. Não que qualquer uma dessas coisas tenha importância.

Ele era baixo e seus braços pareciam estender-se até os tornozelos, braços que balançavam como cordas dentro das mangas compridas, com mãos grandes e eficientes. Os olhos de Keating paralisaram-se, escurecendo, por um décimo de segundo, concentrados em um olhar firme dirigido às lentes vazias. E então sorriu e disse agradavelmente:

– Sim, senhor.

Carregou a cartolina nas pontas de seus dez dedos para a escadaria de veludo vermelho que levava à sala de Guy Francon. A cartolina exibia uma perspectiva em aquarela de uma mansão de granito cinza, com três fileiras de sótãos, cinco terraços, quatro sacadas, doze colunas, um mastro e dois leões na entrada. No canto, cuidadosamente escrito à mão, lia-se: “RESIDÊNCIA DO SR. E DA SRA. JAMES S. WHATTLES. FRANCON & HEYER, ARQUITETOS”. Keating assobiou baixo: James S. Whattles era o fabricante multimilionário de cremes de barbear.

A sala de Guy Francon era lustrosa. Não, refletiu Keating, lustrosa não, era envernizada. Não, envernizada não, mas sim líquida, com espelhos fundidos pendendo sobre cada objeto. Viu faíscas de seu próprio reflexo, soltas como um bando de borboletas, seguindo-o pela sala, nos armários Chippendale, nas cadeiras em estilo jacobino, no console da lareira Luís XV. Teve tempo de notar uma estátua romana genuína em um canto, fotografias em sépia do Partenon, da catedral de Reims, de Versalhes e do prédio do Frink National Bank, com sua tocha eterna.

Viu suas próprias pernas aproximando-se dele na lateral da escrivaninha de mogno maciço. Guy Francon estava sentado atrás dela. Seu rosto estava

amarelado e encovado. Olhou para Keating por um instante, como se nunca o tivesse visto antes, em seguida lembrou-se e sorriu abertamente.

– Ora, vejam só, Kittredge, meu jovem, aqui estamos, acomodados e à vontade! É um grande prazer vê-lo. Sente-se, rapaz, sente-se. O que você tem aí? Bem, não há pressa, nenhuma pressa. Sente-se. O que está achando daqui?

– Temo, senhor, que eu esteja um pouco feliz demais – respondeu Keating, com uma expressão de vulnerabilidade sincera e infantil. – Pensei que pudesse ser profissional em meu primeiro emprego, mas começar em um lugar como este... acho que me deixou um pouco atordoado... Vou me recuperar, senhor – prometeu.

– Naturalmente – disse Guy Francon. – Pode ser um pouco intimidante para um jovem, só um pouco. Mas não se preocupe, tenho certeza de que você estará à altura.

– Farei o melhor que puder, senhor.

– É claro que fará. O que é isso que me mandaram? – Francon esticou a mão em direção ao desenho, mas seus dedos foram parar, desajeitados, em sua testa. – Esta dor de cabeça é tão incômoda... Não, não é nada sério – sorriu ao ver a preocupação imediata de Keating –, apenas um pequeno *mal de tête*. Trabalhamos tão duro.

– Posso ir buscar alguma coisa para o senhor?

– Não, não, obrigado. Não é nada que você possa me dar, é só... É algo que você teria que tirar de mim – piscou. – O champanhe. *Entre nous*, aquele champanhe da noite passada não valia nada. Jamais gostei de champanhe, de qualquer forma. Vou lhe dizer, Kittredge, é muito importante entender de vinhos. Por exemplo, quando você levar um cliente para jantar e quiser ter certeza do que é apropriado pedir. Agora, vou lhe contar um segredo profissional. Codorna, por exemplo. A maioria das pessoas pediria borgonha para acompanhar. O que você faz? Pede um Clos Vougeot 1904. Entende? Dá aquele toque especial. Adequado, porém original. Sempre se deve ser original... A propósito, quem o mandou subir?

– O Sr. Stengel, senhor.

– Ah, Stengel. – O tom com que pronunciou o nome clicou como um obturador na mente de Keating: era um detalhe a ser guardado para uso futuro. – Importante demais para trazer seu próprio trabalho até aqui, hein? Fique sabendo, ele é um projetista excepcional, o melhor de Nova York, só que está começando a ficar muito ilustre ultimamente. Acha que é o único que trabalha por aqui, só porque eu lhe dou ideias e deixo que as desenvolva para mim. Só porque fica fazendo borrões em uma prancheta o dia todo. Você aprenderá, meu rapaz, quando estiver no ramo há mais tempo, que o verdadeiro trabalho de um escritório é feito do lado de fora de suas paredes. A noite passada, por exemplo. Banquete da Associação das Imobiliárias de Clarion, na Pensilvânia. Duzentos

convidados, jantar e champanhe... ah, sim, champanhe! – Torceu o nariz de forma afetada, zombando de si mesmo. – Algumas palavras ditas informalmente em um discurso curto, após o jantar, você sabe, nada ostensivo, nada de conversa vulgar de vendedor, apenas algumas ideias bem selecionadas sobre a responsabilidade dos corretores de imóveis para com a sociedade, acerca da importância de selecionar arquitetos competentes, respeitados e bem estabelecidos. Sabe, alguns pequenos slogans inteligentes que não serão esquecidos.

– Sim, senhor, como: “Escolha o construtor de sua casa com o mesmo cuidado com que escolhe a noiva que irá habitá-la.”

– Nada mau. Nada mau mesmo, Kittredge. Importa-se que eu o anote?

– Meu nome é Keating, senhor – corrigiu Keating com firmeza. – Sinta-se totalmente à vontade para usar a ideia. Fico muito feliz que o agrade.

– Keating, é claro! Ora, claro, Keating! – exclamou Francon com um sorriso irresistível. – Minha nossa, conhece-se tanta gente. Como foi que você disse? “Escolha o construtor...” Foi muito bem colocado.

Fez Keating repetir a frase e anotou-a em um bloco, escolhendo um lápis de um conjunto à sua frente, composto de lápis multicoloridos, novos, profissionalmente apontados, prontos, nunca usados.

Depois, empurrou o bloco de lado, suspirou, ajeitou o cabelo levemente ondulado e disse, aborrecido:

– Bem, muito bem, acho que terei que olhar a coisa.

Keating entregou-lhe o desenho respeitosamente. Francon recostou-se, segurou a cartolina diante de si com o braço esticado e olhou para ela. Fechou o olho esquerdo, em seguida o direito, depois segurou o projeto alguns centímetros mais afastado. Keating esperava freneticamente vê-lo virar o desenho de cabeça para baixo. Mas Francon ficou apenas segurando-o e Keating soube, subitamente, que havia muito tempo o célebre arquiteto já não via a cartolina. Francon continuava examinando-a por causa dele, Keating. Nesse momento, o jovem sentiu-se leve como o ar e enxergou o caminho para o seu futuro, claro e aberto.

– Hum... sim – dizia Francon, esfregando o queixo com as pontas de dois dedos macios. – Hum... sim...

Virou-se para Keating.

– Nada mau – disse Francon. – Nada mau mesmo... Bem... talvez... pudesse ter sido mais distinta, sabe, mas... bem, o desenho foi feito tão cuidadosamente... O que acha, Keating?

Ele achava que quatro janelas tinham como vista quatro monstruosas colunas de granito, mas fitou os dedos de Francon brincando com a gravata cor de malva e decidiu não mencionar o fato. Em vez disso, falou:

– Se me permite uma sugestão, senhor, me parece que as volutas entre o quarto e o quinto andares são um pouco modestas demais para um edifício tão

imponente. Tenho a impressão de que um friso ornamentado seria muito mais apropriado.

– É isso. Eu ia dizer exatamente isso. Um friso ornamentado... Mas... mas, veja, isso significaria reduzir as janelas, não é?

– Sim – respondeu Keating, acrescentando um leve verniz de modéstia ao tom que usava nas discussões com seus colegas de classe: – Mas as janelas são menos importantes do que a dignidade da fachada de um prédio.

– Correto. Dignidade. Devemos dar aos nossos clientes a dignidade acima de tudo. Sim, com certeza, um friso ornamentado... Só que... eu aprovei os desenhos preliminares, e Stengel completou isto tão habilmente...

– O Sr. Stengel ficará encantado em modificá-lo, se o senhor o aconselhar a fazê-lo.

Os olhos de Francon fitaram os de Keating por um instante. Então os cílios de Francon abaixaram-se e ele retirou um fiapo de sua manga.

– Claro, claro... – disse vagamente. – Mas... você acha que o friso é realmente importante?

– Acho – afirmou Keating pausadamente – que é mais importante fazer as mudanças que o senhor considera necessárias do que aprovar cada projeto exatamente como o Sr. Stengel o desenhou.

Francon não disse nada, ficou apenas fitando-o. Seus olhos estavam enfocados e suas mãos, relaxadas. Keating soube que correria um risco terrível e vencera. Só ficou aterrorizado pelo risco depois de saber que vencera.

Olharam-se silenciosamente por sobre a escrivaninha e ambos perceberam que eram dois homens que podiam compreender um ao outro.

– Colocaremos um friso ornamentado – declarou Francon, com uma autoridade tranquila e genuína. – Deixe isto aqui. Diga a Stengel que quero vê-lo.

O recém-formado virou-se para sair. Francon deteve-o e disse, com voz alegre e afetuosa:

– Keating, a propósito, posso fazer uma sugestão? Aqui entre nós, sem querer ofender, mas uma gravata vinho cairia bem melhor do que azul com seu avental cinza, não acha?

– Sim, senhor – disse o jovem docilmente. – Obrigado. O senhor a verá amanhã.

Saiu da sala e fechou a porta em silêncio.

Ao passar pela recepção, Keating viu um homem grisalho e distinto acompanhando uma senhora até a porta. O homem estava sem chapéu e claramente trabalhava no escritório; a senhora vestia uma capa de marta e era obviamente uma cliente.

O homem não estava se curvando até o chão, não estava desenrolando um tapete diante dela, nem abanando um leque sobre sua cabeça. Estava somente segurando a porta para ela. Mas pareceu a Keating que ele estava fazendo tudo



O edifício do Frink National Bank erguia-se sobre Lower Manhattan, e sua longa sombra se movia conforme o sol mudava de lugar no céu, como um imenso ponteiro de relógio através de prédios encardidos, desde o Aquário até a ponte de Manhattan. Quando o sol se punha, a tocha do Mausoléu de Adriano resplandecia em seu lugar e por quilômetros lançava manchas de um vermelho brilhante nos vidros das janelas dos andares mais elevados dos prédios altos o suficiente para refleti-la. O edifício exibia a história completa da arte romana, em espécimes bem escolhidos. Durante muito tempo, fora considerado o melhor prédio da cidade, porque nenhuma outra estrutura conseguia ostentar um único item clássico que ele não possuísse. Apresentava tantas colunas, tantos frontões, frisos, tripodes, gladiadores, urnas e volutas que não parecia ter sido construído de mármore branco, mas sim ter saído de uma bisnaga de confeitiro. Entretanto, na verdade, fora construído de mármore branco. Ninguém sabia disso, a não ser os proprietários que pagaram por ele. Era agora de uma cor estriada, manchada, asquerosa, nem marrom nem verde, mas os piores tons de ambos, a cor da podridão lenta, da fumaça, dos vapores de gás e dos ácidos que corroem uma pedra delicada, adequada para o ar puro e para o campo aberto. O edifício do Frink National Bank, contudo, era um grande sucesso. Um sucesso tão grande que foi a última construção projetada por Guy Francon. Seu prestígio poupou-o do incômodo, a partir de então.

Três quarteirões a leste dele ficava o Edifício Dana. Era alguns andares mais baixo e não possuía prestígio nenhum. Suas linhas eram sólidas e simples, reveladoras, enfatizando a harmonia do esqueleto interior de aço, assim como os contornos de um corpo revelam a perfeição de seus ossos. Não tinha nenhum outro ornamento a oferecer. Não exibia nada além da precisão de seus ângulos acentuados, da modelagem de seus planos, das longas faixas de janelas, como correntes de gelo fluindo do telhado à calçada. Os nova-iorquinos raramente olhavam para o Edifício Dana. Às vezes, um raro visitante do interior topava com ele inesperadamente, à luz do luar, parava e se perguntava de que sonho viera aquela visão. Contudo, tais turistas eram raros. Os ocupantes do Edifício Dana diziam que não o trocariam por nenhum outro prédio na face da Terra. Apreciavam a iluminação, a ventilação, a lógica e a beleza da planta de seus saguões e escritórios. Entretanto, seus ocupantes não eram numerosos. Nenhum homem ilustre queria que sua empresa estivesse localizada em um prédio que se parecia com um “depósito”.

O Edifício Dana havia sido desenhado por Henry Cameron.

Na década de 1880, os arquitetos de Nova York lutavam entre si para ocupar o

segundo lugar na profissão. Nenhum deles almejava o primeiro. O primeiro lugar era ocupado por Henry Cameron. Era difícil contratar Henry Cameron naquela época. Ele tinha uma lista de espera de dois anos. Projetava pessoalmente cada estrutura produzida por seu escritório. Ele escolhia o que queria construir. Quando construía, o cliente mantinha a boca fechada. Exigia de todos a única coisa que nunca dera a ninguém: obediência. Henry Cameron atravessou os anos de sua fama como um projétil voando em direção a um objetivo que ninguém podia adivinhar qual era. As pessoas o chamavam de louco, mas aceitavam o que ele lhes dava, quer o compreendessem, quer não, pois era um prédio de Henry Cameron.

No início, seus prédios eram apenas um pouco diferentes, não o suficiente para assustar ninguém. Fazia experimentos espantosos de vez em quando, mas era o esperado e ninguém discutia com ele. Algo crescia dentro de Cameron a cada novo edifício, com esforço, tomando forma, aproximando-se perigosamente do ponto de explosão. Esta veio com o advento dos arranha-céus. Quando os prédios começaram a ser erguidos, não como pilhas enfadonhas de alvenaria, mas como flechas de aço sendo lançadas para cima, sem peso ou limite, Henry Cameron estava entre os primeiros a entender esse novo milagre e a dar-lhe forma. Estava entre os primeiros e poucos a aceitar a verdade de que um prédio alto deve parecer alto. Enquanto os arquitetos praguejavam, perguntando-se como fazer um prédio de vinte andares parecer-se com uma velha mansão de tijolos, enquanto usavam todos os artifícios horizontais disponíveis para disfarçar sua altura, reduzi-lo às dimensões da tradição, esconder seu aço vergonhoso, torná-lo pequeno, seguro e antigo, Henry Cameron projetava arranha-céus com linhas retas e verticais, ostentando o aço e a altura. Enquanto os arquitetos desenhavam frisos e frontões, Henry Cameron decidiu que os arranha-céus não deviam copiar os gregos. Ele decidiu que nenhum prédio deveria copiar qualquer outro.

Tinha 39 anos na época. Era baixo, forte, desleixado. Trabalhava como um burro de carga, deixava de dormir e de comer. Raramente bebia, mas, quando o fazia, era de modo exagerado. Xingava seus clientes de nomes indizíveis, zombava do ódio contra ele e provocava-o deliberadamente, comportava-se como um senhor feudal e um estivador, e vivia em uma tensão ardente que atormentava os homens em qualquer ambiente em que entrava, um fogo que ninguém, nem ele, podia aguentar por muito mais tempo. Era o ano de 1892.

A Columbian Exposition de Chicago foi aberta ao público em 1893.

A Roma de dois mil anos atrás ressurgira às margens do lago Michigan, uma Roma aperfeiçoada por pedaços da França, da Espanha, de Atenas e por cada estilo que a sucedera. Era a Cidade dos Sonhos dos arcos do triunfo, de colunas, lagoas azuis, chafarizes e pipoca. Seus arquitetos competiam para ver quem copiava mais, dos estilos mais antigos e do maior número de estilos ao mesmo tempo. Exibia aos olhos de um novo país crimes estruturais jamais cometidos nos

países mais velhos. Era branca como uma praga e espalhou-se como tal.

As pessoas vinham, olhavam, pasmavam-se e carregavam consigo, para as cidades dos Estados Unidos, as sementes do que haviam visto. As sementes geraram ervas daninhas, deram origem a prédios dos correios cobertos por ripas de madeira, com pórticos dóricos, mansões de alvenaria com frontões de ferro, sótãos feitos de doze Partenons empilhados uns por cima dos outros. As ervas daninhas cresceram e sufocaram todo o resto.

Henry Cameron recusara-se a trabalhar para a Columbian Exposition e chamara-a de nomes que não podiam ser impressos, mas que podiam ser repetidos, embora não na presença de mulheres e crianças. Foram repetidos. Repetiu-se também que ele atirara um tinteiro no rosto de um banqueiro ilustre que pedira a ele que projetasse uma estação de trem no formato do templo de Diana em Éfeso. O banqueiro nunca mais voltou. Houve outros que nunca mais retornaram.

Justamente quando estava prestes a atingir o objetivo de longos e árduos anos de trabalho, a dar forma à verdade que buscara, a última barreira diante dele tornou-se intransponível. Um país jovem observara-o lançar-se em seu caminho, admirara-se, começara a aceitar a grandeza inovadora de seu trabalho. Um país jogado de volta dois mil anos no passado, em uma orgia de classicismo, não conseguia encontrar espaço ou utilidade para ele.

Já não era necessário projetar prédios, apenas fotografá-los. O arquiteto que tivesse a melhor biblioteca era o melhor de todos. Os imitadores copiavam imitações. Para legitimar esse tipo de construção havia a cultura; havia vinte séculos desenrolando-se em ruínas decadentes; havia a grande Exposição; havia cada cartão-postal europeu em cada álbum de família.

Henry Cameron não tinha nada a oferecer em oposição a isso – nada além de uma convicção que ele mantinha, simplesmente porque era só sua. Não tinha ninguém para citar e nada importante a falar. Dizia apenas que a forma de um prédio deve seguir sua função, que a estrutura de um prédio é a chave de sua beleza, que novos métodos de construção exigem novas formas, que desejava construir como quisesse, e somente por essa razão. Porém as pessoas não podiam escutá-lo quando estavam discutindo Vitruvius, Michelangelo e Sir Christopher Wren.

Os homens odeiam a paixão, qualquer grande paixão. Cameron cometeu um erro: ele amava seu trabalho. Foi por isso que lutou. E foi por isso que perdeu.

Disseram que ele nunca soube que perdera. Se sabia, nunca deixou que percebessem. À medida que seus clientes se tornavam mais escassos, ele os tratava de forma cada vez mais dominadora. Quanto menor o prestígio de seu nome, mais arrogante era o tom de sua voz ao pronunciá-lo. Tivera um gerente administrativo astuto, um pequeno homem de ferro, meigo e discreto, que, nos dias de sua glória, enfrentara silenciosamente as tempestades do temperamento

de Cameron e trouxera-lhe clientes. Cameron insultava os clientes, mas o pequeno homem convencia-os a aceitar os insultos e voltar. O pequeno homem morreu.

Cameron nunca soubera como lidar com as pessoas. Elas não tinham importância para ele, assim como sua própria vida não tinha importância. Nada importava, exceto os prédios. Nunca aprendera a dar explicações, só ordens. Nunca foi querido, só temido. Ninguém mais o temia.

Deixaram-no viver. Ele viveu para odiar as ruas da cidade que sonhara reconstruir. Viveu para sentar-se à escrivaninha de seu escritório vazio, imóvel, ocioso, à espera. Viveu para ler num relato de um jornal bem-intencionado uma referência ao “falecido Henry Cameron”. Viveu para começar a beber, de maneira silenciosa, constante e terrível, por dias e noites a fio. E para ouvir aqueles que o haviam levado à bebida dizer, quando seu nome era mencionado para um projeto: “Cameron? Não recomendo. Bebe como uma esponja. Por isso nunca consegue trabalho.”

Viveu para mudar seu escritório, que ocupava três andares de um prédio famoso, para um andar em uma rua menos cara, depois para um conjunto mais próximo do centro da cidade, e finalmente para três salas com vista para um poço de ventilação, perto do Battery Park. Escolheu essas salas porque, se pressionasse o rosto contra a janela de seu escritório, podia ver, por cima de um muro de tijolos, o topo do Edifício Dana.

Howard Roark olhava para o Edifício Dana, pelas janelas, parando em cada patamar, à medida que subia os seis lances de escada até o escritório de Henry Cameron. O elevador estava quebrado. As escadas haviam sido pintadas de um verde sujo, havia muito tempo; um pouco da tinta permanecera em certos pedaços, para descascar sob as solas dos sapatos. Roark subia rapidamente, como se tivesse hora marcada, carregando debaixo do braço uma pasta com seus desenhos, os olhos fixos no Edifício Dana. Em dado momento, chocou-se contra um homem que descia as escadas. O mesmo lhe ocorrera frequentemente nos últimos dois dias. Caminhara pelas ruas da cidade, a cabeça inclinada para trás, sem reparar em nada, a não ser nos prédios de Nova York.

No cubículo escuro da antessala de Cameron, havia um telefone e uma máquina de escrever sobre uma escrivaninha. Um homem esquelético e grisalho estava sentado a ela, em mangas de camisa, um par de suspensórios frouxos sobre seus ombros. Datilografava especificações intensamente, com dois dedos e a uma velocidade incrível. A luz fraca de uma lâmpada criava uma mancha amarela em suas costas, onde a camisa úmida grudava-se às omoplatas.

O homem levantou a cabeça lentamente quando Roark entrou. Olhou para ele com seus velhos olhos cansados, sem dizer nada, e esperou, sem fazer perguntas nem demonstrar curiosidade.

– Eu gostaria de ver o Sr. Cameron – disse Roark.

– É mesmo? – indagou o homem, sem provocação, ofensa ou significado. – Sobre o quê?

– Sobre um emprego.

– Que emprego?

– De projetista.

O homem fitou-o, sem reação. Era um pedido com o qual não deparava havia muito tempo. Levantou-se, por fim, sem dizer uma palavra, dirigiu-se lentamente a uma porta atrás de sua mesa e atravessou-a.

Deixou a porta entreaberta. Roark ouviu-o dizer, com a voz arrastada:

– Sr. Cameron, tem um sujeito aí fora que diz que está procurando um emprego aqui.

Uma voz forte e clara respondeu, sem nenhuma indicação de idade:

– Mas que maldito idiota! Chute-o daqui... Espere! Mande-o entrar!

O velho voltou, segurou a porta aberta e indicou-a com a cabeça, em silêncio. Roark entrou. A porta se fechou atrás dele.

Henry Cameron estava sentado à sua escrivaninha, no fundo de uma sala comprida e vazia, curvado para a frente, os antebraços sobre a escrivaninha, os punhos fechados à sua frente. Seu cabelo e a barba eram negros como carvão, entremeados de grossos fios brancos. Os músculos de seu pescoço curto e forte saltavam como cordas. Vestia uma camisa branca, as mangas arregaçadas acima dos cotovelos. Os braços nus eram rígidos, fortes e bronzeados. A carne de seu rosto largo era retesada, como se tivesse envelhecido de tão comprimida. Os olhos eram escuros, jovens, vivos.

Roark ficou parado perto da porta, e eles olharam um para o outro através da longa sala.

A luz do poço de ventilação era cinza e a poeira sobre a prancheta de desenho, sobre os poucos arquivos verdes, assemelhava-se a cristais indistintos depositados pela luz. Na parede, entre as janelas, Roark viu um quadro, o único da sala. Era o desenho de um arranha-céu que nunca fora construído.

Os olhos de Roark mexeram-se primeiro e depois se fixaram no desenho. Atravessou a sala, parou diante dele e ficou fitando-o. Os olhos de Cameron o seguiram, um olhar pesado, como uma agulha longa e fina segura com firmeza por um dos lados, descrevendo um círculo cuidadoso, sua ponta espetando o corpo de Roark, mantendo-o firmemente seguro. Cameron observou o cabelo laranja, a mão solta ao lado do corpo, com a palma voltada para o desenho, os dedos um pouco curvados, esquecidos, não em um gesto, mas no prelúdio de um gesto que indicava estar prestes a pedir ou a agarrar algo.

– Bem? – disse Cameron afinal. – Veio até aqui para falar comigo ou para olhar quadros?

Roark virou-se para ele.

– Ambos – respondeu.

Andou até a escrivadinha. As pessoas sempre perdiam sua noção de existência na presença de Roark Cameron, porém, subitamente sentiu que nunca fora tão real quanto sob o olhar consciente do homem que o fitava nesse momento.

– O que você quer? – perguntou rispidamente.

– Eu gostaria de trabalhar para você – respondeu Roark com calma. A voz disse: “Eu gostaria de trabalhar para você.” O tom da voz declarou: “Eu vou trabalhar para você.”

– Vai? – retrucou Cameron, sem perceber que respondera à frase não pronunciada. – Qual é o problema? Nenhum dos colegas maiores e melhores o aceita?

– Não pedi emprego a nenhum outro.

– Por quê? Acha que este é o lugar mais fácil para começar? Acha que qualquer um pode vir trabalhar aqui sem mais nem menos? Você sabe quem eu sou?

– Sei. É por isso que estou aqui.

– Quem o mandou?

– Ninguém.

– Por que diabos você me escolheria?

– Acho que você sabe por quê.

– Que descaramento infernal o fez presumir que eu o aceitaria? Achou que eu estava tão desesperado que abriria as portas para qualquer vagabundo que me fizesse as honras? “O velho Cameron”, você pensou, “é um fracassado, um bêbado...” Vamos, pensou, sim! “...um fracassado bêbado que não pode ser exigente!” Foi isso? Vamos, responda! Responda, seu desgraçado! O que está olhando? Foi isso? Ande, negue!

– Não é necessário.

– Onde já trabalhou?

– Estou apenas começando.

– O que você já fez?

– Estudei três anos no Stanton.

– Ah... O cavaleiro ficou com preguiça de terminar o curso?

– Fui expulso.

– Ótimo! – Cameron esmurrou a mesa com o punho e riu. – Esplêndido! Você não é bom o suficiente para o ninho de pulgas que é Stanton, mas vai trabalhar para Henry Cameron! Resolveu que este é o lugar para o lixo! Por que o chutaram de lá? Bebida? Mulheres? Por quê?

– Por causa disto – respondeu Roark e ofereceu-lhe seus desenhos.

Cameron olhou o primeiro, depois o seguinte, e cada um deles até o último. Roark ouvia o farfalhar dos papéis, conforme Cameron passava uma folha para baixo da outra. Por fim, ergueu a cabeça.

– Sente-se.

Roark obedeceu. Cameron contemplou-o, seus dedos grossos martelando a pilha de desenhos.

– Então acha que são bons? – perguntou. – Pois bem, eles são horríveis. É indescrevível. É um crime. Olhe. – Ergueu um desenho bruscamente diante do rosto de Roark – Olhe para isto. Que maldita ideia você teve? O que o possuiu para indentar esta planta aqui? Queria apenas embelezá-la porque tinha que acochambar alguma coisa? Quem você pensa que é? Guy Francon, que Deus o livre? Olhe para este prédio, seu idiota! Você tem uma ideia como esta e não sabe o que fazer com ela! Tropeça em algo magnífico e tem que estragá-lo! Sabe quanto tem a aprender?

– Sei. É por isso que estou aqui.

– E olhe para este outro! Quem me dera ter criado isso na sua idade! Mas por que teve que estragá-lo? Sabe o que eu faria com isso? Olhe, para o diabo com as suas escadarias, e para o diabo com a sua sala da caldeira! Quando fizer as fundações...

Cameron falou furiosamente por um bom tempo. Esbravejou. Não achou um único esboço que o contentasse. Mas Roark notou que o sujeito falava deles como se fossem prédios em construção.

Interrompeu-se bruscamente e empurrou os desenhos para o lado, colocando a mão sobre eles. Perguntou:

– Quando decidi tornar-se arquiteto?

– Quando eu tinha 10 anos.

– As pessoas não sabem o que querem tão cedo na vida, se é que jamais chegam a saber. Você está mentindo.

– Estou?

– Não olhe para mim desse jeito! Não pode olhar para outra coisa? Por que resolveu ser arquiteto?

– Eu não sabia na época. Mas é porque nunca acreditei em Deus.

– Vamos, fale algo que faça sentido.

– Porque amo esta Terra. É só o que amo. Não gosto da forma das coisas na Terra. Quero mudá-las.

– Para quem?

– Para mim mesmo.

– Quantos anos você tem?

– Vinte e dois.

– Onde ouviu tudo isso?

– Não ouvi.

– Ninguém fala assim aos vinte e dois anos. Você é anormal.

– Provavelmente.

– Eu não disse isso como um elogio.

– Nem eu.

- Tem família?
- Não.
- Trabalhou enquanto estudava?
- Sim.
- Em quê?
- Em construções.
- Quanto dinheiro lhe resta?
- Dezesete dólares e trinta centavos.
- Quando chegou a Nova York?
- Ontem.

Cameron olhou para a pilha branca sob seu punho.

- Maldito seja você - disse Cameron, suavemente. - Maldito seja você! - gritou de repente, inclinando-se para a frente. - Eu não lhe pedi para vir aqui! Não preciso de nenhum projetista! Não há nada aqui para projetar! Não tenho trabalho suficiente nem para manter a mim mesmo e aos meus homens fora do Abrigo de Bowery! Não quero nenhum visionário tolo morrendo de fome por aqui! Não quero a responsabilidade. Eu não a pedi. Nunca pensei que veria isso de novo. Para mim acabou. Já havia acabado há muitos anos. Estou perfeitamente satisfeito com os patetas babões que tenho aqui, que nunca fizeram nada de bom e nunca vão fazer, portanto não faz diferença o que acontecerá com eles. É só isso que quero. Por que você teve que aparecer aqui? Você vai se destruir. Sabe disso, não sabe? E eu o ajudarei a fazer isso. Não quero vê-lo. Não gosto de você. Não gosto da sua cara. Você parece insuportavelmente cheio de si. É impertinente. Tem confiança demais em si mesmo. Vinte anos atrás eu teria socado a sua cara com o maior prazer. Você começa a trabalhar aqui amanhã, às nove horas em ponto.

- Sim - aceitou Roark, levantando-se.
 - Quinze dólares por semana. É só o que posso lhe pagar.
 - Sim.
 - Você é um maldito tolo. Deveria ter procurado outro. Eu o mato se procurar outro. Qual é o seu nome?
 - Howard Roark
 - Se chegar atrasado, está despedido.
 - Sim.
- Roark estendeu a mão para pegar seus desenhos.
- Deixe-os aqui! - bradou Cameron. - Agora, saia!

– TOOHEY – DISSE GUY FRANCON. – Ellsworth Toohey. Muito decente da parte dele, não acha? Leia, Peter.

Francon inclinou-se jovialmente por cima de sua escrivaninha e entregou a Keating a edição de agosto da *Novas Fronteiras*. A capa era branca, com um emblema negro formado por uma paleta, uma lira, um martelo, uma chave de fenda e um sol nascente. Tinha uma circulação de trinta mil exemplares e seguidores que se autodenominavam a vanguarda intelectual do país. Ninguém jamais se opusera a essa descrição. Keating leu, de um artigo intitulado “Mármore e Argamassa”, de Ellsworth M. Toohey:

– “E agora falaremos de uma outra conquista notável entre os edifícios da nossa metrópole. Chamamos a atenção dos mais exigentes para o novo Edifício Melton, da Francon & Heyer. Sua serenidade branca é testemunha eloquente do triunfo da pureza clássica e do bom senso. A disciplina de uma tradição imortal serviu aqui como um fator de união para o desenvolvimento de uma estrutura cuja beleza consegue conquistar, de forma simples e lúcida, os corações de cada homem na rua. Não há nenhum exibicionismo excêntrico aqui, nenhuma busca pervertida pela novidade, nenhuma orgia de vaidade desenfreada. Guy Francon, seu projetista, soube subordinar-se às regras que gerações de artesãos antes dele provaram ser invioláveis e, ao mesmo tempo, soube apresentar sua própria originalidade criativa, não apesar de, mas precisamente *por causa dos* dogmas clássicos que aceitou com a humildade de um verdadeiro artista. Talvez valha a pena mencionar, de passagem, que a disciplina dogmática é a única coisa que torna possível a verdadeira originalidade...”

O jovem fez uma pausa, olhou para Francon e continuou:

– “O mais importante, no entanto, é o significado simbólico de um edifício como esse em nossa cidade imperial. Quando estamos diante da fachada da face sul, subitamente nos damos conta de que os frisos, repetidos do terceiro ao décimo oitavo andares com deliberada e graciosa monotonia, essas linhas longas, retas e horizontais são o princípio moderador e nivelador, as linhas da igualdade. Parecem reduzir a estrutura soberba ao nível humilde do observador. São as linhas da terra, do povo, das grandes massas. Parecem dizer-nos que ninguém pode elevar-se muito acima da limitação do nível humano comum, que tudo é e sempre será mantido sob controle – mesmo algo como esse prédio cheio de orgulho – pelos frisos da irmandade dos homens...”

Havia mais. Keating leu tudo e então ergueu a cabeça.

– Puxa! – exclamou, admirado, enquanto Francon sorria alegremente.

– Muito bom, não é? E vindo do próprio *Toohey*. Talvez não muitos tenham ouvido esse nome, mas ouvirão, você vai ver, ouvirão. Conheça os sinais... Então ele não acha que sou tão ruim? E tem uma língua que é um verdadeiro picador

de gelo, quando quer usá-la. Você tem que ver o que ele costuma dizer dos outros, na maioria das vezes. Sabe a última ratoeira que Durkin construiu? Bem, eu estava em uma festa em que Toohey disse... – Francon deu uma risadinha. – Disse: “Se o Sr. Durkin tem a ilusão de que é um arquiteto, alguém deveria mencionar para ele as amplas oportunidades criadas pela escassez de encanadores habilidosos.” Ele disse isso, imagine... em público!

– O que será – perguntou Keating, ansioso – que ele dirá de *mim*, quando chegar a hora?

– Que diabos ele quer dizer com essa conversa de “significado simbólico” e “frisos da irmandade dos homens”? Bem, se foi por isso que nos elogiou, devemos nos preocupar!

– A função do crítico é interpretar o artista, Sr. Francon, até para o próprio artista. O Sr. Toohey apenas revelou o significado oculto que estava no seu próprio subconsciente.

– Ah – disse Francon vagamente. – Você acha? – Acrescentou com vivacidade: – É bem possível... Sim, bem possível... Você é um rapaz esperto, Peter.

– Obrigado, Sr. Francon. – Keating começou a se levantar.

– Espere. Não vá. Mais um cigarro antes de ambos retornarmos à labuta.

Francon sorriu, lendo o artigo novamente. Keating nunca o vira tão satisfeito. Nenhum desenho do escritório, nenhum projeto realizado jamais o deixara tão feliz quanto essas palavras de outro homem, em uma página impressa, que seriam lidas por outros olhos.

Keating estava sentado tranquilamente em uma poltrona confortável. Seu primeiro mês na firma fora bem gasto. Não dissera nem fizera nada, mas já se espalhara pelo escritório a noção de que Guy Francon gostava de ver esse jovem em particular, toda vez que alguém tinha de ser enviado à sua sala. Mal passava um dia sem o agradável interlúdio de sentar-se do lado oposto da escrivaninha do famoso arquiteto, com intimidade respeitosa e crescente, ouvindo as lamentações de Francon sobre sua necessidade de estar cercado de homens que o compreendessem.

Keating aprendera tudo o que podia sobre Guy Francon de seus colegas projetistas. Aprendera que ele comia de maneira moderada e requintada e tinha orgulho de ter o título de gourmet; formara-se com distinção na École des Beaux-Arts; casara-se com uma mulher muito rica e o casamento não fora feliz; combinava meticulosamente suas meias com seus lenços, mas nunca com as gravatas; tinha grande preferência por projetar prédios de granito cinza; era proprietário de uma pedreira de granito cinza em Connecticut e o negócio ia de vento em popa; tinha um apartamento de solteiro magnífico, decorado com móveis Luís XV cor de ameixa; sua esposa, de uma distinta família tradicional, morrera, deixando sua fortuna para a única filha do casal; a filha, agora com 19

anos, fazia faculdade em outra cidade.

Esses últimos fatos interessaram muito a Keating. Tentou falar com Francon, hesitante, de passagem, sobre sua filha.

– Ah, sim... – disse Francon vagamente. – Sim, é mesmo.

Keating deixou a pesquisa sobre esse assunto totalmente de lado, por enquanto; a expressão de Francon revelou que pensar em sua filha era dolorosamente incômodo para ele, por alguma razão que o jovem não conseguiu descobrir.

Keating conhecera Lucius N. Heyer, o sócio de Francon, e vira-o no escritório duas vezes em três semanas, mas não conseguira descobrir que trabalho Heyer fazia na firma. Heyer não tinha hemofilia, mas aparentava ter. Era um aristocrata franzino, de pescoço longo e fino, abatido, de olhos esbugalhados, que tratava as pessoas com uma doçura amedrontada. Era a reliquia de uma família antiga, e suspeitava-se que Francon oferecera-lhe sociedade só por causa de seus contatos sociais. As pessoas sentiam pena do pobre e querido Lucius, admiravam-no pelo esforço de se dedicar a uma carreira profissional e achavam que era gentil deixá-lo construir suas casas. Francon as construía e não requisitava nenhum outro serviço de Lucius. Todos ficavam satisfeitos.

Os homens nas salas de desenho adoravam Peter Keating. Ele os fazia sentir que já estava lá havia muito tempo. Sempre soubera como tornar-se parte de qualquer ambiente em que entrava. Chegava suave e radiante, como uma esponja a ser enopada, sem oferecer resistência, com o mesmo ar e humor do lugar. Seu sorriso afetuoso, sua voz alegre, seu leve movimento dos ombros pareciam dizer que nada pesava demais em sua alma e, portanto, ele não era alguém que culpava, exigia ou criticava nada.

Enquanto ele se sentava ali, agora, observando Francon ler o artigo, este ergueu a cabeça para olhá-lo. Francon viu dois olhos fitando-o com imensa aprovação – e dois claros pontinhos de desprezo nos cantos da boca de Keating, como duas notas musicais de riso, visíveis um segundo antes de serem ouvidas. Francon sentiu uma imensa onda de alívio invadi-lo. O alívio vinha do desprezo. A aprovação, acompanhada daquele astuto meio sorriso, conferia-lhe uma grandeza que ele não precisava fazer nada para merecer. Uma admiração cega teria sido precária; uma admiração merecida teria sido uma responsabilidade; uma admiração não merecida era preciosa.

– Quando sair, Peter, leve isto para a Srta. Jeffers acrescentar ao meu álbum de recortes.

Ao descer as escadas, Keating atirou a revista para bem alto e pegou-a com destreza, seus lábios franzidos em um assobio silencioso.

Na sala de desenho, encontrou Tim Davis, seu melhor amigo, curvado desesperadamente sobre um desenho. Tim era o rapaz alto e louro da prancheta ao lado, em quem Keating reparara muito tempo atrás, porque soubera, sem nenhuma evidência palpável, porém com toda a certeza – como Keating sempre

sabia essas coisas –, que esse era o projetista favorito do escritório. Sempre que possível, Keating dava um jeito de fazer parte dos projetos em que Davis trabalhava. Logo já saíam para almoçar juntos, iam juntos a um discreto bar, depois do trabalho, e Keating ouvia com profunda atenção Davis falar de seu amor por uma tal de Elaine Duffy, embora Keating nunca se lembrasse de uma única palavra depois.

Encontrou Davis em um humor negro, sua boca mascando furiosamente um cigarro e um lápis ao mesmo tempo. Keating nem precisou lhe perguntar, apenas inclinou seu rosto amigável sobre o ombro do colega. Davis cuspiu o cigarro e estourou: acabara de saber que teria que fazer hora extra esta noite, pela terceira vez nessa semana.

– Tenho que ficar até tarde, só Deus sabe até que horas! Tenho que terminar esta maldita porcaria hoje! – Esmurrou as folhas espalhadas diante dele. – Olhe para isto! Horas e horas para terminar! O que vou fazer?

– Bem, é porque você é o melhor aqui, Tim, e eles precisam de você.

– Que se dane! Tenho um encontro com Elaine hoje! Como vou cancelar? É a terceira vez! Ela não vai acreditar em mim! Já me disse isso na última vez! É o fim! Vou falar com o Poderoso Guy e dizer onde pode enfiar suas plantas e este emprego! Para mim chega!

– Espere – disse Keating, inclinando-se para mais perto dele. – Espere! Há outro jeito. Eu termino o trabalho para você.

– O quê?

– Eu fico e faço os desenhos. Não tenha medo. Ninguém vai notar a diferença.

– Pete! Você faria isso?

– Claro. Não tenho nada para fazer hoje à noite. Fique só até todos irem para casa, depois saia de fininho.

– Puxa, Pete! – Davis suspirou, tentado. – Mas, se descobrirem, vou ser despedido. Você é muito novo para este tipo de trabalho.

– Não vão descobrir.

– Não posso perder o emprego, Pete. Você sabe que não posso. Elaine e eu vamos nos casar em breve. Se algo acontecer...

– Não vai acontecer nada.

Logo depois das seis, Davis saiu furtivamente da sala de desenho vazia, deixando Keating em sua prancheta.

Curvado sob uma solitária luminária verde, Keating lançou um olhar para a vastidão desolada das três salas compridas, estranhamente silenciosas após a agitação do dia, e sentiu que as possuía, que viria a possuí-las, tão certamente quanto o lápis se movia em sua mão.

Eram nove e meia quando terminou as plantas, empilhou-as cuidadosamente na mesa de Davis e saiu do escritório. Keating foi andando pela rua, com uma sensação cômoda e indigna, como se tivesse acabado de fazer uma boa refeição.

Foi então que a percepção de sua solidão atingiu-o abruptamente. Tinha que compartilhar isso com alguém essa noite. Não tinha ninguém. Pela primeira vez, desejou que sua mãe estivesse em Nova York, mas ela permanecera em Stanton, esperando o dia em que ele poderia mandar buscá-la. Ele não tinha para onde ir agora, com exceção da pequena e respeitável pensão na rua 28 Oeste, onde podia subir os três lances de escada que conduziam ao seu quartinho limpo e abafado. Ele havia conhecido pessoas em Nova York, muitas pessoas, muitas garotas. Lembrava-se de ter passado uma noite agradável com uma delas, embora não pudesse lembrar-se de seu sobrenome. Só que não desejava ver nenhuma delas. Então, pensou em Catherine Halsey.

Ele lhe enviara um telegrama na noite de sua formatura e esquecer-se dela desde então. Agora queria vê-la. O desejo era intenso e imediato, ao primeiro eco do nome dela em sua memória. Entrou em um ônibus para o longo trajeto até Greenwich Village, subiu para o andar superior e, sentado sozinho no banco da frente, amaldiçoou os semáforos toda vez que ficavam vermelhos. Sempre fora assim com Catherine, e ele perguntou-se vagamente o que havia de errado com ele.

Conhecera-a há um ano, em Boston, onde ela morava com a mãe viúva. Naquele primeiro encontro, achara Catherine simples e sem graça, sem nada a seu favor, exceto o sorriso adorável, o que jamais seria razão suficiente para tornar a vê-la. Telefonara para ela na noite seguinte. Entre as incontáveis garotas que conhecera em seus anos de faculdade, ela foi a única com quem ele não avançou além de uns poucos beijos. Keating podia ter qualquer garota que conhecesse e sabia disso. Sabia que podia ter Catherine. Ele a desejava; ela o amava e o admitira simples e abertamente, sem medo ou timidez, sem lhe pedir nada, sem esperar nada. Por alguma razão, ele nunca tirara proveito disso. Orgulhara-se das garotas com quem andara naquela época, as mais lindas, as mais cobiçadas, as que se vestiam melhor, e deleitara-se com a inveja dos colegas. Havia se envergonhado com a deselegância descuidada de Catherine e com o fato de que nenhum outro rapaz olharia para ela duas vezes. Entretanto, nunca ficara tão feliz como quando a levava aos bailes estudantis. Tivera muitas paixões intensas, quando jurava que não podia viver sem essa ou aquela garota. Esquecia-se da existência de Catherine por semanas a fio, e ela nunca o procurava. Sempre voltava para ela, subitamente, de maneira inexplicável, como fazia essa noite.

Sua mãe, uma professora pequena e meiga, morrera no inverno passado. Catherine fora viver com um tio em Nova York. Keating respondera a algumas de suas cartas imediatamente – outras depois de meses. Ela sempre respondera de imediato e nunca escrevera durante seus longos períodos de silêncio, esperando pacientemente. Quando pensava nela, ele sentia que nunca seria possível que algo pudesse substituí-la. Entretanto, em Nova York, ao alcance de

um ônibus ou telefone, esquecera-se dela uma vez mais, durante um mês.

Não pensou, nem por um instante, ao correr para ela agora, que deveria tê-la avisado sobre a visita. Não se preocupou se a encontraria em casa. Sempre voltara assim, e toda vez ela estava lá. Estava lá novamente, essa noite.

Catherine abriu a porta para ele, no andar superior de uma casa de arenito velha e pretensiosa.

– Olá, Peter – disse, como se o tivesse visto no dia anterior.

Estava em pé diante dele, pequena e magra demais para suas roupas. A saia preta curta estava folgada ao redor de sua cintura fina; o colarinho masculino da camisa pendia frouxamente, puxado para o lado, revelando o osso magro e saliente de seu ombro; as mangas, compridas demais, cobriam suas mãos delicadas. Ela olhou para ele, a cabeça inclinada para um lado. Seu cabelo castanho estava amarrado na nuca de forma desleixada, mas parecia ter sido cortado curto, e assentava-se, leve e anelado, como um halo sem forma definida emoldurando seu rosto. Seus olhos eram cinzentos, grandes e míopes; sua boca sorria lenta, delicada e encantadoramente, os lábios brilhando.

– Olá, Katie – respondeu ele.

Sentiu-se em paz, sentiu que não tinha nada a temer, nem nessa casa nem em qualquer lugar fora dela. Havia se preparado para explicar como estivera ocupado em Nova York, mas qualquer explicação parecia irrelevante agora.

– Me dê o seu chapéu – disse ela. – Cuidado com essa cadeira, não é muito estável. Temos cadeiras melhores na sala. Entre.

A sala, ele reparou, era modesta, mas tinha um tom distinto, de um bom gosto surpreendente. Notou os livros; estantes baratas que chegavam até o teto, carregadas de volumes preciosos; os livros em uso estavam empilhados de qualquer jeito. Notou, acima de uma escrivaninha surrada e bem arrumada, uma gravura de Rembrandt, manchada e amarelada, descoberta, talvez, em algum brechó, pelos olhos de um connoisseur que nunca se desfizera dela, embora o dinheiro obtido com sua venda lhe tivesse sido, obviamente, muito útil. Perguntou-se em que tipo de negócio estaria o tio dela. Nunca lhe perguntara.

Keating permaneceu observando a sala distraidamente, sentindo a presença dela atrás dele, desfrutando a sensação de certeza que encontrava em tão raras ocasiões. Então se virou, tomou-a em seus braços e beijou-a. Os lábios dela se uniram aos dele com doçura e ansiedade, mas ela não estava nem assustada nem agitada, estava feliz demais para aceitar esse momento como algo que não fosse totalmente natural.

– Meu Deus, como senti a sua falta! – disse ele, e soube que realmente sentira, em todos os dias desde que a vira pela última vez e ainda mais, talvez, nos dias em que não havia pensado nela.

– Você não mudou muito – comentou ela. – Parece um pouco mais magro. Fica bem em você. Será muito atraente quando tiver cinquenta anos, Peter.

– Não é um grande elogio, pelo que isso significa.

– Por que não? Ah, está dizendo que eu não o acho atraente agora? Ora, mas você é.

– Não deveria me dizer isso assim, tão abertamente.

– Por que não? Você sabe que é. Mas tenho pensado em como você será aos cinquenta anos. Será grisalho nas têmporas e usará um terno cinza – vi um em uma vitrine, na semana passada, e achei que seria aquele – e será um arquiteto fabuloso.

– Acha mesmo que sim?

– Ora, é claro.

Ela não o estava bajulando. Não parecia dar-se conta de que poderia ser bajulação. Estava apenas declarando um fato, certo demais para precisar de ênfase.

Peter esperou pelas inevitáveis perguntas. Contudo, em vez disso, de repente estavam conversando sobre os velhos tempos que passaram juntos em Stanton, e ele estava gargalhando e abraçando-a, atravessada sobre seus joelhos, os ombros magros dela apoiando-se contra seu braço, seus olhos meigos e contentes. Ele falava dos velhos trajes de banho deles, das meias desfiadas dela, de sua sorveteria favorita na cidade de onde vieram, onde tinham passado tantas noites de verão juntos. E ele pensava vagamente que não fazia nenhum sentido. Tinha coisas mais pertinentes a lhe dizer e perguntar. As pessoas não conversavam desse jeito depois de não se verem durante meses. Mas parecia bastante normal para Catherine, que não aparentava se dar conta de que haviam estado separados.

Ele foi o primeiro a perguntar, por fim:

– Você recebeu meu telegrama?

– Ah, sim. Obrigada.

– Não quer saber como estou me adaptando à cidade?

– Claro. Como está se adaptando à cidade?

– Bem, você não está muito interessada.

– Estou, sim! Quero saber tudo sobre você.

– Por que não pergunta?

– Você me contará quando quiser.

– Não lhe importa muito, importa?

– O quê?

– O que eu tenho feito.

– Ah... Importa, sim, Peter. Não, não muito.

– Que simpático da sua parte!

– Mas, sabe, não é o que você faz que importa realmente. É só você.

– Eu, o quê?

– Só você, aqui. Ou você na cidade. Ou você, em qualquer lugar do mundo.

Não sei. Só isso.

– Sabe, você é uma tola, Katie. Sua técnica é horrível.

– Minha o quê?

– Sua técnica. Não pode dizer a um homem assim, de modo tão desavergonhado, que é praticamente louca por ele.

– Mas sou.

– Mas não pode dizer. Os homens não gostarão de você.

– Não quero que os homens gostem de mim.

– Quer que eu goste, não quer?

– Mas você gosta, não é?

– Gosto – disse ele, abraçando-a com mais força. – Para minha desgraça. Sou ainda mais tolo que você.

– Bem, então está tudo perfeitamente bem – disse ela, passando os dedos pelo cabelo dele –, não está?

– Sempre esteve perfeitamente bem, essa é a parte mais estranha disso... Mas, olhe, quero lhe contar sobre o que aconteceu comigo, porque é importante.

– Estou muito interessada, de verdade, Peter.

– Bem, você sabe que estou trabalhando na Francon & Heyer e... Ah, diabos, você nem sabe o que isso significa!

– Sei, sim. Eu pesquisei sobre eles na *Quem é Quem em Arquitetura*. Mencionava algumas coisas muito boas sobre eles. E perguntei ao meu tio, que disse que eles são os maiores do ramo.

– Pode apostar que são. Francon é o maior projetista de Nova York, do país todo, talvez do mundo todo. Construiu dezessete arranha-céus, oito catedrais, seis estações ferroviárias e só Deus sabe o que mais... É claro, ele é um velho idiota e um impostor presunçoso, que consegue tudo o que quer com adulações e...

Deteve-se, olhando para ela de boca aberta. Não tivera a intenção de dizer aquilo. Nunca antes se permitira sequer pensar aquilo.

Ela o olhava serenamente.

– Sim? – perguntou. – E...?

– Bem... e... – gaguejou ele, e se deu conta de que não podia falar de outra forma, não com ela – e é isso o que realmente penso dele. E não tenho absolutamente nenhum respeito por ele. E estou encantado de estar trabalhando para ele. Entendeu?

– Claro – disse ela tranquilamente. – Você é ambicioso, Peter.

– Não me despreza por isso?

– Não. Era isso que você queria.

– Com certeza, era o que eu queria. Bem, na verdade, não é tão ruim assim. É uma firma extraordinária, a melhor da cidade. Estou trabalhando de verdade e Francon está muito satisfeito comigo. Estou progredindo. Acho que acabarei conseguindo qualquer cargo que quiser no escritório... Ora, hoje mesmo,

encarreguei-me do trabalho de um cara e ele nem sabe que se tornará desnecessário em breve, porque... Katie! O que estou dizendo?

– Está tudo bem, querido. Eu compreendo.

– Se compreendesse, me xingaria dos nomes que mereço e me faria parar com isso.

– Não, Peter. Não quero mudá-lo. Eu amo você, Peter.

– Que Deus a ajude!

– Eu sei.

– Você *sabe*? E diz isso *assim*, como se dissesse “Olá, está uma bela noite”?

– Bem, por que não? Para que me preocupar com isso? Eu te amo.

– Não, não se preocupe com isso! Nunca se preocupe com isso! Katie... Eu nunca amarei mais ninguém...

– Sei disso também.

Peter a puxou para mais perto, aflito, com medo de que seu corpo pequeno e delicado desaparecesse. Não sabia por que a presença dela o fazia confessar coisas não reveladas em sua própria mente. Não sabia por que a vitória que fora até lá para compartilhar com ela se desvanecera. Mas não importava. Estava tomado por uma sensação peculiar de liberdade – a presença dela sempre o livrava de um peso que não conseguia definir. Estava sozinho. Era ele mesmo. Só o que lhe importava agora era a sensação da blusa áspera de algodão dela contra seu pulso.

De repente, estava lhe perguntando sobre a vida dela em Nova York, e Catherine falava alegremente sobre o tio.

– Ele é maravilhoso, Peter, verdadeiramente maravilhoso. É muito pobre, mas me acolheu e foi tão gentil. Abriu mão de seu escritório para fazer um quarto para mim e agora tem que trabalhar aqui na sala. Você tem que conhecê-lo, Peter. Está viajando agora, em uma turnê de palestras, mas você tem que conhecê-lo quando ele voltar.

– Claro, eu adoraria.

– Sabe, eu queria trabalhar e me sustentar, mas ele não deixou. Disse: “Minha criança querida, não aos dezessete anos. Você não quer que eu sinta vergonha de mim mesmo, quer? Não acredite em trabalho infantil.” Foi uma ideia meio engraçada, não acha? Meu tio tem tantas ideias engraçadas. Eu não entendo todas elas, mas dizem que ele é um homem brilhante. E, assim, ele fez com que parecesse que eu é que estava lhe fazendo um favor ao deixá-lo cuidar de mim, e acho que foi muito decente da parte dele.

– O que você faz o dia todo?

– Não muito, no momento. Leio livros. Sobre arquitetura. Meu tio tem toneladas de livros de arquitetura. Porém, quando ele está aqui, eu datilografo suas palestras. Não acho que ele goste que eu faça isso, prefere a datilógrafa que tinha, mas eu adoro e ele me deixa fazer. E me paga o salário dela. Eu não

queria aceitar, mas ele me obrigou.

– Em que ele trabalha?

– Ah, em tantas coisas... Não sei, eu perco a conta. Ele ensina história da arte, por exemplo, é um tipo de professor.

– A propósito, quando você vai começar a faculdade?

– Ah... Bem... sabe, acho que meu tio não aprova a ideia. Eu lhe contei que sempre planejei fazer faculdade e que trabalharia para pagar meus estudos, mas ele parece achar que não é algo para mim. Ele não diz muito, apenas: “Deus fez o elefante para trabalhar e o mosquito para voar por aí, e não é aconselhável, por via de regra, mexer com as leis da natureza. No entanto, se você quiser tentar, minha criança querida...” Mas ele não faz objeções, realmente. Cabe a mim decidir, é só que...

– Bem, não deixe que ele a impeça.

– Não, ele não tentaria me impedir. Só que estive pensando, eu nunca fui nenhum gênio no ensino médio e, querido, a verdade é que sou terrível em matemática. Então, fico pensando se... De qualquer forma, não há pressa. Tenho muito tempo para decidir.

– Katie, não estou gostando disso. Você sempre planejou ir para a faculdade. Se esse seu tio...

– Não devia falar assim, você não o conhece. Ele é o homem mais incrível que existe. Nunca conheci ninguém como ele. É tão gentil, tão compreensivo. E é tão divertido, está sempre brincando, e é muito esperto. Tudo o que sempre achamos ser sério jamais parece ser quando ele está por perto. Porém, ainda assim, é um homem muito sério. Sabe, ele fica horas conversando comigo, nunca está cansado demais e não se aborrece com minha estupidez. Conta-me tudo sobre greves, as condições nas favelas, as pessoas pobres que são exploradas nas fábricas, sempre sobre os outros, nunca sobre ele mesmo. Um amigo dele me disse que meu tio poderia ser um homem muito rico se tentasse, porque é tão inteligente. Mas ele não tenta, simplesmente não está interessado em dinheiro.

– Isso não é humano.

– Espere até conhecê-lo. Ah, e ele quer conhecer você também. Eu lhe contei sobre você. Ele o chama de “o Romeu da régua-tê”.

– Chama, é?

– Você não compreende. Ele diz isso sem querer ofender. É o seu jeito de falar. Vocês têm muito em comum. Talvez ele possa ajudá-lo. Ele também entende um pouco de arquitetura. Você vai adorar tio Ellsworth.

– *Quem?* – perguntou Keating.

– Meu tio.

– Me diga... – indagou Keating com a voz um pouco rouca – qual é o nome do seu tio?

– Ellsworth Toohey. Por quê?

As mãos dele desabaram, flácidas. Ficou sentado, olhando para ela.

– Qual é o problema, Peter?

Ele engoliu em seco. Catherine viu o movimento espasmódico de sua garganta. Então ele disse, em tom áspero:

– Ouça, Katie, não quero conhecer o seu tio.

– Mas por quê?

– Não quero conhecê-lo. Não por intermédio de você... Katie, você não me conhece. Sou o tipo de homem que usa as pessoas. Não quero usá-la. Nunca. Não me deixe fazer isso. Não com você.

– Usar-me como? Qual é o problema? Por quê?

– Só por isto: eu daria o meu braço direito para ser apresentado a Ellsworth Toohey, só isso. – Riu rispidamente. – Então ele “entende um pouco de arquitetura”, é? Sua bobinha! Ele é o homem mais importante na arquitetura. Talvez não seja ainda, mas será, em poucos anos. Pergunte a Francon, aquela raposa velha sabe. Ele está a caminho de se tornar o maior de todos os críticos de arquitetura, esse seu tio Ellsworth. Observe-o. Em primeiro lugar, não há muitos se dando ao trabalho de escrever sobre essa profissão, então ele é o esperto que vai arrebatar o mercado. Você deveria ver os figurões em nosso escritório sugando cada vírgula que ele escreve! Então acha que talvez seu tio pudesse me ajudar? Bem, ele poderia garantir o meu sucesso, e o fará. Vou conhecê-lo um dia, quando eu estiver pronto para ele, assim como conheci Francon, mas não aqui, não através de você. Você entende? Não através de você!

– Mas, Peter, por que não?

– Porque não quero que aconteça desse jeito! Porque é repugnante e detesto, detesto tudo isso, meu trabalho e minha profissão, o que estou fazendo e o que vou fazer! Quero mantê-la fora de tudo isso. Você é tudo o que eu realmente tenho. Fique fora disso, Katie!

– Fora do quê?

– Eu não sei!

Ela se pôs de pé, com os braços dele ao seu redor, o rosto escondido em sua cintura. Acariciou-lhe o cabelo, baixando o olhar para ele.

– Está bem, Peter. Acho que compreendo. Você não tem que ser apresentado a ele enquanto não quiser. Diga-me quando quiser. Pode me usar, se precisar. Está tudo bem. Não mudará nada.

Quando ele ergueu a cabeça, ela estava rindo docemente.

– Você trabalhou demais, Peter. Está um pouco esgotado. Que tal eu lhe preparar um chá?

– Eu havia esquecido completamente que não jantei hoje. Não tive tempo.

– Essa não! É inaceitável! Vamos para a cozinha agora mesmo, e verei o que posso preparar para você.

Deixou-a duas horas depois. Saiu sentindo-se leve, limpo, feliz, seus temores

esquecidos, Toohey e Francon esquecidos. Pensou apenas que prometera voltar no dia seguinte e que era um tempo insuportavelmente longo para esperar. Ela ficou parada à porta, depois da partida dele, com a mão na maçaneta que ele tocara, e pensou que talvez ele voltasse amanhã – ou talvez em três meses.



– Quando terminar, hoje – disse Henry Cameron –, quero vê-lo na minha sala.

– Sim – aceitou Roark.

Cameron virou-se prontamente e saiu da sala de desenho. Essa fora a frase mais longa que dirigira a Roark em um mês.

Roark entrava nessa sala todas as manhãs, fazia seu trabalho e não ouvia um único comentário. Cameron entrava na sala de desenho e ficava em pé, atrás dele, por longo tempo, olhando por cima de seu ombro. Era como se seus olhos se concentrassem deliberadamente em tentar desviar a mão firme de Roark de seu curso sobre o papel. Os outros dois desenhistas cometiam erros no seu trabalho só de pensar em tal aparição, em pé atrás deles. Roark não parecia notá-lo. Prosseguia, sua mão sem pressa, demorava-se ao jogar fora um lápis sem ponta e pegar outro.

– Hã, hã – resmungava Cameron de súbito. Roark virava a cabeça, educadamente atento.

– O que é? – perguntava.

Cameron virava-se sem dizer nada, os olhos estreitos e cheios de desprezo enfatizando o fato de que ele considerava desnecessário responder, e saía da sala de desenho. Roark continuava o trabalho.

– Não parece nada bom – Loomis, o jovem projetista, confidenciou ao colega idoso, Simpson. – O velho não gosta desse cara. E não posso culpá-lo. Aí está um que não vai durar muito.

Simpson era velho e frágil. Estava ali desde os tempos do escritório de três andares de Cameron e permanecera, sem nunca entender como. Loomis era jovem e tinha a aparência de um vadio que vive na rua. Estava ali porque fora despedido de inúmeros escritórios.

Nenhum dos dois gostava de Roark. Aonde quer que fosse, as pessoas geralmente não gostavam dele desde a primeira vez que olhavam para seu rosto. Era um rosto trancado como a porta de um cofre. As coisas trancadas em cofres têm valor, e as pessoas não gostavam de sentir isso. Ele era uma presença fria e inquietante na sala, uma presença que possuía uma estranha qualidade: fazia-se sentir, porém fazia com que eles sentissem que ele não estava lá. Ou, talvez, que estava, e eles é que não estavam.

Depois do trabalho, ele percorria a longa distância até onde morava, um prédio pobre perto do East River. Escolhera aquele lugar porque, por 2,50 dólares por

semana, conseguiu alugar o último andar inteiro, uma sala enorme que antes era usada como depósito. Não possuía forro no teto e pingava água do telhado, escorrendo pelas vigas nuas. Mas tinha uma fileira comprida de janelas, ao longo de duas paredes – algumas esquadrias preenchidas com vidro, outras com papelão –, e as janelas ofereciam uma ampla vista para o rio, de um lado, e para a cidade, do outro.

Uma semana atrás, Cameron entrara na sala de desenho e jogara sobre a mesa de Roark um esboço rústico de uma casa de campo.

– Veja se consegue transformar isso em uma casa – dissera com rispidez e saíra, sem dar mais nenhuma explicação.

Não se aproximou da mesa do jovem nos dias que se seguiram. Roark havia terminado os desenhos na noite passada e os deixara sobre a escrivaninha de Cameron. Essa manhã, Cameron entrou na sala, tirou alguns esboços de juntas de aço para Roark, ordenou-lhe que aparecesse em sua sala mais tarde. E não voltou à sala de desenho pelo resto do dia.

Os outros já haviam saído. Roark cobriu sua prancheta com um velho pedaço de pano encerado e foi até a sala de Cameron. Seus desenhos da casa de campo estavam espalhados sobre a escrivaninha. A luz do abajur iluminava o rosto de Cameron, os fios brancos brilhantes de sua barba, sua mão e um dos cantos do desenho, com suas linhas escuras, vivas e rígidas, como se estivessem gravadas em relevo sobre o papel.

– Você está despedido – anunciou Cameron.

Roark parou no meio da sala, seu peso apoiado em uma das pernas, os braços soltos ao lado do corpo, um dos ombros mais erguido que o outro.

– Estou? – perguntou tranquilamente, sem se mexer.

– Venha cá – disse Cameron. – Sente-se.

Roark obedeceu.

– Você é bom demais – disse Cameron. – É bom demais para o que quer fazer consigo mesmo. Não adianta, Roark. É melhor agora do que mais tarde.

– O que quer dizer?

– Não adianta desperdiçar o que você tem em um ideal que nunca conseguirá atingir, que nunca o deixarão atingir. Não faz sentido pegar essa coisa que você tem e fazer dela um instrumento de autoflagelação. Venda, Roark. Venda-a agora. Não será o mesmo, mas você tem o suficiente dentro de si. Eles pagarão pelo que você tem, e pagarão muito, se você usá-lo do jeito deles. Aceite-os, Roark. Faça concessões. Faça concessões agora, porque terá que fazê-las mais tarde, de qualquer jeito, só que então terá passado por coisas pelas quais desejará nunca ter passado. Você não sabe como é. Eu sei. Salve-se disso. Deixe-me. Vá trabalhar com outro.

– Foi isso o que você fez?

– Seu desgraçado presunçoso! Quão bom acha que eu disse que você era? A

quem você acha que se pode comparar... – Parou, porque viu que Roark estava sorrindo.

Cameron o fitou e, subitamente, sorriu também, e essa foi a imagem mais dolorosa que Roark já viu.

– Não – disse Cameron suavemente –, não vai funcionar, não é? Não, não vai... Bem, você tem razão. É tão bom quanto pensa que é. Mas quero falar com você. Não sei exatamente como fazer isso. Perdi o hábito de falar com homens como você. Perdi? Talvez nunca o tenha tido. Talvez por isso eu esteja assustado agora. Você vai tentar entender?

– Eu entendo. E acho que está perdendo o seu tempo.

– Não seja rude, porque eu não posso ser rude com você agora. Quero que me escute. Pode me escutar e não responder?

– Sim. Desculpe-me. Minha intenção não foi ser rude.

– Veja bem, de todos os homens, eu sou o último que você deveria ter procurado. Estarei cometendo um crime se o mantiver aqui. Alguém deveria tê-lo alertado sobre mim. Não vou ajudá-lo. Não vou desencorajá-lo. Não vou lhe ensinar a ter nenhum bom senso. Em vez disso, vou instigá-lo a seguir adiante. Vou conduzi-lo adiante na direção que já está seguindo. Vou forçá-lo a permanecer o que é, e vou torná-lo pior ainda... Você não percebe? Mais um mês e não conseguirei mais deixá-lo ir embora. Nem tenho certeza se consigo agora. Portanto, não discuta comigo e suma daqui. Saia enquanto pode.

– Mas será que posso? Não acha que é tarde demais para nós dois? Já era tarde demais para mim há doze anos.

– Tente, Roark. Tente ser razoável, ao menos uma vez. Há muitos figurões que o contratarão, com ou sem expulsão, se eu recomendar. Eles podem rir de mim nos discursos que fazem em seus almoços, mas roubam de mim quando lhes convém, e sabem que eu sei reconhecer um bom projetista quando vejo um. Eu lhe darei uma carta de recomendação para Guy Francon. Ele trabalhou para mim, há muito tempo. Acho que eu o despedi, mas isso não faria diferença. Vá procurá-lo. Você não vai gostar, no começo, mas vai se acostumar. E me agradecerá por isso, daqui a muitos anos.

– Por que está me dizendo tudo isso? Não é o que quer dizer. Não é o que você fez.

– É por isso que estou dizendo! Porque não é o que eu fiz! Olhe, Roark, há algo em você, a coisa de que tenho medo. Não é apenas o tipo de trabalho que você faz. Eu não ligaria se você fosse um exibicionista que banca o diferente como um truque, uma brincadeira, só para chamar atenção para si mesmo. É uma estratégia esperta, ser o oposto do que todo mundo é, diverti-los e fazê-los pagar para ver o show alternativo. Se você fizesse isso, eu não me preocuparia. Mas não é assim. Você ama o seu trabalho. Que Deus o ajude, você ama o que faz! Essa é a maldição. É a marca estampada na sua testa, para que todos vejam.

Você ama o que faz e eles sabem disso, e sabem que você está nas mãos deles. Você alguma vez olha para as pessoas na rua? Não tem medo delas? Eu tenho. Elas passam por você, usando chapéu e carregando pacotes. Mas essa não é a substância delas. A substância delas é o ódio por qualquer homem que ame o seu trabalho. É o único tipo de pessoa que temem. Não sei por quê. Você está se abrindo, Roark, para cada um deles.

– Mas eu nunca noto as pessoas na rua.

– Nota o que fizeram comigo?

– Só noto que você não tinha medo delas. Por que me pede para ter?

– É por isso que estou pedindo! – Inclinou-se para a frente, seus punhos fechados sobre a escrivaninha. – Roark, você quer que eu diga? Você é cruel, não é? Está bem, eu direi: quer acabar deste jeito? Quer ser o que eu sou?

Roark levantou-se e ficou à beira da luz que incidia sobre a escrivaninha. Ele respondeu:

– Se, no fim da minha vida, eu for o que você é hoje, aqui, neste escritório, considerarei isso uma honra que eu não poderia ter merecido.

– Sente-se! – vociferou Cameron. – Não gosto de demonstrações!

Roark olhou para si mesmo e para a escrivaninha, atônito ao ver-se de pé. Disse:

– Desculpe. Não percebi que tinha me levantado.

– Bem, sente-se. Escute. Eu compreendo. E é muito simpático da sua parte. Mas você não sabe. Achei que alguns dias aqui seriam suficientes para arrancar de você a adoração ao herói. Vejo que não foram. Aqui está você, dizendo a si mesmo que o velho Cameron é tão grandioso, um nobre guerreiro, mártir de uma causa perdida, e você simplesmente adoraria morrer nas trincheiras junto comigo e comer em barraquinhas de refeições baratas comigo pelo resto da vida. Eu sei, parece puro e lindo para você agora, do alto dos seus 22 anos. Mas você sabe o que isso significa? Trinta anos de uma causa perdida. Soa bonito, não é? Mas você sabe quantos dias há em trinta anos? Sabe o que acontece nesses dias? Roark! Você sabe o que acontece?

– Você não quer falar sobre isso.

– Não! Não quero falar sobre isso! Mas vou falar. Quero que você ouça. Quero que saiba o que o espera. Haverá dias em que você olhará para suas mãos e desejará pegar alguma coisa para esmagar cada osso delas, porque elas estarão zombando de você pelo que seriam capazes de fazer, se você encontrasse uma oportunidade para que fizessem. E você não consegue encontrar essa oportunidade e não consegue suportar o seu corpo vivo porque falhou na sua obrigação perante essas mãos, em algum momento. Haverá dias em que, quando entrar em um ônibus, o motorista será ríspido com você, e ele estará apenas pedindo uma moeda, mas não será isso que você escutará. Você ouvirá que é um zé-ninguém, que ele está rindo de você, que na sua testa está escrita aquela coisa

pela qual o odeiam. Haverá dias em que você estará no canto de um salão e ouvirá uma criatura em um palco falar sobre prédios, sobre aquele trabalho que você ama, e as coisas que ele disser o farão esperar que alguém se levante e o parta em dois pedaços, entre seus dedos; e então ouvirá as pessoas aplaudindo-o, e você vai querer gritar, porque não saberá se elas são reais, ou se você é, se está em uma sala cheia de crânios ociosos ou se alguém acabou de esvaziar a sua própria cabeça, e você não dirá nada, porque os sons que poderia fazer já não são mais uma linguagem naquela sala. Mas, se quiser falar, não falará mesmo assim, porque será empurrado para o lado, você, que não tem nada a lhes dizer sobre prédios! É isso que você quer?

Roark permaneceu sentado, quieto, as sombras acentuadas sobre seu rosto, uma cunha negra na face magra, um triângulo comprido e preto atravessando seu queixo, seus olhos fixos em Cameron.

– Não foi suficiente? – perguntou Cameron. – Tudo bem. Então, um dia, você verá, em um pedaço de papel à sua frente, um prédio que o fará querer ajoelhar-se. Não acreditará que foi você quem o criou, mas o terá criado. E então você pensará que a Terra é linda, que o ar tem o aroma da primavera e que ama os homens, porque não existe nenhum mal no mundo. E se preparará para sair de casa com esse projeto, para mandar construí-lo, pois não terá nenhuma dúvida de que será construído pelo primeiro homem que o vir. Porém não irá muito longe de sua casa, porque será parado na porta pelo homem que veio para desligar o gás. Mesmo passando fome para economizar dinheiro e conseguir terminar o projeto, você teve que cozinhar alguma coisa e não pagou a conta do gás... Tudo bem, não é nada, você pode rir disso. Mas, por fim, entrará no escritório de um homem com seu projeto e amaldiçoará a si mesmo por ocupar tanto espaço do ar dele com seu corpo, e tentará se espremer para fora da vista dele, para que ele não o veja, apenas ouça a sua voz implorando, suplicando, sua voz lambendo seus joelhos. Você se odiará por isso, mas não se importará. Se ele apenas deixá-lo erguer aquele prédio, você não se importará, vai querer expor suas entranhas para lhe mostrar por que, se ele visse o que há ali, teria que deixá-lo erguer o prédio. Contudo, ele dirá que lamenta muito, só que o projeto já foi dado para Guy Francon. E você vai voltar para casa, e sabe o que vai fazer lá? Vai chorar. Vai chorar como uma mulher, como um bêbado, como um animal. Esse é o seu futuro, Howard Roark. Você o quer?

– Sim – respondeu Roark

Os olhos de Cameron baixaram. Sua cabeça se moveu um pouco para baixo e, em seguida, um pouco mais. Ela continuou baixando lentamente, em espasmos distintos e longos, até que parou. Ele ficou sentado, parado, com os ombros caídos, os braços juntos sobre seu colo.

– Howard – sussurrou Cameron –, eu nunca contei isso a ninguém...

– Obrigado... – disse Roark

Após uma longa pausa, Cameron levantou a cabeça.

– Vá para casa agora – disse Cameron, com a voz fraca. – Você trabalhou demais ultimamente, e tem um dia difícil pela frente. – Apontou para os desenhos da casa de campo. – Isto está muito bom, e eu queria ver o que você faria, mas não está bom o suficiente para construir. Terá que refazê-lo. Eu lhe mostrarei o que quero, amanhã.

UM ANO NA FRANCON & HEYER dera a Keating o título sussurrado de príncipe herdeiro sem pasta. Apesar de ser ainda apenas um projetista, reinava como o favorito de Francon, que o levava para almoçar, uma honra sem precedentes para um funcionário. E chamava-o para estar presente em entrevistas com clientes. Eles pareciam gostar de ver um jovem tão decorativo em um escritório de arquitetura.

Lucius N. Heyer tinha o hábito irritante de perguntar a Francon, repentinamente:

– Quando contratou o novo sujeito? – E apontava para um funcionário que trabalhava lá há três anos.

Porém Heyer surpreendeu a todos ao lembrar-se do nome de Keating e cumprimentá-lo, sempre que se encontravam, com um sorriso de reconhecimento positivo. Keating tivera uma longa conversa com ele, em uma tarde monótona de novembro, sobre porcelana antiga. Era o hobby de Heyer. Ele tinha uma coleção famosa, que reunira com paixão. Keating revelou intenso conhecimento sobre o assunto, embora nunca tivesse ouvido falar de porcelana antiga até a noite anterior, que ele havia passado na biblioteca pública. Heyer ficou encantado. Ninguém no escritório se importava com seu hobby, a maioria sequer notava sua presença. Heyer comentou com seu sócio:

– Você certamente é bom na escolha de seus homens, Guy. Há um rapaz que eu gostaria que não perdêssemos. Qual é mesmo o seu nome?... Keating.

– Sim, de fato – concordou Francon, sorrindo –, de fato.

Na sala de desenho, Keating concentrava-se em Tim Davis. Trabalho e projetos eram apenas detalhes inevitáveis na superfície dos seus dias. Davis era a substância e a forma do primeiro passo em sua carreira.

Davis deixava-o fazer a maior parte de seu trabalho. Só o trabalho noturno, a princípio, depois partes de suas tarefas diárias também. Secretamente, no início, e abertamente, pouco depois. O rapaz não queria que soubessem. Keating fez com que soubessem, com um ar de confiança ingênua, o que implicava que ele era apenas uma ferramenta, nada mais do que o lápis ou a régua-tê de Tim; que sua ajuda realçava a importância do colega, em vez de diminuí-la, e, portanto, que não era algo que desejasse esconder.

No início, Davis passava as instruções para Keating. Depois o projetista-chefe entendeu que o acordo era permanente e começou a procurar Keating para passar as ordens dirigidas a Davis. Keating estava sempre lá, sorrindo e dizendo:

– Eu me encarrego disso. Não incomode o Tim com essas coisinhas. Deixe comigo.

Davis relaxou e deixou-se levar. Fumava bastante, ficava à toa, com as pernas cruzadas confortavelmente sobre um banco, de olhos fechados, sonhando com

Elaine. De vez em quando, dizia:

– O negócio está pronto, Pete?

Davis casara-se com Elaine naquela primavera. Muitas vezes chegava ao trabalho atrasado. Havia cochichado para Keating:

– Você está íntimo do velho, Pete. Faça um comentário positivo a meu respeito de vez em quando, está bem? Para que eles deixem passar algumas coisas. Meu Deus, como detesto ter que estar trabalhando agora!

Keating dizia a Francon:

– Sr. Francon, lamento que as plantas do subporão do projeto Murray estejam tão atrasadas, mas Tim Davis teve uma briga com a esposa, ontem à noite, e o senhor sabe como são os recém-casados. Não se pode ser muito exigente com eles.

Ou:

– É o Tim Davis outra vez, Sr. Francon. Por favor, perdoe-o, ele não pode evitar, não está mesmo com a cabeça no trabalho!

Quando Francon deu uma olhada na lista dos salários de seus funcionários, notou que seu projetista mais caro era o homem menos necessário no escritório.

Por fim, Tim Davis perdeu o emprego, e ninguém na sala de desenho se surpreendeu, só o próprio. Ele não conseguia entender. Apertou os lábios com uma amargura hostil contra um mundo que odiaria para sempre. Sentiu que não tinha nenhum amigo na face da Terra, com exceção de Peter Keating.

Peter consolou-o, amaldiçoou Francon e as injustiças da humanidade, gastou seis dólares em um bar, entretendo a secretária de um arquiteto obscuro que conhecia, e arrumou um novo emprego para o ex-colega.

Mais tarde, sempre que pensava em Davis, Keating sentia um intenso prazer. Ele influenciara o curso da vida de um ser humano, arrancara-o de um caminho e empurrara-o para outro. Um ser humano – não era mais Tim Davis para ele, era uma moldura viva e uma mente, uma mente consciente. Por que ele sempre havia temido aquela misteriosa entidade da consciência que existia dentro dos outros? E ele havia distorcido aquela moldura e aquela mente de acordo com sua própria vontade. Por decisão unânime de Francon, Heyer e do projetista-chefe, a prancheta, o cargo e o salário de Tim Davis foram dados a Peter Keating. Mas isso era apenas parte da satisfação dele. Havia um outro sentido, mais vigoroso, menos real – e mais perigoso. Ele dizia animadamente, e com frequência:

– Tim Davis? Ah, sim, *eu* lhe arranjei seu emprego atual.

Escreveu a sua mãe sobre o assunto. Ela dizia às amigas:

– Petey é um menino tão generoso.

Ele lhe escrevia obedientemente, toda semana. Suas cartas eram curtas e respeitosas; as dela, longas, detalhadas e repletas de conselhos que ele poucas vezes terminava de ler.

Keating via Catherine Halsey de vez em quando. Não voltara para vê-la na

noite seguinte àquela, como prometera. Despertara, na manhã seguinte, recordara as coisas que lhe havia dito, e odiara-a por lhe ter dito aquelas coisas. Mas voltara para ela, uma semana depois. Ela não o havia repreendido, e eles não mencionaram o seu tio. Depois disso, passou a visitá-la a cada mês ou dois. Ficava feliz quando a via, mas nunca falava com ela sobre sua carreira.

Tentou falar sobre sua carreira com Howard Roark – a tentativa fracassou. Visitou-o duas vezes. Subiu, indignado, os cinco lances de escada até o apartamento de Roark. Cumprimentou-o animadamente. Esperava apoio, sem saber de que tipo, nem por que só poderia vir de Roark. Falou sobre seu emprego e perguntou ao outro, com sincera preocupação, sobre o escritório de Cameron. Roark ouviu-o, respondeu a todas as suas perguntas com boa vontade, mas Keating sentiu que malhava em ferro frio, nos olhos impassíveis de Roark, e que eles não estavam conversando, de forma alguma, sobre as mesmas coisas. Antes que a visita acabasse, Keating observou os punhos puídos da camisa de Roark, seus sapatos, o remendo no joelho de sua calça e sentiu-se satisfeito. Foi embora dando risada, mas estava terrivelmente inquieto, sem saber a razão. Jurou que nunca mais veria Roark, e se perguntou por que sabia que teria de vê-lo de novo.



– Bem – disse Keating –, não consegui exatamente convidá-la para almoçar, mas ela irá à exposição de Mawson comigo, depois de amanhã. E agora?

Estava sentado no chão, a cabeça apoiada na beirada de um sofá, os pés descalços esticados, vestindo um pijama de Guy Francon de cor verde-amarelada, que caía folgado sobre seu corpo.

Pela porta aberta do banheiro, via Francon diante da pia, sua barriga pressionada contra a beirada lustrosa, escovando os dentes.

– Esplêndido – disse Francon, com a boca cheia de espuma da pasta de dentes.

– Será tão bom quanto um almoço. Não percebe?

– Não.

– Deus do céu, Pete, eu lhe expliquei ontem, antes de começarmos. O marido da Sra. Dunlop está planejando construir uma casa para ela.

– Ah, é mesmo – disse Keating em voz baixa, afastando do rosto os cachos negros despenteados. – É mesmo... Agora me lembro... Nossa, Guy, que cabeça a minha!

Lembrava-se vagamente da festa a que Francon o levava, na noite anterior. Lembrava-se do caviar dentro de um iceberg oco, do vestido de gala de malha preta e do belo rosto da Sra. Dunlop, mas não conseguia recordar como fora parar no apartamento de Francon. Deu de ombros. Fora a muitas festas com o chefe, no último ano, e, assim, fora levado para lá com frequência.

– Não é uma casa muito grande – Francon estava dizendo, segurando a escova

de dentes dentro da boca. Ela criava uma protuberância em seu rosto, com o cabo verde saltando para fora. – Por volta de cinquenta mil, pelo que entendi. De qualquer forma, eles são peixes pequenos. Por outro lado, o cunhado da Sra. Dunlop é o Quimby – você sabe, o magnata dos imóveis. Não fará mal nenhum ter uma ponta de influência naquela família, absolutamente nenhum mal. Você tem que determinar quem ficará com o projeto, Pete. Posso contar com você?

– Claro – respondeu Keating, com a cabeça baixa. – Sempre pode contar comigo, Guy...

Permaneceu sentado, imóvel, observando os dedos dos seus pés descalços e pensando em Stengel, o projetista de Francon. Não queria pensar, mas sua mente pulou para ele automaticamente, como sempre fazia, porque aquele sujeito representava seu próximo passo.

Stengel era imune a amizades. Durante dois anos, as tentativas de Keating despedaçaram-se contra a barreira de gelo dos óculos de Stengel. O que ele pensava de Peter era sussurrado nas salas de desenho, mas poucos ousavam repetir, a não ser em citações. Stengel o dizia em voz alta, embora soubesse que as correções que seus esboços apresentavam quando voltavam para ele da sala de Francon eram feitas pela mão de Keating. Entretanto, Stengel tinha um ponto vulnerável: estava planejando, já há algum tempo, deixar Francon e abrir seu próprio escritório. Já escolhera um sócio, um jovem arquiteto sem nenhum talento mas com uma grande herança. O projetista-chefe estava apenas esperando uma oportunidade. Keating pensava muito nisso. Não conseguia pensar em outra coisa. Pensou nisso novamente, sentado ali no chão do quarto de Francon.

Dois dias depois, enquanto acompanhava a Sra. Dunlop pela galeria que exibia os quadros de um tal Frederic Mawson, seu plano de ação estava pronto. Ele a guiava através dos muitos visitantes espalhados pelo lugar, seus dedos por vezes fechando-se sobre o cotovelo dela, deixando que ela notasse seus olhos direcionados com mais frequência para seu rosto jovem do que para os quadros.

– Sim – disse ele, enquanto ela olhava obedientemente para uma paisagem destacando um depósito de sucata de carros e tentava compor em seu rosto o olhar de admiração que esperavam dela –, que obra magnífica. Repare nas cores, Sra. Dunlop... Dizem que esse rapaz, Mawson, passou por dificuldades terríveis. É a velha história, tentar obter reconhecimento. Velha e de partir o coração. É o mesmo em todas as artes, inclusive em minha profissão.

– É mesmo? – indagou a Sra. Dunlop, que parecia genuinamente preferir a arquitetura nesse momento.

– Veja isto – disse Keating, parando diante da pintura de uma velha feia, cutucando os pés descalços, em um meio-fio. – Isto é arte que representa um comentário social. É preciso uma pessoa de coragem para apreciá-la.

– É simplesmente maravilhosa – comentou a Sra. Dunlop.

– Ah, sim, coragem. É uma qualidade rara... Dizem que Mawson estava morrendo de fome em um sótão quando a Sra. Stuyvesant o descobriu. É glorioso poder ajudar um talento jovem a seguir seu caminho.

– Deve ser maravilhoso – concordou a Sra. Dunlop.

– Se eu fosse rico – declarou Keating, pensativo –, este seria o meu hobby: conseguir uma exposição para um artista novo, financiar o concerto de um novo pianista, mandar construir uma casa projetada por um novo arquiteto...

– Sabe, Sr. Keating, meu marido e eu estamos planejando construir uma casa pequena em Long Island.

– Ah, estão? Que encantador de sua parte, Sra. Dunlop, revelar tal coisa para mim. A senhora é tão jovem, se me perdoa dizê-lo. Não sabe que corre o risco de eu me tornar um estorvo e tentar fazê-la interessar-se por minha firma? Ou está segura e já escolheu um arquiteto?

– Não, não estou segura de forma alguma – retrucou a Sra. Dunlop de maneira encantadora –, e realmente não me importaria de correr o risco. Pensei muito na firma Francon & Heyer, nesses últimos dias. E ouvi dizer que são extremamente bons.

– Ora, obrigado, Sra. Dunlop.

– O Sr. Francon é um grande arquiteto.

– Ah, sim.

– Qual é o problema?

– Nada. Nada mesmo.

– Insisto, qual é o problema?

– Quer mesmo que eu lhe diga?

– Ora, certamente.

– Bem, sabe, Guy Francon é apenas um nome. Ele não teria nenhuma participação em sua casa. É um segredo profissional que eu não deveria revelar, mas não sei o que a senhora tem que me faz querer ser honesto. Todos os melhores prédios de nosso escritório são projetados pelo Sr. Stengel.

– Quem?

– Claude Stengel. Nunca ouviu esse nome, mas ouvirá, quando alguém tiver a coragem de descobri-lo. É ele que faz todo o trabalho, ele é o verdadeiro gênio nos bastidores, mas Francon coloca sua assinatura nos trabalhos e recebe todos os créditos. É assim que se faz em todos os lugares.

– Mas por que o Sr. Stengel aceita isso?

– O que ele pode fazer? Ninguém lhe dá uma chance de começar. A senhora sabe como é a maioria das pessoas, apegam-se ao habitual, pagam um preço três vezes mais alto pela mesma coisa, apenas para ter a marca registrada. Coragem, Sra. Dunlop, falta-lhes coragem. Stengel é um grande artista, mas há muito poucas pessoas com discernimento para perceber isso. Ele está pronto para começar sua própria carreira, só precisa encontrar alguém fabuloso como a Sra.

Stuyvesant, que lhe dê uma chance.

– É mesmo? – perguntou a Sra. Dunlop. – Que interessante! Conte-me mais.

Ele lhe contou muito mais. Quando chegaram ao fim do exame dos trabalhos de Frederic Mawson, a Sra. Dunlop estava apertando a mão de Keating e dizendo:

– É tão gentil, tão inusitadamente gentil de sua parte. Tem certeza de que não lhe causará nenhum constrangimento em seu escritório se conseguir que eu seja apresentada ao Sr. Stengel? Eu não ousei sugerir e o senhor foi tão gentil por não ficar zangado comigo. É tão generoso de sua parte, e mais do que qualquer um teria feito, em sua posição.

Quando Keating abordou Stengel sugerindo um almoço, o projetista-chefe ouviu-o sem dizer uma palavra. Em seguida, ergueu a cabeça e perguntou rispidamente:

– O que você ganha com isso?

Antes que Keating pudesse responder, Stengel jogou a cabeça para trás, como quem tem uma ideia repentina.

– Ah – disse Stengel. – Já entendi.

Inclinou-se para a frente, sua boca contraída de desdém:

– Está bem. Eu irei a esse almoço.

Quando Stengel deixou a Francon & Heyer para abrir seu próprio escritório e levar adiante a construção da residência Dunlop, seu primeiro projeto, Guy Francon espatifou uma régua contra a beirada de sua escrivaninha e vociferou para Keating:

– O desgraçado! Que sujeito desprezível! Depois de tudo o que eu fiz por ele.

– O que esperava? – perguntou Keating, esparramado em uma poltrona baixa diante dele. – A vida é assim.

– O que não consigo entender é: como aquele ordinário ficou sabendo? Pegar o projeto assim, bem nas nossas barbas!

– Bem, eu nunca confiei nele, de qualquer maneira. – Keating deu de ombros. – A natureza humana...

A amargura em sua voz era sincera. Peter não recebera nenhuma gratidão de Stengel. O comentário de despedida dele fora apenas:

– Você é um filho da mãe ainda pior do que achei que fosse. Boa sorte. Será um grande arquiteto, algum dia.

E, assim, Keating assumiu o cargo de projetista-chefe da Francon & Heyer.

Francon comemorou a ocasião com uma pequena e modesta orgia, em um restaurante pequeno e muito caro.

– Daqui a uns dois anos – repetia ele, sem parar –, daqui a uns dois anos, você verá as coisas acontecerem, Pete... Você é um bom rapaz e eu gosto de você, e farei coisas por você... Já não fiz coisas por você? Você vai subir na vida, Pete... daqui a uns dois anos.

– Sua gravata está torta, Guy – comentou Keating secamente –, e você está derramando brandy em seu colete...

Ao enfrentar sua primeira tarefa como projetista, Keating pensou em Tim Davis, em Stengel, em muitos outros que quiseram esse cargo, que haviam lutado por ele, tentado e sido derrotados – por ele. Era um sentimento de triunfo. Era uma afirmação tangível de sua grandeza. De repente, viu-se em sua sala rodeada de vidro, contemplando uma folha de papel em branco – sozinho. Algo em sua garganta rolou para seu estômago, frio e oco, a velha sensação do buraco se abrindo. Apoiou-se na mesa, fechando os olhos. Nunca antes lhe parecera verdadeiramente real que isto era, de fato, o que se esperava dele: que preenchesse uma folha de papel, que criasse algo em uma folha de papel.

Era apenas uma pequena casa. Porém, em vez de vê-la erguendo-se diante dele, Keating a via afundando. Via sua forma como um buraco no chão, e como um buraco dentro de si – como um vazio, contendo apenas Davis e Stengel tagarelando inutilmente lá dentro. Francon lhe dissera, com relação à casa:

– Deve ter dignidade, sabe, dignidade... nada excêntrico... uma estrutura elegante... E fique dentro do orçamento – o que, na concepção de Francon, era o mesmo que dar ideias a seu projetista e deixá-lo desenvolvê-las.

Em meio a um torpor frio, Keating pensou nos clientes rindo na sua cara. Ouviu a voz fina e onipotente de Ellsworth Toohey chamando sua atenção para as oportunidades disponíveis a alguém como ele na área de encanamentos. Odiou cada fragmento de rocha na face da Terra. Odiou a si mesmo por ter escolhido ser arquiteto.

Quando começou a desenhar, tentou não pensar no trabalho que estava fazendo. Pensava apenas que Francon já havia feito isso, e Stengel, até mesmo Heyer, e todos os outros, e que, se eles haviam feito, ele podia fazer também.

Gastou muitos dias em seus esboços preliminares. Passava longas horas na biblioteca da Francon & Heyer, selecionando, entre fotografias clássicas, a aparência de sua casa. Sentiu a tensão desvanecendo-se em sua mente. Estava certa e boa, aquela casa que crescia sob sua mão, porque os homens ainda adoravam os mestres que a haviam feito antes dele. Keating não precisava questionar, temer ou correr riscos; isso já havia sido feito para ele.

Quando o projeto ficou pronto, observou-o com insegurança. Se lhe dissessem que essa era a melhor casa do mundo, ou a mais feia, ele concordaria com qualquer uma das opiniões. Não tinha certeza. Precisava ter certeza. Pensou em Stanton, e com o que havia contado quando fazia seus projetos lá. Telefonou para o escritório de Cameron e pediu para falar com Howard Roark.

Foi à casa dele, naquela noite, e estendeu diante dele as plantas, as cotas e a perspectiva de seu primeiro prédio. Roark inclinou-se sobre o projeto, com os braços esticados e afastados, as mãos apoiadas na beirada da mesa, e não disse nada por um longo tempo.

Keating esperava, ansioso. Sentia a raiva crescer junto com sua ansiedade, porque não conseguia encontrar motivo para estar tão ansioso. Quando já não aguentava mais, falou:

– Sabe, Howard, todo mundo diz que Stengel é o melhor projetista da cidade, e não acho que ele estivesse realmente pronto para pedir demissão, mas eu o forcei a fazer isso e tomei o lugar dele. Tive de ser muito esperto para conseguir isso, eu...

Interrompeu-se. Não soou como algo inteligente e digno de orgulho, como teria soado em qualquer outro lugar. Soou como uma súplica.

Roark virou-se e o fitou. Seus olhos não demonstravam desprezo, estavam apenas um pouco mais arregalados que de costume, atentos e perplexos. Não disse nada e voltou-se novamente para as plantas.

Keating sentia-se nu. Davis, Stengel e Francon não significavam nada ali. As pessoas eram sua proteção contra as pessoas. Roark não tinha nenhuma noção das pessoas. Os outros davam a Keating uma sensação de seu próprio valor. Roark não lhe dava nada. Keating pensou que deveria pegar seu projeto e sair correndo. O perigo não era Roark. O perigo era que ele, Keating, permanecesse.

Roark virou-se para ele.

– Você gosta de fazer este tipo de coisa, Peter? – indagou.

– Ah, já sei – disse Keating, com voz estridente. – Sei que você não aprova, mas isto é um negócio, só quero saber o que você acha, pelo lado *prático*, não filosófico, não...

– Não, não vou lhe dar um sermão. Estava apenas curioso.

– Se você pudesse me ajudar, Howard, se pudesse apenas me ajudar um pouco. É a minha primeira casa, significa tanto para mim no escritório, e não estou seguro. O que me diz? Vai me ajudar, Howard?

– Está bem.

Roark atirou para o lado o esboço da fachada graciosa, com as pilastras caneladas, os frontões partidos, os feixes de varas romanos acima das janelas e as duas águias do Império na entrada. Ergueu as plantas. Pegou uma folha de papel transparente, colocou-a por cima da planta e começou a desenhar. Keating ficou observando o lápis na mão de Roark. Viu desaparecerem seu vestibulo imponente, seus corredores retorcidos, seus cantos sem luz; viu uma sala de estar imensa ampliar-se no espaço que ele havia considerado limitado demais; uma parede de janelas gigantescas com vista para o jardim, uma cozinha espaçosa. Keating observou durante muito tempo.

– E a fachada? – perguntou, quando Roark largou o lápis.

– Não posso ajudá-lo com isso. Se tem que fazê-la clássica, torne-a uma clássica boa, pelo menos. Não precisa de três pilastras onde uma é suficiente. E tire esses patos da porta, é um exagero.

Keating sorriu para ele, agradecido, ao sair com as plantas debaixo do braço.

Desceu as escadas, magoado e zangado. Trabalhou durante três dias, fazendo novas plantas baseadas nos esboços de Roark, e uma cota nova e mais simples. E apresentou sua casa a Francon com um gesto orgulhoso que pareceu um floreio.

– Bem – disse Francon, examinando-a –, bem, tenho que admitir! Que imaginação você tem, Peter... Eu me pergunto... É um pouco ousada, mas será que... – ele tossiu e acrescentou: – É precisamente o que eu tinha em mente.

– É lógico – concordou Keating. – Eu estudei os seus prédios e tentei pensar no que você faria, e, se está boa, é porque acho que sei como captar suas ideias.

Francon sorriu. E Keating pensou, repentinamente, que o chefe não acreditava realmente nisso e sabia que Keating também não acreditava e, no entanto, os dois estavam satisfeitos, ainda mais unidos por um método comum e por uma culpa comum.



A carta sobre a escrivadinha de Cameron lhe informava, com pesar, que, após criteriosa avaliação, o conselho de reitores da Security Trust Company não pudera aceitar seu projeto para a construção do edifício da nova filial da companhia em Astoria, e que o projeto fora dado à firma Gould & Pettingill. Um cheque fora enviado junto com a carta, como pagamento por seus desenhos preliminares, conforme combinado. A quantia não era suficiente para cobrir as despesas relacionadas à criação desses desenhos.

A correspondência jazia aberta sobre a escrivadinha. Cameron estava sentado diante dela, afastado, sem encostar no móvel, suas mãos unidas sobre o colo, as costas de uma mão dentro da palma da outra, os dedos tensos. Era apenas um pequeno pedaço de papel, mas Cameron permanecia ali, encolhido e paralisado, porque o papel parecia ser uma coisa sobrenatural, como rádio, lançando raios que o machucariam se ele se mexesse e expusesse sua pele a eles.

Durante três meses, ele esperara ser contratado para desenvolver um projeto para a Security Trust Company. Uma após outra as chances que haviam surgido diante dele, entre longas pausas nos últimos dois anos, desvaneceram, surgindo como promessas vagas, dissipando-se em recusas firmes. Ele tivera que demitir um de seus projetistas havia muito tempo. O senhorio fizera perguntas, de maneira educada a princípio, depois secamente, e então grosseira e abertamente. Mas ninguém no escritório se importara com aquilo, nem com os atrasos habituais nos salários: eles contavam com o projeto da Security Trust Company. O vice-presidente, que pedira a Cameron que fizesse as plantas, dissera:

– Eu sei que alguns dos diretores não terão a mesma opinião que eu, mas vá em frente, Cameron. Corra o risco comigo e eu lutarei por você.

Cameron correria o risco. Ele e Roark haviam trabalhado arduamente para aprontar as plantas a tempo, antes do prazo, antes que a Gould & Pettingill

pudesse entregar a dela. Pettingill era primo da esposa do presidente do banco e uma autoridade famosa no estudo das ruínas de Pompeia. O presidente do banco era admirador fervoroso de Júlio César e, certa vez, quando estava em Roma, passara uma hora e quinze minutos fazendo uma visita reverenciosa ao Coliseu.

Cameron e Roark, acompanhados de um bule de café preto, haviam morado no escritório, atravessando madrugadas gélidas trabalhando, durante dias a fio, e Cameron pensara involuntariamente na conta de luz, mas forçara-se a esquecê-la. As luzes ainda estavam acesas na sala de desenho de manhã bem cedo, quando ele mandava Roark ir buscar sanduíches. O jovem deparava com manhãs cinzentas nas ruas, enquanto ainda era noite no escritório, cujas janelas davam para um muro alto de tijolos. No último dia, foi Roark que mandou Cameron ir para casa depois da meia-noite, pois as mãos do arquiteto tinham espasmos e seus joelhos buscavam constantemente o apoio do elevado banco de desenho, sustentando-se nele com uma precisão lenta, cuidadosa e repulsiva. Roark colocara-o em um táxi e, sob a luz de um poste de rua, Cameron vira o rosto cansado do jovem projetista, os olhos mantendo-se abertos com esforço, os lábios secos. Na manhã seguinte, Cameron entrara na sala de desenho e encontrara o bule de café no chão, tombado de lado sobre uma poça negra, e a mão de Roark na poça, com a palma voltada para cima, os dedos meio fechados, o corpo estendido no chão, a cabeça caída para trás, dormindo profundamente. Sobre a mesa, Cameron encontrara as plantas, concluídas...

Ficou olhando para a carta sobre sua escrivania. A degradação estava no fato de que ele não conseguia pensar nas noites passadas, nem no prédio que deveria ter se erguido em Astoria e no edifício que agora tomaria o seu lugar; estava no fato de que ele pensava apenas na conta de luz que não fora paga...

Nesses últimos dois anos, Cameron desaparecera de seu escritório por semanas a fio, sem que Roark o encontrasse em casa, e Roark entendera o que estava acontecendo, mas só podia esperar, torcendo para que Cameron voltasse em segurança. Depois, Cameron perdera até mesmo a vergonha de sua agonia, e viera ao escritório, cambaleando, sem reconhecer ninguém, abertamente bêbado, exibindo seu estado perante as paredes do único lugar do mundo que havia respeitado.

Roark aprendeu a enfrentar seu próprio senhorio com a afirmação serena de que não poderia pagá-lo por mais uma semana. O senhorio tinha medo dele e não insistia. Peter Keating ficou sabendo, de alguma forma, como sempre ficava sabendo de tudo o que queria saber. Uma noite, foi à casa sem aquecimento de Roark e sentou-se, sem tirar o sobretudo. Sacou a carteira, tirou de dentro dela cinco notas de dez dólares e as entregou a Roark.

– Você está precisando, Howard. Sei que está precisando. Não comece a protestar. Pode me pagar quando quiser.

Roark olhou para ele, atônito, e aceitou o dinheiro, dizendo:

– Sim, estou precisando. Obrigado, Peter.

Então Keating disse:

– Que diabos você está fazendo, desperdiçando sua vida com o velho Cameron? Por que quer viver desse jeito? Peça demissão, Howard, e junte-se a nós. É só eu falar. Francon ficará encantado. Nós lhe daremos um salário inicial de sessenta dólares por semana.

Roark tirou o dinheiro do bolso e devolveu-o a Keating.

– Pelo amor de Deus, Howard! Eu... não quis ofendê-lo.

– Eu também não.

– Por favor, Howard, fique com o dinheiro mesmo assim.

– Boa noite, Peter.

Roark estava pensando nisso quando Cameron entrou na sala de desenho, segurando a carta da Security Trust Company. Deu a carta a ele, sem dizer uma palavra, virou-se e retornou à sua sala. O jovem leu a mensagem e seguiu-o. Sempre que perdiam mais um projeto, Roark sabia que Cameron queria vê-lo em sua sala, mas não para falar disso, apenas para vê-lo ali, para conversar sobre outras coisas, para apoiar-se na segurança tranquilizadora de sua presença.

O jovem projetista viu, em cima da escrivaninha de Cameron, uma cópia do *New York Banner*.

Era o principal jornal da grande cadeia de publicações Wynand, um veículo de comunicação que ele esperaria ver em uma cozinha, em um barbeiro, em uma sala de visitas de terceira categoria, no metrô, em qualquer lugar, exceto na sala de Cameron. O arquiteto o viu olhando para o jornal e sorriu.

– Eu o comprei hoje de manhã, quando vinha para cá. Engraçado, não? Eu não sabia que iríamos... receber essa carta hoje. Entretanto, parece apropriado que estejam juntos, este jornal e essa carta. Não sei por que o comprei. Um senso de simbolismo, suponho. Dê uma olhada nele, Howard. É interessante.

Roark folheou o jornal. A primeira página exibia a fotografia de uma mãe solteira, com lábios grossos reluzentes, que matara seu amante. A foto encabeçava a primeira parte de sua autobiografia e um relato detalhado de seu julgamento. As outras páginas continham uma campanha contra as empresas de serviços públicos, um horóscopo diário, trechos de sermões de igrejas, receitas para jovens esposas, fotografias de garotas com pernas bonitas, conselhos sobre como segurar um marido, um concurso de bebês, um poema declarando que lavar pratos era mais nobre do que compor uma sinfonia, um artigo provando que as mulheres que pariam um filho tornavam-se, automaticamente, santas.

– Esta é a nossa resposta, Howard. É a resposta dada a você e a mim. Este jornal. O fato de ele existir e ser apreciado. Dá para lutar contra isso? Você tem alguma palavra que possa ser ouvida e compreendida por isso? Eles não deveriam ter nos enviado a carta, deveriam ter nos enviado uma cópia do *Banner* de Wynand. Seria mais simples e mais claro. Você sabia que, em poucos anos,

esse filho da mãe incrível do Gail Wynand governará o mundo? Será um mundo lindo. E talvez ele esteja certo.

Cameron segurou o jornal estendido na palma de sua mão.

– Dar-lhes o que querem, Howard, e deixá-los venerá-lo por isso, por lamber seus pés, ou... ou o quê? De que adianta? Mas não importa, nada importa, nem mesmo o fato de que já não importa mais para mim tem importância...

Olhou para Roark e acrescentou:

– Se eu ao menos conseguisse aguentar até poder preparar você para trabalhar por conta própria, Howard...

– Não fale sobre isso.

– Quero falar sobre isso... É engraçado, Howard, na próxima primavera fará três anos que você está aqui. Parece que faz muito mais tempo, não? E então, eu lhe ensinei alguma coisa? Eu lhe digo: ensinei-lhe muito e nada. Ninguém pode lhe ensinar nada, não na essência, na fonte de tudo. O que você está fazendo é seu, não meu. Apenas posso lhe ensinar a fazê-lo melhor. Posso lhe dar os meios, mas a meta é toda sua. Você não será um mero discípulo, erguendo pequenos edifícios anêmicos no estilo do início da era jacobina ou do fim da era Cameron. O que você será... quem me dera poder viver para ver!

– Você viverá para ver. E sabe disso agora.

Cameron permaneceu de pé, olhando para as paredes nuas de sua sala, para as pilhas brancas de contas sobre sua escrivaninha, para a chuva impregnada de fuligem que escorria lentamente pelos vidros das janelas.

– Não tenho nenhuma resposta para lhe dar, Howard. Vou deixar que você os enfrente. Você responderá a eles. A todos eles, aos jornais de Wynand, ao que torna possível a existência deles e ao que está por trás de tudo isso. É uma missão estranha para lhe dar. Não sei qual deve ser a nossa resposta. Sei apenas que existe uma e que você a tem, que você é a resposta, Howard, e, um dia, encontrará as palavras para formulá-la.

SERMÕES EM PEDRA, de Ellsworth Toohey, foi publicado em janeiro de 1925.

Tinha uma capa desagradável, azul-escura, com letras simples prateadas e uma pirâmide prateada em um dos cantos. O subtítulo era “Arquitetura para todos” e o livro obteve um sucesso estrondoso. Apresentava a história completa da arquitetura, das choupanas de barro aos arranha-céus, em linguagem popular, porém fazia com que essa linguagem parecesse científica. O autor declarou em seu prefácio que o livro era uma tentativa “de trazer a arquitetura para o seu devido lugar – para o povo”. Afirmou também que seu desejo era ver o homem comum “pensar e falar sobre arquitetura como fala sobre beisebol”. Ele não aborreceu os leitores com as tecnicidades das Cinco Ordens, da estaca e do dintel, da escora pendente ou do concreto armado. Preencheu suas páginas com relatos agradáveis sobre o cotidiano da governanta do Egito, do sapateiro romano, da amante de Luís XIV, sobre o que comiam, como se lavavam, onde faziam suas compras e que efeito seus prédios tinham sobre sua existência. No entanto, deu a seus leitores a impressão de que estavam aprendendo tudo o que deveriam saber sobre as Cinco Ordens e o concreto armado. Deu a eles a impressão de que não havia nenhum problema, nenhuma conquista, nenhum pensamento além daqueles presentes na rotina diária comum de pessoas tão anônimas no passado quanto o eram no presente; que a ciência não possuía nenhum objetivo ou expressão além de sua influência nessa rotina; que, no mero ato de viver através de seus dias sem importância, os leitores representavam e atingiam todos os objetivos mais altos de qualquer civilização. Sua precisão científica era impecável e sua erudição, espantosa. Ninguém poderia contestar seu conhecimento dos utensílios culinários da Babilônia, ou dos capachos de Bizâncio. Escrevia com o brilho e as cores de um observador de primeira mão. Não se arrastou com esforço através dos séculos – bailou, como comentaram os críticos, pela rota dos tempos, como um bobo da corte, um amigo e um profeta.

Disse que a arquitetura era verdadeiramente a maior das artes, porque era anônima, como é toda grandeza. Disse que o mundo tinha muitas construções famosas, mas poucos construtores renomados, e era assim que deveria ser, uma vez que nenhum homem jamais criara nada importante em arquitetura, nem em qualquer outra área. Os poucos cujos nomes persistiram eram, na verdade, impostores que roubaram a glória do povo, como outros se apossaram de suas riquezas. “Quando fitamos o esplendor de um monumento antigo e atribuímos a sua criação a um único homem, somos culpados de fraude espiritual. Nós nos esquecemos do exército de artesãos, desconhecidos e não glorificados, que o precederam através da escuridão dos tempos, que labutaram humildemente – todo heroísmo é humilde –, cada um dando sua pequena contribuição ao tesouro comum de sua época. Uma grande construção não é a invenção particular desse

ou daquele gênio. É, simplesmente, a fusão do espírito de um povo.”

Ele explicou que a decadência da arquitetura ocorrera quando a propriedade privada substituiu o espírito comunal da Idade Média, e que o egoísmo dos proprietários individuais – que construíam sem nenhum propósito além da satisfação de seu próprio mau gosto, pois “toda reivindicação por um gosto individual é de mau gosto” – destruiu o efeito planejado das cidades. Demonstrou que o livre-arbítrio não existia, uma vez que os impulsos criativos das pessoas eram determinados, como tudo o mais, pela estrutura econômica da época em que viviam. Expressou admiração por todos os grandes estilos históricos, porém advertiu contra serem misturados de maneira desenfreada. Rejeitou a arquitetura moderna, alegando: “Até agora, ela não representou nada, exceto o capricho de indivíduos isolados, não teve relação alguma com nenhum movimento de massa significativo e espontâneo e, como tal, não tem nenhuma importância.” Previu que haveria um mundo melhor, em que todos os homens seriam irmãos e seus prédios se tornariam harmoniosos e iguais, seguindo a grande tradição da Grécia, “a Mãe da Democracia”. Quando escreveu isso, conseguiu transmitir – sem nenhuma diminuição perceptível na calma imparcial de seu estilo – que as palavras agora impressas de forma ordenada haviam se apresentado indistintas no manuscrito, por terem sido escritas por uma mão que estremecia de emoção. Convocou os arquitetos a abandonarem sua busca egoísta pela glória individual e a dedicarem-se à personificação do estado de espírito do seu povo. “Os arquitetos são servos, não líderes. Sua função não é afirmar seus pequenos egos, mas sim revelar a alma de seu país e o ritmo de sua época. Sua função não é seguir os delírios de suas fantasias pessoais, mas sim buscar o denominador comum, que aproximará seu trabalho dos corações das massas. Arquitetos – ah, meus amigos, não cabe a eles pensar no porquê. Não cabe a eles comandar, mas ser comandados.”

As propagandas de *Sermões em pedra* incluíam citações dos críticos: “Magnífico!” “Uma realização extraordinária!” “Sem paralelos em toda a história da arte!” “Sua oportunidade de familiarizar-se com um homem fascinante e um profundo pensador.” “Leitura obrigatória para qualquer um que aspire ao título de intelectual.”

Parecia haver muitos que desejavam tal título. Os leitores adquiriram erudição sem estudo, autoridade sem custo, julgamento sem esforço. Era agradável observar prédios e criticá-los com um maneirismo profissional e com a lembrança da página 439, participar de discussões artísticas, trocar as mesmas frases, escolhidas nos mesmos parágrafos. Em salas de visitas distintas, logo se ouvia dizer: “Arquitetura? Ah, sim, Ellsworth Toohey.”

Seguindo seus princípios, Ellsworth M. Toohey não citou pelo nome nenhum arquiteto no texto de seu livro – “o método da pesquisa histórica que constrói mitos e se concentra na adoração a heróis sempre me pareceu detestável”. Os

nomes apareciam somente em notas de rodapé. Muitas delas referiam-se a Guy Francon, “que demonstra uma tendência ao uso exagerado de ornamentos, mas que deve ser louvado por sua lealdade à tradição severa do classicismo”. Uma nota fazia referência a Henry Cameron, “ilustre, em tempos passados, como um dos pais da chamada escola moderna de arquitetura e, desde então, relegado a um merecido esquecimento. *Vox populi vox dei*”.

Em fevereiro de 1925, Henry Cameron aposentou-se.

Fazia um ano que ele sabia que esse dia chegaria. Não falara sobre o assunto com Roark, mas ambos sabiam e prosseguiram, sem esperar nada, a não ser continuar enquanto ainda fosse possível. Uns poucos projetos haviam pingado em seu escritório, no último ano: chalés no campo, garagens, reformas de prédios antigos. Eles aceitavam qualquer coisa. Mas os pingos pararam. Os canos secaram. A água fora desligada por uma sociedade à qual Cameron nunca pagara a sua conta.

Simpson e o velho da recepção haviam sido demitidos havia muito tempo. Somente Roark permaneceu. Sentava-se quieto nas noites de inverno e olhava para o corpo de Cameron curvado sobre sua escrivaninha, os braços esticados para a frente, a cabeça sobre os braços, uma garrafa brilhando sob o abajur.

Então, em um dia de fevereiro, quando Cameron já não tocava em álcool havia semanas, ao tentar alcançar um livro em uma estante, ele caiu aos pés de Roark de forma repentina, simples e final. O jovem projetista levou-o para casa e o médico declarou que qualquer tentativa de sair da cama seria a sentença de morte de que Cameron precisava. Cameron sabia disso. Ficou recostado no travesseiro, imóvel, suas mãos repousando obedientes, uma de cada lado do corpo, seus olhos vazios, sem pestanejar. Disse:

– Você fecha o escritório para mim, Howard?

– Sim – respondeu Roark

Cameron fechou os olhos e não disse mais nada, e Roark ficou a noite toda ao seu lado, sem saber se o velho dormia ou não.

Uma irmã de Cameron surgiu de algum lugar. Era uma velhinha meiga, de cabelos brancos, mãos trêmulas e um rosto que nunca poderia ser lembrado, quieta, resignada e docemente impotente. Tinha uma renda escassa e assumiu a responsabilidade de levar o irmão para sua casa em Nova Jersey. Nunca se casara e não tinha mais ninguém no mundo. Não ficou feliz nem entristecida com a responsabilidade. Fazia muitos anos que perdera toda a capacidade de sentir qualquer emoção.

No dia de sua partida, Cameron entregou a Roark uma carta que escrevera durante a noite, dolorosamente, com uma velha prancheta de desenho sobre os joelhos e as costas apoiadas em um travesseiro. A carta era endereçada a um arquiteto ilustre e apresentava Roark como candidato a um emprego. Roark a leu e, com os olhos fixos em Cameron, não em suas próprias mãos, rasgou-a, dobrou

os pedaços e rasgou-os uma vez mais.

– Não – disse Roark – Você não vai lhes pedir nada. Não se preocupe comigo.

Cameron acenou com a cabeça, concordando, e ficou em silêncio por muito tempo. Então disse:

– Feche o escritório, Howard. Deixe que fiquem com a mobília, como pagamento do aluguel. Mas tire o desenho que está na parede da minha sala e mande-o para mim. Só isso. Queime todo o resto. Todos os papéis, arquivos, plantas, contratos, tudo.

– Está bem – concordou Roark.

A Srta. Cameron chegou com os enfermeiros e a maca, e foram todos de ambulância até a balsa. Na entrada da balsa, Cameron disse a Roark:

– Volte agora. – Em seguida, acrescentou: – Venha me visitar, Howard. Não com muita frequência...

Roark virou-se e saiu andando, enquanto carregavam Cameron para o pier. Era uma manhã cinzenta e pairava no ar o cheiro frio e podre do mar. Uma gaviota deu um voo rasante sobre a rua, cinza como uma folha de jornal flutuando diante de uma esquina de pedra úmida riscada.

Naquela noite, Roark foi ao escritório fechado de Cameron. Não acendeu as luzes, e sim o fogo no aquecedor Franklin, na sala do arquiteto, e esvaziou gaveta após gaveta sobre as chamas, sem olhar para elas. Os papéis crepitavam asperamente no silêncio e um leve odor de mofo surgiu na sala escura. O fogo sibilava, crepitando, saltando em labaredas luminosas. De vez em quando, um floco branco de pontas queimadas flutuava para longe das chamas. Roark o empurrava de volta ao fogo com a ponta de uma régua de aço.

Havia desenhos dos prédios famosos de Cameron, e de prédios nunca construídos; plantas com as finas linhas brancas representando as vigas mestras que ainda existiam em algum lugar; contratos com assinaturas famosas e, às vezes, por entre o brilho avermelhado, reluzia um valor de sete dígitos, escrito em um papel amarelado. Reluzia e caía, em uma fraca cascata de faíscas.

Do meio de umas cartas em uma velha pasta, um recorte de jornal flutuou para o chão. Roark apanhou-o. Estava seco, quebradiço e amarelado, e rasgou-se nas dobras, entre seus dedos. Era uma entrevista dada por Henry Cameron, datada de 7 de maio de 1892. Dizia: “A arquitetura não é um negócio, não é uma carreira, mas sim uma cruzada e uma consagração a uma alegria que justifica a existência da Terra.” Jogou o recorte no fogo e pegou outra pasta.

Recolheu cada toco de lápis da escrivaninha de Cameron e também atirou-os ao fogo.

Ficou parado perto do aquecedor. Não se mexia, não olhava para baixo. Sentia o movimento das brasas, um frágil estremecimento na periferia de sua visão. Olhou para o desenho do arranha-céu que nunca fora construído, pendurado na parede à sua frente.



Era o terceiro ano de Peter Keating na Francon & Heyer. Ele mantinha a cabeça erguida, o corpo ereto, com uma altivez estudada. Parecia a foto de um jovem bem-sucedido em uma propaganda de navalhas de barbear caras ou de carros de preço médio.

Vestia-se bem e observava as pessoas reparando nele. Tinha um apartamento perto da Park Avenue, modesto porém moderno, e comprou três gravuras valiosas, assim como a primeira edição de um clássico que nunca chegou a ler, ou sequer abrir, desde que o adquirira. Ocasionalmente, acompanhava clientes à Metropolitan Opera. Apareceu, certa vez, em um Baile das Artes à fantasia e causou furor com seu traje de lapidário medieval, de veludo vermelho. Foi mencionado em uma nota sobre o evento, na seção da alta sociedade – a primeira vez que seu nome apareceu publicado –, e guardou o recorte.

Esquecera-se de seu primeiro prédio, do temor e da dúvida durante a sua criação. Aprendera que era muito simples. Seus clientes aceitariam qualquer coisa, desde que lhes desse uma fachada imponente, uma entrada majestosa e uma sala de visitas digna da realeza, com as quais pudessem impressionar suas visitas. Todos ficavam satisfeitos: Keating não se importava, contanto que seus clientes ficassem impressionados; os clientes não se importavam, contanto que os convidados ficassem impressionados; e os convidados não se importavam de qualquer maneira.

A Sra. Keating alugou sua casa em Stanton e foi morar com ele em Nova York. Ele não a queria, mas não pôde rejeitá-la – porque era sua mãe e porque aceitá-la era o comportamento esperado dele. Recebeu-a com algum entusiasmo. Pelo menos poderia impressioná-la com sua ascensão no mundo. Ela não ficou impressionada. Inspeccionou seus quartos, suas roupas, seus talões de cheques e disse apenas:

– Serve, Petey. Por enquanto.

Ela fez uma visita ao seu escritório e saiu depois de meia hora. Naquela noite, ele teve que se sentar quieto, apertando e estalando os nós dos dedos, durante uma hora e meia, enquanto ela lhe dava conselhos:

– Aquele rapaz, o Whithers, estava vestindo um terno muito mais caro do que o seu, Petey. Isso não pode acontecer. Você tem que cuidar de seu prestígio diante daqueles garotos. O baixinho que lhe trouxe as plantas, não gostei da maneira como ele falou com você... Ah, não é nada, eu só ficaria de olho nele... O do nariz comprido não é seu amigo... Não ligue, eu apenas sei... Cuidado com aquele que chamaram de Bennett. Eu me livraria dele, se fosse você. Ele é ambicioso. Eu conheço os sinais...

E então ela perguntou:

– Guy Francon... Ele tem filhos?

– Uma filha.

– Ah – quis saber a Sra. Keating –, como ela é?

– Eu nunca a vi.

– Francamente, Peter – ela o repreendeu –, é uma atitude absolutamente grosseira com o Sr. Francon se você não fez nenhum esforço para conhecer a família dele.

– Ela faz faculdade em outra cidade. Vou conhecê-la um dia. Está ficando tarde, mãe, e tenho muito trabalho a fazer amanhã...

Entretanto, ele pensou no assunto naquela noite e no dia seguinte. Pensara nisso antes, e com frequência. Sabia que a filha de Francon já se formara havia muito tempo e agora trabalhava no *Banner*, no qual escrevia uma pequena coluna sobre decoração de interiores. Não conseguira descobrir mais nada sobre ela. Ninguém no escritório parecia conhecê-la. Francon nunca falava dela.

No dia seguinte, durante o almoço, Keating decidiu abordar o assunto.

– Ouvi falar coisas muito boas sobre a sua filha – disse a Francon.

– *Onde* ouviu falar coisas boas sobre ela? – perguntou Francon de modo ameaçador.

– Ah, bem, sabe como é, são coisas que se escuta por aí. E ela escreve de forma brilhante.

– Sim, ela escreve de forma brilhante. – A boca de Francon se fechou subitamente.

– É sério, Guy, eu adoraria conhecê-la.

Francon olhou para ele e suspirou fundo.

– Você sabe que ela não mora comigo – disse. – Ela tem o seu próprio apartamento. Nem tenho certeza se me lembro do endereço... Bem, acho que você vai conhecê-la algum dia. Você não vai gostar dela, Peter.

– Ora, por que diz isso?

– É uma daquelas coisas, Peter. Acho que sou um fracasso total como pai... Conte-me, Peter, o que a Sra. Mannering disse sobre a nova composição da escadaria?

Keating ficou zangado, decepcionado – e aliviado. Olhou para a figura atarracada de Francon e perguntou-se que aparência sua filha teria herdado para merecer uma reprovação tão óbvia do pai. *Rica e feia como a peste, como a maioria delas*, concluiu. Pensou que esse fato não deveria necessariamente detê-lo, talvez algum dia... Só estava feliz que tal dia fosse adiado. Pensou, com renovada avidez, que iria visitar Catherine essa noite.

A Sra. Keating conhecera Catherine em Stanton. Torcera para que Peter a esquecesse. Agora sabia que ele não a havia esquecido, embora raramente falasse sobre a moça e nunca a trouxesse a sua casa. A Sra. Keating não mencionava Catherine pelo nome, mas tagarelava sobre garotas sem vintém que se apegavam a rapazes brilhantes, e sobre rapazes de futuro promissor cujas

carreiras haviam sido arruinadas por se casarem com a mulher errada. E lia para ele todas as reportagens nos jornais sobre celebridades que se divorciavam de suas esposas plebeias, que não conseguiam corresponder às expectativas de suas posições ilustres.

Keating pensou, enquanto caminhava para a casa de Catherine, naquela noite, sobre as poucas vezes em que a tinha visto. Foram ocasiões tão sem importância, mas eram os únicos dias de que ele se lembrava, de toda a sua vida em Nova York.

Quando ela o conduziu para dentro, ele encontrou, no meio da sala do tio dela, uma bagunça de cartas espalhadas pelo tapete, uma máquina de escrever portátil, jornais, tesouras, caixas e um pote de cola.

– Meu Deus! – exclamou Catherine, caindo dura de joelhos no meio da confusão. – Meu Deus!

Olhou para ele, sorrindo irresistivelmente, as mãos levantadas e esticadas acima das pilhas brancas de papéis meio dobrados. Ela estava com quase vinte anos agora e não parecia nem um pouco mais velha do que quando tinha dezessete.

– Sente-se, Peter. Eu achei que acabaria antes de você chegar, mas parece que não consegui. É a correspondência dos fãs do meu tio e seus recortes de jornais. Tenho que organizá-los, responder às cartas, arquivá-las, escrever bilhetes de agradecimento e... Ah, você devia ver algumas coisas que as pessoas escrevem para ele! É maravilhoso. Não fique parado aí. Sente-se, vamos. Eu acabo num minuto.

– Você já acabou – disse ele, tomando-a em seus braços e levando-a para uma cadeira.

Abraçou-a e beijou-a, e ela riu, feliz, com a cabeça escondida no ombro dele. Ele disse:

– Katie, você é uma bobinha impossível e seu cabelo é tão perfumado!

Ela disse:

– Não se mexa, Peter. Estou confortável.

– Katie, quero lhe contar, eu tive um dia maravilhoso hoje. Inauguraram oficialmente o Edifício Bordman hoje à tarde. Você sabe, aquele na Broadway, que tem 22 andares e um pináculo gótico. Francon teve uma indigestão, então eu fui até lá para representá-lo. Fui eu que desenhei esse prédio, de qualquer maneira e... Ah, puxa, você não sabe nada sobre ele.

– Sei, sim, Peter. Eu vi todos os seus prédios. Tenho fotos deles, que recorto dos jornais. E estou montando um álbum de recortes, igual ao do meu tio. Ah, Peter, é tão maravilhoso!

– O quê?

– Os álbuns de recortes do meu tio, suas cartas... isto tudo... – Estendeu as mãos por cima dos papéis no chão, como se quisesse abraçá-los. – Imagine só, todas

estas cartas vindas de todas as partes do país, de completos estranhos, e, no entanto, ele é tão importante para eles. E aqui estou eu, ajudando-o, eu que não sou ninguém, e veja que responsabilidade eu tenho! É tão emocionante e tão importante! Que importam todas as coisas insignificantes que podem acontecer conosco, quando isto diz respeito a uma nação inteira!

– É mesmo? Foi isso que ele lhe disse?

– Ele não me disse absolutamente nada. Mas não se pode viver com ele durante anos sem absorver um pouco desse... desse altruísmo maravilhoso dele.

Ele queria ficar bravo, mas viu o sorriso cintilante dela, seu novo tipo de fogo, e teve de sorrir para ela.

– Só posso lhe dizer, Katie, que lhe cai bem, extremamente bem. Sabe, você ficaria estonteante se aprendesse um pouco a se vestir. Um dia desses, vou pegá-la e arrastá-la até uma boa costureira. Quero que conheça Guy Francon, algum dia. Você vai gostar dele.

– É mesmo? Achei que você tinha dito, uma vez, que eu não gostaria.

– Eu disse? Bem, eu não o conhecia muito bem. Ele é um cara excelente. Quero que você conheça todos eles. Você ficaria... Ei, aonde vai? – Ela olhara para o relógio em seu pulso e estava se afastando dele.

– Eu... São quase nove horas, Peter, e tenho que terminar isto antes que o tio Ellsworth chegue em casa. Ele estará de volta no máximo às onze. Está dando uma palestra em uma reunião de trabalhadores esta noite. Posso trabalhar enquanto conversamos. Você se importa?

– É claro que me importo! Os fãs do seu querido tio que vão para o inferno! Deixe que ele desembaralhe isso tudo sozinho. Você fica onde está.

Ela suspirou, mas colocou a cabeça no ombro dele, obediente.

– Não deve falar assim de tio Ellsworth. Você não o compreende. Leu o livro dele?

– Sim! Li o livro dele e é demais, é sensacional, mas não ouço falarem de outra coisa a não ser sobre o maldito livro dele, em todos os lugares aonde vou. Portanto, você se importa se mudarmos de assunto?

– Você ainda não quer conhecer tio Ellsworth?

– Por quê? Por que diz isso? Eu adoraria conhecê-lo.

– Ah...

– Qual é o problema?

– Você disse, uma vez, que não queria que eu o apresentasse a ele.

– Eu disse? Como você pode se lembrar sempre de todas as bobagens que eu digo?

– Peter, não quero que você conheça tio Ellsworth.

– Por que não?

– Não sei. É uma bobagem minha. Mas, agora, simplesmente não quero. Não sei por quê.

– Bem, então esqueça. Vou conhecê-lo quando chegar a hora. Ouça, Katie, ontem eu estava olhando pela janela da minha sala e pensei em você, e quis tanto tê-la perto de mim que quase telefonei para você, mas já era muito tarde. Eu fico terrivelmente solitário quando sinto sua falta, eu...

Ela estava escutando, com os braços ao redor do pescoço dele. De repente, ele a viu olhar para trás dele e abrir a boca, em choque. Ela se levantou de um salto, atravessou correndo a sala e ajoelhou-se para alcançar um envelope lilás embaixo da mesa.

– O que é, desta vez? – reclamou ele, com irritação.

– É uma carta muito importante – respondeu ela, ainda de joelhos, segurando o envelope firmemente em sua mão delicada –, uma carta muito importante, e lá estava ela, praticamente na lata de lixo. Eu devo tê-la empurrado sem perceber. É de uma pobre viúva que tem cinco filhos e cujo filho mais velho quer ser arquiteto. Tio Ellsworth vai conseguir uma bolsa de estudos para ele.

– Muito bem – disse Keating, levantando-se. – Já aguentei o suficiente. Vamos sair daqui, Katie. Vamos dar um passeio. Está lindo lá fora esta noite. Você não parece ser você mesma, aqui dentro.

– Está bem! Vamos dar um passeio.

Fora, havia uma bruma de neve, uma neve seca, fina e leve, que pairava no ar, preenchendo as ruas, que se pareciam com tanques estreitos. Caminhavam juntos, o braço de Catherine apertado contra o dele, seus pés deixando longas manchas marrons nas calçadas brancas.

Sentaram-se em um banco na Washington Square. A neve cercava a praça, isolando-a das casas e da cidade mais além. Através da sombra do arco, pequenos pontos de luz passavam rolando por eles, branco-prateados, verdes e vermelhos manchados.

Catherine sentou-se encolhida junto a ele. Peter olhava a cidade. Sempre tivera medo dela e tinha medo agora, mas possuía duas frágeis proteções: a neve e a garota ao seu lado.

– Katie... – sussurrou – Katie...

– Eu te amo, Peter...

– Katie – disse ele, sem hesitação, sem ênfase, porque a certeza de suas palavras não permitia nenhum entusiasmo –, estamos noivos, não estamos?

Viu o queixo dela mover-se levemente, baixando e depois se erguendo, para formar uma palavra.

– Sim – respondeu ela tranquilamente, de um modo tão solene que a palavra souou indiferente.

Ela nunca se permitira questionar o futuro, pois o questionamento significaria uma admissão de dúvida. Porém sabia, quando pronunciou o “sim”, que havia esperado por isso e que estragaria tudo se ficasse feliz demais.

– Em um ou dois anos – disse ele, segurando bem firme a mão dela – nós nos

casaremos. Assim que minha posição na firma estiver solidamente estabelecida. Tenho minha mãe para cuidar, mas dentro de mais um ano ficará tudo bem. – Tentou falar da maneira mais fria e prática que conseguiu, para não estragar o fascínio pelo que sentia.

– Eu espero, Peter – sussurrou ela. – Não precisamos ter pressa.

– Não contaremos para ninguém, Katie... É o nosso segredo, só nosso, até...

E, repentinamente, teve um pensamento e percebeu, chocado, que não podia provar que tal pensamento nunca lhe ocorrera. Entretanto sabia, com total honestidade, embora fosse algo que o deixasse atônito, que nunca havia pensado nisso antes. Empurrou-a para o lado e disse, furioso:

– Katie! Você não vai pensar que é por causa daquele seu tio maravilhoso e detestável?

Ela caiu na gargalhada. O som era leve e despreocupado, e ele soube que estava inocentado.

– Deus do céu! Não, Peter. Ele não vai gostar, é claro, mas que importa isso para nós?

– Ele não vai gostar? Por quê?

– Acho que ele não aprova o casamento. Não que ele pregue algo imoral, mas sempre me disse que casamento é algo antiquado, um recurso econômico com o objetivo de perpetuar a instituição da propriedade privada, ou algo parecido, ou, de qualquer forma, que ele não gosta.

– Bem, isso é maravilhoso! Nós lhe mostraremos.

Com toda a sinceridade, Peter estava feliz por isso. Tirava, não de sua mente, que ele sabia ser inocente, mas de todas as outras mentes onde poderia ocorrer, a suspeita de que houvera, em seus sentimentos por ela, qualquer traço de considerações como as que se aplicariam à... à filha de Francon, por exemplo. Pensou que era estranho que isso devesse parecer tão importante, que ele devesse desejar tão desesperadamente manter seus sentimentos por ela livres de laços com todas as outras pessoas.

Inclinou a cabeça para trás e sentiu os flocos de neve queimarem seus lábios. Então virou-se e beijou-a. O toque da boca de Katie era suave e gelado de neve.

O chapéu dela escorregara para um lado, seus lábios estavam entreabertos, seus olhos, arredondados e vulneráveis, os cílios cintilantes. Ele segurou sua mão com a palma virada para cima e fitou-a. Ela usava luvas de lã pretas e seus dedos estavam abertos desajeitadamente, como os dedos de uma criança. Ele viu gotas de neve derretida, como contas na penugem das luvas, que brilhavam de forma radiante sob a luz de um carro que passava depressa por eles.

O BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO AMERICANA de Arquitetos continha, na seção Variedades, uma pequena nota anunciando que Henry Cameron se aposentara. Suas realizações em arquitetura foram resumidas em seis linhas, e os nomes de seus dois melhores prédios tinham erros de ortografia.

Peter Keating entrou na sala de Francon, interrompendo a negociação bem-educada que ele estava tendo com um comerciante de antiguidades por uma caixinha de rapé que pertencera a Madame de Pompadour. Francon precipitou-se e acabou pagando 9,25 dólares a mais do que havia pretendido. Virou-se para Keating, irritado, depois que o comerciante saiu e perguntou:

– Então, o que é, Peter, o que é?

Keating atirou o boletim sobre a mesa de Francon, indicando com o dedão o parágrafo sobre Cameron.

– Eu preciso desse homem – disse.

– Que homem?

– Howard Roark.

Francon perguntou:

– Quem diabos é Howard Roark?

– Já lhe falei sobre ele. O projetista de Cameron.

– Ah... Ah, sim, acho que falou. Bem, vá atrás dele.

– Você me dá carta branca para contratá-lo sob as condições que eu quiser?

– Mas que diabos! O que há de tão especial em contratar mais um projetista? A propósito, você tinha que me interromper por causa *disso*?

– Talvez ele seja difícil. E quero pegá-lo antes que decida ir trabalhar para outro.

– É mesmo? Ele vai bancar o difícil, é? Você pretende implorar a ele que venha trabalhar *aqui*, depois de ter trabalhado para Cameron? O que, de qualquer forma, não é uma referência muito boa para um jovem.

– Ora, vamos, Guy. Não é?

– Ora, bem... bem, estruturalmente, não em termos estéticos, Cameron lhes dá excelente base e... Claro, Cameron foi bastante importante em sua época. Na verdade, eu mesmo fui um de seus melhores projetistas, tempos atrás. Há algo de valor no velho Cameron, quando precisamos desse tipo de coisa. Vá em frente. Contrate o seu Roark se acha que precisa dele.

– Não é que eu realmente precise dele. Mas ele é um velho amigo meu, está desempregado, e pensei que seria algo bom a fazer por ele.

– Bem, faça como bem entender. Apenas não me incomode com isso... Diga-me, Peter, não acha que esta é a caixinha de rapé mais adorável que você já viu?

Naquela noite, Keating subiu, sem se anunciar, ao apartamento de Roark, bateu na porta, nervoso, e entrou alegremente. Encontrou-o sentado no parapeito da

janela, fumando.

– Eu estava passando, Howard – disse Keating –, sem nada para fazer hoje à noite, e, de repente, lembrei que você morava aqui perto e resolvi dar uma passada para dizer “oi”. Já não o vejo há tanto tempo.

– Sei o que você quer – disse Roark – Muito bem. Quanto?

– O que quer dizer, Howard?

– Você sabe o que quero dizer.

– Sessenta e cinco por semana – disse Keating sem pensar. Não era a abordagem elaborada que ele preparara, mas não havia esperado descobrir que nenhuma abordagem era necessária. – Sessenta e cinco para começar. Se você achar que não é suficiente, talvez eu possa...

– Sessenta e cinco está bom.

– Você... você vem trabalhar conosco, Howard?

– Quando quer que eu comece?

– Ora... assim que você puder! Segunda-feira?

– Está bem.

– Obrigado, Howard!

– Sob uma condição – disse Roark – Não vou fazer nenhum projeto. Nem um único. Nenhum detalhe. Nada de arranha-céus em estilo Luís XV. Mantenha-me longe de estética, se quiser mesmo que eu fique. Coloque-me no departamento de engenharia. Mande-me fazer vistorias nas obras. E agora, você ainda me quer?

– Com certeza. Você é que manda. Vai gostar do lugar, espere e verá. Vai gostar de Francon. Ele trabalhou para o Cameron.

– Ele não deveria se gabar disso.

– Bem...

– Não. Não se preocupe. Não vou dizer isso na cara dele. Não vou dizer nada a ninguém. Era isso que você queria saber?

– Ora, não, eu não estava preocupado. Não estava nem pensando nisso.

– Então, está resolvido. Boa noite. Até segunda-feira.

– Bem... sim... mas não estou com pressa. Eu realmente vim para vê-lo e...

– Qual é o problema, Peter? Há alguma coisa incomodando você?

– Não... eu...

– Quer saber por que estou fazendo isso? – Roark sorriu, sem ressentimento nem interesse. – É isso? Eu lhe digo, já que quer saber. Não ligo a mínima para onde vou trabalhar agora. Não há nenhum arquiteto nesta cidade com quem eu queira trabalhar. Mas tenho que trabalhar em algum lugar, então que seja com o seu Francon, se eu puder conseguir o que quero de vocês. Estou me vendendo, e vou jogar o jogo dessa forma... por enquanto.

– Falando sério, Howard, você não tem que encarar a situação dessa forma. Não há limite para o sucesso que você pode alcançar conosco, uma vez que se

acostume. Você verá, para variar, como é um escritório de verdade. Depois daquele buraco do Cameron...

– Pode calar a boca sobre isso, Peter, e bem rápido.

– Eu não quis criticar, ou... Não quis dizer nada.

Keating não sabia o que dizer, nem como deveria se sentir. Era uma vitória, mas parecia vazia. Ainda assim, era uma vitória e ele tinha a sensação de que queria sentir afeição por Roark.

– Howard, vamos sair e beber alguma coisa. Só uma pequena comemoração pela ocasião.

– Desculpe, Peter. Isso não faz parte do emprego.

Keating viera preparado para usar toda a sua habilidade e agir com cautela e com tato. Conquistou um objetivo que não havia esperado conquistar. Sabia que não deveria correr nenhum risco e ir embora sem dizer mais nada. Porém algo o impelia, algo inexplicável, que ia além de todas as considerações práticas. Então comentou, abandonando toda a prudência:

– Você não pode ser humano, uma vez na vida?

– O que disse?

– Humano! Simples. Natural.

– Mas eu sou.

– Você nunca relaxa?

Roark sorriu, pois estava sentado no parapeito da janela, recostado tranquilamente contra a parede, suas pernas compridas penduradas, soltas, o cigarro preso, sem pressão, entre os dedos relaxados.

– Não foi isso que eu quis dizer! – disse Keating. – Por que não pode sair para tomar uma bebida comigo?

– Para quê?

– Você sempre tem que ter um propósito? Sempre tem que ser assim tão sério? Nunca pode fazer alguma coisa sem motivo, como todo mundo? Você é tão sério, tão velho! Tudo com você é importante, tudo é extraordinário, com algum significado, cada minuto, até mesmo quando está parado. Você nunca pode ficar à vontade, sem se sentir importante?

– Não.

– Nunca se cansa de ser heroico?

– O que há de heroico em mim?

– Nada. Tudo. Não sei. Não é o que você faz, é o que faz as pessoas à sua volta sentirem.

– O quê?

– O anormal. A pressão. Quando estou com você, é sempre como se tivesse que fazer uma escolha. Entre você e o resto do mundo. Não quero esse tipo de escolha. Não quero ser diferente. Quero ser como os outros. Há tantas coisas simples e agradáveis no mundo. Não se trata, o tempo todo, de lutar e renunciar.

Mas é assim, com você.

– A que eu já renunciei?

– Ah, você nunca renunciará a nada! Você passaria por cima de cadáveres para ter o que quer. Mas trata-se daquilo a que renunciou por nunca o ter desejado.

– Isso é porque não se pode querer ambos.

– Ambos o quê?

– Olhe, Peter, eu nunca lhe disse nada dessas coisas a meu respeito. O que faz com que você as veja? Eu nunca lhe pedi para escolher entre mim e qualquer outra coisa. O que o faz achar que tem de haver uma escolha? O que o deixa pouco à vontade quando sente isso, já que você tem tanta certeza de que estou errado?

– Eu... eu não sei. – Acrescentou: – Não sei de que você está falando. – E, subitamente, perguntou: – Howard, por que você me odeia?

– Eu não odeio você.

– Pois é, é isso! Por que você não me odeia, pelo menos?

– Por que deveria?

– Apenas para me dar alguma coisa. Eu sei que você não pode gostar de mim. Não pode gostar de ninguém. Então seria mais gentil reconhecer a existência das pessoas odiando-as.

– Eu não sou gentil, Peter.

E, uma vez que Keating não encontrou nada para dizer, Roark acrescentou:

– Vá para casa, Peter. Você conseguiu o que queria. Deixe as coisas como estão. Até segunda-feira.



Roark estava diante de uma prancheta na sala de desenho da Francon & Heyer, com um lápis na mão, uma mecha do cabelo alaranjado caindo sobre seu rosto, o obrigatório avental cinza perolado parecendo um uniforme de penitenciária sobre seu corpo.

Aprendera a aceitar seu novo emprego. As linhas que desenhava deveriam ser as linhas limpas de vigas de aço, e ele tentava não pensar no que essas vigas iriam suportar. Era difícil, às vezes. Entre ele e a planta do prédio em que estava trabalhando havia a planta do mesmo prédio como deveria ter sido. Ele via o que poderia fazer com ela, como modificar as linhas que desenhava, aonde conduzi-las para realizar algo esplêndido. Tinha que sufocar o conhecimento. Tinha que matar a visão, obedecer e traçar as linhas conforme as instruções. Doía-lhe tanto que deu de ombros para si mesmo com uma raiva fria. Pensou: *Difícil? Bem, aprenda.*

Entretanto, a dor persistia, acompanhada de um espanto impotente. A visão

que ele tinha era muito mais real do que a realidade do papel, do escritório e do projeto. Não conseguia compreender o que tornava os outros cegos para ela e o que possibilitava a indiferença deles. Olhou para o papel à sua frente. Perguntou-se por que a incompetência podia existir e prevalecer. Nunca soubera a resposta. E a realidade que permitia isso nunca poderia tornar-se totalmente real para ele.

Porém sabia que isso não iria durar. Tinha que esperar. Essa era sua única tarefa: esperar. O que sentia não importava. Tinha que ser feito. Ele tinha que esperar.

– Sr. Roark, já aprontou a armação de aço para a lanterna gótica do Edifício da Corporação Americana de Rádio?

Não tinha amigos na sala de desenho. Estava ali como um dos móveis, tão útil, impessoal e silencioso quanto a mobília. Só o chefe do departamento de engenharia, que era o supervisor de Roark, dissera a Keating, passadas as primeiras duas semanas:

– Você tem mais bom senso do que eu lhe atribuí, Keating. Obrigado.

– Obrigado por quê? – perguntou Peter.

– Com certeza, por nada que tenha sido intencional – respondeu o chefe.

De vez em quando, Keating parava ao lado da prancheta de Roark e lhe dizia, em voz baixa:

– Poderia passar em minha sala quando terminar o trabalho, hoje à noite, Howard? Não é nada importante.

Quando Roark vinha, Keating começava dizendo:

– Então, está gostando daqui, Howard? Se quiser qualquer coisa, é só dizer e eu...

Roark interrompia e perguntava:

– Onde está, desta vez?

Keating retirava esboços de uma gaveta e dizia:

– Sei que está perfeitamente correto do jeito que está, mas qual é a sua opinião sobre isso, de forma geral?

Roark olhava para os esboços e, embora sua vontade fosse atirá-los na cara de Keating e pedir demissão, um pensamento o impedia – o pensamento de que era um edifício e de que ele tinha de salvá-lo, assim como outros não poderiam passar por um homem se afogando sem pular na água para resgatá-lo.

Então trabalhava durante horas, às vezes a noite toda, enquanto Keating ficava sentado, observando. Roark esquecia da presença dele. Via apenas um prédio e sua chance de moldá-lo. Sabia que a forma seria modificada, destruída, distorcida. Ainda assim, alguma ordem e razão permaneceriam na planta. Seria um prédio melhor do que teria sido se ele tivesse se recusado a trabalhar nele.

Às vezes, ao olhar para o esboço de uma estrutura mais simples, mais limpa, mais honesta que as outras, Roark dizia:

– Este não está tão mau, Peter. Você está melhorando.

Nesses momentos, Keating sentia um leve e estranho tranco por dentro, algo silencioso, privado e precioso, algo que nunca sentia com os elogios de Guy Francon, de seus clientes, de todos os outros. Depois, ele se esquecia e sentia-se muito mais satisfeito quando uma senhora rica segurando uma xícara de chá murmurava, sem nunca ter visto nenhum de seus prédios:

– Você é o futuro grande arquiteto dos Estados Unidos, Sr. Keating.

Keating encontrava compensações para sua submissão a Roark Entrava na sala de desenho, pela manhã, jogava uma tarefa de estagiário sobre a prancheta dele e dizia:

– Howard, faça isso para mim, e rápido.

No meio do dia, mandava um rapaz à prancheta de Roark para dizer, em voz bem alta:

– O Sr. Keating deseja vê-lo em sua sala imediatamente.

Ou saía de sua sala, caminhando na direção de Roark, e dirigia-se à sala inteira:

– Onde estarão enfiadas aquelas especificações do encanamento da rua 12? Ah, Howard, poderia procurá-las nos arquivos para mim?

A princípio, teve medo da reação de Roark Quando não viu nenhuma reação, apenas uma obediência silenciosa, não conseguiu mais se controlar. Sentia um prazer sensual em dar ordens a ele. Sentia, também, um ressentimento raivoso contra a condescendência passiva de Roark Continuava, sabendo que só poderia continuar enquanto ele não demonstrasse raiva e, ao mesmo tempo, desejando desesperadamente irritá-lo a ponto de fazê-lo explodir. No entanto, não houve nenhuma explosão.

Roark gostava dos dias em que era enviado para inspecionar os prédios em construção. Caminhava entre os blocos de aço dos edifícios com mais naturalidade do que em uma calçada. Os trabalhadores reparavam, curiosos, que ele andava sobre pranchas estreitas, ou sobre vigas expostas, suspensas no ar, com tanta facilidade quanto os melhores entre eles.

Era um dia de março. O céu, verde pálido, continha a primeira indicação de primavera. No Central Park, 150 metros abaixo, a terra refletia a cor do céu em um tom marrom que prometia tornar-se verde, e os lagos jaziam como lascas de vidro sob as teias de galhos despidos. Roark caminhou em meio à estrutura de um futuro hotel gigantesco e parou diante de um electricista que estava trabalhando.

O homem trabalhava diligentemente, enrolando conduítes ao redor de uma viga. Era uma tarefa de horas de esforço e paciência, em um espaço mais saturado do que qualquer cálculo permitiria. Roark observava, com as mãos nos bolsos, o progresso lento e doloroso do homem.

Subitamente, o homem ergueu os olhos e virou-se para ele. Tinha a cabeça grande e um rosto tão feio que se tornava fascinante. Não era um rosto velho nem flácido, mas tinha marcas profundas e as bochechas grandes eram caídas

como as de um buldogue. Seus olhos eram surpreendentemente grandes, redondos e azul-escuros. – Bem – perguntou o homem rispidamente –, qual é o problema, Cabeça de Tijolo?

– Está perdendo o seu tempo – disse Roark.

– Ah, é?

– É.

– Não diga!

– Vai levar horas para passar seus conduítes em volta dessa viga.

– Conhece uma forma melhor de fazer?

– Claro.

– Dê o fora, imprestável. Não gostamos de universitários espertinhos por aqui.

– Faça um buraco na viga e passe os conduítes por ele.

– *O quê?*

– Faça um buraco na viga.

– Não vou fazer isso de jeito nenhum!

– Vai fazer, sim.

– Não é assim que se faz.

– Eu já fiz.

– *Você?*

– Fazem assim em todo lugar.

– Não será feito aqui. Não por mim.

– Então eu farei para você.

O homem deu uma gargalhada.

– Essa é boa! Desde quando garotos de escritório aprenderam a fazer serviço de homem?

– Dê-me o maçarico.

– Cuidado, garoto! Não vá queimar os dedinhos rosados dos pés!

Roark pegou as luvas e os óculos de proteção do homem, segurou o maçarico de acetileno, ajoelhou-se e direcionou um jato fino de fogo azul contra o centro da viga. O homem ficou em pé, observando-o. O braço de Roark estava firme, controlando a chama tensa e sibilante, tremendo levemente com sua potência, mas mantendo-a reta. Não havia pressão ou esforço na postura relaxada de seu corpo, só em seu braço. E parecia que a tensão azul que penetrava vagarosamente no metal não vinha da chama, mas sim da mão que a segurava.

Ele terminou, largou o maçarico e levantou-se.

– Minha nossa! – exclamou o electricista. – Você sabe mesmo manejar um maçarico!

– Parece que sim, não é? – Tirou as luvas, os óculos e devolveu-os. – Faça dessa forma, a partir de agora. Diga ao mestre de obras que fui eu que mandei.

O electricista estava olhando reverentemente para o buraco perfeito que atravessava a viga. Resmungou:

– Onde aprendeu a manejá-lo assim, Ruivo?

O sorriso lento e divertido de Roark foi o reconhecimento dessa concessão de vitória.

– Ah, eu já fui eletricista, encanador, aparador de rebites e muitas outras coisas.

– E também estudou?

– Bem, de certa forma.

– Vai ser arquiteto?

– Vou.

– Bem, você será o primeiro que sabe alguma coisa além de desenhos bonitos e festas chatas. Devia ver os mascotes de professores que nos mandam do escritório.

– Se está pedindo desculpas, não peça. Também não gosto deles. Volte aos conduítes. Até mais.

– Até mais, Ruivo.

Na próxima vez que Roark apareceu naquela construção, o eletricista dos olhos azuis acenou-lhe de longe, chamou-o e pediu conselhos sobre seu trabalho, dos quais não precisava. Disse que seu nome era Mike e que esperava Roark havia vários dias. Na visita seguinte, o turno diurno estava de saída, e Mike esperou fora da construção até que Roark terminasse a inspeção.

– Que tal uma cerveja, Ruivo? – convidou, quando Roark saiu.

– Claro – aceitou ele. – Obrigado.

Sentaram-se a uma mesa de canto de um bar em um porão e beberam cerveja. Mike contou sua história favorita de como havia caído de cinco andares, quando o andaime em que estava despencou, como havia quebrado três costelas, mas sobrevivera para contar a história, e Roark falou da época em que trabalhara em construções. Mike tinha um nome verdadeiro, que era Sean Xavier Donnigan, mas desse todos já haviam se esquecido fazia muito tempo. Ele possuía um estojo de ferramentas e um Ford antigo, e existia com um único propósito: viajar pelo país, de uma grande construção a outra. As pessoas significavam muito pouco para Mike, porém o desempenho delas significava muito. Ele venerava qualquer tipo de habilidade. Amava seu trabalho com paixão e não tinha tolerância para nada, a não ser outros tipos de dedicação a um único propósito. Era um mestre em sua área e não simpatizava com nada, exceto com a maestria. Sua visão de mundo era simples: havia os capazes e os incompetentes; ele não se interessava pelos últimos. Adorava prédios. No entanto, desprezava todos os arquitetos.

– Houve um, Ruivo – disse sério, na quinta cerveja –, um único, e você é jovem demais para saber sobre ele, mas era o único homem que sabia construir. Eu trabalhei para ele quando tinha a sua idade.

– Quem era?

– Seu nome era Henry Cameron. Está morto, suponho, depois de tantos anos.

Roark fitou-o por um bom tempo e então disse:

– Ele não está morto, Mike. – E acrescentou: – Eu trabalhei com ele.

– *Trabalhou?*

– Por quase três anos.

Olharam um para o outro, em silêncio, e nesse momento sua amizade foi definitivamente selada.

Semanas depois, certo dia Mike deteve Roark na obra, a confusão estampada em seu rosto feio, e perguntou:

– Ruivo, eu ouvi o contramestre dizer a um dos caras que trabalham para o empreiteiro que você é convencido, teimoso e o filho da mãe mais detestável que ele já enfrentou. O que você fez a ele?

– Nada.

– Que diabos ele quis dizer?

– Eu não sei – respondeu Roark – Você sabe?

Mike olhou para ele, deu de ombros e sorriu.

– Não – disse ele.

NO INÍCIO DE MAIO, PETER KEATING partiu para Washington para supervisionar a construção de um museu doado à cidade por um grande filantropo que queria aliviar a consciência. O prédio do museu, conforme ressaltou Keating com orgulho, seria decididamente diferente: não uma reprodução do Partenon, mas sim da Maison Carrée, em Nîmes.

Keating estava ausente já há algum tempo quando um office boy se aproximou da mesa de Roark e informou-lhe que o Sr. Francon queria vê-lo em sua sala. Quando ele entrou no santuário, Francon sorriu de trás de sua escrivaninha e disse, alegre:

– Sente-se, meu amigo. Sente-se...

Porém, algo nos olhos daquele homem, que ele nunca havia visto de perto antes, fez a voz de Francon enfraquecer e parar, e ele acrescentou, seco:

– Sente-se.

Roark obedeceu. Francon examinou-o por um segundo, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão, exceto que o homem tinha um rosto bastante desagradável, embora parecesse devidamente atento.

– Você é o que trabalhou para Cameron, não é? – perguntou Francon.

– Sim – respondeu ele.

– O Sr. Keating tem me dito coisas muito agradáveis sobre você – comentou Francon, tentando ser simpático, mas parou. Estava desperdiçando sua cortesia. Roark olhava-o impassível, esperando.

– Ouça... Qual é o seu nome?

– Roark

– Ouça, Roark. Temos um cliente que é um pouco... estranho, mas é um homem importante, um homem *muito* importante, e temos que agradá-lo. Encomendou-nos um prédio de escritórios de oito milhões de dólares, mas o problema é que ele tem ideias muito precisas de como quer que o prédio seja. Quer... – Francon sacudiu os ombros, como se estivesse se desculpando e negando qualquer responsabilidade pela sugestão absurda. – Ele quer que se pareça com *isto*.

Entregou a Roark uma fotografia. Era uma imagem do Edifício Dana.

Roark permaneceu sentado, completamente imóvel, a foto pendurada entre os dedos.

– Conhece esse prédio? – perguntou Francon.

– Sim.

– Bem, é isso que ele quer. E o Sr. Keating está viajando. Mandeí Bennett, Cooper e Williams desenharem esboços, mas ele os recusou. Então pensei em lhe dar uma chance.

Francon olhou para ele, impressionado pela generosidade da própria oferta.

Não houve reação. Havia apenas um homem que ainda parecia ter levado uma pancada na cabeça.

– Naturalmente – disse Francon –, é um grande salto para você, uma tarefa e tanto, mas achei que deveria deixá-lo tentar. Não tenha medo. O Sr. Keating e eu revisaremos o seu trabalho. Apenas desenhe as plantas e faça um bom esboço. Você deve ter uma ideia do que o homem quer. Conhece os truques de Cameron. Mas, é claro, não podemos deixar uma coisa assim tão crua sair da nossa firma. Temos que agradá-lo, mas também temos que preservar nossa reputação e não fazer com que todos os nossos clientes fujam de medo. A questão é fazer algo simples do mesmo gênero que esse, mas que também seja artístico. Você sabe, o tipo grego mais severo. Não precisa usar a ordem jônica, use a dórica. Frontões lisos e frisos simples, ou algo do tipo. Deu para ter uma ideia? Agora, leve isso e me mostre o que pode fazer. Bennett lhe fornecerá todos os detalhes e... Qual é o prob...

A voz de Francon interrompeu-se.

– Sr. Francon, por favor, deixe-me projetá-lo da mesma forma que o Edifício Dana foi projetado.

– O quê?

– Deixe-me fazer isso. Não copiar o Edifício Dana, mas projetá-lo como Henry Cameron gostaria que fosse feito, como eu o farei.

– Quer dizer modernista?

– Eu... bem, pode chamá-lo assim.

– Está louco?

– Sr. Francon, por favor, me escute. – As palavras de Roark eram como os passos de um homem caminhando numa corda bamba, lentos, esforçados, buscando o único ponto certo, estremecendo acima de um abismo, porém precisos. – Não o culpo pelas coisas que faz. Estou trabalhando para o senhor, recebo seu dinheiro, não tenho o direito de expressar objeções. Mas, desta vez... desta vez o cliente está pedindo. O senhor não arriscará nada. É ele que quer. Pense, há um homem, um único homem que vê e compreende, o que quer e que tem o poder para construí-lo. Por que o senhor vai lutar contra um cliente pela primeira vez em sua vida... e lutar pelo quê? Para enganá-lo e lhe dar o mesmo lixo de sempre, quando há tantos outros pedindo por isso e um, só um, que vem com um pedido como este?

– Não acha que está passando dos limites? – perguntou Francon com frieza.

– Que diferença faria para o senhor? Deixe-me fazer isso do meu jeito e mostre-o a ele. Apenas mostre-lhe. Ele já recusou três esboços, e daí se recusar o quarto? Mas, se ele não recusar... se não recusar...

Roark nunca soubera como implorar e não estava se saindo bem. Sua voz era dura, sem tom, revelando o esforço, de maneira que a súplica tornou-se um insulto para o homem que o estava forçando a agir assim. Keating teria dado

muito para ver Roark naquele momento. Francon, no entanto, não podia apreciar o triunfo que era o primeiro a conquistar – reconhecia apenas o insulto.

– Estou correto em minha percepção – perguntou Francon – de que você está me criticando e me ensinando algo sobre arquitetura?

– Eu estou lhe implorando – disse Roark fechando os olhos.

– Se você não fosse um protegido do Sr. Keating, eu nem me incomodaria em levar esta discussão adiante. Mas, uma vez que é obviamente ingênuo e inexperiente, vou chamar sua atenção para o fato de que não tenho o hábito de pedir a opinião estética de meus projetistas. Faça-me a gentileza de levar essa fotografia – e eu não quero nenhum prédio como Cameron *poderia ter* projetado, quero isso adaptado ao nosso padrão. E siga minhas instruções quanto ao tratamento clássico da fachada.

– Não posso fazer isso – declarou Roark, em voz baixa.

– O quê? Você está falando comigo? Está de fato dizendo “Desculpe, não posso fazer isso”?

– Eu não falei “desculpe”, Sr. Francon.

– O que disse?

– Que não posso fazer isso.

– Por quê?

– O senhor não quer saber por quê. Não me peça para projetar nada. Farei qualquer outro tipo de trabalho que o senhor desejar. Mas não isso. E não com o trabalho de Cameron.

– Como assim, não desenhar nada? Espera ser arquiteto algum dia ou não?

– Não assim.

– Ah... Entendo... Então, não pode fazer isso? Quer dizer que se recusa a fazer?

– Como o senhor preferir.

– Escute aqui, seu tolo impertinente, isso é inacreditável!

Roark levantou-se.

– Posso me retirar, Sr. Francon?

– Em toda a minha vida – urrou Francon –, em toda a minha experiência, nunca vi nada como isso! Você está aqui para me dizer o que vai e o que não vai fazer? Está aqui para me dar lições, criticar meu gosto e fazer julgamentos?

– Não estou criticando nada – respondeu Roark calmamente. – Não estou emitindo julgamentos. Há certas coisas que não posso fazer. Tente aceitar esse fato. Posso sair agora?

– Pode sair desta sala e desta firma agora e de uma vez por todas! Pode ir direto para o inferno! Vá procurar outro patrão! Vá tentar achar um! Vá pegar seu cheque e rua!

– Sim, Sr. Francon.

Naquela noite, Roark caminhou até o bar que ficava em um porão, onde sempre podia encontrar Mike depois do trabalho. Ele estava trabalhando agora na

construção de uma fábrica, com o mesmo empreiteiro que executava a maioria dos trabalhos grandes de Francon. O sujeito esperara ver Roark em uma visita de inspeção à fábrica, naquela tarde, e o cumprimentou bravo:

– O que está havendo, Ruivo? Está fazendo corpo mole no trabalho?

Ao ouvir a notícia, Mike ficou parado, parecendo um buldogue arreganhando os dentes. Depois, começou a xingar sem parar.

– Os filhos da mãe – dizia, entre palavrões mais fortes –, os filhos da mãe...

– Acalme-se, Mike.

– Bem... E agora, Ruivo?

– Alguém do mesmo tipo, até que a mesma coisa aconteça de novo.



Quando Peter Keating voltou de Washington, foi direto à sala de Francon. Não passara pela sala de desenho nem ouvira nenhuma notícia. Francon cumprimentou-o com entusiasmo:

– Rapaz, que ótimo vê-lo de volta! O que quer? Um uísque com soda ou um conhaque?

– Não, obrigado. Quero só um cigarro.

– Tome... Rapaz, você está com ótima aparência! Melhor do que nunca. Como consegue, seu filho da mãe sortudo? Tenho tantas coisas para lhe contar! Como foi em Washington? Correu tudo bem?

Antes que Keating pudesse responder, Francon continuou, apressado:

– Aconteceu uma coisa horrível comigo. Uma grande decepção. Lembra-se de Lili Landau? Achei que ela já era minha, mas, na última vez que a vi, ela me tratou com a maior indiferença! Sabe quem está saindo com ela? Você vai ficar surpreso. Nada mais, nada menos que Gail Wynand! A garota está voando alto. Você tem que ver as fotos e as pernas dela por toda parte, nos jornais dele. Isso realmente vai ajudar o show dela! O que posso oferecer em contrapartida? E sabe o que ele fez? Lembra-se de como ela sempre dizia que ninguém poderia lhe dar o que mais queria, o lar de sua infância, a pequena aldeia austríaca querida onde ela nasceu? Bem, Wynand a comprou, há muito tempo, a maldita aldeia inteira, mandou que a transportassem para cá – cada pedacinho dela! – e ordenou que a remontassem às margens do rio Hudson, e é onde está agora, com paralelepípedos, igreja, macieiras, chiqueiros e tudo o mais! Ele pegou a Lili de surpresa quando lhe deu a aldeia, duas semanas atrás. Não era de se esperar? Se o rei da Babilônia podia dar jardins suspensos para sua saudosa amante, por que não Gail Wynand? Lili está toda sorrisos e gratidão, mas a pobre garota, na verdade, continua infeliz. Ela teria preferido muito mais um casaco de vison. Nunca quis a maldita aldeia. E Wynand sabia disso também. Mas lá está ela, à beira do Hudson. Na semana passada, ele deu uma festa para ela lá mesmo, na

própria aldeia, uma festa a fantasia, e o Sr. Wynand vestiu-se de César Bórgia – não era de se esperar? –, e que festa! Se pudermos acreditar no que se ouve, mas você sabe como é, nunca se pode provar nada sobre Wynand. Então, no dia seguinte, não é que ele foi posar lá, em pessoa, ao lado de pequenos estudantes que nunca tinham visto uma aldeia austríaca – que filantropo! –, e colocou as fotos por toda parte em seus jornais, acompanhadas de muitas lamúrias sobre os valores educacionais, e recebeu mensagens emocionadas de clubes femininos! Eu gostaria de saber o que ele vai fazer com a aldeia, quando se livrar da Lili! E vai se livrar, porque elas nunca duram muito tempo com ele. Você acha que eu terei alguma chance com ela, quando isso acontecer?

– Claro – disse Keating. – É claro que terá. Como estão as coisas aqui no escritório?

– Tudo bem. O mesmo de sempre. Lucius ficou resfriado e tomou todo o meu melhor Bas Armagnac. Além de fazer mal ao coração dele, custa cem dólares a caixa! Além disso, ele se meteu em uma bela encrenca. É aquela mania dele, a maldita porcelana. Parece que ele comprou um bule de um receptor. E ele sabia que era mercadoria roubada. Deu-me bastante trabalho nos salvar do escândalo... Ah, a propósito, eu demiti aquele seu amigo... Como se chama mesmo? Roark

– Oh! – exclamou Keating, e deixou passar um instante antes de perguntar: – Por quê?

– O filho da mãe insolente! Onde foi que você o achou?

– O que aconteceu?

– Eu quis ser simpático com ele, dar-lhe uma chance de verdade. Pedi-lhe que desenhasse um esboço do Edifício Farrell. Você sabe, aquele que Brent finalmente conseguiu desenhar e que convencemos Farrell a aceitar, o da ordem dórica simplificada. E o seu amigo simplesmente se recusou a fazê-lo. Parece que ele tem ideais, ou coisa parecida. Então eu lhe indiquei a porta da rua... O que foi? Está sorrindo por quê?

– Por nada. É só que até parece que estou vendo a cena.

– E não venha me pedir para aceitá-lo de volta!

– Não, claro que não.

Durante vários dias, Keating pensou que deveria fazer uma visita a Roark. Não sabia o que diria, mas sentia vagamente que deveria dizer alguma coisa. Continuou adiando. Estava adquirindo confiança em seu trabalho e sentia que não precisava dele, afinal de contas. Os dias foram passando e ele não foi visitar Roark e sentiu-se aliviado por estar livre para esquecer-se dele.

Através das janelas de seu apartamento, Roark via os telhados, as caixas-d'água, as chaminés, os carros passando velozes lá embaixo. Havia uma ameaça no silêncio de sua sala, nos dias vazios, em suas mãos balançando, desocupadas, ao lado do corpo. E ele sentia outra ameaça erguendo-se da cidade abaixo, como

se cada janela, cada faixa de calçada houvesse se fechado de forma inflexível, em muda resistência. Isso não o perturbava. Ele soubera disso e havia muito tempo o aceitara.

Fez uma lista dos arquitetos cujos trabalhos o incomodavam menos, colocando-os em ordem a partir do menos mau, e saiu em busca de um emprego, fria e sistematicamente, sem raiva nem esperança. Nunca soube se esses dias o magoaram. Sabia apenas que era algo que tinha de ser feito.

Os arquitetos que visitou eram diferentes uns dos outros. Alguns olhavam para ele por sobre suas escrivatinhas, de maneira gentil e vaga, e a conduta deles parecia dizer que sua ambição de ser arquiteto era comovente – comovente, louvável, estranha e sedutoramente triste, como todas as ilusões da juventude. Alguns sorriam para ele, os lábios finos e apertados, e pareciam desfrutar de sua presença em seus escritórios, porque os tornava conscientes de suas próprias realizações. Alguns falavam friamente, como se tomassem a ambição de Roark como um insulto pessoal. Alguns eram bruscos e a rispidez de suas vozes parecia dizer que eles precisavam de bons projetistas – sempre precisavam de bons projetistas –, mas essa qualificação não podia se aplicar a ele, e ele deveria, por gentileza, evitar ser tão rude a ponto de forçá-los a expressar isso de forma mais franca.

Não era maldade. Não era um julgamento feito com base em seu mérito. Eles não achavam que Roark não tivesse valor. Simplesmente não tinham interesse em descobrir se ele era bom. Às vezes lhe pediam que mostrasse seus esboços. Ele os estendia por cima da mesa, sentindo os músculos de sua mão se contraírem de vergonha. Era como se as roupas estivessem sendo arrancadas de seu corpo, e a vergonha não era ter seu corpo exposto, mas o fato de ser exposto a olhos indiferentes.

De vez em quando, viajava até Nova Jersey para visitar Cameron. Sentavam-se juntos, na varanda da casa em uma colina, Cameron em uma cadeira de rodas, suas mãos sobre um cobertor velho que cobria os joelhos.

– Como está, Howard? Muito difícil?

– Não.

– Quer que eu lhe dê uma carta de recomendação para um dos desgraçados?

– Não.

Depois, Cameron não falou mais no assunto, não queria falar sobre isso, não queria que o pensamento de Roark sendo rejeitado pela cidade deles se tornasse real. Quando ele vinha visitá-lo, Cameron falava sobre arquitetura com a confiança simples de uma posse particular. Sentavam-se juntos, olhando para a cidade a distância, à beira do céu, do outro lado do rio. O céu tornava-se escuro e luminoso, como um vidro azul-esverdeado. Os prédios pareciam nuvens condensadas no vidro, nuvens de um cinza-azulado, congeladas por um instante em ângulos retos e cabos verticais, com o pôr do sol preso em suas pontas...

Com o passar dos meses de verão, quando sua lista se esgotou e ele retornou aos lugares que já o haviam recusado, Roark descobriu que algumas coisas a seu respeito eram conhecidas. Ele ouvia as mesmas palavras, ditas de forma ríspida, tímida, com raiva ou como um pedido de desculpas: “Você foi expulso de Stanton. Foi demitido do escritório de Francon.” Todas as vozes diferentes que as diziam tinham um tom em comum: um tom de alívio, na certeza de que outros já haviam tomado a decisão por eles.

Sentava-se no parapeito da janela, à noite, fumando, sua mão espalmada sobre a vidraça, a cidade sob seus dedos, o vidro frio contra sua pele.

Em setembro, leu um artigo intitulado “Abram Caminho para o Amanhã”, de Gordon L. Prescott, membro da Associação Americana de Arquitetos, na *Tribuna da Arquitetura*. O artigo afirmava que a tragédia da profissão eram as dificuldades colocadas no caminho de seus talentosos iniciantes; que grandes dons haviam sido perdidos na luta, despercebidos; que a arquitetura estava sucumbindo por causa da falta de sangue e ideias novos, e da ausência de originalidade, visão e coragem; que o autor do artigo tinha como objetivo procurar iniciantes promissores, incentivá-los, desenvolvê-los e lhes dar a oportunidade que mereciam. Roark nunca ouvira falar de Gordon L. Prescott, mas havia um tom de convicção honesta no artigo. Permitiu-se ir ao escritório dele com o mais leve indicio de esperança.

A recepção do escritório de Gordon L. Prescott era decorada em cinza, preto e vermelho. Era adequada, sóbria e ousada ao mesmo tempo. Uma secretária jovem e muito bonita informou a Roark que ninguém podia ver o Sr. Prescott sem hora marcada, mas que ela ficaria muito feliz em marcar um horário para a próxima quarta-feira, às 14h15. Quando voltou no dia e horário agendados, a secretária sorriu para Roark e pediu-lhe, por favor, que se sentasse e aguardasse apenas um momento. Às 16h45, ele foi conduzido à sala de Prescott.

O homem vestia um paletó de tweed xadrez marrom e um suéter de lã angorá, de gola olímpica. Era alto e atlético e tinha 35 anos, mas seu rosto combinava um ar resoluto de sabedoria sofisticada com a pele macia, o nariz delicado, a boca pequena e carnuda de um herói da faculdade. Seu rosto era bronzeado de sol, seu cabelo louro, bem curto, em um corte militar prussiano. Ele era obviamente masculino, obviamente despreocupado com elegância e obviamente consciente do efeito que causava.

Ouviu Roark em silêncio, e seus olhos eram como um cronômetro, registrando cada segundo consumido por cada palavra do visitante. Deixou passar a primeira frase. Na segunda, interrompeu para dizer bruscamente:

– Deixe-me ver seus desenhos. – Como se quisesse deixar claro que qualquer coisa que Roark pudesse dizer já era bastante conhecida por ele.

Segurou os desenhos em suas mãos bronzeadas. Antes de olhar para eles, declarou:

– Ah, sim, muitos jovens vêm me pedir conselhos, muitos mesmo.

Deu uma olhada no primeiro esboço, mas ergueu a cabeça antes de vê-lo.

– Claro, é a combinação do prático com o transcendental que é tão difícil para os iniciantes apreenderem.

Passou o esboço para o final da pilha.

– A arquitetura é fundamentalmente uma concepção utilitária, e o problema é elevar o princípio do pragmatismo ao nível da abstração estética. Todo o resto é besteira.

Olhou de relance para dois esboços e passou-os para o fim da pilha.

– Não tenho nenhuma paciência com visionários que veem na arquitetura uma cruzada sagrada pelo bem da própria arquitetura. O grande princípio dinâmico é o princípio comum da equação humana.

Deu uma olhada em mais um esboço e colocou-o no fim da pilha.

– O gosto do público e o coração do público são os derradeiros critérios do artista. Gênio é aquele que sabe como expressar o geral. A exceção é explorar o trivial.

Pesou a pilha de esboços em sua mão, reparou que havia chegado metade deles e deixou-os cair sobre a escrivaninha.

– Ah, sim – disse –, o seu trabalho. Muito interessante. Porém não é prático. Não é maduro. Desfocado e indisciplinado. Pueril. Originalidade só pela própria originalidade. Não está, de forma alguma, sintonizado com o espírito dos dias de hoje. Se quiser ter uma ideia do tipo de coisa para a qual existe uma necessidade premente... Veja, vou lhe mostrar. – Tirou um esboço de uma gaveta da escrivaninha. – Este é um jovem que veio me ver sem quaisquer recomendações, um iniciante que nunca havia trabalhado antes. Quando puder produzir algo deste tipo, você não precisará procurar emprego. Eu vi este único esboço dele e admiti-o imediatamente, com um salário de US\$ 25 por semana. Não há dúvida de que ele é um gênio em potencial.

Passou o esboço para Roark Representava uma casa na forma de um silo de cereais, incredivelmente fundido com a sombra simplificada e pálida do Partenon.

– Isso – declarou Gordon L. Prescott – é originalidade, o novo no eterno. Tente algo desse tipo. Não posso realmente dizer que prevejo grandes coisas em seu futuro. Devemos ser francos, eu não gostaria de lhe dar ilusões baseadas em minha autoridade. Você tem muito que aprender. Eu não poderia tentar adivinhar que talentos você talvez venha a possuir ou desenvolver mais tarde. Entretanto, com muito esforço, talvez... No entanto, a arquitetura é uma profissão difícil e a concorrência é ferrenha, sabe, muito... Agora, se me der licença, minha secretária tem outro compromisso me aguardando.



Roark caminhava para casa tarde, em uma noite de outubro. Fora outro dos muitos dias que se estendiam em meses atrás dele, e ele não poderia dizer o que ocorrera nas horas daquele dia, quem visitara, que forma tomaram as palavras de rejeição. Concentrava-se intensamente nos poucos minutos que tinha, quando estava em um escritório, esquecendo-se de tudo o mais. Esquecia-se desses minutos assim que saía de lá. Tinha de ser feito, fora feito, já não dizia mais respeito a ele. Estava livre, uma vez mais, a caminho de casa.

Uma rua comprida estendia-se diante dele, suas laterais altas unindo-se adiante, tão estreita que ele se sentia como se pudesse abrir os braços, agarrar os topos dos prédios e separá-los. Caminhava depressa, a calçada servindo como um trampolim que impulsionava seus passos para a frente.

Viu um triângulo de concreto iluminado, suspenso em algum lugar a centenas de metros acima do solo. Não conseguia ver o que estava por baixo, sustentando-o. Estava livre para imaginar o que gostaria de ver ali, o que ele teria construído para ser visto. E então pensou que, agora, nesse momento, de acordo com a cidade, de acordo com todos, com exceção daquela certeza concreta dentro dele, Roark jamais construiria outra vez, jamais – antes mesmo de ter começado. Deu de ombros. Aquelas coisas que estavam acontecendo com ele, naqueles escritórios de estranhos, eram apenas um tipo de sub-realidade, incidentes insubstanciais no caminho de uma substância que eles não podiam alcançar ou tocar.

Seguiu pelas ruas laterais que levavam ao East River. Um farol solitário estava suspenso adiante, ao longe, uma mancha vermelha na escuridão desolada. As casas velhas estavam agachadas junto ao chão, curvadas sob o peso do céu. Seus passos ecoavam na rua deserta e oca. Ele prosseguia, a gola levantada, as mãos nos bolsos. Sua sombra se elevou a partir de seus calcanhares, quando ele passou por uma luz, e refletiu-se em uma parede, formando um arco negro e longo, como o movimento rápido de um limpador de para-brisa.

JOHN ERIK SNYTE OLHOU OS ESBOÇOS de Roark, atirou três deles para o lado, reuniu o restante em uma pilha arrumada, deu uma olhada rápida nos três, colocou-os, um por um, no topo da pilha, com três baques nítidos, e disse:

– Extraordinário. Radical, mas extraordinário. O que você vai fazer hoje à noite?

– Por quê? – perguntou Roark, pasmo.

– Está livre? Você se importaria de começar imediatamente? Tire o casaco, vá à sala de desenho, pegue emprestados os materiais de desenho de alguém e me faça um esboço para uma loja de departamentos que estamos reformando. Apenas um esboço rápido, só uma ideia geral, mas preciso tê-lo pronto amanhã. Importa-se de ficar até mais tarde hoje? O aquecimento está ligado e direi a Joe para mandar lhe trazerem jantar. Quer café puro, uísque ou o quê? É só dizer ao Joe. Você pode ficar?

– Sim – respondeu Roark, incrédulo. – Posso trabalhar a noite toda.

– Ótimo! Esplêndido! É justamente o que sempre me faltou: um homem de Cameron. Já tenho todos os outros tipos. Ah, é mesmo, quanto lhe pagavam no escritório do Francon?

– Sessenta e cinco.

– Bem, não posso esbanjar como Guy, o epicurista. Cinquenta, no máximo. Está bem? Ótimo. Pode entrar já. Vou mandar Billings lhe explicar sobre a loja. Quero algo moderno. Entendeu? Moderno, violento, louco, para fazer os queixos deles caírem. Não se contenha. Vá até o limite. Use todos os truques que conseguir imaginar, quanto mais maluco, melhor. Vamos lá!

Snyte levantou-se de um salto, abriu bruscamente uma porta, que dava para uma enorme sala de desenho, correu para dentro, derrapando até parar perto de uma prancheta, e disse para um homem atarracado, que tinha um rosto austero, em forma de lua:

– Billings, Roark Ele é o nosso modernista. Dê-lhe a loja Benton e alguns materiais de desenho. Deixe suas chaves com ele e mostre-lhe o que deve trancar, no fim da noite. Registre-o a partir de hoje de manhã. Cinquenta. A que horas era meu compromisso com a Dolson Brothers? Já estou atrasado. Até logo, não volto mais hoje.

Saiu apressado, batendo a porta atrás de si. Billings não demonstrou nenhuma surpresa. Olhou para Roark como se ele sempre houvesse estado ali. Falava, impassível, com voz arrastada e entediante. Vinte minutos depois, deixou-o em uma prancheta de desenho, com papel, lápis, instrumentos, um conjunto de plantas e fotografias de uma loja de departamentos, uma série de gráficos e uma longa lista de instruções.

Roark olhou para o papel limpo e branco diante dele, sua mão cerrada com

força ao redor de um lápis. Soltou o lápis e pegou-o novamente, seu polegar acariciando suavemente para cima e para baixo a haste macia. Viu que o objeto tremia. Largou-o rapidamente e sentiu-se irritado consigo mesmo pela fraqueza de permitir que esse emprego significasse tanto para ele, pelo conhecimento súbito do que realmente significaram os meses de inatividade que deixava para trás. As pontas de seus dedos pressionavam o papel, como se este as retivesse, como uma superfície carregada de eletricidade retém a carne de um homem que esbarra nela, retém e a machuca. Arrancou seus dedos do papel. Então começou a trabalhar...

John Erik Snyte tinha 50 anos. Possuía uma expressão de divertimento provocador, esperto e devasso, como se compartilhasse com cada homem que contemplasse um segredo depravado que nunca mencionava, por ser tão óbvio para os dois. Era um arquiteto famoso e sua expressão não mudava quando ele comentava esse fato. Considerava Guy Francon um idealista pouco prático. Ele não se deixava restringir por nenhum dogma clássico. Era muito mais hábil e liberal. Construía qualquer coisa. Não tinha nenhuma aversão pela arquitetura moderna e criava alegremente, quando um raro cliente assim lhe pedia, caixas sem nenhum adorno com telhados planos, que chamava de progressistas. Construía mansões romanas, que chamava de afetadas. E igrejas góticas, que chamava de espirituais. Não via nenhuma diferença entre elas. Nunca se zangava, a não ser quando alguém o chamava de eclético.

Possuía um sistema próprio. Empregava cinco projetistas de estilos diferentes e promovia um concurso entre eles a cada projeto que recebia. Escolhia o desenho vitorioso e melhorava-o com detalhes dos outros quatro. Costumava dizer que “seis cabeças pensam melhor do que uma”.

Quando Roark viu o desenho final da loja de departamentos Benton, compreendeu por que Snyte não tivera medo de contratá-lo. Reconheceu seus próprios planos de espaço, suas janelas, seu sistema de circulação. Viu, acrescentados a eles, capitéis coríntios, abóbadas góticas, candelabros coloniais e cornijas inacreditáveis, vagamente mouriscas. O desenho era feito em aquarela, com uma delicadeza milagrosa, fixado em uma cartolina e coberto por um véu de papel de seda. Os homens da sala de desenho não podiam examiná-lo, exceto de uma distância segura. Todos tinham que ter as mãos lavadas e deviam jogar fora os cigarros. Snyte dava grande importância à aparência adequada de um desenho a ser apresentado a um cliente e empregava um jovem chinês, estudante de arquitetura, apenas para executar tais obras-primas.

Roark sabia o que esperar deste emprego. Nunca veria seus projetos construídos, apenas partes deles, que ele preferia não ver. Porém estaria livre para projetar como quisesse e teria a experiência de resolver problemas reais. Era menos do que ele queria e mais do que poderia esperar. Aceitou a situação como era. Conheceu seus colegas projetistas, os quatro outros concorrentes, e

descobriu que eram chamados, extra-oficialmente, na sala de desenho, de “Clássico”, “Gótico”, “Renascentista” e “Misto”. Estremecia um pouco quando alguém se dirigia a ele dizendo: “Ei, Modernista!”



A greve dos sindicatos dos ofícios relacionados à construção enfureceu Guy Francon. Ela começara contra os empreiteiros responsáveis pela construção do Hotel Noyes-Belmont e espalhara-se para todas as obras novas da cidade. Fora mencionado na imprensa que os arquitetos do Noyes-Belmont eram a firma Francon & Heyer.

A maior parte da imprensa contribuiu para a briga, instigando os empreiteiros a não se renderem. Os ataques mais intensos contra os grevistas vinham dos poderosos jornais da grande cadeia Wynand.

Seus editoriais diziam: “Nós sempre apoiamos os direitos dos homens comuns contra os predadores privilegiados, mas não podemos dar nosso apoio à destruição da lei e da ordem.” Nunca foi descoberto se foram os jornais de Wynand que lideraram o público, ou se foi o público que liderou os jornais dessa cadeia – sabia-se apenas que os dois se mantinham notavelmente em sintonia. Ninguém sabia, entretanto, à exceção de Guy Francon e mais umas poucas pessoas, que Gail Wynand era o dono da corporação que possuía a corporação que era dona do Hotel Noyes-Belmont.

Esse fato agravou consideravelmente a aflição de Francon. Corria o boato de que as operações imobiliárias de Gail Wynand eram ainda mais vastas do que seu império jornalístico. Fora a primeira chance que Francon tivera de construir um prédio para Wynand, e ele agarrou-a avidamente, pensando nas possibilidades que ela poderia abrir. Ele e Keating lançaram mão de todos os seus esforços para projetar o mais adornado de todos os palácios rococós, para futuros clientes que poderiam pagar uma diária de 25 dólares por quarto e que gostavam de flores de gesso, cupidos de mármore e elevadores em forma de jaulas abertas feitas de rendas de bronze. A greve destruíra as possibilidades futuras. Francon não podia ser responsabilizado por ela, mas ninguém podia jamais prever a quem Gail Wynand culparia, e por quê. As mudanças imprevisíveis e inexplicáveis do favoritismo do sujeito eram famosas, e era fato bastante conhecido que poucos arquitetos que ele contratava uma vez eram chamados por ele novamente.

O humor sombrio de Francon levou-o a explodir, sem nenhuma razão específica, com a única pessoa que sempre fora imune a isso: Peter Keating. Este sacudiu os ombros e deu-lhe as costas, em silencioso atrevimento. Depois, vagou sem propósito pelos corredores, falando rispidamente com os jovens projetistas, sem ter sido provocado. Deu de cara com Lucius N. Heyer, no limiar de uma porta, e vociferou:

– Olhe por onde anda!

Heyer ficou parado, observando-o afastar-se, desnordeado, piscando os olhos.

Havia pouco a fazer no escritório, nada a dizer e todos a evitar. Keating saiu cedo e caminhou para casa em um crepúsculo frio de dezembro.

Em casa, xingou em voz alta o cheiro forte de tinta que saía dos aquecedores quentes demais. Praguejou contra o frio, quando sua mãe abriu uma janela. Não conseguia encontrar nenhuma razão para sua inquietude, a menos que fosse a súbita inatividade que o havia deixado sozinho. Ele não suportava ficar só.

Agarrou o telefone e ligou para Catherine Halsey. O som claro da voz dela era um calmante, uma mão fresca acariciando a testa quente dele. Keating disse:

– Nada importante, querida, eu só queria saber se você vai estar em casa hoje à noite. Pensei em passar aí depois do jantar.

– Claro, Peter. Estarei em casa.

– Ótimo. Por volta das 20h30?

– Está bem... Ah, Peter, você ouviu falar sobre tio Ellsworth?

– Sim, ouvi falar sobre o seu maldito tio Ellsworth! Desculpe, Katie... Perdoe-me, querida, eu não quis ser grosseiro, mas ouvi falar no seu tio o dia todo. Eu sei, é maravilhoso e tudo o mais, só que, preste atenção, não vamos falar sobre ele novamente hoje à noite!

– Não, claro que não. Desculpe. Eu entendo. Estarei esperando por você.

– Até logo, Katie.

Ele ouvira a última história sobre Ellsworth Toohey, mas não queria pensar nela porque lhe fazia voltar ao assunto irritante da greve. Seis meses atrás, seguindo seu sucesso com *Sermões em pedra*, Toohey fora escolhido para escrever “Uma Pequena Voz”, uma coluna diária para os jornais de Wynand. A coluna aparecia no *Banner* e começara como uma seção de crítica de arte, mas expandiu-se até se transformar em uma tribuna informal da qual ele pronunciava veredictos sobre arte, literatura, restaurantes de Nova York, crises internacionais e sociologia – principalmente sociologia. Foi um grande sucesso. Porém a greve dos trabalhadores da construção colocara Toohey em posição delicada. Ele não fazia segredo de sua simpatia pelos grevistas, mas não mencionara nada em sua coluna, uma vez que ninguém podia dizer o que quisesse nos jornais de Gail Wynand, a não ser o próprio. Entretanto, uma manifestação dos simpatizantes da greve fora convocada para essa noite. Muitos homens famosos iam discursar, entre eles Ellsworth Toohey. Pelo menos o nome dele havia sido anunciado.

O evento estava causando grande especulação e curiosidade, e faziam-se apostas sobre Toohey ter ou não a ousadia de comparecer.

– Ele vai comparecer – Keating ouvira um desenhista insistir, com veemência –, vai se sacrificar. Ele é esse tipo de pessoa. É o único homem honesto na imprensa.

– Ele não vai – dissera outro. – Você percebe o que significa pregar uma peça

dessas no Wynand? Quando Wynand fica com rancor de um homem, ele o destrói, com toda a certeza. Ninguém sabe quando nem como ele fará isso, mas fará, e ninguém poderá provar nada contra ele. Quando alguém provoca Wynand, está acabado de vez.

Keating não ligava a mínima para a questão. Tudo a respeito desse assunto o irritava.

Naquela noite, comeu seu jantar em um silêncio sombrio e, quando a Sra. Keating começou com um “Ah, a propósito...”, para conduzir a conversa em uma direção que ele reconhecia, disse-lhe rispidamente:

– Você não vai falar sobre Catherine. Fique quieta.

A Sra. Keating não disse mais nada e concentrou-se em encher o prato dele com mais comida.

Ele tomou um táxi para Greenwich Village. Subiu as escadas correndo e tocou a campainha com força. Esperou. Não houve resposta. Esperou, encostado na parede, tocando a campainha, por muito tempo. Catherine não sairia sabendo que ele viria, não podia ter saído. Ele desceu as escadas, incrédulo, saiu à rua e olhou para as janelas do apartamento dela, acima. Estavam escuras.

Ficou ali parado, olhando para as janelas como se fitasse uma traição gigantesca. E então foi tomado por um sentimento doentio de solidão, como se estivesse desabrigado em uma grande cidade. Naquele momento, esqueceu-se de seu próprio endereço ou da mera existência de um. De repente, pensou na reunião, a grande manifestação em que o tio dela bancaria o mártir em público, essa noite. *Foi para lá que ela foi*, pensou, *a tontinha!* E arrematou em voz alta:

– Ela que vá para o inferno!

Logo depois, estava caminhando rapidamente na direção do salão da reunião.

Havia uma lâmpada exposta acima do batente quadrado da entrada do salão, uma bola pequena, branco-azulada, que brilhava ameaçadora, fria e reluzente demais. Saltava da rua escura, iluminando um fio de água da chuva que escorria de algum beiral acima, uma agulha de vidro cintilante, tão fina e lisa que Keating pensou, enlouquecido, nas histórias em que homens haviam sido mortos, perfurados com uma estalactite de gelo. Um punhado de vagabundos curiosos aglomerava-se com indiferença perto da entrada, sob a chuva, assim como alguns policiais. A porta estava aberta. O saguão pouco iluminado estava lotado de pessoas que não conseguiram entrar no salão abarrotado. Elas escutavam o alto-falante, instalado ali para o evento. À porta, três sombras indistintas estavam distribuindo panfletos para os pedestres. Uma delas era um jovem esquelético, com a barba por fazer, que tinha um pescoço comprido e descoberto; a outra era um jovem alinhado que vestia um casaco caro sobre o qual se via uma gola de pele; a terceira era Catherine Halsey.

Ela estava na chuva, de ombros caídos, a barriga arqueada para a frente, por causa do cansaço, o nariz brilhando, os olhos radiantes de entusiasmo. Keating

parou, olhando-a. Ela estendeu a mão para ele de forma mecânica, segurando um panfleto, e só então ergueu os olhos e o viu. Ela sorriu sem espanto e disse alegremente:

– Peter! Que gentileza sua vir até aqui!

– Katie... – ele engasgou levemente – Katie, que diabos...

– Eu tinha que vir, Peter. – Sua voz não continha nem um traço de um pedido de desculpas. – Você não entende, mas eu...

– Saia da chuva. Vá para dentro.

– Não posso! Eu tenho que...

– Saia da chuva, pelo menos, sua tonta!

Ele a empurrou bruscamente através da porta, para um canto do saguão.

– Peter, querido, você não está bravo, está? Veja, foi assim: eu não achei que meu tio me deixaria vir aqui hoje, mas, na última hora, ele disse que me autorizava, se quisesse, e que eu podia ajudar com os panfletos. Eu sabia que você entenderia e lhe deixei um bilhete sobre a mesa da sala, explicando, e...

– Você me deixou um bilhete? *Dentro da sua casa?*

– Sim... Oh... Puxa vida, nem pensei nisso, você não podia entrar, é claro. Que tolice a minha, mas eu estava com tanta pressa! Não, você não vai ficar bravo, não pode ficar! Não vê o que isto significa para ele? Não sabe o que meu tio está sacrificando por estar aqui? E eu sabia que ele o faria. Eu disse a eles, àquelas pessoas que achavam que ele não viria de jeito nenhum, que seria o fim dele – e talvez seja, mas tio Ellsworth não se importa. É assim que ele é. Estou assustada, mas imensamente feliz, porque o que ele fez me faz acreditar em todos os seres humanos. Mas tenho medo porque, você sabe, Wynand vai...

– Fique quieta! Eu sei de tudo. Não aguento mais isso. Não quero ouvir falar no seu tio nem no Wynand, nem na maldita greve. Vamos sair daqui.

– Não, Peter! Não podemos! Quero ouvi-lo falar e...

– Calem a boca, vocês aí! – alguém no meio da multidão sussurrou num tom raivoso para eles.

– Nós estamos perdendo tudo – cochichou ela. – É Austen Heller que está falando. Você não quer ouvi-lo?

Keating olhou para o alto-falante com certo respeito, que era algo que sentia por todos os nomes famosos. Não lera muito de Austen Heller, mas sabia que ele era o colunista principal do *Chronicle*, um jornal independente e brilhante, arqui-inimigo das publicações Wynand. Sabia que Heller vinha de uma família antiga e distinta e que se formara em Oxford; que ele começara como crítico literário e acabara se tornando um fanático silencioso, dedicado à destruição de todas as formas de coerção, privadas ou públicas, na Terra ou no Céu; que ele fora amaldiçoado por pregadores, banqueiros, mulheres de associações e líderes trabalhistas; que ele era mais educado que a elite social da qual geralmente zombava, e mais forte do que os trabalhadores que geralmente defendia; que ele

podia conversar sobre a peça mais recente da Broadway, poesia medieval ou finanças internacionais; que ele nunca doava para a caridade, mas gastava mais de seu próprio dinheiro do que podia, na defesa de prisioneiros políticos em qualquer lugar.

A voz que saía do alto-falante era seca, precisa e tinha um leve sotaque britânico.

– ... e devemos considerar – dizia Austen Heller, sem emoção – que, já que, infelizmente, somos forçados a viver juntos, a coisa mais importante de que devemos nos lembrar é que a única maneira de termos qualquer lei é ter o mínimo de lei possível. Não vejo nenhum padrão ético com o qual medir toda a concepção antiética de um Estado, exceto pela quantidade de tempo, pensamento, dinheiro, esforço e obediência que uma sociedade extorque de cada um de seus membros. Seu valor e sua civilização são inversamente proporcionais a essa extorsão. Não existe nenhuma lei concebível através da qual um homem possa ser forçado a trabalhar em quaisquer termos que não sejam os que ele estabelecer. Não existe nenhuma lei concebível que o impeça de estabelecê-los, assim como não existe nenhuma que force seu empregador a aceitar seus termos. A liberdade de concordar ou discordar é a base de nosso tipo de sociedade, e a liberdade de entrar em greve faz parte dela. Estou mencionando isso como um lembrete a um certo Petrônio, de Hell's Kitchen, um filho da mãe sofisticado que tem feito muito barulho ultimamente, dizendo-nos que esta greve representa uma destruição da lei e da ordem.

O alto-falante cuspiu um ruído alto e estridente de aprovação e uma algazarra de aplausos. Algumas pessoas no saguão manifestaram espanto. Catherine agarrou o braço de Keating.

– Peter! – sussurrou ela. – Ele está falando do Wynand! Ele nasceu em Hell's Kitchen. Ele pode se dar ao luxo de dizer isso, mas Wynand vai descontar no tio Ellsworth!

Keating não conseguiu escutar o resto do discurso de Heller, porque sua cabeça estava tomada por uma dor tão violenta que o som machucava seus olhos e ele tinha que manter as pálpebras firmemente cerradas. Encostou-se na parede.

Abriu os olhos de repente, quando se deu conta do estranho silêncio à sua volta. Não reparara no final do discurso de Heller. Viu as pessoas no saguão aguardarem em uma expectativa tensa e solene. O chiado do alto-falante atraía todos os olhares para seu funil escuro. Então uma voz surgiu do silêncio, falando alto e devagar:

– Senhoras e senhores, tenho a imensa honra de lhes apresentar agora o Sr. Ellsworth Monkton Toohey!

Bem, pensou Keating, *Bennett ganhou sua aposta lá no escritório*. Passaram-se alguns segundos de silêncio. E então o que aconteceu atingiu Keating na nuca.

Não foi um som ou uma pancada, foi algo que rasgou o tempo, que arrancou o momento do instante normal que o precedeu. Ele percebeu apenas o choque, de início. Percebeu distintamente que um segundo havia passado antes que se desse conta do que era, e de que eram aplausos. Foi uma explosão de aplausos tão violenta que ele ficou esperando que o alto-falante estourasse. Continuavam sem parar, pressionando as paredes do saguão, e ele pensou que podia senti-las inflando na direção da rua. As pessoas ao seu redor gritavam. Catherine estava paralisada, de lábios entreabertos, e ele teve a certeza de que ela não estava respirando.

Passou muito tempo antes que o silêncio viesse, abruptamente, tão brusco e chocante quanto o estrondo. O alto-falante emudeceu, engasgando-se em uma nota aguda. Todos no saguão ficaram imóveis. E então ouviu-se a voz.

– Meus amigos – a voz disse, de forma simples e solene –, meus irmãos – acrescentou suave, involuntariamente, ao mesmo tempo cheia de emoção e desculpando-se pela emoção. – Estou mais emocionado por esta recepção do que deveria me permitir estar. Espero ser perdoado por possuir um vestígio da criança vaidosa que existe em todos nós. Mas percebo e, nesse espírito, aceito que esta homenagem foi feita não à minha pessoa, mas ao princípio que o acaso me concedeu representar com toda a humildade, esta noite.

Não era uma voz, era um milagre. Desenrolava-se como uma bandeira de veludo. Dizia palavras em inglês, mas a clareza ressoante de cada sílaba fazia com que soasse como uma nova língua, falada pela primeira vez. Era a voz de um gigante.

Keating ficou parado, de boca aberta. Não ouvia o que a voz estava dizendo. Ouvia a beleza dos sons sem significado. Não sentia nenhuma necessidade de saber o significado. Podia aceitar qualquer coisa, e seria guiado cegamente a qualquer lugar.

– ... portanto, meus amigos – dizia a voz –, a lição a ser aprendida de nossa luta trágica é a da união. Ou nos unimos, ou seremos vencidos. Nossa vontade, a vontade dos deserdados, dos esquecidos, dos oprimidos, nos fundirá em uma fortaleza sólida, com uma fé e um objetivo em comum. Este é o momento em que cada homem deve abandonar os pensamentos de seus pequenos problemas insignificantes, do ganho, do conforto, da autogratificação. Este é o momento de fundir seu ego em uma grande corrente, na maré ascendente que se aproxima para arrastar a todos nós, os dispostos e os não dispostos, para o futuro. A história, meus amigos, não faz perguntas nem pede consentimento. Ela é irrevogável, como a voz das massas que a determinam. Vamos atender ao chamado. Vamos nos organizar, meus irmãos. Vamos nos organizar. Vamos nos organizar. Vamos nos organizar.

Keating olhou para Catherine. Não havia mais Catherine. Havia apenas um rosto pálido se dissolvendo ao som do alto-falante. Não porque ouvira o que o tio

falara: Keating não conseguia sentir nenhum ciúme dele, mas gostaria de poder sentir. Não era afeição. Era algo frio e impessoal que a deixava vazia, sua vontade entregue, sem que nenhuma vontade humana a tomasse, mas sim algo inominável que a estava engolindo.

– Vamos sair daqui – sussurrou ele. Sua voz soou selvagem. Ele estava com medo.

Ela virou-se para ele, como se estivesse voltando de um estado de inconsciência. Peter sabia que Catherine estava tentando reconhecê-lo e lembrar tudo o que ele significava. Ela murmurou:

– Sim. Vamos sair.

Caminharam pelas ruas, na chuva, sem direção. Estava frio, mas eles prosseguiram, para estar em movimento, para sentir o movimento, para conhecer a sensação de seus próprios músculos se movendo.

– Estamos ficando ensoados – disse Keating afinal, tão direta e naturalmente quanto podia. O silêncio entre eles assustava-o; provava que ambos estavam cientes da mesma coisa, e que a coisa fora real. – Vamos procurar um lugar onde possamos tomar algo.

– Sim – respondeu Catherine –, vamos. Está tão frio... Não é burrice minha? Agora perdi o discurso do meu tio, e eu queria tanto ouvi-lo. – Estava tudo bem. Ela o mencionara, e com bastante naturalidade, com uma porção saudável de arrependimento apropriado. A coisa havia desaparecido. – Mas eu queria estar com você, Peter... Quero estar com você sempre. – A coisa teve um último espasmo, não no significado do que ela disse, mas no motivo que a fizera dizer. Depois se foi, e Keating sorriu. Seus dedos buscaram o pulso dela, entre sua manga e a luva, e sua pele estava quente ao toque dele...

Muitos dias depois, Keating ouviu a história que estava sendo contada pela cidade inteira. Diziam que, no dia seguinte à manifestação, Gail Wynand dera um aumento de salário a Ellsworth Toohey, que ficara furioso e tentara recusá-lo.

– Não pode me subornar, Sr. Wynand – dissera ele.

– Não é suborno – retrucara Wynand. – Não se dê tanta importância.



Quando a greve foi suspensa, as construções interrompidas foram retomadas com toda a força, pela cidade inteira, e Keating viu-se passando dias e noites no trabalho, com novos projetos jorrando no escritório como água. Francon sorria alegremente para todo mundo e deu uma pequena festa para seus funcionários, no intuito de apagar a lembrança de qualquer coisa que ele pudesse ter dito. A propriedade suntuosa do Sr. e da Sra. Dale Ainsworth, na Riverside Drive, um dos projetos favoritos de Keating, feita no estilo do final da Renascença e em granito

cinza, foi terminada, finalmente. O casal deu uma recepção formal para celebrar a inauguração da casa, para a qual foram convidados Guy Francon e Peter Keating. Porém Lucius N. Heyer foi ignorado, de forma bastante acidental, como sempre lhe acontecia nos últimos tempos. Francon apreciou a recepção porque cada metro quadrado de granito na residência lembrava-lhe o pagamento estupendo recebido por uma certa pedreira de granito em Connecticut. Keating apreciou a recepção porque a majestosa Sra. Ainsworth lhe disse, com um sorriso irresistível:

– Mas eu tinha *certeza* de que você era sócio do Sr. Francon! É Francon & Heyer, claro! Que grande descuido de minha parte! A única desculpa que posso dar é que, se você não é sócio dele, com certeza tem o *direito* de ser!

A vida no escritório prosseguia tranquilamente, em uma daquelas fases em que tudo parecia correr bem.

Keating ficou espantado, portanto, certa manhã, pouco tempo depois da recepção dos Ainsworth, ao ver Francon chegar ao escritório com uma fisionomia de irritação nervosa.

– Não é nada – disse ele a Keating, com um gesto impaciente –, nada mesmo.

Na sala de desenho, Keating notou três projetistas com as cabeças juntas, curvados sobre uma seção do *New York Banner*, lendo com um tipo culpado de interesse ávido. Ouvia um deles dar uma risada desagradável. Quando o viram, o jornal desapareceu, rápido demais. Ele não teve tempo de investigar a questão, pois esperava-o em sua sala um mensageiro de um empreiteiro, além de uma pilha de correspondência e desenhos a serem aprovados.

Esquecera-se do incidente três horas depois, em sua correria de compromissos. Ele se sentia leve, com a mente clara, revigorado por sua própria energia. Quando teve que consultar sua biblioteca a respeito de um novo desenho que desejava comparar com seus melhores protótipos, saiu de sua sala, assobiando, sacudindo alegremente o desenho numa das mãos.

Seu movimento levara-o até a metade da recepção, quando parou abruptamente. O desenho balançou para a frente e oscilou para trás, batendo em seus joelhos. Esqueceu-se de que era bastante inadequado parar ali, daquele jeito, nessas circunstâncias.

Uma jovem estava em pé diante da balastrada, falando com a recepcionista. Seu corpo esguio parecia estar fora de qualquer proporção, se comparado a um corpo humano normal. Suas linhas eram tão alongadas, tão frágeis, tão acentuadas, que ela parecia um desenho estilizado de uma mulher e fazia com que as proporções certas de um ser normal se tornassem pesadas e desajeitadas ao seu lado. Vestia um terno cinza simples. O contraste entre a severidade do terno sob medida e a aparência dela era deliberadamente exorbitante – e estranhamente elegante. As pontas dos dedos de uma de suas mãos repousavam sobre a balastrada, uma mão estreita na qual acabava a linha reta e sublime de

seu braço. Tinha olhos cinzentos que não eram ovais, mas sim dois cortes longos e retangulares ladeados por linhas paralelas de cílios. Possuía um ar de fria serenidade e uma boca deliciosamente cruel. Seu rosto, seu cabelo dourado-claro e seu terno pareciam não ter cor, apenas um toque, à beira da realidade da cor, fazendo com que a realidade completa parecesse vulgar. Keating ficou paralisado, porque compreendeu pela primeira vez o que os artistas queriam dizer quando falavam de beleza.

– Eu o verei agora, se for para vê-lo – dizia ela à recepcionista. – Ele me pediu que viesse, e esta é a única hora que tenho. – Não era uma ordem. Ela falava como se não fosse necessário que sua voz assumisse um tom de comando.

– Sim, mas...

Uma luz se acendeu na mesa da recepcionista e ela fez a conexão rapidamente.

– Sim, Sr. Francon... – Ela ouviu e acenou, aliviada. – Sim, Sr. Francon. – Dirigi-se à visitante: – Pode entrar agora mesmo, por favor.

A jovem virou-se e olhou para Keating, ao passar por ele a caminho das escadas. Seus olhos passaram por ele sem se deterem. Algo diminuiu na admiração atordoada de Keating. Teve tempo de ver os olhos dela; eles pareciam cansados e um pouco desdenhosos, mas o deixaram com uma sensação de fria crueldade.

Ouviu-a subindo as escadas e o sentimento desapareceu, mas a admiração permaneceu. Ele se aproximou ansiosamente da recepcionista.

– Quem era aquela? – perguntou.

A recepcionista deu de ombros:

– É a garotinha do chefe.

– Puxa, que malandro sortudo! – exclamou Keating. – Ele nunca me disse nada.

– Você me entendeu mal – retrucou a recepcionista com frieza. – É a filha dele. Dominique Francon.

– Oh – disse Keating. – Deus do céu!

– Sim? – A garota olhou para ele com sarcasmo. – Você leu o *Banner* de hoje de manhã?

– Não. Por quê?

– Leia.

O telefone tocou e ela deu-lhe as costas.

Ele mandou um ajudante ir buscar o *Banner* e procurou ansiosamente a coluna “Sua Casa”, de Dominique Francon. Keating ouvira falar que ela estava obtendo muito sucesso ultimamente com as descrições de casas de nova-iorquinos ilustres. Sua área estava limitada à decoração de ambientes, mas ocasionalmente ela se aventurava a fazer uma crítica de arquitetura. Hoje, seu tema era a nova residência do Sr. e da Sra. Dale Ainsworth, na Riverside Drive. Ele leu, entre

muitas outras coisas, o seguinte:

“Você entra em um saguão magnífico de mármore dourado e pensa que é a Prefeitura, ou o Correio Central, mas não é. No entanto, tem tudo: o mezanino com a série de colunas e a escadaria com as protuberâncias e as cártulas na forma de cintos de couro enrolados. Só que não é couro, é mármore. A sala de jantar tem um portão de bronze esplêndido, colocado por engano no teto, na forma de uma treliça entrelaçada de uvas frescas de bronze. Há patos e coelhos mortos pendurados nas paredes, dentro de buquês de cenouras, petúnias e vagens. Não acho que teriam sido muito atraentes se fossem reais, mas, uma vez que são imitações malfeitas de gesso, tudo bem... As janelas do quarto dão para um muro de tijolos, que não é muito bem-acabado, mas ninguém precisa ver os quartos... As janelas da frente são grandes o suficiente para deixar entrar bastante luz, bem como os pés dos cupidos de mármore que estão empoleirados do lado de fora. Os cupidos são bem alimentados e apresentam uma imagem bonita para a rua, contrastando com o granito severo da fachada. São muito louváveis, a menos que você simplesmente não agüente ver solas de pés com covinhas a cada vez que olhar para fora para ver se está chovendo. Se ficar enjoado, você sempre pode olhar para fora através das janelas centrais do terceiro andar, de onde poderá ver a nádega de ferro fundido de Mercúrio, que está sentado no alto do frontão localizado acima da entrada. É uma entrada muito bonita. Amanhã, visitaremos a casa do Sr. e da Sra. Smythe-Pickering.”

Keating havia projetado a casa, mas não conseguiu deixar de rir, através de sua fúria, quando pensou no que Francon deveria ter sentido quando leu esse artigo, e em como enfrentaria a Sra. Dale Ainsworth. Então esqueceu-se da casa e do artigo. Lembrava-se apenas da garota que o escrevera.

Agarrou três esboços quaisquer de sua prancheta e dirigiu-se à sala de Francon, para pedir sua aprovação, da qual ele não precisava.

No patamar da escadaria, do lado de fora da porta fechada de Francon, ele se deteve. Ouviu a voz de Francon do outro lado da porta, em alto volume, raivosa e imponente, a voz que ele sempre ouvia quando o chefe estava vencido:

– ... esperar tamanha ofensa! De minha própria filha! Estou acostumado a esperar qualquer coisa de você, mas isso é demais. O que vou fazer? Como vou explicar? Você tem noção da minha situação?

Keating ouviu-a gargalhar. Era um som tão alegre e tão frio que ele soube que era melhor não entrar. Sabia que não queria entrar porque estava com medo novamente, como estivera quando fitara os olhos dela.

Retirou-se e desceu as escadas. Quando chegou ao andar de baixo, estava pensando que iria conhecê-la, que logo iria conhecê-la e que Francon não poderia impedi-lo agora. Pensou nisso com entusiasmo, rindo aliviado da imagem da filha dele como a havia imaginado durante anos, lembrando a visão que ele tinha do futuro – muito embora ele sentisse, vagamente, que seria

melhor se nunca a encontrasse de novo.

RALSTON HOLCOMBE NÃO TINHA um pescoço visível, mas seu queixo o compensava. Seu queixo e maxilar formavam um arco contínuo que repousava em seu peito. Suas bochechas eram rosadas e macias, com a maciez pouco elástica da idade, como a pele de um pêssego escaldado. O cabelo branco e volumoso erguia-se por cima da testa e caía sobre os ombros, como uma cabeleira medieval, salpicando de caspa a parte de trás de sua gola.

Ele andava pelas ruas de Nova York usando chapéu de aba larga, terno escuro, camisa de seda verde-clara, colete de brocado branco, uma enorme gravata-borboleta preta que emergia por baixo de seu queixo e carregando não uma bengala, mas um bastão, comprido de ébano, coroado por uma bola de ouro maciço. Era como se seu corpo imenso se resignasse às convenções de uma civilização prosaica e aos seus trajes pouco atraentes, enquanto a parte central de seu peito e estômago destacava-se de forma vibrante, exibindo as cores de sua alma.

Essas coisas eram-lhe permitidas, pois ele era um gênio. Era também o presidente da Associação Americana de Arquitetos.

Ralston Holcombe não concordava com as opiniões de seus colegas da organização. Ele não era um simples construtor nem um homem de negócios. Era, conforme afirmava com convicção, um idealista.

Denunciava o estado deplorável da arquitetura dos Estados Unidos e o ecletismo sem princípios daqueles que a exerciam. Declarava que, em todos os períodos da história, os arquitetos construíram de acordo com o espírito de sua época, sem utilizar desenhos do passado. A única forma de sermos fiéis à história seria prestarmos atenção à sua lei, que exigia que plantássemos as raízes de nossa arte firmemente na realidade de nossas próprias vidas. Censurava publicamente a estupidez de construir edifícios nos estilos grego, gótico ou românico. Implorava que fôssemos modernos e que construíssemos no estilo que pertence aos nossos dias. Ele encontrara tal estilo: o renascentista.

Explicava claramente suas razões. Uma vez que, ressaltava ele, nada de grande importância histórica ocorrera no mundo desde a Renascença, deveríamos considerar que ainda estávamos vivendo naquele período, e todas as manifestações exteriores de nossa existência deveriam permanecer fiéis aos exemplos dos grandes mestres do século XVI.

Ele não tinha paciência com os poucos que falavam de uma arquitetura moderna em termos diferentes dos seus; ignorava-os. Afirmava apenas que os homens que queriam romper com *todo* o passado eram ignorantes preguiçosos, e que não se podia colocar a originalidade acima da beleza. Sua voz estremecia, repleta de reverência, quando pronunciava essa última palavra.

Não aceitava nenhum projeto que não fosse estúpido. Suas especialidades

eram o eterno e o monumental. Construía muitos memoriais e capitólios. Projetava exposições internacionais.

Construía como um compositor que improvisa sob o impulso de uma orientação mística. Era arrebatado por súbitas inspirações. Podia acrescentar um domo enorme ao telhado plano de uma estrutura já terminada, ou incrustar uma abóbada comprida com um mosaico de folhas douradas, ou arrancar uma fachada de calcário para substituí-la por mármore. Seus clientes empalideciam, gaguejavam – e pagavam. Sua personalidade imperial levava-o à vitória em qualquer confronto com o desejo de economizar de um cliente. Por trás dele estava a afirmação inflexível, silenciosa e esmagadora de que ele era um *artista*. Seu prestígio era enorme.

Vinha de uma família listada na *Registro Social*. Quando estava na meia-idade, casou-se com uma jovem cuja família não havia sido incluída nesse registro, mas que, apesar disso, ganhara montanhas de dinheiro em um império de gomas de mascar deixado para a filha única.

Holcombe tinha agora 65 anos, aos quais ele acrescentava mais alguns, apenas para que seus amigos o cumprimentassem por sua forma maravilhosa. Sua esposa tinha 42, idade que ela reduzia consideravelmente.

A Sra. Holcombe promovia uma reunião informal todas as tardes de domingo. “Todos que são alguém em arquitetura dão uma passada”, dizia a seus amigos. “É melhor que o façam”, completava.

Em março, numa dessas tardes, Keating dirigiu-se até a mansão do casal – reprodução de um *palazzo* florentino – obedientemente, porém com um pouco de relutância. Era convidado frequente nessas reuniões célebres de domingo e estava começando a ficar entediado, pois já conhecia todos que pudesse esperar encontrar lá. Sentia, contudo, que tinha que comparecer dessa vez, porque o evento era um tributo ao término de mais um capitólio de Ralston Holcombe, construído em algum estado do país.

Uma multidão considerável encontrava-se perdida no salão de baile em mármore, espalhada em ilhotas desamparadas ao longo de uma vastidão projetada para recepções de uma corte real. Os convidados ficavam por ali, conscientemente informais, esforçando-se para parecerem brilhantes. O ruído dos passos no piso de mármore ecoava como o som em uma cripta. As chamas de velas altas contrastavam de forma desoladora com a luz cinzenta que vinha da rua, que fazia com que as chamas parecessem mais fracas. As velas davam ao dia lá fora um presságio de entardecer. Uma miniatura do novo capitólio estadual estava em exibição sobre um pedestal no meio do salão, esplendidamente iluminada com pequenas lâmpadas.

A Sra. Holcombe presidia a mesa de chá. Cada convidado aceitava uma xícara frágil de porcelana transparente, tomava dois goles delicados e desaparecia na direção do bar. Dois mordomos imponentes vagavam pelo salão,

recolhendo a louça abandonada.

A anfitriã era, como foi descrita por uma amiga entusiasmada, “pequena, porém intelectual”. Sua estatura diminuta era sua tristeza secreta, mas ela aprendera a encontrar compensações. Podia dizer, e o fazia, que usava vestidos do tamanho de 12 anos e que comprava na seção infantil das lojas. No verão, vestia roupas de colegial e meias curtas, exibindo pernas magras com grossas veias azuis. Adorava celebridades. Eram a sua missão na vida. Ela as perseguia incansavelmente, encarava-as com uma admiração espantada e falava de sua própria insignificância, de sua humildade perante o sucesso. Dava de ombros, com os lábios cerrados, rancorosa, sempre que uma delas não parecia levar muito em consideração suas opiniões sobre vida após a morte, a teoria da relatividade, arquitetura asteca, controle da natalidade e filmes. Tinha muitos amigos pobres e gabava-se disso. Se a situação financeira de um amigo melhorava, ela rompia a amizade, sentindo que ele cometera um ato de traição. Odiava os ricos com toda a franqueza: eles compartilhavam seu único emblema de distinção. Considerava a arquitetura seu domínio particular. Seu nome era Constance, mas ela achava genial ser conhecida como Kiki, apelido que forçara seus amigos a começarem a usar quando já tinha passado havia muito dos trinta.

Keating nunca se sentira à vontade na presença da Sra. Holcombe, porque ela lhe sorria com frequência demais e reagia aos comentários dele piscando e dizendo: “Ora, Peter, como você é travesso!”, quando essa não fora a intenção dele em absoluto. Entretanto, ele curvou-se sobre a mão dela como sempre, essa tarde, e ela sorriu por trás do bule de chá prateado. Ela estava usando um vestido imponente de veludo esmeralda e uma fita magenta em seu cabelo curto, com um lacinho gracioso na frente. Sua pele era bronzada e seca e podia-se ver poros aumentados em suas narinas. Ela passou uma xícara a Keating, uma esmeralda quadrada em seu dedo brilhando à luz das velas.

Ele expressou sua admiração pelo capitólio e fugiu para admirar a maquete. Deteve-se diante dela durante os minutos apropriados, queimando os lábios com o líquido quente que cheirava a cravo. Holcombe, que nunca olhava na direção da maquete, mas não deixava de notar nenhum convidado que se detinha diante dela, deu um tapa no ombro de Keating e fez um comentário adequado sobre os jovens aprendendo a beleza do estilo renascentista. Depois, Keating afastou-se, apertou algumas mãos, sem ânimo, e deu uma olhada em seu relógio de pulso, calculando a hora em que seria admissível ir embora. De repente, ficou paralisado.

Através de um amplo arco, dentro de uma pequena biblioteca, com três homens jovens ao seu lado, viu Dominique Francon.

Ela estava encostada em uma coluna, segurando um cálice de coquetel. Vestia um terno de veludo preto. O tecido pesado, que não transmitia nenhum raio de luz, mantinha-a ancorada à realidade, pois barrava a luz que fluía com

demasiada liberdade através da pele de suas mãos, seu pescoço e seu rosto. Uma faisca branca reluziu como uma cruz metálica fria no cálice que ela segurava, como se fosse uma lente aprisionando o brilho difuso de sua pele.

Keating saiu dali e achou Francon no meio dos convidados.

– Olá, Peter! – exclamou ele animadamente. – Quer que eu pegue uma bebida para você? Não está grande coisa – acrescentou, baixando a voz –, mas os Manhattans estão razoáveis.

– Não, obrigado – respondeu Keating.

– *Entre nous* – comentou Francon, piscando em direção à maquete do capitólio –, que bela porcaria, não?

– É verdade – concordou Keating. – As proporções são horríveis... Aquele domo parece a cara de Holcombe imitando um nascer do sol no telhado...

Pararam bem diante da biblioteca e os olhos de Keating se fixaram na garota de preto, chamando a atenção de Francon. Ele adorava deixar o chefe constrangido.

– E que distribuição! Que distribuição! Você viu que no segundo andar... Ah – disse Francon, ao perceber.

Olhou para Keating, para a biblioteca, e novamente para o jovem.

– Bem – disse Francon por fim –, não me culpe depois. Foi você que pediu. Vamos lá.

Entraram juntos na biblioteca. Keating ficou parado, empertigado, mas deixou que seus olhos adotassem uma intensidade pouco apropriada, enquanto Francon exclamava, com uma alegria pouco convincente:

– Dominique, querida! Deixe-me apresentar-lhe... Este é Peter Keating, o meu braço direito. Peter, esta é minha filha.

– Muito prazer – disse ele em tom suave.

Dominique curvou-se solenemente.

– Eu esperei tanto tempo para conhecê-la, Srta. Francon!

– Isso vai ser interessante – disse Dominique. – Você vai querer ser simpático comigo, é claro, mas isso não será diplomático.

– O que quer dizer, Srta. Francon?

– Meu pai preferiria que você fosse terrível comigo. Eu e ele não nos damos nada bem.

– Ora, Srta. Francon, eu...

– Acho que o mais justo é dizer isso logo de início. Talvez você queira rever sua opinião.

Peter estava procurando Francon, mas o homem já tinha desaparecido.

– Não – disse ela tranquilamente –, meu pai não faz essas coisas nada bem. Ele é óbvio demais. Você lhe pediu que o apresentasse, mas ele não deveria ter me deixado notar. Porém está tudo bem, uma vez que ambos o admitimos. Sente-se.

Sentou-se em uma cadeira e ele ao seu lado, obediente. Os jovens que ele não

conhecia ficaram com eles durante alguns minutos, sorrindo em silêncio, em uma tentativa de serem incluídos na conversa, e depois se dispersaram. Keating pensou, aliviado, que não havia nada de assustador nela; havia apenas um contraste inquietante entre suas palavras e a inocência sincera com que ela as pronunciava. Ele não sabia em qual confiar.

– Eu admito que pedi para ser apresentado – disse ele. – É óbvio de qualquer forma, não é? Quem não pediria? Mas você não acha que a opinião que eu venha a formar pode não ter nada a ver com o seu pai?

– Não diga que sou linda e extraordinária e que não sou como ninguém que você já conheceu, e que tem muito medo de se apaixonar por mim. Você vai acabar dizendo tudo isso, mas vamos adiar, por enquanto. Fora isso, acho que vamos nos dar muito bem.

– Mas você está fazendo de tudo para tornar isso muito difícil para mim, não está?

– Sim. Meu pai deveria tê-lo avisado.

– Ele avisou.

– Você deveria ter seguido o conselho dele. Seja muito atencioso com meu pai. Conheci tantos de seus braços direitos que já estava ficando cética. Você foi o primeiro que durou. E que parece que vai durar. Ouvi falar muito de você. Meus parabéns.

– Eu queria conhecê-la há anos. E leio sua coluna com tanto... – Interrompeu-se. Sabia que não deveria ter mencionado a coluna e que, acima de tudo, não deveria ter se interrompido.

– Tanto...? – perguntou ela gentilmente.

– ... tanto prazer – concluiu ele, esperando que ela deixasse passar.

– Ah, sim – disse ela –, a residência Ainsworth. Você a projetou. Desculpe. Você foi a vítima acidental de um de meus raros ataques de honestidade. Não os tenho com frequência, como você sabe, se leu o meu artigo ontem.

– Li. E... bem, vou seguir seu exemplo e ser totalmente sincero. Não entenda como uma queixa. Nunca devemos nos queixar daqueles que nos criticam. Mas, com toda a franqueza, esse capitólio do Holcombe é muito pior sob todos os aspectos que você criticou tão duramente no nosso trabalho. Por que você lhe fez aquela homenagem ardente, ontem? Ou será que você teve que fazê-la?

– Não fique me bajulando. É claro que eu não tive que fazer isso. Você acha que alguém no jornal dá atenção suficiente a uma coluna sobre decoração de ambientes para se importar com o que eu digo nela? Além disso, eu nem devo escrever sobre capitólios. Estou apenas ficando enjoada de decoração de casas.

– Então, por que elogiou Holcombe?

– Porque aquele capitólio dele é tão horrível que acabar com ele seria um anticlímax. Então achei que seria divertido elogiá-lo até não poder mais. E foi.

– É assim que você trabalha?

– É assim que eu trabalho. Mas ninguém lê a minha coluna, com exceção de donas de casa que nunca podem pagar para decorar suas casas, portanto não tem nenhuma importância.

– Mas do que é que você realmente gosta em arquitetura?

– Não gosto de nada em arquitetura.

– Ora, com certeza você sabe que não vou acreditar nisso. Por que escreve, se não há nada que queira dizer?

– Para ter algo que fazer. Algo mais repugnante do que muitas outras coisas que eu poderia fazer. E mais divertido.

– Vamos, essa não é uma boa razão.

– Eu nunca tenho boas razões.

– Mas você deve estar gostando do seu trabalho.

– E estou. Você não percebe que estou?

– Sabe, na verdade, eu já senti inveja de você. Trabalhar para uma empresa magnífica como os jornais Wynand... A maior organização do país, no comando dos escritores mais talentosos e...

– Olhe – interrompeu ela, inclinando-se na direção dele, em tom de confiança –, deixe-me ajudá-lo. Se você tivesse acabado de conhecer o meu pai e ele trabalhasse para os jornais Wynand, seria exatamente isso que você teria que dizer. Mas não, para mim. Isso é o que eu esperaria que você dissesse, e eu não gosto de ouvir o que espero. Seria muito mais interessante se você dissesse que os jornais Wynand são um monte de lixo, que fazem um jornalismo desprezível e sensacionalista, e que todos os escritores deles juntos não valem nem dois centavos.

– É isso que você realmente pensa deles?

– De jeito nenhum. Mas não gosto de pessoas que só tentam dizer o que acham que eu penso.

– Obrigado. Vou precisar da sua ajuda. Nunca conheci ninguém... Oh, não, é claro, era isso que você não queria que eu dissesse. Mas eu falei a verdade sobre o jornal. Sempre admirei Gail Wynand. Sempre quis conhecê-lo. Como ele é?

– Exatamente como Austen Heller o chamou: um filho da mãe sofisticado.

Peter estremeceu. Recordou-se de onde ouvira Austen Heller dizer aquilo. A lembrança de Catherine parecia pesada e vulgar na presença da mão fina e alva recostada sobre o braço da cadeira diante dele.

– Mas o que quero dizer é – perguntou ele – como ele é, pessoalmente?

– Não sei. Nunca o vi pessoalmente.

– Não?

– Não.

– Ah, eu ouvi dizer que ele é tão interessante!

– Sem dúvida. Quando estiver com disposição para algo decadente, provavelmente vou me apresentar a ele.

– Você conhece Toohey?

– Ah! – exclamou ela. Ele viu o que já vira nos olhos dela antes e não gostou da alegria doce em sua voz. – Ah, Ellsworth Toohey! É claro que o conheço. Ele é maravilhoso. É um homem com quem sempre gosto de conversar. É um perfeito vilão.

– Minha nossa, Srta. Francon! Você é a primeira pessoa que...

– Não estou tentando chocá-lo. Tudo o que eu disse é sério. Eu o admiro. Ele é tão completo. Não se encontra perfeição com frequência neste mundo, de um jeito ou de outro, não é verdade? E é isso que ele é, pura perfeição, do seu jeito único. Todos os outros são tão incompletos, divididos em tantos pedaços tão diferentes que não se encaixam. Não Toohey. Ele é um monólito. Às vezes, quando o mundo me deixa amargurada, meu consolo é pensar que está tudo bem, que eu terei a minha vingança, que o mundo terá o que merece... porque existe Ellsworth Toohey.

– Do que você quer se vingar?

Ela olhou para ele; suas pálpebras ergueram-se por um momento, de forma que seus olhos não pareceram retangulares, mas suaves e claros.

– Isso foi muito inteligente da sua parte – disse ela. – Foi a primeira coisa inteligente que você disse.

– Por quê?

– Porque você soube o que escolher, entre toda a baboseira que eu falei. Portanto, vou ter que responder. Quero me vingar do fato de que não tenho nada de que me vingar. Agora, vamos continuar falando de Ellsworth Toohey.

– Bem, sempre ouvi de todo mundo que ele é um tipo de santo, o único idealista puro, absolutamente incorruptível e...

– É verdade. Um politiqueiro óbvio seria muito mais seguro. Mas Toohey é como uma pedra de toque, útil para testar as pessoas. Você pode aprender sobre elas pela maneira como reagem a ele.

– Por quê? O que você realmente quer dizer?

Ela recostou-se na cadeira e esticou os braços até os joelhos, virando os pulsos, com as palmas das mãos para fora e os dedos entrelaçados. Riu de leve.

– Nada que alguém devesse escolher como tema de conversa durante um chá. Kiki tem razão. Ela me odeia, mas tem que me convidar, de vez em quando. E eu não consigo resistir e venho, porque é tão óbvio que ela não quer que eu venha. Sabe, hoje eu disse ao Ralston o que realmente penso de seu capitólio, mas ele não quis acreditar em mim. Apenas sorriu e disse que sou uma garotinha muito simpática.

– E você não é?

– O quê?

– Uma garotinha muito simpática.

– Não. Hoje não. Eu o constrangi totalmente. Por isso, vou me redimir. Vou

lhe dizer o que penso de você, porque sei que vai ficar preocupado com isso. Acho que você é esperto, seguro, óbvio e muito ambicioso, e será bem-sucedido mesmo assim. E gosto de você. Direi ao meu pai que aprovo muito o braço direito dele, para você ver que não tem nada a temer da filha do chefe. Muito embora fosse melhor se eu não dissesse nada ao meu pai, porque minha recomendação funcionaria ao contrário com ele.

– Posso lhe dizer só uma coisa que penso a seu respeito?

– Claro. Quantas quiser.

– Acho que teria sido melhor se você não tivesse dito que gostou de mim. Assim, eu teria uma chance maior de que fosse verdade.

Ela riu.

– Se você entende isso – disse –, vamos nos dar perfeitamente bem. E, algum dia, talvez até venha a ser verdade.

Gordon L. Prescott surgiu na entrada do salão de baile, de copo na mão. Vestia terno cinza e um suéter de gola olímpica, de lã prateada. Seu rosto de menino parecia recém-lavado, e ele tinha seu costumeiro ar de sabonete, pasta de dentes e vida ao ar livre.

– Dominique, querida! – berrou ele, acenando com o copo. – Olá, Keating – acrescentou com secura. – Dominique, onde andou se escondendo? Eu soube que você estava aqui e tive um trabalho e tanto para achá-la!

– Olá, Gordon – disse ela. A forma com que falou foi bastante correta. Não havia nada ofensivo em sua voz educada e suave. Entretanto, logo após a nota aguda do entusiasmo dele, a voz dela tinha um tom que parecia monótono e mortífero de tanta indiferença, como se os dois sons se misturassem em um contraponto audível ao redor do fio melodioso de seu desdém.

Prescott não ouvira.

– Minha cara – disse ele –, cada vez que a vejo você está mais adorável. Ninguém acreditaria que isso é possível.

– Sétima vez – declarou Dominique.

– Como?

– É a sétima vez que diz isso quando me vê, Gordon. Estou contando.

– Você não fala sério, Dominique. Nunca vai falar sério.

– Falo, sim, Gordon. Estava agora mesmo tendo uma conversa muito séria aqui, com meu amigo Peter Keating.

Uma moça acenou para Prescott e ele agarrou a oportunidade e fugiu, com a maior cara de bobo. Keating ficou encantado ao pensar que ela havia dispensado outro homem porque desejava continuar sua conversa com “seu amigo Peter Keating”.

No entanto, quando se virou para ela, Dominique perguntou docemente:

– De que estávamos falando, Sr. Keating? – Ela estava olhando com demasiado interesse para o outro lado da sala, para a figura mirrada de um

homem pequeno que tossia sobre um copo de uísque.

– Ora – disse Keating –, nós estávamos...

– Oh, lá está Eugene Pettingill, meu grande favorito. Tenho que ir cumprimentá-lo.

Ela já estava em pé, movendo-se através da sala, caminhando com o corpo inclinado para trás, em direção ao setuagenário menos atraente da festa.

Keating não sabia se tinha acabado de entrar para o clube de Gordon L. Prescott ou se fora apenas o acaso.

Ele voltou relutante ao salão de baile. Forçou-se a juntar-se a grupos de convidados e conversar. Observava Dominique Francon quando ela se movia entre as pessoas e quando parava para conversar. Ela não olhou mais para ele. Keating não conseguia determinar se fora bem-sucedido com ela ou se fracassara totalmente.

Deu um jeito de estar na porta quando ela estava saindo.

Ela se deteve e sorriu para ele de modo encantador.

– Não – disse ela, antes que ele pudesse dizer uma palavra sequer –, não pode me levar para casa. Tenho um carro à minha espera. Obrigada, mesmo assim.

Ela desapareceu e ele ficou parado na porta, sem ação, pensando furiosamente se devia estar ruborizado.

Sentiu uma mão tocar de leve em seu ombro e virou-se, dando de cara com Francon ao seu lado.

– Está indo para casa, Peter? Eu lhe dou uma carona.

– Achei que você tivesse que estar no clube às sete.

– Não, tudo bem, vou me atrasar um pouco, mas não importa. Vou levá-lo para casa, não é incômodo nenhum. – Havia uma expressão peculiar de propósito no rosto de Francon, muito incomum e inadequada para ele.

Keating seguiu-o em silêncio, achando divertido, e não disse nada até estarem sozinhos na semiescuridão confortável do carro de seu chefe.

– E então? – perguntou Francon, em tom fúnebre.

Keating sorriu.

– Você é um estúpido, Guy. Não sabe apreciar o que tem. Por que não me disse? Ela é a mulher mais linda que eu já vi.

– Com certeza – retrucou Francon, sombrio. – Talvez seja esse o problema.

– Que problema? Onde você vê qualquer problema?

– O que realmente pensa dela, Peter? Esqueça a aparência. Você verá com que rapidez vai se esquecer disso. O que acha?

– Bem, acho que ela tem um caráter e tanto.

– Obrigado pela delicadeza.

Francon ficou absorto em um silêncio melancólico, depois disse, com um leve tom desajeitado, de algo que se parecia com esperança, em sua voz:

– Sabe, Peter, eu fiquei surpreso. Observei-o e você teve uma conversa

bastante longa com ela. É surpreendente. Eu esperava que ela o afugentasse logo com um simpático comentário venenoso. Talvez você conseguisse se relacionar com ela, no fim das contas. Eu concluí que não dá para entendê-la. Talvez... Peter, o que eu queria lhe dizer é: não preste nenhuma atenção ao que ela disse sobre eu querer que você fosse terrível com ela.

A seriedade tensa da frase foi um indício tão forte que os lábios de Keating quase soltaram um assobio baixo, mas ele se conteve a tempo. Francon acrescentou, grave:

– Eu absolutamente não quero que você seja terrível com ela.

– Guy – disse Keating, em tom de repreensão condescendente –, você não deveria ter fugido daquela maneira.

– Eu nunca sei como falar com ela. – Ele suspirou. – Nunca aprendi. Não consigo entender qual é o problema dela, mas há algum problema. Ela simplesmente não se comporta como um ser humano. Sabe, ela foi expulsa de dois colégios para moças. Nem imagino como ela conseguiu terminar a faculdade, mas posso lhe dizer que tive pavor de abrir minha correspondência, durante quatro anos inteiros, esperando pelo inevitável. Então pensei que, uma vez que ela estivesse por sua própria conta, meu trabalho estaria terminado e eu não teria mais que me preocupar, mas ela está pior do que nunca.

– O que há para você se preocupar?

– Nada. Tento não me preocupar. Fico feliz quando não tenho que pensar nela. Não posso evitar, simplesmente não fui feito para ser pai. Mas, às vezes, sinto que é minha responsabilidade, embora só Deus saiba como não a quero. Ainda assim, a responsabilidade existe, e devo fazer alguma coisa a respeito, ninguém mais pode assumi-la.

– Você a deixou assustá-lo, Guy, e, na verdade, não há nada a temer.

– Você acha que não?

– Acho.

– Talvez você seja o homem certo para lidar com ela. Agora não me arrependo por você a ter conhecido, e você sabe que eu não queria isso. Sim, acho que você é o único que poderia lidar com ela. Você... é muito determinado, não é, Peter, quando está atrás de alguma coisa?

– Bem – respondeu Keating, erguendo uma das mãos em um gesto indiferente –, não sinto medo com muita frequência.

Recostou-se no assento almofadado, como se estivesse cansado, como se não tivesse ouvido nada importante, e ficou em silêncio pelo resto do caminho. Francon também fez o mesmo.



– Meninos – disse John Erik Snyte –, não poupem esforços com isto. É a coisa

mais importante que nos apareceu este ano. Não é muito dinheiro, entendam, mas é o prestígio, os contatos! Se conseguirmos este trabalho, alguns daqueles grandes arquitetos vão ficar roxos de raiva! Vejam só, Austen Heller me disse francamente que somos a terceira firma que ele procurou. Ele não aceitou nada do que os maiores tentaram lhe vender. Portanto, só depende de nós, meninos. Vocês sabem, algo diferente, incomum, mas de bom gosto e, já sabem, *diferente*. Agora, façam o melhor que puderem.

Seus cinco projetistas estavam sentados em um semicírculo à sua frente. O “Gótico” parecia entediado e o “Misto”, desmotivado por antecipação; o “Renascentista” seguia com os olhos o trajeto de uma mosca no teto. Roark perguntou:

– O que ele disse exatamente, Sr. Snyte?

Snyte deu de ombros e fitou Roark com um olhar divertido, como se ele e aquele jovem compartilhassem um segredo vergonhoso sobre o novo cliente, que não valia a pena ser mencionado.

– Nada que faça muito sentido, cá entre nós, meninos – disse Snyte. – Ele estava um pouco inarticulado, considerando-se seu domínio da língua escrita. Admitiu que não sabe nada sobre arquitetura. Não mencionou sequer o estilo modernista ou o de algum período, ou o que quer se seja. Disse alguma coisa sobre querer uma casa só sua, mas que hesitara durante anos em construir uma, porque todas parecem iguais para ele, são todas feias como o diabo, e ele não entende como alguém pode se entusiasmar com qualquer uma. Ainda assim, ele tem a ideia de que quer uma casa que pudesse amar. “Uma residência que significasse alguma coisa”, foi o que ele disse, embora tenha acrescentado que não sabe o que nem como. É isso. Foi praticamente tudo o que ele disse. Não é muito para nos basearmos, e eu não teria aceitado submeter esboços se não fosse para Austen Heller. Mas admito que não faz sentido... Qual é o problema, Roark?

– Nenhum – respondeu ele.

Assim terminou a primeira reunião sobre a residência para Austen Heller.

Mais tarde, no mesmo dia, Snyte colocou seus cinco projetistas em um trem e eles partiram para Connecticut, para ver o local escolhido por Heller. Chegaram a uma faixa de litoral rochosa e solitária, a cinco quilômetros de uma cidadezinha antiquada. Enquanto comiam sanduíches e amendoins, olhavam para um penhasco que se erguia do chão, entrecortado por saliências, até terminar em um precipício sobre o mar, reto, íngreme e exposto, um tronco vertical de pedra, formando uma cruz com a linha horizontal longa e clara do mar.

– Aí está – disse Snyte. – É isto.

Girava um lápis em sua mão.

– É abominável, não?

Suspirou.

– Tentei sugerir um local mais decente, mas ele não reagiu muito bem, então

tive que me calar.

Continuou girando o lápis.

– É ali que ele quer a casa, bem no alto daquele rochedo.

Coçou a ponta do nariz com a ponta do lápis.

– Tentei sugerir colocar a casa mais afastada da costa e manter o maldito rochedo como vista, mas também não deu muito certo.

Mordiscou a borracha com as pontas dos dentes.

– Imaginem quanto vai ser preciso dinamitar e nivelar essa crista.

Limçou a unha com o grafite, deixando uma marca preta.

– Bem, é isso... Observem a inclinação e a qualidade da rocha. A abordagem será difícil... Tenho todo o levantamento e as fotografias no escritório... Bem... Quem tem um cigarro? Acho que isso é tudo... Eu posso ajudá-los com sugestões, a qualquer hora... Bem... A que horas volta o maldito trem?

E, assim, os cinco projetistas iniciaram sua tarefa. Quatro deles seguiram imediatamente para suas pranchetas. Roark retornou sozinho ao local, muitas vezes.

Os cinco meses em que estava trabalhando para Snyte eram um vazio que se estendia atrás de Roark. Se ele tivesse desejado se perguntar o que sentira, não teria encontrado nenhuma resposta, com exceção do fato de que não se lembrava de nada desses meses. Lembrava-se de cada esboço que criara. Poderia, se tentasse, lembrar-se do que havia acontecido com aqueles esboços. Não tentava.

Entretanto, não amara nenhum deles como amava a casa de Austen Heller. Ficava na sala de desenho, noite após noite, sozinho com uma folha de papel, e pensava em um rochedo sobre o mar. Ninguém viu seus esboços até ficarem prontos.

Quando terminou, bem tarde uma noite, permaneceu sentado junto à sua prancheta, com as folhas espalhadas à sua frente, por muitas horas, uma mão apoiando sua testa, a outra solta ao lado do corpo, o sangue se acumulando nas pontas dos dedos até ficarem dormentes, enquanto a rua além da janela tornava-se azul-escura e depois cinza-clara. Não olhou para os esboços. Sentia-se vazio e exausto.

A casa que aparecia nos esboços não havia sido desenhada por Roark, mas pelo penhasco no qual ela se encontrava. Era como se o penhasco tivesse crescido e se completado, para proclamar o propósito pelo qual estivera esperando. A casa era dividida em vários andares, seguindo as saliências do rochedo, erguendo-se, como ele, em massas graduais, em superfícies que fluíam juntas, em perfeita harmonia. As paredes, do mesmo granito que a rocha, eram uma continuação de suas linhas verticais ascendentes. Os terraços de concreto, amplos e salientes, prateados como o mar, seguiam as linhas das ondas e do horizonte reto.

Roark ainda estava sentado em sua mesa quando os colegas retornaram, para iniciar seu dia na sala de desenho. Em seguida, os esboços foram enviados à sala de Snyte.

Dois dias depois, a versão final da casa que seria apresentada a Austen Heller, a versão escolhida e revisada por John Erik Snyte, executada pelo artista chinês, encontrava-se sobre uma mesa, recoberta por papel de seda. Era a casa de Roark. Seus concorrentes haviam sido eliminados. Era a casa de Roark, mas suas paredes eram agora de tijolos vermelhos, as janelas estavam reduzidas ao tamanho convencional, com venezianas verdes, duas alas salientes haviam sido omitidas, a enorme varanda suspensa acima do mar fora substituída por um pequeno terraço com uma grade de ferro, e fora acrescentada uma entrada de colunas jônicas que sustentavam um frontão interrompido, com um pequeno pináculo, no topo do qual se via um cata-vento.

John Erik Snyte estava em pé perto da mesa, com os dois braços estendidos acima do esboço, sem tocar a pureza virginal de suas cores delicadas. Ele disse:

– Era isso que o Sr. Heller tinha em mente, tenho certeza. Muito bom... Sim, muito bom... Roark, quantas vezes tenho que lhe pedir que não fume perto de um esboço final? Fique longe. Você vai derrubar cinzas nele.

Austen Heller era esperado ao meio-dia. Às 11h30, a Sra. Symington chegou sem avisar e exigiu falar com o Sr. Snyte imediatamente. Ela era uma viúva rica e arrogante que acabara de se mudar para sua nova casa, desenhada pelo Sr. Snyte. Além disso, ele esperava ser contratado para fazer o apartamento do irmão dela e não podia recusar-se a vê-la. Então a recebeu em sua sala, onde ela não perdeu tempo e logo passou a relatar que o teto de sua biblioteca tinha uma rachadura e que as janelas de sacada de sua sala de visitas ficavam escondidas sob um perpétuo véu de umidade que ela não conseguia eliminar. Snyte mandou chamar seu engenheiro-chefe, e os dois juntos lançaram-se em uma torrente de explicações, pedidos de desculpas e críticas aos empreiteiros. A Sra. Symington não demonstrava nenhum sinal de abrandamento, quando um interfone soou na escrivania de Snyte, e a voz da recepcionista anunciou Austen Heller.

Não era concebível pedir à Sra. Symington que saísse, nem a Austen Heller que esperasse. Snyte resolveu o problema deixando-a com a conversa apaziguadora de seu engenheiro e retirando-se da sala por um momento. Apareceu na recepção, apertou a mão de Heller e sugeriu:

– Você se importaria de me acompanhar até a sala de desenho, Sr. Heller? A luz é melhor ali, e o esboço está prontinho para que o veja. Eu não queria arriscar tirá-lo do lugar.

Heller, um homem alto e de ombros largos, vestido com um terno de tweed inglês, com cabelo louro-claro e um rosto quadrado, no qual se viam inúmeras rugas ao redor dos olhos ironicamente calmos, não pareceu se importar e seguiu Snyte até a sala de desenho.

O esboço estava na mesa do artista chinês, que se afastou timidamente, em silêncio. A prancheta ao lado era a de Roark. Ele estava em pé, de costas para Heller. Continuou trabalhando em um desenho, sem se virar. Os funcionários haviam sido treinados a não se intrometerem quando Snyte trazia um cliente à sala de desenho.

Snyte ergueu o papel de seda com as pontas dos dedos, como se fosse um véu de noiva. Deu um passo para trás e observou o rosto de Heller. O cliente inclinou-se e ficou curvado, tenso e atento, sem dizer nada, por um longo tempo.

– Ouça, Sr. Snyte – começou a dizer por fim. –, acho que...

E parou.

Snyte aguardava pacientemente, satisfeito, pressentindo a aproximação de algo, e não queria incomodar.

– Isto... – disse Heller subitamente, levantando a voz, batendo com a mão no desenho e fazendo Snyte estremecer – isto é o mais próximo que alguém já chegou!

– Eu sabia que iria gostar, Sr. Heller – afirmou Snyte.

– Não gostei – declarou Heller.

Snyte piscou e esperou.

– Está tão próxima, de alguma forma – comentou Heller, com tristeza –, mas não está certa. Não sei onde, mas não está. Perdoe-me se estou sendo vago, mas ou gosto das coisas logo de cara, ou não gosto. Por exemplo, sei que eu não ficaria à vontade com essa entrada. É uma entrada adorável, mas ninguém a notaria porque já a viram muitas vezes.

– Ah, mas permita-me sugerir algumas coisas a serem consideradas, Sr. Heller. Queremos ser modernos, é claro, mas também queremos preservar a aparência de uma casa. Uma combinação de imponência e conforto, entende? Uma casa muito austera como esta tem que ter alguns toques suavizantes. É algo estritamente correto, do ponto de vista arquitetônico.

– Sem dúvida – concordou Heller. – Eu não saberia disso. Nunca fui estritamente correto em minha vida.

– Deixe-me explicar este desenho e você verá que é...

– Eu sei – reconheceu Heller, desanimado. – Eu sei. Tenho certeza de que tem razão. É só que... – Sua voz tinha um vestígio do entusiasmo que ele gostaria de sentir. – Só que, se tivesse unidade, alguma... alguma ideia central... que está aí mas, ao mesmo tempo, não está... Se parecesse estar viva... o que não parece... Falta algo, mas tem coisas demais... Se fosse mais limpa, mais definida... Qual é a palavra que já ouvi usarem? Se fosse integrada...

Roark virou-se. Ele estava do outro lado da prancheta. Agarrou o esboço, sua mão avançou como um raio e um lápis riscou o desenho, cravando fortes linhas negras sobre a aquarela intocável. As linhas demoliram as colunas jônicas, o frontão, a entrada, o pináculo, as venezianas e os tijolos. Fizeram surgir,

vigorosamente, duas alas de pedra, alargaram as janelas, estilizaram o terraço e arremessaram uma varanda acima do mar.

Já estava sendo feito antes que os outros pudessem se dar conta de quando havia começado. Snyte deu um salto para a frente, mas Heller agarrou seu pulso, detendo-o. Roark prosseguia, derrubando paredes, partindo, reconstruindo com traços furiosos.

Ele ergueu a cabeça uma única vez, por uma fração de segundo, e olhou para Heller, do outro lado da prancheta. Era a única apresentação de que ambos precisavam; foi equivalente a um aperto de mão. Roark continuou e, quando largou o lápis, a casa – conforme ele a havia desenhado antes – estava completa, em um padrão ordenado de linhas pretas. O espetáculo não chegou a durar cinco minutos.

Snyte tentou produzir algum som. Como Heller não dizia nada, Snyte sentiu-se livre para virar-se furiosamente para Roark e gritar:

– Você está despedido, seu maldito! Saia daqui! Está despedido!

– Estamos ambos despedidos – disse Austen Heller, piscando para Roark – Vamos. Você já almoçou? Vamos a algum lugar. Quero falar com você.

Roark dirigiu-se ao seu armário para pegar o chapéu e o casaco. Uma cena chocante ocorria na sala de desenho e todos pararam de trabalhar para presenciá-la: Austen Heller pegou o esboço, dobrou-o quatro vezes, estragando a cartolina sagrada, e colocou-o no bolso.

– Mas, Sr. Heller... – gaguejou Snyte – deixe-me explicar... Não há problema nenhum, se é isso que quer. Nós refaremos o esboço... Deixe-me explicar...

– Agora não – respondeu Heller. – Agora não.

Acrescentou, da porta:

– Eu lhe enviarei um cheque.

Heller se foi, levando Roark consigo. A porta soou como o parágrafo final em um de seus artigos, quando Heller a fechou atrás deles.

Roark não dissera uma palavra.

Sentados à mesa suavemente iluminada do restaurante mais caro em que Roark jamais entrara, com os cristais e a prataria brilhando entre eles, Heller dizia:

–... porque é essa a casa que eu quero, essa é a casa que eu sempre quis. Pode construí-la para mim, desenhar as plantas e supervisionar a obra?

– Sim – respondeu Roark

– Quanto tempo vai levar, se começarmos imediatamente?

– Uns oito meses.

– Terei a casa no fim do outono?

– Sim.

– Exatamente como naquele esboço.

– Exatamente.

– Olhe, eu não faço a menor ideia de que tipo de contrato se deve fazer com um arquiteto, mas você deve saber, portanto, faça um e dê para o meu advogado aprovar esta tarde, está bem?

– Está bem.

Heller observou o homem sentado diante dele. Viu a mão sobre a mesa, à sua frente. A atenção de Heller concentrou-se naquela mão. Viu os dedos longos, as articulações bem delineadas, as veias saltadas. Tinha a sensação de que não estava contratando esse homem, mas sim colocando-se ao seu serviço.

Heller perguntou:

– Quantos anos tem, seja lá quem você for?

– Vinte e seis. Você quer referências?

– É claro que não. Elas já estão aqui, no meu bolso. Qual é o seu nome?

– Howard Roark

Heller pegou um talão de cheques, abriu-o sobre a mesa e procurou sua caneta- -tinteiro.

– Ouça – disse ele, escrevendo –, vou lhe dar quinhentos dólares adiantados. Arranje um escritório, ou o que quer que precise, e mãos à obra.

Destacou o cheque e entregou-o a Roark, entre as pontas de dois dedos retos, inclinando-se para a frente apoiado em um dos cotovelos e movendo o pulso em uma curva larga. Seus olhos estreitaram-se, entretidos, observando Roark com um ar brincalhão. O gesto, porém, tinha um toque de reverência.

O cheque era nominal a “Howard Roark, Arquiteto”.

HOWARD ROARK ABRIU SEU proprio escritório.

Era uma sala grande, no último andar de um prédio velho, com uma janela ampla bem acima dos outros telhados. Ele podia ver a faixa distante do rio Hudson, acima do parapeito da janela, com os pequenos riscos que eram os barcos se movendo sob as pontas de seus dedos, quando os pressionava contra o vidro. Tinha uma escrivaninha, duas cadeiras e uma enorme prancheta de desenho. A porta de vidro da entrada exibia as palavras: “Howard Roark, Arquiteto”. Ele ficou em pé no corredor, durante muito tempo, olhando as palavras. Depois entrou e bateu a porta atrás de si. Pegou uma régua-tê e atirou-a de volta sobre a prancheta, como se estivesse lançando uma âncora.

John Erik Snyte protestara. Quando Roark foi ao escritório buscar seus instrumentos de desenho, Snyte apareceu na recepção, apertou sua mão calorosamente e disse:

– Roark! E então, como vai? Entre, venha. Quero falar com você!

Quando Roark sentou-se diante de sua escrivaninha, Snyte continuou, agitado:

– Olhe, colega, espero que você tenha juízo suficiente para não levar a mal qualquer coisa que eu possa ter dito ontem. Sabe como é, eu perdi a cabeça um pouco, e não foi o que você fez, mas o fato de que teve que fazê-lo justamente naquele esboço, *aquele esboço*... Bem, não importa. Sem ressentimentos?

– Sim – respondeu Roark – Sem quaisquer ressentimentos.

– É claro que você não está despedido. Você não me levou a sério, levou? Pode voltar a trabalhar aqui agora mesmo.

– Para quê, Sr. Snyte?

– O que quer dizer com “para quê”? Ah, está pensando na residência Heller? Mas não está levando a sério, está? Você viu como ele é, aquele lunático pode mudar de ideia sessenta vezes por minuto. Ele não vai realmente lhe dar o projeto, sabe, não é tão simples assim, não é feito dessa forma.

– Assinamos o contrato ontem.

– Oh, é mesmo? Isso é esplêndido! Bem, veja, Roark, vou lhe dizer o que faremos: você me traz o projeto de volta e eu o deixarei colocar seu nome nele, junto com o meu: “John Erik Snyte & Howard Roark”. E dividimos o pagamento. Você ainda receberá o seu salário e, a propósito, vai receber um aumento. Faremos o mesmo acordo para quaisquer outros projetos que você trouxer. E... Santo Deus, homem, de que você está rindo?

– Desculpe-me, Sr. Snyte. Sinto muito.

– Eu acho que você não está entendendo – disse Snyte, atônito. – Não percebe que isso significa um seguro para você? Não deveria querer ficar por conta própria tão cedo. Os trabalhos não vão cair do céu no seu colo assim, sem mais nem menos. E depois, o que vai fazer? Desse jeito, você mantém um emprego

fixo e vai se tornando independente aos poucos, se é isso que quer. Em quatro ou cinco anos, vai estar pronto para dar esse salto. É assim que todo mundo faz. Entende?

– Sim.

– Então concorda?

– Não.

– Pelo amor de Deus, homem, você perdeu o juízo! Quer trabalhar sozinho *agora*? Sem experiência, sem contatos, sem... ora, sem nada! Nunca ouvi falar em tal coisa. Pergunte a qualquer um na profissão. Verá o que eles vão dizer. É um absurdo!

– Provavelmente.

– Roark, você pode me ouvir, por favor?

– Ouvirei, Sr. Snyte, se o senhor quiser. Mas acho que devo lhe avisar agora que nada do que disser fará qualquer diferença. Se o senhor não se importar com isso, eu não me importo de escutá-lo.

Snyte falou por muito tempo e Roark ouviu sem fazer nenhuma objeção, nem dar nenhuma explicação ou resposta.

– Bem, se é assim que você é, não espere que eu o aceite de volta quando estiver na rua.

– Eu não espero, Sr. Snyte.

– Não espere que ninguém mais na profissão o empregue, depois que ficarem sabendo o que você me fez.

– Também não espero isso.

Por alguns dias, Snyte pensou em processar Roark e Heller. Acabou desistindo, porque não havia nenhum precedente a seguir nessas circunstâncias, porque Heller lhe havia pagado por seus serviços, e porque a casa fora realmente desenhada por Roark. E simplesmente porque ninguém processava Austen Heller.

O primeiro a visitar o escritório de Roark foi Peter Keating.

Entrou sem avisar, uma tarde, atravessou a sala direto para a escrivaninha de Roark e sentou-se, sorrindo alegre e estendendo largamente os braços, em um gesto que abarcava tudo.

– Muito bem, Howard! – exclamou ele. – Ora, vejam só!

Ele não via Roark havia um ano.

– Olá, Peter – cumprimentou Roark.

– O seu próprio escritório, seu próprio nome e tudo! Já! Imagine só.

– Quem lhe contou, Peter?

– Ah, eu fico sabendo das coisas. Você não achou que eu não acompanharia a sua carreira, achou? Você sabe o que sempre pensei de você. E nem preciso dizer que lhe dou os parabéns e desejo o melhor.

– Não, não precisa.

– Belo lugar, este. Claro e espaçoso. Não tão imponente quanto deveria ser, talvez, mas o que se pode esperar, no início? Além disso, as perspectivas são incertas, não são, Howard?

– Bastante.

– Você assumiu um risco enorme.

– Provavelmente.

– Vai realmente seguir adiante com isso? Quero dizer, ficar por conta própria?

– Está parecendo que sim, não está?

– Bem, não é tarde demais, sabe. Quando ouvi a notícia, pensei que você, com certeza, levaria o projeto para Snyte e faria um bom acordo com ele.

– Não fiz.

– E não vai mesmo fazer?

– Não.

Keating perguntou-se por que tinha que sentir aquela sensação nauseante de ressentimento, por que fora até ali esperando descobrir que a história era falsa, na esperança de encontrar Roark indeciso e disposto a se render. Esse sentimento o perseguira desde que ouvira a notícia sobre Roark, a sensação de algo desagradável que permanecia depois que ele já tinha se esquecido da causa. O sentimento voltava, sem razão, uma onda oca de raiva, e ele se perguntava: *Que diabos é isso agora? O que foi que ouvi hoje?* Então, lembrava-se: *Ah, sim, Roark. Ele abriu seu próprio escritório.* Perguntava-se, impaciente: *E daí?* Sabia, ao mesmo tempo, que as palavras eram duras de enfrentar e humilhantes como um insulto.

– Sabe, Howard, admiro a sua coragem. É verdade. Tenho muito mais experiência e estou mais bem colocado na profissão. Não me importo de dizer isso, estou apenas falando de forma objetiva. Mas eu não ousaria dar esse passo.

– Não, você não ousaria.

– Então você deu o salto primeiro. Ora, ora. Quem teria imaginado? Eu lhe desejo toda a sorte do mundo.

– Obrigado, Peter.

– Sei que terá sucesso. Tenho certeza disso.

– Tem?

– Claro! Claro que tenho. Você não tem?

– Não pensei nisso.

– Não pensou nisso?

– Não muito.

– Então não tem certeza, Howard? Não tem?

– Por que pergunta isso com tanta ansiedade?

– O quê? Ora... não, não com ansiedade, mas, é claro, estou preocupado. Howard, não é bom, psicologicamente, não ter certeza agora, na situação em que você está. Então, você tem dúvidas?

- Nenhuma.
- Mas você disse...
- Eu tenho bastante certeza das coisas, Peter.
- Pensou em tirar sua licença?
- Fiz a inscrição.
- Você não tem diploma universitário. Vão dificultar para você, no exame.
- Provavelmente.
- O que vai fazer, se não conseguir a licença?
- Vou conseguir.
- Bem, então acho que nos encontraremos na Associação Americana de Arquitetos e que você não vai me esnobar, pois será membro habilitado e eu sou apenas júnior.
- Eu não serei membro da Associação.
- Como assim, não será membro? Você tem direito agora.
- Possivelmente.
- Será convidado a ser membro.
- Diga-lhes que não se incomodem.
- O quê?!
- Peter, tivemos uma conversa exatamente como esta, sete anos atrás, quando você tentou me convencer a entrar para a sua fraternidade em Stanton. Não comece de novo.
- Não vai ser membro da AAA, quando tem essa oportunidade?
- Não vou ser membro de nada, Peter, em nenhuma ocasião.
- Mas não percebe como é útil ser membro?
- Útil para quê?
- Para ser arquiteto.
- Não gosto de receber ajuda para ser arquiteto.
- Você só está tornando as coisas mais difíceis para si mesmo.
- Estou.
- E vai ser bastante difícil, você sabe.
- Eu sei.
- Você vai fazer deles seus inimigos, se recusar o convite.
- Vou fazer deles meus inimigos de qualquer jeito.



A primeira pessoa a quem Roark contou a novidade foi Henry Cameron. Roark foi a Nova Jersey no dia seguinte àquele em que assinou o contrato com Heller. Tinha chovido e ele encontrou Cameron no jardim, arrastando os pés vagarosamente pelas passagens molhadas, apoiando-se com força em uma bengala. No último inverno, Cameron melhorara o suficiente para poder andar

poucas horas por dia. Caminhava com esforço, o corpo curvado. Olhava para os primeiros brotos verdes na terra sob seus pés. Levantava a bengala de vez em quando, tentando manter as pernas firmes para ficar em pé sem seu apoio por um momento. Com a ponta da bengala, tocou em uma folha em forma de copo e observou-a derramar uma gota, que cintilou à luz do crepúsculo. Viu Roark subindo a colina e franziu a testa. Tinha-o visto havia apenas uma semana e, já que essas visitas significavam tanto para eles, nenhum dos dois queria que fossem frequentes demais.

– Bem – disse Cameron ríspidamente –, o que você quer aqui, de novo?

– Tenho algo para lhe contar.

– Isso pode esperar.

– Acho que não.

– Então?

– Vou abrir meu próprio escritório. Acabei de assinar o contrato para o meu primeiro prédio.

Cameron girou sua bengala, a ponta enfiada na terra, a haste descrevendo um círculo largo, as mãos apoiadas no cabo, a palma de uma em cima da outra. Sua cabeça assentia lentamente, no mesmo ritmo do movimento, e seus olhos permaneceram fechados por um longo tempo. Então olhou para Roark e disse:

– Bem, não fique se gabando por causa disso.

Acrescentou:

– Ajude-me a sentar.

Era a primeira vez que Cameron pronunciava essa frase. Sua irmã e Roark haviam aprendido havia muito tempo que o único ultraje proibido em sua presença era qualquer intenção de ajudá-lo a se mover.

Roark segurou o cotovelo dele e ajudou-o a caminhar até um banco. Cameron perguntou bruscamente, olhando fixo para o pôr do sol adiante:

– O quê? Para quem? Por quanto?

Escutou em silêncio a história de Roark. Olhou por muito tempo para o esboço na cartolina quebradiça, com os traços a lápis sobre a aquarela. Em seguida, fez muitas perguntas sobre a rocha, o aço, as estradas, os empreiteiros, os custos. Não deu qualquer tipo de parabéns a Roark. Não fez nenhum comentário.

Somente quando Roark estava indo embora, Cameron pediu, subitamente:

– Howard, quando abrir seu escritório, tire fotos dele para me mostrar.

Logo em seguida, sacudiu a cabeça, olhou para outro lado, constrangido, e soltou um palavrão.

– Estou agindo como um velho senil. Esqueça.

Roark não disse nada.

Três dias depois, ele voltou.

– Você está virando um chato – comentou Cameron.

Roark entregou-lhe um envelope, sem dizer uma palavra. Cameron olhou as

fotos do escritório amplo e sem mobília, da janela larga, da porta de entrada. Largou as outras e segurou a da porta durante muito tempo.

– Bem – disse afinal –, eu vivi para ver.

Largou a foto.

– Não exatamente – acrescentou. – Não do jeito que eu queria, mas vi. É como as sombras da Terra que alguns dizem que veremos naquele outro mundo. Talvez seja assim que eu verei o resto. Estou aprendendo.

Pegou a foto.

– Howard, olhe para ela.

Segurou-a entre eles.

– Não diz muito, apenas “Howard Roark, Arquiteto”. Mas é como aqueles lemas que entalhavam sobre a entrada de um castelo e pelos quais morriam. É um desafio diante de algo tão grande e perverso... Toda a dor do mundo... E você sabe quanto sofrimento há na Terra?... Toda a dor vem dessa coisa que você vai enfrentar. Eu não sei o que é, não sei por que sua fúria tem de ser dirigida contra você. Só sei que será. E sei que, se você carregar essas palavras até o fim, será uma vitória, Howard, não apenas para você, mas para algo que deve vencer, algo que move o mundo... E que nunca recebe nenhum reconhecimento. Vingará muitos que foram derrotados antes de você, que sofreram como você sofrerá. Que Deus o abençoe... Ou quem quer que seja aquele que vê o melhor, o mais alto nível que os corações humanos podem alcançar. Você está a caminho do inferno, Howard.



Roark subiu até o topo da colina onde a carcaça de aço da residência Heller erguia-se em direção ao céu azul. O esqueleto estava montado e o concreto estava sendo despejado; as grandes armações dos terraços jaziam suspensas sobre a folha prateada da água ondulante muito abaixo; encanadores e eletricitistas haviam começado a passar seus canos e conduítes.

Olhou para os quadrados de céu delimitados pelas linhas finas das vigas mestras e das colunas, os cubos de espaço vazio que rasgava no céu. Suas mãos moviam-se involuntariamente, preenchendo os planos das paredes que estavam por vir, abraçando os futuros cômodos. Uma pedra se desprendeu do chão sob seus pés e despencou quicando pela colina abaixo, gotas ressoantes de som rolando na claridade ensolarada do ar de verão.

Ficou parado ali no topo, com as pernas separadas e bem plantadas, inclinado contra o espaço. Olhou para os materiais diante dele, as protuberâncias dos rebites de aço, o brilho dos blocos de pedra, as espirais entrelaçadas das tábuas frescas e amarelas.

Foi então que viu uma figura tosca, emaranhada em fios elétricos, com a cara

de buldogue se abrindo em um enorme sorriso e os olhos azul-escuros se regozijando em um tipo de triunfo profano.

– Mike! – exclamou, incrédulo. O sujeito partira para um grande trabalho em Filadélfia, vários meses atrás, muito antes de Heller aparecer no escritório de Snyte, e nunca soubera da notícia – pelo menos era o que Roark havia suposto.

– Oi, Ruivo – cumprimentou Mike, informal demais.

Então acrescentou:

– Olá, chefe.

– Mike, como você...

– Você é um tremendo arquiteto. Descuidando-se do trabalho desse jeito... É o meu terceiro dia aqui, esperando você aparecer.

– Mike, como veio parar aqui? Por que tamanha queda de padrão? – Nunca ouvira falar que Mike se incomodasse em trabalhar em pequenas residências particulares.

– Não banque o bobo. Você sabe como vim parar aqui. Não achou que eu ia perder isto, a sua primeira casa, achou? E acha que é uma queda de padrão? Bem, talvez seja. Mas talvez seja o oposto.

Roark estendeu a mão, e os dedos encardidos de Mike fecharam-se em volta dela com força, como se as nódoas que ele deixava na pele de Roark expressassem tudo o que ele queria dizer. E, porque teve medo de que talvez o dissesse, Mike resmungou:

– Corra, chefe, corra. Não estorve o trabalho desse jeito.

Roark caminhou pela casa. Havia momentos em que conseguia ser preciso, impessoal, e parava para dar instruções, como se essa não fosse sua casa, apenas uma equação matemática, quando sentia a existência de canos e rebites, enquanto sua própria pessoa desaparecia.

Havia instantes em que algo crescia dentro dele, não um pensamento nem um sentimento, mas uma onda de algum tipo de violência física. Nesses momentos, ele queria parar, inclinar-se para trás, sentir a realidade de seu ser sendo intensificada pela estrutura de aço que se erguia indistintamente ao redor da existência clara e bem definida de seu corpo no centro dela. Ele não parava. Prosseguia calmamente. Entretanto, suas mãos revelavam o que ele queria esconder. Elas se estendiam e acariciavam lentamente as vigas e as junções. Os trabalhadores haviam notado. Comentavam:

– Esse cara está apaixonado pela casa. Não consegue tirar as mãos dela.

Os trabalhadores gostavam dele. Os capatazes dos empreiteiros, não. Ele tivera dificuldade de achar um empreiteiro para levantar a casa. Várias das melhores firmas haviam recusado o trabalho. “Não fazemos esse tipo de coisa.” “Que nada, nem vamos nos dar ao trabalho. Complicado demais para uma obra tão pequena.” “Quem diabos quer esse tipo de casa? O mais provável é que nem vamos conseguir receber do maluco, depois. Deixe para lá.” “Nunca fiz nada

como isso, não saberia como fazer. Vou ficar com as obras que são construções de verdade.” Um empreiteiro dera uma olhada rápida nas plantas e atirara-as para o lado, declarando de forma decisiva:

– Não vai ficar em pé.

– Vai, sim – disse Roark.

O empreiteiro disse, com indiferença:

– Ah, é? E quem é o senhor para me dizer isso?

Encontrara uma pequena firma que precisava do trabalho e o aceitara, cobrando mais do que o serviço valia, por causa do risco que corriam com um experimento bizarro. A construção prosseguia, e os mestres de obras obedeciam emburrados, em um silêncio reprovador, como se estivessem esperando que suas previsões se realizassem e fossem ficar contentes quando a casa desabasse sobre suas cabeças.

Roark comprara um Ford velho e dirigia até a construção com mais frequência do que o necessário. Era difícil permanecer sentado em seu escritório, ou em pé diante de uma prancheta, obrigando-se a ficar afastado da obra. No local, havia momentos em que ele desejava esquecer o escritório e a prancheta de desenho, agarrar as ferramentas dos homens e pôr mãos à obra na construção da casa, como trabalhara em sua infância, e construir aquela casa com suas próprias mãos.

Andava pela estrutura, pisando de leve sobre as pilhas de pranchas e os arames enrolados, fazia anotações, dava ordens breves em tom ríspido. Evitava olhar na direção de Mike. Mas o homem observava-o, seguindo seus movimentos pela casa. Mike piscava para ele, demonstrando entender, a cada vez que ele passava por perto. Uma vez, ele disse:

– Controle-se, Ruivo. Você parece um livro aberto. Deus do céu, é indecente ficar assim tão feliz!

Roark ficou em pé no penhasco, ao lado da estrutura, e olhou para a paisagem, para a faixa comprida e cinza da estrada que se retorcia ao longo da costa. Um conversível passou, fugindo em direção ao campo. O carro estava cheio de pessoas a caminho de um piquenique. Ele avistou uma mistura de suéteres e de cachecóis balançando ao vento; ouviu uma mistura de vozes berrando sem propósito acima do ruído do motor, e acessos de riso exagerados. Uma garota estava sentada de lado, com as pernas penduradas para fora do carro. Usava um chapéu de palha masculino que escorregava até seu nariz e tocava as cordas de um quequele, gritando “Ei!”. Essas pessoas estavam desfrutando um dia em suas vidas. Gritavam para o céu em comemoração à sua libertação do trabalho e de todo o peso dos dias que deixavam para trás. Havia trabalhado e carregado o peso para atingir um objetivo – e esse era o objetivo.

Ele olhou para o carro que passava veloz. Pensou que havia uma diferença, uma diferença importante, entre a consciência que ele tinha desse dia e a que

aqueles pessoas tinham. Pensou que deveria tentar compreendê-la. Mas esqueceu-se. Já estava olhando para um caminhão subindo a colina com esforço, carregado com um monte cintilante de granito cortado.



Austen Heller vinha olhar a casa com frequência e a observava crescer, curioso, ainda um pouco atônito. Examinava Roark e a residência com o mesmo escrutínio meticuloso. Tinha a sensação de que não poderia distinguir um do outro.

Heller, o guerreiro contra a coerção, estava perplexo com Roark, um homem tão inexpugnável à coerção que se tornava, ele próprio, um tipo de coerção, um ultimato contra coisas que Heller não conseguia definir. Após uma semana, sabia que encontrara o melhor amigo que jamais teria e sabia que a amizade vinha da indiferença fundamental de Roark. Na realidade mais profunda da existência de Roark, não havia nenhuma consciência de Heller, nenhuma necessidade dele, nenhum apelo, nenhuma exigência. Heller sentia que fora traçada uma linha, na qual ele não podia tocar; além dela, Roark não lhe pedia nada e não lhe dava nada. Porém, quando Roark olhava para ele com aprovação, quando sorria, quando elogiava um de seus artigos, Heller sentia a alegria estranhamente cristalina de uma aprovação que não era suborno nem caridade.

Nas noites de verão, sentavam-se juntos em uma saliência a meia altura da colina e conversavam, enquanto a escuridão galgava lentamente as vigas da casa acima deles, com os últimos raios de sol se retirando para as pontas dos pilares de aço.

– De que é que eu gosto tanto na casa que você está construindo para mim, Howard?

– Uma casa pode ter integridade, assim como uma pessoa – disse Roark –, e tão raramente quanto uma pessoa.

– De que maneira?

– Bem, olhe para ela. Cada parte está ali porque a casa precisa dela, e por nenhuma outra razão. Você a vê daqui exatamente como ela é por dentro. Os cômodos em que você viverá criaram a forma. A relação das massas foi determinada pela distribuição do espaço interior. O ornamento foi determinado pelo método da construção, é uma ênfase do princípio que a mantém de pé. Você pode ver cada tensão e cada apoio que a sustenta. Seus próprios olhos examinam um processo estrutural quando você olha para a casa. Pode seguir cada passo, vê-la se erguendo, sabe o que a fez e por que ela está de pé. Contudo, você já viu prédios com colunas que não sustentam nada, com cornijas sem propósito, com pilastras, molduras, arcos falsos, janelas falsas. Viu prédios que parecem conter um único saguão enorme, pois têm colunas maciças e janelas

isoladas e contínuas, de seis andares de altura. Porém, quando entra, encontra seis andares do lado de dentro. Ou prédios que consistem em um único saguão, mas cuja fachada é recortada como se tivessem andares, com faixas e fileiras de janelas. Você entende a diferença? A sua casa é feita pelas suas próprias necessidades. As outras são feitas pela necessidade de impressionar. O motivo determinante de sua casa está na própria casa. O motivo determinante das outras está na plateia.

– Você sabia que foi isso que eu senti, de certa forma? Senti que, quando me mudar para esta casa, terei um novo tipo de existência, e até mesmo minha simples rotina diária terá um tipo de honestidade ou dignidade que não consigo definir muito bem. Não fique espantado se eu lhe disser que sinto que terei que estar à altura desta casa.

– Essa foi a minha intenção – declarou Roark.

– E, a propósito, obrigado por toda a consideração que você parece ter dado ao meu conforto. Há tantas coisas que noto, que nunca tinham me ocorrido antes, mas você as planejou como se conhecesse todas as minhas necessidades. Por exemplo, meu escritório é o cômodo que mais precisarei usar, e você fez dele o ponto dominante; e também vejo onde você o tornou a massa dominante do lado de fora. Além disso, há a maneira como ele se conecta com a biblioteca, há a sala de visitas que fica completamente fora do meu caminho, e os quartos de hóspedes localizados onde não ouvirei muito do barulho deles, tudo isso. Você teve muita consideração por mim.

– Sabe – disse Roark –, eu não pensei em você em absoluto. Pensei na casa. – Acrescentou: – Talvez por isso eu tenha sabido como ter consideração por você.

A residência Heller foi terminada em novembro de 1926.

Em janeiro de 1927, a *Tribuna da Arquitetura* publicou uma pesquisa das melhores casas americanas construídas durante o ano anterior. Doze páginas grandes e brilhantes foram usadas para as fotografias das 24 casas que os editores haviam selecionado como as realizações mais valiosas em arquitetura. A residência Heller não foi mencionada.

As seções de imóveis dos jornais de Nova York apresentavam, todo domingo, relatos breves sobre as novas residências notáveis da região. Não houve nenhum relato sobre a residência Heller.

O livro anual da Associação Americana de Arquitetos, que apresentava reproduções magníficas dos prédios que a Associação elegia como os melhores do país, sob o título “Olhando adiante”, não continha nenhuma referência à residência Heller.

Em muitas ocasiões, palestrantes subiram à tribuna e falaram para plateias elegantes sobre o progresso da arquitetura americana. Nenhum falou sobre a residência Heller.

Nos salões da AAA, expressaram-se algumas opiniões.

– É uma desgraça para o país – disse Ralston Holcombe – que se permita que uma coisa como aquela residência Heller seja construída. É uma mancha na profissão. Deveria haver uma lei proibindo isso.

– É isso que espanta os clientes – declarou John Erik Snyte. – Eles veem uma casa como aquela e acham que todos os arquitetos são loucos.

– Não vejo nenhum motivo para indignação – disse Gordon L. Prescott. – Acho que é extremamente engraçada. Parece uma mistura de posto de gasolina com um desenho de revista em quadrinhos de um foguete indo à Lua.

– Observem-na daqui a uns dois anos – comentou Eugene Pettingill – e verão o que acontece. A coisa vai desabar como um castelo de cartas.

– Por que falar em anos? – disse Guy Francon. – Essas façanhas modernistas nunca duram mais que uma temporada. O dono vai ficar completamente enjoado dela e voltará correndo, procurando o bom e velho estilo colonial.

A residência Heller adquiriu fama em toda a área campestre que a rodeava. As pessoas desviavam-se de seu caminho para estacionar na estrada, diante dela, e olhar fixamente, apontar e dar risadas. Os atendentes do posto de gasolina ficavam rindo quando Heller passava de carro. A cozinheira dele tinha que aguentar os olhares zombeteiros das pessoas, quando ia fazer compras. A residência ficou conhecida na região como “O Hospício”.

Peter Keating dizia a seus amigos arquitetos, com um sorriso indulgente:

– Vamos, vamos, não deveriam dizer isso sobre ele. Eu conheço Howard Roark há muito tempo e ele tem muito talento, muito mesmo. Até já trabalhou para mim. Ele enlouqueceu com essa casa, mas vai aprender. Ele tem futuro... Ah, você não acha que ele tem futuro? Não acha mesmo?

Ellsworth M. Toohey, que não deixava uma única pedra brotar do solo dos Estados Unidos sem o seu comentário, não sabia que a residência Heller fora construída, a julgar pela sua coluna. Ele não achou necessário informar seus leitores sobre ela, nem que fosse só para amaldiçoá-la. Ele não disse nada.

A COLUNA INTITULADA “OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES”, de Alvah Scarret, aparecia diariamente na primeira página do *New York Banner*. Era um guia confiável, uma fonte de inspiração, e moldava a filosofia do povo em cidades pequenas do país inteiro. Nessa coluna aparecera, havia vários anos, uma afirmação famosa: “Nós todos estaríamos em situação muito melhor se nos esquecêssemos das noções pretensiosas de nossa civilização cheia de luxos e nos concentrássemos mais no que os selvagens já sabiam muito antes de nós: honrar nossas mães.” Alvah Scarret era um solteirão, acumulara dois milhões de dólares, jogava golfe como um profissional e era redator-chefe dos jornais Wynand.

Fora ele que concebera a ideia da campanha contra as condições de vida nos cortiços e os “Senhorios Vigaristas”, uma história que o *Banner* cobriu durante três semanas. Esse era o tipo de matéria que dava muito prazer a Scarret. Continha apelo humano e implicações sociais. Era boa para acompanhar as ilustrações que apareciam nos suplementos de domingo, de garotas mergulhando em rios, com as saias voando bem acima dos joelhos. Aumentava a circulação. Constrangia os senhorios mal-intencionados que eram proprietários de uma faixa de vários quarteirões perto do East River, escolhidos para serem os vilões da campanha. Os senhorios haviam se recusado a vender esses quarteirões a uma agência imobiliária obscura. Ao final da campanha, renderam-se e venderam. Ninguém pôde provar que a agência imobiliária pertencia a uma companhia cujo dono era Gail Wynand.

Os jornais Wynand não podiam ficar sem uma campanha por muito tempo. Haviãam acabado de terminar uma cujo tema era a aviação moderna. Publicaram relatos científicos sobre a história da aviação na *Revista da Família*, um suplemento da edição de domingo, com ilustrações que variavam desde os desenhos de máquinas voadoras que Leonardo da Vinci fizera até o bombardeiro mais moderno, com a atração extra de Ícaro contorcendo-se em chamas vermelhas, seu corpo nu azul-esverdeado, suas asas de cera amarelas e a fumaça roxa. Havia também a figura de uma velha leprosa, com olhos flamejantes e uma bola de cristal, que, no século XI, predissera que o homem voaria. E havia também morcegos, vampiros e lobisomens.

Patrocinaram um concurso de construção de aeromodelos. Estava aberto a todos os meninos com menos de 10 anos que solicitassem três assinaturas novas do *Banner*. Gail Wynand, que era piloto licenciado, realizara um voo solitário de Los Angeles a Nova York, estabelecendo o recorde de velocidade transcontinental em um avião pequeno, construído especialmente para a façanha, que custara cem mil dólares. Ele cometeu um pequeno erro de cálculo ao aproximar-se de Nova York e foi forçado a aterrissar em um pasto pedregoso.

Foi uma aterrissagem de arrepiar os cabelos, mas executada com perfeição. Por coincidência, um grupo de fotógrafos do *Banner* estava na região naquele momento. Gail Wynand desceu do avião. Um ás da aviação teria ficado perturbado com a experiência. Ele colocou-se na frente das câmeras, a jaqueta de aviador ornada com uma gardênia imaculada na lapela e a mão levantada, segurando um cigarro entre dois dedos que não tremiam. Quando lhe perguntaram qual era seu primeiro desejo ao pisar em solo firme, ele respondeu que era beijar a mulher mais atraente que estivesse presente. Escolheu a senhora idosa mais deselegante da multidão e inclinou-se, beijando-a, muito sério, na testa, e explicando que ela lembrava a sua mãe.

Mais tarde, no início da campanha dos cortiços, Gail Wynand disse a Alvah Scarret:

– Vá em frente. Tire disso todo o proveito que puder.

Em seguida, partiu para um cruzeiro ao redor do mundo em seu iate, acompanhado de uma aviadora encantadora de 24 anos, a quem ele dera de presente seu avião transcontinental.

Alvah Scarret foi em frente. Entre muitas outras iniciativas de sua campanha, atribuiu a Dominique Francon a tarefa de investigar as condições das moradias nos cortiços e coletar depoimentos pessoais. Dominique acabara de voltar de férias de verão em Biarritz. Ela sempre tirava o verão todo de férias e Scarret deixava, porque ela era uma de suas funcionárias prediletas, porque ela o deixava perplexo e porque ele sabia que ela podia pedir demissão quando quisesse.

Dominique foi morar, durante duas semanas, em um quarto de um cortiço no East Side. O cômodo tinha uma claraboia, mas não tinha janela. Não havia água corrente, e ela tinha que subir cinco andares de escadas. Preparava suas refeições na cozinha de uma família grande, no andar de baixo, visitava os vizinhos, sentava-se nos patamares das saídas de incêndio, à noite, e ia a cinemas de dez centavos com as garotas da vizinhança.

Ela se vestia com saias e blusas velhas. A fragilidade anormal de sua aparência normal fazia com que ela parecesse exaurida pelas privações, nesse ambiente. Os vizinhos tinham certeza de que ela tinha tuberculose. Entretanto, ela se movia como havia se movido na sala de visitas de Kiki Holcombe, com a mesma postura fria e a mesma confiança. Esfregava o chão de seu quarto, descascava batatas, banhava-se em uma tina de água fria. Nunca fizera nada disso antes, e fazia-o agora com perfeição. Tinha uma grande capacidade de ação e uma competência que contrastavam com sua aparência. Não se importava com esse novo ambiente. Era indiferente aos cortiços da mesma forma que sempre fora aos salões de festas.

Ao final de duas semanas, ela voltou à sua cobertura em um hotel diante do Central Park, e seus artigos sobre a vida nos cortiços apareceram no *Banner*.

Eram relatos impiedosos e brilhantes.

Escutou perguntas espantadas durante um jantar:

– Minha cara, não foi você que escreveu aquelas coisas realmente, foi?

– Dominique, você não morou de verdade naquele lugar, morou?

– Ah, sim – respondeu ela.

– A sua casa na rua Doze Leste, Sra. Palmer – comentou ela, sua mão descrevendo círculos preguiçosamente, sob uma pulseira de esmeraldas larga e pesada demais para seu pulso fino –, tem um esgoto que entope a cada dois dias e transborda no pátio do cortiço. Sob o sol, parece azul e roxo, como um arco-íris.

Proseguiu, com a cabeça dourada inclinando-se para o pequeno buquê em seu vestido, feito de gardênia brancas, com gotas de água cintilando nas pétalas opacas:

– O quartirão que administra como parte do patrimônio dos Claridge, Sr. Brooks, tem estalactites muito atraentes crescendo em todos os tetos.

Foi convidada a falar em uma reunião de assistentes sociais. Era um evento importante, com um caráter militante e radical, liderado por algumas das mulheres mais ilustres da profissão. Alvah Scarret ficou contente e deu-lhe sua bênção:

– Vá com tudo, garota – recomendou ele. – Exagere bastante. Queremos as assistentes sociais do nosso lado.

Ela subiu à tribuna dos oradores, em um salão abafado, e olhou para as fileiras indistintas de rostos lascivamente entusiasmados com a noção de sua própria virtude. Discursou com calma, sem mudar o tom de voz. Disse, entre muitas outras coisas:

– A família que vive nos fundos do primeiro andar já nem se incomoda em pagar o aluguel, e as crianças não podem ir à escola por falta de roupas. O pai tem conta-corrente num bar ali perto. Ele tem boa saúde e um bom emprego... O casal do segundo andar acaba de comprar um rádio por 69,95 dólares, em dinheiro vivo. No apartamento de frente do quarto andar, o chefe de família não trabalhou um único dia em toda a sua vida, nem pretende trabalhar. Ele tem nove filhos, sustentados pela paróquia local. O décimo está a caminho...

Quando Dominique terminou, ouviram-se uns poucos aplausos irritados. Ela levantou a mão e disse:

– Não precisam aplaudir. Eu não espero aplausos.

Após uma breve pausa, indagou educadamente:

– Alguma pergunta?

Não houve nenhuma.

Quando voltou para casa, Dominique encontrou Alvah Scarret à sua espera. Ele não combinava em nada com a sala de visitas da cobertura dela, sua figura enorme empoleirada na beirada de uma cadeira delicada, como uma gárgula encurvada diante da imagem intensamente brilhante da cidade espreada além

de uma sólida parede de vidro. A cidade era como um mural criado para iluminar e complementar a sala: os contornos frágeis dos pináculos no céu negro eram uma continuação das linhas frágeis da mobília; as luzes que cintilavam em janelas distantes provocavam reflexos no piso descoberto e lustroso; a precisão fria das estruturas angulares do lado de fora reagia à graça fria e inflexível de cada objeto do lado de dentro. Alvah Scarret quebrava a harmonia. Ele parecia um médico gentil de interior e, ao mesmo tempo, um trapaceiro. Seu rosto pesado tinha o sorriso benevolente e paternal que sempre fora sua chave mestra e sua marca registrada. Ele tinha a habilidade de fazer seu sorriso bondoso intensificar, ao invés de diminuir, sua aparência solene de dignidade. Seu nariz longo, fino e curvo diminuía a aparência de bondade, mas aumentava a aparência de dignidade. Sua barriga, que se estendia sobre suas pernas, diminuía a aparência de dignidade, mas aumentava a de bondade.

Ele se levantou, sorrindo abertamente, e segurou a mão de Dominique.

– Resolvi dar uma passada, a caminho de casa – disse ele. – Tenho algo a lhe dizer. Como foi lá, garota?

– Como eu esperava.

Ela tirou o chapéu e atirou-o sobre a primeira cadeira à vista. Seu cabelo fazia uma curva perpendicular e plana sobre a testa e caía em linha reta sobre os ombros. Parecia macio e compacto, como uma touca de banho de metal claro e polido. Ela andou até a janela e ficou olhando a cidade abaixo. Perguntou, sem se virar:

– O que queria me dizer?

Scarret observava-a com prazer. Há muito tempo desistira de quaisquer investidas, limitando-se a pegar na mão dela quando não era necessário, ou dar-lhe tapinhas no ombro. Ele havia parado de pensar no assunto, mas ainda mantinha um sentimento vago, parcialmente consciente, que ele descrevia para si mesmo com as palavras “Nunca se sabe”.

– Tenho boas notícias para você, criança – disse ele. – Estou montando um pequeno esquema, planejando uma pequena reorganização, e cheguei à conclusão de que vou consolidar algumas áreas em um Departamento de Bem-Estar das Mulheres. Você sabe, escolas, economia doméstica, cuidado de bebês, delinquência juvenil e tudo o mais... E quero pôr tudo isso sob a liderança de uma única pessoa. E não vejo melhor mulher para o cargo do que a minha garotinha.

– Quer dizer, eu? – perguntou ela, sem se virar.

– E ninguém mais. Assim que Gail voltar, vou obter sua autorização.

Ela virou-se e olhou para ele, de braços cruzados, as mãos segurando os cotovelos. Disse:

– Obrigada, Alvah, mas não quero.

– O que quer dizer com “não quero”?

– Quero dizer que não quero.

- Pelo amor de Deus, você não percebe que avanço isso seria?
 - Avanço em quê?
 - Na sua carreira.
 - Eu nunca disse que planejava ter uma carreira.
 - Mas não vai querer ficar escrevendo uma coluna insignificante de última página para sempre!
 - Não para sempre, só até eu me entediar.
 - Mas pense no que poderia fazer em um cargo desses! Pense no que Gail poderia fazer por você, uma vez que você chamasse a atenção dele!
 - Eu não tenho nenhuma vontade de chamar a atenção dele.
 - Mas, Dominique, nós precisamos de você. Depois de hoje, as mulheres lhe darão apoio total.
 - Eu acho que não.
 - Ora, mandei reservarem duas colunas para uma reportagem sobre a reunião e o seu discurso.
- Ela pegou o telefone e passou-o para ele, dizendo:
- É melhor dizer a eles para cancelarem a matéria.
 - Por quê?
- Ela vasculhou vários papéis espalhados em uma escrivaninha, encontrou umas folhas datilografadas e entregou-as para ele.
- Aqui está o discurso que fiz hoje – disse.
- Ele leu rapidamente. Não disse nada, mas pôs a mão na testa uma vez. Então pegou o telefone e deu ordens para publicarem um relato o mais sucinto possível da reunião, e não mencionarem o nome da palestrante.
- Muito bem – disse Dominique quando ele desligou. – Estou despedida?
- Ele sacudiu a cabeça, triste.
- Quer ser despedida?
 - Não necessariamente.
 - Vou abafar o assunto – resmungou ele. – Vou esconder de Gail.
 - Se assim desejar. Eu realmente não me importo, de um jeito ou de outro.
 - Ouça, Dominique... Ah, já sei, não posso fazer nenhuma pergunta... mas por que diabos você sempre faz esse tipo de coisa?
 - Por absolutamente nenhuma razão.
 - Veja, eu ouvi falar sobre o jantar elegante em que você fez certos comentários sobre este mesmo assunto. E agora você vai e diz essas coisas em uma reunião de radicais.
 - Mas eu disse a verdade, não disse, sobre os dois lados da questão?
 - Claro que sim, mas você não podia ter invertido os momentos que escolheu para expressar cada lado?
 - Isso não teria feito nenhum sentido.
 - E fez sentido o que você fez?

– Não. Nenhum. Mas eu me diverti.

– Eu não consigo entendê-la, Dominique. Você já fez isso antes. Está se conduzindo à perfeição, faz um trabalho brilhante e, justamente quando está prestes a dar um verdadeiro passo à frente, você estraga tudo, inventando de fazer algo desse tipo. Por quê?

– Talvez essa seja precisamente a razão.

– Pode me dizer, como amiga, porque eu gosto de você e me interesse por você, o que realmente quer?

– Eu achei que era óbvio. Eu não quero absolutamente nada.

Scarret estendeu as mãos abertas, dando de ombros, sem ação.

Ela sorriu, alegre.

– Por que essa cara de luto? Eu também gosto de você, Alvah, e me interesse por você. Até gosto de conversar com você, o que é melhor ainda. Agora, sente-se e relaxe, que vou preparar um drinque. Está precisando de uma bebida, Alvah.

Ela lhe trouxe um copo gelado com cubos de gelo tilintando no silêncio.

– Você é só uma boa criança, Dominique – disse ele.

– Claro. É isso que eu sou.

Ela sentou-se na beirada de uma mesa, com as mãos espalmadas atrás do corpo, apoiando-se nos dois braços esticados e balançando as pernas lentamente. Disse:

– Sabe, Alvah, seria horrível se eu tivesse um emprego que realmente quisesse.

– Ora, só faltava essa! Entre todas as coisas bobas que alguém pode dizer! O que quer dizer com isso?

– Apenas isso. Que seria horrível ter um emprego de que eu gostasse e que não quisesse perder.

– Por quê?

– Porque eu teria que depender de você. Você é uma pessoa maravilhosa, Alvah, mas não é exatamente inspirador e não acho que seria bonito eu tremer de medo diante do chicote em sua mão. Ah, não proteste, seria um pequeno chicote muito educado, e é isso que o tornaria ainda mais feio. Eu teria que depender de nosso chefe Gail. Ele é um grande homem, tenho certeza, só que eu preferiria nunca ter que olhar para ele.

– O que a faz ter uma atitude tão louca? Quando você sabe que Gail e eu fariamos qualquer coisa por você, e eu, pessoalmente...

– Não é só isso, Alvah. Não é só você. Se eu encontrasse um emprego, um projeto, uma ideia ou uma pessoa que eu realmente quisesse, teria que depender do mundo inteiro. Todas as coisas têm fios que se conectam com todas as outras coisas. Estamos todos tão amarrados uns aos outros... Estamos todos em uma rede, a rede espera e somos arrastados para ela por um único desejo. Você quer alguma coisa que tem muito valor. Sabe quem está a postos, pronto para arrancá-

la de suas mãos? Você não pode saber, pode estar tão distante e envolvido, mas há alguém pronto, e você tem medo de todos eles. E se submete, se arrasta, implora e os aceita, para que o deixem manter essa coisa. E veja quem você passa a aceitar.

– Se estou correto em minha percepção de que você está criticando a humanidade em geral...

– Sabe, nossa ideia da humanidade em geral é algo tão peculiar... Todos temos uma imagem vaga e brilhante, quando dizemos isso, algo solene, grandioso e importante. Mas, na verdade, só o que conhecemos são as pessoas que encontramos em nossas vidas. Olhe para elas. Conhece alguém que o faria sentir-se grandioso e solene? Não há nada além de donas de casa pechinchando atrás de seus carrinhos, moleques babões mal-educados que escrevem palavões nas calçadas e debutantes bêbadas. Ou o seu equivalente espiritual. Na verdade, pode-se sentir um pouco de respeito pelas pessoas, quando elas sofrem. Adquirem certa dignidade. Entretanto, já olhou para elas quando estão se divertindo? É nessa hora que se vê a verdade. Olhe para os que gastam o dinheiro pelo qual se escravizaram em parques de diversões e espetáculos sem importância. Olhe para os que são ricos e têm o mundo todo ao seu dispor. Observe o que escolhem como diversão. Observe-os nos bares mais sofisticados. Essa é a sua humanidade em geral. Não quero ter nenhum contato com ela.

– Mas que diabos! Essa não é a forma de se olhar para a questão. Não é a visão completa. Há algo de bom nos piores entre nós. Sempre há uma característica redentora.

– O que é muito pior. É uma visão inspiradora ver um homem cometer um gesto heroico e depois ficar sabendo que ele vai a shows de vaudeville para relaxar? Ou ver um homem que pintou uma tela esplêndida e saber que ele dorme com todas as prostitutas que encontra?

– O que você quer? Perfeição?

– ... ou nada. Portanto, como vê, eu escolho o nada.

– Isso não faz sentido.

– Eu aceito o único desejo que podemos realmente nos permitir ter. A liberdade, Alvah, a liberdade.

– Você chama a isso de liberdade?

– Não pedir nada. Não esperar nada. Não depender de nada.

– E se você encontrasse algo que quisesse?

– Não vou encontrar. Não vou escolher vê-lo. Faria parte desse seu mundo adorável. Eu teria que dividi-lo com o restante de vocês, e isso eu não faria. Sabe, nunca abro novamente um livro maravilhoso que li e adorei. Dói em mim pensar nos outros olhos que também o leram e no que eles eram. Esse tipo de coisa não pode ser compartilhada. Não com esse tipo de pessoa.

– Não é normal sentir-se assim tão intensamente determinada sobre algo.

– É só assim que posso sentir. Ou não sinto nada.

– Dominique, querida – disse ele, com uma preocupação autêntica e sincera –, eu gostaria de ter sido o seu pai. Por que tipo de tragédia você passou em sua infância?

– Ora, por nenhuma. Tive uma infância maravilhosa. Livre e tranquila, e sem ser muito incomodada por ninguém. Bem, é verdade, eu ficava entediada com muita frequência. Mas estou acostumada.

– Acho que você é só um produto infeliz de nossos tempos. É o que sempre digo: somos cínicos demais, decadentes demais. Se voltássemos, com toda a humildade, às virtudes simples...

– Alvah, como pode vir com essa conversa para cima de mim? Isso é apenas matéria para os seus editoriais e... – Ela se interrompeu, notando os olhos dele, que pareciam confusos e um pouco magoados. Então riu. – Estou enganada. Você acredita mesmo nisso tudo. Acredita de verdade, ou se convenceu por algum outro processo. Oh, Alvah! É por isso que eu o adoro. É por isso que estou fazendo de novo, agora, o que fiz hoje na reunião.

– O quê? – perguntou ele, atônito.

– Falando como estou falando, para você, para você como você é. É agradável conversar com você sobre essas coisas. Sabia, Alvah, que os povos primitivos construíam estátuas de seus deuses à imagem do homem? Imagine como seria uma estátua de você, nu, com a barriga e tudo.

– E isso tem a ver com o quê?

– Com absolutamente nada, querido. Perdoe-me. – E acrescentou: – Sabe, eu amo estátuas de homens nus. Não faça essa cara de bobo. Eu disse “estátuas”. Tive uma especial. Deveria ser de Hêlio, o deus Sol dos gregos. Eu a tirei de um museu na Europa. Foi difícilimo consegui-la. Não estava à venda, claro. Acho que eu estava apaixonada por ela, Alvah. Trouxe-a para casa.

– Onde está? Eu gostaria de ver algo de que você gosta, para variar.

– Quebrou.

– Quebrou? Uma peça de museu? Como isso foi acontecer?

– Eu a quebrei.

– Como?

– Eu a joguei no poço de ventilação. Lá embaixo o chão é de concreto.

– Você é totalmente louca? Por quê?

– Para que ninguém jamais a visse.

– Dominique!

Ela sacudiu a cabeça com força, como que para se livrar do assunto. A massa lisa de seu cabelo moveu-se com um movimento pesado, como uma onda que atravessa uma poça semilíquida de mercúrio. Então disse:

– Desculpe, querido. Eu não queria chocá-lo. Pensei que podia falar com você porque é a única pessoa imune a qualquer tipo de choque. Eu não devia ter

falado. Não adianta, acho.

Pulou da mesa com agilidade.

– Vá para casa, Alvah – disse. – Está ficando tarde e estou cansada. Até amanhã.



Guy Francon leu os artigos da filha e ouviu falar sobre os comentários que ela fizera na recepção e na reunião das assistentes sociais. Ele não entendeu nada, compreendeu apenas que era precisamente a sequência de eventos que seria de se esperar de sua filha. Sentia-se atormentado com o que ela havia feito, com a sensação de apreensão que sempre o invadia quando pensava nela. Perguntou-se se, na verdade, odiava sua filha.

Porém uma imagem voltava à sua mente, sem relevância, sempre que ele se fazia essa pergunta. Era uma imagem da infância dela, de um dia esquecido de verão em sua casa de campo em Connecticut, há muito tempo. Ele se esquecera do resto daquele dia, e do que precedera o momento de que se lembrava. Mas lembrava-se de estar no terraço e de vê-la saltando por cima de uma cerca viva alta e verde, no fim do gramado. A cerca viva parecia alta demais para o corpo pequeno de Dominique. Ele teve tempo de pensar que ela não ia conseguir, no exato momento em que a viu voando triunfante por cima da barreira verde. Não conseguia se lembrar do início nem do final daquele salto, mas ainda podia ver, clara e nitidamente, como se fosse um quadro que fora cortado de um filme e que ficara congelado para sempre, o instante preciso em que o corpo dela ficou suspenso no espaço, suas pernas compridas bem abertas, seus braços magros para cima, as mãos tensas contra a resistência do ar, o vestido branco e o cabelo louro esparramados como dois colchonetes – amplos e horizontais, soltos ao vento. Um momento único em que o relâmpago de um pequeno corpo lançou-se com a maior explosão de liberdade estática que ele jamais presenciara em toda a sua vida.

Não sabia por que aquele momento permanecia com ele, que significado, ignorado na época, preservara-o para ele, enquanto tantas outras lembranças de maior importância haviam sido perdidas. Não sabia por que tinha que ver aquele momento novamente, cada vez que sentia amargura por sua filha, nem por que, quando o via, sentia aquela pontada insuportável de ternura. Apenas dizia a si mesmo que sua afeição paternal estava se afirmando, contra a sua vontade. Contudo, de uma forma desajeitada e impensada, queria ajudá-la, sem saber, sem querer saber contra o que Dominique tinha de ser ajudada.

Então passou a contemplar Peter Keating cada vez mais. Começou a aceitar a solução que nunca chegara a admitir para si mesmo. Encontrava consolo na pessoa de Keating e sentia que a qualidade saudável, estável e simples dele era

justamente o apoio necessário para a inconstância pouco saudável de sua filha.

Keating não admitia que tentara ver Dominique de novo, com persistência e sem resultado. Consequira seu número de telefone com Francon, havia muito tempo, e telefonava para ela com frequência. Ela atendia, ria contente e dizia-lhe que com certeza o veria, sabia que não conseguiria escapar, mas estaria ocupada demais nas próximas semanas. E perguntava se ele poderia ligar de novo no início do mês seguinte.

Francon adivinhou o que estava acontecendo. Disse a Keating que convidaria Dominique para almoçar e os reuniria de novo.

– Quero dizer – acrescentou –, vou tentar convidá-la. Ela vai recusar, é claro.

Dominique surpreendeu-o uma vez mais: aceitou, pronta e alegremente.

Ela se encontrou com eles em um restaurante e sorriu como se gostasse da reunião. Conversou descontraída, e Keating sentiu-se encantado, relaxado, e perguntou-se por que antes tivera medo dela. Ao final de meia hora, ela olhou para Francon e disse:

– Foi maravilhoso de sua parte reservar um tempo para me ver, pai. Especialmente quando está tão ocupado e tem tantos compromissos.

O semblante de Francon expressou seu abatimento.

– Meu Deus, Dominique, isso me faz lembrar!

– Tem um compromisso de que se esqueceu? – perguntou ela docilmente.

– Com os diabos, é verdade! Eu havia me esquecido completamente. O velho Andrew Colson me telefonou hoje de manhã... esqueci-me de anotar... e ele insistiu que nos encontrássemos às duas horas. Você sabe como é, eu simplesmente não posso me recusar a ver Andrew Colson. Que droga! Logo hoje...

Acrescentou, com ar suspeito:

– Como você sabia?

– Eu não sabia. Não faz mal, pai. O Sr. Keating e eu o deixaremos ir e teremos um almoço adorável juntos. E não tenho nenhum compromisso hoje, portanto não precisa ficar com medo de que eu fuja dele.

Francon perguntou-se se ela sabia que aquela fora uma desculpa que ele preparara de antemão para deixá-la sozinha com Keating. Não podia ter certeza. Ela o estava fitando com olhos que pareciam um pouquinho ingênuos demais. Ele ficou feliz em escapar dali.

Dominique virou-se para Keating com um olhar tão gentil que só podia significar desprezo.

– Agora, vamos relaxar – disse ela. – Ambos sabemos o que meu pai quer, portanto está tudo bem. Não permita que isso o deixe constrangido. Não constrange a mim. É ótimo que você traga meu pai pela coleira, mas sei que não é útil para você deixar que ele tome a dianteira e o arraste. Assim, vamos esquecer tudo e comer nossas refeições.

Ele queria se levantar e sair e sabia, com uma impotência furiosa, que não faria isso. Ela disse:

– Não faça cara feia, Peter. É melhor você me chamar de Dominique, porque vamos chegar a isso de qualquer forma, mais cedo ou mais tarde. Provavelmente vou vê-lo com muita frequência. Eu me encontro com tantas pessoas... Se agrada ao meu pai que você seja uma delas, por que não?

Durante o resto do almoço, ela conversou com ele como se fosse um velho amigo, alegre e abertamente, com uma sinceridade inquietante que parecia demonstrar que não havia nada a esconder, mas que mostrava, na realidade, que era melhor não tentar sondar nada. A gentileza do comportamento dela sugeria que o relacionamento deles não tinha nenhuma importância, e que ela não lhe concederia a honra de ser hostil com ele. Peter sentia profunda antipatia por ela. Porém observava o formato da sua boca, os movimentos de seus lábios formando palavras, observava como ela cruzava as pernas, com um gesto suave e preciso, como um instrumento caro sendo dobrado. E não conseguia se livrar do sentimento de incrédula admiração que experimentara na primeira vez que a vira.

Quando estavam saindo, ela disse:

– Você me levaria ao teatro hoje à noite, Peter? Não me importa qual peça, qualquer uma serve. Venha me buscar depois do jantar. Conte ao meu pai, ele vai ficar satisfeito.

– Embora, claro, ele já deva saber, assim como eu, que não há motivo para ficar satisfeito – retrucou Keating –, mas, mesmo assim, ficarei encantado, Dominique.

– Por que você já deveria saber disso?

– Porque você não tem a menor vontade de ir ao teatro comigo, ou de me ver, hoje à noite.

– Absolutamente nenhuma. Estou começando a gostar de você, Peter. Venha me buscar às 20h30.

Quando Keating retornou ao escritório, Francon chamou-o ao andar de cima imediatamente.

– E então? – perguntou ele, ansioso.

– Qual é o problema, Guy? – disse Keating, com ar inocente. – Por que está tão preocupado?

– Bem, eu... eu só... Francamente, estou interessado em ver se vocês dois poderiam sair juntos. Acho que você seria uma boa influência para ela. O que aconteceu?

– Nada. Foi muito agradável. Você sabe como são os restaurantes que escolhe... a comida estava deliciosa... Ah, sim, vou levar sua filha para ver uma peça hoje à noite.

– Não!

– Ora, sim.

– Como conseguiu isso?

Keating encolheu os ombros.

– Eu disse que não é preciso ter medo de Dominique.

– Eu não tenho medo, mas... Ah, agora já é Dominique? Meus parabéns, Peter... Eu não tenho medo dela, só não consigo entendê-la. Ninguém consegue se aproximar da minha filha. Dominique nunca teve uma única amiga, nem mesmo no jardim de infância. Sempre há uma multidão em volta dela, mas nunca um amigo. Não sei o que pensar. E agora, lá está ela, morando sozinha, sempre com um bando de homens à sua volta e...

– Guy, você não deve pensar nada desonroso de sua própria filha.

– E não penso! É esse justamente o problema, o fato de que não penso. Eu gostaria de poder pensar. Mas ela tem 24 anos, Peter, e é virgem. Eu sei, tenho certeza disso. Você não sabe isso, só de olhar para uma mulher? Não sou nenhum moralista, Peter, e acho que isso é anormal. Não é natural, na idade dela, com a aparência dela, com o tipo de vida completamente sem restrições que ela leva. Eu adoraria que ela se casasse. Honestamente, eu gostaria... Bem, não vá repetir isso, claro, e não me interprete mal, eu não quis dizer isso como um convite.

– É claro que não.

– A propósito, Peter, ligaram do hospital enquanto você estava fora. Disseram que o pobre Lucius está bem melhor. Acham que ele vai conseguir escapar.

Lucius N. Heyer tinha tido um derrame e Keating demonstrara muita preocupação com seu estado, embora não tivesse ido visitá-lo no hospital.

– Fico muito contente – disse Keating.

– Mas não acho que ele poderá voltar ao trabalho de novo. Ele está ficando velho, Peter... Sim, está ficando velho. As pessoas chegam a uma idade em que não podem mais ser sobrecarregadas com negócios. – Segurava uma espátula de abrir envelopes entre dois dedos e batia-a levemente, pensativo, na beirada de um calendário de mesa. – Acontece com todos nós, mais cedo ou mais tarde... Devemos pensar no futuro...



Keating estava sentado no chão, perto da lenha de imitação na lareira de sua sala de visitas, abraçando os joelhos, ouvindo sua mãe fazer perguntas sobre como era Dominique, que tipo de roupas ela usava, o que ela lhe havia dito e quanto dinheiro ele achava que a mãe dela tinha realmente deixado.

Peter saía frequentemente com Dominique agora. Acabara de chegar de uma noite com ela, em que estiveram em várias boates. Ela sempre aceitava seus convites. Ele se questionava se a atitude dela era uma prova deliberada de que ela podia ignorá-lo de forma mais completa vendo-o com frequência do que se

recusando a vê-lo. Porém, cada vez que saía com ela, ele planejava ansiosamente o próximo encontro. Não via Catherine havia um mês. Ela estava ocupada com uma pesquisa que seu tio havia lhe confiado, como preparação para uma série de palestras dele.

A Sra. Keating estava sentada perto de um abajur, consertando um pequeno rasgo no forro do paletó de Peter, repreendendo-o, entre perguntas, por sentar-se no chão com suas calças formais e com sua melhor camisa social. Ele não prestava nenhuma atenção às broncas nem às perguntas. Entretanto, sob sua irritação entediada, sentia um alívio estranho, como se a corrente teimosa das palavras dela o empurrasse adiante e o absolvesse. Respondia, de vez em quando:

– Sim... Não... Não sei... Ah, sim, ela é adorável. É muito adorável... Está muito tarde, mãe. Estou cansado. Acho que vou para a cama...

A campainha tocou.

– Ora – disse a Sra. Keating. – O que pode ser, a esta hora?

Keating levantou-se, indiferente, e foi lentamente até a porta.

Era Catherine. Estava agarrando uma carteira grande, velha e sem forma. Parecia determinada e hesitante, ao mesmo tempo. Recuou um pouco e disse:

– Boa noite, Peter. Posso entrar? Tenho que falar com você.

– Katie! É claro! Que gentileza a sua! Entre. Mãe, é a Katie.

A Sra. Keating olhou para os pés da moça, que pisavam como se estivessem se movendo no convés oscilante de um navio. Olhou para o filho, e soube que algo havia acontecido, algo a ser tratado com o maior cuidado.

– Boa noite, Catherine – disse gentilmente.

Keating não tinha consciência de nada, exceto da pontada de alegria que sentira ao vê-la. A alegria dizia-lhe que nada mudara, que ele estava seguro na certeza que sentia, que a presença dela resolvia todas as dúvidas. Nem lhe ocorreu se perguntar sobre a hora tardia e a primeira visita dela a seu apartamento, sem ter sido convidada.

– Boa noite, Sra. Keating – respondeu ela, em tom nítido e oco. – Espero não a estar incomodando. Provavelmente já é tarde, não é?

– Ora, é claro que não, criança – disse a Sra. Keating.

Catherine apressou-se em falar, incoerentemente, agarrando-se ao som das palavras:

– Vou tirar o chapéu... Onde posso colocá-lo, Sra. Keating? Aqui na mesa? Está bem assim? Não, talvez seja melhor colocá-lo sobre esta escrivaninha, embora esteja um pouco úmido da rua... O chapéu... pode manchar o verniz. É uma escrivaninha bonita, espero que não manche o verniz...

– Qual é o problema, Katie? – perguntou Peter, percebendo, afinal.

Ela fitou-o e ele viu que seus olhos estavam aterrorizados. Seus lábios entreabriram-se. Ela estava tentando sorrir.

– Katie! – exclamou ele, ofegante.

Ela não disse nada.

– Tire o casaco. Venha aqui, venha aquecer-se perto do fogo.

Empurrou um banco baixo para perto da lareira e a fez sentar-se. Ela vestia um suéter preto e uma velha camisa preta, roupas colegiais de usar em casa, que ela não trocara para fazer a visita. Sentou-se curvada, os joelhos muito juntos. Disse, com a voz mais baixa e mais natural, revelando o primeiro vestígio de dor:

– Você tem um apartamento tão agradável... tão quente e espaçoso... Pode abrir as janelas sempre que quiser?

– Katie, querida – disse ele com delicadeza –, o que aconteceu?

– Nada. Não é que tenha acontecido alguma coisa, realmente. Eu só tinha que falar com você. Agora. Hoje.

Ele olhou para a Sra. Keating.

– Se você preferir...

– Não. Está tudo bem. A Sra. Keating pode ouvir. Talvez seja melhor que ela ouça.

Virou-se para a mãe dele e disse, simplesmente:

– Sabe, Sra. Keating, Peter e eu estamos noivos.

Olhou para ele e acrescentou, com a voz entrecortada:

– Peter, quero me casar agora, amanhã, assim que possível.

A mão da Sra. Keating baixou vagarosamente para seu colo. Ela olhou para Catherine sem nenhuma expressão nos olhos. Disse tranquilamente, com uma dignidade que Keating nunca esperaria dela:

– Eu não sabia. Estou muito feliz, querida.

– A senhora não se importa? Não se importa mesmo? – perguntou Catherine, desesperada.

– Ora, criança, essas coisas só podem ser decididas por você e meu filho.

– Katie! – exclamou ele, recuperando a voz. – O que houve? Por que assim que possível?

– Oh! É verdade, pareceu que... que eu estou com o tipo de problema que as garotas devem... – Ficou muito vermelha. – Ah, meu Deus! Não! Não é isso! Você sabe que não seria possível! Oh, Peter, você não pode estar pensando que eu... que...

– Não, é claro que não. – Ele riu, sentando-se no chão ao lado dela e passando o braço ao redor de seus ombros. – Mas controle-se. O que foi? Você sabe que eu me casaria com você hoje mesmo, se você quisesse. Mas o que aconteceu?

– Nada. Eu estou bem agora. Vou lhe contar. Você vai achar que estou louca. Foi só que, de repente, tive a sensação de que nunca me casaria com você, de que algo terrível estava acontecendo comigo e que eu tinha que fugir disso.

– O que estava acontecendo com você?

– Não sei. Nada. Estive trabalhando nas minhas anotações da pesquisa o dia todo, e não aconteceu nada. Nenhum telefonema, nenhuma visita. Então, de

repente, à noite, fui tomada por esse sentimento. Foi como um pesadelo, sabe, o tipo de horror que não se pode descrever, que não é parecido com nada normal. Era a sensação de que eu estava correndo um perigo mortal, que algo estava se fechando sobre mim, que eu nunca conseguiria fugir, porque aquilo não me deixaria e porque já era tarde demais.

– Você nunca conseguiria fugir do quê?

– Não sei exatamente. De tudo. Da minha vida inteira. Sabe, como areia movediça. Macia e natural, sem que haja nada que você possa notar ou suspeitar. E você pisa nela sem se preocupar. Quando percebe, é tarde demais... E eu senti que ia me pegar, que eu nunca me casaria com você, que tinha de correr, agora, agora ou nunca. Você nunca teve um sentimento como esse, simplesmente um medo que não podia explicar?

– Sim – sussurrou ele.

– Não acha que sou louca?

– Não, Katie. Mas o que foi exatamente que causou isso? Algo em particular?

– Bem, parece tão bobo agora... – Ela deu uma risadinha, como que pedindo desculpas. – Foi assim: eu estava sentada no meu quarto e estava um pouco frio, então não abri a janela. Havia tantos papéis e livros sobre a mesa que eu mal tinha espaço para escrever e, cada vez que anotava alguma coisa, meu cotovelo empurrava algo para fora da mesa. Havia pilhas de papéis no chão, ao meu redor, e eles faziam um pouco de barulho, pois a porta para a sala estava entreaberta e acho que havia uma leve corrente de ar. Meu tio também estava trabalhando, na sala. Eu estava indo muito bem, já trabalhava havia horas, nem sabia que horas eram. Então, de repente, aconteceu. Não sei por quê. Talvez o quarto estivesse abafado, ou talvez tenha sido o silêncio. Eu não conseguia ouvir nada, nenhum ruído na sala, só havia o papel farfalhando, bem baixinho, como se alguém estivesse sendo sufocado até a morte. Então olhei à minha volta e... e não consegui ver meu tio na sala, mas vi sua sombra na parede, uma sombra enorme, toda encurvada, e ela não se movia, mas era tão imensa!

Estremeceu. A coisa já não parecia boba para ela. Sussurrou:

– Foi então que me atingiu. Ela não se mexia, a sombra, mas eu achei que todos aqueles papéis se mexiam, pensei que estavam subindo muito lentamente do chão e que alcançariam o meu pescoço, e que eu iria me afogar. Foi aí que eu gritei. E, Peter, ele não ouviu. Ele não ouviu! Porque a sombra não se mexeu. Então agarrei o chapéu e o casaco e sai em disparada. Quando passei correndo pela sala, acho que ele disse: “Catherine, que horas são? Aonde você vai?” Algo assim, não tenho certeza. Mas não olhei para trás e não respondi... eu não conseguia. Estava com medo dele. Com medo do tio Ellsworth, que nunca me disse uma única palavra ríspida na vida! Foi isso, Peter. Não consigo entender, mas estou com medo. Não tanto agora, não aqui com você, mas tenho medo...

A Sra. Keating disse, em tom seco e direto:

– Ora, é óbvio o que aconteceu com você, minha querida. Você trabalhou demais, exagerou, e só ficou um pouco histérica.

– Sim... Provavelmente...

– Não – disse Keating, entorpecido –, não foi isso...

Estava pensando no alto-falante no saguão da manifestação da greve. Acrescentou rapidamente:

– Sim, minha mãe tem razão. Você está se matando de trabalhar, Katie. Aquele seu tio... Vou torcer o pescoço dele, um dia desses.

– Mas não é culpa dele! Ele não quer que eu trabalhe. Quase sempre tira os livros de perto de mim e me diz para ir ao cinema. Ele mesmo já disse isso, que eu trabalho demais. Mas eu gosto. Acho que cada anotação que faço, cada pedacinho de informação será ensinado a centenas de jovens estudantes, no país todo, e acho que sou eu que estou ajudando a educar as pessoas, é a minha pequena contribuição para uma causa tão grande. Tenho orgulho disso e não quero parar. Vê? Eu realmente não tenho nada de que me queixar. Mas então... então, como hoje... Não sei o que eu tenho.

– Ouça, Katie, vamos tirar a licença amanhã de manhã e vamos nos casar imediatamente, onde você quiser.

– Vamos, Peter – murmurou ela. – Você não se importa mesmo? Eu não tenho nenhuma razão concreta, mas é o que quero. Quero tanto! Assim eu saberei que está tudo bem. Nós daremos um jeito. Posso arrumar um emprego, se você... se você não estiver totalmente pronto ainda, ou...

– Deixe de bobagem. Não fale isso. Nós daremos um jeito, não importa. Vamos nos casar, e o resto se arranjará por si só.

– Querido, você compreende? Compreende mesmo?

– Sim, Katie.

– Agora que já está tudo resolvido – disse a Sra. Keating –, vou lhe fazer uma xícara de chá quente, Catherine. Vai precisar de uma antes de ir para casa.

Ela preparou o chá e a moça bebeu-o, agradecida, e disse, sorrindo:

– Eu... Muitas vezes tive medo de que a senhora não aprovasse, Sra. Keating.

– O que lhe deu essa ideia... – disse a Sra. Keating, com a voz arrastada e sem o tom de uma pergunta. – Agora, vá logo para casa, como uma boa menina, e tenha uma boa noite de sono.

– Mãe, a Katie não pode passar a noite aqui? Ela poderia dormir com você.

– Ora, vamos, Peter, não fique histérico. O que o tio dela iria pensar?

– Oh, não, claro que não. Eu estarei perfeitamente bem, Peter. Vou para casa.

– Não se estiver...

– Não estou com medo. Agora não. Estou bem. Você não acha que realmente tenho medo do tio Ellsworth, acha?

– Tudo bem, mas não vá ainda.

– Peter – intercedeu a Sra. Keating –, você não vai querer que ela fique

andando pelas ruas mais tarde do que o necessário.

– Vou levá-la para casa.

– Não – disse Catherine. – Não quero ser mais tola do que já sou. Não vou deixá-lo me levar.

Ele a beijou à porta e disse:

– Vou buscá-la às dez horas, amanhã de manhã, e vamos tirar a licença.

– Sim, Peter – sussurrou ela.

Ele fechou a porta e ficou parado, por um momento, sem notar que estava com os punhos cerrados. Dirigiu-se à sala de estar, assumindo uma atitude desafiadora, e parou, com as mãos nos bolsos, encarando sua mãe. Fitou-a com um olhar de exigência silenciosa. A Sra. Keating estava sentada, observando-o serenamente, sem fingir ignorar o olhar e sem reagir a ele.

Então, ela perguntou:

– Quer ir dormir, Peter?

Ele esperara tudo, menos isso. Sentiu um impulso violento de agarrar a oportunidade, virar-se, sair da sala e fugir. Mas tinha que saber o que ela achava; tinha que se justificar.

– Olhe, mãe, não vou ouvir nenhuma objeção.

– Eu não fiz nenhuma objeção – disse a Sra. Keating.

– Mãe, quero que entenda que eu amo Katie, que nada vai me deter agora, e ponto final.

– Está bem, Peter.

– Não vejo o que é que você não gosta nela.

– O que eu gosto ou deixo de gostar já não tem nenhuma importância para você.

– Mãe, é claro que tem importância! Você sabe que sim. Como pode dizer isso?

– Peter, eu não tenho mais gostos ou desgostos, no que diz respeito a mim mesma. Não penso mais em mim mesma, porque nada no mundo me importa, a não ser você. Pode ser uma atitude antiquada, mas é assim que eu sou. Sei que não deveria ser assim, porque os filhos não dão valor a isso hoje em dia, mas não consigo evitar.

– Oh, mãe, você sabe que eu dou valor! Sabe que eu jamais iria querer magoá-la.

– Você não pode me magoar, Peter, a menos que magoe a si mesmo. E isso... isso é duro de aguentar.

– De que forma estou magoando a mim mesmo?

– Bem, se não se recusar a me ouvir...

– Eu nunca me recusei a ouvi-la!

– Se quiser saber a minha opinião, só posso dizer que este é o enterro de 29 anos da minha vida, de todas as esperanças que eu tive em você.

– Mas por quê? Por quê?

– Não é que eu não goste de Catherine, Peter. Gosto muito dela. É uma ótima menina, se não se deixar partir em pedaços com frequência e imaginar coisas do nada, desse jeito. Mas é uma garota direita e eu diria que ela daria uma boa esposa para qualquer um. Para qualquer rapaz bom, trabalhador e direito. Mas pensar nela para você, Peter! Para você!

– Mas...

– Você é modesto, Peter, é modesto demais. Esse sempre foi o seu problema. Você não dá valor a si mesmo. Acha que é como qualquer um.

– Não acho nada disso! E não deixarei que ninguém pense isso!

– Então use a cabeça! Não sabe o que o futuro reserva para você? Não percebe quanto já conquistou e quanto ainda vai conquistar? Você tem a chance de se tornar... bem, não o melhor dos melhores, mas de chegar muito perto do auge da profissão de arquiteto e...

– Chegar muito perto do auge? É isso o que você pensa? Se eu não puder ser o melhor dos melhores, se eu não puder ser o grande arquiteto deste país, na minha época, não quero ter nenhuma maldita participação nisso!

– Ah, mas não se chega a esse ponto, Peter, retrocedendo na carreira. Não se consegue ser o primeiro em nada sem ter força para fazer alguns sacrifícios.

– Mas...

– A sua vida não lhe pertence, Peter, se o seu objetivo for realmente grandioso. Não pode se permitir ceder a cada capricho, como podem fazer as pessoas comuns, porque no caso delas não importa, de um jeito ou de outro. Não se trata de você, de mim ou do que sentimos, Peter. É a sua carreira. É preciso ser forte para negar a si mesmo e obter assim o respeito das outras pessoas.

– Você simplesmente não gosta da Katie e deixa que o seu próprio preconceito...

– E o que eu deixaria de gostar nela? Bem, é claro que não posso dizer que aprovo uma garota que tem tanta desconsideração pelo seu homem, que corre para ele e o perturba com coisas que não existem, e pede-lhe que jogue seu futuro pela janela, simplesmente porque ela tem uma teoria maluca. Isso demonstra que tipo de ajuda se pode esperar de uma esposa como ela. Mas, no que me diz respeito, se acha que estou preocupada consigo mesma... bem, está simplesmente cego, Peter. Não percebe que para mim, pessoalmente, seria um casamento perfeito? Porque eu não teria nenhum problema com Catherine, poderíamos nos dar muitíssimo bem, ela seria respeitosa e obediente com a sogra. Por outro lado, com a Srta. Francon...

Ele estremeceu. Sabia que isso ia acontecer. Era justamente o assunto que ele tinha medo que fosse mencionado.

– Ah, sim, Peter – disse a Sra. Keating, calma e firmemente –, temos que falar sobre isso. Tenho certeza de que eu jamais conseguiria lidar com a Srta. Francon,

e uma moça elegante de sociedade como ela não aceitaria uma mãe desalinhada e sem instrução como eu. Ela provavelmente me empurraria para fora de casa. É verdade, Peter. Mas, veja, não é em mim que estou pensando.

– Mãe – retrucou ele com rispidez –, essa história de eu ter qualquer chance com Dominique é pura conversa fiada. Aquela megera... Nem sei se ela jamais olharia para mim.

– Está cometendo um engano, Peter. Houve um tempo em que você nunca teria admitido haver qualquer coisa que não pudesse conseguir.

– Mas eu não a quero, mãe.

– Ah, você não a quer? Muito bem, aí está. Não é o que estou dizendo? Olhe para si mesmo! Você tem Francon, o melhor arquiteto da cidade, exatamente na posição em que o quer! Ele está praticamente implorando para que você se torne sócio dele, na sua idade, passando por cima de quantos outros homens mais velhos que você? Ele não está consentindo, está *pedindo* que se case com a filha dele! E você vai chegar no escritório, amanhã, e vai lhe apresentar a pequena sem eira nem beira com quem resolveu se casar! Pare de pensar em si mesmo por um momento e pense um pouco nos outros! O que acha que ele vai pensar disso? O que ele vai achar quando você lhe mostrar a menina de rua que você preferiu à filha dele?

– Ele não vai gostar – sussurrou Keating.

– Pode apostar a sua vida que não! Pode apostar que ele vai mandá-lo para o olho da rua na mesma hora! E vai encontrar muitos que correrão para agarrar a chance de tomar o seu lugar. Por exemplo, o tal Bennett, não é?

– Ah, não! – Peter perdeu o fôlego de tal forma que ela soube que havia batido na tecla certa. – O Bennett não!

– Sim – insistiu ela, triunfante. – Bennett! Vai ser assim: Francon & Bennett. E você vai ficar perambulando nas ruas, atrás de um emprego! Mas você terá uma esposa! Isso mesmo, terá uma esposa!

– Mãe, por favor... – sussurrou ele, de maneira tão desesperada que ela pôde se permitir prosseguir sem nenhuma cautela:

– Este é o tipo de esposa que você terá. Uma garotinha desajeitada que não saberá onde pôr as mãos ou os pés. Uma mulherzinha tímida que correrá para se esconder de qualquer pessoa importante que você quiser trazer para casa. Você se acha muito bom? Não se iluda, Peter Keating! Nenhum grande homem jamais chegou lá sozinho. Não ignore quanto a mulher certa ajudou os melhores entre eles. Pode apostar a sua vida que o seu amigo Francon não se casou com uma camareira! Tente, por um momento, ver as coisas através dos olhos das outras pessoas. O que vão achar da sua mulher? O que vão achar de você? Quer ganhar a vida construindo galinheiros para garçonetes? Você tem que fazer o jogo dos poderosos. Tem que estar à altura deles. O que pensarão de um homem casado com uma simplória como aquela? Eles irão admirá-lo? Confiarão em

você? Terão respeito por você?

– Cale a boca! – gritou ele.

Mas ela continuou. Falou durante muito tempo, enquanto ele escutava, sentado, estalando os dedos ferozmente e gemendo de vez em quando:

– Mas eu a amo... Não posso, mãe! Não posso... eu a amo...

Ela libertou-o quando as ruas lá fora já tinham a luz cinza da manhã. Deixou-o ir cambaleando para o seu quarto, embalado pelos últimos sons baixos e monótonos da voz dela dizendo:

– Pelo menos, Peter, pode fazer isto. Só uns meses. Peça-lhe que espere só alguns meses. O Heyer pode morrer a qualquer momento e então, uma vez que você se torne sócio, pode se casar com ela e talvez não haja problema. Ela não vai se importar de esperar só um pouquinho mais, se ama você. Pense com carinho, Peter... E, quando refletir sobre o assunto, pense só um pouco que, se fizer isso agora, estará partindo o coração da sua mãe. Não que isso seja importante, mas apenas preste um pouco de atenção nesse ponto. Pense em si mesmo por uma hora, mas dedique um minuto de consideração aos outros...

Ele não tentou dormir. Não tirou a roupa, apenas ficou sentado na cama durante horas, e o que estava mais claro em sua mente era seu desejo de ser transportado para o futuro, um ano adiante, quando tudo já estaria resolvido, do jeito que fosse.

Ainda não decidira nada quando tocou a campainha do apartamento de Catherine, às dez horas. Sentia, vagamente, que ela pegaria em sua mão e o conduziria, que ela insistiria e, assim, a decisão seria tomada.

Catherine abriu a porta e sorriu, feliz e confiante, como se nada tivesse acontecido. Levou-o para seu quarto, onde faixas largas de luz do sol inundavam as pilhas organizadas de livros e papéis sobre sua escrivaninha. O quarto estava limpo e arrumado, o tapete marcado com listas deixadas pela vassoura. Catherine vestia uma blusa viçosa de organdi, de mangas engomadas que cobriam alegremente seus ombros. Pequenas hastes em seu cabelo brilhavam à luz do sol. Ele sentiu uma pontada leve de decepção por não encontrar nenhuma ameaça à sua espera, na casa dela; uma pontada de alívio, também, além da decepção.

– Estou pronta, Peter – disse ela. – Passe-me o casaco.

– Você contou ao seu tio? – perguntou ele.

– Sim, contei ontem à noite. Ele ainda estava trabalhando quando cheguei.

– O que ele disse?

– Nada. Só riu e me perguntou o que eu queria de presente de casamento. Mas riu tanto!

– Onde ele está? Não quis nem ao menos me conhecer?

– Teve que ir ao escritório dele no jornal. Disse que teria muito tempo para vê-lo, muito mais do que o necessário. Mas disse isso de um jeito tão gentil!

– Ouça, Katie, eu... Há algo que eu gostaria de lhe dizer. – Fez uma pausa, sem olhar para ela. Sua voz não tinha entonação. – É o seguinte: Lucius Heyer, o sócio de Francon, está muito doente e não se espera que ele vá sobreviver. Francon tem dado a entender, de maneira bastante direta, que eu tomarei o lugar de Heyer. Só que Francon pôs na cabeça a ideia maluca de que quer que eu me case com a filha dele. Por favor, não me entenda mal, você sabe que não há nenhuma chance de isso acontecer, mas eu não posso dizer isso para ele. Então eu pensei... pensei que, se esperássemos... só algumas semanas... eu estaria estabelecido na firma e Francon não poderia fazer nada contra mim, quando eu lhe dissesse que me casei... Mas, é claro, você é quem decide. – Olhou para ela, e sua voz tornou-se ansiosa: – Se você quiser casar agora, nós iremos imediatamente.

– Mas, Peter... – retrucou ela, calma, serena e perplexa. – Mas é claro. Vamos esperar.

Ele sorriu, concordando aliviado. Porém fechou os olhos.

– Claro, vamos esperar – disse ela com firmeza. – Eu não sabia disso, e é muito importante. Na verdade, não há absolutamente nenhuma razão para termos pressa.

– Você não tem medo de que a filha de Francon possa me conquistar?

Ela riu.

– Ah, Peter! Eu conheço você muito bem.

– Mas, se você preferir...

– Não, é muito melhor assim. Para dizer a verdade, hoje de manhã pensei que seria melhor se esperássemos, mas eu não queria dizer nada, caso você tivesse tomado a decisão. Uma vez que você prefere esperar, eu também prefiro, e muito, porque ficamos sabendo, de manhã, que meu tio foi convidado para repetir a mesma série de palestras, neste verão, em uma universidade extremamente importante na Costa Oeste. Eu estava me sentindo péssima por deixá-lo na mão, sem ter terminado o trabalho. E também pensei que talvez estivéssemos sendo tolos, pois somos tão jovens. E tio Ellsworth riu tanto... Como você vê, é realmente mais sensato esperar um pouco.

– Sim. Está bem. Mas, Katie, se estiver se sentindo como ontem à noite...

– Não estou! Estou com tanta vergonha. Eu não consigo imaginar o que aconteceu comigo ontem à noite. Tento me lembrar e não consigo entender. Sabe como é, você se sente tão bobo depois. Tudo fica tão claro e simples no dia seguinte. Eu falei muita bobagem ontem?

– Bem, esqueça. Você é uma garota sensata. Nós dois somos sensatos. E vamos esperar só um pouco, não será muito tempo.

– Está bem, Peter.

De repente, ele disse, de um ímpeto:

– *Insista* agora, Katie!

E em seguida riu estupidamente, como se não tivesse falado sério.

Ela sorriu, satisfeita.

– Está vendo? – disse ela, com os braços esticados e as mãos viradas para cima.

– Bem... – murmurou ele. – Está bem, Katie. Vamos esperar. É melhor, claro. Eu... tenho que ir agora. Vou chegar atrasado no escritório.

Sentia que tinha que fugir do quarto dela nesse momento, nesse dia.

– Eu telefono para você. Vamos jantar juntos amanhã.

– Sim, Peter. Ótima ideia.

Ele foi embora, aliviado e desolado, amaldiçoando a si mesmo pelo sentimento sombrio e persistente que lhe dizia que ele acabara de perder uma chance que nunca surgiria novamente, que algo estava se fechando sobre eles e que ambos haviam se rendido. Amaldiçoava o fato de não conseguir definir contra o que eles deveriam ter lutado. Correu para o escritório, atrasado para um compromisso com a Sra. Moorehead.

Catherine ficou parada no meio do quarto depois que ele saiu e perguntou-se por que estava se sentindo subitamente vazia e fria, por que não se dera conta, até esse instante, que esperara que ele a forçasse a acompanhá-lo. Então deu de ombros e sorriu, repreendendo a si mesma, e voltou ao trabalho em sua escrivaninha.

UM DIA, EM OUTUBRO, QUANDO a residência Heller estava quase terminada, Jimmy Gowan, um jovem magricela, vestindo um macacão, saiu do meio de um pequeno grupo que observava a casa da estrada e aproximou-se de Roark

– Foi o senhor que construiu o Hospício? – perguntou o jovem, muito tímido.

– Se você se refere a esta casa, fui eu, sim – respondeu Roark

– Peço desculpas, senhor. É que é assim que a chamam por aqui. Eu não a chamaria por esse nome. Sabe, eu tenho uma construção... quer dizer, não é bem isso, mas vou construir meu próprio posto de gasolina, a uns quinze quilômetros daqui, na estrada Post. Eu queria falar com o senhor.

Mais tarde, sentado em um banco em frente à oficina mecânica onde trabalhava, Jimmy explicou em detalhes. Acrescentou:

– Se quiser saber por que pensei no senhor, Sr. Roark, é porque eu gosto daquela sua casa engraçada. Não consigo explicar por quê, mas gosto dela. Faz sentido para mim. Além disso, percebi que ficam todos admirados e não param de falar sobre ela. Bem, isso não serve de nada para uma casa, mas seria muito útil para um negócio. As pessoas podem rir quanto quiserem, o importante é que falem sobre o posto. Por isso pensei em contratá-lo para construí-lo. Todos vão dizer que sou louco, mas o senhor se importa? Eu não.

Jimmy Gowan havia trabalhado como uma mula durante quinze anos, economizando dinheiro para abrir seu próprio negócio. As pessoas protestavam, indignadas, quando ele contava qual arquiteto escolhera. Jimmy não dizia uma palavra para explicar-se ou defender-se. Falava apenas, educadamente:

– Pode ser, pessoal, pode ser.

E contratou Roark para construir seu posto.

O posto foi inaugurado no final de dezembro. Ficava à beira da estrada Boston Post e consistia em duas estruturas pequenas de vidro e concreto, formando um semicírculo entre as árvores: o escritório em forma de cilindro e o restaurante ovalado, baixo e comprido. Entre eles havia um pátio onde ficavam as bombas de gasolina, instaladas como uma série de colunas. Era um estudo sobre círculos. Não havia ângulos nem linhas retas. Lembrava formas líquidas em movimento, capturadas no instante em que estavam sendo derramadas, no momento preciso em que criavam uma harmonia que parecia perfeita demais para ser intencional. O estabelecimento parecia um conjunto de bolhas penduradas logo acima do solo, quase o tocando, prontas para, a qualquer momento, serem carregadas por um vento forte. A aparência era alegre, com a alegria firme e tensa da eficiência, como um poderoso motor de avião.

Roark permaneceu no posto, no dia da inauguração. Ficou bebendo café em uma caneca branca e limpa, no balcão do restaurante, observando os carros que

paravam à porta. Só saiu tarde da noite. Olhou para trás uma vez, ao partir, dirigindo na estrada comprida e deserta. As luzes do posto piscavam, afastando-se dele. Ele se localizava no cruzamento de duas estradas e os veículos passariam por ele dia e noite, automóveis que vinham de cidades em que não havia espaço para construções como essa e indo para outras localidades em que também não haveria nenhuma construção desse tipo. Ele virou-se para o caminho à sua frente e evitou olhar para o espelho retrovisor, que ainda continha, brilhando suavemente, os pontos de luz que se distanciavam cada vez mais atrás dele...

Voltou para meses de inatividade. Ficava sentado em seu escritório, todas as manhãs, porque sabia que tinha que ficar ali, olhando para uma porta que nunca se abria, seus dedos esquecidos sobre um telefone que nunca tocava. Os cinzeiros que esvaziava ao final de cada dia, antes de sair, não continham nada além das pontas de seus próprios cigarros.

– O que está fazendo a respeito, Howard? – perguntou-lhe Austen Heller uma noite, durante o jantar.

– Nada.

– Mas tem que fazer alguma coisa.

– Não há nada que eu possa fazer.

– Precisa aprender a lidar com as pessoas.

– Não consigo.

– Por quê?

– Não sei como fazer isso. Nasci sem esse dom.

– É algo que se adquire.

– Não tenho nenhum órgão que me permita adquiri-lo. Não sei se é algo que me falta, ou algo extra que eu tenho, que me impede. Além disso, não gosto das pessoas com quem é preciso lidar.

– Mas não pode ficar parado sem fazer nada. Tem que ir atrás de projetos.

– O que posso dizer às pessoas, para conseguir que me contratem? Só posso mostrar o meu trabalho. Se não ouvirem isso, não ouvirão nada que eu possa dizer. Eu não sou nada para elas, mas meu trabalho... meu trabalho é tudo o que temos em comum. E não tenho nenhuma vontade de lhes dizer qualquer outra coisa.

– Então o que vai fazer? Não está preocupado?

– Não. Eu já sabia. Estou esperando.

– Pelo quê?

– Pelo meu tipo de pessoa.

– Que tipo é esse?

– Não sei. Ou melhor, eu sei, mas não sei explicar. Muitas vezes desejei poder explicar. Deve haver um princípio que o defina, mas eu não o conheço.

– Honestidade?

– Sim... não, apenas parcialmente. Guy Francon é um homem honesto, mas

não é isso. Coragem? Ralston Holcombe tem coragem, à sua maneira... Não sei. Não sou vago assim com as outras coisas, mas reconheço meu tipo de pessoa pelos seus rostos. Por algo em seus rostos. Milhares passarão pela sua casa e pelo posto de gasolina. Se, entre esses, uma parar e enxergar, é só disso que eu preciso.

– Então, no fundo, você precisa das outras pessoas, não é, Howard?

– Claro. De que você está rindo?

– Sempre achei que você era a criatura mais antissocial que eu tive o prazer de conhecer.

– Preciso das pessoas para me darem trabalho. Não construo mausoléus. Você acha que eu deveria precisar delas de alguma outra maneira? De uma forma mais próxima e pessoal?

– Você não precisa de ninguém de forma muito pessoal.

– Não.

– Nem está se gabando disso.

– Eu deveria?

– Você não consegue. É arrogante demais para se gabar.

– É isso que eu sou?

– Você não sabe o que é?

– Não. Não do seu ponto de vista, ou do de qualquer outra pessoa.

Heller ficou em silêncio, sua mão descrevendo círculos com o cigarro. Depois riu e disse:

– Isso foi típico de você.

– O quê?

– O fato de você não pedir que eu lhe diga como você é, do meu ponto de vista. Qualquer outra pessoa teria pedido.

– Desculpe. Não foi indiferença. Você é um dos poucos amigos que quero manter. Simplesmente não me ocorreu perguntar.

– Eu sei que não. Esse é o ponto. Você é um monstro egocêntrico, Howard. E é mais monstruoso porque age de forma completamente inocente.

– É verdade.

– Deveria demonstrar um pouco de preocupação ao admitir isso.

– Por quê?

– Sabe, há uma coisa que me confunde. Você é o homem mais frio que conheço. E não consigo entender por que, pois sei que, na verdade, você é um fanático, do seu jeito quieto, porque eu sempre sinto quando o vejo que você é a pessoa mais vivificante que já conheci.

– O que quer dizer com isso?

– Não sei. Apenas isso.

As semanas passaram. Roark caminhava para seu escritório todos os dias, sentava-se à sua escrivaninha durante oito horas e lia muito. Às cinco horas ia

para casa. Mudara-se para um apartamento melhor, perto do escritório. Gastava pouco, tinha dinheiro suficiente para se manter durante muito tempo.

Em uma manhã de fevereiro, o telefone de seu escritório tocou. Uma voz feminina enfática e animada pediu para marcar uma hora com o Sr. Roark, o arquiteto. Naquela tarde, uma mulher enérgica, pequena e de pele escura entrou no escritório. Vestia um casaco de pele e usava brincos exóticos que tilintavam quando ela mexia a cabeça. E ela a mexia bastante, com sacudidelas curtas, como um pássaro. Era a Sra. Wayne Wilmot, de Long Island, e queria construir uma casa de campo. Escolhera o Sr. Roark para a obra, explicou ela, porque ele havia desenhado a casa de Austen Heller, que ela idolatrava. Ele era, declarou a mulher, um oráculo para todos aqueles que tivessem a mais leve pretensão ao título de intelectuais progressistas, na opinião dela – “Você não acha?” –, e ela seguia Heller como uma fanática – “Sim, literalmente como uma fanática”. O Sr. Roark era muito jovem, não? Mas ela não se importava, era muito liberal e ficava feliz por ajudar os jovens. Queria uma casa grande. Tinha dois filhos e acreditava que deveria expressar suas individualidades – “Você não acha?” –, cada um deveria ter seu próprio quarto de brinquedos. Ela tinha que ter uma biblioteca – “Leio para me distrair” –, uma sala de música, uma estufa – “Plantamos lírios-do-vale, minhas amigas dizem que é a flor que combina comigo” –, um escritório para seu marido, que confiava nela implicitamente e que a deixara planejar a casa – “Porque sou tão boa nisso que, se não fosse mulher, tenho certeza de que seria um arquiteto” –, quartos para os empregados, tudo isso, e uma garagem para três carros. Depois de uma hora e meia de detalhes e explicações, ela disse:

– E, claro, quanto ao estilo da casa, será Tudor. Eu adoro o estilo Tudor.

Ele olhou para ela. Perguntou, pausadamente:

– A senhora já viu a casa de Austen Heller?

– Não, embora eu quisesse muito vê-la. Como poderia? Nunca fui apresentada ao Sr. Heller, sou apenas fã dele, apenas isso, uma fã simples e comum. Como ele é pessoalmente? Você tem que me contar, estou louca para saber. Não, não vi a casa dele. É em algum lugar no Maine, não é?

Roark retirou umas fotografias da gaveta de sua escrivaninha e entregou-as para ela, dizendo:

– Esta é a residência Heller.

Ela olhou as fotografias com um olhar que era como água escorrendo devagar por sua superfície lustrosa, e atirou-as sobre a mesa.

– Muito interessante – disse ela. – Muito fora do comum. Deslumbrante. No entanto, naturalmente, não é o que eu quero. Esse tipo de casa não representaria o meu jeito de ser. Meus amigos dizem que tenho uma personalidade parecida com a da rainha Elizabeth.

Calmamente, com toda a paciência, ele tentou explicar por que ela não

deveria construir uma casa Tudor. Ela o interrompeu no meio de uma frase:

– Olhe aqui, Sr. Roark, não está tentando me ensinar nada, está? Tenho certeza de que tenho bom gosto e entendo muito de arquitetura, pois fiz um curso especial no clube. Minhas amigas dizem que sei mais do que muitos arquitetos. Eu já decidi que terei uma casa estilo Tudor. Não tenho interesse em discutir o assunto.

– Terá que procurar outro arquiteto, Sra. Wilmot.

Ela olhou-o fixamente, incrédula.

– Está dizendo que recusa o projeto?

– Sim.

– Não quer construir a *minha* casa?

– Não.

– Mas por quê?

– Não construo esse tipo de coisa.

– Mas eu pensei que os arquitetos...

– É verdade. Os arquitetos construirão qualquer coisa que a senhora pedir. Qualquer outro arquiteto da cidade.

– Mas eu lhe dei prioridade.

– Pode me fazer um favor, Sra. Wilmot? Pode explicar por que veio me procurar, se só queria uma casa Tudor?

– Bem, é claro que pensei que você gostaria dessa oportunidade. E também pensei que eu poderia dizer a todos os meus amigos que o meu arquiteto era o mesmo que o de Austen Heller.

Ele tentou explicar e convencer, mas sabia, enquanto falava, que era em vão, porque suas palavras pareciam estar ecoando no vácuo. A Sra. Wilmot não existia, o que existia era somente uma casca que continha as opiniões de seus amigos, os postais que ela vira e os romances sobre fazendeiros nobres que lera. Era a isso que ele tinha de se dirigir, essa imaterialidade que não podia ouvi-lo nem lhe responder, tão surda e impessoal quanto um chumaço de algodão.

– Lamento – disse a Sra. Wilmot –, mas não estou acostumada a lidar com uma pessoa completamente incapaz de usar a razão. Tenho certeza de que encontrarei muitos homens mais importantes que ficarão felizes de trabalhar para mim. Meu marido foi contra a minha ideia de contratá-lo, desde o início, e lamento ver que ele estava certo. Tenha um bom dia, Sr. Roark.

Ela saiu com dignidade, mas bateu a porta. Ele colocou as fotografias de volta na gaveta de sua escrivaninha.

O Sr. Robert L. Mundy, que veio ao escritório de Roark em março, fora mandado por Austen Heller. A voz e o cabelo dele eram cinza como o aço, mas seus olhos eram azuis, meigos e desejosos. Queria construir uma casa em Connecticut e falava sobre isso com voz trêmula, como um jovem noivo e como um homem tateando no escuro, à procura de seu último e secreto objetivo.

– Não é apenas uma casa, Sr. Roark – disse, acanhado, como se estivesse

falando com um homem mais velho e mais ilustre do que ele. – É... é como um símbolo para mim. É o que esperei e pelo que trabalhei, todos esses anos. Já são tantos anos... Tenho que lhe contar isto, para que entenda. Hoje em dia eu tenho muito dinheiro, mais do que me dá vontade de calcular. Não tive sempre toda essa fortuna. Talvez tenha chegado tarde demais, não sei. Os jovens acham que nos esquecemos do que aconteceu no meio do caminho, quando cruzamos a reta final. Mas não nos esquecemos. Algo fica. Sempre me lembrarei da minha época de menino, em uma cidadezinha da Geórgia em que eu era ajudante do fabricante de arreios, e as crianças riam quando as carruagens passavam por mim e espirravam lama na minha calça inteira. Foi nessa época, há tanto tempo, que decidi que, algum dia, eu teria a minha própria casa, o tipo de casa diante da qual as carruagens param. Depois disso, não importava quão difícil fosse às vezes, eu sempre pensava na casa, e isso me ajudava. Mais tarde, houve anos em que eu tive medo dela. Eu poderia tê-la construído, mas estava com medo. Agora chegou a hora. Entende, Sr. Roark? Austen me disse que você era justamente o homem que entenderia.

– Sim – disse Roark entusiasticamente –, eu entendo.

– Havia um lugar – disse o Sr. Mundy – lá, perto da minha cidade natal. A maior mansão de todo o condado, a propriedade Randolph. Uma antiga casa colonial, como já não fazem mais. Eu costumava fazer entregas lá, às vezes, na porta dos fundos. É essa a casa que eu quero, Sr. Roark. Igual àquela. Mas não lá, na Geórgia. Não quero voltar para lá. Aqui mesmo, perto da cidade. Já comprei o terreno. Você tem que me ajudar a fazer o paisagismo igual ao da propriedade Randolph. Plantaremos os mesmos tipos de árvores e arbustos que existem na Geórgia, com as mesmas flores e tudo. Daremos um jeito de fazê-los crescer aqui. Não me importa quanto custará. Obviamente, teremos luz elétrica e garagem, em vez de carruagens. Mas quero que as lâmpadas elétricas pareçam velas e que a garagem tenha a aparência de um estábulo. Tudo igualzinho ao que era. Tenho fotografias da propriedade Randolph. E comprei algumas peças da mobília antiga deles.

Quando Roark começou a falar, o Sr. Mundy escutou, perplexo mas educadamente. Não parecia se ressentir das palavras. Elas não penetravam em seu cérebro.

– Não percebe? – Roark estava dizendo. – O que você quer construir é um monumento, mas não a você mesmo. Não à sua vida e às suas próprias conquistas, mas sim um monumento às outras pessoas. Um monumento à supremacia delas sobre você. Você não está desafiando essa supremacia, está imortalizando-a. Você não a descartou, está erguendo-a para sempre. Você acha que ficará feliz trancando-se naquela forma emprestada pelo resto de sua vida? Ou libertando-se, ao menos uma vez, e construindo uma casa nova, a sua residência? Você não quer a propriedade Randolph, quer o que ela representava.

Mas o que ela representava é aquilo contra o que você lutou a sua vida toda.

O Sr. Mundy escutava sem nenhuma expressão. E, uma vez mais, Roark sentiu uma impotência desconcertante diante do irreal: o Sr. Mundy não existia, só existiam os restos, mortos havia muito tempo, das pessoas que haviam habitado a propriedade Randolph. Não era possível argumentar com restos ou convencê-los.

– Não – disse o Sr. Mundy por fim. – Não. Talvez você esteja certo, mas não é isso que eu quero, de jeito nenhum. Não estou dizendo que você não tenha suas razões, e me parecem ser bons os seus argumentos, mas eu gosto da propriedade Randolph.

– Por quê?

– Simplesmente porque gosto. Simplesmente porque é disso que eu gosto.

Quando Roark disse-lhe que teria que escolher outro arquiteto, o Sr. Mundy retrucou, inesperadamente:

– Mas eu gosto de você. Por que não pode construí-la para mim? Que diferença faria para você?

Roark não explicou.

Mais tarde, Austen Heller disse-lhe:

– Eu já esperava por isso. Estava com medo de que você o rejeitasse. Eu não o culpo, Howard, mas é que ele é tão rico. Teria sido uma ajuda tão grande para você. Afinal de contas, você tem que viver.

– Não desse jeito – disse Roark.



Em abril, o Sr. Nathaniel Janss, da Janss-Stuart Imóveis, pediu a Roark que fosse ao seu escritório. Foi franco e direto. Afirmou que sua companhia planejava construir um pequeno prédio de escritórios, de trinta andares, em Lower Broadway, e que ele não estava convencido de que aquele homem jovem deveria ser o arquiteto – na verdade, ele mais ou menos se opunha a escolhê-lo, mas seu amigo Austen Heller insistira que ele deveria se encontrar com Roark e conversar com ele sobre o prédio. O Sr. Janss não achava que o trabalho de Roark era grande coisa, mas Heller atormentara-o tanto que ele iria escutar Roark antes de se decidir e, portanto, o que ele tinha a dizer sobre o assunto?

Roark tinha muito a dizer. Falou calmamente, o que foi difícil no início, porque ele queria aquele prédio, porque o que sentia era o desejo de arrancar aquele projeto do Sr. Janss, nem que fosse necessário apontar-lhe uma arma, se tivesse uma. Porém, depois de alguns minutos, tornou-se simples e fácil, a imagem da arma desapareceu, e até mesmo seu desejo pelo prédio. Já não era um projeto que tinha que obter, e ele já não estava mais ali para consegui-lo. Estava apenas falando sobre edifícios.

– Sr. Janss, quando compra um automóvel, o senhor não quer que ele tenha

guirlandas de rosas ao redor das janelas, um leão em cada para-choque e um anjo sentado no teto. Por que não?

– Seria uma tolice – respondeu o Sr. Janss.

– Por que seria tolice? Eu acho que seria lindo. Além disso, Luís XIV tinha uma carruagem assim, e o que era bom para Luís XIV também é bom para nós. Não devemos aceitar inovações precipitadas, nem romper com as tradições.

– Ora, você sabe muito bem que não acredita em nada disso!

– Eu sei que não acredito. Mas o senhor acredita, não é verdade? Agora, considere o corpo humano. Por que o senhor não gostaria de ver um corpo humano que tivesse um rabo encaracolado com penas de avestruz na ponta? E orelhas no formato de folhas de acanto? Seria decorativo, comparado à nossa feiura austera e nua. Bem, por que não gosta da ideia? Porque seria inútil e fora de propósito. Porque a beleza do corpo humano está no fato de ele não ter um único músculo que não sirva ao seu propósito, de que não há uma única linha desperdiçada, de que cada detalhe dele se encaixa em uma ideia – a ideia de um homem e da vida de um homem. Pode me dizer por que, quando se trata de um edifício, o senhor não quer que ele pareça ter qualquer sentido ou propósito, quer sufocá-lo com enfeites, quer sacrificar seu propósito pela embalagem, sem nem ao menos saber por que quer aquele tipo de embalagem? O senhor quer que se pareça com uma besta híbrida, produzida pelo cruzamento de bastardos de dez espécies diferentes que resultam numa criatura sem vísceras, sem coração ou cérebro, uma criatura que é puro couro, rabo, garras e penas? Por quê? Tem que me dizer, porque eu nunca fui capaz de entender isso.

– Bem – disse o Sr. Janss –, nunca pensei sobre isso nesses termos. – E acrescentou, sem muita convicção: – Mas queremos que nosso prédio tenha dignidade, sabe, e beleza, o que chamam de beleza de verdade.

– Quem chama? Que beleza?

– B-bem...

– Diga-me, Sr. Janss, realmente acha que colunas gregas e cestas de frutas ficam bonitas em um prédio de escritórios moderno, feito de aço?

– Não sei se alguma vez me perguntei por que um edifício era bonito, de um jeito ou de outro – confessou o Sr. Janss –, mas acho que é isso que o público quer.

– Por que acha que eles querem isso?

– Não sei.

– Então, por que deve se importar com o que eles querem?

– Temos que levar o público em consideração.

– O senhor não sabe que a maioria das pessoas aceita a maioria das coisas porque é isso que lhes é dado, e que elas não têm absolutamente nenhuma opinião? Deseja orientar-se pelo que elas esperam que o senhor ache que elas pensam, ou por seu próprio julgamento?

– Você não pode forçá-las a aceitar.

– Nem o senhor tem que forçar. Tem apenas de ser paciente. Porque, a seu favor, o senhor tem a razão... Ah, eu sei, é algo que ninguém quer realmente ter do seu lado... e contra, tem apenas uma inércia vaga, gorda e cega.

– Por que acha que não quero ter a razão do meu lado?

– Não é o senhor, Sr. Janss. É assim que a maioria das pessoas se sente. Têm que assumir um risco, tudo o que fazem envolve assumir um risco, mas sentem-se tão mais seguras quando arriscam por algo que sabem que é feio, vão e estúpido.

– Isso é verdade – disse o Sr. Janss.

Ao final da entrevista, ele disse, pensativo:

– Não posso dizer que não faça sentido, Roark. Deixe-me pensar a respeito. Terá notícias minhas em breve.

Uma semana depois, o Sr. Janss telefonou para ele.

– É o conselho de diretores que terá que decidir. Está disposto a tentar, Roark? Desenhe as plantas e alguns esboços preliminares. Eu os submeterei ao conselho. Não posso prometer nada, mas estou a seu favor e lutarei por você.

Roark trabalhou nas plantas noite e dia, durante duas semanas. Elas foram entregues e ele foi chamado a comparecer diante do conselho de diretores da Janss-Stuart Imóveis. Falou, em pé ao lado de uma mesa comprida, seus olhos movendo-se vagarosamente de um rosto a outro. Tentava não fitar a mesa, mas, no campo inferior de sua visão, permanecia a mancha branca de seus desenhos abertos diante dos doze homens. Fizeram-lhe muitas perguntas. Às vezes, o Sr. Janss apressava-se em responder em seu lugar, dava murros na mesa e bradava:

– Você não percebe? Não ficou claro?... E daí, Sr. Grant? E daí se ninguém nunca construiu nada parecido?... Gótico, Sr. Hubbard? Por que *temos* que fazê-lo gótico?... Estou pensando seriamente em me demitir, se vocês rejeitarem este projeto!

Roark falava serenamente. Era o único homem na sala que tinha certeza de suas próprias palavras. Mas sentia que não havia esperança para ele. Os doze rostos diante dele tinham fisionomias variadas, mas havia algo em todos eles, que não era cor nem feição, mas sim um denominador comum, algo que dissolvia suas expressões, de modo que já não eram mais rostos, apenas formas ovas feitas de carne, vazias. Ele se dirigia a todos, mas não se dirigia a ninguém. Não sentia nenhuma resposta, nem mesmo o eco de suas palavras, penetrar a membrana de um único tímpano. Suas palavras estavam caindo em um poço, batendo nas saliências de pedra pelo caminho, e cada saliência recusava-se a segurá-las, atirava-as ainda mais para baixo, jogava-as para outras saliências, e as mandava em busca de um fundo que não existia.

Disseram-lhe que seria informado da decisão do conselho. Ele já sabia de antemão qual seria. Quando recebeu a carta, leu-a sem emoção. A carta era do

Sr. Janss e começava assim: “Caro Sr. Roark, lamento informar-lhe que nosso conselho de diretores foi incapaz de lhe conceder o projeto para...” Havia uma súplica na formalidade brutal e ofensiva da carta: a súplica de um homem que não podia encará-lo.



John Fargo começara a vida como vendedor ambulante, puxando uma carroça. Aos 50 anos, possuía uma fortuna modesta e uma loja de departamentos próspera no começo da Sexta Avenida. Durante um longo tempo, competira com sucesso com um estabelecimento grande do outro lado da avenida, um entre muitos negócios herdados por uma família numerosa. No outono do ano anterior, a família mudara aquela filial para um novo local, mais ao norte da cidade. Estavam convencidos de que o centro de comércio de varejo da cidade migrara para o norte e decidiram apressar o declínio de seu antigo bairro, deixando sua velha loja vaga como um lembrete implacável e um constrangimento ao seu concorrente do outro lado da rua. A reação de Fargo foi anunciar que construiria uma nova loja, exatamente no mesmo lugar, ao lado da antiga, uma loja mais nova e mais eficiente do que qualquer uma que a cidade já vira. Declarou que manteria vivo o prestígio de seu antigo bairro.

Quando chamou Roark ao seu escritório, Fargo não disse que teria que decidir mais tarde ou que precisava pensar. Declarou:

– É você o arquiteto.

Sentado com os pés sobre sua escrivaninha, fumava um cachimbo, soltando palavras e baforadas de fumaça ao mesmo tempo:

– Eu vou lhe dizer de quanto espaço preciso e quanto quero gastar. Se precisar mais, diga. O resto é com você. Não entendo muito de prédios, mas reconheço um homem que entende quando o vejo. Mãos à obra!

Fargo escolheu Roark porque havia passado de carro, um dia, em frente ao posto de gasolina de Gowan, e parara, entrara e fizera algumas perguntas. Depois disso, dera uma propina à cozinheira de Heller para que ela lhe mostrasse a casa, quando o proprietário não estava. Fargo não precisava de mais nenhum argumento.



No final de maio, quando a prancheta de desenho no escritório de Roark estava soterrada por esboços da Loja Fargo, ele recebeu outro projeto.

O Sr. Whitford Sanborn era dono de um prédio de escritórios que fora construído para ele, muitos anos atrás, por Henry Cameron. Quando o cliente decidiu que precisava de uma nova casa de campo, rejeitou as sugestões feitas

por sua esposa para contratar outros arquitetos. Ele escreveu para Henry Cameron, que respondeu com uma carta de dez páginas. As primeiras três linhas da carta diziam que ele havia se aposentado; o resto era sobre Howard Roark Este, porém, nunca soube o que foi escrito naquela carta. Sanborn recusou-se a mostrá-la para ele e Cameron recusou-se a contar-lhe. Contudo, Sanborn contratou-o para construir sua casa de campo, apesar das violentas objeções da esposa.

A Sra. Fanny Sanborn era presidente de muitas instituições de caridade, o que lhe dera um vício por autocracia maior que qualquer vício que possa ser desenvolvido em qualquer outra ocupação. Ela desejava construir um *château* francês em sua nova propriedade à beira do rio Hudson. Queria que ele parecesse imponente e antigo, como se sempre houvesse pertencido à família. É claro, admitia ela, as pessoas saberiam que isso não era verdade, mas ao menos ele *daria essa impressão*.

O cliente assinara o contrato depois que Roark lhe explicara detalhadamente que tipo de casa ele deveria esperar. O Sr. Sanborn concordara prontamente e nem quisera esperar para ver os esboços.

– Mas é claro, Fanny – disse ele, aborrecido. – Quero uma casa moderna. Eu lhe disse isso há muito tempo. É o que Cameron teria projetado.

– Que importância tem Cameron, hoje em dia? – perguntou ela.

– Não sei, Fanny. Só sei que não existe nenhum prédio em Nova York como o que ele fez para mim.

As discussões continuaram por muitas noites longas, no esplendor escuro e abarrotado de mogno lustrado da sala de visitas vitoriana do casal. O Sr. Sanborn estava vacilando. Roark perguntou, fazendo com o braço um gesto que abrangia a sala à sua volta:

– É *isto* que vocês querem?

– Bem, se você vai ser impertinente... – começou a Sra. Sanborn, mas seu marido explodiu:

– Meu Deus, Fanny! Ele tem razão! Isto é justamente o que eu *não* quero! É justamente do que estou farto!

Roark não viu mais ninguém até seus esboços ficarem prontos. A casa – de pedra lisa, com janelas grandes e muitos terraços – situava-se nos jardins à beira do rio, tão espaçosa quanto o espelho d'água, tão acessível quanto os jardins, e era preciso seguir suas linhas com atenção para encontrar os degraus precisos pelos quais ela se ligava aos jardins, de tão suave que era a elevação dos terraços e do terreno que levavam à realidade total das paredes. Parecia apenas que as árvores flutuavam para dentro da residência, através dela. Parecia que a casa não era uma barreira contra a luz do sol, mas sim um recipiente que a coletava, que a concentrava em um esplendor mais claro do que o do ar do lado de fora.

O Sr. Sanborn foi o primeiro a ver os esboços. Examinou-os e disse:

– Eu... eu não sei bem como dizer, Sr. Roark. É excelente. Cameron tinha razão a seu respeito.

Depois que outros viram os esboços, o Sr. Sanborn já não tinha mais certeza disso. Sua esposa disse que a casa era horrível. E, assim, as longas discussões noturnas foram retomadas:

– Agora, diga-me por que, *por que* não podemos acrescentar torres ali, nos cantos? – perguntou a Sra. Sanborn. – Há lugar suficiente naqueles telhados planos.

Quando foi convencida a não fazer nenhuma torre, ela perguntou:

– Por que não podemos ter janelas com divisões? Que diferença faria? Deus sabe que essas janelas são suficientemente grandes... embora eu não consiga entender por que têm que ser tão grandes, não teremos nenhuma privacidade. Mas estou disposta a aceitar suas janelas, Sr. Roark, já que é tão teimoso quanto a elas, mas por que não pode colocar divisões nas vidraças? Suavizaria as coisas, daria um ar de realeza, sabe, um tipo de ambiente mais feudal.

Os amigos e parentes a quem ela correu para mostrar os esboços não gostaram nada da casa. A Sra. Walling chamou-a de absurda e a Sra. Hooper, de crua. O Sr. Melander disse que não a aceitaria nem de presente. A Sra. Applebee afirmou que parecia uma fábrica de sapatos. A Srta. Davitt deu uma olhada nos esboços e disse, com aprovação:

– Oh, que artística, querida! Quem a desenhou? Roark? Roark? Nunca ouvi falar nele... Bem, francamente, Fanny, parece falsa.

Os dois filhos dos Sanborn tinham opiniões distintas sobre o assunto. June Sanborn, de 19 anos, sempre achara que todos os arquitetos eram românticos e ficara encantada ao saber que teriam um muito jovem. Porém ela não gostou da aparência de Roark e da indiferença dele às indiretas dela, portanto declarou que a casa era hedionda e que se recusaria a morar nela. Richard Sanborn, de 24 anos, que fora um aluno brilhante na faculdade e agora estava se matando lentamente de tanto beber, surpreendeu a família ao emergir de seu habitual estado de letargia e declarar que a casa era magnífica. Ninguém sabia dizer se era uma apreciação estética, ódio por sua mãe, ou ambos.

Whitford Sanborn oscilava a cada nova opinião. Resmungava:

– Bem, nada de janelas divididas, é claro, isso é pura besteira, mas não poderia lhe dar uma cornija, Sr. Roark, para manter a paz na família? Só algum tipo de cornija com ameias não estragaria nada. Ou será que estragaria?

As discussões terminaram quando Roark declarou que não construiria a residência, a menos que o Sr. Sanborn aprovasse os esboços como estavam e atestasse sua aprovação assinando cada folha dos desenhos. O homem assinou.

A Sra. Sanborn ficou satisfeita ao saber, pouco tempo depois, que nenhum empreiteiro de boa reputação aceitaria construir a casa.

– Viu? – disse ela, triunfante.

O Sr. Sanborn recusou-se a ver. Encontrou uma firma obscura que aceitou o trabalho, de má vontade, como um favor especial a ele. A esposa descobriu que o empreiteiro era seu aliado e rompeu todos os precedentes sociais, convidando-o para tomar um chá. Há muito tempo ela já perdera todas as ideias coerentes sobre a casa; apenas odiava Roark. Seu empreiteiro odiava todos os arquitetos, por princípio.

A construção da residência Sanborn durou todos os meses do verão e do outono, cada dia trazendo novas batalhas: “Mas é claro que eu lhe disse, Sr. Roark, que queria três closets no meu quarto. Lembro-me claramente, foi em uma sexta-feira, nos encontrávamos na sala de visitas, o Sr. Sanborn estava sentado na poltrona perto da janela, e eu estava... O que têm as plantas? Que plantas? Como quer que eu entenda de plantas?” “Minha tia Rosalie disse que não pode subir uma escada circular, Sr. Roark. O que vamos fazer? Escolher apenas os convidados que se encaixam na sua casa?” “O Sr. Hulburt disse que esse tipo de teto não vai aguentar... Ah, sim, o Sr. Hulburt entende muito de arquitetura. Ele passou dois verões em Veneza.” “A pobre da June disse que o quarto dela será escuro como uma adega... Bem, é assim que ela se sente, Sr. Roark. Mesmo que não seja escuro, se fizer com que ela *sinta* que é escuro, dá na mesma.” Roark passou noites sem dormir, redesenhando as plantas para incluir as alterações que não podia evitar. Significava dias gastos em arrancar pisos, escadas e divisórias que já haviam sido instalados. Significava um acúmulo de extras no orçamento do empreiteiro. Este encolhia os ombros e dizia:

– Eu lhe disse. É isso o que sempre acontece quando se contrata um desses arquitetos excêntricos. Espere para ver o que esse negócio vai lhe custar antes mesmo de ele terminar.

E então, conforme a casa tomava forma, o próprio Roark descobriu que queria fazer uma mudança. A ala leste nunca o agradara totalmente. Ao vê-la erguendo-se, percebeu o erro que cometera e como corrigi-lo. Sabia que faria com que a casa adquirisse um todo mais lógico. Estava fazendo seus primeiros experimentos em construção e podia admiti-lo abertamente. Entretanto, agora foi a vez de o Sr. Sanborn recusar-se a autorizar a modificação. Roark insistiu e explicou-lhe que, uma vez que a imagem da ala nova tornara-se clara em sua mente, ele não podia mais aguentar olhar para a casa como estava.

– Não é que eu discorde de você – declarou o Sr. Sanborn friamente. – Na verdade, acho que está certo. Mas não podemos ter esse gasto. Sinto muito.

– Vai lhe custar menos do que as mudanças sem sentido que a Sra. Sanborn me obrigou a fazer.

– Não volte a esse assunto outra vez.

– Sr. Sanborn – perguntou Roark pausadamente –, o senhor assinaria um documento autorizando essa mudança, se isso não lhe custasse nada?

– Certamente. Se você conseguir realizar esse milagre.

Ele assinou. A ala leste foi reconstruída e Roark pagou por ela do seu bolso. Custou-lhe mais do que os honorários que recebera. O Sr. Sanborn hesitou e quis reembolsar Roark. A Sra. Sanborn impediu-o.

– Não passa de um truque baixo – disse ela. – É só uma forma de pressioná-lo. Ele está fazendo chantagem, contando com seus sentimentos nobres. Já esperava que você pagasse. Espere e verá. Ele vai acabar pedindo. Não deixe que ele se dê bem.

Roark não pediu. O Sr. Sanborn nunca lhe pagou.

Quando a casa foi terminada, a Sra. Sanborn recusou-se a morar nela. O Sr. Sanborn olhou para a residência com melancolia, cansado demais para admitir que a amava, que sempre quisera uma casa exatamente como aquela. Ele se rendeu. A casa não foi mobiliada. A Sra. Sanborn partiu, levando consigo o marido e a filha, para passar o inverno na Flórida, onde, segundo ela, “temos uma casa que é de um estilo espanhol decente, graças a Deus! Isso porque a compramos pronta. É isso que acontece quando você se aventura a construir para si mesmo, com um arquiteto inexperiente e idiota!” Seu filho, para assombro de todos, demonstrou uma súbita força de vontade selvagem: recusou-se a ir para a Flórida. Disse que gostava da residência nova e que não viveria em nenhum outro lugar. Sendo assim, três cômodos da propriedade foram mobiliados para ele. A família partiu e ele se mudou sozinho para a propriedade à beira do Hudson. À noite, podia-se ver do rio um único retângulo amarelo, pequeno e perdido entre as janelas da enorme casa morta.

O boletim da Associação Americana de Arquitetos publicou uma pequena nota:

“Um incidente curioso, que seria divertido se não fosse deplorável, nos foi relatado sobre uma casa recentemente construída pelo Sr. Whitford Sanborn, ilustre industrial. Desenhada por um tal de Howard Roark e construída a um custo bem acima de cem mil dólares, a residência foi considerada inabitável pela família. Encontra-se agora abandonada, como um exemplo eloquente de incompetência profissional.”

LUCIUS N. HEYER RECUSAVA-SE teimosamente a morrer. Ele havia se recuperado do derrame e retornara ao escritório, ignorando as objeções de seu médico e os protestos solícitos de Guy Francon, que se ofereceu para comprar a sua parte na sociedade. Heyer recusou, com seus olhos claros e úmidos obstinadamente fixos no nada. Ia ao escritório a cada dois ou três dias, lia as cópias da correspondência deixadas para ele como de costume, sentava-se em sua escrivaninha e desenhava flores em um bloco em branco, depois ia para casa. Caminhava lentamente, arrastando os pés. Mantinha os cotovelos pressionados ao lado do corpo e os antebraços esticados para a frente, com os dedos meio fechados, como garras. Seus dedos tremiam. Não conseguia usar a mão esquerda. Não queria se aposentar. Gostava de ver seu nome no papel timbrado da firma.

Perguntava-se vagamente por que não era mais apresentado a clientes ilustres e por que só via os esboços dos prédios novos quando já estavam na metade da construção. Se mencionava o assunto, Francon protestava:

– Mas, Lucius, eu não podia nem pensar em incomodá-lo, no seu estado. Qualquer outro já teria se aposentado há muito tempo.

Francon confundia-o um pouco. Peter Keating aturidia-o. O jovem mal se dava ao trabalho de cumprimentá-lo quando se encontravam, e fazia-o como se lembrasse no último instante. Keating saía andando no meio de uma frase que Heyer lhe dirigia. Quando Heyer dava alguma ordem sem importância a um dos projetistas, ela não era executada e o projetista informava-lhe que a ordem havia sido revogada pelo Sr. Keating. Heyer não conseguia entender. Sempre se lembrava de Keating como o rapaz modesto que conversara com ele de forma tão agradável sobre porcelana antiga. Perdoou-o, a princípio. Depois, tentou amansá-lo, de forma humilde e desajeitada. Por fim, passou a ter um medo irracional de Keating. Queixou-se com Francon. Disse, de forma petulante, assumindo o tom de uma autoridade que nunca poderia ter exercido:

– Aquele seu amigo, Guy, aquele Keating, está ficando impossível. É mal-educado comigo. Você deveria se livrar dele.

– Agora você pode ver, Lucius – respondeu Francon secamente –, por que digo que você deveria se aposentar. Está exaurindo os seus nervos e começando a imaginar coisas.

Foi então que surgiu a disputa pelo Edifício Cosmo-Slotnick

Os Estúdios Cosmo-Slotnick, de Hollywood, Califórnia, haviam decidido erigir uma sede magnífica em Nova York, um arranha-céu que comportasse um cinema e quarenta andares de escritórios. Uma competição mundial para seleção do arquiteto fora anunciada com um ano de antecedência. Afirmou-se que os Estúdios Cosmo-Slotnick não eram apenas os líderes na arte

cinematográfica, mas também abrangiam todas as artes, uma vez que todas elas contribuíam para a criação de filmes. E, uma vez que a arquitetura era um ramo superior, embora negligenciado, da estética, os Estúdios estavam prontos para colocá-la em evidência.

Acompanhando as últimas notícias sobre a escolha do elenco de *Eu aceito um marinheiro* e as filmagens de *Esposas à venda*, vieram reportagens sobre o Partenon e o Panteão. A Srta. Sally O'Dawn foi fotografada na escadaria da Catedral de Reims – de maiô – e o Sr. Pratt (“Pardner”) Purcell deu uma entrevista declarando que sempre sonhara ser um grande construtor, se não tivesse se tornado ator de cinema. Os comentários de Ralston Holcombe, Guy Francon e Gordon L. Prescott sobre o futuro da arquitetura americana foram citados em um artigo escrito pela Srta. Dimples Williams, e uma entrevista citava o que Sir Christopher Wren teria dito sobre o cinema. Nos suplementos de domingo apareciam fotografias de aspirantes a estrelas dos Estúdios Cosmo-Slotnick, de shorts e suéteres, segurando régua-tê e régua de cálculo, diante de pranchetas de desenho que continham a inscrição “Edifício Cosmo-Slotnick” acima de um enorme ponto de interrogação.

A competição estava aberta aos arquitetos de todos os países. O edifício seria construído na Broadway e custaria dez milhões de dólares. Seria o símbolo da genialidade da tecnologia moderna e do espírito do povo americano. Foi anunciado, de antemão, como “o prédio mais lindo do mundo”. O júri era formado pelo Sr. Shupe, representando Cosmo, pelo Sr. Slotnick, representando Slotnick, pelo professor Peterkin, do Instituto de Tecnologia de Stanton, pelo prefeito da cidade de Nova York, por Ralston Holcombe, presidente da AAA, e por Ellsworth M. Toohey.

– Vá em frente, Peter! – Francon disse a Keating com entusiasmo. – Dê tudo de si. Mostre-me todo o seu valor. Esta é a sua grande chance. Você será famoso no mundo inteiro, se vencer. E faremos o seguinte: faremos a inscrição no seu nome, junto com o da firma. Se ganharmos, você fica com um quinto do prêmio. O prêmio, você sabe, é de sessenta mil dólares.

– Heyer vai se opor – disse Keating, cauteloso.

– Ele que se oponha. É por essa razão que estou fazendo isso. Talvez entre na cabeça dele qual é a atitude decente a ser tomada. E eu... Bem, você sabe como me sinto, Peter. Já penso em você como meu sócio. Devo isso a você. Você fez por merecer. Esta talvez seja a sua chave para a sociedade.

Keating refez seu projeto cinco vezes. Odiava-o. Detestava cada viga desse prédio, antes mesmo que nascesse. Trabalhava com a mão trêmula. Não pensava no desenho sob sua mão, mas sim em todos os outros concorrentes. Pensava no homem que poderia ganhar e ser publicamente proclamado superior a ele. Perguntava-se o que aquele homem faria, como o outro resolveria o problema e o ultrapassaria. Tinha que vencer aquele homem. Nada mais

importava; não havia mais Peter Keating, havia apenas uma câmara de sucção, como o tipo de planta tropical de que ele ouvira falar, uma planta que atraía um inseto para dentro dela e sugava-o até ele ficar seco, adquirindo assim sua própria substância.

Não sentiu nada além de uma imensa incerteza quando seus esboços ficaram prontos e a perspectiva delicada de um edifício de mármore branco surgiu, perfeitamente terminada, diante dele. Parecia um palácio renascentista feito de borracha e esticado para atingir a altura de quarenta andares. Escolhera o estilo renascentista porque conhecia a regra não escrita de que todos os jurados de arquitetura gostavam de colunas, e porque se lembrou de que Ralston Holcombe era membro do júri. Copiara algo de todos os palácios italianos favoritos de Holcombe. Parecia bom... talvez fosse bom... ele não tinha certeza. Não tinha a quem perguntar.

Ouviu essas palavras dentro de sua própria mente e sentiu uma onda de fúria cega. Sentiu-a antes que soubesse qual era o motivo, mas soube qual era quase no mesmo instante: havia alguém a quem ele poderia perguntar. Não queria pensar naquele nome. Não o procuraria. A raiva subiu ao seu rosto e ele sentiu as manchas quentes e tensas sob seus olhos. Sabia que o procuraria.

Forçou o pensamento para fora de sua mente. Não ia a lugar nenhum. Quando chegou a hora, colocou os desenhos dentro de uma pasta e foi ao escritório de Roark.

Encontrou-o sozinho, sentado à escrivaninha da sala grande que não apresentava nenhum sinal de atividade.

– Olá, Howard! – cumprimentou, animado. – Como vai? Não estou interrompendo nada, estou?

– Olá, Peter – respondeu Roark – Não está.

– Não está muito ocupado, está?

– Não.

– Importa-se se eu me sentar por alguns minutos?

– Sente-se.

– Howard, você tem feito um ótimo trabalho. Eu vi a Loja Fargo. É esplêndida. Meus parabéns.

– Obrigado.

– Você está avançando, não? Já teve três projetos?

– Quatro.

– Ah, sim, claro, quatro. Muito bem. Ouvi dizer que está tendo uns probleminhas com os Sanborn.

– Estou.

– Bem, não é sempre um mar de rosas, não mesmo, sabe... Não teve nenhum projeto novo desde então? Nada?

– Não. Nada.

– Bem, os projetos virão. Eu sempre disse que os arquitetos não precisam cortar as gargantas uns dos outros, há trabalho suficiente para todos nós. Devemos desenvolver um espírito de unidade e cooperação profissional. Veja, por exemplo, aquela competição. Você já enviou sua inscrição?

– Que competição?

– Ora, a competição. A competição Cosmo-Slotnick

– Eu não vou enviar inscrição nenhuma.

– Não... vai? Mesmo?

– Não.

– Por quê?

– Eu não participo de competições.

– E por quê, pelo amor de Deus?

– Vamos, Peter. Você não veio aqui para discutir isso.

– Na verdade, eu realmente pensei em lhe mostrar o que eu vou submeter. Entenda que não estou pedindo que você me ajude, quero apenas ver a sua reação. Apenas uma opinião geral.

Apressou-se a abrir a pasta.

Roark estudou os esboços. Keating perguntou bruscamente:

– E então? Está bom?

– Não. Está uma droga. E você sabe disso.

Então, durante horas, enquanto Keating observava, o céu escurecia e as luzes se acendiam nas janelas da cidade, Roark falou, explicou, traçou linhas nas plantas, desemaranhou o labirinto das saídas do cinema, abriu janelas, organizou saguões, destruiu arcos inúteis, endireitou escadarias. Em dado momento, Keating balbuciou:

– Deus do céu, Howard! Por que não se inscreve na competição, se consegue fazer isso?

Roark respondeu:

– Porque não posso. Não conseguiria, se tentasse. Eu perco a inspiração. Fico vazio. Não posso dar-lhes o que querem. Mas posso consertar a maldita confusão de outra pessoa, quando a vejo.

Já era de manhã quando ele empurrou as plantas para o lado. Keating sussurrou:

– E a elevação?

– A sua elevação que vá para o inferno! Não quero olhar para as suas malditas elevações renascentistas!

Mas olhou. Não conseguia impedir sua mão de traçar linhas através da perspectiva.

– Está bem, maldito seja, dê-lhes um bom renascentista, se precisa tanto e se é que existe tal coisa! Só que eu não posso fazer isso por você. Descubra sozinho. É algo parecido com isto. Mais simples, Peter, mais simples, mais direto, tão

honesto quanto você conseguir a partir de uma coisa desonesta. Agora vá para casa e tente fazer algo que preste.

Keating foi para casa. Copiou as plantas de Roark Transformou o esboço corrido dele em uma perspectiva clara e completa. E então os desenhos foram remetidos, adequadamente endereçados a:

Competição “O Prédio Mais Lindo do Mundo”
Estúdios Cosmo-Slotnick
Nova York

O envelope com a inscrição continha os nomes: “Francon & Heyer, arquitetos, Peter Keating, projetista associado”.



Durante os meses daquele inverno, Roark não teve nenhuma outra oportunidade, nenhuma oferta, nenhuma perspectiva de novos projetos. Ficava sentado à sua escrivaninha e esquecia-se, às vezes, de acender as luzes ao entardecer. Era como se a imobilidade pesada de todas as horas que fluíam pelo escritório, de sua porta, do ar ali dentro, estivesse começando a penetrar em seus músculos. Ele se levantou e atirou um livro na parede, para sentir seu braço se mexendo, para ouvir o som do choque. Sorriu, pegou o exemplar do chão e colocou-o habilmente de volta na mesa. Acendeu o abajur da escrivaninha. E parou, antes de retirar as mãos do cone de luz sob o abajur, e olhou para elas. Abriu os dedos lentamente. Então se lembrou do que Cameron lhe dissera, muito tempo atrás. Retirou as mãos bruscamente. Pegou o casaco, apagou as luzes, trancou a porta e foi para casa.

Com a aproximação da primavera, ele sabia que seu dinheiro não duraria por muito mais tempo. Pagava o aluguel de seu escritório prontamente, no dia primeiro de cada mês. Queria ter a sensação dos trinta dias pela frente, durante os quais ele ainda seria o dono do escritório. Entrava nele calmamente, todas as manhãs. Descobriu apenas que não queria olhar para o calendário quando começava a escurecer, e ele sabia que mais um dos trinta dias havia passado. Quando se deu conta disso, passou a obrigar-se a olhar para o calendário. Ele estava em uma corrida agora, uma corrida entre seu dinheiro para o aluguel e... não sabia o nome do outro competidor. Talvez fosse cada homem por quem ele passava na rua.

Quando subia para seu escritório, os ascensoristas olhavam para ele de forma esquisita, indolente e curiosa. Quando falava, eles respondiam, não de maneira insolente, mas com uma fala arrastada e indiferente que parecia comunicar que se tornaria insolente a qualquer momento. Não sabiam o que ele fazia ou por quê,

sabiam apenas que ele era um homem que nunca recebia clientes. Comparecia, porque Austen Heller lhe pedia, às poucas festas que ele dava, ocasionalmente. Os convidados perguntavam-lhe: “Ah, você é arquiteto? Perdão, eu não tenho me mantido informado sobre a arquitetura. O que você construiu?”

Quando respondia, ouvia-os dizer: “Ah, é mesmo.” E ele via o comportamento proposadamente educado de lhe dizerem que ele era arquiteto apenas por presunção. Nunca haviam visto seus prédios e não sabiam se eram bons ou desprezíveis. Sabiam apenas que nunca tinham ouvido falar desses edifícios.

Era uma guerra na qual ele era convidado a lutar contra o nada, mas era jogado na luta, tinha que lutar, não tinha escolha – nem adversário.

Passava por prédios em construção. Parava para olhar as estruturas de aço. Às vezes, sentia que era como se as traves e as vigas estivessem formando não uma casa, mas sim uma barreira para detê-lo, e que os poucos passos na calçada que o separavam da cerca de madeira ao redor da obra eram os passos que ele nunca conseguiria dar. Era dor, mas uma dor atenuada, que não penetrava. *É verdade*, dizia a si mesmo. *Não é*, respondia seu corpo, a saúde estranha e intocável de seu corpo.

A Loja Fargo foi inaugurada. Mas um prédio não podia salvar um bairro inteiro. Seus concorrentes tinham razão, a maré havia mudado e estava fluindo para o norte da cidade. Seus clientes o estavam abandonando. Comentários eram feitos abertamente sobre o declínio de John Fargo, que havia acrescentado ao seu tino comercial deficiente o investimento em um tipo absurdo de prédio. O que provava, conforme diziam, que o público não aceitava essas inovações arquitetônicas. Ninguém mencionou que a loja era a mais apresentável e iluminada da cidade; que sua planta inteligente tornava o funcionamento mais fácil do que jamais fora possível; que o bairro já estava condenado antes de ela ser construída. O prédio levou a culpa.

Athelstan Beasley, o sábio da arquitetura, o bobo da corte da AAA, que parecia nunca ter construído nada, mas que organizava todos os bailes de caridade, escreveu em sua coluna intitulada “Gracejos e Peculiaridades”, no *Boletim da AAA*:

“Bem, rapazes e mocinhas, aqui vai um conto de fadas que tem uma moral: parece que, era uma vez, havia um menino que tinha cabelo da cor da abóbora de Halloween e que se achava melhor do que todos vocês, meninos e meninas comuns. Então, para prová-lo, ele foi e construiu uma casa, uma casa muito bonita, só que ninguém pode morar nela, e construiu uma loja, uma loja adorável, só que está indo à falência. Ele também ergueu uma estrutura muito notável, a saber: uma carroça puxada por cachorros, em uma estrada lamacenta. Há registros de que esta última obra está indo muito bem, o que, talvez, seja um indício de que essa é a área de

atuação certa para esse menino.”

No fim de março, Roark leu sobre Roger Enright nos jornais. O sujeito possuía milhões de dólares, uma companhia petrolífera e nenhum senso de moderação. Isso fazia com que seu nome aparecesse nos jornais com frequência. Ele provocava uma reverência que era um misto de admiração e desprezo, em razão da variedade incoerente de seus negócios inesperados. O mais recente era o projeto de um novo tipo de empreendimento residencial: um prédio de apartamentos em que cada unidade seria completa e isolada, como uma casa particular. Seria conhecido como a Residência Enright. Ele anunciara que não queria que ela se parecesse com nada que já existisse. Havia procurado e rejeitado vários dos melhores arquitetos da cidade.

Roark achou que essa reportagem no jornal representava um convite pessoal, o tipo de chance criada explicitamente para ele. Pela primeira vez, tentou ir à caça de um projeto. Pediu uma entrevista com Roger Enright. Conseguiu uma com um secretário, um jovem que parecia entediado e que lhe fez várias perguntas a respeito de sua experiência. Perguntava devagar, como se precisasse fazer um esforço para decidir o que seria apropriado perguntar, nessas circunstâncias, uma vez que as respostas não fariam absolutamente nenhuma diferença. Deu uma olhada em algumas fotografias de prédios de Roark e declarou que o Sr. Enright não ficaria interessado.

Na primeira semana de abril, quando Roark acabara de pagar o último aluguel para mais um mês em seu escritório, foi convocado para submeter desenhos para o novo prédio da Manhattan Bank Company. Quem o chamou foi o Sr. Weidler, um dos membros do conselho de diretores, que era amigo do jovem Richard Sanborn. Weidler disse-lhe:

– Foi uma luta dura, Sr. Roark, mas acho que venci. Eu os levei pessoalmente para visitar a residência Sanborn, e Dick e eu lhes explicamos algumas coisas. Entretanto, o conselho tem que ver os desenhos antes de tomar uma decisão. Portanto, não é certeza ainda, devo ser franco com você, mas é quase certeza. Eles rejeitaram dois outros arquitetos e estão muito interessados em você. Vá em frente. Boa sorte!



Henry Cameron teve uma recaída e o médico avisou à sua irmã que não se podia esperar nenhuma recuperação. Ela não acreditou. Sentia uma nova esperança porque via que ele, deitado imóvel na cama, parecia sereno e quase feliz, uma palavra que ela nunca havia achado ser possível associar ao irmão.

Contudo, ela se assustou, certa noite, quando ele disse subitamente:

– Ligue para o Howard. Peça-lhe que venha até aqui.

Nos três anos que haviam passado desde que se aposentara, Cameron nunca chamara o ex-funcionário, simplesmente esperava por suas visitas.

Roark chegou em menos de uma hora. Sentou-se ao lado da cama de Cameron, que conversou com ele como de costume. Não mencionou nem explicou o convite especial. Era uma noite quente e a janela do quarto de Cameron permanecia aberta para o jardim escuro. Quando notou, ao fazer uma pausa entre uma frase e outra, o silêncio das árvores lá fora, o silêncio imóvel que se instala tarde da noite, Cameron chamou sua irmã e disse:

– Arrume o sofá da sala para Howard. Ele vai ficar.

Roark olhou para ele e compreendeu. Inclinou a cabeça, concordando. Só podia confirmar que entendia o que Cameron acabava de lhe declarar com um olhar discreto, tão solene quanto o do próprio.

Roark ficou na casa durante três dias. Nenhum deles mencionou o fato de estar ali – nem quanto tempo teria que ficar. Sua presença foi aceita como um fato natural que não carecia de comentário algum. A Srta. Cameron compreendeu. Sabia que não deveria dizer nada. Andava pela casa silenciosamente, com a coragem submissa da resignação.

Cameron não queria que Roark ficasse o tempo todo em seu quarto. Dizia:

– Saia um pouco, Howard, vá caminhar no jardim. Está lindo, a grama está despontando.

Ele ficava deitado na cama e observava, contente, através da janela aberta, a figura de Roark se movendo entre as árvores desfolhadas que se erguiam contra o céu azul-claro.

Só pedia que Roark fizesse suas refeições com ele. A Srta. Cameron punha uma bandeja sobre os joelhos do irmão e servia a refeição de Roark em uma mesinha perto da cama. Cameron parecia ter prazer naquilo que nunca tivera nem nunca buscara: a sensação de ternura ao realizar uma rotina diária, o sentido de família.

Na noite do terceiro dia, Cameron estava recostado no travesseiro, conversando como de costume, mas falava devagar e sem mexer a cabeça. Roark ouvia e concentrava-se em não demonstrar que sabia o que estava acontecendo durante as terríveis pausas entre as palavras de Cameron. Elas pareciam naturais, e o esforço que lhe custavam seria o último segredo de Cameron, conforme era o seu desejo.

Ele falava sobre o futuro dos materiais de construção:

– Fique de olho na indústria de metais leves, Howard... Dentro de poucos... anos... você verá as coisas surpreendentes que eles farão... Fique de olho nos plásticos, toda uma nova era... virá disso... Você vai descobrir novas ferramentas, novos meios, novas formas... Terá que mostrar... aos malditos idiotas... que riqueza o cérebro humano criou para eles... que possibilidades... Na semana passada, li sobre um novo tipo de telha composta... e pensei em uma forma de

usá-la onde nada... mais serviria... Imagine, por exemplo, uma casa pequena... mais ou menos cinco mil dólares...

Pouco depois, ele parou e permaneceu em silêncio, de olhos fechados. De repente, Roark ouviu-o murmurar:

– Gail Wynand...

Roark inclinou-se, aproximando-se mais, perplexo.

– Eu não... odeio mais ninguém... só Gail Wynand... Não, nunca o vi... Mas ele representa... tudo o que há de errado no mundo... o triunfo... o domínio da vulgaridade... É contra Gail Wynand que você terá de lutar, Howard...

Não falou mais nada por um bom tempo. Quando abriu os olhos novamente, sorriu e disse:

– Eu sei... o que você está passando em seu escritório neste momento... – Roark nunca lhe falara nada sobre isso. – Não... não negue e... não diga nada... Eu sei... Mas... está tudo bem... Não tenha medo... Lembra-se do dia em que tentei despedi-lo? Esqueça o que eu lhe disse naquele dia... Não era a história toda... Isto é... Não tenha medo... Valeu a pena...

Sua voz falhou e ele não conseguiu mais usá-la. Mas o sentido da visão se manteve e Cameron pôde ficar deitado em silêncio olhando para Roark sem esforço. Meia hora depois, ele morreu.



Keating via Catherine com frequência. Não anunciara seu noivado, mas sua mãe sabia, e já não era mais um segredo precioso para ele. A moça pensava, às vezes, que ele deixara de dar importância aos seus encontros. Ela não tinha que sofrer a solidão de esperar por ele, mas perdera o reconforto de suas voltas inevitáveis. Keating dissera-lhe:

– Vamos esperar pelo resultado daquela competição do estúdio de cinema, Katie. Não vai demorar muito, vão anunciar a decisão em maio. Se eu ganhar, estarei feito pelo resto da vida. Então nos casaremos. E será então que conhecerei o seu tio, e ele vai querer me conhecer. E eu tenho que ganhar.

– Eu sei que você vai ganhar.

– Além disso, o velho Heyer não vai durar mais um mês. O médico nos disse que podemos esperar um segundo derrame a qualquer momento, e será o fim dele. Se não o matar, com certeza vai tirá-lo da firma.

– Oh, Peter, não gosto de ouvi-lo falar assim. Você não pode ser tão... tão terrivelmente egoísta.

– Desculpe, querida. Bem... sim, acho que sou egoísta. Todo mundo é.

Ele passava mais tempo com Dominique, que o observava com condescendência, como se ele já não representasse nenhum problema para ela. Parecia achá-lo adequado como uma companhia inconsequente para uma

eventual noite inconsequente. Peter achava que ela gostava dele. Sabia que isso não era um sinal encorajador.

Às vezes, ele se esquecia de que ela era a filha de Francon, esquecia-se de todas as razões que o induziam a querê-la. Não sentia nenhuma necessidade de ser induzido. Ele a queria. Não precisava de nenhuma outra razão agora, a não ser a excitação da presença de Dominique.

Entretanto, sentia-se impotente diante dela. Recusava-se a aceitar a ideia de que uma mulher pudesse permanecer indiferente a ele. Mas não tinha certeza nem da indiferença dela. Esperava e tentava adivinhar o estado de espírito dela, tentava reagir como supunha que ela desejava que reagisse. Não recebia nenhuma resposta.

Numa noite de primavera, foram a um baile juntos. Dançaram e Peter a puxou para si, e aumentou a pressão de seus dedos no corpo dela. Sabia que ela havia percebido e entendido. Dominique não se afastou. Encarou-o com um olhar fixo que era quase uma expectativa. Quando estavam saindo, ele ajudou-a a vestir o xale e deixou que seus dedos se demorassem nos ombros dela. Ela não se moveu nem fechou o xale. Esperou até que ele retirasse as mãos. Caminharam juntos até o táxi.

Ela ficou em silêncio, em um canto do carro. Nunca antes considerara a presença dele tão importante a ponto de precisar ficar em silêncio. Estava sentada com as pernas cruzadas, com o xale bem fechado, batendo as pontas dos dedos no joelho, em um movimento lento e circular. Ele pegou no braço dela suavemente. Dominique não resistiu nem reagiu, mas seus dedos pararam de bater. Os lábios dele tocaram no cabelo dela. Não foi um beijo, ele apenas deixou que seus lábios permanecessem tocando os fios do cabelo dela por um longo tempo.

Quando o táxi parou, Keating sussurrou:

– Dominique... deixe-me subir... só por um instante...

– Sim – respondeu ela. A palavra saiu seca, impessoal, sem nenhum tom de convite. Mas ela nunca antes o havia deixado subir. Peter a seguiu, com o coração batendo furiosamente.

Ao entrar em seu apartamento, por uma fração de segundo, ela se deteve, esperando. Ele ficou olhando para ela sem ação, atônito, feliz demais. Só notou a pausa quando ela já estava se movendo de novo, afastando-se dele, entrando na sala de visitas. Ela sentou-se e suas mãos caíram, inertes, ao lado do corpo, os braços afastados do corpo, deixando-a desprotegida. Seus olhos estavam semicerrados, retangulares, vazios.

– Dominique... – murmurou ele. – Dominique... como você é linda!

No instante seguinte, ele estava ao lado dela, sussurrando incoerentemente:

– Dominique, Dominique, eu te amo... Não ria de mim, por favor, não ria! A minha vida toda... tudo o que você quiser... Você não sabe quanto é linda?

Dominique... eu te amo...

Ele parou, seus braços envolvendo-a, seu rosto bem próximo ao dela, para capturar qualquer indicio de reação ou resistência. Não viu nada. Puxou-a violentamente para si e beijou seus lábios.

Os braços dele se abriram. Soltou o corpo dela, deixando que caísse contra o sofá, e olhou-a fixamente, em choque. Aquilo não fora um beijo; ele não havia segurado uma mulher em seus braços. O que ele havia acabado de abraçar e beijar não estava vivo. Os lábios dela não haviam se movido em resposta aos dele, os braços dela não o haviam abraçado. Não fora repugnância – isso ele poderia ter entendido. Era como se ele pudesse abraçá-la para sempre ou soltá-la, beijá-la novamente ou ir em frente e satisfazer seu desejo – e o corpo dela não saberia, não perceberia nada. Ela estava olhando para ele, para além dele. Ela viu a ponta de um cigarro que caíra de um cinzeiro em uma mesa ao seu lado, ergueu uma das mãos e colocou-o de volta no cinzeiro.

– Dominique – murmurou ele, estupidamente –, você não queria que eu a beijasse?

– Queria.

Ela não estava rindo dele, estava respondendo de forma simples e desamparada.

– Você nunca foi beijada antes?

– Fui. Muitas vezes.

– Você sempre age assim?

– Sempre. Exatamente assim.

– Por que queria que eu a beijasse?

– Queria experimentar.

– Você não é humana, Dominique.

Ela ergueu a cabeça, levantou-se, e a precisão ágil do movimento era novamente a sua atitude característica. Ele sabia que não ouviria na voz dela nenhuma vulnerabilidade simples e admitida. Sabia que o momento de intimidade passara, embora as palavras dela, quando falou, fossem mais íntimas e reveladoras do que tudo o que havia dito antes. Mas ela falou como se não se importasse com o que estava revelando, nem para quem:

– Acho que eu sou uma dessas aberrações de que se ouve falar, uma mulher completamente frígida. Sinto muito, Peter. Está vendo? Você não tem rivais, mas isso inclui você também. É uma decepção, querido?

– Você... você vai ultrapassar isso... algum dia...

– Eu não sou tão jovem assim, Peter. Vinte e cinco anos. Deve ser uma experiência interessante dormir com um homem. Eu quis desejar isso. Eu deveria achar excitante tornar-me uma mulher devassa. Já sou, sabe, em tudo, exceto... Peter, você está com cara de que vai ficar vermelho em um instante, e está muito engraçado.

– Dominique! Você nunca se apaixonou? Nem mesmo um pouquinho?

– Nunca. Eu realmente queria me apaixonar por você. Achava que seria conveniente. Eu não teria nenhum problema com você. Mas está vendo? Não consigo sentir nada. Não sinto nenhuma diferença, quer seja você, Alvah Scarret ou Lucius Heyer.

Keating levantou-se. Não queria olhar para ela. Caminhou até uma janela e ficou ali, olhando para fora, com as mãos entrelaçadas atrás das costas. Esquecera-se de seu desejo e da beleza dela, mas agora se lembrava de que ela era a filha de Francon.

– Dominique, aceita se casar comigo?

Ele sabia que tinha de dizer isso agora. Se se permitisse pensar nela, nunca o diria. O que ele sentia por ela já não importava mais, não podia deixar que esse sentimento se colocasse entre ele e seu futuro. E o que ele sentia por ela estava se transformando em ódio.

– Está falando sério? – perguntou ela.

Peter virou-se para ela. Falou rapidamente, com facilidade. Estava mentindo agora, portanto, estava seguro de si, e não era difícil:

– Eu a amo, Dominique. Sou louco por você. Me dê uma chance. Se não há mais ninguém, por que não? Você aprenderá a me amar, porque eu entendo você. Serei paciente. Farei você feliz.

Ela estremeceu subitamente, e então riu. Riu simplesmente, com abandono. Ele viu o tecido claro de seu vestido tremendo. Ela estava rígida, a cabeça atirada para trás, como uma corda sacudindo com as vibrações de um insulto ofuscante dirigida a ele; um insulto, porque a gargalhada dela não era amarga nem debochada, era simplesmente alegre.

A risada cessou. Dominique ficou olhando para ele. Então disse, séria:

– Peter, se algum dia eu quiser punir a mim mesma por algo terrível, se quiser me punir de maneira repugnante, eu me casarei com você.

E acrescentou:

– Considere isso uma promessa.

– Eu esperarei, não importa que motivo você escolha para fazê-lo.

Ela sorriu alegremente, o sorriso frio e alegre do qual ele tinha pavor.

– Falando sério, Peter, você não tem que fazer isso. Vai conseguir a sociedade de qualquer forma. E sempre seremos bons amigos. Agora, está na hora de você ir para casa. Não se esqueça, vai me levar ao torneio hípico na quarta-feira. Ah, sim, nós vamos ao torneio na quarta-feira. Eu adoro eventos desse tipo. Boa noite, Peter.

Ele saiu e foi a pé para casa, na noite quente de primavera. Caminhava furioso. Naquele momento, se alguém tivesse lhe oferecido a posse exclusiva da firma de Francon & Heyer sob a condição de se casar com Dominique, ele teria recusado. Sabia também, e odiava-se por isso, que não recusaria, se a oferta lhe

fosse feita na manhã seguinte.

ISSO ERA MEDO. ERA O QUE SE SENTE em um pesadelo, pensou Peter Keating, com a diferença de que, quando o pesadelo se torna insuportável, a pessoa acorda, mas ele não podia acordar nem aguentar mais. Estava crescendo havia dias, semanas, e agora tomara conta dele: um pavor da derrota, lascivo e terrível. Ele ia perder a competição, estava certo de que ia perder, e a certeza crescia a cada dia de espera. Não conseguia trabalhar, assustava-se quando alguém falava com ele, não dormia havia várias noites.

Caminhou na direção da casa de Lucius Heyer. Tentou não reparar nos rostos daqueles por quem passava, mas tinha de reparar. Sempre olhara para as pessoas. E elas olhavam para ele, como sempre. Queria gritar com elas, dizer-lhes para olharem para outro lado, para o deixarem em paz. Pensou que olhavam para ele porque sabiam que ele ia perder.

Estava indo para a casa de Heyer para se salvar do desastre que estava por vir, da única maneira que achava que lhe restava. Se perdesse a competição – e sabia que ia perder –, Francon ficaria chocado e decepcionado. Então, se Heyer morresse, como podia acontecer a qualquer momento, Francon hesitaria – ao enfrentar os resultados amargos da humilhação pública – em aceitar Keating como sócio. Se Francon hesitasse, o jogo estava perdido. Havia outros esperando pela oportunidade: Bennett, a quem ele não conseguira tirar do escritório, e Claude Stengel, que estava se dando muito bem sozinho, e que abordara Francon com uma proposta para comprar a parte de Heyer. Keating não tinha nada com que contar, além da fé incerta que Francon tinha nele. Se outro sócio substituisse Heyer, seria o fim do futuro de Keating. Ele fracassaria, após ter chegado muito perto. Isso nunca era perdoado.

Durante as noites de insônia, a decisão tornara-se clara e firme em sua mente: ele tinha que resolver a questão de imediato. Tinha que se aproveitar das esperanças iludidas de Francon antes que o vencedor da competição fosse anunciado. Tinha que forçar Heyer a sair e tomar o seu lugar, e só lhe restavam poucos dias.

Lembrou-se da fofoca de Francon sobre o caráter de Heyer. Vasculhou os arquivos na sala de Heyer até encontrar o que procurava. Era uma carta de um empreiteiro, escrita quinze anos atrás. Dizia apenas que o empreiteiro estava anexando um cheque de vinte mil dólares para o Sr. Heyer. Keating checou os registros daquele prédio em particular. Parecia, de fato, que a estrutura custara mais do que deveria. Aquele foi o ano em que Heyer iniciara sua coleção de porcelana.

Encontrou o homem sozinho em sua biblioteca. Era uma sala pequena e escura, cujo ar parecia pesado, como se não fosse renovado havia anos. Os painéis de mogno escuro, as tapeçarias e os móveis antigos de valor inestimável

eram mantidos impecavelmente limpos, mas, por algum motivo, a sala cheirava a indigência e decadência. Havia uma única lamparina queimando em uma mesinha de canto e, sobre esta, cinco xícaras de porcelana antiga, delicadas e preciosas. Heyer estava sentado, curvado, examinando as xícaras sob a luz fraca, com um contentamento vago e sem sentido. Estremeceu um pouco quando seu velho mordomo deixou Keating entrar, e piscou com um espanto aborrecido, mas convidou Keating a sentar-se.

Quando ouviu os primeiros sons de sua própria voz, Keating soube que perdera o medo que o havia perseguido enquanto caminhava pelas ruas. Sua voz estava fria e firme. *Tim Davis*, pensou, *Claude Stengel e, agora, só mais um homem a ser removido.*

Explicou o que queria, espalhando pelo ar estagnado da sala um parágrafo de pensamento curto, conciso e completo, perfeito como uma pedra preciosa de bordas limpas:

– Portanto, a menos que você anuncie a Francon a sua aposentadoria, amanhã de manhã – concluiu ele, segurando a carta por um dos cantos, entre dois dedos – isto será enviado à AAA.

Esperou. Heyer ficou imóvel, seus olhos claros e esbugalhados sem foco e sua boca aberta, formando um círculo perfeito. Keating estremeceu e perguntou-se se estaria falando com um idiota.

Então a boca de Heyer se mexeu e era possível ver sua língua rosa clara batendo em seus dentes de baixo.

– Mas eu não quero me aposentar – disse ele, de forma simples e sem malícia, como uma lamúria petulante.

– Vai ter que se aposentar.

– Não quero, e não vou. Sou um arquiteto famoso. Sempre fui. Eu gostaria que as pessoas parassem de me incomodar. Todos querem que eu me aposente. Vou lhe contar um segredo. – Inclinou-se para a frente e cochichou furtivamente: – Talvez você não saiba, mas eu sei, ele não pode me ludibriar: Guy quer que eu me aposente. Ele acha que está me enganando, mas eu vejo claramente o que ele está fazendo. Aí está um bom segredo sobre o Guy.

Deu uma risadinha mansa.

– Acho que você não me entendeu. Consegue entender isto?

Keating enfiou a carta nos dedos meio fechados de Heyer.

Observou a folha de papel fino tremer nas mãos do homem. Em seguida, ela caiu em cima da mesa, e a mão esquerda de Heyer, com os dedos paralisados, bateu nela às cegas e sem propósito, como se fosse um gancho. Ele disse, engolindo em seco:

– Não pode enviar isto à AAA. Eles vão cancelar a minha licença.

– Não, com certeza – confirmou Keating.

– E vai aparecer nos jornais.

- Em todos eles.
- Não pode fazer isso.
- Vou fazer, a menos que você se aposente.

Os ombros de Heyer baixaram até a altura da borda da mesa. Sua cabeça permaneceu acima da borda, timidamente, como se ele estivesse pronto para abaixar e fazê-la sumir também.

– Você não fará isso, por favor, não faça – murmurou Heyer, em um lamento longo e sem pausas. – Você é um bom rapaz, você é um rapaz muito bom e não fará isso, fará?

O papel quadrado e amarelo jazia sobre a mesa. A mão esquerda inutilizada de Heyer tentou alcançá-lo, arrastando-se lentamente por cima da borda. Keating curvou-se para a frente e agarrou a carta sob a mão dele.

Heyer olhou para ele, com a cabeça inclinada para um lado e a boca aberta. Parecia esperar que Keating o atacasse e tinha um olhar repulsivo e suplicante que declarava que deixaria o jovem bater nele.

– Por favor – sussurrou Heyer –, você não vai fazer isso, vai? Não estou me sentindo muito bem. Eu nunca magoei você. Acho que me lembro, eu já fiz alguma coisa muito boa por você.

– O quê? – retrucou Keating com rispidez. – O que você fez por mim?

– O seu nome é Peter Keating... Peter Keating... lembro... Eu fiz algo bom para você... Você é o rapaz em quem Guy acredita tanto. Não confie nele. Eu não confio. Mas gosto de você. Vamos promovê-lo a projetista, um dia desses. – Sua boca permaneceu aberta depois da última palavra. Um fio de saliva escorria do canto da boca. – Por favor... não...

Os olhos de Keating brilhavam de nojo. A repugnância encorajou-o a continuar. Ele tinha que piorar as coisas porque não podia mais aguentar.

– Você será desmascarado publicamente – pressionou Keating, os sons de sua voz reverberando. – Será acusado de aceitar suborno. As pessoas apontarão para você. Sua foto aparecerá nos jornais. Os donos daquele prédio o processarão. Você será jogado na prisão.

Heyer não disse nada. Não se mexeu. Subitamente, Keating ouviu as xícaras tinindo sobre a mesa. Não conseguia ver o corpo de Heyer tremendo, mas ouvia um tilintar fraco e vítreo no silêncio da sala, como se as xícaras estivessem tremendo sozinhas.

– Saia! – exclamou Keating, levantando a voz para não ouvir aquele som. – Saia da firma! Para que quer ficar? Você não serve para nada. Nunca serviu.

O rosto amarelo na borda da mesa abriu a boca e produziu um som úmido e gorgolejante, como um gemido.

Keating estava sentado comodamente, inclinado para a frente, com os joelhos afastados, um dos cotovelos apoiado em um joelho e a mão pendurada, balançando a carta.

– Eu... – Heyer engasgou. – Eu...

– Cale a boca! Você não tem nada a dizer, a não ser “sim” ou “não”. Pense rápido, agora. Não estou aqui para discutir com você.

Heyer parou de tremer. Uma sombra cortava seu rosto em diagonal. Keating viu um olho que não piscava e meia boca aberta, a escuridão fluindo através do buraco para dentro do rosto, como se ele estivesse se afogando.

– Responda! – gritou Keating, subitamente apavorado. – Por que não me responde?

O meio rosto oscilou e ele viu a cabeça tombar para a frente. Ela caiu na mesa e rolou para o chão, como se tivesse sido cortada. Duas xícaras caíram com ela, partindo-se com um som suave, os cacos espalhando-se pelo tapete. A primeira coisa que Keating sentiu foi alívio ao ver que o corpo havia acompanhado a cabeça e estava caído no chão, intacto. Não se ouvira nenhum som, apenas o ruído abafado e musical da porcelana quebrando.

Ele vai ficar furioso, pensou Keating, olhando para as xícaras no chão. Pôs-se em pé de um salto e ajoelhou-se, recolhendo os cacos inutilmente. Viu que não havia como consertá-los. Sabia que também estava pensando, ao mesmo tempo, que aquele segundo derrame que todos haviam esperado acontecera, e que ele teria que fazer alguma coisa a respeito dentro de instantes, mas que estava tudo bem porque agora Heyer teria que se aposentar.

Ainda ajoelhado, chegou mais perto de Heyer. Não sabia por que não queria tocar nele.

– Sr. Heyer – chamou. Sua voz saiu branda, quase respeitosa.

Ergueu a cabeça dele com cuidado. Deixou-a cair. Não ouviu o som da queda, ouviu apenas o soluço em sua própria garganta. Heyer estava morto.

Sentou-se sobre os calcanhares, ao lado do corpo, com as mãos espalmadas sobre os joelhos. Fitou diretamente à sua frente, seu olhar detendo-se nas dobras das tapeçarias penduradas junto à porta. Perguntou-se se o brilho cinza era poeira ou a penugem do veludo, se era mesmo veludo e como era antiquado pendurar tapeçarias perto da porta. Foi então que sentiu que estava tremendo. Queria vomitar. Levantou-se, atravessou a sala e abriu a porta, porque se lembrou de que havia o resto do apartamento em algum lugar, com um mordomo, e chamou, tentando gritar por socorro.



Keating foi para o escritório como de costume. Respondeu a perguntas e explicou que Heyer lhe pedira, naquele dia, para ir até sua casa depois do jantar porque queria conversar sobre sua aposentadoria. Ninguém duvidou da história e Keating sabia que ninguém nunca duvidaria. O fim de Heyer chegara, como todos haviam esperado. Francon não sentiu nada além de alívio.

– Nós sabíamos que ele morreria, mais cedo ou mais tarde – comentou Francon. – Por que lamentar que ele tenha poupado a si mesmo e a todos nós de uma agonia prolongada?

Keating mostrava-se mais calmo do que estivera durante semanas. Era a calma de um estupor vazio. O pensamento o seguia, leve, abafado e monótono, em seu escritório, em casa, à noite: ele era um assassino... não, mas quase um assassino... quase um assassino... Sabia que não fora um acidente, sabia que contara com o choque e o terror. Contara com aquele segundo derrame, que colocaria Heyer no hospital pelo resto de seus dias. Mas era só isso que ele havia esperado? Não sabia o que mais um segundo derrame podia significar? Contara com isso? Tentava se lembrar. Tentava, espremendo sua mente. Não sentia nada. Esperava não sentir nada, de um jeito ou de outro. Mas queria saber. Não notava o que estava acontecendo no escritório, à sua volta. Esqueceu-se de que lhe restava pouco tempo para concluir o trato com Francon sobre a sociedade.

Alguns dias após a morte de Heyer, Francon chamou Keating a sua sala.

– Sente-se, Peter – disse ele, com um sorriso mais alegre do que de costume. – Bem, tenho ótimas notícias para você, rapaz. Abriam o testamento de Lucius hoje de manhã. Ele não tinha mais nenhum parente, você sabe. Bem, eu fiquei surpreso, acho que não lhe dei crédito suficiente, mas parece que ele era capaz de uma atitude gentil de vez em quando. Ele deixou tudo para você... Muito nobre, não? Agora você não precisa se preocupar com o investimento, quando tratarmos de... O que foi, Peter? Peter, meu rapaz, está se sentindo mal?

Peter deixou o rosto cair sobre seu braço, apoiado no canto da escrivaninha. Não podia permitir que Francon visse seu rosto. Estava prestes a vomitar. Sentia-se mal porque, através do horror, se pegara pensando em quanto Heyer teria lhe deixado...

O testamento fora feito havia cinco anos, talvez em um arroubo irracional de afeto pela única pessoa no escritório que demonstrara ter consideração por Heyer, quem sabe em uma atitude contra o sócio. O testamento fora feito e esquecido. O espólio era de duzentos mil dólares, mais a participação de Heyer na firma e sua coleção de porcelanas.

Keating saiu do escritório cedo, naquele dia, sem ouvir as felicitações. Foi para casa, deu a notícia à mãe, deixou-a de boca aberta no meio da sala de estar e trancou-se em seu quarto. Saiu, sem dizer nada, antes do jantar. Naquela noite, ele não jantou, mas bebeu em seu bar favorito até chegar a um estado de lucidez feroz. E, naquele estado elevado de visão luminosa, com a cabeça tombada sobre um copo e com a mente lúcida, disse a si mesmo que não tinha nada de que se arrepender. Ele havia feito o que qualquer um faria. Catherine mesma já havia dito que ele era egoísta. Todo mundo era egoísta. Não era bonito ser assim, mas ele não era o único, apenas tivera mais sorte do que a maioria. E tivera mais sorte porque era melhor que a maioria. Sentia-se bem. Esperava que as

perguntas inúteis nunca mais lhe ocorressem.

– Cada um por si – resmungou, antes de adormecer com a cabeça sobre a mesa.

As perguntas inúteis nunca mais lhe ocorreram. Não teve tempo para elas, nos dias que se seguiram. Ele havia vencido a competição Cosmo-Slotnick



Peter Keating soubera que seria um triunfo, mas jamais imaginara o que aconteceu. Sonhara com o som das trombetas, mas não previra uma explosão sinfônica.

Começou com o som fraco da campainha de um telefone, anunciando os nomes dos vencedores. Em seguida, todos os telefones do escritório soaram, gritando, estalando sob os dedos da telefonista, que mal conseguia controlar a mesa telefônica. Eram ligações de todos os jornais da cidade, de arquitetos famosos, perguntas, pedidos insistentes de entrevistas, felicitações. Depois, a enxurrada vazou pelos elevadores e jorrou através das portas do escritório, as mensagens, os telegramas, pessoas que Keating conhecia, outras que nunca tinha visto antes, a recepcionista perdendo completamente o controle, sem saber quem barrava ou deixava entrar, e ele apertando mãos, uma torrente infinita de mãos, mãos que eram como dentes macios e úmidos de uma engrenagem que girava batendo em seus dedos. Ele não sabia o que dissera naquela primeira entrevista, na sala de Francon, abarrotada de pessoas e câmeras. O sócio escancarara as portas de seu armário de bebidas. Em um impulso, declarara a todas aquelas pessoas que Peter Keating havia criado sozinho o Edifício Cosmo-Slotnick Francon não se importava. Estava magnânimo, em um arroubo de entusiasmo. Além disso, dava uma boa reportagem.

A reportagem foi melhor do que Francon esperara. Das páginas dos jornais, o rosto de Peter Keating olhava para o país, o rosto bonito, composto e sorridente, com os olhos brilhantes e os cachos escuros. Encabeçava colunas de reportagens sobre a pobreza, a luta, a ambição e o trabalho incansável que foram recompensados; sobre a fé de uma mãe que sacrificara tudo para o sucesso de seu filho; sobre a “Cinderela da Arquitetura”.

Cosmo-Slotnick ficaram satisfeitos. Nunca haviam pensado que arquitetos que ganhavam prêmios também pudessem ser jovens, bonitos e pobres – bem, pelo menos pobres até recentemente. Descobriram um menino gênio, e Cosmo-Slotnick adoravam meninos gênios. O próprio Sr. Slotnick também era um deles, já que tinha apenas 43 anos.

Os desenhos de Keating do “arranha-céu mais lindo do mundo” foram reproduzidos nos jornais, com as palavras do prêmio nas legendas: “... pela habilidade brilhante e simplicidade da planta... por sua eficiência limpa e

implacável... pela engenhosa economia de espaço... pela mistura primorosa do moderno com o tradicional da arte... a Francon & Heyer e Peter Keating...”

Keating apareceu em jornais cinematográficos apertando as mãos do Sr. Shupe e do Sr. Slotnick, e a legenda anunciava o que esses dois cavalheiros pensavam de seu prédio. Apareceu em jornais cinematográficos dando a mão à Srta. Dimples Williams, e a legenda anunciava o que ele pensava do novo filme dela. Ele aparecia em banquetes de arquitetura e em banquetes de cinema, no lugar de honra, e tinha de fazer discursos, esquecendo se deveria falar sobre prédios ou filmes. Aparecia em clubes arquitetônicos e em fã-clubes. Cosmo-Slotnick lançaram uma fotomontagem de Keating e de seu prédio, que podia ser adquirida com um envelope endereçado ao próprio comprador, com selo, por dois centavos. Ele compareceu todas as noites, durante uma semana, ao palco do Cinema Cosmo, com a primeira apresentação do especial Cosmo-Slotnick mais recente. Fazia reverências sobre a ribalta, esbelto e elegante, de fraque preto, e falava durante dois minutos sobre o significado da arquitetura. Presidiu os jurados em um concurso de beleza em Atlantic City, cuja vencedora ganharia um teste de cinema no estúdio de Cosmo-Slotnick. Foi fotografado com um pugilista famoso, sob o título “Campeões”. Uma maquete de seu prédio foi feita e enviada em turnê, junto com as fotografias dos melhores entre os outros competidores, para ser exibida nos átrios dos cinemas Cosmo-Slotnick de todo o país.

No início, a Sra. Keating chorara, soluçando, agarrara Peter em seus braços e balbuciara que não podia acreditar. Gaguejara ao responder perguntas sobre o filho e posara para fotos, constrangida e ansiosa por agradar. Depois se acostumou. Dizia a Peter, com ar indiferente, que obviamente ele vencera, que não era nada tão assombroso, pois ninguém mais poderia ter ganhado. Adquiriu um tom alegre de condescendência com os repórteres. Ficava claramente irritada quando não era incluída nas fotos que tiravam de Petey. Comprou um casaco de vison.

Keating deixou-se levar pela corrente. Precisava das pessoas e do clamor à sua volta. Não havia perguntas nem dúvidas quando estava em um palco, acima de um mar de rostos. O ar era pesado, compacto, saturado de um único solvente: a admiração. Não havia espaço para mais nada. Ele era espetacular, tão espetacular quanto o número de pessoas que lhe diziam isso. Estava certo, certo como o número dos que acreditavam nisso. Olhava para os rostos, para os olhos, e via a si mesmo nascendo neles, via a si mesmo recebendo o dom da vida. Isso era Peter Keating, isso, o reflexo nas pupilas que o fitavam, e seu corpo era apenas o reflexo.

Arrumou tempo para passar duas horas com Catherine, certa noite. Segurou-a em seus braços, enquanto ela murmurava planos radiantes para o futuro deles. Olhou para ela, contente. Não ouviu as palavras dela, estava pensando em como ficaria se fossem fotografados assim, juntos, e em quantos jornais publicariam a

foto.

Viu Dominique uma vez. Ela estava saindo da cidade para as férias de verão. A moça foi uma decepção. Ela deu-lhe os parabéns de forma muito apropriada, mas olhou para ele como sempre olhara, como se nada tivesse acontecido. Entre todas as publicações arquitetônicas, a coluna dela foi a única que nunca mencionou a competição Cosmo-Slotnick nem seu vencedor.

– Vou para Connecticut – disse-lhe ela. – Vou passar o verão na casa que meu pai tem lá. Ele me deixou ter a casa toda só para mim. Não, Peter, você não pode ir me visitar. Nem mesmo uma única vez. Estou indo para lá para não ter que ver ninguém.

Ele ficou decepcionado, mas isso não estragou o seu triunfo. Não tinha mais medo de Dominique. Tinha confiança que conseguiria fazê-la mudar de atitude, que veria a mudança quando ela voltasse, no outono.

Contudo, havia uma coisa que estragava seu triunfo, não frequentemente nem de forma muito evidente. Nunca enjoava de ouvir o que diziam sobre ele, mas não gostava de ouvir muito sobre seu prédio. E, quando tinha que ouvir, não se importava com os comentários sobre a “mistura primorosa do moderno com o tradicional” na fachada. Porém, quando falavam sobre a planta – e falavam tanto sobre ela –, quando ele ouvia falarem da “habilidade e simplicidade brilhantes... a eficiência limpa e implacável... a engenhosa economia de espaço”, quando ele ouvia isso e pensava em... Não pensava. Não havia nenhuma palavra em seu cérebro. Ele não permitia que houvesse. Só havia um sentimento pesado e obscuro – e um nome.

Depois de receber o prêmio, durante duas semanas ele forçara esse pensamento para fora de sua mente, como se fosse uma coisa que não merecesse a sua preocupação, algo que deveria ser enterrado, da mesma forma que seu passado humilde de dúvidas estava sepultado. Durante todo o inverno ele guardara seus próprios esboços do prédio, riscados pelas linhas feitas a lápis por outra mão. Na noite do prêmio, ele os queimou. Foi a primeira coisa que fez.

Entretanto, a coisa não o abandonava. E então, de repente, Peter entendeu que não era uma vaga ameaça, mas sim um perigo prático, e perdeu todo o medo que sentira. Podia lidar com um perigo prático, podia eliminá-lo facilmente. Deu uma risadinha furtiva, aliviado, telefonou para o escritório de Roark e marcou uma hora para encontrar-se com ele.

Seguiu confiante para o encontro. Pela primeira vez em sua vida, sentia-se livre da estranha inquietação que sentia na presença de Roark e que nunca fora capaz de explicar ou eliminar. Sentia-se seguro agora. Havia superado Howard Roark



Roark estava sentado à escrivaninha de seu escritório, esperando. O telefone havia tocado só uma vez naquela manhã, e era apenas Peter Keating querendo marcar uma hora. Ele já havia esquecido que Keating viria. Estava esperando o telefone tocar. Nas últimas semanas, tornara-se dependente desse telefone, pois deveria ter notícias, a qualquer momento, dos esboços enviados à Manhattan Bank Company.

O aluguel de seu escritório já vencera havia muito tempo, assim como o aluguel do quarto onde morava. Ele não se importava com o quarto. Podia dizer ao senhorio que esperasse. Ele esperaria, e não seria muito importante se ele se cansasse de esperar. Mas o escritório era importante. Roark disse ao agente imobiliário que ele teria que esperar. Não pediu para atrasar, apenas avisou, simples e calmamente, que haveria um atraso, o que era tudo o que ele sabia fazer. Mas o conhecimento de que precisava desse tipo de esmola do agente, de que dependia tanto disso, fizera com que o aviso soasse como uma súplica em sua mente. E isso era tortura. *Está bem, pensou, é tortura. E daí?*

Não pagava a conta do telefone havia dois meses. Já recebera o aviso final e a linha seria cortada dentro de poucos dias. Ele tinha que esperar. Tantas coisas podiam acontecer em poucos dias.

A resposta do conselho do banco, que Weidler prometera lhe dar havia muito tempo, era adiada a cada semana. O conselho não conseguia chegar a uma decisão. Houve opositores e houve defensores veementes. Houve reuniões. Weidler dizia-lhe significativamente pouco, mas ele conseguia adivinhar muito. Houve dias de silêncio, silêncio no escritório, silêncio na cidade inteira, silêncio dentro dele. Roark esperava.

Estava sentado, curvado sobre a escrivaninha, o rosto repousando sobre o braço, os dedos encostados no telefone. Pensou vagamente que não deveria ficar sentado assim, mas sentia-se extremamente cansado nesse dia. Pensou que deveria tirar a mão daquele aparelho, mas não a moveu. Bem, sim, ele dependia daquele objeto. Podia despedaçá-lo, e ainda assim dependeria dele; ele, o ar que respirava e cada partícula de seu corpo. Seus dedos repousavam no telefone, imóveis. Era o telefone e a correspondência. Também mentia a si mesmo sobre a correspondência. Mentia quando se obrigava a não saltar quando uma rara carta passava pelo vão da porta. Forçava-se a não correr, mas sim esperar, olhando para o envelope branco no chão, a andar até ele devagar e apanhá-lo. O vão da porta e o telefone – nada mais lhe restava do mundo.

Levantou a cabeça ao pensar nisso, para olhar na direção da porta, para o chão diante dela. Não havia nada. Já era o fim da tarde, provavelmente já passara a hora da última entrega. Ergueu o pulso para olhar o relógio e não viu nada – ele o havia penhorado. Virou-se para a janela. Conseguia distinguir o relógio de uma torre distante. Eram 16h30. Não haveria mais entregas de correspondência hoje.

Viu sua mão tirar o telefone do gancho. Seus dedos discaram o número.

– Não, ainda não – disse a voz de Weidler. – Tínhamos aquela reunião marcada para ontem, mas teve que ser adiada... Estou atrás deles como um buldogue... Posso lhe prometer que teremos uma resposta definitiva amanhã. *Quase* posso lhe prometer. Se não for amanhã, teremos que esperar passar o fim de semana, mas, até segunda-feira, eu prometo, com certeza... Tem sido maravilhosamente paciente conosco, Sr. Roark. Nós agradecemos muito.

Roark desligou o telefone e fechou os olhos. Pensou que se permitiria repousar, simplesmente descansar assim por alguns minutos, antes de começar a pensar em qual era a data no aviso da companhia telefônica e de que maneira conseguiria durar até segunda-feira.

– Olá, Howard – cumprimentou Peter Keating.

Abriu os olhos. Keating havia entrado e estava em pé diante dele, sorrindo. Vestia um casaco leve bege, aberto, com as pontas do cinto do casaco soltas como alças ao lado de seu corpo e uma centáurea azul na lapela. Estava com as pernas afastadas, as mãos na cintura, o chapéu jogado para trás, quase na nuca, revelando cachos negros tão radiantes e anelados sobre sua testa clara que parecia que se poderiam ver gotas de orvalho primaveril brilhando neles, assim como brilhavam na centáurea.

– Olá, Peter – disse Roark.

Keating sentou-se confortavelmente, tirou o chapéu, jogou-o no meio da mesa e colocou uma mão sobre cada um dos joelhos, com tapinhas leves.

– Bem, Howard, as coisas estão acontecendo, não estão?

– Parabéns.

– Obrigado. Qual é o problema, Howard? Você está com uma aparência horrível. Com certeza não está se matando de trabalhar, pelo que tenho ouvido.

Não era essa a atitude que ele pretendia assumir. Havia planejado uma conversa serena e amigável. Bem, decidiu, mudaria para esse tom mais tarde. Primeiro tinha que mostrar que não tinha medo de Roark, que nunca mais o temeria.

– Não, não estou me matando de trabalhar.

– Howard, por que não para com isso?

Isso era algo que Keating não pretendia dizer de jeito nenhum. Ficou de boca entreaberta, perplexo consigo mesmo.

– Parar com o quê?

– Com essa pose. Oh, os ideais, se preferir. Por que você não desce à Terra? Por que não começa a trabalhar como todo mundo? Por que não desiste de ser um maldito idiota?

Sentia-se rolando ladeira abaixo, sem freio. Não conseguia parar.

– Qual é o problema, Peter?

– Como espera se dar bem no mundo? Você tem que viver com as pessoas, sabia? Há somente dois jeitos: pode unir-se a elas ou lutar contra elas. Mas você

não parece estar fazendo nenhum dos dois.

– Não. Nenhum dos dois.

– E as pessoas não querem saber de você. Elas *não querem!* Você não tem medo?

– Não.

– Você não trabalha há um ano. E não vai trabalhar. Quem é que vai lhe dar trabalho? Podem ter lhe sobrado umas centenas de dólares, mas depois será o fim.

– Está errado, Peter. Sobraram-me quatorze dólares e cinquenta e sete centavos.

– Então? E olhe só para mim! Não me importa se for grosseiro que eu mesmo o diga. Não se trata disso. Não estou me gabando. Não importa quem o diz. Mas olhe para mim! Lembra-se de como começamos? Olhe para nós agora. E pense que só depende de você. Desista dessa ilusão tola de que você é melhor do que todo mundo e vá trabalhar. Dentro de um ano, você terá um escritório que o fará corar de vergonha ao pensar neste buraco. Terá pessoas correndo atrás de você, terá clientes, amigos, um exército de projetistas para comandar! Que diabos, Howard, eu não tenho nada a ganhar com isto – o que pode significar para mim? –, mas, desta vez, não estou buscando nada para mim mesmo. Na verdade, eu sei que você seria um concorrente perigoso, mas tenho que lhe dizer isso. Apenas pense, Howard, pense! Você será rico, famoso, será respeitado, elogiado, admirado... será um de nós! E então? Diga alguma coisa! Por que não diz nada?

Viu que os olhos de Roark não estavam vazios e desdenhosos, mas atentos e curiosos. Era quase um tipo de renúncia para aquele homem, porque ele não abandonara a lâmina de aço de seus olhos, porque permitia que seus olhos estivessem confusos e interessados – e quase desamparados.

– Olhe, Peter, eu acredito em você. Sei que você não tem nada a ganhar ao dizer isso. E sei mais. Sei que você não quer que eu tenha sucesso. Tudo bem, não o estou censurando, eu sempre soube disso: você não quer que eu jamais conquiste essas coisas que está me oferecendo. Ainda assim, você me empurra para conseguir-las, com bastante sinceridade. E sabe que, se eu seguir o seu conselho, vou conquistá-las. E não faz isso por amor a mim, caso contrário você não ficaria tão furioso... nem teria tanto medo... Peter, o que é que o incomoda tanto em mim, da maneira que sou?

– Eu não sei... – sussurrou Keating.

Peter entendeu que essa sua resposta era uma confissão, uma confissão apavorante. Não conhecia a natureza do que havia confessado e tinha certeza de que Roark também não. Mas a coisa havia sido exposta. Eles não podiam compreendê-la, mas sentiam a sua forma. E isso fez com que ficassem ali sentados em silêncio, olhando um para o outro, perplexos e resignados.

– Reconponha-se, Peter – disse Roark gentilmente, como se falasse com um

camarada. – Nunca mais falaremos sobre isso.

De repente, Keating disse, com a voz se apegando, aliviada, à vulgaridade vívaz de seu novo tom:

– Que diabos, Howard, eu estava falando simplesmente com muito bom senso. Se você quisesse trabalhar como uma pessoa normal...

– Cale-se! – disse Roark bruscamente.

Keating inclinou-se para trás, exausto. Não tinha mais nada a dizer. Esquecera-se de qual assunto viera tratar.

– Agora – perguntou Roark –, o que queria me dizer sobre a competição?

Keating endireitou o corpo com um movimento brusco. Perguntou-se como Roark havia adivinhado. Então tudo ficou mais fácil, porque ele se esqueceu do resto, em uma onda arrebatadora de ressentimento.

– Ah, sim! – disse Keating, excitado, com uma ponta nítida de irritação na voz. – Sim, eu queria mesmo falar com você sobre isso. Obrigado por me lembrar. É claro que você adivinharia, porque sabe que eu não sou um porco ingrato. Na verdade, vim até aqui para lhe agradecer, Howard. Não me esqueci de que você teve uma participação naquele prédio, que você realmente me deu alguns conselhos sobre ele. Eu seria o primeiro a lhe dar parte do crédito.

– Isso não é necessário.

– Para mim não haveria nenhum problema, mas tenho certeza de que você não iria querer que eu divulgasse nada sobre isso. E tenho certeza de que você também não quer dizer nada porque você sabe como é, as pessoas são tão engraçadas, interpretam tudo errado, de uma forma tão estúpida... Mas, uma vez que eu vou receber parte do dinheiro do prêmio, achei que seria justo compartilhar uma parcela com você. Estou contente por esse dinheiro vir em uma hora em que você está precisando tanto.

Pegou sua carteira, retirou de dentro dela um cheque que ele preencheria antecipadamente e colocou-o em cima da escrivadinha. O cheque dizia: “Pagar a Howard Roark a quantia de quinhentos dólares”.

– Obrigado, Peter – agradeceu Roark, pegando o cheque.

Ele o virou, pegou sua caneta-tinteiro e escreveu no verso: “Pagar a Peter Keating.” Assinou e devolveu o cheque a Keating.

– E aqui está o meu suborno a você, Peter – disse. – Com o mesmo propósito. Para que você mantenha a boca fechada.

Keating ficou olhando para ele, pasmo.

– Isso é tudo o que posso lhe oferecer no momento – disse Roark – Você não pode extorquir nada de mim atualmente, mas, mais tarde, quando eu tiver dinheiro, gostaria de lhe pedir que não me chantageasse. Estou lhe dizendo sinceramente que você poderia me chantagear, porque não quero que ninguém saiba que eu tive qualquer coisa a ver com aquele prédio.

Ele riu da expressão lenta de compreensão no rosto de Keating.

– Não? – perguntou Roark – Não quer fazer chantagem comigo por causa disso? Vá para casa, Peter. Você está absolutamente seguro. Eu nunca direi uma palavra sobre o assunto. É tudo seu, o prédio, cada viga dele, cada metro de encanamento e cada foto da sua cara nos jornais.

Keating pôs-se em pé de um salto. Estava tremendo.

– Seu maldito! – gritou. – Maldito! Quem você pensa que é? Quem lhe disse que podia fazer isso com as pessoas? Então você se acha bom demais para aquele prédio? Quer me fazer ter vergonha dele? Seu filho da mãe podre, ordinário, convencido! Quem é você? Você nem tem a perspicácia de perceber que é um fiasco, um incompetente, um mendigo, um fracassado, fracassado, fracassado! E fica aí julgando os outros! Você contra o país todo! Você contra todos! Por que eu deveria ouvi-lo? Você não pode me assustar. Não pode tocar em mim. Eu tenho o mundo todo ao meu lado! Não me olhe assim! Eu sempre o odiei! Não sabia disso, sabia? Eu sempre o odiei! Sempre o odiarei! Vou destruí-lo algum dia, juro que vou, nem que seja a última coisa que eu faça!

– Peter – falou Roark –, por que revelar tanto?

O fôlego de Keating acabou em um gemido sufocado. Deixou-se cair em uma cadeira e ficou imóvel, com as mãos agarradas às laterais do assento.

Depois de algum tempo, ergueu a cabeça. Perguntou, abobado:

– Meu Deus, Howard, o que foi que eu disse?

– Você está bem agora? Já pode ir?

– Howard, sinto muito. Peço desculpas, se você quiser. – Sua voz saiu oca e fraca, sem convicção. – Eu perdi a cabeça. Acho que estou esgotado. Eu não quis dizer nada daquilo. Não sei por que eu disse. Honestamente, não sei.

– Arrume seu colarinho. Está desabotoado.

– Acho que fiquei bravo porque você fez aquilo com o cheque. Mas imagino que você tenha ficado ofendido também. Desculpe. Eu sou estúpido, às vezes. Não quis ofendê-lo. Vamos simplesmente destruir essa porcaria.

Pegou o cheque, riscou um fósforo e observou cuidadosamente o papel queimar até ele ter que largar o último pedacinho.

– Howard, vamos esquecer o que houve?

– Não acha que é melhor você ir embora agora?

Keating levantou-se lentamente, mexeu as mãos, fazendo gestos sem sentido, e resmungou:

– Bem... Boa noite, Howard. Eu... Até a próxima... É porque me aconteceram tantas coisas ultimamente... Acho que preciso descansar... Até logo, Howard...

Quando saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si, Keating foi tomado por uma sensação gelada de alívio. Sentia-se pesado e muito cansado, mas também melancolicamente seguro de si. Adquirira o conhecimento de um fato: ele odiava Roark. Não era mais necessário duvidar, questionar-se e contorcer-se de inquietação. Era simples. Odiava Roark. O motivo para isso? Não era preciso

tentar descobrir quais eram os motivos. Só era preciso odiar, odiar cegamente, pacientemente, odiar sem raiva. Apenas odiar e não deixar que nada interferisse, e não se deixar esquecer, nunca.



O telefone tocou no fim da tarde de segunda-feira.

– Sr. Roark? – disse Weidler. – Poderia vir até aqui imediatamente? Não quero dizer nada pelo telefone, mas venha já para cá.

A voz dele soava clara, alegre, carregada de um presságio radiante.

Roark olhou pela janela para o relógio na torre distante. Riu daquele relógio, como se ele fosse um velho inimigo amistoso. Não precisaria mais dele, teria seu próprio relógio de pulso novamente. Atirou a cabeça para trás, numa atitude de desafio diante daquele mostrador claro e cinzento pendurado bem alto acima da cidade.

Levantou-se e pegou seu casaco. Estendeu os ombros para trás ao vesti-lo. Sentia prazer em movimentar seus músculos.

Na rua, tomou um táxi que não podia se dar ao luxo de pagar.

O presidente do conselho estava esperando por ele em seu escritório, acompanhado de Weidler e do vice-presidente da Manhattan Bank Company. Havia uma mesa de reuniões comprida na sala e os desenhos de Roark estavam espalhados sobre ela. Weidler levantou-se quando ele entrou e aproximou-se para cumprimentá-lo, com a mão estendida. Estava no ar da sala, como um prelúdio às palavras que Weidler pronunciou, e Roark não teve certeza do momento em que as ouviu, porque pensou que já as escutara no instante em que entrara na sala.

– Bem, Sr. Roark, o projeto é seu – anunciou Weidler.

Roark fez uma reverência. Era melhor não confiar em sua voz por alguns minutos. O presidente do conselho sorriu cordialmente, convidando-o a sentar-se. Ele sentou-se no lado da mesa em que estavam seus desenhos. Colocou a mão sobre a mesa. O mogno envernizado parecia morno e vivo sob seus dedos. Era quase como se ele estivesse tocando nas fundações de seu prédio; seu maior prédio, cinquenta andares que seriam erguidos no centro de Manhattan.

– Devo lhe dizer – começou o presidente do conselho – que tivemos uma guerra e tanto por causa desse seu prédio. Graças a Deus acabou. Alguns de nossos membros simplesmente não conseguiam engolir as suas inovações radicais. Você sabe como algumas pessoas são estupidamente conservadoras. Porém encontramos uma maneira de agradá-los, e conseguimos obter o consentimento deles. O Sr. Weidler foi extremamente convincente em sua defesa.

Muito mais foi dito pelos três homens. Roark mal escutava. Estava pensando no

primeiro impacto de uma máquina na terra, no início de uma escavação. Foi então que ouviu o presidente do conselho dizer:

– ... e, portanto, é seu, com uma pequena condição.

Ao ouvir isso, Roark olhou para o presidente.

– É uma pequena concessão e, assim que você concordar com ela, podemos assinar o contrato. É só uma questão inconsequente que diz respeito à aparência do edifício. Eu entendo que vocês modernistas não dão extrema importância a uma mera fachada, é a planta que conta para vocês, o que está absolutamente correto. Nós nunca pensaríamos em alterar a sua planta de forma alguma, pois foi a lógica da planta que nos fez escolher o seu prédio. Assim, tenho certeza de que você não vai se importar.

– O que vocês querem?

– Trata-se apenas de uma leve alteração na fachada. Vou lhe mostrar. O filho do Sr. Parker está estudando arquitetura e lhe pedimos que nos fizesse um esboço, apenas as linhas gerais de um esboço, para ilustrar o que tínhamos em mente e para mostrar aos membros do conselho, porque eles não teriam conseguido visualizar a concessão que estávamos oferecendo. Aqui está.

Retirou de baixo dos desenhos um esboço e entregou-o a Roark.

Era o esboço do prédio de Roark, desenhado muito cuidadosamente. Era o seu prédio, porém tinha um pórtico dórico simplificado na frente, uma cornija no topo e seu ornamento fora substituído por um ornamento grego estilizado.

Roark levantou-se. Tinha que ficar em pé. Concentrou-se no esforço de se levantar, pois tornava o resto mais fácil. Apoiou-se em um dos braços esticado, com a mão se fechando sobre a borda da mesa, os tendões visíveis sob a pele de seu pulso.

– Você perguntou? – disse o presidente do conselho, em tom apaziguador. – Nossos conservadores simplesmente se recusaram a aceitar um prédio tão rígido e fora do comum como o seu. E eles alegaram que o público também não o aceitará. Então chegamos a um meio-termo. Dessa forma, embora não seja arquitetura tradicional, é claro, dará ao público a *impressão* daquilo a que eles estão acostumados. Acrescenta certo ar de dignidade sólida e estável, e é isso o que queremos em um banco, não é? De fato, parece haver uma regra não escrita que um banco tem que ter um pórtico clássico, e um banco não é exatamente a instituição apropriada para quebrar regras e ficar dando demonstrações de rebeldia. Mina aquele sentimento impalpável de confiança, sabe? As pessoas não confiam nas novidades. Entretanto, este foi o esquema que agradou a todos. Pessoalmente, eu não insistiria em tê-lo, mas realmente não acho que estrague nada. E foi isso que o conselho decidiu. Naturalmente, isso não significa que queremos que você siga exatamente este esboço. Mas ele lhe dá a nossa ideia geral e você encontrará a sua própria solução, criará a sua própria adaptação do motivo clássico para a fachada.

Roark respondeu. Os homens na sala não conseguiam classificar o tom de sua voz, não conseguiam decidir se era de extrema calma ou de extrema emoção. Concluíram que era calma, porque sua voz prosseguia sem alterações, sem estresse, sem cor, cada sílaba parecendo ser espaçada por uma máquina. Só o ar na sala não era o ar que vibra com uma voz calma.

Concluíram que não havia nada de anormal no comportamento do homem que estava falando, exceto pelo fato de que sua mão direita nunca largava a borda da mesa e, quando ele tinha que mexer nos desenhos, fazia-o com a mão esquerda, como se tivesse um braço paralisado.

Ele falou por muito tempo. Explicou por que sua estrutura não podia ter um motivo clássico na fachada. Explicou por que um prédio honesto, assim como um homem honesto, tinha de ter uma unidade e uma única crença. Explicou em que consistia a fonte da vida, a ideia contida em cada coisa ou criatura existente, e por que, se uma parte mínima traísse aquela ideia, a coisa ou a criatura estaria morta. E explicou por que o bom, o elevado e o nobre no mundo era somente aquilo que mantinha sua integridade.

O presidente o interrompeu:

– Sr. Roark, eu concordo com você. Não há resposta para o que está dizendo. Mas, infelizmente, na vida prática não se pode ser sempre tão impecavelmente coerente. Há sempre o elemento incalculável da emoção humana. Não podemos combater isso com lógica fria. Na verdade, esta discussão é supérflua. Eu posso concordar com você, mas não posso ajudá-lo. A questão está encerrada. Essa foi a decisão final do conselho... após uma deliberação que se prolongou por um tempo fora do comum, como você sabe.

– O senhor me deixaria comparecer diante do conselho e falar com eles?

– Sinto muito, Sr. Roark, mas o conselho não reabrirá a questão para mais debates. A decisão foi tomada. Só me resta pedir-lhe que diga se aceita o projeto sob nossas condições ou não. Devo admitir que o conselho considerou a possibilidade de sua recusa. Nesse caso, o nome de outro arquiteto, um tal Gordon L. Prescott, foi mencionado como uma alternativa, de forma muito favorável. Porém eu disse ao conselho que tinha certeza de que você aceitaria.

Aguardou. Roark não disse nada.

– Compreende a situação, Sr. Roark?

– Sim – respondeu ele, com os olhos voltados para baixo, observando os desenhos.

– Bem?

Roark não respondeu.

– Sim ou não, Sr. Roark?

A cabeça dele inclinou-se para trás e ele fechou os olhos.

– Não – falou.

Após uma pausa, o presidente do conselho indagou:

– Percebe o que está fazendo?

– Claramente – disse Roark.

– Santo Deus! – gritou Weidler de repente. – Você sabe qual é a importância deste projeto? Você é jovem, não vai conseguir outra chance como esta. E... muito bem, que se dane, vou falar a verdade! Você precisa disso! Eu sei quanto precisa!

Roark reuniu os desenhos de cima da mesa, enrolou-os todos juntos e colocou-os debaixo do braço.

– Isso é pura loucura! – gemeu Weidler. – Eu quero que seja você. Nós queremos o seu prédio. Você precisa do trabalho. Você tem que ser assim tão fanático e abnegado?

– O quê? – perguntou Roark, incrédulo.

– Fanático e abnegado.

Roark sorriu. Olhou para seus desenhos. Mexeu um pouco o cotovelo, apertando as plantas de encontro ao corpo. Disse:

– Essa foi a coisa mais egoísta que você já viu um homem fazer.

Caminhou de volta a seu escritório. Pegou seus instrumentos de desenho e as poucas coisas que tinha ali, formando um pequeno pacote, que carregou debaixo do braço. Trancou a porta e entregou a chave para o agente imobiliário. Disse-lhe que estava fechando a sua firma. Andou até sua casa e deixou o pacote lá. Depois, foi até a casa de Mike Donnigan.

– Não? – perguntou Mike, assim que olhou para ele.

– Não – respondeu Roark.

– O que aconteceu?

– Eu lhe conto outra hora.

– Os filhos da mãe!

– Não se preocupe com isso, Mike.

– E o escritório, agora?

– Eu o fechei.

– Para sempre?

– Por enquanto.

– Malditos sejam todos eles, Ruivo! Malditos sejam!

– Cale-se. Preciso de um emprego, Mike. Você pode me ajudar?

– Eu?

– Não conheço ninguém do ramo aqui, ninguém que quisesse me contratar. Você conhece todos eles.

– Que ramo? Do que você está falando?

– Do ramo da construção. Trabalho estrutural, como eu já fiz antes.

– Quer dizer... um simples trabalho braçal?

– Isso, um simples trabalho braçal.

– Você está louco, seu idiota!

- Pode parar, Mike. Pode me conseguir um emprego?
- Mas por quê, diabos? Você pode conseguir um trabalho decente em um escritório de arquitetura. Sabe que pode.
- Eu não vou, Mike. Nunca mais.
- Por quê?
- Não quero nem chegar perto. Não quero ver. Não quero ajudá-los a fazer o que estão fazendo.
- Pode arrumar um emprego bom e limpo em outra área.
- Eu teria que pensar em um emprego bom e limpo. Não quero pensar. Não do jeito deles. Terá que ser do jeito deles, aonde quer que eu vá. Quero um emprego em que eu não tenha que pensar.
- Arquitetos não fazem trabalho braçal.
- Isso é tudo o que este arquiteto pode fazer.
- Você pode aprender qualquer outra atividade muito rápido.
- Não quero aprender nada.
- Está querendo dizer que quer que eu o coloque em uma equipe de operários de construção, aqui na cidade?
- É o que estou querendo dizer.
- Não, seu desgraçado! Não posso! Não vou fazer isso! Não vou!
- Por quê?
- Ruivo, vai se colocar nessa situação, como um espetáculo para todos os desgraçados desta cidade verem? Para todos os filhos da puta saberem que o arruinaram dessa forma? Para que todos eles tenham essa satisfação?
- Roarkriu.
- Eu não ligo a mínima para isso, Mike. Por que você deveria ligar?
- Bem, eu não vou deixá-lo fazer isso. Não vou dar esse gostinho aos filhos da puta.
- Mike – disse Roark calmamente –, não há mais nada que eu possa fazer.
- Uma ova. Há, sim. Eu já lhe disse. Você vai escutar a razão agora. Eu tenho grana para lhe emprestar, até...
- Vou dizer a você o que eu disse a Austen Heller: se me oferecer dinheiro de novo, será o fim da nossa amizade.
- Mas por quê?
- Não discuta, Mike.
- Mas...
- Estou pedindo que me faça um favor ainda maior. Quero esse emprego. Não precisa sentir pena de mim. Eu não sinto.
- Mas... mas o que vai acontecer com você, Ruivo?
- Onde?
- Quero dizer... o seu futuro?
- Vou economizar dinheiro e vou voltar. Ou talvez alguém me procure antes

disso.

Mike encarou-o. Viu algo nos olhos de Roark que sabia que ele não queria que estivesse lá.

– Está bem, Ruivo – aceitou Mike em voz baixa.

Pensou no assunto por muito tempo, depois disse:

– Ouça, Ruivo, não vou lhe arranjar um emprego na cidade. Simplesmente não posso. Só de pensar nisso, já me revira o estômago. Mas vou conseguir alguma coisa para você no mesmo ramo.

– Tudo bem. Qualquer coisa serve. Não faz nenhuma diferença para mim.

– Eu trabalhei para todos os empreiteiros favoritos daquele desgraçado do Francon durante tanto tempo que conheço todo mundo que já trabalhou para ele. Ele tem uma pedreira de granito em Connecticut. Um dos capatazes é um grande amigo meu. Ele está na cidade agora. Você já trabalhou em uma pedreira?

– Uma vez, há muito tempo.

– Acha que vai gostar?

– Claro.

– Vou procurar o cara. Não vamos contar para ele quem você é, vamos dizer que é meu amigo, só isso.

– Obrigado, Mike.

O homem levantou o braço para pegar seu casaco, mas suas mãos baixaram, e ele ficou olhando para o chão.

– Ruivo...

– Vai ficar tudo bem, Mike.

Roark caminhou para casa. Já tinha escurecido e a rua estava deserta. Soprava um vento forte. Ele sentia a pressão fria e sibilante em suas bochechas. Era a única evidência do fluxo que rasgava o ar. Nada se movia no corredor de pedra ao seu redor. Não havia nenhuma árvore a ser sacudida, nenhuma cortina, nenhum toldo. Havia apenas volumes nus formados de pedra, vidro, asfalto e cantos pontiagudos. Era estranho sentir aquele movimento feroz de encontro ao seu rosto. Mas, em uma esquina, dentro de uma lata de lixo, uma folha de jornal amarrotada estava farfalhando, batendo convulsivamente no arame trançado. Ela tornava o vento real.



Dois dias depois, no início da noite, Roark partiu para Connecticut.

Do trem, olhou para trás uma vez, para a silhueta da cidade que apareceu momentaneamente além das janelas. A luz fraca do entardecer apagava os detalhes dos prédios. Pareciam hastes finas de um azul suave de porcelana, uma cor não de coisas reais, mas de noite e distância. Os prédios erguiam-se como contornos despídos, como moldes vazios esperando ser preenchidos. A distância

nivelara a cidade. As hastes solitárias pareciam infinitamente altas, fora de escala em relação ao restante da paisagem. Pertenciam ao seu próprio mundo e ostentavam aos céus o manifesto do que o homem concebera e tornara possível. Eram moldes vazios. Mas o homem já fora tão longe; ele poderia ir mais longe ainda. A cidade à beira do céu continha uma pergunta – e uma promessa.

Luzes pequenas como cabeças de alfinete cintilavam no topo de uma torre famosa, nas janelas do restaurante Teto de Estrelas. Então o trem fez uma curva, e a cidade desapareceu.

Nessa noite, no salão de banquetes daquele restaurante, foi dado um jantar para celebrar a admissão de Peter Keating como sócio da firma que, a partir daquele momento, passou a chamar-se Francon & Keating.

À mesa comprida, que parecia estar coberta não com uma toalha, mas sim com um lençol de luz, sentava-se Guy Francon. Por alguma razão, essa noite ele não se incomodava com as mechas de cabelo branco que apareciam em suas têmporas. Elas brilhavam, criando um contraste forte com a cor negra do resto de seu cabelo, e davam-lhe um ar de limpeza e elegância, assim como o branco impecável de sua camisa em contraste com seu terno de noite preto. No lugar de honra estava Peter Keating. Sentava-se apumado, com os ombros retos, a mão fechada ao redor da haste de um cálice. Seus cachos negros brilhavam contra sua testa alva. Naquele momento único de silêncio, os convidados não sentiam nenhuma inveja, ressentimento ou malícia. Havia um sentimento nobre de irmandade na sala, na presença do rapaz pálido e belo que tinha um ar solene, como se essa fosse sua primeira comunhão. Ralston Holcombe levantara-se para discursar. Estava em pé, de cálice na mão. Havia preparado seu discurso, mas ficou perplexo ao ouvir a si mesmo dizendo algo bastante diferente, em uma voz cheia de total sinceridade:

– Nós somos os guardiões de uma grande função humana. Talvez a maior entre todas as atividades do homem. Conquistamos muito e erramos com frequência. Mas estamos dispostos, com toda a humildade, a abrir caminho para nossos herdeiros. Somos apenas homens e apenas buscamos. Mas buscamos a verdade, com o que há de melhor em nossos corações. Buscamos com o que há de sublime no que foi concedido à raça humana. É uma busca grandiosa. Ao futuro da arquitetura americana!

Parte II

ELLSWORTH M. TOOHEY

MANTER OS PUNHOS BEM CERRADOS, como se a pele das palmas das mãos houvesse grudado no aço que elas seguravam; manter os pés firmes, pressionados com força contra a rocha plana e lisa que empurrava as solas dos pés para cima; não sentir a existência do próprio corpo, só alguns nódulos de tensão: joelhos, pulsos, ombros e a britadeira que ele segurava; sentir a britadeira sacudindo em um tremor longo e convulsivo; sentir o estômago tremendo, os pulmões tremendo, as linhas retas das saliências da pedra diante dele se dissolvendo em linhas trêmulas e recortadas; sentir a britadeira e seu corpo unidos no propósito único de exercer pressão, para fazer com que uma haste de aço pudesse afundar lentamente no granito – essa era toda a vida de Howard Roark, como havia sido todos os dias dos últimos dois meses.

Ele estava em pé sobre a rocha quente sob o sol. Seu rosto estava bem bronzeado. Porções grandes e úmidas de sua camisa grudavam em suas costas. A pedreira erguia-se ao redor dele em plataformas planas que se entrecortavam. Era um mundo sem curvas, grama ou solo, um universo simplificado de planos de pedra, beiradas pontudas e ângulos acentuados. A rocha não havia sido soldada por séculos pacientes agindo sobre sedimentos depositados por ventos e marés, mas viera de uma massa derretida que esfriara lentamente em uma profundidade desconhecida. Ela fora lançada, expelida para fora e ainda mantinha a forma da violência frente à violência dos homens que se encontravam sobre sua superfície.

As superfícies planas eram testemunhas da força de cada corte. O impulso de cada golpe penetrava em linha reta. A rocha partia-se com uma resistência inflexível. As britadeiras seguiam perfurando com um zumbido baixo e contínuo, a tensão do som penetrando nos nervos, nos crânios, como se as ferramentas trêmulas estivessem estilizando vagarosamente tanto a rocha quanto os homens que as seguravam.

Ele gostava do trabalho. Às vezes sentia que era como uma luta entre seus músculos e o granito. Estava muito cansado à noite. Gostava do vazio da exaustão de seu corpo.

Todas as noites caminhava os três quilômetros que separavam a pedreira da cidadezinha onde os trabalhadores moravam. A terra dos bosques que atravessava era macia e morna sob seus pés. Era estranho, depois de passar o dia nos cumes de granito. Ele sorria como se experimentasse um novo prazer a cada noite e observava seus pés esmagando uma superfície que reagia, cedia e aceitava que pegadas leves fossem deixadas para trás.

Havia um banheiro no sótão da casa em que vivia. A tinta do chão tinha descascado havia muito tempo e as tábuas nuas eram de um cinza esbranquiçado. Ele ficava na banheira por muito tempo, deixando que a água fria

removesse de sua pele a poeira da pedra. Recostava a cabeça para trás sobre a borda da banheira, de olhos fechados. A intensidade da exaustão era seu próprio alívio, pois não permitia nenhuma outra sensação que não fosse o prazer lento da tensão abandonando seus músculos.

Jantava em uma cozinha com outros trabalhadores da pedreira. Sentava-se sozinho em uma mesa de canto. A fumaça da gordura que crepitava eternamente sobre o grande fogão envolvia o resto do ambiente em um nevoeiro pegajoso. Ele comia pouco e bebia muita água. O líquido frio e cintilante dentro de um copo limpo era inebriante.

Dormia em uma pequena cama de madeira sob o teto, cujas tábuas inclinavam-se por cima de sua cama. Quando chovia, ele ouvia a batida de cada gota no telhado e era preciso um esforço para perceber por que ele não sentia a chuva batendo em seu corpo.

Às vezes, depois do jantar, ia caminhar no bosque que começava atrás da casa. Deitava-se de bruços no chão, com os cotovelos apoiados diante do corpo, as mãos sustentando o queixo, e ficava observando os desenhos das estrias nas folhas verdes de grama sob seu rosto. Soprava-as e observava as folhas estremecerem e pararem em seguida. Virava-se de costas e ficava deitado, sentindo o calor da terra sob seu corpo. Muito acima, as folhas ainda estavam verdes, mas era um verde denso e comprimido, como se a cor estivesse condensada em um último esforço antes que o anoitecer viesse dissolvê-la. As folhas estavam suspensas e imóveis, contra um céu amarelo-limão reluzente. A cor pálida e luminosa do céu enfatizava o fato de que a luz estava desaparecendo. Ele pressionava os quadris e as costas contra o chão. A terra resistia, mas cedia. Era uma vitória silenciosa e ele sentia um vago prazer sensual nos músculos de suas pernas.

De vez em quando, não com frequência, ele se sentava e ficava imóvel por muito tempo. Depois sorria, com o sorriso lento de um carrasco que observa uma vítima. Pensava em seus dias passando, nos prédios que poderia estar construindo, que deveria estar construindo, e que talvez nunca mais construísse. Assistia à aparição não solicitada da dor com uma curiosidade fria e distante. Dizia a si mesmo: *Muito bem, aqui está ela de novo.* Esperava para ver quanto duraria. Causava-lhe um prazer estranho e nítido observar sua luta contra ela, e conseguia esquecer-se de que se tratava de seu próprio sofrimento. Conseguia sorrir com desprezo, sem perceber que sorria de sua própria agonia. Tais momentos eram raros, mas, quando aconteciam, como quando estava na pedreira e sentia que tinha de perfurar o granito, a sensação que o invadia era de estilhaçar a coisa dentro dele que insistia em apelar para sua piedade.



Dominique Francon estava passando o verão sozinha na grande mansão colonial de propriedade de seu pai, que ficava a cinco quilômetros da cidade da pedra. Não recebia visitas. Um velho caseiro e sua esposa eram os únicos seres humanos que ela via, não com muita frequência e apenas por necessidade. Eles moravam a certa distância da mansão, perto dos estábulos. O caseiro cuidava da propriedade e dos cavalos; sua esposa cuidava da casa e preparava as refeições de Dominique.

As refeições eram servidas com a severidade graciosa que a senhora idosa aprendera na época em que a mãe de Dominique era viva e recebia os convidados naquela sala de jantar grandiosa. À noite, a moça encontrava seu lugar solitário à mesa arrumado como que para um banquete formal, as velas acesas, com as línguas de chama amarela imóveis como as lanças de metal brilhante de uma guarda de honra. A escuridão alongava a sala, transformando-a em um salão, as janelas grandes erguiam-se como uma colunata achatada de sentinelas. Havia sempre uma tigela rasa de cristal no meio de uma poça de luz, no centro da mesa comprida, contendo um único lírio flutuando sobre a água, com pétalas brancas que se abriam ao redor de um núcleo amarelo como uma gota de fogo caída de uma vela.

A senhora idosa servia as refeições silenciosa e discretamente e em seguida desaparecia da casa assim que possível. Quando Dominique subia para o quarto, encontrava sua camisola de renda delicada arrumada sobre a cama. De manhã, ao entrar no banheiro, encontrava a banheira embutida no chão cheia de água, o aroma de jacinto de seus sais de banho, o piso verde-mar lustrado brilhando sob seus pés, as toalhas enormes espalhadas como montes de neve, prontas para envolver seu corpo – entretanto, não ouvia nenhum passo e não sentia qualquer presença humana na casa. A velha senhora tratava Dominique com o mesmo cuidado respeitoso com que cuidava das peças de cristal de Veneza guardadas nos armários da sala de visitas.

Dominique passara tantos verões e invernos cercando-se de pessoas e sentindo-se sozinha que a experiência da solidão real representava, para ela, um encanto e uma traição na forma de uma fraqueza que ela nunca se permitira: a fraqueza de gostar da solidão. Estendeu os braços e deixou que caíssem preguiçosamente, sentindo um peso doce e sonolento acima dos cotovelos, como o que se sente depois de um primeiro drinque. Tinha consciência de seus vestidos de verão, sentia seus joelhos e suas coxas deparando com a leve resistência do tecido ao se mover, o que a tornava consciente não do tecido, mas sim de seus joelhos e suas coxas.

A casa era a única construção no meio de uma área grande, e um bosque estendia-se mais além. Não havia vizinhos em um raio de muitos quilômetros. Ela andava a cavalo pelas estradas compridas e desertas, e por trilhas escondidas que não davam em lugar nenhum. Folhas brilhavam ao sol e galhos estalavam ao

vento que acompanhava sua rápida passagem. Ela prendia o fôlego às vezes, com a súbita sensação de que encontraria algo magnífico e mortal ao fazer a próxima curva da estrada. Não podia atribuir nenhuma identidade ao que esperava, era incapaz de dizer se era uma visão, uma pessoa ou um evento. Sabia apenas qual era sua qualidade – a sensação de um prazer pervertido.

Às vezes, ela saía de casa a pé e caminhava por quilômetros a fio, sem destino ou hora para retornar. Carros passavam por ela na estrada. Os moradores da cidade da pedreira a conheciam e curvavam-se para ela. Era considerada a senhora da região, assim como o fora sua mãe muito tempo atrás. Saía da estrada, entrava no mato e continuava caminhando, os braços balançando soltos, a cabeça inclinada para trás, observando as copas das árvores. Via nuvens passando acima delas. Certa vez, parecia que uma árvore gigante diante dela estava se mexendo, inclinando-se, pronta para tombar e esmagá-la. Dominique parou e esperou, com a cabeça para trás, a garganta apertada. Sentia que queria ser esmagada. Depois deu de ombros e prosseguiu. Empurrou galhos grossos à sua frente, impaciente, e deixou que arranhassem seus braços nus. Continuou caminhando muito depois de chegar à exaustão, empurrando-se adiante, enfrentando a fraqueza de seus músculos. Então deixou-se cair de costas e ficou deitada com os braços e as pernas estirados na forma de uma cruz, respirando com abandono, sentindo-se vazia e achatada, sentindo o peso do ar como uma pressão contra seus seios.

Em algumas manhãs, quando acordava em seu quarto, ela ouvia as explosões na pedreira de granito. Espreguiçava-se com os braços esticados acima da cabeça, sobre o travesseiro de seda branca, e escutava. Era o som da destruição, e ela gostava dele.



Foi porque o sol estava quente demais naquela manhã, porque ela sabia que o calor seria ainda mais forte na pedreira de granito, e porque não queria ver ninguém e sabia que encararia um bando de trabalhadores, que Dominique caminhou até a pedreira. A ideia de ver a pedreira naquele dia sufocante era revoltante, e ela gostava da perspectiva.

Quando saiu do bosque para a borda da grande cavidade de pedra, sentiu-se como se houvesse sido atirada em uma câmara de execução saturada de vapor escaldante. O calor não vinha do sol, mas daquele corte na terra, dos refletores que eram os cumes planos. Seus ombros, sua cabeça e suas costas expostos ao céu pareceram-lhe frescos quando ela sentiu o ar quente da rocha subindo por suas pernas até o queixo e as narinas. O ar tremeluzia abaixo, faíscas de fogo atravessavam o granito. Ela pensou que a rocha estava se mexendo, derretendo, escorrendo em gotas brancas de lava. Britadeiras e martelos rompiam o peso

imóvel do ar. Era obsceno ver os homens nas plataformas da fornalha. Eles não pareciam trabalhadores, mas um grupo de detentos cumprindo uma pena terrível por algum crime terrível. Ela não conseguia dar as costas.

Ficou ali parada, como um insulto ao lugar abaixo. Sua roupa – o vestido cor de água, de um azul-esverdeado pálido, simples e caro demais, com pregas exatas como lâminas de vidro; seus saltos finos plantados bem separados sobre as pedras –, o capacete macio de seu cabelo, a fragilidade exagerada de seu corpo contra o céu ostentavam a frieza sofisticada dos jardins e das salas de visitas de onde ela vinha.

Olhou para baixo. Seus olhos pararam no cabelo cor de laranja de um homem que ergueu a cabeça e olhou para ela.

Dominique ficou imóvel, porque sua primeira percepção não foi de visão, mas sim de tato: a consciência não de uma presença visual, mas de um tapa na cara. Ergueu desajeitadamente uma das mãos, afastada de seu corpo, os dedos bem abertos suspensos no ar, como se apoiados contra uma parede. Ela soube que não podia se mexer até que ele permitisse.

Viu a boca e o desprezo silencioso dele no formato daquela boca. Viu as superfícies magras e côncavas das bochechas dele, o brilho frio e puro de seus olhos, que não continham nenhum traço de compaixão. Ela soube que aquele era o rosto mais lindo que jamais veria, porque era a abstração da força tornada visível. Sentiu uma convulsão de raiva, de protesto, de resistência – e de prazer. Roark continuava olhando para ela. Não era um olhar, era um ato de posse. Ela pensou que deveria deixar seu rosto lhe dar a resposta que ele merecia, mas, ao invés disso, estava olhando para o pó de pedra nos braços bronzados dele, para a camisa molhada que grudava em suas costelas, para as linhas de suas pernas longas. Ela pensava nas estátuas de homens que sempre havia buscado. Estava se perguntando que aparência ele teria nu. Viu que o sujeito olhava para ela como se soubesse disso. Ela pensou que encontrara um propósito na vida: um ódio súbito e arrebatador por aquele homem.

Dominique foi a primeira a se mexer. Virou-se e afastou-se dele. Viu o capataz da pedreira no caminho à sua frente e acenou para ele, que correu para cumprimentá-la.

– Olá, Srta. Francon! – gritou ele. – Como vai?

Elaorceu para que suas palavras fossem ouvidas pelo homem lá embaixo. Pela primeira vez em sua vida, estava contente de ser a Srta. Francon, satisfeita com a posição e as posses de seu pai, coisas que sempre havia desprezado. Pensou subitamente que o cara lá embaixo era um mero trabalhador, possuído pelo dono desse lugar, e ela era quase dona desse lugar.

O capataz ficou diante dela respeitosamente. Dominique sorriu e disse:

– Acho que vou herdar a pedreira algum dia, então pensei que deveria demonstrar algum interesse por ela, de vez em quando.

O capataz caminhou à sua frente, mostrou-lhe seus domínios, explicou-lhe o trabalho. Ela o seguiu por uma grande distância até o outro lado da pedreira, desceu a depressão verde e poeirenta onde ficavam os galpões de trabalho, inspecionou o maquinário surpreendente. Deixou passar um tempo suficiente e convincente antes de caminhar de volta, sozinha, pela beira da cratera de granito.

Ela o viu de longe, ao aproximar-se. Ele estava trabalhando. Ela viu uma mecha de cabelo laranja cair sobre o rosto dele e sacudir com o tremor da britadeira. Pensou, esperançosa, que as vibrações daquela máquina o machucavam, machucavam o corpo dele, tudo dentro do corpo dele.

Quando ela parou sobre as rochas acima dele, Roark ergueu a cabeça e olhou para ela. Dominique não havia notado que ele percebera a sua aproximação, mas o homem olhou para cima como se esperasse vê-la ali, como se soubesse que ela voltaria. Ela viu o vestígio de um sorriso, mais ofensivo do que palavras. Ele mantinha a insolência de olhar diretamente para ela, e não se mexia, não lhe fazia a concessão de virar-se para outro lado – de reconhecer que ele não tinha nenhum direito de olhar para ela dessa maneira. Ele não tinha apenas tomado esse direito, estava declarando silenciosamente que ela o dera a ele.

Ela virou-se bruscamente e saiu andando, descendo o barranco rochoso, afastando-se da pedreira.



Não era dos olhos dele ou da sua boca que ela se lembrava, mas sim das mãos. O significado daquele dia parecia estar contido em uma única imagem que ela registrara: o instante simples em que uma das mãos dele repousara sobre o granito. Dominique a via outra vez: as pontas dos dedos dele pressionando a pedra, os dedos longos uma continuação das linhas retas dos tendões que se abriam em leque de seu pulso até os nós dos dedos. Ela pensava nele, mas a visão presente em todos os seus pensamentos era a imagem daquela mão sobre o granito. Isso a assustava. Ela não conseguia compreender.

Ele é só um trabalhador comum, pensou, um sujeito contratado que faz o trabalho de um condenado. Ela estava pensando nisso, sentada diante do tampo de vidro de sua penteadeira. Olhou para os objetos de cristal espalhados à sua frente. Eram como esculturas de gelo – proclamavam sua própria fragilidade fria e luxuosa, e ela pensou no corpo cansado dele, nas roupas enopadas de suor e poeira, nas mãos daquele homem. Exagerou o contraste, porque isso a degradava. Reclinou-se para trás, fechando os olhos. Pensou nos muitos homens distintos que recusara. Pensou no trabalhador da pedreira. Pensou em ser domada – não por um cara que admirava, mas por um homem que odiava. Deixou sua cabeça cair sobre o braço. O pensamento deixou-a fraca de prazer.

Durante dois dias forçou-se a acreditar que fugiria desse lugar. Encontrou

velhos prospectos de viagens em sua mala, estudou-os, escolheu o local, o hotel e o quarto no hotel, selecionou o trem que tomaria, o barco e o número do camarote. Sentia um divertimento malicioso ao fazer tudo isso, pois sabia que não faria essa viagem que queria fazer. Ela iria voltar para a pedreira.

Voltou ao local três dias depois. Parou acima da saliência onde ele trabalhava e ficou observando-o abertamente. Quando ele ergueu a cabeça, ela não se virou. O olhar dela dizia que Dominique sabia o significado do seu ato, mas não o respeitava o suficiente para esconder isso. O olhar dele apenas dizia que havia esperado que ela viesse. Roark se inclinou sobre a britadeira e continuou trabalhando. Ela esperou. Queria que ele olhasse para cima. Sabia que ele sabia disso. Porém ele não olhou novamente.

Ela ficou parada, observando as mãos dele, esperando pelo momento em que ele tocasse na rocha. Ela esqueceu-se da britadeira e da dinamite. Deleitou-se pensando no granito sendo quebrado pelas mãos daquele homem.

Ouviu o capataz chamar seu nome, ao subir correndo até ela. Virou-se para ele quando se aproximou.

– Gosto de observar os homens trabalhando – explicou ela.

– Sim, é uma imagem e tanto, não é? – concordou o capataz. – Lá vai o trem logo ali, com mais uma carga.

Ela não estava olhando para o trem. Viu o homem abaixo observando-a, viu o sinal insolente de divertimento lhe dizer que ele sabia que ela não queria que ele a olhasse agora. Dominique virou a cabeça. Os olhos do capataz varreram a escavação e detiveram-se no homem logo abaixo deles.

– Ei, você aí embaixo! – gritou. – Você é pago para trabalhar ou para ficar olhando com cara de bobo?

O homem curvou-se em silêncio sobre sua britadeira. A moça deu uma gargalhada.

O capataz comentou:

– Temos um grupo de caras durões aqui, Srta. Francon... Alguns deles até já estiveram na prisão.

– Aquele homem já esteve na prisão? – perguntou ela, apontando para baixo.

– Bem, eu não saberia dizer. Não conheço todos eles de vista.

Ela esperava que ele já tivesse sido preso. Indagou-se se chicoteavam os condenados hoje em dia. Gostaria que sim. Ao pensar nisso, sentiu uma falta de ar e uma sensação de queda, como sentia na infância, quando sonhava que estava caindo em uma longa escadaria. Mas, agora, a sensação de queda era em seu estômago.

Virou-se bruscamente e foi embora da pedreira.

Voltou muitos dias depois. Viu-o, inesperadamente, em um trecho plano de rocha diante dela, à beira do caminho. Ela parou abruptamente. Não queria chegar perto demais. Era estranho vê-lo à sua frente, sem a defesa e a desculpa

da distância.

Ele ficou encarando-a. A compreensão entre eles era ofensivamente íntima demais, porque nunca haviam trocado uma única palavra. Ela a destruiu, ao falar com ele.

– Por que sempre fica olhando para mim? – perguntou ríspidamente.

Pensou, aliviada, que as palavras eram a melhor forma de distanciamento. Ela negara tudo o que ambos sabiam ao dizer isso. Por um momento, Roark permaneceu calado, olhando para ela. Dominique se sentiu aterrorizada pelo pensamento de que ele não iria responder, de que deixaria que seu silêncio lhe dissesse muito claramente por que nenhuma resposta era necessária. Mas ele respondeu:

– Pela mesma razão que você tem olhado para mim.

– Não sei do que você está falando.

– Se não soubesse, estaria muito mais espantada e muito menos brava, Srta. Francon.

– Então sabe o meu nome?

– Você o tem anunciado bem alto.

– É melhor não ser insolente. Posso fazer com que seja demitido a qualquer momento, sabia?

Ele virou a cabeça, procurando alguém entre os homens abaixo. Perguntou:

– Devo chamar o capataz?

Ela sorriu com desprezo.

– Não, é claro que não. Seria simples demais. Mas, já que sabe quem eu sou, seria melhor parar de olhar para mim quando venho aqui. Poderia ser mal interpretado.

– Acho que não.

Ela virou-se. Tinha de controlar sua voz. Olhou por cima da borda da pedreira e perguntou:

– Acha muito duro trabalhar aqui?

– Sim. Terrivelmente.

– Fica cansado?

– De forma inumana.

– Como é isso?

– Mal consigo andar no final do dia. Não consigo mexer os braços à noite. Quando me deito na cama, posso contar cada músculo de meu corpo pelo número de dores distintas e separadas.

Subitamente, ela compreendeu que ele não estava lhe contando sobre si mesmo. Estava lhe falando dela, estava dizendo as coisas que ela queria ouvir e enfatizando que sabia por que ela queria ouvir essas afirmações em particular.

Dominique sentiu raiva, uma raiva que a satisfazia, pois era fria e certa. Também sentiu desejo de deixar que sua pele tocasse na dele, de permitir que

seu braço nu encostasse no dele. Só isso. O desejo não ia mais além.

Perguntou-lhe calmamente:

– Este não é o seu lugar, é? Você não fala como um trabalhador. O que era, antes?

– Eletricista. Encanador. Modelador de gesso. Muitas coisas.

– Por que está trabalhando aqui?

– Pelo dinheiro que está me pagando, Srta. Francon.

Ela deu de ombros. Virou-se e saiu andando, afastando-se dele. Sabia que ele a estava fitando, mas não olhou para trás. Continuou seu passeio através da pedreira e saiu dali assim que pôde, mas não voltou pelo mesmo caminho, onde teria que vê-lo novamente.

DOMINIQUE ACORDAVA TODAS AS MANHÃS com a expectativa de um dia que se tornasse significativo pela existência de um objetivo a ser alcançado: o de fazer desse dia um em que ela não fosse à pedreira.

Perdera a liberdade que amava. Sabia que a luta contínua contra a compulsão de um único desejo também era compulsão, mas era a forma que ela preferia aceitar. Era a única maneira pela qual ela poderia deixá-lo dar um significado à sua vida. Encontrava uma satisfação sombria na dor – porque aquela dor vinha dele.

Foi visitar seus vizinhos distantes, uma família rica e agradável que a entenderia em Nova York. Ela não visitara ninguém o verão inteiro. Eles ficaram surpresos e encantados em vê-la. Ela sentou-se com um grupo de pessoas distintas à beira de uma piscina. Observou o ar de elegância delicada à sua volta. Notou a deferência nos modos dessas pessoas, quando falavam com ela. Olhou para seu próprio reflexo na piscina: ela parecia mais delicadamente austera do que qualquer um deles.

E pensou, com um entusiasmo perverso, no que eles fariam se lessem sua mente nesse momento. Se soubessem que ela estava com a cabeça em um homem em uma pedreira, pensando no corpo dele com uma intensa intimidade, como uma pessoa não costuma pensar sobre o corpo de outra, apenas sobre o seu próprio. Sorriu. A pureza fria de seu rosto impedia que eles enxergassem a natureza daquele sorriso. Voltou a visitar essas pessoas, pelo prazer de ter tais pressentimentos na presença do respeito que tinham por ela.

Uma noite, um dos convidados ofereceu-se para levá-la de carro de volta para casa. Era um jovem poeta famoso, pálido e magro, com uma boca macia e sensível, e olhos que pareciam magoados com todo o universo. Dominique não notara a atenção desejosa com que ele a observava havia muito tempo. Quando estavam avançando de carro através do crepúsculo, ela o viu inclinar-se hesitante para mais perto dela. Ouviu sua voz sussurrar as coisas suplicantes e incoerentes que ela já ouvira de muitos homens. Ele parou o carro. Ela sentiu os lábios dele pressionados contra seu ombro.

Afastou-se dele bruscamente. Ficou parada por um instante, porque teria que encostar nele caso se mexesse, e não poderia aguentar isso. Então abriu a porta com força, saltou do carro, bateu a porta atrás de si como se o som da batida pudesse fazer com que ele deixasse de existir e saiu correndo às cegas. Parou de correr depois de um tempo e seguiu caminhando, tremendo, andando pela estrada escura até vislumbrar a linha do telhado de sua casa.

Estacou, olhando à sua volta com o primeiro pensamento coerente de espanto. Tais incidentes lhe haviam acontecido com frequência no passado. Só que, naquela época, ela ficara entretida, não sentira nenhuma repugnância, não

sentira nada.

Atravessou lentamente o gramado até a casa. Ao subir as escadas para seu quarto, deteve-se. Pensou no homem da pedreira. Pensou, de forma clara e coerente, que o homem da pedreira a queria. Ela já sabia disso, soubera desde a primeira vez que Roark olhara para ela. Porém nunca havia admitido esse conhecimento para si mesma.

Ela riu. Olhou à sua volta, para o esplendor silencioso de sua casa. A residência tornava as palavras absurdas. Dominique sabia o que nunca aconteceria com ela. E sabia o tipo de sofrimento que podia infligir a ele.

Durante dias, ela andou com satisfação pelos cômodos da casa. Era sua defesa. Ouvia os estrondos das explosões na pedreira e sorria.

Entretanto, sentia-se certa demais, e a casa era segura demais. Foi tomada por um desejo de desafiar a segurança para ressaltá-la.

Escolheu a laje de mármore diante da lareira de seu quarto. Queria vê-la quebrada. Ajoelhou-se de martelo na mão e tentou arrebentar o mármore. Bateu nele, seu braço fino erguendo-se bem alto acima da cabeça e descendo em um golpe feroz, mas impotente. Ela sentiu a dor nos ossos dos braços, nas articulações dos ombros. Só conseguiu fazer um longo arranhão no mármore.

Foi até a pedreira. Viu-o a distância e andou direto até ele.

– Olá – disse ela com naturalidade.

Ele desligou a britadeira. Encostou-se em uma plataforma de pedra e respondeu:

– Olá.

– Tenho pensado em você – falou ela, em voz baixa, e parou, acrescentando, com sua voz fluindo no tom de um convite autoritário: – Porque há um trabalhinho sujo a ser feito em minha casa. Quer ganhar um dinheiro extra?

– Com certeza, Srta. Francon.

– Pode vir à minha casa hoje à noite? A entrada de serviço é pela Ridgewood Road. Uma peça de mármore de uma lareira quebrou e tem que ser substituída. Quero que você a tire de lá e encomende uma nova para mim.

Dominique esperava raiva e recusa. Ele perguntou:

– A que horas devo ir?

– Às sete. Quanto lhe pagam aqui?

– Sessenta e dois centavos por hora.

– Tenho certeza de que é isso que você vale. Estou disposta a lhe pagar o mesmo. Sabe onde fica a minha casa?

– Não, Srta. Francon.

– Peça a qualquer pessoa na vila que lhe indique o caminho.

– Sim, Srta. Francon.

Afastou-se, decepcionada. Sentiu que a compreensão secreta entre eles fora perdida. Roark falara como se fosse um simples trabalho que ela poderia ter

oferecido a qualquer outro trabalhador. E então sentiu a falta de ar acompanhada da sensação de queda, aquele sentimento de vergonha e prazer que ele sempre provocava nela. Percebeu que a compreensão entre eles havia sido mais íntima e flagrante do que nunca – na aceitação natural dele de uma proposta nada natural. Ele mostrara-lhe quanto sabia, ao não demonstrar nenhum espanto.

Ela pediu ao velho caseiro e a sua esposa que permanecessem na casa naquela noite. A presença humilde deles completava a imagem de uma mansão feudal. Ela ouviu a campainha da entrada de serviço às sete horas. A senhora idosa acompanhou-o até o grande salão da frente, onde Dominique esperava no alto do patamar de uma larga escadaria.

Ela o observou se aproximando, olhando para ela. Manteve a pose por tempo suficiente para que ele suspeitasse que era uma pose deliberada, planejada com antecedência. Saiu da pose no momento exato em que ele poderia ter certeza disso. Disse, com a voz austeramente calma:

– Boa noite.

Ele não respondeu, mas inclinou a cabeça e continuou subindo as escadas na direção dela. Estava vestido com sua roupa de trabalho e carregava uma sacola com ferramentas. Movimentava-se com um tipo de energia ágil e relaxada que não combinava com a casa dela, com os degraus lustrosos, com os corrimãos delicados e rígidos. Ela esperara que ele parecesse constrangido dentro de sua casa, mas era a casa que parecia constrangida ao redor dele.

Ela fez um gesto com a mão, indicando a porta de seu quarto. Roark seguiu obedientemente. Quando entrou, não pareceu reparar no recinto. Adentrou-o como se fosse uma oficina de trabalho e foi direto para a lareira.

– Aí está – informou ela, apontando com um dedo a laje de mármore.

Ele não disse nada. Ajoelhou-se, retirou da sacola um fino calço de metal, segurou sua ponta contra o arranhão na laje, pegou um martelo e deu um golpe. O mármore rachou em um corte longo e profundo.

Ele levantou os olhos para encará-la. Era o olhar que ela temia, um olhar de riso que não podia ser respondido porque a risada não podia ser vista, apenas sentida. Roark disse:

– Agora está quebrada e tem de ser substituída.

Ela perguntou, tranquila:

– Você sabe que tipo de mármore é e onde encomendar outra peça como essa?

– Sim, Srta. Francon.

– Vá em frente, então. Tire-a.

– Sim, Srta. Francon.

Ela ficou em pé, observando-o. Era estranho sentir uma necessidade sem sentido de assistir ao processo mecânico do trabalho, como se seus olhos o estivessem ajudando. Então percebeu que estava com medo de olhar para o

quarto à volta deles. Forçou-se a erguer a cabeça.

Viu o tampo de sua penteadeira, sua beirada de vidro parecendo uma fita estreita de cetim verde na penumbra, e viu os frascos de cristal. Avistou um par de chinelos brancos, uma toalha azul-clara no chão, perto de um espelho, um par de meias-calças jogado sobre o braço de uma cadeira. Viu a colcha de cetim branco de sua cama. A camisa dele tinha manchas de suor e manchas cinza de poeira de pedra. A poeira deixara estrias na pele dos braços de Roark. Ela se sentia como se cada objeto tivesse sido tocado por ele, como se o ar fosse uma piscina densa de água na qual os dois tivessem sido jogados juntos, e a água que o tocava carregava o toque até ela, até cada objeto do quarto. Ela queria que ele olhasse para cima. Ele trabalhava sem erguer a cabeça.

Ela se aproximou dele e ficou em pé, em silêncio. Nunca havia ficado tão perto dele antes. Olhou para a pele macia daquele homem. Conseguia distinguir fios isolados de seu cabelo. Ela olhou para a ponta de sua própria sandália. Estava ali, no chão, a dois centímetros do corpo dele. Ela não precisava de mais do que um movimento, um movimento muito leve de seu pé, para tocá-lo. Deu um passo para trás.

Ele mexeu a cabeça, não para olhar para cima, apenas para pegar outra ferramenta na sacola, e inclinou-se sobre seu trabalho outra vez.

Ela riu alto. Ele parou e olhou para ela.

– O que foi? – perguntou Roark.

O rosto dela estava sério e sua voz era suave quando respondeu:

– Oh, desculpe. Você pode ter achado que eu estava rindo de você, mas não estava, é claro. – E acrescentou: – Eu não queria incomodá-lo. Com certeza está ansioso para terminar e sair daqui. Quero dizer, claro, porque você deve estar cansado. Por outro lado, estou lhe pagando por hora, então não há problema nenhum se quiser esticar o tempo um pouco, se quiser ganhar mais. Deve haver coisas sobre as quais você gostaria de conversar.

– Ah, sim, Srta. Francon.

– Então?

– Acho que esta lareira é abominável.

– É mesmo? Esta casa foi projetada pelo meu pai.

– Sim, claro, Srta. Francon.

– Não há razão para você discutir o trabalho de um arquiteto.

– Absolutamente nenhuma.

– Com certeza podemos escolher algum outro assunto.

– Sim, Srta. Francon.

Ela se afastou dele. Sentou-se na cama, apoiando-se nos braços esticados, as pernas cruzadas e muito juntas formando uma linha longa e reta. Seu corpo, caindo sem firmeza a partir dos ombros, contradizia a precisão inflexível das pernas; a severidade fria do rosto contradizia a pose do corpo.

Ele olhava para ela de vez em quando, enquanto trabalhava. Falava de modo subserviente. Estava dizendo:

– Vou providenciar uma peça de mármore que seja exatamente da mesma qualidade, Srta. Francon. É muito importante distinguir entre os vários tipos de mármore. De forma geral, há três tipos. Os mármore brancos, que derivam da recristalização da pedra calcária; os mármore ônix, que são depósitos químicos de carbonato de cálcio; e os mármore verdes, que consistem principalmente em silicato ou serpentina de magnésio hidratado. Este último não deve ser considerado mármore verdadeiro, que é uma forma metamórfica de calcário, produzida por calor e pressão. A pressão é um fator poderoso. Ela leva a consequências que, uma vez iniciadas, não podem ser controladas.

– Que consequências? – perguntou ela, inclinando-se para a frente.

– A recristalização das partículas de calcário e a infiltração de elementos estranhos do solo que o cerca. São elas que formam as estrias coloridas encontradas na maioria dos mármore. O mármore rosa surge da presença de óxidos de manganês; o cinza é resultado de matéria carbonífera; o amarelo é derivado de óxido de ferro hidratado. Esta peça aqui é, obviamente, um mármore branco. Há muitas variedades desse tipo, Deve ter muito cuidado, Srta. Francon...

Ela estava sentada e inclinada para a frente, como se fosse um amontoado, negro e indistinto. A luz do abajur caía sobre uma de suas mãos, que ela repousava frouxamente sobre os joelhos, com a palma para cima, os dedos meio fechados, uma borda fina de fogo delineando cada dedo, o tecido escuro de seu vestido tornando a mão nua e brilhante demais.

– ... e ter certeza de que eu encomendarei uma nova peça que seja precisamente da mesma qualidade. Não seria aconselhável, por exemplo, substituí-la por uma peça de mármore branco da Geórgia, que não tem uma granulação tão fina quanto o de Vermont, que, por sua vez, não tem uma granulação tão fina quanto o do Alabama. Este é mármore do Alabama. De altíssima qualidade, muito caro.

Ele viu a mão dela se fechar e baixar para fora do alcance da luz. Continuou seu trabalho em silêncio.

Quando terminou, levantou-se, perguntando:

– Onde devo colocar a peça?

– Deixe-a aí. Vou mandar que a retirem.

– Farei o pedido para que uma nova peça seja cortada sob medida e enviada a você, a ser paga na entrega. Quer que eu a instale?

– Sim, certamente. Eu o aviso quando chegar. Quanto lhe devo? – Ela olhou de relance para o relógio em sua mesa de cabeceira. – Deixe-me ver, você está aqui há quarenta e cinco minutos. São quarenta e oito centavos.

Pegou sua bolsa, retirou dela uma nota de um dólar e entregou-a a ele.

– Fique com o troco – ordenou.

Ela tinha esperança de que ele atirasse a nota em seu rosto. Ele enfiou a nota no bolso e disse:

– Obrigado, Srta. Francon.

Ele viu a barra da manga comprida e negra tremer sobre os dedos fechados dela.

– Boa noite – disse ela, a voz vazia, com raiva.

Ele fez uma reverência:

– Boa noite, Srta. Francon.

Roark virou-se, desceu as escadas e saiu da casa.



Ela parou de concentrar os pensamentos nele. Pensava na peça de mármore que ele encomendara. Esperava sua chegada com a intensidade febril de uma súbita obsessão. Contava os dias, prestava atenção nos raros caminhões que passavam na estrada além do gramado.

Dizia a si mesma, furiosa, que apenas queria que o mármore chegasse. Só isso, nada mais, não havia nenhum motivo secreto, absolutamente nenhum. Era uma resolução, final e histérica. Ela estava livre de tudo o mais. A pedra chegaria e esse seria o fim.

Quando a pedra chegou, Dominique mal olhou para ela. Antes de o caminhão de entrega ter saído da propriedade, ela já estava em sua escrivaninha, escrevendo uma mensagem em um papel de carta delicado:

“O mármore está aqui. Quero que seja instalado esta noite.”

Mandou seu caseiro levar a mensagem à pedreira, para ser entregue a...

– Não sei o nome dele. O trabalhador ruivo que esteve aqui.

O caseiro voltou com um pedaço rasgado de uma sacola de papel marrom, com a mensagem a lápis:

“Você a terá instalada hoje à noite.”

Ela esperou, num vazio sufocante de impaciência, à janela de seu quarto. A campainha da entrada de serviço tocou às sete horas. Ouviu uma batida em sua porta.

– Entre – disse rispidamente, para encobrir o som estranho de sua própria voz.

A porta se abriu e a esposa do caseiro entrou, fazendo um sinal para que alguém a seguisse. A pessoa que a seguiu era um italiano baixo, gordo, de meia-idade, de pernas arqueadas, com uma argola de ouro em uma das orelhas e um

chapéu surrado que segurava respeitosamente com as mãos.

– É o homem que enviaram da pedreira, Srta. Francon – anunciou a esposa do caseiro.

Dominique perguntou, com uma voz que não era um grito nem uma pergunta:

– Quem é você?

– Pasquale Orsini – respondeu o homem, subserviente e perplexo.

– O que você quer?

– Bem, eu... Bem, o Ruivo lá na pedreira disse que a lareira tem que ser consertada, e que a senhora queria que eu a consertasse.

– Sim. Sim, claro – disse ela, levantando-se. – Eu me esqueci. Vá em frente.

Ela tinha que sair do quarto. Tinha que fugir, para não ser vista por ninguém, para não ser vista por si mesma, se pudesse.

Parou em algum ponto do jardim e ficou ali, tremendo, apertando os pulsos contra os olhos. Era raiva. Era uma emoção pura e única que apagava tudo o mais. Tudo, exceto o terror por trás da raiva. Terror, porque ela sabia que agora não podia chegar perto da pedreira, e sabia que iria até lá.

Era o início de uma noite, muitos dias depois, quando Dominique foi à pedreira. Voltava a cavalo de um longo passeio pelo campo e viu as sombras se alongando no gramado. Sabia que não conseguiria sobreviver a mais uma noite. Tinha que chegar lá antes que os trabalhadores saíssem. Fez o cavalo dar meia-volta e cavalgou para a pedreira, voando, o vento cortando seu rosto.

Roark não estava lá quando ela chegou. Ela soube imediatamente que ele não estava lá, embora os trabalhadores estivessem saindo naquele momento e muitos deles estivessem andando em fila pelas trilhas da cratera de pedra. Ficou ali parada, com os lábios cerrados, procurando por ele, mas sabia que ele já havia partido.

Cavalgou e penetrou no bosque. Ia a toda velocidade e a esmo, enfiando-se entre paredes de folhas que se derretiam diante dela no crescente crepúsculo. Parou, arrancou de uma árvore um galho longo e fino, desfolhou-o e prosseguiu, usando a vara flexível como um chicote, açoitando seu cavalo para que corresse mais rápido. Sentia como se a velocidade fosse apressar a noite, forçar as horas futuras a passarem mais depressa, deixá-la avançar no tempo para alcançar a próxima manhã antes que chegasse. E então o viu caminhando sozinho na trilha diante dela.

Avançou em disparada. Alcançou-o e parou bruscamente, com um solavanco que a jogou para a frente e para trás, como uma mola. Ele parou.

Eles não disseram nada. Olharam um para o outro. Ela pensou que cada instante de silêncio que passava era uma traição. Esse encontro sem palavras era eloquente demais, esse reconhecimento de que nenhum cumprimento era necessário.

Dominique perguntou, sua voz sem qualquer expressão:

– Por que você não foi instalar o mármore?

– Não achei que faria nenhuma diferença para você quem o instalasse. Ou será que fez, Srta. Francon?

Ela sentiu as palavras não como sons, mas como um golpe direto em sua boca. O galho que segurava subiu e açoitou o rosto dele. Ela saiu cavalgando, no impulso do mesmo movimento.



Dominique estava sentada à penteadeira de seu quarto. Era muito tarde. Não se ouvia nenhum som na casa grande e vazia ao seu redor. As portas da varanda do quarto estavam abertas, mas não havia nenhum ruído de folhas no jardim escuro lá fora.

As cobertas da cama estavam viradas, esperando por ela, o travesseiro branco contrastando com as janelas altas e negras. Ela pensou que deveria tentar dormir. Não o via havia três dias. Passou as mãos sobre o cabelo, as curvas das palmas pressionando as mechas de fios macios. Pressionou as têmporas com as pontas dos dedos úmidos de perfume e manteve a pressão por um momento. Sentia alívio no toque frio do líquido, que fazia sua pele se contrair. Uma gota derramada de perfume permaneceu no vidro da penteadeira, uma gota que brilhava como uma joia, e igualmente cara.

Ela não ouviu o som dos passos no jardim. Ouviu-os apenas quando subiam os degraus da varanda. Endireitou-se na cadeira, franzindo as sobranceiras. Olhou para a porta de vidro da varanda.

Ele entrou. Vestia a roupa de trabalho, a camisa suja com as mangas arregaçadas, as calças manchadas de pó de pedra. Ficou olhando para ela. Não havia nenhum divertimento na compreensão no rosto dele. Seu rosto estava tenso, austero de crueldade, ascético de paixão, suas bochechas retraídas, os lábios puxados para baixo, apertados. Ela se levantou de um salto e ficou com os braços estendidos para trás, os dedos bem separados. Roark não se moveu. Ela viu uma veia no pescoço dele erguer-se, pulsando, e baixar novamente.

Então ele se aproximou de Dominique. Abraçou-a como se sua carne cortasse a dela, e ela sentiu os ossos dos braços dele nos ossos de suas costelas, suas pernas pressionadas com força contra as dele, a boca dele na sua.

Ela não sabia se o tranco de terror a sacudira primeiro e ela empurrara seu cotovelo contra a garganta dele, contorcendo seu corpo para escapar, ou se ficara imóvel nos braços dele, no primeiro instante, em choque ao sentir a pele dele contra a sua, o que ela havia imaginado, havia esperado, mas nunca soubera que seria assim, não poderia ter sabido, porque isto não fazia parte de viver, porque era algo que não se poderia aguentar por mais de um segundo.

Tentou libertar-se dele. O esforço foi vencido pelos braços dele, que sequer o

sentiram. Os punhos dela batiam nos ombros dele, no rosto dele. Roark moveu uma das mãos, segurou os pulsos dela, prendeu-os atrás das costas dela, sob seu braço, distendendo os ombros dela. Dominique inclinou a cabeça para trás. Sentiu os lábios dele em seu seio. Conseguiu libertar-se.

Ela caiu de costas contra a penteadeira e ficou agachada, as mãos agarrando a borda atrás de si, os olhos arregalados, sem cor e sem forma, de tanto terror. Ele estava rindo. Havia o movimento de riso no rosto dele, mas nenhum som. Talvez ele a tivesse soltado de propósito. Ele estava em pé, com as pernas separadas, os braços caídos ao lado do corpo, deixando que ela tivesse uma consciência ainda mais intensa do corpo dele no espaço que os separava do que quando ela estava em seus braços. Ela olhou para a porta atrás dele, Roark viu o primeiro indicio de movimento, não mais do que a intenção de pular em direção àquela porta. Ele esticou o braço, sem tocar nela, e Dominique recuou. Os ombros dela se mexeram debilmente, erguendo-se. Ele deu um passo à frente e os ombros dela baixaram. Ela se encolheu, mais perto da penteadeira. Ele deixou que ela esperasse. Então se aproximou. Ergueu-a sem esforço. Ela afundou os dentes na mão dele e sentiu o sangue na ponta de sua língua. Ele empurrou a cabeça dela para trás e forçou a boca aberta dela contra a sua.

Ela lutou como um animal. Porém não fez nenhum barulho. Não gritou por socorro. Ouvia os ecos de seus golpes na respiração ofegante dele e sabia que ele estava ofegante de prazer. Ela alcançou o abajur da penteadeira. Ele bateu no abajur, derrubando-o no chão. O cristal se partiu em pedaços na escuridão.

Ele a jogou sobre a cama e ela sentiu o sangue pulsando em sua garganta, em seus olhos, o ódio, o terror impotente em seu sangue. Sentiu o ódio e as mãos dele, as mãos dele se movendo sobre seu corpo, as mãos que quebravam granito. Ela lutou, em uma convulsão final. Então a dor súbita subiu através de seu corpo, para sua garganta, e ela gritou. Depois, ficou imóvel.

Era um ato que poderia ser executado com carinho, como um selo de amor, ou com desdém, como um símbolo de humilhação e conquista. Podia ser o ato de um amante, ou o ato de um soldado violentando uma mulher inimiga. Ele o realizou como um ato de desprezo. Não como amor, mas como violação. E foi isso que a fez ficar quieta e submeter-se. Um único gesto de carinho dele – e ela teria permanecido fria, intocada pelo que estava sendo feito ao seu corpo. Entretanto, o ato de um senhor tomando posse dela de forma vergonhosa e desdenhosa era o tipo de êxtase que ela havia desejado. Então ela o sentiu tremer com a agonia de um prazer insuportável até para ele, e soube que tinha dado isso a ele, que vinha dela, do corpo dela, e mordeu os lábios dele e entendeu o que ele queria que ela soubesse.

Roark ficou deitado imóvel, atravessado na cama, longe dela, a cabeça para trás, pendurada sobre a beira da cama. Ela ouvia o arfar lento da respiração dele, que voltava ao normal. Estava deitada de costas, como ele a havia deixado, sem

se mexer, de boca aberta. Sentia-se vazia, leve e entregue.

Ela o viu levantar-se. Viu sua silhueta diante da janela. Ele saiu, sem lhe dirigir uma palavra nem sequer um olhar. Ela percebeu, mas não importava. Escutou, sem reagir, o som dos passos dele se afastando pelo jardim.

Ficou deitada, sem se mover, durante muito tempo. Depois mexeu a língua dentro de sua boca aberta. Ouviu um som que veio de algum lugar dentro dela, e era o som seco, curto e repugnante de um soluço, mas ela não estava chorando, seus olhos estavam paralisados, secos e abertos. O som transformou-se em movimento, um solavanco que desceu pela garganta até o estômago. Fez com que se levantasse de um salto, e ela ficou em pé, desajeitada, curvada para a frente, com os antebraços apertados de encontro ao estômago. Ouviu a mesinha de cabeceira chacoalhando na escuridão e olhou para ela, vagamente espantada de ver um móvel se mexer sem razão. Então compreendeu que era ela que estava tremendo. Não estava com medo. Parecia bobagem tremer daquele jeito, em espasmos curtos e isolados, como soluços sem som. Pensou que tinha que tomar um banho. A necessidade era insuportável, como se a estivesse sentindo havia muito tempo. Nada importava, contanto que tomasse um banho. Arrastou os pés lentamente até a porta do banheiro.

Acendeu a luz. Viu-se em um espelho alto. Viu as manchas roxas deixadas em seu corpo pela boca dele. Ouviu um gemido abafado saído de sua própria garganta, não muito alto, não por causa do que viu, mas por causa do súbito lampejo de compreensão. Ela sabia que não ia tomar banho, sabia que queria manter em seu corpo a sensação do corpo dele, as marcas do corpo dele, e sabia também o que tal desejo significava. Caiu de joelhos, agarrando a borda da banheira. Não conseguiu se arrastar por cima daquela beirada. Suas mãos escorregaram e ela se deitou imóvel no chão. O ladrilho estava duro e frio sob seu corpo. Dominique ficou deitada ali até de manhã.



Roark acordou de manhã e pensou que a noite passada havia sido como um ponto alcançado, como uma pausa no movimento de sua vida. Ele seguia adiante por causa de tais pausas. Como os momentos em que ele andara pela residência Heller inacabada; como a noite passada. De alguma forma não declarada, a noite anterior fora como construir era para ele, pelo que acrescentara à sua consciência da existência.

Eles haviam se unido com uma compreensão além da violência, além da obscenidade deliberada do ato dele. Se ela tivesse significado menos para ele, ele não a teria tomado como o fez. Se ele tivesse significado menos para ela, ela não teria lutado tão desesperadamente. O êxtase impossível de repetir vinha da consciência que ambos tinham disso.

Ele foi à pedreira e trabalhou, naquele dia, como de costume. Ela não apareceu na pedreira e ele não esperava que aparecesse. Mas a imagem dela permanecia na sua mente. Roark observava seus próprios pensamentos com curiosidade. Era estranho estar consciente da existência de outra pessoa, senti-la como uma necessidade íntima e urgente, uma necessidade sem definição, nem agradável nem dolorosa, apenas definitiva, como um ultimato. Era importante saber que ela existia no mundo. Era importante pensar nela, em como ela acordara naquela manhã, em como ela se mexia, com seu corpo que ainda era dele, que agora era dele para sempre, pensar no que ela estaria pensando.

Naquela noite, ao jantar na cozinha envolvida em fuligem, ele abriu um jornal e viu o nome de Roger Enright numa coluna de fofocas. Leu o parágrafo curto:

“Parece que estamos diante de outro grande projeto a caminho da lata de lixo. Roger Enright, o rei do petróleo, dá a impressão de estar empacado desta vez. Ele terá que colocar de lado seu mais recente sonho impossível, o de construir a Residência Enright. Problemas com arquitetos, foi o que nos disseram. Aparentemente, meia dúzia de grandes construtores, todos eles de primeira linha, foram dispensados pelo Sr. Enright, um homem impossível de contentar.”

Roark sentiu o aperto contra o qual tentara lutar tão frequentemente para não deixar que o magoasse tanto: o aperto da impotência diante da visão do que ele poderia fazer, do que deveria ter sido possível e estava fechado para ele. Então, sem razão, pensou em Dominique Francon. Ela não tinha nenhuma relação com o que se passava em sua mente. Ele ficou chocado só por saber que ela podia permanecer presente até mesmo em meio a esses pensamentos.

Uma semana se passou. Certa noite, ele encontrou uma carta esperando por ele em casa. Havia sido reenviada de seu antigo escritório para seu último endereço em Nova York, de lá para Mike e de Mike para Connecticut. O endereço de uma companhia petrolífera, impresso em alto-relevo no envelope, não significava nada para ele. Abriu a carta e leu:

“Caro Sr. Roark,

Estou tentando há algum tempo entrar em contato com você, mas fui incapaz de localizá-lo. Por favor, comunique-se comigo assim que possível. Eu gostaria de conversar com você sobre meus planos para a Residência Enright, se você for o homem que construiu a Loja Fargo.

Atenciosamente,
Roger Enright”

Meia hora depois, Roark estava em um trem. Quando o trem começou a se mover, ele se lembrou de Dominique e de que a estava deixando para trás. O pensamento pareceu distante e sem importância. Ele ficou perplexo apenas por saber que ainda pensava nela, até mesmo agora.



Ela podia aceitar, pensou Dominique, e chegar a esquecer, com o tempo, tudo o que havia lhe acontecido, exceto uma lembrança: a de que ela encontrara prazer no que acontecera, que Roark sabia disso e, mais, que ele soubera disso antes de vir até ela, e que ele não teria vindo se não soubesse. Ela não lhe dera a única resposta que a teria salvado: uma resposta de simples repugnância – encontrara alegria na repugnância que sentiu, no terror e na força dele. Essa era a degradação que ela desejara, e ela o odiava por isso.

Encontrou uma carta, certa manhã, esperando por ela sobre a mesa do café da manhã. Era de Alvah Scarret. “Quando vai voltar, Dominique? Não tenho palavras para descrever quanto sentimos a sua falta aqui. Você não é uma pessoa cômoda para se ter por perto, na verdade eu tenho medo de você, mas vou aproveitar para inflar ainda mais o seu ego já inflado, a distância, e confessar que estamos todos esperando por você impacientemente. Será como o retorno de uma imperatriz.”

Ela sorriu ao ler. Pensou: *Se eles soubessem... aquelas pessoas... aquela velha vida e o respeito e a admiração por ela... Eu fui estuprada... Fui estuprada por um valentão ruivo de uma pedreira... Eu, Dominique Francon...* Através da sensação aguda de humilhação, as palavras davam-lhe o mesmo tipo de prazer que ela sentira nos braços dele.

Pensava nisso quando caminhava pelo campo, quando passava pelas pessoas na estrada e elas se curvavam para ela, a senhora da cidade. Queria gritar a verdade para que todos ouvissem.

Ela não tomou consciência dos dias que passaram. Sentia-se satisfeita com um estranho distanciamento, sozinha com as palavras que repetia para si mesma. Então, certa manhã, em pé no gramado de seu jardim, entendeu que uma semana passara e que ela já não o via há todo esse tempo. Virou-se e atravessou o gramado rapidamente em direção à estrada. Ia à pedreira.

Caminhou os quilômetros até a pedreira, seguindo a estrada, sem chapéu sob o sol. Não tinha pressa. Não era necessário se apressar. Era inevitável. Vê-lo outra vez... Ela não tinha nenhum propósito. A necessidade era grande demais para definir um propósito... Depois... Havia outras coisas, medonhas, coisas importantes atrás dela, e surgindo vagamente em sua mente, mas primeiro, acima de tudo, só uma coisa: vê-lo outra vez...

Chegou à pedreira e olhou ao redor vagorosamente, com cuidado e de um jeito estúpido. Isso porque a enormidade do que viu não entrava em seu cérebro: notou de imediato que ele não estava lá. O trabalho transcorria intensamente, o sol estava a pino na hora mais movimentada do dia, não havia um único homem ocioso à vista, mas ele não estava entre eles. Ela ficou ali em pé, esperando, entorpecida, por muito tempo.

Então viu o capataz e fez um sinal para que se aproximasse.

– Boa tarde, Srta. Francon... Que dia maravilhoso, não é? Como se estivéssemos no meio do verão de novo, mas o outono não está longe. Isso mesmo, o outono está chegando. Veja só as folhas, Srta. Francon.

Ela perguntou:

– Vocês tinham um homem aqui... um homem com um cabelo cor de laranja muito vivo... Onde ele está?

– Ah, sim. Aquele. Ele foi embora.

– Foi embora?

– Pediu demissão. Foi embora para Nova York, acho. E foi bem de repente.

– Quando? Há uma semana?

– Ora, não. Foi ontem.

– Quem...

Ela interrompeu-se. Ia perguntar: “Quem era ele?” Em vez disso, perguntou:

– Quem estava trabalhando aqui tão tarde, ontem à noite? Ouvi explosões.

– Aquilo era uma encomenda especial para o prédio do Sr. Francon. O Edifício Cosmo-Slotnick, sabe? Um trabalho de urgência.

– Sim... Entendo...

– Sinto muito que a tenha incomodado, Srta. Francon.

– Ah, não foi nada...

Afastou-se. Não ia perguntar o nome dele. Era a sua última chance de liberdade.

Andou depressa, com facilidade, sentindo um alívio repentino. Perguntou-se por que nunca notara que não sabia o nome dele, e por que não lhe perguntara. Talvez porque ela soubesse tudo o que tinha de saber sobre ele com aquele primeiro olhar. Pensou que não se podia encontrar um trabalhador sem nome na cidade de Nova York. Ela estava segura. Se soubesse o nome dele, estaria a caminho de Nova York nesse instante.

O futuro era simples. Ela não tinha nada a fazer, a não ser nunca perguntar o nome dele. Sua sentença estava temporariamente suspensa. Ela tinha uma chance de lutar. Ela venceria isso – ou isso a derrotaria. Se a derrotasse, ela perguntaria o nome dele.

QUANDO PETER KEATING ENTROU NO ESCRITÓRIO, o som da porta se abrindo foi como o sopro alto de uma trombeta. A porta escancarou-se como que aberta por si mesma, à aproximação de um homem diante do qual todas as portas se abririam dessa maneira.

Seu dia no escritório começava com os jornais. Estavam em uma pilha bem arrumada por sua secretária, esperando por ele sobre sua escrivaninha. Ele gostava de ver que novos comentários haviam sido publicados sobre o progresso do Edifício Cosmo-Slotnick ou sobre a Francon & Keating.

Não havia nenhum comentário nos jornais dessa manhã, e Keating franziu as sobrancelhas. Viu, entretanto, uma reportagem sobre Ellsworth M. Toohey, uma história surpreendente. Thomas L. Foster, um filantropo ilustre, morrera e deixara, entre outros bens maiores, a modesta soma de cem mil dólares para Ellsworth M. Toohey, “meu amigo e guia espiritual, como reconhecimento de sua mente virtuosa e de verdadeira devoção à humanidade”. Toohey aceitara a herança e a transferira, intacta, à Oficina de Estudos Sociais, um instituto progressista de aprendizado no qual detinha o cargo de professor de Arte como Sintoma Social. Ele dera uma explicação simples, dizendo que não acreditava “na instituição da herança privada”. Recusara-se a fazer qualquer outro comentário.

– Não, meus amigos – dissera ele –, sobre isso, não. – E acrescentara, com seu jeito encantador de destruir a seriedade de seu próprio momento: – Gosto de me dar ao luxo de comentar apenas assuntos interessantes. Não considero a mim mesmo um deles.



Peter Keating leu a reportagem. E, porque sabia que era uma atitude que ele jamais teria tomado, admirou-a tremendamente.

Então pensou, com uma pontada familiar de irritação, que ainda não conseguira conhecer Ellsworth Toohey pessoalmente. Toohey partira em uma turnê de palestras logo após a premiação da competição Cosmo-Slotnick, e as reuniões brilhantes em que Keating havia estado desde então tornaram-se vazias pela ausência do homem que ele estivera mais ansioso por conhecer. Nenhuma referência ao nome de Keating tinha aparecido na coluna de Toohey. Keating dirigiu sua atenção, esperançoso, como fazia todas as manhãs, a “Uma pequena voz”, no *Banner*. Mas hoje essa coluna aparecia com o subtítulo “Canções e coisas” e dedicava-se a promover a superioridade das canções folclóricas sobre qualquer outra forma de arte musical, e do canto coral sobre qualquer outra forma de execução musical.

Keating largou o *Banner*. Levantou-se e ficou andando ansiosamente de um lado a outro da sala, porque tinha que se ocupar agora de um problema perturbador. Já o vinha adiando havia várias manhãs. Era a questão da escolha de um escultor para o Edifício Cosmo-Slotnick Meses atrás, o contrato da estátua gigante da “Indústria”, que ficaria no saguão principal do prédio, fora concedido – em caráter experimental – a Steven Mallory. A escolha deixara Keating atônito, mas, como fora feita pelo Sr. Slotnick, ele a havia aprovado. Peter entrevistara Mallory e dissera:

– ... em reconhecimento por sua habilidade fora do comum... é claro que você não tem nenhuma fama, mas terá depois de realizar um projeto como este... não é todo dia que aparecem projetos como este meu prédio.

Ele não tinha gostado de Mallory. Os olhos daquele homem eram como buracos negros deixados depois de um incêndio que não fora totalmente extinto, e Mallory não sorria sequer uma vez. Ele tinha 24 anos, fizera uma exposição de suas obras, mas não tivera muitas encomendas. Seu trabalho era estranho e violento demais. Keating lembrava-se do que Ellsworth Toohey dissera uma vez, havia muito tempo, em “Uma pequena voz”: “As figuras humanas do Sr. Mallory seriam excelentes se não fosse pela hipótese de que Deus criou o mundo e a forma humana. Se tal trabalho houvesse sido confiado ao Sr. Mallory, ele poderia, talvez, tê-lo executado melhor do que o Todo-Poderoso, a julgar pela forma dos corpos humanos esculpidos por ele na pedra. Ou será que não?”

Keating ficara perplexo com a escolha do Sr. Slotnick, até ficar sabendo que Dimples Williams havia morado no mesmo prédio que Steven Mallory, em Greenwich Village, e o Sr. Slotnick não podia recusar nada a ela no momento. Mallory fora contratado, trabalhara e entregara um modelo de sua estátua da “Indústria”. Quando a viu, Keating soube que a peça pareceria um corte profundo e aberto, como uma mancha de fogo em meio à elegância ordenada de seu saguão. Era o corpo nu e esguio de um homem que dava a impressão de que poderia penetrar o casco de aço de um navio de guerra e qualquer tipo de barreira. Apresentava-se como um desafio. Deixava uma impressão estranha nos olhos de quem a via. Fazia com que as pessoas ao seu redor parecessem menores e mais tristes do que o normal. Pela primeira vez em sua vida, olhando para aquela estátua, Keating pensou que compreendia o que significava a palavra “heroico”.

Ele não dissera nada. Porém o modelo foi enviado ao Sr. Slotnick e muitas pessoas disseram, indignadas, o mesmo que Keating havia sentido. O Sr. Slotnick pediu-lhe que selecionasse outro escultor e deixou a escolha em suas mãos.

Keating deixou-se cair em uma poltrona, recostou-se e estalou a língua contra o céu da boca. Perguntava-se se deveria dar o projeto a Bronson, o escultor que era amigo da Sra. Shupe, esposa do presidente da Cosmo, ou a Palmer, que fora recomendado pelo Sr. Huseby, que planejava construir uma nova fábrica de

cosméticos, no valor de cinco milhões de dólares. Keating descobriu que gostava desse processo de hesitação. Ele tinha o controle sobre o futuro de dois homens e de muitos outros em potencial; controlava seus futuros, seu trabalho, suas esperanças, talvez até a quantidade de comida em seus estômagos. Podia escolher como bem quisesse, por qualquer razão, ou sem nenhuma razão. Podia escolher no cara ou coroa, ou contando os botões de seu colete. Ele era um grande homem – graças àqueles que dependiam dele.

Foi então que notou o envelope.

Estava no alto de uma pilha de cartas em sua escrivaninha. Era um envelope simples, fino e estreito, mas apresentava o logotipo pequeno do *Banner* em um dos cantos. Pegou-o rapidamente. Não continha nenhuma carta, apenas uma tira com provas do *Banner* do dia seguinte. Viu o título familiar “Uma pequena voz”, por Ellsworth M. Toohey, e, abaixo dele, uma só palavra como subtítulo, em letras grandes e espaçadas, uma única palavra, ostensiva por ser única, uma saudação por meio da omissão:

“K E A T I N G”

Ele largou a tira de papel, pegou-a novamente e leu, passando por cima de grandes partes de frases não compreendidas, o papel tremendo em sua mão, a pele de sua testa esticando-se em manchas cor-de-rosa enrijecidas. Toohey escrevera:

A grandeza é um exagero e, como todos os exageros de dimensão, traz imediatamente a necessária consequência do vazio. Faz com que pensemos em um balão de festa inflado, não é mesmo? Entretanto, há ocasiões em que somos forçados a reconhecer a promessa de uma aproximação – brilhantemente próxima – do que designamos vagamente com o termo grandeza. Tal promessa está surgindo em nosso horizonte arquitetônico na pessoa de um mero rapaz chamado Peter Keating.

Ouvimos falar muito – e com justiça – sobre o esplêndido Edifício Cosmo-Slotnick que ele projetou. Vamos dar uma olhada, pelo menos uma vez, além do edifício, no homem cuja personalidade está gravada nele.

Não há nenhuma personalidade gravada naquele prédio – e é nisso, meus amigos, que está a grandeza da personalidade. É a grandeza de um jovem espírito abnegado que assimila todas as coisas e as devolve ao mundo de onde vieram, enriquecidas pelo esplendor sereno de seu próprio talento. Dessa forma, um único homem passa a representar não uma aberração solitária, mas sim a multidão de todos os homens juntos, e passa a personificar o alcance de todas as aspirações em sua própria...

... Aqueles que possuem o dom do discernimento serão capazes de ouvir a mensagem que Peter Keating dirige a nós, na forma do Edifício Cosmo-

Slotnick, serão capazes de ver que os três andares térreos, compactos e simples, são a massa sólida de nossas classes trabalhadoras, que sustentam toda a sociedade; que as fileiras de janelas idênticas oferecendo suas vidraças ao sol são a alma do povo comum, daquelas inúmeras pessoas anônimas e semelhantes na uniformidade da irmandade, buscando a luz; que as pilastras graciosas que se erguem de sua base firme nos andares térreos e explodem na efervescência alegre de seus capitéis coríntios são as flores da cultura, que brotam apenas quando estão enraizadas no solo rico das grandes massas...

... Em resposta àqueles que consideram todos os críticos demônios dedicados unicamente à destruição do talento sensível, esta coluna deseja agradecer a Peter Keating por nos proporcionar a oportunidade rara – oh, tão rara! – de provar nosso deleite em nossa verdadeira missão, que é descobrir jovens talentos – quando eles existem para serem descobertos. E se, por acaso, Peter Keating chegar a ler estas linhas, não esperamos dele nenhuma gratidão. A gratidão é nossa.

Foi só quando Keating começou a ler o artigo pela terceira vez que ele notou as poucas linhas, escritas a lápis vermelho no espaço ao lado do título:

Caro Peter Keating,

Dê uma passada em meu escritório um dia desses. Eu adoraria descobrir que aparência você tem.

E. M. T.

Ele largou a tira, que flutuou até cair sobre sua escrivadinha, e ficou olhando-a de cima, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos, em um tipo de torpor feliz. Então virou-se para seu desenho do Edifício Cosmo-Slotnick, pendurado em uma parede entre uma fotografia enorme do Partenon e uma do Louvre. Olhou para as pilastras de seu prédio. Nunca pensara nelas como a cultura florescendo a partir das grandes massas, mas decidiu que se poderia muito bem pensar isso, e todo o resto daquela coisa tão bonita.

Pegou o telefone, falou a uma voz alta e monótona que pertencia à secretária de Ellsworth Toohey e marcou uma visita a ele às 16h30 do dia seguinte.

Nas horas que se seguiram, seu trabalho diário adquiriu um novo prazer. Era como se sua atividade habitual houvesse sido só um mural plano e claro e agora tivesse se tornado um baixo-relevo majestoso, impulsionada e dotada de uma realidade tridimensional pelas palavras de Ellsworth Toohey.

Guy Francon descia de seu escritório de vez em quando, sem nenhum propósito perceptível. As cores mais discretas de suas camisas e meias combinavam com os cabelos grisalhos em suas têmporas. Ele ficava sorrindo

com benevolência, em silêncio. Keating passou voando por ele na sala de desenho e reconheceu sua presença, não parando, mas diminuindo o passo por tempo suficiente para pôr uma tira de jornal estalante entre as dobras do lenço lilás no bolso do paletó de Francon, dizendo:

– Leia quando tiver tempo, Guy.

Acrescentou, já no meio da sala ao lado:

– Quer almoçar comigo hoje, Guy? Espere por mim no Plaza.

Quando voltou do almoço, Keating foi parado por um jovem projetista que perguntou, com a voz alta e agitada:

– Diga lá, Sr. Keating, quem atirou em Ellsworth Toohey?

Keating conseguiu pronunciar, ofegante:

– Quem fez o quê?

– Atirou no Sr. Toohey.

– Quem?

– É isso que quero saber, quem.

– Atiraram... em Ellsworth Toohey?

– Foi o que eu vi no jornal de um cara, no restaurante. Não tive tempo de ir comprar o jornal.

– Ele foi... morto?

– É isso que eu não sei. Só vi que mencionavam um tiro.

– Se ele morreu, isso significa que não publicarão sua coluna amanhã?

– Não sei. Por que, Sr. Keating?

– Vá me comprar o jornal.

– Mas eu tenho que...

– Vá comprar o jornal, seu idiota!

A história estava lá, nos jornais da tarde. Um tiro fora disparado contra Ellsworth Toohey naquela manhã, quando ele saía de seu carro, em frente a uma estação de rádio onde ele ia fazer um discurso sobre “Os sem-voz e os indefesos”. O tiro não o atingira. Ellsworth Toohey permanecera calmo e racional o tempo todo. Seu comportamento fora teatral apenas pela total ausência de qualquer atitude teatral. Ele dissera:

– Não podemos deixar os ouvintes da rádio esperando.

E corraera para cima, para o microfone diante do qual, sem mencionar o incidente nem uma vez, proferiu um discurso de meia hora, de improviso, como sempre fazia. O agressor não disse nada quando foi preso.

Keating ficou fitando com olhos fixos – e com a garganta seca – o nome do agressor. Era Steven Mallory.

Somente o inexplicável assustava Keating, especialmente quando o inexplicável não se encontrava em fatos tangíveis, mas naquele sentimento de pavor sem motivo dentro dele. Não havia nada no ocorrido que lhe dissesse respeito diretamente, exceto seu desejo de que tivesse sido outra pessoa, qualquer

uma menos Steven Mallory, e também o fato de que ele não sabia por que deveria ter esse desejo.

Mallory permanecera em silêncio. Não dera nenhuma explicação para seu ato. A princípio, a suposição foi de que ele poderia ter sido instigado pelo desespero de ter perdido o contrato para o Edifício Cosmo-Slotnick, uma vez que se sabia que ele vivia em uma pobreza revoltante. Entretanto, sabia-se, sem sombra de dúvida, que Ellsworth Toohey não tivera qualquer ligação com sua perda. Ele nunca conversara com o Sr. Slotnick sobre Steven Mallory. Ele não vira a estátua da “Indústria”. Em certo momento, Mallory quebrou o silêncio para admitir que não conhecia Toohey, nunca o tinha visto pessoalmente antes e não conhecia nenhum dos amigos dele. Perguntaram-lhe: “Você acha que o Sr. Toohey foi de alguma forma responsável por você ter perdido aquele projeto?” Mallory respondeu: “Não.” “Então por quê?”

Ele não disse nada.

Toohey não havia reconhecido seu agressor quando o viu capturado pelos policiais, na calçada diante da estação de rádio. Ele só soube o nome do agressor depois da transmissão do programa. Então, ao sair do estúdio e deparar com uma antessala repleta de jornalistas à sua espera, Toohey disse:

– Não, é claro que não vou prestar nenhuma queixa. Eu gostaria que o libertassem. A propósito, quem é ele?

Quando ele ouviu o nome, seu olhar permaneceu fixo em algum ponto entre o ombro de um homem e a aba do chapéu de outro. Então Toohey – que havia permanecido calmo enquanto uma bala passava a dois centímetros de seu rosto e atingia o vidro da porta de entrada na parte de baixo – fez uma pergunta que pareceu cair aos seus pés, carregada de medo:

– Por quê?

Ninguém sabia responder. Em seguida, ele deu de ombros, sorriu e disse:

– Se foi uma tentativa de conseguir publicidade de graça... bem, que gosto abominável!

No entanto, ninguém acreditou nessa explicação, porque todos sentiam que Toohey também não acreditava nela. Em todas as entrevistas posteriores, ele respondeu às perguntas descontraído. Disse:

– Nunca me considere importante o suficiente para justificar uma tentativa de assassinato. Seria a maior homenagem que alguém poderia esperar, se não fosse tão ao estilo de uma opereta.

Ele conseguiu transmitir a impressão charmosa de que não acontecera nada importante, porque nada importante jamais acontecia na Terra.

Mallory foi encaminhado à prisão para esperar seu julgamento. Todos os esforços de interrogá-lo falharam.

O pensamento que manteve Keating acordado e inquieto durante muitas horas, naquela noite, foi a certeza infundada de que Toohey se sentia exatamente como

ele. *Ele sabe*, pensou Keating, *e eu sei, que há* – no motivo de Steven Mallory – um perigo maior do que em sua tentativa homicida. Mas nunca saberemos qual foi seu motivo. Ou será que saberemos? E então ele tocou no núcleo do medo: o desejo súbito de poder ser poupado, nos anos por vir, até o fim de sua vida, de conhecer esse motivo.



A secretária de Ellsworth Toohey levantou-se sem pressa quando Keating entrou, e abriu para ele a porta da sala de seu chefe.

Keating já passara da fase de se sentir ansioso diante da perspectiva de conhecer um homem famoso, mas sentiu enorme ansiedade quando viu a porta se abrindo por trás da mão dela. Ele se indagou qual seria, de fato, a aparência de Toohey. Lembrava-se da voz imponente que ouvira no saguão da reunião dos grevistas e imaginava um homem gigantesco, com uma rica cabeleira, talvez começando a ficar grisalha, com feições marcantes e largas de uma benevolência indescritível, algo vagamente parecido com a fisionomia de Deus, o Pai.

– Sr. Peter Keating, Sr. Toohey – anunciou a secretária e fechou a porta atrás dele.

Ao olhar pela primeira vez para Ellsworth Monkton Toohey, sentia-se o desejo de oferecer-lhe um casaco pesado e bem acolchoado, tão delicado e desprotegido parecia seu pequeno corpo, como o corpo de um pintinho acabando de sair do ovo, com toda a fragilidade triste de ossos não endurecidos. Ao segundo olhar, sentia-se o desejo de se certificar de que o casaco fosse de muito boa qualidade, tão requintadas eram as roupas que cobriam aquele corpo. As linhas do terno escuro seguiam nitidamente a forma dentro dele, sem se desculpar por nada: afundavam na concavidade do peito estreito, escorregavam do pescoço comprido e magro pela inclinação acentuada dos ombros. Uma testa grande dominava o corpo. O rosto em forma de cunha começava com têmporas largas e acabava em um queixo pequeno e pontudo. O cabelo era preto, cheio de brilhantina e dividido em duas metades iguais por uma fina risca branca. Isso fazia seu crânio parecer compacto e elegante, mas dava demasiada ênfase às orelhas, que se destacavam em uma nudez solitária, como as alças de uma tigela de sopa. O nariz era longo e fino, prolongado por um bigode preto e ralo. Os olhos eram escuros e surpreendentes. Continham tamanha riqueza de intelecto e de alegria cintilante que seus óculos pareciam ser usados não para proteger os olhos, mas para proteger outros homens de seu brilho excessivo.

– Olá, Peter Keating – cumprimentou Toohey com sua voz instigante e mágica. – O que você acha do templo de Nike Apterós?

– Muito prazer, Sr. Toohey – respondeu Keating, fazendo uma pausa, pasmo. –

O que eu acho... do quê?

– Sente-se, meu amigo. Do templo de Nike Apteros.

– Bem... Bem... eu...

– Tenho certeza de que você não pode ter deixado de notar aquela pequena joia. O Partenon usurpou o reconhecimento que... E não é isso o que geralmente acontece? O maior e mais forte se apropria de toda a glória, enquanto a beleza do que não se destaca não é elogiada... o reconhecimento que deveria ter sido concedido àquela pequena e magnífica criação do grande espírito livre da Grécia. Você reparou, com certeza, no equilíbrio delicado de sua massa, na perfeição suprema de suas modestas proporções... Ah, sim, você sabe, o supremo no modesto... na habilidade delicada do detalhe?

– Sim, claro – murmurou Keating –, esse sempre foi o meu favorito, o templo de Nike Apteros.

– É mesmo? – indagou Toohey, com um sorriso que Keating não conseguiu classificar. – Eu tinha certeza disso. Estava certo de que você diria isso. Você tem um rosto muito bonito, Peter Keating, quando não fica olhando assim, fixamente, o que, na verdade, é bastante desnecessário.

E, de repente, Toohey estava rindo, rindo de uma forma bastante óbvia, bastante ofensiva, de Keating e de si mesmo. Era como se ele estivesse ressaltando a falsidade da conduta de ambos. Keating ficou chocado por um instante e então percebeu que estava rindo facilmente em resposta, como se estivesse à vontade com um amigo de longa data.

– Assim é melhor – comentou Toohey. – Você não acha aconselhável não se falar muito seriamente em um momento importante? E este pode ser um momento muito importante, quem sabe?, para nós dois. E, claro, eu sabia que você estaria com um pouco de medo de mim e, oh, eu admito, eu estava com bastante medo de você, então não é muito melhor assim?

– Ah, sim, Sr. Toohey – respondeu Keating, feliz.

Sua habitual segurança na presença de outras pessoas havia desaparecido. Entretanto, Peter se sentia à vontade, como se toda a responsabilidade houvesse sido tirada dele e ele não tivesse que se preocupar em dizer as coisas certas, porque estava sendo conduzido gentilmente a dizê-las, sem ter de fazer nenhum esforço.

– Eu sempre soube que seria um momento importante quando eu o conhecesse, Sr. Toohey. Sempre. Há anos.

– É mesmo? – perguntou Toohey, os olhos atentos por trás de seus óculos – Por quê?

– Porque sempre tive a esperança de que eu o agradaria, que o senhor me aprovaria... aprovaria o meu trabalho... quando a hora chegasse... ora, eu até...

– Sim?

– ... eu até pensei, muitas vezes, quando estava desenhando: “Será que este é o

tipo de prédio que Ellsworth Toohey diria que é bom?” Eu tentava ver as coisas dessa forma, através dos seus olhos... Eu... Eu... – Toohey ouvia atentamente. – Eu sempre quis conhecê-lo porque o senhor é um pensador tão profundo e um homem de tamanha distinção cultur...

– Ouça – interrompeu Toohey, em tom gentil mas um pouco impaciente. Seu interesse desaparecera com aquela última frase. – Nada disso. Não quero ser indelicado, mas vamos dispensar esse tipo de coisa, está bem? Por mais estranho que isso possa parecer, eu realmente não gosto de ouvir elogios pessoais.

Eram os olhos de Toohey, pensou Keating, que o deixavam à vontade. Havia uma compreensão tão grande neles, e uma bondade tão atraente – não! que palavra para se pensar –, uma bondade tão infinita. Era como se não se pudesse esconder nada dele, mas não era necessário esconder porque ele perdoaria qualquer coisa. Eram os olhos mais desprovidos de acusação que Keating jamais vira.

– Mas, Sr. Toohey – murmurou –, eu quis...

– Você queria me agradecer por meu artigo – disse Toohey e fez uma caretinha de alegre desesperança. – E cá estou eu, tentando com tanto esforço impedi-lo de fazer isso. Deixe-me escapar ileso, por favor. Não há razão para você me agradecer. Se por acaso você mereceu as coisas que eu disse, bem, então o crédito é seu, não meu. Não é?

– Mas eu fiquei tão feliz com o fato de o senhor pensar que eu sou...

– ... um grande arquiteto? Mas, com certeza, rapaz, você já sabia disso. Ou você não tinha certeza? Nunca teve certeza disso?

– Bem, eu...



Foi uma pausa de um único segundo. E pareceu a Keating que essa pausa era tudo o que Toohey queria ouvir dele. Toohey não esperou pelo resto, mas falou como se houvesse recebido uma resposta completa, e que o agradara.

– Quanto ao Edifício Cosmo-Slotnick, quem pode negar que é uma realização extraordinária? Sabe, eu fiquei extremamente intrigado com a planta do prédio. É uma planta muito engenhosa, brilhante. Muito incomum. Bastante diferente do que observei em seus trabalhos anteriores. Não é?

– Naturalmente – concordou Keating, sua voz clara e firme pela primeira vez –, o problema era diferente de qualquer coisa que eu havia feito antes, portanto elaborei aquela planta para atender às necessidades específicas do problema.

– Claro – concordou Toohey calmamente. – Um lindo trabalho. Você deveria se orgulhar dele.

Keating notou que os olhos de Toohey estavam centrados bem no meio das lentes, e estas estavam enfocadas diretamente em suas pupilas e, subitamente,

Keating soube que Toohey sabia que ele não havia desenhado a planta do Edifício Cosmo-Slotnick. Isso não o assustou. O que o assustou foi que ele viu aprovação nos olhos daquele homem.

– Se você deve sentir... não, gratidão não, gratidão é uma palavra tão constrangedora... mas, digamos, apreciação? – prosseguiu Toohey, e sua voz tornara-se mais baixa, como se Keating fosse um colega conspirador que saberia que as palavras usadas deveriam ser, a partir de agora, um código com um significado secreto. – Você poderia me agradecer por entender as implicações simbólicas do seu prédio e por expressá-las em palavras, assim como você as expressou em mármore. Uma vez que, claro, você não é apenas um simples pedreiro, mas um pensador que utiliza a pedra.

– Sim, esse era o meu tema abstrato quando projetei o edifício, as grandes massas e as flores da cultura. Sempre acreditei que a verdadeira cultura provém do homem comum. Mas eu não tinha nenhuma esperança de que alguém pudesse me entender.

Toohey sorriu. Seus lábios finos se abriram, mostrando os dentes. Ele não estava olhando para Keating, mas sim para sua própria mão, a mão longa, fina e sensível de um pianista de concertos, que mudava de lugar uma folhada partitura na estante. Então disse:

– Talvez sejamos irmãos em espírito, Keating. O espírito humano, é só isso que importa na vida – falou olhando não para o homem à sua frente, mas para além dele, as lentes erguidas flagrantemente para um ponto acima do rosto de Keating.

E Keating soube que Toohey sabia que ele nunca pensara em nenhum tema abstrato até ter lido aquele artigo, e mais: que Toohey aprovava outra vez. Quando as lentes direcionaram-se lentamente para o rosto de Keating, os olhos estavam doces de afeição, uma afeição muito fria e muito real. Keating teve a sensação de que as paredes da sala estavam se movendo suavemente ao encontro dele, empurrando-o para uma intimidade terrível, não com Toohey, mas com alguma culpa desconhecida. Ele queria levantar-se de um salto e sair correndo. Ficou sentado, imóvel, com a boca entreaberta.

Então, sem saber o que o impelia, Keating ouviu sua própria voz no silêncio:

– E eu queria dizer que fiquei muito feliz pelo senhor ter escapado da bala daquele maniaco, ontem, Sr. Toohey.

– Como? Ah, obrigado. Aquilo? Bem! Não deixe que o aborreça. Foi só uma das pequenas punições que uma pessoa recebe por causa da notoriedade da vida pública.

– Eu jamais gostei do Mallory. Uma pessoa estranha. É tenso demais. Não gosto de gente assim. Também jamais gostei do trabalho dele.

– É só um exibicionista. Não será grande coisa.

– Não foi ideia minha, claro, dar-lhe uma chance. Foi ideia do Sr. Slotnick. Influenciado por outros, o senhor sabe. Mas o Sr. Slotnick percebeu o que era

melhor, no final.

– Mallory alguma vez mencionou meu nome para você?

– Não. Nunca.

– Eu nem o conhecia, sabe? Nunca o tinha visto antes. Por que ele fez aquilo?

E então foi Toohey quem ficou sentado imóvel, diante do que via no rosto de Keating. Toohey, alerta e inseguro pela primeira vez. Era isso, pensou Keating, esse era o elo entre eles, e o elo era o medo, e mais, muito mais que isso, mas medo era o único nome reconhecível para dar àquilo. E ele soube, com uma certeza final e impensada, que gostava daquele homem mais do que de qualquer outro que conhecesse.

– Bem, você sabe como é – disse Keating, animado, esperando que o clichê que estava prestes a dizer concluísse o assunto. – Mallory é um incompetente e sabe disso, e ele decidiu atacá-lo por você ser um símbolo do grandioso e do capaz.

Porém, em vez de um sorriso, ele viu o disparo do olhar repentino de Toohey na sua direção. Não foi um olhar, foi um raio X, e ele pensou que podia senti-lo se arrastando, buscando dentro de seus ossos. Em seguida, o rosto de Toohey pareceu endurecer, compondo-se novamente, e Keating percebeu que o homem havia encontrado alívio em algum lugar, em seus ossos ou em seu rosto boquiaberto e confuso, e que algum tipo de ignorância imensa e oculta dentro dele dera segurança e conforto a Toohey. Este disse lenta, estranha e zombeteiramente:

– Você e eu seremos grandes amigos, Peter.

Keating deixou passar um instante antes de se recuperar e responder rapidamente:

– Oh, espero que sim, Sr. Toohey!

– Vamos, Peter! Eu não sou tão velho assim, sou? “Ellsworth” é o monumento ao gosto peculiar de meus pais em matéria de nomes.

– Sim... Ellsworth.

– Assim é melhor. Realmente não me importo com o nome, se comparado a algumas coisas de que fui chamado em particular... e em público... nesses anos todos. Ora, bem, é lisonjeiro. Quando alguém faz inimigos, sabe que é perigoso onde é necessário ser perigoso. Há coisas que devem ser destruídas, ou elas nos destruirão. Nós nos veremos muito, Peter.

A voz estava suave e segura agora, com o estabelecimento de uma decisão testada e atingida, com a certeza de que nunca mais haveria qualquer coisa em Keating que fosse um ponto de interrogação para ele.

– Por exemplo, tenho pensado, há algum tempo, em reunir alguns jovens arquitetos... conheço tantos... só uma organização pequena e informal, para trocar ideias, sabe, a fim de desenvolver um espírito de cooperação, seguir uma linha comum de ação para o bem comum da profissão, caso surja necessidade.

Nada enfadonho como a AAA. Apenas um grupo de jovens. Você estaria interessado?

– Ora, é claro! E você seria o presidente?

– Deus do céu, não. Eu nunca sou presidente de nada, Peter. Não gosto de títulos. Não, na verdade eu pensei que você seria o presidente certo para nós. Não consigo pensar em ninguém melhor.

– Eu?!

– Você, Peter. Bem, é só um projeto, nada definitivo, só uma ideia com a qual tenho brincado, de vez em quando. Conversaremos sobre isso em alguma outra ocasião. Há algo que eu gostaria que você fizesse... e é realmente uma das razões por que eu queria conhecê-lo.

– Ah, claro, Sr. Too... claro, Ellsworth. Qualquer coisa que eu possa fazer por você...

– Não é por mim. Conhece Lois Cook?

– Lois... quê?

– Cook Não conhece, mas vai conhecer. Essa jovem é o maior gênio literário desde Goethe. Você tem que ler o que ela escreve, Peter. Não costumo sugerir isso, exceto aos que têm discernimento. Ela está tão acima das mentes da classe média que amam o óbvio. Está planejando construir uma casa. Uma pequena residência privada no Bowery. Isso mesmo, no Bowery. Típico da Lois. Ela me pediu que lhe recomendasse um arquiteto. Tenho certeza de que é preciso uma pessoa como você para entender uma pessoa como Lois. Vou dar a ela o seu nome, se você estiver interessado no que deve ser uma residência pequena, embora bastante cara.

– Mas é claro que sim! É... muito gentil de sua parte, Ellsworth! Sabe, eu achei, quando você disse... e quando li o seu bilhete, que você queria... bem, algum favor de mim, sabe, uma mão lava a outra, e aqui está você...

– Meu caro Peter, como você é ingênuo!

– Oh, acho que eu não deveria ter dito isso! Desculpe. Eu não quis ofendê-lo, eu...

– Eu não me importo. Você deve aprender a me conhecer melhor. Por mais estranho que pareça, um interesse em nossos semelhantes totalmente destituído de egoísmo é algo possível neste mundo, Peter.

Então conversaram sobre Lois Cook e suas três obras publicadas.

– Romances? Não, Peter, não são bem romances... Não, também não são coletâneas de contos... É só isso, apenas Lois Cook, uma nova forma de literatura totalmente...

E conversaram sobre a fortuna que ela herdara de uma longa linhagem de comerciantes bem-sucedidos, e sobre a casa que planejava construir.

Foi somente quando Toohey se levantou para acompanhar Keating até a porta – e Keating notou de que forma precária ele se erguia sobre seus pés muito

pequenos – que Toohey fez uma pausa repentina para dizer:

– Por falar nisso, tenho a impressão de que eu deveria me lembrar de alguma conexão pessoal entre nós, mas, por tudo o que é mais sagrado, eu não consigo achar... Ah, sim, é claro. Minha sobrinha. A pequena Catherine.

Keating sentiu seu rosto ficar tenso e sabia que não deveria permitir que esse assunto fosse discutido, mas sorriu constringido em vez de protestar.

– Pelo que sei, você está noivo dela.

– Estou.

– Encantador – comentou Toohey. – Muito encantador. Acho que vou gostar de ser seu tio. Você a ama muito?

– Sim – respondeu Keating. – Muito.

A falta de ênfase em sua voz tornou a resposta solene. Era, exposto diante de Toohey, o primeiro fragmento de sinceridade e de importância dentro de Keating.

– Que lindo! – exclamou Toohey. – O amor jovem. Primavera, amanhecer, paraíso e chocolates de banca de jornal por 1,25 dólar a caixa. A prerrogativa dos deuses e dos filmes... Ah, eu aprovo, Peter. Acho que é adorável. Você não poderia ter feito uma escolha melhor do que Catherine. Ela é exatamente o tipo de pessoa para quem o mundo está totalmente perdido... o mundo com todos os seus problemas e todas as suas oportunidades de grandeza... ah, sim, totalmente perdido porque ela é inocente, doce, bonita e anêmica.

– Se você vai... – começou Keating, mas Toohey sorriu com um tipo luminoso de benevolência.

– Oh, Peter, é claro que eu compreendo. E aprovo. Eu sou realista. O homem sempre insistiu em se fazer de idiota. Ah, vamos, nunca devemos perder nosso senso de humor. Nada é realmente sagrado, exceto o senso de humor. Ainda assim, eu sempre adorei a história de Tristão e Isolda. É a história mais bonita que já foi contada – junto com a de Mickey e Minnie Mouse.

“...ESCOVA DE DENTES NA BOCA escova de dentes escova escova dente boca espuma cúpula na espuma cúpula romana venha para casa casa na boca Roma cúpula dente escova de dentes palito de dentes pivete soquete foguete...”

Peter Keating piscou os olhos, sua vista fora de foco, como se olhasse para longe, mas largou o livro, que era fino e preto, com letras vermelhas que diziam: *Muralhas e mortalhas*, de Lois Cook. A sobrecapa classificara os textos como um registro das viagens da Srta. Cook ao redor do mundo.

Keating inclinou-se para trás com uma sensação de calor e bem-estar. Gostava desse livro, que transformara a rotina de seu café da manhã de domingo em uma profunda experiência espiritual. Peter tinha certeza de que era profunda, porque não entendia nada.

Ele nunca sentira necessidade de formular convicções abstratas. Porém tinha um substituto que funcionava. “Uma coisa não é alta se pudermos alcançá-la; não é grande se pudermos raciocinar sobre ela; não é profunda se pudermos ver seu fundo” – essa sempre fora sua crença, não declarada e não questionada. Isso o poupava de qualquer tentativa de alcançar, raciocinar ou ver, e lançava um reflexo agradável de desprezo naqueles que faziam a tentativa. Portanto, ele era capaz de apreciar o trabalho de Lois Cook. Sentia-se elevado pelo conhecimento de sua própria capacidade de reagir ao abstrato, ao profundo, ao ideal. Toohey dissera:

– É só isso, o som como som, a poesia das palavras como palavras, o estilo como uma revolta contra o estilo. Mas só o espírito mais sofisticado pode apreciá-la, Peter.

Keating pensou que podia conversar sobre esse livro com seus amigos, e, se eles não entendessem, saberia que era superior a eles. Não precisaria explicar essa superioridade – é só isso, “superioridade como superioridade” – automaticamente negada àqueles que pedissem explicações. Ele adorava o livro.

Esticou o braço para pegar outra torrada. Viu, do outro lado da mesa, deixada ali para ele por sua mãe, a pilha pesada do jornal de domingo. Pegou-a, sentindo-se forte o suficiente nesse momento, confiante em sua secreta grandeza espiritual, para enfrentar o mundo inteiro contido naquela pilha. Retirou dela a seção ilustrada. Parou. Viu a reprodução de um desenho: a Residência Enright, de Howard Roark.

Não precisava ver o subtítulo nem a assinatura brusca no canto do esboço. Sabia que ninguém mais concebera aquela casa. Conhecia o estilo do desenho, sereno e violento ao mesmo tempo, as linhas a lápis como fios de alta-tensão sobre o papel, finas e inocentes ao olhar, mas não ao toque. Era uma estrutura em um espaço amplo à beira do East River. Ele não a entendeu como um prédio, à primeira vista, mas como uma massa de cristal de rocha em ascensão. Havia a

mesma ordem severa, matemática, sustentando um crescimento livre e fantástico; linhas e ângulos retos, o espaço recortado com uma faca, entretanto com uma harmonia de formação tão delicada quanto o trabalho de um joalheiro; uma variedade incrível de formas, cada unidade distinta e jamais repetida, porém levando inevitavelmente à próxima unidade e ao todo, de forma que os futuros habitantes teriam não uma jaula quadrada dentro de uma pilha quadrada de jaulas, mas uma única casa para cada um, unida às outras como um cristal à rocha.

Keating olhou para o esboço. Ele sabia havia muito tempo que Howard Roark fora escolhido para construir a Residência Enright. Vira umas poucas referências ao nome dele nos jornais. Não falavam muito, tudo o que diziam podia ser resumido assim: “um arquiteto jovem, escolhido pelo Sr. Enright por alguma razão, provavelmente um jovem arquiteto interessante”. O subtítulo sob o desenho anunciava que a construção do projeto deveria começar imediatamente. Bem, pensou Keating, largando o jornal, e daí? O jornal caiu ao lado do livro preto e vermelho. Ele olhou para os dois. Sentiu vagamente que Lois Cook era sua defesa contra Howard Roark.

– O que é isso, Petey? – perguntou a voz de sua mãe por trás dele.

Ele lhe passou o jornal por cima dos ombros. O jornal passou voando por ele, atirado de volta à mesa, um segundo depois.

– Ah! – A Sra. Keating deu de ombros. – Hã...

Ela ficou em pé ao lado dele. Seu vestido de seda alinhado estava muito apertado, revelando a rigidez sólida de seu espartilho. Um pequeno broche brilhava sobre sua garganta, pequeno o suficiente para exibir com ostentação que era feito de diamantes verdadeiros. Ela era como o apartamento novo para o qual eles haviam se mudado: visivelmente cara. A decoração da propriedade fora o primeiro trabalho profissional que Keating fez para si mesmo. Ele o mobiliou com móveis novos e recentes, ao estilo de meados da era vitoriana. Era conservador e imponente. Sobre a lareira da sala de visitas via-se uma pintura grande e antiga do que parecia ser um ilustre ancestral, mas não era.

– Petey querido, detesto apressá-lo em uma manhã de domingo, mas não está na hora de você se arrumar? Tenho que sair correndo agora, e odiaria que você se esquecesse da hora e se atrasasse. Foi tão gentil do Sr. Toohey convidá-lo para ir à casa dele!

– Sim, mãe.

– Vai aparecer algum convidado famoso?

– Não. Nenhum convidado. Mas vai haver outra pessoa lá. Não é famosa.

Ela olhou para ele, na expectativa. Ele acrescentou:

– Katie vai estar lá.

O nome não pareceu ter nenhum efeito sobre ela. Uma estranha segurança a envolvia recentemente, como uma camada de gordura através da qual aquela

questão em particular não conseguia mais penetrar.

– É só um chá em família – enfatizou ele. – Foi isso que ele disse.

– Muito gentil da parte dele. Tenho certeza de que o Sr. Toohey é um homem muito inteligente.

– Sim, mãe.

Ele se levantou, impaciente, e foi para o seu quarto.



Era a primeira visita de Keating ao distinto hotel residencial para o qual Catherine e seu tio haviam se mudado recentemente. Ele não reparou muito no apartamento, além de recordar depois que era simples, muito limpo, habilmente modesto, que continha um grande número de livros e muito poucos quadros, porém estes eram autênticos e preciosos. Ninguém jamais se lembrava do apartamento de Toohey, apenas de seu anfitrião, que, nessa tarde de domingo, vestia um terno cinza-escuro, adequado como um uniforme, e chinelos de verniz de couro preto, adornados de vermelho. Os chinelos zombavam da elegância severa do terno, mas, ao mesmo tempo, completavam a elegância como um audacioso anticlímax. Ele estava sentado em uma poltrona grande e baixa e seu rosto apresentava uma expressão de bondade cautelosa, tão cautelosa que Keating e Catherine sentiam-se às vezes como se fossem bolhas de sabão insignificantes.

Keating não gostou do jeito como ela estava sentada, na beirada de uma cadeira, encurvada, as pernas juntas de forma desajeitada. Ele gostaria que ela não usasse a mesma roupa pela terceira temporada, mas ela a estava usando. Catherine mantinha os olhos fixos em um ponto no meio do carpete. Raramente olhava para Keating. Nunca olhava para seu tio. Keating não via nenhum vestígio daquela admiração alegre com que ela sempre falara de Toohey e que ele esperava vê-la demonstrar em sua presença. Havia algo pesado e sem cor em Catherine, e ela parecia muito cansada.

O criado de Toohey trouxe a bandeja de chá.

– Você poderia servir, por favor, minha querida? – pediu Toohey a Catherine.

– Ah, não há nada como um chá à tarde! Quando o Império Britânico cair, os historiadores descobrirão que ele fez apenas duas contribuições inestimáveis à civilização: este ritual do chá e os romances policiais. Catherine, querida, você tem que segurar a alça do bule como se fosse uma machadinha de cortar carne? Mas tudo bem, é encantador, é na verdade por isso que nós amamos você, Peter e eu. Nós não a amaríamos se você fosse graciosa como uma duquesa. Quem quer uma duquesa, hoje em dia?

Catherine serviu o chá e derramou-o no tampo de vidro da mesa, algo que nunca tinha feito antes.

– Eu realmente queria ver vocês dois juntos, pelo menos uma vez – disse Toohey, segurando a xícara delicada de forma indiferente. – É uma perfeita tolice de minha parte, não é? Não há de fato nada que justifique fazer disto uma ocasião especial, mas eu sou bobo e sentimental às vezes, como todos nós. Parabéns por sua escolha, Catherine. Eu lhe devo um pedido de desculpas, nunca suspeitei que você tivesse tamanho bom gosto. Você e Peter formam um casal maravilhoso. Você fará muito por ele. Você vai preparar o mingau de aveia dele, lavar os lenços dele e parir os filhos dele, embora, claro, todas as crianças venham a ter sarampo em algum momento, o que é um estorvo.

– Mas, afinal de contas, você... você aprova? – perguntou Keating ansioso.

– Aprovo? Aprovo o quê, Peter?

– O nosso casamento... quando acontecer.

– Que pergunta desnecessária, Peter! É claro que aprovo. Mas como você é jovem! É assim que fazem os jovens, criam um problema onde não existe nenhum. Você fez essa pergunta como se a coisa toda fosse importante o suficiente para ser desaprovada.

– Katie e eu nos conhecemos há sete anos – comentou Keating, na defensiva.

– E foi amor à primeira vista, é claro!

– Foi – confirmou Keating e sentiu que estava sendo ridículo.

– Deve ter sido na primavera – palpitou Toohey. – Geralmente é. Há sempre um cinema escurinho e duas pessoas perdidas para o mundo, de mãos dadas. Mas as mãos transpiram quando ficam juntas por muito tempo, não é? Ainda assim, amar é lindo. É a história mais doce que já foi contada... e a mais trivial. Não vire para o outro lado assim, Catherine. Nunca devemos nos permitir perder nosso senso de humor.

Toohey sorriu. A bondade de seu sorriso abrangia os dois. Era uma bondade tão grande que fazia com que o amor deles parecesse insignificante e mesquinho, porque só algo desprezível poderia evocar uma compaixão tão imensa. Ele perguntou:

– A propósito, Peter, quando vocês pretendem se casar?

– Ah, bem... nós nunca marcamos uma data definitiva. Você sabe como tem sido, todas as coisas que aconteceram comigo, e agora Katie tem esse emprego dela... E, por falar nisso – acrescentou ele prontamente, porque o assunto do trabalho de Katie o irritava sem razão –, quando nos casarmos, Katie vai ter que largar esse emprego. Eu não o aprovo.

– Mas é claro – concordou Toohey. – Eu também não aprovo, se Catherine não gostar dele.

Catherine estava trabalhando como auxiliar diurna de enfermagem no Centro de Assistência Social de Clifford. Ela mesma tivera a ideia. Visitava o centro com frequência com seu tio, que dava aulas de economia lá, e ficara interessada no trabalho.

– Mas eu gosto! – disse ela, com súbita animação. – Não vejo por que você fica ressentido com o meu trabalho, Peter! – Havia um leve tom ríspido em sua voz, desafiador e desagradável. – Eu nunca gostei tanto de uma coisa em toda a minha vida. Ajudar as pessoas indefesas e infelizes. Fui lá hoje de manhã. Eu não tinha que ir, mas quis ir, e corri tanto para voltar para casa que acabei não tendo tempo de trocar de roupa, mas não importa. Quem liga para a minha aparência? E – o tom ríspido desapareceu, ela estava falando ansiosamente e muito depressa –, tio Ellsworth, imagine só! O pequeno Billy Hansen estava com dor de garganta... lembra-se do Billy? E a enfermeira não estava lá, então eu tive que passar Argyrol na garganta dele, coitadinho! Ele tinha umas placas brancas de pus horríveis na garganta!

A voz dela parecia brilhar, como se estivesse falando de algo de grande beleza. Olhou para seu tio. Pela primeira vez, Keating viu a afeição que havia esperado. Ela continuou falando sobre seu trabalho, sobre as crianças e o centro de assistência social. Toohey ouvia solenemente. Ele não dizia nada. Porém a atenção sincera em seus olhos o modificou, sua alegria zombeteira desapareceu e ele se esqueceu de seu próprio conselho. Estava sério, realmente muito sério. Quando notou que o prato de Catherine estava vazio, ofereceu-lhe a bandeja de sanduíches com um gesto simples e tornou-o, de certa forma, um gesto cortês de respeito.

Keating esperava, impaciente, que ela fizesse uma pausa por um instante. Ele queria mudar de assunto. Deu uma olhada ao redor da sala e viu os jornais de domingo. Essa era uma pergunta que ele queria fazer havia muito tempo. Perguntou, em tom cauteloso:

– Ellsworth... o que você acha do Roark?

– Roark? Roark? – perguntou Toohey. – Quem é Roark?

A maneira inocente e superficial demais com que ele repetiu o nome, com o ponto de interrogação leve e desdenhoso bastante audível no final, fez com que Keating tivesse certeza de que Toohey conhecia bem o nome. Uma pessoa não põe ênfase em sua ignorância total de um assunto se realmente tiver total ignorância dele. Keating disse:

– Howard Roark. Você sabe, o arquiteto. O que está fazendo a Residência Enright.

– Sim? Ah, sim, alguém está fazendo aquela Residência Enright finalmente, não está?

– Há uma foto dela no *Chronicle* de hoje.

– É mesmo? Eu dei uma olhada no *Chronicle*.

– E... o que você acha da casa?

– Se fosse importante, eu teria me lembrado dela.

– É claro! – As sílabas de Keating dançavam, como se sua respiração, ao passar, se enroscasse em cada uma delas. – É uma coisa horrorosa, maluca! Não

se parece com nada que você já viu, ou quer ver!

Ele teve uma sensação de libertação. Era como se tivesse passado toda a sua vida acreditando que tinha uma doença congênita e subitamente o maior especialista do mundo o tivesse declarado saudável. Queria rir, livremente, estupidamente, sem dignidade. Queria conversar.

– Howard é amigo meu – disse ele alegremente.

– Amigo seu? Você o conhece?

– Se eu o conheço? Ora, nós estudamos na mesma faculdade, Stanton, você sabe. Ele morou na nossa casa durante três anos. Eu posso lhe contar a cor das cuecas dele e como ele toma banho: eu vi!

– Ele morou na sua casa em Stanton? – repetiu Toohey, falando com cuidadosa precisão. Os sons da sua voz eram curtos, secos e definitivos, como os estalos de palitos de fósforo sendo quebrados.

Isso era muito peculiar, pensou Keating. Toohey estava lhe fazendo muitas perguntas sobre Howard Roark, mas elas não faziam sentido. Não eram sobre prédios, não tinham absolutamente nada a ver com arquitetura. Eram perguntas pessoais fora de propósito – e era estranho que ele se interessasse por um homem de quem nunca havia ouvido falar antes.

– Ele ri com frequência?

– Muito raramente.

– Ele parece infeliz?

– Nunca.

– Tinha muitos amigos em Stanton?

– Ele nunca teve nenhum amigo em lugar nenhum.

– Os rapazes não gostavam dele?

– Ninguém pode gostar dele.

– Por quê?

– Ele faz com que os outros sintam que seria uma impertinência gostar dele.

– Ele saía, bebia, se divertia?

– Nunca.

– Gosta de dinheiro?

– Não.

– Gosta de ser admirado?

– Não.

– Ele acredita em Deus?

– Não.

– Fala muito?

– Muito pouco.

– Ele ouve se os outros discutirem alguma... ideia com ele?

– Ouve. Seria melhor se não ouvisse.

– Por quê?

– Seria menos ofensivo. Sabe, quando um homem ouve dessa forma e você sabe que não fez a menor diferença para ele.

– Ele sempre quis ser arquiteto?

– Ele...

– Qual é o problema, Peter?

– Nada. Só me ocorreu como é estranho que eu nunca tenha me feito essa pergunta sobre ele antes. E o estranho é que você não pode perguntar isso sobre ele. Ele é um maníaco no que diz respeito à arquitetura. Parece significar tanto para Roark que ele perdeu toda a perspectiva humana. Ele simplesmente não tem um pingão de senso de humor – aí está um homem sem senso de humor, Ellsworth. Você não pergunta o que ele faria se não quisesse ser arquiteto.

– Não – disse Toohey. – Você pergunta o que ele faria se não pudesse ser arquiteto.

– Ele passaria por cima de cadáveres. Qualquer um e todos eles. Todos nós. Mas seria arquiteto.

Toohey dobrou seu guardanapo, um pequeno quadrado de pano viçoso sobre seus joelhos. Dobrou-o precisamente em quatro e passou a unhas pelas bordas para criar um vinco bem definido.

– Lembra-se do nosso grupinho de jovens arquitetos, Peter? – perguntou. – Estou tomando providências para que logo tenhamos a primeira reunião. Falei com muitos de nossos futuros membros e você ficaria lisonjeado pelo que eles disseram sobre a perspectiva de você ser nosso presidente.

Conversaram agradavelmente por mais meia hora. Quando Keating levantou-se para ir embora, Toohey declarou:

– Ah, sim. Falei com Lois Cook a seu respeito. Você vai ter notícias dela em breve.

– Muito obrigado, Ellsworth. A propósito, estou lendo *Muralhas e mortalhas*.

– E?

– Ah, é formidável. Sabe, Ellsworth, ele... ele faz com que você pense de uma forma totalmente diferente sobre tudo em que já pensou antes.

– Sim – concordou Toohey –, não é mesmo?

Ele estava perto da janela, olhando para o último brilho de sol de uma tarde fria e luminosa. Então virou-se e disse:

– Está um dia adorável. Provavelmente um dos últimos deste ano. Por que não leva Catherine para dar uma voltinha, Peter?

– Ah, eu adoraria! – comentou Catherine, entusiasmada.

– Então vão em frente! – Toohey sorriu alegremente. – Qual é o problema, Catherine? Tem que esperar pela minha permissão?

Quando estavam caminhando juntos, sozinhos na luminosidade fria das ruas inundadas com o sol do fim da tarde, Keating sentiu que recuperava tudo o que Catherine sempre significara para ele, a estranha emoção que ele não conseguia

manter na presença de terceiros. Fechou sua mão sobre a dela. A moça retirou a mão, tirou sua luva e entrelaçou os dedos nos dele. Então, de repente, ele pensou que as mãos realmente suavam quando ficavam juntas por muito tempo e, irritado, começou a andar mais rápido. Pensou que eles estavam andando ali como Mickey e Minnie Mouse e que provavelmente pareciam ridículos para as pessoas que passavam por eles. Para se libertar desses pensamentos, ele olhou para o rosto dela. Catherine estava olhando para a frente, para a luz dourada. Peter viu seu perfil delicado e a leve ruga de um sorriso no canto de sua boca, um sorriso de felicidade silenciosa. Mas ele notou que a ponta de sua pálpebra estava pálida e começou a se perguntar se ela estaria anêmica.



Lois Cook estava sentada no chão, no meio de sua sala, com as pernas cruzadas, deixando à mostra joelhos grandes, meias-calças cinza puxadas sobre ligas apertadas, e um pedaço das ceroulas cor-de-rosa desbotadas. Peter Keating estava sentado na beirada de uma chaise longue de cetim violeta. Ele nunca antes havia se sentido pouco à vontade em uma primeira entrevista com um cliente.

Lois Cook tinha 37 anos. Ela declarara insistentemente, em sua publicidade e em conversas particulares, que tinha 64. Isso era repetido como uma piada extravagante e criava ao seu redor uma vaga impressão de juventude eterna. Era alta, seca, de ombros estreitos e quadris largos. Tinha um rosto longo e pálido, e olhos muito juntos. Os fios oleosos de seu cabelo caíam sobre as orelhas. Suas unhas eram quebradas. Tinha uma aparência ofensivamente descuidada, com um desleixo premeditado tão meticuloso quanto o ato de se arrumar – e com o mesmo propósito.

Ela falava incessantemente, balançando para a frente e para trás sobre seus quadris:

– ... sim, no Bowery. Uma residência particular. O santuário no Bowery. Tenho o local. Eu o queria e o comprei, simples assim, ou foi o meu advogado bobo que o comprou para mim. Você tem que conhecer meu advogado, ele tem mau hálito. Não sei quanto você vai me custar, mas isso não é essencial, dinheiro é coisa banal. Repolho é banal também. Tem que ter três andares e uma sala de estar com piso de lajotas.

– Srta. Cook, eu li *Muralhas e mortaldas*, e foi uma revelação espiritual para mim. Permita-me incluir-me entre os poucos que compreendem a coragem e o significado do que você está conquistando sozinha, enquanto...

– Oh, pare com essa baboseira – disse Lois e piscou para ele.

– Mas estou falando sério! – respondeu ele ríspidamente, irritado. – Eu adorei o seu livro. Eu...

Ela parecia entediada. Disse, com voz arrastada:

– É tão banal ser entendida por todo mundo...

– Mas o Sr. Toohey disse...

– Ah, sim. O Sr. Toohey.

Os olhos dela estavam alertas agora, insolentemente culpados, como os de uma criança que acabou de contar uma piadinha malcriada.

– O Sr. Toohey... Eu sou presidente de um grupo pequeno de jovens escritores no qual ele está muito interessado.

– É mesmo? – perguntou ele alegremente. Parecia ser a primeira comunicação direta entre eles. – Que interessante! O Sr. Toohey está reunindo um pequeno grupo de arquitetos jovens também, e fez a gentileza de pensar em meu nome para a presidência.

– Ah – disse ela, e piscou. – Um de nós?

– De quem?

Ele não sabia o que tinha feito, mas sabia que a havia decepcionado de alguma forma. Lois caiu na gargalhada. Ficou sentada ali, olhando para ele, rindo deliberadamente na cara dele, de forma indelicada e nada alegre.

– Mas quê... – Ele se controlou. – Qual é o problema, Srta. Cook?

– Puxa vida! – disse ela. – Você é um menino tão meigo, tão meigo e tão bonito!

– O Sr. Toohey é um grande homem – retrucou ele com raiva. – Ele é o maior... tem a personalidade mais nobre que eu já...

– Ah, sim. O Sr. Toohey é um homem maravilhoso. – A voz dela estava estranha pela omissão, estava abertamente destituída de respeito. – Meu melhor amigo. O homem mais maravilhoso da face da Terra. Há a Terra e há o Sr. Toohey, uma lei da natureza. Além disso, pense em como dá para rimar bem: Toohey, erre, escarre, amarre. Apesar disso, ele é um santo. Isso é muito raro, tão raro quanto um gênio. Eu sou um gênio. Quero uma sala de estar sem janelas. Sem nenhuma janela, lembre-se disso quando desenhar as plantas. Sem janelas, o piso de lajotas e o teto preto. E nada de eletricidade. Não quero eletricidade na minha casa, só luminárias a querosene. Luminárias a querosene, com mangas de vidro e velas. Thomas Edison que vá para o inferno! Quem era ele, de qualquer forma?

As palavras dela não o perturbavam tanto quanto seu sorriso. Não era um sorriso de verdade, era uma careta maliciosa e permanente que erguia os cantos de sua boca grande, fazendo com que ela se parecesse com um duende dissimulado e perverso.

– E, Keating, quero que a casa seja feia. Esplendorosamente feia. Quero que seja a residência mais feia de Nova York

– A... mais feia, Srta. Cook?

– Querido, o bonito é tão banal!

– Sim, mas... mas eu... bem, não vejo como posso me permitir...

– Keating, onde está a sua coragem? Não é capaz de um gesto sublime, de vez em quando? Todos trabalham tão duro, esforçam-se e sofrem, tentando atingir a beleza, esperando superar uns aos outros na sua busca. Vamos superar todos eles! Vamos atirar o próprio suor deles em suas caras. Vamos destruí-los todos de um só golpe. Vamos ser deuses! Vamos ser feios!

Ele aceitou o projeto. Após umas poucas semanas, parou de se sentir apreensivo a respeito da casa. Onde quer que mencionasse esse novo trabalho, encontrava uma curiosidade respeitosa. Era uma curiosidade perplexa, mas respeitosa. O nome de Lois Cook era bem conhecido nas melhores salas de visitas que ele frequentava. Os títulos de seus livros eram exibidos nas conversas, como diamantes na coroa intelectual dos oradores. Sempre havia um tom de desafio nas vozes que os pronunciavam, dando a impressão de que o orador estava sendo muito corajoso. Era uma coragem que satisfazia. Nunca provocava antagonismo. Para uma autora que não vendia, o nome dela parecia surpreendentemente famoso e respeitado. Ela carregava o estandarte de uma vanguarda de intelecto e de revolta. Só não era claro para ele exatamente contra o que era a revolta. Por algum motivo, ele preferia não saber.

Keating projetou a casa como ela queria. Era uma construção de três andares, em parte de mármore, em parte de reboco, adornada com gárgulas e lanternas de carruagem. Parecia uma estrutura de um parque de diversões.

Seu esboço da residência foi reproduzido em mais publicações do que qualquer outro desenho que ele já fizera, com exceção do Edifício Cosmo-Slotnick. Um comentarista expressou a seguinte opinião: “Peter Keating está prometendo ser mais do que só um jovem inteligente que sabe agradar os magnatas chatos, donos de grandes empresas. Ele está se aventurando no campo dos experimentos intelectuais com uma cliente como Lois Cook” Toohey referiu-se à casa como “uma piada cósmica”.

Entretanto, uma sensação peculiar permaneceu na mente de Keating, a sensação de um gosto amargo que fica na boca. Ele a sentia como um lampejo fraco, quando estava trabalhando em alguma estrutura importante de que gostava. Também a sentia nos momentos em que ficava orgulhoso de seu trabalho. Não conseguia identificar a qualidade do sentimento, mas sabia que parte dele era uma sensação de vergonha.

Certa vez, confessou a Ellsworth Toohey que sentia isso. O homem deu uma risada.

– Isso é bom para você, Peter. Uma pessoa nunca deve se permitir adquirir uma noção exagerada de sua própria importância. Não há nenhuma necessidade de se sobrecarregar com absolutos.

DOMINIQUE RETORNARA A NOVA YORK. Ela voltara sem motivo, apenas porque não conseguiu ficar na casa de campo mais do que três dias após sua última visita à pedreira. Tinha que estar na cidade. Era uma necessidade súbita, irresistível e sem sentido. Ela não esperava nada da cidade, mas queria ter a sensação das ruas e dos prédios segurando-a lá. De manhã, quando acordou ouvindo o rugido abafado do trânsito, muito longe lá embaixo, o som era uma humilhação, um lembrete de onde ela estava e por quê. Ficou em pé perto da janela, de braços abertos, segurando em cada um dos batentes. Era como se ela estivesse segurando um pedaço da cidade, com todas as ruas e todos os telhados delineados no vidro entre suas mãos.

Saía sozinha para fazer longas caminhadas. Andava depressa, com as mãos nos bolsos de um velho casaco, a gola erguida. Dissera a si mesma que não esperava encontrar-se com ele. Não estava procurando por ele. Porém tinha que estar nas ruas, vazia, sem propósito, por horas a fio.

Ela sempre odiara as ruas de uma cidade. Via os rostos passando por ela, rostos que se tornavam parecidos pelo medo – medo como um denominador comum, medo de si mesmos, de todos e de cada um, medo que os deixava prontos para atacar o que quer que fosse sagrado para qualquer um que encontrassem. Ela não conseguia definir a natureza ou a razão daquele temor, mas sempre sentira sua presença. Mantivera-se limpa e livre com uma única paixão: não tocar em nada. Gostava de encará-los nas ruas, apreciava a impotência do ódio deles, porque não lhes oferecia nada com que a pudessem magoar.

Ela já não era mais livre. Cada passo através das ruas a magoava, agora. Estava presa a Roark – e ele estava preso a cada parte da cidade. Ele era um trabalhador sem nome fazendo algum trabalho sem nome, perdido nessa multidão, dependente dela, para ser ferido por qualquer um deles, para ser compartilhado por ela com a cidade inteira. Ela detestava pensar nele caminhando nas calçadas que outras pessoas haviam usado. Detestava pensar em um vendedor entregando a ele um maço de cigarros por cima de um balcão. Detestava os cotovelos que encostavam nos dele no metrô. Depois dessas caminhadas, ela voltava para casa tremendo de febre. Saía outra vez no dia seguinte.

Quando suas férias terminaram, foi ao escritório do *Banner* para pedir demissão. Seu trabalho e sua coluna já não lhe pareciam divertidos. Interrompeu os cumprimentos efusivos de Alvah Scarret e disse:

– Só voltei para lhe dizer que estou pedindo demissão, Alvah.

Ele olhou para ela com uma expressão estúpida. Perguntou apenas:

– Por quê?

Era o primeiro som do mundo exterior a atingi-la em muito tempo. Ela sempre agira de acordo com o impulso do momento, orgulhosa da liberdade de não precisar de nenhuma razão para justificar suas ações. Agora tinha que enfrentar um “por quê?” que continha uma resposta da qual ela não podia escapar. Pensou que era por causa de Roark, porque ela estava deixando que ele alterasse o curso de sua vida. Seria outra violação; podia vê-lo sorrindo como sorrira na trilha do bosque. Dominique não tinha escolha. Qualquer rumo que tomasse seria sob coerção: podia largar seu emprego porque ele fizera com que ela quisesse largá-lo, ou podia ficar, odiando-o, para manter sua vida inalterada, em desafio a ele. O último era mais difícil. Ergueu a cabeça e disse:

– Foi só uma brincadeira, Alvah. Eu só queria ver o que você ia dizer. Não vou pedir demissão.



Ela já havia voltado ao trabalho há alguns dias quando Ellsworth Toohey entrou em sua sala.

– Olá, Dominique – cumprimentou ele. – Acabei de saber que você havia voltado.

– Olá, Ellsworth.

– Estou contente. Sabe, sempre tive a sensação de que você nos abandonaria em alguma manhã, sem nenhum motivo.

– A sensação, Ellsworth? Ou a esperança?

Ele a fitava com olhos tão bondosos e um sorriso tão charmoso como sempre, mas havia um tom de automenosprezo no charme, como se ele soubesse que ela não o aprovava, e um tom de confiança, como se ele estivesse mostrando que pareceria bondoso e charmoso mesmo assim.

– Você está errada – disse ele, sorrindo tranquilamente. – Sempre estive errada quanto a isso.

– Não. Eu não me encaixo, Ellsworth. Certo?

– Eu poderia perguntar, é claro, “No quê?”, mas suponha que eu não pergunte, suponha que eu apenas diga que as pessoas que não se encaixam também têm sua utilidade, assim como as que se encaixam. Você gostaria mais disso? Obviamente, a coisa mais simples a dizer é que eu sempre fui um grande admirador seu e sempre serei.

– Isso não é um elogio.

– De qualquer forma, acho que jamais seremos inimigos, Dominique, se é disso que você gostaria.

– Não, também acho que jamais seremos inimigos, Ellsworth. Você é a pessoa mais reconfortante que conheço.

– É claro.

- No sentido que eu tenho em mente?
- Em qualquer sentido que você desejar.

Na escrivania dela estava a seção ilustrada do *Chronicle* de domingo. Estava dobrada na página que exibia o desenho da Residência Enright. Ela pegou o jornal e o entregou a ele, estreitando os olhos em uma pergunta silenciosa. Toohey olhou para o desenho, seu olhar voltou-se para o rosto dela e retornou ao desenho. Ele deixou o jornal cair de volta na escrivania.

- Tão independente quanto um insulto, não é? - perguntou ele.

- Sabe, Ellsworth, acho que o homem que desenhou isso deveria ter cometido suicídio. Um homem que pode conceber algo tão lindo como isso nunca deveria permitir que fosse erguido. Não deveria querer que existisse. Mas ele vai deixar que seja construído, para que mulheres pendurem fraldas em seus terraços, para que homens cusquam em suas escadarias e façam desenhos sujos em suas paredes. Ele o deu a eles e o tornou parte deles, parte de tudo. Não deveria tê-lo oferecido para que homens como você olhassem para ele. Para que homens como você falassem sobre ele. Ele corrompeu o próprio trabalho, através da primeira palavra que você vai proferir sobre ele. Ele se tornou pior do que você. Você cometerá apenas uma pequena indecência desprezível, mas ele cometeu um sacrilégio. Um homem que sabe o que ele deve ter sabido para produzir isso não deveria poder permanecer vivo.

- Vai escrever um artigo sobre isso? - quis saber ele.

- Não. Isso seria repetir o crime dele.

- E falar comigo sobre isso?

Ela olhou para ele. Toohey estava sorrindo com simpatia.

- Sim, é claro - respondeu ela -, isso também é parte do mesmo crime.

- Vamos jantar juntos um dia desses, Dominique - sugeriu ele. - Você realmente não me permite vê-la o suficiente.

- Está bem - concordou ela. - Quando você quiser.



Em seu julgamento pelo ataque a Ellsworth Toohey, Steven Mallory recusou-se a revelar seu motivo. Não fez nenhuma declaração. Parecia indiferente a qualquer sentença possível. Toohey, no entanto, criou certa sensação quando apareceu, sem ter sido chamado, para defender Mallory. Ele pediu ao juiz que fosse brando. Explicou que não tinha nenhum desejo de ver o futuro e a carreira de Mallory destruídos. Todos no tribunal ficaram emocionados - exceto o réu. Steven Mallory ouvia e parecia estar sofrendo um processo especial de crueldade. O juiz condenou-o a dois anos e suspendeu a sentença.

Houve muitos comentários sobre a generosidade extraordinária de Toohey. Ele repudiou todos os elogios, alegre e modestamente. Seu comentário - o que

apareceu em todos os jornais – foi:

– Meus amigos, eu me recuso a ser cúmplice na criação de mártires.



Na primeira reunião da organização de jovens arquitetos proposta, Keating concluiu que Toohey tinha uma habilidade maravilhosa para escolher pessoas que combinavam bem umas com as outras. Havia um ar ao redor das dezoito pessoas presentes que ele não conseguia definir, mas que lhe dava uma sensação de consolo, uma segurança que ele não experimentara sozinho, ou em qualquer outra reunião. E parte do consolo era o conhecimento de que todos os outros sentiam-se da mesma forma, pela mesma razão inexplicável. Era um sentimento de irmandade, mas, de alguma maneira, não de uma irmandade sagrada ou nobre. Entretanto, era precisamente esse o consolo – o de não sentir, entre eles, nenhuma necessidade de ser sagrado ou nobre.

Se não fosse por essa afinidade, Keating teria ficado decepcionado com a reunião. Dos dezoito que estavam sentados na sala de visitas de Toohey, nenhum era um arquiteto eminente, a não ser ele mesmo e Gordon L. Prescott, que vestia um suéter bege de gola olímpica e parecia levemente condescendente, mas animado. Keating nunca tinha ouvido falar dos outros. Em sua maioria, eram iniciantes, jovens, pobremente vestidos e hostis. Alguns eram apenas desenhistas. Havia uma arquiteta que construía umas poucas casas particulares pequenas, principalmente para viúvas ricas. Ela tinha modos agressivos, a boca tensa e uma petúnia natural no cabelo. Havia um rapaz com olhos puros e inocentes. Havia um empreiteiro obscuro, com um rosto gordo e inexpressivo. Havia uma mulher alta e seca que era decoradora de interiores, e outra que não tinha nenhuma ocupação definida.

Keating não conseguia entender qual seria exatamente o propósito do grupo, embora houvesse muita conversa. Nada nas discussões era muito coerente, mas tudo parecia ter a mesma tendência oculta. Ele sentia que a tendência era a única coisa clara entre todas as generalidades vagas, embora ninguém a mencionasse. Ela o mantinha ali, assim como mantinha os outros, e ele não tinha nenhuma vontade de defini-la.

Os homens jovens falavam muito sobre injustiça, deslealdade e a crueldade da sociedade com a juventude e sugeriam que todos deveriam ter seus futuros trabalhos garantidos ao saírem da faculdade. A arquiteta berrou, com voz aguda, algo sobre a iniquidade dos ricos. O empreiteiro vociferou que vivemos em um mundo perverso e que “os companheiros têm que ajudar uns aos outros”. O rapaz de olhos inocentes lamuriou-se: “Nós poderíamos fazer tanto bem...” Sua voz tinha um tom de sinceridade desesperada que parecia constrangedor e fora de propósito. Gordon L. Prescott declarou que a AAA era composta por um

bando de velhos retrógrados sem nenhum conceito de responsabilidade social e sem um pingo de sangue viril, e que, de qualquer forma, já estava na hora de lhes dar um chute no traseiro. A mulher de ocupação indefinida falou sobre ideais e causas, embora ninguém conseguisse compreender quais eram esses.

Peter Keating foi eleito presidente por unanimidade. Gordon L. Prescott foi eleito vice-presidente e tesoureiro. Toohy recusou todos os cargos a que foi indicado. Declarou que participaria somente como consultor extraoficial. Ficou decidido que a organização seria chamada de “Conselho dos Construtores Americanos”. Também ficou decidido que os membros não precisavam ser arquitetos e que o conselho estaria aberto aos “ofícios correlatos” e a “todos aqueles que tinham em seu coração os interesses da grande atividade da construção”.

Então Toohy falou durante um bom tempo, em pé, apoiando-se em uma mesa com os nós dos dedos de uma das mãos. Sua voz imponente estava branda e persuasiva. Ela enchia a sala, mas fazia com que seus ouvintes percebessem que poderia encher um anfiteatro romano. Havia algo levemente lisonjeiro nessa percepção, no som da voz poderosa sendo controlada em benefício deles.

– ... e portanto, meus amigos, o que falta à profissão da arquitetura é uma compreensão de sua própria importância social. Essa falta se deve a duas causas: a natureza antissocial de toda a nossa sociedade e a modéstia inerente a vocês, que foram condicionados a pensar em si mesmos como tendo o simples objetivo de ganhar o pão, sem nenhum propósito mais elevado do que receber seus pagamentos e os meios para sua subsistência. Não é hora, meus amigos, de fazer uma pausa e redefinir sua posição na sociedade? De todos os ofícios, o seu é o mais importante. Não pela quantidade de dinheiro que vocês possam vir a ganhar, não pelo grau de habilidade artística que possam apresentar, mas importante pelo serviço que prestam aos seus semelhantes. São vocês que proporcionam o abrigo da humanidade. Lembrem-se disso e olhem para nossas cidades, para nossas favelas, para perceber que tarefa gigantesca os aguarda. Mas, para vencer esse desafio, vocês devem estar armados com uma visão mais abrangente de si mesmos e de seu trabalho. Vocês não são lacaios contratados pelos ricos, são soldados lutando pela causa dos desprivilegiados e dos sem-teto. Não é pelo que somos que seremos julgados, mas sim por aqueles a quem servimos. Vamos nos unir nesse espírito. Vamos, em todas as questões, ser fiéis a essa nova perspectiva, mais abrangente e superior. Vamos organizar, meus amigos, devo dizer, um sonho mais nobre?

Keating ouvia avidamente. Sempre pensara em si mesmo como alguém que trabalhava para ganhar o pão, concentrado em receber seus pagamentos, em uma profissão que escolhera porque sua mãe quisera que a escolhesse. Era gratificante descobrir que ele era muito mais que isso, que sua ocupação diária continha um significado mais nobre. Era uma sensação agradável e

entorpecente. Ele sabia que todos os outros na sala também a sentiam.

– ... e, quando nosso tipo de sociedade entrar em colapso, a arte dos construtores não afundará, mas será elevada a uma notoriedade maior e a um reconhecimento maior...

A campainha tocou. O criado de Toohey apareceu brevemente, abrindo a porta da sala de estar para que Dominique Francon entrasse.

Pela maneira como Toohey interrompeu-se no meio de uma palavra, Keating soube que Dominique não fora convidada nem esperada. Ela sorriu para o anfitrião, balançou a cabeça e fez um gesto indicando-lhe que continuasse. Ele conseguiu fazer uma breve mesura na direção dela, só um pouquinho mais do que um leve movimento de suas sobrancelhas, e prosseguiu com o discurso. Foi um cumprimento agradável e sua qualidade informal incluiu a visitante na irmandade íntima da ocasião, mas pareceu a Keating que ele veio um instante tarde demais. Nunca antes ele havia visto Toohey perder o momento certo.

Dominique sentou-se a um canto, atrás dos outros. Keating esqueceu-se de ouvir, por algum tempo, tentando atrair a atenção dela. Teve que esperar até os olhos dela passearem pela sala, pensativos, indo de rosto em rosto até pararem no dele. Peter se inclinou e acenou a cabeça vigorosamente, com o sorriso de quem cumprimenta uma posse particular. Ela inclinou a cabeça, e ele viu seus cílios encostarem nas maçãs do rosto por um instante, ao fechar os olhos, e depois olhou para ele novamente. Ficou fitando-o por um longo momento, sem sorrir, como se estivesse redescobrimdo algo no seu rosto. Ele não a via desde a primavera. Pensou que ela parecia um pouco cansada e mais adorável do que a lembrança que tinha dela.

Ele virou-se uma vez mais para Ellsworth Toohey e escutou. As palavras que ouviu eram inspiradoras como sempre, mas seu prazer nelas tinha uma ponta de inquietação. Olhou para Dominique. O lugar dela não era nessa sala, nessa reunião. Ele não conseguia dizer por quê, mas a certeza disso era enorme e opressiva. Não era a beleza dela, nem sua elegância insolente, mas algo nela fazia com que parecesse ser uma estranha. Era como se eles todos houvessem estado comodamente nus, e tivesse entrado uma pessoa completamente vestida, subitamente fazendo com que se sentissem constrangidos e indecentes. Contudo, ela não fez nada. Ficou ouvindo atentamente. Em dado momento, ela se recostou, cruzando as pernas, e acendeu um cigarro. Apagou a chama do palito de fósforo sacudindo-o em um movimento curto e brusco do pulso e largou-o em um cinzeiro sobre uma mesinha ao seu lado. Keating a viu largar o palito no cinzeiro e sentiu como se aquele movimento do pulso dela houvesse atirado o fósforo na cara de todos eles. Ele pensou que estava sendo ridículo. Porém notou que Ellsworth Toohey não olhou para ela nenhuma vez enquanto falava.

Quando a reunião terminou, o dono da casa correu para perto dela.

– Dominique, minha cara! – disse Toohey animadamente. – Devo me

considerar lisonjeado?

– Se quiser.

– Se eu soubesse que você estava interessada, teria lhe enviado um convite muito especial.

– Mas você não achou que eu estaria interessada?

– Não, francamente, eu...

– Isso foi um erro, Ellsworth. Você não levou em consideração meu instinto de jornalista. Nunca perder um furo. Não é todo dia que se tem a chance de testemunhar o nascimento de um crime.

– O que exatamente você quer dizer com isso, Dominique? – perguntou Keating, levantando a voz.

Ela virou-se para ele.

– Olá, Peter.

– É claro que você conhece Peter Keating, não é? – Toohey sorriu para ela.

– Ah, sim. Peter já esteve apaixonado por mim.

– Está usando o tempo verbal errado, Dominique – disse Keating.

– Nunca leve a sério nada do que Dominique escolhe dizer, Peter. Ela não quer que nós a levemos a sério. Gostaria de entrar em nosso pequeno grupo, Dominique? Suas qualificações profissionais a tornam notoriamente elegível.

– Não, Ellsworth. Eu não gostaria de entrar no seu pequeno grupo. Realmente não o odeio o suficiente para fazer isso.

– Por que você o desaprova? – perguntou Keating bruscamente.

– Ora, Peter! – exclamou ela, de forma afetada. – De onde tirou essa ideia? Eu não o desaprovo de jeito nenhum. Desaprovo, Ellsworth? Acho que é um empreendimento apropriado, em resposta a uma necessidade óbvia. É exatamente do que todos precisamos... e o que merecemos.

– Podemos contar com sua presença em nossa próxima reunião? – perguntou Toohey. – É agradável ter uma ouvinte tão compreensiva, que não vai atrapalhar em absoluto... na próxima reunião, quero dizer.

– Não, Ellsworth, obrigada. Foi apenas curiosidade. Muito embora você realmente tenha um grupo de pessoas interessantes aqui. Jovens construtores. A propósito, por que não convidou aquele homem que desenhrou a Residência Enright? Como é mesmo o nome dele?... Howard Roark?

Keating sentiu sua mandíbula travar. Entretanto, ela estava olhando para eles de maneira inocente, e o havia dito sem ênfase, com o tom de um comentário casual. Com certeza, pensou ele, ela não quis dizer... O quê? Ele fez a pergunta a si mesmo, e pensou que ela não quis dizer o que quer que fosse que ele achou, por um momento, que ela havia querido dizer, o que quer que fosse que o havia aterrorizado naquele instante.

– Eu nunca tive o prazer de conhecer o Sr. Roark – respondeu Toohey, sério.

– Você o conhece? – Keating perguntou a ela.

– Não – respondeu ela. – Só vi um esboço da Residência Enright.

– E? – insistiu Keating. – O que pensa dela?

– Não penso nela – respondeu Dominique.

Quando ela se virou para ir embora, Keating acompanhou-a. Observou-a no elevador, enquanto desciam. Viu a mão dela dentro de uma luva preta justa, segurando o canto fino de uma carteira. A indiferença flácida dos dedos dela era insolente e convidativa ao mesmo tempo. Ele se sentiu rendendo-se a ela mais uma vez.

– Dominique, por que realmente veio até aqui hoje?

– Oh, eu não vou a lugar nenhum há muito tempo e decidi começar por isso. Sabe, quando vou nadar, eu não gosto de me torturar entrando na água fria aos pouquinhos. Mergulho de uma vez e é um choque desagradável, mas depois o resto não é tão difícil de aguentar.

– O que quer dizer com isso? O que você vê de tão errado nesta reunião? Afinal de contas, não estamos planejando fazer nada definido. Não temos nenhum programa de verdade. Eu nem sei para que estávamos lá.

– É isso, Peter. Você nem sabe para que vocês estavam lá.

– É só um grupo formado para que camaradas se reúnam. Principalmente para conversar. Que mal há nisso?

– Peter, estou cansada.

– Bem, sua aparição hoje significou, pelo menos, que você está saindo de sua reclusão?

– Sim, apenas isso... Minha reclusão?

– Eu tentei muitas vezes entrar em contato com você, você sabe.

– Tentou?

– Posso começar por lhe dizer como estou feliz por vê-la de novo?

– Não. Vamos fazer de conta que você já me disse.

– Sabe, você mudou, Dominique. Não sei exatamente de que forma, mas mudou.

– Mudei?

– Vamos fazer de conta que eu lhe disse como você está linda, porque não consigo encontrar palavras para dizê-lo.

As ruas estavam escuras. Ele chamou um táxi. Sentado junto a ela, virou-se e encarou-a, seu olhar insistente como um sinal óbvio, na esperança de tornar significativo o silêncio entre eles. Ela não desviou o olhar. Ficou estudando o rosto dele. Parecia estar se perguntando alguma coisa, atenta a algum pensamento secreto que ele não podia adivinhar. Peter ergueu a mão lentamente e pegou a dela. Sentiu o esforço na mão de Dominique, podia sentir através dos dedos rígidos dela o esforço de seu braço todo, não para recolher a mão, mas para deixá-lo segurá-la. Ele ergueu a mão dela, virou-a e pressionou seus lábios contra seu pulso.

Então olhou para o rosto dela. Largou-lhe a mão, que permaneceu suspensa no ar por um instante, os dedos rígidos, semifechados. Essa não era a indiferença de que ele se lembrava. Isso era repugnância, tão grande que se tornava impessoal, que não podia ofendê-lo, e que parecia incluir mais do que sua pessoa. De repente, ele se tornou muito consciente do corpo dela, não com desejo ou ressentimento, mas apenas consciente de sua presença perto dele, sob o vestido dela. Involuntariamente, sussurrou:

– Dominique, quem era ele?

Ela se virou bruscamente para encará-lo. Então ele viu os olhos dela se estreitarem. Viu os lábios dela relaxarem, ficando mais cheios, mais macios, a boca se alongando lentamente em um leve sorriso, sem se abrir. Ela respondeu, olhando fixo para ele:

– Um trabalhador da pedreira de granito.

Ela conseguiu. Ele riu alto.

– Eu mereço, Dominique. Eu não poderia supor o impossível.

– Peter, não é estranho? Houve um tempo em que eu achava que era você que poderia me forçar a querer.

– Por que isso é estranho?

– Só o fato de que conhecemos tão pouco a nós mesmos. Algum dia você também conhecerá a verdade a seu respeito, Peter, e vai ser pior para você do que para a maioria de nós. Mas não precisa pensar nisso agora. Vai demorar muito para acontecer.

– Você realmente me quis, Dominique?

– Eu achava que nunca poderia querer alguma coisa, e você se encaixava tão bem nisso...

– Não sei o que você quer dizer. Eu nunca sei o que você acha que está dizendo. Só sei que sempre vou amar você. E não vou deixar que suma de novo. Agora que voltou...

– Agora que eu voltei, Peter, nunca mais quero vê-lo de novo. Ah, terei que vê-lo quando nos encontrarmos por acaso, e isso vai acontecer, mas não me telefone. Não venha me visitar. Não estou tentando ofendê-lo, Peter, não é isso. Você não fez nada para me contrariar. É algo em mim que eu não quero enfrentar de novo. Desculpe-me por escolher você como exemplo. Mas você é tão apropriado. Você... Peter, você é tudo o que eu desprezo o mundo, e eu não quero me lembrar de quanto desprezo o mundo. Se eu me permitir lembrar, voltarei para ele. Não é um insulto a você, Peter. Tente entender. Você não é o pior do mundo. Você é o melhor, e é isso que é assustador. Se eu alguma vez voltar para você, não me deixe. Estou dizendo isso agora porque posso, mas, se eu voltar para você, você não conseguirá me deter, e agora é o momento certo para avisá-lo.

– Eu não sei do que você está falando – disse ele com uma fúria fria, seus

lábios duros.

– Não tente saber. Não importa. Vamos apenas ficar longe um do outro, está bem?

– Eu nunca vou desistir de você.

Ela encolheu os ombros.

– Está bem, Peter. Esta foi a única vez que fui gentil com você. Ou com qualquer pessoa.

ROGER ENRIGHT COMEÇARA A VIDA trabalhando em uma mina de carvão na Pensilvânia. Em sua jornada para conquistar os milhões que agora possuía, ninguém jamais o havia ajudado.

– É por isso – explicava ele – que ninguém nunca se meteu no meu caminho.

Na verdade, muitas coisas e pessoas haviam se metido em seu caminho, mas ele nunca havia reparado nelas. Muitos incidentes em sua longa carreira não foram admirados, e ninguém falava deles aos cochichos. Sua carreira fora clara e pública como um outdoor. Ele era um péssimo alvo para chantagistas ou biógrafos mal-intencionados. Os ricos tinham aversão a ele por ter enriquecido de forma tão bruta.

Ele odiava banqueiros, sindicatos trabalhistas, mulheres, evangelistas e o mercado de ações. Nunca comprara uma ação, nem vendera uma única ação de qualquer uma de suas empresas, e possuía sua fortuna sozinho, tão simplesmente como se carregasse todo o seu dinheiro no bolso. Além de sua companhia petrolífera, era dono de uma editora, um restaurante, uma loja de rádios, uma oficina e uma fábrica de geladeiras elétricas. Antes de iniciar cada novo empreendimento, estudava o setor por um bom tempo, depois agia como se nunca houvesse ouvido falar dele, desafiando todos os precedentes. Alguns de seus empreendimentos eram bem-sucedidos, outros fracassaram. Ele continuava administrando todos com uma energia feroz. Trabalhava doze horas por dia.

Quando decidiu construir um prédio, passou seis meses procurando um arquiteto. Então contratou Roark ao final de sua primeira entrevista, que durou meia hora. Mais tarde, quando os desenhos estavam prontos, deu ordens para que a construção começasse imediatamente. Quando Roark começou a falar sobre o projeto, Enright interrompeu-o:

– Não explique. É inútil me explicar ideais abstratos. Eu nunca tive nenhum ideal. As pessoas dizem que sou completamente imoral. Sigo apenas o que gosto. Mas com certeza sei do que gosto.

Roark nunca mencionou a tentativa que fizera de entrar em contato com Enright, nem sua entrevista com o secretário entediado. De alguma forma, ele ficou sabendo. Passados cinco minutos, o secretário foi despedido, e dez minutos depois já estava saindo do escritório, conforme lhe fora ordenado, no meio de um dia atarefado, deixando uma carta datilografada pela metade em sua máquina de escrever.

Roark reabriu seu escritório, a mesma sala grande no último andar de um prédio velho. Ampliou-o acrescentando a sala adjacente, para os desenhistas que contratou de modo a cumprir o planejado cronograma-relâmpago da construção. Os desenhistas eram jovens e sem muita experiência. Roark nunca ouvira falar neles antes e não pediu cartas de recomendação. Escolheu-os entre muitos

candidatos, após meramente olhar seus desenhos por alguns minutos.

Na tensão tumultuada dos dias que se seguiram, nunca falava com eles, a não ser sobre o trabalho. Os desenhistas sentiam, ao entrar no escritório pela manhã, que não tinham nenhuma vida privada, nenhum significado nem nenhuma realidade, com exceção da realidade esmagadora das folhas largas de papel sobre suas mesas. O lugar parecia frio e sem alma como uma fábrica, até que olhavam para ele. Então pensavam que não era uma fábrica, mas sim uma fofalha alimentada com os corpos deles, sendo o de Roark o primeiro.

Às vezes ele ficava no escritório a noite toda. Eles o encontravam ainda trabalhando quando voltavam de manhã. Ele não parecia cansado. Certa vez, ficou lá durante dois dias e duas noites. Na tarde do terceiro dia, adormeceu meio deitado em sua mesa. Acordou algumas horas depois, não fez nenhum comentário e andou de uma mesa a outra para ver o que havia sido feito. Fez correções, e suas palavras soavam como se nada houvesse interrompido um pensamento que começara algumas horas atrás.

– Você é insuportável quando está trabalhando, Howard – disse-lhe Austen Heller uma noite, embora ele não tivesse dito nada sobre seu trabalho.

– Por quê? – perguntou ele, atônito.

– É incômodo ficar na mesma sala com você. A tensão é contagiante, sabe?

– Que tensão? Eu só me sinto completamente natural quando estou trabalhando.

– É isso. Você só fica completamente natural quando está prestes a explodir em mil pedaços. De que diabos você é realmente feito, Howard? Afinal de contas, é só um prédio. Não é essa combinação de sacramento, tortura e êxtase sexual que você parece achar que é.

– Não é?



Ele não pensava em Dominique com frequência, mas, quando o fazia, o pensamento não era uma lembrança súbita, e sim o reconhecimento de uma presença contínua que não precisava de nenhum reconhecimento. Ele a queria. Sabia onde encontrá-la. Esperava. Esperar o divertia, porque ele sabia que a espera era insuportável para ela. Sabia que sua ausência a ligava a ele de uma forma mais completa e humilhante do que sua presença poderia obrigar. Estava lhe dando tempo para que tentasse fugir, para que ela soubesse de sua própria impotência quando ele escolhesse vê-la outra vez. Ela saberia que a própria tentativa fora escolha dele, que fora apenas outra forma de domínio. Então ela estaria pronta, ou para matá-lo, ou para entregar-se a ele de livre e espontânea vontade. Os dois atos seriam iguais na mente dela. Roark queria que ela chegasse a isso. E esperava.



A construção da Residência Enright estava prestes a começar quando Roark foi chamado ao escritório de Joel Sutton, um empresário bem-sucedido que estava planejando construir um prédio de escritórios enorme. O sucesso de Sutton baseara-se na capacidade de não entender nada sobre as pessoas. Ele amava todos. Seu amor não admitia distinções. Era um grande nivelador, não podia admitir altos e baixos, do mesmo modo que a superfície de um tacho de melão borbulhando não pode contê-lo.

Joel Sutton conheceu Roark em um jantar dado por Enright. Sutton gostou de Roark. Ele o admirava. Não via nenhuma diferença entre ele e qualquer outra pessoa. Quando Roark foi ao seu escritório, Sutton declarou:

– Eu não tenho certeza, não tenho certeza, não tenho certeza mesmo, mas achei que deveria considerá-lo para aquele pequeno prédio que tenho em mente. A sua Residência Enright é meio... peculiar, mas é atraente. Todos os edifícios são atraentes, eu os adoro, você não? E Rog Enright é um homem muito esperto, demasiadamente esperto, ele tira dinheiro de onde ninguém mais sabe que existe. Eu aceito uma dica dele a qualquer momento. O que é bom para Enright é bom para mim também.

Roark esperou semanas depois daquela primeira entrevista. Joel Sutton nunca se apressava para tomar uma decisão.

Numa noite de dezembro, Austen Heller foi visitar Roark sem avisar e declarou que ele tinha que acompanhá-lo na próxima sexta-feira a uma festa formal que seria dada pela Sra. Ralston Holcombe.

– De jeito nenhum, Austen – recusou Roark.

– Ouça, Howard, apenas me diga: por que não? Sei que você odeia esse tipo de coisa, mas essa não é uma boa razão. Por outro lado, eu posso lhe dar muitas razões excelentes para ir. O lugar é um tipo de agência de contratação de arquitetos e, é claro, você trocaria qualquer coisa que lhe fosse valiosa por um prédio. Ah, eu sei, pelo seu tipo de prédio. Ainda assim, você venderia a alma que não tem, portanto não pode aguentar umas poucas horas de tédio, pelo bem das possibilidades futuras?

– Com certeza. Só que eu não acredito que esse tipo de coisa jamais leve a quaisquer possibilidades.

– Vá, por favor, só desta vez.

– Por que especialmente desta vez?

– Bem, em primeiro lugar, aquela peste infernal da Kiki Holcombe está exigindo. Ela passou duas horas ontem insistindo e me fez perder um almoço marcado. Estraga a reputação dela que um prédio como a Residência Enright esteja sendo construído na cidade e ela não seja capaz de exibir no salão dela o arquiteto que a projetou. O hobby dela é colecionar arquitetos. Ela insistiu que eu

tenho que levar você e eu prometi que o levaria.

– Para quê?

– Especificamente, Joel Sutton vai estar lá na próxima sexta-feira. Nem que isso seja a morte para você, tente ser simpático com ele. Ele está praticamente decidido a lhe dar aquele prédio, pelo que fiquei sabendo. Um pouquinho de contato pessoal pode ser só o que falta para a questão ser resolvida. Ele tem muitos outros atrás dele. Todos eles estarão lá. Eu quero que você esteja também. Quero que você consiga aquele edifício. Não quero ouvir falar de pedreiras de granito nos próximos dez anos. Não gosto delas.

Roark estava sentado sobre uma mesa, agarrando a borda para se manter quieto. Estava exausto após passar catorze horas em seu escritório, pelo menos achava que deveria estar exausto, mas não conseguia sentir nada. Forçou os ombros a baixarem, numa tentativa de alcançar um relaxamento que não vinha. Seus braços estavam tensos, contraídos, e um dos cotovelos estremeceu leve e continuamente. Suas pernas compridas estavam afastadas, uma delas dobrada e imóvel, com o joelho descansando sobre a mesa, a outra pendurada desde o quadril sobre a borda da mesa, balançando de modo impaciente. Era difícil para ele, ultimamente, forçar-se a descansar.

Seu novo lar era uma sala grande em um prédio de apartamentos pequeno e moderno, em uma rua calma. Escolhera esse apartamento porque não tinha cornijas acima das janelas e nenhum painel nas paredes internas. Sua sala tinha poucos móveis simples e uma aparência limpa, ampla e vazia. Dava a impressão de que se poderia ouvir ecos vindos dos cantos.

– Por que não ir, só uma vez? – perguntou Heller. – Não vai ser tão horrível. Talvez você até se divirta. Você verá muitos de seus velhos amigos lá. John Erik Snyte, Peter Keating, Guy Francon e a filha dele. Você deveria conhecer a filha dele. Já leu o que ela escreve?

– Eu vou – aceitou Roark abruptamente.

– Você é imprevisível o suficiente até para ser sensato, às vezes. Eu virei buscá-lo às 20h30 na sexta-feira. Black-tie. A propósito, você tem um smoking?

– Enright me obrigou a comprar um.

– Enright é um homem muito sensato.

Depois que Heller saiu, Roark permaneceu sentado na mesa por muito tempo. Decidira ir à festa porque sabia que seria o último lugar em que Dominique poderia querer se encontrar com ele de novo.



– Não há nada mais inútil, minha querida Kiki – disse Ellsworth Toohey –, do que uma mulher rica que cria para si mesma a profissão de receber visitas. Por outro lado, todas as inutilidades têm seu charme. Como a aristocracia, por exemplo, o

conceito mais inútil de todos.

Kiki Holcombe franziu o nariz em uma careta graciosa de reprovação, mas gostou da comparação com a aristocracia. Três candelabros de cristal resplandeciam sobre seu salão de baile florentino, e, quando ela olhou para Toohey, as luzes refletiram-se em seus olhos, transformando-os em uma coleção úmida de faíscas entre cílios pesados e enfeitados com pequenas contas.

– Você diz coisas revoltantes, Ellsworth. Não sei por que continuo a convidá-lo.

– Precisamente por isso, minha cara. Acho que serei convidado a vir aqui tantas vezes quantas desejar.

– O que uma simples mulher pode fazer contra isso?

– Nunca comece uma discussão com o Sr. Toohey – recomendou a Sra. Gillespie, uma mulher alta que usava um colar de diamantes grandes, do tamanho dos dentes que ela exibia quando sorria. – Não adianta. Já perdemos antes de começar.

– Discussão, Sra. Gillespie – disse ele –, é uma das coisas que não têm utilidade nem charme. Deixe-a para os homens de cérebro. Ter cérebro, naturalmente, é uma confissão perigosa de fraqueza. Já foi dito que os homens o desenvolvem quando falharam em todo o resto.

– Vamos, você não está falando nada disso a sério – comentou a Sra. Gillespie, enquanto seu sorriso aceitava o que havia sido dito como uma verdade agradável. Ela tomou posse dele vitoriosamente e tirou-o dali como um prêmio roubado da Sra. Holcombe, que havia se virado por um momento para cumprimentar novos convidados. – Mas vocês, homens de intelecto, são umas crianças. São tão sensíveis. Têm que ser mimados.

– Eu não faria isso, Sra. Gillespie. Nós tiraríamos vantagem disso. E exibir o próprio cérebro é tão vulgar. Chega a ser mais vulgar do que exibir a própria riqueza.

– Deus do céu, você tinha que mencionar isso, não é? É claro que eu ouvi falar que você é um tipo de radical, mas não vou levar isso a sério. Nem um pouco. O que acha?

– Acho ótimo – disse Toohey.

– Você não pode brincar comigo. Não pode me fazer achar que é um dos tipos perigosos. Os tipos perigosos são todos sujos e usam gramática errada. E você tem uma voz tão linda!

– O que a fez pensar que eu tinha a intenção de ser perigoso, Sra. Gillespie? Eu sou apenas... bem, digamos, aquela coisa mais branda de todas, uma consciência. Sua própria consciência, convenientemente personificada no corpo de outra pessoa e que cuida de sua preocupação com os menos afortunados deste mundo, deixando-a, portanto, livre para não ter que cuidar disso.

– Ora, que ideia esquisita! Eu não sei se é horrível ou na verdade bastante sábia.

– Ambas, Sra. Gillespie, como toda a sabedoria.

Kiki Holcombe examinou seu salão de baile, satisfeita. Olhou para o teto pouco iluminado, intocado acima dos candelabros, e notou como ele ficava alto, muito acima dos convidados, dominante e inalterado. A quantidade enorme de convidados não diminuía seu salão. Ele se erguia sobre eles como uma caixa quadrada, grotescamente fora de escala. E era essa vastidão desperdiçada de ar aprisionado acima deles que dava ao evento um aspecto de luxo suntuoso. Era como a tampa desnecessariamente grande de um estojo de joias sobre um fundo raso contendo uma única pedra preciosa.

As pessoas moviam-se em duas correntes amplas, que se alteravam e atraíam todas elas, mais cedo ou mais tarde, para dois redemoinhos. No centro de um deles estava Ellsworth Toohey, e, no outro, Peter Keating. Trajes de gala não caíam bem em Toohey. O retângulo da camisa branca prolongava seu rosto, esticando-o em duas dimensões. As abas de sua gravata faziam com que seu pescoço fino parecesse o de uma galinha depenada, pálido, azulado e pronto para ser torcido com um único movimento por um pulso forte. Mas ele se acomodava em sua roupa melhor do que qualquer homem ali presente. Vestia-a com a impertinência descuidada de quem está completamente à vontade com o inadequado, e era justamente a aparência grotesca que se tornava uma declaração de sua superioridade, uma superioridade grande o suficiente para justificar sua falta de preocupação com tamanha deselegância.

Ele disse a uma jovem séria que usava óculos e um vestido de noite bastante decotado:

– Minha querida, você nunca passará de uma diletante do intelecto, a menos que mergulhe de cabeça em uma causa maior do que você mesma.

Falou para um cavalheiro obeso, cujo rosto estava ficando roxo no calor de uma discussão:

– Mas, meu amigo, pode ser que eu não goste disso também. Eu apenas disse que por acaso é esse o curso inevitável da história. E quem é você, ou eu, para se opor ao curso da história?

Comentou com um jovem arquiteto infeliz:

– Não, meu rapaz, o que eu tenho contra você não é o prédio ruim que projetou, mas sim o mau gosto que demonstrou ao choramingar por causa da minha crítica sobre o prédio. Você deveria tomar cuidado. Alguém pode dizer que você não consegue bater nem apanhar.

Disse para a viúva de um milionário:

– Sim, eu realmente acho que seria uma boa ideia se você fizesse uma doação à Oficina de Estudos Sociais. Seria uma forma de participar da grande corrente humana de conquistas culturais sem perturbar sua rotina nem sua digestão.

As pessoas ao seu redor comentavam:

– Ele não é espirituoso? E que coragem!

Keating sorria radiante. Sentia a atenção e a admiração fluindo para ele de todos os cantos do salão de baile. Olhava para as pessoas, todas elas arrumadas, perfumadas, farfalhantes de seda, lustrosas com a luz, pingando luz como estiveram pingando água do chuveiro, algumas horas atrás, aprontando-se para ir até ali prestar homenagem a um homem chamado Peter Keating. Havia momentos em que se esquecia de que era o próprio Peter Keating e olhava para um espelho, para sua própria figura, querendo juntar-se à admiração geral por ela.

Em certo momento, a corrente deixou-o cara a cara com Ellsworth Toohey. Keating sorriu como um menino que saía de um córrego em um dia de verão, radiante, revigorado, agitado de tanta energia. O crítico ficou parado olhando para ele. As mãos de Toohey haviam escorregado negligentemente para dentro dos bolsos de sua calça, fazendo com que seu paletó se expandisse por cima de seus quadris estreitos. Ele parecia oscilar levemente sobre seus pés pequenos. Seus olhos estavam atentos, em uma avaliação enigmática.

– Isto, Ellsworth... isto... não é uma noite maravilhosa? – perguntou Keating, parecendo uma criança falando com uma mãe compreensiva, e também dando a impressão de estar um pouco bêbado.

– Está feliz, Peter? Você é uma sensação e tanto esta noite. O pequeno Peter parece ter cruzado a linha e se transformado em uma grande celebridade. É assim que acontece, nunca se pode dizer exatamente quando ou por quê... Entretanto, há alguém aqui que parece ignorá-lo de uma forma bastante flagrante, não é mesmo?

Keating estremeceu. Perguntou-se quando e como Toohey tivera tempo de notar isso.

– Ora, bem – comentou Toohey –, a exceção confirma a regra. Mas é lamentável. Eu sempre tive a noção absurda de que somente um homem bastante incomum atrairia Dominique Francon. Então, claro, pensei em você. Foi só um pensamento à toa. Ainda assim, sabe, o homem que a conquistar terá algo que você não será capaz de igualar. Ele vai ganhar de você.

– Ninguém a conquistou – retrucou Keating rispidamente.

– Não, sem dúvida. Ainda não. O que é muito surpreendente. Bem, suponho que será preciso um tipo extraordinário de homem.

– Olhe aqui, que diabos você está fazendo? Você não gosta da Dominique Francon. Gosta?

– Eu nunca disse que gostava.

Pouco depois, Keating ouviu Toohey dizer solenemente, no meio de uma intensa discussão:

– Felicidade? Mas isso é tão classe média! O que é felicidade? Há tantas coisas na vida tão mais importantes do que a felicidade.

Keating abriu caminho lentamente em direção a Dominique. Ela estava em

pé, inclinada para trás, como se o ar fosse um apoio sólido o suficiente para a parte superior de suas costas, magras e descobertas. Seu vestido era cor de vidro. Ele tinha a impressão de que deveria poder ver a parede atrás dela, através de seu corpo. Ela parecia frágil demais para existir, e essa mesma fragilidade transmitia uma força assustadora que a mantinha ancorada à existência com um corpo insuficiente para a realidade.

Quando Peter se aproximou, ela não fez nenhum esforço para ignorá-lo. Virou-se para ele e respondeu. Porém a precisão monótona de suas respostas deteve-o, tornou-o impotente e fez com que ele a deixasse depois de alguns instantes.

Quando Roark e Heller entraram, Kiki Holcombe foi recebê-los na porta. Heller apresentou-lhe Roark e ela falou como sempre o fazia, sua voz parecendo um foguete estridente, destruindo o inimigo simplesmente com a velocidade.

– Oh, Sr. Roark, eu estava tão ansiosa para conhecê-lo! Todos nós ouvimos falar tanto de você! Mas devo lhe avisar que o meu marido não o aprova... ah, puramente nos aspectos artísticos, entenda bem... mas não deixe que isso o preocupe, você tem uma aliada nesta casa, uma aliada entusiasmada!

– É muito gentil de sua parte, Sra. Holcombe – disse Roark – E talvez desnecessário.

– Ah, eu *adoro* a sua Residência Enright! É claro, não posso dizer que ela represente minhas próprias convicções estéticas, mas as pessoas cultas devem manter suas mentes abertas para qualquer coisa, quero dizer, para incluir qualquer ponto de vista da arte criativa. Devemos ser tolerantes acima de tudo, não acha?

– Não sei – respondeu Roark – Eu nunca fui tolerante.

Kiki Holcombe tinha certeza de que ele não pretendia cometer nenhuma insolência. Esta não estava na voz nem nas maneiras dele. Entretanto, sua primeira impressão dele foi de insolência. Ele estava vestindo um smoking que caía bem em seu corpo alto e magro, mas, de alguma forma, parecia não combinar com ele. O cabelo laranja parecia absurdo junto com a roupa formal. Além disso, ela não gostou do rosto dele. Aquele rosto se encaixava em uma equipe de operários ou em um exército, mas não na sua sala de visitas. Ela disse:

– Estamos todos muito interessados em seu trabalho. É o seu primeiro prédio?

– É o meu quinto.

– Ah, é mesmo? Claro. Que interessante.

Kiki juntou as mãos e virou-se para cumprimentar Kiki recém-chegado. Heller disse:

– A quem você quer ser apresentado primeiro? Lá está Dominique Francon olhando para nós. Venha.

Roark virou-se. Viu-a em pé, sozinha do outro lado da sala. Não havia nenhuma expressão no rosto dela, nem mesmo um esforço para evitar ter uma

expressão. Era estranho ver um rosto humano apresentar uma estrutura óssea e uma combinação de músculos sem nenhum significado, um rosto como um simples aspecto anatômico, como um ombro ou um braço, não mais como um espelho de percepções sensoriais. Ela olhava para eles enquanto se aproximavam. Os pés dela estavam em uma posição estranha, dois pequenos triângulos paralelos apontados para a frente, como se não houvesse chão ao seu redor, com exceção dos poucos centímetros quadrados sob as solas de seus sapatos, e ela estivesse segura contanto que não se mexesse nem olhasse para baixo. Roark sentiu um prazer violento, porque ela parecia frágil demais para suportar a brutalidade do que ele estava fazendo. E porque ela a suportava tão bem.

– Srta. Francon, este é Howard Roark – disse Heller.

Ele não levantara a voz para pronunciar o nome, mas perguntou-se por que ela parecera tão enfática. Então pensou que o silêncio capturara o nome e o paralisara, só que não houvera nenhum silêncio. O rosto de Roark não tinha nenhuma expressão e Dominique estava dizendo, adequadamente:

– Muito prazer, Sr. Roark

Roark inclinou-se:

– Muito prazer, Srta. Francon.

Ela disse:

– A Residência Enright...

Dominique falou como se não tivesse tido a intenção de pronunciar aquelas três palavras e como se elas designassem não uma casa, mas muitas coisas além disso.

Roark disse:

– Sim, Srta. Francon.

Então ela sorriu, o sorriso apropriado e superficial que se costuma usar em uma apresentação. Em seguida, comentou:

– Eu conheço Roger Enright. Ele é quase um amigo da família.

– Não tive o prazer de conhecer muitos amigos do Sr. Enright.

– Lembro-me de que certa vez meu pai convidou-o para jantar. Foi um jantar infeliz. Papai é considerado um interlocutor brilhante, mas não conseguiu arrancar um som sequer do Sr. Enright. Roger só ficou lá sentado. É preciso conhecer o meu pai para perceber que derrota foi aquela para ele.

– Eu trabalhei para o seu pai – a mão dela estava se mexendo e parou no ar – há alguns anos, como projetista.

Ela baixou a mão.

– Então você pode entender que meu pai não poderia se dar bem com Roger Enright.

– Não, ele não poderia.

– Acho que Roger quase gostou de mim, mas ele nunca me perdeu por

trabalhar em um jornal de Wynand.

Em pé entre eles, Heller pensou que se enganara. Não havia nada de estranho nesse encontro. De fato, simplesmente não havia nada. Ele estava irritado por Dominique não falar sobre arquitetura, como seria de esperar que ela fizesse. Concluiu com desgosto que ela não gostava desse homem, da mesma forma que não gostava da maioria das pessoas a quem era apresentada.

Então a Sra. Gillespie agarrou Heller e levou-o dali. Roark e Dominique ficaram sozinhos. Ele disse:

– O Sr. Enright lê todos os jornais da cidade. Todos eles são levados à sua sala, com as páginas editoriais removidas.

– Ele sempre fez isso. Roger deixou passar sua verdadeira vocação. Ele deveria ter sido cientista. Tem grande amor pelos fatos e grande desprezo pelos comentários.

– Por outro lado, você conhece o Sr. Fleming? – perguntou ele.

– Não.

– Ele é amigo de Heller. O Sr. Fleming nunca lê nada, só as páginas editoriais. As pessoas gostam de ouvi-lo falar.

Ela o observava. Roark estava olhando diretamente para ela, de forma muito educada, como qualquer outro homem teria olhado ao falar com ela pela primeira vez. Ela gostaria de poder encontrar algum sinal no rosto dele, mesmo que fosse um vestígio do antigo sorriso zombeteiro. Mesmo o deboche seria um reconhecimento e uma ligação. Não achou nada. Ele falava como um estranho, sem permitir nenhuma realidade, a não ser a de um homem apresentado a ela em uma sala de visitas, obedecendo impecavelmente a todas as convenções do respeito. Ela encarava essa formalidade respeitosa pensando que seu vestido não tinha nada a esconder dele, que ele a havia usado para uma necessidade mais íntima do que o uso que fazia do alimento que comia, enquanto agora ele se colocava a uma distância de alguns metros dela, como um homem que jamais poderia permitir-se chegar mais perto. Dominique pensou que essa era a maneira com que ele estava debochando dela, depois daquilo que ele não havia esquecido e que não iria reconhecer. Pensou que ele queria que ela fosse a primeira a mencioná-lo, ele a forçaria a passar pela humilhação de aceitar o passado – sendo a primeira a pronunciar a palavra que o trouxesse de volta à realidade, porque ele sabia que ela não podia deixar isso esquecido.

– E o que o Sr. Fleming faz para ganhar a vida? – perguntou ela.

– É fabricante de apontadores de lápis.

– É mesmo? Amigo do Austen?

– Austen conhece muita gente. Ele diz que esse é o negócio dele.

– Ele é bem-sucedido?

– Quem, Srta. Francon? Não tenho certeza quanto a Austen, mas o Sr. Fleming é muito bem-sucedido. Ele tem filiais de sua fábrica em Nova Jersey,

Connecticut e Rhode Island.

– Está errado sobre o Austen, Sr. Roark. Ele é muito bem-sucedido. Na profissão dele e na minha, você é bem-sucedido se ela o deixar intocado.

– Como se consegue isso?

– De uma de duas formas: não olhando para as pessoas de jeito nenhum, ou olhando para tudo o que diz respeito a elas.

– Qual é preferível, Srta. Francon?

– A mais difícil.

– Mas o próprio desejo de escolher o mais difícil pode ser uma confissão de fraqueza.

– É claro, Sr. Roark. Mas é a forma menos ofensiva de confissão.

– Se realmente houver uma fraqueza a ser confessada.

Nesse momento, alguém chegou voando através do grande número de pessoas, e um braço caiu sobre os ombros de Roark. Era John Erik Snyte.

– Roark, você aqui! – gritou. – Estou tão contente, tão contente! Faz muito tempo, não é? Ouça, quero falar com você! Deixe-me conversar com ele por um instante, Dominique.

Roark fez uma mesura para ela, com os braços estendidos ao lado do corpo, e uma mecha de cabelo caiu sobre seu rosto, de forma que ela não viu o rosto, apenas a cabeça laranja inclinada cortesmente por um momento, e ele seguiu Snyte para o meio do aglomerado de pessoas.

Snyte estava dizendo:

– Meu Deus, como você se destacou nesses últimos anos! Ouça, você sabe se Enright está planejando se aventurar nos negócios imobiliários com toda a força? Quero dizer, ele está escondendo algum outro prédio na manga?

Foi Heller quem forçou Snyte a desgrudar-se e levou Roark para junto de Joel Sutton, que ficou encantado. Sentiu que a presença de Roark ali removia a última de suas dúvidas, era um carimbo de segurança sobre a pessoa de Roark. A mão de Sutton fechou-se ao redor do cotovelo de Roark, cinco dedos gorduchos e rosados sobre a manga negra. Sutton engoliu em seco e disse em tom confidencial:

– Ouça, garoto, está tudo certo. É você. Agora, não vá me sugar até o último centavo. Todos vocês arquitetos enfiam a faca, cobram os olhos da cara, mas vou correr o risco. Você é um rapaz esperto, apanhou o velho Rog, não foi? E agora está conseguindo me levar no bico também, ou melhor, quase. Vou telefonar para você daqui a poucos dias e vamos ter uma briga de foice a respeito do contrato!

Heller estava olhando para eles e pensou que era quase indecente vê-los juntos: a figura alta e ascética de Roark, com a precisão orgulhosa peculiar aos corpos de linhas longas e, ao seu lado, a bola de carne sorridente cuja decisão podia significar tanto.

Roark começou a falar sobre o futuro edifício, mas Joel Sutton ergueu os olhos para ele, perplexo e ofendido. Sutton não viera até ali para falar de prédios. O objetivo das festas era que as pessoas se divertissem, e que alegria maior poderia haver do que se esquecer das coisas importantes em sua vida? Portanto, Joel Sutton começou a falar sobre badminton. Era esse o seu hobby, um hobby aristocrático, conforme explicou. Ele não era vulgar como outros homens que perdiam tempo com golfe. Roark ouvia educadamente. Ele não tinha nada a dizer.

– Você joga badminton, não joga? – perguntou Sutton de repente.

– Não – respondeu Roark.

– Não? – Sutton engoliu em seco. – Não joga? Bem, é uma pena, é realmente uma pena! Eu tinha certeza de que jogava. Com esse físico magricela que tem, você seria bom, seria demais. Eu tinha certeza de que você daria uma surra no velho Tompkins a qualquer hora, enquanto aquele prédio estivesse sendo construído.

– Enquanto aquele prédio estiver sendo construído, Sr. Sutton, eu não terei tempo para jogar, de qualquer maneira.

– O que quer dizer com não ter tempo? Para que você tem desenhistas? Contrate mais uns extras, deixe que eles se preocupem. Eu vou lhe pagar o suficiente, não vou? Só que você não joga, que vergonha, eu tinha certeza... O arquiteto que construiu o meu prédio da rua do Canal era um mágico do badminton, mas ele morreu no ano passado, arrebitou-se em um acidente de automóvel, maldito seja. E era um bom arquiteto. E agora, você não joga.

– Sr. Sutton, não está realmente aborrecido com isso, está?

– Estou seriamente decepcionado, meu rapaz.

– Mas para que está me contratando, de fato?

– Para que estou o quê?

– Para que está me contratando?

– Ora, para fazer um prédio, é claro.

– Realmente acha que seria um prédio melhor se eu jogasse badminton?

– Bem, há os negócios e há a diversão, há o lado prático e há o lado humano. Ah, eu não me importo, mas achei que, sendo magro assim, você com certeza... mas tudo bem, tudo bem, não se pode ter tudo...

Quando Joel Sutton o deixou, Roark ouviu uma voz animada dizer:

– Parabéns, Howard.

Ele virou-se e viu Peter Keating sorrindo para ele de forma radiante e zombeteira.

– Olá, Peter. O que disse?

– Eu disse parabéns por fregar Joel Sutton. Só que, sabe, você não lidou muito bem com a situação.

– Com o quê?

– Com o velho Joel. Ah, é claro, eu ouvi a maior parte da conversa. Por que não deveria? Foi muito divertida. Não é assim que se faz, Howard. Sabe o que eu teria feito? Eu teria jurado que jogo badminton desde os 2 anos de idade e diria que é o jogo dos reis e condes e que é preciso uma alma de rara distinção para apreciá-lo, e, quando chegasse a hora em que ele me colocasse à prova, eu já teria treinado para realmente jogar como um conde. O que custaria para você?

– Não pensei nisso.

– É um segredo, Howard. Um segredo raro. Eu o darei a você de graça e com os meus cumprimentos: seja sempre o que as pessoas quiserem que você seja. Assim você consegue o que quiser delas. Estou lhe dando esse conselho gratuitamente porque você nunca fará uso dele. Nunca saberá como fazer isso. Você é brilhante em alguns aspectos, Howard, eu sempre disse isso... e é extremamente estúpido em outros.

– É possível.

– Você deve tentar aprender algumas coisas, se vai começar a jogar o jogo no salão da Kiki Holcombe. Você vai? Está crescendo, Howard? Embora realmente tenha sido um choque para mim ver você aqui. Ah, é mesmo, parabéns pelo trabalho para Enright, um lindo trabalho, como sempre. Onde você esteve o verão todo? Lembre-me de lhe dar uma lição sobre como usar um smoking. Meu Deus, como fica ridículo em você! É disso que eu gosto: de vê-lo parecendo ridículo. Somos velhos amigos, não somos, Howard?

– Você está bêbado, Peter.

– É claro que estou. Mas não tomei uma gota hoje, nem uma gota. O que me deixou embriagado é algo que você nunca vai saber, nunca. Não é para você, e isso também é parte do que me deixa embriagado, o fato de que não é para você. Sabe, Howard, eu adoro você. De verdade. Eu o adoro... esta noite.

– Sim, Peter. Você sempre vai me adorar, você sabe.

Roark foi apresentado a várias pessoas e muitos falaram com ele. Elas sorriam e pareciam fazer um esforço sincero para abordá-lo como amigos, para expressar estima, demonstrar boa vontade e um interesse cordial. Mas as coisas que ele ouvia eram:

– A Residência Enright é magnífica. É quase tão boa quanto o Edifício Cosmo-Slotnick

– Tenho certeza de que você tem um futuro brilhante pela frente, Sr. Roark. Acredite em mim, eu conheço os sinais. Você será outro Ralston Holcombe.

Ele estava acostumado com o tratamento hostil. Esse tipo de benevolência era mais ofensiva do que a hostilidade. Deu de ombros e pensou que logo estaria fora dali e de volta à realidade simples e clara de seu escritório.

Não olhou novamente para Dominique pelo resto da noite. Ela o observava entre as pessoas; observava aqueles que o paravam para conversar com ele; observava os ombros dele inclinados para a frente de modo cortês, enquanto ele

ouvia. Ela pensou que essa também era a maneira de ele rir dela. Ele a deixava vê-lo sendo entregue às pessoas diante de seus olhos, oferecido a qualquer um que desejasse possuí-lo por alguns instantes. Roark sabia que era mais difícil para ela assistir a isso do que ao sol e à broca na pedreira. Ela permanecia ali assistindo, obedientemente. Não esperava que ele a notasse outra vez. Tinha que ficar ali enquanto ele estivesse nessa sala.

Naquela noite, havia outra pessoa surpreendentemente consciente da presença de Roark, desde o momento em que ele entrara no salão. Ellsworth Toohey viu quando ele entrou. Nunca o vira antes e não o conhecia, mas ficou olhando para ele durante muito tempo.

Depois Toohey andou entre as pessoas, sorrindo para seus amigos. Porém, entre sorrisos e frases, seus olhos voltavam para o homem de cabelo alaranjado. O crítico olhava para ele da mesma maneira que, de vez em quando, olhava para o chão da rua, de uma janela no trigésimo andar, imaginando seu próprio corpo, se fosse arremessado para baixo, e o que aconteceria quando se chocasse contra aquele chão. Ele não sabia qual era o nome do homem, sua profissão ou seu passado. Não tinha nenhuma necessidade de saber. Não era um homem para ele, era apenas uma força. Toohey nunca via homens. Talvez fosse o fascínio de ver aquela força em particular tão explicitamente personificada em um corpo humano.

Depois de um tempo, perguntou a John Erik Snyte, apontando:

– Quem é aquele homem?

– Aquele? – disse Snyte. – Howard Roark. Você sabe, a Residência Enright.

– Ah! – exclamou Toohey.

– O que foi?

– É claro. Tinha que ser.

– Quer ser apresentado a ele?

– Não – respondeu Toohey. – Não, não quero ser apresentado a ele.

Pelo resto da noite, todas as vezes que alguém obstruía a visão de Toohey do salão, sua cabeça se movia impacientemente, até achar Roark outra vez. Ele não queria olhar para Roark. Tinha que olhar, da mesma forma como sempre tinha que olhar para baixo, para aquele chão da rua distante, aterrorizado pela visão.

Naquela noite, Ellsworth Toohey não tinha consciência de ninguém exceto Roark. Este não sabia que Toohey existia na sala.

Quando Roark foi embora, Dominique ficou contando os minutos, certificando-se de que ele já teria sumido de vista na rua para que ela pudesse se sentir segura o suficiente para sair. Só então ela se mexeu para ir embora.

Os dedos finos e úmidos de Kiki Holcombe agarraram sua mão ao despedir-se, agarraram-na levemente e escorregaram para cima, para segurar seu pulso por um momento.

– Então, minha querida – perguntou a anfitriã –, o que você achou daquele

novato, eu a vi conversando com ele, aquele Howard Roark?

Dominique respondeu com firmeza:

– Acho que ele é a pessoa mais revoltante que eu já conheci.

– Puxa, é mesmo?

– Você gosta daquele tipo de arrogância descontrolada? Não sei o que se poderia dizer a favor dele, a não ser que ele é extremamente bonito, se é que isso importa.

– Bonito? Está querendo ser engraçada, Dominique?

Kiki Holcombe viu, pela primeira vez, Dominique ficar estupidamente confusa. E a jovem percebeu que o que ela via no rosto dele, o que o tornava o rosto de um deus para ela, não era visto pelos outros, que podiam ficar indiferentes a ele. Ela percebeu que o que pensara ser o comentário mais óbvio e inconsequente era, ao invés disso, uma confissão de algo dentro dela, alguma qualidade que os outros não tinham.

– Ora, querida – disse Kiki –, ele não é nada bonito, mas é extremamente masculino.

– Não deixe que isso a espante, Dominique – disse uma voz atrás dela. – A opinião estética de Kiki não é a mesma que a sua. Ou a minha.

Dominique virou-se. Ellsworth Toohey estava sorrindo, observando atentamente seu rosto.

– Você... – começou ela, e parou.

– É claro – disse Toohey, curvando-se levemente em uma afirmação que denotava que ele havia entendido o que ela não havia dito. – Dominique, me dê crédito por ter um discernimento até certo ponto igual ao seu, embora não para o prazer estético. Deixarei essa parte para você. Mas, às vezes, nós realmente vemos coisas que não são óbvias, não vemos, você e eu?

– Que coisas?

– Minha cara, que discussão filosófica longa seria essa, e que complicada e desnecessária. Eu sempre lhe disse que nós deveríamos ser bons amigos. Temos tanto em comum, do ponto de vista intelectual. Partimos de polos opostos, mas isso não faz nenhuma diferença porque, veja só, nós nos encontramos no mesmo ponto. Foi uma noite muito interessante, Dominique.

– Aonde você está querendo chegar?

– Por exemplo, foi interessante descobrir que tipo de coisa parece bonita para você. É bom poder classificá-la firmemente, de maneira concreta. E sem palavras, apenas com a ajuda de certo rosto.

– Se... se consegue ver isso que está falando, você não pode ser o que é.

– Não, minha querida, eu tenho que ser o que sou, precisamente por causa do que eu vejo.

– Sabe, Ellsworth, acho que você é muito pior do que eu pensei.

– E talvez muito pior do que você está pensando agora. Mas útil. Todos somos

úteis uns aos outros. Assim como você será para mim. E como, acho, vai querer ser.

– De que você está falando?

– Isso é ruim, Dominique. Muito ruim. É tão inútil. Se você não sabe do que eu estou falando, eu nunca poderia explicar. Se você souber, eu já a tenho, sem precisar dizer mais nada.

– Que tipo de conversa é essa? – perguntou Kiki, desnorтеada.

– É só o nosso jeito de brincar um com o outro – comentou Toohy alegremente. – Não se incomode, Kiki, Dominique e eu estamos sempre brincando um com o outro. Embora não muito bem porque, sabe, nós não podemos.

– Algum dia, Ellsworth – disse Dominique –, você vai cometer um erro.

– É bem possível. E você, minha cara, já cometeu o seu.

– Boa noite, Ellsworth.

– Boa noite, Dominique.

Kiki virou-se para ele depois que Dominique saiu.

– Qual é o problema com vocês dois, Ellsworth? Por que essa conversa, sobre absolutamente nada? O rosto das pessoas e a primeira impressão não significam nada.

– Essa, minha cara Kiki – respondeu ele com a voz baixa e distante, como se não estivesse respondendo para ela, mas sim para um pensamento só seu –, é uma de nossas maiores falácias comuns. Não há nada mais significativo do que um rosto humano. Nem tão eloquente. Nós nunca podemos realmente conhecer outra pessoa, exceto quando olhamos para ela pela primeira vez. É nesse primeiro olhar que sabemos tudo, muito embora nem sempre sejamos sábios o suficiente para decifrar esse conhecimento. Você já pensou no estilo de uma alma, Kiki?

– No... quê?

– No estilo da alma. Você se lembra do filósofo famoso que falava do estilo de uma civilização? Ele o chamava de “estilo”, dizia que era a palavra mais próxima que pôde encontrar para isso. Disse que cada sociedade tem seu princípio básico, uma concepção única, suprema e determinante, e cada iniciativa dos homens naquela civilização corresponde, inconsciente e irrevogavelmente, a esse único princípio... Eu acho, Kiki, que cada alma humana também tem seu estilo próprio, seu tema básico e único. Você o vê refletido em cada pensamento, cada ato, cada desejo de determinada pessoa. O único absoluto, o único imperativo naquela criatura viva. Anos estudando um homem não revelarão o tema para você. Mas o rosto dele revelará. Você teria que redigir vários volumes para descrever uma pessoa. Mas pense em seu rosto e você não precisará de nada mais.

– Isso parece fantástico, Ellsworth. E injusto, se for verdade. Significa que as

pessoas ficariam nuas diante de você.

– É pior que isso. Também significa que você fica nua diante delas. Você se trai pela maneira como reage a certo rosto. A certo tipo de rosto... O estilo da sua alma... Não há nada importante no mundo, exceto os seres humanos. Não há nada mais importante sobre os seres humanos do que suas relações uns com os outros...

– Bem, o que você vê no meu rosto?

Ele olhou para ela como se tivesse acabado de notar sua presença.

– O que você disse?

– Perguntei o que você vê no meu rosto.

– Ah... sim... Bem, conte-me de que estrelas de cinema você gosta e eu lhe direi o que você é.

– Eu adoro ser analisada! Vamos ver... Meu maior favorito sempre foi...

Porém ele não estava ouvindo. Havia lhe dado as costas e estava se afastando sem se desculpar. Toohey parecia cansado. Kiki nunca o havia visto ser grosseiro antes – a não ser de propósito.

Pouco depois, vinda de um grupo de amigos, ela ouviu a voz forte e vibrante dele dizendo:

– ... e, portanto, o conceito mais nobre do mundo é o da absoluta igualdade dos homens.

“...E LÁ ESTARÁ ELA, COMO UM MONUMENTO a nada a não ser o egotismo do Sr. Enright e do Sr. Roark. Ficará entre uma fileira de cortiços de arenito de um lado e os tanques de um depósito de gás do outro. Talvez isso não seja algo que aconteceu por acaso, mas uma confirmação do senso de adequação do destino. Nenhum outro cenário poderia demonstrar de maneira tão eloquente a insolência vital desse prédio. Ele se erguerá como uma zombaria a todas as estruturas da cidade e a todos os homens que as construíram. Nossas construções são falsas e sem sentido. Esse prédio fará com que o sejam ainda mais. Porém o contraste não lhe trará nenhum benefício. Ao criar o contraste, ela terá se tornado uma parte da grande incompetência, sua parte mais ridícula. Se um raio de luz ilumina um chiqueiro, é o raio que nos mostra a lama e é ele que é ofensivo. Nossas construções têm a grande vantagem da obscuridade e da timidez. Além disso, combinam conosco. A Residência Enright é brilhante e audaciosa. Ela é como um boá de plumas. Vai chamar a atenção – mas somente para a audácia imensa da presunção do Sr. Roark. Quando esse prédio for construído, será uma ferida na cara da nossa cidade. Uma ferida também é colorida.”

Esse artigo apareceu na coluna “Sua Casa”, de Dominique Francon, uma semana depois da festa na casa de Kiki Holcombe.

Na manhã em que foi publicado, Ellsworth Toohey entrou na sala dela. Ele estava segurando uma cópia do *Banner*, com a página da coluna virada para a jornalista. Ficou parado em silêncio, balançando um pouco sobre seus pés pequenos. Parecia que a expressão de seus olhos tinha que ser ouvida ao invés de vista: era uma gargalhada visual. Seus lábios estavam fechados de forma afetadamente inocente.

– O que foi? – perguntou ela.

– Onde você conheceu Roark antes daquela festa?

Ela ficou sentada olhando para ele, com um dos braços pendurado sobre o respaldo da cadeira e um lápis pendurado precariamente entre as pontas de seus dedos. Dominique parecia estar sorrindo. Disse:

– Eu não conhecia Roark antes daquela festa.

– Engano meu. Eu estava só pensando na... – fez barulho com o jornal – mudança de sentimento.

– Ah, isso? Bem, eu não gostei dele quando o conheci. Na festa.

– Foi o que percebi.

– Sente-se, Ellsworth. Você não tem uma aparência muito boa quando está em pé.

– Você se importa? Não está ocupada?

– Não especialmente.

Ele sentou-se no canto da escrivaninha dela. Ficou sentado ali, batendo com o jornal no joelho, pensativo.

– Sabe, Dominique – disse ele –, não está bem-feito. Nem um pouco bem-feito.

– Por quê?

– Você não vê o que pode ser lido nas entrelinhas? Claro, não serão muitos os que notarão. Mas ele vai notar. Eu noto.

– Não foi escrito para ele nem para você.

– Mas foi para os outros?

– Para os outros.

– Então você pregou uma peça desagradável nele e em mim.

– Viu? Achei que foi bem-feito.

– Bem, cada um tem seu método.

– O que você vai escrever sobre ela?

– Sobre o quê?

– A Residência Enright.

– Nada.

– Nada?

– Nada.

Ele atirou o jornal sobre a escrivaninha sem se mexer, apenas torcendo seu pulso para a frente. E comentou:

– Por falar em arquitetura, Dominique, por que você nunca escreveu nada sobre o Edifício Cosmo-Slotnick?

– Vale a pena escrever sobre ele?

– Ah, com certeza. Há pessoas que ficariam muito irritadas.

– Vale a pena irritá-las?

– Parece que sim.

– Que pessoas?

– Ah, sei lá. Como podemos saber quem lê o que escrevemos? É isso que torna o ato de escrever tão interessante. Todos aqueles estranhos que nunca vimos antes, com quem nunca falamos, ou com quem não podemos falar, e aqui está este jornal em que eles podem ler nossa resposta, se quisermos dar uma. Eu realmente acho que você deveria escrever correndo sobre umas coisas agradáveis sobre o Edifício Cosmo-Slotnick.

– Você realmente parece gostar muito de Peter Keating.

– Eu? Eu gosto muito do Peter. Você também vai gostar, com o tempo, quando conhecê-lo melhor. Ele é uma pessoa útil de se conhecer. Por que você não dedica algum tempo, um dia desses, a ouvi-lo contar a história da vida dele? Vai ficar sabendo de muitas coisas interessantes.

– Por exemplo?

– Por exemplo, ele estudou em Stanton.

– Eu sei disso.

– Não acha interessante? Eu acho. Lugar maravilhoso, Stanton. É um exemplo extraordinário de arquitetura gótica. O vitral da janela da capela é realmente um dos mais bonitos deste país. E, pense, há tantos jovens estudantes. Todos tão diferentes. Uns se formam com altas honras. Outros são expulsos.

– E daí?

– Você sabia que Peter Keating é um velho amigo de Howard Roark?

– Não. Ele é?

– É.

– Peter Keating é velho amigo de todo mundo.

– É verdade. Um rapaz extraordinário. Mas isso é diferente. Você não sabia que Roark estudou em Stanton?

– Não.

– Você não parece saber muito sobre o Sr. Roark.

– Eu não sei nada sobre o Sr. Roark. Não estávamos falando dele.

– Não? Não, claro, estávamos falando de Peter Keating. Bem, sabe, uma pessoa pode explicar melhor uma ideia por meio do contraste e da comparação. Como você fez no seu artigo bonitinho de hoje. Para apreciar Peter como ele deveria ser apreciado, vamos seguir uma comparação. Vamos pegar duas linhas paralelas. Estou inclinado a concordar com Euclides, acho que essas duas paralelas nunca se encontrarão. Bem, ambos estudaram em Stanton. A mãe de Peter tinha uma espécie de pensão e Roark morou com eles durante três anos. Isso não importa muito, exceto pelo fato de tornar o contraste mais eloquente e, bem, mais pessoal depois. Peter formou-se com distinção, o primeiro de sua classe. Roark foi expulso. Não faça essa cara. Eu não tenho que explicar por que ele foi expulso, nós entendemos, você e eu. Peter foi trabalhar com o seu pai e, agora, é sócio dele. Roark trabalhou com o seu pai e foi mandado embora. Pois é, foi. Não é engraçado? Ele foi demitido sem que você o tivesse ajudado em absoluto – naquela vez. Peter tem a seu crédito o Edifício Cosmo-Slotnick e Roark tem uma carrocinha de cachorros-quentes em Connecticut. Peter assina autógrafos, e Roark não é conhecido nem pelos fabricantes de louças sanitárias. Roark tem uma casa para fazer e ela é tão preciosa para ele como um filho único, enquanto Peter nem teria notado se tivesse a Residência Enright: ele consegue esse tipo de casa todos os dias. Agora, não me parece que Roark ache que o trabalho de Peter é grande coisa. Ele nunca achou nem nunca vai achar, não importa o que aconteça. Leve isso um passo adiante. Nenhum homem gosta de ser vencido. Mas ser vencido pelo homem que sempre foi o exemplo perfeito de mediocridade diante de seus olhos, começar ao lado dessa mediocridade e vê-la subir como um foguete, enquanto ele se esforça e não consegue nada além de um chute de bota na cara, ver a mediocridade tirar dele, uma após outra, as chances pelas quais ele daria sua vida, ver essa mediocridade ser idolatrada,

perder o lugar que se quer e ver a mediocridade estabelecida nesse lugar, perder, ser sacrificado, ser ignorado, ser vencido, vencido, vencido... não por um gênio maior, não por um deus, mas por um Peter Keating... bem, minha querida amadora, você acha que a Inquisição Espanhola alguma vez pensou em uma tortura igual a essa?

– Ellsworth! – gritou ela. – Saia daqui!

Ela se levantara de um salto. Ficou ereta por um momento, e então se inclinou para a frente, as palmas das mãos apoiadas na escrivaninha, e permaneceu assim, curvada. Ele viu a massa suave do cabelo dela balançar-se pesadamente e depois parar, caindo imóvel, escondendo o rosto dela.

– Mas, Dominique – disse Toohey em tom amável –, eu só estava lhe dizendo por que Peter Keating é uma pessoa tão interessante.

O cabelo dela voou para trás e seu rosto seguiu o movimento. Deixou-se cair sentada na cadeira, olhando para ele com a boca frouxa e muito feia.

– Dominique – comentou ele suavemente –, você é óbvia. Óbvia demais.

– Saia daqui.

– Bem, eu sempre disse que você me subestimava. Me chame na próxima vez que precisar de ajuda.

Quando estava na porta, virou-se para acrescentar:

– É claro, pessoalmente, acho que Peter Keating é o maior arquiteto que temos.



Naquela noite, quando ela chegou em casa, o telefone tocou.

Uma voz falou ansiosa do outro lado da linha:

– Dominique, querida, você realmente falou aquilo tudo a sério?

– Quem é?

– Joel Sutton. Eu...

– Olá, Joel. Eu falei a sério o quê?

– Olá, querida, como vai? Como vai o seu pai encantador? Eu quis dizer, você falou a sério tudo aquilo sobre a Residência Enright e aquele rapaz, o Roark? Quero dizer, o que você escreveu em sua coluna de hoje. Estou muito aborrecido, muito mesmo. Você sabe sobre o meu prédio? Bem, estamos prontos para começar, e é tanto dinheiro... Eu achei que tinha sido muito cuidadoso ao tomar a decisão, mas confio em você mais do que em qualquer outra pessoa. Sempre confiei em você, você é uma garota esperta, muito esperta. Se trabalha para um cara como Wynand, acho que você entende do que fala. Wynand entende de prédios, ora, aquele homem ganhou mais dinheiro com imóveis do que com todos os jornais dele juntos, pode apostar. Não é para ninguém saber, mas eu sei. E você trabalha para ele, e agora eu não sei o que pensar. Porque,

veja, eu tinha decidido, sim, tinha decidido absoluta e definitivamente... bem, praticamente decidido... contratar esse rapaz, o Roark. Na verdade, eu já tinha dito isso a ele, ele vem aqui amanhã à tarde para assinar o contrato, e agora... Você realmente acha que vai parecer um boá de plumas?

– Ouça, Joel – disse ela, cerrando os dentes –, você pode almoçar comigo amanhã?

Encontrou-se com Joel Sutton no restaurante amplo e deserto de um hotel distinto. Havia poucos hóspedes solitários entre as mesas brancas, de forma que cada uma se destacava, as mesas vazias servindo como um cenário elegante que proclamava a exclusividade dos hóspedes. Joel Sutton sorria abertamente. Ele nunca havia acompanhado uma mulher que chamasse tanto a atenção quanto Dominique.

– Sabe, Joel – disse ela, olhando para ele do outro lado da mesa, com a voz baixa, controlada, sem sorrir –, foi uma ideia brilhante a sua escolha de Roark.

– Oh, você acha?

– Acho. Você terá um prédio que será lindo, como um hino. Um prédio que lhe tirará o fôlego, e também o dos seus ocupantes. Daqui a cem anos, escreverão sobre você nos anais da história e buscarão sua sepultura em Potter's Field, o cemitério dos pobres.

– Deus do céu, Dominique, sobre o que você está falando?

– Sobre o seu prédio. Sobre o tipo de prédio que Roark vai projetar para você. Será um grande prédio, Joel.

– Você quer dizer bom?

– Não quero dizer bom. Quero dizer grande.

– Não é a mesma coisa.

– Não, Joel, não é a mesma coisa.

– Não gosto dessa coisa de “grande”.

– Não, você não gosta. Não achei que gostasse. Então, o que você quer com Roark? Você quer um prédio que não choque ninguém. Um prédio que seja simples, confortável e seguro, como a velha sala de casa, que cheira a sopa de mariscos. Um prédio de que todos vão gostar, todos e qualquer um. É muito incômodo ser herói, Joel, e você não tem físico para isso.

– Bem, é claro que eu quero um prédio de que as pessoas gostem. Para que você acha que eu vou construí-lo, para a minha saúde?

– Não, Joel. Nem para a sua alma.

– Você quer dizer que Roark não presta?

Dominique estava sentada reta e rígida, como se todos os seus músculos estivessem contraídos de dor. Porém seus olhos estavam pesados, semicerrados, como se uma mão estivesse acariciando seu corpo. Disse:

– Você vê muitos prédios que ele tenha feito? Vê muitas pessoas contratando-o? Há seis milhões de pessoas na cidade de Nova York. Toda essa gente não pode

estar errada, pode?

– É claro que não.

– Claro.

– Mas eu achei que o Enright...

– Você não é o Enright, Joel. Para começar, ele não sorri tanto quanto você. E também, veja, o Enright não teria pedido a minha opinião. Você pediu. É por isso que eu gosto de você.

– Gosta mesmo de mim, Dominique?

– Você não sabia que sempre foi um dos meus grandes favoritos?

– Eu... Eu sempre confiei em você. Aceito um conselho seu a qualquer hora. O que você realmente acha que devo fazer?

– É simples. Você quer o melhor que o dinheiro pode comprar... entre aquilo que o dinheiro pode comprar. Você quer um prédio que será... o que merece ser. Quer um arquiteto que já tenha sido contratado por outros, para poder lhes mostrar que você é tão bom quanto eles.

– Está certa. Está totalmente certa... Dominique, você mal tocou em sua comida.

– Não estou com fome.

– Bem, que arquiteto você recomendaria?

– Pense, Joel. Sobre quem todo mundo está falando, no momento? Quem consegue os melhores projetos? Quem ganha mais dinheiro, para si mesmo e para seus clientes? Quem é jovem, famoso, seguro e popular?

– Ora, acho... acho que é Peter Keating.

– Sim, Joel. Peter Keating.



– Eu sinto muito, Sr. Roark, sinto muitíssimo, acredite. Mas, afinal de contas, não estou nos negócios pela minha saúde... nem pela minha saúde nem pela minha alma... Ou seja, quero dizer... bem, tenho certeza de que você pode compreender a minha posição. E não é que eu tenha qualquer coisa contra você, muito pelo contrário, acho que você é um grande arquiteto. Mas, veja, esse é justamente o problema, a grandeza é ótima, mas não é prática. Esse é o problema, Sr. Roark, não é prática, e, afinal de contas, você tem que admitir que o Sr. Keating tem um nome muito melhor e tem aquele... aquele toque popular que você não foi capaz de conquistar.

Perturbava o Sr. Sutton o fato de Roark não protestar. Ele queria que Roark tentasse discutir, para que ele pudesse utilizar as justificativas irresponsáveis que Dominique lhe havia ensinado havia poucas horas. Mas Roark não disse nada, apenas inclinou a cabeça quando ouviu a decisão. O Sr. Sutton queria desesperadamente apresentar as justificativas, mas parecia inútil tentar

convencer um homem que já estava convencido. Mesmo assim, o Sr. Sutton amava as pessoas e não queria magoar ninguém.

– Na verdade, Sr. Roark, não estou sozinho nesta decisão. Na verdade, eu o queria, já havia decidido que seria você, honestamente eu havia decidido, mas foi a Srta. Dominique Francon, cujo julgamento eu valorizo extremamente, quem me convenceu de que você não era a escolha certa para este projeto. E ela foi justa o bastante para me permitir lhe contar que foi ela.

Ele viu Roark olhar para ele subitamente. Em seguida, viu as bochechas magras daquele homem se contorcem, como se estivessem ainda mais côncavas, e sua boca se abrir: ele estava rindo, sem nenhum ruído, exceto o de uma forte inalação de ar.

– De que diabos está rindo, Sr. Roark?

– Então a Srta. Francon queria que você me dissesse isso?

– Ela não queria que eu dissesse. Por que deveria? Ela apenas disse que eu poderia lhe contar, se quisesse.

– Sim, é claro.

– O que somente demonstra a honestidade dela, e que ela tem boas razões para suas convicções e as assume abertamente.

– Sim.

– Bem, qual é o problema?

– Nenhum, Sr. Sutton.

– Olhe, não é decente rir assim.

– Não é.



A sala dele estava semiescura à sua volta. Um esboço da Residência Heller estava pregado, sem moldura, em uma parede longa e vazia, fazendo com que a sala parecesse mais vazia e a parede, mais comprida. Ele não sentia os minutos passarem, mas sentia o tempo como algo sólido aprisionado e mantido separado, dentro da sala, o tempo despojado de todo o significado, a não ser a realidade imóvel do seu corpo.

Quando ouviu a batida na porta, disse, sem se levantar:

– Entre.

Dominique entrou. Ela agiu como se já tivesse entrado naquela sala antes. Vestia um conjunto preto de tecido pesado, simples como uma roupa de criança, usado como mera proteção, não como ornamento. Tinha uma gola alta masculina, erguida até suas bochechas, e usava um chapéu que escondia metade de seu rosto. Roark ficou imóvel, olhando para ela. A mulher esperava ver o sorriso zombeteiro, mas ele não apareceu. O sorriso parecia implícito na própria sala, e na presença dela ali, no meio da sala. Ela tirou o chapéu, como faz um

homem ao entrar em uma casa. Pegou-o pela aba com as pontas dos dedos estendidos e o deixou pendurado de seu braço esticado. Ela esperou, seu rosto sério e frio, mas seu cabelo claro e macio parecia indefeso e humilde. E disse:

– Você não está surpreso em me ver.

– Eu esperava que você viesse esta noite.

Ela ergueu a mão, dobrando o cotovelo com uma tensa economia de movimento, apenas o mínimo necessário, e atirou o chapéu em cima de uma mesa. O voo longo do chapéu demonstrou a violência daquele impulso controlado de seu pulso.

Ele perguntou:

– O que você quer?

Dominique respondeu, com a voz pesada e sem tom:

– Você sabe o que eu quero.

– Sim. Mas quero ouvi-la dizer. Tudo.

– Se é isso o que você deseja. – A voz dela tinha o som da eficiência, obedecendo à ordem com uma precisão metálica. – Eu quero dormir com você. Agora, esta noite, e a qualquer hora que você possa querer me chamar. Quero o seu corpo nu, sua pele, sua boca, suas mãos. Quero você, assim, não histérica de desejo, mas fria e conscientemente, sem dignidade e sem arrependimentos. Eu quero você. Não tenho nenhum respeito próprio para barganhar comigo mesma e me dividir. Quero você, quero-o como um animal, ou um gato em cima de uma cerca, ou uma prostituta.

Ela falava em um tom único e uniforme, como se estivesse recitando um austero catecismo de fé. Estava em pé, imóvel, seus pés em sapatos baixos, plantados separados no chão, seus ombros inclinados para trás, os braços estendidos ao lado do corpo. Tinha uma aparência impessoal, intocada pelas palavras que pronunciava, inocente como um menino.

– Você sabe que eu o odeio, Roark. Eu o odeio pelo que você é, por querer você, por ter que querer você. Vou lutar contra você e vou destruí-lo, e digo-lhe isso com a mesma calma com que eu implorei a você como um animal. Vou rezar para que você não possa ser destruído, e lhe digo isso também, embora eu não acredite em nada e não tenha nada ou ninguém por quem rezar. Mas vou lutar para bloquear todos os passos que você der. Vou lutar para arrancar de você todas as chances que você tiver. Vou magoá-lo através da única coisa que pode magoá-lo: o seu trabalho. Vou lutar para fazê-lo morrer de fome, para estrangulá-lo com as coisas que você não será capaz de alcançar. Eu fiz isso com você hoje, e é por isso que vou dormir com você esta noite.

Ele estava afundado na poltrona, com o corpo estendido e relaxado, e tenso em seu relaxamento, uma imobilidade que estava sendo lentamente preenchida com a violência do movimento que estava por vir.

– Eu o prejudiquei hoje. Vou fazê-lo de novo. Eu virei até você sempre que o

tiver derrotado, sempre que eu souber que o magoei, e deixarei você me possuir. Eu quero ser possuída, não por um amante, mas por um adversário que destruirá minha vitória sobre ele, não com golpes honrados, mas com o toque de seu corpo no meu. É isso o que eu quero de você, Roark. É isso o que eu sou. Você quis ouvir tudo, e ouviu. O que deseja dizer agora?

– Tire a roupa.

Ela ficou imóvel por um momento. Dois pontos enrijecidos incharam e embranqueceram sob os cantos de sua boca. Então ela viu um movimento no tecido da camisa dele, um balanço provocado pela respiração controlada dele, e foi a vez dela de sorrir zombeteiramente, como ele sempre havia sorrido para ela.

Dominique ergueu as mãos até a gola e desabotoou os botões do casaco, de maneira simples e precisa, um por um. Atirou o casaco no chão, tirou a blusa branca fina e reparou nas luvas pretas e justas cobrindo os pulsos de seus braços nus. Tirou-as, puxando um dedo de cada vez. Despiu-se de maneira indiferente, como se estivesse sozinha em seu próprio quarto.

Depois olhou para Roark. Estava em pé, nua, esperando, sentindo o espaço entre eles como uma pressão contra seu estômago, sabendo que era tortura para ele também e que era assim que ambos queriam. Então ele se levantou, andou até ela e, quando a abraçou, os braços dela se ergueram desejosos e, conforme o enlaçava, ela sentiu a forma do corpo dele impressa na pele da parte de dentro de seu braço, as costelas dele, a axila, as costas, o ombro dele sob seus dedos, sua boca na dele, em uma entrega mais violenta do que fora sua luta.

Mais tarde, deitada na cama ao lado dele, sob o cobertor dele, olhando para o quarto dele, ela perguntou:

– Roark, por que você estava trabalhando naquela pedreira?

– Você sabe.

– Sim. Qualquer outro teria aceitado um emprego em um escritório de arquitetura.

– E então você não teria absolutamente nenhum desejo de me destruir.

– Você entende isso?

– Entendo. Fique quieta. Não importa agora.

– Você sabe que a Residência Enright é o prédio mais lindo de Nova York?

– Eu sei que você sabe.

– Roark, você trabalhou naquela pedreira quando tinha a Residência Enright dentro de você, e muitas outras residências como aquela, e você estava perfurando granito como um...

– Você vai fraquejar em um instante, Dominique, e vai se arrepender amanhã.

– Sim.

– Você é muito linda, Dominique.

- Não faça isso.
- Você é linda.
- Roark eu... eu ainda vou querer destruí-lo.
- Você acha que eu iria desejá-la, se você não quisesse?
- Roark..
- Quer ouvir de novo? Uma parte? Eu quero você, Dominique. Eu quero você.

Eu quero você.

- Eu...

Ela parou, a palavra que não pronunciou quase audível em sua respiração.

- Não - disse ele. - Ainda não. Não vai dizer isso ainda. Durma.

- Aqui? Com você?

- Aqui. Comigo. Eu lhe preparo o desjejum, de manhã. Sabia que eu preparo o meu café? Você vai gostar de ver isso. Como o trabalho na pedreira. Só então você irá para casa e pensará em me destruir. Boa noite, Dominique.

COM AS VENEZIANAS DAS JANELAS DE SUA sala de jantar levantadas e as luzes da cidade elevando-se em um horizonte negro na metade da altura das vidraças, Dominique estava sentada à sua escrivaninha, corrigindo as últimas folhas de um artigo, quando ouviu a campainha. Nenhum convidado a perturbava sem avisar, e ela ergueu os olhos, com o lápis suspenso no ar, irritada e curiosa. Ouviu passos no corredor e em seguida a empregada entrou, dizendo:

– Um cavalheiro deseja vê-la, madame. – Uma leve hostilidade em sua voz demonstrava que o cavalheiro recusara-se a dar seu nome.

“Um homem de cabelo laranja?”, Dominique quis perguntar, mas não perguntou. O lápis se mexeu com dificuldade e ela disse:

– Faça-o entrar.

A porta se abriu. Contra a luz do corredor, ela viu um pescoço comprido e ombros caídos, como a silhueta de uma garrafa. Uma voz opulenta e cremosa disse:

– Boa noite, Dominique.

Reconheceu Ellsworth Toohey, a quem ela nunca havia convidado para vir à sua casa.

Ela sorriu e disse:

– Boa noite, Ellsworth. Não o vejo há tanto tempo.

– Você deveria ter esperado que eu viesse, não acha? – Ele se virou para a empregada: – Cointreau, por favor, se tiver, e tenho certeza de que tem.

A empregada olhou para Dominique com os olhos arregalados. A dona de casa acenou com a cabeça, sem dizer nada, e a empregada saiu, fechando a porta.

– Está ocupada, é claro – disse Toohey, olhando para a escrivaninha abarrotada. – Muito apropriado, Dominique. E dá resultados também. Você tem escrito muito melhor ultimamente.

Ela largou o lápis e passou um dos braços por cima do espaldar de sua cadeira, ficando meio virada para ele e observando-o serenamente.

– O que você quer, Ellsworth?

Ele não se sentou, ficou em pé examinando a sala com a curiosidade sem pressa de um especialista.

– Nada mau, Dominique. Quase igual ao que eu esperaria que você tivesse. Um pouco frio. Sabe, eu não colocaria aquela cadeira azul ali. É óbvia demais, combina bem demais. É exatamente o que as pessoas esperam, precisamente naquele lugar. Eu escolheria uma cadeira de um tom vermelho, cor de cenoura. Um vermelho feio, berrante, absurdo. Como o cabelo do Sr. Howard Roark. E digo isso muito *en passant*, meramente uma figura de linguagem conveniente, nada pessoal em absoluto. Basta um toque da cor errada para transformar a sala

inteira. É o tipo de coisa que dá elegância a um ambiente. Seus arranjos de flores são bonitos. Os quadros também, nada maus.

– Está bem, Ellsworth, está bem. O que foi?

– Mas você não sabe que eu nunca estive aqui antes? Por alguma razão, você nunca me convidou. Não sei por quê.

Ele se sentou confortavelmente, descansando um tornozelo sobre um dos joelhos, uma perna fina esticada horizontalmente sobre a outra, expondo toda a meia justa da cor do metal de uma arma, sob a barra da calça, e um trecho de pele que aparecia acima da meia, de um branco azulado, com alguns pelos pretos.

– Mas, também, você era tão pouco sociável. Era, minha cara, no passado. Disse que não nos vemos há muito tempo? É verdade. Você tem estado tão ocupada, de uma maneira tão fora do comum... visitas, jantares, bares e dando chás. Não tem?

– Tenho.

– Chás, achei isso o máximo. Esta é uma boa sala para festas. É grande, há bastante espaço para encher de pessoas... especialmente se você não for muito exigente quanto a quem escolhe para enchê-la... e você não é. Não atualmente. O que serve para eles? Pasta de anchovas com ovos moídos, cortados em forma de corações?

– Caviar e cebolas moídas, cortados na forma de estrelas.

– E para as senhoras idosas?

– Queijo cremoso e nozes, em espirais.

– Eu gostaria de tê-la visto cuidando desse tipo de coisa. É maravilhoso como você se tornou atenciosa com as senhoras idosas. Especialmente as podres de ricas que têm genros no ramo imobiliário. Mas não acho que isso seja tão ruim quanto ir assistir a *Derrube-me no chão*, com o Comodoro Higbee, que usa dentadura e tem um belo terreno vago na esquina da Broadway com a Chambers.

A empregada entrou com a bandeja. Toohey pegou um cálice e segurou-o delicadamente, inalando, enquanto a funcionária de Dominique saía.

– Pode me contar por que o departamento de serviço secreto... não vou perguntar quem... e por que os relatórios detalhados sobre as minhas atividades? – perguntou ela com indiferença.

– Você pode perguntar quem. Todos e qualquer um. Você não acha que as pessoas estão comentando sobre a Srta. Dominique Francon no papel de anfitriã famosa tão de repente? A Srta. Francon como uma espécie de segunda Kiki Holcombe, só que muito melhor... ah, muito mesmo!... muito mais sutil, muito mais capaz e, pense, tão mais bonita. Já era tempo de você fazer algum uso dessa aparência insuperável que tem, pela qual qualquer mulher cortaria a sua garganta. Ainda está sendo desperdiçada, é claro, se pensarmos na forma em

relação à sua função apropriada, mas pelo menos algumas pessoas estão tirando algum proveito disso. O seu pai, por exemplo. Tenho certeza de que ele está encantado com essa sua nova vida. A pequena Dominique sendo amigável com as pessoas. A pequena Dominique que ficou normal, finalmente. Ele está errado, é claro, mas é bom deixá-lo feliz. E uns poucos outros também. Eu, por exemplo. Apesar de que você nunca faria nada apenas para me deixar feliz, mas veja só, esta é a minha capacidade sortuda: extrair alegria, de uma maneira totalmente desinteressada, daquilo que não foi feito para mim.

– Você não está respondendo à minha pergunta.

– Estou, sim. Você perguntou por que o interesse em suas atividades, e eu estou respondendo: porque elas me deixam feliz. Além disso, olhe, alguém poderia ficar perplexo, embora fosse falta de visão, se eu estivesse coletando informações sobre as atividades de meus inimigos. Mas não estar a par das ações do meu próprio lado... Francamente, você não achou que eu seria um general tão incompetente, e, seja lá o que for que possa pensar de mim, você nunca achou que eu fosse incompetente.

– O seu lado, Ellsworth?

– Olhe, Dominique, esse é o problema com o seu estilo escrito... e falado: você usa pontos de interrogação demais. É ruim, em qualquer caso. Especialmente ruim quando é desnecessário. Vamos parar com a técnica do questionário e apenas conversar, já que ambos entendemos e não há perguntas a serem feitas entre nós. Se houvesse, você já teria me jogado para fora daqui. Em vez disso, você me deu um licor muito caro.

Ele segurou o cálice com a borda na altura do nariz e inalou com um prazer sensual que, a uma mesa de jantar, teria sido equivalente a estalar os lábios, o que seria vulgar em um jantar, mas insuperavelmente elegante ali, com um copo de cristal pressionado contra o bigodinho aparado.

– Está bem – concordou ela. – Converse.

– É o que estive fazendo. O que é muita consideração da minha parte, já que você não está pronta para falar. Ainda não, daqui a um tempo. Bem, vamos falar, de forma puramente contemplativa, sobre como é interessante ver as pessoas recebendo-a no meio delas de maneira tão entusiasmada, aceitando-a, correndo para você. Por que será? Elas esnobam bastante, mas basta que alguém que as esnobou a vida inteira de repente tenha um colapso e resolva pertencer ao grupo, e todas elas vêm correndo, rolando de costas com as patinhas no ar, para que você faça carinho em suas barrigas. Por quê? Eu acho que poderia haver duas explicações. A benévola seria que elas são generosas e querem honrá-la com a amizade delas. Só que as explicações benévolas nunca são as verdadeiras. A outra é que você está se degradando ao precisar delas, está descendo de um ápice... toda solidão é um ápice... e elas estão encantadas por arrastá-la para baixo por meio de sua amizade. Embora, é claro, nenhuma delas saiba disso

conscientemente, só você. É por esse motivo que você aguenta a agonia de fazer isso, e nunca o faria por uma causa nobre, nunca o faria exceto pelo fim que escolheu, um fim mais vil do que os meios e que torna os meios suportáveis.

– Sabe, Ellsworth, você proferiu uma frase que nunca usaria em sua coluna.

– É mesmo? Sem dúvida. Eu posso lhe dizer muitas coisas que eu nunca usaria em minha coluna. Qual foi?

– Toda solidão é um ápice.

– Isso? Sim, você está certa. Eu não usaria essa frase. Fique à vontade para usá-la, embora não seja muito boa. É muito crua. Eu lhe darei umas melhores algum dia, se quiser. Mas sinto muito que você só tenha tirado isso do meu pequeno discurso.

– O que você queria que eu tirasse?

– Bem, minhas duas explicações, por exemplo. Há uma questão interessante aí. O que é mais bondoso: acreditar no melhor das pessoas e sobrecarregá-las com uma nobreza maior do que podem suportar, ou vê-las como são e aceitar que são assim porque isso as deixa à vontade? Considerando que a bondade é mais importante que a justiça, é claro.

– Eu não ligo a mínima, Ellsworth.

– Não está com disposição para especulações abstratas? Só está interessada em resultados concretos? Tudo bem. Quantos projetos você conseguiu para Peter Keating nos últimos três meses?

Ela se levantou, andou até a bandeja que a empregada deixara, serviu-se da bebida e disse, erguendo o copo até a boca:

– Quatro.

Então virou-se para encará-lo, de copo na mão, e acrescentou:

– E foi com a famosa técnica Toohey. Nunca coloque sua mensagem no início de um artigo, nem no final. Enfie-a furtivamente onde for menos esperada. Encha uma coluna inteira com conversa fiada, só para inserir aquela única linha importante.

Ele fez uma mesura cortês.

– Exatamente. É por isso que gosto de conversar com você. É um desperdício tão grande ser sutil e malévolo com pessoas que nem sabem que você está agindo assim. Mas a conversa fiada nunca é acidental, Dominique. Além disso, eu não sabia que a técnica da minha coluna estava se tornando óbvia. Terei que pensar em uma nova.

– Não se incomode. Eles a adoram.

– É claro. Adoram qualquer coisa que eu escrevo. Então foram quatro? Eu perdi um. Tinha contado três.

– Não consigo entender por que você teve que vir até aqui, se era só isso que queria saber. Você gosta tanto de Peter Keating e eu o estou ajudando bastante, melhor do que você poderia. Então, se queria falar bem do Petey para mim, não

era necessário, era?

– Você errou duas vezes em uma frase, Dominique. Um erro honesto e uma mentira. O erro honesto é a suposição de que eu desejo ajudar Keating. E, a propósito, eu posso ajudá-lo muito melhor do que você, já o ajudei e ainda vou ajudá-lo mais, mas esse é um plano a longo prazo. A mentira é que eu vim aqui para falar sobre Keating. Você soube sobre o que eu vim falar quando me viu entrar. E, minha nossa!, você deixaria que uma pessoa mais detestável do que eu invadisse sua sala apenas para falar sobre esse assunto. Só não sei quem poderia ser mais detestável para você do que eu, no momento.

– Peter Keating – disse ela.

Ele fez uma careta, franzindo o nariz.

– Ah, não. Ele não é grande o suficiente para isso. Mas vamos falar de Peter Keating. É uma coincidência tão conveniente que ele por acaso seja o sócio do seu pai. Você está apenas se matando de trabalhar para conseguir trabalhos para o seu pai, como uma filha dedicada. Não há nada mais natural. Você fez maravilhas para a Francon & Keating nesses últimos três meses. Apenas sorrindo para umas poucas viúvas ricas e vestindo modelitos deslumbrantes em algumas de nossas reuniões sociais mais distintas. Imagine o que conseguiria se decidisse ir fundo e vender seu corpo incomparável para usos que fossem além da contemplação estética, em troca de projetos para Peter Keating.

Toohey fez uma pausa. Ela não disse nada, então ele acrescentou:

– Meus parabéns, Dominique. Você chegou à altura da minha melhor opinião a seu respeito, ao não ficar chocada com o que acabei de dizer.

– Qual foi o objetivo, Ellsworth? Chocar ou sugerir?

– Ah, poderiam ter sido várias coisas. Uma sondagem preliminar, por exemplo. Mas, na verdade, não foi nada. Apenas um toque de vulgaridade. Também faz parte da técnica Toohey. Sabe, eu sempre aconselho a dar o toque errado na hora certa. Sou, essencialmente, um puritano tão severo e pálido que, de vez em quando, tenho que me permitir uma mudança de cor, para aliviar a monotonia.

– É mesmo, Ellsworth? Eu me pergunto o que você é... essencialmente. Eu não sei.

– Ouso dizer que ninguém sabe – comentou ele com satisfação. – Embora, na realidade, não haja nenhum mistério nisso. É muito simples. Todas as coisas são simples quando as reduzimos a princípios fundamentais. Você ficaria surpresa se soubesse como é pequena a quantidade de princípios fundamentais que existem. Talvez só dois. Para explicar a todos nós. O difícil é destrinchar, reduzir. Eis o motivo por que as pessoas não gostam de se incomodar com isso. E também não acho que elas gostariam dos resultados.

– Eu não me importo. Sei o que sou. Vamos, diga. Eu não passo de uma puta.

– Não se engane, minha querida. Você é muito pior do que uma puta. Você é

uma santa. O que prova por que os santos são perigosos e indesejáveis.

– E você?

– Na verdade, eu sei exatamente o que sou. Só isso já pode explicar muito sobre mim. Vou lhe dar uma pista útil, se quiser usá-la. Você não quer, é claro. Mas pode ser que queira, no futuro.

– Por que eu deveria?

– Você precisa de mim, Dominique. Seria útil se me entendesse um pouco. Veja, eu não tenho medo de ser entendido. Não por você.

– Eu preciso de você?

– Ora, vamos lá, mostre um pouco de coragem também.

Ela se sentou mais reta e esperou com frieza, em silêncio. Ele sorriu, evidentemente com prazer, sem fazer nenhum esforço para escondê-lo.

– Vejamos – disse ele, observando o teto com uma atenção casual –, aqueles projetos que você conseguiu para Peter Keating. O prédio de escritórios Cryson foi apenas para irritar, pois Howard Roark nunca teve nenhuma chance de consegui-lo. A residência Lindsay foi melhor. Roark foi com certeza considerado, acho que a teria conseguido, se não fosse por você. A sede do Clube Stonebrook também. Ele tinha uma chance de projetá-la, que você arruinou.

Toohey a olhou e deu uma risadinha baixa.

– Nenhum comentário sobre técnicas ou mensagens, Dominique? – O sorriso dele era como graxa fria flutuando sobre os sons fluidos da sua voz – Você falhou na casa de campo Norris, visto que ele a conseguiu na semana passada, sabe? Bem, você não pode ter cem por cento de êxito. Afinal de contas, a Residência Enright é um grande trabalho. Está sendo muito comentada, e várias pessoas estão começando a demonstrar interesse pelo Sr. Howard Roark. Mas você fez um trabalho extraordinariamente bom. Meus parabéns. Não acha que estou sendo simpático com você? Todo artista precisa de reconhecimento, e não há ninguém para elogiá-la, uma vez que ninguém sabe o que você está fazendo, exceto Roark e eu, e ele não vai lhe agradecer. Pensando bem, acho que ele não sabe o que você está fazendo, e isso estraga a diversão, não estraga?

Dominique perguntou, com voz cansada:

– Como você sabe o que estou fazendo?

– Minha cara, com certeza você não se esqueceu de que fui eu que lhe dei a ideia?

– Ah, é – admitiu ela, distraída. – Sim.

– E agora você sabe por que eu vim até aqui. Agora você sabe o que eu quis dizer quando falei sobre o meu lado.

– Sim – concordou ela. – É claro.

– Temos um pacto, minha querida. Uma aliança. Aliados nunca confiam uns nos outros, mas isso não estraga sua eficácia. Nossos motivos podem ser bastante opostos. Na verdade, eles são, mas não importa. O resultado será o mesmo. Não

é preciso ter um objetivo nobre em comum. Só é necessário ter um inimigo em comum. E nós temos.

– Sim.

– É por isso que você precisa de mim. Eu já fui útil uma vez.

– Já foi.

– Eu posso prejudicar o seu Sr. Roark muito mais do que qualquer chá que você possa dar.

– Por quê?

– Omite os porquês, eu não pergunto sobre os seus.

– Está bem.

– Então, estamos entendidos? Somos aliados nisto?

Ela olhou para Toohey e curvou-se para a frente, atenta, o rosto impassível. Então disse:

– Somos aliados.

– Muito bem, minha cara. Agora escute. Pare de mencioná-lo em sua coluna a cada dois dias. Eu sei, você faz comentários perversos sobre ele todas as vezes, mas é demais. Está mantendo o nome dele no jornal, e não é isso que você quer. E mais: é melhor me convidar para essas suas festinhas. Há coisas que posso fazer que você não pode. Outra dica: o Sr. Gilbert Colton... você sabe, os Colton das cerâmicas da Califórnia... está planejando abrir uma filial da fábrica dele no leste. Está pensando em um bom modernista. Na verdade, ele está pensando no Sr. Roark. Não deixe que Roark consiga o projeto. É um trabalho imenso, que atrairá muita publicidade. Invente um novo sanduíche para o chá da Sra. Colton. Faça o que quiser, mas não deixe Roark conseguir esse trabalho.

Ela se levantou, arrastou os pés até uma mesa, com os braços balançando soltos, e pegou um cigarro. Acendeu-o, virou-se para ele e disse, com indiferença:

– Você consegue falar de maneira sucinta e objetiva, quando quer.

– Quando acho necessário.

Ela ficou em pé perto da janela, olhando para a cidade. E comentou:

– Você nunca fez nada contra Roark, de fato. Eu não sabia que se importava tanto.

– Oh, querida. Não fiz?

– Nunca o mencionou em sua coluna.

– Foi isso, minha cara, o que fiz contra o Sr. Roark. Até agora.

– Quando ouviu falar nele pela primeira vez?

– Quando vi desenhos da Residência Heller. Você não achou que eu deixaria passar, achou? E você?

– Quando eu vi desenhos da Residência Enright.

– Não antes?

– Não antes.

Ela fumava em silêncio. Então disse, sem se virar para ele:

– Ellsworth, se um de nós tentasse repetir o que dissemos aqui esta noite, o outro negaria, e nada jamais poderia ser provado. Portanto, não importa se formos sinceros um com o outro, certo? É bastante seguro. Por que você o odeia?

– Eu nunca disse que o odiava.

Ela deu de ombros. Toohey acrescentou:

– Quanto ao resto, acho que você mesma pode responder.

Dominique concordou, acenando lentamente com a cabeça, na direção do pequeno ponto brilhante do reflexo de seu cigarro no vidro da janela.

Ele se levantou, andou até ela e ficou olhando para as luzes da cidade abaixo deles, para as formas angulares dos prédios, para as paredes escuras que se tornavam translúcidas com o brilho das janelas, como se as paredes fossem apenas um véu xadrez feito de uma fina gaze negra, sobre uma massa sólida de resplendor. E Ellsworth Toohey disse suavemente:

– Olhe para isto. Uma conquista sublime, não é? Uma conquista heroica. Pense nos milhares de pessoas que trabalharam para criar isto, e nos milhões que se beneficiam disto. E dizem que, se não fosse pelo espírito de uma dúzia de homens, espalhados durante eras, se não fosse por uma dúzia de homens, talvez menos, nada disto teria sido possível. E talvez seja verdade. Se for, há, novamente, duas atitudes possíveis a tomar. Podemos dizer que esses doze foram grandes benfeitores, que todos nós nos alimentamos da superabundância da riqueza magnífica de seu espírito, e que estamos contentes de aceitá-la com um sentimento de gratidão e irmandade. Ou podemos dizer que, por meio do esplendor de sua conquista, um feito que jamais poderemos igualar nem manter, esses doze homens nos mostraram o que somos e que não queremos as esmolas de sua grandeza, que uma caverna à beira de um pântano enlameado e uma fogueira criada com gravetos esfregados um no outro são preferíveis a arranha-céus e luzes de neon... se a caverna e os gravetos forem o limite de nossas próprias capacidades criativas. Das duas atitudes, Dominique, qual você classificaria como a verdadeira atitude humanitária? Porque, sabe, eu sou um humanitário.



Depois de um tempo, Dominique achou mais fácil relacionar-se com as pessoas. Apreendeu a aceitar a tortura infligida a si mesma como um teste de resistência, impelida pela curiosidade de descobrir quanto conseguiria suportar. Ela se movia por recepções formais, festas em teatros, jantares e bailes, graciosa e sorridente, com um sorriso que tornava seu rosto mais brilhante e mais frio, como o sol em um dia de inverno. Ouvia sem reação as palavras vazias, pronunciadas como se o falante fosse ficar ofendido por qualquer sinal de interesse entusiasmado em seu

ouvinte, como se o tédio oleoso fosse a única ligação possível entre as pessoas, a única coisa que preservaria sua precária dignidade. Ela concordava com tudo e aceitava tudo:

– Sim, Sr. Holt, acho que Peter Keating é o homem do século... do nosso século.

– Não, Sr. Inskip, Howard Roark não. O senhor não vai querer escolhê-lo... Um impostor? É claro que ele é um impostor. Só com uma honestidade sensível se pode avaliar a integridade de um homem... Não é grande coisa? Não, Sr. Inskip, é claro que Howard Roark não é grande coisa. É tudo uma questão de tamanho e distância. E distância... Não, não bebo muito, Sr. Inskip... Que bom que o senhor gosta dos meus olhos. É verdade, eles sempre ficam assim quando estou me divertindo, e eu fiquei muito feliz ao ouvi-lo dizer que Howard Roark não é grande coisa.

– Conheceu o Sr. Roark, Sra. Jones? E não gostou dele?... Ah, ele é o tipo de homem por quem não se consegue sentir compaixão? A senhora tem razão. A compaixão é algo maravilhoso. É o que sentimos quando olhamos para uma lagarta esmagada. É uma experiência dignificante. A pessoa pode se soltar e expandir, sabe, como se tirasse um espartilho. Não tem que encolher a barriga, ou elevar seu coração ou espírito. A única coisa que precisa fazer é olhar para baixo. É muito mais fácil. Quando você olha para cima, fica com dor no pescoço. A compaixão é a maior das virtudes. Ela justifica o sofrimento. Tem que existir sofrimento no mundo, caso contrário como é que poderíamos ser virtuosos e sentir compaixão?... Ah, há a antítese, mas ela é tão difícil e exigente: a admiração, Sra. Jones, a admiração. Mas para sentir admiração é preciso mais do que um espartilho... Portanto, eu afirmo que qualquer pessoa por quem não possamos sentir pena é depravada. Como Howard Roark.

Tarde da noite, com frequência, Dominique ia ao apartamento de Roark. Ela sem avisar, com a certeza de que o encontraria sozinho. No apartamento dele, não havia nenhuma necessidade de poupar, mentir, concordar e apagar sua própria existência. Ali ela estava livre para resistir, no intuito de ver sua resistência ser bem-vinda por um adversário forte demais para temer uma competição, forte o suficiente para precisar de uma. Ela encontrava uma determinação que lhe dava o reconhecimento de sua própria entidade, intocada, e que não podia ser tocada exceto em uma batalha limpa, para vencer ou ser vencida, mas para ser preservada na vitória ou na derrota, e não esmagada na massa impessoal sem significado.

Quando eles se deitavam na cama era – como tinha que ser, como o exigia a natureza do ato – um ato de violência. Era uma entrega, ainda mais completa pela força da resistência dos dois. Era um ato de tensão, assim como as grandes coisas da Terra são cheias de tensão. Era tenso como a eletricidade, a força alimentada pela resistência, correndo através de fios de metal esticados até o

limite. Era tenso como a água transformada em força pela violência restringente de uma barragem. O toque da pele de Roark na dela não era um carinho, mas sim uma onda de dor – tornava-se dor por ser tão desejado, por libertar, através da satisfação, todas as horas passadas de desejo e negação. Era um ato de dentes cerrados e de ódio, era o insuportável, a agonia, um ato de paixão – a palavra nascida para significar sofrimento –, era o momento feito de ódio, tensão, dor – o momento que quebrava seus próprios elementos, que os invertia, triunfava e levava a uma negação de todo o sofrimento, transformando-o em sua antítese, em êxtase.

Ela entrou no apartamento dele, vinda de uma festa, trajando um vestido de noite caro e frágil como uma fina camada de gelo sobre o corpo, e encostou-se à parede, sentindo o gesso áspero sob sua pele, passeando o olhar lentamente por cada objeto ao seu redor – a mesa simples da cozinha, coberta de folhas de papel, as régua de aço, as toalhas manchadas com marcas pretas de dedos, a madeira nua do piso –, e deixou o olhar baixar para o cetim reluzente de sua roupa, até o pequeno triângulo de uma sandália prateada, pensando em como ela seria despida ali. Desfrutou do prazer de caminhar pela sala, atirar suas luvas sobre um amontoado de lápis, borrachas e pedaços de pano, colocar sua pequena bolsa prateada sobre uma camisa manchada e descartada, abrir o fecho de um bracelete de diamantes e largá-lo dentro de um prato, junto com os restos de um sanduíche, perto de um desenho inacabado.

– Roark – disse ela, em pé atrás da cadeira dele, seus braços sobre os ombros dele, suas mãos sob a camisa dele, seus dedos abertos pressionados contra o peito dele –, hoje eu fiz o Sr. Symons prometer dar seu projeto para Peter Keating. Trinta e cinco andares, por qualquer preço que ele desejar cobrar, sem que o dinheiro importe, apenas a arte, a arte livre.

Dominique ouviu o som da risada baixa dele, mas ele não se virou para olhá-la, apenas os dedos dele se fecharam sobre o pulso dela e ele puxou a mão dela mais para baixo sob a sua camisa, pressionando-a com força contra a própria pele. Ela puxou a cabeça dele para trás e curvou-se para cobrir a boca dele com a sua.

Ela virou-se e viu uma cópia do *Banner* sobre a mesa dele, aberta na página com a coluna “Sua Casa”, assinada por ela. Seu artigo continha o seguinte trecho: “Howard Roark é o Marquês de Sade da arquitetura. Ele é apaixonado por seus prédios – e olhem para eles.” Ela sabia que ele não gostava do *Banner*, que ele havia colocado o jornal ali só por causa dela, que ele a observava reparando nele, exibindo em seu rosto o meio sorriso que ela temia. Ficou brava. Queria que ele lesse tudo o que ela escrevia, mas teria preferido pensar que isso o magoaria o suficiente para que ele o evitasse. Mais tarde, deitada na cama, sentindo a boca dele em seu seio, olhou, por cima do cabelo laranja despenteado dele, para aquela folha de jornal sobre a mesa, e ele a sentiu tremer de prazer.

Ela estava sentada no chão, aos pés de Roark, com a cabeça sobre os joelhos dele, segurando sua mão, fechando a sua própria ao redor dos dedos dele, apertando um de cada vez, deixando a mão escorregar por toda a extensão do dedo dele, sentindo as obstruções pequenas e duras das articulações, e perguntou em voz baixa:

– Roark, você queria a Fábrica Colton? Você a queria muito?

– Sim, muito – respondeu ele, sem sorrir e sem dor.

Ela ergueu a mão dele até seus lábios e segurou-a assim por longo tempo.

Levantou-se da cama, no escuro, e atravessou nua o quarto dele para pegar um cigarro sobre a mesa. Inclinou-se sobre a luz do palito de fósforo, seu estômago liso suavemente arredondado pelo movimento. Roark disse:

– Acenda um para mim.

Ela colocou um cigarro entre os lábios dele e depois ficou andando pelo quarto escuro, fumando, enquanto ele permanecia deitado na cama, apoiado em um dos cotovelos, olhando para ela.

Uma vez, ela entrou e encontrou-o trabalhando, sentado à mesa. Ele disse:

– Eu tenho que terminar isto. Sente-se e espere.

Ele não olhou mais para ela. Dominique esperou em silêncio, sentada confortavelmente em uma cadeira do outro lado da sala. Observava as linhas retas das sobancelhas dele, unidas em uma expressão de concentração, a boca dele cerrada, a veia pulsando sob a pele tensa de seu pescoço, a firmeza precisa e cirúrgica de sua mão. Ele não parecia um artista, e sim o trabalhador da pedreira, um demolidor derrubando paredes, um monge. Então ela já não queria que ele parasse nem olhasse para ela, porque queria observar a pureza ascética da pessoa dele, a ausência de qualquer sensualidade. Queria observar isso – e pensar naquilo de que se lembrava.

Havia noites em que Roark ia ao apartamento dela, assim como ela ia ao dele, sem avisar. Se ela tinha convidados, ele dizia:

– Livre-se deles.

E entrava no quarto, enquanto ela obedecia.

Eles tinham um acordo tácito, entendido sem ter sido mencionado, de nunca serem vistos juntos. O quarto verde-claro dela era um lugar requintado de vidro. Ele gostava de entrar ali usando roupas sujas, após passar o dia no canteiro de obras. Gostava de afastar as cobertas da cama dela e sentar-se, conversando tranquilamente durante uma ou duas horas, sem olhar para a cama, sem mencionar o que ela havia escrito, nem prédios, nem o projeto mais recente que ela obtivera para Peter Keating, a simplicidade de estar à vontade, ali, assim, tornando essas horas mais sensuais do que os momentos que elas adiavam.

Havia noites em que eles se sentavam juntos na sala de estar dela, perto da janela enorme que ficava muito acima da cidade. Dominique gostava de vê-lo próximo àquela janela. Ele ficava em pé, meio virado para ela, fumando e

olhando a cidade abaixo. Ela afastava-se dele e sentava-se no chão no meio da sala, para observá-lo.

Uma vez, quando Roark se levantou da cama, ela acendeu a luz e viu-o ali em pé, nu. Ela olhou para ele e disse, sua voz baixa e desesperada, com o desespero simples da sinceridade absoluta:

– Roark, tudo o que eu fiz, a minha vida toda, foi por causa do tipo de mundo que fez com que você trabalhasse em uma pedreira no verão passado.

– Eu sei disso.

Ele se sentou ao pé da cama. Ela se aproximou, colocou o rosto sobre a coxa dele, virou de lado com os pés sobre o travesseiro e, com um dos braços pendurado, passou a palma da mão lentamente sobre a perna dele, do tornozelo ao joelho, e de volta, do joelho ao tornozelo. E disse:

– Mas, é claro, se fosse por mim, na primavera passada, quando você estava duro e desempregado, eu o teria mandado exatamente para aquele tipo de trabalho, naquela mesma pedreira.

– Eu sei disso também. Mas talvez você não tivesse feito isso. Talvez tivesse me colocado como servente do banheiro do salão de festas da AAA.

– Sim, possivelmente. Ponha a mão nas minhas costas, Roark. Deixe-a aí. Assim.

Ela ficou deitada com o rosto enterrado nos joelhos dele, um dos braços pendurado por cima da lateral da cama, sem se mexer, como se nada nela estivesse vivo, a não ser a pele entre seus ombros, sob a mão dele.

Nas salas de visitas que ela frequentava, nos restaurantes, nos escritórios da AAA, as pessoas falavam sobre a aversão que a Srta. Dominique Francon do *Banner* tinha por Howard Roark, aquela aberração arquitetônica de Roger Enright. Dava a ele um tipo de fama escandalosa. Diziam:

– Roark? Você sabe, o cara que Dominique Francon não suporta.

– A garota Francon entende de arquitetura, e, se ela diz que ele não presta, ele deve ser pior do que eu pensei.

– Meu Deus, esses dois devem se odiar! Embora, pelo que sei, eles nem se conhecem pessoalmente.

Ela gostava de ouvir essas coisas. Ficou contente quando Athelstan Beasley escreveu em sua coluna no *Boletim da AAA*, ao discutir a arquitetura dos castelos medievais: “Para entender a ferocidade inflexível dessas estruturas, devemos nos lembrar de que as guerras entre os senhores feudais eram selvagens – algo parecido com a hostilidade entre a Srta. Dominique Francon e o Sr. Howard Roark”

Austen Heller, que já fora seu amigo, falou com ela a respeito. Ele estava mais irado do que ela jamais havia visto. O rosto dele perdera todo o charme de sua costureira serenidade sarcástica.

– Que diabos pensa que está fazendo, Dominique? – perguntou ele

rispidamente. – Essa é a maior exibição de vandalismo jornalístico que eu já vi ser publicada na imprensa. Por que não deixa esse tipo de coisa para Ellsworth Toohey?

– Ellsworth é bom, não é? – disse ela.

– Pelo menos ele teve a decência de manter a boca de latrina dele fechada, no que diz respeito a Roark. Muito embora, é claro, isso também seja uma indecência. Mas o que aconteceu com você? Você percebe de quem e do que está falando? Estava tudo bem quando você se divertia elogiando algum aborto horrível do Vovô Holcombe, ou fazendo uma crítica que arrasava o seu próprio pai e aquele garoto bonitinho de calendário de açougueiro que ele arranhou como sócio. Não importava, de um jeito ou de outro. Mas usar aquele mesmo método intelectual para avaliar alguém como Roark.. Sabe, eu realmente achava que você tinha integridade e discernimento, se algum dia tivesse a chance de exercê-los. Para falar a verdade, eu achava que você estava agindo como uma vagabunda só para enfatizar a mediocridade dos idiotas sobre cujos trabalhos você tinha que escrever. Não imaginei que você não passava de uma vaca irresponsável.

– Você se enganou – retrucou ela.

Roger Enright entrou na sala dela, certa manhã, e disse, sem cumprimentá-la:

– Pegue seu chapéu. Você virá vê-la comigo.

– Bom dia, Roger – cumprimentou ela. – Ver o quê?

– A Residência Enright. A parte que já erguemos.

– Ora, com certeza, Roger – concordou ela, sorrindo e levantando-se. – Eu adoraria ver a Residência Enright.

No caminho, ela perguntou:

– O que foi, Roger? Está tentando me subornar?

Ele estava sentado rígido no banco grande e cinza de sua limusine, sem olhar para ela. Respondeu:

– Eu posso entender a malícia estúpida. Posso entender a malícia ignorante. Mas não consigo compreender a depravação deliberada. É claro que você é livre para escrever o que quiser... depois. Mas não será estupidez nem ignorância.

– Está me superestimando, Roger.

Ela deu de ombros e não disse mais nada durante o resto do trajeto.

Eles caminharam juntos, passando a cerca de madeira, através da selva de aço exposto e tábuas de madeira que se transformariam na Residência Enright. Os saltos altos dela pisavam de leve sobre tábuas respingadas de cal e ela andava reta, com uma elegância descuidada e insolente. Parou para olhar para o céu cercado por uma moldura de aço, o céu que parecia mais distante do que o normal, empurrado para trás pela extensão arrebatadora das colunas. Olhou para as armações de aço de futuras projeções, para os ângulos insolentes, para a incrível complexidade dessa forma que ganhava vida como um todo simples e

lógico, um esqueleto nu com painéis de ar formando as paredes, um esqueleto nu em um dia frio de inverno, com um senso de nascimento e promessa, como uma árvore desfolhada que mostra o primeiro toque de verde.

– Oh, Roger!

Ele olhou para ela e viu o tipo de expressão que se deveria esperar ver na igreja, na Páscoa.

– Eu não subestimei nenhum dos dois – disse ele secamente. – Nem você nem o prédio.

– Bom dia – disse uma voz baixa e firme ao lado deles.

Dominique não ficou chocada ao ver Roark. Não o ouviu se aproximando, mas teria sido anormal pensar nesse prédio sem ele. Ela sentia que ele simplesmente estava lá, que estivera ali desde o momento em que ela atravessara a cerca da entrada, que essa estrutura era ele, de uma forma mais pessoal que o corpo dele. Roark estava diante deles, com as mãos nos bolsos de um casaco largo, sem chapéu que o abrigasse do frio.

– Srta. Francon, Sr. Roark – apresentou Enright.

– Nós já fomos apresentados uma vez – comentou ela –, na casa dos Holcombe. Se o Sr. Roark se lembra.

– Claro, Srta. Francon – disse Roark.

– Eu queria que a Srta. Francon visse o prédio – informou Enright.

– Devo levá-los para ver o resto? – Roark perguntou a Enright.

– Sim, por favor – Dominique respondeu primeiro.

Os três andaram juntos através da estrutura, e os pedreiros olhavam curiosos para a mulher. Roark explicou o layout dos futuros quartos, o sistema de elevadores, o aquecimento, o arranjo das janelas – como ele teria explicado para o assistente de um empreiteiro. Ela fazia muitas perguntas e ele respondia.

– Quantos metros cúbicos de espaço, Sr. Roark? Quantas toneladas de aço?

– Cuidado com estes canos, Srta. Francon. Passe por aqui.

Enright acompanhava-os, com os olhos no chão, sem olhar para nada. Mas, de repente, ele perguntou:

– Como vai indo, Howard?

Roark sorriu, respondendo:

– Estamos dois dias à frente do cronograma.

E eles ficaram falando do trabalho, como irmãos, esquecendo-se dela por um instante, o zumbido das máquinas que rugiam ao redor deles abafando suas palavras.

Em pé ali, no coração da estrutura, Dominique pensou que, se não tivesse nada dele, nada além do corpo dele, ali estava, oferecido a ela, o resto dele, para ser visto e tocado, aberto a todos. As vigas mestras, as tubulações e as vastas projeções de espaço eram dele e não poderiam ter sido de mais ninguém no mundo. Dele, como o rosto dele, como a alma dele. Ali estavam a forma que ele

criara e a coisa dentro dele que o fizera criá-la, o fim e a causa juntos, a força motriz eloquente em cada linha de aço, a personalidade de um homem, dela nesse momento, dela pelo fato de poder vê-lo e compreendê-lo.

– Está cansada, Srta. Francon? – perguntou Roark, olhando para seu rosto.

– Não – respondeu ela –, não, de jeito nenhum. Eu estava pensando: que tipo de instalações de encanamento vai usar aqui, Sr. Roark?

Alguns dias depois, no apartamento dele, sentada na beirada da prancheta de desenho dele, ela viu um jornal e olhou para sua coluna e para as seguintes linhas: “Visitei o local da construção da Residência Enright. Eu gostaria que, em algum bombardeio aéreo futuro, uma bomba explodisse esse prédio, fazendo-o desaparecer da face da Terra. Seria um fim digno. Muito melhor do que vê-lo envelhecendo, manchado de fuligem, degradado pelas fotografias de família, pelas meias sujas, pelas garrafas de bebida e pelas cascas de grapefruit de seus moradores. Nem uma única pessoa na cidade de Nova York deveria ter permissão para viver nesse prédio.”

Roark aproximou-se e ficou ao lado de Dominique, perto dela, suas pernas pressionadas de encontro aos joelhos dela, e olhou para o jornal, sorrindo.

– Você deixou Roger completamente desorientado com isso – comentou ele.

– Ele leu?

– Eu estava no escritório dele hoje de manhã quando ele leu. Primeiro, ele a xingou de uns nomes que eu nunca tinha ouvido antes. Depois disse: “Espere um pouco.” E leu o artigo de novo, olhou para mim, muito confuso, mas nada bravo, e disse: “Se você ler de um jeito... por outro lado...”

– O que você disse?

– Nada. Sabe, Dominique, estou muito agradecido, mas quando é que você vai parar de me fazer todos esses elogios extravagantes? Alguém mais pode perceber. E você não vai gostar disso.

– Alguém mais?

– Você sabia que eu entendi, desde aquele primeiro artigo seu sobre a Residência Enright. Você queria que eu entendesse. Mas não acha que alguém mais pode entender a sua maneira de fazer as coisas?

– Ah, sim. Mas o efeito, para você, será pior do que se não tivessem entendido. Vão gostar menos de você por isso. Entretanto, eu não sei quem chegaria a se dar ao trabalho de tentar entender. A menos que seja... Roark, o que você pensa de Ellsworth Toohey?

– Deus do céu, por que alguém deveria pensar em Ellsworth Toohey?

Ela gostava das raras ocasiões em que se encontrava com Roark em alguma reunião social a que Heller ou Enright o levavam. Gostava do “Srta. Francon” educado e impessoal pronunciado pela voz dele. Divertia-se com a preocupação nervosa da anfitriã e com seus esforços para evitar que eles ficassem perto um do outro. Ela sabia que as pessoas ao redor deles esperavam alguma explosão,

algum sinal chocante de hostilidade que nunca acontecia. Ela não procurava Roark nem o evitava. Eles falavam um com o outro, se por acaso se viam incluídos no mesmo grupo, assim como falariam com qualquer outra pessoa. Não era preciso fazer nenhum esforço. Era real e certo, tornava tudo certo, até mesmo essa reunião. Dominique encontrava um profundo senso de adequação no fato de que ali, entre as pessoas, eles deveriam ser como estranhos – estranhos e inimigos. Refletia: estas pessoas podem achar que ele e eu somos muitas coisas um para o outro, exceto o que realmente somos. Isso tornava ainda melhores os momentos dos quais ela se lembrava, os instantes intocados pela visão dos outros, pelas palavras dos outros, nem mesmo pelo conhecimento deles. Ela pensava: o que se passa entre nós não tem nenhuma existência aqui, a não ser em mim e nele. Percebia um senso de posse que não podia sentir em nenhum outro lugar. Nunca poderia possuí-lo como o possuía em uma sala, entre estranhos, quando ela raramente olhava na direção dele.

Se o fitava do outro lado da sala e o via conversando com rostos vazios e indiferentes, ela desviava o olhar sem se preocupar; se os rostos estivessem hostis, ela observava por um instante, satisfeita; ficava com raiva quando via um sorriso, um sinal de afeto ou aprovação em um rosto virado para ele. Não era ciúme, não se importava se o rosto era de um homem ou de uma mulher. Ela se ofendia com a aprovação, como se fosse uma impertinência.

Coisas peculiares a torturavam: a rua onde ele morava, a entrada do prédio dele, os carros que viravam a esquina de seu quarteirão. Ela se ressentia especialmente dos carros, gostaria de poder fazê-los ir em frente e seguir para a próxima rua em vez de virar a esquina. Olhava para a lata de lixo perto da escadaria da entrada do vizinho e se perguntava se já estava ali quando ele passou, a caminho do escritório, de manhã, se ele havia olhado para aquele maço de cigarros amassado sobre a tampa. Certa vez, no saguão do prédio dele, viu um homem saindo do elevador. Ela ficou chocada por um segundo, pois sempre se sentira como se Roark fosse o único morador daquele prédio. Quando subia no pequeno elevador, sem ascensorista, ficava encostada à parede, com os braços cruzados sobre o peito, as mãos abraçando os próprios ombros, sentindo-se aconchegada e íntima, como se estivesse em um box, debaixo de um chuveiro de água quente.

Ela pensava nisso enquanto um senhor lhe falava sobre o mais recente show da Broadway, enquanto Roark bebericava um coquetel do outro lado da sala, enquanto ouvia a anfitriã cochichando para alguém:

– Santo Deus, eu não achei que o Gordon ia trazer a Dominique. Já sei que o Austen vai ficar furioso comigo, porque o amigo dele, o Roark, está aqui.

Mais tarde, deitada na cama dele, de olhos fechados, o rosto corado, os lábios molhados, perdendo a noção das regras que ela mesma impusera, perdendo a noção de suas palavras, ela sussurrou:

– Roark, havia um homem falando com você hoje, e ele estava sorrindo para você, o idiota, o tremendo idiota. Na semana passada, ele estava olhando para um par de comediantes e adorando-os. Eu quis dizer ao homem: “Não olhe para ele, você não terá nenhum direito de querer olhar para nada mais, não goste dele, você terá que odiar o resto do mundo, é assim, seu idiota, é um ou outro, não juntos, não com os mesmos olhos, não olhe para ele, não goste dele, não aprove.” Era isso que eu queria dizer a ele, não você e o resto, não posso suportar ver isso, eu não aguento, qualquer coisa para afastá-lo disso, do mundo deles, de todos eles, qualquer coisa, Roark..

Ela não ouviu a si mesma dizendo tudo isso, não o viu sorrindo, não reconheceu a compreensão total no rosto dele, viu apenas o rosto dele cobrir o seu, e não tinha nada para esconder dele, nada para deixar por dizer, tudo estava admitido, respondido, descoberto.



Peter Keating estava confuso. A súbita devoção de Dominique por sua carreira parecia deslumbrante, lisonjeira, extremamente lucrativa. Todo mundo lhe dizia isso, mas havia momentos em que ele não se sentia deslumbrado nem lisonjeado. Sentia-se inquieto.

Ele tentava evitar Guy Francon.

– Como você fez isso, Peter? Como? – perguntou Francon. – Ela deve ser louca por você! Quem jamais imaginaria que justamente Dominique fosse... E quem pensaria que ela poderia? Ela teria me transformado em um milionário se tivesse feito isso cinco anos atrás. Mas, é claro, um pai não é a mesma inspiração que um... – Ele percebeu um olhar ameaçador no rosto de Keating e mudou o final da frase: – ... que o homem dela, digamos?

– Ouça, Guy – começou Keating. Parou, suspirando, e resmungou: – Por favor, Guy, não devemos...

– Eu sei, eu sei, eu sei. Não devemos nos antecipar. Mas que diabos, Peter, *entre nous*, não está tudo tão público quanto um noivado? Mais ainda. E com mais estardalhaço.

Então o sorriso desapareceu e o rosto de Francon ficou sério, em paz, francamente envelhecido, em um de seus raros instantes de genuína dignidade.

– E estou contente, Peter – comentou ele, simplesmente. – Era isso o que eu queria que acontecesse. Acho que eu realmente sempre amei a minha filha, no final das contas. Eu fico feliz. Sei que a deixarei em boas mãos. Ela e tudo o mais, no fim...

– Olhe, meu velho, você me perdoa? Estou terrivelmente pressionado. Só dormi duas horas na noite passada, a Fábrica Colton, você sabe. Meu Deus, que trabalho! Graças a Dominique. É de matar, mas espere até vê-la! Espere até ver

o cheque também!

– Ela não é maravilhosa? Você pode me dizer por que ela está fazendo isso? Perguntei a ela e não entendo nada do que ela fala, Dominique me diz as bobagens mais malucas, você sabe como ela fala.

– Bem, não devemos nos preocupar, contanto que ela continue assim!

Ele não podia dizer a Francon que não tinha nenhuma resposta. Não podia admitir que não via a filha dele sozinha há meses, que ela se recusava a vê-lo.

Lembrava-se de sua última conversa em particular com ela, no táxi quando saíram da reunião de Toohey. Lembrava-se da calma indiferente dos insultos que ela lhe havia dirigido, do desprezo absoluto das ofensas ditas sem raiva. Ele poderia ter esperado qualquer coisa depois daquilo, menos vê-la transformar-se em sua defensora, sua assessora de imprensa, quase sua... cafetina. É isso que está errado, pensou ele, que eu possa pensar em palavras como essa quando penso nisso.

Peter a vira com frequência desde que ela iniciara sua campanha não requisitada. Fora convidado para suas festas e apresentado a seus futuros clientes. Nunca lhe fora permitido ter um momento a sós com ela. Tentara agradecer-lhe e questioná-la, mas não podia forçar uma conversa que ela não queria continuar, com uma multidão de convidados curiosos ao redor deles. Portanto, ele seguia sorrindo suavemente, a mão dela repousando de modo casual na manga preta de seu smoking, a coxa dela encostando na sua quando ela estava em pé ao lado dele, a atitude dela possessiva e íntima, tornando-se notoriamente íntima por ela parecer não a notar, enquanto dizia a um grupo de admiradores o que achava do Edifício Cosmo-Slotnick. Ele ouvia comentários invejosos de todos os seus amigos. Pensava com amargura que era o único homem em Nova York que não achava que Dominique Francon estava apaixonada por ele.

Entretanto, ele conhecia a instabilidade perigosa dos caprichos dela, e esse era um capricho valioso demais para ser perturbado. Mantinha-se longe dela e enviava-lhe flores. Ia na onda dela e tentava não pensar a respeito. A pequena ponta permanecia – uma ponta afiada de inquietação.

Certo dia, encontrou-se com ela por acaso em um restaurante. Viu-a almoçando sozinha e aproveitou a oportunidade. Foi direto à mesa dela, decidido a agir como um velho amigo que não se lembrava de nada, exceto da incrível benevolência dela. Depois de muitos comentários animados sobre sua sorte, ele perguntou:

– Dominique, por que tem se recusado a me ver?

– Para que eu deveria desejar vê-lo?

– Mas Deus Todo-Poderoso!

Isso saiu involuntariamente, com o som agudo demais de uma raiva há muito reprimida, e ele se corrigiu rapidamente, sorrindo:

– Bem, você não acha que me deve uma chance de lhe agradecer?

– Você me agradeceu. Muitas vezes.

– Sim, mas você não achou que realmente deveríamos nos encontrar a sós?
Não achou que eu estaria um pouco... confuso?

– Não pensei nisso. Sim, acho que você poderia estar confuso.

– E então?

– Então o quê?

– De que se trata tudo isso?

– Trata-se de... cinquenta mil dólares até agora, acho.

– Você está sendo sórdida.

– Quer que eu pare?

– Não! Quer dizer, não...

– Não com os projetos. Tudo bem. Não vou parar com eles. Está vendo? O que havia para conversarmos? Estou fazendo coisas por você, e você está feliz que eu as faça, portanto concordamos perfeitamente.

– Você diz as coisas mais engraçadas mesmo! “Concordamos perfeitamente.” É como uma redundância e uma depreciação ao mesmo tempo, não é? O que mais poderia haver entre nós, nessas circunstâncias? Você não esperava que eu fizesse alguma objeção ao que está fazendo, esperava?

– Não, eu não esperava.

– Mas concordar não é a palavra certa para o que eu sinto. Estou tão imensamente grato a você que me sinto simplesmente atordoado. Eu caí de costas. Não me deixe ficar bobo agora, sei que você não gosta disso, mas estou tão agradecido que não sei o que fazer comigo mesmo.

– Está bem, Peter. Agora você me agradeceu.

– Sabe, eu nunca me gabei pensando que você achava que meu trabalho ou minha carreira fossem grande coisa, ou que você se importasse ou sequer notasse. E então você... É isso que me deixa tão feliz e... Dominique – ele começou a perguntar, e sua voz estremeceu um pouco, porque a pergunta era como um gancho puxando uma linha longa e escondida, e ele sabia que essa era a essência de sua inquietação –, você realmente acha que eu sou um grande arquiteto?

Ela sorriu lentamente e disse:

– Peter, se as pessoas o ouvissem perguntando isso, dariam risadas. Especialmente se o ouvissem perguntando isso a mim.

– Sim, eu sei, mas... mas você realmente fala sério, todas aquelas coisas que diz a meu respeito?

– Elas funcionam.

– Sim, mas foi por isso que você me escolheu? Porque acha que eu sou bom?

– Você vende como pão quente. Essa não é a prova?

– Sim... Não... Quero dizer... por outro lado... Quero dizer... Dominique, eu queria ouvi-la dizer uma vez, só uma vez, que eu...

– Ouça, Peter, eu tenho que ir andando agora, mas antes de ir preciso lhe dizer que provavelmente a Sra. Lonsdale vai entrar em contato com você amanhã ou depois. Mas lembre-se de que ela é a favor da proibição das bebidas alcoólicas, adora cachorros, odeia mulheres que fumam e acredita em reencarnação. Ela quer uma casa melhor do que a da Sra. Purdee. Holcombe fez a da Sra. Purdee, portanto, se você lhe disser que a casa da Sra. Purdee é pomposa demais e que a verdadeira simplicidade é muito mais cara, vai se dar muito bem com ela. Talvez você queira conversar também sobre ponto oblíquo para bordado. É o hobby dela.

Ele foi embora, pensando alegremente na casa da Sra. Lonsdale, e esqueceu-se da pergunta. Mais tarde lembrou-se, ressentido, e deu de ombros, dizendo a si mesmo que a melhor parte da ajuda de Dominique era a vontade dela de não vê-lo.

Em compensação, dava-lhe prazer frequentar as reuniões do Conselho dos Construtores Americanos criado por Toohy. Ele não sabia por que deveria pensar nisso como uma compensação, mas pensava e era um consolo. Ouviu atentamente quando Gordon L. Prescott fez um discurso sobre o significado da arquitetura:

– E assim, o significado intrínseco de nossa arte encontra-se no fato filosófico de que lidamos com o nada. Criamos o vazio através do qual certos corpos físicos se movimentarão. Vamos designá-los, por uma questão de conveniência, como humanos. Quando digo “vazio” refiro-me ao que normalmente é conhecido como salas. Portanto, somente os leigos grosseiros acham que levantamos paredes de pedra. Não fazemos nada disso. Nós levantamos o vazio, como já provei. Isso nos leva a um corolário de importância astronômica: a aceitação incondicional da premissa de que a “ausência” é superior à “presença”. Ou seja, a aceitação da não aceitação. Vou colocar em termos mais simples, para que fique mais claro: “nada” é superior a “algo”. Assim, está claro que o arquiteto é mais do que um pedreiro, uma vez que os tijolos são uma ilusão secundária, de qualquer forma. O arquiteto é um sacerdote metafísico que lida com essenciais básicos, que tem a coragem de enfrentar a concepção primordial da realidade como uma não realidade, visto que não existe nada e ele cria o nada. Se isso parece ser uma contradição, não é prova de má lógica, mas sim de uma lógica mais elevada – a dialética de toda a vida e da arte. Caso desejem fazer as deduções inevitáveis dessa concepção básica, vocês podem chegar a conclusões de imensa importância sociológica. Talvez percebam que uma linda mulher é inferior a uma que não seja bonita, que o alfabetizado é inferior ao analfabeto, que o rico é inferior ao pobre, e o capaz é inferior ao incompetente. O arquiteto é a ilustração concreta de um paradoxo cósmico. Sejam modestos quanto ao orgulho enorme dessa percepção. Todo o resto é conversa fiada.

Ninguém poderia se preocupar com seu próprio valor ou sua grandeza ao ouvir

isso. Tornava desnecessário o respeito por si próprio.

Keating ouvia com imenso contentamento. Olhou para os outros. Havia um silêncio atento na plateia. Todos gostavam do que estavam ouvindo, assim como ele. Viu um garoto mascando chiclete, um homem limpando as unhas com a borda de uma caixa de fósforos, um jovem reclinado de maneira grosseira. Isso também agradava a Keating. Era como se eles dissessem: “Ficamos contentes de ouvir o sublime, mas não há necessidade de sermos reverentes demais com relação ao sublime.”

O Conselho dos Construtores Americanos reunia-se uma vez por mês e não se dedicava a nenhuma atividade perceptível além de escutar discursos e beber uma qualidade inferior de refrigerante. Seu número de membros não crescia rapidamente, nem em quantidade nem em qualidade. Nenhum resultado concreto fora atingido.

As reuniões do Conselho eram realizadas em uma sala enorme e vazia, acima de uma garagem, no West Side. Uma escadaria comprida, estreita e sem ventilação levava a uma porta com o nome do Conselho. Dentro havia cadeiras dobráveis, uma mesa para o presidente e uma lata de lixo. A Associação Americana de Arquitetos considerava o Conselho dos Construtores Americanos uma piada tola.

– Para que você quer perder tempo com aqueles esquisitos? – Francon perguntou a Keating, em uma das salas envoltas em luz rosa e recobertas de cetim da AAA, franzindo o nariz com um ar de superioridade.

– Não tenho a mínima ideia – respondeu Peter, descontraído. – Eu gosto deles.

Ellsworth Toohey ia a todas as reuniões do conselho, mas não falava nada. Ficava sentado a um canto, ouvindo.

Certa noite, depois da reunião, Keating e Toohey caminharam juntos para casa através das ruas escuras e pobres do West Side e pararam para tomar um café em uma drogaria. Quando Keating mencionou os restaurantes distintos que ficaram famosos porque Toohey os frequentava, o crítico riu e disse:

– Por que não uma drogaria? Pelo menos aqui ninguém vai nos reconhecer e incomodar.

Soprou a fumaça de seu cigarro egípcio sobre uma placa desbotada da Coca-Cola, acima da mesa em que eles estavam, pediu um sanduíche, deu umas mordidinhas delicadas em um pedaço de picles que não estava estragado mas parecia estar e conversou com Keating. Toohey falava aleatoriamente. O que ele dizia não importava, no início. Era a sua voz, a voz incomparável de Ellsworth Toohey. Keating sentia-se como se estivesse em pé no meio de uma enorme planície, sob as estrelas, contido e possuído, cheio de certeza, de segurança.

– Bondade, Peter – dizia a voz suavemente –, bondade. Esse é o primeiro mandamento, talvez o único. Foi por isso que eu tive que arrasar aquela peça nova, em minha coluna de ontem. Aquela peça não tinha uma bondade essencial.

Devemos ser bondosos, Peter, com todos que nos cercam. Devemos aceitar e perdoar. Há tanto para ser perdoado em cada um de nós. Se você aprender a amar tudo, o mais humilde, o menor, o mais mesquinho, então o que houver de mais mesquinho dentro de você será amado. E assim descobriremos o sentido de igualdade universal, a grande paz da irmandade, um mundo novo, Peter, um mundo novo e lindo...

ELLSWORTH MONKTON TOOHEY TINHA 7 anos quando apontou a mangueira aberta para Johnny Stokes no momento em que este passava na frente do gramado dos Toohey, vestido com seu melhor terno de domingo. Johnny esperara um ano e meio por aquele terno, pois sua mãe era muito pobre. Ellsworth não agiu de modo furtivo nem se escondeu. Pelo contrário, cometeu o ato abertamente, com uma deliberação sistemática: andou até a torneira, abriu-a, foi até o meio do gramado e apontou a mangueira para Johnny com uma mira certa, com a mãe do garoto na rua, apenas alguns passos atrás do filho, e com sua própria mãe, seu pai e o padre que os visitava na varanda dos Toohey vendo tudo. Johnny Stokes era um garoto esperto que tinha covinhas e cachos dourados. As pessoas sempre se viravam para olhá-lo. Ninguém nunca se virava para olhar Ellsworth Toohey.

O choque e o espanto dos adultos presentes foram tão grandes que por um longo instante ninguém correu para impedir Ellsworth. Ele estava em pé, com seu pequeno corpo enrijecido para aguentar a violência da ponta da mangueira sacudindo em suas mãos, sem deixar nem por um momento que ela se desviasse de seu alvo, até se dar por satisfeito. Só então largou-a, com a água esguichando na grama, deu dois passos em direção à varanda e parou, esperando de cabeça erguida, entregando-se para o castigo. A punição teria vindo de Johnny, se a Sra. Stokes não tivesse agarrado seu filho e o contido. Ellsworth não se virou para os Stokes atrás dele, mas disse lenta e distintamente, olhando para sua mãe e o padre:

– Johnny é um brigão sujo. Ele bate em todos os meninos na escola.

Era verdade.

A questão do castigo tornou-se um problema ético. Era difícil punir Ellsworth sob quaisquer circunstâncias, por causa de seu corpo frágil e sua saúde delicada. Além disso, parecia errado castigar um menino que se sacrificara para vingar-se de uma injustiça, e que o fizera com coragem, abertamente, ignorando sua própria fraqueza física. De certa forma, ele parecia um mártir. Ellsworth não disse isso. Ele não falou mais nada, mas sua mãe sim. O padre estava inclinado a concordar com ela. Ellsworth foi mandado para seu quarto sem jantar. Ele não se queixou. Ficou lá humildemente e recusou a comida que a mãe levou-lhe às escondidas, tarde da noite, desobedecendo ao marido. O Sr. Toohey insistiu em pagar à Sra. Stokes pelo terno de Johnny. A Sra. Toohey deixou, emburrada. Ela não gostava da mãe de Johnny.

O pai de Ellsworth era gerente da filial de Boston de uma cadeia nacional de lojas de sapatos. Ganhava um salário modesto e cômodo e tinha uma casa modesta e cômoda, em um subúrbio simples daquela cidade. O desgosto secreto de sua vida era não ter seu próprio negócio. Porém ele era um homem

reservado, escrupuloso e pouco criativo, e um casamento precoce arruinara todas as suas ambições.

A mãe de Ellsworth era uma mulher magra e agitada que adotou e descartou cinco religiões em nove anos. Tinha traços delicados, do tipo que a tornaram linda por alguns anos de sua vida, quando estava na flor da juventude, nunca antes ou depois. Ellsworth era seu ídolo. A irmã dele, Helen, cinco anos mais velha, era uma garota afável e pouco notável. Não era linda, mas bonita e saudável. Ela não dava nenhum trabalho. Ellsworth, por outro lado, nascera com a saúde debilitada. Sua mãe passou a idolatrá-lo a partir do momento em que o médico declarou-o incapaz de sobreviver. Sua estatura espiritual foi elevada quando ela conheceu a extensão de sua própria benevolência, através de seu amor por um objeto tão pouco inspirador. Quanto mais azul e feio parecia o bebê Ellsworth, mais intensamente crescia seu amor por ele. Ela quase ficou decepcionada quando ele sobreviveu sem virar um deficiente de fato. Interessava-se pouco por Helen; não havia martírio em amar a filha. Como a garota obviamente merecia receber mais amor, parecia justo negá-la a ela.

O Sr. Toohey, por razões que não podia explicar, não gostava muito do filho. Entretanto, Ellsworth era o soberano do lar, por uma submissão tácita e voluntária dos pais, embora seu pai nunca houvesse conseguido entender a causa de sua própria participação nessa submissão.

À noite, sob a luz da sala de estar da família, a Sra. Toohey começou a falar, com voz tensa e desafiadora, irritada e derrotada por antecipação:

– Horace, quero uma bicicleta. Uma bicicleta para o Ellsworth. Todos os meninos da idade dele têm. O Willie Lovett acabou de ganhar uma nova, outro dia. Horace, eu quero uma bicicleta para o Ellsworth.

– Agora não, Mary – respondeu o Sr. Toohey, cansado. – Talvez no próximo verão... Agora nós não podemos comprar...

A Sra. Toohey brigou, sua voz aumentando aos poucos até virar um grito.

– Mãe, para quê? – disse Ellsworth, com sua voz suave, sonora e clara, mais baixa que as vozes de seus pais, porém atravessando-os, autoritária, estranhamente persuasiva. – Há muitas coisas de que precisamos mais do que uma bicicleta. Por que se importar com Willie Lovett? Eu não gosto do Willie. Ele é um tolo. Ele pode comprar uma bicicleta porque o pai dele é dono de uma loja de tecidos e aviamentos. O pai dele é um exibido. Eu não quero uma bicicleta.

Cada palavra do que ele dissera era verdade, e Ellsworth não queria mesmo uma bicicleta. Mas o Sr. Toohey olhou para ele de modo estranho, perguntando-se o que o fizera dizer aquilo. Viu os olhos de seu filho fitando-o inexpressivos por trás dos pequenos óculos. Os olhos não estavam ostensivamente amáveis, reprovadores ou maliciosos, apenas inexpressivos. O Sr. Toohey sentiu que deveria ficar grato pela compreensão de seu filho e desejou intensamente que o

menino não tivesse mencionado aquela parte sobre a loja.

Ellsworth não ganhou a bicicleta, mas ganhou uma atenção educada em casa, um cuidado respeitoso – carinhoso e cheio de culpa de sua mãe, inquieto e desconfiado de seu pai. O Sr. Toohey daria tudo para não ser forçado a conversar com o filho, sentindo-se, ao mesmo tempo, tolo e irritado consigo mesmo por ter esse pavor.

– Horace, eu quero um terno novo. Um terno novo para o Ellsworth. Vi um em uma vitrine hoje e...

– Mãe, eu tenho quatro ternos. Para que preciso de outro? Eu não quero parecer idiota como o Pat Noonan, que troca de terno todos os dias. Só porque o pai dele é dono de sua própria sorveteria. O Pat acha suas roupas o máximo, como se fosse uma garota. Eu não quero ser um maricas.

Ellsworth, pensava a Sra. Toohey às vezes, feliz e assustada, vai ser um santo. Ele não liga a mínima para as coisas materiais. Não liga a mínima. Era verdade. Ellsworth não dava a menor importância às coisas materiais.

Era um menino magro e pálido que sofria do estômago, e a mãe tinha que tomar cuidado com sua alimentação, e também com sua tendência a ter resfriados. Sua voz sonora era surpreendente para um corpo tão frágil. Ele cantava no coro, no qual não tinha rivais. Na escola, era um aluno-modelo. Sempre sabia as lições, tinha os cadernos mais bonitos, as unhas mais limpas, adorava as aulas de domingo na igreja e preferia a leitura aos jogos atléticos, nos quais não tinha chance. Não era muito bom em matemática – de que não gostava –, mas era excelente em história, inglês, estudos sociais e caligrafia. Mais tarde, em psicologia e sociologia.

Estudava conscienciosamente e com afinco. Não era como Johnny Stokes, que nunca prestava atenção à aula, raramente abria um livro em casa e ainda assim sabia quase tudo antes de o professor ter explicado. O aprendizado era algo automático para Johnny, assim como todas as coisas: seus pequenos punhos hábeis, seu corpo saudável, sua beleza surpreendente, sua vitalidade superexuberante. Mas Johnny fazia o chocante e o inesperado, enquanto Ellsworth fazia o esperado, melhor do que qualquer pessoa havia visto ser feito. Quando começaram a escrever redações, Johnny deixava a classe pasmada, dando alguma demonstração brilhante de rebeldia. Quando receberam o tema “Dias escolares – os anos dourados”, Johnny apareceu com uma dissertação perfeita sobre como ele detestava a escola e por quê. Ellsworth entregou um poema em prosa sobre a glória dos dias escolares, que foi publicado em um jornal local.

Além disso, Ellsworth dava uma surra em Johnny quando se tratava de nomes e datas. Sua memória era como uma faixa de cimento líquido: agarrava tudo o que caía sobre ela. Johnny era um gêiser esguichando; Ellsworth era uma esponja.

As crianças chamavam-no de “Elsie Toohey”. Geralmente deixavam-no

fazer o que quisesse e evitavam-no sempre que possível, porém não abertamente. Não conseguiam entendê-lo. Era prestativo e podiam contar com ele quando precisavam de ajuda com as lições; tinha uma perspicácia mordaz e podia arruinar qualquer criança com um apelido certeiro que inventasse, do tipo que magoava; fazia desenhos devastadores em cercas; possuía todos os sinais de um maricas, mas, por algum motivo, não podia ser classificado como tal; tinha autoconfiança demais e um desprezo silencioso e incomodamente sábio por todo mundo. Não tinha medo de nada.

Andava diretamente até os meninos mais fortes, no meio da rua, e declarava, sem gritar, em uma voz clara que podia ser ouvida por vários quarteirões, e sem raiva – ninguém jamais vira Ellsworth Toohey com raiva:

– O Johnny Stokes tem um remendo na bunda. O Johnny Stokes mora em um apartamento alugado. O Willie Lovett é burro. O Pat Noonan só come peixe.

Johnny nunca bateu nele, nem os outros garotos, porque Ellsworth usava óculos. Ele não podia participar de jogos com bola e era a única criança que se gabava disso, em vez de se sentir frustrado ou envergonhado como os outros meninos que tinham físico abaixo da média. Considerava os esportes vulgares e dizia isso.

– O cérebro é mais poderoso do que o muque – afirmava ele, e falava sério.

Não tinha amigos íntimos. Era considerado imparcial e incorruptível. Dois incidentes em sua infância deixaram sua mãe especialmente orgulhosa.

Certa vez, o rico e popular Willie Lovett deu uma festa de aniversário no mesmo dia que Drippy Munn, filho de uma costureira viúva, um garoto que vivia choramingando e cujo nariz estava sempre escorrendo. Ninguém aceitou o convite de Drippy, exceto as crianças que nunca eram convidadas para nada. Entre os que foram convidados para as duas festas, Ellsworth Toohey foi o único que esnobou Willie Lovett e foi à festa de Drippy, um evento miserável com o qual ele não esperava obter e não obteve nenhum prazer. Os inimigos de Willie Lovett atormentaram-no e gozaram de sua cara durante meses por Drippy Munn ter sido escolhido em vez dele.

Certa vez, Pat Noonan ofereceu a Ellsworth um saquinho de jujubas, em troca de Ellsworth deixá-lo colar de sua prova. Ele aceitou as jujubas e deixou Pat colar. Uma semana depois, Ellsworth foi até a professora, colocou o saquinho de jujubas, intacto, sobre sua mesa e confessou seu crime, sem dizer quem era o outro culpado. Mostrou-se irredutível a todos os esforços dela para extrair o nome. Ellsworth permaneceu em silêncio. Explicou apenas que o culpado era um dos melhores alunos, e que ele não podia sacrificar a reputação do menino pelas exigências de sua própria consciência. Foi o único a ser punido, ficando na escola durante duas horas depois da aula. Depois, a professora teve que desistir do assunto e deixar as notas das provas como estavam. Porém as notas de Johnny Stokes, Pat Noonan e de todos os melhores alunos da classe ficaram sob suspeita,

exceto as de Ellsworth Toohey.

Ellsworth tinha 11 anos quando sua mãe morreu. Tia Adeline, a irmã solteira de seu pai, foi morar com eles e cuidar da casa da família. Tia Adeline era uma mulher alta e competente que achava que as palavras “cavalo”, “senso” e “rosto” de alguma forma combinavam. O desgosto secreto de sua vida era nunca haver provocado uma paixão romântica em alguém. Helen tornou-se sua favorita imediatamente. Ela achava que Ellsworth era um pestinha saído do inferno. O garoto, entretanto, nunca deixou de tratar tia Adeline com solene cortesia. Ele corria para pegar seu lenço do chão e afastar a cadeira para ela, quando tinham visitas, especialmente visitas masculinas. Mandava-lhe cartões lindos de Dia dos Namorados, no dia certo, com papel rendado, botões de rosas e poemas. Cantava “Sweet Adeline” com toda a força de sua voz de pregoeiro. Ela lhe disse, certa vez:

– Você é um verme, Elsie. Você se alimenta de feridas.

– Então nunca vou morrer de fome – respondeu ele.

Depois de um tempo, eles chegaram a um estado de neutralidade armada. Ellsworth foi deixado em paz para crescer como quisesse.

No segundo grau, ele se tornou uma celebridade local, o orador mais famoso. Durante anos a escola não usou a palavra “orador” para se referir a alunos com potencial: referia-se a eles simplesmente como “Toohey”. Ele ganhava todos os concursos. Depois que o ouviam, as pessoas na plateia comentavam sobre “aquele belo menino”. Já não se lembravam do corpo de dar pena, com o peito fundo, as pernas inadequadas e os óculos. Lembravam-se apenas da voz. Ele ganhava todos os debates. Podia provar qualquer coisa. Certa vez, depois de vencer Willie Lovett ao defender a afirmativa do ditado “A inteligência supera a força”, desafiou Willie a trocar de posição com ele, ficou com a negativa e venceu outra vez.

Até os 16 anos, Ellsworth sentiu-se atraído pela carreira de pastor. Pensava muito em religião, falava sobre Deus e o espírito. Lia muito sobre o assunto. Lia mais livros sobre a história da Igreja do que sobre a substância da fé. Levou o público às lágrimas, em um de seus maiores triunfos oratórios, com o tema “Os humildes herdarão a Terra”.

Nessa época, ele começou a fazer amigos. Gostava de falar sobre a fé e encontrava quem gostava de ouvir. Descobriu que os garotos de sua classe que eram inteligentes, fortes e capazes não sentiam nenhuma necessidade de ouvir, não precisavam dele em absoluto. Entretanto, os que sofriam e os menos dotados o procuravam. Drippy Munn começou a segui-lo por todos os lugares, com a devoção silenciosa de um cachorro. Billy Wilson perdeu a mãe e vagava até a casa dos Toohey, à noite, para sentar-se na varanda junto com Ellsworth, ouvindo, estremecendo de vez em quando, sem dizer nada, os olhos arregalados, secos e suplicantes. Skinny Dix foi acometido pela paralisia infantil e permanecia

deitado na cama, observando a esquina da rua além da janela, esperando por Ellsworth. Rusty Hazelton repetiu de ano e chorou durante muitas horas, com a mão fria e firme de Ellsworth sobre seu ombro.

Nunca ficou claro se todos eles descobriram Ellsworth ou se foi ele quem os descobriu. Parecia funcionar mais como uma lei da natureza: assim como a natureza não permite um vácuo, a dor e Ellsworth Toohey atraíam um ao outro. Sua voz forte e bela dizia-lhes:

– Sofrer é bom. Não se queixem. Aguentem, curvem-se, aceitem. Fiquem agradecidos por Deus tê-los feito sofrer, porque isso os torna melhores do que as pessoas que estão rindo, felizes. Se não entendem isso, não tentem entender. Todo o mal vem da mente, porque ela faz perguntas demais. É abençoado acreditar, não entender. Portanto, se repetiram de ano, fiquem contentes com isso. Significa que vocês são melhores do que os garotos espertos que pensam demais e com tanta facilidade.

As pessoas diziam que era tocante a forma como os amigos de Ellsworth apegavam-se a ele. Depois de o adotarem como amigo por um tempo, não conseguiam ficar sem ele. Era como viciar-se em uma droga.

Ellsworth tinha 15 anos quando deixou o professor de estudos da Bíblia atônito com uma pergunta estranha. O professor estivera explicando o texto “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”. Ellsworth perguntou:

– Então, para ser verdadeiramente rico, um homem deve colecionar almas?

O professor estava prestes a lhe perguntar que diabos ele queria dizer, mas se controlou e perguntou apenas o que ele queria dizer. Ellsworth não esclareceu.

Aos 16 anos, perdeu o interesse pela religião. Ele descobriu o socialismo.

Sua transição chocou tia Adeline.

– Em primeiro lugar, é uma blasfêmia e um disparate – disse ela. – Em segundo lugar, não faz sentido. Estou surpresa com você, Elsie. “Os pobres de espírito”, isso estava bem, mas só “os pobres” não parece nada respeitável. Além disso, não combina com você. Você não foi feito para criar grandes encrencas, só pequenas. Tem alguma coisa louca em algum lugar, Elsie. Simplesmente não encaixa. Não combina com você de jeito nenhum.

Ele respondeu:

– Em primeiro lugar, minha querida tia, não me chame de Elsie. Em segundo lugar, você está errada.

A mudança pareceu fazer bem a Ellsworth. Ele não se tornou um fanático agressivo, mas tornou-se mais gentil, mais calmo, mais manso. Passou a ter uma consideração ainda mais atenciosa pelas pessoas. Era como se alguma coisa houvesse tirado o nervosismo de sua personalidade e lhe dado mais confiança. As pessoas que o cercavam passaram a gostar dele. Tia Adeline parou de se preocupar. Nada concreto parecia resultar do interesse dele por teorias

revolucionárias. Ele não se afiliou a nenhum partido político. Lia muito e foi a umas poucas reuniões duvidosas, em que falou uma ou duas vezes, não muito bem, ficando, na maior parte do tempo, sentado a um canto, ouvindo, observando, pensando.

Ellsworth foi estudar em Harvard. Sua mãe tinha deixado um seguro de vida especificamente para essa finalidade. Lá, seu histórico escolar foi excepcional. Formou-se em história. Tia Adeline esperara que ele fizesse economia e sociologia. Ela temia um pouco que ele acabasse virando um assistente social. Isso não aconteceu. Ele se entusiasmou por literatura e belas-artes, o que a deixou perplexa. Era uma nova peculiaridade nele, que nunca demonstrara nenhuma tendência especial nessa direção.

– Você não é do tipo artístico, Elsie – afirmou ela. – Não combina.

– Está errada, titia – declarou ele.

As relações de Ellsworth com seus colegas estudantes foram suas conquistas mais incomuns em Harvard. Ele conseguiu que o aceitassem. Entre os descendentes jovens e orgulhosos de famílias antigas e orgulhosas, ele não escondia sua origem humilde. Pelo contrário, exagerava-a. Não lhes disse que seu pai era gerente de uma loja de sapatos, disse-lhes que seu pai era sapateiro. Dizia isso sem provocação, amargura ou arrogância proletária. Dizia como se fosse uma piada sobre ele mesmo – e, se alguém observasse bem o seu sorriso, sobre eles. Agia como um esnobe, não um esnobe evidente, mas um natural e inocente que tenta com afincos não ser. Era educado, não da maneira de alguém que busca um favor, mas da maneira de alguém que concede um. Sua atitude era contagiante. As pessoas não questionavam as razões de sua superioridade, tomavam como certo que tais razões existiam. No início, era divertido aceitar “Monk” Toohey. Depois, tornou-se distinto e progressista. Se isso era uma vitória, Ellsworth não parecia consciente dela, não dessa forma. Não parecia se importar. Movimentava-se entre todos esses jovens imaturos com a segurança de um homem que tem um plano, a longo prazo, com cada detalhe definido, e que não pode absolutamente se ocupar com os pequenos incidentes de seu caminho, a não ser para rir deles. Seu sorriso tinha uma característica secreta e reservada, como o de um dono de loja que está calculando o seu lucro, embora nada especial parecesse estar acontecendo.

Ele não falava mais sobre Deus nem sobre a nobreza do sofrimento. Falava sobre as massas. Provava para plateias extasiadas, em debates que duravam até o amanhecer, que a religião provocava o egoísmo porque, afirmava ele, a religião dava demasiada ênfase à importância do espírito individual. A religião só pregava uma única preocupação: a salvação da própria alma.

– Para atingir a virtude no sentido absoluto – dizia Ellsworth Toohey –, um homem deve estar disposto a cometer os crimes mais hediondos contra sua própria alma, pelo bem de seus irmãos. Castigar a carne não é nada. Castigar a

alma é o único ato de virtude. Então vocês acham que amam as grandes massas da humanidade? Não sabem nada sobre o amor. Dão dois tostões para um fundo de greve e acham que já cumpriram com o seu dever? Seus pobres tolos! Nenhum ato de caridade tem valor, a não ser que você dê o que tem de mais precioso. Dê a sua alma. Por uma mentira? Sim, se os outros acreditarem nela. Por uma fraude? Sim, se os outros precisarem dela. Por traição, desonestidade, crime? Sim! Por qualquer coisa que pareça ser a mais baixa e a mais vil perante seus olhos. Somente quando puder sentir desprezo pelo seu próprio ego inestimável, só então você poderá alcançar a paz verdadeira e completa da falta de egoísmo, a união do seu espírito com o enorme espírito coletivo da humanidade. Não há nenhum espaço para o amor pelos outros dentro do buraco sovina, apertado e abarrotado de um ego individual. Estejam vazios para poderem ser preenchidos. “Quem ama a sua vida irá perdê-la; e quem neste mundo a odeia irá guardá-la para a vida eterna.” Os traficantes de ópio da Igreja tinham algo ali, mas não sabiam o que tinham. Sacrifício pessoal? Sim, meus amigos, sem dúvida. Mas uma pessoa não se sacrifica mantendo seu ego puro e orgulhoso de sua própria pureza. O sacrifício que inclui a destruição da própria alma... ah, mas de que estou falando? Isso é algo que só heróis podem compreender e conseguir.

Ele não fazia muito sucesso entre os jovens pobres que trabalhavam para pagar a faculdade. Adquiriu um número considerável de adeptos entre os jovens herdeiros, a segunda ou a terceira geração de milionários. Oferecia-lhes uma conquista que eles se sentiam capazes de alcançar.

Formou-se com louvor. Quando foi para Nova York foi precedido por uma fama pequena e particular. Haviam vazado de Harvard alguns rumores sobre um homem incomum chamado Ellsworth Toohey. Entre os intelectuais extremistas e os extremamente ricos alguns ouviram esses rumores e imediatamente se esqueceram do que ouviram, mas lembravam-se do nome. Ele permaneceu em suas mentes com uma vaga conotação de qualidades como inteligência, coragem e idealismo.

As pessoas começaram a convergir para Ellsworth Toohey – o tipo certo de indivíduos, aqueles que logo descobriram que ele era uma necessidade espiritual. O outro tipo não veio. Parecia haver um instinto a respeito. Quando alguém comentou sobre a lealdade dos seguidores de Toohey – ele não tinha nenhum título, programa ou organização, mas, mesmo assim, aqueles que faziam parte de seu círculo eram chamados de seguidores, desde o começo –, um rival invejoso comentou:

– Toohey atrai o tipo grudento. Você sabe quais são as duas coisas que grudam melhor: lama e cola.

Toohey escutou, deu de ombros sorrindo e disse:

– Ora, vamos, vamos, há muito mais coisas que grudam: emplastro,

sanguessugas, bala de caramelo, meias molhadas, espartilhos de borracha, chiclete e pudim de mandioca.

Enquanto se afastava, acrescentou, olhando por cima do ombro, sem sorrir:

– E cimento.

Fez o mestrado em uma universidade de Nova York e escreveu uma tese sobre “Padrões coletivos na arquitetura das cidades do século XIV”. Ganhava a vida de um jeito agitado, variado e disperso. Ninguém conseguia manter-se a par de todas as suas atividades. Ele ocupava o cargo de conselheiro vocacional na universidade, fazia críticas de livros, peças e exposições de arte, escrevia artigos, dava algumas palestras para plateias pequenas e obscuras. Certas tendências eram aparentes em seu trabalho. Quando fazia críticas de livros, preferia os romances sobre o campo aos sobre a cidade, sobre habilidade média aos sobre talento, sobre os enfermos aos sobre os saudáveis. Havia um brilho especial em seus escritos quando se referia a histórias a respeito de “pessoas insignificantes”. Seu adjetivo predileto era “humano”. Preferia análise de personagens a ação, e descrição a análise de personagens. Preferia romances sem enredo e, acima de tudo, sem herói.

Era considerado notável como conselheiro vocacional. Sua salinha pequena na universidade transformou-se em um confessionário informal, para onde os alunos levavam todos os seus problemas, tanto acadêmicos quanto pessoais. Ele estava disposto a discutir, com a mesma concentração amável e séria, a seleção de matérias, os casos amorosos ou, especialmente, a escolha de uma futura carreira.

Quando era consultado sobre assuntos amorosos, Toohey aconselhava a entrega, caso se tratasse de um romance com uma mulherzinha encantadora e fácil, boa para algumas festas com bebedeira –“sejamos modernos”; e a renúncia, caso se tratasse de uma paixão profunda e emocional –“sejamos adultos”. Quando um rapaz vinha confessar um sentimento de vergonha depois de alguma experiência sexual de mau gosto, Toohey dizia-lhe para parar com isso:

– Isso foi muito bom para você. Há duas coisas de que devemos nos livrar cedo na vida: um sentimento de superioridade pessoal e uma reverência exagerada pelo ato sexual.

As pessoas notavam que Ellsworth Toohey raramente deixava um rapaz seguir a carreira que escolhera:

– Não, se eu fosse você não faria Direito. Você é muito ansioso e apaixonado por isso. Uma devoção histérica à própria carreira não traz felicidade nem sucesso. É mais sensato escolher uma profissão na qual você consiga ser calmo, razoável e prático. Sim, mesmo que você a odeie. Essa é a atitude mais realista...

– Não, eu não o aconselharia a prosseguir com sua música. O fato de que você compõe tão facilmente é um sinal certo de que seu talento é apenas superficial. É

exatamente esse o problema: você ama a música. Não acha que esse parece ser um motivo infantil? Desista. Sim, mesmo que doa como o diabo...

– Não, sinto muito, eu gostaria tanto de dizer que aprovo, mas não aprovo. Quando cogitou arquitetura, foi uma escolha puramente egoísta, não foi? Você pensou em algo mais, além da sua própria satisfação egocêntrica? Mas a carreira de um homem afeta toda a sociedade. A questão sobre onde você poderia ser mais útil para os seus semelhantes está em primeiro lugar. Não se trata do que você pode tirar da sociedade, mas sim do que pode dar. E, no que diz respeito a oportunidades para servir, não há atividade comparável à de um cirurgião. Pense nisso.

Depois de terminar a faculdade, alguns de seus protegidos obtiveram muito sucesso, outros fracassaram. Só um cometeu suicídio. Dizia-se que Ellsworth Toohey exercera uma influência benéfica sobre eles, pois nunca se esqueciam dele: vinham consultá-lo sobre muitas coisas, anos depois, escreviam para ele, agarravam-se a ele. Eram como máquinas sem arranque automático, que precisavam de uma mão externa que as acionasse por manivela. Ele nunca estava ocupado demais para lhes dar sua total atenção.

Sua vida era cheia, pública e impessoal como a praça de uma cidade. O amigo da humanidade não tinha um único amigo pessoal. As pessoas vinham até ele; ele não se aproximava de ninguém. Aceitava todos. Sua afeição era dourada, macia e uniforme, como uma grande extensão de areia. Não havia nenhum vento de discriminação para erguer dunas. As areias jaziam imóveis e o sol permanecia alto no céu.

De sua renda escassa, ele doava dinheiro para muitas organizações. Ninguém jamais o viu emprestar um único dólar para um indivíduo. Ele nunca pedia a seus amigos ricos que ajudassem uma pessoa necessitada, mas obtinha deles grandes somas e doações para instituições de caridade: centros de assistência social, centros recreativos, abrigos de garotas perdidas, escolas para crianças deficientes. Servia nos conselhos de todas essas instituições – sem receber remuneração. Muitos empreendimentos filantrópicos e publicações radicais, dirigidos por todos os tipos de pessoas, tinham um único elo entre si, um denominador comum: o nome de Ellsworth M. Toohey em seus papéis timbrados. Ele era um megaempresário do altruísmo.

As mulheres não tinham nenhum papel em sua vida. Ele nunca se interessara por sexo. Impulsos furtivos e raros levavam-no para garotas jovens, magras, de seios grandes e sem cérebro – garçonetes que riam à toa, manicures com ceceio, estenógrafas pouco eficientes, o tipo de mulher que usava vestido florido ou cor-de-rosa e pequenos chapéus em suas nuças, com mechas de cachos louros na frente. Ele era indiferente a mulheres de intelecto.

Afirmava que a família era uma instituição burguesa, mas não tratava isso como um problema e não promovia o amor livre. O assunto do sexo entediava-o.

Sentia que havia tumulto demais em torno dessa porcaria, que não tinha a menor importância; havia demasiados problemas de maior peso no mundo.

Os anos passaram, cada dia ocupado de sua vida como uma moeda pequena e brilhante colocada pacientemente em uma gigantesca máquina caça-níqueis, sem um olhar sequer para a combinação de símbolos, sem retorno. Gradualmente, uma de suas muitas atividades começou a se destacar entre as outras: ele se tornou conhecido como um notório crítico de arquitetura. Escreveu sobre prédios para três revistas consecutivas, que se arrastaram ruidosamente e com dificuldade por uns anos e fracassaram, uma após outra: *Novas Vozes*, *Novos Caminhos* e *Novos Horizontes*. A quarta, *Novas Fronteiras*, sobreviveu. Ellsworth Toohey foi a única coisa que se salvou dos sucessivos naufrágios. A crítica sobre arquitetura parecia ser um campo de empreendimento negligenciado. Poucas pessoas se davam ao trabalho de escrever sobre construções, e menos ainda se dedicavam a ler sobre o assunto. Toohey adquiriu uma reputação e um monopólio extraoficiais. As melhores revistas começaram a requisitá-lo sempre que precisavam de qualquer coisa ligada a esse tema.

Em 1921, uma pequena mudança ocorreu na vida pessoal de Toohey: sua sobrinha, Catherine Halsey, filha de sua irmã Helen, foi morar com ele. O pai dele já morrera havia muito tempo, e tia Adeline desaparecera na pobreza obscura de alguma cidadezinha. Quando os pais de Catherine faleceram, não havia mais ninguém para cuidar dela. Toohey não tivera a intenção de mantê-la em sua própria casa. No entanto, quando ela saiu do trem, em Nova York, seu rostinho simples irradiou beleza por um momento, como se o futuro estivesse se abrindo diante dela e seu brilho já a houvesse tocado na testa, como se ela estivesse entusiasmada, orgulhosa e pronta para encará-lo. Foi um daqueles raros momentos em que a pessoa mais humilde subitamente sabe o que significa sentir-se o centro do universo e torna-se bela por esse conhecimento, e o mundo – aos olhos das testemunhas – parece um lugar melhor por ter tal centro. Toohey viu isso... e decidiu que a sobrinha ficaria com ele.

Em 1925 veio *Sermões em pedra* – e a fama.

Ellsworth Toohey virou moda. As anfitriãs intelectuais brigavam por ele. Algumas pessoas não gostavam e riam dele. Porém rir de Toohey trazia pouca satisfação, porque ele era sempre o primeiro a fazer os comentários mais ultrajantes sobre si mesmo. Certa vez, em uma festa, um executivo presunçoso e grosseiro escutou as teorias sociais sinceras de Toohey durante algum tempo e declarou, de forma complacente: “Bem, não entendo muito desses assuntos intelectuais. Eu especulo no mercado de ações.”

Toohey disse: “Eu especulo no mercado de ações do espírito. E vendo a descoberto, apostando que o valor vai cair.”

A consequência mais importante de *Sermões em pedra* foi a contratação de Toohey para escrever uma coluna diária no *New York Banner*, de Gail Wyanand.

A contratação foi uma surpresa para os seguidores de ambas as partes envolvidas e, no início, deixou todos indignados. Toohey havia feito referências frequentes e nada respeitosa a Wynand. Os jornais do empresário haviam chamado Toohey de todos os nomes que podiam ser impressos. Entretanto, não tinham nenhuma política, exceto a de refletir os maiores preconceitos do maior número de pessoas, e isso significava seguir um caminho excêntrico, mas, apesar disso, reconhecível: rumo ao contraditório, o irresponsável, o banal e o exageradamente sentimental. Os jornais Wynand eram contra o privilégio e a favor do homem comum, mas de uma forma respeitosa que não podia chocar ninguém. Expunham monopólios quando desejavam, apoiavam greves quando queriam, e vice-versa. Denunciavam Wall Street, denunciavam o socialismo e clamavam por filmes decentes, tudo com o mesmo entusiasmo. Eram estridentes e espalhafatosos e, em essência, inanimadamente brandos. Ellsworth Toohey era um fenômeno radical demais para caber atrás da primeira página do *Banner*.

Porém a equipe do *Banner* era tão pouco exigente quanto a sua política. Incluía todos que pudessem agradecer ao público ou a uma grande parte dele. Costumava-se dizer: “Gail Wynand não é um porco. Ele come qualquer coisa.” Ellsworth Toohey era um grande sucesso e o público estava subitamente interessado em arquitetura. O *Banner* não era nenhuma autoridade no assunto, portanto iria conseguir Toohey. Era um silogismo simples.

E assim surgiu “Uma Pequena Voz”.

O jornal explicou o seu aparecimento anunciando: “Segunda-feira, o *Banner* lhes apresentará um novo amigo – ELLSWORTH M. TOOHEY –, cujo livro resplandecente, *Sermões em pedra*, todos vocês leram e amaram. O nome do Sr. Toohey representa a grande profissão da arquitetura. Ele os ajudará a entender tudo o que quiserem saber sobre as maravilhas da construção moderna. Fiquem de olho em ‘Uma Pequena Voz’ na segunda-feira. Será uma exclusividade do *New York Banner*.” O resto do que o Sr. Toohey representava foi ignorado.

Ellsworth Toohey não fez nenhum anúncio nem explicou nada a ninguém. Ignorou os amigos que o acusaram de ter se vendido e simplesmente começou a trabalhar. Dedicava “Uma Pequena Voz” à arquitetura uma vez por mês. O resto do tempo a coluna era a sua voz dizendo o que ele queria dizer para milhões de leitores.

Toohey era o único funcionário de Wynand que tinha um contrato autorizando-o a escrever o que quisesse. Ele insistira nisso. Foi considerada uma grande vitória por todo mundo, exceto pelo próprio Toohey. Ele percebeu que poderia significar uma de duas coisas: ou Wynand rendera-se respeitosamente ao prestígio de seu nome, ou o considerava desprezível demais para ser digno de restrições.

“Uma Pequena Voz” nunca parecia dizer nada perigosamente revolucionário, e raras vezes algo político. Meramente pregava sentimentos com os quais a

maioria das pessoas sentia-se de acordo: abnegação, irmandade, igualdade. “Eu prefiro ser bondoso a ser correto.” “A compaixão é superior à justiça, não obstante os de coração vazio que pensam o contrário.” “Em termos anatômicos – e talvez em outros termos –, o coração é nosso órgão mais valioso. O cérebro é uma superstição.” “Nas questões espirituais, há um teste simples e infalível: tudo o que procede do ego é mau; tudo o que procede do amor pelos outros é bom.” “Servir é o único distintivo da nobreza. Não vejo nada de ofensivo no conceito de o fertilizante ser o maior símbolo do destino do homem: é o fertilizante que produz trigo e rosas.” “A pior música folclórica é superior à melhor sinfonia.” “Um homem mais corajoso do que seus irmãos insulta-os implicitamente. Não devemos almejar nenhuma virtude que não possa ser compartilhada.” “Ainda estou para ver um gênio ou um herói que, ao segurar um fósforo aceso, sinta menos dor do que seu irmão medíocre e sem nenhuma qualidade especial.” “A genialidade é um exagero de dimensão. A elefantíase também. Talvez ambas sejam apenas uma doença.” “Somos todos irmãos, por baixo da pele – e eu, pelo menos, estaria disposto a esfolar a humanidade para provar isso.”

Na sede do *Banner*, Ellsworth Toohey era tratado com respeito e deixado em paz. Havia rumores de que Gail Wynand não gostava dele – porque sempre era educado com o colunista. Alvah Scarret relaxou a ponto de ser cordial, mas mantinha uma distância cautelosa. Havia um equilíbrio silencioso e vigilante entre Toohey e Scarret: eles entendiam um ao outro.

Toohey nunca tentou se aproximar de Wynand. E parecia indiferente a todos os homens importantes do *Banner*. Concentrava-se nos outros.

Organizou um clube dos funcionários de Wynand. Não era um sindicato, apenas um clube. Reuniam-se uma vez por mês na biblioteca do Jornal. O clube não tratava de salários, carga horária ou condições de trabalho. Não tinha nenhum programa concreto. As pessoas se conheciam, conversavam e ouviam discursos. Ellsworth Toohey fazia a maioria dos discursos. Falava sobre novos horizontes e a imprensa como a voz das massas. Certa vez, Gail Wynand apareceu em uma reunião, entrando inesperadamente. Toohey sorriu e convidou-o a entrar para o clube, declarando que ele era qualificado para ser membro. Wynand não se tornou membro. Ficou sentado escutando durante meia hora, bocejou, levantou-se e foi embora antes que a reunião tivesse acabado.

Alvah Scarret apreciava o fato de Toohey não tentar interferir em sua área, nas questões importantes da política do jornal. Como um tipo de cortesia recíproca, Scarret deixava Toohey indicar novos funcionários quando havia uma vaga a ser preenchida, especialmente se fosse para um cargo de pouca importância. Em geral, Scarret não se importava, mas Toohey sempre se importava, mesmo quando o cargo era de um simples office boy. Os escolhidos de Toohey conseguiam os empregos. Em sua maioria, eram jovens, impetuosos, competentes, malandros e cumprimentavam com a mão mole. Tinham outras

coisas em comum, mas estas não eram tão aparentes.

Toohey frequentava regularmente várias reuniões mensais, do Conselho dos Construtores Americanos, do Conselho dos Escritores Americanos, do Conselho dos Artistas Americanos. Organizara todos eles.

Lois Cook era a presidente do Conselho dos Escritores Americanos. Eles se reuniam na sala de visitas de sua casa no Bowery. Ela era o único membro famoso. Os outros incluíam uma mulher que nunca usava letras maiúsculas em seus livros e um homem que nunca usava vírgulas; um jovem que escrevera um romance de mil páginas sem uma única letra “o”, e outro que escrevia poemas que não tinham rima nem métrica; um homem de barba, que era sofisticado e provava isso usando todos os palavrões que não se pode publicar, a cada dez páginas de seu manuscrito; uma mulher que imitava Lois Cook, com a diferença de que seu estilo era menos claro. Quando lhe pediam explicações, ela afirmava que era assim que a vida soava para ela quando era decomposta pelo prisma de seu subconsciente. Ela dizia: “Você sabe o que um prisma faz com um raio de luz, não sabe?” Havia também um jovem raivoso conhecido simplesmente como Ike, o Gênio, embora ninguém soubesse o que ele havia feito, a não ser que falava sobre amar toda a vida.

O conselho assinou uma declaração afirmando que os escritores eram servos do proletariado, mas a declaração não parecia tão simples assim. Era mais complicada e muito mais longa. Foi enviada a todos os jornais do país. Nunca foi publicada em lugar nenhum, com exceção da página 32 da *Novas Fronteiras*.

O Conselho dos Artistas Americanos tinha como presidente um jovem cadavérico que pintava o que via em seus sonhos noturnos. Havia um garoto que não usava telas, mas fazia alguma coisa com gaiolas de pássaros e metrônomos, e outro que descobriu uma nova técnica de pintura: ele rabiscava de preto uma folha de papel e depois pintava com uma borracha. Havia uma mulher robusta de meia-idade que desenhava subconscientemente, alegando que nunca olhava para sua mão e não tinha ideia do que estava fazendo. Segundo ela, sua mão era guiada pelo espírito do amante morto que ela nunca conhecera na Terra. Ali não falavam muito sobre o proletariado, eles apenas se rebelavam contra a tirania da realidade e da objetividade.

Alguns amigos chamaram a atenção de Ellsworth Toohey para sua aparente incoerência. Ele se opunha tão profundamente ao individualismo, mas ali estavam todos esses escritores e artistas dele, e cada um deles era um individualista fanático. “Você acha mesmo?”, indagava Toohey sorrindo, imperturbável.

Ninguém levava a sério esses conselhos. As pessoas falavam sobre eles porque os consideravam bons tópicos de conversa. Diziam que eram uma piada tão grande que certamente não havia nenhum mal em nada daquilo. “Você acha mesmo?”, perguntava Toohey.

Ellsworth Toohey agora estava com 41 anos. Morava em um apartamento distinto que parecia modesto se comparado ao tamanho da renda que ele poderia controlar, se quisesse. Gostava de aplicar a si mesmo o adjetivo “conservador” em apenas um aspecto: seu bom gosto conservador para roupas. Ninguém nunca o vira perder o controle. Seu comportamento era imutável. Era o mesmo, quer estivesse em uma sala de visitas, em uma reunião de trabalhadores, no palanque de uma palestra, no banheiro, ou durante uma relação sexual: frio, controlado, entretido, levemente condescendente.

As pessoas admiravam seu senso de humor. Ele era, diziam, um homem que podia rir de si mesmo.

– Eu sou uma pessoa perigosa. Alguém deveria avisá-lo para tomar cuidado comigo – dizia ele às pessoas, no tom de quem está dizendo a coisa mais absurda do mundo.

Entre os muitos títulos que lhe atribuíam, o que ele preferia era: Ellsworth Toohey, o Humanitário.

A RESIDÊNCIA ENRIGHT FOI INAUGURADA em junho de 1929.

Não houve nenhuma cerimônia formal, mas Roger Enright quis celebrar o momento para sua própria satisfação. Convidou algumas pessoas de quem gostava e destrancou a grande porta de vidro da entrada, escancarando-a ao ar ensolarado. Apareceram alguns fotógrafos da imprensa, porque a notícia era a respeito de Enright e porque ele não os queria ali. Ignorou-os. Ficou em pé no meio da rua, olhando para o prédio, em seguida atravessou o saguão, parando de repente, sem razão, e voltando a andar. Não disse nada. Franziu as sobrancelhas, carrancudo, como se estivesse prestes a gritar de raiva. Seus amigos sabiam que Enright estava feliz.

O prédio erguia-se à margem do East River, uma estrutura tão enlevada quanto braços erguidos ao céu. As formas de cristal de rocha haviam sido montadas em gradações tão eloquentes que o prédio não parecia estar imóvel, mas mover-se para cima em um fluxo contínuo, até que se percebia que era apenas o movimento do olhar, e que este era forçado a seguir naquele ritmo. As paredes de calcário cinza-claro pareciam prateadas contra o céu, com o brilho limpo e opaco do metal, mas um metal que havia se transformado em uma substância quente e viva, entalhada pelo instrumento mais cortante de todos: a vontade humana seguindo um propósito. Isso tornava o prédio vivo de uma maneira muito própria, estranha e pessoal, de forma que nas mentes dos espectadores passavam vagamente cinco palavras, sem motivo nem conexão clara: "... à Sua imagem e semelhança..."

Um jovem fotógrafo do *Banner* reparou em Howard Roark, sozinho em pé do outro lado da rua, perto da balaustrada do rio. Ele estava curvado para trás, com as mãos fechadas sobre o parapeito, sem chapéu, olhando para cima, para o prédio. Era um momento acidental e inconsciente. O fotógrafo fitou o rosto de Roark e pensou em algo que o intrigava havia muito tempo: sempre se perguntara por que as emoções que uma pessoa sente nos sonhos eram tão mais intensas do que qualquer uma que se pudesse experimentar quando acordado – por que o terror era tão absoluto e o êxtase tão completo – e o que era aquela qualidade excepcional que nunca podia ser recuperada depois. A qualidade do que ele sentia quando andava, em um sonho, em um caminho através de folhas verdes emaranhadas, em um ar cheio de expectativa, de êxtase total e sem razão – e, quando acordava, não podia explicar, fora apenas um caminho através de algum bosque. Pensou nisso porque viu, pela primeira vez, aquela qualidade excepcional viva fora de um sonho. Viu-a no rosto de Roark, erguido em direção ao prédio. O fotógrafo era um rapaz jovem, novo no emprego. Não tinha muita experiência, mas amava seu trabalho. Era fotógrafo amador desde criança. Então tirou uma foto de Roark naquele exato momento.

Mais tarde, o editor de arte do *Banner* viu a foto e bradou:

– Que diabos é isto?

– Howard Roark – respondeu o fotógrafo.

– Quem é Howard Roark?

– O arquiteto.

– Quem quer uma droga de foto de um arquiteto?

– Bem, eu só pensei que...

– Além disso, é uma loucura. Qual é o problema com esse homem?

E, assim, a foto foi jogada no arquivo morto.

Os apartamentos da Residência Enright foram alugados imediatamente. Os inquilinos que se mudaram para lá eram pessoas que queriam viver com um conforto sensato e não se importavam com mais nada. Não discutiam o valor do prédio, simplesmente gostavam de morar lá. Eram o tipo de pessoas que levam vidas privadas, úteis, e publicamente silenciosas.

Entretanto, outros falaram bastante da Residência Enright, durante aproximadamente três semanas. Disseram que era um prédio absurdo, exibicionista e pretensioso. Comentavam:

– Minha cara, imagine receber a Sra. Moreland, se você morasse em um lugar como aquele! E a casa dela é de um bom gosto tão grande!

Começavam a aparecer uns poucos que diziam:

– Sabe, eu até gosto da arquitetura moderna. Algumas coisas muito interessantes estão sendo feitas nesse estilo hoje em dia, há uma escola de modernismo na Alemanha que é extraordinária. Mas esse prédio não é parecido com nada daquilo. Isso é uma aberração.

Ellsworth Toohey nunca mencionou a Residência Enright em sua coluna. Uma leitora do *Banner* escreveu-lhe: “Caro Sr. Toohey, o que acha do lugar que chamam de Residência Enright? Tenho um amigo que é decorador de ambientes e fala muito sobre ela e diz que é uma porcaria. Meu hobby é arquitetura e as várias artes relacionadas, e não sei o que pensar. Você nos diria, em sua coluna?” Toohey respondeu em uma carta particular: “Cara amiga, há tantos prédios importantes e grandes eventos acontecendo no mundo, hoje em dia, que eu não posso dedicar a minha coluna a trivialidades.”

No entanto, algumas pessoas procuraram Roark – as poucas que ele queria. Naquele inverno ele recebera a encomenda de construir a residência Norris, uma modesta casa de campo. Em maio, assinou outro contrato, para seu primeiro prédio de escritórios, um arranha-céu de cinquenta andares no centro de Manhattan. Anthony Cord, o dono, surgira do nada e ganhara uma fortuna em Wall Street em poucos anos brilhantes e violentos. Ele queria ter seu próprio prédio e procurou Roark.

O escritório de Roark ampliou-se para quatro salas. Sua equipe o amava. Eles não percebiam isso e ficariam chocados se tivessem que utilizar um termo como

“amor” para se referir a seu chefe frio, intratável e desumano. Eram essas as palavras que usavam para descrevê-lo, eram os termos que haviam sido treinados a usar por todos os padrões e conceitos de seu passado. Só que, trabalhando com Roark, sabiam que ele não era nada dessas coisas, mas não conseguiam explicar o que ele era, nem o que sentiam por ele.

Roark não sorria para seus funcionários, não os levava para tomar drinques, nunca perguntava sobre suas famílias, a respeito de suas vidas amorosas ou seu comparecimento à igreja. Reagia apenas à essência de um homem: sua capacidade criativa. Nesse escritório era preciso ser competente. Não havia nenhuma outra alternativa, nenhuma consideração atenuante. Mas, se um homem trabalhasse bem, não precisava de mais nada para conquistar a benevolência de seu patrão: ela era concedida não como um presente, mas como uma dívida. Era concedida não como afeição, mas como reconhecimento. Isso criava um sentimento enorme de respeito próprio dentro de cada pessoa nesse escritório.

– Ah, mas isso não é humano – disse alguém, quando um dos projetistas de Roark tentou explicar a questão em casa –, uma abordagem tão fria e intelectual!

Um garoto, um tipo mais jovem de Peter Keating, tentou introduzir no escritório de Roark a preferência do humano sobre o intelectual. Ele não durou duas semanas. Roark ocasionalmente cometia erros nas escolhas de seus funcionários, mas não com frequência. Aqueles que ele mantinha por um mês tornavam-se seus amigos para toda a vida. Não chamavam a si mesmos de amigos dele, não o elogiavam para quem era de fora, não falavam sobre ele. Sabiam apenas, de maneira indistinta, que não era uma questão de lealdade a ele, mas ao melhor que havia dentro deles mesmos.



Dominique permaneceu na cidade durante todo o verão. Lembrava-se, com um prazer amargo, de seu costume de viajar. Sentia raiva de pensar que não podia ir, que não podia querer ir. Gostava da raiva: ela a levava ao apartamento de Roark. Nas noites que não passava com ele, caminhava pelas ruas da cidade. Seguia até a Residência Enright, ou a Loja Fargo, e ficava olhando para o prédio por muito tempo. Saía da cidade, dirigindo sozinha, para ver a Residência Heller, a Residência Sanborn, o Posto de Gasolina Gowan. Nunca falava com ele sobre isso.

Certa vez, ela pegou a balsa de Staten Island às duas da manhã. Foi até a ilha, sozinha em pé contra a amurada do convés vazio. Observou a cidade se afastando dela. No grande vazio do céu e do oceano, Manhattan era apenas uma massa sólida pequena e recortada. Parecia condensada, extremamente prensada, não um local de ruas e prédios separados, mas uma única forma esculpida. Uma

forma de degraus irregulares que subiam e desciam sem continuidade ou ordem, longas ascensões e súbitas quedas, como o gráfico de uma luta obstinada. Mas continuava a elevar-se, na direção de uns poucos pontos, na direção dos mastros triunfantes dos arranha-céus que se erguiam da luta.

A balsa passou pela Estátua da Liberdade – uma figura envolta em uma luz verde, com um braço erguido como os arranha-céus por trás dela.

Dominique permaneceu junto à amurada enquanto a cidade diminuía e sentiu o movimento da distância cada vez maior como um aperto crescente dentro de si, a tensão de uma corda viva que não podia ser esticada até tão longe. Sentiu um entusiasmo silencioso quando a balsa voltou e ela viu Manhattan crescendo novamente ao encontro dela. Abriu os braços. A cidade expandiu-se até seus cotovelos, até seus pulsos, além das pontas de seus dedos. Então os arranha-céus ergueram-se acima de sua cabeça, e ela estava de volta.

Desembarcou. Sabia aonde tinha que ir e queria chegar lá rápido, mas sentia que devia chegar lá por si só, assim, caminhando com os próprios pés. Então caminhou através de metade do comprimento de Manhattan, através de ruas longas, vazias, ecoantes. Eram 4h30 quando bateu à porta dele. Roark estava dormindo. Ela sacudiu a cabeça e disse:

– Não. Volte a dormir. Eu só quero ficar aqui.

Não tocou nele. Tirou o chapéu e os sapatos, acomodou-se em uma poltrona e adormeceu, com um dos braços pendurado por sobre o braço da poltrona, a cabeça sobre ele. De manhã, Roark não fez nenhuma pergunta. Prepararam o café da manhã juntos e depois ele saiu às pressas para o escritório. Antes de sair, tomou-a em seus braços e beijou-a. Depois que ele saiu, ela ficou por mais alguns instantes, e foi embora. Eles não chegaram a trocar vinte palavras.

Havia fins de semana em que saíam juntos da cidade e iam no carro dela até algum ponto obscuro da costa. Deitavam-se sob o sol, na areia de uma praia deserta, nadavam no mar. Ela gostava de ver o corpo dele na água. Ficava para trás, em pé, com as ondas batendo em seus joelhos, e observava-o atravessando em linha reta a arrebentação. Dominique gostava de se deitar com ele na beira da água. Deitava-se de bruços, a poucos metros dele, olhando para a praia, seus pés apontados para as ondas. Não encostava nele, mas sentia as ondas chegando por trás, batendo contra seus corpos, e via a água voltando, escorrendo em pequenas correntes do seu corpo e do dele.

Passavam a noite em alguma pousada, pegando um único quarto. Nunca falavam das coisas que deixavam para trás, na cidade. Porém era o não dito que dava significado à simplicidade descontraída dessas horas. Seus olhos riam silenciosamente do contraste absurdo sempre que olhavam um para o outro.

Ela tentava demonstrar seu poder sobre ele. Não ia ao apartamento dele, esperando que ele viesse até ela. Roark estragava seus planos, vindo cedo demais, negando a ela a satisfação de saber que ele esperara e lutara contra seu desejo,

rendendo-se de imediato. Ela dizia:

– Beije minha mão, Roark.

Ele se ajoelhava e beijava seu tornozelo. Ele a vencia ao admitir o poder de Dominique; ela não podia ter a satisfação de exercê-lo. Ele se deitava aos pés dela e dizia:

– É claro que eu preciso de você. Fico louco quando a vejo. Você pode fazer comigo quase qualquer coisa que desejar. É isso que quer ouvir? *Quase*, Dominique. E as coisas que você não poderia me forçar a fazer... Você poderia me torturar se exigisse que eu as fizesse e eu tivesse que recusar, como eu faria. Torturar, Dominique. Isso a agrada? Por que você quer saber se me possui? É tão simples. É claro que você me possui. Tudo de mim que pode ser possuído. Você nunca exigirá nada mais. Mas quer saber se pode me fazer sofrer. Pode. E daí?

As palavras não soaram como uma rendição, porque não foram arrancadas dele, mas admitidas simples e voluntariamente. Ela não sentiu nenhuma emoção de conquista. Sentiu-se possuída, mais do que nunca, por um homem que podia dizer essas coisas, saber que eram verdade, e ainda assim permanecer controlado e controlador – exatamente como ela queria que ele permanecesse.



No fim de junho, um homem chamado Kent Lansing foi ver Roark. Tinha 40 anos, vestia-se como um modelo e parecia um pugilista, embora não fosse corpulento, musculoso ou durão. Era magro e anguloso. Apenas fazia com que as pessoas pensassem em um boxeador e em outras coisas que não combinavam com a aparência dele: um ariete, um tanque, um torpedo submarino. Era membro de uma corporação formada com o propósito de construir um hotel luxuoso no Central Park South. Havia muitos homens ricos envolvidos e a corporação era administrada por um conselho numeroso. Eles haviam comprado o terreno, mas não haviam decidido quem seria o arquiteto. Lansing, entretanto, já decidira que seria Roark.

– Não vou tentar lhe dizer quanto eu gostaria de pegar o projeto – disse-lhe Roark ao final de sua primeira entrevista. – Mas não há chance de eu conseguir. Eu consigo me dar bem com as pessoas... quando elas estão sozinhas. Não consigo fazer nada quando estão em grupo. Nenhum conselho nunca me contratou, e não acho que haverá um que algum dia o fará.

Kent Lansing sorriu.

– Você já soube de algum conselho que tenha feito alguma coisa?

– O que quer dizer com isso?

– Apenas isso: já soube de algum conselho que tenha realmente feito alguma coisa?

– Bem, eles parecem existir e atuar.

– Parecem mesmo? Sabe, houve um tempo em que todo mundo achava óbvio que a Terra era plana. Seria interessante especular sobre a natureza e as causas das ilusões da humanidade. Algum dia vou escrever um livro sobre isso. Não vai fazer sucesso. Criarei um capítulo sobre os conselhos de diretores. Sabe, eles não existem.

– Eu gostaria de acreditar em você, mas qual é o truque?

– Não, você não gostaria de acreditar em mim. As causas das ilusões não são bonitas de se descobrir. São malignas ou trágicas. Esta é maligna e trágica. Principalmente maligna. E não há nenhum truque. Mas não vamos falar sobre isso agora. Só o que quero dizer é que um conselho de diretores é formado por um ou dois homens ambiciosos, e muito lastro. Quero dizer que grupos de homens são vácuos. Dizem que não podemos visualizar um vácuo completo. Com os diabos, basta estar presente em qualquer reunião de comitê! A questão é só quem escolhe preencher esse vácuo. É uma batalha dura. A mais dura. É bastante simples lutar contra qualquer inimigo, contanto que ele esteja lá para podermos combatê-lo. Mas quando não está... Não me olhe assim, como se eu fosse louco. Você deveria saber. Você lutou contra o vácuo a sua vida inteira.

– Estou olhando para você assim porque gosto de você.

– É claro que gosta de mim. Assim como eu sabia que ia gostar de você. Os homens são irmãos, sabe, e têm um grande instinto para a irmandade, exceto nos conselhos, sindicatos, corporações e outros grupos de trabalhos forçados. Mas eu falo demais. É por isso que sou bom vendedor. Só que não tenho nada para vender a você. Sabe disso. Então diremos apenas que você vai construir o Aquitânia... é esse o nome do nosso hotel... e vamos deixar por isso mesmo.

Se a violência das batalhas sobre as quais as pessoas nunca ouvem falar pudesse ser medida em números, a batalha de Kent Lansing contra o conselho de diretores da Corporação Aquitânia teria sido registrada entre os grandes massacres da história. Porém as coisas contra as quais ele lutou não eram sólidas o suficiente para deixar algo tão substancial como cadáveres no campo de batalha.

Ele teve que combater fenômenos tais como:

– Ouça, Palmer, Lansing está sugerindo um sujeito chamado Roark. Qual vai ser o seu voto? Os chefões o aprovam ou não?

– Eu não vou decidir enquanto não souber quem votou a favor ou contra.

– Lansing diz que... Por outro lado, Thorpe me disse que...

– Talbot está construindo um hotel sofisticado na Quinta Avenida, e ele escolheu a Francon & Keating.

– Harper está seguro de que o melhor é aquele jovem, Gordon Prescott.

– Ouça, a Betsy disse que nós somos loucos.

– Eu não gosto da cara do Roark. Ele não parece ser do tipo cooperativo.

– Eu sei, eu sinto isso, Roark é o tipo que não se encaixa. Ele não é um sujeito

comum.

– O que é um sujeito comum?

– Ah, droga, você sabe muito bem o que quero dizer: comum.

– Thompson comentou que a Sra. Pritchett disse que tem certeza, porque o Sr. Macy lhe falou que se...

– Bem, rapazes, eu não ligo a mínima para o que qualquer um diga. Tomo minhas decisões sozinho, e estou aqui para lhes dizer que acho que esse Roark é uma porcaria. Eu não gosto da Residência Enright.

– Por quê?

– Sei lá por quê. Simplesmente não gosto dela, e ponto final. Não tenho o direito de ter minha própria opinião?

A batalha durou semanas. Todos se pronunciaram, menos Roark. Lansing lhe disse:

– Está tudo bem. Não interfira. Não faça nada. Deixe que eu fale. Não há nada que você possa fazer. Ao enfrentar a sociedade, a opinião que menos conta é a do homem que mais se importa, do homem que mais fará e que mais contribuirá. Toma-se como certo que ele não tem nada a dizer, e as razões que ele poderia dar são rejeitadas de antemão como preconceituosas, uma vez que nenhum discurso jamais é considerado, apenas o orador. É tão mais fácil julgar um homem do que uma ideia. Embora eu não consiga entender como diabos alguém pode julgar um homem sem considerar o que se passa na cabeça dele. Mas é assim que é feito. Sabe, as razões requerem balanças para pesá-las, e balanças não são feitas de algodão. E é de algodão que é feito o espírito humano... você sabe, aquela coisa que não tem forma, não oferece nenhuma resistência e pode ser torcida de um lado para outro e transformada em um pretzel. Você poderia explicar-lhes por que deveriam contratá-lo mil vezes melhor do que eu. Mas eles não lhe darão ouvidos, e darão ouvidos a mim. Porque eu sou o intermediário. A distância mais curta entre dois pontos não é uma reta, é um intermediário. E quanto mais intermediários houver, mais curta será a distância. É essa a psicologia de um pretzel.

– Por que você está lutando por mim desse jeito?

– Por que você é um bom arquiteto? Porque tem certos padrões do que é bom, que são os seus próprios padrões, e você é leal a eles. Eu quero um hotel bom e tenho certos padrões do que é bom, que são os meus próprios padrões, e é você quem pode me dar o que eu quero. Quando luto por você, estou fazendo, do meu lado, exatamente o que você faz quando projeta um prédio. Você acha que a integridade é monopólio do artista? E, a propósito, o que acha que é integridade? A habilidade de não roubar um relógio do bolso do seu vizinho? Não, não é tão fácil assim. Se fosse só isso, eu diria que 95 por cento da humanidade é formada por pessoas honestas e corretas. Só que, como você pode ver, não são. Integridade é a habilidade de ser leal a uma ideia. Isso pressupõe a habilidade de

pensar. Pensar é algo que não se pega emprestado nem se penhora. Mesmo assim, se tivesse que escolher um símbolo para a humanidade como a conhecemos, eu não escolheria uma cruz, nem uma águia, nem um leão junto com um unicórnio. Eu escolheria três bolas de ouro.

E, enquanto Roark olhava para ele, Lansing acrescentou:

– Não se preocupe. Eles estão todos contra mim, mas eu tenho uma vantagem: eles não sabem o que querem. Eu sei.

No final de julho, Roark assinou o contrato para construir o Aquitânia.



Ellsworth Toohey estava sentado em sua sala, olhando para um jornal aberto sobre sua mesa, para a notícia que anunciava o contrato do hotel Aquitânia. Estava fumando, o cigarro pendurado no canto de sua boca, preso entre dois dedos esticados. Um dos dedos ficou batendo de leve no cigarro, lentamente, num certo ritmo, por muito tempo.

Ele ouviu o som de sua porta sendo escancarada e, ao erguer os olhos, viu Dominique parada ali, encostada no batente da porta, de braços cruzados. O rosto dela parecia interessado, nada além disso, mas era alarmante ver nele uma expressão de interesse real.

– Minha cara – disse ele, levantando-se –, esta é a primeira vez que você se dá ao trabalho de entrar na minha sala, nos quatro anos em que trabalhamos no mesmo prédio. É realmente uma ocasião especial.

Ela não disse nada, mas sorriu amavelmente, o que era ainda mais alarmante. Ele acrescentou, em tom alegre:

– É claro que o meu pequeno discurso foi o equivalente a uma pergunta. Ou será que já não nos entendemos mais?

– Acho que não, se você acha necessário perguntar o que me trouxe aqui. Mas você sabe, Ellsworth, você sabe. Ai está, na sua mesa.

Ela foi até a mesa, levantou um canto do jornal e deu uma risada.

– Queria ter escondido isso em algum lugar? É claro que você não esperava que eu aparecesse aqui. Não que isso faça alguma diferença. Mas eu só queria vê-lo sendo óbvio, ao menos uma vez. Bem em cima de sua escrivania, desse jeito. E aberto na página dos imóveis também.

– Você está falando como se essa pequena notícia a tivesse deixado feliz.

– Deixou, Ellsworth. E ainda deixa.

– Eu achei que você tivesse trabalhado duro para evitar esse contrato.

– E trabalhei.

– Se acha que o que está fazendo agora é uma encenação, Dominique, não se iluda. Isto não é uma encenação.

– Não, Ellsworth. Não é.

– Você está feliz por Roark ter conseguido o projeto?
– Estou tão feliz que eu poderia dormir com esse tal de Kent Lansing, seja ele quem for, se algum dia o conhecesse e ele me pedisse.

– Então o pacto está cancelado?

– De jeito nenhum. Eu tentarei impedir Roark de obter qualquer trabalho que apareça para ele. Continuarei tentando. Mas não vai ser tão fácil quanto antes. Primeiro a Residência Enright, depois o Edifício Cord, e agora isto. Não vai ser tão fácil para mim... nem para você. Ele está ganhando de você, Ellsworth. E se você e eu estivéssemos errados a respeito do mundo?

– Você sempre esteve errada, querida. Perdoe-me. Eu não deveria estar surpreso. É claro que o fato de ele ter conseguido a deixaria feliz. Eu nem me importo de admitir que isso não me deixa nada contente. Ai está, viu? Agora a sua visita à minha sala foi um sucesso total. Portanto, vamos registrar o Aquitânia como uma grande derrota, esquecer totalmente o assunto e continuar como estávamos.

– Com certeza, Ellsworth. Exatamente como estávamos. Vou fisgar um belo hospital novo para Peter Keating em um jantar hoje à noite.

Toohey foi para casa e passou a noite pensando em Hopton Stoddard.

Stoddard era um homem pequeno que valia vinte milhões de dólares. Três heranças haviam contribuído para essa soma, além de 72 anos de uma vida ocupada e dedicada ao propósito de ganhar dinheiro. Ele era um gênio dos investimentos. Investia em tudo, casas de má fama, grandes espetáculos da Broadway, de preferência de natureza religiosa, fábricas, hipotecas de fazendas e anticoncepcionais. Ele era pequeno e curvado. Seu rosto não era desfigurado, as pessoas só pensavam que era porque tinha uma única expressão: ele sorria. Sua pequena boca tinha a forma de um “V”, permanentemente alegre; suas sobrancelhas eram pequenos “V” invertidos acima de seus olhos redondos e azuis; seu cabelo volumoso, branco e ondulado parecia uma peruca, mas era real.

Toohey o conhecia havia muitos anos e exercia forte influência sobre ele. Stoddard nunca se casara, não tinha nenhum parente e nenhum amigo. Ele não confiava nas pessoas, acreditando que sempre estavam atrás de seu dinheiro. Porém sentia um respeito tremendo por Toohey, porque este representava o exato oposto de sua própria vida. Aquele homem não tinha absolutamente nenhum interesse pela riqueza material. Só pelo fato desse contraste, Stoddard considerava Toohey a personificação da virtude. O que essa avaliação significava com relação à sua própria vida nunca chegou a lhe ocorrer. Sua mente não estava em paz no que dizia respeito à sua vida, e a inquietação crescia com o passar dos anos, com a certeza do fim que se aproximava. Encontrou alívio na religião, na forma de suborno. Experimentava várias crenças diferentes, frequentava cerimônias religiosas, doava grandes quantias de dinheiro e mudava

para outra fé. Com o passar do tempo, o ritmo de sua busca acelerou. Tinha o tom do pânico.

A indiferença que Toohey tinha pela religião era a única falha que o incomodava na pessoa de seu amigo e mentor. Porém tudo o que Toohey pregava parecia estar de acordo com a lei de Deus: caridade, sacrifício, ajuda aos pobres. Hopton Stoddard sentia-se seguro sempre que seguia um conselho de Toohey. Doava generosamente para as instituições que ele lhe recomendava, sem precisar ser muito instigado. Quanto às questões do espírito, Toohey era para ele na Terra mais ou menos o que esperava que Deus fosse para ele no céu.

Entretanto, Toohey sofreu um revés com Hopton Stoddard pela primeira vez.

Stoddard decidiu realizar um sonho que vinha planejando havia vários anos, em segredo e com cuidado, como fazia com todos os seus outros investimentos: decidiu construir um templo. Não seria o templo de nenhuma crença em particular, mas um monumento à religião, que admitisse várias denominações e que não fosse sectário, uma catedral da fé, aberta a todos. Ele não queria arriscar.

Ficou arrasado quando Ellsworth Toohey aconselhou-o a não seguir adiante com o projeto. Toohey queria um prédio que abrigasse um novo orfanato para crianças deficientes. Ele já tinha uma organização estabelecida, um distinto comitê de patrocinadores e uma doação para despesas operacionais. Só não tinha um prédio nem fundos para construir um. Toohey chamou a atenção de Stoddard enfaticamente para o fato de que, se desejava um monumento ao seu nome que fosse digno, um clímax grandioso de sua generosidade, não havia propósito mais nobre para investir seu dinheiro do que o Lar Hopton Stoddard para Crianças Deficientes, para os pequenos coitadinhos arruinados, com quem ninguém se importava. Contudo, não era possível fazer Hopton Stoddard entusiasmar-se por um lar para crianças, nem por qualquer instituição mundana. Tinha que ser o “Templo Hopton Stoddard do Espírito Humano”.

Ele não conseguia apresentar nenhum argumento contra a exibição brilhante de Toohey. Não tinha nada a dizer, exceto:

– Não, Ellsworth, não. Não está certo, não está certo.

A questão não foi decidida. Hopton Stoddard não cedia, mas a reprovação de Toohey deixava-o pouco à vontade e ele adiava sua decisão dia após dia. Sabia apenas que tinha que decidir até o fim do verão, porque, no outono, ia fazer uma longa viagem, um tour mundial pelos santuários sagrados de todas as fés, de Lourdes a Jerusalém, de Meca a Benares.

Poucos dias depois do anúncio do contrato do Aquitânia, Toohey foi visitar Hopton Stoddard, à noite, na privacidade do apartamento amplo e estofado dele na Riverside Drive.

– Hopton – disse ele alegremente –, eu estava errado. Você tinha razão a respeito daquele templo.

– Não acredito! – exclamou Stoddard, chocado.

– Sim – reconheceu Toohey –, você tinha razão. Nada mais seria tão apropriado. Você deve construir um templo. Um Templo do Espírito Humano.

Hopton Stoddard engoliu em seco e seus olhos azuis ficaram úmidos. Sentiu que devia ter avançado muito no caminho da retidão, se fora capaz de ensinar um ponto de virtude a seu professor. Depois disso nada mais importava. Ele sentou-se, como um bebê calmo e enrugado, escutando Ellsworth Toohey, balançando a cabeça afirmativamente, concordando com tudo.

– É um empreendimento ambicioso, Hopton, e, se você vai levá-lo adiante, deve fazer isso direito. É um pouco pretensioso, sabe, oferecer um presente a Deus, e, a menos que você o faça da melhor forma possível, será ofensivo, e não reverente.

– Sim, é claro. Tem que ser o prédio certo. Tem que ser o certo. O melhor. Você vai me ajudar, não vai, Ellsworth? Você sabe tudo sobre prédios, arte e tudo. Tem que ser o certo.

– Ficarei feliz em ajudá-lo, se você realmente quiser.

– Se eu quiser?! O que quer dizer, se eu quiser?... Minha Nossa Senhora, o que eu faria sem você? Não sei nada sobre... sobre nada disso. E tem que ser o certo.

– Se quer que seja o prédio certo, vai fazer exatamente o que eu disser?

– Sim. Sim. Sim, claro.

– Em primeiro lugar, o arquiteto. Isso é muito importante.

– Sim, com certeza.

– Você não vai querer um desses garotos comerciais forrados de cetim e cobertos de sinais de dólar. Você quer um homem que acredita em seu trabalho como... como você acredita em Deus.

– Está certo. Absolutamente certo.

– Você deve aceitar o homem que eu indicar.

– Certamente. Quem é?

– Howard Roark.

– Roark? – Hopton Stoddard parecia atônito. – Quem é ele?

– É o homem que vai construir o Templo do Espírito Humano.

– Ele é bom?

Ellsworth Toohey virou-se e fitou Stoddard. Disse pausadamente:

– Eu juro pela minha alma imortal, Hopton, que ele é o melhor que existe.

– Oh!

– Mas ele é difícil de conseguir. Só trabalha sob certas condições. Você deve segui-las escrupulosamente. Deve lhe dar liberdade total. Diga-lhe o que quer e quanto pretende gastar e deixe o resto com ele. Deixe que projete o prédio e que o construa como desejar. Se não for assim, ele não vai aceitar. Apenas seja franco com ele e diga-lhe que você não entende nada de arquitetura, e que o escolheu porque sentiu que ele era o único em quem você poderia confiar para

fazer o trabalho direito, sem conselhos nem interferências.

– Está bem, se você põe a mão no fogo por ele.

– Eu ponho a mão no fogo por ele.

– Está certo. E não me importa quanto vai me custar.

– Mas você deve tomar cuidado ao abordá-lo. Acho que ele não vai aceitar, no início. Vai lhe dizer que não acredita em Deus.

– O quê?!

– Não acredite nele. Roark é um homem profundamente religioso, à sua própria maneira. Pode-se ver isso nos prédios dele.

– Ah...

– Mas ele não pertence a nenhuma igreja. Assim, você não vai parecer parcial. Não vai ofender ninguém.

– Isso é bom.

– Agora, quando lida com questões de fé, você deve ser o primeiro a ter fé. Certo?

– Certo.

– Não espere para ver os desenhos dele. Vão demorar um pouco, e você não deve atrasar sua viagem. Contrate-o. Não assine um contrato, não é necessário. Providencie para que seu banco cuide da parte financeira e deixe que ele faça o resto. Você só terá que lhe pagar os honorários quando voltar. Dentro de aproximadamente um ano, quando voltar depois de ver todos aqueles grandes templos, você terá um melhor, só seu, esperando por você aqui.

– Era isso mesmo que eu queria.

– Mas você deve pensar na maneira apropriada de abrir o templo ao público, na dedicatória apropriada, na publicidade certa.

– Claro... Mas... publicidade?

– Com certeza. Você conhece algum grande evento que não seja acompanhado de uma boa campanha publicitária? Se não tiver publicidade, não é grande coisa. Se economizar nisso, será claramente desrespeitoso.

– Isso é verdade.

– Agora, se quiser a publicidade apropriada, deve planejá-la cuidadosamente, com muita antecedência. Quando inaugurar o templo, você vai querer muita ostentação, como o prelúdio de uma ópera, como um toque da trombeta de Gabriel.

– Isso é lindo... a maneira como você diz.

– Bem, para conseguir fazer isso, você não pode permitir que muitos jornalistas vagabundos destruam o seu efeito vazando histórias prematuras. Não divulgue os desenhos do templo. Mantenha-os em segredo. Diga a Roark que quer que eles sejam secretos. Ele não vai fazer objeções. Mande o empreiteiro colocar um muro cercando todo o terreno, durante a obra. Ninguém poderá saber como é até você voltar e presidir a inauguração pessoalmente. E então...

fotos em todos os malditos jornais do país!

– Ellsworth!

– Perdão.

– A ideia é ótima. Foi assim que lançamos *A lenda da Virgem*, dez anos atrás, com um elenco de 97 atores.

– Sim. Mas, enquanto isso, mantenha o público interessado. Contrate um bom assessor de imprensa e diga-lhe como quer que ele trate disso. Eu lhe darei o nome de um que é excelente. Certifique-se de que haverá algo sobre o misterioso Templo Stoddard mencionado nos jornais a cada duas semanas mais ou menos. Mantenha-os tentando adivinhar, na expectativa. Eles estarão prontos quando chegar a hora.

– Certo.

– Mas, acima de tudo, não deixe que Roark saiba que fui eu que o recomendei. Não diga uma única palavra a ninguém sobre eu ter qualquer coisa a ver com isso. A ninguém. Jure.

– Mas por quê?

– Porque eu tenho muitos amigos que são arquitetos, e é um projeto muito importante. Não quero magoar ninguém.

– Sim, é verdade.

– Jure.

– Oh, Ellsworth!

– Jure. Pela salvação da sua alma.

– Eu juro. Por... isso.

– Muito bem. Agora, você nunca lidou com arquitetos e ele é um tipo raro de profissional, e você não quer fazer bobagem. Portanto, eu vou lhe dizer exatamente o que deve falar para ele.

No dia seguinte, Toohey entrou na sala de Dominique. Parou diante da escrivaniinha dela, sorriu e disse, com uma voz nada sorridente:

– Você se lembra de Hopton Stoddard e aquele templo de todas as fés sobre o qual ele fala há seis anos?

– Vagamente.

– Ele vai construí-lo.

– Vai?

– Vai dar o projeto a Howard Roark.

– Não é verdade!

– É verdade.

– Bem, entre todas as coisas incríveis... Não o Hopton!

– O Hopton.

– Ah, está bem. Vou trabalhar nele.

– Não. Você não vai fazer nada. Fui eu que lhe disse para contratar Roark.

Ela ficou imóvel, na mesma posição em que as palavras a atingiram, e o

divertimento desapareceu de seu rosto. Ele acrescentou:

– Eu queria que você soubesse que fiz isso para que não haja nenhuma contradição tática. Ninguém mais sabe nem deve saber. Eu tenho confiança que você se lembrará disso.

Ela perguntou, seus lábios se movendo rigidamente:

– O que você está querendo?

Ele sorriu e respondeu:

– Vou torná-lo famoso.



Roark estava sentado na sala de Hopton Stoddard, ouvindo, estupefato. O homem falava devagar. Parecia sincero e impressionante, mas isso se devia ao fato de que ele decorara suas falas quase palavra por palavra. Seus olhos de bebê fitavam Roark com uma súplica insinuante. Pela primeira vez, Roark quase se esqueceu da arquitetura e colocou o elemento humano em primeiro lugar: ele queria se levantar e sair da sala. Não conseguia suportar aquele sujeito. Mas as palavras que ouviu o seguraram. As palavras não combinavam com o rosto nem com a voz do homem:

– Portanto, veja, Sr. Roark, embora deva ser um edifício religioso, é também mais que isso. Note que o chamamos de Templo do Espírito Humano. Queremos capturar, em pedra, assim como outros capturaram em música, não uma doutrina restrita, mas sim a essência de toda religião. E qual é essa essência? A grande aspiração do espírito humano pelo mais elevado, o mais nobre, o melhor. O espírito humano como criador e conquistador do ideal. A grande força vivificante do universo. O espírito heroico humano. Essa é a sua tarefa, Sr. Roark.

Roark esfregou as costas da mão nos olhos, sem ação. Não era possível, simplesmente não era possível. Não podia ser isso o que o homem queria, não esse homem. Parecia horrível ouvi-lo dizer aquilo.

– Sr. Stoddard, acho que o senhor cometeu um erro – disse ele, com voz lenta e cansada. – Não acho que eu seja o profissional que o senhor quer. Não acho que seria certo eu me encarregar disso. Eu não acredito em Deus.

Ficou perplexo ao ver a expressão de prazer e triunfo no rosto de Hopton Stoddard. O sujeito irradiava gratidão – gratidão pela sabedoria clarividente de Ellsworth Toohey, que sempre estava certo. Empertigou-se com confiança renovada e disse com firmeza, pela primeira vez no tom de um homem idoso que se dirige a um jovem, sábio e levemente condescendente:

– Isso não importa. Você é um homem profundamente religioso, Sr. Roark.. à sua própria maneira. Posso ver isso em seus prédios.

Perguntou-se por que Roark fitava-o daquela forma, sem se mexer, por tanto tempo.

– É verdade – reconheceu Roark. Foi quase um sussurro.

Ao se dar conta de que acabara de aprender algo sobre si mesmo, sobre seus prédios, com esse homem que havia visto e sabido disso antes que ele soubesse, ao vê-lo lhe dizer isso com um ar de confiança tolerante que traduzia uma compreensão total, as dúvidas de Roark desapareceram. Disse a si mesmo que não entendia realmente as pessoas; que uma impressão podia ser enganosa; que Hopton Stoddard estaria bem longe, em outro continente, de qualquer maneira; que nada importava diante de tal tarefa; que nada podia importar quando uma voz humana – mesmo que fosse a de Stoddard – prosseguia, dizendo:

– Eu quero chamá-lo de Deus. Você pode escolher qualquer outro nome. Mas o que eu quero nesse prédio é o seu espírito. O seu espírito, Sr. Roark. Dê-me o melhor dele e terá feito o seu trabalho, assim como eu terei feito o meu. Não se preocupe com o significado que eu desejo que seja transmitido. Faça com que seja o seu espírito na forma de um prédio, e ele terá esse significado, quer você saiba ou não.

E assim Roark concordou em construir o Templo Stoddard do Espírito Humano.

EM DEZEMBRO, O EDIFÍCIO COSMO-SLOTNICK foi inaugurado com grande pompa. Houve celebridades, coroas de flores, câmeras de jornais cinematográficos, holofotes giratórios e três horas de discursos, todos parecidos.

Eu deveria estar feliz, Peter Keating dizia a si mesmo, mas não estava. Observava de uma janela a extensão contínua de rostos que enchiam a Broadway de uma calçada à outra. Tentou convencer-se a ficar alegre. Não sentia nada. Tinha que admitir que estava entediado. Porém sorria, apertava mãos e deixava-se ser fotografado. O Edifício Cosmo-Slotnick erguia-se esmagadoramente sobre a rua, como uma grande banalidade branca.

Depois das cerimônias, Ellsworth Toohey conduziu Keating para o refúgio de uma mesa privada rosa-claro, em um restaurante discreto e caro. Muitas festas animadas estavam sendo dadas em homenagem à inauguração, mas Keating aceitou correndo a oferta do crítico e recusou todos os outros convites. Toohey ficou observando quando o jovem arquiteto agarrou sua bebida e afundou em seu assento.

– Não foi formidável? – perguntou Toohey. – Aquilo, Peter, é o climax do que você pode esperar da vida. – Ergueu seu cálice delicadamente. – À esperança de que você tenha muitos triunfos como esse. Como esta noite.

– Obrigado – disse Keating, pegando seu cálice apressadamente, sem olhar, erguendo-o e só então percebendo que já estava vazio.

– Não se sente orgulhoso, Peter?

– Sim. Sim, é claro.

– Isso é bom. É assim que eu gosto de vê-lo. Você estava extremamente bonito esta noite. Vai ficar esplêndido naqueles jornais cinematográficos.

Uma faísca de interesse brilhou nos olhos de Keating.

– Bem, espero mesmo que sim.

– É uma pena que você não seja casado, Peter. Uma esposa teria sido extremamente decorativa, hoje. O público gosta. As plateias de cinema também.

– Katie não sai bem em fotografias.

– Ah, é verdade, você está noivo de Katie. Que estupidez a minha. Sempre me esqueço. Não, Katie não sai bem mesmo nas fotografias. E também não consigo imaginá-la de jeito nenhum sendo muito eficaz em uma função social. Há muitos adjetivos agradáveis que se pode usar para descrever Katie, mas “confiante” e “distinta” não estão entre eles. Vai ter que me perdoar, Peter. Eu me deixei levar por minha imaginação. Porque lido tanto com arte, tenho a tendência a ver as coisas puramente do ponto de vista da adequação artística. E, ao olhar para você esta noite, não pude deixar de pensar na mulher que teria formado uma imagem tão perfeita ao seu lado.

– Quem?

– Ah, não preste atenção em mim. É só uma fantasia estética. A vida nunca é tão perfeita assim. As pessoas já têm muitos motivos para invejá-lo. Você não poderia acrescentar isso às suas outras conquistas.

– Quem?

– Esqueça, Peter. Você não pode tê-la. Ninguém pode. Você é bom, mas não é bom o suficiente para isso.

– Quem?

– Dominique Francon, é claro.

Keating endireitou-se e Toohey viu em seus olhos cautela, rebeldia, verdadeira hostilidade. Toohey manteve seu olhar tranquilamente. Foi Keating quem cedeu. Recostou-se no assento de novo e disse, suplicando:

– Deus do céu, Ellsworth, eu não a amo.

– Eu nunca achei que você a amava. Mas realmente sempre me esqueço da importância exagerada que os homens comuns dão ao amor... o amor sexual.

– Eu não sou um homem comum – disse Keating, aborrecido. Foi um protesto automático, sem emoção.

– Endireite-se, Peter. Você não parece um herói, largado desse jeito.

Keating empertigou-se bruscamente, ansioso e irritado. Disse:

– Eu sempre tive a impressão de que você queria que eu me casasse com Dominique. Por quê? Que importância isso tem para você?

– Você respondeu a sua própria pergunta, Peter. Que importância isso poderia ter para mim? Mas estávamos falando de amor. O amor sexual, Peter, é uma emoção profundamente egoísta. E as emoções egoístas não são as que levam à felicidade, não é verdade? Esta noite, por exemplo. Foi uma noite que faria inchar o coração de um egotista. Você estava feliz, Peter? Não se dê ao trabalho, meu caro, não é preciso responder. O meu ponto é só que uma pessoa não deve confiar em seus impulsos mais pessoais. O que alguém deseja tem tão pouca importância, na verdade! Não se pode esperar encontrar a felicidade até que se perceba isso completamente. Pense na noite de hoje por um instante. Você, meu caro Peter, era a pessoa menos importante ali. E é assim que deve ser. Não é o que faz que conta, mas sim aqueles para quem as coisas são feitas. Porém você não foi capaz de aceitar esse fato, e por isso não senti o grande júbilo que deveria ter sido seu.

– É verdade – sussurrou Keating. Ele não teria admitido isso a mais ninguém.

– Você deixou passar o orgulho lindo da completa abnegação. Somente quando aprender a negar o seu ego completamente, somente quando aprender a rir de sentimentalismos tão insignificantes como seus pequenos desejos sexuais, só então você atingirá a grandeza que eu sempre esperei de você.

– Você... você acredita que eu poderia atingir isso, Ellsworth? Acredita mesmo?

– Eu não estaria sentado aqui se não acreditasse. Mas voltemos ao amor. O

amor egoísta, Peter, é um grande mal, assim como tudo o que é egoísta. E sempre leva à infelicidade. Você não entende por quê? O amor egoísta é um ato de discriminação, de preferência. É um ato de injustiça cometido contra todos os seres humanos na face da Terra, dos quais você rouba a afeição que arbitrariamente concedeu a um único ser humano. Você deve amar todos igualmente. Mas não pode alcançar uma emoção tão nobre se não destruir suas escolhas egoístas insignificantes. Elas são malignas e fúteis, pois contradizem a primeira lei cósmica: a igualdade básica de todos os homens.

– Quer dizer – disse Keating, subitamente interessado – que, de uma... de uma forma filosófica, isto é, no fundo, somos todos iguais? Todos nós?

– É claro.

Keating perguntou-se por que o pensamento lhe era tão confortavelmente agradável. Não se importava que isso o tornasse igual a todos os bateadores de carteiras que estavam no meio da multidão reunida para celebrar seu prédio, esta noite. Foi algo que lhe ocorreu vagamente, e que não o deixou perturbado, embora fosse uma contradição à busca fervorosa por superioridade que o impulsionara por toda a sua vida. A contradição não importava. Ele não estava pensando nem nesta noite nem na multidão, estava pensando em um homem que não estivera lá esta noite.

– Sabe, Ellsworth – disse, inclinando-se para a frente, sentindo uma felicidade inquieta –, eu... eu prefiro conversar com você a fazer qualquer outra coisa, qualquer coisa. Eu tinha tantos lugares para ir hoje e estou tão mais feliz por estar sentado aqui com você. Às vezes me pergunto como eu poderia seguir adiante sem você.

Toohey disse:

– É assim mesmo que deve ser. Senão, para que servem os amigos?



Naquele inverno, o anual Baile das Artes à fantasia foi um evento de maior esplendor e originalidade que de costume. Athelstan Beasley, o líder espiritual da organização do baile, tivera o que ele mesmo chamara de uma ideia de gênio: todos os arquitetos foram convidados a ir fantasiados de seus melhores prédios. Foi um sucesso estrondoso.

Peter Keating foi a estrela da noite. Ele estava maravilhoso de Edifício Cosmo-Slotnick. Uma réplica exata em papel machê de sua famosa estrutura cobria-o da cabeça aos joelhos. Não se podia ver seu rosto, mas seus olhos vivos espiavam por trás das janelas do último andar, e a pirâmide que coroava o telhado se erguia sobre sua cabeça. A colunata ficava mais ou menos na altura de seu diafragma, e ele balançava um dedo através dos batentes da grande porta de entrada. Suas pernas estavam livres para se movimentar com sua elegância

habitual, em impecáveis calças de gala e sapatos de couro.

Guy Francon estava muito impressionante de Edifício do Frink National Bank, embora a estrutura estivesse um pouco mais larga do que a original, para fazer caber sua barriga. A tocha do Mausoléu de Adriano sobre sua cabeça tinha uma lâmpada de verdade, mantida acesa por uma pequena pilha. Ralston Holcombe estava magnífico de capitólio estadual, e Gordon L. Prescott estava bastante masculino de silo de cereais. Eugene Pettingill andava como um pato com suas pernas magras e idosas, pequeno e encurvado, como um imponente hotel da Park Avenue, com óculos de aro de tartaruga olhando de dentro da torre majestosa. Dois brincalhões encenaram um duelo, batendo nas barrigas um do outro com pináculos famosos, grandes marcos da cidade que recebem os navios que chegam do outro lado do oceano. Todos se divertiram muito.

Muitos dos arquitetos, em especial Athelstan Beasley, fizeram comentários ressentidos sobre Howard Roark, que fora convidado mas não comparecera. Haviam esperado vê-lo fantasiado de Residência Enright.



Dominique ficou parada no corredor, olhando para a porta e para a inscrição: HOWARD ROARK, ARQUITETO.

Ela não havia visto o escritório dele. Lutara contra o desejo de ir até lá durante muito tempo, mas tinha que ver o lugar onde ele trabalhava.

A secretária na recepção espantou-se quando Dominique lhe deu seu nome, mas anunciou a visita a Roark.

– Pode entrar, Srta. Francon – disse ela.

Roark sorriu quando ela entrou em sua sala, um leve sorriso sem surpresa.

– Eu sabia que você viria aqui algum dia – comentou ele. – Quer que eu lhe mostre o lugar?

– O que é isso? – perguntou ela.

As mãos dele estavam sujas de argila. Sobre uma mesa comprida, em meio a uma bagunça de esboços inacabados, estava o modelo em argila de um prédio, um estudo preliminar de ângulos e terraços.

– O Aquitânia? – perguntou ela.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Você sempre faz isso?

– Não, nem sempre. Às vezes. Há um problema difícil aqui. Gosto de brincar um pouco com ele. Provavelmente será o meu prédio favorito... ele é tão difícil.

– Continue. Quero vê-lo fazendo isso. Você se importa?

– De jeito nenhum.

Num instante Roark já se esquecera da presença dela. Dominique se sentou a um canto e observou as mãos dele. Viu-as moldando paredes. Viu-as esmagar

uma parte da estrutura e começar de novo, lentamente, pacientemente, com uma estranha certeza que aparecia até mesmo em sua hesitação. Viu a palma da mão dele alisar um plano longo e reto, notou um ângulo suspenso no ar, no movimento da mão dele, antes de vê-lo em argila.

Ela se levantou e foi até a janela. Os prédios da cidade abaixo não pareciam maiores do que a maquete em cima da mesa dele. Teve a impressão de que podia ver as mãos dele moldando os recuos, os cantos, os telhados de todas as estruturas abaixo, despedaçando e voltando a moldar. A mão dela moveu-se distraidamente, seguindo a forma de um prédio distante em gestos ascendentes, tendo uma sensação física de posse, sentindo-a por ele.

Virou-se para a mesa. Uma mecha de cabelo caíra sobre o rosto dele, curvado atentamente sobre o modelo. Roark não estava olhando para ela, mas para a forma sob seus dedos. Era quase como se ela estivesse vendo as mãos dele se movendo sobre o corpo de outra mulher. Encostou-se à parede, enfraquecida por uma sensação de violento prazer físico.



No início de janeiro, enquanto as primeiras colunas de aço surgiam das escavações que se tornariam o Edifício Cord e o Hotel Aquitânia, Roark trabalhou nos desenhos do Templo.

Quando os primeiros esboços ficaram prontos, ele disse à sua secretária:

- Encontre Steven Mallory para mim.
- Mallory, Sr. Roark? Quem... Ah, sim, o escultor do atentado.
- O quê?
- Foi ele que atirou em Ellsworth Toohey, não foi?
- Foi? Ah, é verdade.
- É ele que o senhor quer, Sr. Roark?
- Ele mesmo.

A secretária passou dois dias telefonando para comerciantes de arte, galerias, arquitetos, jornais. Ninguém sabia lhe dizer que fim levava Steven Mallory nem onde ele poderia ser encontrado. No terceiro dia, ela informou a Roark

– Achei um endereço no Village, e me disseram que pode ser o dele. Não tem telefone.

Roark ditou uma carta pedindo a Mallory que telefonasse para seu escritório.

A carta não voltou, mas uma semana passou sem nenhuma resposta. Então Steven Mallory telefonou.

- Alô? – disse Roark quando a secretária passou a chamada.
- Quem está falando é Steven Mallory – informou uma voz jovem e firme, de uma forma que deixou um silêncio impaciente e hostil depois das palavras.
- Eu gostaria de vê-lo, Sr. Mallory. Podemos marcar um horário para você vir

ao meu escritório?

– A respeito do que você quer me ver?

– A respeito de um projeto, é claro. Quero que você faça um trabalho para um prédio meu.

Houve uma longa pausa.

– Está bem – disse Mallory. Sua voz parecia morta. Ele acrescentou: – Que prédio?

– O Templo Stoddard. Talvez você tenha ouvido falar...

– É, ouvi. Você vai construí-lo. Quem não ouviu falar? Vai me pagar tanto quanto está pagando ao seu assessor de imprensa?

– Eu não estou pagando nada ao assessor de imprensa. Vou lhe pagar a quantia que você quiser pedir.

– Você sabe que não pode ser muito.

– Quando seria conveniente para você vir até aqui?

– Que diabos, diga você. Sabe que não estou ocupado.

– Às duas horas da tarde, amanhã?

– Tudo bem. – Mallory acrescentou: – Não gosto da sua voz.

Roark riu.

– Eu gosto da sua. Pare com isso e esteja aqui amanhã às duas.

– Está bem.

Mallory desligou.

Roark colocou o fone no gancho, sorrindo abertamente. Porém o sorriso desapareceu de repente, e ele ficou olhando para o telefone, seu rosto sério.

Mallory não compareceu ao encontro. Três dias se passaram sem nenhuma notícia dele. Então Roark foi encontrá-lo pessoalmente.

A pensão em que Mallory morava era uma construção deteriorada de arenito, em uma rua sem iluminação que cheirava a peixe. Havia uma lavanderia e uma sapataria no térreo, de cada lado de uma entrada estreita. Uma senhora desleixada disse:

– Mallory? Quinto andar, nos fundos. – E saiu arrastando os pés, indiferente.

Roark subiu as escadas de madeira, que estavam cedendo, iluminadas por lâmpadas enfadadas em um emaranhado de canos. Ele bateu em uma porta encardida.

A porta se abriu. Um jovem esquelético apareceu na soleira. Tinha o cabelo despenteado, uma boca forte com o lábio inferior quadrado e os olhos mais expressivos que Roark já vira.

– O que você quer? – perguntou ele rispidamente.

– Sr. Mallory?

– Sim.

– Eu sou Howard Roark.

Mallory riu, encostando-se no batente da porta, com um dos braços esticado

atravessado, sem nenhuma intenção de dar passagem. Ele estava evidentemente bêbado.

– Ora, ora! – disse ele. – Em pessoa.

– Posso entrar?

– Para quê?

Roark sentou-se no corrimão da escada.

– Por que você não apareceu ao encontro?

– Ah, o encontro? Ah, é. Bem, vou lhe dizer – Mallory falou com ar sério. – Foi assim: eu realmente queria ir, queria mesmo, e saí de casa para ir ao seu escritório, mas no caminho passei por um cinema no qual *Dois cabeças em um travesseiro* estava em cartaz, então entrei. É que eu tinha que ver esse filme.

Ele sorriu, curvando-se sobre o braço esticado.

– É melhor você me deixar entrar – disse Roark em voz baixa.

– Ah, que se dane, entre.

A sala era um buraco estreito. Havia uma cama desarrumada em um canto, jornais e roupas velhas espalhados, um fogareiro a gás, um quadro barato de uma paisagem representando um tipo doentio de prado marrom com umas ovelhas. Não havia nenhum desenho ou estátua, nenhum sinal da profissão do ocupante.

Roark afastou uns livros e uma frigideira de cima da única cadeira e sentou-se. Mallory ficou em pé diante dele, com um sorriso largo, balançando um pouco.

– Você está fazendo tudo errado – disse Mallory. – Não é assim que se faz. Você deve estar muito desesperado para vir correndo atrás de um escultor. O jeito certo é: você me faz ir até o seu escritório e, na primeira vez que eu for, você não deve estar lá. Na segunda vez, você deve me deixar esperando por uma hora e meia, depois aparecer na recepção, apertar a minha mão e me perguntar se eu conheço os Wilson, de alguma cidadezinha no fim do mundo, e dizer que é muito agradável termos amigos em comum, mas você está morrendo de pressa hoje, e vai me chamar para almoçar amanhã para falarmos de negócios. Você faz a mesma coisa durante dois meses. Só depois me dá o projeto. Então você me diz que eu não sou nem nunca fui bom e atira a coisa na lata de lixo. Aí você contrata o Valerian Bronson e ele faz o trabalho. É assim que se faz. Só que não desta vez.

Entretanto, seus olhos estavam estudando Roark atentamente, e eles transpareciam a certeza de um profissional. Conforme falava, sua voz foi perdendo a alegria afetada, até uma monotonia apática nas últimas sentenças.

– Não – confirmou Roark –, não desta vez.

O rapaz ficou olhando para ele em silêncio.

– Você é Howard Roark? – perguntou ele. – Eu gosto dos seus prédios. Foi por isso que eu não quis me encontrar com você, para não passar mal cada vez que olhasse para eles. Eu queria continuar pensando que eles haviam sido feitos por

alguém que estava à altura deles.

– E se eu estiver?

– Isso não acontece.

Porém ele se sentou na beira da cama amarfanhada e curvou-se para a frente, seu olhar como uma balança de precisão pesando as feições de Roark impertinente em seu ato evidente de avaliação.

– Ouça – disse Roark falando claramente e com muito cuidado –, eu quero que você faça uma estátua para o Templo Stoddard. Me dê uma folha de papel e eu vou redigir um contrato para você agora mesmo, declarando que terei que lhe pagar um milhão de dólares de indenização se eu escolher outro escultor, ou se o seu trabalho não for usado.

– Pode falar normalmente. Eu não estou bêbado. Não totalmente. Eu compreendo.

– E então?

– Por que me escolheu?

– Porque você é um bom escultor.

– Isso não é verdade.

– Que você é bom?

– Não. Que esse é o seu motivo. Quem lhe pediu que me contratasse?

– Ninguém.

– Alguma mulher com quem dormi?

– Não conheço nenhuma mulher com quem você dormiu.

– Está com problemas no orçamento do seu prédio?

– Não. O orçamento é ilimitado.

– Tem pena de mim?

– Não. Por que deveria?

– Quer conseguir publicidade com aquela história do tiro em Toohey?

– Meu Deus, não!

– Bem, então o que é?

– Por que você fica imaginando essa baboseira toda, em vez do motivo mais simples?

– Que é...?

– Que eu gosto do seu trabalho.

– Claro. É isso que todos dizem. É isso que todos devemos dizer e em que vamos acreditar. Imagine o que aconteceria se alguém divulgasse esse segredo! Então, tudo bem, você gosta do meu trabalho. Qual é a verdadeira razão?

– Eu gosto do seu trabalho.

Mallory falou com seriedade e com a voz sóbria:

– Você quer dizer que viu as coisas que eu fiz e gostou delas... você ... você mesmo... sozinho... sem ninguém lhe dizer que deveria gostar delas ou por que deveria gostar, e você decidiu que queria me contratar por essa razão, só por essa

razão, sem saber nada a meu respeito, sem ligar a mínima, só por causa das coisas que eu fiz e... e pelo que você viu nelas... só por causa disso você decidiu me contratar, e se deu ao trabalho de me procurar, de vir até aqui e de ser insultado, só porque você viu, e o que viu me tornou importante para você, fez com que você me escolhesse? É isso que quer dizer?

– Exatamente – respondeu Roark

As coisas que fizeram os olhos de Mallory arregalarem-se eram assustadoras de se ver. Ele sacudiu a cabeça e disse de forma muito simples, como se estivesse confortando a si mesmo:

– Não.

Inclinou-se para a frente. Sua voz tornou-se apática e suplicante:

– Ouça, Sr. Roark. Eu não vou ficar bravo com você. Só quero saber. Tudo bem, estou vendo que está determinado a me fazer trabalhar para você, e você sabe que pode me ter, por qualquer preço que disser. Não precisa assinar nenhum contrato de um milhão de dólares. Olhe para este quarto, você sabe que já me pegou, então por que não deveria me dizer a verdade? Não vai fazer nenhuma diferença para você... e é muito importante para mim.

– O que é muito importante para você?

– Não... não... Olhe. Eu não achei que ninguém iria me querer de novo. Mas você quer. Tudo bem. Eu passarei por isso outra vez. Só que eu não quero pensar de novo que estou trabalhando para alguém que... que gosta do meu trabalho. Isso é uma coisa pela qual eu não aguentaria mais passar. Vou me sentir melhor se você me disser. Vou... vou me sentir mais tranquilo. Por que você mentiria para mim? Eu não sou nada. Não vou mudar de ideia a seu respeito, se é disso que tem medo. Não percebe? É muito mais decente me dizer a verdade. Assim será simples e honesto. Eu vou respeitá-lo mais. Vou mesmo.

– Qual é o problema com você, garoto? O que fizeram com você? Por que insiste em dizer esse tipo de coisa?

– Porque... – Mallory urrou de repente, e então sua voz enfraqueceu, ele abaixou a cabeça e terminou em um sussurro sem tom: – porque passei dois anos... – sua mão descreveu fracamente um círculo, indicando o quarto – foi assim que os passei, tentando me acostumar com o fato de que o que você está tentando me dizer não existe...

Roark aproximou-se, ergueu o queixo dele com força e disse:

– Você é um maldito tolo. Não tem nenhum direito de se importar com o que eu penso do seu trabalho, com o que eu sou, ou por que estou aqui. Você é bom demais para isso. Mas, se quer saber, eu acho que você é o melhor escultor que temos. Acho isso porque as suas estátuas não são o que os homens são, mas sim o que eles poderiam ser... e deveriam ser. Porque você foi além do provável e nos fez ver o que é possível, mas possível apenas através de você. Porque suas estátuas são mais destituídas de desprezo pela humanidade do que qualquer obra

que já vi. Porque você tem um respeito magnífico pelo ser humano. Porque suas estátuas são o que há de heroico no homem. Portanto, eu não vim aqui para lhe fazer um favor, ou porque tive pena de você, ou porque você precisa muito de um trabalho. Vim por um motivo simples e egoísta, o mesmo motivo que faz uma pessoa escolher o alimento mais limpo que puder encontrar. É uma lei da sobrevivência, não é?, buscar o melhor. Eu não vim aqui por você, vim por mim.

Mallory soltou-se dele de supetão e caiu na cama com o rosto para baixo, os braços esticados, um de cada lado da cabeça, as mãos fechadas formando dois punhos. O estremecimento leve do tecido da camisa em suas costas mostrou que ele estava soluçando; o tecido da camisa e seus punhos retorciam-se lentamente, afundando no travesseiro. Roark sabia que estava olhando para um homem que nunca havia chorado antes. Ele se sentou na beira da cama e não conseguiu tirar os olhos dos pulsos que se retorciam, embora fosse uma visão difícil de aguentar.

Depois de um tempo, Mallory sentou-se. Olhou para Roark e viu o rosto mais calmo e gentil – um rosto sem um pingote de piedade. Não parecia o semblante de homens que assistem à agonia de outro com um prazer secreto, enaltecidos pela visão de um pedinte que precisa de sua compaixão. Não tinha o aspecto da alma faminta que se alimenta da humilhação de outro homem. O rosto de Roark parecia cansado, encolhido nas ténporas, como se ele houvesse acabado de levar uma surra. Contudo, seus olhos estavam serenos e fitavam Mallory silenciosamente, um olhar firme e limpo de compreensão – e respeito.

– Agora deite-se – disse Roark – Descanse um pouco.

– Como eles deixaram você sobreviver?

– Deite-se. Descanse. Conversaremos depois.

Mallory levantou-se. Roark segurou seus ombros, forçou-o a sentar-se, ergueu suas pernas do chão e baixou sua cabeça sobre o travesseiro. O rapaz não demonstrou resistência.

Ao dar um passo para trás, Roark esbarrou em uma mesa abarrotada de coisas. Algo caiu. Mallory deu um salto para a frente, tentando pegá-lo primeiro. Roark esticou seu braço para o lado e pegou o objeto.

Era uma pequena placa de gesso, do tipo que se vendia em lojas baratas de suvenires. Era a representação de um bebê deitado de barriga para baixo, com covinhas no traseiro, olhando por cima do ombro com uma expressão de fingida timidez. Algumas linhas e a estrutura de alguns músculos demonstravam um talento magnífico que não podia ser escondido e que desaparecia de forma aterradora no resto. O resto era uma tentativa deliberada de ser óbvio, vulgar e banal, um esforço desajeitado, não convincente e atormentado. Era um objeto que pertencia a uma câmara de horrores.

Mallory viu a mão de Roark começar a tremer. Em seguida, o braço de Roark moveu-se para trás e para o alto, acima de sua cabeça, vagarosamente, como se estivesse colhendo o peso do ar na dobra de seu cotovelo. Foi só um instante, mas

pareceu durar vários minutos, o braço erguido e imóvel, e então moveu-se fulminante para a frente, a placa voou através da sala e despedaçou-se contra a parede. Foi a única vez que alguém viu Roark mortalmente enfurecido.

– Roark

– Sim?

– Roark, eu gostaria de tê-lo conhecido antes de você ter me oferecido um trabalho. – Ele falou sem expressão, a cabeça voltando a repousar no travesseiro, os olhos fechados. – Assim não haveria nenhuma outra razão envolvida. Porque, sabe, estou muito agradecido a você. Não por me dar um trabalho, não por vir até aqui, não por nada que você venha a fazer por mim. Somente pelo que você é.

Ele ficou deitado sem se mexer, estirado e sem energia, como um homem que já ultrapassou em muito o estágio do sofrimento. Roark ficou perto da janela, olhando para o quarto em ruínas e para o rapaz sobre a cama. Perguntou-se por que se sentia como se estivesse esperando. Estava na expectativa de uma explosão acima de suas cabeças. Parecia não fazer sentido. Foi então que ele compreendeu. Pensou: *É assim que os homens se sentem dentro de uma trincheira. Este quarto não é uma casualidade da pobreza, é a marca de uma guerra. É a destruição causada por explosivos mais devastadores do que qualquer um armazenado nos arsenais do mundo. Uma guerra... contra...?* O inimigo não tinha nome nem rosto. Mas esse rapaz era um companheiro de guerra, ferido em batalha, e Roark aproximou-se dele, sentindo algo novo e estranho, um desejo de erguê-lo em seus braços e levá-lo para um local seguro... Só que o inferno e a segurança não tinham nenhuma designação conhecida... Ele não parava de pensar em Kent Lansing, tentando se lembrar de algo que Lansing dissera...

Mallory abriu os olhos e ergueu-se, apoiando-se em um dos cotovelos. Roark puxou a cadeira para perto da cama, sentou-se e disse:

– Agora, fale. Fale sobre as coisas que você realmente quer que sejam ditas. Não me conte sobre sua família, sua infância, seus amigos ou sentimentos. Fale-me sobre as coisas que você pensa.

Mallory olhou para ele, incrédulo, e sussurrou:

– Como você sabia disso?

Roark sorriu e não disse nada.

– Como você sabia o que é que está me matando? Devagar, há anos, levando-me a odiar as pessoas quando eu não quero odiar... Você também já sentiu isso? Já percebeu como seus melhores amigos amam tudo em você, exceto as coisas que contam? E aquilo que você tem de mais importante não é nada para eles, nada, nem mesmo um som que eles possam reconhecer. Quer dizer que você quer ouvir? Quer saber o que eu faço e por que faço, quer saber o que eu penso? Não acha que é chato? É importante?

– Vá em frente – disse Roark

E então ele ficou sentado ali por horas, escutando, enquanto Mallory falava sobre seu trabalho, sobre as ideias por trás do que fazia, sobre as ideias que moldavam sua vida. Falava avidamente, como um homem prestes a afogar-se que fora atirado à praia, embriagando-se com intensos haustos de ar puro.



Mallory foi ao escritório de Roark na manhã seguinte e este mostrou-lhe os esboços do templo. Em pé diante de uma prancheta de desenho, com um problema para analisar, Mallory mudou: não havia nenhuma incerteza nele, nenhum vestígio de dor. O gesto de sua mão pegando o desenho era preciso e seguro, como o de um soldado em serviço. O gesto dizia que nada que viesse a ser feito com ele poderia alterar a função da coisa que ele tinha dentro de si e que agora estava sendo convocada a agir. O escultor tinha uma confiança inflexível e impessoal. Encarava Roark como um igual.

Estudou os desenhos por muito tempo e depois ergueu a cabeça. Tudo em seu rosto estava controlado, exceto seus olhos.

– Gostou? – perguntou Roark

– Não use palavras estúpidas.

Ele segurou um dos desenhos, foi até a janela e ficou olhando do esboço para a rua, da rua para o rosto de Roark e de volta para o esboço.

– Não parece possível – disse ele. – Não isto... e aquilo.

Apontou com o esboço para a rua.

Havia um salão de sinuca na esquina da rua abaixo; uma pensão com um pórtico coríntio; um outdoor com a propaganda de um musical da Broadway; um varal com roupas íntimas rosa e cinza esvoaçantes, em cima de um telhado.

– Não na mesma cidade. Não no mesmo planeta – comentou Mallory. – Mas você fez com que acontecesse. É possível... Eu nunca vou ter medo outra vez.

– Do quê?

Mallory colocou o esboço cuidadosamente sobre a mesa e respondeu:

– Você disse alguma coisa ontem sobre uma primeira lei. Uma lei que exige que o homem busque o melhor... Foi engraçado... O gênio não reconhecido, essa é uma velha história. Já pensou em uma muito pior, o gênio muito bem reconhecido?... Que uma grande quantidade de homens sejam pobres coitados que não conseguem ver o melhor... isso não é nada. Não se pode ficar bravo com isso. Mas você entende os homens que veem o melhor e não o querem?

– Não.

– Não, você não entenderia. Eu passei a noite toda pensando em você. Não preguei o olho. Sabe qual é o seu segredo? A sua terrível inocência.

Roark caiu na gargalhada, olhando para aquele rosto de menino. Mallory disse:

– Não, não é engraçado. Eu sei do que estou falando, e você não sabe. Não

pode saber. É por causa dessa sua saúde absoluta. Você é tão saudável que não consegue conceber a doença. Sabe que ela existe, mas não acredita realmente nela. Eu acredito. Sou mais sábio do que você a respeito de certas coisas, porque sou mais fraco. Eu entendo o outro lado. Foi isso que me deixou assim... como você viu ontem.

– Isso já acabou.

– Provavelmente, mas não totalmente. Eu não tenho mais medo, mas sei que o terror existe. Conheço que tipo de terror é. Você não pode conceber esse tipo. Ouça, qual é a experiência mais horrível que você pode imaginar? Para mim, é ser deixado, desarmado, em uma cela trancada, com uma fera assassina babando, ou com um louco cujo cérebro foi destruído por alguma doença. Você não teria nada além de sua voz... sua voz e seu raciocínio. Você gritaria para a criatura, explicando por que ela não deveria tocá-lo, você teria os termos mais eloquentes, as palavras irrespondíveis, e se tornaria o portador da verdade absoluta. E você veria olhos vivos observando-o e se daria conta de que a coisa não pode ouvi-lo, não pode entendê-lo, nunca entendê-lo, de nenhuma forma, e ainda assim estaria respirando e se mexendo ali, diante de você, com um propósito só dela. Isso é horror. Bem, é isso que está suspenso sobre o mundo, à espreita em algum lugar no meio da humanidade, exatamente aquela coisa, algo enclausurado, estúpido, completamente devasso, mas algo que tem seu próprio objetivo e sua astúcia. Não acho que eu seja um covarde, mas tenho medo disso. E isso é tudo o que sei: apenas que isso existe. Não sei qual é o seu propósito, não conheço a sua natureza.

– O princípio por trás do diretor – disse Roark.

– O quê?

– É uma coisa sobre a qual me pergunto, de vez em quando... Mallory, por que você tentou atirar em Ellsworth Toohey?

Ele viu os olhos do rapaz e acrescentou:

– Não precisa responder, se não gostar de falar sobre isso.

– Não gosto de falar sobre isso – respondeu Mallory, com voz tensa. – Mas foi a pergunta certa a fazer.

– Sente-se – disse Roark – Vamos falar sobre o seu projeto.

Mallory escutou atentamente enquanto Roark falava sobre o prédio e sobre o que queria do escultor. Ele concluiu:

– Só uma figura. Vai ficar ali – apontou para um esboço. – O lugar será construído ao redor dela. A estátua de uma mulher nua. Se compreende o prédio, então também compreende o que a estátua deve ser: o espírito humano. O heroico no homem. A ambição e a realização, juntas. Enaltecida em sua busca e inspiradora por sua própria essência. Buscando Deus e encontrando a si mesma. Mostrando que não há nada mais elevado a ser alcançado do que sua própria forma... Você é o único que pode fazer isso para mim.

– Sim.

– Vai trabalhar como eu trabalho para os meus clientes: você sabe o que eu quero, o resto é com você. Faça-a da maneira que desejar. Eu gostaria de sugerir a modelo, mas, se ela não se encaixar em seu propósito, escolha qualquer uma que você preferir.

– Quem é a sua escolha?

– Dominique Francon.

– Meu Deus!

– Você a conhece?

– Eu já a vi. Se pudesse ser ela... Puxa vida! Não há nenhuma outra mulher tão perfeita para isso. Ela... – Fez uma pausa e acrescentou, desanimado: – Ela não vai posar. Com certeza não para você.

– Vai, sim.

Guy Francon tentou opor-se, quando ouviu a notícia.

– Ouça, Dominique – disse ele, irritado –, há um limite. Certamente há um limite, até mesmo para você. Por que vai fazer isso? Por que, ainda por cima para um prédio do Roark? Depois de tudo o que você fez e disse contra ele. Você não acha que as pessoas estão falando? Ninguém se importaria nem notaria, se fosse qualquer outra mulher. Mas você... e Roark! Eu não consigo ir a lugar nenhum sem que alguém me pergunte sobre isso. O que vou fazer?

– Encomende para si mesmo uma reprodução da estátua, pai. Vai ser linda.

Peter Keating recusou-se a discutir o assunto. Porém encontrou-se com Dominique em uma festa e perguntou, após ter tido a intenção de não fazer isso:

– É verdade que você está posando para uma estátua para o templo de Roark?

– É.

– Dominique, eu não gosto disso.

– Não?

– Oh, desculpe-me. Sei que não tenho nenhum direito... É só que... É que, de todas as pessoas do mundo, eu não quero que você fique amiga do Roark. Não dele. Qualquer um, menos Roark.

Ela pareceu interessar-se:

– Por quê?

– Não sei.

O olhar dela, de análise curiosa, preocupou-o. Ele resmungou:

– Talvez... talvez seja porque nunca me pareceu certo que você tivesse tanto desprezo pelo trabalho dele. Eu ficava muito feliz por você sentir isso, mas... mas nunca me pareceu certo, vindo de você.

– É mesmo, Peter?

– Sim. Mas você não gosta dele como pessoa, gosta?

– Não, eu não gosto dele como pessoa.

Ellsworth Toohey ficou descontente.

– Foi muito imprudente da sua parte, Dominique – comentou ele, na privacidade do escritório dela. A voz dele não soava calma.

– Eu sei que foi.

– Você não pode mudar de ideia e recusar?

– Eu não vou mudar de ideia, Ellsworth.

Ele sentou-se e deu de ombros. Depois de uma pausa, sorriu.

– Está bem, minha cara, faça como quiser.

Ela passou um lápis sobre a linha de um rascunho e não disse nada.

Toohey acendeu um cigarro.

– Então Roark escolheu Steven Mallory para fazer o trabalho – disse o crítico.

– Sim. Uma coincidência engraçada, não é?

– Não é nenhuma coincidência, querida. Coisas assim nunca são coincidências. Há uma lei básica por trás disso. Embora eu tenha certeza de que ele não a conhece e que ninguém o ajudou a escolher.

– Você aprova a escolha?

– De todo o coração. Torna tudo perfeito. Melhor que nunca.

– Ellsworth, por que Mallory tentou matá-lo?

– Não tenho a menor ideia. Não sei. Acho que o Sr. Roark sabe. Ou, pelo menos, deveria saber. A propósito, quem escolheu você para posar para aquela estátua, Roark ou Mallory?

– Isso não é da sua conta, Ellsworth.

– Entendi. Foi Roark.

– A propósito, eu contei a ele que foi você quem convenceu Hopton Stoddard a contratá-lo.

Ele parou, com o cigarro suspenso no ar, depois se mexeu outra vez e colocou-o na boca.

– Contou? Por quê?

– Eu vi o projeto do templo.

– É tão bom assim?

– Melhor, Ellsworth.

– O que ele disse quando você lhe contou?

– Nada. Ele riu.

– Riu, é? Que simpático da parte dele. Eu ousou dizer que muitas pessoas vão se juntar a ele, depois de um tempo.



Durante os meses daquele inverno, Roark raramente dormiu mais do que três horas por noite. Havia uma destreza rítmica em seus movimentos, como se o seu corpo nutrisse com energia todos que o cercavam. A energia vazava pelas paredes de seu escritório e chegava a três pontos da cidade: o Edifício Cord, no

centro de Manhattan, uma torre de cobre e vidro; o Hotel Aquitânia, no Central Park South; e o templo sobre uma rocha acima do Hudson, bem ao norte da Riverside Drive.

Quando tinham tempo para se encontrar, Austen Heller observava-o, entretido e satisfeito.

– Quando esses três estiverem prontos, Howard – disse ele –, ninguém conseguirá detê-lo. Nunca mais. De vez em quando eu fico imaginando até onde você vai chegar. Sabe, sempre tive um fraco por astronomia.

Em uma noite de março, Roark estava do lado de dentro do muro alto que fora levantado em volta do terreno do templo, de acordo com as ordens de Stoddard. Os primeiros blocos de pedra, formando a base das futuras paredes, erguiam-se acima do chão. Era tarde e os pedreiros já haviam saído. O lugar estava deserto, isolado do mundo, dissolvido na escuridão. Mas o céu brilhava, luminoso demais para a noite abaixo, como se a luz houvesse permanecido além da hora normal, anunciando a chegada próxima da primavera. A sirene de um navio soou em algum lugar do rio, e o som pareceu vir de um campo distante, atravessando quilômetros de silêncio. Uma luz ainda brilhava na cabana de madeira que fora construída para ser o estúdio de Steven Mallory, onde Dominique posava para ele.

O templo seria um prédio pequeno de calcário cinza. Suas linhas eram horizontais: não eram linhas que subiam em direção ao céu, mas as linhas da Terra. Ele parecia espalhar-se acima do solo como braços esticados na altura dos ombros, com as palmas das mãos para baixo, em uma aceitação total e silenciosa. Não se agarrava ao chão nem se agachava sob o céu. Parecia levantar a Terra, e suas poucas colunas verticais puxavam o céu para baixo. Sua escala fora planejada de acordo com a altura humana, de tal modo que não diminuía o homem, mas criava um ambiente que fazia da figura do homem o único absoluto, a escala de perfeição pela qual todas as dimensões deveriam ser julgadas. Quando alguém entrasse nesse templo, sentiria o espaço moldar-se à sua volta, para ele, como se houvesse esperado pela sua entrada para ser completado. Era um lugar alegre, com a alegria da exaltação que deve ser silenciosa. Era um lugar aonde uma pessoa podia vir para se sentir forte e sem pecado, a fim de encontrar a paz de espírito nunca concedida a não ser por sua própria glória.

Não havia nenhuma decoração interior, exceto pelas projeções graduais das paredes e pelas vastas janelas. O lugar não estava selado sob abóbadas, mas escancarado para o mundo ao seu redor, para as árvores, o rio, o sol – e para a linha do horizonte da cidade a distância, os arranha-céus, as formas da conquista do homem na Terra. No fundo do salão, de frente para a entrada, com a cidade como pano de fundo, jazia a estátua de um corpo humano nu.

Não havia nada diante dele agora, na escuridão, exceto as primeiras pedras,

mas Roark pensou na construção terminada, sentindo-a nas juntas de seus dedos, ainda se lembrando dos movimentos de seu lápis, quando a havia desenhado. Ficou pensando nisso. Depois, atravessou a terra dura e despedaçada, em direção à cabana do estúdio.

– Um momento – disse a voz de Mallory quando ele bateu na porta.

Dentro da cabana, Dominique desceu do pedestal e vestiu um roupão. Em seguida, Mallory abriu a porta.

– Ah, é você? – perguntou ele. – Nós pensamos que era o vigia. O que está fazendo aqui tão tarde?

– Boa noite, Srta. Francon – disse Roark, e ela acenou brevemente com a cabeça. – Desculpe interromper, Steve.

– Tudo bem. Não estávamos indo muito bem. Dominique não está conseguindo exatamente o que eu quero hoje. Sente-se, Howard. Droga, que horas são?

– Nove e meia. Se vocês vão ficar mais tempo, querem que eu mande entregar um jantar?

– Não sei. Vamos fumar um cigarro.

O lugar tinha um piso de madeira sem pintura, vigas de madeira expostas e um fogão de ferro fundido brilhando a um canto. Mallory movimentava-se como um anfitrião feudal, com pedacinhos de argila na testa. Ele fumava, nervoso, andando de um lado para outro.

– Quer se vestir, Dominique? – perguntou. – Acho que não vamos fazer muito mais hoje.

Ela não respondeu. Estava olhando para Roark. Mallory chegou aos fundos da sala, deu a volta e sorriu para Roark.

– Por que nunca entrou aqui antes, Howard? É claro, se eu estivesse muito ocupado, teria chutado você para fora. A propósito, o que está fazendo aqui a esta hora?

– Eu só queria ver o lugar hoje. Não consegui chegar mais cedo.

– É isso o que você quer, Steve? – perguntou Dominique de repente.

Ela tirou o roupão e andou nua até o pedestal. Mallory olhou dela para Roark, de Roark para ela. Então viu o que passara o dia todo se esforçando para ver. Viu o corpo dela em pé diante dele, reto e tenso, a cabeça dela atirada para trás, os braços ao lado do corpo, com as palmas das mãos viradas para a frente, como ela havia posado em muitos dias. Mas agora seu corpo estava vivo, tão imóvel que parecia tremer, dizendo o que ele quisera ouvir: uma entrega orgulhosa, reverente e extasiada a uma visão que era só dela, o momento certo, o instante antes que a figura balançasse e quebrasse, o momento tocado pelo reflexo do que ela via.

O cigarro de Mallory voou através da sala.

– Não se mexa, Dominique! – gritou ele. – Não se mexa! Não se mexa!

Ele chegou à sua plataforma antes que o cigarro atingisse o chão.

E trabalhou, e Dominique ficou em pé, imóvel, e Roark ficou encarando-a, encostado à parede.



Em abril, as paredes do templo erguiam-se em linhas entrecortadas acima do chão. Nas noites de lua elas adquiriam um brilho suave, manchado, submarino. O muro alto mantinha-se de guarda ao seu redor.

Após o dia de trabalho, quatro pessoas permaneciam no local: Roark, Mallory, Dominique e Mike Donnigan. Mike não havia deixado de trabalhar em um único prédio de Roark.

Os quatro estavam juntos na cabana de Mallory, depois que todos os outros haviam saído. Um pano molhado cobria a estátua inacabada. A porta da cabana estava aberta ao primeiro calor de uma noite de primavera. O galho de uma árvore se pendurava do lado de fora, com três folhas novas aparecendo contra o céu negro e estrelas reluzindo como gotas de água na beira das folhas. Não havia cadeiras na cabana. Mallory estava em pé perto do fogão de ferro, preparando cachorros-quentes e café. Mike estava sentado no pedestal, fumando um cachimbo. Roark estava deitado no chão, apoiado nos cotovelos. Dominique estava sentada em um banco de cozinha, com um fino roupão de seda envolvendo seu corpo e os pés descalços sobre as tábuas do piso.

Eles não falavam sobre seu trabalho. Mallory contava histórias absurdas e Dominique ria como uma criança. Não conversavam sobre nenhum assunto em particular; o significado das frases estava apenas no som das vozes, na alegria afetuosa, no sossego do relaxamento completo. Eram simplesmente quatro pessoas que gostavam de estar ali juntas. As paredes que se erguiam na escuridão do lado de fora da porta aberta sancionavam o seu descanso, davam-lhes o direito à leveza, o prédio no qual todos eles haviam trabalhado juntos, o edifício que era como uma harmonia, baixa e audível ao som de suas vozes. Roark ria como Dominique nunca o vira rir em nenhum outro lugar, sua boca relaxada e jovem.

Ficaram lá noite adentro. Mallory servia café em uma coleção variada de canecas lascadas. O aroma da bebida misturava-se ao das folhas novas lá fora.



Em maio, o trabalho foi interrompido na construção do Hotel Aquitânia.

Dois dos donos perderam tudo no mercado de ações; um terceiro teve seus fundos embargados por um processo sobre uma herança disputada por alguém; um quarto apropriou-se ilegalmente das ações de outra pessoa. A corporação explodiu em um emaranhado de disputas em tribunais que levariam anos para

ser solucionadas. O prédio tinha que esperar, inacabado.

Kent Lansing disse a Roark

– Eu vou pôr tudo em ordem, nem que tenha que matar alguns deles. Vou tirar o prédio das mãos deles. Vamos terminá-lo algum dia, você e eu. Mas vai levar tempo, provavelmente muito tempo. Não lhe direi para ser paciente. Homens como você e eu não sobreviveriam além de seus primeiros quinze anos se não adquirissem a paciência de um carrasco chinês. E a blindagem de um navio de guerra.

Ellsworth Toohey gargalhou, sentado na borda da mesa de Dominique.

– *A Sinfonia Inacabada*, graças a Deus – disse ele.

Dominique usou isso em sua coluna. “*A Sinfonia Inacabada* no Central Park South”, escreveu. Não acrescentou “graças a Deus”. O apelido pegou. Estranhos notavam a visão bizarra de uma estrutura cara em uma rua importante, abandonada com janelas vazias, paredes recobertas pela metade, vigas descobertas. Quando perguntavam o que era aquilo, pessoas que nunca haviam ouvido falar em Roark nem na história do prédio davam uma risadinha maliciosa e respondiam:

– Ah, essa é a *Sinfonia Inacabada*.

Tarde da noite, Roark encontrava-se do outro lado da rua, sob as árvores do parque, olhando para a forma escura e morta entre as estruturas cintilantes do perfil da cidade. Suas mãos moviam-se como o haviam feito acima do modelo em argila. Daquela distância, uma projeção interrompida podia ser coberta pela palma da mão dele, mas o movimento instintivo de completar não encontrava nada além de ar.

Às vezes obrigava-se a andar pelo prédio. Caminhava sobre tábuas trêmulas suspensas sobre o vazio, através de salas sem teto e quartos sem piso, até as beiradas abertas onde vigas mestras saltavam para fora como ossos através de uma pele rasgada.

Um velho vigia morava em um cubículo nos fundos do andar térreo. Ele conhecia Roark e deixava-o andar por ali. Certa vez, quando Roark estava de saída, ele o deteve e disse subitamente:

– Eu tive um filho, uma vez... quase. Ele nasceu morto.

Algo o fizera falar isso, e ele olhou para Roark, sem saber ao certo o que queria dizer. Mas Roark sorriu, de olhos fechados, sua mão cobriu o ombro do velho, como um aperto de mãos, e ele foi embora.

Foi só nas primeiras semanas. Depois ele se obrigou a esquecer o Aquitânia.



Numa noite de outubro, Roark e Dominique caminharam juntos através do templo terminado. Ele seria aberto ao público dentro de uma semana, no dia

seguinte ao retorno de Stoddard. Ninguém o vira, exceto aqueles que haviam trabalhado em sua construção.

Era uma noite clara e serena. O local do templo estava vazio e silencioso. O vermelho do pôr do sol refletido nas paredes de calcário parecia a primeira luz da manhã.

Eles ficaram olhando para o templo, depois, do lado de dentro, ficaram em pé diante da estátua de mármore, sem dizer nada um ao outro. As sombras no espaço moldado à sua volta pareciam ter sido esculpidas pela mesma mão que esculpira as paredes. O movimento da luz declinava e fluía com uma disciplina controlada, como as frases de um discurso dando voz às mudanças nas facetas das paredes.

– Roark..

– Sim, minha querida?

– Não... nada...

Caminharam juntos de volta ao carro, a mão dele segurando o pulso dela.

A INAUGURAÇÃO DO TEMPLO STODDARD foi anunciada para a tarde de 1^o de novembro.

O assessor de imprensa fizera um bom trabalho. As pessoas falavam a respeito do evento, sobre Howard Roark, acerca da obra-prima arquitetônica que a cidade deveria esperar.

Na manhã de 31 de outubro, Hopton Stoddard chegou de sua viagem ao redor do mundo. Ellsworth Toohey recebeu-o no cais.

Na manhã de 1^o de novembro, Stoddard mandou publicar uma breve declaração anunciando que a inauguração estava cancelada. Não foi dada nenhuma explicação.

Na manhã de 2 de novembro, o *New York Banner* saiu com a coluna “Uma Pequena Voz”, de Ellsworth Toohey, com o subtítulo: “Sacrilégio”. Dizia o seguinte:

Chegou a hora, disse a morsa,
De falarmos sobre muitas coisas:
Sobre navios – e sapatos – e Howard Roark –
E repolhos – e monarcas –
E por que o mar está em brasas –
E se Roark tem asas.

Não é nossa função – parafraseando um filósofo de quem não gostamos – ser um mata-moscas, mas, quando uma mosca adquire ilusões de grandeza, os melhores entre nós devem rebaixar-se para executar um pequeno serviço de extermínio.

Tem se falado muito, ultimamente, sobre um tal de Howard Roark. Uma vez que a liberdade de expressão é nossa herança sagrada e inclui a liberdade de desperdiçar o próprio tempo, não haveria nenhum mal em falar sobre ele, além do fato de que uma pessoa poderia encontrar tantas tarefas mais lucrativas do que discutir sobre um homem que parece não ter nada a seu crédito, com exceção de um prédio que foi iniciado e não pôde ser terminado. Não haveria nenhum mal se o ridículo não houvesse se transformado em trágico – e em fraudulento.

Howard Roark – como a maioria de vocês nunca ouviu falar e provavelmente não ouvirá falar novamente – é um arquiteto. Há um ano, confiaram-lhe uma tarefa de extraordinária responsabilidade. Ele foi contratado para erigir um grande monumento durante a ausência do dono, que acreditou nele e concedeu-lhe total liberdade de ação. Se a terminologia de nossas leis criminais pudesse ser aplicada ao âmbito das artes, teríamos que dizer que o que o Sr. Roark entregou

equivale a uma fraude espiritual.

O Sr. Hopton Stoddard, notório filantropo, pretendeu oferecer à cidade de Nova York um Templo da Religião, uma catedral não sectária que simbolizaria o espírito da fé humana. O que o Sr. Roark construiu para ele poderia ser um depósito – embora não pareça prático. Ou poderia ser um bordel – o que é mais provável, se considerarmos parte de sua ornamentação escultural. Certamente não é um templo.

Parece que uma malícia deliberada reverteu, nesse prédio, todos os conceitos apropriados a um prédio religioso. Em vez de ser austeramente enclausurado, esse suposto templo é amplamente aberto, como uma taverna do oeste. Em vez de provocar um estado de espírito de respeitosa tristeza, próprio de um lugar onde uma pessoa contempla a eternidade e se dá conta da insignificância do homem, esse edifício possui uma qualidade de júbilo solto e orgiaco. Em vez das linhas ascendentes tentando alcançar o céu, pré-requisito da própria natureza de um templo, como um símbolo da busca do homem por algo mais elevado do que seu pequeno ego, esse prédio é ostensivamente horizontal, com sua barriga na lama, de forma a declarar sua lealdade ao carnal e a glorificar os prazeres indecentes da carne acima dos prazeres do espírito. A estátua de uma mulher nua em um local aonde os homens vão para serem elevados fala por si só e dispensa quaisquer outros comentários.

Uma pessoa que entra em um templo busca libertar-se de si mesma. Ela deseja humilhar seu orgulho, confessar sua falta de valor, implorar por perdão. Ela encontra realização em um senso de profunda humildade. A postura apropriada ao homem em uma casa de Deus é de joelhos. Ninguém em seu juízo perfeito se ajoelhariá no templo do Sr. Roark. O lugar o proíbe. As emoções que ele sugere são de uma natureza diferente: arrogância, audácia, desafio, autoexaltação. Não é uma casa de Deus, é a cela de um megalomaniaco. Não é um templo, mas sua antítese perfeita, um deboche insolente à religião. Nós o chamaríamos de pagão, se não fosse pelo fato de que os pagãos eram notoriamente bons arquitetos.

Esta coluna não defende nenhuma crença em particular, mas a simples decência exige que respeitemos as convicções religiosas de nossos semelhantes. Nós sentimos que devíamos explicar ao público a natureza desse ataque deliberado contra a religião. Não podemos ignorar um sacrilégio ultrajante.

Se damos a impressão de nos termos esquecido de nossa função como um crítico de valores puramente arquitetônicos, só podemos dizer que a ocasião não merece esse tipo de crítica. É um erro glorificar a mediocridade com a tentativa de fazer uma crítica séria. Parece que nos recordamos de uma ou outra coisa que esse Howard Roark construiu antes, e tinha a mesma incompetência, a mesma qualidade prosaica de um amador excessivamente ambicioso. Todos os filhos de Deus têm asas, mas, infelizmente, o mesmo não se aplica a todos os

gênios de Deus.

E, meus amigos, isto é tudo. Estamos felizes por estar terminada a tarefa de hoje. Não gostamos nem um pouco de escrever obituários.”



No dia 3 de novembro, Hopton Stoddard deu entrada em um processo contra Howard Roark por quebra de contrato e imperícia, pedindo uma indenização. Ele pediu uma soma suficiente para que o templo fosse alterado por outro arquiteto.



Fora fácil persuadir Stoddard. Ele retornara de sua viagem arrasado pelo espetáculo universal da religião, especialmente pelas várias formas em que a promessa do inferno o confrontara em todo o planeta. Ele fora levado à conclusão de que sua existência o qualificava para a pior vida possível após a morte, em qualquer sistema de fé. Isso perturbara o que ainda restava de sua mente. Os comissários do navio, em sua viagem de volta, tinham certeza de que o senhor idoso estava senil.

Na tarde de seu regresso, Ellsworth Toohey levou-o para ver o templo. O crítico não disse nada. Hopton Stoddard observava com olhos arregalados, e Toohey ouvia a dentadura do velho estalar espasmodicamente. O lugar não se parecia com nada que Stoddard vira em qualquer lugar do mundo, nem nada que esperara. Ele não sabia o que pensar. Quando lançou um olhar de apelo desesperado a Toohey, os olhos de Stoddard pareciam gelatina. Ele esperou. Naquele momento, Toohey poderia tê-lo convencido de qualquer coisa. Então falou, e disse o mesmo que disse mais tarde em sua coluna.

– Mas você me disse que esse Roark era bom! – gemeu Stoddard, em pânico.

– Eu esperava que ele fosse bom – respondeu Toohey friamente.

– Mas então... por quê?

– Não sei – disse Toohey, e seu olhar acusador fez Stoddard entender que havia uma culpa ameaçadora por trás de tudo aquilo, e que a culpa era dele mesmo.

Toohey não disse nada na limusine, quando voltavam para o apartamento de Stoddard, enquanto este lhe implorava que falasse. Ele não respondia. O silêncio levou o velho ao terror. No apartamento, o crítico guiou-o até uma poltrona e ficou em pé diante dele, lúgubre como um juiz.

– Hopton, eu sei por que isso aconteceu.

– Oh, por quê?

– Você consegue pensar em alguma razão por que eu deveria ter mentido para você?

– Não, é claro que não, você é o maior especialista e o homem mais honesto que existe, e eu não entendo, simplesmente não consigo entender!

– Eu entendo. Quando recomendei Roark, eu tinha todas as razões para esperar, pelo que eu sabia honestamente, que ele lhe daria uma obra-prima. Mas ele não deu. Hopton, você sabe qual poder é capaz de perturbar todos os cálculos do homem?

– Q-qual poder?

– Deus escolheu esta maneira para rejeitar a sua oferta. Ele não o considerou digno de presentear-lo com um santuário. Acho que você pode me enganar, Hopton, e a todos os homens, mas não pode enganar a Deus. Ele sabe que a sua ficha é mais negra do que qualquer coisa de que eu tenha suspeitado.

Toohey continuou falando durante muito tempo, tranquilamente, num tom severo, para um silêncio amontoado de terror. No fim, disse:

– Parece óbvio, Hopton, que você não pode comprar o perdão começando por cima. Somente os puros de coração podem erigir um santuário. Você deve passar por muitos passos mais humildes de penitência antes de atingir esse estágio. Você deve se redimir diante de seus semelhantes antes que possa redimir-se diante de Deus. Esse prédio não deveria ser um templo, mas uma instituição de caridade humana. Como um lar para crianças deficientes.

Hopton Stoddard recusou-se a comprometer-se com isso.

– Depois, Ellsworth, depois – lamentou ele. – Me dê algum tempo.

Concordou em processar Roark, conforme Toohey sugeriu, para recuperar os custos das alterações, e deixar para decidir mais tarde que alterações seriam essas.

– Não fique chocado com nada que eu diga ou escreva sobre isso – disse-lhe Toohey ao partir. – Eu serei forçado a declarar umas coisas que não são exatamente verdadeiras. Tenho que proteger a minha própria reputação de uma catástrofe que é culpa sua, não minha. Lembre-se apenas de que você jurou nunca revelar quem o aconselhou a contratar Roark.

No dia seguinte, “Sacrilégio” apareceu no *Banner* e preparou o pavio. O anúncio do processo de Stoddard acendeu-o.

Ninguém teria sentido ímpeto de travar uma guerra contra um prédio, mas a religião havia sido atacada. O assessor de imprensa havia preparado o terreno muito bem, a mola da atenção pública havia sido comprimida, uma grande quantidade de pessoas podia fazer uso disso.

O clamor de indignação que se ergueu contra Howard Roark e seu templo deixou todos perplexos, exceto Ellsworth Toohey. Pastores amaldiçoavam o prédio em seus sermões. Clubes de mulheres assinavam documentos de protesto. Uma Comissão de Mães conseguiu aparecer na página oito dos jornais com uma petição que exigia, histericamente, algo sobre a proteção de seus filhos. Uma atriz famosa escreveu um artigo sobre a unidade essencial de todas as artes,

explicou que o Templo Stoddard não continha nenhuma noção de dicção estrutural e falou sobre a ocasião em que ela fez o papel de Maria Madalena em um grande drama bíblico. Uma mulher da alta sociedade redigiu um artigo sobre os santuários exóticos que vira em suas perigosas viagens nas selvas, elogiou a fé emocionante dos selvagens e reprovou o homem moderno por ser cínico. Segundo ela, o Templo Stoddard era um sintoma de fraqueza e decadência. A ilustração mostrava-a vestindo calças de caçador, com um pé pequeno sobre o pescoço de um leão morto. Um professor universitário escreveu uma carta a um jornal sobre suas experiências espirituais e declarou que não poderia tê-las experimentado em um lugar como o Templo Stoddard. Kiki Holcombe escreveu uma carta a um jornal sobre suas opiniões a respeito da vida e da morte.

A Associação Americana de Arquitetos emitiu uma declaração digna denunciando o Templo Stoddard como uma fraude espiritual e artística. Declarações semelhantes, com menos dignidade e mais giria, foram emitidas pelos Conselhos dos Construtores, dos Escritores e dos Artistas Americanos. Ninguém nunca ouvira falar neles, mas eram Conselhos, e isso deu peso à sua voz. Um homem comentou com outro, em tom que sugeria intimidade com os melhores do mundo artístico:

– Você sabia que o Conselho dos Construtores Americanos disse que esse templo é uma porcaria arquitetônica?

O outro não queria dizer que nunca havia ouvido falar de tal grupo e respondeu:

– Eu já esperava que eles dissessem isso. Você não?

Hopton Stoddard recebeu tantas cartas de solidariedade que começou a se sentir bastante feliz. Ele nunca havia sido popular antes. Ellsworth estava certo, pensou ele. Seus irmãos o estavam perdendo. Ellsworth estava sempre certo.

Os melhores jornais pararam de falar na história depois de um tempo. Mas o *Banner* a manteve viva. Ela havia sido uma bênção para o *Banner*. Gail Wynand estava fora, navegando em seu iate através do oceano Índico, e Alvah Scarret precisava de uma campanha. Isso lhe servia. Ellsworth Toohey não precisou fazer nenhuma sugestão. Scarret aproveitou a oportunidade por conta própria.

Ele escreveu sobre o declínio da civilização e lamentou a perda da fé simples. Patrocinou um concurso de dissertações para alunos de colegial, com o tema “Por que eu vou à igreja?”. Publicou uma série de artigos ilustrados sobre “As Igrejas de Nossa Infância”. Publicou fotografias de esculturas religiosas através dos séculos – a Esfinge, gárgulas, totens – e deu grande destaque a fotos da estátua de Dominique, com subtítulos adequados de indignação, mas omitindo o nome da modelo. Publicou charges de Roark como um bárbaro, com pele de urso e porrete. Escreveu muitas coisas engenhosas sobre a Torre de Babel, que não podia alcançar o céu, e sobre Ícaro, que fracassou com suas asas de cera.

Ellsworth Toohey relaxou e ficou assistindo. Fez duas pequenas sugestões:

encontrou, no arquivo morto do *Banner*, a fotografia de Roark na inauguração da Residência Enright, a fotografia do rosto de um homem em um momento de exaltação, e mandou imprimi-la no *Banner*, acima do subtítulo “Feliz, Sr. Super-Homem?”. Fez Stoddard abrir o templo ao público enquanto esperava o julgamento de seu processo. O prédio atraiu multidões de pessoas que deixavam inscrições e desenhos obscenos sobre o pedestal da estátua de Dominique.

Houve uns poucos que foram, viram e admiraram o prédio em silêncio. Mas eram do tipo que não participa de polêmicas públicas. Austen Heller escreveu um artigo furioso defendendo Roark e o templo. Mas ele não era uma autoridade em arquitetura ou religião, e o artigo afogou-se na tempestade.

Howard Roark não fez nada.

Pediram-lhe que desse uma declaração, e ele recebeu um grupo de repórteres em seu escritório. Falou, sem raiva:

– Não posso dizer nada a ninguém sobre o meu prédio. Se eu preparasse uma massa de palavras para enfiar nos cérebros de outras pessoas, seria um insulto a elas e a mim. Mas estou feliz por vocês terem vindo aqui. Na verdade, eu tenho algo a dizer. Quero pedir a cada homem que estiver interessado neste assunto que vá ver o prédio, olhe para ele e então use as palavras de sua própria mente, se quiser falar.

O *Banner* referiu-se à entrevista assim: “O Sr. Roark, que parece ser um caçador de publicidade, recebeu os repórteres com um ar de superioridade insolente e afirmou que a mente pública era uma massa. Ele não quis falar, mas parecia bem consciente das vantagens publicitárias da situação. Explicou que só o que importava para ele era que seu prédio fosse visto pelo maior número possível de pessoas.”

Roark recusou-se a contratar um advogado para representá-lo no futuro julgamento. Disse que cuidaria de sua própria defesa e recusou-se a explicar como pretendia cuidar dela, apesar dos protestos irados de Austen Heller.

– Austen, há algumas regras que estou perfeitamente disposto a obedecer. Estou disposto a vestir o mesmo tipo de roupas que todo mundo veste, comer a mesma comida e usar os mesmos metrô. Mas há algumas coisas que não posso fazer do jeito deles... e essa é uma delas.

– O que você sabe sobre tribunais e leis? Ele vai ganhar.

– Ganhar o quê?

– A causa dele.

– A causa tem alguma importância? Não há nada que eu possa fazer para impedi-lo de tocar no templo. Ele é o dono. Ele pode explodi-lo da face da Terra, ou transformá-lo em uma fábrica de cola. Pode fazer isso mesmo que eu ganhe ou perca esse processo.

– Mas ele vai pegar o seu dinheiro para fazer isso.

– Sim. Talvez pegue o meu dinheiro.

Steven Mallory não fazia nenhum comentário, mas seu rosto tinha a aparência que tivera na noite em que Roark o vira pela primeira vez.

– Steve, fale do assunto, se isso tornar as coisas mais fáceis para você – disse-lhe Roark certa noite.

– Não há nada para falar – respondeu Mallory, indiferente. – Eu lhe disse que não achava que eles iriam deixá-lo sobreviver.

– Bobagem. Você não tem o direito de ter medo por mim.

– Não tenho medo por você. De que adiantaria? É outra coisa.

Dias depois, sentado no peitoril da janela, no apartamento de Roark, olhando para a rua, de súbito Mallory falou:

– Howard, você se lembra do que eu disse sobre a fera de que tenho medo? Não sei nada sobre Ellsworth Toohey. Eu nunca o tinha visto antes do dia em que atirei nele. Só tinha lido o que ele escreve. Howard, eu atirei nele porque acho que ele sabe tudo sobre a fera.

Dominique foi ao apartamento de Roark na noite em que Stoddard anunciou o processo. Ela não disse nada. Colocou sua bolsa sobre uma mesa e tirou suas luvas lentamente, como se desejasse prolongar a intimidade de um gesto rotineiro realizado ali, na casa dele. Olhou para seus dedos, depois levantou a cabeça. A expressão de seu rosto parecia mostrar que ela conhecia o pior sofrimento dele, e que era dela também, e que ela queria suportá-lo assim, com frieza, sem pedir nenhuma palavra atenuante.

– Você está errada – disse ele. Eles sempre podiam falar assim um com o outro, continuando uma conversa que não haviam começado. O tom de voz dele era suave. – Eu não sinto isso.

– Eu não quero saber.

– Eu quero que você saiba. O que você está pensando é muito pior do que a verdade. Eu não acredito que vá me importar se eles o destruírem. Talvez me magoe tanto que eu nem saiba que estou magoado. Mas acho que não. Se você quer aguentar por mim, não aguente mais do que eu. Não sou capaz de sofrer completamente. Nunca fui. Só me atinge até certo ponto, depois para. Enquanto houver esse ponto intocado, não é realmente dor. Você não deve ficar assim.

– Em que ponto para?

– Onde eu não consigo pensar em nada nem sentir nada, exceto que eu projetei aquele templo. Eu o construí. Nada mais parece muito importante.

– Você não o deveria ter construído. Não o deveria ter dado para o tipo de coisa que estão fazendo.

– Isso não importa. Nem mesmo que eles o destruam. Só o que importa é que ele existiu.

Ela sacudiu a cabeça.

– Você entende do que eu o estava salvando quando tirava trabalhos de você?... Para não dar a eles nenhum direito de fazer isso com você... nenhum direito de

viver em um prédio seu... nenhum direito de tocar em você... de nenhuma maneira...



Quando Dominique entrou na sala de Toohey, ele lhe mostrou um sorriso ávido de boas-vindas, inesperadamente sincero. Ele se esqueceu de controlá-lo e, ao mesmo tempo, suas sobrancelhas franziram-se de decepção. A contração das sobrancelhas e o sorriso permaneceram ridiculamente juntos por um momento. O crítico ficou decepcionado porque não foi a entrada dramática habitual dela. Não viu nenhuma raiva, nenhuma zombaria. Ela entrou como uma contadora realizando uma rotina de trabalho. Perguntou:

– O que você pretende conseguir com isso?

Ele tentou recuperar o divertimento da rixa costumeira entre eles. Disse:

– Sente-se, minha cara. Estou encantado em vê-la. Com toda a sinceridade, irremediavelmente encantado. Você realmente demorou muito. Eu esperava vê-la aqui muito antes. Fui tão elogiado por aquele meu pequeno artigo, mas, para falar a verdade, não foi nada divertido, porque o que eu queria era ouvir o que você iria dizer.

– O que você pretende conseguir com isso?

– Olhe, querida, espero que você não tenha se importado com o que eu disse sobre aquela sua estátua edificante. Achei que você entenderia que eu simplesmente não podia deixar passar.

– Qual é o propósito desse processo?

– Ah, você quer me fazer falar. E eu queria tanto ouvi-la... Mas meio prazer é melhor do que nenhum. Eu quero falar. Esperei por você com tanta ansiedade... Mas eu realmente gostaria que você se sentasse, assim eu ficarei mais à vontade... Não? Bem, como você preferir, contanto que não saia correndo. O processo? Bem, não é óbvio?

– Como o processo vai detê-lo? – perguntou ela, no tom que uma pessoa usaria para ler uma lista de estatísticas. – Não vai provar nada, quer ele ganhe ou perca. A coisa toda não passa de uma farra para um grande número de palhaços, nojenta, mas sem sentido. Não achei que você perdia seu tempo com bombas de mau cheiro. Tudo isso vai estar esquecido antes do próximo Natal.

– Meu Deus, eu devo ser um fracasso! Nunca pensei que eu fosse um professor tão ruim. E imaginar que você aprenderia tão pouco assim em dois anos de parceria comigo! É realmente desanimador. Uma vez que você é a mulher mais inteligente que eu conheço, deve ser minha culpa. Bem, vejamos, uma coisa você aprendeu: que eu não perco o meu tempo. Está muito certa, não perco mesmo. É verdade, minha cara, tudo vai estar esquecido antes do próximo Natal. E, veja bem, essa será a façanha. Você pode lutar contra uma questão

viva, mas não pode lutar contra uma morta. Questões mortas, como todas as coisas sem vida, não desaparecem simplesmente, mas deixam um rastro de matéria em decomposição. É algo muito desagradável de carregar em seu nome. O Sr. Hopton Stoddard será completamente esquecido. O templo será esquecido. O processo será esquecido. Mas o que permanecerá será: “Howard Roark? Ora, como você poderia confiar em um homem desses? Ele é inimigo da religião, é completamente imoral. Quando você se der conta, ele o terá trapaceado nos custos da construção.” “Roark? Ele não presta. Ora, um cliente teve que processá-lo porque ele construiu um prédio extremamente malfeito.” “Roark? Roark? Espere um pouco, não é aquele cara que apareceu em todos os jornais por estar envolvido em algum tipo de confusão? O que era mesmo? Algum tipo de escândalo de baixo nível, o dono do prédio... acho que o lugar era um bordel... enfim, o dono teve que processá-lo. Você não vai querer se envolver com um sujeito de má fama como ele. Para que, quando há tantos arquitetos decentes para escolher?” Lute contra isso, querida. Diga-me qual é a maneira de lutar contra isso. Especialmente quando você não tem nenhuma arma, a não ser o seu gênio, o que não é uma arma, mas uma grande desvantagem.

Os olhos dela eram decepcionantes. Eles ouviam pacientemente, um olhar impassível que se recusava a zangar-se. Ela estava diante da escrivanhinha dele, ereta, controlada, como um sentinela debaixo de uma tempestade, que sabe que tem que aguentar e permanecer ali, mesmo quando já não pode mais. Toohey disse:

– Acho que você quer que eu continue. Agora você entende a eficácia peculiar de uma questão morta. Você não pode resolvê-la com argumentos, não pode explicar, não pode se defender. Ninguém quer ouvir. Já é bastante difícil adquirir fama, mas mudar a natureza da fama depois que você a adquiriu é impossível. Não, nunca se pode arruinar um arquiteto provando que ele é um arquiteto ruim. Mas pode-se arruiná-lo porque ele é ateu, ou porque alguém abriu um processo contra ele, ou porque ele dormiu com alguma mulher, ou porque ele se diverte arrancando asas de moscas. Você vai dizer que não faz sentido? É claro que não. É por isso que funciona. Pode-se lutar contra a razão usando a razão. Mas como lutar contra o irracional? O seu problema, minha cara, e o da maioria das pessoas, é que você não tem respeito suficiente pelo absurdo. Ele é o fator principal em nossas vidas. Se o absurdo for seu inimigo, você não tem nenhuma chance. Mas se puder torná-lo seu aliado... ah, minha querida!... Ouça, Dominique, vou parar de falar assim que você der algum sinal de que está assustada.

– Continue – pediu ela.

– Acho que agora você deveria me fazer uma pergunta. Ou talvez você não queira ser óbvia e sinta que eu mesmo devo adivinhar qual é a pergunta. Acho que você está certa. A pergunta é: por que eu escolhi Howard Roark? Porque, e

cito meu próprio artigo, não é minha função ser um mata-moscas. Estou usando essa frase agora com um significado um pouco diferente, mas vamos deixar isso passar. Além do mais, esta situação me ajudou a conseguir uma coisa que eu queria de Hopton Stoddard, mas foi apenas uma consequência secundária sem muita importância, uma circunstância acidental, puro lucro. Contudo, o mais importante é que a coisa toda foi um experimento. Só uma luta preliminar, digamos. Os resultados são extremamente gratificantes. Se não estivesse envolvida como está, você seria exatamente a pessoa que apreciaria o espetáculo. De fato, sabe, eu fiz muito pouco, se você considerar a extensão do que se seguiu. Você não acha interessante ver uma engrenagem imensa e complicada como a nossa sociedade, com todas as alavancas, as correias e os mecanismos interligados, do tipo que parece que precisaria de um exército para operá-la, e descobrir que se apenas pressionar um ponto com seu dedo mindinho, o ponto vital, o centro de toda a sua gravidade, você pode fazer a máquina desmoronar e virar um monte imprestável de ferro-velho? Pode ser feito, minha cara. Só que leva muito tempo, leva séculos. Eu tenho a vantagem de ter sido precedido por muitos especialistas. Acho que serei o último e o mais bem-sucedido da linhagem porque, embora não seja mais capaz do que os outros foram, eu vejo com mais clareza o que nós buscamos. Mas isso é uma abstração. Falando da realidade concreta, você não encontra nada divertido no meu pequeno experimento? Eu encontro. Por exemplo, notou que todas as pessoas erradas estão dos lados errados? O Sr. Alvah Scarret, os professores universitários, os editores dos jornais, as mães respeitáveis e as Câmaras de Comércio deveriam ter voado em defesa de Howard Roark, se valorizam suas próprias vidas. Mas não o fizeram. Estão apoiando Hopton Stoddard. Por outro lado, ouvi dizer que um bando doido de radicais de restaurante chamado “A Nova Liga da Arte Proletária” tentou se engajar em defesa de Roark. Disseram que ele era uma vítima do capitalismo, quando deveriam saber que Stoddard é o herói deles. A propósito, Roark teve o bom senso de rejeitá-los. Ele compreende. Você compreende. Eu compreendo. Não muitos outros. Oh, sim. O ferro-velho tem seus usos.

Ela virou-se para sair da sala.

– Dominique, você não vai embora, vai? – Ele parecia magoado. – Não vai dizer nada? Nem uma palavra?

– Não.

– Dominique, você está me decepcionando. E eu esperei tanto por você! Sou uma pessoa muito autossuficiente, via de regra, mas realmente preciso de uma plateia de vez em quando. Você é a única pessoa com quem posso ser eu mesmo. Acho que é porque você tem tanto desdém por mim que nada que eu diga faz qualquer diferença. Viu? Eu sei disso, mas não ligo. Além disso, os métodos que emprego com as outras pessoas jamais funcionariam com você.

Curiosamente, só a minha honestidade funciona. Que diabos, de que vale realizar uma obra hábil se ninguém souber que você a realizou? Se fosse como era antes, você me diria, nesta altura, que essa é a psicologia de um assassino que comete o crime perfeito e depois confessa porque não consegue suportar a ideia de ninguém saber que foi um crime perfeito. E eu responderia que você tem razão. Eu quero uma plateia. Esse é o problema das vítimas, elas nem sabem que são vítimas, e é assim que deve ser, mas com certeza torna-se monótono e acaba com metade da diversão. Você é um raro prazer... uma vítima que sabe avaliar o talento de sua própria execução... Pelo amor de Deus, Dominique, você vai sair quando eu estou praticamente implorando para que fique?

Ela pôs a mão na maçaneta. Ele deu de ombros e recostou-se outra vez em sua cadeira.

– Está bem – disse Toohey. – A propósito, não tente comprar Hopton Stoddard. Ele está comendo na minha mão agora. Ele não vai vender. – Ela abriu a porta, mas parou e fechou-a novamente. – Isso mesmo, é claro que eu sei que você tentou. Não adianta. Você não é tão rica assim. Não tem o suficiente para comprar aquele templo e não conseguiria angariar o suficiente. Além disso, Hopton não vai aceitar nenhum dinheiro de você para pagar pelas alterações. Sei que você ofereceu isso também. Ele quer o dinheiro do Roark. Por falar nisso, não acho que Roark iria gostar, se eu lhe contasse que você tentou.

Toohey sorriu de uma forma que exigia um protesto. O rosto dela não deu nenhuma resposta. Ela virou-se para a porta outra vez.

– Só mais uma pergunta, Dominique. O advogado do Sr. Stoddard quer saber se pode convocá-la como uma testemunha especialista em arquitetura. Com certeza você vai testemunhar para o autor da ação, não vai?

– Sim. Eu vou testemunhar para o autor da ação.



O julgamento do processo de Hopton Stoddard contra Howard Roark começou em fevereiro de 1931.

O tribunal estava tão cheio que as reações da massa só podiam ser expressas por um movimento lento que passava através da extensão de cabeças, uma onda vagarosa como um movimento sob a pele espremida de um leão-marinho.

A multidão, marrom e manchada de cores suaves, parecia uma salada de frutas de todas as artes, com o chantili da AAA, espesso e pesado, no topo. Havia homens distintos e mulheres bem-vestidas, de lábios cerrados. Cada mulher parecia sentir que detinha o domínio exclusivo da arte praticada por seu acompanhante, um monopólio vigiado com olhares rancorosos lançados às outras. Quase todos conheciam a todos os outros. A sala tinha a atmosfera de uma convenção, de uma noite de estreia e de um piquenique em família. Havia

uma sensação de “nossa turma”, “nossos rapazes”, “nosso show”.

Steven Mallory, Austen Heller, Roger Enright, Kent Lansing e Mike estavam sentados juntos em um canto. Eles tentavam não olhar ao seu redor. Mike estava preocupado com Mallory. Ele ficou perto do escultor, insistiu em sentar-se ao seu lado e olhava para ele cada vez que um trecho de conversa particularmente ofensivo chegava até os ouvidos deles. Mallory acabou percebendo e disse:

– Não se preocupe, Mike. Não vou gritar e não vou atirar em ninguém.

– Cuidado com o estômago, garoto – disse Mike –, cuidado com o estômago. Um homem não consegue passar mal só porque sente que deve fazê-lo.

– Mike, você se lembra da noite em que ficamos até tão tarde que já era quase de manhã, o carro da Dominique estava sem gasolina, não havia ônibus, e nós resolvemos caminhar para casa, e o sol já batia nos telhados quando chegamos?

– Isso mesmo. Pense nisso, e eu vou pensar na pedreira de granito.

– Que pedreira de granito?

– Foi uma coisa que me fez passar muito mal uma vez, mas não fez nenhuma diferença, no final das contas.

Do lado de fora das janelas, o céu estava branco e liso como vidro congelado. A luz parecia vir dos montes de neve sobre os telhados e beirais, uma luz nada natural que fazia com que tudo na sala parecesse nu.

O juiz se achava sentado em seu banco alto, curvado como se estivesse empoleirado. Ele tinha um rosto pequeno, virtuosamente enrugado. Mantinha as mãos erguidas diante do peito, com as pontas dos dedos juntas. Hopton Stoddard não estava presente. Era representado por seu advogado, um cavalheiro de muito boa aparência, alto e solene como um embaixador.

Roark estava sentado sozinho à mesa da defesa. As pessoas haviam olhado para ele insistentemente e depois tinham desistido, indignadas, sem haver encontrado nenhuma satisfação. Ele não parecia derrotado e tampouco desafiador. Sua aparência era impessoal e calma. Não parecia uma figura pública em um local público, e sim um homem sozinho em sua própria sala, escutando o rádio. Não fazia anotações. Não havia nenhum papel sobre a mesa diante dele, apenas um envelope grande marrom. A multidão teria perdoado qualquer coisa, menos um homem que podia permanecer normal sob as vibrações do enorme escárnio coletivo a ele dirigido. Alguns deles haviam vindo preparados para sentir pena dele; todos eles já o odiavam após os primeiros minutos.

O advogado do autor da ação apresentou seus argumentos em uma exposição inicial simples: ele admitiu que Hopton Stoddard dera carta branca a Roark para projetar e construir o templo, porém o problema era que o Sr. Stoddard havia especificado e esperado claramente um templo. O prédio em questão não podia ser considerado um templo por nenhum padrão conhecido, como o autor da ação se propunha a provar, com a ajuda das melhores autoridades do ramo.

Roarkabriu mão de seu direito de fazer uma declaração inicial ao júri.

Ellsworth Monkton Toohey foi a primeira testemunha chamada pelo autor da ação. Ele se sentou na beira do banco de testemunhas e inclinou-se para trás, apoiando-se na base de sua coluna. Em seguida, levantou uma perna e cruzou-a horizontalmente sobre a outra. Parecia entretido, mas conseguia dar a impressão de que seu ar de divertimento era apenas uma forma bem-educada de evitar que parecesse entediado.

O advogado fez uma longa lista de perguntas sobre as qualificações profissionais do Sr. Toohey, inclusive sobre o número de exemplares vendidos de seu livro *Sermões em pedra*. Depois leu em voz alta o artigo de Toohey, “Sacrilégio”, e pediu que ele confirmasse se o havia escrito. Ele respondeu que sim. A seguir houve uma série de perguntas em termos eruditos sobre os méritos arquitetônicos do templo. A testemunha provou que o templo não tinha nenhum. Seguiu-se uma revisão histórica. Toohey, falando de modo fácil e descontraído, fez um breve relato de todas as civilizações conhecidas e de seus monumentos religiosos de destaque, desde os incas aos fenícios e aos habitantes da ilha de Páscoa, incluindo, sempre que possível, as datas em que esses monumentos foram iniciados e quando foram concluídos, o número de trabalhadores empregados na construção e o custo aproximado em dólares americanos atuais. A plateia ouvia, bestificada.

Toohey provou que o Templo Stoddard contradizia cada tijolo, cada pedra e cada preceito da história e concluiu afirmando:

– Eu me empenhei em demonstrar que os dois princípios básicos da concepção de um templo são um senso de reverência e um senso da humildade do homem. Nós observamos as proporções gigantescas dos edifícios religiosos, as linhas ascendentes, as figuras horríveis de deuses monstruosos ou, mais tarde, as gárgulas. Todos esses elementos têm a tendência de convencer o homem de sua insignificância essencial, de esmagá-lo com a pura magnitude, de imbuí-lo daquele terror sagrado que leva à humildade da virtude. O Templo Stoddard é uma negação descarada de todo o nosso passado, um “não” insolente atirado na cara da história. Eu posso me arriscar a adivinhar a razão por que este caso provocou tamanho interesse público. Todos nós reconhecemos instintivamente que ele envolve uma questão moral muito além de seus aspectos legais. Esse prédio é um monumento a um ódio profundo à humanidade. É o ego de um homem desafiando os impulsos mais sagrados de toda a espécie humana, de cada pessoa na rua, de cada um neste tribunal!

Não se tratava de uma testemunha em um tribunal, mas de Ellsworth Toohey falando para um grupo de pessoas, e a reação era inevitável: a plateia rompeu em aplausos. O juiz bateu o martelo e ameaçou mandar esvaziar o tribunal. A ordem foi restaurada, mas não nos rostos da multidão: estes permaneceram com uma expressão lasciva de quem se acha virtuoso. Era agradável ser escolhido e

trazido para o caso como uma das partes prejudicadas. Três quartos deles nunca haviam visto o Templo Stoddard.

– Obrigado, Sr. Toohey – disse o advogado, quase lhe fazendo uma mesura. Em seguida, virou-se para Roark e disse com delicada cortesia:

– A testemunha é sua.

– Sem perguntas – informou Roark.

Ellsworth Toohey levantou uma das sobrancelhas e afastou-se do banco, descontente.

– Sr. Peter Keating! – chamou o advogado.

O rosto de Keating tinha uma aparência atraente e fresca, como se ele houvesse tido uma boa noite de sono. Ele subiu ao banco das testemunhas com um tipo de prazer colegial, balançando os ombros e os braços sem necessidade. Fez o juramento e respondeu às primeiras perguntas com satisfação. Sua postura no banco de testemunhas era estranha: o tronco estava inclinado para um lado, com uma tranquilidade cheia de si, um dos cotovelos apoiado no braço da cadeira, mas os pés estavam plantados retos, de maneira deselegante, e os joelhos estavam pressionados, bem juntos. Ele não olhou nenhuma vez para Roark.

– O senhor poderia, por favor, citar alguns dos prédios ilustres que projetou, Sr. Keating? – perguntou o advogado.

Keating deu início a uma lista de nomes impressionantes. Os primeiros vieram rapidamente, o resto cada vez mais devagar, como se ele desejasse ser interrompido. O último nome morreu no ar, inacabado.

– Não está se esquecendo do mais importante, Sr. Keating? – perguntou o advogado. – Não foi o senhor quem projetou o Edifício Cosmo-Slotnick?

– Sim – sussurrou a testemunha.

– Sr. Keating, o senhor frequentou o Instituto de Tecnologia de Stanton na mesma época que o Sr. Roark?

– Sim.

– O que pode nos dizer sobre o desempenho do Sr. Roark lá?

– Ele foi expulso.

– Ele foi expulso porque foi incapaz de se manter à altura do elevado padrão de exigências do Instituto?

– Sim. Sim, foi por isso.

O juiz olhou para o réu. Um advogado teria protestado contra esse testemunho, por ser irrelevante. Roark, no entanto, não fez nenhuma objeção.

– Naquela época, o senhor achava que ele demonstrava qualquer talento para a profissão de arquiteto?

– Não.

– Poderia, por favor, falar um pouco mais alto, Sr. Keating?

– Eu não... achava que ele tinha qualquer talento.

Coisas estranhas estavam acontecendo com a expressão verbal de Keating: algumas palavras saíam incisivas, como se ele acrescentasse um ponto de exclamação após cada uma; outras vinham aglutinadas, como se ele não pudesse parar para se permitir ouvi-las. Ele não olhava para o advogado, mantinha seus olhos na plateia. Em alguns momentos, parecia um menino fazendo uma travessura, um menino que havia acabado de desenhar um bigode no rosto de uma jovem bonita, em uma foto de um anúncio publicitário de pasta de dentes no metrô. Depois ele parecia estar implorando à multidão para apoiá-lo – como se fosse ele quem estivesse sendo julgado diante deles.

– Houve uma época em que o senhor empregou o Sr. Roark em seu escritório?

– Sim.

– E viu-se forçado a despedi-lo?

– Sim... nós o despedimos.

– Por incompetência?

– Sim.

– O que pode nos contar sobre a carreira do Sr. Roark depois disso?

– Bem, sabe, “carreira” é um termo relativo. No que diz respeito a volume, qualquer desenhista em nosso escritório realizou mais do que o Sr. Roark. Não chamamos um ou dois prédios de carreira. Construímos essa quantidade a cada mês, mais ou menos.

– Poderia nos dar sua opinião profissional sobre o trabalho dele?

– Bem, eu acho que é imaturo. Muito surpreendente, até bastante interessante às vezes, mas essencialmente... adolescente.

– Então o Sr. Roark não pode ser chamado de arquiteto profissional?

– Não. No mesmo sentido em que falamos do Sr. Ralston Holcombe, do Sr. Guy Francon, do Sr. Gordon Prescott, não. Mas, é claro, eu quero ser justo. Acho que o Sr. Roark tem potencialidades reais, especialmente em questões de pura engenharia. Ele poderia ter conquistado um bom nome para si. Eu tentei falar com ele sobre isso, tentei ajudá-lo. Honestamente, eu tentei. Mas era como falar com um dos seus queridos pedaços de concreto armado. Eu sabia que ele ia acabar de uma forma parecida com esta. Não fiquei surpreso quando soube que um cliente finalmente teve que processá-lo.

– O que pode nos dizer sobre a atitude do Sr. Roark com os clientes?

– Bem, esta é a questão. Esta é toda a questão. Ele não se importava com o que os clientes pensavam ou desejavam, com o que qualquer pessoa no mundo pensasse ou desejasse. Ele nem ao menos compreendia como os outros arquitetos podiam importar-se com isso. Roark não lhes dava nem isso, nem ao menos compreensão, nem ao menos o suficiente para... respeitá-los um pouco, mesmo assim. Eu não vejo o que há de tão errado em tentar agradar as pessoas. Não vejo o que há de tão errado em querer ser amigável, apreciado e popular. Por que isso é um crime? Por que alguém deveria olhar para você com

sarcasmo por causa disso, olhar para você com sarcasmo o tempo todo, o tempo todo, dia e noite, sem lhe dar um momento de paz, como a tortura chinesa da água, sabe, em que eles pingam água no seu crânio, gota a gota?

As pessoas na plateia começaram a perceber que Peter Keating estava bêbado. O advogado franziu as sobancelhas. O testemunho havia sido ensaiado, mas estava se desviando do curso.

– Bem, agora, Sr. Keating, talvez fosse melhor que nos contasse sobre as opiniões do Sr. Roark sobre arquitetura.

– Se você quer saber, eu conto. Ele acha que você deve tirar os sapatos e ajoelhar-se quando fala sobre arquitetura. É isso que ele pensa. Agora, por que você deveria fazer isso? Por quê? É um negócio como outro qualquer, não é? O que há de tão sagrado nele? Por que temos que ficar tão tensos? Somos apenas humanos. Queremos ganhar a vida. Por que as coisas não podem ser simples e fáceis? Por que temos que ser algum tipo de malditos heróis?

– Bem, Sr. Keating, acho que estamos nos desviando um pouco do assunto. Estamos...

– Não, não estamos. Eu sei do que estou falando. E você também sabe. Todos eles sabem. Cada um deles aqui. Eu estou falando do templo. Você não percebe? Por que escolher um demônio para construir um templo? Somente um tipo de homem muito humano deveria ser escolhido para fazer isso. Um homem que compreende... e que perdoa. Um homem que perdoa... É para isso que você vai à igreja, para ser... perdoado...

– Sim, Sr. Keating, mas falando sobre o Sr. Roark...

– Bem, o que tem o Sr. Roark? Ele não é nenhum arquiteto. Ele não presta. Por que eu deveria ter medo de dizer que ele não presta? Por que vocês todos têm medo dele?

– Sr. Keating, se não estiver se sentindo bem e quiser ser dispensado...

Keating olhou para ele, como se estivesse acordando naquele momento. Tentou se controlar. Após algum tempo, disse, sem qualquer inflexão, resignado:

– Não. Eu estou bem. Eu lhe direi qualquer coisa que quiser. O que quer que eu diga?

– Poderia nos dizer, em termos profissionais, qual é a sua opinião sobre a estrutura conhecida como Templo Stoddard?

– Sim, claro. O Templo Stoddard... O Templo tem uma planta inadequadamente articulada, o que leva à confusão espacial. Não há equilíbrio das massas. Falta-lhe uma noção de simetria. Suas proporções são ineficazes. – Ele falava em tom monocórdio. Seu pescoço estava duro e ele se esforçava para não deixá-lo tombar para a frente. – Está fora de escala. Contradiz os princípios elementares da composição. O efeito total é de...

– Mais alto, por favor, Sr. Keating.

– O efeito total é de rudeza e analfabetismo arquitetônico. Não mostra... não

mostra nenhuma noção de estrutura, nenhum instinto pela beleza, nenhuma imaginação criativa, nenhuma ... – ele fechou os olhos – integridade artística...

– Obrigado, Sr. Keating. Isso é tudo.

O advogado virou-se para Roark e disse, nervoso:

– A testemunha é sua.

– Sem perguntas – declarou Roark.

Assim terminou o primeiro dia do julgamento.

Naquela noite, Mallory, Heller, Mike, Enright e Lansing reuniram-se no apartamento de Roark. Não haviam combinado, mas todos foram, levados pelo mesmo sentimento. Não falaram sobre o julgamento, mas não havia nenhuma tensão nem nenhuma evasão consciente do assunto. Roark sentou-se à sua prancheta de desenho e conversou com eles sobre o futuro da indústria de plásticos. De repente, Mallory gargalhou alto, sem motivo aparente. Roark perguntou:

– Qual é o problema, Steve?

– Eu só estava pensando... Howard, nós todos viemos aqui para ajudá-lo, para animá-lo. Mas, em vez disso, é você quem está nos ajudando. Você está apoiando aqueles que o apoiam.

Naquela noite, Peter Keating encontrava-se meio deitado em uma mesa de um bar, com um dos braços estendido sobre a mesa e seu rosto em cima do braço.

Nos dois dias seguintes, uma série de testemunhas depôs em favor do autor da ação. Cada inquirição começava com perguntas que destacavam as realizações profissionais da testemunha. O advogado lhes dava deixas, como um experiente assessor de imprensa. Austen Heller comentou que os arquitetos deviam ter brigado pelo privilégio de serem chamados ao banco das testemunhas, uma vez que foi a maior orgia de publicidade em uma profissão habitualmente discreta.

Nenhuma das testemunhas olhava para Roark. Ele olhava para elas. Ouvia o testemunho. Dizia a cada uma:

– Sem perguntas.

Ralston Holcombe no banco de testemunhas, com uma gravata comprida e sua bengala de castão dourado, tinha a aparência de um grão-duque, ou de um compositor de cervejaria. Seu testemunho foi longo e didático, mas se resumiu em:

– É tudo uma bobagem, uma grande bobagem infantil. Não posso dizer que eu sinto muita compaixão pelo Sr. Hopton Stoddard. Ele deveria ter sido mais esperto. É um fato científico que o estilo arquitetônico do renascimento é o único apropriado para a nossa era. Se as nossas melhores pessoas, como o Sr. Stoddard, recusam-se a reconhecer isso, o que se pode esperar de todo tipo de novos-ricos, supostos arquitetos e a ralé em geral? Foi provado que o renascimento é o único estilo permissível para todas as igrejas, templos e catedrais. E quanto a Sir

Christopher Wren? Deixem para lá. E lembrem-se do maior monumento religioso de todos os tempos: a Basílica de São Pedro, em Roma. Alguém pode fazer algo melhor do que a São Pedro? E, se o Sr. Stoddard não insistiu especificamente em um estilo renascentista, ele obteve exatamente o que merecia. Foi muito bem feito.

Gordon L. Prescott vestia um suéter de gola olímpica sob um blazer xadrez, calças de tweed e sapatos pesados de golfe.

– A correlação do transcendental com o puramente espacial, no prédio em discussão, é completamente maluca – falou ele. – Se pegarmos o horizontal como o unidimensional, o vertical como o bidimensional, o diagonal como o tridimensional e a interpenetração dos espaços como o tetradimensional, visto que a arquitetura é uma arte de quatro dimensões, podemos ver de forma bastante simples que esse prédio é homalooidal, ou, na linguagem dos leigos, achatado. A vida fluida que emana do sentido de ordem no caos, ou, se preferirem, da unidade na diversidade, e vice-versa, que é a percepção da contradição inerente à arquitetura, está absolutamente ausente ali. Estou realmente tentando me expressar da maneira mais clara possível, mas é impossível apresentar um estado dialético cobrindo-o com a velha folha de figueira da lógica, só pelo bem do leigo preguiçoso.

John Erik Snyte testemunhou, de maneira modesta e reservada, que Roark trabalhara para ele em seu escritório, que fora um funcionário em quem ele não podia confiar, desleal e inescrupuloso, e que iniciara sua própria carreira roubando um cliente dele.

No quarto dia do julgamento, o advogado do autor da ação chamou sua última testemunha.

– Srta. Dominique Francon – anunciou ele solenemente.

Mallory soltou um grito sufocado, mas ninguém ouviu. A mão de Mike segurou seu pulso e o fez ficar quieto.

O advogado reservara Dominique para seu clímax, em parte porque esperava muito dela, e em parte porque estava preocupado: ela era a única testemunha que não havia ensaiado. Recusara-se a ser instruída. Ela nunca mencionara o Templo Stoddard em sua coluna, mas ele pesquisara os artigos mais antigos dela sobre Roark E Ellsworth Toohey aconselhara-o a chamá-la.

Dominique ficou em pé por um momento no tablado do banco de testemunhas, varrendo a plateia lentamente com o olhar. Sua beleza era estonteante, mas impessoal demais, como se não pertencesse a ela. Parecia presente na sala como uma entidade separada. Fazia as pessoas pensarem em uma visão que não havia aparecido realmente, de uma vítima em um cadafalso, de uma pessoa em pé, à noite, na amurada de um transatlântico.

– Qual é o seu nome?

– Dominique Francon.

– E a sua profissão, Srta. Francon?

– Jornalista.

– Você é a autora da brilhante coluna “Sua Casa”, publicada no *New York Banner*?

– Eu sou a autora de “Sua Casa”.

– Seu pai é Guy Francon, o ilustre arquiteto?

– Sim. Meu pai foi convidado a vir aqui testemunhar. Ele se recusou. Disse que não gosta do Templo Stoddard, mas não achava que nós estávamos nos comportando como cavalheiros.

– Bem, Srta. Francon, podemos restringir nossas respostas ao que for perguntado? Com toda a certeza, nós temos sorte em tê-la conosco, uma vez que você é nossa única testemunha mulher, e as mulheres sempre tiveram o senso mais puro de fé religiosa. Por ser, além disso, uma autoridade destacada em arquitetura, você está altamente qualificada para nos dar o que eu chamarei, com todo o respeito, de ângulo feminino deste caso. Poderia nos dizer, com suas próprias palavras, o que pensa do Templo Stoddard?

– Acho que o Sr. Stoddard cometeu um erro. Não haveria nenhuma dúvida a respeito da justiça deste processo se ele estivesse pleiteando não uma indenização para cobrir os custos das alterações, mas uma indenização para cobrir os custos da demolição.

O advogado parecia aliviado.

– Poderia explicar suas razões, Srta. Francon?

– Você as ouviu de todas as testemunhas neste julgamento.

– Então posso presumir que você concorda com os testemunhos anteriores?

– Completamente. Até mais do que as pessoas que testemunharam. Foram testemunhas muito convincentes.

– Poderia... esclarecer, Srta. Francon? O que quer dizer, exatamente?

– O que o Sr. Toohey disse: que esse templo é uma ameaça a todos nós.

– Ah, entendo.

– O Sr. Toohey compreendeu tão bem a questão. Posso esclarecê-la, com minhas próprias palavras?

– Certamente.

– Howard Roark construiu um templo ao espírito humano. Ele viu o homem como sendo forte, orgulhoso, limpo, puro e destemido. Ele viu o homem como um ser heroico. E construiu um templo a isso. Um templo é um lugar onde o homem deve experimentar exaltação. Ele achou que a exaltação vem da consciência de não carregar nenhuma culpa, de ver a verdade e alcançá-la, de conseguir realizar a sua mais alta possibilidade, de não conhecer a vergonha e não ter motivo para senti-la, de ser capaz de ficar nu em plena luz do sol. Ele achou que exaltação significa alegria e que a alegria é um direito inato do homem. Ele achou que um local construído como um cenário para o homem é

um lugar sagrado. Foi isso que Howard Roark pensou sobre o homem e a exaltação. Mas Ellsworth Toohey disse que esse templo era um monumento a um ódio profundo pela humanidade. Toohey disse que a essência da exaltação é estar morrendo de medo, cair e rastejar. Toohey disse que o ato mais elevado do homem era dar-se conta de sua própria falta de valor e implorar por perdão. Ele disse que era depravado não ter certeza de que o homem é algo que precisa ser perdoado. Toohey viu que esse prédio era do homem e da Terra, e disse que esse edifício tinha sua barriga na lama. Glorificar o homem, disse Toohey, era glorificar os prazeres indecentes da carne, pois o reino do espírito está além do alcance do homem. Ellsworth Toohey disse que, para entrar nesse reino, o homem deve vir como um pedinte, de joelhos. Toohey é um amante da humanidade.

– Srta. Francon, não estamos realmente falando sobre o Sr. Toohey, portanto, se puder se limitar a...

– Eu não condeno Ellsworth Toohey. Condeno Howard Roark. Dizem que um prédio deve fazer parte de seu local. Em que tipo de mundo Roark construiu esse templo? Para que tipo de homens? Olhe à sua volta. Você consegue ver um santuário que se tornasse sagrado por servir como um ambiente para o Sr. Hopton Stoddard? Para o Sr. Ralston Holcombe? Para o Sr. Peter Keating? Quando olha para todos eles, você odeia Ellsworth Toohey ou amaldiçoa Howard Roark pela indignidade indescritível que ele realmente cometeu? Toohey tem razão, aquele templo é um sacrilégio, embora não no sentido que ele quis dar. Entretanto, acho que o Sr. Toohey sabe disso. Quando você vê um homem jogando pérolas sem receber em troca ao menos uma costeleta de porco, não é contra o porco que você se sente indignado. Você fica indignado contra o homem que deu tão pouco valor às suas pérolas a ponto de estar disposto a atirá-las na lama e deixá-las transformarem-se em uma ocasião para um concerto inteiro de grunhidos, transcritos pela estenógrafa do tribunal.

– Srta. Francon, realmente não acho que esta linha de testemunho seja relevante ou admissível...

– A testemunha tem autorização para dar seu depoimento – declarou o juiz inesperadamente. Ele estava entediado e gostava de olhar para Dominique. Além disso, sabia que a plateia estava gostando, envolvida na excitação total do escândalo, embora todos simpatizassem com Hopton Stoddard.

– Meritíssimo, parece ter ocorrido um mal-entendido – informou o advogado.
– Srta. Francon, a favor de quem você está testemunhando? Do Sr. Roark ou do Sr. Stoddard?

– Do Sr. Stoddard, é claro. Estou declarando os motivos pelos quais o Sr. Stoddard deveria ganhar esta causa. Jurei dizer a verdade.

– Prossiga – pediu o juiz.

– Todas as testemunhas falaram a verdade, mas não toda a verdade. Eu estou

apenas completando as omissões. Elas falaram sobre uma ameaça e sobre ódio. Estavam certas. O Templo Stoddard é uma ameaça a muitas coisas. Se fosse permitido que ele existisse, ninguém ousaria olhar para si mesmo no espelho. E isso é algo cruel para se fazer contra as pessoas. Peça qualquer coisa a elas. Peça-lhes que alcancem fama, fortuna, amor, ou que cometam atos de brutalidade, assassinato, autossacrifício. Mas não lhes peça que alcancem o respeito por si próprias. Elas odiarão a sua alma. Bem, elas sabem melhor que ninguém. Devem ter suas razões. Elas não dirão, é claro, que odeiam você. Dirão que você as odeia. É próximo o suficiente, suponho. Elas conhecem a emoção envolvida. Assim são as pessoas. Portanto, de que adianta ser um mártir para o impossível? De que adianta construir para um mundo que não existe?

– Meritíssimo, não vejo que possível relação isso possa ter com...

– Eu estou provando o seu caso para você. Estou provando por que vocês devem ficar do lado de Ellsworth Toohey, coisa que farão, de qualquer maneira. O Templo Stoddard tem que ser destruído. Não para salvar os homens dele, mas para salvá-lo dos homens. Mas qual é a diferença? O Sr. Stoddard ganha de qualquer maneira. Eu concordo plenamente com tudo o que foi feito aqui, com exceção de um ponto. E não acho que nos deveria ser permitido escapar impunes desse ponto. Vamos destruir, mas não vamos fingir que estamos cometendo um ato de virtude. Vamos admitir que somos toupeiras e temos aversão a picos de montanhas. Ou, talvez, que somos lemingues, os animais que não conseguem evitar nadar para sua autodestruição. Entendo perfeitamente que neste momento eu sou tão fútil quanto Howard Roark. Este é o meu Templo Stoddard, meu primeiro e meu último. – Ela inclinou a cabeça para o juiz. – Isto é tudo, Meritíssimo.

– A testemunha é sua – disse o advogado rispidamente para Roark.

– Sem perguntas – declarou Roark.

Dominique deixou o banco de testemunhas.

O advogado fez uma mesura em direção ao juiz e disse:

– O autor da ação encerra o caso.

O juiz virou-se para Roark e fez um gesto vago, convidando-o a prosseguir.

Roark levantou-se e aproximou-se do juiz, segurando o envelope marrom. Retirou dele dez fotografias do Templo Stoddard, colocou-as sobre a bancada do juiz e disse:

– A defesa encerra o caso.

HOPTON STODDARD GANHOU o processo.

Ellsworth Toohey escreveu em sua coluna: “O Sr. Roark tirou uma Friné da cartola, no tribunal, mas mesmo assim não conseguiu se safar. Nós nunca chegamos a acreditar naquela história, para começo de conversa.” Roark foi condenado a pagar os custos das alterações no templo. Ele declarou que não apelaria da decisão. Hopton Stoddard anunciou que o templo seria transformado no Lar Stoddard para Crianças Deficientes.

No dia seguinte ao fim do julgamento, Alvah Scarret perdeu o fôlego ao olhar para as provas de “Sua Casa” que haviam sido colocadas sobre sua mesa: a coluna continha a maior parte do testemunho de Dominique no tribunal. O testemunho dela havia sido citado em jornais que relataram o caso, mas apenas em resumos inofensivos. Alvah Scarret correu à sala de Dominique.

– Querida, querida, querida – disse ele –, não podemos publicar isso.

Ela olhou impassível para ele e não disse nada.

– Dominique, meu amor, seja razoável. Além da linguagem que você usa em alguns trechos e de algumas de suas ideias impúblicáveis, você conhece muito bem a posição que este jornal assumiu em relação ao caso. Você conhece a campanha que fizemos. Leu o meu editorial desta manhã, “Uma vitória da decência”. Não podemos ter uma colunista falando contra toda a nossa política.

– Você vai ter que publicar.

– Mas, querida...

– Ou então eu vou ter que pedir demissão.

– Ah, vamos, vamos, vamos, não seja boba. Não banque a ridícula agora. Você é mais esperta que isso. Não podemos ficar sem você. Não podemos...

– Vai ter que escolher, Alvah.

Scarret sabia que Gail Wynand o comeria vivo se ele publicasse aquilo; e que ele poderia ser comido vivo também se perdesse Dominique Francon, cuja coluna era popular. Wynand ainda não retornara de seu cruzeiro. Scarret enviou-lhe um telegrama para Bali, explicando a situação.

Dentro de poucas horas, Scarret recebeu uma resposta. Veio no código privado de Wynand. Depois de traduzida, a mensagem era: DEMITA A VACA. G. W.

Scarret fitou o telegrama, arrasado. Era uma ordem que não deixava nenhuma alternativa, mesmo que Dominique cedesse. Ele torceu para que ela pedisse demissão. Não podia enfrentar a ideia de ter que mandá-la embora.

Por intermédio de um office boy que ele recomendara para o posto, Toohey conseguiu uma cópia do telegrama decodificado de Wynand. Após colocá-lo no bolso, foi à sala de Dominique. Não a via desde o julgamento. Encontrou-a ocupada, esvaziando as gavetas de sua escrivaninha.

– Olá – cumprimentou ele secamente. – O que está fazendo?

- Esperando Alvah Scarret vir falar comigo.
- O que quer dizer que...
- Estou esperando para saber se terei que pedir demissão.
- Está com vontade de conversar sobre o julgamento?
- Não.

– Eu estou. Acho que lhe devo a cortesia de admitir que você fez o que ninguém havia feito antes: provou que eu estava errado.

Seu tom de voz denotava frieza. Seu rosto parecia vazio, seus olhos não tinham nenhum vestígio de bondade.

– Eu não esperava que você fizesse o que fez no banco das testemunhas. Foi um truque baixo, embora à altura do seu padrão habitual. Eu simplesmente calculei mal a direção da sua malícia. Entretanto, você teve o bom senso de admitir que seu ato era fútil. Claro, você demonstrou o seu ponto de vista. E o meu. Como sinal de reconhecimento, eu tenho um presente para você.

Ele colocou o telegrama sobre a mesa dela.

Ela o leu e ficou segurando-o em sua mão.

– Você não pode nem pedir demissão, minha cara – disse ele. – Não pode fazer esse sacrifício pelo seu herói atirador de pérolas. Como lembrei que você dá tanta importância a não ser vencida, exceto por si mesma, eu achei que você iria gostar disso.

Ela dobrou o telegrama e colocou-o em sua bolsa.

– Obrigada, Ellsworth.

– Se vai lutar contra mim, querida, vai precisar de mais do que discursos.

– Não lutei contra você sempre?

– Sim. Sim, claro que lutou. Está certa. Está me corrigindo outra vez. Você sempre lutou contra mim, e a única vez que fraquejou e implorou por clemência foi naquele banco de testemunhas.

– Tem razão.

– Foi ali que eu calculei mal.

– Sim.

Ele fez uma mesura formal e saiu da sala.

Ela empacotou as coisas que queria levar para casa. Em seguida, dirigiu-se ao escritório de Scarret. Mostrou-lhe o telegrama em sua mão, mas não o deu a ele.

– Está bem, Alvah – disse ela.

– Dominique, eu não pude evitar, não pude evitar, foi... Como diabos você conseguiu isso?

– Está tudo bem, Alvah. Não, eu não vou devolvê-lo a você. Quero guardá-lo.

– Pôs o telegrama de volta na bolsa. – Envie-me pelo correio o meu cheque e qualquer outra coisa que tenha que ser acertada.

– Você... você ia pedir demissão de qualquer forma, não ia?

– Sim, eu ia. Mas eu prefiro assim: ser despedida.

– Dominique, se você soubesse como me sinto mal com isso... Não posso acreditar. Simplesmente não posso acreditar.

– Então vocês acabaram me transformando em uma mártir. E foi justamente isso que eu tentei evitar a minha vida toda. É tão sem graça ser mártir. É honrar demais os seus adversários. Mas vou lhe dizer uma coisa, Alvah, vou dizer a você porque não consegui encontrar uma pessoa menos apropriada para ouvi-la: nada que vocês fizerem comigo... ou com ele... será pior do que o que eu mesma farei. Se vocês acham que eu não posso suportar o Templo Stoddard, esperem até ver o que eu posso suportar.



Uma noite, três dias depois do julgamento, Ellsworth Toohey estava em sua sala ouvindo rádio. Não tinha vontade de trabalhar e permitiu-se um intervalo para descansar, relaxando prazerosamente em uma poltrona, seguindo com os dedos o ritmo de uma sinfonia complexa. Ouvia uma batida na porta.

– E-entre – disse ele lentamente.

Catherine entrou. Olhou de relance para o rádio, como uma forma de se desculpar por ter entrado.

– Eu sabia que você não estava trabalhando, tio Ellsworth. Quero falar com você.

Ela estava com os ombros caídos, seu corpo magro e sem curvas. Vestia uma saia de tweed caro, amarrotada. Passara sem maior cuidado um pouco de maquiagem no rosto. A pele parecia sem vida por baixo das partes empoadas. Aos 26 anos, parecia uma mulher tentando esconder o fato de ter mais de 30.

Nos últimos anos, com a ajuda de seu tio, ela se tornara uma hábil assistente social. Tinha um emprego assalariado em um centro de assistência e possuía uma pequena conta bancária. Levava suas amigas para almoçar, mulheres mais velhas da mesma profissão, e conversavam sobre os problemas das mulheres solteiras, a expressão da personalidade dos filhos de pessoas pobres e as maldades das corporações industriais.

Nos últimos anos, Toohey parecia ter se esquecido de sua existência, mas ele sabia que ela era extremamente consciente da presença dele, do seu modo silencioso e retraído. Em raras ocasiões ele era o primeiro a falar com ela. Porém ela o procurava continuamente para pedir pequenos conselhos. Catherine era como um pequeno motor que funcionava com a energia dele e tinha que parar para reabastecer, de vez em quando. Não ia ao teatro sem consultá-lo sobre a peça. Não ia a uma palestra sem pedir a opinião dele. Certa vez, ela fez amizade com uma moça que era inteligente, capaz, alegre e que amava os pobres, embora fosse assistente social. Toohey não aprovou a moça. Catherine desmanchou a amizade com ela.

Quando precisava de um conselho, pedia-o brevemente, de passagem, ansiosa por não o atrasar: entre os pratos de uma refeição, à porta do elevador quando ele estava de saída, ou na sala de estar quando algum programa de rádio importante era interrompido para uma chamada da estação. Ela fazia questão de demonstrar que não teria a presunção de pedir nada além das sobras não usadas do tempo do tio.

Portanto, Toohey olhou-a surpreso quando ela entrou em sua sala. Ele disse:

– Com certeza, meu bem. Não estou ocupado. De qualquer forma, nunca estou ocupado demais para você. Abaixei um pouco o volume, por favor.

Catherine diminuiu o volume do rádio e deixou-se cair em uma poltrona diante dele. Seus movimentos eram desajeitados e contraditórios, como os de uma adolescente. Ela perdera o hábito de se mover com confiança, porém, às vezes, um gesto, um movimento súbito de sua cabeça, demonstravam uma impaciência áspera e arrogante que ela estava começando a desenvolver.

Ela fitou o tio. Por trás dos óculos, os olhos dela estavam imóveis e tensos, mas não revelavam nada. Ela disse:

– O que tem feito, tio Ellsworth? Vi algo nos jornais sobre a vitória de um grande processo ao qual você estava ligado. Fiquei contente. Não leio os jornais há meses. Tenho estado tão ocupada... Não, não é bem verdade. Eu tenho tempo, mas, quando chego em casa, não consigo me forçar a fazer mais nada a não ser cair na cama e dormir. Tio Ellsworth, as pessoas dormem muito porque estão cansadas ou porque querem fugir de alguma coisa?

– Ora, querida, isso não se parece com você, de jeito nenhum. Nada disso.

Ela sacudiu a cabeça, desamparada:

– Eu sei.

– Qual é o problema?

Ela respondeu, olhando para as pontas dos sapatos, seus lábios se movendo com dificuldade:

– Eu acho que não presto para nada, tio Ellsworth. – Ergueu os olhos para ele. – Estou tão terrivelmente infeliz...

Ele fitou-a em silêncio, o rosto dele sério, os olhos amáveis. Ela sussurrou:

– Você compreende? – Toohey fez que sim com a cabeça. – Não está bravo comigo? Não me despreza?

– Minha querida, como eu poderia desprezá-la?

– Eu não queria dizer isso, nem para mim mesma. Não é só hoje, já faz muito tempo. Apenas deixe-me dizer tudo, não fique chocado, eu tenho que falar. É como me confessar, como eu costumava fazer... Oh, não pense que estou voltando a isso, eu sei que a religião é só um... um artifício para a exploração das classes, não pense que eu o decepcionaria depois de você ter explicado tudo tão bem. Eu não sinto falta de ir à igreja. Mas é só que... só que preciso ter alguém que me escute.

– Katie, querida, em primeiro lugar, por que você está tão assustada? Não deve ter medo. Com certeza, não de falar comigo. Relaxe, seja você mesma e me conte o que aconteceu.

Ela olhou para ele com gratidão.

– Você é... tão sensível, tio Ellsworth. Essa é uma coisa que eu não queria dizer, mas você adivinhou. Eu estou assustada. Porque... bem, veja, você acabou de dizer que eu devo ser eu mesma. E o que eu mais temo é ser eu mesma. Porque eu sou má.

Ele riu, não de maneira ofensiva, mas carinhosamente, o som de sua risada destruindo a afirmação dela. Porém ela não sorriu.

– Não, tio Ellsworth, é verdade. Vou tentar explicar. Sabe, sempre, desde que era criança, eu quis fazer o bem. Eu pensava que todos queriam isso, mas agora já não acho que é assim. Algumas pessoas tentam fazer o melhor, mesmo que cometam erros, e outras simplesmente não se importam. Eu sempre me importei. Levei muito a sério. É claro que eu sabia que não sou uma pessoa brilhante, e que é um assunto muito importante, o bem e o mal. Mas eu sentia que, qualquer que fosse o bem, tanto quanto fosse possível para eu discernir, eu honestamente faria o meu maior esforço para estar à altura dele. Que é tudo o que uma pessoa pode tentar, não é? Isso provavelmente lhe parece bastante infantil.

– Não, Katie, não parece. Continue, querida.

– Bem, para começar, eu sabia que era maligno ser egoísta. Disso eu tinha certeza. Então tentei nunca exigir nada para mim mesma. Quando Peter desaparecia por meses... Não, acho que você não aprova isso.

– O quê, querida?

– Peter e eu. Então não vou falar sobre isso. Não é importante, de qualquer forma. Bem, você pode entender por que eu estava tão feliz quando vim morar com você. Você está tão próximo do ideal de altruísmo quanto seria possível a alguém estar. Tentei seguir o seu exemplo da melhor maneira que podia. Foi por isso que escolhi o trabalho que estou fazendo. Você nunca disse, de fato, que eu deveria escolher isso, mas eu acabei achando que era isso que você pensava. Não me pergunte como cheguei a essa conclusão. Não foi nada concreto, apenas pequenas coisas que você dizia. Eu me sentia muito confiante quando comecei. Eu sabia que a infelicidade vem do egoísmo, e que uma pessoa só pode encontrar a verdadeira felicidade dedicando-se aos outros. Você disse isso. Tantas pessoas disseram isso. Ora, todos os maiores homens da história dizem isso há séculos.

– E?

– Bem, olhe para mim.

O rosto dele permaneceu imóvel por um instante, e então ele sorriu afetuosamente e disse:

– O que há de errado com você, meu bem, além do fato de que suas meias

não combinam e que você poderia fazer sua maquiagem com mais cuidado?

– Não ria, tio Ellsworth. Por favor, não ria. Eu sei que você costuma dizer que devemos ser capazes de rir de tudo, em especial de nós mesmos. Só que... eu não consigo.

– Não vou rir, Katie, mas qual é o problema?

– Eu sou infeliz. Sou infeliz de uma forma horrível, sórdida, indigna. De uma maneira que parece... suja. E desonesta. Eu passo dias com medo de pensar, de olhar para mim mesma. E isso está errado. Isso é... virar hipócrita. Eu sempre quis ser honesta comigo mesma. Mas não sou, não sou, não sou!

– Espere, querida. Não grite. Os vizinhos vão ouvi-la.

Ela passou as costas da mão na testa. Sacudiu a cabeça e sussurrou:

– Desculpe-me... Eu vou ficar bem...

– Por que você está infeliz, querida?

– Não sei. Não consigo entender. Por exemplo, fui eu que organizei as aulas sobre cuidados pré-natais no Centro de Assistência Social de Clifford. A ideia foi minha, eu consegui os fundos, eu encontrei uma professora. As aulas estão indo muito bem. Eu digo a mim mesma que deveria estar feliz por isso. Mas não estou. Não parece fazer a menor diferença para mim. Eu me sento e digo a mim mesma: “Foi você que conseguiu que o bebê da Marie Gonzales fosse adotado por uma boa família, então fique feliz.” Mas eu não fico. Não sinto nada. Quando sou honesta comigo mesma, sei que a única emoção que eu sinto há anos é cansaço. Não cansaço físico, só cansaço. É como se... como se já não houvesse mais ninguém lá para sentir qualquer coisa.

Ela tirou os óculos, como se a barreira dupla dos seus óculos e dos dele a impedisse de alcançá-lo. Falou, com a voz mais baixa, as palavras saindo com maior esforço:

– Mas não é só isso. Há algo muito pior, que está me fazendo muito mal. Estou começando a odiar as pessoas, tio Ellsworth. Estou ficando cruel, maldosa e mesquinha de uma forma que nunca fui antes. Eu espero que as pessoas fiquem gratas a mim. Eu... exijo gratidão. Eu me pego sentindo-me satisfeita quando os pobres me bajulam e se curvam e rastejam na minha frente. Eu me pego gostando somente daqueles que são servis comigo. Uma vez... uma vez disse a uma mulher que ela não reconhecía o que pessoas como nós fazíamos por trastes como ela. Depois chorei durante horas, de tão envergonhada que fiquei. Estou começando a ficar ressentida quando as pessoas discutem comigo. Acho que elas não têm o direito de pensar por si próprias, que eu sei mais do que elas, que eu sou a autoridade definitiva para elas. Houve uma garota com quem estávamos preocupadas porque ela estava andando com um rapaz muito bonito que tinha má reputação. Eu a torturei durante semanas por causa disso, dizendo-lhe que ele ia metê-la em alguma encrenca e que ela devia largá-lo. Bem, eles se casaram e são o casal mais feliz do bairro. Você acha que eu fiquei contente? Não, estou

furiosa e mal consigo ser bem-educada com a garota quando a vejo. Depois, houve uma moça que precisava desesperadamente de um emprego. A situação em sua casa era de fato horrível, e prometi que conseguiria trabalho para ela. Antes que eu pudesse, ela encontrou um bom emprego sozinha. Eu não fiquei nada satisfeita. Fiquei extremamente magoada por alguém sair de um aperto sem a minha ajuda. Ontem eu estava falando com um rapaz que queria fazer faculdade, e eu o desencorajei e disse-lhe que em vez disso ele deveria arranjar um bom emprego. E eu estava muito zangada. De repente, percebi que era porque eu quis tanto ir para a faculdade... Você se lembra? Você não me deixou... e, portanto, eu não ia deixar aquele garoto ir também... Tio Ellsworth, você não percebe? Eu estou ficando egoísta. Estou ficando egoísta de uma forma que é muito mais horrível do que se eu fosse uma trapaceira mesquinha arrancando centavos dos salários dessas pessoas, em alguma fábrica que explora os empregados!

Toohey perguntou calmamente:

– Isso é tudo?

Catherine fechou os olhos e depois disse, abrindo-os e fitando as próprias mãos:
– Sim... exceto que eu não sou a única que é assim. Muitas delas são, a maioria das mulheres com quem trabalho... Não sei como elas ficaram assim... Não sei como aconteceu comigo... Eu costumava me sentir feliz quando ajudava alguém. Lembro-me de uma vez, foi um dia em que almocei com Peter e, no caminho de volta, vi um velho tocador de realejo e dei-lhe cinco dólares que eu tinha na bolsa. Era todo o dinheiro que eu tinha. Havia economizado para comprar uma garrafa de champanhe para o Natal, eu queria tanto beber champanhe, mas depois, cada vez que eu pensava no tocador de realejo, eu ficava feliz... Eu via Peter com frequência naquela época... Eu vinha para casa depois de vê-lo, querendo beijar todos os meninos maltrapilhos do nosso quarteirão... Acho que agora eu odeio os pobres... Acho que todas as outras mulheres também os odeiam... Mas os pobres não nos odeiam, como deveriam. Eles só nos desprezam... Sabe, é engraçado: os donos desprezam os escravos, e os escravos odeiam os donos. Eu não sei quem é quem. Talvez a analogia não se encaixe neste caso. Talvez sim. Não sei...

Ela ergueu a cabeça em um último esforço de rebelião.

– Você não percebe o que eu tenho que entender? Por que me empenhei honestamente em fazer o que achava que era certo e isso está me apodrecendo? Acho que provavelmente é porque eu sou má por natureza e incapaz de levar uma vida boa. Parece ser a única explicação. Mas... mas às vezes penso que não faz sentido que um ser humano seja completamente sincero em sua boa vontade e, mesmo assim, o bem não seja algo que ele possa alcançar. Eu não posso ser tão podre assim. Mas... mas eu abri mão de tudo, não me resta mais nenhum desejo egoísta, eu não tenho nada que seja meu... e estou infeliz. E as outras

mulheres como eu também estão. E não conheço uma única pessoa abnegada no mundo que seja feliz. Exceto você.

Ela abaixou a cabeça e não voltou a erguê-la. Parecia indiferente até mesmo à resposta que estava buscando.

– Katie – disse ele suavemente, em tom de reprovação –, Katie querida.

Ela esperou em silêncio.

– Você realmente quer que eu lhe dê a resposta? – Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça. – Porque, sabe, você mesma respondeu, nas coisas que disse.

Ela ergueu os olhos, inexpressivamente. Toohey prosseguiu:

– Do que você está falando? De que está se queixando? Do fato de estar infeliz. Está falando sobre Katie Halsey e nada mais. Foi o discurso mais egotista que eu ouvi em toda a minha vida.

Catherine piscou atentamente, como uma criança na escola, perturbada por uma lição difícil.

– Você não percebe como foi egoísta? Você escolheu uma carreira nobre, não pelo bem que poderia realizar, mas pela felicidade pessoal que esperava encontrar nela.

– Mas eu realmente queria ajudar as pessoas.

– Porque você achava que seria boa e virtuosa se o fizesse.

– Ora... sim. Porque eu achava que era o certo. É malévolo querer fazer o que é certo?

– Sim, se essa for sua preocupação principal. Você não entende como isso é egotista? “Que se danem todos, contanto que eu seja virtuosa.”

– Mas se você não tiver nenhum... nenhum respeito por si próprio, como pode ser qualquer coisa?

– Por que você tem que ser alguma coisa?

Ela estendeu os braços e abriu as mãos, perplexa.

– Se a sua primeira preocupação é com o que você é, ou pensa, ou sente, ou tem ou não tem, você ainda é uma mera egotista.

– Mas eu não posso sair do meu próprio corpo.

– Não, mas pode sair de sua alma limitada.

– Você quer dizer que eu tenho que querer ser infeliz?

– Não. Você tem que parar de querer qualquer coisa. Tem que se esquecer de como a Srta. Catherine Halsey é importante. Porque, sabe, ela não é. As pessoas só são importantes em relação às outras, por sua utilidade, pelo serviço que prestam. A menos que entenda isso totalmente, você não pode esperar nada, a não ser alguma forma de miséria. Por que fazer um drama tão grande do fato de você perceber que se sente cruel com os outros? E daí? Essas são só dores do crescimento. Uma pessoa não pode saltar de um estado de brutalidade animal para um estado de vida espiritual sem passar por certas transições. E algumas delas podem parecer malignas. Uma linda mulher, em geral, primeiro é

uma adolescente desajeitada. Todo crescimento exige destruição. Não se faz uma omelete sem quebrar ovos. Você deve estar disposta a sofrer, a ser cruel, a ser desonesta, a ser impura, qualquer coisa, querida, qualquer coisa para matar a mais teimosa de todas as raízes: o ego. E somente quando ele estiver morto, quando você não se importar mais, quando tiver perdido sua identidade e se esquecido do nome da sua alma, só então você conhecerá o tipo de felicidade sobre o qual eu falei, e os portões da grandeza espiritual se abrirão diante de você.

– Mas, tio Ellsworth – sussurrou ela –, quando os portões se abrirem, quem é que vai entrar?

Ele deu uma gargalhada alta e incisiva. Soou como uma risada de apreciação. Disse:

– Minha querida, eu nunca pensei que você poderia me surpreender.

E então seu rosto ficou sério novamente.

– Foi sua piada inteligente, Katie, mas você sabe, eu espero que tenha sido só uma piada inteligente, não sabe?

– Sim – respondeu ela, incerta –, acho que sim. Ainda assim...

– Não podemos ser literais demais quando lidamos com abstrações. É claro que é você quem vai entrar. Você não terá perdido sua identidade, terá apenas adquirido uma mais ampla, uma que será parte de todas as outras pessoas e de todo o universo.

– Como? De que maneira? Parte do quê?

– Agora você vê como é difícil discutir essas coisas quando toda a nossa linguagem é a do individualismo, com todos os seus termos e superstições. A “identidade” é uma ilusão, sabe? Mas não se pode construir uma casa nova com tijolos velhos que estão se desmanchando. Você não pode esperar compreender-me totalmente por meio de concepções dos dias de hoje. Nós estamos envenenados pela superstição do ego. Não podemos saber o que será certo ou errado em uma sociedade sem egoísmo, nem o que sentiremos, nem de que maneira. Devemos primeiro destruir o ego. É por isso que a mente é tão indigna de confiança. Não devemos pensar. Devemos acreditar. Acredite, Katie, mesmo que sua mente proteste. Não pense. Acredite. Confie no seu coração, não no seu cérebro. Não pense. Sinta. Acredite.

Ela permaneceu sentada, imóvel e serena, mas, de alguma forma, tinha a aparência de algo que fora atropelado por um tanque. Sussurrou obedientemente:

– Sim, tio Ellsworth... eu ... não pensei nisso dessa maneira. Quero dizer, sempre achei que devia pensar... Mas você está certo, quer dizer, se certo é a palavra que quero dizer, se houver uma palavra... Sim, eu vou acreditar... Vou tentar entender... Não, entender não. Sentir. Quer dizer, acreditar... Só que eu sou tão fraca... Sempre me sinto tão pequena depois de falar com você... Acho que eu tinha razão, de certa forma: eu sou imprestável... mas não importa... não

importa...



Quando a campainha tocou, na noite seguinte, Toohey foi ele mesmo abrir a porta.

Ele sorriu ao deixar Peter Keating entrar. Depois do julgamento, esperara que Keating viesse procurá-lo, sabia que precisaria vir. Mas esperara que ele viesse antes.

Keating entrou, inseguro. Suas mãos pareciam pesadas demais para seus pulsos. Seus olhos estavam inchados, e a pele de seu rosto parecia flácida.

Toohey disse, animado:

– Olá, Peter. Queria me ver? Entre. Você deu sorte, eu tenho a noite toda livre.

– Não – respondeu Keating. – Eu quero ver Katie.

Ele não estava olhando para Toohey e não viu a expressão por trás dos óculos de Toohey.

– Katie? Mas é claro! – disse Toohey alegremente. – Sabe, você nunca veio aqui para visitá-la, por isso não me ocorreu, mas... Vamos entrando, acho que ela está em casa. Por aqui. Não sabe onde é o quarto dela? É a segunda porta.

Keating arrastou os pés pesadamente através do corredor, bateu na porta de Catherine e entrou quando ela respondeu. Toohey seguiu-o com o olhar, o rosto pensativo.

Catherine levantou-se de um salto quando viu quem era a sua visita. Ficou parada, com um ar estúpido e incrédulo, por um momento, depois correu até sua cama para pegar um espartilho que havia deixado jogado ali e enfiou-o depressa embaixo de seu travesseiro. Por fim, tirou os óculos, escondeu-os em seu punho cerrado e colocou-os dentro do bolso. Perguntou-se o que seria pior, ficar como estava ou sentar-se à penteadeira e maquiarse na presença dele.

Ela não via Keating havia seis meses. Nos últimos três anos eles tinham se encontrado ocasionalmente, com longos intervalos, haviam saído para almoçar juntos umas poucas vezes, algumas vezes para jantar, e tinham ido ao cinema duas vezes. Sempre se encontravam em lugares públicos. Desde que passara a se relacionar com Toohey, Keating não vinha mais visitá-la em sua casa. Quando se encontravam, conversavam como se nada houvesse mudado. Entretanto, não falavam sobre casamento havia muito tempo.

– Olá, Katie – disse Keating em tom amável. – Eu não sabia que você usava óculos agora.

– É só... só para ler... Eu... Olá, Peter... Acho que estou com péssima aparência hoje... Estou contente em vê-lo...

Ele sentou-se pesadamente, de chapéu na mão e ainda vestindo seu casaco. Ela ficou sorrindo, sem ação. Fez um movimento vago e circular com a mão e

perguntou:

– Vai ficar só um pouco ou... ou quer tirar o casaco?

– Não, não vou ficar só um pouco.

Ele levantou-se, atirou o casaco e o chapéu sobre a cama, depois sorriu pela primeira vez e disse:

– Ou você está ocupada e quer me pôr para fora?

Ela colocou as palmas das mãos sobre os olhos e baixou-as outra vez, rapidamente. Tinha que estar com ele como sempre estivera, tinha que parecer leve e normal:

– Não, não, não estou ocupada de jeito nenhum.

Ele sentou-se e esticou um dos braços em um convite silencioso. Ela foi até ele imediatamente, colocou sua mão na dele e Peter a puxou para sentar-se no braço da cadeira.

A luz do abajur incidiu sobre ele, e Catherine já havia se recuperado o suficiente para notar a aparência do rosto dele.

– Peter – disse ela, assustada –, o que tem feito consigo mesmo? Você está horrível.

– Bebido.

– Não... desse jeito!

– Desse jeito. Mas agora acabou.

– O que foi?

– Eu queria vê-la, Katie. Queria vê-la.

– Querido... o que eles fizeram com você?

– Ninguém fez nada comigo. Eu estou bem agora. Estou bem. Porque vim até aqui... Katie, você já ouviu falar de Hopton Stoddard?

– Stoddard? Não sei. Vi esse nome em algum lugar.

– Bem, deixe para lá, não importa. Eu só estava pensando em como é estranho. Sabe, Stoddard é um velho maldito que não conseguia aguentar mais sua própria podridão, então, para compensar, construiu um grande presente para a cidade. Mas, quando eu... quando eu não consegui mais aguentar, senti que a única maneira de eu poder compensar era fazendo o que eu realmente mais queria fazer: vir até aqui.

– Quando você não conseguiu aguentar... o quê, Peter?

– Eu fiz uma coisa muito suja, Katie. Eu lhe contarei algum dia, mas não agora... Olhe, você poderia dizer que me perdoa sem me perguntar o que é? Eu vou pensar... vou pensar que fui perdoado por alguém que nunca poderia me perdoar. Alguém que não pode ser magoado e, portanto, não pode perdoar... mas isso faz com que seja pior para mim.

Ela não parecia perplexa. Disse, séria:

– Eu o perdoo, Peter.

Ele anuiu lentamente com a cabeça várias vezes e disse:

– Obrigado.

Então ela encostou sua cabeça na dele e disse:

– Você passou por um inferno, não foi?

– Sim. Mas está tudo bem agora.

Ele puxou-a para seus braços e beijou-a. Então não pensou mais no Templo Stoddard, e ela não pensou mais no bem e no mal. Eles não precisavam pensar nessas coisas; sentiam-se limpos demais.

– Katie, por que nunca nos casamos?

– Eu não sei – respondeu ela.

E acrescentou rapidamente, dizendo-o apenas porque seu coração estava batendo forte, porque não podia ficar quieta e porque se sentiu compelida a não tirar vantagem dele:

– Acho que é porque sabemos que não temos que ter pressa.

– Mas temos. Se já não for tarde demais.

– Peter, você... Você não está pedindo minha mão em casamento outra vez, está?

– Não fique tão surpresa, Katie. Se ficar, eu saberei que você duvidou de mim todos esses anos. E eu não aguentaria pensar isso agora. Foi isso que eu vim lhe dizer hoje. Nós vamos nos casar. Vamos nos casar imediatamente.

– Sim, Peter.

– Não precisamos de anúncios, datas, preparativos, convidados, nada disso. Nós permitimos que coisas desse tipo nos impedissem a cada vez. Honestamente, eu não sei como foi acontecer de deixarmos que tudo ficasse à deriva daquela forma... Não vamos dizer nada a ninguém. Simplesmente vamos sair da cidade e nos casar. Vamos anunciar e explicar depois, se alguém quiser uma explicação. E isso inclui o seu tio, a minha mãe, e todo mundo.

– Sim, Peter.

– Peça demissão do seu maldito emprego amanhã. Eu vou tomar providências no escritório para sair de férias por um mês. O Guy vai ficar louco da vida, e eu vou gostar disso. Prepare suas coisas, você não vai precisar de muito, não se incomode com a maquiagem... A propósito, você disse que estava com péssima aparência hoje? Você nunca esteve mais adorável. Eu estarei aqui às nove da manhã, depois de amanhã. Você tem que estar pronta para partir.

– Sim, Peter.

Depois que ele se foi, ela deitou-se em sua cama, soluçando alto, sem controle, sem dignidade, sem se preocupar com nada no mundo.

Ellsworth Toohey havia deixado a porta de seu escritório aberta. Ele havia visto Keating passar pela porta sem perceber e sair. Então ouviu os soluços de Catherine. Foi até o quarto dela e entrou sem bater. Perguntou:

– O que foi, querida? Peter fez alguma coisa que a magoou?

Ela ergueu-se um pouco na cama e olhou para ele, tirando o cabelo do rosto e

soluçando com ar triunfante. Sem pensar, disse a primeira coisa que teve vontade de dizer. Falou algo que ela mesma não entendeu, mas ele sim:

– Eu não tenho medo de você, tio Ellsworth!

– QUEM? – PERGUNTOU KEATING, perdendo o fôlego.

– A Srta. Dominique Francon – repetiu a empregada.

– Você está bêbada, sua idiota!

– Sr. Keating!

Levantou-se, empurrou-a para que saísse da sua frente, voou até a sala de estar e viu Dominique Francon em pé ali, em seu apartamento.

– Olá, Peter.

– Dominique!... Dominique, como é possível?

Em meio à raiva, apreensão, curiosidade e ao prazer lisonjeado, seu primeiro pensamento consciente foi agradecer a Deus por sua mãe não estar em casa.

– Eu telefonei para o seu escritório. Disseram que você tinha vindo para casa.

– Estou tão encantado, tão agradavelmente sur... Ah, diabos, Dominique, de que adianta? Eu sempre tento ser correto com você, e você sempre percebe com tanta clareza o que estou fazendo que é totalmente inútil. Portanto, não vou bancar o anfitrião sob controle. Você sabe que eu estou tonto de surpresa, que a sua vinda aqui não é natural, e que qualquer coisa que eu diga provavelmente estará errada.

– Sim, assim é melhor, Peter.

Ele se deu conta de que ainda estava segurando uma chave e enfiou-a no bolso. Estivera fazendo a mala para sua viagem de casamento, que seria no dia seguinte. Olhou para a sala e percebeu, irritado, como sua mobília vitoriana parecia vulgar ao lado da elegância da figura de Dominique. Ela vestia um conjunto cinza, um casaco de pele preto, curto, com o colarinho erguido à altura do rosto, e um chapéu enviesado. Ela não tinha a mesma aparência que tivera no banco de testemunhas, nem a que tivera nos jantares sociais de que ele se lembrava. Subitamente, ele pensou no momento, anos atrás, em que ficara parado no patamar da escada, do lado de fora da sala de Guy Francon, e desejou nunca mais ver Dominique. Ela era agora o que fora naquela ocasião: uma estranha que o assustava com o vazio cristalino de seu rosto.

– Bem, sente-se, Dominique. Tire o casaco.

– Não, eu não vou ficar muito tempo. Uma vez que não estamos fingindo hoje, posso lhe dizer logo para que vim até aqui, ou você quer um pouco de conversa fiada primeiro?

– Não, eu não quero conversa fiada.

– Muito bem. Você aceita se casar comigo, Peter?

Ele ficou paralisado. Em seguida, desabou sentado, porque sabia que ela falara sério.

– Se você quiser se casar comigo – continuou ela, com a mesma voz precisa e impecável –, tem que ser imediatamente. Meu carro está aí embaixo. Vamos até

Connecticut e voltamos. Vai levar aproximadamente três horas.

– Dominique...

Ele não queria fazer mais do que o esforço necessário para mexer os lábios e dizer o nome dela. Queria pensar que estava paralisado. Sabia que estava violentamente vivo, que estava forçando um torpor a penetrar em seus músculos e em sua mente, porque desejava escapar da responsabilidade de estar consciente.

– Não estamos fingindo, Peter. Geralmente as pessoas conversam sobre seus motivos e sentimentos primeiro e depois tomam as providências práticas. Conosco, esta é a única maneira. Se lhe fizesse a proposta de qualquer outra forma, eu o estaria enganando. Tem que ser assim. Sem perguntas, sem condições, sem explicações. O que não dissermos responderá a si mesmo, por não ser dito. Não há nada para você refletir, apenas se quer ou não fazer isso.

– Dominique – falou ele com a concentração que usava quando andava sobre uma viga estreita, em um prédio inacabado –, eu só compreendo isto: que devo tentar imitá-la, não discutir o assunto, não conversar, apenas responder.

– Sim.

– Só que... eu não posso... completamente.

– Este é um momento, Peter, em que não há nenhuma proteção. Você não pode se esconder atrás de nada. Nem mesmo de palavras.

– Se você dissesse apenas uma coisa...

– Não.

– Se você me desse tempo...

– Não. Ou descemos juntos agora, ou esquecemos o assunto.

– Você não pode ficar ressentida se eu... Você nunca me deixou ter esperanças de que você pudesse... que você... não, não, não vou dizer isso... mas o que espera que eu pense? Estou aqui, sozinho, e...

– E eu sou a única pessoa aqui para lhe dar um conselho. E ele é: recuse. Estou sendo honesta com você, Peter. Mas não vou ajudá-lo, retirando a proposta. Você teria preferido não ter tido a chance de se casar comigo, mas tem essa chance. Agora. A escolha é sua.

Ele não conseguiu mais ater-se à sua dignidade. Deixou a cabeça cair e pressionou seu punho contra a testa.

– Dominique... Por quê?

– Você sabe quais são as razões. Eu as disse uma vez, há muito tempo. Se não tem coragem para pensar nelas, não espere que eu as repita.

Ele ficou quieto, com a cabeça baixa. Então comentou:

– Dominique, duas pessoas como você e eu se casando é quase um evento de primeira página.

– Sim.

– Não seria melhor fazer isso da maneira apropriada, com um anúncio e uma

verdadeira cerimônia nupcial?

– Eu sou forte, Peter, mas não tão forte. Você pode ter sua recepção e publicidade depois.

– Você não quer que eu diga nada agora, a não ser sim ou não?

– Só isso.

Ele ficou sentado, fitando-a muito tempo. O olhar de Dominique estava fixo no dele, mas não possuía mais realidade do que o olhar de um retrato. Ele sentia-se sozinho na sala. Ela esperava pacientemente, não lhe concedendo nada, nem mesmo a gentileza de apressá-lo.

Por fim, ele disse:

– Está bem, Dominique. Sim.

Ela inclinou a cabeça solenemente, anuindo.

Peter levantou-se.

– Vou pegar o meu casaco – disse ele. – Você quer ir no seu carro?

– Quero.

– É um conversível, não é? Devo usar meu casaco de pele?

– Não, mas pegue um cachecol quente. Está ventando um pouco.

– Nenhuma bagagem? Vamos voltar à cidade em seguida?

– Vamos voltar em seguida.

Ele deixou a porta do hall aberta e ela o viu vestir o casaco e jogar um cachecol em volta do pescoço, com o gesto de quem atira uma capa sobre os ombros. Ele se aproximou da porta da sala de estar, de chapéu na mão, e convidou-a a sair com um movimento silencioso da cabeça. No hall exterior, ele apertou o botão do elevador e deu um passo para trás para deixá-la entrar primeiro. Agia com precisão, seguro de si, sem alegria, sem emoção. Parecia mais friamente masculino do que jamais fora.

Segurou o cotovelo dela com firmeza, de forma protetora, para atravessar a rua até onde ela deixara seu carro. Ele abriu a porta do carro, deixou que ela se sentasse ao volante e sentou-se silenciosamente ao seu lado. Ela inclinou-se sobre ele e arrumou o quebra-vento do lado dele. Disse:

– Se não estiver bom, arrume-o como quiser quando começarmos a andar, para que não fique muito frio para você.

Ele disse:

– Vá pelo Grand Concourse, há menos semáforos lá.

Ela colocou sua bolsa no colo dele, segurou no volante e ligou o carro. De repente, não havia nenhum antagonismo entre eles, mas um sentimento calmo e passivo de camaradagem, como se ambos fossem vítimas da mesma tragédia impessoal e tivessem que ajudar um ao outro.

Ela dirigia rápido, por questão de hábito, a uma velocidade constante mas sem pressa. Eles permaneceram em silêncio em meio ao ronco do motor, pacientemente, sem mudar a posição de seus corpos, quando o carro parava em

um semáforo. Pareciam presos em uma faixa única de movimento, uma direção obrigatória, como o voo de uma bala, que não pode ser interrompido no meio do percurso. Havia um primeiro sinal de crepúsculo nas ruas da cidade. O pavimento tinha um tom amarelado. As lojas ainda estavam abertas. Um cinema acendera as luzes de seu letreiro e as lâmpadas vermelhas giravam intermitentemente, sugando do ar a última luz do dia, fazendo com que a rua parecesse mais escura.

Ele não sentia nenhuma necessidade de falar. Não parecia ser mais Peter Keating. Não pedia afeto nem piedade. Não pedia nada. Ela pensou nisso uma vez e olhou de relance para ele, um olhar de apreciação que era quase gentil. Ele olhou nos olhos dela, imperturbável. Dominique viu compreensão, mas nenhum comentário. Era como se o olhar dele dissesse “É claro”, nada mais.

Haviam saído da cidade, uma estrada marrom fria voando em sua direção, quando ele disse:

– Os policiais rodoviários são severos por aqui. Você está com sua carteira de profissional da imprensa, caso seja necessário?

– Eu não faço mais parte da imprensa.

– Você o quê?

– Não sou mais jornalista.

– Você saiu do seu emprego?

– Não, fui despedida.

– Do que está falando?

– Onde você esteve nos últimos dias? Eu pensei que todo mundo soubesse.

– Desculpe. Não acompanhei muito bem os acontecimentos nos últimos dias.

Quilômetros depois, ela disse:

– Me dê um cigarro. Na minha bolsa.

Ele abriu a bolsa dela, viu sua cigarreira, o pó compacto, o batom, o pente, um lenço dobrado, branco demais para ser tocado, com um leve aroma do perfume dela. Em algum lugar dentro dele, pensou que isso era quase como desabotoar a blusa dela. Mas a maior parte dele não estava consciente do pensamento nem do domínio íntimo com que abriu a bolsa. Pegou um cigarro, acendeu-o e transferiu-o de seus lábios para os dela.

– Obrigada – disse ela.

Ele acendeu um cigarro para si mesmo e fechou a bolsa.

Quando chegaram a Greenwich, foi ele quem pediu instruções sobre o caminho, disse a ela para onde ir, em qual esquina virar, e, quando pararam o carro diante da casa do juiz de paz, ele falou:

– É aqui.

Ele saiu do carro primeiro e ajudou-a a descer. Apertou o botão da campainha.

Casaram-se em uma sala de estar que exibia poltronas com estofados

desbotados azuis e roxos, e um abajur com uma franja de contas de vidro. As testemunhas foram a esposa do juiz e um vizinho chamado Chuck, que fora interrompido no meio de alguma tarefa doméstica e cheirava levemente a desinfetante.

Depois, voltaram para o carro e Keating perguntou:

– Quer que eu dirija, se estiver cansada?

Ela respondeu:

– Não, eu dirijo.

A estrada para a cidade atravessava campos marrons, onde cada elevação no solo tinha um tom de vermelho gasto no lado voltado para oeste. Uma neblina púrpura começava a envolver as franjas dos campos, e havia uma faixa imóvel de fogo no céu. Poucos carros passavam por eles, como formas marrons, ainda visíveis. Outros tinham os faróis acesos, duas manchas amarelas inquietantes.

Keating observava a estrada. Ela parecia estreita, um pequeno traço no meio do para-brisa, emoldurado por terra e colinas, tudo isso contido dentro do retângulo de vidro diante dele. Mas a estrada alongava-se à medida que o para-brisa avançava velozmente. A estrada preenchia o vidro, corria por cima de suas beiradas, abria-se para deixá-los passar, passando em duas faixas cinza pelos lados do carro. Ele pensou que era uma corrida e esperou para ver o para-brisa vencer, para ver o carro se chocar contra aquele pequeno traço, antes que ele tivesse tempo de se alongar.

– Onde vamos morar agora, a princípio? – perguntou ele. – Na sua casa ou na minha?

– Na sua, é claro.

– Eu prefiro me mudar para a sua.

– Não. Eu vou fechar a minha casa.

– Não é possível que você goste do meu apartamento.

– Por que não?

– Não sei. Não combina com você.

– Eu vou gostar.

Permaneceram em silêncio por algum tempo, e então ele perguntou:

– Como vamos anunciar isto agora?

– Da forma que você desejar. Eu deixo por sua conta.

Estava ficando ainda mais escuro, e ela acendeu os faróis do carro. Ele observava as placas de trânsito, pequenas manchas baixas ao lado da estrada que subitamente ganhavam vida conforme se aproximavam, com as mensagens “Curva à esquerda”, “Cruzamento”, em pontos de luz que pareciam conscientes, malévolos, piscando.

Eles prosseguiram em silêncio, mas agora não havia nenhum elo em seu silêncio. Não estavam indo juntos rumo a um desastre. Este já acontecera, e a coragem deles não importava mais. Ele sentia-se perturbado e incerto, como

sempre se sentia na presença de Dominique Francon.

Virou-se um pouco para olhá-la. Ela mantinha os olhos fixos na estrada. Seu perfil ao vento frio estava sereno, remoto e adorável, de uma forma que era difícil de suportar. Ele olhou para as mãos dela, cobertas pelas luvas, segurando firme o volante, uma de cada lado. Olhou para o pé delicado dela sobre o acelerador, e seus olhos subiram, seguindo a linha da perna dela. Seu olhar permaneceu no triângulo estreito da saia cinza justa que ela vestia. De repente ele percebeu que tinha o direito de pensar o que estava pensando.

Pela primeira vez, essa consequência do casamento lhe ocorreu completa e conscientemente. Foi então que ele soube que sempre quisera essa mulher, que era o tipo de sentimento que ele teria por uma prostituta, só que era duradouro, impotente e perverso. Minha esposa, pensou ele pela primeira vez, sem nenhum traço de respeito na palavra. Sentiu um desejo tão violento que, se fosse verão, ele teria ordenado que ela parasse o carro no acostamento e a teria possuído ali mesmo.

Passou um dos braços por cima do encosto do banco e ao redor dos ombros dela, com os dedos mal tocando-a. Ela não se mexeu nem resistiu, nem virou-se para olhá-lo. Ele retirou o braço e ficou olhando para a frente.

– Sra. Keating – disse ele, sem alterar a voz, sem se dirigir a ela, apenas como a declaração de um fato.

– Sra. Peter Keating – corrigiu ela.

Quando pararam em frente ao prédio dele, Peter saltou do carro e segurou a porta para ela, mas ela permaneceu sentada atrás do volante.

– Boa noite, Peter – cumprimentou ela. – Até amanhã.

E acrescentou, antes de a expressão no rosto dele se transformar em um palavrão obscuro:

– Vou mandar minhas coisas para cá amanhã e então discutiremos tudo. Tudo começará amanhã, Peter.

– Aonde você vai?

– Tenho coisas para resolver.

– Mas o que eu direi às pessoas, hoje à noite?

– Diga o que quiser, se desejar dizer alguma coisa.

Ela arrancou com o carro, misturando-se ao trânsito, e foi embora.



Quando Dominique entrou no apartamento de Roark, ele sorriu, não seu leve sorriso habitual de quem reconhece o esperado, mas um sorriso que falava de espera e de dor.

Ele não a via desde o julgamento. Ela saíra do tribunal depois de prestar seu testemunho e não dera notícias desde então. Ele fora até a casa dela, mas a

empregada dissera-lhe que a Srta. Francon não podia vê-lo.

Ela olhou para ele e sorriu. Foi, pela primeira vez, como um gesto de completa aceitação, como se a visão dele resolvesse tudo, respondesse a todas as perguntas, e o significado dela fosse apenas ser uma mulher que olhava para ele.

Ficaram silenciosamente um diante do outro, por um instante, e ela pensou que as palavras mais bonitas eram aquelas que não eram necessárias.

Quando Roark se mexeu, ela disse:

– Não diga nada a respeito do julgamento. Depois.

Quando ele a tomou em seus braços, ela virou o corpo para encontrar o dele de frente, para sentir a largura do peito dele com a largura do seu, a extensão das pernas dele com a extensão das suas, como se estivesse se deitando em cima dele, e seus pés não sentiam nenhum peso, e o que a mantinha de pé era a pressão do corpo dele.

Eles ficaram juntos na cama aquela noite e não sabiam quando estavam dormindo, pois os intervalos de inconsciência exausta eram um ato de união tão intenso quanto os encontros convulsivos de seus corpos.

De manhã, já vestidos, ela ficou observando-o enquanto ele se movimentava pelo apartamento. Viu o relaxamento esgotado dos movimentos dele. Pensou no que havia tirado dele, e o peso de seus pulsos dizia-lhe que sua própria energia estava agora nos nervos dele, como se eles houvessem trocado suas energias.

Ele estava do outro lado da sala, de costas para ela por um momento, quando Dominique disse, com a voz suave e baixa:

– Roark

Ele virou-se para ela como se estivesse esperando por isso e, talvez, como se adivinhasse o resto.

Ela ficou em pé no meio da sala, como o fizera na primeira noite nessa sala, solenemente composta para a realização de uma cerimônia.

– Eu amo você, Roark

Era a primeira vez que ela dizia isso.

Ela viu o reflexo de suas palavras seguintes no rosto dele antes de pronunciá-las:

– Eu me casei ontem. Com Peter Keating.

Teria sido fácil, se ela houvesse visto um homem contorcendo a boca para não emitir qualquer som, cerrando os punhos e torcendo-os, em defesa contra si mesmo. Mas não foi fácil, porque ela não o viu fazendo isso, porém sabia que estava sendo feito, sem o alívio de um gesto físico.

– Roark.. – sussurrou ela docemente, assustada.

Ele falou:

– Eu estou bem.

Depois disse:

– Por favor, espere um pouco... Tudo bem. Continue.

– Roark, antes de conhecê-lo, eu sempre tive medo de ver alguém como você, porque eu sabia que também teria que ver o que vi no banco das testemunhas, e teria que fazer o que eu fiz naquele tribunal. Odiei fazer aquilo, porque defendê-lo foi um insulto a você, e foi um insulto a mim mesma que você tivesse que ser defendido... Roark, eu posso aceitar qualquer coisa, exceto o que parece ser o mais fácil para a maioria das pessoas: o meio-termo, o quase, o aproximado, o intermediário. Talvez elas tenham suas justificativas. Eu não sei. Não quero procurar saber. Sei que é a única coisa que eu não posso entender. Quando penso no que você é, não posso aceitar nenhuma realidade que não seja um mundo do seu tipo. Ou pelo menos um no qual você tenha uma chance de vencer lutando em seus próprios termos. Isso não existe. E eu não posso viver uma vida dividida entre o que existe... e você. Significaria lutar contra coisas e homens que não merecem ser seus oponentes. A sua luta, usando os métodos deles... e esta é uma profanação horrível demais. Significaria fazer por você o que eu fiz por Peter Keating: mentir, bajular, evadir-me, fazer concessões, servir a todo tipo de incompetência, para implorar a eles que lhe deem uma chance, implorar que o deixem viver, o deixem trabalhar, implorar a eles, Roark, não rir deles, mas tremer porque eles detêm o poder de magoá-lo. Será que eu sou fraca demais porque não posso fazer isso? Não sei qual é a força maior: aceitar tudo isso por você, ou amá-lo tanto que o resto se torne inaceitável. Eu não sei. Eu te amo demais.

Ele a encarava, esperando. Ela sabia que ele já havia compreendido isso há muito tempo, mas que tinha que ser dito.

– Você não tem consciência deles. Eu tenho. Não consigo evitar. Eu amo você. O contraste é grande demais. Roark, você não vai vencer, eles vão destruí-lo, mas eu não estarei lá para ver isso acontecer. Eu me destruirei primeiro. É o único gesto de protesto ao meu alcance. O que mais eu poderia lhe oferecer? As coisas que as pessoas sacrificam são tão insignificantes. Eu lhe darei o meu casamento com Peter Keating. Recuso-me a permitir a mim mesma ser feliz no mundo deles. Eu fico com o sofrimento. Essa será a minha resposta a eles, e a minha dádiva a você. Provavelmente eu nunca mais verei você de novo. Não tentarei. Mas eu viverei para você, através de cada minuto e de cada ato vergonhoso que eu realizar. Eu viverei para você do meu jeito, do único jeito que posso.

Roark fez um movimento para falar, e Dominique disse:

– Espere. Deixe-me terminar. Você poderia perguntar por que eu não me mato, então. Porque eu amo você. Porque você existe. Só isso já é tanto que não me permite morrer. E, uma vez que tenho que estar viva para saber que você está, eu viverei no mundo como ele é, da maneira de viver que ele exige. Não em um meio-termo, mas completamente. Não implorando e fugindo dele, mas encarando-o, vencendo-o na dor e na infâmia, sendo a primeira a escolher o pior

que ele pode fazer comigo. Não como a esposa de qualquer ser humano meio decente, mas como a de Peter Keating. E somente dentro de minha própria mente, somente onde nada o puder tocar, mantido sagrado pela parede protetora da minha própria degradação, eu estarei pensando em você e terei o conhecimento da sua existência, e direi “Howard Roark” para mim mesma, de vez em quando, e sentirei que mereci dizer seu nome.

Ela ficou parada diante dele, com o rosto erguido. Seus lábios não estavam apertados, apenas cerrados suavemente, e ainda assim a forma de sua boca era extremamente nítida em seu rosto, uma forma de dor, ternura e resignação.

Ela viu no rosto dele um sofrimento que se tornara velho, como se fosse parte dele havia muito tempo, porque era aceito, e não parecia uma ferida, mas uma cicatriz.

– Dominique, se eu lhe dissesse agora para anular esse casamento imediatamente, para se esquecer do mundo e da minha luta, para não sentir nenhuma raiva, nenhuma preocupação, nenhuma esperança, e somente existir para mim, pela minha necessidade de ter você, como minha esposa, como minha propriedade...?

Roark viu no rosto dela o que ela havia visto no dele quando lhe contara sobre o casamento, mas ele não estava com medo e observou-o com serenidade. Depois de algum tempo ela respondeu, e as palavras não vieram de seus lábios, mas como se estes fossem forçados a recolhê-las de algum ponto fora dela.

– Eu obedeceria a você.

– Agora você entende por que eu não vou lhe dizer isso. Não vou tentar detê-la. Eu amo você, Dominique.

Ela fechou os olhos, e ele prosseguiu:

– Você prefere não ouvir isso agora? Mas eu quero que ouça. Nós nunca precisamos dizer nada um ao outro quando estamos juntos. Isto é... para o tempo em que não estaremos juntos. Eu amo você, Dominique. De uma forma tão egoísta quanto o fato de eu existir. Do mesmo modo tão egoísta como os meus pulmões respiram. Eu respiro por minha própria necessidade, pelo combustível necessário ao meu corpo, pela minha sobrevivência. Eu lhe dei não o meu sacrifício ou a minha piedade, mas o meu ego e a minha necessidade nua e crua. Essa é a única forma em que você pode desejar ser amada. É a única maneira em que eu posso querer que você me ame. Se você se casasse comigo agora, eu me tornaria a totalidade da sua existência. Mas eu não iria querer você assim. Você não iria querer a si mesma, e, portanto, não me amaria por muito tempo. Para dizer “Eu te amo” é preciso primeiro saber como dizer o “Eu”. O tipo de entrega que eu poderia ter de você agora não me daria nada além de uma casca vazia. Se exigisse isso, eu destruiria você. É por isso que não vou detê-la. Vou deixá-la ir para o seu marido. Não sei como vou sobreviver a esta noite, mas vou sobreviver. Eu a quero inteira, assim como eu sou, assim como você

permanecerá na batalha que escolheu. Uma batalha nunca é altruísta.

Na tensão controlada das palavras dele, ela ouviu que era mais difícil para Roark dizê-las do que para ela escutá-las. Portanto, ela escutou.

– Você deve aprender a não ter medo do mundo. A não ficar à mercê dele como você está agora. A nunca ser magoada por ele como você foi naquele tribunal. Eu tenho que deixá-la aprender. Não posso ajudá-la. Você tem que encontrar seu próprio caminho. Quando houver encontrado, você vai voltar para mim. Eles não vão me destruir, Dominique. E não vão destruí-la. Você vai vencer, porque escolheu a maneira mais difícil de lutar e se libertar do mundo. Eu esperarei por você. Eu amo você. Estou dizendo isso agora por todos os anos que teremos que esperar. Eu amo você, Dominique.

Ele beijou-a e deixou-a partir.

ÀS NOVE HORAS, NAQUELA MANHÃ, Peter Keating estava andando de um lado a outro de seu quarto, com a porta trancada. Esquecera-se de que eram nove horas e que Catherine estava esperando por ele. Forçara-se a esquecer-se dela e de tudo o que ela significava.

A porta de seu quarto estava trancada para protegê-lo de sua mãe. Na noite passada, vendo sua inquietação furiosa, ela o obrigara a contar a verdade. Ele dissera-lhe bruscamente que se casara com Dominique Francon e acrescentara uma explicação vaga sobre Dominique ter saído da cidade para anunciar o casamento a algum parente idoso. Sua mãe ficara tão distraída com exclamações de deleite e com perguntas que ele conseguira não responder nada de concreto e disfarçar seu pânico. Ele não tinha certeza de que realmente tinha uma esposa, e de que ela voltaria para ele agora de manhã.

Proibira a mãe de espalhar a notícia, mas ela dera alguns telefonemas na noite passada e mais alguns essa manhã, e agora o telefone estava tocando constantemente, com vozes entusiasmadas que perguntavam “É verdade?”, jorrando sons de surpresa e felicitações. Keating podia ver a notícia se propagando pela cidade em ondas cada vez mais amplas, através dos nomes e das posições sociais das pessoas que telefonavam. Parecia-lhe que cada esquina de Nova York estava transbordando de festejos e que só ele, escondido no caixote à prova d’água de seu quarto, estava frio, perdido e horrorizado.

Era quase meio-dia quando a campainha soou, e ele tapou os ouvidos com as mãos para não saber quem era e o que queria. Então ouviu a voz de sua mãe, tão estridente de alegria que parecia constrangedoramente tola:

– Petey querido, não quer vir aqui beijar sua esposa?

Ele saiu correndo para o hall, e lá estava Dominique, tirando seu casaco macio de vison, a pele lançando às narinas dele uma onda do ar frio da rua com um vestígio de seu perfume. Ela estava sorrindo apropriadamente, encarando-o e dizendo:

– Bom dia, Peter.

Ele ficou parado e indeciso por um momento, e naquele instante reviveu todos os telefonemas e sentiu o triunfo ao qual eles lhe davam direito. Moveu-se como um homem na arena de um estádio lotado, sorriu, como se sentisse um raio de luz tocando as rugas de seu sorriso, e disse:

– Dominique, minha querida, isto é como um sonho que se tornou realidade!

A dignidade da compreensão condenada que existira entre eles havia desaparecido, e seu casamento agora era o que fora planejado para ser.

Ela parecia contente com isso. Comentou:

– Eu sinto muito que você não tenha podido me carregar porta adentro, Peter.

Ele não a beijou, mas pegou sua mão e beijou seu braço, acima do pulso, em

um gesto de ternura informal e íntima.

Viu sua mãe em pé ali e disse com um gesto elegante de triunfo:

– Mãe, Dominique Keating.

Viu sua mãe beijando-a. Dominique retribuiu o beijo com um gesto solene. A Sra. Keating estava dizendo sofregamente:

– Minha querida, eu estou tão feliz, tão feliz, Deus a abençoe, eu não tinha ideia de que você era tão linda!

Ele não sabia o que fazer a seguir, mas Dominique assumiu o comando, simplesmente, não lhes dando tempo para pensar. Ela entrou na sala de estar e disse:

– Vamos almoçar primeiro, e depois você me mostra o apartamento, Peter. Minhas coisas vão chegar dentro de mais ou menos uma hora.

A Sra. Keating disse, radiante:

– O almoço já está preparado para três, Srta. Fran... – Interrompeu-se. – Oh, meu Deus, como devo chamá-la, meu bem? Sra. Keating, ou...

– Dominique, é claro – respondeu ela, sem sorrir.

– Nós não vamos anunciar, convidar ninguém, nem...? – começou Keating, mas Dominique disse:

– Depois, Peter. A notícia se anunciará sozinha.

Mais tarde, quando sua bagagem chegou, ele a viu entrar em seu quarto sem nenhuma hesitação. Ela instruiu a empregada sobre como pendurar suas roupas e pediu a ele que a ajudasse a reorganizar o conteúdo dos armários.

A Sra. Keating parecia confusa.

– Mas, crianças, vocês não vão viajar? É tudo muito repentino e romântico, mas ... não vai haver nenhum tipo de lua de mel?

– Não – respondeu Dominique. – Eu não quero afastar Peter de seu trabalho.

Ele disse:

– Isto é temporário, é claro, Dominique. Teremos que nos mudar para outro apartamento, um maior que este. Quero que você o escolha.

– Ora, não – disse ela. – Não acho que seja necessário. Nós vamos ficar aqui.

– Eu me mudo para outro lugar – ofereceu a Sra. Keating generosamente, sem pensar, impelida por um medo arrebatador de Dominique. – Vou arranjar um lugar pequeno para mim.

– Não – discordou Dominique. – Eu prefiro que a senhora não faça isso. Não quero mudar nada. Quero me encaixar na vida do Peter exatamente como ela é.

– Isso é tão gentil de sua parte!

A Sra. Keating sorriu, enquanto Peter pensava, entorpecido, que Dominique não estava sendo gentil de jeito nenhum.

A Sra. Keating sabia que, quando se recuperasse, odiaria sua nora. Ela poderia ter aceitado ser desprezada, mas não podia perdoar a cortesia formal de Dominique.

O telefone tocou. O projetista principal de Keating no escritório deu seus parabéns e disse:

– Acabamos de saber, Peter, e o Guy está completamente atordoado. Eu acho que você deveria ligar para ele ou vir até aqui, ou fazer algo.

Keating correu para o escritório, contente de escapar de sua casa por algum tempo. Entrou no local como a imagem perfeita de um jovem amante radiante. Riu e apertou mãos na sala de desenho, em meio a felicitações ruidosas, gritos alegres de inveja e umas poucas referências obscenas. Depois, seguiu apressado para a sala de Francon.

Por um instante, sentiu-se estranhamente culpado quando entrou e viu o sorriso no rosto de Francon, um sorriso que parecia uma bênção. Bateu afetuosamente nos ombros dele e murmurou:

– Estou tão feliz, Guy, estou tão feliz..

– Eu sempre esperei isso – disse Francon, sereno –, mas agora eu sinto que está certo. Agora é correto que deva ser tudo seu, Peter, tudo, esta sala e tudo o mais, logo.

– Do que você está falando?

– Vamos, você sempre entende. Estou cansado, Peter. Sabe, chega uma hora em que você se cansa de vez e então... Não, você não saberia, é jovem demais. Mas que diabos, Peter, para que sirvo eu aqui? O engraçado é que eu não ligo mais nem para fingir que tenho alguma utilidade... Gosto de ser honesto, às vezes. É um tipo de sentimento agradável... Bem, de qualquer forma, pode demorar mais um ou dois anos, mas depois eu vou me aposentar. E então será tudo seu. Pode ser que eu me divirta ficando por aqui só mais um pouquinho... sabe, eu amo este lugar de verdade... é tão movimentado, teve tanto sucesso, as pessoas nos respeitam. Francon & Heyer foi uma boa firma, não foi? Que diabos eu estou dizendo? Francon & Keating. E depois será somente Keating... Peter – perguntou ele, em voz baixa –, por que você não parece feliz?

– É claro que estou feliz, estou muito agradecido e tudo, mas por que cargas-d'água você deveria pensar em se aposentar agora?

– Não foi isso que eu quis dizer. Eu quis dizer: por que você não parece feliz quando eu digo que a firma será sua? Eu... eu gostaria que você ficasse feliz com isso, Peter.

– Pelo amor de Deus, Guy, você está sendo mórbido, você está...

– Peter, é muito importante para mim que você fique feliz com o que eu vou lhe deixar. Que você tenha orgulho disto. E você tem, não tem, Peter? Tem?

– Bem, quem não teria orgulho disto? – Ele não olhou para Francon. Não podia suportar o tom de súplica na voz daquele homem.

– Sim, quem não teria? É claro... E você tem, não é, Peter?

– O que você quer? – perguntou Peter em tom ríspido, irritado.

– Quero que você tenha orgulho de mim, Peter – disse Francon humilde,

simples e desesperadamente. – Quero saber que eu realizei alguma coisa. Quero sentir que teve algum significado. Na hora do balanço final, eu quero ter certeza de que não foi tudo... por nada.

– Você não tem certeza disso? Você não tem certeza? – Os olhos de Keating estavam mortíferos, como se Francon representasse um perigo repentino para ele.

– Qual é o problema, Peter? – perguntou Francon amavelmente, quase com indiferença.

– Seu maldito, você não tem o direito... de não ter certeza! Na sua idade, com o seu nome, o seu prestígio, o seu...

– Eu quero ter certeza, Peter. Trabalhei muito duro.

– Mas você não tem certeza!

Ele estava furioso e assustado, portanto queria magoar e soltou aquilo que podia ferir mais, esquecendo-se de que aquilo magoava a ele mesmo, não a Francon, que este não saberia, nunca soubera nem poderia adivinhar:

– Bem, eu conheço alguém que terá certeza, no fim da vida dele, que terá uma maldita certeza tão grande que eu gostaria de cortar a garganta dele por isso!

– Quem? – perguntou Francon calmamente, sem interesse.

– Guy! Guy, o que está havendo conosco? Do que estamos falando?

– Eu não sei – disse Francon. Ele parecia cansado.

Naquela noite, Francon foi jantar na casa de Keating. Ele estava vestido com elegância e brilhou momentaneamente com seu antigo cavalheirismo quando beijou a mão da Sra. Keating. Porém estava sério quando deu os parabéns a Dominique e encontrou poucas palavras para dizer. Seus olhos tinham um ar de súplica quando ergueu os olhos para fitar o rosto dela. Em vez do deboche vivaz e cortante que esperara dela, ele viu uma súbita compreensão. Ela não disse nada, mas inclinou-se e beijou-o na testa, mantendo seus lábios encostados docemente na testa dele por um segundo a mais do que o exigido pela formalidade. Ele sentiu-se inundado por uma sensação terna de gratidão, e em seguida ficou amedrontado.

– Dominique – cochichou ele, para que os outros não pudessem ouvi-lo –, você deve estar tremendamente feliz...

Ela riu alegremente, pegando no braço dele:

– Não, pai. Ora, como pode dizer isso?

Ele murmurou:

– Perdoe-me. Eu sou um idiota... Isto é realmente maravilhoso.

Os convidados continuavam chegando, naquela noite, sem terem sido chamados e sem ter avisado – todos os que haviam escutado a notícia e que sentiam que tinham o privilégio de poder aparecer. Keating não sabia se estava contente em vê-los ou não. Parecia que estava tudo bem, enquanto durasse a alegre confusão. Dominique comportava-se de forma primorosa. Ele não

detectou um vestígio sequer de sarcasmo em sua atitude.

Já era tarde quando o último convidado partiu e eles ficaram sozinhos entre os cinzeiros cheios e os copos vazios. Estavam sentados em lados opostos da sala, e Keating tentava adiar o momento de pensar no que tinha que pensar agora.

– Muito bem, Peter – disse Dominique –, vamos acabar logo com isso.

Deitado no escuro ao lado dela, seu desejo satisfeito e, ao mesmo tempo, deixado mais faminto do que nunca pelo corpo imóvel que não havia reagido, nem mesmo com repugnância. Sentindo-se vencido no único ato de dominação que havia esperado impor a ela, as primeiras palavras que ele sussurrou foram:

– Maldita seja você!

Ele não a ouviu fazer movimento algum.

Então lembrou-se da descoberta que os momentos de paixão haviam temporariamente apagado de sua mente.

– Quem foi ele? – perguntou.

– Howard Roark – respondeu ela.

– Está bem – disse ele bruscamente –, não precisa me contar se não quiser!

Ele acendeu a luz. Viu-a deitada imóvel, nua, com a cabeça inclinada para trás. O rosto dela estava sereno, inocente, limpo. Ela disse, olhando para o teto, com a voz calma:

– Peter, se eu pude fazer isso... posso fazer qualquer coisa agora...

– Se acha que vou incomodá-la com frequência, se essa é a sua ideia de...

– Tão frequentemente ou tão raramente quanto desejar, Peter.



Na manhã seguinte, ao entrar na sala de jantar para tomar o café da manhã, Dominique viu uma caixa de flores comprida e branca sobre seu prato.

– O que é isso? – perguntou ela à empregada.

– Foi trazida esta manhã, madame, com instruções para que fosse colocada na mesa do café da manhã.

A caixa estava endereçada à Sra. Peter Keating. Dominique abriu-a. Continha alguns ramos de lilases brancos, mais extravagantes e luxuosos do que orquídeas, nessa época do ano. Havia um pequeno cartão, com um nome escrito em letras grandes que ainda mantinham a impressão do movimento elegante da mão, como se as letras estivessem rindo em cima do papel: “Ellsworth M. Toohey”.

– Que simpático! – disse Keating. – Eu estava me perguntando por que não havíamos tido notícias dele ontem.

– Por favor, coloque-as na água, Mary – disse Dominique, entregando a caixa à empregada.

À tarde, Dominique telefonou para Toohey e convidou-o para jantar.

O jantar aconteceu alguns dias depois. A mãe de Keating alegou ter um

compromisso assumido anteriormente e escapou pelo resto da noite. Justificou a situação a si mesma acreditando que apenas precisava de tempo para se acostumar com as coisas. Portanto, só havia três lugares postos à mesa de jantar, com velas em castiçais de cristal e um centro de mesa de flores azuis e bolhas de vidro.

Quando Toohey entrou, inclinou-se para seus anfitriões de forma apropriada a uma recepção em uma corte real. Dominique tinha a aparência de uma anfitriã da sociedade que sempre fora apenas isso e que não se poderia imaginar como sendo qualquer outra coisa.

– Bem, Ellsworth, e então? – perguntou Keating, com um gesto que incluía o hall, o ar e Dominique.

– Meu caro Peter – disse Toohey –, vamos deixar o óbvio de lado.

Dominique conduziu-os à sala de visitas. Vestia um conjunto de noite, uma blusa branca de cetim que tinha o corte de uma camisa masculina, e uma saia longa preta, reta e simples como a superfície brilhante de seu cabelo. A faixa estreita da saia ao redor de sua cintura parecia afirmar que duas mãos poderiam rodeá-la completamente, ou quebrar seu corpo ao meio sem muito esforço. As mangas curtas deixavam seus braços nus e ela usava uma pulseira lisa de ouro, grande e pesada demais para seu pulso fino. Ela tinha a aparência da elegância transformada em perversão, uma aparência de maturidade sábia e perigosa, alcançada por parecer uma garota muito jovem.

– Ellsworth, não é maravilhoso? – perguntou Keating, observando Dominique como quem observa uma conta bancária gorda.

– Não menos do que eu esperava – respondeu Toohey. – E não mais.

Durante o jantar, o anfitrião foi quem mais falou. Parecia estar possuído por um acesso de loquacidade. Ele se entregava às palavras com o abandono sensual de um gato se espreguiçando.

– Na verdade, Ellsworth, foi Dominique quem o convidou. Eu não lhe pedi que o fizesse. Você é o nosso primeiro convidado formal, e eu acho isso maravilhoso. Minha esposa e meu melhor amigo. Eu sempre tive uma suspeita boba de que vocês dois não gostavam um do outro. Só Deus sabe onde eu arrumo essas ideias. Mas é isto que me faz tão feliz, nós três, juntos.

– Então você não acredita na matemática, acredita, Peter? – disse Toohey. – Por que ficar surpreso? Certos números, quando combinados, têm que dar determinados resultados. Dadas três entidades como Dominique, você e eu, esta tinha que ser a soma inevitável.

– Dizem que três é demais, uma multidão – comentou Keating, rindo. – Mas isso é uma bobagem. Dois é melhor do que um, e às vezes três é melhor do que dois, tudo depende.

– A única coisa errada com esse velho clichê – disse Toohey – é a conclusão equivocada de que “multidão” seja um termo vergonhoso. É justamente o

oposto, como você está descobrindo com tanta alegria. Eu poderia acrescentar que três é um número místico crucial. Como, por exemplo, a Santíssima Trindade. Ou o triângulo amoroso, sem o qual não teríamos a indústria do cinema. Há tantas variações de triângulos, nem todas necessariamente infelizes. Como nós três, eu servindo de substituto da hipotenusa, uma substituição bastante apropriada, visto que estou no lugar do meu antípoda. Você não acha, Dominique?

Eles estavam terminando a sobremesa quando Keating teve que atender um telefonema. Sua voz impaciente podia ser ouvida na sala ao lado, dando instruções, rispidamente, ao desenhistas que estava trabalhando até tarde em um projeto urgente e que precisava de ajuda. Toohy virou-se, olhou para Dominique e sorriu. O sorriso dizia tudo o que o comportamento dela não permitira que fosse dito antes. Não houve nenhum movimento visível no rosto dela, enquanto ela fitava seus olhos, mas houve uma mudança de expressão, como se ela estivesse confirmando o que ele queria dizer com o sorriso, em vez de se recusar a entendê-lo. Ele teria preferido o olhar fechado de uma recusa. A aceitação era infinitamente mais desdenhosa.

– Então, está de volta ao rebanho, Dominique?

– Estou, Ellsworth.

– Nada mais de pedidos de clemência?

– Por acaso parece que eles serão necessários?

– Não. Eu a admiro, Dominique... Você está gostando? Eu imagino que Peter não deve ser nada mau, embora não seja tão bom quanto o homem em que nós dois estamos pensando, que provavelmente é o máximo. Mas você nunca terá a chance de saber.

Ela não pareceu enojada, apenas genuinamente confusa.

– Do que você está falando, Ellsworth?

– Ora, vamos, minha cara, já passamos da fase do fingimento, não é mesmo? Você está apaixonada por Roark desde o primeiro momento em que o viu, na sala de visitas da Kiki Holcombe. Ou devo ser honesto? Você queria dormir com ele, mas ele não aceitaria nem cuspir em você, e daí vem todo o seu comportamento subsequente.

– Foi isso que você pensou? – perguntou ela, tranquila.

– Não era óbvio? A mulher rejeitada. Tão óbvio quanto o fato de que Roark tinha que ser o homem que você iria querer. E que você o iria querer da forma mais primitiva. E que ele nunca nem saberia da sua existência.

– Eu superestimei você, Ellsworth – disse ela. Dominique perdera todo o interesse na presença dele, até mesmo a necessidade de cautela. Parecia entediada. Ele franziu as sobrancelhas, intrigado.

Peter voltou. Toohy deu-lhe um tapa no ombro quando o dono da casa passou por ele para sentar-se em sua cadeira.

– Antes de ir, Peter, precisamos ter uma conversinha sobre a reconstrução do Templo Stoddard. Quero que você estupe aquilo também.

– Ellsworth! – exclamou ele, chocado.

Toohey deu uma gargalhada.

– Não se ofenda, Peter. É só uma piadinha vulgar da profissão. Dominique não vai se importar. Ela é uma ex-jornalista.

– Qual é o problema, Ellsworth? – perguntou Dominique. – Está muito desesperado? As suas armas não estão à altura do seu padrão habitual.

Ela se levantou.

– Vamos tomar o café na sala de visitas?



Hopton Stoddard adicionou uma quantia generosa à indenização que recebera de Roark e o Templo Stoddard foi reconstruído, para servir ao seu novo propósito, por um grupo de arquitetos escolhidos por Ellsworth Toohey: Peter Keating, Gordon L. Prescott, John Erik Snyte e alguém chamado Gus Webb, um rapaz de 24 anos que gostava de proferir obscenidades quando passava por mulheres finas na rua e que nunca havia lidado com um projeto próprio de arquitetura. Três desses homens tinham uma posição social e profissional. Webb não tinha nenhuma. Toohey incluíra-o por essa razão. Dos quatro, Webb era o que tinha a voz mais alta e a maior autoconfiança. O jovem dizia que não tinha medo de nada. Ele falava sério. Todos eles eram membros do Conselho dos Construtores Americanos.

O Conselho havia crescido. Depois do julgamento do processo de Stoddard, muitas discussões sérias foram travadas informalmente nas salas da Associação Americana de Arquitetos. A atitude da AAA em relação a Ellsworth Toohey não havia sido cordial, sobretudo desde a criação de seu Conselho. Mas o julgamento provocara uma mudança sutil. Muitos membros chamavam a atenção para o fato de que o artigo em “Uma Pequena Voz” havia de fato causado o processo Stoddard, e que um homem que podia forçar clientes a processar era um homem que devia ser tratado com cautela. Portanto, sugeriu-se que Ellsworth Toohey deveria ser convidado a discursar na AAA, em um de seus almoços. Alguns membros se opuseram, entre eles Guy Francon. O opositor mais veemente foi um jovem arquiteto que fez um discurso eloquente, com a voz tremendo de constrangimento por falar em público pela primeira vez. Ele disse que admirava Toohey e sempre havia concordado com suas ideias sociais, mas, se um grupo de pessoas sentia que uma outra estava adquirindo poder sobre elas, esse era o momento de lutar contra ela. A maioria rejeitou o seu argumento. Ellsworth Toohey foi convidado a falar no almoço, o comparecimento foi enorme e ele fez um discurso espirituoso e benevolente. Muitos membros da AAA entraram para

o Conselho dos Construtores Americanos, sendo John Erik Snyte um dos primeiros.

Os quatro arquitetos encarregados da reconstrução do Templo Stoddard reuniram-se no escritório de Keating, ao redor de uma mesa sobre a qual espalharam plantas do templo, fotografias dos desenhos originais de Roark, obtidas com o empreiteiro, e um modelo em argila que Keating havia mandado fazer. Eles conversaram sobre a Depressão e seu efeito catastrófico na indústria da construção civil; também conversaram sobre mulheres, e Gordon L. Prescott contou algumas piadas de baixo nível. De repente, Gus Webb ergueu um dos punhos e baixou-o com toda a força sobre o telhado do modelo, que não estava completamente seco e desmanchou-se, virando uma massa achatada.

– Bem, rapazes – disse ele –, vamos trabalhar.

– Gus, seu filho da puta! – exclamou Keating. – Essa coisa custou dinheiro.

– Que se dane! – falou Gus. – Não somos nós que vamos pagar.

Cada um deles tinha um conjunto de fotografias dos esboços originais, com a assinatura “Howard Roark” visível no canto. Passaram muitas noites e várias semanas desenhando suas próprias versões, diretamente em cima dos originais, refazendo e melhorando. Levaram mais tempo do que o necessário. Fizeram mais mudanças do que era preciso. Pareciam sentir prazer em fazer as alterações. Depois, juntaram as quatro versões e fizeram uma combinação cooperativa. Nenhum deles jamais havia gostado tanto de um projeto. Tinham conferências longas e amigáveis. Houve pequenas desavenças, como quando Gus Webb disse:

– Que diabos, Gordon, se você vai ficar com a cozinha, então eu tenho que ficar com os banheiros.

Mas essas eram só pequenas ondas na superfície. Havia um sentimento de unidade e uma afeição ansiosa entre eles, o tipo de irmandade que faz com que um homem prefira aguentar a tortura a dedurar a gangue.

O Templo Stoddard não foi demolido, mas sua estrutura foi dividida em cinco andares contendo dormitórios, salas de aula, enfermaria, cozinha, lavanderia. O saguão de entrada ganhou um piso de mármore colorido, as escadarias receberam balaustradas de alumínio batido à mão, os boxes dos banheiros eram de vidro, as salas de recreação tinham pilastras em estilo coríntio decoradas com folhas douradas. As janelas enormes foram deixadas intactas, apenas interrompidas pelas lajes dos andares.

Os quatro arquitetos decidiram alcançar um efeito de harmonia e, portanto, não usar nenhum estilo histórico em sua forma pura. Peter Keating projetou o pórtico semidórico de mármore branco, que se erguia sobre a entrada principal, e as sacadas no estilo veneziano, para as quais novas portas foram acrescentadas. John Erik Snyte projetou o pequeno pináculo semigótico, com uma cruz no topo, e os frisos com folhas de acanto estilizadas que foram entalhados no calcário das

paredes. Gordon L. Prescott projetou a cornija semirrenascentista e o terraço rodeado por paredes de vidro que se projetava do terceiro andar. Gus Webb projetou um ornamento cubista para emoldurar as janelas originais e também o moderno letreiro de neon do telhado, no qual se lia: “Lar Hopton Stoddard para Crianças Deficientes”.

– Quando a revolução acontecer – comentou Gus Webb, olhando para a estrutura terminada –, todas as crianças do país terão um lar como este!

A forma original do prédio permaneceu discernível. Não parecia um corpo cujos fragmentos haviam sido piedosamente espalhados, e sim um corpo cortado em pedaços e depois remontado.

Em setembro, os ocupantes do Lar se mudaram para lá. Toohey escolheu uma equipe pequena e especializada. Foi mais difícil encontrar crianças que se qualificassem para ocupá-lo. A maioria delas teve que ser retirada de outras instituições. Sessenta e cinco crianças, com idades que variavam dos 3 aos 15 anos, foram escolhidas por senhoras zelosas e cheias de bondade, que naturalmente fizeram questão de rejeitar as crianças que tinham chance de cura e selecionar apenas os casos sem esperança. Havia um garoto de 15 anos que nunca aprendera a falar; uma criança que estava sempre sorrindo, mas que não conseguia aprender a ler ou escrever; uma menina que nascera sem nariz, cujo pai era também seu avô; uma pessoa chamada “Jackie”, cuja idade e sexo eram indefiníveis. Eles entraram em seu novo lar com olhares fixos e vagos – o olhar da morte –, diante do qual nenhum mundo existia.

Nas noites quentes, as crianças dos cortiços das redondezas entravam no parque do Lar Stoddard e fitavam, com olhares desejosos, as salas de recreação, o ginásio, a cozinha do outro lado das janelas grandes. Essas crianças tinham roupas e rostos sujos, corpos pequenos e ágeis, sorrisos impertinentes e olhos vivos, cheios de uma inteligência estrondosa, soberba e exigente. As senhoras encarregadas do Lar corriam atrás delas, expulsando-as com exclamações furiosas, chamando-as de “pequenos gângsteres”.

Uma vez por mês, uma delegação de patrocinadores vinha visitar o Lar. Era um grupo distinto cujos nomes estavam em muitos registros exclusivos, embora nenhuma conquista pessoal jamais os tivesse colocado lá. Era um grupo de casacos de vison e presilhas de diamantes. De vez em quando, surgia entre eles um charuto de um dólar ou um chapéu-coco lustroso, comprado em uma loja inglesa. Ellsworth Toohey estava sempre presente para mostrar-lhes o Lar. A inspeção fazia os casacos de vison parecerem mais quentes e aqueles que os vestiam parecerem ter um direito incontestável a eles, uma vez que evidenciava superioridade aliada a virtude altruísta, numa demonstração mais eloquente do que uma visita a um necrotério. Ao fim de tais inspeções, Toohey recebia elogios humildes ao trabalho maravilhoso que estava fazendo e não tinha nenhuma dificuldade em obter cheques para suas outras atividades humanitárias, como as

publicações, as palestras, os debates no rádio e a Oficina de Estudos Sociais.

Catherine Halsey ficou encarregada da terapia ocupacional das crianças e mudou-se para o Lar como uma ocupante permanente. Aplicou-se em seu trabalho com uma dedicação feroz. Falava sobre ele insistentemente a qualquer pessoa que se dispusesse a ouvir. Sua voz era seca e arbitrária. Quando falava, os movimentos de sua boca escondiam as duas linhas que haviam aparecido recentemente em seu rosto, estendendo-se das narinas até o queixo. As pessoas preferiam que ela não tirasse os óculos; não era bom ver seus olhos. Ela falava em tom hostil sobre seu trabalho não ser caridade, mas “regeneração humana”.

O momento mais importante de seu dia era a hora reservada às atividades artísticas das crianças, conhecida como o “período criativo”. Havia uma sala especial para esse fim – uma sala com vista para a linha do horizonte da cidade –, onde as crianças recebiam materiais e eram incentivadas a criar livremente, sob a orientação de Catherine, que as vigiava como um anjo presidindo um nascimento.

Ela ficou cheia de alegria no dia em que Jackie, a criança menos promissora de todas, conseguiu realizar um trabalho completo de imaginação. Jackie pegou punhados de tiras de feltro coloridas e um pote de cola e levou-os para um canto da sala. Nele havia uma saliência oblíqua que se projetava da parede – que havia sido recoberta de gesso e pintada de verde –, deixada pela modelagem que Roark fizera no interior do templo e que antes servira para controlar a diminuição da luz durante o pôr do sol. Catherine aproximou-se de Jackie e viu, espalhada sobre a saliência, a forma de um cachorro, marrom com manchas azuis e cinco patas. Jackie tinha uma expressão de orgulho.

– Vejam só isto. Estão vendo? – perguntou Catherine às suas colegas. – Não é maravilhoso e tocante? É imprevisível o que uma criança pode realizar com o incentivo apropriado. Pensem no que acontece às suas pequenas almas se seus instintos criativos forem frustrados! É tão importante não lhes negar a oportunidade de autoexpressão! Vocês viram a cara de Jackie?



A estátua de Dominique fora vendida. Ninguém sabia quem a comprara. Fora adquirida por Ellsworth Toohey.



O escritório de Roark encolhera mais uma vez para uma única sala. Depois que terminou o Edifício Cord, ele não encontrou nenhum trabalho. A Depressão aniquilara o ramo da construção. Ninguém tinha muito trabalho. Diziam que era o fim dos arranha-céus. Os arquitetos estavam fechando seus escritórios.

Uns poucos projetos ainda pingavam, de vez em quando, e um grupo de arquitetos pairava ao redor deles com a dignidade de quem está em uma fila para pedir pão. Entre eles, havia homens como Ralston Holcombe, indivíduos que nunca tinham implorado e que costumavam pedir referências antes de aceitar um cliente. Quando Roark tentava conseguir um projeto, era rejeitado de um modo que significava que, se ele tinha tamanha falta de noção, ser educado era um desperdício. Empresários cautelosos diziam:

– Roark? O herói dos tabloides? O dinheiro anda muito escasso hoje em dia para desperdiçá-lo em processos judiciais depois.

Ele pegou alguns trabalhos de reformas de pensões, uma tarefa que não envolvia mais do que erguer divisórias e reorganizar o encanamento.

– Não aceite isso, Roark – disse Austen Heller, indignado. – Que audácia infernal oferecer a você esse tipo de trabalho! Depois de um arranha-céu como o Edifício Cord, depois da Residência Enright.

– Eu aceito qualquer coisa – falou Roark.

A indenização do caso Stoddard havia lhe custado mais do que ele recebera pelo Edifício Cord, mas ele havia economizado o suficiente para sobreviver por algum tempo. Pagava o aluguel de Mallory e a maioria das frequentes refeições que faziam juntos.

O escultor tentara protestar.

– Cale a boca, Steve – dissera Roark – Não estou fazendo isso por você. Em uma época como esta, eu devo a mim mesmo alguns luxos. Então, simplesmente estou comprando a coisa mais valiosa que pode ser comprada: o seu tempo. Estou competindo com um país inteiro, e este é um luxo e tanto, não é? Eles querem que você faça plaquinhas com bebês, e eu não quero, e prefiro que a minha vontade seja feita, não a deles.

– Em que você quer que eu trabalhe, Howard?

– Quero que você trabalhe sem perguntar a ninguém em que quer que você trabalhe.

Austen Heller ficou sabendo, por intermédio de Mallory, e foi falar com Roark em particular.

– Se você o está ajudando, por que não me deixa ajudar você?

– Eu deixaria, se você pudesse – respondeu Roark – Mas não pode. Ele só precisa de tempo. Ele pode trabalhar sem clientes. Eu não posso.

– É engraçado ver você fazendo papel de altruísta.

– Não precisa me insultar. Não é altruísmo. Mas vou lhe dizer o seguinte: a maioria das pessoas diz que se preocupa com o sofrimento dos outros. Eu não me preocupo. Entretanto, há uma coisa que não consigo entender. A maioria delas não passaria direto se visse um homem sangrando à beira de uma estrada, dilacerado por um motorista que o atropelou e fugiu. E a maioria delas nem viraria a cabeça para olhar para Steven Mallory. Mas será que eles não sabem

que, se o sofrimento pudesse ser medido, há mais sofrimento em Mallory quando ele não pode realizar o trabalho que quer do que em um campo inteiro de vítimas esmagadas por um tanque? Se alguém tem que aliviar a dor deste mundo, não deveria começar por Mallory?... Entretanto, não é por essa razão que estou fazendo isso.



Roark nunca havia visto o Templo Stoddard reconstruído. Em uma noite de novembro, foi vê-lo. Não sabia se estava se rendendo à dor ou vencendo o medo de observá-lo.

Era tarde e o jardim do Lar Stoddard estava deserto. O prédio estava às escuras, com uma única luz acesa em uma janela dos fundos, no andar de cima. Roark ficou muito tempo olhando para o prédio.

A porta sob o pórtico grego se abriu e uma figura masculina pequena saiu. Desceu as escadas correndo, despreocupado, e parou.

– Olá, Sr. Roark – cumprimentou Ellsworth Toohey calmamente.

Roark olhou para ele sem curiosidade e disse:

– Olá.

– Por favor, não saia correndo.

A voz não estava caçoando, mas séria.

– Eu não ia sair correndo.

– Eu acho que sabia que você viria aqui algum dia e acho que eu queria estar aqui quando você viesse. Eu sempre inventei desculpas para mim mesmo para me demorar neste lugar.

Não havia triunfo na voz. Ela soava vazia e simples.

– E?

– Você não deveria se importar de falar comigo. Sabe, eu entendo o seu trabalho. O que eu faço a respeito dele é outra história.

– Você é livre para fazer o que quiser a respeito dele.

– Eu compreendo o seu trabalho melhor do que qualquer pessoa viva, com a possível exceção de Dominique Francon. E talvez até melhor do que ela. É algo considerável, não é, Sr. Roark? Você não tem muitas pessoas ao seu redor que podem dizer isso. É uma ligação maior do que se eu fosse um defensor dedicado, mas cego.

– Eu sabia que você compreendia.

– Então não vai se importar de conversar comigo.

– Sobre o quê?

No escuro, quase pareceu que Toohey havia suspirado. Após uma pausa, ele apontou para o prédio e perguntou:

– Você entende isto?

Roark não respondeu.

Toohey continuou, em voz baixa:

– O que lhe parece? Uma confusão sem sentido? Um amontoado acidental de pedaços de madeira flutuantes? Um caos imbecil? Mas será que é, Sr. Roark? Você não vê nenhum método? Você, que conhece a linguagem da estrutura e o significado da forma, não vê nenhum propósito aqui?

– Não vejo nenhum propósito em discutir isso.

– Sr. Roark, estamos sozinhos aqui. Por que não me diz o que pensa de mim? Use as palavras que quiser. Ninguém vai nos ouvir.

– Mas eu não penso em você.

O rosto de Toohey tinha uma expressão de atenção, de quem escuta silenciosamente algo tão simples como o destino. Ele permaneceu em silêncio, e Roark perguntou:

– O que você queria me dizer?

Toohey olhou para ele e, em seguida, para as árvores desfolhadas ao redor deles, para o rio distante, abaixo, para a grande extensão do céu além do rio.

– Nada – respondeu Toohey.

Afastou-se, seus passos estalando sobre os pedregulhos, no silêncio, nítidos e uniformes, como os estalos dos pistões de um motor.

Roark ficou sozinho na calçada vazia, olhando para o prédio.

VOLUME II
PARTE III
GAIL WYNAND

GAIL WYNAND APONTOU UMA arma contra a própria cabeça.

Sentiu a pressão de um aro de metal contra a pele – e nada mais. Ele poderia estar segurando um cano de chumbo ou uma joia. Era apenas um círculo pequeno e insignificante.

– Eu vou morrer – disse em voz alta e bocejou.

Não sentia nenhum alívio, nenhum desespero, nenhum temor. Seu último instante de vida não lhe concedia nem a dignidade da seriedade. Era um momento anônimo. Poucos minutos antes ele segurara uma escova de dentes naquela mão; agora, segurava uma arma, com a mesma indiferença casual.

Não se morre assim, pensou. *Devemos sentir uma grande alegria ou um terror saudável. Devemos saudar nosso próprio fim. Se sentir um espasmo de pavor, eu puxo o gatilho.* Não sentiu nada.

Deu de ombros e abaixou a arma. Ficou batendo-a de encontro à palma da mão esquerda. *As pessoas sempre falam de uma morte negra ou de uma morte vermelha*, pensou. *A sua, Gail Wynand, será uma morte cinza. Por que ninguém nunca disse que este é o horror máximo? Não gritos, súplicas ou convulsões. Não a indiferença de um vazio limpo, desinfetado pelo fogo de um grande desastre. Mas isto – um pequeno horror desprezível, indecente, incapaz até de assustar. Não pode fazê-lo deste jeito*, disse a si mesmo, sorrindo friamente. *Seria de muito mau gosto.*

Andou até a parede de seu quarto. Sua cobertura fora construída acima do quinquagésimo sétimo andar de um grande hotel residencial do qual ele era o proprietário, no centro de Manhattan. Ele podia ver a cidade inteira abaixo. O quarto era uma jaula de vidro no topo da cobertura, as paredes e o teto feitos de imensas placas de vidro. Havia cortinas de camurça azul-clara que podiam ser puxadas para cobrir todas as paredes, quando ele desejasse. Não havia nada para cobrir o teto. Deitado na cama, ele podia observar as estrelas no céu, ou ver relâmpagos, ou assistir à chuva caindo em pingos furiosos que explodiam luminosamente no ar logo acima dele, ao chocar-se contra a proteção invisível. Ele gostava de apagar as luzes e escancarar todas as cortinas quando estava na cama com uma mulher. Dizia: “Estamos fornicando diante de seis milhões de pessoas.”

Estava sozinho agora. As cortinas estavam abertas. Ele ficou olhando a cidade. Era tarde e o grande tumulto das luzes abaixo começava a esmorecer. Pensou que não se importava de ter que olhar a cidade por muitos anos mais, e não se incomodava se nunca a visse outra vez.

Encostou-se na parede e sentiu o vidro frio através da seda fina e escura de seu pijama. Havia um monograma bordado em branco no bolso superior da camisa: GW, uma reprodução de sua caligrafia, exatamente como ele assinava suas iniciais, com um único movimento imperial.

As pessoas diziam que a aparência dele era mais enganosa que qualquer uma de suas atividades fraudulentas. Ele parecia o produto final, decadente e aperfeiçoado demais de uma linhagem longa e excepcional – e todo mundo sabia que ele vinha da sarjeta. Era alto, magro demais para ter beleza física, como se toda a sua carne e os seus músculos houvessem sido metodicamente removidos. Ele não precisava assumir uma postura ereta para transmitir uma impressão de dureza. Como um pedaço de aço caro, ele se dobrava, curvado, fazendo com que as pessoas ficassem conscientes não de sua pose, mas da elasticidade feroz que poderia estender seu corpo a qualquer momento. Essa impressão era tudo de que precisava. Em raras ocasiões ficava totalmente ereto, movimentava-se preguiçosamente. Com quaisquer roupas que vestisse, tinha um ar de perfeita elegância.

Seu rosto não pertencia à civilização moderna, mas à Roma antiga – era o rosto de um eterno patricio. Seu cabelo, com mechas grisalhas, era liso e puxado para trás a partir da testa alta. A pele era bem esticada sobre os ossos acentuados de seu rosto; a boca era grande e fina; seus olhos, sob sobrancelhas oblíquas, eram azul-claros e apareciam em fotografias como duas formas ovais brancas e sardônicas. Um artista lhe pedira, certa vez, que posasse para um quadro de Mefistófeles. Wynand rira, recusando, e o artista observara-o tristemente, porque a risada tornava o rosto do empresário perfeito para seu propósito.

Ele ficou encostado, curvado relaxadamente, na parede de vidro de seu quarto, o peso da arma na palma da mão. *Hoje, pensou, o que houve hoje? Aconteceu alguma coisa que me ajudaria agora e daria significado a este momento?*

Aquele dia fora tão parecido com tantos outros que haviam ficado para trás que era difícil reconhecer quaisquer características especiais. Estava com 51 anos e era o meio de outubro do ano de 1932. Disso ele tinha certeza; o resto exigia um esforço de sua memória.

Ele havia acordado e se vestido às seis horas. Nunca dormira mais do que quatro horas em todas as noites de sua vida adulta. Desceu até a sala de jantar, onde seu desjejum já estava servido. Sua cobertura, uma estrutura pequena, erguia-se na extremidade de um terraço amplo, que fora transformado em jardim. As salas eram uma realização artística suprema. Sua simplicidade e beleza teriam provocado suspiros de admiração caso essa casa pertencesse a qualquer outro indivíduo, mas as pessoas ficavam mudas de choque quando pensavam que essa era a casa do dono do *New York Banner*, o jornal mais vulgar do país.

Depois do desjejum ele entrou em seu escritório. Sua escrivaninha tinha pilhas de todos os jornais, livros e revistas importantes recebidos naquela manhã de todo o país. Ele trabalhou sozinho à sua escrivaninha por três horas, lendo e escrevendo notas breves, com um lápis azul grande, nas páginas impressas. As notas tinham a letra de um espião, ninguém conseguia decifrá-las, exceto a

secretária severa de meia-idade que entrou no escritório quando Wynand saiu. Ele não ouvia a voz dela havia cinco anos, mas nenhuma comunicação era necessária entre eles. Quando voltou ao escritório, à noite, a secretária e a pilha de jornais não estavam mais lá. Ele encontrou, sobre a escrivaninha, páginas eficientemente datilografadas, contendo as anotações que ele desejara registrar durante seu trabalho da manhã.

Às dez horas, chegou ao edifício do *Banner*, uma estrutura simples e encardida em um bairro modesto da parte sul de Manhattan. Ao atravessar os corredores estreitos do prédio, os funcionários que passavam por ele lhe desejavam bom-dia. O cumprimento era apropriado e ele respondia de modo cortês, mas sua passagem tinha o efeito de um raio de morte que paralisava o motor dos organismos vivos.

Entre as muitas regras severas impostas aos funcionários de todas as empresas dele, a mais difícil era a que exigia que ninguém interrompesse o trabalho se o Sr. Wynand entrasse numa sala, nem notasse sua presença ali. Ninguém podia prever que departamento ele escolheria visitar, nem quando. Podia aparecer a qualquer momento em qualquer parte do prédio – e sua presença era tão discreta quanto um choque elétrico. Os funcionários tentavam seguir a regra da melhor forma que podiam, mas preferiam fazer três horas extras a trabalhar dez minutos sob sua observação silenciosa.

Essa manhã, em seu escritório, ele revisou as provas dos editoriais de domingo do *Banner*. Traçou fortes linhas azuis sobre os trechos que queria que fossem eliminados. Não escreveu suas iniciais. Todos sabiam que só Gail Wynand podia fazer aqueles traços azuis, linhas que pareciam eliminar a própria existência do autor do texto.

Ele terminou de revisar as provas, depois pediu que fizessem uma ligação para o editor de seu jornal *Herald*, em Springville, Kansas. Quando telefonava para suas empresas, o nome de Wynand nunca era anunciado à vítima. Ele esperava que sua voz fosse reconhecida por cada cidadão de importância em seu império.

– Bom dia, Cummings – falou ele quando o editor atendeu.

– Meu Deus! – exclamou ofegante o editor – Não é...

– É – disse Wynand. – Escute bem, Cummings. Mais uma porcaria como a história de ontem sobre a Última Rosa do Verão e você pode voltar direto para o jornalzinho do colégio.

– Sim, Sr. Wynand.

Wynand desligou. Pediu uma ligação para um eminente senador em Washington.

– Bom dia, senador – disse, quando o cavalheiro atendeu a chamada após dois minutos. – É muita gentileza sua atender esta chamada. Eu agradeço. Não quero tomar muito do seu tempo, mas achei que devia expressar a minha profunda gratidão. Liguei para agradecer-lhe pelo seu trabalho na aprovação do projeto de

lei Hayes-Langston.

– Mas... Sr. Wynand! – a voz do senador parecia contorcer-se. – Está sendo muito simpático, mas... o projeto de lei não foi aprovado.

– Ah, é verdade. Eu me enganei. Será aprovado amanhã.

Fora marcada uma reunião do conselho de diretores das Empresas Wynand S.A. para as 11h30 daquela manhã. As Empresas Wynand eram compostas por 22 jornais, sete revistas, três serviços de notícias e dois jornais cinematográficos. Wynand possuía 75 por cento das ações. Os diretores não tinham certeza de suas próprias funções ou de sua finalidade. Wynand ordenara que as reuniões do conselho sempre comessem na hora certa, quer ele estivesse presente ou não. Nesse dia, ele entrou na sala do conselho às 12h25. Um cavalheiro idoso e distinto estava fazendo um discurso. Os diretores não tinham autorização para parar ou notar a presença de Wynand. Ele andou até a cadeira vazia à cabeceira da longa mesa de mogno e sentou-se. Ninguém se virou para ele. Era como se a cadeira acabasse de ser ocupada por um fantasma, cuja existência eles não ousavam admitir. Ele escutou em silêncio durante quinze minutos. Levantou-se no meio de uma frase e saiu da sala da mesma forma que havia entrado.

De volta à sua sala, sobre uma mesa grande, ele espalhou os mapas de Stoneridge, seu novo empreendimento imobiliário, e passou meia hora discutindo-o com dois de seus corretores. Ele havia comprado um terreno grande em Long Island, que seria convertido no Condomínio Stoneridge, um bairro novo de proprietários de casas pequenas, em que cada meio-fio, rua e residência seria construído por Gail Wynand. As poucas pessoas que sabiam de suas atividades no ramo imobiliário lhe haviam dito que ele estava louco. Era um ano em que ninguém estava pensando em construir. No entanto, Gail Wynand fizera sua fortuna com decisões que as pessoas consideravam loucas.

O arquiteto que desenharia Stoneridge não fora escolhido. Notícias do projeto haviam se disseminado pela profissão à míngua de contratos. Durante semanas, Wynand recusara-se a ler cartas ou atender telefonemas dos melhores arquitetos do país e dos amigos deles. Recusou uma vez mais quando, ao final da reunião, sua secretária informou que o Sr. Ralston Holcombe estava ao telefone e solicitava urgentemente dois minutos de seu tempo.

Quando os corretores se foram, Wynand apertou um botão sobre sua escrivaninha, chamando Alvah Scarret. Scarret entrou na sala, sorrindo de modo afável. Ele sempre atendia ao chamado do interfone com o entusiasmo lisonjeiro de um office boy.

– Alvah, que diabos é o Cálculo Biliar Gentil?

Scarret riu.

– Ah, isso? É o título de um romance. De Lois Cook

– Que tipo de romance?

– Oh, só um monte de conversa fiada. Deveria ser um tipo de poema em

prosa. É sobre um cálculo biliar que acredita que é uma entidade independente, um tipo de individualista bruto da vesícula biliar, se você me entende, e então o homem toma uma dose cavalara de óleo de rícino. Há uma descrição vívida das conseqüências. Não sei se é correto do ponto de vista médico, mas, de qualquer forma, esse é o fim do cálculo biliar gentil. Tudo isso para supostamente provar que o livre-arbitrio não existe.

– Quantos exemplares vendeu?

– Não sei. Não muitos, acho. Só entre os intelectuais. Mas ouvi dizer que começou a vender um pouco mais, ultimamente, e...

– Precisamente. O que está acontecendo aqui, Alvah?

– O quê? Ah, quer dizer que você notou que foi mencionado algumas vezes...

– Quero dizer que notei que foi mencionado em tudo o que é seção do *Banner*, nas últimas semanas. E a coisa foi muito bem-feita também, já que eu levei tanto tempo para descobrir que não era por acaso.

– O que quer dizer com isso?

– O que você acha? Por que esse título em particular deveria aparecer constantemente, nos lugares mais inapropriados? Um dia, está em uma reportagem policial sobre a execução de algum assassino que “morreu bravamente como o Cálculo Biliar Gentil”. Dois dias depois, está na página 16, em uma história de Albany: “O senador Hazleton acha que é uma entidade independente, mas pode ser que, no fim, ele seja apenas um Cálculo Biliar Gentil.” Depois aparece nos obituários. Ontem estava na página feminina. Hoje está nos quadrinhos. Snooky chama seu *rico* locatário de Cálculo Biliar Gentil.

Scarret deu uma risadinha.

– Sim, que tolice, não?

– Eu achei que fosse tolice, a princípio. Agora não acho.

– Mas, caramba, Gail! Não é que seja uma questão importante e nossos melhores jornalistas tenham feito propaganda dela. São só os peixes pequenos, os que tiram quarenta dólares por semana.

– Esse é o ponto. Um deles. O outro é que o livro não é nenhum *best-seller* famoso. Se fosse, eu entenderia que o título surgisse automaticamente nas cabeças deles. Mas não é. Portanto alguém está fazendo com que pensem nele. Por quê?

– Ah, por favor, Gail! Por que alguém iria querer se dar ao trabalho? E que importa para nós? Se fosse uma questão política... Mas, com os diabos, quem pode obter alguma vantagem fazendo propaganda a favor ou contra o livre-arbitrio?

– Alguém o consultou a respeito dessa propaganda?

– Não. Estou lhe dizendo, não há ninguém por trás disso. É espontâneo. É só um bando de pessoas que acharam que era uma frase engraçada.

– Quem foi o primeiro que você ouviu falar nisso?

– Não sei... Deixe-me ver... Foi... sim, acho que foi Ellsworth Toohey.
– Mande parar. E diga ao Sr. Toohey.
– Está bem, se você quer. Mas não é nada mesmo. Só um bando de gente se divertindo.

– Eu não gosto que ninguém se divirta no meu jornal.

– Sim, Gail.

Às duas horas, Wynand chegou, como convidado de honra, a um almoço oferecido por uma Convenção Nacional das Associações Femininas. Ele sentou-se à direita da presidente, em um salão de banquetes barulhento, tomado pelos odores dos buquês usados nos vestidos – gardênias e flores de ervilha – e de frango frito. Depois do almoço, Wynand discursou. A Convenção promovia carreiras para mulheres casadas; havia muitos anos, os jornais Wynand lutavam contra a contratação de mulheres casadas. Ele falou durante vinte minutos e não disse absolutamente nada. Mas transmitiu a impressão de que apoiava cada sentimento evocado na reunião. Ninguém jamais fora capaz de explicar o efeito de Gail Wynand em uma plateia, sobretudo uma plateia de mulheres. Ele não fazia nada espetacular. Sua voz era baixa, metálica, chegando a ser monótona. Era correto demais, de uma maneira que era quase uma sátira deliberada do que era ser correto. Contudo, conquistou todas as ouvintes. As pessoas diziam que era por causa de sua sutil e imensa virilidade, que fazia com que a voz cortês que falava sobre escola, lar e família soasse como se ele estivesse transando com cada idosa presente.

Ao voltar ao escritório, Wynand parou na redação. Em pé diante de uma mesa alta, com um grande lápis azul na mão, escreveu em uma folha enorme de papel liso para impressão, com letras de dois centímetros, um editorial brilhante e implacável denunciando todos os defensores de carreiras para mulheres. O GW no final parecia um raio de chama azul. Ele não releu o editorial – nunca precisava fazer isso –, mas atirou-o na mesa do primeiro editor à vista e saiu da sala.

No fim da tarde, quando Wynand estava pronto para sair do escritório, sua secretária anunciou que Ellsworth Toohey estava pedindo o privilégio de vê-lo.

– Faça-o entrar – ordenou Wynand.

Toohey entrou com um meio sorriso cauteloso no rosto, um sorriso que zombava de si mesmo e de seu patrão, mas com uma forma delicada de equilíbrio, direcionando sessenta por cento da zombaria para si mesmo. Ele sabia que Wynand não queria vê-lo e que ser recebido não significava nada de bom.

Wynand estava sentado atrás de sua escrivaninha, seu rosto cortês, porém sem nenhuma expressão. Duas saliências diagonais destacavam-se levemente em sua testa, paralelas às sobrancelhas oblíquas. Era uma peculiaridade desconcertante que seu rosto adquiria às vezes. Tinha o efeito de uma dupla exposição, uma ênfase ameaçadora.

– Sente-se, Sr. Toohey. Em que posso servi-lo?

– Oh, eu sou muito mais presunçoso do que isso, Sr. Wynand – respondeu Toohey efusivamente. – Não vim pedir nenhum favor, mas sim oferecer-lhe os meus préstimos.

– Do que você está falando?

– Stoneridge.

As linhas diagonais ficaram ainda mais salientes na testa de Wynand.

– Que utilidade pode ter um colunista de jornal para Stoneridge?

– Um colunista de jornal, nenhuma, Sr. Wynand. Mas um especialista em arquitetura... – Toohey deixou sua voz se dissolver em um ponto de interrogação zombeteiro.

Se os olhos dele não estivessem fixos de modo insolente nos de Wynand ele teria sido mandado para fora da sala imediatamente. Mas o olhar disse ao empresário que Toohey sabia até que ponto ele fora perseguido por pessoas recomendando arquitetos e quanto ele tentara evitá-las. E que Toohey havia sido mais esperto que ele, ao obter essa entrevista visando a um propósito que Wynand não havia esperado. A impertinência o divertiu, como Toohey sabia que aconteceria.

– Muito bem, Sr. Toohey. Quem você está vendendo?

– Peter Keating.

– E?

– Como disse?

– Bem, venda-o para mim.

Toohey hesitou e então deu de ombros e foi direto ao assunto:

– O senhor compreende, claro, que eu não estou ligado ao Sr. Keating de nenhuma maneira. Ajo somente como amigo dele, e seu. – A voz soava agradavelmente informal, mas perdera um pouco de sua certeza. – Para ser bem franco, sei que parece banal, mas o que mais posso dizer? Por acaso, é a verdade. – Wynand não iria ajudá-lo. – Eu me atrevi a vir até aqui porque achei que era meu dever lhe dar minha opinião. Não, não um dever moral. Chame-o de dever estético. Sei que o senhor exige o melhor em tudo o que faz. Para um projeto da magnitude que tem em mente, não existe outro arquiteto vivo que possa se igualar a Peter Keating em eficiência, gosto, originalidade, imaginação. Essa, Sr. Wynand, é a minha opinião sincera.

– Eu acredito em você.

– Acredita?

– Claro. Mas, Sr. Toohey, por que eu deveria levar a sua opinião em consideração?

– Bem, afinal de contas, eu *sou* o seu especialista em arquitetura! – Ele não conseguiu tirar uma ponta de raiva de sua voz.

– Meu caro Sr. Toohey, não me confunda com meus leitores.

Após um momento, o crítico inclinou-se para trás e estendeu as mãos, com as palmas voltadas para fora, em um desamparo risonho.

– Francamente, Sr. Wynand, eu não achei que a minha palavra teria muito peso para o senhor. Portanto eu não pretendia tentar lhe vender Peter Keating.

– Não? O que pretendia?

– Apenas pedir-lhe que concedesse meia hora do seu tempo a alguém que pode convencê-lo muito melhor do que eu da habilidade de Peter Keating.

– Quem?

– A Sra. Peter Keating.

– Por que eu iria querer discutir este assunto com a Sra. Peter Keating?

– Porque ela é uma mulher excessivamente bonita e extremamente difícil.

Wynand atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Meu Deus, Toohey, eu sou tão óbvio assim?

Toohey piscou, desprevenido.

– Realmente, Sr. Toohey, eu lhe devo um pedido de desculpas se, ao permitir que meus gostos se tornassem tão bem conhecidos, eu fiz com que você se tornasse tão grosseiro. Mas eu não fazia ideia de que, entre suas muitas atividades humanitárias, você também fosse um cafetão.

Toohey levantou-se.

– Sinto muito decepcioná-lo, Sr. Toohey. Eu não tenho a menor vontade de conhecer a Sra. Peter Keating.

– Não achei que teria, Sr. Wynand. Não com base em minha sugestão sem nenhuma comprovação. Eu previ isso várias horas atrás. Na verdade, esta manhã. Por isso, tomei a liberdade de preparar para mim mesmo outra chance de discutir este assunto com o senhor. Tomei a liberdade de lhe enviar um presente. Quando chegar em casa hoje à noite, o senhor irá encontrá-lo. Então, se achar que havia uma razão para que eu esperasse que o senhor o fizesse, pode me telefonar e eu irei até lá imediatamente, para o senhor poder me dizer se deseja se encontrar com a Sra. Peter Keating ou não.

– Toohey, é inacreditável, mas acho que você está me oferecendo um suborno.

– Estou.

– Sabe, este é o tipo de jogada da qual você pode sair completamente ileso ou sem emprego.

– Eu me coloco à mercê de sua opinião sobre o meu presente, esta noite.

– Está bem, Sr. Toohey, eu vou ver qual é o seu presente.

O crítico fez uma mesura e virou-se para sair. Estava perto da porta quando Wynand acrescentou:

– Sabe, Toohey, qualquer dia desses você vai esgotar minha paciência.

– Eu me esforçarei para não fazer isso até chegar a hora certa – retrucou Toohey e, fazendo outra mesura, retirou-se.

Quando Wynand voltou para casa, havia se esquecido completamente de Ellsworth Toohey.

Naquela noite, em sua cobertura, Wynand jantou com uma mulher que tinha o rosto branco, o cabelo castanho macio e, por trás dela, três séculos de pais e irmãos que teriam matado um homem por um vestígio apenas das coisas que Gail Wynand havia experimentado com ela.

A linha do braço dela, quando levou a taça de cristal com água aos lábios, era tão perfeita quanto a linha dos candelabros de prata, produzidos por um talento sem igual, e Wynand observou-a com a mesma apreciação. A luz das velas refletindo no rosto dela criava uma visão tão bela que ele desejou que ela não estivesse viva, para que ele pudesse olhar, não dizer nada e pensar o que quisesse.

– Em um mês ou dois, Gail – falou ela, sorrindo preguiçosamente –, quando ficar muito frio e desagradável, vamos pegar o *Eu Dou* e velejar para algum lugar cheio de sol, como fizemos no inverno passado.

Eu Dou era o nome do iate de Wynand. Ele nunca o explicara a ninguém. Muitas mulheres lhe haviam perguntado a respeito. Essa mulher lhe havia perguntado antes. Agora, enquanto ele permanecia em silêncio, ela perguntou outra vez:

– Por falar nisso, querido, o que significa o nome dessa sua maravilhosa barcaça transportadora de lama?

– Essa é uma pergunta a que não respondo – disse ele. – Uma delas.

– Bem, devo aprontar meu guarda-roupa para o cruzeiro?

– Verde é a cor que mais combina com você. Fica bem no mar. Eu adoro ver o que ela faz com seu cabelo e seus braços. Vou sentir falta da visão dos seus braços nus sobre a seda verde. Porque esta noite é a última vez.

Os dedos dela permaneceram imóveis sobre a haste da taça. Nada lhe dera a mínima indicação de que esta noite seria a última, mas ela sabia que essas palavras eram tudo de que Wynand precisava para terminar com ela. Todas as mulheres dele sabiam que deveriam esperar um fim como esse, e que não deveria haver nenhuma discussão. Após uma pausa, ela perguntou, em voz baixa:

– Qual é o motivo, Gail?

– O óbvio.

Ele retirou do bolso um bracelete de diamantes, que faiscou como um fogo frio e brilhante à luz das velas. Seus elos pesados estavam pendurados frouxamente nos dedos dele. Não tinha caixa, nem papel de presente. Ele atirou-o para o lado da mesa a que ela se sentava.

– Uma lembrança, minha querida – falou ele. – Muito mais valiosa do que aquilo que ela celebra.

O bracelete bateu na taça, fazendo-a tilintar, um som fino e agudo, como se o cristal houvesse gritado pela mulher. A mulher não emitiu nenhum som. Ele sabia que era horrível, porque ela, assim como todas aquelas outras, era o tipo a

quem não se oferecem tais presentes em tais momentos. E porque ela não recusaria, assim como nenhuma havia recusado.

– Obrigada, Gail – disse ela, fechando o bracelete ao redor do pulso, sem olhar para ele por cima das velas.

Mais tarde, quando passaram à sala de estar, ela parou, e o olhar por trás de seus cílios longos dirigiu-se para o ponto escuro onde começava a escadaria que dava no quarto dele.

– Para me deixar merecer a lembrança, Gail? – perguntou ela, a voz sem expressão.

Ele sacudiu a cabeça.

– Essa realmente havia sido a minha intenção – disse ele. – Mas estou cansado.

Depois que ela se foi, ele ficou em pé no hall e pensou que ela estava sofrendo, o sofrimento era verdadeiro, mas que, depois de um tempo, nada disso seria real para ela, com exceção do bracelete. Ele não podia mais se lembrar da época em que tal pensamento tinha o poder de lhe trazer amargura. Quando recordou que ele também estava envolvido no que havia acontecido essa noite, não sentiu nada, a não ser uma vontade de saber por que não tinha feito isso há mais tempo.

Entrou em sua biblioteca. Leu por algumas horas. E então parou. Deteve-se de repente, sem razão, no meio de uma frase importante. Não tinha nenhuma vontade de continuar lendo. Nem de fazer qualquer outro esforço.

Não acontecera nada com ele – um acontecimento é uma realidade positiva, e nenhuma realidade jamais poderia deixá-lo sem ação. Isso era algum tipo de enorme negativa, como se tudo houvesse sido apagado, deixando um vazio sem sentido, vagamente indecente porque parecia tão ordinário, tão entediante, como um assassinato exibindo um sorriso acolhedor.

Nada desaparecera, exceto o desejo. Não, mais que isso – a raiz, o desejo dedesejar. Ele pensou que um homem que perde os olhos ainda retém o conceito de visão; mas ele já ouvira falar de uma cegueira ainda mais medonha: se as áreas cere-brais que controlam a visão forem destruídas, a pessoa perde até mesmo a memória da percepção visual.

Largou o livro e levantou-se. Não tinha nenhuma vontade de permanecer onde estava, nem de sair dali. Pensou que deveria ir dormir. Era cedo demais para ele, mas podia levantar-se mais cedo no dia seguinte. Foi para o quarto, tomou um banho, vestiu o pijama. Então abriu a gaveta da cômoda e viu a arma que sempre guardara ali. Foi o reconhecimento imediato, a pontada súbita de interesse, que o fez pegá-la.

Foi a falta de choque, quando pensou que ia se matar, que o convenceu de que deveria ir adiante. A ideia parecia muito simples, como um argumento que não vale a pena contestar. Como um chavão.

Agora, estava em pé perto da parede de vidro, detido por aquela mesma simplicidade. Uma pessoa podia transformar a sua vida em um chavão; mas não

a sua morte.

Andou até a cama e sentou-se, com a arma pendurada em uma das mãos. *Um homem que está prestes a morrer, pensou, deve ver a sua vida inteira passar diante de si em uma última visão. Eu não vejo nada. Mas poderia me obrigar a ver. Eu poderia repassar tudo outra vez, à força. Deixe-me encontrar nisso ou a vontade de viver, ou a razão para acabar com tudo agora.*



Gail Wynand, com 12 anos, estava no escuro, sob um pedaço quebrado de um muro à beira do Hudson, com um dos braços para trás, o punho fechado, pronto para atacar, esperando.

As pedras sob seus pés estavam amontoadas até o que restara de um canto do muro. Um lado escondia-o da vista da rua; não havia nada do outro lado, exceto um declive íngreme que acabava no rio. Um caminho de terra escuro à margem da água estendia-se diante dele, com estruturas em ruínas e espaços vazios abertos para o céu, depósitos, uma cornija torta pendurada em algum lugar acima de uma janela, na qual brilhava uma luz maligna.

Em um instante, ele teria que lutar e sabia que estaria lutando por sua vida. Ficou imóvel. Seu punho cerrado, apontando para baixo e para trás, parecia segurar fios invisíveis que se estendiam até cada ponto vital de seu corpo magrelo e descarnado, sob as calças e a camisa esfarrapadas, até o tendão dilatado de seu braço nu, até os tendões tensos de seu pescoço. Os fios pareciam tremer; o corpo estava imóvel. Ele era como um novo tipo de instrumento letal. Se um dos dedos tocasse em qualquer parte de seu corpo, o gatilho seria acionado.

Sabia que o líder da gangue de meninos o procurava e que não viria sozinho. Dois dos garotos que ele esperava lutavam com facas. Um deles tinha uma morte no currículo. Ele os aguardava de bolsos vazios. Era o membro mais jovem da gangue e o que havia se juntado a ela por último. O líder dissera que Wynand precisava de uma lição.

Tudo começou por causa da pilhagem das barcaças no rio, planejada pela gangue. O líder decidira que o serviço seria feito à noite. A gangue havia concordado; todos, menos Gail Wynand, que havia explicado, com uma voz baixa e desdenhosa, que a gangue dos Pequenos Arruaceiros, rio abaixo, tentara a mesma façanha na semana anterior e acabara provocando a prisão de seis de seus membros, fora os dois que foram parar no cemitério. O serviço tinha que ser feito ao raiar do dia, quando ninguém estaria esperando. A gangue o havia vaiado. Não fez nenhuma diferença. Gail Wynand não era bom em acatar ordens. Ele não reconhecia nada além de seu próprio julgamento. Assim, o líder quis resolver a questão de uma vez por todas.

Os três garotos andavam tão silenciosamente que as pessoas atrás das paredes

finas pelas quais eles passavam não ouviam seus passos. Gail Wynand escutou-os a um quarteirão de distância. Ele não se mexeu em seu canto, só seu pulso enrijeceu-se um pouco.

No momento certo, ele pulou. Pulou direto no ar, sem pensar em onde ia cair, como se uma catapulta o houvesse lançado em um voo de vários quilômetros. Seu peito atingiu a cabeça de um inimigo; seu estômago, o outro, e seus pés bateram com força no peito do terceiro. Todos os quatro caíram. Quando os três levantaram as cabeças, Gail Wynand estava irreconhecível. Eles viram um redemoinho suspenso no ar acima deles, e algo que tinha um toque escaldante lançou-se contra eles de dentro do redemoinho.

Ele não tinha nada além de seus dois punhos. Os inimigos tinham cinco punhos e uma faca. Não parecia fazer diferença. Eles ouviam suas pancadas baterem com um som surdo, como se atingissem borracha dura. Sentiram a interrupção brusca no avanço da faca deles, o que indicava que ela fora obstruída e que cortara seu caminho de saída. Mas a coisa contra a qual lutavam era invulnerável. Wynand não tinha tempo de sentir, era rápido demais. A dor não conseguia alcançá-lo, ele parecia deixá-la suspensa no ar acima do ponto onde fora atingido, e onde ele já não estava mais no segundo seguinte.

Ele parecia ter um motor atrás dos ombros que fazia seus braços girarem em dois círculos. Somente os círculos eram visíveis; os braços haviam desaparecido, como os raios de uma roda movendo-se em alta velocidade. O círculo batia a cada volta e detinha o que quer que atingisse, sem parar de girar. Um dos garotos viu sua faca desaparecer no ombro de Wynand. Viu o movimento do ombro que a lançou para baixo, cortando a lateral do corpo de Wynand e caindo no chão após bater em seu cinto. Foi a última coisa que o garoto viu. Algo aconteceu com seu queixo e ele não sentiu quando sua nuca bateu contra uma pilha de tijolos velhos.

Durante muito tempo os outros dois lutaram contra a centrífuga que agora espirrava gotas vermelhas nas paredes ao seu redor. Mas era inútil. Não estavam lutando contra um homem, e sim contra uma vontade humana sem corpo.

Quando os garotos desistiram, gemendo por entre os tijolos, Gail Wynand disse, com a voz normal:

– Vamos fazer o serviço ao nascer do dia.

E saiu andando.

A partir daquele momento, ele se tornou o líder da gangue.

A pilhagem das barcaças foi feita ao nascer do sol, dois dias depois, e foi um sucesso total.

Gail Wynand morava com o pai no porão de uma casa velha, no coração de Hell's Kitchen. Seu pai era estivador, um homem alto, quieto e analfabeto, que nunca fora à escola. O pai e o avô de seu pai eram do mesmo tipo e nunca conheceram nada em sua família além de pobreza. Mas em algum ponto bem

remoto da linhagem havia existido uma raiz de aristocracia, a glória de algum ancestral nobre, e então alguma tragédia, há muito tempo esquecida, havia atirado os descendentes na sarjeta. Havia alguma coisa em todos os Wynand – nos cortiços, nas tavernas e nas cadeias – que não se encaixava em seu ambiente. O pai de Gail era conhecido no porto como Duque.

A mãe de Gail morrera de tuberculose quando ele tinha apenas 2 anos. Ele era filho único. Sabia vagamente que houvera algum grande drama no casamento de seu pai. Ele vira uma foto de sua mãe. Ela não era nem se vestia como as mulheres de seu bairro. Era muito bonita. Toda a vida que existia dentro de seu pai se esvaíra quando ela morreu. Ele amava Gail, mas era o tipo de dedicação que não precisava de mais que duas frases por semana.

Gail não se parecia com a mãe nem com o pai. Era uma reversão a algo que ninguém conseguia entender realmente. A distância tinha que ser calculada não em gerações, mas em séculos. Ele sempre fora alto demais para sua idade, e magro demais. Os meninos o chamavam de Magrão. Ninguém sabia o que ele usava em lugar dos músculos, sabiam apenas que usava algo.

Ele tivera um emprego atrás do outro, desde o início de sua infância. Durante muito tempo, vendeu jornais nas esquinas. Certo dia, foi até o chefe do setor de impressão e afirmou que eles deveriam iniciar um novo serviço: a entrega do jornal na porta do leitor, pela manhã. Explicou como e por que isso aumentaria a circulação.

– Ah, é? – falou o chefe.

– Eu sei que vai funcionar – disse Wynand.

– Bem, você não dá ordens aqui – retrucou o chefe.

– Você é um tonto – disparou Wynand.

Perdeu o emprego.

Trabalhou em uma mercearia. Levava recados, varria o chão de madeira úmida, separava os barris de verduras podres, ajudava a atender clientes, pesando pacientemente um quilo de farinha ou enchendo um jarro com leite retirado de um latão enorme. Era como usar um rolo compressor para passar lencinhos. Mas ele apertava os dentes e se concentrava no trabalho. Um dia, explicou ao dono da mercearia por que seria uma boa ideia colocar o leite em garrafas, como era feito com o uísque.

– Cale essa matraca e vá atender a Sra. Sullivan – ordenou o merceeiro. – Não venha me falar de coisas que eu não sei sobre o meu negócio. Você não manda aqui.

Ele foi atender a Sra. Sullivan e não disse mais nada.

Trabalhou em um salão de bilhar. Limpava escarradeiras e a sujeira que os bêbados faziam. Escutou e viu coisas que lhe deram imunidade contra o espanto para o resto de sua vida. Esforçava-se ao máximo e aprendeu a ficar calado, a se limitar ao lugar que os outros descreviam como sendo o seu lugar, a aceitar a

incompetência como seu chefe – e a esperar. Ninguém jamais o ouvira falar sobre o que sentia. Ele sentia muitas emoções sobre seus semelhantes, mas respeito não era uma delas.

Trabalhou como engraxate em uma balsa. Era empurrado e recebia ordens de todo comerciante de cavalos embriagado e de todo marujo bêbado a bordo. Se dizia alguma coisa, ouvia alguma voz grossa responder: “Você não dá ordens aqui.” Mas gostava desse emprego. Quando não tinha nenhum cliente, ficava junto à amurada da balsa, olhando para Manhattan. Observava as tábuas amarelas das casas novas, os terrenos vazios, os guindastes, as poucas torres que se erguiam a distância. Pensava no que deveria ser construído e no que deveria ser destruído, no espaço, na promessa e no que poderia ser feito. Um grito rouco o interrompia:

– Ei, garoto!

Voltava para seu banquinho e curvava-se obedientemente sobre um sapato lamacento. O cliente via apenas uma cabeça pequena com cabelo castanho-claro e duas mãos magras e capazes.

Nas noites de nevoeiro, sob um lampião a gás em uma esquina, ninguém notava a figura esguia encostada em um poste, o aristocrata da Idade Média, o eterno patricio cujos instintos proclamavam que ele deveria comandar, cujo cérebro veloz lhe dizia por que tinha o direito a fazê-lo, o barão feudal criado para governar, mas nascido para varrer chãos e obedecer ordens.

Aprendera a ler e escrever sozinho, aos 5 anos, fazendo perguntas. Lia tudo o que encontrava. Não podia tolerar o inexplicável. Tinha que entender tudo o que qualquer um soubesse. O emblema de sua infância – o brasão que inventara para si mesmo, para substituir aquele que fora perdido, havia muitos séculos – era o ponto de interrogação. Ninguém precisava jamais explicar-lhe qualquer coisa duas vezes. Aprendeu seus primeiros conceitos matemáticos com os operários que instalavam canos de esgoto. Aprendeu geografia com os marinheiros no porto. Aprendeu sobre civismo com os políticos em um bar local que era um ponto de encontro de gângsteres. Nunca fora à igreja nem à escola. Tinha 12 anos quando entrou em uma igreja. Escutou um sermão sobre paciência e humildade. Nunca mais voltou. Tinha 13 quando decidiu verificar como era a educação e matriculou-se em uma escola pública. Seu pai não disse nada sobre sua decisão, assim como não dizia nada quando Gail chegava em casa ferido depois de uma briga de gangues.

Durante sua primeira semana na escola, a professora fazia perguntas a Gail Wynand constantemente – era puro prazer para ela, pois ele sempre sabia as respostas. Quando confiava em seus superiores e no propósito deles, ele obedecia como um espartano, impondo a si mesmo o tipo de disciplina que exigia de seus próprios súditos na gangue. Mas a energia de sua vontade era desperdiçada: em uma semana, percebeu que não precisava fazer nenhum esforço para ser o

primeiro da classe. Depois de um mês, a professora já não notava mais a sua presença. Parecia inútil, ele sempre sabia a lição e ela precisava se concentrar nas crianças mais lentas e menos espertas. Ele ficava sentado, pacientemente, durante horas que se arrastavam como correntes, enquanto a professora repetia, revisava e repassava, suando para arrancar alguma faísca de entendimento dos olhos vazios e das vozes que balbuciavam. Passados dois meses, ao revisar os rudimentos de história que tentara fazer sua classe aprender, ela perguntou:

– E quantos estados havia na União, a princípio?

Ninguém levantou a mão. Então o braço de Gail Wynand ergueu-se. A professora lhe fez um sinal com a cabeça para que prosseguisse. Ele perguntou:

– Por que eu tenho que engolir as mesmas coisas dez vezes? Eu já sei tudo isso.

– Você não é o único na classe – respondeu ela.

Ele proferiu uma expressão que a deixou branca e a fez corar quinze minutos depois, quando ela a entendeu completamente. Ele foi até a porta. Quando chegou à soleira, virou-se e acrescentou:

– Ah, sim... Havia treze estados, a princípio.

Isso concluiu seus estudos formais.

Havia pessoas em Hell's Kitchen que nunca se aventuravam além dos limites do bairro, e outras que raramente saíam do cortiço onde haviam nascido. Entretanto, Gail Wynand com frequência ia caminhar nas melhores ruas da cidade. Não sentia nenhuma amargura com relação ao mundo da riqueza, nenhuma inveja nem nenhum temor. Simplesmente tinha curiosidade e sentia-se tão à vontade na Quinta Avenida como em qualquer outro lugar. Passava diante de mansões imponentes, com as mãos nos bolsos e os dedos dos pés aparecendo na ponta dos sapatos de solas gastas. As pessoas olhavam para ele, surpresas, mas isso não produzia nenhum efeito. Ele passava e deixava atrás de si a sensação de que pertencia a essa rua, e elas não. Por enquanto, ele não queria nada, a não ser compreender.

Queria saber o que tornava esses indivíduos diferentes dos que viviam em seu bairro. Não eram as roupas, as carruagens ou os bancos que chamavam a sua atenção. Eram os livros. As pessoas do seu bairro tinham roupas, carroças puxadas por cavalos e dinheiro; diferenças de posição social eram um fator secundário. Mas elas não liam livros. Ele decidiu descobrir o que era lido pelos moradores da Quinta Avenida. Certo dia, viu uma dama esperando em uma carruagem estacionada junto ao meio-fio. Sabia que ela era uma dama – seu julgamento sobre tais questões era mais preciso do que a discriminação do *Registro Social*. Ela estava lendo um livro. Ele pulou nos degraus da carruagem, agarrou o livro e saiu correndo. Seriam necessários homens mais rápidos e mais esguios do que os policiais para pegá-lo.

Era uma obra de Herbert Spencer. Wynand passou por uma agonia silenciosa tentando lê-lo até o final. Chegou ao fim tendo entendido um quarto do que lera.

Mas esse foi o início de um processo que ele seguiu com determinação sistemática, com toda a sua energia. Sem aconselhamento, ajuda ou um plano, começou a ler uma seleção incongruente de livros. Quando deparava com um trecho que não conseguia entender em um, arranjava outro sobre o mesmo assunto. Diversificou suas leituras desordenadamente, em todas as direções. Lia volumes de erudição especializada primeiro, para depois ler livros elementares do ensino médio. Não havia nenhuma ordem em sua leitura, mas havia ordem no que permaneceu dela em sua mente.

Descobriu a sala de leitura da Biblioteca Pública e foi lá algumas vezes – para estudar o local. E então, um dia, em horários diferentes, vários jovens, um após outro, dolorosamente penteados e duvidosamente limpos, foram visitá-la. Eram magros quando chegaram, mas não quando saíram. Naquela noite, Gail Wynand tinha uma pequena biblioteca própria no canto de seu porão. Sua gangue executara suas ordens sem protestar. Era um serviço escandaloso. Nenhuma gangue com respeito próprio jamais roubara algo tão inútil quanto livros. Mas Wynand Magrão dera as ordens, e não se discutia com ele.

Ele tinha 15 anos quando foi encontrado, certa manhã, na sarjeta, uma massa sangrenta, com ambas as pernas quebradas, espancado por algum estivador bêbado. Estava inconsciente quando o acharam. Mas permanecera consciente naquela noite, depois do espancamento. Fora largado em um beco escuro. Vira uma luz perto da esquina. Ninguém sabia como ele conseguira se arrastar até lá, mas ele conseguira. Viram o longo rastro de sangue no asfalto, depois. Ele havia rastejado, sem poder mexer nada além dos braços. Baterá na parte de baixo de uma porta. Era uma taverna, ainda aberta. O taverneiro abriu a porta e saiu. Foi a única vez em sua vida que Gail Wynand pediu ajuda. O taverneiro fitou-o com um olhar sem expressão, pesado, que demonstrava consciência total da agonia, da injustiça – e também uma indiferença impassível e apática. O taverneiro voltou para dentro e bateu a porta. Não tinha nenhum desejo de envolver-se em brigas de gangues.

Anos depois, Gail Wynand, dono do *New York Banner*, ainda sabia os nomes do estivador e do taverneiro, e onde encontrá-los. Nunca fez nada contra o estivador. Porém fez com que o negócio do taverneiro fosse à falência, provocou a perda de sua casa e de suas economias, e levou o homem ao suicídio.

Wynand tinha 16 anos quando seu pai morreu. Estava sozinho, desempregado no momento, com 65 centavos no bolso, uma conta de aluguel por pagar e uma erudição caótica. Decidiu que chegara a hora de resolver o que faria de sua vida. Naquela noite, subiu ao telhado do cortiço onde morava e observou as luzes da cidade, a cidade onde ele não dava ordens a ninguém. Deixou seu olhar mover-se lentamente, das janelas dos casebres decadentes à sua volta às janelas das mansões a distância. Havia apenas quadrados iluminados suspensos no ar, mas ele sabia, olhando para eles, qual era a qualidade das estruturas a que

perterciam. As luzes ao seu redor pareciam turvas, desanimadas. As distantes eram cristalinas e firmes. Ele se fez uma única pergunta: o que entrava em todas aquelas casas, tanto nas obscuras quanto nas brilhantes, o que alcançava cada sala, cada pessoa? Todos eles tinham pão. Alguém podia dominar os homens por meio do pão que compravam? Eles tinham sapatos, tinham café, tinham... O curso de sua vida estava traçado.

Na manhã seguinte, entrou no escritório do editor da *Gazette*, um jornal de quarta categoria em um prédio decadente, e pediu para trabalhar na redação. O editor olhou para suas roupas e perguntou:

– Você sabe soletrar “gato”?

– Você sabe soletrar “antropomorfologia”? – perguntou Wynand.

– Não temos nenhum emprego aqui – disse o editor.

– Vou ficar por aqui – falou Wynand. – Use-me quando quiser. Não tem que me pagar. Você vai me dar um salário quando sentir que é o melhor a fazer.

Ele ficou no prédio, sentado nas escadas do lado de fora da redação. Permaneceu sentado lá todos os dias, durante uma semana. Ninguém prestava nenhuma atenção nele. À noite, dormia em vãos de portas. Quando já havia gastado a maior parte de seu dinheiro, começou a roubar comida, de balcões ou de latas de lixo, antes de retornar ao seu posto nas escadas.

Certo dia, um repórter ficou com pena dele e, ao descer as escadas, atirou uma moeda de cinco centavos no colo de Wynand, dizendo:

– Vá comprar uma tigela de carne ensopada, garoto.

Wynand ainda tinha uma moeda de dez centavos no bolso. Ele a pegou e atirou-a no repórter, dizendo:

– Vá comprar uma trepada.

O homem xingou-o e foi embora. As moedas de cinco e dez centavos ficaram nos degraus. Wynand recusou-se a tocar nelas. A história foi contada na redação. Um funcionário com o rosto cheio de espinhas deu de ombros e pegou as duas moedas.

Ao final de uma semana, na hora mais movimentada do dia, um homem na redação chamou Wynand para ir fazer alguma tarefa sem importância para ele. Outras pequenas tarefas se seguiram. Ele obedecia com precisão militar. Em dez dias, passou a receber salário. Em seis meses, tornou-se repórter. Em dois anos era editor associado.

Gail Wynand tinha 20 anos quando se apaixonou. Já sabia tudo o que havia para saber sobre sexo desde os 13. Tivera muitas garotas. Nunca falava de amor, não criava nenhuma ilusão romântica e tratava a questão toda como uma simples transação selvagem. Mas era um especialista nisso, e as mulheres percebiam só de olhar para ele. A garota por quem ele se apaixonou tinha uma beleza extraordinária, uma beleza para ser adorada, não desejada. Ela era frágil e calada. Seu rosto sugeria mistérios interiores adoráveis, que não eram

expressados.

Ela tornou-se amante de Gail Wynand. Ele se permitiu a fraqueza de estar feliz. Teria se casado com ela imediatamente, se ela houvesse sugerido. Mas eles falavam pouco um com o outro. Ele sentia que tudo estava entendido entre eles.

Uma noite, ele falou. Sentado aos pés dela, com seu rosto erguido para ela, Gail permitiu que sua alma fosse ouvida:

– Meu amor, qualquer coisa que você desejar, qualquer coisa que eu for, que eu puder ser... É isso que quero lhe oferecer. Não as coisas que conseguirei para você, mas aquilo em mim que me tornará capaz de consegui-las. Essa coisa, um homem não pode abdicar dela, mas eu quero abdicar, para que seja sua, para que exista para servi-la, só para você.

A garota sorriu e perguntou:

– Você acha que eu sou mais bonita que a Maggy Kelly?

Ele se levantou. Não disse nada e foi embora. Nunca mais viu aquela garota. Gail Wynand, que se orgulhava de nunca precisar da mesma lição duas vezes, não se apaixonou outra vez nos anos seguintes.

Tinha 21 anos quando sua carreira na *Gazette* foi ameaçada, pela primeira e única vez. A política e a corrupção nunca o haviam perturbado. Ele sabia tudo sobre isso. Sua gangue fora paga para encenar espancamentos em locais de votação, em dias de eleição. Porém, quando Pat Mulligan, capitão de seu distrito policial, foi falsamente incriminado, Wynand não pôde aguentar, porque Mulligan era o único homem honesto que ele conhecera em sua vida.

A *Gazette* era controlada pelos poderosos que haviam tramado contra Mulligan. Wynand não disse nada. Apenas organizou em sua mente as informações que possuía e que mandariam a *Gazette* para o inferno. Seu emprego seria destruído junto com o jornal, mas não importava. Sua decisão contradizia todas as regras que estabelecera para sua carreira, mas ele não pensou. Foi uma das raras explosões que o atingiam às vezes, fazendo-o agir sem cautela, tornando-o uma criatura possuída pelo impulso único de conseguir o que queria, porque a retidão do que queria era cegamente absoluta. No entanto, ele sabia que a destruição da *Gazette* seria apenas o primeiro passo. Não era suficiente para salvar Mulligan.

Durante três anos, Wynand guardara um pequeno recorte, um editorial sobre corrupção, escrito pelo editor famoso de um grande jornal. Ele o guardara porque era a homenagem mais bonita à integridade que já lera. Pegou-o e foi falar com o grande editor. Ele lhe contaria sobre Mulligan, e os dois juntos venceriam o sistema.

Caminhou uma grande distância, através da cidade, até o edifício do jornal famoso. Tinha que andar. Ajudava-o a controlar a fúria dentro de si. Deixaram-no entrar na sala do editor – ele tinha um jeito especial de conseguir ser admitido nos lugares, contrariando todas as regras. Viu um homem gordo sentado atrás de

uma escrivadinha, com olhos que eram fendas finas e muito próximas. Ele não se apresentou, mas colocou o recorte sobre a escrivadinha e perguntou:

– Você se lembra disto?

O editor deu uma olhada no recorte, depois fitou Wynand. Era um olhar que Wynand já vira antes: nos olhos do taverneiro que batera a porta para ele.

– Como espera que eu me lembre de todas as porcarias que escrevo? – perguntou o editor.

Após um momento, Wynand disse:

– Obrigado.

Foi a única vez em sua vida que ele sentiu gratidão por algo que alguém fez. A gratidão era genuína – um pagamento por uma lição que ele nunca precisaria ter de novo. Mas o editor percebeu que havia algo muito errado naquele breve “Obrigado”, e muito assustador. O que ele não percebeu foi que era um obituário de Gail Wynand.

Caminhou de volta à *Gazette* sem sentir nenhuma raiva do editor ou do sistema político. Sentia apenas um desprezo furioso por si mesmo, por Pat Mulligan, por toda a integridade. Sentia vergonha quando pensava nos homens de quem ele e Mulligan haviam estado dispostos a se tornar vítimas. Ele não pensou em “vítimas”, e sim em “otários”. Quando chegou ao escritório, escreveu um editorial brilhante destruindo o Capitão Mulligan.

– Puxa, eu achei que você tivesse um pouco de pena do pobre coitado – comentou seu editor, contente.

– Eu não tenho pena de ninguém – disse Wynand.

Merceeiros e estivadores não haviam apreciado Gail Wynand; políticos o apreciavam. Durante seus anos no jornal, ele aprendera a se dar bem com as pessoas. Seu rosto assumira a expressão que ele usaria pelo resto da vida: não exatamente um sorriso, mas um olhar imóvel de ironia, dirigido ao mundo inteiro. As pessoas podiam presumir que sua zombaria era dirigida àquelas coisas de que elas queriam zombar. Além disso, era agradável lidar com um homem que não era perturbado pela paixão nem pela santidade.

Tinha 23 anos quando um grupo político rival, com a intenção de ganhar uma eleição municipal e precisando de um jornal para dar publicidade a certa questão, comprou a *Gazette*. Eles a compraram no nome de Gail Wynand, que deveria servir como testa de ferro dos políticos. Ele tornou-se editor-chefe. Deu publicidade à questão e ganhou a eleição para seus padrões. Dois anos depois, destruiu o grupo, mandou os líderes para a penitenciária e permaneceu como único proprietário da *Gazette*.

Seu primeiro ato foi mandar arrancar a placa acima da entrada do prédio e jogar fora o velho cabeçalho do jornal. A *Gazette* tornou-se o *New York Banner*. Seus amigos protestaram. Disseram-lhe:

– Não se muda o nome de um jornal.

– Eu mudo – retrucou ele.

A primeira campanha do *Banner* foi um apelo por contribuições em dinheiro para uma causa beneficente. Duas histórias foram publicadas, expostas lado a lado, utilizando a mesma quantidade de espaço: uma sobre um jovem cientista em dificuldades, morrendo de fome em um sótão e trabalhando em uma grande invenção; a outra sobre uma camareira, amante de um assassino que fora executado, esperando o nascimento de seu filho ilegítimo. Uma delas foi ilustrada com diagramas científicos; a outra, com a foto de uma jovem de boca aberta, exibindo uma expressão trágica e roupas desarrumadas. O *Banner* pediu aos seus leitores que ajudassem esses dois infelizes. Recebeu 9,45 dólares para o jovem cientista, e 1.077 dólares para a mãe solteira. Gail Wynand convocou uma reunião de toda a sua equipe. Colocou sobre a mesa o jornal com as duas histórias e o dinheiro arrecadado para os dois fundos.

– Há alguém aqui que não entenda? – perguntou ele.

Ninguém respondeu. Ele disse:

– Agora todos vocês já sabem que tipo de jornal o *Banner* será.

Os donos de jornais de sua época orgulhavam-se de estampar suas personalidades individuais em seus periódicos. Gail Wynand entregou seu jornal, de corpo e alma, ao povo. O *Banner* assumiu a aparência de um pôster de circo, no corpo, e de uma apresentação de circo, na alma. Aceitou o mesmo objetivo: atordoar, divertir e cobrar ingresso. Não carregava a marca de um homem, mas de um milhão de homens. Wynand dizia, ao explicar sua política: “Os homens são diferentes em suas virtudes, se possuem alguma, mas são semelhantes em seus vícios.”

Acrescentava, fitando os olhos de quem o havia questionado: “Eu estou servindo ao que existe em maior quantidade na Terra. Eu represento a maioria. Com certeza, um ato de virtude, não?”

O público pedia crimes, escândalos e sentimentalismo. Gail Wynand os fornecia. Ele dava às pessoas o que elas queriam – e também uma justificativa para deliciarem-se com os gostos que lhes causavam vergonha. O *Banner* apresentava assassinatos, incêndios criminosos, estupros, corrupção, com uma moral apropriada contra cada um. Havia três colunas de detalhes para cada dose de moral.

“Se você fizer as pessoas executarem um dever nobre, elas ficam entediadas”, declarava Wynand. “Se as fizer cederem às suas próprias vontades, elas ficam envergonhadas. Mas basta juntar as duas coisas e você as tem na palma da mão.”

Ele publicava histórias de garotas enganadas, divórcios da sociedade, orfanatos, zonas de prostituição, hospitais beneficentes.

“O sexo em primeiro lugar”, afirmava Wynand. “Lágrimas em segundo. Faça-os desejar e faça-os chorar, e eles estarão em suas mãos.”

O *Banner* liderava cruzadas espetaculares e corajosas sobre questões que não tinham nenhuma oposição; expunha políticos, um passo à frente do Grande Juri; atacava monopólios, em nome dos oprimidos; caçoava dos ricos e bem-sucedidos, à maneira daqueles que nunca conseguiriam ser nenhuma das duas coisas. Exagerava o glamour da alta sociedade, apresentando ao mesmo tempo as notícias sobre ela com um sarcasmo sutil. Isso dava ao homem comum duas satisfações: a de entrar em salas de visitas ilustres, e a de não limpar os pés antes de entrar.

Ao *Banner* era permitido abusar da verdade, do gosto e da credibilidade, mas não da capacidade cerebral de seus leitores. Suas manchetes enormes, fotos berrantes e seus textos exageradamente simplificados atingiam os sentidos e entravam na consciência das pessoas sem nenhuma necessidade de um processo racional intermediário, como se fossem um alimento injetado pelo reto, sem precisar ser digerido.

“Notícia”, dizia Gail Wynand a seus funcionários, “é aquilo que cria a maior agitação entre o maior número de pessoas. É a coisa que as deixa tontas. Quanto mais tontas, melhor, contanto que haja um número suficiente delas.”

Certo dia, ele trouxe ao escritório um homem que escolhera na rua. Era um sujeito comum, nem bem-vestido nem esfarrapado, nem alto nem baixo, nem moreno nem totalmente louro. Tinha o tipo de rosto de que uma pessoa não poderia se lembrar nem mesmo enquanto estivesse olhando para ele. Era assustador por ser tão completamente não diferenciado. Não possuía sequer os traços característicos de um débil mental. Wynand conduziu-o através do prédio, apresentou-o a cada funcionário e disse-lhe que podia ir embora. Depois, Wynand reuniu seus funcionários e disse-lhes:

– Quando estiverem em dúvida sobre seu trabalho, lembrem-se do rosto daquele homem. Vocês estão escrevendo para ele.

– Mas, Sr. Wynand – retrucou um jovem editor –, não dá para lembrar do rosto dele.

– Esse é o ponto – confirmou Wynand.

Quando o nome dele tornou-se uma ameaça no mundo jornalístico, um grupo de donos de jornais puxou-o de lado – em um evento beneficente da cidade, ao qual todos tiveram que comparecer – e repreendeu-o pelo que chamaram de seu aviltamento do gosto do público. Wynand disse:

– Não é minha função ajudar as pessoas a preservarem o respeito próprio que elas não têm. Vocês lhes dão aquilo de que elas alegam gostar, em público. Eu lhes dou aquilo de que elas realmente gostam. A honestidade é a melhor política, cavalheiros, embora não exatamente no sentido em que vocês aprenderam a acreditar.

Era impossível para Wynand não executar bem um trabalho. Qualquer que fosse o seu objetivo, seus meios eram insuperáveis. Todo o ímpeto, a força e a

vontade que eram vetados nas páginas de seu jornal eram canalizados para o processo de criá-lo. Um talento excepcional era prodigamente desperdiçado para atingir a perfeição do trivial. Uma nova fé religiosa poderia ter sido fundada com a energia de espírito que ele gastava colecionando histórias lúgubres e espalhando-as pelas páginas do jornal.

O *Banner* era sempre o primeiro a dar as notícias. Quando houve um terremoto na América do Sul e a área atingida ficou incomunicável, ele fretou um navio, enviou uma equipe para o local e pôs edições extras nas ruas de Nova York dias antes de seus concorrentes, com desenhos representando labaredas, fendas no solo e corpos esmagados. Quando chegou um SOS de um navio prestes a afundar em uma tempestade perto da costa do Atlântico, Wynand em pessoa correu para o local com sua equipe, antes da Guarda Costeira. Ele liderou o resgate e voltou com uma reportagem exclusiva, contendo fotografias dele mesmo subindo por uma escada de corda sobre ondas violentas, com um bebê nos braços. Quando uma vila no Canadá foi isolada do resto do mundo por uma avalanche, foi o *Banner* que enviou um balão para jogar comida e Bíblias aos habitantes. Quando uma comunidade de mineiros de carvão foi paralisada por uma greve, o *Banner* montou cozinhas para fornecer sopa e publicou histórias trágicas sobre os riscos enfrentados pelas filhas bonitas dos mineiros, sob a pressão da pobreza. Quando um gatinho ficou preso no alto de um poste, foi resgatado por um fotógrafo do *Banner*.

“Quando não houver notícia, criem uma.” Essa era a ordem de Wynand. Um louco escapou de um hospício estadual. Após dias de terror em um raio de muitos quilômetros – terror alimentado pelas previsões terríveis do *Banner* e por sua indignação com a incompetência da polícia local –, ele foi capturado por um repórter do *Banner*. O louco recuperou-se milagrosamente duas semanas depois da captura, recebeu alta e vendeu ao *Banner* a história revelando os maus-tratos que sofrera no hospício. O relato provocou extensas reformas. Algumas pessoas disseram que o louco havia trabalhado no *Banner* antes de ser internado. A alegação nunca pôde ser provada.

Houve um incêndio em uma fábrica que empregava trinta moças. Duas delas morreram no desastre. Mary Watson, uma das sobreviventes, deu ao *Banner* uma entrevista exclusiva sobre a exploração a que elas eram submetidas. A reportagem resultou em uma cruzada contra as fábricas que pagavam salários baixos, liderada pelas mulheres mais ilustres da cidade. A causa do incêndio nunca foi descoberta. Houve rumores de que Mary Watson já fora conhecida como Evelyn Drake, que escrevia para o *Banner*. Os rumores nunca puderam ser provados.

Nos primeiros anos de existência do jornal, Gail Wynand passava mais noites no sofá de seu escritório do que em seu quarto. O esforço que ele exigia de seus funcionários era difícil de executar; o esforço que exigia de si mesmo era difícil

de acreditar. Ele os conduzia como a um exército; conduzia a si próprio como a um escravo. Pagava-lhes bem; não tirava nada para si mesmo, além do aluguel e de suas refeições. Na época, morava em um quarto mobiliado, enquanto seus melhores repórteres moravam em suítes de hotéis caros. Gastava o dinheiro mais rápido do que ele entrava – e gastava tudo no *Banner*. Ele atendia a todas as necessidades do jornal sem questionar o preço, como se ele fosse uma amante de luxo.

O *Banner* era o primeiro jornal a obter os equipamentos tipográficos mais modernos. Era o último jornal a obter os melhores jornalistas – último porque ficava com eles. Wynand invadia as redações de seus concorrentes. Ninguém conseguia competir com os salários que ele oferecia. Seu procedimento evoluiu até se tornar uma fórmula simples. Quando um jornalista recebia um convite para ir falar com Wynand, tomava-o como um insulto à sua integridade jornalística, mas comparava ao compromisso. Vinha preparado para apresentar uma série de condições abusivas sob as quais ele aceitaria o emprego, se é que fosse aceitar. Wynand começava a entrevista dizendo que salário pagaria. Em seguida acrescentava:

– Talvez você queira, é claro, discutir outras condições...

E, vendo o movimento da garganta do homem, ao engolir em seco, concluía:

– Não? Tudo bem. Apresente-se a mim na segunda-feira.

Quando Wynand abriu seu segundo jornal, em Filadélfia, os donos de jornais locais o receberam como se fossem comandantes europeus unidos contra a invasão de Átila. A guerra que se seguiu foi tão selvagem quanto aquela. Wynand ria do assunto. Ninguém tinha nada a lhe ensinar sobre contratar bandidos para pilhar carroças de entrega e bater em vendedores de jornal. Dois de seus concorrentes pereceram na batalha. O *Philadelphia Star*, de Wynand, sobreviveu.

O resto foi rápido e simples como uma epidemia. Quando ele chegou aos 35 anos, havia jornais seus em todas as principais cidades dos Estados Unidos. Quando completou 40, havia revistas, jornais cinematográficos e a maior parte das Empresas Wynand S.A. por todo o país.

Uma grande quantidade de atividades, sobre as quais não havia publicidade, ajudaram a construir sua fortuna. Ele não se esquecera de nada de sua infância. Lembrou-se das coisas em que pensara quando era engraxate, em pé junto à amurada da balsa – as chances oferecidas por uma cidade em crescimento. Comprou propriedades onde ninguém esperava que se valorizassem, construiu contra todos os conselhos – e transformou centenas em milhares. Comprou uma grande quantidade de empresas de todos os tipos. Às vezes elas iam à falência, arruinando todos os envolvidos, exceto Gail Wynand. Lançou uma cruzada contra um obscuro monopólio de bondes e fez com que perdesse a licença; a licença foi concedida a um grupo ainda mais obscuro, controlado por Wynand.

Ele expôs uma tentativa mal-intencionada de monopolizar o mercado de carne no Meio-Oeste e deixou o campo livre para outro grupo, que operava sob suas ordens.

Ele foi auxiliado por muitas pessoas que descobriram que o jovem Wynand era um rapaz brilhante, alguém que valia a pena usar. Demonstrava uma complacência encantadora em ser usado. Em todos os casos, as pessoas acabaram descobrindo que elas é que haviam sido usadas, assim como os homens que compraram a *Gazette* para Gail Wynand.

Às vezes, perdia dinheiro em seus investimentos, friamente e com toda a intenção. Por meio de uma série de passos insondáveis, arruinou muitos homens poderosos: o presidente de um banco, o chefe de uma companhia de seguros, o dono de uma frota de navios a vapor, e outros. Ninguém podia descobrir seus motivos. Os homens não eram seus concorrentes e ele não ganhou nada com a destruição deles. As pessoas diziam:

– Seja o que for que aquele desgraçado do Wynand quer, dinheiro não é.

Aqueles que o denunciavam de maneira persistente demais eram escoraçados de suas profissões, alguns em poucas semanas, outros muitos anos depois. Houve ocasiões em que ele deixou insultos passarem despercebidos; houve outras em que ele destruiu um homem por causa de um comentário inofensivo. Nunca se podia saber do que ele se vingaria, nem o que perdoaria.

Certo dia, notou o trabalho brilhante de um jovem repórter que trabalhava em outro jornal e mandou chamá-lo. O rapaz veio, mas o salário que Wynand mencionou não produziu nenhum efeito nele.

– Não posso trabalhar para o senhor, Sr. Wynand – disse ele, com uma sinceridade arbatada –, porque o senhor... o senhor não tem nenhum ideal.

Os lábios finos de Wynand sorriram.

– Você não pode escapar da depravação humana, garoto – disse, em tom amável. – O patrão para quem você trabalha pode ter ideais, mas ele tem que implorar por dinheiro e aceitar ordens de muitas pessoas desprezíveis. Eu não tenho ideais, mas não imploro. Faça sua escolha. Não há outra.

O jovem voltou para seu jornal. Um ano depois, ele foi ver Wynand e perguntou-lhe se a oferta ainda estava de pé. Wynand disse que sim. O jovem permaneceu no *Banner* desde então. Era o único entre os funcionários que amava o empresário.

Alvah Scarret, o único sobrevivente da *Gazette* original, progredira junto com Wynand. Porém não se podia dizer que ele o amava. Ele apenas se agarrava a seu patrão com a dedicação automática de um capacho sob os pés de Wynand. Scarret nunca havia odiado nada e, portanto, era incapaz de amar. Ele era astuto, competente e inescrupuloso, à maneira inocente de uma pessoa incapaz de compreender o conceito de escrúpulo. Acreditava em tudo o que escrevia e em tudo o que era escrito no *Banner*. Podia manter uma crença por duas semanas

inteiras. Tinha um valor inestimável para Wynand, como um barômetro da reação pública.

Ninguém sabia se Gail Wynand tinha uma vida privada. Suas horas longe do escritório haviam assumido o estilo da primeira página do *Banner*, porém um estilo elevado a um grande plano, como se ele ainda estivesse atuando em um circo, só que para uma galeria de reis. Comprou todos os ingressos de uma grande ópera e sentou-se sozinho no auditório vazio, acompanhado de sua amante da época. Descobriu um roteiro de uma peça de teatro linda, escrito por um dramaturgo desconhecido, e pagou-lhe uma soma exorbitante para que a peça fosse encenada uma única vez e nunca mais. Wynand foi o único espectador dessa exibição única. O roteiro foi queimado na manhã seguinte. Quando uma mulher distinta da alta sociedade lhe pediu que contribuísse para uma causa beneficente digna, Wynand entregou-lhe um cheque em branco assinado – e riu, confessando que a quantia que ela ousou preencher era menor do que a que ele teria dado. Ele comprou um tipo de trono dos Bálcãs para um farsante paupérrimo que conheceu em um bar e a quem nunca mais se deu ao trabalho de ver. Com frequência, ele se referia a “meu criado, meu chofer e meu rei”.

À noite, vestido com um terno surrado que comprara por nove dólares, com frequência tomava o metrô e vagava pelos antros dos bairros pobres, ouvindo o seu público. Certa vez, em um boteco de porão, ouviu um motorista de caminhão denunciando Gail Wynand como o pior representante dos males capitalistas, em uma linguagem de vívida precisão. Concordeu com ele e ajudou-o, acrescentando ele próprio algumas expressões tiradas de seu vocabulário de Hell's Kitchen. Então Wynand pegou um exemplar do *Banner* que fora deixado sobre uma mesa por alguém, rasgou da página três a sua própria fotografia, prendeu-a com um clipe em uma nota de cem dólares, entregou-a ao motorista de caminhão e saiu antes que alguém pudesse dizer uma palavra.

A sucessão de suas amantes era tão rápida que deixou de ser fofoca. Dizia-se que ele nunca apreciava uma mulher a menos que a houvesse comprado, e que tinha que ser o tipo de mulher que não podia ser comprada.

Mantinha em segredo os detalhes de sua vida ao torná-la ostensivamente pública. Ele se entregara à multidão. Era propriedade de qualquer um, como um monumento em um parque, como um ponto de ônibus, como as páginas do *Banner*. Suas fotografias apareciam em seus jornais com mais frequência que as dos astros de cinema. Fora fotografado em todos os tipos de roupas, em todas as ocasiões imagináveis. Nunca fora fotografado nu, mas seus leitores sentiam como se houvesse sido. Não tirava nenhum prazer da publicidade pessoal; era apenas uma questão de política à qual ele se submetia. Cada canto de sua cobertura fora reproduzido em seus jornais e revistas. “Todos os filhos da mãe do país conhecem o interior da minha geladeira e da minha banheira”, dizia.

No entanto, um aspecto de sua vida era pouco conhecido e nunca mencionado.

O último andar do prédio, sob sua cobertura, era sua galeria de arte particular. Ficava trancada. Ele nunca deixara ninguém entrar, com exceção do zelador. Poucas pessoas sabiam sobre ela. Certa vez, o embaixador francês pediu-lhe permissão para visitá-la. Wynand recusou. Ocasionalmente, não com frequência, ele descia até sua galeria e ficava lá por horas a fio. As coisas que colecionava eram escolhidas de acordo com seus próprios padrões. Tinha obras-primas famosas; possuía telas de artistas desconhecidos; rejeitava as obras de nomes imortais dos quais não gostava. As avaliações feitas por colecionadores e a questão das assinaturas famosas não lhe causavam nenhum interesse. Os negociantes de arte de quem era cliente relatavam que seu discernimento era o de um mestre.

Uma noite, seu criado o viu retornando da galeria de arte e ficou chocado com a expressão em seu rosto. Era um olhar de sofrimento, mas o rosto parecia dez anos mais jovem.

– Está doente, senhor? – perguntou.

Wynand olhou para ele com indiferença e disse:

– Vá para a cama.

– Nós poderíamos fazer uma página dupla bacana para a seção de escândalos de domingo, com a sua galeria de arte – disse Alvah Scarret, solícito.

– Não – disse Wynand.

– Mas por quê, Gail?

– Olhe, Alvah, cada homem na Terra tem sua própria alma, para a qual ninguém pode olhar. Até mesmo os condenados em uma penitenciária e os monstros em um espetáculo alternativo. Todos, menos eu. A minha alma está exposta na sua seção de escândalos de domingo, impressa nas três cores primárias. Portanto, eu preciso ter um sucedâneo, mesmo que seja apenas uma sala trancada e uns poucos objetos que não podem ser tocados.

Foi um processo longo e houve sinais premonitórios, mas Scarret só notou certo traço novo no caráter de Gail Wynand quando este estava com 45 anos. Foi então que se tornou aparente para muitos. O homem perdeu o interesse em destruir industriais e financistas. Ele encontrou um novo tipo de vítima. As pessoas não sabiam se era um esporte, uma mania ou uma busca sistemática. Achavam que era horrível, porque parecia maligno e sem sentido.

Começou com o caso de Dwight Carson, um jovem escritor talentoso que atingira a reputação imaculada de um homem apaixonadamente dedicado a suas convicções. Ele defendia a causa do indivíduo contra as massas. Escrevia para revistas de grande prestígio e pequena circulação, que não eram nenhuma ameaça a Wynand. Este comprou Dwight Carson e o obrigou a escrever uma coluna para o *Banner*, dedicada a pregar a superioridade das massas sobre o homem de gênio. Era uma coluna ruim, maçante e pouco convincente, que irritou muitas pessoas. Era um desperdício de espaço e de um alto salário.

Wynand insistiu em continuar com ela.

Até Alvah Scarret ficou chocado com a apostasia de Carson.

– Eu poderia esperar isso de qualquer outro, Gail – disse ele –, mas, honestamente, não esperava isso do Carson.

Wynand riu; riu por tempo demais, como se não conseguisse parar. Sua risada tinha uma ponta de histeria. Scarret franziu as sobrancelhas. Não gostou de ver Wynand sendo incapaz de controlar uma emoção. Isso contradizia tudo o que sabia sobre ele, e deu a Scarret uma sensação estranha de apreensão, como ao ver uma pequena rachadura em uma parede sólida. A rachadura não podia pôr a parede em perigo, porém não deveria nem estar ali.

Poucos meses depois, Wynand comprou um jovem escritor de uma revista radical, um homem famoso por sua honestidade, e colocou-o para trabalhar em uma série de artigos que glorificavam os homens excepcionais e amaldiçoavam as massas. Isso também irritou muitos de seus leitores. Ele continuou com os artigos. Parecia não se importar mais com os sinais sutis da repercussão na circulação do jornal.

Contratou um poeta sensível para cobrir os jogos de beisebol e um especialista em arte para lidar com notícias financeiras. Pegou um socialista para defender donos de fábricas e um capitalista para defender os trabalhadores. Obrigou um ateu a escrever sobre as glórias da religião. Forçou um cientista disciplinado a proclamar a superioridade da intuição mística sobre o método científico. Deu a um grande maestro de orquestra sinfônica uma renda anual magnífica em troca de absolutamente nenhum trabalho, sob uma única condição: que ele nunca mais regesse uma orquestra.

Alguns desses homens haviam se recusado, a princípio. Mas renderam-se quando se viram à beira da falência, após uma série de circunstâncias insondáveis que ocorreram dentro de poucos anos. Alguns dos homens eram famosos; outros, obscuros. Wynand não demonstrava nenhum interesse na situação prévia de suas presas. Não se interessava por homens de sucesso brilhante que haviam comercializado suas carreiras e não mantinham nenhum tipo de convicção. Suas vítimas possuíam um único atributo em comum: sua imaculada integridade.

Uma vez que eram destruídos, Wynand continuava pagando-lhes escrupulosamente, porém não sentia mais nenhum interesse por eles e nenhum desejo de vê-los outra vez. Dwight Carson tornou-se alcoólatra. Dois homens ficaram viciados em drogas. Um cometeu suicídio. Este último foi a gota d'água para Scarret.

– Isso não está indo longe demais, Gail? – perguntou ele. – Foi praticamente um assassinato.

– De jeito nenhum – respondeu Wynand. – Eu fui meramente uma circunstância externa. A causa estava dentro dele. Se um raio atinge uma árvore

podre e ela desaba, a culpa não é do raio.

– Mas o que você considera uma árvore saudável?

– Elas não existem, Alvah – disse Wynand efusivamente. – Elas não existem.

Scarret nunca pediu a Wynand uma explicação para essa nova atividade. Através de algum instinto vago, Scarret adivinhava um pouco da razão por trás dela. Scarret sacudia os ombros e ria, dizendo às pessoas que não era nada com que devessem se preocupar, era só uma “válvula de escape”. Somente dois homens compreendiam Gail Wynand: Alvah Scarret – parcialmente – e Ellsworth Toohey – completamente.

Toohey – que desejava, acima de tudo, evitar uma briga com Wynand naquela época – não conseguia conter o ressentimento por Wynand não o ter escolhido para ser sua vítima. Ele quase desejava que o empresário tentasse corrompê-lo, fossem quais fossem as consequências. Porém Wynand raramente reparava em sua existência.

Wynand nunca tivera medo da morte. Através dos anos, a ideia de suicídio lhe havia ocorrido, não como uma intenção, mas como uma das muitas possibilidades entre as chances da vida. Ele a examinou com indiferença, com uma curiosidade educada, assim como examinava qualquer possibilidade, e depois a esqueceu. Havia passado por momentos de exaustão vazia, quando toda a sua vontade o abandonava. Sempre havia se curado com algumas horas em sua galeria de arte.

Assim, ele chegou aos 51 anos – e a um dia em que nada de importante lhe aconteceu, mas a noite o encontrou sem nenhum desejo de dar mais um passo sequer.



Gail Wynand estava sentado na beira da cama, curvado para a frente, seus cotovelos apoiados nos joelhos, a arma na palma da mão.

Sim, disse ele a si mesmo, há uma resposta ali, em algum lugar. Mas eu não quero saber qual é. Eu não quero saber.

E, porque sentiu uma pontada de terror na raiz de seu desejo de não analisar a sua vida mais profundamente, ele soube que não morreria essa noite. Enquanto ainda tivesse medo de alguma coisa, ele tinha um pé na vida, mesmo que significasse apenas seguir ao encontro de uma catástrofe desconhecida. O pensamento da morte não lhe dava nada. O pensamento da vida lhe dava uma pequena esmola: um sinal de medo.

Ele mexeu a mão, pesando a arma. Sorriu, um leve sorriso de menosprezo. *Não, pensou, isso não é para você. Ainda não. Você ainda tem o bom senso de não querer morrer sem razão. Foi impedido por isso. Até isso é um vestígio... de alguma coisa.*

Jogou a arma de lado, sobre a cama, sabendo que o momento havia passado e que a coisa já não representava nenhum perigo para ele. Levantou-se. Não sentia nenhuma alegria. Sentia-se cansado, mas estava de volta ao seu curso normal. Não havia nenhum problema, exceto terminar esse dia rapidamente e ir dormir.

Desceu ao escritório para pegar um drinque.

Quando acendeu a luz do recinto, viu o presente de Toohey. Era um caixote enorme, vertical, em pé perto de sua escrivaninha. Ele o vira no início da noite, havia pensado “Que diabos!” e se esquecido dele completamente.

Serviu-se de um drinque e começou a bebê-lo em goles lentos. O caixote era grande demais para escapar de seu campo de visão e, conforme bebia, ele tentava adivinhar o que poderia haver dentro dele. Era muito alto e fino para uma peça de mobília. Ele não conseguia imaginar que bem material Toohey poderia querer lhe enviar. Esperara algo menos tangível – um envelope pequeno contendo uma dica para algum tipo de chantagem. Tantas pessoas haviam tentado chantageá-lo, sempre sem sucesso. Ele realmente achava que Toohey teria mais bom senso que aquilo.

Quando terminou o drinque, ainda não havia encontrado nenhuma explicação razoável para o caixote. Isso o irritava, como palavras cruzadas teimosamente difíceis. Tinha um kit de ferramentas em alguma gaveta de sua escrivaninha. Achou-o e abriu o caixote.

Era a estátua de Dominique Francon feita por Steven Mallory.

Gail Wynand andou até a escrivaninha e pôs o alicate ali como se fosse de cristal frágil. Depois se virou e olhou para a estátua outra vez. Ficou observando-a durante uma hora.

Então foi até o telefone e discou o número de Toohey.

– Alô? – disse a voz de Toohey, sua impaciência rouca uma confissão de que ele fora arrancado de um sono profundo.

– Está bem. Pode vir – falou Wynand e desligou.

Toohey chegou meia hora depois. Era sua primeira visita ao apartamento de Wynand. O próprio atendeu a porta, ainda de pijama. Não disse nada e foi para seu escritório, seguido por Toohey.

O corpo nu de mármore, com a cabeça inclinada para trás em uma postura de exaltação, fazia com que a sala se parecesse com um lugar que não existia mais: o Templo Stoddard. Os olhos de Wynand estavam em Toohey, esperando, com uma expressão intensa de raiva reprimida.

– Você quer, claro, saber o nome da modelo? – perguntou Toohey, com apenas um leve toque de triunfo na voz.

– Não – disse Wynand. – Eu quero saber o nome do escultor.

Ele se perguntou por que Toohey não gostou da resposta. Havia algo além de decepção no rosto do crítico.

– O escultor? – perguntou Toohey. – Espere, deixe-me ver... Acho que eu

sabia... É Steven... ou Stanley... Stanley alguma coisa. Honestamente, não me lembro.

– Se você sabia o suficiente para comprar isto, sabia o suficiente para perguntar o nome e nunca se esquecer.

– Vou pesquisar, Sr. Wynand.

– Onde comprou isto?

– Em uma loja de arte, sabe, um daqueles lugares na Segunda Avenida.

– Como foi parar lá?

– Não sei. Não perguntei. Comprei porque conhecia a modelo.

– Você está mentindo. Se isto tivesse sido tudo o que viu nela, você não teria corrido o risco que correu. Você sabe que eu nunca deixei ninguém ver a minha galeria. Achou que eu lhe permitiria a presunção de acrescentar algo a ela? Ninguém jamais ousou me oferecer um presente deste tipo. Você não teria se arriscado, a menos que tivesse certeza, certeza absoluta, da magnífica obra de arte que isto é. Certeza de que eu teria que aceitá-la, de que você me venceria. E venceu.

– Fico feliz em ouvir isso, Sr. Wynand.

– Se quer deleitar-se com isso, eu também lhe direi que detesto ver isto vir de você. Detesto que você tenha sido capaz de apreciá-la. Não combina com você. Embora eu obviamente estivesse errado a seu respeito: você é um especialista em arte melhor do que eu pensava que fosse.

– Neste caso, terei que aceitar isso como um elogio e lhe agradecer, Sr. Wynand.

– Agora, o que era que você queria? Pretendia que eu entendesse que não vai me deixar ficar com isto a menos que eu conceda uma entrevista à Sra. Peter Keating?

– Ora, não, Sr. Wynand. Eu lhe dei de presente. Minha intenção era somente que você percebesse que esta é a Sra. Peter Keating.

Wynand olhou para a estátua e depois para Toohey.

– Ah, seu maldito idiota! – disse Wynand em voz baixa.

Toohey ficou olhando para ele, atônito.

– Então você realmente usou isto como uma lâmpada vermelha em uma janela? – Wynand parecia aliviado. Não achava mais necessário sustentar o olhar de Toohey agora. – Assim é melhor, Toohey. Você não é tão esperto quanto eu pensei por um momento.

– Mas, Sr. Wynand, o que...?

– Você não percebeu que esta estátua seria a maneira mais garantida de acabar com qualquer apetite que eu pudesse ter por essa sua Sra. Keating?

– Você não a viu, Sr. Wynand.

– Oh, ela provavelmente é linda. Pode até ser mais bonita do que isto. Mas não pode ter o que esse escultor lhe deu. E ver esse mesmo rosto, mas sem qualquer

significado, como uma caricatura morta... Você não acha que se poderia odiar a mulher por isso?

– Você não a viu.

– Ah, está bem, eu vou vê-la. Eu lhe disse que você sairia desta completamente ileso ou que se daria mal. Não lhe prometi dormir com ela, certo? Somente vê-la.

– É tudo o que eu queria, Sr. Wynand.

– Diga-lhe que telefone para o meu escritório e marque uma hora.

– Obrigado, Sr. Wynand.

– Além disso, é mentira sua que você não sabe o nome do escultor. Mas será muito trabalho fazê-lo me dizer. Ela me dirá.

– Tenho certeza de que ela dirá. Então por que eu mentiria?

– Só Deus sabe. A propósito, se tivesse sido um escultor menos talentoso, você teria perdido o emprego por isto.

– Mas, afinal de contas, Sr. Wynand, eu tenho um contrato.

– Ah, guarde isso para os seus sindicatos trabalhistas, Elsie! E agora acho que você deveria me desejar boa-noite e dar o fora daqui.

– Sim, Sr. Wynand. Eu lhe desejo uma boa noite.

Wynand acompanhou-o até o hall. À porta, lhe disse:

– Você é um péssimo homem de negócios, Toohey. Não sei por que está tão ansioso para que eu conheça a Sra. Keating. E também não sei que vantagem você leva em tentar conseguir um trabalho para esse seu Keating. Mas, o que quer que seja, não pode ser algo tão valioso a ponto de você abrir mão de uma estátua como aquela.

– POR QUE VOCÊ NÃO USOU sua pulseira de esmeraldas? – perguntou Peter Keating. – Todo mundo estava olhando para a estrela de safiras da suposta noiva do Gordon Prescott.

– Desculpe, Peter. Eu a usarei na próxima vez – disse Dominique.

– Foi uma festa agradável. Você se divertiu?

– Eu sempre me divirto.

– Eu também... Só que... Meu Deus, quer saber a verdade?

– Não.

– Dominique, eu estava morrendo de tédio. Vincent Knowlton é insuportável. Ele é um maldito esnobe. Não consigo aturá-lo. – Peter acrescentou, cautelosamente: – Eu não demonstrei nada, demonstrei?

– Não. Você se comportou muito bem. Riu de todas as piadas dele... até mesmo quando ninguém mais riu.

– Ah... você percebeu? Sempre funciona.

– Sim, eu percebi.

– Você acha que eu não deveria, não é?

– Eu não disse isso.

– Você acha que é... degradante, não acha?

– Eu não acho nada degradante.

Ele afundou mais um pouco na poltrona, fazendo com que seu queixo se comprimissem desconfortavelmente contra o peito, mas não tinha vontade de se mover de novo. O fogo crepitava na lareira da sala de estar. Ele havia apagado todas as luzes, exceto um abajur com um quebra-luz de seda amarela, mas isso não criou um ambiente de relaxamento íntimo, apenas fez com que o lugar parecesse deserto, como um apartamento vazio com a eletricidade cortada. Dominique estava sentada na outra extremidade da sala, seu corpo esguio obedientemente encaixado no contorno de uma cadeira de espaldar reto. Não parecia rígida, apenas equilibrada demais para estar confortável. Eles estavam a sós, mas ela estava sentada como uma dama em um ato público, como um adorável manequim em uma vitrine – uma vitrine de frente para uma esquina movimentada.

Tinham retornado de um chá na casa de Vincent Knowlton, um jovem e proeminente homem da sociedade, o novo amigo de Keating. Havia tido um jantar sereno juntos e agora tinham a noite livre. Não teriam nenhum compromisso social até o dia seguinte.

– Você não devia ter rido da teosofia quando estava conversando com a Sra. Marsh – comentou ele. – Ela acredita nisso.

– Eu sinto muito. Serei mais cuidadosa.

Peter esperou que ela puxasse um assunto e começasse uma conversa.

Dominique não disse nada. Ele percebeu, de repente, que ela nunca havia iniciado uma conversa com ele – durante os vinte meses de seu casamento. Ele disse a si mesmo que isso era ridículo e impossível; tentou lembrar-se de uma ocasião em que ela houvesse se dirigido a ele. Mas é claro que houve. Lembrava-se que ela perguntara:

– A que horas você volta hoje à noite?

E também:

– Você quer convidar os Dixon para o jantar de terça-feira?

E muitas coisas como essas.

Ele olhou para ela. Dominique não parecia entediada ou ansiosa por ignorá-lo. Permanecia sentada lá, alerta e pronta, como se a companhia dele tomasse toda a sua atenção. Não pegou um livro, não ficou entretida com algum pensamento próprio e distante. Olhava diretamente para ele, não para além dele, como se esperasse por uma conversa. Ele percebeu que ela sempre olhara assim para ele, diretamente, e então ele se perguntou se gostava disso. Sim, ele gostava, isso não lhe dava motivo para sentir ciúmes, nem mesmo de pensamentos escondidos. Não, não gostava, não realmente, isso não permitia uma escapatória, para nenhum dos dois.

– Acabei de ler *O cálculo biliar gentil* – falou ele. – É um livro interessante, produto de um cérebro cintilante, um duende com lágrimas escorrendo pelo rosto, um palhaço com um coração de ouro sentado momentaneamente no trono de Deus.

– Eu li a mesma crítica, no *Banner* de domingo.

– Eu li o livro. Você sabe que eu li.

– Que simpático da sua parte.

– O quê? – Ele ouviu aprovação e isso o agradou.

– Foi simpático com a autora. Tenho certeza de que ela gosta que as pessoas leiam o seu livro. Portanto, foi generoso gastar o seu tempo... uma vez que você já sabia de antemão o que acharia dele.

– Eu não sabia. Mas acontece que concordo com o crítico.

– O *Banner* tem os melhores críticos.

– Isso é verdade. É claro. Então não há nada de errado em concordar com eles, certo?

– Absolutamente nada. Eu sempre concordo.

– Com quem?

– Com todo mundo.

– Você está fazendo graça comigo, Dominique?

– Você me deu alguma razão para isso?

– Não. Não vejo como. Não, é claro que eu não dei.

– Então eu não estou.

Ele esperou. Ouviu um caminho passar na rua abaixo, fazendo barulho, e isso

preencheu alguns segundos, mas, quando o ruído parou, teve que falar de novo:

– Dominique, eu gostaria de saber o que você pensa.

– A respeito do quê?

– A respeito... a respeito do...

Ele procurou um assunto importante e acabou dizendo:

– ... do Vincent Knowlton.

– Eu acho que ele é um homem cuja bunda vale a pena se beijar.

– Pelo amor de Deus, Dominique!

– Perdão. Foi má gramática e más maneiras. Está errado, é claro. Bem, vejamos: Vincent Knowlton é um homem agradável de se conhecer. As famílias antigas merecem grande consideração, e nós devemos ter tolerância com as opiniões dos outros, porque a tolerância é a maior virtude, portanto seria injusto forçar Vincent Knowlton a ouvir suas opiniões, e, se você apenas deixá-lo acreditar no que bem entender, ele ficará contente em ajudá-lo também, porque ele é uma pessoa muito humana.

– Agora sim, isso faz sentido – disse Keating. Ele sentia-se à vontade com uma linguagem que podia reconhecer. – Eu acho que a tolerância é muito importante, porque... – Parou. E terminou, em tom apagado: – Você disse exatamente a mesma coisa que tinha dito antes.

– Você percebeu – disse ela.

Ela falou isso sem ponto de interrogação, indiferente, como um simples fato. Não era sarcasmo; ele gostaria que fosse. O sarcasmo lhe teria dado algum reconhecimento pessoal: o desejo de magoá-lo. Mas a voz dela nunca mostrava qualquer relação pessoal com ele – e assim havia sido por vinte meses.

Ele olhou para o fogo da lareira. Isso é que fazia um homem feliz, ficar sentado observando, sonhador, o fogo, sua própria lareira, na sua própria casa. Isso é o que ele havia ouvido e lido. Olhou fixamente para as chamas, sem piscar, para forçar-se a obedecer cegamente a uma verdade já estabelecida. *Só mais um minuto assim e vou me sentir feliz*, pensou, concentrando-se. Não aconteceu nada.

Peter pensou em como poderia descrever essa cena para os amigos de forma tão convincente que os faria invejar a plenitude do seu contentamento. Por que não conseguia convencer a si mesmo? Ele tinha tudo o que sempre quisera. Quisera superioridade – e durante o ano anterior ele havia sido o líder incontestável de sua profissão. Quisera fama – e ele tinha cinco álbuns de recortes. Quisera riqueza – e tinha o suficiente para garantir que viveria no luxo pelo resto da vida. Ele tinha tudo o que qualquer um poderia desejar. Quantas pessoas lutavam e sofriam para alcançar o que ele havia alcançado? Quantas sonhavam, sangravam e morriam por isso, sem conseguirem alcançá-lo? “Peter Keating é o homem mais sortudo na face da Terra.” Quantas vezes já ouvira isso?

Esse ano fora o melhor de sua vida. Ele havia adicionado o impossível às suas posses: Dominique Francon. Era uma alegria tão grande rir, despreocupado, quando seus amigos repetiam para ele:

– Peter, como é que você conseguiu?

Era um prazer tão especial apresentá-la a estranhos e dizer de modo desprezioso “Minha esposa”, e ver o olhar de inveja estúpido e inconstante nos olhos deles. Certa vez, em uma grande festa, um bêbado elegante perguntou-lhe, com uma piscadinha que declarava intenções inconfundíveis:

– Diga, você conhece aquela criatura deslumbrante ali?

– Vagamente – respondeu Keating, gratificado. – É a minha esposa.

Várias vezes dizia a si mesmo, com gratidão, que seu casamento estava sendo muito melhor do que ele havia esperado. Dominique havia se tornado a esposa ideal. Era inteiramente dedicada aos interesses dele: agradava seus clientes, entretinha seus amigos, dirigia sua casa. Ela não mudara nada na existência dele: nem os seus horários, nem os seus menus favoritos, nem mesmo o arranjo da sua mobília. Ela não trouxera nada consigo, exceto suas roupas; não adicionara sequer um livro ou um simples cinzeiro à casa dele. Quando ele expressava seu ponto de vista sobre qualquer assunto, ela não discutia – concordava com ele. Graciosamente, seguindo um curso natural, ela ficara em segundo plano, desaparecendo na presença dele.

Peter havia esperado uma torrente que o levantaria e o arremessaria contra rochedos desconhecidos. Não havia encontrado nem mesmo um riacho se juntando ao seu rio pacífico. Era mais como se o rio continuasse a correr e alguém tivesse vindo nadar silenciosamente atrás dele; não, nem mesmo nadar – essa seria uma ação decisiva, energética –, mas apenas flutuar atrás dele, seguindo a corrente. Se houvessem lhe oferecido o poder de determinar o comportamento de Dominique após o casamento, ele teria pedido que ela se comportasse exatamente como estava se comportando.

Somente suas noites o deixavam miseravelmente insatisfeito. Ela se submetia sempre que ele a queria. Mas era sempre como fora na primeira noite: um corpo indiferente em seus braços, sem repugnância, sem reação. No que lhe dizia respeito, ela ainda era virgem: ele nunca conseguira fazer com que ela sentisse algo. A cada vez, fervendo de humilhação, ele decidia que jamais tocaria nela novamente. Mas o seu desejo retornava, incitado pela constante presença da beleza dela. Ele se rendia, quando não podia mais resistir; não com frequência.

Foi a mãe dele quem disse o que ele não havia admitido para si mesmo sobre o seu casamento.

– Eu não aguento mais – admitiu ela, seis meses após o casamento. – Se ela ficasse brava comigo pelo menos uma vez, se me xingasse, jogasse coisas em mim, estaria tudo bem. Mas isso eu não aguento.

– O quê, mãe? – perguntou ele, sentindo um indicio frio de pânico.

– Deixe para lá, Peter.

Sua mãe, cujos argumentos, opiniões e reprovações ele nunca havia sido capaz de conter, nunca mais disse uma só palavra sobre o seu casamento. Ela arranjou um pequeno apartamento e mudou-se da casa dele. Visitava-os com frequência e era sempre educada com Dominique, com um ar de resignação, estranho e derrotado. Ele dizia a si mesmo que deveria estar contente por se ver livre de sua mãe, mas não estava.

Porém não conseguia entender o que Dominique havia feito para inspirar tal pavor crescente dentro dele. Peter não podia encontrar uma palavra ou atitude sequer pela qual pudesse criticá-la. Mas há vinte meses havia sido como nessa noite: ele não podia suportar permanecer a sós com ela. Ainda assim, não queria escapar dela, e ela não queria evitá-lo.

– Não vamos receber ninguém hoje à noite? – perguntou ele, sem entonação, virando de costas para o fogo.

– Não – respondeu ela, e sorriu, seu sorriso servindo como conexão para suas próximas palavras: – Devo deixá-lo sozinho, Peter?

– Não! – Foi quase um grito. *Eu não devo parecer tão desesperado*, ele pensou, enquanto dizia em voz alta: – Claro que não. Estou contente de ter uma noite com minha esposa só para mim.

Ele sentiu um vago instinto lhe dizendo que precisava resolver esse problema, que devia aprender a tornar os momentos com ela suportáveis, que não devia tentar fugir, mais pelo seu próprio bem do que pelo dela.

– O que quer fazer hoje, Dominique?

– O que você quiser.

– Quer ir ao cinema?

– Você quer?

– Ah, eu não sei. Ir ao cinema mata o tempo.

– Está bem. Vamos matar o tempo.

– Não. Por que deveríamos? Isso parece horrível.

– Parece?

– Por que deveríamos fugir de nossa própria casa? Vamos ficar aqui.

– Sim, Peter.

Ele esperou. *Mas o silêncio*, pensou, *também é uma fuga, um tipo pior de fuga.*

– Quer jogar paciência? – perguntou ele.

– Você gosta de jogar paciência?

– Pelo menos mata o tem...

Ele parou. Ela sorriu.

– Dominique – disse ele, olhando para ela –, você é tão linda. Você é sempre tão... tão absolutamente linda. Eu sempre quero lhe dizer como me sinto a respeito disso.

– Eu gostaria de ouvir como se sente a respeito disso, Peter.

– Eu adoro olhar para você. Sempre penso no que Gordon Prescott falou. Ele disse que você é um perfeito exercício de Deus em matemática estrutural. E Vincent Knowlton comentou que você é uma manhã de primavera. E Ellsworth... Ellsworth disse que você é uma censura a todas as outras formas femininas na Terra.

– E Ralston Holcombe? – quis saber ela.

– Ah, deixe para lá! – vociferou ele, e virou-se novamente para o fogo.

Eu sei por que não posso suportar o silêncio, pensou. É porque não faz nenhuma diferença para ela se eu falar ou não, como se eu não existisse e nunca houvesse existido... uma coisa mais inconcebível do que a própria morte – nunca haver nascido... Ele sentiu um desejo repentino e desesperado que podia identificar: o de ser real para ela.

– Dominique, sabe o que eu estive pensando? – perguntou ansioso.

– Não. O que você esteve pensando?

– Estive pensando nisso há algum tempo, inteiramente *por conta própria*, não mencionei isso a ninguém. E ninguém me sugeriu isso. É uma ideia inteiramente minha.

– Tudo bem. O que é?

– Eu acho que gostaria de me mudar para o campo e construir uma casa para nós. Você gostaria?

– Eu gostaria muito. Tanto quanto você. Quer projetar uma casa para você mesmo?

– É claro que não. Bennett fará o projeto para mim. Ele faz todas as nossas casas de campo. É um gênio nesse assunto.

– Você vai gostar de dirigir tanto para o trabalho?

– Não, acho que será um incômodo terrível. Mas, você sabe, todo mundo que é alguém mora longe do trabalho, hoje em dia. Eu sempre me sinto como um maldito proletário quando tenho que admitir que vivo na cidade.

– Você vai gostar de ver árvores e um jardim e as terras ao seu redor?

– Ah, isso é um monte de bobagens. Quando é que vou ter tempo? Uma árvore é uma árvore. Quando você já viu um telejornal sobre as florestas na primavera, já viu tudo.

– Você vai gostar de cuidar do jardim? As pessoas dizem que é muito agradável, trabalhar o solo com as próprias mãos.

– Deus me livre, não! Que tipo de lugar você pensa que teríamos? Nós podemos pagar um jardineiro, e um muito bom... Assim o lugar será algo para os vizinhos admirarem.

– Você vai querer praticar algum esporte?

– Sim, vou querer.

– Qual?

– Acho que me darei melhor com o golfe. Você sabe, fazer parte de um clube

de campo bem no local onde você é um dos líderes principais da comunidade é diferente de fins de semana ocasionais. E as pessoas que você encontra são diferentes. De classe muito mais alta. E os contatos que se pode fazer... – Ele percebeu que dera um passo em falso e acrescentou, nervoso: – Eu também vou andar a cavalo.

– Eu gosto de andar a cavalo. Você gosta?

– Nunca tive muito tempo para isso. Bem, é verdade que sacode as suas entranhas sem dó. Mas quem diabos é Gordon Prescott para pensar que é o único machão na Terra e pregar sua foto em trajes de equitação bem na sua recepção?

– Suponho que você vá querer um pouco de privacidade, certo?

– Bem, eu não acredito nessa coisa de ilha deserta. Acho que a casa deve ficar à vista de uma estrada importante, para que as pessoas possam apontar para ela e mencionar, sabe, que é a propriedade Keating. Quem diabos é Claude Stengel para ter uma casa de campo, quando eu moro em um apartamento alugado? Ele começou mais ou menos quando eu comecei, e veja onde ele está e onde eu estou. Se quer saber, ele tem sorte se um par de homens tiver ouvido falar dele, portanto por que ele deveria se estabelecer em Westchester e...

Ele parou. Dominique permaneceu sentada, olhando para ele, o rosto sereno.

– Ah, maldição! – berrou ele. – Se não quer se mudar para o campo, por que não diz logo?

– Eu quero muito fazer aquilo que você quiser, Peter. Seguir qualquer ideia que você tenha por conta própria.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

– O que faremos amanhã à noite? – perguntou ele, antes que pudesse se conter. Ela se levantou, andou até uma mesa e pegou sua agenda.

– Nós temos os Palmer para o jantar amanhã à noite – disse ela.

– Meu Deus! – gemeu ele. – Eles são tão chatos! Por que temos que recebê-los?

Ela ficou em pé, segurando a agenda com as pontas dos dedos, como se fosse uma fotografia com o foco na agenda e a própria figura dela dissolvida no pano de fundo.

– Nós temos que receber os Palmer – disse ela – para conseguirmos o contrato do prédio da nova loja deles. Temos que conseguir esse contrato para podermos entreter os Eddington no jantar de sábado. Os Eddington não têm nenhum contrato para oferecer, mas estão no *Registro Social*. Os Palmer o entediam e os Eddington o esnobam. Mas você tem que agradar pessoas que despreza para impressionar pessoas que o desprezam.

– Por que você tem que dizer essas coisas?

– Você quer ver a minha agenda, Peter?

– Bem, isso é o que todo mundo faz. É para isso que todo mundo vive.

– Sim, Peter. Quase todo mundo.

– Se você não aprova, por que não diz de uma vez?

– Eu disse alguma coisa sobre não aprovar?

Ele pensou cuidadosamente e admitiu:

– Não. Não, não disse... mas é o jeito que você usa para falar das coisas.

– Você prefere que eu fale de um jeito mais sutil, como fiz a respeito de Vincent Knowlton?

– Eu prefiro... – E então gritou: – Prefiro que você expresse uma opinião, maldita seja, pelo menos uma vez!

– Uma opinião de quem, Peter? De Gordon Prescott? De Ralston Holcombe? De Ellsworth Toohey? – retrucou ela, no mesmo tom ácido.

Ele se virou para ela, apoiando-se no braço da cadeira, meio levantado, repentinamente tenso. A coisa entre eles estava começando a tomar forma. Ele teve um primeiro indício das palavras que lhe dariam nome.

– Dominique – disse ele, gentilmente, sensatamente –, é isso. Agora eu sei. Eu sei qual tem sido o problema, desde o começo.

– Há algum problema?

– Espere. Isso é terrivelmente importante. Dominique, você nunca disse, nem uma única vez, o que pensava. A respeito de nada. Você nunca expressou um desejo. De nenhum tipo.

– O que há de errado nisso?

– Mas é... é como a morte. Você não é real. É apenas um corpo. Olhe, Dominique, você não sabe, eu vou tentar explicar. Você entende o que é a morte? Quando um corpo não pode mais se mexer, quando não tem... não tem nenhuma vontade, nenhum significado. Você entende? É como o nada. O nada absoluto. Bem, seu corpo se move... mas é só isso. A outra parte, a coisa dentro de você, a sua... Não me entenda mal, não estou falando de religião, mas não há outra palavra para isso, então vou dizer: a sua alma. A sua alma não existe. Nenhuma vontade, nenhum significado. O que *você* realmente é não existe mais.

– O que eu realmente sou? – perguntou ela. Pela primeira vez, parecia atenta; não compassiva, mas, pelo menos, atenta.

– O que as pessoas realmente são? – disse ele, encorajado. – Não é apenas o corpo. É... é a alma.

– O que é a alma?

– É... você. A coisa dentro de você.

– A coisa que pensa e avalia e toma decisões?

– Sim! Sim, é isso. E a coisa que sente. Você... você abriu mão dela.

– Então, há duas coisas das quais não podemos abrir mão: nossos pensamentos e nossos desejos?

– Sim! Você entende! Então, percebe, você é como um cadáver para todos à sua volta. Um tipo de morte ambulante. É pior que qualquer tipo de ação criminosa. É uma...

– Negação?

– Sim. Apenas uma negação vazia. Você não está aqui. Nunca esteve aqui. Se você me dissesse que as cortinas desta sala são horrendas e se as arrancasse da parede e colocasse outras de que você gostasse, algo de você seria real, aqui, nesta sala. Mas você nunca fez algo assim. Você nunca disse à cozinheira o que queria de sobremesa no jantar. Você não está aqui, Dominique. Não está viva. Onde está o seu eu?

– Onde está o seu, Peter? – perguntou ela, calma.

Ele ficou sentado, imóvel, os olhos bem abertos. Ela sabia que os pensamentos dele, nesse momento, eram claros e rápidos como a percepção visual, que o ato dele de pensar era uma visão de seu passado desfilando diante dele.

– Não é verdade – falou ele, finalmente, com a voz vazia. – Não é verdade.

– O que não é verdade?

– O que você disse.

– Eu não disse nada. Eu fiz uma pergunta.

Os olhos dele estavam implorando a ela que falasse, que negasse. Ela se levantou, ficou em pé na frente dele, e a rígida postura ereta de seu corpo era um sinal de vida, da vida pela qual ele implorara mas que nunca tivera, uma vida com um propósito inequívoco, mas também com um veredicto.

– Você está começando a ver, não está, Peter? Devo deixar mais claro? Você nunca quis que eu fosse real. Nunca quis que ninguém fosse. Mas você não queria que eu demonstrasse isso. Você queria uma encenação para ajudá-lo na sua encenação... uma encenação linda e complicada, repleta de distorções, adornos e palavras. Só palavras. Você não gostou do que eu disse a respeito de Vincent Knowlton. Gostou quando eu falei a mesma coisa encoberta por sentimentos virtuosos. Você não queria que eu acreditasse. Queria apenas que eu o convencesse de que eu acreditava. Minha verdadeira alma, Peter? Ela é real somente quando é independente. Você descobriu isso, não é? É real somente quando escolhe cortinas e sobremesas. Você está certo a respeito disso: cortinas, sobremesas e religiões, Peter, e as formas dos prédios. Mas você nunca quis isso. Você queria um espelho. As pessoas não querem nada além de espelhos à sua volta. Para refleti-las ao mesmo tempo que elas também refletem. Você sabe, como a infinidade sem sentido que surge de dois espelhos de frente um para o outro com um espaço estreito entre eles. Comuns nos tipos mais vulgares de hotéis. Reflexos de reflexos e ecos de ecos. Sem começo e sem fim. Sem centro e sem propósito. Eu lhe dei o que você queria. Eu me tornei o que você é, o que os seus amigos são, o que a maioria da humanidade está tão ocupada sendo... mas sem os adornos. Não fiquei andando por aí declamando críticas literárias para esconder minha opinião vazia. Eu disse que não tinha opinião. Não peguei projetos emprestados para esconder minha impotência criativa; eu não criei nada. Não fiquei dizendo que a igualdade é uma concepção nobre e que a

unidade é o objetivo principal da humanidade. Eu apenas concordei com todo mundo. Você chama isso de morte, Peter? Esse tipo de morte. Eu a impus a você e a todos à nossa volta. Mas você, você não fez isso. As pessoas ficam à vontade com você, elas gostam de você, gostam da sua presença. Você as poupou da morte vazia. Porque você a impôs... a si próprio.

Peter não disse nada. Ela se afastou dele e sentou-se novamente, esperando.

Ele se levantou. Deu alguns passos na direção dela. Disse:

– Dominique...

Ele ficou de joelhos na frente da esposa, agarrado a ela, com a cabeça enterrada nas pernas dela.

– Dominique, não é verdade... que eu nunca amei você. Eu amo você, sempre amei, não foi... apenas para me exibir para os outros, não foi só por isso, eu amava você. Houve duas pessoas, você e um homem, que sempre me fizeram sentir a mesma coisa: não exatamente medo, mas como um muro, um muro inclinado difícil de escalar, como uma ordem para subir, não sei para onde, mas um sentimento crescente... Eu sempre odiei aquele homem, mas você, eu queria você, sempre quis, foi por isso que me casei com você, mesmo sabendo que você me desprezava, portanto você deveria me perdoar pelo casamento, você não devia ter se vingado assim, não assim, Dominique... Dominique, eu não posso lutar, eu...

– Quem é o homem que você odiava, Peter?

– Não importa.

– Quem é ele?

– Ninguém. Eu...

– Diga o nome.

– Howard Roark

Ela não disse nada por um longo tempo. Então colocou a mão nos cabelos dele. Parecia um gesto de bondade.

– Eu nunca quis me vingar de você, Peter – disse ela suavemente.

– Então, por quê?

– Eu me casei com você por minhas próprias razões. Agi de acordo com o que o mundo exige de nós. Só que eu não consigo fazer nada pela metade. Os que conseguem têm uma fissura em algum lugar dentro deles. A maioria das pessoas tem várias. Elas mentem para si mesmas... para não saber disso. Eu nunca menti para mim mesma. Portanto, tive que fazer o que todos vocês fazem, só que de forma consistente e completa. Eu provavelmente destruí você. Se eu pudesse me importar, diria que sinto muito. Esse não foi o meu propósito.

– Dominique, eu amo você. Mas estou com medo, porque você mudou algo em mim, desde que nos casamos, desde que eu disse sim a você... Mesmo que a perdesse agora, eu não poderia voltar a ser o que era, você tirou algo de mim...

– Não, tirei algo que você nunca possuiu. Eu admito que isso é pior.

– O quê?

– Dizem que a pior coisa que se pode fazer a um homem é matar o respeito por si próprio. Mas não é verdade. Respeito por si próprio é algo que não pode ser morto. A pior coisa é matar a ilusão de respeito por si próprio de um homem.

– Dominique, eu... eu não quero conversar.

Ela olhou para baixo, para o rosto dele, que descansava nos joelhos dela, e ele viu piedade nos olhos dela, e por um momento soube que coisa horrível é a piedade verdadeira, mas não guardou nenhum conhecimento disso, porque bloqueou sua mente contra as palavras que poderiam tê-lo preservado.

Ela curvou-se e beijou a testa dele. Era a primeira vez que lhe dava um beijo.

– Eu não quero que você sofra, Peter – disse ela gentilmente. – Isto, agora, é real, sou eu, minhas próprias palavras. Não quero que você sofra, não posso sentir nada mais, mas sinto pelo menos isso.

Ele pressionou os lábios contra a mão dela.

Quando ele levantou a cabeça, ela olhou para ele como se, por um momento, ele fosse seu marido. E disse:

– Peter, se você pudesse se agarrar a isso, ao que você é agora...

– Eu te amo – disse ele.

Ficaram sentados juntos por muito tempo. Ele não sentiu nenhuma tensão no silêncio.

O telefone tocou.

Não foi o som que destruiu o momento, foi a avidez com que Keating pulou em pé e correu para atender. Ela ouviu a voz dele através da porta aberta, uma voz indecente em seu alívio:

– Alô?... Ah, alô, Ellsworth!... Não, nada... Livre como uma cotovia... Claro, pode vir, pode vir *já!*... Combinado!

Voltamos à sala de estar, ele disse:

– É o Ellsworth. – Sua voz estava alegre e tinha um tom de insolência. – Ele quer nos fazer uma visita.

Dominique não falou nada.

Ele se ocupou esvaziando cinzeiros que tinham um único fósforo ou só uma guimba de cigarro, recolhendo jornais, colocando mais um pedaço de lenha no fogo, sem necessidade, acendendo mais luzes. Ele assobiava uma melodia de uma opereta que vira no cinema.

Correu para abrir a porta quando ouviu a campainha.

– Que agradável – comentou Toohey ao entrar. – Uma lareira acesa e apenas vocês dois. Olá, Dominique. Espero não estar me intrometendo.

– Olá, Ellsworth – falou ela.

– Você nunca se intromete – disse Keating. – Não posso lhe dizer como fico contente em vê-lo.

Keating empurrou uma cadeira para perto do fogo.

– Sente-se aqui, Ellsworth. O que vai querer? Sabe, quando ouvi a sua voz ao telefone... bem, fiquei com vontade de pular e ganir como um cachorrinho.

– Mas não abane o rabo – disse Toohey. – Não, não vou beber, obrigado. Como você está, Dominique?

– Como estava há um ano.

– Mas não como estava há dois anos?

– Não.

– O que foi que fizemos há dois anos, nessa época? – perguntou Keating, distraído.

– Vocês não estavam casados – disse Toohey. – Período pré-histórico. Deixe-me ver, o que aconteceu naquela época? Acho que o Templo Stoddard estava sendo concluído.

– Ah, isso – disse Keating.

Toohey perguntou:

– Você tem ouvido algo a respeito do seu amigo Roark.. Peter?

– Não. Acho que está sem trabalhar há um ano ou mais. Ele está acabado, desta vez.

– Sim, acho que está... O que você tem feito, Peter?

– Nada de mais... Ah, eu acabei de ler *O cálculo biliar gentil*.

– Gostou?

– E como! Sabe, eu acho que é um livro muito importante. Porque é verdade que o livre-arbítrio não existe. Nós não temos controle sobre o que somos ou sobre o que fazemos. Não é nossa culpa. Ninguém é culpado de nada. Tudo o que conta é o seu ambiente e... e as suas glândulas. Se você é bom, não é nenhuma conquista sua, você apenas teve sorte com suas glândulas. Se você não presta, ninguém deveria puni-lo... Você não teve sorte, só isso.

Ele estava falando em tom de desafio, com uma violência inapropriada para uma discussão literária. Não estava olhando para Toohey nem para Dominique, mas se dirigia para a sala e para o que aquele recinto havia testemunhado.

– Essencialmente correto – disse Toohey. – Para sermos lógicos, no entanto, não deveríamos pensar em punição para aqueles que não prestam. Visto que não são culpados pelo próprio sofrimento e que são azarados e mal dotados, eles deveriam receber algum tipo de compensação, alguma recompensa.

– Mas... é claro! – gritou Keating. – Isso é... isso é lógico.

– E justo – acrescentou Toohey.

– Consegui influenciar o *Banner* como queria, Ellsworth? – perguntou Dominique.

– A que você está se referindo?

– A *O cálculo biliar gentil*.

– Ah, não. Não posso dizer que consegui. Não totalmente. Há sempre os... imponderáveis.

– Do que vocês estão falando? – perguntou Keating.

– Fofoca profissional – disse Toohey. Estendeu as mãos para perto do fogo e flexionou os dedos jovialmente. – A propósito, Peter, você está fazendo algo a respeito de Stoneridge?

– Maldito seja – disparou Keating.

– Qual é o problema?

– Você sabe qual é o problema. Você conhece o vigarista melhor que eu. Fazer um projeto como esse, agora, quando é maná no deserto, e, entre todas as pessoas, tinha que ser o filho da mãe do Wynand!

– Qual é o problema com o Sr. Wynand?

– Ah, Ellsworth! Você sabe muito bem que, se fosse qualquer outra pessoa, eu conseguiria esse contrato facilmente, assim – estalou os dedos –, eu não precisaria nem pedir, o proprietário viria me procurar. Especialmente quando se sabe que um arquiteto como eu está praticamente com a bunda grudada na cadeira, sem fazer nada, se pensarmos no trabalho que nosso escritório poderia fazer. Mas o Sr. Gail Wynand!... Ele dá a impressão de ser um lama sagrado que é alérgico ao ar respirado por arquitetos!

– Presumo que tenha tentado...

– Ah, não me fale sobre isso. Eu passo mal. Acho que gastei trezentos dólares em almoços, alimentando e embebedando todo tipo de pessoa imprestável que dizia poder me apresentar a ele. Tudo o que consegui foram ressacas. Acho que seria mais fácil ser apresentado ao papa.

– Eu presumo que você realmente queira conseguir Stoneridge.

– Está me tentando, Ellsworth? Eu daria meu braço direito por ele.

– Isso não seria aconselhável. Você não iria mais poder projetar... ou fingir que faz projetos. Seria preferível abrir mão de algo menos palpável.

– Eu daria a minha alma.

– Daria, Peter? – perguntou Dominique.

– O que você tem em mente, Ellsworth? – perguntou Keating bruscamente.

– Apenas uma sugestão prática – disse Toohey. – Quem foi a pessoa que lhe conseguiu o maior número de projetos e alguns dos melhores que já teve?

– Bem... Dominique, eu acho.

– Exatamente. E uma vez que você não tem acesso a Wynand, e que não lhe faria nenhum bem se tivesse, não acha que Dominique é quem pode conseguir convencê-lo?

Keating o encarou.

– Você está louco, Ellsworth?

Dominique se inclinou para a frente. Ela parecia interessada.

– Pelo que ouvi – disse ela –, Gail Wynand não faz favores a nenhuma mulher, a não ser que seja linda. E, se for linda, ele não o faz por favor.

Toohey olhou para ela, ressaltando o fato de que não discordava.

– É uma bobagem – disse Keating bruscamente, com raiva. – Como Dominique conseguiria vê-lo?

– Telefonando para o escritório dele e marcando uma hora – falou Toohey.

– Quem lhe disse que ele aceitaria?

– Ele disse.

– Quando?!

– Ontem, tarde da noite. Ou, mais precisamente, esta manhã bem cedo.

– Ellsworth! – exclamou Peter, sem fôlego. – Eu não acredito.

– Eu acredito – disse Dominique –, ou Ellsworth não teria começado esta conversa. – Ela sorriu para Toohey. – Então Wynand prometeu a você que me veria?

– Sim, minha querida.

– Como é que você conseguiu isso?

– Bem, eu ofereci a ele um argumento convincente. Entretanto, seria aconselhável não demorar. Você deve telefonar para ele amanhã, se quiser fazê-lo.

– Por que ela não pode ligar agora? – perguntou Keating. – Ah, acho que é muito tarde. Você fará o telefonema de manhã, logo cedo.

Ela fitou Peter, os olhos semicerrados, e não disse nada.

– Já faz muito tempo que você não demonstra um interesse ativo na carreira de Peter – comentou Toohey. – Você não gostaria de tentar uma façanha tão difícil como essa, pelo bem de Peter?

– Se Peter quiser que eu tente.

– Se eu quiser?! – berrou Peter. – Vocês estão malucos? É a chance da minha vida, a... – Ele percebeu que os dois olhavam para ele com curiosidade. Gritou: – Ah, besteira!

– O que é besteira, Peter? – perguntou Dominique.

– Você vai deixar que um monte de fofocas estúpidas a detenha? Qualquer esposa de qualquer outro arquiteto se arrastaria por uma chance como esta...

– A nenhuma outra esposa de nenhum outro arquiteto teria sido dada esta chance – corrigiu Toohey. – Nenhum outro arquiteto tem uma esposa como Dominique. Você sempre teve tanto orgulho disso, Peter.

– Dominique sabe tomar conta de si mesma em qualquer situação.

– Não há dúvida disso.

– Muito bem, Ellsworth – disse Dominique. – Ligarei para Wynand amanhã.

– Ellsworth, você é maravilhoso! – falou Keating, sem olhar para a mulher.

– Acho que quero uma bebida agora – disse Toohey. – Devemos celebrar.

Quando Keating correu para a cozinha, Toohey e Dominique olharam um para o outro. Ele sorriu. Deu uma olhada para a porta pela qual Keating havia saído, e então, olhando de volta para ela, assentiu com a cabeça, entretido.

– Você esperava por isso – disse Dominique.

– É claro.

– Vamos lá, Ellsworth, qual é o seu verdadeiro propósito?

– Ora, eu quero ajudá-la a conseguir Stoneridge para Peter. É realmente um projeto fantástico.

– Por que está tão ansioso para que eu durma com Wynand?

– Não acha que seria uma experiência interessante para todos os envolvidos?

– Você não está satisfeito com a forma que o meu casamento tomou, não é, Ellsworth?

– Não totalmente. Mais ou menos cinquenta por cento. Bem, nada é perfeito neste mundo. Nós colhemos o que podemos e depois continuamos tentando.

– Você estava muito ansioso para que eu me casasse com Peter. Sabia qual seria o resultado, melhor que eu e Peter.

– Peter não tinha a menor ideia.

– Bem, funcionou, cinquenta por cento. Você conseguiu fazer de Peter o que queria: o arquiteto mais importante do país, que agora é uma lama grudada nas suas galochas.

– Nunca gostei do seu estilo de expressão, mas sempre foi preciso. Eu teria dito que agora é uma alma abanando o rabo. O seu estilo é mais gentil.

– Mas e os outros cinquenta por cento, Ellsworth? Um fracasso?

– Quase total. Minha culpa. Eu deveria ter sido mais esperto e não ter esperado que alguém como Peter Keating, mesmo no papel de marido, pudesse destruir você.

– Bem, você é franco.

– Eu já lhe havia dito que esse é o único método que funciona com você. Além disso, com certeza você não demorou dois anos para descobrir o que eu queria desse casamento, certo?

– Então você acha que Wynand vai fazer o serviço?

– Possivelmente. O que você acha?

– Eu acho que sou apenas um detalhe, novamente. O que você chamou de “puro lucro” uma vez, não foi? O que você tem contra Wynand?

Ele riu. O som traiu o fato de que ele não havia esperado a pergunta. Ela disse, com desprezo:

– Não demonstre que está chocado, Ellsworth.

– Tudo bem. Estamos jogando aberto. Não tenho nada específico contra o Sr. Gail Wynand. Planejo o encontro dele com você há muito tempo. Se quiser alguns pequenos detalhes, ele fez algo que me irritou, ontem de manhã. Ele é muito observador. Então decidi que a hora havia chegado.

– E havia Stoneridge.

– E havia Stoneridge. Eu sabia que algo sobre isso interessaria a você, Dominique. Você nunca se venderia para salvar o seu país, a sua alma, ou a vida de um homem que amasse. Mas você se venderia para conseguir um projeto

para Peter Keating, um projeto que ele não merece. Veja o que restará de vocês depois disso. Ou de Gail Wynand. Vou ficar interessado em ver, também.

– Absolutamente correto, Ellsworth.

– Tudo? Até mesmo a parte a respeito do homem que você amasse... se amasse algum homem?

– Sim.

– Você não se venderia por Roark? Embora, é claro, você não goste de ouvir esse nome ser pronunciado.

– Howard Roark – disse ela, sem se alterar.

– Você tem muita coragem, Dominique.

Keating retornou, carregando uma bandeja de coquetéis. Seus olhos estavam febris e ele fazia gestos demais.

Toohey ergueu seu copo e disse:

– A Gail Wynand e ao *New York Banner*!

GAIL WYNAND LEVANTOU-SE E FOI até o meio de sua sala para recebê-la.

– Muito prazer, Sra. Keating – disse ele.

– Muito prazer, Sr. Wynand – falou Dominique.

Puxou uma cadeira para ela, mas, quando ela se sentou, ele não foi sentar-se atrás de sua escrivaninha. Ficou em pé, estudando-a de maneira profissional e avaliadora. Sua conduta implicava uma necessidade óbvia, como se ela soubesse que motivo ele tinha para fazer isso, e como se não pudesse haver nada de impróprio nesse comportamento.

– Você parece uma versão estilizada de sua própria versão estilizada – comentou ele. – Via de regra, quem vê modelos de obras de arte tende a tornar-se ateu. Mas, desta vez, aquele escultor chegou bem perto de Deus.

– Que escultor?

– O que fez aquela estátua de você.

Ele suspeitara que havia alguma história por trás daquela estátua e teve certeza disso nesse momento, ao perceber algo no rosto dela, uma contração que contradisse, por um segundo, a indiferença equilibrada de seu autocontrole.

– Onde e quando viu aquela estátua, Sr. Wynand?

– Na minha galeria de arte, hoje de manhã.

– Onde a conseguiu?

Foi a vez dele de mostrar-se perplexo:

– Mas você não sabe?

– Não.

– Seu amigo Ellsworth Toohey mandou-a para mim. De presente.

– Para conseguir esta reunião?

– Não para um propósito tão direto quanto o que você deve estar pensando. Mas, na essência, sim.

– Ele não me disse isso.

– Você se importa que eu tenha a estátua?

– Não especialmente.

– Eu esperava que dissesse que estava encantada.

– Não estou.

Ele sentou-se, informalmente, na beirada da escrivaninha perto dela, e esticou as pernas, cruzando os tornozelos. Perguntou:

– Pelo que estou entendendo, você não sabia onde estava a estátua e vinha tentando encontrá-la?

– Há dois anos.

– Não vou dá-la para você. – Acrescentou, observando-a: – Mas talvez eu lhe dê Stoneridge.

– Vou mudar de ideia. Estou encantada por Toohey ter lhe dado a estátua.

Ele sentiu uma pontada pequena e amarga de triunfo – e de decepção, ao pensar que podia ler a mente dela, e que a mente dela era óbvia, no final das contas. Perguntou:

– Porque resultou nesta reunião?

– Não. Porque você é a penúltima pessoa no mundo que eu gostaria que possuísse aquela estátua. Mas Toohey é a última.

A sensação de triunfo se esvaiu. Isso não era algo que uma mulher que quisesse conseguir Stoneridge deveria ter dito ou pensado. Ele perguntou:

– Você não sabia que Toohey estava com a estátua?

– Não.

– Nós deveríamos nos unir contra nosso amigo em comum, o Sr. Ellsworth Toohey. Eu não gosto de ser fantoche de ninguém e não acho que você goste, nem que jamais possa ser forçada a gostar. Há coisas demais que o Sr. Toohey escolheu não contar. O nome do escultor, por exemplo.

– Ele não lhe disse?

– Não.

– Steven Mallory.

– Mallory?... Não o que tentou... – Ele riu alto.

– O que foi?

– Toohey me disse que não conseguia se lembrar do nome. *Desse nome.*

– O Sr. Toohey ainda o surpreende?

– Pois surpreendeu, várias vezes, nos últimos dias. Há um tipo especial de sutileza em ser tão ostensivo quanto ele tem sido. Um tipo muito difícil. Eu quase gosto do talento dele.

– Nós não temos o mesmo gosto.

– Em nenhuma área? Nem em escultura... ou arquitetura?

– Com certeza, não em arquitetura.

– Isso não é justamente o que você não deveria dizer?

– Provavelmente.

Wynand olhou para ela e disse:

– Você é interessante.

– Essa não foi minha intenção.

– Esse é o seu terceiro erro.

– Terceiro?

– O primeiro foi quanto ao Sr. Toohey. Nestas circunstâncias, seria de se esperar que você o elogiasse para mim. Que o citasse. Que se apoiasse no grande prestígio dele em questões relacionadas à arquitetura.

– Mas seria de se esperar que você conhecesse Ellsworth Toohey. Isso deveria desqualificar quaisquer citações.

– Eu pretendia dizer isso a você... se você tivesse me dado a chance que se recusa a dar.

– Isso deveria aumentar o entretenimento.
– Você esperava ser entretida?
– Estou sendo.
– Com relação à estátua? – Era o único ponto de fraqueza que ele havia descoberto.

– Não. – A voz dela saiu seca. – Com relação à estátua, não.
– Diga-me, quando ela foi feita e por quem?
– O Sr. Toohey esqueceu-se disso também?
– Aparentemente.
– Você se lembra de um escândalo sobre um prédio chamado Templo Stoddard? Dois anos atrás. Você estava viajando, na época.

– O Templo Stoddard... Como você sabe onde eu estava dois anos atrás?... Espere, o Templo Stoddard. Eu me lembro: uma igreja sacrílega, ou algum objeto do tipo, que fez com que a brigada da Bíblia saísse gritando pelas ruas.

– Isso.
– Havia... – Ele se interrompeu. Sua voz soou seca e relutante, como a dela. – Havia uma estátua de uma mulher nua na história.

– Sim.
– Entendo.

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois disse, com voz áspera, como se estivesse contendo uma ira cujo objeto ela não podia adivinhar:

– Eu estava em algum lugar perto de Bali, na época. Sinto muito que Nova York inteira tenha visto aquela estátua antes de mim. Mas não leio jornais quando estou velejando. Há uma ordem permanente de despedir qualquer homem que leve um jornal Wynand a bordo do iate.

– Você já viu fotos do Templo Stoddard?
– Não. O prédio era digno da estátua?
– A estátua era quase digna do prédio.
– Ele foi destruído, não foi?
– Sim. Com a ajuda dos jornais Wynand.

Ele deu de ombros.

– Eu lembro que Alvah Scarret deleitou-se com o assunto. Uma grande reportagem. Sinto muito ter perdido. Mas Alvah fez muito bem. A propósito, como você sabia que eu não estava aqui e por que o fato da minha ausência permaneceu em sua memória?

– Foi a história que me fez perder o emprego no seu jornal.
– *Seu emprego? No meu jornal?*
– Não sabia que o meu nome era Dominique Francon?

Sob o paletó elegante, os ombros dele desabaram, de surpresa e impotência. Olhou fixamente para ela, de forma bastante simples. Depois de algum tempo, disse:

– Não.

Ela riu com indiferença e disse:

– Parece que Toohey queria dificultar as coisas ao máximo, para nós dois.

– Toohey que vá para o inferno. Eu tenho que entender isso. Não faz sentido.

Você é Dominique Francon?

– Era.

– Você trabalhou aqui, neste prédio, durante anos?

– Seis anos.

– Por que eu não a conheci antes?

– Tenho certeza de que não conhece cada um de seus funcionários.

– Acho que você entende o que quero dizer.

– Quer que eu enuncie para você?

– Sim.

– Por que eu nunca tentei ser apresentada a você antes?

– Sim.

– Eu não tinha nenhuma vontade.

– Isso, precisamente, não faz sentido.

– Devo deixar isso passar, ou entender?

– Vou poupá-la da escolha. Com o tipo de beleza que você possui e conhecendo o tipo de reputação que eu tenho fama de possuir, por que você não tentou construir uma carreira de verdade no *Banner*?

– Eu nunca quis uma carreira de verdade no *Banner*.

– Por quê?

– Talvez pela mesma razão que o faz proibir jornais Wynand em seu iate.

– É uma boa razão – disse ele, em voz baixa. Então perguntou, voltando ao tom casual: – Vejamos, o que você fez para ser despedida? Foi contra a nossa política, creio, não foi?

– Eu tentei defender o Templo Stoddard.

– Você não sabia que não deveria tentar usar de sinceridade no *Banner*?

– Eu pretendia dizer isso a você... se você tivesse me dado a chance.

– Você está se divertindo?

– Não foi divertido, na época. Eu gostava de trabalhar aqui.

– Você é a única pessoa que já disse isso neste prédio.

– Devo ser uma de duas pessoas.

– Quem é a outra?

– Você, Sr. Wynand.

– Não tenha tanta certeza disso.

Ao erguer a cabeça, ele viu um indício de diversão nos olhos dela e perguntou:

– Você falou isso só para me fazer dizer algo desse tipo?

– Sim, acho que sim – respondeu ela, serena.

– Dominique Francon... – repetiu ele, sem se dirigir a ela. – Eu gostava do que

você escrevia. Eu quase gostaria que você estivesse aqui para pedir seu antigo emprego de volta.

– Estou aqui para falar sobre Stoneridge.

– Ah, sim, claro.

Ele acomodou-se, para desfrutar de um longo discurso de persuasão. Pensou que seria interessante ouvir que argumentos ela escolheria e como agiria no papel de suplicante.

– Bem, o que quer me dizer sobre isso?

– Eu gostaria que você desse esse projeto ao meu marido. Entendo, é claro, que não existe nenhum motivo para fazer isso, a menos que, em troca, eu concorde em dormir com você. Se você considerar isso um motivo bom o suficiente, estou disposta a fazê-lo.

Wynand olhou para ela em silêncio, sem deixar transparecer em seu rosto nenhum sinal de reação. Dominique ficou olhando para ele, levemente perplexa com o fato de ele a estar examinando atentamente, como se suas palavras não merecessem nenhuma atenção especial. Por mais intensamente que tentasse, ele não conseguia se obrigar a ver qualquer outro sinal no rosto dela que não fosse a impressão incompatível de uma pureza intocada.

Ele disse:

– Era isso que eu pretendia sugerir. Porém não de forma tão rude, nem em nosso primeiro encontro.

– Eu lhe poupei tempo e mentiras.

– Você ama muito o seu marido?

– Eu o desprezo.

– Tem grande fé no gênio artístico dele?

– Acho que ele é um arquiteto de terceira categoria.

– Então por que está fazendo isso?

– Porque me diverte.

– Achei que eu era o único que agia assim.

– Você não deveria se importar. Não acredito que jamais considerou a originalidade uma virtude desejável, Sr. Wynand.

– Na verdade, você não se importa se o seu marido conseguir Stoneridge ou não?

– Não.

– E não tem nenhum desejo de dormir comigo.

– Absolutamente nenhum.

– Eu poderia admirar uma mulher que fizesse uma encenação dessas. Só que não é uma encenação.

– Não é. Por favor, não comece a me admirar. Eu tentei evitar isso.

Sempre que ele sorria, nenhum movimento evidente era exigido de seus músculos faciais. O indício de zombaria sempre estava lá e seu foco apenas

ficava mais nítido por um instante, antes de retroceder imperceptivelmente. O foco estava mais nítido agora.

– Na verdade – disse ele –, seu motivo principal sou eu, afinal de contas. O desejo de se entregar a mim.

Ele viu o olhar que ela não conseguiu controlar e acrescentou:

– Não, não se deleite com o pensamento de que eu caí em um erro tão grosseiro. Eu não quis dizer no sentido mais comum, mas em seu exato oposto. Você não disse que me considerava a penúltima pessoa no mundo? Você não quer Stoneridge. Quer se vender pelo motivo mais baixo para a pessoa mais baixa que conseguir achar.

– Eu não esperava que você entendesse isso – admitiu ela, simplesmente.

– Você quer... são os homens que fazem isso, às vezes, não as mulheres... expressar, por meio do ato sexual, o seu desprezo total por mim.

– Não, Sr. Wynand. Por mim mesma.

A linha fina da boca dele moveu-se levemente, como se seus lábios houvessem capturado o primeiro sinal de uma revelação pessoal – uma revelação involuntária e, portanto, uma fraqueza – e o estivessem segurando firmemente, enquanto ele falava:

– A maioria das pessoas não mede esforços para convencer a si mesma do respeito por si próprio.

– Sim.

– E, claro, a busca pelo respeito por si próprio é prova da falta dele.

– Sim.

– Você entende o significado de uma busca pelo desprezo por si próprio?

– Quer dizer que eu não o tenho?

– E que você nunca vai alcançá-lo.

– Eu não esperava que você entendesse isso também.

– Não direi mais nada, ou deixarei de ser a penúltima pessoa no mundo e me tornarei inadequado para o seu propósito.

Wynand levantou-se.

– Posso lhe dizer formalmente que aceito a sua proposta?

Ela inclinou a cabeça, consentindo.

– Na verdade – disse ele –, não me importa quem eu escolha para construir Stoneridge. Eu nunca contratei um bom arquiteto para nada do que já construí. Dou ao público o que ele quer. Eu estava empacado, sem conseguir escolher, desta vez, porque estou farto dos incompetentes que trabalharam para mim, e é difícil decidir sem padrões nem razão. Tenho certeza de que você não se importa que eu diga isso. Estou realmente muito agradecido a você por me dar um motivo muito melhor do que qualquer outro que eu pudesse ter a esperança de encontrar.

– Eu estou contente por você não ter dito que sempre admirou o trabalho de

Peter Keating.

– Você não me disse como estava contente por ingressar na lista distinta de amantes de Gail Wynand.

– Você pode gostar que eu admita, se quiser, mas acho que vamos nos dar muito bem juntos.

– É bem possível. Pelo menos, você me deu uma nova experiência: fazer o que eu sempre fiz, mas honestamente. Posso começar agora a lhe dar as minhas ordens? Não vou fingir que são qualquer outra coisa.

– Se assim desejar.

– Você viajará comigo em um cruzeiro de dois meses em meu iate. Nós partiremos em dez dias. Quando regressarmos, você estará livre para voltar para o seu marido... com o contrato de Stoneridge.

– Muito bem.

– Eu gostaria de conhecer o seu marido. Vocês dois jantariam comigo na segunda-feira?

– Sim, se você quiser.

Quando ela se levantou para ir embora, ele perguntou:

– Posso lhe dizer qual é a diferença entre você e a sua estátua?

– Não.

– Mas eu quero. É alarmante ver os mesmos elementos usados em duas composições com temas opostos. Tudo de você naquela estátua é o tema da exaltação. Mas o seu próprio tema é o sofrimento.

– Sofrimento? Não me lembro de ter demonstrado isso.

– Não demonstrou. É isso o que quero dizer. Nenhuma pessoa feliz consegue ser tão imune à dor.



Wynand telefonou para seu negociante de arte e pediu-lhe que organizasse uma exposição privada das obras de Steven Mallory. Recusou-se a conhecer o artista pessoalmente. Nunca conhecia aqueles cujas obras apreciava. O negociante de arte executou a ordem bem rápido. Wynand comprou cinco das peças que viu e pagou mais do que o negociante esperara pedir.

– O Sr. Mallory gostaria de saber – disse o negociante de arte – como ficou sabendo sobre ele.

– Eu vi uma de suas obras.

– Qual?

– Não importa.

Toohey havia esperado que Wynand o chamasse depois da reunião com Dominique. Porém isso não aconteceu. Entretanto, alguns dias depois, ao encontrar Toohey por acaso na redação, Wynand perguntou, em voz alta:

– Sr. Toohey, foram tantas as pessoas que tentaram matá-lo que você não consegue se lembrar de seus nomes?

Toohey sorriu e disse:

– Tenho certeza de que muitas gostariam de fazer isso.

– Você elogia demais os seus semelhantes – retrucou Wynand, e saiu andando.



Peter Keating olhava extasiado para a sala resplandecente do restaurante. Era o lugar mais exclusivo da cidade, e o mais caro. Exultante, saboreava o pensamento de que estava ali como convidado de Gail Wynand.

Ele tentava não olhar fixamente para a elegância cortês da figura de Wynand, do outro lado da mesa. Abençoava o empresário por haver escolhido oferecer o jantar em um lugar público. As pessoas olhavam boquiabertas para Wynand – discretamente e com treinada dissimulação, mas, ainda assim, olhavam boquiabertas –, e sua atenção incluía os dois convidados na mesa de Wynand.

Dominique estava sentada entre os dois homens. Usava um vestido de seda branco, de mangas compridas e gola alta drapeada, um traje de freira que adquiriu o efeito deslumbrante de um vestido de noite apenas por ser tão flagrantemente inadequado para esse propósito. Ela não usava nenhuma joia. Seu cabelo dourado parecia um capuz. A seda branca lânguida movia-se em planos angulares com os movimentos de seu corpo, revelando-o na forma de uma inocência fria, o corpo de um objeto de sacrifício oferecido publicamente, que estava além da necessidade do encobrimento ou do desejo. Keating não achava o vestido atraente. Ele notou que Wynand parecia admirá-lo.

Alguém em uma mesa distante olhava na direção deles com insistência, alguém alto e grande. Então a forma grande se levantou, e Keating reconheceu Ralston Holcombe avançando em direção a eles.

– Peter, meu rapaz, que prazer em vê-lo – falou Holcombe com estrondo, apertando a mão de Keating, fazendo uma mesura para Dominique e visivelmente ignorando Wynand. – Onde você tem se escondido? Por que não o vemos mais por aí? – Eles haviam almoçado juntos três dias antes.

Wynand havia se levantado e estava levemente inclinado para a frente, de maneira cortês. Keating hesitou e então, com óbvia relutância, disse:

– Sr. Wynand, este é o Sr. Holcombe.

– Não, o Sr. Gail Wynand? – disse Holcombe, com esplêndida inocência.

– Sr. Holcombe, se visse, na vida real, um dos irmãos Smith das pastilhas para tosse, o senhor o reconheceria? – perguntou Wynand.

– Bem... acho que sim – respondeu Holcombe, piscando.

– O meu rosto, Sr. Holcombe, é tão popular quanto os deles.

O homem balbuciou umas poucas generalidades benevolentes e fugiu dali.

Wynand sorriu amavelmente.

– Não precisava ter medo de me apresentar ao Sr. Holcombe, Sr. Keating, embora ele seja arquiteto.

– Medo, Sr. Wynand?

– Desnecessariamente, uma vez que está tudo resolvido. A Sra. Keating não lhe disse que Stoneridge é seu?

– Eu... não, ela não me disse... Eu não sabia... – Wynand estava sorrindo, mas o sorriso permaneceu fixo, e Keating sentiu-se compelido a continuar falando até que algum sinal o interrompesse. – Eu não havia realmente esperado... não tão depressa... Claro, achei que este jantar poderia ser um sinal... para ajudá-lo a decidir... – E deixou escapar, involuntariamente: – Você sempre faz surpresas assim, sem mais nem menos?

– Sempre que posso – respondeu Wynand, sério.

– Eu farei todo o possível para merecer essa honra e estar à altura de suas expectativas, Sr. Wynand.

– Não tenho dúvidas quanto a isso – disse Wynand.

Ele falara pouco com Dominique essa noite. Sua atenção total parecia estar centrada em Keating.

– O público foi gentil com todos os empreendimentos que realizei – comentou Keating –, mas eu farei de Stoneridge a minha melhor realização.

– Essa é uma promessa e tanto, considerando a lista notável de suas obras.

– Eu não esperava que minhas obras fossem suficientemente importantes para atrair a sua atenção, Sr. Wynand.

– Mas eu as conheço bastante bem. O Edifício Cosmo-Slotnick, que é puro Michelangelo. – O rosto de Keating se abriu em um prazer incrédulo. Ele sabia que Wynand era uma grande autoridade em arte e não faria tais comparações futilmente. – O Edifício do Prudential Bank, que é um Paládio genuíno. A Loja de Departamentos Slottern, surrupiada de Christopher Wren. – O rosto de Keating havia mudado. – Veja só que companhia ilustre eu ganho pelo preço de um. Não é uma barganha e tanto?

Keating sorriu, com o rosto retesado, e disse:

– Eu ouvi falar do seu brilhante senso de humor, Sr. Wynand.

– Ouviu falar do meu estilo descritivo?

– O que quer dizer?

Wynand virou-se em sua cadeira e olhou para Dominique, como se estivesse inspecionando um objeto inanimado.

– A sua esposa tem um corpo adorável, Sr. Keating. Os ombros dela são magros demais, mas admiravelmente proporcionais ao resto dela. As pernas dela são longas demais, mas isso lhe dá a linha elegante que se encontra em um bom iate. Os seios dela são lindos, não acha?

– A arquitetura é uma profissão rude, Sr. Wynand – Keating tentou rir. – Não

prepara as pessoas para o tipo superior de sofisticação.

– Não está me entendendo, Sr. Keating?

– Se não soubesse que você é um perfeito cavalheiro, eu poderia entender mal, mas você não pode me enganar.

– É exatamente isso que eu estou tentando não fazer.

– Eu aprecio elogios, Sr. Wynand, mas não sou presunçoso o bastante para achar que devemos falar sobre a minha esposa.

– Por que não, Sr. Keating? Considera-se boas maneiras conversar sobre as coisas que as pessoas têm... ou terão... em comum.

– Sr. Wynand, eu... eu não compreendo.

– Devo ser mais explícito?

– Não, eu...

– Não? Devemos parar de falar sobre Stoneridge?

– Oh, vamos falar sobre Stoneridge! Eu...

– Mas estamos falando, Sr. Keating.

Keating olhou para a sala ao seu redor. Pensou que coisas desse tipo não podiam ser feitas em um lugar como esse. O esplendor meticuloso da sala tornava essa situação monstruosa. Ele desejou que fosse um porão abafado. Pensou: *Sangue nos paralelepipedos da rua, tudo bem, mas não sangue no tapete de uma sala de visitas...*

– Agora sei que isso é uma piada, Sr. Wynand.

– É a minha vez de admirar o seu senso de humor, Sr. Keating.

– Coisas como... como essa não são feitas...

– Não é isso o que você acha, de jeito nenhum, Sr. Keating. Você acha que elas são feitas o tempo todo, mas ninguém fala sobre elas.

– Eu não pensei...

– Você pensou, antes de vir até aqui. Não se importou. Eu admito que estou me comportando de maneira abominável. Estou quebrando todas as regras da caridade. É extremamente cruel ser honesto.

– Por favor, Sr. Wynand, vamos... parar com isso. Eu não sei o que... devo fazer.

– É simples. Você deve me dar um tapa na cara. – Keating deu uma risadinha.

– Já deveria ter feito isso há vários minutos.

Keating notou que as palmas de suas mãos estavam úmidas e que estava tentando apoiar seu peso segurando no guardanapo sobre seu colo. Wynand e Dominique estavam comendo, devagar e educadamente, como se estivessem em outra mesa. Keating pensou que eles não eram corpos humanos, nenhum dos dois. Algo desaparecera. A luz dos cristais da sala era uma radiação de raios X que penetrava não até os ossos, porém mais profundamente. Eles eram almas, pensou ele, sentadas a uma mesa de jantar, almas contidas em trajes formais, sem possuir a forma intermediária da carne, apavorantes em uma revelação

nua, apavorantes porque ele esperava ver torturadores, mas via uma grande inocência. Perguntou-se o que eles viam, o que suas próprias roupas conteriam, se sua forma física desaparecesse.

– Não? – disse Wynand. – Não quer fazer isso, Sr. Keating? Mas é claro que não tem que fazê-lo. Apenas diga que não quer nada disso. Eu não me importarei. Há o Sr. Ralston Holcombe, bem ali do outro lado da sala. Ele pode construir Stoneridge tão bem quanto você poderia.

– Não sei o que quer dizer, Sr. Wynand – sussurrou Keating. Seus olhos estavam fixos na geleia de tomate em seu prato de salada; ela era mole e tremia. Keating sentiu-se enjoado.

Wynand virou-se para Dominique.

– Lembra-se de nossa conversa sobre uma busca, Sra. Keating? Eu disse que era uma busca na qual você jamais teria sucesso. Olhe para o seu marido. Ele é um especialista, sem precisar fazer esforço. É assim que se faz. Faça algo assim, alguma vez. Nem se incomode em me dizer que não consegue. Eu já sei. Você é uma amadora, minha querida.

Keating pensou que devia falar novamente, mas não conseguia, não enquanto aquela salada estivesse ali diante dele. O terror vinha daquele prato, não do monstro obstinado no outro lado da mesa. O resto da sala estava quente e seguro. Ele balançou para a frente e seu cotovelo varreu o prato para fora da mesa.

Ele emitiu um tipo de som, expressando um pedido de desculpas. Um vulto apareceu, vozes educadas pediram desculpas, e a sujeira sumiu do tapete.

Keating ouviu uma voz dizendo:

– Por que está fazendo isso?

Viu dois rostos virados para ele e percebeu que fora ele mesmo quem falara.

– O Sr. Wynand não está fazendo isso para torturá-lo, Peter – disse Dominique serenamente. – Ele está fazendo para mim. Para ver quanto eu posso aguentar.

– É verdade, Sra. Keating – disse Wynand. – Em parte. A outra parte é: para me justificar.

– Aos olhos de quem?

– Aos seus. E aos meus próprios, talvez.

– Você precisa se justificar?

– Às vezes. O *Banner* é um jornal desprezível, não é? Bem, eu paguei com a minha honra o privilégio de estar em uma posição em que posso me entreter observando como a honra atua em outros homens.

Suas próprias roupas, pensou Keating, não continham nada agora, porque os dois rostos já não notavam mais a sua presença. Ele estava seguro; seu lugar naquela mesa estava vazio. Perguntou-se, a uma distância grande e indiferente, por que os dois estavam olhando um para o outro tranquilamente, não como inimigos, não como colegas carrascos, mas como camaradas.



Dois dias antes de sua partida, Wynand telefonou para Dominique tarde da noite.

– Você poderia vir até aqui agora mesmo? – perguntou ele, e, ao ouvir um silêncio momentâneo, acrescentou: – Ah, não é o que você está pensando. Eu honro os meus acordos. Você estará completamente a salvo. Eu apenas gostaria de vê-la esta noite.

– Está bem – aceitou ela, e ficou perplexa ao ouvir um reservado “Obrigado”.

Quando a porta do elevador se abriu no saguão particular da cobertura, ele estava esperando ali, mas não a deixou sair. Juntou-se a ela no elevador.

– Eu não quero que você entre em minha casa – disse ele. – Nós vamos ao andar de baixo.

O ascensorista olhou para ele, assombrado.

O elevador parou e se abriu diante de uma porta trancada. Wynand destrancou-a e deixou-a sair primeiro, entrando atrás dela na galeria de arte. Dominique se lembrou de que esse era o lugar em que ninguém entrava. Ela não disse nada. Ele não ofereceu nenhuma explicação.

Por quatro horas ela caminhou silenciosamente através das salas amplas, admirando os incríveis tesouros de beleza. Havia um tapete grosso e nenhum som de passos, nenhum som da cidade lá fora, nenhuma janela. Ele a seguia, parando quando ela parava. Seus olhos acompanhavam os dela, de objeto em objeto. Às vezes, seu olhar se movia para o rosto dela. Ela passou, sem parar, pela estátua do Templo Stoddard. Ele não pediu que ela ficasse ou se apressasse, como se houvesse entregado o lugar a ela. Dominique decidiu quando partir, e Wynand a acompanhou até a porta. Então ela perguntou:

– Por que você quis que eu visse isto? Não vai melhorar minha opinião sobre você. Piorar, talvez.

– Sim, eu deveria esperar isso – disse ele suavemente – se tivesse pensado nessa questão dessa forma. Mas não pensei. Eu só queria que você visse.

O SOL JÁ HAVIA SE POSTO QUANDO eles saíram do carro. Na vastidão de céu e mar, um céu verde sobre uma faixa de mercúrio, vestígios de fogo permaneciam nas beiradas das nuvens e nas peças de cobre do iate. A embarcação parecia uma faixa branca de movimento, um corpo sensível, tenso contra a restrição da imobilidade.

Dominique olhou para as letras douradas – *Eu Dou* – sobre o branco delicado da proa.

– O que significa isso? – perguntou ela.

– É uma resposta – disse Wynand – a pessoas que já morreram há muito tempo. Embora talvez elas sejam as únicas imortais. Foram elas que me disseram a frase que eu ouvi com mais frequência na minha infância: “Você não dá ordens aqui.”

Ela lembrou-se de haver ouvido que ele nunca respondera a essa pergunta antes. Para ela, ele respondeu imediatamente. Não parecera estar consciente de ter aberto uma exceção. Ela sentia, na conduta dele, um toque de calma, estranho e novo para ele, um ar de serena determinação.

Quando subiram a bordo, o iate começou a se mover, quase como se os passos de Wynand no convés houvessem servido de ignição. Ele ficou em pé perto da amurada, sem tocar em Dominique, e olhou para a costa longa e marrom que subia e descia contra o céu, distanciando-se deles. Então virou-se para ela. A mulher não viu nenhum reconhecimento novo nos olhos dele, nenhum começo, mas apenas a continuação de um olhar, como se ele a houvesse fitado o tempo todo.

Quando desceram, ele a acompanhou até o camarote dela, e disse:

– Por favor, avise-me se desejar alguma coisa.

Ele saiu, através de uma porta interna, que ela viu que dava no quarto dele. Ele fechou a porta e não voltou.

Ela moveu-se à toa pelo camarote. Uma mancha de reflexo a seguia sobre as superfícies lustrosas das paredes revestidas de pau-marfim. Acomodou-se em uma poltrona baixa, com as pernas cruzadas na altura do tornozelo e os braços descansando atrás da cabeça, e ficou olhando para a vigia, que foi mudando de verde para azul-escuro. Mexeu a mão e acendeu uma luz. O azul desapareceu, tornando-se um círculo negro lustroso.

O camareiro anunciou o jantar. Wynand bateu à sua porta e acompanhou-a ao salão de jantar. Sua conduta a confundia: era alegre, mas o senso de calma na alegria sugeria uma seriedade peculiar.

Ela perguntou, quando já estavam sentados à mesa:

– Por que você me deixou sozinha?

– Eu achei que talvez você quisesse ficar sozinha.

- Para me acostumar com a ideia?
- Se você deseja colocar dessa maneira.
- Eu já estava acostumada com a ideia antes de ir ao seu escritório.
- Sim, claro. Perdoe-me por sugerir qualquer fraqueza em você. Eu sei que não é o caso. A propósito, você não perguntou para onde estamos indo.
- Isso também seria uma fraqueza.
- É verdade. Que bom que você não se importa, porque eu nunca tenho um destino predeterminado. Este barco não é para ir a lugares, mas para ficar longe deles. Quando paro em um porto, é somente pelo puro prazer de partir dali. Sempre penso: “Aqui está mais um lugar que não pode me segurar.”
- Eu costumava viajar muito. Sempre me senti exatamente assim. Disseram-me que é porque eu odeio a humanidade.
- Você não é tola o bastante para acreditar nisso, é?
- Não sei.
- Com certeza você já entendeu o que está por trás dessa estupidez específica. Falo da que alega que o porco é o símbolo do amor pela humanidade, a criatura que aceita qualquer coisa. Na verdade, a pessoa que ama a todos e que se sente à vontade em todos os lugares é aquela que realmente tem ódio pela humanidade. Ela não espera nada dos homens, portanto nenhuma forma de depravação pode perturbá-la.
- Você se refere àquele que diz que há algo de bom nos piores entre nós?
- Refiro-me à pessoa que tem a insolência obscena de alegar que ama igualmente o homem que fez aquela estátua sua e ao que faz balões do Mickey Mouse para vender nas esquinas. Refiro-me à pessoa que ama os homens que preferem o Mickey Mouse à sua estátua... e há muitas desse tipo. Refiro-me a quem ama Joana D’Arc e as vendedoras das lojas de vestidos da Broadway com igual fervor. Refiro-me ao homem que ama a sua beleza, Dominique, e as mulheres que vê no metrô, as do tipo que não pode cruzar as pernas em público e mostrar a carne saltando por cima de suas ligas, com o mesmo senso de exaltação. Refiro-me àquele que ama os olhos imaculados, resolutos e desprovidos de medo de um homem perscrutando através de um telescópio e o olhar fixo e vazio de um imbecil... igualmente. Refiro-me a um grupo bastante grande, generoso e magnânimo. É você que odeia a humanidade, Sra. Keating?
- Você está dizendo todas as coisas que, desde que me lembro, desde que eu comecei a ver e pensar, têm... – Ela se deteve.
- Têm torturado você. É claro. Não se pode amar o homem sem odiar a maioria das criaturas que fingem ostentar seu nome. É um ou outro. Não amamos a Deus e ao sacrilégio imparcialmente. Exceto quando não sabemos que foi cometido um sacrilégio. Porque não conhecemos Deus.
- O que você diria se eu lhe desse a resposta que as pessoas geralmente me dão: que amor é perdão?

– Eu diria que é uma indecência da qual você não é capaz, embora se considere uma especialista em tais questões.

– Ou que amor é compaixão.

– Oh, fique quieta. Já é bem ruim ouvir essas coisas. Ouvi-las de você é revoltante, até como piada.

– Qual é a sua resposta?

– Que amor é reverência, e adoração, e glória, e o olhar voltado para cima. Não um curativo para feridas sujas. Mas eles não sabem disso. Aqueles que falam do amor da forma mais promíscua são os que nunca o sentiram. Eles fazem um tipo de sopa rala, com simpatia, compaixão, desprezo e indiferença geral, e a chamam de amor. Quando você já sentiu o que significa amar, como você e eu sabemos, a paixão total pela altura total, você é incapaz de qualquer coisa inferior.

– Como... você e eu... sabemos?

– É o que sentimos quando olhamos para algo como a sua estátua. Não há nenhum perdão naquilo, nem nenhuma compaixão. E eu iria querer matar o homem que afirmasse que deveria haver. Mas, veja bem, quando ele olha para a sua estátua, não sente nada. A estátua, ou um cachorro com a pata quebrada, é tudo igual para ele. Ele até sente que fez algo mais nobre ao enfaixar a pata do cachorro do que ao olhar para a sua estátua. Portanto, se buscar um vislumbre de grandeza, se quiser exaltação, se pedir Deus e se recusar a aceitar uma limpeza de feridas como substituto, você é chamada de alguém que tem ódio pela humanidade, Sra. Keating, porque cometeu o erro de conhecer um amor que a humanidade não aprendeu a merecer.

– Sr. Wynand, você leu o artigo que causou a minha demissão?

– Não. Não li na época. Não ousou lê-lo agora.

– Por quê?

Ele ignorou a pergunta. Disse, sorrindo:

– Então você veio até mim e disse: “Você é a pessoa mais vil na face da Terra. Leve-me com você para que eu aprenda a desprezar a mim mesma. A maioria das pessoas vive de acordo com algo que eu não possuo. Elas acham que a vida é suportável, e eu não acho.” Percebe agora o que você mostrou?

– Eu não esperava que fosse visto.

– Não. Não pelo dono do *New York Banner*; é claro. Tudo bem. Eu esperava uma vadia bonita que fosse amiga de Ellsworth Toohey.

Eles riram juntos. Ela pensou que era estranho que eles conseguissem conversar sem tensão – como se Wynand houvesse se esquecido do propósito dessa viagem. A calma dele tornara-se um sentimento contagioso de paz entre eles.

Ela observou a maneira discretamente graciosa com que o jantar foi servido, olhou para a toalha de mesa branca contrastando com o mogno vermelho das

paredes. Tudo no iate possuía um ar que a fazia pensar que esse era o primeiro lugar verdadeiramente luxuoso em que ela jamais entrara: o luxo era secundário, um pano de fundo tão apropriado a Wynand que podia ser ignorado. O homem tornava a sua própria riqueza modesta. Ela havia visto pessoas de posses, tensas e apavoradas diante daquilo que representava seu objetivo final. O esplendor desse lugar não era o objetivo, não era a conquista final do homem que se inclinava informalmente, do outro lado da mesa. Ela se perguntou qual fora o objetivo dele.

– Este barco combina com você – comentou ela.

Viu nos olhos dele um brilho de prazer e de gratidão.

– Obrigado... A galeria de arte também?

– Sim. Só que, no caso da galeria, você tem menos desculpas.

– Eu não quero que você crie desculpas para mim – falou ele simplesmente, sem reprovação.

Eles haviam terminado de jantar. Ela esperou pelo convite inevitável. O convite não veio. Ele ficou sentado, fumando, conversando sobre o iate e o oceano.

A mão dela pousou acidentalmente sobre a toalha, perto da dele. Ela o viu olhando para sua mão. Quis tirar a mão rapidamente, mas forçou-se a deixá-la ali, imóvel. *É agora*, pensou ela.

Ele levantou-se e disse:

– Vamos até o convés.

Ficaram em pé perto da amurada, olhando para um vazio negro. O espaço não era para ser visto, apenas sentido pela qualidade do ar em seus rostos. Algumas estrelas davam realidade ao céu vazio. Alguns clarões de fogo branco na água davam vida ao oceano.

Wynand estava em pé, curvado de maneira relaxada, com um dos braços erguido, segurando em um pontalete. Ela viu os clarões fluindo, formando as beiradas das ondas, emoldurados pela curva do corpo dele. Isso também combinava com ele.

Dominique disse:

– Posso mencionar outra coisa detestável que as pessoas geralmente dizem, mas que você nunca sentiu?

– Qual?

– Você nunca se sentiu pequeno ao olhar para o oceano.

Ele riu.

– Nunca. Nem ao olhar para os planetas. Nem para os picos das montanhas. Nem para o Grand Canyon. Por que deveria? Quando olho para o oceano, sinto a grandeza do homem. Penso na capacidade magnífica do homem que criou este barco para conquistar todo esse espaço sem sentido. Quando olho para os picos das montanhas, penso em túneis e dinamite. Quando olho para os planetas, penso

em aviões.

– Sim. E aquele sentimento particular de êxtase sagrado que as pessoas dizem que experimentam ao contemplar a natureza, eu nunca o recebi da natureza, somente de... – Ela parou.

– De quê?

– Prédios – sussurrou ela. – Arranha-céus.

– Por que você não queria dizer isso?

– Eu... não sei.

– Eu trocaria o maior pôr do sol do mundo por uma visão da silhueta de Nova York. Especialmente quando não se pode ver os detalhes. Só as formas. As formas e o pensamento que as criou. O céu sobre Nova York e a determinação do homem tornada visível. De que outra religião precisamos? E aí as pessoas me contam sobre peregrinações a algum local úmido e pestilento, em uma selva aonde vão para prestar homenagem a um templo em ruínas, a um monstro de pedra olhando de soslaio, com uma barriga inchada, criado por algum selvagem leproso. É beleza e genialidade o que elas querem ver? É o senso do sublime o que elas buscam? Que venham a Nova York, fiquem à beira do Hudson, olhem e ajoelhem-se. Quando vejo a cidade da minha janela, não, eu não me sinto pequeno, sinto que, se uma guerra ameaçasse isso, eu gostaria de me lançar no espaço, sobre a cidade, e proteger esses prédios com o meu corpo.

– Gail, não sei se estou escutando a você ou a mim mesma.

– Você ouviu a si mesma neste instante?

Ela sorriu.

– Na verdade, não. Mas não vou retirar o que disse, Gail.

– Obrigado... Dominique. – A voz dele estava suave e entretida. – Mas não estávamos falando sobre você ou sobre mim. Estávamos conversando sobre as outras pessoas.

Ele se apoiou com os antebraços na amurada e falou, observando os clarões na água:

– É interessante especular sobre as razões que tornam os homens tão ansiosos para rebaixarem a si mesmos. Como naquela ideia de se sentir pequeno diante da natureza. Não é só uma ideia popular, é praticamente uma instituição. Você já notou como um homem se sente virtuoso quando fala sobre isso? Ele parece dizer: “Olhe, eu estou tão satisfeito por ser um pigmeu, veja como sou virtuoso.” Já ouviu com que prazer as pessoas citam alguma grande celebridade que proclamou que não é tão grande quando olha para as Cataratas do Niágara? É como se elas estivessem estalando os lábios de pura alegria pelo fato de que as melhores pessoas são como poeira diante da força bruta de um terremoto. Como se ficassem de quatro, esfregando suas testas na lama, em homenagem à grandiosidade de um furacão. Mas esse não é o espírito que controlou o fogo, o vapor, a eletricidade, que atravessou oceanos em barcos a vela, que construiu

aviões e represas... e arranha-céus. O que é que eles temem? O que é que aqueles que amam rastejar odeiam tanto? E por quê?

– Quando eu encontrar a resposta para isso – disse ela –, farei as pazes com o mundo.

Ele continuou falando, sobre suas viagens, sobre os continentes que jaziam além da escuridão ao seu redor, a escuridão que transformava o espaço em uma cortina suave pressionada contra as pálpebras deles. Ela esperou. Parou de responder. Deu a ele uma chance de usar os silêncios breves para acabar com isso, para dizer as palavras que ela esperava. Ele não as disse.

– Está cansada, querida? – perguntou ele.

– Não.

– Eu pego uma espreguiçadeira, se você quiser se sentar.

– Não, eu gosto de ficar em pé aqui.

– Está um pouco frio. Mas amanhã estaremos mais ao sul, e então você verá o oceano em fogo, à noite. É muito bonito.

Wynand ficou em silêncio. Ela ouvia a velocidade do barco no som da água, o gemido sussurrante de protesto contra o objeto que fazia um corte longo na sua superfície.

– Quando vamos descer? – perguntou ela.

– Não vamos descer.

Ele disse isso serenamente, com uma simplicidade estranha, como se estivesse impotente diante de um fato que não podia alterar.

– Você aceita casar-se comigo? – perguntou ele.

Dominique não conseguiu esconder o choque. Ele o vira de antemão e sorria mansamente, compreendendo.

– Seria melhor não dizer mais nada – falou ele com cuidado. – Mas você prefere ouvir essa declaração, porque esse tipo de silêncio entre nós é mais do que eu tenho direito de esperar. Você não quer me dizer muito, mas eu falei por você esta noite, então me deixe falar por você mais uma vez. Você me escolheu como um símbolo do seu desprezo pelos homens. Não me ama. Não quer me conceder nada. Eu sou apenas a sua ferramenta de autodestruição. Eu sei tudo isso, aceito e quero que você se case comigo. Se deseja cometer um ato indescritível de vingança contra o mundo, tal ato não é vender-se ao seu inimigo, mas casar-se com ele. Não igualar o seu pior com o pior dele, mas o seu pior com o melhor dele. Você tentou isso uma vez, mas a sua vítima não era digna do seu propósito. Você vê, eu estou defendendo o meu caso em seus próprios termos. Quais são os meus, o que eu quero encontrar nesse casamento, não tem nenhuma importância para você, e eu o considerarei dessa maneira. Você não tem que saber. Não tem que ponderar sobre isso. Eu não exijo nenhuma promessa sua e não lhe imponho nenhuma obrigação. Você estará livre para me deixar quando quiser. A propósito, já que isso absolutamente não lhe interessa, eu

amo você.

Ela permaneceu imóvel, com um dos braços esticado para trás, as pontas dos dedos pressionadas contra a amurada. Disse:

– Eu não queria isso.

– Eu sei. Mas, se estiver curiosa, eu lhe digo que você cometeu um erro. Deixou-me ver a pessoa mais limpa que eu já encontrei.

– Isso não é ridículo, depois do modo como nos conhecemos?

– Dominique, passei a vida manipulando o mundo. Já vi de tudo. Você acha que eu poderia acreditar em qualquer pureza, a menos que chegasse até mim distorcida em uma forma tão terrível quanto a que você escolheu? Mas o que eu sinto não deve afetar a sua decisão.

Ela ficou olhando para ele, olhando, incrédula, para todas as horas passadas. Sua boca tinha o formato da bondade. Ele viu. Dominique pensou que cada palavra que ele dissera nesse dia pertencia à linguagem dela, que essa proposta e a forma que ele lhe deu pertenciam ao mundo dela, e que assim ele havia destruído o propósito dele, tirara dela o motivo que ele sugeriu, tinha tornado impossível a busca da degradação com um homem que falava como ele. Subitamente, ela quis aproximar-se dele, contar-lhe tudo, encontrar um momento de libertação na compreensão dele, e depois pedir-lhe que nunca mais a visse outra vez.

Então ela se lembrou.

Wynand percebeu o movimento da mão dela. Os dedos dela não estavam tensos segurando a amurada, não estavam traindo uma necessidade de apoio e dando importância ao momento. Eles relaxaram e cingiram o corrimão da amurada, como se ela houvesse agarrado uma rédea, descuidadamente, porque a ocasião já não exigia mais nenhum esforço sério.

Ela lembrou-se do Templo Stoddard. Pensou no homem diante dela, que falou da paixão total pela altura total, e sobre proteger os arranha-céus com o seu corpo – e ela viu uma foto em uma página do *New York Banner*, a foto de Howard Roark olhando para cima, para a Residência Enright, e o subtítulo: “Feliz, Sr. Super-Homem?”

Ela ergueu o rosto para ele. Perguntou:

– Casar-me com você? Tornar-me a Sra. Jornais Wynand?

Ela ouviu o esforço na voz dele, ao responder:

– Se você deseja chamar assim, sim.

– Eu me casarei com você.

– Obrigado, Dominique.

Ela esperou, com indiferença.

Quando ele virou-se para ela, falou como falara o dia todo, com uma voz calma que tinha uma ponta de alegria.

– Vamos interromper o cruzeiro. Tiraremos apenas uma semana; quero tê-la

aqui por algum tempo. Você partirá para Reno no dia seguinte ao nosso retorno. Eu cuidarei do seu marido. Ele pode ficar com Stoneridge e qualquer outra coisa que quiser, e que Deus o amaldiçoe. Nós nos casaremos no dia em que você voltar.

– Sim, Gail. Agora, vamos descer.

– Você quer?

– Não. Mas não quero que nosso casamento seja importante.

– Eu quero que seja importante, Dominique. É por isso que não vou tocar em você esta noite. Não até nos casarmos. Sei que é um gesto sem sentido. Sei que uma cerimônia de casamento não tem nenhum significado para nenhum de nós. Mas sermos convencionais é a única anormalidade possível entre nós. É por isso que quero fazer assim. Não tenho nenhuma outra forma de abrir uma exceção.

– Como desejar, Gail.

Então ele a tomou em seus braços e beijou sua boca. Foi o complemento das palavras dele, a declaração terminada, uma declaração de tamanha intensidade que ela tentou enrijecer seu corpo, não corresponder, e sentiu seu corpo correspondendo, forçada a esquecer-se de tudo, exceto do fato físico de um homem que a abraçava.

Ele soltou-a. Ela sabia que ele havia percebido. Wynand sorriu e disse:

– Você está cansada, Dominique. Posso dizer boa-noite? Quero ficar aqui mais um pouco.

Ela virou-se, obediente, e desceu sozinha para seu camarote.

– QUAL É O PROBLEMA? Não vou conseguir Stoneridge? – esbravejou Peter.

Dominique entrou na sala de estar. Ele a seguiu, esperando junto à porta aberta. O ascensorista trouxe a bagagem dela e saiu. Ela disse, tirando as luvas:

– Você terá Stoneridge, Peter. O Sr. Wynand lhe dirá o resto pessoalmente. Ele quer vê-lo hoje à noite. Às 20h30. No apartamento dele.

– Por que diabos?

– Ele lhe dirá.

Ela bateu as luvas suavemente de encontro à palma da mão, um pequeno gesto indicando que não havia nada mais a dizer, como um ponto ao final de uma frase. Virou-se para sair da sala. Ele bloqueou sua passagem.

– Eu não ligo – disse ele. – Não ligo a mínima. Eu posso jogar do seu jeito. Vocês são espetaculares, não são, porque agem como motoristas de caminhão, você e o Sr. Gail Wynand? Que se dane a decência, que se danem os sentimentos dos outros? Bem, eu também consigo fazer isso. Vou usar vocês dois e vou tirar o que puder disso, e é só para isso que eu ligo. Gostou? Não há prazer quando o verme se recusa a ficar magoado? Perde a graça?

– Acho que é muito melhor assim, Peter. Eu fico contente.

Quando ele entrou no escritório do apartamento de Wynand, naquela noite, percebeu que era incapaz de manter aquela atitude. Não pôde escapar do pavor de ser recebido na casa de Gail Wynand. Ao atravessar a sala para sentar-se diante da escrivaninha, a única coisa que sentia era uma sensação de peso, e ele se perguntou se seus pés teriam deixado marcas no carpete macio, como os sapatos de chumbo de um escafandrista.

– O que tenho a lhe dizer, Sr. Keating, nunca deveria ter sido necessário ser dito ou feito – começou Wynand.

Keating nunca ouviu um homem falar de forma tão conscientemente controlada. Ele pensou, alucinado, que parecia que Wynand tinha o punho cerrado ao redor de sua voz e direcionava cada sílaba.

– Cada palavra extra que eu disser será ofensiva, portanto serei breve. Eu vou me casar com a sua esposa. Ela vai partir para Reno amanhã. Aqui está o contrato de Stoneridge, assinado por mim. Há, anexado, um cheque de 250 mil dólares. Isto é um acréscimo ao que você receberá por seu trabalho, de acordo com o contrato. Eu ficarei muito grato se não fizer nenhum comentário, de nenhum tipo, agora. Entendo que poderia ter obtido o seu consentimento por menos, mas não quero que haja nenhuma discussão. Seria intolerável barganhar sobre isso. Portanto, você poderia, por favor, aceitar e considerar a questão encerrada?

Ele empurrou o contrato por sobre a escrivaninha na direção de Keating, que viu o retângulo azul-claro do cheque, preso ao alto da página com um clipe

prateado, que reluziu à luz do abajur.

A mão de Keating não se estendeu para pegar o papel. Ele disse, com o queixo se mexendo de maneira estranha para formar as palavras:

– Eu não quero. Você pode ter o meu consentimento a troco de nada.

Viu um olhar de perplexidade – e quase de bondade – no rosto de Wynand.

– Você não quer? Não quer Stoneridge também?

– Eu quero Stoneridge! – A mão de Keating ergueu-se e agarrou o papel com força. – Eu quero tudo! Por que você deveria se safar com isso? Por que eu deveria me importar?

Wynand levantou-se. Disse, com alívio e pesar na voz:

– Certo, Sr. Keating. Por um instante, você quase explicou o seu casamento. Deixe que permaneça sendo o que era. Boa noite.

Keating não foi para casa. Caminhou até o apartamento de Neil Dumont, seu novo projetista e melhor amigo. Neil era um jovem da sociedade, magrelo e anêmico, com ombros curvados sob o peso do número excessivo de ancestrais ilustres. Ele não era um bom projetista, mas tinha contatos. Era prestativo com Keating no escritório, e ele era prestativo com Neil depois do trabalho.

Keating encontrou Dumont em casa. Juntos, chamaram Gordon Prescott e Vincent Knowlton e saíram para uma noite extravagante. Keating não bebeu muito. Pagou tudo. Pagou mais do que o necessário. Parecia ansioso por encontrar coisas para pagar. Deu gorjetas exorbitantes. Não parava de perguntar:

– Nós somos amigos... não somos amigos? Não somos?

Olhou para os copos à sua volta e observou as luzes dançando no líquido. Fitou os três pares de olhos. Estavam indistintos, mas olhavam para ele, ocasionalmente, contentes. Eram olhos gentis e reconfortantes.

Naquela noite, com suas malas feitas e prontas em seu quarto, Dominique foi visitar Steven Mallory.

Ela não via Roark há vinte meses. Visitara Mallory de vez em quando e ele sabia que essas visitas eram intervalos em uma luta que ela não mencionava. Ele sabia que ela não queria vir, que suas raras noites com ele eram momentos arrancados da vida dela. Ele nunca fazia nenhuma pergunta e ficava sempre feliz em vê-la. Conversavam tranquilamente, com um sentimento de companheirismo comparável ao de um velho casal, como se ele tivesse possuído o corpo dela e o encanto se houvesse consumido há muito tempo, e nada mais restasse, exceto uma serena intimidade. Ele nunca havia tocado no corpo dela, mas o havia possuído mais profundamente do que se houvesse tocado nele quando fizera a estátua dela, e isso criara entre eles um sentimento especial, que não conseguiam deixar morrer.

Ele sorriu quando abriu a porta e a viu.

– Olá, Dominique.

– Olá, Steve. Estou interrompendo?

– Não. Entre.

Ele tinha um estúdio, um lugar enorme e mal-arrumado em um prédio velho. Ela notou a mudança desde sua última visita. A sala tinha um ar de riso, como um fôlego solto após ter sido mantido preso por tempo demais. Viu mobília de segunda mão, um tapete persa de textura rara e colorido sensual, cinzeiros de jade, esculturas provenientes de escavações históricas, tudo o que ele desejara possuir, ajudado pela fortuna súbita que recebera com o pagamento de Wynand. As paredes pareciam estranhamente nuas, acima da alegre desordem. Ele não comprara nenhum quadro. Havia um único esboço pendurado em seu estúdio: o desenho original de Roark do Templo Stoddard.

Dominique olhou lentamente ao redor, prestando atenção em cada objeto e na razão de sua presença. Mallory empurrou duas cadeiras com os pés, em direção à lareira, e eles se sentaram, um de cada lado do fogo.

Ele disse simplesmente:

– Clayton, Ohio.

– Fazendo o quê?

– Um novo prédio para a Loja de Departamentos Janer's. Cinco andares. Na rua principal.

– Há quanto tempo ele está lá?

– Mais ou menos um mês.

Era a primeira pergunta a que ele respondia todas as vezes que ela ia ali, sem que ela precisasse perguntar. A naturalidade simples dele poupava-a da necessidade de se explicar ou fingir. A atitude dele não incluía nenhum comentário.

– Eu vou viajar amanhã, Steve.

– Por muito tempo?

– Seis semanas. Reno.

– Fico contente.

– Prefiro não lhe dizer agora o que vou fazer quando voltar. Você não vai ficar contente.

– Eu tentarei ficar... se for o que você quer fazer.

– É o que eu quero fazer.

Um pedaço de lenha ainda mantinha sua forma na pilha de brasas na lareira; estava axadrezado em pequenos quadrados e brilhava sem chama, como uma fileira sólida de janelas iluminadas. Ele se abaixou e jogou uma nova tora sobre as brasas. Ela quebrou ao meio a fileira de janelas, lançando faíscas de encontro aos tijolos sujos de fuligem.

Ele falou sobre seu trabalho. Ela escutou, como se fosse uma imigrante que, por alguns momentos, estivesse ouvindo a língua de sua terra natal.

Durante uma pausa, ela perguntou:

– Como ele está, Steve?

– Como sempre esteve. Ele não muda, você sabe.

Ele chutou a tora. Algumas brasas rolaram para fora. Ele as empurrou de volta para dentro. Disse:

– Eu penso, com frequência, que ele é o único de nós que atingiu a imortalidade. Não quero dizer em termos de fama, nem que ele não vai morrer algum dia. Mas está vivendo como se fosse imortal. Acho que ele é o que a concepção realmente significa. Você sabe como as pessoas anseiam por serem eternas. Mas elas morrem a cada dia que passa. Quando você se encontra com elas, elas não são como na última vez que as viu. A qualquer hora, matam uma parte de si mesmas. Elas mudam, negam, se contradizem... e chamam isso de crescimento. No final, não resta nada, nada que não tenha sido revertido ou traído, como se nunca tivesse havido nenhuma entidade, apenas uma sucessão de adjetivos aparecendo e desaparecendo em uma massa informe. Como elas podem esperar uma permanência que nunca possuíram, nem por um único momento? Mas Howard... é possível imaginá-lo existindo para sempre.

Ela ficou fitando o fogo. Mallory dava ao seu rosto uma aparência enganosa de vida. Após um tempo, ele perguntou:

– O que você acha de todas as coisas novas que eu comprei?

– Eu gosto delas. Gosto que você as tenha.

– Eu não lhe contei o que aconteceu comigo desde a última vez que a vi. É completamente inacreditável. Gail Wynand...

– Sim, eu sei disso.

– Sabe? O Wynand, de todas as pessoas imagináveis... Como é que ele foi me descobrir?

– Eu sei isso também. Eu lhe conto quando voltar.

– Ele tem um discernimento espantoso. Espantoso para alguém como ele. Comprou o que eu tinha de melhor.

– Sim, ele faria isso.

Então ela perguntou, sem transição, mas ele sabia que Dominique não estava falando de Wynand:

– Steve, ele alguma vez perguntou por mim?

– Não.

– Você lhe disse que eu venho aqui, às vezes?

– Não.

– Isso é... pelo meu bem, Steve?

– Não. Pelo dele.

Ele sabia que havia dito tudo o que ela queria saber.

Ela disse, levantando-se:

– Vamos tomar um chá. Mostre-me onde você guarda suas coisas para que eu o prepare.



Dominique partiu para Reno de manhã cedo. Keating ainda estava dormindo e ela não o acordou para se despedir.

Quando abriu os olhos ele soube, pela qualidade do silêncio na casa e antes mesmo de olhar para o relógio, que ela já havia ido embora. Ele pensou que deveria dizer “Já vai tarde”, mas não disse e não sentiu. O que ele sentia era uma frase simples, ampla e sem sujeito – “É inútil” – que não se referia nem a ele nem a Dominique. Ele estava sozinho e não havia necessidade de fingir nada. Ficou deitado na cama, de costas, com os braços abertos, impotente. Seu rosto parecia humilde e seus olhos, desnorreados. Sentia que era um fim e uma morte, mas ele não se referia à perda de Dominique.

Levantou-se e vestiu-se. No banheiro, encontrou uma toalha de mão que ela usara e descartara. Apanhou-a, encostou-a no rosto e segurou-a assim por muito tempo, não com tristeza, mas com uma emoção sem nome, sem compreender, sabendo apenas que ele a havia amado duas vezes: naquela noite em que Toohey havia telefonado, e agora. Então ele abriu a mão e deixou a toalha escorregar para o chão, como um líquido escorrendo entre seus dedos.

Foi para o escritório e trabalhou como de costume. Ninguém sabia do seu divórcio e ele não sentia nenhuma vontade de anunciar a ninguém. Neil Dumont piscou para ele e disse, com voz arrastada:

– Puxa, Pete, você está com péssima aparência.

Ele deu de ombros e virou as costas. Ver Dumont lhe fazia passar mal, hoje. Saiu cedo do escritório. Um vago instinto o incomodava, como fome, a princípio, e depois foi tomando forma. Ele tinha que ver Ellsworth Toohey. Tinha que o encontrar. Sentia-se como o sobrevivente de um naufrágio nadando em direção a uma luz distante.

Naquela noite, arrastou-se até o apartamento de Ellsworth Toohey. Quando entrou, sentiu-se vagamente satisfeito com seu autocontrole, porque o dono da casa não pareceu notar nada em seu rosto.

– Olá, Peter – disse Toohey, distraído. – Sua noção da hora apropriada para me visitar deixa muito a desejar. Você me pegou na pior noite possível. Estou tremendamente ocupado. Mas não deixe que isso o incomode. Para que servem os amigos, senão para nos perturbar? Sente-se, sente-se, eu falo com você em um minuto.

– Desculpe, Ellsworth. Mas... eu tinha que vir.

– Fique à vontade. Apenas ignore-me por um minuto, está bem?

Keating sentou-se e esperou. Toohey trabalhava fazendo anotações em folhas de cópias datilografadas. Ele apontou um lápis, o som raspando como um serrote nos nervos de Keating. Toohey curvou-se sobre seu texto outra vez, fazendo barulho com as páginas de vez em quando.

Meia hora depois, ele empurrou os papéis para o lado e sorriu para Keating.

– Pronto – disse.

Keating fez um pequeno movimento para a frente.

– Fique aí – disse Toohey. – Só tenho que dar um telefonema.

Ele discou o número de Gus Webb.

– Alô, Gus – falou alegremente. – Tudo bem, sua propaganda ambulante de anticoncepcionais?

Keating nunca ouvira esse tom de intimidade informal de Toohey, um tom especial de irmandade que demonstrava despreocupação. Ouviu a voz penetrante de Webb dizer alguma coisa e rir no fone. O fone continuou cuspidando sons rápidos do fundo de aparelho, como uma garganta pigarreando. As palavras não podiam ser reconhecidas, apenas a sua qualidade, uma qualidade de descaso e insolência, com gritos agudos de jovialidade de vez em quando.

Toohey recostou-se na cadeira, escutando, meio sorrindo. Dizia, ocasionalmente:

– Sim... É mesmo... Com certeza, rapaz... Mais certo do que a morte...

Ele se recostou ainda mais e colocou um dos pés, calçado com um sapato lustroso e pontudo, sobre a borda da escrivaninha.

– Ouça, rapaz, o que eu queria lhe dizer é: vá com calma com o velho Bassett por uns tempos. Com certeza ele gostou do seu trabalho, mas não o choque tanto por enquanto. Nada de fazer escândalo, entende? Mantenha fechada essa enorme cavidade facial que você tem... Você sabe muito bem quem sou eu para dizer isso... Isso mesmo... É isso, garoto... Ah, ele fez isso mesmo? Ótimo, cara de anjo... Bem, tchau... Ah, ouça, Gus, você ouviu aquela da dama inglesa e o encanador? – Seguiu-se uma anedota. O telefone urrou com som rouco, ao final. – Bem, cuidado com onde anda e com a sua digestão, cara de anjo. Boa noite.

Toohey desligou e disse:

– Então, Peter...

Ele levantou-se, espreguiçou-se, aproximou-se de Keating e ficou em pé diante dele, balançando um pouco sobre seus pés pequenos, seus olhos brilhantes e gentis.

– Então, Peter, qual é o problema? O mundo desmoronou diante do seu nariz?

Keating enfiou a mão no bolso do paletó e retirou um cheque amarelo, amassado, muito manuseado. Continha a sua assinatura e o valor de dez mil dólares, a serem pagos a Ellsworth M. Toohey. O gesto com que o entregou não foi o de um doador, mas o de um pedinte.

– Por favor, Ellsworth.. tome... aceite isto... para uma boa causa... para a Oficina de Estudos Sociais... ou para o que você desejar... você é quem sabe... para uma boa causa...

Toohey segurou o cheque com as pontas dos dedos, como se fosse uma moeda de um centavo suja, inclinou a cabeça para um lado, franzindo os lábios com

aprovação, e jogou o cheque sobre a escrivadinha.

– Muito lindo de sua parte, Peter. Muito lindo mesmo. Qual é a ocasião especial?

– Ellsworth, lembra-se do que você disse certa vez, que não importa o que somos ou fazemos, se ajudarmos os outros? Que é só isso que conta? Isso é bom, não é? É virtuoso?

– Eu não disse isso uma vez. Disse um milhão de vezes.

– E é verdade mesmo?

– É claro que é verdade. Se você tiver a coragem de aceitá-lo.

– Você é meu amigo, não é? Você é o único amigo que eu tenho. Eu... Nem eu sou amigável comigo mesmo, mas você é. Comigo, quero dizer. Não é, Ellsworth?

– Mas é claro. E isso tem mais valor do que a sua amizade por si mesmo... um conceito bastante esquisito, mas muito válido.

– Você entende. Ninguém mais entende. E você gosta de mim.

– Com toda a minha dedicação. Sempre que tenho tempo.

– O quê?

– Seu senso de humor, Peter, onde está o seu senso de humor? Qual é o problema? Uma dor de barriga? Ou uma indigestão da alma?

– Ellsworth, eu...

– Sim?

– Não posso lhe dizer. Nem para você.

– Você é um covarde, Peter.

Keating ficou olhando fixamente, desamparado: o tom de voz fora severo e amável, ele não sabia se devia sentir dor, ofensa ou confiança.

– Você vem aqui me dizer que não importa o que faz, e depois se desmancha por uma coisinha ou outra que fez. Ora, por favor, seja homem e diga que não importa. Diga que você não é importante. Fale sério. Mostre alguma coragem. Esqueça o seu ego insignificante.

– Eu não sou importante, Ellsworth. Eu não sou importante. Meu Deus, se todo mundo dissesse isso como você! Eu não sou importante. Eu não quero ser importante.

– De onde veio esse dinheiro?

– Eu vendi Dominique.

– De que você está falando? Do cruzeiro?

– Só que parece que não foi Dominique que eu vendi.

– O que lhe importa se...

– Ela foi para Reno.

– O quê?

Ele não conseguiu entender a violência da reação de Toohey, mas estava cansado demais para se surpreender. Contou tudo, da maneira como lhe

acontecera. Não havia demorado muito para acontecer, nem demorou para contar.

– Seu maldito idiota! Você não deveria ter permitido!

– O que eu podia fazer? Contra Wynand?

– Mas deixá-lo *casar-se* com ela?!

– Por que não, Ellsworth? É melhor do que...

– Eu não pensei que ele jamais... mas... Ah, maldição, eu sou mais idiota ainda que você!

– Mas é melhor para Dominique se...

– A sua Dominique que vá para o inferno! É no Wynand que estou pensando!

– Ellsworth, o que há com você?... Por que deveria se importar?

– Fique quieto, sim? Deixe-me pensar.

Após um momento, Toohey deu de ombros, sentou-se ao lado de Keating e passou o braço ao redor dos ombros dele.

– Perdão, Peter – disse. – Peço desculpas. Eu fui grosseiro com você de uma forma indesculpável. Foi só o choque. Mas compreendo como você se sente. Só que você não deve levar isso muito a sério. Não importa.

Ele falava de modo automático. Sua mente estava muito distante. Keating não se deu conta disso. Ouvia as palavras, que eram como uma fonte de água no deserto.

– Não importa. Você é apenas humano, e é só isso que você quer ser. Quem é melhor? Quem tem o direito de atirar a primeira pedra? Somos todos humanos. Não importa.



– Deus do céu! – exclamou Alvah Scarret – Ele não pode! Não Dominique Francon!

– Ele vai – disse Toohey. – Assim que ela voltar.

Scarret ficara surpreso com o convite de Toohey para almoçarem juntos, mas a notícia que ouviu substituiu a surpresa por uma maior e mais dolorosa.

– Eu gosto de Dominique – comentou Scarret, empurrando seu prato para o lado, sem apetite. – Sempre gostei muito dela. Mas tê-la como a Sra. Gail Wynand!

– São esses, exatamente, os meus sentimentos – falou Toohey.

– Eu sempre o aconselhei a casar-se. Ajuda. Dá um certo ar. Um tipo de seguro de respeitabilidade, e ele precisa de um. Ele sempre pisou em gelo muito fino. Conseguiu se safar, até agora. Mas Dominique!

– Por que você acha que esse casamento é inadequado?

– Bem... bem, não é... Droga, você sabe que não é certo!

– Eu sei. Você sabe?

– Olhe, ela é um tipo perigoso de mulher.

– Se é. Essa é a sua premissa secundária. Entretanto, a sua premissa principal é: ele é um tipo perigoso de homem.

– Bem... de certa forma... sim.

– Meu estimado editor, você me compreende muito bem. Mas há ocasiões em que é útil formular as coisas. Leva a uma futura... cooperação. Você e eu temos muito em comum, embora você tenha sido um tanto relutante em admiti-lo. Nós somos, digamos, duas variações do mesmo tema. Ou somos jogadores atacando um adversário em comum por flancos diferentes, se preferir o seu próprio estilo literário. Mas o nosso caro chefe toca uma música completamente diferente. Um tema totalmente diferente, não acha, Alvah? Nosso caro chefe é um acidente no nosso meio. Acidentes são fenômenos que nos pegam de surpresa. Você está sempre inseguro, não está?, observando o Sr. Gail Wynand. Portanto, sabe exatamente do que estou falando. Também sabe que a Srta. Dominique Francon não toca a nossa música. E não quer ver essa influência em particular entrar na vida do nosso chefe. Tenho que expor a situação de modo mais claro?

– Você é um homem esperto, Ellsworth – disse Scarret, sério.

– Isso é óbvio há anos.

– Eu vou falar com ele. É melhor que não seja você. Perdoe, mas ele o odeia. Embora eu ache que eu também não vá conseguir muita coisa. Não se ele já se decidiu.

– Não estou esperando que você consiga. Pode tentar, se quiser, embora seja inútil. Não podemos impedir esse casamento. Uma de minhas qualidades é o fato de eu admitir a derrota quando ela tem que ser admitida.

– Mas, então, por que você...

– Conte isso para você? Tem a mesma natureza de um furo jornalístico, Alvah. Informação adiantada.

– Eu fico grato, Ellsworth. Fico mesmo.

– Seria sábio continuar ficando grato. Não se deve desistir dos jornais Wynand facilmente, Alvah. A união faz a força. É o seu estilo.

– O que quer dizer com isso?

– Apenas que vamos enfrentar tempos difíceis, meu amigo. Portanto, seria melhor para nós ficarmos juntos.

– Ora, eu estou com você, Ellsworth. Sempre estive.

– Incorreto, mas vamos deixar passar. Só estamos interessados no presente. E no futuro. Como uma prova de compreensão mútua, que tal se livrar do Jimmy Kearns na primeira oportunidade?

– Bem que eu *achei* que você estava insinuando isso há meses! Qual é o problema com o Jimmy Kearns? É um garoto inteligente. O melhor crítico de teatro da cidade. Ele tem um intelecto ótimo. Raciocina rápido como um chicote. Muito promissor.

– Ele tem um intelecto ótimo... e independente. Eu não acho que você queira nenhum chicote no jornal, com exceção daquele que você segura. Acho que você quer ter cuidado com o que a promessa garante.

– Quem vou colocar no lugar dele?

– Jules Fougler.

– Ah, que inferno, Ellsworth!

– Por que não?

– Aquele velho filho da... Não podemos pagar o que ele vale.

– Você pode, se quiser. E considere o nome que ele tem.

– Mas ele é o velho mais impossível...

– Bem, você não tem que aceitá-lo. Discutiremos isso em outro momento. Apenas livre-se de Jimmy Kearns.

– Olhe, Ellsworth, eu não favoreço ninguém. Para mim dá na mesma. Eu colocarei o Jimmy na rua, se você quiser. Só que não vejo que diferença faz, e o que isso tem a ver com o tema da nossa conversa.

– Você não vê – disse Toohey –, mas verá.



– Gail, você sabe que eu quero que você seja feliz – disse Alvah Scarret, sentado em uma poltrona confortável no escritório da cobertura de Wynand, naquela noite. – Você sabe disso. É só nisso que estou pensando.

Wynand estava deitado em um sofá, com uma perna dobrada e o pé descansando sobre o joelho da outra. Ele fumava e escutava em silêncio. Scarret prosseguiu:

– Eu conheço Dominique há anos, muito antes de você sequer ter ouvido falar nela. Eu a amo. Eu a amo, pode-se dizer, como um pai. Mas você tem que admitir que ela não é o tipo de mulher que o seu público esperaria ver como a Sra. Gail Wynand.

O empresário não disse nada.

– A sua esposa é uma figura pública, Gail. Automaticamente. Uma propriedade pública. Os seus leitores têm o direito de exigir e esperar certas coisas dela. Um valor simbólico, se é que você me entende. Mais ou menos como a rainha da Inglaterra. Como você espera que Dominique corresponda a essa expectativa? Como espera que ela preserve quaisquer aparências? Ela é a pessoa mais desenfreada que conheço. Tem uma reputação terrível. Mas o pior de tudo é... pense, Gail!... que ela é uma divorciada! E nós aqui gastamos toneladas de bom papel impresso defendendo a santidade do lar e a pureza das mulheres! Como você vai fazer o seu público engolir isso? Como eu vou vender a sua esposa a eles?

– Você não acha que seria melhor parar com essa conversa, Alvah?

– Sim, Gail – concordou Scarret humildemente.

Scarret esperou, com uma sensação pesada de desfecho, como se tivesse acabado de ter uma discussão violenta, ansioso para fazer as pazes.

– Já sei, Gail! – exclamou ele, entusiasmado. – Sei o que podemos fazer. Vamos colocar Dominique de volta no jornal e fazê-la escrever uma coluna, uma diferente, uma coluna especializada em assuntos domésticos. Você sabe, dicas para o lar, cozinha, bebês, essas coisas. Isso limpará o nome dela. Mostrará que garota admirável e caseira ela realmente é, independentemente de seus erros da juventude. Fará com que as mulheres a perdoem. Teremos uma seção especial: “As Receitas da Sra. Gail Wynand”. Será bom mostrar algumas fotos dela, você sabe, usando vestidinhos de algodão, com um avental e o cabelo preso, num estilo mais convencional.

– Cale a boca, Alvah, antes que eu lhe dê um tapa na cara – disse Wynand, sem erguer a voz.

– Sim, Gail.

Scarret começou a levantar-se.

– Fique sentado. Eu não terminei.

Scarret esperou, obediente.

– Amanhã de manhã você enviará um memorando a cada um de nossos jornais – ordenou Wynand. Você lhes dirá para vasculhar seus arquivos e procurar quaisquer fotografias de Dominique Francon que eles possam ter, em relação à sua antiga coluna. Você os mandará destruir as fotos. Diga-lhes que, de agora em diante, qualquer menção do nome dela ou uso de uma foto dela em qualquer um dos meus jornais acarretará a demissão de toda a equipe editorial responsável. Quando chegar a hora certa, você fará com que seja publicado em todos os nossos jornais um anúncio do meu casamento. Isso não pode ser evitado. O anúncio mais breve que conseguir compor. Sem comentários. Sem reportagens. Sem fotografias. Divulgue a ordem e certifique-se de que todos a entendam. Qualquer um será despedido, inclusive você, se desobedecer.

– Sem reportagens... quando você se casar com ela?

– Sem reportagens, Alvah.

– Mas, Santo Deus! Isso é notícia! Os outros jornais...

– Não me importa o que os outros jornais façam a respeito.

– Mas... *por quê*, Gail?

– Você não entenderia.



Dominique estava sentada perto da janela, ouvindo o som das rodas do trem sob o piso. Ela olhava para os campos de Ohio passando em alta velocidade sob a luz do dia que ia enfraquecendo. Sua cabeça estava apoiada no encosto e suas

mãos jaziam inertes ao lado do corpo, repousando sobre o assento. Ela se unira à estrutura do vagão, estava sendo impelida adiante, assim como eram impelidos a armação da janela, o piso e as paredes do compartimento. Os cantos perdiam o foco na crescente escuridão. A janela permanecia luminosa, a luz da noite erguendo-se do solo. Ela se deixou descansar, envolta nessa iluminação fraca, que entrava no vagão e o dominava, enquanto ela não acendesse a luz para bloqueá-la.

Ela não tinha nenhuma consciência de um propósito. Não havia objetivo nessa viagem, apenas a viagem em si, apenas o movimento e o som metálico do movimento ao seu redor. Sentia-se solta e vazia, perdendo sua identidade em um desvanecimento indolor, satisfeita em desaparecer e não deixar que nada permanecesse definido, exceto aquela terra em particular, na janela.

Quando viu, no movimento lento do outro lado do vidro, o nome “Clayton” em uma placa desbotada sob o beiral de um prédio da estação, ela soube o que estivera esperando. Soube por que havia tomado esse trem, e não um mais rápido, por que havia examinado cuidadosamente o quadro com as paradas, embora fosse apenas uma coluna de nomes sem sentido para ela. Agarrou sua mala, o casaco e o chapéu. Correu. Não podia perder tempo vestindo o casaco, com medo de que o piso sob seus pés a levasse embora dali. Disparou pelo corredor estreito do vagão e desceu as escadas. Pulou na plataforma da estação, sentindo o choque do frio de inverno em seu pescoço nu. Ficou olhando para o prédio da estação. Ouvia o trem movendo-se atrás dela, afastando-se ruidosamente.

Vestiu o casaco e pôs o chapéu. Atravessou a plataforma, entrou na sala de espera, cruzou um piso de madeira pontilhado de pelotas de chiclete mascado seco, passou pela fumaça pesada do calor de um fogão de ferro e chegou à praça em frente à estação.

Viu uma última faixa amarela no céu, acima da silhueta baixa dos telhados. Viu uma extensão esburacada de paralelepípedos e casas pequenas que encostavam umas nas outras, uma árvore nua com galhos retorcidos, ervas daninhas na entrada sem porta de uma garagem abandonada, lojas com fachadas escuras e uma farmácia ainda aberta em uma esquina, com a luz fraca da vitrine projetando-se na calçada.

Ela nunca estivera aqui, mas sentia que esse lugar proclamava ser seu dono, fechando-se sobre ela com uma intimidade ominosa. Era como se cada massa escura exercesse uma sucção, como a gravidade dos planetas no espaço, determinando a órbita dela. Pôs a mão sobre um hidrante e sentiu o frio atravessando sua luva e penetrando em sua pele. Esse era o modo como a cidade a tomava, uma penetração direta, que nem suas roupas nem sua mente podiam impedir. A paz do inevitável permanecia. A única diferença era que agora ela tinha que agir, mas as ações eram simples, programadas de antemão. Perguntou

a um transeunte:

– Onde é o local do novo prédio da Loja de Departamentos Janer's?

Ela caminhou pacientemente pelas ruas escuras. Passou por gramados queimados pelo inverno; por varandas decadentes; por terrenos abandonados onde o mato farfalhava contra latas vazias; por mercearias fechadas e por uma lavanderia de onde saía vapor; por uma janela sem cortina, através da qual se via um homem em mangas de camisa sentado perto do fogo, lendo um jornal. Ela dobrou esquinas e atravessou ruas, sentindo os paralelepípedos sob as solas finas de seus sapatos delicados. Raros pedestres olhavam, perplexos, para seu ar de elegância forasteira. Ela notou e sentiu-se compelida a responder, surpresa. Queria dizer: “Mas vocês não entendem? Eu tenho mais razão para estar aqui do que vocês.” Parava, de vez em quando, e fechava os olhos. Achava difícil respirar.

Chegou à rua principal e diminuiu o passo. Havia algumas luzes, carros estacionados na diagonal, junto ao meio-fio, um cinema, uma vitrine exibindo roupas íntimas cor-de-rosa entre utensílios de cozinha. Ela caminhava rígida, olhando para a frente.

Viu o reflexo de uma luz na lateral de um velho prédio, em uma parede de tijolos amarelos que mostrava as marcas de fuligem das lajes dos andares de uma estrutura vizinha que havia sido demolida. A luz vinha do buraco de uma escavação. Ela soube que esse era o local. Tinha esperança de que não fosse. Se eles trabalhassem até tarde, ele estaria ali. Ela não queria vê-lo esta noite. Sua intenção fora apenas ver o lugar e o prédio. Não estava preparada para mais do que isso, queria vê-lo apenas no dia seguinte. Mas não conseguia parar agora. Andou até a escavação. Era em uma esquina, aberta para a rua, sem nenhuma cerca. Ela ouviu o barulho opressivo de ferro batendo, viu o braço de um guindaste, as sombras de homens nos montes de terra escavada, amarelada pela luz. Não conseguia ver as tábuas que levavam à calçada, mas ouviu o som de passos e então viu Roark subindo para a rua. Ele estava sem chapéu e vestia um casaco solto, aberto.

Ele parou. Olhou para ela. Dominique pensou que estava em pé, ereta, que tudo era simples e normal: ela estava vendo os olhos cinza e o cabelo laranja, como sempre os vira. Ficou espantada quando ele se aproximou dela apressado, quando sentiu a mão dele segurar com muita força seu cotovelo e quando ele disse:

– É melhor você se sentar.

Foi então que ela percebeu que não teria conseguido ficar em pé se não fosse por aquela mão em seu cotovelo. Ele pegou a mala dela. Guiou-a através da rua lateral escura e a fez sentar-se nos degraus de uma casa vazia. Ela se encostou a uma porta fechada. Ele se sentou ao seu lado. Mantinha a mão firme no cotovelo dela, não como um carinho, mas como uma garantia impessoal de controle sobre

ambos.

Depois de algum tempo, ele abaixou a mão. Ela sabia que estava segura agora. Já podia falar.

- Aquele é o seu novo prédio?
- É. Você veio a pé da estação?
- Vim.
- É uma longa caminhada.
- Acho que foi.

Ela pensou que eles não haviam se cumprimentado e que estava certo. Esse não era um reencontro, mas apenas um momento de algo que nunca fora interrompido. Pensou em como seria estranho se ela dissesse “Olá” para ele. Uma pessoa não cumprimenta a si mesma a cada manhã.

- A que horas você se levantou hoje? – perguntou ela.
 - Às sete.
 - Eu estava em Nova York a essa hora. Em um táxi, indo para a Grand Central Station. Onde você tomou o café da manhã?
 - Em um quiosque de lanches.
 - Do tipo que fica aberto a noite toda?
 - Sim. É mais para motoristas de caminhão.
 - Você sempre vai lá?
 - Sempre que quero tomar um café.
 - E você se senta a um balcão? Há pessoas por perto, olhando para você?
 - Eu me sento ao balcão quando tenho tempo. Há pessoas por perto. Não acho que elas olhem muito para mim.
 - E depois? Você vai a pé para a obra?
 - Vou.
 - Você caminha todos os dias? Anda por alguma dessas ruas? Passa por alguma janela? Assim, se uma pessoa quisesse abrir a janela...
 - As pessoas aqui não ficam olhando pela janela.
- Do alto dos degraus em que estavam sentados, eles podiam ver a escavação do outro lado da rua, a terra, os trabalhadores, as colunas de aço que se erguiam sob o brilho da luz forte. Ela pensou que era estranho ver montes de terra no meio de calçadas e paralelepípedos. Era como se houvessem rasgado um pedaço da roupa de uma cidade, deixando à mostra a pele nua. E disse:
- Você fez duas casas de campo nos últimos dois anos.
 - Sim. Uma na Pensilvânia e uma perto de Boston.
 - Foram casas sem importância.
 - Baratas, se é o que você quer dizer. Mas muito interessantes de fazer.
 - Quanto tempo vai ficar aqui?
 - Mais um mês.
 - Por que trabalha à noite?

– É uma obra urgente.

Do outro lado da rua, o guindaste estava se mexendo, equilibrando no ar uma viga mestra comprida. Ela notou que ele o observava e sabia que ele não estava pensando no guindaste, mas havia a reação instintiva nos olhos dele, algo fisicamente pessoal, uma intimidade com qualquer ação relacionada ao prédio dele.

– Roark..

Eles não haviam pronunciado os nomes um do outro. Havia um prazer sensual – de uma entrega há muito adiada – em pronunciar o nome e deixá-lo ouvir.

– Roark é a pedreira outra vez.

Ele sorriu.

– Se você quiser. Só que não é.

– Depois da Residência Enright? Depois do Edifício Cord?

– Eu não penso nisso dessa forma.

– De que forma você pensa?

– Eu amo fazer isso. Cada prédio é como uma pessoa, único e impossível de repetir.

Roark estava olhando para o outro lado da rua. Ele não havia mudado. Havia nele o antigo senso de leveza, de facilidade de movimento, de ação, de pensamento. Ela disse, sua frase sem começo nem fim:

– ... fazendo prédios de cinco andares pelo resto da sua vida...

– Se necessário. Mas eu não acho que vá ser assim.

– O que você está esperando?

– Não estou esperando.

Ela fechou os olhos, mas não podia esconder sua boca, que demonstrava amargura, raiva e dor.

– Roark se você estivesse na cidade, eu não teria vindo vê-lo.

– Eu sei.

– Mas era você... em outro lugar... em algum buraco sem nome como este. Eu tinha que ver. Tinha que ver o lugar.

– Quando você vai voltar?

– Você sabe que eu não vim para ficar?

– Sim.

– Por quê?

– Você ainda tem medo de quiosques e de janelas.

– Eu não vou voltar para Nova York Não já.

– Não?

– Você não me perguntou nada, Roark. Somente se eu vim a pé da estação.

– O que você quer que eu pergunte?

– Eu saí do trem quando vi o nome da estação – disse ela, com a voz apática. – Eu não pretendia vir aqui. Estava a caminho de Reno.

- E depois?
- Vou me casar de novo.
- Eu conheço o seu noivo?
- Você ouviu falar dele: Gail Wynand.

Ela viu os olhos dele e pensou que deveria querer rir. Finalmente havia provocado um choque nele que ela nunca havia esperado alcançar. Mas não riu. Ele pensou em Henry Cameron dizendo: “Não tenho nenhuma resposta para lhes dar, Howard. Vou deixar que você os enfrente. Você lhes responderá. A todos eles, os jornais Wynand, o que torna possível a existência dos jornais Wynand e o que está por trás de tudo isso.”

- Roark
- Ele não respondeu.
- É pior do que Peter Keating, não é? – perguntou ela.
- Muito pior.
- Você quer me impedir?
- Não.

Ele não havia tocado nela desde que soltara seu cotovelo, e aquele fora apenas um toque apropriado para alguém numa ambulância. Ela moveu a mão, encostando-a na dele. Ele não afastou seus dedos e tampouco fingiu indiferença. Ela se inclinou, segurando a mão de Roark, sem erguê-la do joelho dele, e pressionou seus lábios contra ela. Seu chapéu caiu, ele viu a cabeça loura acima dos seus joelhos, sentiu-lhe a boca beijando sua mão repetidas vezes. Seus dedos seguraram os dela, correspondendo, mas essa foi sua única resposta.

Ela ergueu a cabeça e olhou para a rua. Uma janela iluminada estava suspensa a distância, atrás de um emaranhado de galhos sem folhas. Pequenas casas estendiam-se escuridão adentro, e havia árvores nas calçadas estreitas.

Dominique notou seu chapéu sobre um degrau mais baixo e curvou-se para pegá-lo. Apoiou-se com a mão, sem luva, espalmada sobre o degrau. A pedra era velha, amaciada pelo uso, gelada. Ela sentiu-se reconfortada pelo toque. Ficou assim por um momento, curvada com a palma da mão pressionada contra a pedra. Sentir esses degraus – não obstante quantos pés os haviam usado –, senti-los como ela havia sentido o hidrante.

- Roark, onde você mora?
- Em uma pensão.
- Que tipo de cômodo?
- É só um quarto.
- O que há nele? Como são as paredes?
- Forradas com um tipo de papel de parede. Desbotado.
- E os móveis?
- Uma mesa, cadeiras, uma cama.
- Não, conte-me com detalhes.

– Tem um armário, uma cômoda, a cama fica no canto perto da janela, uma mesa grande do outro lado...

– Encostada na parede?

– Não, eu a coloquei em frente ao canto, virada para a janela. É onde eu trabalho. Também tem uma cadeira de encosto reto, uma poltrona com um abajur de leitura e um porta-revistas que eu nunca uso. Acho que é só isso.

– Não tem tapetes? Ou cortinas?

– Acho que tem alguma coisa na janela e algum tipo de tapete. O piso é bem encerado, é uma madeira antiga muito bonita.

– Quero pensar no seu quarto hoje à noite... no trem.

Ele ficou fitando o outro lado da rua. Ela disse:

– Roark, deixe-me ficar com você esta noite.

– Não.

Ela deixou seu próprio olhar seguir o dele até o maquinário pesado, mais abaixo. Depois de algum tempo, perguntou:

– Como conseguiu o contrato para projetar esta loja?

– O dono viu meus prédios em Nova York e gostou deles.

Um homem vestido com um macacão saiu do buraco da escavação, avistou-os na escuridão e chamou:

– É você aí, chefe?

– Sim! – gritou Roark.

– Pode vir até aqui um minuto?

Ele atravessou a rua em direção ao operário. Ela não pôde ouvir a conversa, mas escutou Roark dizendo alegremente:

– É fácil.

E então ambos desceram pelas tábuas até o fundo. O homem ficou falando, apontando para cima, explicando. Roark inclinou a cabeça para trás, a fim de olhar para cima, para a estrutura ascendente de aço. A luz batia em cheio no rosto dele, e ela viu seu olhar de concentração, não um sorriso, mas uma expressão que deu a ela um sentimento alegre de competência, de razão disciplinada em ação. Ele abaixou-se, pegou um pedaço de papelão e tirou um lápis do bolso. Colocou um pé sobre uma pilha de pranchas, apoiou o papelão sobre o joelho e desenhou rapidamente, explicando algo ao homem, que assentia, satisfeito. Ela não conseguiu ouvir as palavras, mas sentiu a qualidade da ligação de Roark com aquele homem, com todos os outros trabalhadores naquele buraco, um sentido estranho de lealdade e de irmandade, mas não do tipo que ela sempre ouvira ser descrito com essas palavras. Ele terminou, entregou o papelão ao sujeito e os dois riram de alguma coisa. Então ele voltou e sentou-se nos degraus ao lado dela.

– Roark – disse ela –, quero ficar aqui com você, durante todos os anos que possamos ter.

Ele olhou para ela, atento, esperando.

– Eu quero morar aqui. – Sua voz tinha o som da pressão contra uma represa. – Quero viver como você vive. Sem tocar no meu dinheiro... Eu o darei para qualquer um, para Steve Mallory, se você desejar, ou para uma das organizações do Toohey, não importa. Arranjaremos uma casa aqui... como uma dessas... e eu cuidarei dela para você... não dê risada, eu consigo... Vou cozinhar, lavar suas roupas, esfregar o chão. E você vai desistir da arquitetura.

Ele não riu. Ela não viu nada além de uma atenção imóvel preparada para continuar ouvindo.

– Roark, tente entender, por favor, tente entender. Eu não suporto ver o que eles estão fazendo com você, o que vão fazer. É grande demais... você é o que você sente ao construir. Não pode continuar assim por muito tempo. Não vai durar. Eles não deixarão. Você está indo ao encontro de algum tipo terrível de catástrofe. Não pode acabar de nenhum outro jeito. Desista. Aceite algum emprego insignificante, como a pedreira. Nós viveremos aqui. Teremos pouco e não daremos nada. Viveremos somente para o que somos e para o que sabemos.

Ele riu. Ela ouviu, no som da risada, um toque surpreendente de consideração por ela: a tentativa de não rir. Mas ele não conseguiu se controlar.

– Dominique...

A forma como ele pronunciou o nome permaneceu com ela e tornou mais fácil ouvir as palavras que se seguiram:

– Eu gostaria de poder dizer que foi uma tentação, ao menos por um instante. Mas não foi. – Acrescentou: – Se eu fosse muito cruel, aceitaria. Só para ver a rapidez com que você me imploraria que eu voltasse a construir.

– Sim... Provavelmente...

– Case-se com Wynand e fique com ele. Será melhor do que o que você está fazendo a si mesma agora.

– Você se importa... se ficarmos sentados aqui só mais um pouco... e não falarmos sobre isso... mas só conversarmos, como se tudo estivesse certo... só uma trégua de meia hora, no meio de anos... Conte-me o que você fez em todos os dias que esteve aqui, tudo o que se lembrar...

E então eles conversaram, como se os degraus da casa vazia fossem um avião fluando no espaço, sem vista da terra ou do céu. Roark não olhou para o outro lado da rua.

Depois, ele deu uma olhada em seu relógio de pulso e disse:

– Há um trem para o Oeste daqui a uma hora. Posso ir com você até a estação?

– Você se importa se formos a pé?

– Está bem.

Ela se levantou e perguntou:

– Até... quando, Roark?

A mão dele descreveu um arco abarcando as ruas.

– Até você parar de odiar tudo isso, parar de ter medo disso, aprender a não reparar em nada disso.

Caminharam juntos até a estação. Ela escutava o som dos passos dele junto com os seus nas ruas desertas. Deixou seu olhar se arrastar ao longo das paredes pelas quais passavam, como um toque que se agarrasse a elas. Ela amava esse lugar, essa cidade e tudo o que fazia parte dela.

Estavam passando por um terreno baldio. O vento soprou uma folha de jornal velho de encontro às pernas dela. O papel grudou-se nela com uma insistência firme que parecia consciente, como o carinho autoritário de um gato. Ela pensou que qualquer coisa nessa cidade tinha esse direito íntimo a ela. Curvou-se, pegou o jornal e começou a dobrá-lo, para guardá-lo.

– O que está fazendo? – perguntou ele.

– Algo para ler no trem – disse ela.

Roark arrancou o jornal da mão dela, amassou-o e jogou-o no mato. Dominique não disse nada e eles continuaram andando.

Uma única lâmpada estava pendurada sobre a plataforma vazia da estação. Os dois esperaram. Ele ficou olhando para os trilhos, para o ponto onde o trem deveria aparecer. Quando os trilhos tiniram, estremeceu, quando o feixe branco de um farol jorrou da distância e ficou parado no céu, não se aproximando, apenas se alargando, crescendo a uma velocidade furiosa, ele não se mexeu nem se virou para ela. O raio de luz veloz atirou a sombra dele através da plataforma, fez com que ela passasse voando sobre as tábuas e desaparecesse. Por um instante, ela viu a silhueta alta e ereta do corpo dele contra o clarão. A locomotiva passou por eles e os vagões desaceleraram com estrondo. Roark olhou para as janelas que passavam. Ela não podia ver o rosto dele, apenas o contorno do osso da maçã do rosto.

Quando o trem parou, ele se virou para ela. Não se apertaram as mãos, não falaram. Ficaram rígidos, olhando um para o outro por um momento, como se estivessem em posição de sentido – foi quase como uma saudação militar. Então ela pegou sua mala e subiu no trem. O trem começou a se mover um minuto depois.

“CHUCK: E POR QUE NÃO UM RATO? Por que o homem deveria imaginar que é superior a um rato? A vida pulsa em todas as pequenas criaturas do campo e do bosque. A vida cantando a eterna tristeza. Uma tristeza antiga. O Cântico dos Cânticos. Nós não entendemos, mas quem liga para entender? Só contadores e calistas. E também carteiros. Nós só amamos. O Doce Mistério do Amor. É só isso. Me dê amor e enfie todos os seus filósofos no tubo da chaminé. Quando Mary pegou o rato sem teto, seu coração se abriu e a vida e o amor jorraram para dentro dele. Ratos dão uma boa imitação de casacos de vison, mas este não é o ponto. A vida é o ponto.

Jake: (entrando às pressas): Diga aí, gente, quem tem um selo com a foto de George Washington?

Desce o pano.”

Ike fechou seu manuscrito com estrondo e sorveu o ar em um grande hausto. Estava rouco após duas horas lendo em voz alta, e ele lera o clímax de sua peça de um único e longo fôlego. Olhou para a plateia, a boca sorrindo e zombando dele mesmo, as sobrancelhas levantadas insolentemente, mas os olhos suplicando.

Ellsworth Toohey, sentado no chão, coçou as costas na perna de uma cadeira e bocejou. Gus Webb, estendido de barriga para baixo no meio da sala, rolou para deitar de costas. Lancelot Clokey, o correspondente estrangeiro, estendeu a mão para pegar seu copo alto de uísque com soda e esvaziá-lo. Jules Fougler, o novo crítico de teatro do *Banner*, continuou sentado, imóvel; não havia se movido por duas horas. Lois Cook, a anfitriã, levantou os braços, contorcendo-os e alongando, e disse:

– Meu Deus, Ike, é horrível.

Clokey falou em voz arrastada:

– Lois, minha menina, onde você guarda o seu gim? Não seja tão miserável. Você é a pior anfitriã que conheço.

– Eu não entendo de literatura. Não produz nada e é uma perda de tempo. Os autores serão liquidados – disse Webb.

Ike riu estridentemente.

– Um nojo, é? – E brandiu seu roteiro. – Um supernojo de verdade. Para que vocês pensam que a escrevi? Quero ver me mostrarem alguém que consiga escrever um fiasco maior. A pior peça de teatro que vocês ouvirão em suas vidas.

Não era uma reunião formal do Conselho dos Escritores Americanos, mas um encontro extraoficial. Ike havia pedido a alguns de seus amigos que ouvissem o seu mais recente trabalho. Aos 26 anos, havia escrito onze peças de teatro, mas nunca conseguira que qualquer uma delas fosse produzida.

– É melhor você desistir do teatro, Ike – comentou Lancelot Clokey. – Escrever é um negócio sério e não é para qualquer vagabundo de rua que resolva tentar.

O primeiro livro de Clokey, um relato de suas aventuras pessoais em países estrangeiros, estava há dez semanas na lista dos mais vendidos.

– Não é, Lance? – perguntou Toohey docemente, arrastando a voz.

– Tudo bem – estalou a voz de Clokey –, tudo bem. Me dê um drinque.

– É horrível – falou Lois Cook, sua cabeça balançando preguiçosamente de um lado para outro. – É perfeitamente horrível. É tão horrível que é maravilhosa.

– Bolas – disse Gus Webb. – Por que é que eu venho aqui?

Ike lançou seu roteiro na lareira. Ele bateu contra o guarda-fogo de metal e caiu, virado para baixo, aberto, as páginas finas amassadas.

– Se Ibsen pode escrever peças, por que eu não posso? Ele é bom e eu sou uma porcaria, mas essa não é uma razão suficiente.

– Não no sentido cósmico – emendou Clokey. – Ainda assim, você é uma porcaria.

– Não precisa dizer. Eu já disse primeiro.

– Essa é uma peça grandiosa – falou uma voz.

A voz era lenta, anasalada e entediada. Falou pela primeira vez naquela noite, e todos se viraram para Jules Fougler. Um caricaturista havia desenhado um retrato famoso dele, certa vez. Consistia em dois círculos caídos, um grande e um pequeno: o grande era sua barriga; o pequeno, seu lábio inferior. Ele vestia um belo terno, feito sob medida, de uma cor que ele chamava de “*merde d’oie*”. Jamais tirava as luvas e carregava uma bengala. Era um eminente crítico de literatura e teatro.

Fougler esticou sua bengala e, com o castão em gancho dela, físgou o roteiro e o arrastou através do piso até seus pés. Não o levantou do chão, mas repetiu, olhando para ele:

– Essa é uma peça grandiosa.

– Por quê? – quis saber Clokey.

– Porque estou dizendo que é – respondeu Fougler.

– Está brincando, Jules? – perguntou Lois Cook.

– Eu nunca brinco – declarou Jules Fougler. – É vulgar.

– Não deixe de me mandar um par de entradas para a estreia – falou Clokey, sarcástico.

– Oito e oitenta por duas entradas para a estreia – disse Jules Fougler. – Será o maior sucesso da temporada.

Fougler virou-se e viu Toohey olhando para ele. Este sorriu, mas o sorriso não era displicente ou descuidado; era um comentário de aprovação sobre algo que ele considerava ser realmente muito sério. O olhar do crítico de teatro era desdenhoso quando dirigido aos outros, mas relaxou por um momento, de compreensão, ao repousar em Toohey.

– Por que não se junta ao Conselho de Escritores Americanos, Jules? – perguntou Toohey.

– Eu sou um individualista – respondeu Fougler. – Não acredito em organizações. Além do mais, é necessário?

– Não, não é necessário de forma alguma – disse Toohey alegremente. – Não para você, Jules. Não há nada que eu possa lhe ensinar.

– O que eu gosto em você, Ellsworth, é que jamais tenho que me explicar para você.

– E por que diabos explicar qualquer coisa aqui? Somos os seis do mesmo tipo.

– Cinco – corrigiu Fougler. – Eu não gosto de Gus Webb.

– Por que não? – perguntou Gus. Ele não se ofendera.

– Porque ele não lava as orelhas – respondeu Fougler, como se a pergunta houvesse sido feita por outra pessoa.

– Ah, isso – disse Gus.

Ike havia se levantado e ficou olhando para Fougler, incerto sobre se deveria respirar.

– Você gosta da minha peça, Sr. Fougler? – perguntou ele finalmente, em voz baixa.

– Eu não disse que gosto dela – respondeu Fougler friamente. – Acho que ela é uma droga. É por isso que é grandiosa.

– Ah – disse Ike. E riu. Parecia aliviado. Seu olhar se moveu de rosto em rosto na sala, uma expressão velhaca de triunfo.

– Sim – concordou Fougler –, a minha atitude ao criticar sua peça é a mesma que a sua atitude ao escrevê-la. Nossos motivos são idênticos.

– Você é um cara formidável, Jules.

– Sr. Fougler, por favor.

– Você é um cara formidável e o desgraçado mais pomposo do mundo, Sr. Fougler.

Jules virou as páginas do roteiro a seus pés com a ponta da bengala e disse:

– A sua datilografia é abominável, Ike.

– Diabos, eu não sou um datilógrafo. Sou um artista criativo.

– Você poderá pagar uma secretária depois da estreia dessa peça. Eu serei obrigado a elogiar-la, nem que seja apenas para prevenir maiores abusos da máquina de escrever, como este. A máquina de escrever é um instrumento esplêndido e não deve ser ultrajada.

– Tudo bem, Jules – falou Lancelot Clokey –, é tudo muito espirituoso e engenhoso e você é inacreditavelmente sofisticado e brilhante, mas, de verdade, por que é que você quer elogiar essa bosta?

– Porque ela é, como você disse, uma bosta.

– Você não é lógico, Lance – comentou Ike. – Não em um sentido cósmico, não é mesmo. Escrever uma boa peça e vê-la receber elogios não é nada.

Qualquer um pode fazer isso. Qualquer um com talento... e talento nada mais é do que um acidente glandular. Mas escrever uma coisa que é uma bosta e vê-la receber elogios... bem, tente igualar isso.

– Ele igualou – falou Toohey.

– Isso é uma questão de opinião – retrucou Clokey. Ele virou o copo de ponta-cabeça sobre a boca e sugou a última pedra de gelo.

– O Ike entende as coisas bem melhor do que você, Lance – disse Fougler. – Ele acabou de provar que é um verdadeiro pensador, no pequeno discurso que fez. Que, a propósito, foi melhor que a peça inteira.

– Escreverei minha próxima peça sobre isso – disse Ike.

– Ike declarou suas razões – continuou Fougler. – E as minhas. As suas também, Lance. Examine o meu caso, se quiser. Qual é a conquista de um crítico ao elogiar uma boa peça? Absolutamente nenhuma. O crítico passa então a ser apenas um tipo glorificado de garoto de recados entre o autor e o público. Para que isso me serve? Estou enjoado disso. Eu tenho o direito de querer impor a minha própria personalidade às pessoas. De outra maneira, eu ficaria frustrado, e não acredito em frustração. Mas, se um crítico é capaz de transformar em sucesso uma peça de teatro perfeitamente imprestável, ah, você percebe a diferença! Portanto, eu garantirei o sucesso de... qual é o nome da sua peça, Ike?

– *Quero mais que se dane.*

– O quê?

– É o título.

– Ah, entendi. Portanto, eu garantirei o sucesso de *Quero mais que se dane.*

Lois Cook soltou uma sonora gargalhada.

– Vocês todos fazem um maldito rebuliço por qualquer coisa – disse Gus Webb, deitado de costas, o corpo esticado, as mãos entrelaçadas sob a cabeça.

– Agora, se quiser considerar o seu próprio caso, Lance – continuou Fougler –, qual é a satisfação de um correspondente ao reportar os eventos do mundo? O público lê a respeito de todos os tipos de crises internacionais e você tem sorte se notarem seu nome em um artigo. Mas você é tão bom quanto qualquer general, almirante ou embaixador. Você tem o direito de fazer com que as pessoas se tornem conscientes da sua existência. Então você fez a coisa certa. Escreveu uma coleção extraordinária de bobagens –, sim, bobagens, mas moralmente justificadas. Um livro engenhoso. Catástrofes mundiais usadas como cenário para a sua própria personalidade sórdida e insignificante. Como Lancelot Clokey ficou bêbado em uma conferência internacional. Quais belezas dormiram com Lancelot Clokey durante uma invasão. Como Lancelot Clokey pegou disenteria em uma terra onde reinava a fome. Bem, por que não, Lance? Funcionou, não foi? Ellsworth fez funcionar, não fez?

– O público sabe apreciar coisas boas de interesse humano – falou Clokey, olhando furiosamente para seu copo.

– Ah, pare de falar merda, Lance! – gritou Lois Cook – Para quem você está representando aqui? Você sabe muito bem que não foi nenhum tipo de interesse humano, mas simplesmente Ellsworth Toohey.

– Eu não me esqueço do que devo a Ellsworth – admitiu Clokey emburrado. – Ele é o meu melhor amigo. Ainda assim, não poderia ter feito o que fez, se não tivesse um bom livro para começar.

Oito meses antes, Clokey encontrara-se perante Toohey, segurando um manuscrito nas mãos, assim como Ike se encontrava perante Fougler agora, e não pôde acreditar quando Toohey lhe disse que seu livro chegaria ao topo da lista dos mais vendidos. Mas duzentos mil exemplares vendidos tornaram impossível para Clokey reconhecer outra vez qualquer tipo de verdade, sob qualquer forma.

– Bem, ele o fez com *O cálculo biliar gentil* – disse Lois Cook placidamente –, e um lixo pior do que esse nunca foi colocado no papel. Eu devo saber do que estou falando. Mas ele conseguiu.

– E quase perdi meu emprego para conseguir – comentou Toohey, indiferente.

– O que é que você faz com as suas bebidas, Lois? Guarda para encher a banheira e tomar banho? – perguntou Clokey bruscamente.

– Tudo bem, mata-borrão – disse ela, levantando-se preguiçosamente.

A mulher se arrastou através da sala, pegou do chão o drinque inacabado de alguém, bebeu a sobra, saiu e voltou com uma variedade de garrafas de bebidas caras. Clokey e Ike foram logo se servir.

– Acho que você está sendo injusta com o Lance, Lois – falou Toohey. – Por que ele não deveria escrever uma autobiografia?

– Porque a vida dele não valeu a pena ser vivida, muito menos registrada.

– Ah, mas é precisamente por isso que eu fiz dele um sucesso.

– E está dizendo isso para mim?

– Eu gosto de dizer a alguém.

Havia várias cadeiras confortáveis na sala, mas Toohey preferia permanecer no chão. Ele rolou para ficar de bruços, com seu torso ereto e escorado nos cotovelos, e balançou prazerosamente, alternando o seu peso entre os cotovelos, suas pernas estendidas e bem separadas sobre o tapete. Ele parecia gostar dessa sensualidade.

– Eu gosto de dizer a alguém. No mês que vem, vou promover a autobiografia de um dentista de cidade pequena que é realmente uma pessoa digna de nota... porque não há um único dia em sua vida ou um parágrafo em seu livro que seja. Você vai gostar do livro, Lois. Dá para imaginar um perfeito lugar-comum desnudando sua alma como se fosse uma revelação?

– As pessoas insignificantes... – disse Ike com ternura. – Eu amo as pessoas insignificantes. Nós devemos amar as pessoas insignificantes desta Terra.

– Guarde isso para a sua próxima peça – falou Toohey.

- Não posso. Já está nesta.
- Qual é a grande ideia, Ellsworth? – perguntou Clokey de supetão.
- Ora, é simples, Lance. Quando o fato de que uma pessoa totalmente sem importância, um zero à esquerda que nunca fez nada mais notável do que comer, dormir e conversar com os vizinhos, se torna algo digno de orgulho, de declaração para o mundo e de estudo diligente por milhões de leitores, o fato de que alguém construiu uma catedral se torna indigno de registro e declaração. Uma questão de perspectiva e relatividade. A distância permissível entre os extremos de determinada capacidade é limitada. A percepção auditiva de uma formiga não inclui o trovão.
- Você fala como um burguês decadente, Ellsworth – comentou Gus Webb.
- Quietamente, doce de coco – retrucou Toohey sem ressentimento.
- É tudo muito maravilhoso – disse Lois Cook –, exceto que você está tendo sucesso demais, Ellsworth. Você vai me fazer ficar sem trabalho. Logo, logo, se eu ainda quiser ser notada, terei que escrever algo realmente bom.
- Não neste século, Lois – falou Toohey. – E talvez nem no próximo. É mais tarde do que você imagina.
- Mas você não disse!... – gritou Ike de repente, preocupado.
- O que é que eu não disse?
- Não disse quem é que vai produzir a minha peça!
- Deixe isso comigo – interveio Jules Fougler.
- Eu me esqueci de agradecer a você, Ellsworth – disse Ike solenemente –, portanto, agora eu agradeço. Há muitas peças medíocres, mas você escolheu a minha. Você e o Sr. Fougler.
- A sua mediocridade é útil, Ike.
- Bom, isso já é alguma coisa.
- É uma grande coisa.
- Como o quê... por exemplo?
- Não fale demais, Ellsworth – intrometeu-se Gus Webb –, você está embriagado com a falação.
- Cale a boca, boneca de Cupido. Eu gosto de falar. Por exemplo, Ike? Bem, por exemplo, imagine que eu não gostasse de Ibsen...
- Ibsen é bom – disse Ike.
- É claro que ele é bom, mas imagine que eu não gostasse dele. Imagine que eu quisesse fazer com que as pessoas parassem de assistir às peças dele. Não me adiantaria nada dizer isso a elas. Mas, se eu lhes vendesse a ideia de que você é tão bom quanto Ibsen, logo, logo elas não conseguiriam notar a diferença.
- Meu Deus, você consegue?
- É apenas um exemplo, Ike.
- Mas seria maravilhoso!
- Sim. Seria maravilhoso. E aí qualquer coisa a que assistissem não teria

nenhuma importância. Ai nada mais teria importância, nem os escritores nem aqueles para quem eles escreveram.

– Como assim, Ellsworth?

– Olhe, Ike, não há espaço no teatro para Ibsen e você juntos. Você entende isso, não é?

– De certa forma, sim.

– Bem, quer que eu crie espaço para você, não quer?

– Toda essa discussão inútil já aconteceu antes e de forma muito melhor – disse Gus Webb. – E mais breve. Eu acredito em economia funcional.

– Onde aconteceu, Gus? – perguntou Lois Cook.

– “Quem não foi nada será tudo”, irmã.

– Gus é grosseiro, mas profundo. Gosto dele – comentou Ike.

– Vá para o inferno – disse Gus.

O mordomo de Lois entrou na sala. Era um homem imponente e idoso e vestia um uniforme. Ele anunciou Peter Keating.

– Pete? – perguntou Lois Cook alegremente. – Ora, é claro, mande-o entrar, mande-o entrar agora mesmo.

Keating entrou e parou, surpreso, ao ver a reunião.

– Olá... olá a todos – disse, desanimado. – Não sabia que tinha companhia, Lois.

– Isso não é companhia. Entre, Pete. Sente-se, pegue um drinque, você conhece todos.

– Olá, Ellsworth – falou Keating, seus olhos repousando em Toohey, em busca de apoio.

Toohey acenou com a mão, levantou-se com dificuldade e acomodou-se em uma poltrona, cruzando as pernas graciosamente. Todos na sala se ajustaram automaticamente a um súbito autocontrole: sentando-se mais eretos, juntando os joelhos, recompondo as bocas descontraídas. Apenas Gus Webb permaneceu largado como antes.

Keating parecia calmo e elegante, trazendo à sala sem ventilação o frescor de uma caminhada pelas ruas frias. Mas estava pálido e seus movimentos eram lentos, cansados.

– Desculpe-me se interrompi algo, Lois. Não tinha nada para fazer e me sentia tão só que pensei em passar por aqui.

Ele pronunciou inarticuladamente a palavra “só”, desfazendo-se dela com um sorriso de autorrecriminação. – Estou cheio do Neil Dumont e dos outros. Queria uma companhia mais inspiradora, um tipo de alimento espiritual, sabe?

– Eu sou um gênio – disse Ike. – Terei uma peça na Broadway. Eu e Ibsen. Foi o que Ellsworth disse.

– Ike acabou de ler sua nova peça para nós – falou Toohey. – Uma obra magnífica.

– Você vai amá-la, Peter, é realmente espetacular – comentou Lancelot Clokey.

– É uma obra-prima – confirmou Jules Fougler. – Espero que você se prove digno dela, Peter. É o tipo de peça que depende do que os membros da plateia sejam capazes de trazer com eles para o teatro. Se você for uma dessas pessoas que entende tudo literalmente, com uma alma vazia e uma imaginação limitada, não é para você. Mas se for um ser humano de verdade, com um grande, grande coração cheio de riso, e tiver preservado a capacidade incorruptível da juventude para sentir a pura emoção, vai descobrir que é uma experiência inesquecível.

– “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus” – citou Toohey.

– Obrigado, Ellsworth – disse Fougler. – Essa será a abertura da minha crítica.

Keating olhou para Ike e para os outros, seus olhos ansiosos. Todos eles pareciam distantes e puros, bem acima dele na segurança do conhecimento que tinham, mas seus rostos exibiam sinais de afeto, um convite benevolente oferecido a um inferior.

Keating sorveu o senso de grandeza deles, o alimento espiritual que tinha ido buscar, e sentiu-se ser elevado por meio deles. Eles viram sua própria grandeza tornada real por ele. Criou-se um vínculo na sala e o círculo se fechou. Todos estavam conscientes disso, menos Peter Keating.



Ellsworth Toohey declarou publicamente seu apoio à causa da arquitetura moderna.

Nos últimos dez anos, enquanto a maioria das residências continuava a ser construída como cópias históricas fiéis, os princípios de Henry Cameron haviam tomado conta do setor de estruturas comerciais: as fábricas, os edifícios de escritórios, os arranha-céus. Era uma vitória pálida e distorcida, uma acomodação relutante que consistia na omissão de colunas e frontões triangulares, permitindo que alguns trechos de parede ficassem nus, desculpando-se pela forma, acidentalmente boa, com um acabamento de volutas gregas simplificadas. Muitos roubaram as formas de Cameron; poucos entendiam seu modo de pensar. A única parte de seu argumento que era irresistível para os proprietários das novas estruturas era a economia financeira; nesse ponto, ele vence.

Nos países da Europa, mais proeminentemente na Alemanha, um novo estilo de construção vinha crescendo havia muito tempo: consistia em erguer quatro paredes e um teto plano sobre elas, com algumas aberturas. Isso era chamado de nova arquitetura. A liberdade de não ter que seguir regras arbitrárias, pela qual Cameron havia lutado, a liberdade que impunha uma grande e nova

responsabilidade sobre o construtor criativo, tornou-se a mera eliminação de todo o esforço, até mesmo do esforço de aprender a executar habilmente estilos históricos. Tornou-se um conjunto de regras novas e rígidas, a disciplina da incompetência consciente, a pobreza criativa transformada em sistema, a mediocridade confessada com orgulho.

“Um prédio cria a sua própria beleza, e seus ornamentos são derivados das regras de seu tema e de sua estrutura”, dissera Cameron. “Um prédio não precisa de nenhuma beleza, de nenhum ornamento e de nenhum tema”, declaravam os novos arquitetos. Era seguro falar isso. Cameron e outros poucos homens haviam aberto o caminho e o pavimentado com suas vidas. Outros homens, dos quais havia um número maior, os que tinham se sentido seguros ao copiar o Partenon, viram o perigo e descobriram um meio de alcançar a segurança: seguir o caminho de Cameron e fazer esse caminho conduzi-los a um novo Partenon, mais fácil, na forma de um caixote de vidro e concreto. A palmeira abrira a passagem; o fungo veio alimentar-se dela, deformá-la, escondê-la, arrastá-la de volta para dentro da selva comum.

A selva encontrou suas palavras.

Em “Uma Pequena Voz”, com o subtítulo “Eu nado a favor da corrente”, Ellsworth Toohey escreveu:

“Nós hesitamos por muito tempo em reconhecer o fenômeno poderoso chamado Arquitetura Moderna. Tal cautela é necessária em qualquer um que se encontra na posição de mentor do gosto público. Muitas vezes, manifestações isoladas de anomalias podem ser confundidas com um amplo movimento popular, e devemos ter cuidado para não lhes atribuir uma importância que não merecem. Porém, a Arquitetura Moderna passou no teste do tempo, respondeu a uma exigência das massas, e temos prazer em saudá-la.

“Não é impróprio oferecer uma medida de reconhecimento aos pioneiros desse movimento, como o falecido Henry Cameron. Ecos premonitórios da nova grandeza podem ser encontrados em partes de seu trabalho. Entretanto, como todos os pioneiros, ele ainda estava preso aos preconceitos herdados do passado, ao sentimentalismo da classe média da qual veio. Ele sucumbiu à superstição da beleza e da ornamentação, apesar de o ornamento ter sido uma criação dele e, conseqüentemente, inferior às formas históricas estabelecidas.

“Ficou para a força de um movimento amplo e coletivo a tarefa de dar à Arquitetura Moderna a sua completa e verdadeira expressão. Agora podemos vê-la, crescendo ao redor do mundo, não como um caos de fantasias individuais, mas como uma disciplina coesa e organizada que faz exigências severas ao artista, entre elas a de que se subordine à natureza

coletiva de sua profissão.

“As regras dessa nova arquitetura foram formuladas pelo vasto processo de criação popular. São tão estritas quanto as regras do classicismo. Exigem simplicidade sem adornos, como a honestidade do homem comum e imaculado. Assim como na época passageira dos banqueiros internacionais todos os prédios tinham que ter uma cornija ostentadora, agora a época que se aproxima ordena que todos os prédios tenham um teto plano. Assim como a era imperial requeria que cada casa tivesse um pórtico romano, da mesma maneira a era da humanidade requer que cada casa tenha janelas nos cantos, um símbolo da luz solar igualmente distribuída a todos.

“Aqueles que têm discernimento verão o significado social eloquente nas formas dessa nova arquitetura. Sob o sistema antigo de exploração, os elementos sociais mais úteis, os trabalhadores, nunca tiveram liberdade para perceber sua importância; as suas funções práticas eram disfarçadas e escondidas. Assim, o senhor mantinha seus servos vestidos com uniformes adornados com fios dourados. Isso se refletia na arquitetura do período: os elementos funcionais de um prédio, suas portas, janelas, escadarias, eram escondidos sob os arabescos de ornamentos sem sentido. Mas, em um prédio moderno, são precisamente esses elementos úteis, os símbolos do trabalho, que se revelam totalmente. Não ouvimos nisso a voz de um novo mundo onde o trabalhador se realizará?

“Como o melhor exemplo de Arquitetura Moderna nos Estados Unidos, chamamos a sua atenção para a nova fábrica da Companhia de Escovas Bassett, que ficará pronta em breve. É um prédio pequeno, mas, em suas proporções modestas, incorpora toda a simplicidade austera da nova disciplina e apresenta um exemplo revigorante da Grandeza do Pequeno. Foi projetado por Augustus Webb, um jovem arquiteto muito promissor.”



Ao encontrar-se com Toohey, alguns dias mais tarde, Peter Keating perguntou, perturbado:

– Diga, Ellsworth, você realmente quis dizer aquilo?

– O quê?

– Sobre a arquitetura moderna.

– É claro que quis dizer. Gostou de meu pequeno artigo?

– Ah, eu achei muito lindo. Muito convincente. Mas diga, Ellsworth, por que... por que você escolheu Gus Webb? Afinal de contas, eu fiz algumas coisas modernistas nos últimos anos. O Edifício Palmer era bastante simples, e o Edifício Mowry era só teto e janelas, e o Depósito Sheldon era...

– Peter, não seja ingrato. Eu já o ajudei muito, não ajudei? Deixe-me dar uma

força a outra pessoa, de vez em quando.

Durante um almoço no qual teve que falar sobre arquitetura, Peter Keating declarou:

– Ao recapitular minha carreira até hoje, cheguei à conclusão de que sempre trabalhei sobre um princípio verdadeiro: o de que a mudança constante é uma necessidade da vida. Como os prédios são uma parte indispensável da vida, a conclusão é que a arquitetura deve mudar constantemente. Nunca desenvolvi ou adotei nenhum preconceito arquitetônico, mas sempre insisti em manter a mente aberta a todas as vozes de todos os tempos. Os fanáticos que andam por aí pregando que todas as estruturas têm que ser modernas são tão tacanhos quanto os conservadores mesquinhos que exigem que utilizemos somente os estilos históricos. Eu não peço desculpas por nenhum de meus prédios que foram projetados na tradição clássica. Eles foram uma resposta à necessidade de sua época. E também não peço desculpas pelos prédios que projetei no estilo moderno. Eles representam o mundo melhor por vir. É minha opinião que na humilde compreensão desse princípio jaz a recompensa e a alegria de ser arquiteto.

Houve uma divulgação gratificante, e muitos elogios entre comentários invejosos nos círculos profissionais, quando foi anunciada a notícia da escolha de Peter Keating para construir Stoneridge. Ele tentou recapturar seu velho prazer com tais manifestações. Falhou. Ainda sentia algo que parecia contentamento, mas era ralo e apagado.

O esforço de projetar Stoneridge parecia um peso muito grande de se erguer. Ele não se importava com as circunstâncias sob as quais havia conseguido o trabalho – isso também havia ficado leve e esmaecido em sua mente, aceito e praticamente esquecido. Ele simplesmente não podia enfrentar a tarefa de projetar o número enorme de casas que Stoneridge requeria. Sentia-se muito cansado. O cansaço o dominara quando acordava de manhã, e havia percebido que esperava o dia inteiro pela hora de poder voltar para a cama.

Ele deu Stoneridge a Neil Dumont e Bennett.

– Vão em frente – disse, exausto –, façam o que quiserem.

– Em que estilo, Pete? – perguntou Dumont.

– Ah, façam de algum período qualquer. Os proprietários das casinhas não vão querer de outra forma. Mas não exagerem nos ornamentos, a imprensa vai comentar. Deem toques históricos e um sentimento moderno. Do jeito que quiserem. Não me importo.

Dumont e Bennett foram em frente. Keating mudou algumas linhas dos tetos nos esboços deles, algumas janelas. Os esboços preliminares foram aprovados pelo escritório de Wynand. Keating não ficou sabendo se o empresário os havia aprovado pessoalmente. Ele não vira Wynand de novo.

Dominique tinha ido embora havia um mês quando Guy Francon anunciou que

se aposentaria. Keating já havia lhe contado sobre o divórcio, sem dar nenhuma explicação. Francon aceitara a notícia calmamente. E dissera:

– Eu já esperava. Está tudo bem, Peter. Provavelmente não é nem sua culpa nem dela.

Francon não voltou a mencionar o assunto. Ao divulgar a notícia de sua aposentadoria, não deu nenhuma explicação a respeito, apenas comentou:

– Eu disse que isso iria acontecer, há muito tempo. Estou cansado. Boa sorte, Peter.

A responsabilidade da firma sobre seus ombros solitários e a perspectiva de seu nome solitário na porta do escritório deixaram Keating apreensivo. Ele precisava de um sócio. Escolheu Neil Dumont. Neil tinha encanto e distinção. Era um outro Lucius Heyer. A firma tornou-se Peter Keating & Cornelius Dumont. Um tipo de comemoração etílica do acontecimento foi feito por alguns amigos, mas Keating não compareceu. Havia prometido ir, mas esqueceu. Foi passar um fim de semana solitário no campo coberto de neve, e só se lembrou da comemoração na manhã seguinte, quando andava sozinho ao longo de uma estrada congelada.

Stoneridge foi o último contrato assinado pela Francon & Keating.

QUANDO DOMINIQUE DESCEU DO TREM, em Nova York, Wynand estava lá para recebê-la. Ela não escrevera para ele nem tivera notícias dele durante as semanas de sua estadia em Reno, e também não avisara ninguém sobre seu regresso. Porém a figura dele em pé na plataforma, sereno, com um ar decidido, indicou-lhe que ele mantivera contato com seus advogados, seguira cada passo do processo de divórcio, soubera a data em que o divórcio fora concedido, a hora em que ela tomara o trem e o número de sua cabine.

Wynand não se mexeu quando a viu. Foi ela que andou na direção dele, porque sabia que ele queria vê-la andar, mesmo que apenas a curta distância que os separava. Ela não sorriu, mas seu rosto tinha a serenidade adorável que sem transição pode se transformar em um sorriso.

– Olá, Gail.

– Olá, Dominique.

Ela não pensara nele durante a sua ausência, não claramente, não com um sentimento pessoal da realidade dele, mas agora sentia um reconhecimento imediato, uma sensação de reencontro com alguém que ela conhecia e de quem precisava.

Ele disse:

– Me dê os tiquetes da bagagem, depois mandarei que cuidem dela. Meu carro está aí fora.

Ela lhe entregou os tiquetes e ele colocou-os no bolso. Os dois sabiam que deveriam virar-se e caminhar até a saída, mas as decisões que ambos haviam tomado antecipadamente falharam no mesmo instante, pois não se viraram, mas permaneceram ali, olhando um para o outro.

Ele fez o primeiro esforço para superar o embaraço. Sorriu de leve.

– Se tivesse o direito, eu diria que não poderia ter suportado a espera se soubesse que você teria a aparência que tem agora. Mas, como não tenho esse direito, não vou dizer.

Dominique riu.

– Está bem, Gail. Isso foi uma forma de fingimento também, sermos casuais demais. Torna as coisas mais importantes, não menos, não é? Vamos dizer o que quisermos.

– Eu amo você – disse ele, a voz sem expressão, como se as palavras fossem uma declaração de dor, e não dirigidas a ela.

– Estou contente por estar com você outra vez, Gail. Eu não sabia que ficaria contente, mas estou.

– De que forma, Dominique?

– Não sei. Como se houvesse sido contagiada por você, acho. De forma decisiva e pacífica.

Então perceberam que isso fora dito no meio de uma plataforma lotada, com pessoas e carrinhos de bagagem passando apressados.

Saíram para a rua e andaram até o carro dele. Ela não perguntou aonde iam. Não se importava. Sentou-se calada ao lado dele. Sentia-se dividida, a maior parte de seu ser tomada por um desejo de não resistir, e uma pequena parte deixada de lado para ponderar sobre isso. Sentia um desejo de deixar que ele a levasse com ele, um sentimento de confiança sem avaliação, não uma confiança feliz, mas confiança. Após algum tempo, notou que sua mão estava na dele, seus dedos enluvados junto aos dele, apenas a parte descoberta de seu pulso pressionada contra a pele dele. Não notara quando Wynand segurara a sua mão. Parecia tão natural e o que ela havia desejado desde o momento em que o vira. Mas ela não se permitia desejar isso.

– Aonde vamos, Gail? – perguntou ela.

– Obter a licença. E depois, ao escritório do juiz. Para nos casarmos.

Ela endireitou-se lentamente no assento, virando-se para encarar-lo. Não retirou a mão, mas seus dedos enrijeceram-se, conscientes, afastados dele.

– Não – disse ela.

Sorriu e manteve o sorriso por tempo demais, numa precisão deliberada e fixa. Ele olhou para ela com toda a calma.

– Eu quero um casamento de verdade, Gail. Quero que seja no hotel mais luxuoso da cidade. Quero convites em alto-relevo, convidados, uma multidão de convidados, celebridades, flores, flashes de fotógrafos e câmeras de jornais cinematográficos. Quero o tipo de casamento que o público espera de Gail Wynand.

Ele soltou os dedos dela, de modo simples, sem ressentimento. Pareceu distraído por um momento, como se estivesse calculando um problema de aritmética, um que não era muito difícil. Então disse:

– Está bem. Isso vai levar uma semana. Eu poderia realizar o casamento esta noite, mas, se forem convites em relevo, devemos dar aos convidados pelo menos uma semana de aviso. Se não, pareceria fora do normal, e você quer um casamento Gail Wynand normal. Agora terei que levá-la para um hotel, onde você possa ficar por uma semana. Eu não havia planejado isso, portanto não tenho reservas. Onde gostaria de ficar?

– Na sua cobertura.

– Não.

– No Nordland, então.

Ele inclinou-se para a frente e disse ao chofer:

– Para o Nordland, John.

No saguão do hotel, ele disse-lhe:

– Eu a vejo dentro de uma semana, na terça-feira, no Noyes-Belmont, às quatro da tarde. Os convites terão que estar no nome do seu pai. Avise-o que

entrarei em contato com ele. Deixe que eu cuide do resto.

Ele fez uma mesura, sua conduta inalterada, sua calma ainda contendo a mesma qualidade peculiar composta de duas coisas: o controle maduro de um homem tão seguro de sua capacidade de se controlar que podia parecer casual, e uma simplicidade infantil em aceitar os fatos, como se não estivessem sujeitos a nenhuma mudança possível.

Ela não o viu durante aquela semana. Percebeu que estava esperando impacientemente.

Ela o viu novamente quando estava ao seu lado, diante do juiz que pronunciou as palavras da cerimônia de casamento em meio ao silêncio de seiscentas pessoas, no salão de festas inundado de luz do Hotel Noyes-Belmont.

O cenário que ela desejava foi montado tão perfeitamente que se tornou a caricatura de si mesmo, não um casamento específico da alta sociedade, mas um protótipo impessoal de vulgaridade abundante e requintada. Ele entendera o desejo dela e obedecera escrupulosamente. Recusara a si mesmo o alívio do exagero, não montara o evento de forma grosseira, mas tornara-o lindo, exatamente como Gail Wynand, o dono de jornais, teria escolhido se houvesse desejado casar-se em público. Porém ele não desejava casar-se em público.

Ele se forçou a fazer parte do ambiente, como se fosse parte da barganha, sujeito ao mesmo estilo. Quando entrou, Dominique o viu encarando a multidão de convidados como se não percebesse que tal multidão era adequada em uma estreia da Grande Ópera, ou em um bazar real, não no clímax solene da vida dele. Wynand parecia correto, incomparavelmente distinto.

Ela se postou ao lado dele, a multidão passando a um silêncio pesado e em uma contemplação gulosa atrás dele, e eles encararam juntos o juiz. Ela usava um vestido preto longo, com um buquê de jasmims frescos, presente dele, preso ao seu pulso com uma fita negra. Seu rosto, emoldurado por um chapéu de renda preta, estava erguido para o juiz, que falava lentamente, deixando suas palavras suspensas, uma a uma, no ar.

Ela olhou de relance para Wynand. Ele não estava olhando para ela nem para o juiz. Então soube que ele estava sozinho naquela sala. Ele capturou esse momento e fez dele, do resplendor, da vulgaridade, seu próprio apogeu silencioso. Não quis uma cerimônia religiosa, pela qual não tinha respeito, e tinha menos respeito ainda pelo funcionário do Estado recitando uma fórmula diante dele, mas transformou o ritual em um ato de pura religião. Ela pensou que, se estivesse se casando com Roark em tal ambiente, ele teria a mesma postura.

Depois, o deboche da recepção gigantesca que se seguiu deixou-o alheado. Ele posou com ela para a bateria de câmeras da imprensa e atendeu educadamente às exigências dos repórteres, uma multidão dentro da multidão, especial e mais ruidosa. Ficou com ela na fila dos cumprimentos, apertando toda uma linha de montagem de mãos que se desenrolou diante deles durante horas. Ele parecia

intocado pelas luzes, pelos montes de lírios brancos, pelos sons de uma orquestra de cordas, pelo rio de pessoas que fluía e se espalhava em um delta quando chegava ao champanhe, intocado por esses convidados que haviam vindo até ali impelidos pelo tédio, por um ódio invejoso, uma submissão relutante a um convite que continha seu nome perigoso, uma curiosidade faminta por escândalo. Ele aparentava não saber que essas pessoas aceitavam o seu sacrifício público como um direito legítimo delas, que elas consideravam a própria presença o indispensável selo do sacramento sobre a ocasião, que, entre todas as centenas de pessoas, ele e sua noiva eram os únicos para quem o espetáculo era hediondo.

Ela o observava atentamente. Queria vê-lo tirar prazer de tudo isso, mesmo que só por um momento. *Ele que aceite e junte-se a eles, somente uma vez*, pensou ela, *ele que mostre a alma do New York Banner em seu elemento apropriado*. Ela não viu nenhuma aceitação. Viu um vestígio de dor, algumas vezes – até mesmo a dor não o atingia completamente. E ela pensou no único outro homem que conhecia que falara sobre o sofrimento que atinge somente até certo ponto.

Quando as últimas felicitações haviam passado por eles, ambos estavam livres para ir embora, de acordo com as regras da ocasião. Entretanto, ele não fez nenhum movimento para sair. Ela sabia que ele esperava por sua decisão. Afastou-se dele e entrou na corrente de convidados. Ela sorria, fazia mesuras e ouvia bobagens ofensivas, com um copo de champanhe na mão.

Viu seu pai na multidão. Ele parecia orgulhoso e saudoso; parecia desnorteadado. Ele ouvira a notícia de seu casamento em silêncio. Dissera:

– Eu quero que você seja feliz, Dominique. Quero muito. Espero que ele seja o homem certo.

Seu tom dissera que ele não tinha certeza.

Ela viu Ellsworth Toohey na multidão. O crítico notou que ela estava olhando para ele e virou-se rapidamente. Ela quis rir alto, mas o fato de Toohey ter sido pego com a guarda baixa não parecia importante o suficiente para ser motivo de riso nesse momento.

Alvah Scarret estava abrindo caminho em sua direção. Ele estava fazendo um esforço infrutífero para assumir uma expressão adequada, mas seu rosto parecia magoado e rabugento. Murmurou votos breves de felicidades para ela, mas por fim disse claramente e com uma raiva vigorosa:

– Mas por quê, Dominique? *Por quê?*

Ela não podia realmente acreditar que Scarret se permitiria a grosseria daquilo que a pergunta parecia significar. Ela perguntou com frieza:

– Do que está falando, Alvah?

– Da proibição, é claro.

– Que proibição?

– Você sabe muito bem que proibição. Agora eu lhe pergunto: com todos os

jornais da cidade presentes, cada um dos malditos jornais, inclusive o mais vil dos tabloides, e as agências de notícias também – todos, menos o *Banner*! Todos, menos os jornais Wynand! O que eu vou dizer às pessoas? Como vou explicar? Isso é coisa que você faça com um ex-colega de profissão?

– É melhor repetir isso, Alvah.

– Quer dizer que você não sabia que Gail não permitiu nem um único de nossos rapazes aqui? Que não vamos ter nenhuma reportagem amanhã, nenhuma página dupla, nem uma foto sequer, nada além de duas linhas na página dezoito?

– Não – respondeu ela –, eu não sabia.

Ele se surpreendeu com o movimento súbito que ela fez, ao se virar e afastar-se dele. Ela deu a taça de champanhe para o primeiro estranho que viu, a quem confundiu com um garçom. Atravessou a multidão em direção a Wynand.

– Vamos, Gail.

– Sim, minha querida.



Ela estava em pé, incrédula, no meio da sala de visitas da cobertura dele, pensando que esse lugar agora era seu lar, e quão apropriado parecia que fosse seu lar.

Ele a observava. Não demonstrava nenhum desejo de falar com ela ou de tocá-la, apenas de observá-la ali, em sua casa, trazida até ali, erguida bem alto acima da cidade, como se o significado do momento não devesse ser compartilhado, nem mesmo com ela.

Dominique andou lentamente pela sala, tirou o chapéu, apoiou-se contra a borda de uma mesa. Perguntou-se por que sua vontade habitual de dizer pouco, de guardar as coisas, desvanecia diante dele, por que ela se sentia compelida a uma franqueza simples, do tipo que não podia oferecer a mais ninguém.

– Você fez do seu jeito, afinal, Gail. Casou-se como queria se casar.

– Sim, acho que sim.

– Foi inútil tentar torturá-lo.

– Na verdade, sim. Mas eu não me importei muito.

– Não?

– Não. Se era isso que você queria, era só uma questão de manter a minha promessa.

– Mas você detestou, Gail.

– Completamente. E daí? Só o primeiro momento foi difícil: quando você disse que queria isso, no carro. Depois, eu fiquei bastante contente.

Wynand falava serenamente, igualando a franqueza dela. Ela sabia que ele deixaria a escolha para ela, que ele seguiria a conduta dela – ficaria em silêncio ou admitiria qualquer coisa que ela quisesse que fosse admitida.

– Por quê?

– Você não notou o seu próprio erro... se é que foi um erro? Você não teria desejado me fazer sofrer se fosse completamente indiferente a mim.

– Não. Não foi um erro.

– Você é uma boa perdedora, Dominique.

– Acho que nisso também fui contagiada por você, Gail. E quero lhe agradecer por uma coisa.

– O quê?

– Que você tenha proibido que o nosso casamento aparecesse nos jornais Wynand.

Ele olhou para ela, seus olhos alertas de uma forma especial, por um instante, e depois sorriu.

– Não é do seu feitio me agradecer por isso.

– Não foi do seu feitio fazer isso.

– Eu tive que fazer. Mas achei que você ficaria zangada.

– Eu deveria ter ficado. Mas não fiquei. Não estou. Eu lhe agradeço.

– Pode-se sentir gratidão pela gratidão? É um pouco difícil de expressar, mas é o que eu sinto, Dominique.

Ela olhou para a luz suave nas paredes ao seu redor. A iluminação era parte da sala, dando às paredes uma textura especial que transcendia material ou cor. Ela pensou que havia outros cômodos além dessas paredes, cômodos que ela nunca vira e que agora eram dela. E descobriu que queria que fossem dela.

– Gail, eu não perguntei o que iremos fazer agora. Vamos viajar? Vamos ter uma lua de mel? Engraçado, eu nem pensei sobre isso. Pensei no casamento e em nada depois dele. Como se parasse ali e você assumisse o controle a partir de então. Também não é do meu feitio, Gail.

– Mas não é a meu favor, desta vez. A passividade não é um bom sinal. Não para você.

– Poderia ser... se eu ficar satisfeita com ela.

– Poderia, embora não vá durar. Não, não vamos a lugar nenhum. A menos que você queira ir.

– Não.

– Então ficamos aqui. Outra maneira peculiar de abrir uma exceção. A maneira adequada para você e para mim. Viajar sempre foi fugir, para nós dois. Desta vez, não fugiremos.

– Sim, Gail.

Quando ele a abraçou e beijou, o braço dela ficou dobrado, pressionado entre seu corpo e o dele, a mão em seu próprio ombro, e ela sentiu seu rosto tocar no buquê de jasmims murchos em seu pulso, o perfume ainda intacto, ainda uma sugestão delicada de primavera.

Quando entrou no quarto dele, descobriu que não era o lugar cujas fotos ela

vira em inúmeras revistas. A jaula de vidro fora demolida. O quarto construído em seu lugar era uma caixa-forte sólida, sem uma única janela. Era iluminado e tinha ar condicionado, mas sem nenhuma luz e sem nenhum ar vindo de fora.

Ela se deitou na cama dele e pressionou as palmas das mãos contra o lençol macio e frio, mantendo-as ao lado do corpo, para não deixar que seus braços se movessem e tocassem nele. Mas sua indiferença rígida não o levou a uma raiva impotente. Ele compreendeu. E riu. Ela o ouviu dizer, com voz rude, sem consideração, divertida:

– Isso não vai ser suficiente, Dominique.

E ela soube que essa barreira não seria mantida entre eles, que ela não tinha forças para mantê-la. Sentiu a reação em seu corpo, a reação do apetite, da aceitação, do prazer. Pensou que não era uma questão de desejo, nem mesmo uma questão do ato sexual, mas apenas que o homem era a força da vida e a mulher não podia corresponder a nada mais; que esse homem tinha a vontade de vida, o poder primário, e que esse ato era somente a afirmação mais simples desse poder, e ela estava reagindo não ao ato nem ao homem, mas àquela força dentro dele.



– Então? – perguntou Ellsworth Toohey. – Agora você entende a questão?

Ele estava em pé, apoiado sem cerimônia no encosto da cadeira de Scarret, que estava sentado, olhando fixamente para uma cesta cheia de cartas ao lado de sua escrivaninha.

– Milhares – suspirou Scarret –, milhares, Ellsworth. Você deveria ver os nomes com que o xingam. Por que ele não publicou a história de seu casamento? De que ele tem vergonha? O que tem a esconder? Por que não se casou em uma igreja, como qualquer homem decente? Como pôde se casar com uma divorciada? É isso que todos estão se perguntando. Milhares. E ele nem olha para as cartas. Gail Wynand, o homem a quem chamavam de termômetro da opinião pública.

– Isso mesmo – disse Toohey. – Esse tipo de homem.

– Aqui está uma amostra.

Scarret pegou uma carta de sua escrivaninha e leu em voz alta:

– “Sou uma mulher respeitável e mãe de cinco crianças e certamente não acho que quero criar meus filhos com o seu jornal. Li o mesmo jornal durante quatorze anos, mas, agora que você demonstrou que é o tipo de homem que não tem nenhuma decência e que caçoa da instituição sagrada do matrimônio, cometendo adultério com uma mulher perdida que também é mulher de outro homem e que se casa de vestido preto, como ela deveria mesmo fazer, eu não vou ler o seu jornal nunca mais, pois você não é um homem bom para as

crianças, eu estou com certeza decepcionada com você. Com toda a sinceridade, Sra. Thomas Parker.” Eu li para ele. Ele apenas riu.

– Uau! – exclamou Toohey.

– O que é que deu na cabeça dele?

– Não é nada que tenha dado nele, Alvah. É algo dentro dele que se libertou, finalmente.

– A propósito, você sabia que muitos jornais desenterraram fotografias velhas que tinham da estátua nua de Dominique daquele maldito templo e as publicaram junto com a reportagem do casamento? Para mostrar o interesse da Sra. Wynand em arte, os desgraçados! Como eles estão contentes de se vingar de Gail! Como estão esfregando na cara dele, os vermes! Quem será que os lembrou disso?

– Não faço ideia.

– Bem, é claro que é apenas uma dessas tempestades em copo d’água. Eles se esquecerão de tudo daqui a algumas semanas. Não acho que vá causar muito dano.

– Não. Não este incidente isolado. Não por si só.

– O quê? Você está prevendo alguma coisa?

– São essas cartas que preveem, Alvah. Não as cartas em si, mas o fato de ele não as ler.

– Ah, não adianta ficarmos loucos de preocupação, também. Gail sabe onde e quando parar. Não exager... – Ele ergueu o olhar para Toohey e sua voz mudou: – Deus do céu, sim, Ellsworth, você tem razão. O que vamos fazer?

– Nada, meu amigo, nada. Não por um bom tempo ainda.

Toohey sentou-se na beira da escrivaninha de Scarret e, com a ponta fina do seu sapato, começou a brincar com os envelopes na cesta, jogando-os para cima, fazendo-os farfalhar. Ele adquirira o hábito agradável de aparecer na sala de Scarret a qualquer hora. O editor passara a depender dele.

– Diga-me, Ellsworth – perguntou Scarret subitamente –, você é realmente leal ao *Banner*?

– Alvah, não fale em dialeto. Ninguém é realmente assim tão maçante.

– Não, eu quero dizer... Bem, você sabe o que quero dizer.

– Não tenho a menor ideia. Quem é desleal ao seu pão de cada dia?

– É, isso é verdade... Mesmo assim, sabe, Ellsworth, eu gosto muito de você, só que nunca tenho certeza de quando você está apenas falando a minha língua ou quando é, na verdade, a sua.

– Não vá se envolver em complexidades psicológicas. Você vai ficar todo enrolado. Em que está pensando?

– Por que você ainda escreve para a *Novas Fronteiras*?

– Por dinheiro.

– Ora, vamos, são migalhas para você.

– Bem, é uma revista de prestígio. Por que eu não deveria escrever para eles? Você não tem direitos exclusivos sobre mim.

– Não, e não me interessa para quem você escreve nas horas vagas. Mas a *Novas Fronteiras* tem se mostrado bastante suspeita ultimamente.

– Sobre o quê?

– Sobre Gail Wynand.

– Ah, bobagem, Alvah!

– Não, senhor, não é bobagem. Você simplesmente não notou, acho que você não a lê com atenção suficiente, mas eu tenho um instinto para esse tipo de coisa, e eu sei. Sei quando é só um jovem rebelde espertinho atacando os outros aleatoriamente, e quando uma revista está seriamente engajada.

– Você está nervoso, Alvah, e está exagerando. A *Novas Fronteiras* é uma revista liberal e eles sempre atacaram Gail Wynand. Todo mundo atacou. Ele nunca foi popular demais na profissão, você sabe. Mas isso nunca o prejudicou, certo?

– Isto é diferente. Não gosto quando há um esquema por trás, um tipo de propósito especial, como muitos pingos pequenos escorrendo sem parar, todos inocentemente, e logo eles formam um pequeno córrego, e tudo vem a calhar, e logo...

– Está ficando com mania de perseguição, Alvah?

– Não estou gostando. Estava tudo bem quando as pessoas atacavam os iates e as mulheres dele, e um punhado de escândalos em eleições municipais... que nunca foram provados – acrescentou ele apressadamente. – Mas não gosto quando se trata dessa nova gíria de intelectuais à qual as pessoas parecem estar aderindo ultimamente: Gail Wynand, o explorador; Gail Wynand, o pirata do capitalismo; Gail Wynand, a doença de uma era. Ainda é lixo, Ellsworth, só que há dinamite nesse tipo de lixo.

– É só a maneira moderna de dizer as mesmas coisas velhas, nada mais. Além disso, não posso ser responsável pela política de uma revista só porque lhes vendo um artigo de vez em quando.

– Sim, mas... Não é isso o que eu ouvi dizer.

– O que você ouviu dizer?

– Ouvi dizer que você está financiando a maldita revista.

– Quem? *Eu!*? Com o quê?

– Bem, não você mesmo exatamente. Mas ouvi dizer que foi você que convenceu o jovem Ronny Pickering, aquele beberrão, a lhes dar uma injeção de capital no valor de cem mil dólares, justamente na época em que a *Novas Fronteiras* estava indo para o espaço.

– Mas que inferno! Aquilo foi apenas para salvar o Ronny dos antros da cidade, que teriam lhe custado mais. O garoto estava se destruindo. Aquilo lhe deu um tipo de propósito mais nobre na vida. E deu aos cem mil dólares um uso

melhor do que as coristas bonitinhas, que teriam tirado esse dinheiro dele de qualquer maneira.

– Sim, mas você poderia ter acrescentado uma pequena condição a esse presente, ter feito com que os editores soubessem que era melhor eles deixarem Gail em paz, senão...

– A *Novas Fronteiras* não é o *Banner*, Alvah. É uma revista de princípios. Não se pode impor condições aos seus editores e não se pode lhes dizer “senão”.

– Neste jogo, Ellsworth? A quem está tentando enganar?

– Bem, se lhe trouxer paz de espírito, eu lhe contarei algo que você não ouviu dizer. Não é para ninguém saber, foi feito através de muitos intermediários. Você sabia que eu fiz Mitchell Layton comprar um bom naco do *Banner*?

– Não!

– Sim.

– Meu Deus, Ellsworth, isso é fantástico! Mitchell Layton? Uma mina de ouro dessas pode nos ser muito útil e... Espere um momento. Mitchell Layton?

– Sim. O que há de errado com Mitchell Layton?

– Não é o rapazinho que não conseguia aceitar o dinheiro do vovô?

– O vovô lhe deixou uma quantidade de dinheiro astronômica.

– É, mas ele é um maluco. Ele é o que já foi iogue, depois vegetariano, depois unitário, em seguida nudista... e agora foi construir um palácio do proletariado em Moscou.

– E daí?

– Mas, pelo amor de Deus! Um vermelho entre os nossos acionistas?

– Mitch não é vermelho. Como alguém pode ser comunista com um quarto de bilhão de dólares? Ele é só um rosinha-claro. Predominantemente amarelo. Mas um bom garoto, no fundo.

– Mas... no *Banner*!

– Alvah, você é uma besta. Não percebe? Eu o fiz colocar dinheiro em um jornal bom, sólido e conservador. Isso o curará de suas noções cor-de-rosa e o colocará na direção certa. Além disso, que mal ele pode fazer? O seu querido Gail controla seus próprios jornais, não controla?

– Gail sabe disso?

– Não. O querido Gail não tem sido tão vigilante nos últimos cinco anos como costumava ser. E é bom você não lhe dizer nada. Você está vendo que rumo Gail está tomando. Ele precisará de um pouco de pressão. E você precisará do dinheiro. Seja bonzinho com Mitch Layton. Ele pode ser útil.

– É mesmo?

– É. Viu? Eu tenho um bom coração. Ajudei uma revistinha liberal insignificante como a *Novas Fronteiras*, mas também trouxe uma porção de dinheiro muito mais substancial a uma grande fortaleza do ultraconservadorismo como o *New York Banner*.

– É verdade. E foi tremendamente decente da sua parte, visto que você mesmo é um tipo de radical.

– Agora você vai falar de qualquer tipo de deslealdade?

– Acho que não. Acho que você vai apoiar o velho *Banner*.

– É claro que vou. Ora, eu amo o *Banner*. Faria qualquer coisa por ele. Eu daria a minha vida pelo *New York Banner*.

CAMINHAR SOBRE O SOLO DE uma ilha deserta mantém uma pessoa ancorada ao resto da Terra. Porém, em sua cobertura, com o telefone desligado, Wynand e Dominique não tinham nenhuma sensação dos 57 andares abaixo deles, das colunas de aço fincadas no granito, e parecia-lhes que sua casa estava ancorada no espaço, não uma ilha, mas um planeta. A cidade tornou-se uma vista amigável, uma abstração com a qual nenhuma comunicação podia ser estabelecida, como o céu, um espetáculo a ser admirado, mas sem nenhum interesse imediato para suas vidas.

Durante duas semanas depois do casamento, eles não saíram da cobertura. Dominique poderia ter apertado o botão do elevador e interrompido essas semanas a qualquer momento que quisesse. Ela não quis. Não tinha nenhuma vontade de resistir, de inquirir, de questionar. Era encantamento e paz.

Eles conversavam durante horas, quando ela queria. Ficava satisfeito de sentar-se silenciosamente, quando ela preferia, e fitar Dominique como observava os objetos em sua galeria de arte, com o mesmo olhar distante e tranquilo. Respondia a qualquer pergunta que ela fizesse. Nunca fazia perguntas. Nunca falava sobre o que sentia. Quando ela queria ficar sozinha, ele não a chamava. Certa noite, ela estava lendo em seu quarto e viu-o do lado de fora, em pé junto ao parapeito congelado, no jardim do telhado escuro. Ele não estava olhando para dentro de casa, só permanecia em pé no raio de luz que vinha da janela dela.

Quando as duas semanas terminaram, ele voltou ao trabalho, ao escritório do *Banner*. Mas a sensação de isolamento permaneceu, como uma opção declarada a ser preservada durante todos os dias futuros deles. Wynand vinha para casa à noite, e a cidade deixava de existir. Não tinha nenhuma vontade de ir a lugar nenhum. Não convidava ninguém.

Embora ele nunca mencionasse, ela sabia que ele não queria que ela saísse de casa, nem com ele nem sozinha. Era uma obsessão silenciosa que ele não pretendia impor a ela. Quando chegava em casa, ele perguntava:

– Você saiu?

Nunca perguntava “Onde esteve?”. Não era ciúme, o “onde” não importava. Quando ela quis comprar um par de sapatos, ele ordenou a três lojas que enviassem uma coleção de sapatos para ela escolher, o que impediu a visita dela a uma loja. Quando ela disse que queria ver determinado filme, ele mandou construir uma sala de projeção na cobertura.

Dominique obedeceu, durante os primeiros meses. Quando percebeu que amava o isolamento deles, quebrou-o imediatamente. Fez com que ele aceitasse convites e recebesse convidados em casa. Wynand cedeu sem protestar.

Entretanto, ele manteve uma parede que ela não podia derrubar: a que ele

erguera entre sua esposa e seus jornais. O nome dela nunca aparecia em suas páginas. Ele barrava todas as tentativas de atrair a Sra. Gail Wynand para a vida pública – para liderar comitês, patrocinar campanhas de caridade, apoiar cruzadas. Não hesitava em abrir a correspondência dela, se houvesse um papel timbrado oficial que traísse o seu propósito, em destruí-la sem mandar resposta e em dizer a ela que a havia destruído. Ela dava de ombros e não dizia nada.

Ainda assim, ele não parecia compartilhar do desprezo dela por seus jornais. Não permitia que ela falasse sobre eles. Dominique não conseguia descobrir o que Wynand pensava a respeito deles, nem o que sentia. Certa vez, quando ela comentou um editorial ofensivo, ele disse friamente:

– Nunca pedi desculpas pelo *Banner*, nem nunca pedirei.

– Mas isso é realmente horrível, Gail.

– Achei que você tinha se casado comigo sabendo que eu era o dono do *Banner*.

– Eu achei que você não gostava de pensar nisso.

– Aquilo de que eu gosto ou deixo de gostar não lhe diz respeito. Não espere que eu mude o *Banner* ou o sacrifique. Não faria isso por ninguém no mundo.

Ela riu.

– Eu não pediria isso, Gail.

Ele não riu de volta.

Em seu escritório no Edifício *Banner*, ele trabalhava com renovada energia, um ímpeto alegre e feroz que surpreendia os homens que o haviam conhecido em seus anos mais ambiciosos. Ele ficava no escritório a noite toda quando necessário, como não fazia havia muito tempo. Nada mudou em seus métodos e suas políticas. Alvah Scarret observava-o com satisfação.

– Nós estávamos errados sobre ele, Ellsworth – comentou Scarret com seu companheiro constante. – É o mesmo velho Gail, que Deus o abençoe. Melhor que nunca.

– Meu caro Alvah – disse Toohey –, nada nunca é tão simples como você pensa... nem tão rápido.

– Mas ele está feliz. Não vê isso?

– Estar feliz é a coisa mais perigosa que poderia ter acontecido com ele. E, sendo realmente humanitário pela primeira vez na minha vida, eu digo isso pensando no próprio bem dele.

Sally Brent decidiu ser mais esperta que o seu chefe. Ela era uma das posses mais valiosas do *Banner*, uma mulher obesa de meia-idade que se vestia como uma modelo de um desfile de modas do século XXI e que escrevia como uma camareira. Ela possuía um grande grupo de fãs entre os leitores do *Banner*. Sua popularidade tornou-a confiante demais.

Sally resolveu escrever uma reportagem sobre a Sra. Gail Wynand. Era bem o seu tipo de artigo e lá estava, simplesmente sendo desperdiçado. Ela conseguiu

acesso à cobertura de Wynand, usando a tática para conseguir acesso a lugares onde não se é bem-vindo que aprendera como uma funcionária Wynand bem treinada. Fez sua entrada dramática habitual, trajando um vestido preto com um girassol verdadeiro sobre o ombro – seu acessório constante, que se transformara em uma marca registrada pessoal –, e disse a Dominique, sem fôlego:

– Sra. Wynand, eu vim até aqui para ajudá-la a enganar o seu marido!

Depois piscou, satisfeita com sua travessura, e explicou:

– O nosso querido Sr. Wynand tem sido injusto com você, querida, privando-a da fama que é sua por direito, por alguma razão que eu simplesmente não consigo entender. Mas nós vamos dar um jeito nele, você e eu. O que um homem pode fazer quando nós, garotas, nos unimos? Ele só não sabe que boa matéria você é. Portanto, conte-me a sua história e eu a escreverei, e será tão boa que ele simplesmente não poderá deixar de publicá-la.

Dominique estava sozinha em casa e sorriu de uma forma que Sally nunca havia visto antes, portanto os adjetivos certos não ocorreram à sua mente observadora. Dominique contou-lhe a história. Contou exatamente o tipo de história com que Sally havia sonhado.

– Sim, é claro que preparo o café da manhã dele – disse Dominique. – Presunto com ovos é o seu prato favorito, só isso, mais nada... Ah, sim, Srta. Brent, estou muito feliz. Eu abro os olhos de manhã e digo a mim mesma: “Não pode ser verdade, não pode ser que alguém que não era nada, como eu, tenha se tornado a esposa do grande Gail Wynand, que podia escolher quem quisesse entre todas as beldades deslumbrantes do mundo.” Sabe, eu sou apaixonada por ele há anos. Ele era só um sonho para mim, um sonho lindo e impossível. E agora o sonho se realizou... Por favor, Srta. Brent, transmita esta mensagem minha às mulheres dos Estados Unidos: a paciência sempre é recompensada e o romance está prestes a chegar. Acho que é um pensamento lindo e talvez ajude outras garotas, como me ajudou... Sim, tudo o que eu quero na vida é fazer Gail feliz, compartilhar suas alegrias e tristezas, ser uma boa esposa e mãe.

Alvah Scarret leu a reportagem e gostou tanto que perdeu toda a cautela.

– Imprima-a, Alvah – instigou-o Sally Brent –, imprima uma prova e deixe-a na mesa dele. Ele vai aprovar, você vai ver como vai.

Naquela noite, Sally foi despedida. Seu contrato caro foi integralmente pago – ainda tinha mais três anos de validade – e ela recebeu a ordem de nunca mais entrar no Edifício Banner, por qualquer razão que fosse.

Scarret protestou, em pânico:

– Gail, você não pode despedir a Sally! A *Sally* não!

– No dia em que eu não puder despedir do meu jornal quem eu quiser, eu o fecharei e explodirei o maldito prédio – disse Wynand tranquilamente.

– Mas o público dela! Vamos perder o público dela!

– O público dela que vá para o inferno.

Naquela noite, no jantar, Wynand retirou de seu bolso uma bola de papel amassado – a prova da reportagem – e atirou-a, sem dizer uma única palavra, no rosto de Dominique, do outro lado da mesa. O papel bateu em sua bochecha e caiu no chão. Ela o pegou, desamassou-o, viu o que era e riu alto.

Sally Brent escreveu um artigo sobre a vida amorosa de Gail Wynand. De maneira jovial e intelectual, nos termos de um estudo sociológico, o artigo apresentou um material que nenhuma revista barata teria aceitado. Foi publicado na *Novas Fronteiras*.



Wynand trouxe para Dominique um colar que ele mandara criar especialmente para ela. Era feito de diamantes, sem engastes visíveis, bem espaçados em um padrão irregular, como um punhado espalhado acidentalmente, unidos por correntes de platina feitas ao microscópio que mal podiam ser notadas. Quando ele o colocou ao redor do pescoço dela e fechou-o, pareciam gotas de água caídas ao acaso.

Ela ficou diante de um espelho. Abaixou as mangas de seu roupão, descobrindo os ombros, e deixou que as gotas de chuva brilhassem sobre sua pele. Então disse:

– Aquela história da vida da dona de casa do Bronx que assassinou a jovem amante de seu marido é bastante sórdida, Gail. Mas acho que existe algo mais sujo: a curiosidade das pessoas que se interessam por esse tipo de curiosidade. Na verdade, foi aquela dona de casa... nas fotos ela tem tornozelos grossos e um papo enorme... que tornou possível este colar. É um colar lindo. Eu terei orgulho em usá-lo.

Ele sorriu. O brilho súbito em seus olhos tinha uma qualidade estranha de coragem.

– Essa é uma forma de pensar no assunto – disse ele. – Há outra. Eu gosto de pensar que peguei o pior refugio do espírito humano, a mente daquela dona de casa e as mentes das pessoas que gostam de ler sobre ela, transformei-o neste colar sobre os seus ombros. Gosto de pensar que eu fui um alquimista capaz de realizar uma purificação tão grande.

Ela não viu nenhum pedido de desculpas, nenhum remorso, nenhum ressentimento enquanto ele a fitava. Era um olhar estranho; ela já o havia notado antes – um olhar de simples adoração. E a fez perceber que há um estágio de adoração que torna o próprio adorador um objeto de reverência.



Ela estava sentada diante do espelho quando ele entrou em seu quarto de vestir,

na noite seguinte. Wynand inclinou-se, encostou os lábios na nuca dela... e viu um papel quadrado preso ao canto do espelho. Era a cópia decodificada do telegrama que acabara com a carreira dela no *Banner*: DEMITA A VACA. GW

Ele ergueu os ombros e ficou em pé, ereto, atrás dela. Perguntou:

– Como você conseguiu isso?

– Ellsworth Toohey me deu. Achei que valia a pena guardar. Claro, eu não sabia que se tornaria tão oportuno.

Ele inclinou a cabeça, sério, admitindo a autoria, e não disse mais nada.

Ela esperava que o telegrama houvesse sumido na manhã seguinte. Mas ele não tocara no papel. Ela não o tirou dali. Permaneceu exposto no canto de seu espelho. Quando ele a tomava em seus braços, com frequência ela via os olhos dele se moverem na direção daquele papel quadrado. Dominique não sabia no que ele pensava.



Na primavera, uma convenção de donos de jornais tirou-o de Nova York por uma semana. Foi a primeira vez que se separaram. Dominique surpreendeu-o indo recebê-lo no aeroporto quando ele voltou. Ela se mostrava alegre e gentil. Sua conduta continha uma promessa que ele nunca havia esperado, na qual não podia confiar e na qual se pegou confiando completamente.

Quando ele entrou na sala de visitas de sua cobertura e deixou-se cair no sofá, meio deitado, ela sabia que ele queria ficar deitado ali, quieto, e sentir a segurança recapturada de seu próprio mundo. Viu os olhos dele, abertos, entregues a ela, sem defesa. Ela adotou uma postura ereta, pronta. Disse:

– É melhor se vestir, Gail. Nós vamos ao teatro hoje.

Ele se endireitou, sentando-se. Sorriu, as saliências diagonais tornando-se mais pronunciadas em sua testa. Ela teve uma sensação fria de admiração por ele: o controle era perfeito, com exceção das saliências. Ele disse:

– Está bem. Gravata preta ou branca?

– Branca. Tenho ingressos para *Não estou nem aí*. Foram muito difíceis de conseguir.

Era de mais. Parecia muito ridículo para fazer parte da disputa entre eles nesse momento. Ele não aguentou, rindo francamente, com um asco descontrolado.

– Deus do céu, Dominique, não essa!

– Ora, Gail, é o maior sucesso da cidade. Seu próprio crítico, Jules Fougler – ele parou de rir, compreendendo –, disse que era a maior peça da nossa época. Ellsworth Toohey disse que era a voz fresca do novo mundo por vir. Alvah Scarret disse que não foi escrita com tinta, mas com o leite da bondade humana. Sally Brent, antes de você a despedir, disse que a fez rir até se engasgar. Ora, a peça é afilhada do *Banner*. Eu pensei que certamente você iria querer vê-la.

– Sim, é claro – concordou ele.

Levantou-se e foi se vestir.

Não estou nem aí estava em cartaz havia muitos meses. Toohey mencionara em sua coluna, com tristeza, que o título da peça tivera que ser ligeiramente modificado “como uma concessão ao puritanismo asfixiante da classe média que ainda controla os nossos teatros. É um exemplo gritante de interferência na liberdade do artista. Portanto, não vamos dar mais ouvidos àquela velha conversa fiada sobre vivermos em uma sociedade livre. Originalmente, o título dessa peça belíssima era uma fala autêntica tirada da linguagem do povo, com a eloquência corajosa e simples da expressão popular”.

Wynd e Dominique estavam sentados no meio da quarta fileira, sem se olharem, ouvindo a peça. As coisas apresentadas no palco eram meramente banais e grosseiras, mas o que estava por trás delas tornava-as assustadoras. Havia certo ar cercando as futilidades pesadas que eram faladas, e os atores o haviam absorvido como uma infecção. Estava nos sorrisos maliciosos em seus rostos, na dissimulação de suas vozes, em seus gestos desleixados. Era um ar de futilidades pronunciadas como revelações e com a exigência insolente de que fossem aceitas como tal; um ar não de presunção inocente, mas de desaforo consciente, como se o autor soubesse qual era a natureza de sua obra e se gabasse de seu poder de fazê-la parecer sublime nas mentes de seu público, e assim destruir a capacidade para o sublime que havia dentro delas. A obra justificava o veredicto de seus patrocinadores: fazia rir, era divertida; era uma piada indecente, encenada não no palco, mas na plateia. Era um pedestal do qual um deus havia sido arrancado, mas o que havia em seu lugar não era Satã empunhando uma espada, e sim um imbecil em uma esquina, bebendo uma garrafa de Coca-Cola.

Havia silêncio na plateia, confuso e humilde. Quando alguém ria, o resto ria junto, com alívio, felizes por descobrir que estavam se divertindo. Jules Fougler não tentara influenciar ninguém. Ele apenas tornara claro – com bastante antecedência e através de muitos canais – que qualquer pessoa incapaz de gostar dessa peça era, basicamente, um ser humano sem valor. Ele dissera: “É inútil pedir explicações. Ou você é bom o suficiente para gostar dela, ou não é.”

No intervalo, Wynd ouviu uma mulher obesa dizendo:

– É maravilhosa. Eu não a entendo, mas *sinto* que é algo muito importante.

Dominique perguntou a Wynd:

– Quer ir embora, Gail?

Ele respondeu:

– Não. Nós vamos ficar até o final.

Ele permaneceu em silêncio no carro, na volta para casa. Quando entraram na sala de visitas, ele ficou esperando, pronto para ouvir e aceitar qualquer coisa. Por um momento, ela sentiu o desejo de poupá-lo. Sentia-se vazia e muito

cansada. Não queria magoá-lo, e sim buscar a ajuda dele.

Então ela se lembrou do que havia pensado no teatro. Essa peça era uma criação do *Banner*, era o que o jornal forçara a nascer, alimentara, defendera, fizera triunfar. E fora o jornal que começara e terminara a destruição do Templo Stoddard... *New York Banner*, 2 de novembro de 1930 – “Uma Pequena Voz”, “Sacrilégio”, de Ellsworth M. Toohey, “As igrejas de nossa infância”, de Alvah Scarret, “Feliz, Sr. Super-Homem?”... E agora aquela destruição não era um evento ocorrido havia muito tempo, essa não era uma comparação entre duas entidades mutuamente incomensuráveis, um prédio e uma peça, não era um acidente, nem uma questão de pessoas, de Ike, Fougler, Toohey, ela mesma... e Roark. Era uma disputa infinda, uma luta de duas abstrações: a coisa que havia criado o prédio contra as coisas que tornaram a peça possível; duas forças, subitamente desnudadas diante dela em sua fórmula simples; duas forças que lutavam desde que o mundo começou, e cada religião as havia conhecido, e sempre houvera um Deus e um Demônio, só que os homens haviam se equivocado muito sobre as formas de seu Demônio – ele não era único e grande, eram muitos e indecentes e pequenos. O *Banner* destruíra o Templo Stoddard para dar lugar a essa peça e não poderia fazer outra coisa, não havia nenhuma escolha intermediária, nenhuma escapatória, nenhuma neutralidade – era um ou outro, sempre fora –, e a disputa tinha muitos símbolos, mas não tinha nome e nunca fora declarada... Roark, ela se ouviu gritando por dentro, Roark.. Roark.. Roark..

– Dominique... qual é o problema?

Ela ouviu a voz de Wynand, baixa e ansiosa. Ele nunca havia se permitido revelar ansiedade. Ela compreendeu o som como um reflexo de seu próprio rosto, do que ele vira em seu rosto.

Ficou rígida, confiante e muito quieta por dentro.

– Estou pensando em você, Gail – respondeu ela.

Ele esperou.

– Então, Gail? A paixão total pela altura total? – Ela riu, deixando que seus braços balançassem desajeitadamente, como haviam feito os atores que eles viram. – Diga, Gail, você tem um selo de dois centavos com uma foto do George Washington?... Quantos anos você tem, Gail? Quanto trabalhou? Mais de metade da sua vida já passou, mas você viu a sua recompensa, esta noite. A sua conquista suprema. É claro, nenhum homem jamais iguala totalmente a sua paixão mais elevada. Mas, se você se empenhar e fizer um grande esforço, algum dia se elevará até conseguir atingir o nível daquela peça!

Ele ficou quieto, ouvindo, aceitando.

– Eu acho que você deveria pegar um manuscrito daquela peça e colocá-lo em um pedestal no meio da sua galeria lá embaixo. Acho que você deveria mudar o nome do seu iate para *Não estou nem aí*. Acho que você deveria me

pegar...

– Fique quieta.

– ... me colocar no elenco e me forçar a fazer o papel da Mary todas as noites, a Mary que adota o rato sem teto e...

– Dominique, fique quieta.

– Então fale. Quero ouvir você falar.

– Eu nunca me justifiquei para ninguém.

– Ora, vanglorie-se, então. Também serve.

– Se você quer ouvir, a peça me enojou. Como você sabia que aconteceria. Foi pior do que a dona de casa do Bronx.

– Muito pior.

– Mas eu sei de uma coisa ainda pior. Escrever uma peça maravilhosa e oferecê-la ao público de hoje, para que riam dela. Deixar-se martirizar pelo tipo de pessoas que vimos se divertindo esta noite.

Ele viu que algo a havia atingido. Não sabia dizer se era uma reação de surpresa ou de raiva. Não sabia quão bem ela reconhecera essas palavras. Continuou:

– Ela realmente me enojou. Mas também me enojou uma quantidade grande de coisas que o *Banner* fez. Foi pior hoje, porque havia uma característica nela que ia além do usual. Um tipo especial de malícia. Mas se isso faz sucesso com idiotas, é legitimamente adequado para o *Banner*. Ele foi criado para servir os idiotas. O que mais quer que eu admita?

– O que você sentiu hoje.

– Um pequeno tipo de inferno. Porque você estava lá comigo. Era isso que você queria, não era? Fazer-me sentir o contraste. Mas você calculou mal. Eu olhava para o palco e pensava: é assim que são as pessoas, assim são os seus espíritos, mas eu... eu encontrei você, eu a tenho, e o contraste fazia a dor valer a pena. Eu realmente sofri esta noite, como você queria, mas foi uma dor que só me atingiu até certo ponto, e depois...

– Cale a boca! – gritou ela. – Cale a boca, maldito!

Eles ficaram estáticos por um momento, ambos perplexos. Ele se mexeu primeiro, sabendo que ela precisava de sua ajuda. Segurou-a pelos ombros. Ela se desvencilhou dele. Atravessou a sala, foi até a janela e ficou olhando para a cidade, para os prédios grandes dispostos em uma expansão de negro e fogo abaixo dela.

Depois de um tempo, ela disse, a voz sem expressão:

– Desculpe, Gail.

Ele não respondeu.

– Eu não tinha nenhum direito de dizer aquelas coisas para você.

Ela não se virou e manteve os braços erguidos, segurando a moldura da janela.

– Estamos quites, Gail. Eu paguei pelo que fiz, se isso torna as coisas melhores

para você. Fui a primeira a perder o controle.

– Eu não quero que você pague por nada – disse ele amavelmente. – Dominique, o que foi?

– Nada.

– Em que eu a fiz pensar? Não foi o que eu disse, foi outra coisa. O que as palavras significaram para você?

– Nada.

– “Uma dor que só me atingiu até certo ponto.” Foi essa frase. Por quê?

Ela estava contemplando a cidade. A distância, podia ver a coluna do Edifício Cord.

– Dominique, eu já vi o que você consegue aguentar. Deve ser algo muito terrível para poder fazer aquilo com você. Eu tenho que saber. Nada é impossível. Eu posso ajudá-la a lutar contra isso, seja o que for.

Ela não respondeu.

– No teatro, não foi apenas aquela peça estúpida. Havia algo mais, para você, esta noite. Eu vi o seu rosto. E depois foi o mesmo aqui. O que é?

– Gail – disse ela em voz baixa –, você me perdoa?

Ele deixou passar um momento. Não estava preparado para isso.

– O que há para perdoar?

– Tudo. E esta noite.

– Essa foi a sua prerrogativa, a condição que você colocou para se casar comigo. Fazer-me pagar pelo *Banner*.

– Eu não quero fazê-lo pagar por ele.

– Por que não quer mais isso?

– Não se pode pagar por ele.

No silêncio, ela ouviu os passos de Wynand atrás dela, andando de um lado para outro da sala.

– Dominique, o que era?

– A dor que não vai além de certo ponto? Nada. Apenas que você não tinha o direito de dizer isso. Os homens que o têm, pagam, por esse direito, um preço que você não pode pagar. Mas não importa agora. Diga a frase, se quiser. Eu também não tenho o direito de dizê-la.

– Não foi só isso.

– Acho que nós temos muito em comum, você e eu. Nós dois cometemos a mesma traição, em algum ponto. Não, essa é uma palavra ruim... Sim, acho que é a palavra certa. É a única que carrega o sentimento do que quero dizer.

– Dominique, não é possível que você sinta isso.

A voz dele estava estranha. Ela se virou para ele.

– Por quê?

– Porque foi isso que eu senti esta noite. Traição.

– Em relação a quem?

- Não sei. Se fosse religioso, eu diria “a Deus”. Mas não sou religioso.
- Foi isso o que eu quis dizer, Gail.
- Por que você deveria sentir isso? O *Banner* não é criação sua.
- Há outras formas da mesma culpa.

Então ele atravessou a grande sala até ela, tomou-a nos braços e falou:

- Você não conhece o significado do tipo de palavras que usa. Nós temos muito em comum, mas não isso. Eu preferiria que você ficasse cuspiando em mim a tentar compartilhar as minhas ofensas.

Ela colocou a mão no rosto dele, com as pontas dos dedos na têmpora.

Ele perguntou:

- Poderia me dizer, agora, o que era?

- Nada. Eu tentei carregar mais do que podia aguentar. Você está cansado, Gail. Por que não sobe? Deixe-me ficar aqui um pouco. Eu só quero olhar a cidade. Depois vou me juntar a você e ficarei bem.

DOMINIQUE ESTAVA EM PÉ JUNTO à amurada do iate, o convés quente sob suas sandálias baixas, o sol batendo em suas pernas nuas, o vento soprando seu vestido leve e branco. Ela olhou para Wynand, deitado em uma espreguiçadeira diante dela.

Pensou na mudança que notara nele novamente, a bordo do iate. Ela o observara durante os meses de seu cruzeiro de verão. Certa vez, vira-o descer correndo a escada do tombadilho. A imagem permanecera em sua mente: um vulto alto e branco disparando para a frente como um raio de velocidade e confiança; a mão dele agarrou o corrimão, correndo deliberadamente o risco de uma fratura súbita e ganhando mais propulsão. Ele não era o dono corrupto de um império popular. Era um aristocrata a bordo de um iate. Ela pensou que ele se parecia com o que uma pessoa jovem acredita ser a aristocracia: um tipo brilhante de alegria sem culpa.

Dominique o observou na espreguiçadeira. Pensou que o relaxamento era atraente somente naqueles para quem não era um estado natural. Nesse caso, até a moleza adquiria um propósito. Estava intrigada com ele: Gail Wynand, famoso por sua habilidade extraordinária. Mas essa não era apenas a força de um aventureiro ambicioso que criara uma cadeia de jornais. Isso – a qualidade que ela via nele ali, a coisa estirada sob o sol, como uma resposta –, isso era maior, a causa primária, uma faculdade proveniente de uma dinâmica universal.

– Gail – falou ela de súbito, involuntariamente.

Ele abriu os olhos para olhá-la.

– Eu gostaria de ter gravado isso – disse ele preguiçosamente. – Você ficaria espantada ao ouvir como soou. Um desperdício, aqui. Eu gostaria de reproduzir a gravação no quarto.

– Eu repito lá, se você quiser.

– Obrigado, meu amor. E eu prometo não exagerar nem presumir demais. Você não está apaixonada por mim. Você nunca amou ninguém.

– Por que acha isso?

– Se você amasse um homem, não seria só uma questão de um casamento de circo e uma noite abominável no teatro. Você o faria passar por um inferno total.

– Como sabe disso, Gail?

– Por que você fica me olhando fixamente desde que nos conhecemos? Porque eu não sou o Gail Wynand de quem você tinha ouvido falar. Sabe, eu amo você. E o amor faz exceções. Se estivesse apaixonada, você iria querer ser subjugada, pisada, comandada, dominada, porque isso é o impossível, o inconcebível para você em suas relações com as pessoas. Esse seria o único presente, a grande exceção que você iria querer oferecer ao homem que amasse. Mas não seria fácil para você.

- Se isso for verdade, então você...
- Então eu me torno amável e humilde, para seu grande assombro, porque sou o pior salafrário que existe.
- Eu não acredito nisso, Gail.
- Não? Já não sou mais a penúltima pessoa do mundo?
- Não é mais.
- Bem, minha amada, na verdade, eu sou.
- Por que quer pensar assim?
- Não quero. Mas gosto de ser honesto. É o meu único luxo particular. Não mude de ideia a meu respeito. Continue me vendo como me via antes de nos conhecermos.
- Gail, não é isso que você quer.
- Não importa o que eu quero. Eu não quero nada, exceto possuir você. Sem retribuição sua. Tem que ser sem retribuição. Se começar a olhar para mim com atenção demais, verá coisas das quais não vai gostar nem um pouco.
- Que coisas?
- Você é tão linda, Dominique. É um acidente tão adorável da parte de Deus que exista uma pessoa igual por dentro e por fora...
- Que coisas, Gail?
- Sabe pelo que você é apaixonada, na verdade? Pela integridade. O impossível. O limpo, consistente, razoável, fiel a si mesmo, o “tudo de um único estilo”, como uma obra de arte. É a única área em que a integridade pode ser encontrada: na arte. Mas você quer que ela seja de carne e osso. Está apaixonada por ela. Bem, sabe, eu nunca tive nenhuma integridade.
- Tem mesmo certeza disso, Gail?
- Você se esqueceu do *Banner*?
- O *Banner* que vá para o inferno.
- Está bem, o *Banner* que vá para o inferno. É bom ouvi-la dizer isso. Mas ele não é o sintoma principal. O fato de eu nunca ter praticado nenhum tipo de integridade não é tão importante. O que vale é que nunca senti nenhuma necessidade de ter integridade. Odeio a concepção dela. Detesto a arrogância da ideia.
- Dwight Carson... – disse ela. Ele ouviu o som de repugnância em sua voz. Ele riu.
- Sim, Dwight Carson. O homem que eu comprei. O individualista que se tornou um glorificador da multidão e, a propósito, um alcoólatra. Fui eu que fiz isso. Foi pior do que o *Banner*, não foi? Você não gosta de ser lembrada disso?
- Não.
- Mas com certeza você ouviu muita gritaria sobre isso. Todos os gigantes do espírito a quem eu destruí. Não acho que ninguém jamais percebeu quanto eu gostei de fazer isso. É um tipo de luxúria. Eu sou totalmente indiferente a vermes

como Ellsworth Toohey ou o meu amigo Alvah, e prefiro deixá-los em paz. Mas basta ver um homem de uma dimensão um pouco mais elevada e eu tenho que transformá-lo em um tipo de Toohey. Tenho que fazê-lo. É como um impulso sexual.

– Por quê?

– Não sei.

– A propósito, você não entende o Toohey.

– Possivelmente. Você não espera que eu desperdice esforço mental para desvendar aquela casca de lesma, espera?

– E você se contradiz.

– Como?

– Por que você não quis me destruir?

– É o fazer exceções, Dominique. Eu amo você. Tinha que a amar. Que Deus a ajudasse, se você fosse homem.

– Gail... por quê?

– Por que eu fiz tudo aquilo?

– Sim.

– Poder, Dominique. A única coisa que eu sempre quis. Saber que não existe um homem vivo a quem eu não possa forçar a fazer... qualquer coisa. Qualquer coisa que eu escolher. O homem que eu não conseguisse subjugar me destruiria. Mas passei anos descobrindo quanto estou seguro. Dizem que eu não tenho nenhum senso de honra, que eu perdi algo na vida. Bem, não perdi muito, perdi? A coisa que eu perdi não existe.

Ele falava em um tom normal de voz, mas notou subitamente que ela estava escutando com a intensa concentração necessária para ouvir até um sussurro, como uma pessoa que não pode se dar ao luxo de perder uma única sílaba.

– Qual é o problema, Dominique? Em que está pensando?

– Estou ouvindo você, Gail.

Ela não disse que estava ouvindo as palavras dele e a razão por trás delas. De repente, a razão ficou tão clara para Dominique que ela a ouvia como uma frase acrescentada a cada sentença dele, embora Wynand não tivesse nenhum confissão do que estava confessando.

– A pior coisa nas pessoas desonestas é o que elas acham que é honestidade – comentou ele. – Conheço uma mulher que nunca se ateve à mesma convicção por três dias consecutivos, mas, quando eu lhe disse que ela não tinha nenhuma integridade, ficou muito ofendida e disse que a ideia dela de integridade não era a mesma que a minha. Aparentemente, ela nunca tinha roubado dinheiro. Bem, ela é uma que não corre absolutamente nenhum perigo. Eu não a odeio, e sim a concepção impossível que você ama tão apaixonadamente, Dominique.

– Odeia?

– Eu me diverti muito provando isso.

Ela se aproximou dele e sentou-se no convés ao lado da cadeira dele, as pranchas do assoalho macias e quentes sob suas pernas nuas. Ele se perguntou por que ela o olhava com tanta doçura. Wynand franziu as sobrancelhas. Ela sabia que algum reflexo do que havia compreendido permanecia em seus olhos e desviou o olhar.

– Gail, por que me diz tudo isso? Não é o que você quer que eu pense de você.

– Não. Não é. Por que lhe dizer agora? Quer a verdade? Porque tem que ser dito. Porque eu queria ser honesto com você. Só com você e comigo mesmo. Mas eu não teria coragem de lhe dizer em nenhum outro lugar. Não em casa. Não em terra firme. Somente aqui, porque aqui não parece totalmente real. Parece?

– Não.

– Acho que eu tive a esperança de que aqui você aceitaria e ainda teria a mesma opinião a meu respeito que tinha quando disse o meu nome daquele jeito que eu quis gravar.

Ela encostou a cabeça na espreguiçadeira, pressionando seu rosto contra os joelhos dele, suas mãos abaixadas, os dedos meio curvados sobre o assoalho do convés. Não queria mostrar o que de fato o ouvira dizer sobre si mesmo hoje.



Numa noite no fim do outono, eles estavam juntos apoiados no parapeito do jardim do terraço, olhando para a cidade. As colunas altas, compostas de janelas iluminadas, eram como rios jorrando do céu negro, fluindo para baixo em gotas individuais, para alimentar as grandes piscinas de fogo abaixo.

– Lá estão eles, Dominique, os grandes prédios. Os arranha-céus. Você se lembra? Eles foram a primeira conexão entre nós. Somos ambos apaixonados por eles, você e eu.

Ela pensou que deveria ressentir-se com o direito dele de dizer isso. Porém não sentia nenhum ressentimento.

– Sim, Gail. Eu sou apaixonada por eles.

Ela olhou para os fios de luz verticais que eram o Edifício Cord e levantou seus dedos do parapeito, apenas o suficiente para tocar o lugar ocupado pela sua forma invisível no céu distante. Não sentiu nenhuma censura da parte dele.

– Gosto de ver um homem em pé diante de um arranha-céu – disse ele. – Torna-o tão pequeno quanto uma formiga... Não é esse o chavão correto para a situação? Malditos tolos! Foi o homem que a fez, toda a massa incrível de pedra e aço. O arranha-céu não o diminui, torna-o maior que a estrutura. Revela ao mundo suas verdadeiras dimensões. O que nós amamos nesses prédios, Dominique, é a faculdade criativa, o heroico no homem.

– Você ama o heroico no homem, Gail?

– Amo pensar nele. Não acredito nele.

Ela se inclinou sobre o parapeito e ficou observando as luzes verdes lá embaixo, estendendo-se em uma longa linha reta. Disse:

– Eu gostaria de poder entender você.

– Eu achei que devia ser bastante óbvio. Nunca escondi nada de você.

Ele observava os painéis iluminados que piscavam em espasmos disciplinados acima do rio negro. Então apontou para uma luz indistinta, longe ao sul, um tênue reflexo de azul.

– Aquele é o Edifício Banner. Está vendo, ali? Aquele luz azul. Eu fiz tantas coisas, mas deixei de fazer uma, a mais importante. Não há um Edifício Wynand em Nova York. Algum dia, vou construir um novo lar para o *Banner*. Será a maior estrutura da cidade e terá o meu nome. Eu comecei em um buraco miserável, e o jornal se chamava *Gazette*. Eu não passava de um burro de carga servindo a umas pessoas muito imundas. Mas, naquela época, pensei no Edifício Wynand que se ergueria, algum dia. Pensei nele durante todos os anos desde então.

– Por que não o construiu?

– Eu não estava pronto para ele.

– Por quê?

– Não estou pronto para ele agora. Não sei por quê. Só sei que é muito importante para mim. Será o símbolo derradeiro. Eu saberei qual é o momento certo, quando ele chegar.

Ele se virou para olhar para oeste, para um bloco de luzes fracas dispersas. Apontou:

– Foi ali que eu nasci: Hell’s Kitchen.

Ela prestou atenção. Wynand raramente falava de suas origens.

– Eu tinha 16 anos quando subi em um telhado e olhei para a cidade, como agora. E decidi o que eu seria.

Sua voz tornou-se uma linha sublinhando o momento, dizendo: “Preste atenção, isto é importante.” Sem olhar para ele, Dominique pensou que era isso que ela havia esperado, isso deveria lhe dar a resposta, a chave para ele. Anos atrás, ao pensar em Gail Wynand, ela havia se perguntado como esse homem encarava sua vida e seu trabalho. Esperava ostentação e um senso de vergonha oculto, ou impertinência alardeando a própria culpa. Olhou para ele. Com a cabeça erguida e os olhos fitando firmes o céu diante dele, Wynand não transmitia nenhuma das coisas que ela havia esperado. Transmitia uma qualidade incrível nessa conexão: uma postura heroica.

Ela sabia que era uma chave, mas aumentava o quebra-cabeça. Entretanto, algo dentro dela compreendeu, soube qual era o uso daquela chave e a fez falar.

– Gail, demita Ellsworth Toohey.

Ele se virou para ela, atônito.

– Por quê?

– Gail, escute. – Sua voz tinha uma urgência que ela nunca havia demonstrado ao falar com ele. – Eu nunca quis deter Toohey. Até o ajudei. Eu achava que ele era o que o mundo merecia. Não tentei salvar nada dele... nem ninguém. Nunca pensei que seria o *Banner*, o *Banner*, onde ele melhor se encaixa, que eu iria querer salvar dele.

– Do que é que você está falando?

– Gail, quando me casei com você, eu não sabia que chegaria a sentir este tipo de lealdade a você. Contradiz tudo o que eu fiz, contradiz muito mais do que eu posso lhe contar, é um tipo de catástrofe para mim, um ponto decisivo. Não me pergunte por quê, vai levar anos para eu entender. Eu só sei que é isto que eu devo a você. Demita Ellsworth Toohey. Mande-o embora antes que seja tarde demais. Você destruiu muitos homens muito menos malévolos e muito menos perigosos. Demita Toohey, vá atrás dele e não descanse enquanto não houver destruído os últimos vestígios dele.

– Por quê? Por que você deveria pensar nele justamente agora?

– Porque eu sei o que ele quer.

– O que ele quer?

– O controle dos jornais Wynand.

Ele deu uma gargalhada. Não foi escárnio nem indignação, apenas pura alegria ao ouvir o desfecho de uma piada boba.

– Gail... – disse ela, sem ação.

– Ah, pelo amor de Deus, Dominique! E eu que sempre respeitei o seu discernimento.

– Você nunca entendeu Toohey.

– E não me interessa entendê-lo. Você pode me imaginar indo atrás de Ellsworth Toohey? Um tanque para eliminar um piolho? Por que eu haveria de despedir o Elsie? Ele é do tipo que ganha dinheiro para mim. As pessoas adoram ler a conversa fiada dele. Eu não demito boas armadilhas como essa. Ele é tão valioso para mim quanto um pedaço de papel mata-moscas.

– Esse é o perigo. Ou parte dele.

– Seus seguidores maravilhosos? Eu já tive sentimentais maiores e melhores na minha folha de pagamento. Quando alguns deles tiveram que ser mandados para a rua, foi o fim deles. Sua popularidade acabou na porta do *Banner*. Mas o *Banner* continuou existindo.

– Não se trata da popularidade dele. É a natureza especial dela. Você não pode lutar contra ele nos termos dele. Você é apenas um tanque, e essa é uma arma muito limpa e inocente. Uma arma honesta que vai primeiro, na frente, e esmaga tudo ou absorve cada contragolpe. Ele é um gás corrosivo. Do tipo que corrói os pulmões. Eu acho que realmente existe um segredo para o núcleo do mal, e ele possui esse segredo. Não sei o que é, mas sei como ele o usa e o que

quer.

– O controle dos jornais Wynand?

– O controle dos jornais Wynand, como um dos meios para alcançar um fim.

– Que fim?

– O controle do mundo.

Ele disse, com uma repugnância paciente:

– O que é isso, Dominique? Que tipo de brincadeira e para quê?

– Estou falando sério, Gail. Estou falando muito sério.

– O controle do mundo, minha querida, pertence a homens como eu. Os Tooheys deste mundo não saberiam nem como sonhar com ele.

– Vou tentar explicar. É muito difícil. A coisa mais difícil de explicar é o claramente óbvio que todo mundo decidiu não ver. Mas se você escutar...

– Eu não vou escutar. Perdoe-me, mas discutir a ideia de Ellsworth Toohey como uma ameaça a mim é ridículo. Discuti-la seriamente é ofensivo.

– Gail, eu...

– Não. Querida, acho que você realmente não entende muito sobre o *Banner*. E eu não quero que entenda. Não quero que você participe de nada dele. Esqueça. Deixe o *Banner* comigo.

– É uma exigência, Gail?

– É um ultimato.

– Está bem.

– Esqueça. Não vá adquirir fobias por causa de alguém do tamanho de Ellsworth Toohey. Não é do seu feitio.

– Está bem, Gail. Vamos entrar. Está muito frio para você ficar aqui sem casaco.

Ele riu baixinho. Era o tipo de preocupação com ele que ela nunca demonstrara antes. Pegou a mão dela e beijou a palma, segurando-a de encontro ao seu rosto.



Por muitas semanas, quando ficavam sozinhos, eles falaram pouco, e nunca um do outro. Contudo, não era um silêncio de ressentimento, era o silêncio de uma compreensão delicada demais para ser limitada por palavras. Eles podiam estar juntos em uma sala, à noite, sem dizer nada, satisfeitos em sentir a presença um do outro. Olhavam um para o outro subitamente, e ambos sorriam, e os sorrisos eram como mãos entrelaçadas.

Então, certa noite, Dominique soube que ele iria falar. Ela estava sentada à sua penteadeira. Wynand entrou e encostou-se na parede ao lado dela. Olhou para as mãos dela, para seus ombros despidos, mas ela teve a impressão de que ele não a estava vendo. Ele estava olhando para algo maior do que a beleza do corpo dela,

maior do que seu amor por ela. Estava olhando para si mesmo, e ela sabia que essa era a homenagem incomparável.

“Eu respiro por minha própria necessidade, pelo combustível necessário ao meu corpo, pela minha sobrevivência... Eu lhe dei não o meu sacrifício ou a minha piedade, mas o meu ego e a minha necessidade nua...” Ela ouviu as palavras de Roark, a voz de Roark falando por Gail Wynand. E não teve nenhuma sensação de traição a Roark por usar as palavras do amor dele para o amor de outro homem.

– Gail – disse ela docemente –, algum dia terei que lhe pedir perdão por ter me casado com você.

Ele sacudiu a cabeça lentamente, sorrindo. Ela disse:

– Eu quis que você fosse a corrente que me prenderia ao mundo. Em vez disso, você se tornou a minha defesa. E isso faz com que o meu casamento seja desonesto.

– Não. Eu disse que aceitaria qualquer razão que você escolhesse.

– Mas você mudou tudo para mim. Ou fui eu que mudei tudo? Não sei. Nós fizemos algo estranho um com o outro. Eu lhe dei o que queria perder: aquele senso de vida especial que pensei que este casamento destruiria para mim, o senso de vida como exaltação. E você... você fez todas as coisas que eu teria feito. Você sabe quanto somos parecidos?

– Eu sabia disso desde o princípio.

– Mas deveria ter sido impossível. Gail, agora eu quero ficar com você... por outra razão. Para esperar por uma resposta. Acho que, quando eu aprender a entender o que você é, vou compreender a mim mesma. Há uma resposta. Há um nome para o que temos em comum. Eu não sei qual é. Sei que é muito importante.

– Provavelmente. Acho que eu deveria querer entender. Mas não quero. Não consigo me importar com nada agora. Não consigo nem ter medo.

Ela olhou para ele e disse, com muita serenidade:

– Eu tenho medo, Gail.

– Do quê, meu amor?

– Do que estou fazendo com você.

– Por quê?

– Eu não amo você, Gail.

– Eu não posso me importar nem mesmo com isso.

Ela abaixou a cabeça e ele olhou para seu cabelo, que era como um capacete claro de metal polido.

– Dominique.

Ela ergueu o rosto para ele, obediente.

– Eu amo você, Dominique. Eu a amo tanto que nada pode ser importante para mim, nem mesmo você. Consegue entender isso? Só o meu amor, não a sua

reação. Nem mesmo a sua indiferença. Eu nunca recebi muito do mundo. Não quis muito. Nunca quis nada, realmente. Não de maneira total, indivisível, não com o tipo de desejo que se torna um ultimato, “sim” ou “não”, e ninguém pode aceitar o “não” sem deixar de existir. É isso que você é para mim. Mas, quando alguém atinge esse estágio, não é o objeto que importa, é o desejo. Não você, eu. A habilidade de desejar a esse ponto. Nada menor é digno de ser sentido ou honrado. E eu nunca senti isso antes. Dominique, eu nunca soube como dizer “meu” em relação a nada. Não no sentido em que digo em relação a você. Minha. Você o chamou de um senso de vida como exaltação? Você disse isso. Você compreende. Eu não posso ter medo. Eu amo você, Dominique. Eu amo você. Você está me deixando dizer agora. Eu amo você.

Ela esticou o braço e tirou o telegrama do espelho. Amassou-o, os dedos se contorcendo lentamente em um movimento esmagador contra a palma da mão. Ele ouvia o barulho do papel. Ela se curvou para a frente, abriu a mão sobre o cesto de lixo e deixou o papel cair. Sua mão permaneceu imóvel por um momento, os dedos esticados, inclinados para baixo, na mesma posição em que se haviam aberto.

Parte IV

HOWARD ROARK

AS FOLHAS PENDIAM DAS ÁRVORES, estremecendo sob o sol. Não eram verdes. Somente algumas, espalhadas através da cascata de folhagens, destacavam-se como gotas individuais de um verde tão vívido e puro que feria os olhos; o resto não era uma cor, mas uma luz, a substância do fogo no metal, faíscas vivas sem contorno. E parecia que a floresta era uma expansão de luz fervendo lentamente para produzir essa cor, esse verde elevando-se em pequenas bolhas, a essência condensada da primavera. As árvores juntavam-se, curvando-se sobre a estrada, e as manchas de sol no chão se moviam com o balançar dos galhos, como um carinho consciente. O jovem esperava não ter que morrer.

Não se a Terra pudesse ser assim, pensou ele. Não se ele pudesse ouvir a esperança e a promessa como uma voz, com as folhas, os troncos das árvores e as rochas no lugar das palavras. Porém ele sabia que a Terra só tinha essa aparência porque havia horas ele não via nenhum sinal de gente. Estava sozinho, pedalando sua bicicleta ao longo de uma trilha esquecida através das colinas da Pensilvânia, onde nunca havia estado antes, onde podia sentir o deslumbramento virgem de um mundo intocado.

Era muito jovem. Havia acabado de obter seu diploma universitário, na primavera de 1935, e queria decidir se a vida valia a pena ser vivida. Não sabia que essa era a pergunta que tinha em mente. Não pensava em morrer. Pensava apenas que desejava encontrar alegria, razão e significado na vida, e que nenhum deles lhe havia sido oferecido, em nenhum lugar.

Não gostara do que haviam lhe ensinado na faculdade. Ensinar-lhe muito a respeito de responsabilidade social, sobre uma vida de serviço e autossacrifício. Todos disseram que isso era lindo e inspirador. Mas ele não havia se sentido inspirado. Não havia sentido absolutamente nada.

Ele não conseguia dar nome ao que queria da vida. Sentia-o ali, nessa solidão selvagem. Entretanto, não encarava a natureza com a alegria de um animal saudável – como um ambiente final e apropriado. Encarava-a com a alegria de um homem saudável – como um desafio, como instrumentos, meios e materiais. Portanto, sentia raiva por encontrar a exaltação somente em uma região desabitada, e porque tinha que perder esse grande senso de esperança quando voltasse aos homens e ao trabalho dos homens. Pensou que isso não estava certo; que o trabalho do homem deveria ser um passo mais elevado, um aperfeiçoamento da natureza, não uma degradação. Ele não queria desprezar os homens; queria amá-los e admirá-los. Mas temia a visão da primeira casa, ou do salão de sinuca, ou do pôster de filme que encontraria em seu caminho.

Sempre quisera compor músicas e não podia atribuir nenhuma outra identidade àquilo que buscava. *Se quiseser saber o que é*, dizia a si mesmo, *escute*

as primeiras frases do Concerto nº 1 de Tchaikovsky, ou o último movimento do Concerto nº 2 de Rachmaninoff. As pessoas não encontraram palavras para descrevê-lo, nem o ato nem o pensamento, mas encontraram a música. Deixe-me ver isso em um único ato do homem na Terra. Deixe-me vê-lo tornar-se realidade. Deixe-me ver a resposta à promessa daquela música. Não servos nem os que são servidos, não altares e sacrifícios, mas o definitivo, o satisfeito, inocente da dor. Não me ajude nem me sirva, mas deixe-me vê-lo ao menos uma vez, porque preciso. Não trabalhem pela minha felicidade, meus irmãos – mostrem-me a sua, mostrem que é possível, mostrem a sua conquista – e o conhecimento me dará coragem para buscar a minha.

Viu um buraco azul adiante, onde a estrada terminava no alto de um cume. O azul parecia frio e límpido, como uma película de água emoldurada por ramos verdes. *Seria engraçado*, pensou ele, *se eu chegasse à borda e não achasse nada além daquele azul a distância. Nada além do céu adiante, acima e abaixo.* Ele fechou os olhos e prosseguiu, suspendendo o possível por um momento, concedendo a si mesmo um sonho, uns poucos instantes acreditando que chegaria ao cume, abriria os olhos e veria o esplendor azul do céu abaixo.

Seus pés tocaram no chão, freando seu movimento. Ele parou e abriu os olhos. Ficou imóvel.

No vale amplo a distância, abaixo dele, banhada na primeira luz do sol da manhã, viu uma cidade. Só que não era uma cidade. Elas não eram assim. Teve que suspender o possível durante mais algum tempo, para não buscar nenhuma pergunta nem explicação, para apenas olhar.

Havia pequenas casas nas saliências da colina diante dele, fluindo para baixo, até a base. Ele percebeu que as saliências não haviam sido tocadas, que nenhum artifício havia alterado a beleza não planejada dos degraus graduais. Entretanto, algum poder soubera como construir sobre aquelas saliências, de tal forma que as casas tornaram-se inevitáveis, e não se podia mais imaginar as colinas sendo tão bonitas sem elas, como se os séculos e a série de eventos que produzira essas saliências, em uma luta de forças cegas, houvessem esperado por sua expressão final, houvessem sido somente um caminho para atingir um objetivo, e o objetivo eram essas construções, fazendo parte das colinas, moldadas pelas colinas, e mesmo assim dominando-as ao dar-lhes significado.

As casas eram de pedra natural simples – exatamente como as rochas projetando-se dos flancos verdes das colinas – e de vidro, placas enormes de vidro, usadas como se o sol fosse convidado a completar as estruturas, a luz do sol tornando-se parte da alvenaria. Havia muitas casas, pequenas, isoladas e diferentes umas das outras. No entanto, eram como variações de um único tema, como uma sinfonia tocada por uma imaginação inesgotável, e ainda era possível ouvir o riso da força que fora liberada sobre elas, como se essa força houvesse corrido, desenfreada, desafiando a si mesma a ser exaurida, mas nunca se

esgotando. *Música*, pensou ele, a promessa da música que ele invocara, seu sentido tornando-se realidade – lá estava ela, diante de seus olhos. Ele não a via, ouvia-a em acordes. Pensou que havia uma linguagem comum de pensamento, visão e som – era matemática? –, a disciplina da razão. Música era matemática e a arquitetura era música feita em pedra... Ele sabia que estava atordoado porque esse lugar abaixo dele não podia ser real.

Viu árvores, gramados, caminhos retorcendo-se colina acima, degraus cortados nas rochas. Viu fontes, piscinas, quadras de tênis – e nem um único sinal de vida. O lugar estava desabitado.

Isso não o chocou, não como a visão do lugar o havia chocado. De certa forma, parecia apropriado; isso não era parte da existência conhecida. Nesse momento, ele não tinha nenhum desejo de saber o que era.

Depois de muito tempo, olhou ao redor... e então viu que não estava só. A alguns passos dele, um homem estava sentado em uma rocha grande, olhando para o vale abaixo. O sujeito parecia absorto na visão e não o ouvira aproximar-se. Era alto e magro e tinha o cabelo cor de laranja.

Ele andou direto até o homem, que desviou o olhar para fitá-lo. Os olhos eram cinza e serenos. O rapaz soube subitamente que eles sentiam o mesmo, e que podia falar como não falaria com um estranho em nenhum outro lugar.

– Aquilo não é real, é? – perguntou o rapaz, apontando para baixo.

– Ora, é sim, agora – respondeu o homem.

– Não é um cenário de cinema, ou algum tipo de truque?

– Não. É um resort. Acaba de ser terminado. Será inaugurado dentro de poucas semanas.

– Quem o construiu?

– Fui eu.

– Qual é o seu nome?

– Howard Roark

– Obrigado – disse o rapaz.

Ele sabia que os olhos imperturbáveis que o miravam compreenderam tudo que essa palavra tinha que abranger. Howard Roark inclinou a cabeça, em sinal de reconhecimento.

Empurrando sua bicicleta ao lado do corpo, o rapaz começou a descer a trilha estreita da colina, em direção ao vale e às casas lá embaixo. Roark fitou-o afastando-se. Nunca vira esse rapaz antes e nunca mais o veria outra vez. Ele não sabia que dera a alguém a coragem para enfrentar uma vida inteira.



Roark nunca entendera por que fora escolhido para construir o resort no Vale Monadnock

Acontecera havia um ano e meio, no outono de 1933. Ele ouvira falar no projeto e foi visitar o Sr. Caleb Bradley, o presidente de alguma companhia grande que comprara o vale e estava fazendo uma propaganda espalhafatosa. Ele foi falar com Bradley por obrigação, sem esperança, meramente para acrescentar mais uma rejeição à sua longa lista de rejeições. Não construiu nada em Nova York desde o Templo Stoddard.

Quando entrou no escritório de Bradley soube que tinha que esquecer o Vale Monadnock, porque aquele homem jamais lhe daria o projeto. Caleb Bradley era uma pessoa baixa e atarracada, com um rosto bonito entre ombros arredondados. O rosto tinha uma aparência inteligente e infantil, desagradavelmente sem idade definida. Ele podia ter 50 anos, ou 20. Tinha olhos azuis inexpressivos, dissimulados e entediados.

Contudo, era difícil para Roark desistir do Vale Monadnock. Portanto, ele falou sobre o projeto, esquecendo-se de que ali era inútil falar. O Sr. Bradley ouviu, obviamente interessado, mas não no que Roark estava dizendo. Roark quase podia sentir uma terceira entidade presente na sala. O Sr. Bradley disse pouco além da promessa de pensar no assunto e entrar em contato com ele. Mas foi então que disse algo estranho. Perguntou, em um tom destituído de qualquer indicação sobre o propósito da pergunta, sem aprovação ou desdém:

– Você é o arquiteto que construiu o Templo Stoddard, não é, Sr. Roark?

– Sou – confirmou Roark.

– Que engraçado eu mesmo não ter pensado em você – disse o Sr. Bradley.

Roark foi embora, achando que o engraçado seria se o Sr. Bradley houvesse pensado nele.

Três dias depois, Bradley telefonou para ele, convidando-o a ir ao seu escritório. Roark aceitou e foi apresentado a quatro outros homens: o conselho da Companhia Vale Monadnock. Eram homens bem-vestidos e seus rostos eram tão herméticos quanto o do Sr. Bradley.

– Por favor, diga a estes cavalheiros o que me disse, Sr. Roark – pediu Bradley amigavelmente.

Roark explicou seu plano. Se o que eles queriam construir era um resort fora do comum, para pessoas de renda moderada – como haviam anunciado –, deviam perceber que a pior maldição da pobreza era a falta de privacidade. Somente os muito ricos ou os muito pobres da cidade podiam apreciar suas férias de verão: os muito ricos porque tinham propriedades privadas; os muito pobres porque não se importavam com a sensação e o cheiro de seus próprios corpos esbarrando uns nos outros nas praias e pistas de dança públicas. As pessoas de bom gosto e pouca renda não tinham para onde ir, se não encontrassem nenhum descanso ou prazer no meio de rebanhos. Por que se presumia que a pobreza fazia com que as pessoas adquirissem instintos de gado? Por que não oferecer a elas um lugar onde, durante uma semana ou um mês, a um custo baixo,

pudessem ter o que queriam e o que precisavam? Ele vira o Vale Monadnock. Podia ser feito. Não toquem naquelas colinas, não as destruam e nivelem. Não um hotel parecendo um enorme formigueiro, mas pequenas casas escondidas umas das outras, cada residência uma propriedade privada, onde as pessoas possam encontrar-se ou não, como quiserem. Não uma piscina que pareça um tanque de mercado de peixes, mas muitas piscinas particulares, tantas quantas a companhia desejasse pagar; ele poderia lhes mostrar como podiam ser feitas de forma barata. Não quadras de tênis para exibicionistas, parecendo um curral de fazenda de criação de gado, mas muitas quadras de tênis particulares. Não um lugar aonde alguém fosse para conhecer “companhias refinadas” e fisgar um marido em duas semanas, mas um resort para pessoas que gostavam o suficiente de sua própria presença e que buscavam apenas um local onde pudessem estar livres para desfrutá-la.

Os homens ouviram-no em silêncio. Ele os viu trocarem olhares, de vez em quando. Teve a certeza de que era o tipo de olhares que as pessoas trocam quando não podem rir abertamente do orador. Mas não podia ter sido isso – porque ele assinou um contrato para construir o resort do Vale Monadnock dois dias depois.

Ele exigiu as iniciais do Sr. Bradley em cada esboço que saiu de sua sala de desenho; lembrava-se do Templo Stoddard. O Sr. Bradley pôs as iniciais, assinou e aprovou. Ele concordava com tudo, aprovava tudo. Parecia encantado em deixar que Roark fizesse tudo à sua maneira. Porém essa complacência ávida tinha um tom encoberto peculiar, como se o Sr. Bradley estivesse fazendo a vontade de uma criança.

Ele não conseguiu descobrir muito sobre aquele homem. Dizia-se que havia ganhado uma fortuna com imóveis, durante o período de expansão na Flórida. Sua companhia atual parecia controlar fundos ilimitados, e os nomes de muitos investidores ricos eram mencionados como acionistas. Roark nunca os viu. Os quatro cavalheiros do conselho não apareceram mais, exceto em curtas visitas ao local da construção, onde demonstravam pouco interesse. O Sr. Bradley estava no comando de tudo, mas, afora uma vigilância cuidadosa do orçamento, do que ele parecia gostar mais era deixar Roark assumir o controle total.

Nos dezoito meses seguintes, Roark não teve tempo algum para indagar-se sobre o Sr. Bradley. Roark estava construindo o seu maior projeto.

Durante o último ano, ele morara no local da construção, em um barraco erguido às pressas em um declive exposto, um cômodo de madeira com uma cama, um fogão e uma mesa grande. Seus antigos desenhistas vieram trabalhar para ele outra vez, alguns abandonando empregos melhores na cidade, para viver em barracos e cabanas, para trabalhar em barracos de tábuas de madeira sem pintura, que serviam de escritório ao arquiteto. Havia tanto para construir que nenhum deles pensou em desperdiçar esforço estrutural em seus próprios

abrigos. Eles não se deram conta, até muito tempo depois, de que não tinham tido conforto. E então não acreditaram, porque o ano no Vale Monadnock permaneceu em suas mentes como a época estranha em que a Terra parou de girar e eles viveram doze meses de primavera. Não pensavam na neve, nos torrões de terra congelada, no vento soprando ruidosamente através das tábuas, nos cobertores finos sobre camas de armar, nos dedos endurecidos abertos acima de fogões a carvão, de manhã, antes que pudessem segurar um lápis com firmeza. Lembravam-se apenas do sentimento que é o significado da primavera – a reação de uma pessoa às primeiras hastes de grama, aos primeiros brotos nos galhos das árvores, ao primeiro azul do céu –, a reação cantante, não à grama, às árvores e ao céu, mas ao grande senso de início, de progressão triunfante, de certeza de uma conquista que nada poderia deter. Não era das folhas e flores que eles recebiam a noção de juventude, movimento, propósito, satisfação, mas dos andaimes de madeira, das escavadeiras a vapor, dos blocos de pedra e placas de vidro que se erguiam da terra.

Eles eram um exército e isso era uma cruzada. Porém nenhum deles pensava nesses termos, exceto Steven Mallory. O artista fez as fontes e todos os trabalhos em escultura do Vale Monadnock. Entretanto, ele veio morar no local muito antes de ser necessário. *Batalha*, pensou Mallory, *é um conceito cruel. Não há nenhuma glória na guerra, nem nenhuma beleza em cruzadas de homens.* Mas esta era uma batalha, este era um exército e havia uma guerra, e era a experiência mais nobre da vida de cada homem que estava participando dela. Por quê? Onde estava a raiz da diferença e a lei para explicá-la?

Ele não falava sobre isso com ninguém. Porém viu o mesmo sentimento no rosto de Mike, quando este chegou com a turma de eletricitas. O homem não disse nada, mas piscou para Mallory com uma compreensão entusiasmada.

– Eu lhe disse para não se preocupar – disse Mike uma vez, sem preâmbulos –, no julgamento. Ele não pode perder, com ou sem pedreiras, com ou sem julgamentos. Eles não podem vencê-lo, Steve, simplesmente não podem, nem o maldito mundo inteiro.

Contudo, eles haviam realmente se esquecido do mundo, pensou Mallory. Esta era uma nova Terra – a Terra deles. As colinas erguiam-se em direção ao céu, ao seu redor, como um muro protetor. E eles tinham outra proteção: o arquiteto que andava entre eles, através da neve ou da grama nos flancos das colinas, por cima dos blocos de pedra e pilhas de tábuas, para as mesas de desenho, para os guindastes, para o alto das paredes que se erguiam, o homem que tornara isso possível, o pensamento na mente daquele homem, e não o conteúdo daquele pensamento, não o resultado nem a visão que haviam criado o Vale Monadnock, nem a vontade que o tornara real – mas o método de seu pensamento, a regra de seu funcionamento, o método e a regra que não eram como os do mundo do outro lado das colinas. Era isso que montava guarda sobre o vale e sobre os

soldados dentro dele.

E então ele viu o Sr. Bradley vir visitar a obra, sorrir brandamente e ir embora outra vez. E Mallory sentiu raiva sem razão – e medo.

Certa noite, quando estavam sentados juntos perto de uma fogueira feita com galhos secos, na colina acima do acampamento, Mallory disse:

– Howard, é o Templo Stoddard de novo.

– Sim – concordou Roark –, acho que sim. Mas não consigo entender de que maneira, ou o que eles querem.

Ele deitou-se de bruços e olhou para as placas de vidro espalhadas através da escuridão, abaixo. Reflexos vindos de algum lugar batiam nelas, fazendo-as parecer fontes de luz erguendo-se do chão, autogeradas e fosforescentes. Ele disse:

– Não importa, Steve, importa? Não o que eles farão com isto nem quem virá viver aqui. Apenas que nós o fizemos. Você iria querer perder isto, seja qual for o preço que o fizerem pagar, depois?

– Não – respondeu Mallory.



Roark planejara alugar ele próprio uma das casas e passar o verão lá, o primeiro verão da existência do Vale Monadnock. Entretanto, antes da inauguração do resort, ele recebeu um telegrama de Nova York

“Eu lhe disse que conseguiria, não disse? Levou cinco anos para eu me livrar dos meus amigos e irmãos, mas agora o Aquitânia é meu... e seu. Venha terminá-lo. Kent Lansing.”

Assim, ele voltou a Nova York – para ver o entulho e o pó de cimento serem retirados do casco da *Sinfonia Inacabada*, para ver guindastes balançarem vigas mestras bem alto, acima do Central Park, para ver os espaços vazios das janelas preenchidos, os terraços amplos estendidos acima dos telhados da cidade, o Hotel Aquitânia terminado, brilhando à noite na silhueta dos arranha-céus que cercavam o Central Park.

Ele estivera muito ocupado nos últimos dois anos. O Vale Monadnock não fora seu único projeto. De diferentes estados, de partes inesperadas do país, ele recebera chamados: residências particulares, pequenos prédios de escritórios, lojas modestas. Ele os construía, tirando umas poucas horas de sono em trens e aviões que o levavam do Vale Monadnock às cidadezinhas distantes. Cada projeto que recebia tinha a mesma história: “Estive em Nova Yorke gostei da Residência Enright.” “Eu vi o Edifício Cord.” “Vi uma foto daquele templo que destruíram.” Era como se um córrego subterrâneo fluísse através do país e emergisse em súbitas fontes que jorravam para a superfície ao acaso, em lugares imprevisíveis.

Eram projetos pequenos e baratos, mas mantinham-no trabalhando.

Naquele verão, com o Vale Monadnock pronto, ele não tinha tempo de se preocupar com o futuro do resort. Mas Steven Mallory preocupava-se.

– Por que eles não o anunciam, Howard? Por que o silêncio repentino? Você notou? Houve tanta conversa sobre o grande projeto deles, tantos anúncios pequenos publicados, antes de começarem. Houve cada vez menos enquanto o estávamos construindo. E agora? O Sr. Bradley e companhia ficaram surdos e mudos. Justo agora, quando seria de esperar que estivessem encenando uma perfeita orgia promovida por assessores de imprensa. Por quê?

– Não sei – disse Roark – Eu sou arquiteto, não corretor de imóveis de aluguel. Por que você deveria se preocupar? Nós fizemos o nosso trabalho, deixe que façam o deles do jeito que quiserem.

– É um jeito bem esquisito. Você viu as propagandas deles, as poucas que deixaram escapar? Elas dizem todas as coisas que você disse, sobre descanso, paz e privacidade... mas de que forma dizem! Sabe qual é a essência daquelas propagandas, na verdade? “Venham para o Vale Monadnock e morram de tédio.” Parece... de fato parece como se estivessem tentando manter as pessoas afastadas.

– Eu não leio propagandas, Steve.

Contudo, um mês depois de sua inauguração, todas as casas do Vale Monadnock estavam alugadas. As pessoas que vieram formavam uma mistura estranha: homens e mulheres da sociedade que poderiam ter pagado para ficar em resorts mais em voga, escritores jovens e artistas desconhecidos, engenheiros, jornalistas e operários de fábricas. De repente, espontaneamente, as pessoas estavam comentando sobre o lugar. Havia uma demanda para esse tipo de resort, uma demanda que ninguém havia tentado atender. O lugar tornou-se notícia, mas era notícia privada. Os jornais não o haviam descoberto. O Sr. Bradley não tinha assessores de imprensa. Ele e sua companhia haviam desaparecido da vida pública. Uma revista, sem ser solicitada, imprimiu quatro páginas de fotos do Vale Monadnock e enviou um repórter para entrevistar Howard Roark. No final do verão, as casas estavam alugadas antecipadamente para o próximo ano.

Em outubro, numa manhã bem cedo, a porta da recepção de Roark escancarou-se e Steven Mallory entrou correndo, encaminhando-se diretamente para a sala de Roark. A secretária tentou detê-lo; Roark estava trabalhando e não permitia interrupções. Mas Mallory empurrou-a para o lado e arremessou-se para dentro da sala, batendo a porta atrás de si. A mulher notou que ele tinha um jornal na mão.

Roark olhou para ele da prancheta de desenho e largou o lápis. Sabia que o rosto de Mallory tivera essa aparência quando ele atirou em Ellsworth Toohey.

– Bem, Howard? Quer saber por que você conseguiu o Vale Monadnock?

Atirou o jornal na prancheta. Roark viu a manchete de uma reportagem na terceira página: “Caleb Bradley preso”.

– Está tudo aí – disse Mallory. – Não leia. Vai fazê-lo passar mal.

– Muito bem, Steve, o que é?

– Eles venderam duzentos por cento dele.

– Quem vendeu? Do quê?

– Bradley e a turma dele. Do Vale Monadnock

Mallory falava com uma precisão forçada, perversa, autotorturadora.

– Eles acharam que não valia nada, desde o início. Adquiriram a terra praticamente em troca de nada, acharam que o local não prestava para um resort, fora de mão, longe de tudo, sem linhas de ônibus ou cinemas por perto, acharam que a época não era certa e que o público não se interessaria. Fizeram muito barulho e venderam ações para muitos otários ricos. Tudo não passou de uma imensa fraude. Venderam duzentos por cento do lugar. Receberam o dobro do que lhes custou construí-lo. Tinham certeza de que iria fracassar. *Queriam* que fracassasse. Não esperavam ter nenhum lucro para distribuir. Tinham um ótimo esquema pronto, para escaparem quando o empreendimento fosse à falência. Estavam preparados para qualquer coisa, menos para vê-lo tornar-se o tipo de sucesso que é. E não puderam continuar, porque agora teriam que pagar aos seus investidores o dobro da quantia que o lugar rendesse a cada ano. E está rendendo bastante. Eles acharam que a falência era certa. Howard, você não entende? Eles escolheram você como o pior arquiteto que poderiam encontrar!

Roark atirou a cabeça para trás e riu.

– Maldito seja você, Howard! Não tem graça nenhuma!

– Sente-se, Steve. Pare de tremer. Você está com cara de quem acabou de ver um campo inteiro de corpos mutilados.

– E vi. Vi pior. Vi a raiz. Vi o que torna possíveis tais campos. O que os malditos idiotas acham que é o terror? Guerras, assassinatos, incêndios, terremotos? Que se dane tudo isso! *Isso* é terror, essa reportagem no jornal. É disso que os homens deveriam ter pavor, é isso que deveriam combater, denunciar e chamar de a pior vergonha de que se tem registro. Howard, estou pensando em todas as explicações sobre o mal e em todas as curas oferecidas para ele, através dos séculos. Nenhuma delas funcionou. Nenhuma explicou nem curou nada. Mas a raiz do mal, a minha fera babando, está aí, Howard, nessa reportagem. Nisso e nas almas dos desgraçados presunçosos que a lerão e dirão: “Ah, bem, os gênios sempre devem se esforçar, faz bem a eles.” E vão procurar algum imbecil em um vilarejo para ajudar, para ensinar-lhe a trançar cestos de palha. Isso é a besta babando em ação. Howard, pense em Monadnock Feche os olhos e veja-o. E então pense que os homens que o encomendaram acreditavam que era a pior coisa que poderiam construir! Howard, há algo errado, algo muito, terrivelmente errado no mundo, se você recebeu o seu maior trabalho... como

uma piada imunda!

– Quando você vai parar de pensar nisso? No mundo e em mim? Quando vai aprender a esquecer isso? Quando é que Dominique vai...

Ele parou. Eles não mencionavam esse nome na presença um do outro havia cinco anos. Ele viu os olhos de Mallory, intensos e chocados. O artista percebeu que suas palavras haviam magoado Roark, magoado o suficiente para forçar essa admissão. Mas Roark virou-se para ele e disse deliberadamente:

– Dominique pensava exatamente como você.

Mallory nunca havia falado sobre o que adivinhara a respeito do passado de Roark. O silêncio entre eles sempre havia deixado implícito que Mallory compreendia, que Roark sabia disso, e que era algo que não devia ser discutido. Porém Mallory perguntou:

– Você ainda espera que ela volte? A Sra. Gail Wynand... Maldita seja!

Roark disse, sem ênfase:

– Cale a boca, Steve.

Mallory sussurrou:

– Desculpe.

Roark andou até sua prancheta e falou, sua voz normal outra vez:

– Vá para casa, Steve, e esqueça o Bradley. Eles vão ficar todos processando uns aos outros, agora, mas nós não seremos arrastados para dentro disso e eles não vão destruir Monadnock. Esqueça e dê o fora. Eu tenho que trabalhar.

Ele empurrou o jornal para fora da prancheta com um dos cotovelos e inclinou-se sobre as folhas de papel de desenho.



Houve um escândalo sobre as revelações dos métodos de financiamento por trás do Vale Monadnock, houve um julgamento, uns poucos cavalheiros sentenciados a cumprir pena na penitenciária, e uma nova administração que assumiu Monadnock em nome dos acionistas. Roark não foi envolvido. Ele estava ocupado e esqueceu-se de ler as matérias sobre o julgamento nos jornais. O Sr. Bradley admitiu, em um pedido de desculpas a seus sócios, que jamais poderia ter esperado que um resort construído com base em um plano maluco e insociável fizesse sucesso.

– Eu fiz tudo o que pude. Escolhi o pior tolo que pude encontrar.

Então Austen Heller escreveu um artigo sobre Howard Roark e o Vale Monadnock. Ele falou de todos os prédios que Roark projetara e colocou em palavras as coisas que Roark expressara em estruturas. Só que não eram as palavras habitualmente reservadas de Austen Heller, era um grito feroz de admiração e de raiva: “E que sejamos amaldiçoados se a grandeza tem que chegar a nós por meio da fraude!”

O artigo deu início a uma violenta controvérsia nos círculos artísticos.

– Howard – disse Mallory um dia, alguns meses depois –, você é famoso.

– Sim – reconheceu Roark –, suponho que sim.

– Três quartos deles não sabem do que se trata, mas ouviram o outro quarto brigar pelo seu nome e, portanto, agora sentem que devem pronunciá-lo com respeito. Do quarto que briga, quatro décimos são aqueles que odeiam você, três décimos são os que sentem que devem expressar uma opinião em qualquer controvérsia, dois décimos são os que não correm riscos e anunciam qualquer “descoberta”, e um décimo são aqueles que compreendem. Mas todos eles descobriram, de repente, que existe um Howard Roark e que ele é um arquiteto. O *Boletim da AAA* refere-se a você como um grande talento, porém rebelde, e o Museu do Futuro pendurou fotografias do Monadnock, da Residência Enright, do Edifício Cord e do Aquitânia sob um vidro lindo... ao lado da sala onde exibem os projetos de Gordon L. Prescott. Ainda assim, estou contente.

Kent Lansing disse, certa noite:

– Heller fez um trabalho magnífico. Lembra-se, Howard, do que eu lhe disse, uma vez, sobre a psicologia de um pretzel? Não despreze o intermediário. Ele é necessário. Alguém tinha que dizer a eles. São necessários dois para criar cada grande carreira: o grande homem, e o homem, quase mais raro ainda, que é grande o suficiente para enxergar a grandeza e mostrá-la.

Ellsworth Toohey escreveu: “O paradoxo em todo esse alarido absurdo é o fato de o Sr. Caleb Bradley ser vítima de uma grave injustiça. Sua ética está exposta à censura, mas sua estética foi irrepreensível. Ele demonstrou ter um discernimento mais correto, no que se refere ao mérito arquitetônico, do que o Sr. Austen Heller, o reacionário fora de moda que sem mais nem menos se tornou crítico de arte. O Sr. Caleb Bradley foi martirizado pelo mau gosto de seus locatários. Na opinião desta coluna, sua sentença deveria ter sido atenuada, em reconhecimento à sua discriminação artística. O Vale Monadnock é uma fraude – mas não meramente uma fraude financeira.”

Houve pouca reação à fama de Roark entre os sólidos cavalheiros de posses, que eram a fonte mais estável de trabalhos de arquitetura. Os homens que haviam dito “Roark? Nunca ouvi falar nele” agora diziam “Roark? Ele provoca muita agitação”.

Entretanto, houve outros que ficaram impressionados pelo simples fato de Roark ter construído um lugar que rendeu dinheiro para proprietários que não queriam ganhar dinheiro, o que era mais convincente do que discussões artísticas abstratas. E havia o décimo que compreendia. No ano seguinte ao Vale Monadnock, Roark construiu duas residências particulares em Connecticut, um cinema em Chicago e um hotel em Filadélfia.

Na primavera de 1936, uma cidade do Oeste concluiu os planos para uma Feira Mundial que seria realizada no ano seguinte, uma exposição internacional

intitulada “A Marcha dos Séculos”. O comitê encarregado do projeto, formado por líderes cívicos distintos, escolheu um conselho dos melhores arquitetos do país para projetar a feira. Os líderes cívicos queriam ser nitidamente progressistas. Howard Roark foi um dos oito arquitetos selecionados.

Quando recebeu o convite, Roark compareceu diante do comitê e explicou que ficaria feliz em projetar a feira – sozinho.

– Não pode estar falando sério, Sr. Roark – declarou o presidente do comitê. – Afinal de contas, com um empreendimento estupendo desta natureza, queremos os melhores que se pode ter. Quero dizer, duas cabeças pensam melhor que uma, você sabe, e oito cabeças... ora, você mesmo pode ver, os melhores talentos do país, os nomes mais famosos, você sabe, consulta amigável, cooperação e colaboração... Você sabe o que cria grandes realizações.

– Sei.

– Então percebe...

– Se me quiserem, terão que me deixar fazer tudo sozinho. Eu não trabalho com conselhos.

– Você quer recusar uma oportunidade como esta, um lugar na história, uma chance de fama mundial, praticamente uma chance de imortalidade...

– Eu não trabalho com coletivos. Não consulto, não coopero, não colabo.

Houve uma grande quantidade de comentários irados sobre a recusa de Roark nos círculos de arquitetura. As pessoas disseram:

– O desgraçado, convencido!

A indignação foi intensa e crua demais para uma mera fofoca profissional. Cada homem entendeu a recusa como um insulto pessoal. Cada um deles sentia-se qualificado para alterar, aconselhar e melhorar o trabalho de qualquer homem vivo.

“O incidente ilustra com perfeição”, escreveu Ellsworth Toohey, “a natureza antissocial do egotismo do Sr. Howard Roark, a arrogância do individualismo desenfreado que ele sempre personificou.”

Entre os oito escolhidos para projetar “A Marcha dos Séculos” estavam Peter Keating, Gordon L. Prescott e Ralston Holcombe. Keating disse, quando viu a lista do conselho:

– Eu não vou trabalhar com Howard Roark. Vocês terão que escolher: é ele ou eu.

Ele foi informado que o Sr. Roark havia se recusado a participar. Keating assumiu a liderança do conselho. Os relatos da imprensa sobre o progresso da construção da feira referiam-se a “Peter Keating e seus associados”.

Keating adquirira uma conduta mordaz e intratável nos últimos anos. Bradava ordens rispidamente e perdia a paciência diante das menores dificuldades. Quando perdia a paciência, gritava com as pessoas. Tinha um vocabulário de insultos que continham uma malícia corrosiva, traiçoeira, quase feminina. Seu

rosto estava sempre emburrado.

No outono de 1936, Roark mudou seu escritório para o último andar do Edifício Cord. Ele pensara, quando projetara esse prédio, que seria o lugar de seu escritório algum dia. Quando viu a placa “Howard Roark, Arquiteto” em sua nova porta, parou por um instante. Em seguida, entrou no escritório. Sua própria sala, ao final de um longo conjunto de salas, tinha três paredes de vidro bem acima da cidade. Ele parou no meio da sala. Através dos amplos painéis de vidro, podia ver a loja Fargo, a Residência Enright, o Hotel Aquitânia. Andou até as janelas que davam para o sul e ficou ali por muito tempo. Na ponta de Manhattan, bem ao longe, ele podia ver o Edifício Dana, de Henry Cameron.

Em uma tarde de novembro, ao retornar ao escritório após uma visita ao local de uma casa em construção, em Long Island, Roark entrou na recepção, sacudindo sua capa de chuva encharcada, e viu um olhar de entusiasmo reprimido no rosto de sua secretária. Ela estivera esperando impacientemente por sua volta.

– Sr. Roark, isto deve ser algo muito grande – disse ela. – Marquei um horário para o senhor, às três horas da tarde, amanhã. No escritório dele.

– No escritório de quem?

– Ele telefonou há meia hora. O Sr. Gail Wynand.

HAVIA UMA PLACA PENDURADA acima da porta de entrada, uma reprodução do cabeçalho do jornal:

NEW YORK BANNER

A placa era pequena, uma afirmação de fama e poder que não precisava de ênfase; era como um sorriso belo e zombeteiro que justificava a feiura desnuda do prédio. O edifício era uma fábrica que desprezava todos os ornamentos, exceto as implicações daquele cabeçalho.

O saguão de entrada parecia a boca de uma fornalha. Os elevadores sugavam e cuspiam uma corrente de combustível humano. As pessoas não corriam, mas moviam-se com uma pressa silenciosa, impulsionadas por um propósito. Ninguém se demorava naquele saguão. As portas dos elevadores clicavam como válvulas, com um ritmo pulsante em seu som. Gotas de vermelho e verde piscavam em um quadro na parede, sinalizando a progressão dos elevadores. Parecia que tudo naquele prédio era gerido por quadros de controle semelhantes, nas mãos de uma autoridade consciente de cada movimento, como se o prédio fluísse com uma energia canalizada, funcionando tranquilamente, em silêncio – uma máquina magnífica que nada poderia destruir. Ninguém prestou atenção no homem ruivo que se deteve no saguão por um momento.

Howard Roark ergueu a cabeça para olhar para a abóbada ladrilhada. Ele nunca havia odiado ninguém. Em algum lugar desse prédio estava o seu dono, o homem que provocara nele seu sentimento mais próximo do ódio.

Gail Wynand olhou de relance para o pequeno relógio sobre sua escrivaninha. Em poucos minutos, ele tinha hora marcada com um arquiteto. A entrevista, pensou ele, não seria difícil. Conduzira muitas entrevistas como essa em sua vida. Precisava apenas falar, sabia o que queria dizer, e nada era exigido do arquiteto além de uns poucos sons de compreensão.

Seu olhar desviou-se do relógio e voltou às folhas de provas sobre sua escrivaninha. Leu um editorial de Alvah Scarret sobre os esquilos alimentados pelo público no Central Park e uma coluna de Ellsworth Toohey sobre os grandes méritos de uma exposição de quadros pintados pelos funcionários do Departamento Municipal de Saneamento. Um interfone soou sobre sua escrivaninha, e a voz de sua secretária anunciou:

– O Sr. Howard Roark, Sr. Wynand.

– Está bem – disse Wynand, desligando o botão.

Ao retirar sua mão, ele notou a fileira de botões na beira de sua escrivaninha, botões pequenos e brilhantes com um código de cores próprio, cada um representando a ponta de um fio que se estendia até determinada parte do prédio, cada fio controlando um homem, cada homem controlando muitos homens sob

suas ordens, cada grupo de homens contribuindo para o formato final das palavras no papel, que entrariam em milhões de lares, em milhões de cérebros humanos – esses pequenos botões de plástico colorido, ali sob seus dedos. Todavia, ele não teve tempo de entreter-se com o pensamento, pois a porta de sua sala se abriu, e ele afastou a mão dos botões.

Wynand não teve certeza se perdeu um momento, se não se levantou de imediato, como requeria a cortesia, mas permaneceu sentado, olhando para o homem que entrou. Talvez houvesse se levantado imediatamente e apenas lhe parecesse que um longo tempo havia passado antes de seu movimento. Roark não teve certeza se parou ao entrar na sala, se interrompeu seu movimento e ficou olhando para o homem atrás da escrivaninha. Talvez não tivesse havido nenhuma interrupção em seus passos e apenas lhe parecesse que parara. No entanto, houve um momento em que ambos se esqueceram da realidade imediata, em que Wynand se esqueceu de seu propósito ao chamar esse homem, em que Roark esqueceu-se de que aquele sujeito era o marido de Dominique, em que nenhuma porta, escrivaninha ou espaço atapetado existiu, somente a consciência total, para cada um, do homem diante dele, somente dois pensamentos se encontrando no meio da sala: “Este é Gail Wynand”, “Este é Howard Roark”.

Então Wynand levantou-se, a mão fazendo um gesto de simples convite, movendo-se em direção à cadeira ao lado de sua escrivaninha, Roark aproximou-se e sentou, e eles não repararam que não haviam se cumprimentado.

Wynand sorriu e disse, de forma muito simples, o que nunca tivera a intenção de dizer:

– Não acho que você vá querer trabalhar para mim.

– Eu quero trabalhar para você – afirmou Roark, que fora até lá preparado para recusar.

– Você viu o tipo de coisas que eu construí?

– Vi.

Wynand sorriu.

– Isso é diferente. Não é para o meu público. É para mim.

– Nunca construiu nada para si mesmo antes?

– Não... se não contarmos a jaula que tenho no alto de um prédio e esta velha fábrica de impressão aqui. Você pode me dizer por que nunca erigi uma construção própria, tendo os meios para construir uma cidade inteira, se desejasse? Eu não sei. Acho que você saberia.

Esqueceu-se de que não permitia aos homens que contratava a presunção de fazer qualquer especulação pessoal sobre ele.

– Porque você era infeliz – respondeu Roark.

Ele falou isso sem afetação, sem insolência, como se nada além da honestidade total lhe fosse possível ali. Isso não era o começo de uma entrevista,

era o meio. Era como a continuação de algo começado muito tempo atrás.

Wynand disse:

– Esclareça.

– Acho que você entendeu.

– Quero ouvi-lo explicar.

– A maioria das pessoas constrói da mesma forma que vive: como uma questão de rotina e um acaso sem razão. Mas alguns poucos compreendem que construir é um grande símbolo. Nós vivemos em nossas mentes, e a existência é a tentativa de trazer essa vida para a realidade física, para declará-la em gesto e forma. Para o homem que entende isso, a casa que ele possui é uma declaração de sua vida. Se ele não constrói, mesmo tendo os meios, é porque sua vida não foi o que ele queria.

– Não acha que é um absurdo dizer isso justamente para mim?

– Não.

– Eu também não.

Roark sorriu. Wynand continuou:

– Mas você e eu somos as duas únicas pessoas que diriam isso, as duas partes disso: que eu não tive o que queria, ou que eu poderia ser incluído entre os poucos que podem entender qualquer tipo de grandes símbolos. Você não quer retirar isso também?

– Não.

– Quantos anos você tem?

– Trinta e seis.

– Eu já era dono da maioria dos jornais que tenho agora, quando tinha 36 anos.

– Acrescentou: – Eu não quis dizer isso como nenhum tipo de comentário pessoal. Não sei por que falei. Simplesmente pensei isso.

– O que quer que eu construa para você?

– Minha casa.

Wynand sentiu que as duas palavras tiveram um impacto em Roark que transcendia qualquer significado normal que poderiam ter. Ele percebeu isso sem razão. Queria perguntar “Qual é o problema?”, mas não podia, uma vez que Roark na verdade não havia demonstrado nada.

– Você estava correto em seu diagnóstico – comentou Wynand –, porque, sabe, agora eu realmente quero construir a minha própria casa. Agora não tenho medo de uma forma visível para a minha vida. Se quiser que eu fale diretamente, como você fez, agora eu sou feliz.

– Que tipo de casa?

– No campo. Eu comprei o terreno, uma propriedade em Connecticut, duzentos hectares. Que tipo de casa? Você é que vai decidir.

– A Sra. Wynand me escolheu para realizar o trabalho?

– Não. A Sra. Wynand não sabe nada sobre isso. Fui eu que quis sair da cidade,

e ela concordou. Eu, de fato, lhe pedi que escolhesse o arquiteto. Minha esposa era conhecida como Dominique Francon; ela escrevia sobre arquitetura. Mas preferiu deixar a escolha comigo. Quer saber por que eu o escolhi? Levei muito tempo para decidir. Eu me senti totalmente perdido, no começo. Nunca tinha ouvido falar de você. Não conhecia absolutamente nenhum arquiteto. Digo isso literalmente, e não estou me esquecendo dos anos que passei no mercado imobiliário, das coisas que construí e dos imbecis que as projetaram para mim. Essa casa não é um Stoneridge, é... – como você a chamou?... uma declaração da minha vida. Então eu vi Monadnock. Foi a primeira coisa que me fez lembrar do seu nome. Mas eu dei a mim mesmo um longo período de avaliação. Viajei pelo país, olhando casas, hotéis, todos os tipos de prédios. Toda vez que eu via um de que gostava e perguntava quem o havia projetado, a resposta era sempre a mesma: Howard Roark. Portanto, eu o chamei. – E acrescentou: – Posso lhe dizer quanto eu admiro o seu trabalho?

– Obrigado – falou Roark. E fechou os olhos por um instante.

– Sabe, eu não queria conhecê-lo.

– Por quê?

– Já ouviu falar da minha galeria de arte?

– Sim.

– Nunca conheço pessoalmente os homens cujo trabalho eu admiro. O trabalho significa muito para mim. Não quero que os homens o estraguem. Normalmente é o que acontece. Eles são um anticlimax de seu próprio talento. Você não é. Eu não me importo de conversar com você. Eu só lhe disse isso porque quero que você saiba que respeito muito pouco na vida, mas respeito as obras na minha galeria, e os seus prédios, e a capacidade do homem de produzir trabalhos como esses. Talvez seja a única religião que eu sempre tive.

Ele deu de ombros.

– Acho que eu destruí, perverti e corrompi quase tudo o que existe. Mas nunca toquei nisso. Por que está me olhando assim?

– Desculpe. Por favor, fale-me sobre a casa que você quer.

– Quero que seja um palácio, porém não acho que os palácios sejam muito luxuosos. São tão grandes, tão promiscuamente públicos. O verdadeiro luxo está em uma casa pequena. Uma residência para somente duas pessoas: minha esposa e eu. Não será necessário reservar espaço para uma família, não pretendemos ter filhos. Nem para convidados, não pretendemos receber. Um quarto de hóspedes, caso venha a ser necessário, porém não mais que isso. Sala de estar, sala de jantar, biblioteca, dois escritórios, um quarto. Aposentos dos empregados, garagem. Essa é a ideia geral. Eu lhe darei os detalhes depois. O custo, o que quer que você precise. A aparência... – Ele sorriu, dando de ombros. – Eu vi os seus prédios. O homem que quiser lhe dizer que aparência uma casa deve ter tem que ser capaz de projetá-la melhor... ou calar a boca. Somente vou

dizer que quero que a minha casa tenha a qualidade Roark

– O que é isso?

– Acho que você entendeu.

– Quero ouvi-lo explicar.

– Acho que alguns prédios são exibicionistas baratos, só fachada, e alguns são covardes, pedindo desculpas por si mesmos em cada tijolo, e alguns são eternamente inadequados, malfeitos, mal-intencionados e falsos. Os seus prédios têm um senso acima de tudo: um senso de alegria. Não uma alegria serena, mas um tipo de alegria difícil e exigente. O tipo que faz uma pessoa sentir-se como se fosse uma realização experimentá-la. Nós olhamos e pensamos: “Se eu posso sentir isso, sou uma pessoa melhor.”

Roark disse lentamente, não em tom de resposta:

– Suponho que fosse inevitável.

– O quê?

– Que você visse isso.

– Por que diz isso como se... lamentasse que eu seja capaz de ver?

– Eu não lamento.

– Ouça, não me censure pelas coisas que eu construí antes.

– Eu não censuro.

– Foram todos aqueles Stoneridges e hotéis Noyes-Belmont... e os jornais Wynand... que tornaram possível para mim ter uma casa feita por você. Não é um luxo que vale a pena conquistar? Importa como? Eles foram os meios. Você é o fim.

– Você não tem que se justificar para mim.

– Eu não estava me just... Sim, acho que era isso que eu estava fazendo.

– Não precisa. Eu não estava pensando no que você construiu.

– Em que estava pensando?

– Que eu fico indefeso diante de qualquer um que vê o que você viu nos meus prédios.

– Você sentiu que precisava de uma defesa contra mim?

– Não. É só que eu não costumo me sentir indefeso.

– Eu também não costumo ser impelido a me justificar. Então... está tudo bem, não está?

– Está.

– Eu tenho que lhe dizer muito mais sobre a casa que quero. Suponho que um arquiteto seja como um padre confessor, que deve saber tudo a respeito das pessoas que viverão em sua residência, uma vez que o que ele lhes dá é mais pessoal do que suas roupas ou comida. Por favor, julgue a situação nesse espírito e perdoe-me se notar que é difícil para mim dizer isso... Eu nunca me confessei. Na verdade, eu quero essa casa porque estou desesperadamente apaixonado por minha esposa... Qual é o problema? Você acha que é uma afirmação

irrelevante?

– Não. Continue.

– Eu não suporto ver a minha mulher entre outras pessoas. Não é ciúme. É muito mais e muito pior. Não suporto vê-la andando pelas ruas de uma cidade. Não posso compartilhá-la, nem com lojas, teatros, táxis ou calçadas. Eu tenho que levá-la embora. Tenho que colocá-la fora de alcance, onde nada possa tocá-la, em nenhum sentido. Essa casa deve ser uma fortaleza. Meu arquiteto deve ser o meu guardião.

Roark olhava diretamente para ele. Tinha que manter seus olhos em Wynand para conseguir escutar. O empresário sentiu o esforço naquele olhar, mas não o reconheceu como esforço, apenas como força. Ele se sentiu apoiado pelo olhar. Descobriu que não era difícil confessar nada.

– Essa casa deve ser uma prisão. Não, não é bem isso. Uma caixa-forte, um cofre para guardar coisas preciosas demais para serem vistas. Mas tem que ser mais. Tem que ser um mundo à parte, tão linda que nós nunca sentiremos falta do mundo que deixamos para trás. Uma prisão somente pelo poder de sua própria perfeição. Não barras e fortificações, mas o seu talento impondo-se como uma parede entre nós e o mundo. É isso o que eu quero de você. E mais. Você já construiu um templo?

Por um momento, Roark não teve forças para responder. Mas viu que a pergunta era genuína; Wynand não sabia.

– Sim – respondeu Roark.

– Então pense neste projeto como você pensaria em um templo. Um templo a Dominique Wynand... Quero que você a conheça antes de projetar a casa.

– Eu conheci a Sra. Wynand há alguns anos.

– Conheceu? Então você compreende.

– Compreendo.

Wynand viu a mão de Roark sobre a beirada de sua escrivaninha, os dedos longos pressionados contra o vidro, ao lado das provas do *Banner*. As provas estavam dobradas descuidadamente; ele viu o cabeçalho “Uma Pequena Voz” na página por cima. Olhou para a mão de Roark. Pensou que gostaria de mandar fazer um peso de papel de bronze igual a essa mão e em como ele ficaria lindo sobre sua escrivaninha.

– Agora você sabe o que eu quero. Vá em frente. Comece já. Largue qualquer outra coisa que esteja fazendo. Eu pagarei o que você quiser. Quero a casa até o verão... Ah, perdão. Ligações demais com arquitetos ruins. Eu não perguntei se você quer fazê-la.

A mão de Roark moveu-se primeiro; ele tirou-a da escrivaninha.

– Sim – respondeu Roark – Eu vou fazê-la.

Wynand viu as marcas das pontas dos dedos deixadas no vidro, distintas como se a pele houvesse cortado sulcos na superfície e estes estivessem úmidos.

– Quanto tempo levará? – perguntou Wynand.

– Você a terá até julho.

– Você tem que ver o local, é claro. Eu mesmo quero mostrá-lo a você. Posso levá-lo até lá, amanhã de manhã?

– Se quiser.

– Esteja aqui às nove.

– Está bem.

– Quer que eu redija um contrato? Não tenho a mínima ideia de como você prefere trabalhar. Via de regra, antes de lidar com um homem, em qualquer tipo de situação, eu faço questão de saber tudo sobre ele, desde o dia de seu nascimento, ou antes. Eu nunca verifiquei nada a seu respeito. Simplesmente me esqueci. Não parecia necessário.

– Posso responder a qualquer pergunta que você queira fazer.

Wynand sorriu e sacudiu a cabeça.

– Não. Não há nada que eu precise lhe perguntar. Exceto em relação aos pormenores do negócio.

– Eu nunca imponho nenhuma condição, exceto uma: se você aprovar os desenhos preliminares da casa, ela deverá ser construída como eu a desenhei, sem nenhum tipo de alteração.

– Certamente. Estamos entendidos. Ouvi dizer que você não trabalha de outra forma. Mas você vai se importar se eu não lhe der nenhuma publicidade com relação a essa casa? Sei que o ajudaria profissionalmente, mas eu quero manter esse prédio fora dos jornais.

– Eu não vou me importar.

– Promete não liberar fotos dela para publicação?

– Prometo.

– Obrigado. Eu o compensarei por isso. Pode considerar os jornais Wynand a sua assessoria de imprensa pessoal. Eu lhe darei quanta publicidade você desejar, em qualquer outro trabalho seu.

– Não quero nenhuma publicidade.

Wynand deu uma gargalhada.

– Que coisa para se dizer, e em que lugar! Acho que você não tem a mínima ideia de como os seus colegas arquitetos teriam conduzido esta entrevista. Não creio que você esteve realmente consciente, em nenhum momento, de que estava falando com Gail Wynand.

– Estive, sim – disse Roark.

– Esse foi o meu modo de lhe agradecer. Nem sempre eu gosto de ser Gail Wynand.

– Eu sei disso.

– Vou mudar de ideia e lhe fazer uma pergunta pessoal. Você disse que responderia a qualquer coisa.

– Eu responderei.

– Você sempre gostou de ser Howard Roark?

Roark sorriu. O sorriso era divertido, perplexo, involuntariamente desdenhoso.

– Você já respondeu – falou Wynand.

Então ele se levantou e disse, estendendo a mão:

– Às nove horas, amanhã de manhã.

Depois que Roark saiu, Wynand sentou-se atrás de sua escrivaninha, sorrindo. Moveu sua mão em direção a um dos botões de plástico... e deteve-se. Percebeu que tinha que assumir uma conduta diferente, sua conduta habitual, que não podia falar como falara na última meia hora. Foi então que compreendeu o que fora estranho na entrevista: pela primeira vez na vida, ele falara com um homem sem sentir a relutância, a sensação de pressão, a necessidade de dissimulação que sempre experimentara quando falava com as pessoas. Não houve nenhuma tensão nem nenhuma necessidade de tensão. Como se ele houvesse falado consigo mesmo.

Ele apertou o botão e disse à sua secretária:

– Mande o arquivo morto me enviar tudo o que tiverem sobre Howard Roark



– Adivinhe só – disse Alvah Scarret, sua voz implorando para que lhe implorassem por sua informação.

Ellsworth Toohey acenou com a mão impacientemente, em um movimento de pouco caso, sem erguer os olhos de sua escrivaninha.

– Vá embora, Alvah. Estou ocupado.

– Mas isto é interessante, Ellsworth. Sério, é interessante. Eu sei que você vai querer saber.

Toohey ergueu a cabeça e olhou para ele, a leve contração de tédio nos cantos de seus olhos deixando que Scarret entendesse que esse momento de atenção era um favor. Ele falou, arrastando a voz em um tom que enfatizava sua condescendência:

– Tudo bem. O que é?

Scarret não viu nenhum motivo para se ressentir da atitude de Toohey. O crítico tratava-o assim havia um ano ou mais. Scarret não notara a transição no relacionamento entre eles. Quando percebeu a mudança, era tarde demais para ficar magoado com ela, pois já se tornara normal para ambos.

Scarret sorriu como um aluno brilhante que espera que o professor o elogie por haver descoberto um erro no livro escrito pelo próprio professor.

– Ellsworth, o seu FBI particular está falhando.

– De que você está falando?

– Aposto que você não sabe o que Gail tem feito... E você sempre faz tanta

questão de se manter informado.

– O que é que eu não sei?

– Adivinhe quem esteve na sala dele hoje.

– Meu caro Alvah, eu não tenho tempo para jogos de adivinhação.

– Você não adivinharia nem em mil anos.

– Muito bem, já que o único jeito de me livrar de você é brincar de palhaço coadjuvante em um espetáculo de vaudeville, eu farei a pergunta apropriada: quem esteve na sala do querido Gail hoje?

– Howard Roark

Toohey virou-se para ele, encarando-o, esquecendo-se de controlar sua reação, e disse, incrédulo:

– Não!

– Sim! – confirmou Scarret, orgulhoso do efeito.

– Puxa! – exclamou Toohey, e caiu na gargalhada.

Scarret deu um meio sorriso, indeciso, confuso, ansioso para rir também, mas sem saber exatamente qual era a causa do divertimento.

– Sim, é engraçado. Mas... por que exatamente, Ellsworth?

– Ah, Alvah, levaria tanto tempo para lhe dizer...

– Eu imaginei que talvez levasse...

– Você não tem nenhuma noção do espetacular, Alvah? Não gosta de fogos de artifício? Se quiser saber o que esperar, pense apenas que as piores guerras são guerras religiosas entre seitas da mesma religião, ou guerras civis entre irmãos da mesma raça.

– Eu não estou conseguindo seguir seu raciocínio.

– Ah, meu caro, eu tenho tantos seguidores que eles me saem pelas orelhas.

– Bem, fico contente que você esteja se divertindo tanto com essa história, mas eu achei que era ruim.

– É claro que é ruim. Mas não para nós.

– Mas veja: você sabe como nós nos expusemos, você em especial, alegando que esse Roark praticamente é o pior arquiteto da cidade, e, se agora o nosso próprio chefe o contrata... não vai ser constrangedor?

– Ah, isso?... Talvez...

– Bem, estou contente por você estar reagindo assim.

– O que ele estava fazendo na sala do Wynand? É um trabalho?

– É isso que eu não sei. Não consegui descobrir. Ninguém sabe.

– Você ouviu alguma coisa sobre o Sr. Wynand estar planejando construir algo, ultimamente?

– Não. E você?

– Não. Acho que o meu FBI *está* falhando mesmo. Bem, nós fazemos o melhor que podemos.

– Mas, sabe, Ellsworth, eu tive uma ideia. Tive uma ideia sobre como isso

poderia ser bastante útil para nós.

– Que ideia?

– Ellsworth, o Gail tem estado impossível ultimamente.

Scarret proclamou isso num tom solene, com o ar de quem comunica uma descoberta. Toohey ficou ouvindo, meio que sorrindo.

– Bem, claro, você previu isso, Ellsworth. Você tinha razão. Sempre tem razão. Por nada deste mundo eu consigo descobrir o que está acontecendo com ele, se é Dominique, ou algum tipo de mudança de vida, ou o quê, mas algo está acontecendo. Por que ele tem ataques de repente e começa a ler cada maldita linha de cada maldita edição e faz um escândalo pelas razões mais bobas? Recentemente, ele matou três dos meus melhores editoriais, e ele nunca tinha feito isso comigo antes. Nunca. Sabe o que ele me disse? “A maternidade é algo maravilhoso, Alvah, mas, pelo amor de Deus, vá mais devagar na quantidade de asneiras. Há um limite até para a depravação intelectual.” Que depravação? Foi o editorial de Dia das Mães mais terno que eu já escrevi. Sério, eu mesmo fiquei emocionado. Desde quando ele aprendeu a falar sobre depravação? Outro dia, ele chamou Jules Fougler de “mente de loja em liquidação” bem na cara dele e jogou o editorial de domingo dele na lata de lixo. E era um ótimo artigo também, sobre o Teatro dos Trabalhadores. Fougler, nosso melhor colunista! Não é de admirar que Gail já não tenha mais nenhum amigo aqui. Se eles já o odiavam antes, você tinha que ouvir o que dizem agora!

– Eu ouvi.

– Ele está perdendo o controle, Ellsworth. Não sei o que faria se não fosse por você e o grupo formidável de pessoas que você escolheu. Aqueles seus jovens são praticamente toda a nossa atual equipe de trabalho, não as nossas velhas vacas sagradas, que não conseguem mais escrever direito depois de tanto tempo fazendo isso. Aqueles garotos brilhantes manterão o *Banner* funcionando. Mas Gail... Ouça, na semana passada ele despediu Dwight Carson. Sabe, eu acho que isso foi significativo. Claro, Dwight não passava de um peso morto e de um maldito incômodo, mas ele foi o primeiro daqueles mascotes especiais de Gail, os rapazes que venderam suas almas. Por isso, de certa forma, eu gostava de ter Dwight por perto, era normal, era saudável, era uma relíquia dos melhores tempos de Gail. Eu sempre disse que era a válvula de escape de Gail. E quando ele, de repente, mandou Carson embora... eu não gostei, Ellsworth. Não gostei nem um pouco.

– O que é isso, Alvah? Você quer me contar algo que eu não sei, ou quer apenas desabafar no meu ombro?

– Acho que só desabafar. Eu não gosto de criticar Gail, mas estou tão fudo da vida há tanto tempo que estou ficando louco. Mas aonde eu quero chegar é: esse Howard Roark em que ele faz você pensar?

– Eu poderia escrever um livro inteiro sobre isso, Alvah. Com certeza, este não

é o momento apropriado para embarcar nesse tipo de empreitada.

– Não, mas o que quero dizer é: o que realmente sabemos sobre ele? Que ele é um excêntrico, uma aberração e um idiota, tudo bem, porém o que mais? Que ele é um daqueles idiotas que você não pode fazer mudar de ideia usando amor, nem dinheiro, nem um canhão? Ele é pior do que Dwight Carson, pior do que todos os mascotes do Gail juntos. E então? Entendeu o que quero dizer? O que Gail vai fazer quando enfrentar um homem desse tipo?

– Uma entre várias coisas possíveis.

– Só uma coisa, se eu conheço Gail, e eu o conheço. É por isso que me sinto um pouco esperançoso. É disso que ele está precisando há muito tempo. Uma dose de seu antigo remédio. A válvula de escape. Ele vai se dedicar a destruir esse cara, e isso vai ser bom para Gail. A melhor coisa do mundo. Vai fazê-lo voltar ao normal... Essa era a minha ideia, Ellsworth.

Ele esperou, mas não viu nenhum entusiasmo lisonjeiro no rosto de Toohey, e concluiu, de forma pouco convincente:

– Bem, eu posso estar errado... Não sei... Talvez não signifique nada... Só achei que era psicologia...

– Era isso mesmo, Alvah.

– Então você acha que vai ser assim?

– Pode ser. Ou pode ser muito pior do que qualquer coisa que você imagine. Mas não tem mais nenhuma importância para nós. Porque, sabe, Alvah, no que se refere ao *Banner*, se a situação chegar ao ponto de um confronto entre nós e nosso chefe, nós não temos mais que ter medo do Sr. Gail Wynand.



Quando o rapaz do arquivo morto entrou, carregando um envelope grosso cheio de recortes, Wynand ergueu o olhar de sua escrivaninha e disse:

– Tudo isso? Eu não sabia que ele era tão famoso.

– Bem, é o julgamento Stoddard, Sr. Wynand.

O jovem parou. Não havia nada errado, apenas as saliências na testa de Wynand, e ele não conhecia aquele homem o suficiente para saber o que elas significavam. Perguntou-se o que o fizera sentir-se como se devesse ter medo. Após uma pausa, Wynand disse:

– Está bem. Obrigado.

O rapaz depositou o envelope sobre a superfície de vidro da escrivaninha e retirou-se.

Wynand ficou olhando para a forma volumosa de papel amarelo. Viu-a refletida no vidro, como se o volume houvesse corroído a superfície e criado raízes em sua mesa. Olhou para as paredes de sua sala e perguntou-se se elas conteriam um poder que pudesse salvá-lo de abrir aquele envelope.

Então endireitou-se, posicionou os dois antebraços numa linha reta paralela à borda da escrivaninha, com os dedos retos e encostados uns nos outros, olhou para baixo, além de seu nariz, para a superfície da escrivaninha, ficou sentado imóvel por um instante, solene, orgulhoso, controlado, como a múmia descarnada de um faraó, então mexeu uma das mãos, puxou o envelope, abriu-o e começou a ler.

“Sacrilégio”, de Ellsworth M. Toohey, “As igrejas de nossa infância”, de Alvah Scarret, editoriais, sermões, discursos, declarações, cartas dos leitores, o *Banner* liberado e engajado com força total, fotografias, quadrinhos, entrevistas, respostas a reclamações, cartas dos leitores.

Ele leu cada palavra, metodicamente, suas mãos na beira da escrivaninha, os dedos encostados, sem levantar os recortes, sem tocar neles, lendo-os conforme chegavam ao topo da pilha, mexendo a mão apenas para virar um recorte e ler o que estava abaixo, mexendo a mão com um sincronismo perfeito, os dedos erguendo-se quando seus olhos liam a última palavra, sem permitir que o recorte permanecesse ao alcance da vista um segundo mais do que o necessário. Contudo, ele parou por muito tempo para olhar as fotografias do Templo Stoddard. Deteve-se mais tempo para olhar uma fotografia de Roark, a fotografia da exaltação, com o subtítulo “Feliz, Sr. Super-Homem?”. Rasgou-a da reportagem que ela ilustrava e guardou-a na gaveta de sua escrivaninha. Depois, continuou lendo.

O julgamento, os testemunhos de Ellsworth M. Toohey, de Peter Keating, de Ralston Holcombe, de Gordon L. Prescott, nenhuma citação do testemunho de Dominique Francon, apenas um breve relato. “A defesa encerra o caso.” Poucas menções em “Uma Pequena Voz”, depois um intervalo, o próximo recorte com data de três anos depois: o Vale Monadnock.

Era tarde quando ele terminou de ler. Suas secretárias já haviam saído. Ele teve a sensação de salas e saguões vazios ao seu redor. Porém ouviu o som das rotativas: uma vibração baixa e retumbante que atravessava cada sala. Ele sempre gostara disso: o som do coração do prédio pulsando. Escutou. Estavam imprimindo o *Banner* do dia seguinte. Permaneceu sentado, sem se mexer, por muito tempo.

ROARK E WYNAND ESTAVAM NO ALTO de uma colina, olhando para uma extensão de terra que se estendia em declive, numa longa curva gradual. Árvores desfolhadas erguiam-se no alto do monte e cobriam-na até a margem de um lago abaixo, seus galhos como composições geométricas esculpidas no ar. A cor do céu, um azul-esverdeado claro e frágil, tornava o ar mais frio. O frio lavava as cores da terra, revelando que não eram cores, mas apenas elementos dos quais a cor se originaria, o marrom morto não um marrom total, mas um futuro verde, o roxo cansado um prelúdio à chama, o cinza um preâmbulo ao ouro. A terra era como o esboço de uma grande história, como a estrutura de aço de um prédio – para ser preenchida e terminada, contendo todo o esplendor do futuro em uma simplificação nua.

– Onde você acha que a casa deveria ficar? – perguntou Wynand.

– Aqui – disse Roark.

– Eu estava torcendo para que essa fosse a sua escolha.

Wynand havia dirigido seu carro desde a cidade, e eles tinham caminhado durante duas horas pelas trilhas de sua nova propriedade, através de passagens desertas, através de uma floresta, passando o lago, subindo a colina. Agora Wynand esperava enquanto Roark olhava para o campo estendido a seus pés. O empresário indagava-se que escolhas esse homem estava reunindo, de todos os pontos da paisagem, em suas mãos.

Quando Roark virou-se para ele, Wynand perguntou:

– Posso falar com você agora?

– Claro.

Roark sorriu, entretido pela deferência que não havia requisitado.

A voz de Wynand soou clara e frágil, como a cor do céu acima deles, com a mesma qualidade de um esplendor verde gelado.

– Por que você aceitou este projeto?

– Porque sou um arquiteto que quer trabalhar.

– Você sabe o que quero dizer.

– Não tenho certeza de que sei.

– Você não me odeia?

– Não. Por que deveria?

– Quer que eu toque no assunto primeiro?

– Que assunto?

– O Templo Stoddard.

Roark sorriu.

– Então você foi me investigar depois que nos vimos ontem.

– Eu li os nossos recortes de notícias.

Ele esperou, mas Roark não disse nada.

– Todos eles.

Sua voz estava ríspida, metade desafio, metade apelo.

– Tudo o que dissemos sobre você.

A calma no rosto de Roark deixou-o furioso. Ele continuou, dando um valor lento e total a cada palavra:

– Nós o chamamos de tolo incompetente, principiante, charlatão, trapaceiro, egocêntrico...

– Pare de se torturar.

Wynand fechou os olhos, como se Roark tivesse batido nele. Após um momento, disse:

– Sr. Roark, você não me conhece muito bem. É melhor saber uma coisa: eu não peço desculpas. Nunca me desculpo por nenhuma de minhas ações.

– O que o fez pensar em um pedido de desculpas? Eu não pedi isso.

– Eu apoio cada um daqueles termos descritivos. Concordo com cada palavra impressa no *Banner*.

– Eu não pedi que os repudiasse.

– Eu sei o que você acha. Você entendeu que eu não sabia sobre o Templo Stoddard ontem. Eu havia me esquecido do nome do arquiteto envolvido. Você concluiu que não fui eu que liderei aquela campanha contra você. Tem razão, não fui eu, eu estava viajando na época. Mas o que você não entende é que a campanha foi feita no espírito verdadeiro e apropriado do *Banner*. Foi feita estritamente de acordo com a função do jornal. Ninguém além de mim é responsável por ela. Alvah Scarret estava só fazendo o que eu lhe ensinei. Se estivesse na cidade, eu teria feito o mesmo.

– Isso é sua prerrogativa.

– Você não acredita que eu teria feito?

– Não.

– Eu não lhe pedi elogios nem compaixão.

– Eu não posso fazer o que você está pedindo.

– O que pensa que estou pedindo?

– Que eu lhe dê um tapa na cara.

– Por que não faz isso?

– Eu não posso fingir uma raiva que não sinto – respondeu Roark – Não é compaixão. É muito mais cruel do que qualquer coisa que eu pudesse fazer. Só que eu não estou fazendo isso para ser cruel. Se eu lhe desse um tapa na cara, você me perdoaria pelo Templo Stoddard.

– É você quem deve buscar perdão?

– Não. Você gostaria que fosse eu. Você sabe que há um ato de perdão envolvido. Não tem certeza quanto aos atores. Você gostaria que eu o perdoasse... ou exigisse um pagamento, o que é a mesma coisa... e acredita que isso encerraria a questão. Mas, veja, eu não tenho nada a ver com isso. Não sou

um dos atores. Não importa o que eu faça ou sinta a respeito disso agora. Você não está pensando em mim. Eu não posso ajudá-lo. Não sou eu a pessoa de quem você tem medo neste momento.

– E quem é?

– Você mesmo.

– Quem lhe deu o direito de dizer tudo isso?

– Você.

– Bem, continue.

– Você quer ouvir o resto?

– Continue.

– Eu acho que o magoa saber que me fez sofrer. Você gostaria de não ter feito isso. E, entretanto, há algo que o assusta ainda mais: o conhecimento de que eu não sofri em absoluto.

– Continue.

– O conhecimento de que não estou sendo nem gentil nem generoso agora, mas simplesmente indiferente. Isso o assusta, porque você sabe que coisas como o Templo Stoddard sempre requerem pagamento, e você vê que eu não estou pagando por ele. Você ficou perplexo por eu ter aceitado este projeto. Acha que a minha aceitação exigiu coragem? Você precisou de muito mais coragem para me contratar. Sabe, é isso o que eu penso do Templo Stoddard. Eu o deixei para trás. Você, não.

Wynand deixou que seus dedos se abrissem, as palmas das mãos para fora. Seus ombros curvaram-se um pouco, relaxando. Ele disse, de maneira muito simples:

– Está bem. É verdade. Tudo.

Então endireitou-se, mas com um tipo de resignação silenciosa, como se seu corpo houvesse se tornado conscientemente vulnerável.

– Espero que você saiba que me deu uma surra, ao seu jeito – admitiu ele.

– Sim. E você a aguentou. Então você conseguiu o que queria. Podemos dizer que estamos quites e esquecer o Templo Stoddard?

– Ou você é muito sábio, ou eu estou sendo óbvio demais. Qualquer um dos dois é sua conquista. Ninguém jamais fez com que eu me tornasse óbvio antes.

– Ainda devo fazer o que você quer?

– O que acha que eu quero agora?

– Reconhecimento pessoal da minha parte. É a minha vez de ceder, não é?

– Você é pavorosamente honesto, não é?

– Por que não deveria ser? Não posso lhe dar o reconhecimento de me ter feito sofrer. Mas aceita que eu admita que você me deu prazer, não aceita? Muito bem, então. Estou contente por gostar de mim. Acho que você sabe que isso é uma exceção para mim, assim como levar uma surra é para você. Em geral, não me importo se gostam ou não de mim. Eu realmente me importo, desta vez.

Estou contente.

Wynand riu alto.

– Você é tão inocente e presunçoso quanto um imperador. Quando concede honras, apenas exalta a si mesmo. Que diabos o fez pensar que eu gostava de você?

– Você não vai querer explicações para isso. Já me recriminou uma vez por fazê-lo ser óbvio.

Wynand sentou-se em um tronco caído. Não disse nada, mas seu movimento foi um convite e uma exigência. Roark sentou-se a seu lado. O rosto do arquiteto estava controlado, mas permanecia nele o vestígio de um sorriso, divertido e vigilante, como se cada palavra que ouvisse fosse não uma revelação, mas uma confirmação.

– Você começou do nada, não foi? – perguntou Wynand. – Veio de uma família pobre.

– Sim. Como você sabia?

– Simplesmente porque parece uma presunção o pensamento de lhe dar qualquer coisa: um elogio, uma ideia ou uma fortuna. Eu comecei por baixo também. O que o seu pai fazia?

– Trabalhava numa siderúrgica.

– O meu era estivador. Você trabalhou em todo tipo de emprego esquisito quando era criança?

– Todo tipo. Na maioria, em ofícios ligados à construção.

– Eu fiz pior que isso. Fiz praticamente de tudo. De que emprego você gostou mais?

– O de apanhar rebites, na construção de estruturas de aço.

– Gostei de ser engraxate, em uma balsa do Hudson. Eu deveria ter odiado aquilo, mas não odiei. Não me lembro das pessoas, e sim da cidade, sempre lá, na margem, espalhada, esperando, como se eu estivesse amarrado a ela por uma tira de borracha. A tira esticava e me levava para a outra margem, mas sempre se retraía e eu voltava. Eu tinha a sensação de que nunca escaparia daquela cidade e de que ela nunca escaparia de mim.

Roark percebeu que Wynand raramente falava sobre sua infância, pela qualidade de suas palavras: eram nítidas e hesitantes, não marcadas pelo uso, como moedas que não haviam passado por muitas mãos.

– Alguma vez você chegou a ficar sem casa e a passar fome? – quis saber Wynand.

– Algumas vezes.

– Você se importou com isso?

– Não.

– Eu também não. Eu me importava com outra coisa. Você queria gritar, quando era criança, ao não ver nada além de incompetência abundante ao seu

redor, sabendo quantas coisas poderiam ser feitas, e feitas muito bem, mas sem ter o poder de fazê-las? Sem nenhum poder para estourar os crânios vazios ao seu redor? Tendo que receber ordens... e isso já é bem ruim... mas receber ordens dos seus inferiores! Você sentiu isso?

– Sim.

– Você empurrou a raiva para dentro de si, e guardou-a, e decidiu deixar-se ser despedaçado, se fosse necessário, para alcançar o dia em que dominaria aquelas pessoas, todas elas e tudo ao seu redor?

– Não.

– Não? Você se permitiu esquecer?

– Não. Eu detesto a incompetência. Acho que é provavelmente a única coisa que detesto de verdade. Mas isso não fez com que eu quisesse dominar as pessoas. Nem ensinar-lhes nada. Fez com que eu quisesse realizar meu próprio trabalho, do meu jeito, e deixar-me ser despedaçado, se fosse necessário.

– E você foi despedaçado?

– Não. Não de nenhuma forma que conte.

– Há alguma coisa que você se importe de lembrar?

– Não.

– Eu me importo. Houve uma noite. Eu fui espancado e me arrastei até uma porta. Eu me lembro do asfalto... estava bem embaixo do meu nariz... ainda posso vê-lo... tinha veios e manchas brancas... eu tinha que me certificar de que aquele asfalto se mexia... eu não conseguia sentir se estava me mexendo ou não... mas podia saber pelo asfalto... tinha que ver aqueles veios e manchas mudando... tinha que alcançar a próxima marca ou rachadura, a quinze centímetros de distância... Levou muito tempo... e eu sabia que era sangue o que havia sob meu estômago...

Sua voz não continha nenhum tom de autocomiseração, soava simples, impessoal, com um leve tom de fascínio.

Roark disse:

– Eu gostaria de ajudá-lo.

Wynand lentamente esboçou um sorriso, sem qualquer sinal de satisfação.

– Eu acredito que você poderia. Acredito até que seria apropriado. Há dois dias, eu teria matado qualquer um que pensasse em mim como alguém que precisasse de ajuda... Você sabe, é claro, que aquela noite não é o que eu odeio em meu passado. Não é o que eu tenho pavor de recordar. Foi apenas a coisa menos ofensiva que eu poderia mencionar. As outras não podem ser ditas.

– Eu sei. Eu me referi às outras coisas.

– O que são? Diga você os nomes delas.

– O Templo Stoddard.

– Você quer me ajudar com isso?

– Quero.

- Você é um maldito idiota. Não percebe...
- Você não percebe que já estou fazendo isso?
- Como?
- Construindo essa casa para você.

Roark viu as saliências diagonais na testa de Wynand. Os olhos daquele homem pareciam mais brancos do que o normal, como se o azul houvesse desaparecido da íris, dois ovais brancos e luminosos em seu rosto. Ele disse:

- E ganhando um cheque bem gordo para fazê-la.

Ele viu o sorriso de Roark reprimido antes que aparecesse totalmente. O sorriso teria dito que esse súbito insulto era uma declaração de rendição, mais eloquente do que os discursos de confiança. O fato de ter sido reprimido disse que Roark não o ajudaria nesse momento em particular.

- Ora, é claro – confirmou Roark calmamente.

Wynand levantou-se.

– Vamos. Estamos perdendo tempo. Tenho coisas mais importantes para fazer no escritório.

Eles não falaram durante a volta à cidade. Wynand dirigiu seu carro a cento e quarenta quilômetros por hora. A velocidade criava duas paredes sólidas de movimento turvo nas laterais da estrada, como se eles estivessem voando através de um corredor longo, fechado e silencioso.

Ele parou na entrada do Edifício Cord para deixar Roark descer e disse:

– Está livre para voltar ao local quantas vezes desejar, Sr. Roark. Eu não preciso ir junto. Pode obter os levantamentos topográficos e todas as informações de que precisar no meu escritório. Por favor, não me visite outra vez até que seja necessário. Estarei muito ocupado. Avise-me quando os primeiros esboços estiverem prontos.



Quando os desenhos ficaram prontos, Roark telefonou para o escritório de Wynand. Não falava com ele havia um mês.

- Por favor, aguarde na linha, Sr. Roark – pediu a secretária do empresário.

Ele aguardou. A voz da secretária voltou e informou-lhe que o Sr. Wynand queria que os desenhos fossem levados ao seu escritório naquela mesma tarde. Ela lhe informou a hora. Wynand não o atendeu pessoalmente.

Quando Roark entrou na sala, Wynand disse:

- Como vai, Sr. Roark?

Sua voz soou amável mas formal. Nenhuma lembrança de intimidade permanecia em seu rosto cortês e inexpressivo.

Roark entregou-lhe as plantas da casa e um desenho grande em perspectiva. Wynand estudou cada folha. Segurou o esboço por muito tempo. Então ergueu os

olhos.

– Estou muito impressionado, Sr. Roark – A voz era ofensivamente correta. – Estou bastante impressionado com você, estive desde o início. Eu pensei no assunto e quero fazer um acordo especial com você.

Seu olhar dirigia-se a Roark com uma ênfase suave, quase com carinho. Era como se ele estivesse mostrando que desejava tratá-lo com cautela, deixá-lo intacto para um propósito particular seu.

Wynand levantou o esboço e segurou-o entre dois dedos, deixando que a luz batesse em cheio sobre ele. A folha branca brilhou como um refletor por um instante, destacando com eloquência as linhas feitas a lápis preto.

– Você quer ver esta casa construída? – perguntou o empresário mansamente. Quer muito?

– Sim – respondeu Roark.

Wynand não mexeu a mão, simplesmente abriu seus dedos e deixou que a cartolina caísse sobre a escrivaninha, com a parte da frente para baixo.

– Será construída, Sr. Roark. Exatamente como você a projetou. Exatamente como está neste esboço. Com uma condição.

Roark permaneceu sentado, inclinado para trás, com as mãos nos bolsos, atento, esperando.

– Não quer me perguntar qual é a condição, Sr. Roark? Muito bem, eu lhe direi. Eu aceitarei esta casa com a condição de que você aceite o acordo que vou lhe oferecer. Quero assinar um contrato que determinará que você será o único arquiteto de qualquer prédio que eu decidir erigir no futuro. Como pode perceber, esse seria um trabalho e tanto. Eu me arrisco a dizer que controlo mais trabalhos estruturais do que qualquer outra pessoa no país. Todos os homens na sua profissão quiseram ser conhecidos como o meu arquiteto exclusivo. Estou oferecendo isso a você. Em troca, terá que se submeter a certas condições. Antes de citá-las, eu gostaria de indicar algumas das consequências, caso você recuse. Como pode ter ouvido falar, eu não gosto de ter minhas ofertas recusadas. O poder que eu tenho pode funcionar de duas formas. Seria fácil para mim providenciar para que não exista nenhum projeto disponível para você, em nenhuma parte deste país. Você tem seu próprio pequeno grupo de seguidores, mas nenhum empregador em potencial pode aguentar o tipo de pressão que eu tenho condições de exercer. Você já passou por maus pedaços em sua vida, antes. Eles não foram nada, comparados ao bloqueio que eu posso impor. Talvez você tenha que voltar a trabalhar em uma pedreira de granito. Isso mesmo, eu sei sobre isso, verão de 1928, a pedreira Francon, em Connecticut. Como? Detetives particulares, Sr. Roark. Talvez você tenha que voltar a uma pedreira de granito, só que eu providenciarei para que elas também estejam fechadas para você. Agora vou lhe dizer o que quero de você.

Em todas as fofocas sobre Gail Wynand, ninguém jamais mencionara a

expressão de seu rosto como estava neste momento. Os poucos homens que a haviam visto não falavam sobre isso. Desses, Dwight Carson fora o primeiro. Os lábios de Wynand estavam entreabertos, seus olhos, brilhantes. Era uma expressão de prazer sensual derivado da agonia – a agonia de sua vítima, ou dele próprio, ou ambas.

– Eu quero que você projete todas as minhas futuras construções comerciais, como o público deseja que elas sejam desenhadas. Você construirá casas coloniais, hotéis rococó e prédios de escritórios imitando o antigo estilo grego. Você exercerá a sua engenhosidade inigualável nos padrões das formas escolhidas pelo povo e ganhará dinheiro para mim. Pegará seu talento espetacular e o tornará obediente. Originalidade e subserviência, juntas. Chamam a isso de harmonia. Você criará em seu campo o que *Banner* é no meu. Você acha que não foi preciso nenhum talento para criar o jornal? Assim será a sua futura carreira. Mas a casa que você projetou para mim será construída como você a concebeu. Será o último prédio Roark a se erguer na Terra. Ninguém terá outro depois do meu. Você leu sobre soberanos antigos que mandavam matar os arquitetos de seus palácios, para que ninguém mais pudesse se equiparar à glória que eles lhes deram. Matavam os arquitetos, ou arrancavam seus olhos. Os métodos modernos são diferentes. Pelo resto de sua vida, você obedecerá à vontade da maioria. Eu não tentarei lhe oferecer nenhum argumento. Estou meramente expondo uma alternativa. Você é o tipo de homem que pode entender a linguagem simples. Tem uma escolha simples: se recusar, você nunca mais construirá nada; se aceitar, construirá esta casa que você quer tanto ver erguida e uma grande quantidade de outras edificações das quais não vai gostar, mas que darão dinheiro a nós dois. Pelo resto de sua vida, você projetará empreendimentos para locação, como Stoneridge. É isso o que eu quero.

Ele se inclinou para a frente, aguardando uma das reações que conhecia bem e das quais gostava: um olhar de ira, ou de indignação, ou de orgulho feroz.

– Ora, claro – disse Roark estufado. – Ficarei feliz em fazê-lo. É fácil.

Ele pegou um lápis e o primeiro pedaço de papel que viu sobre a mesa de Wynand, uma carta com um timbre imponente. Desenhou rapidamente no verso da carta. O movimento de sua mão era suave e confiante. Wynand observou seu rosto inclinado sobre o papel; viu a testa não franzida, a linha reta das sobrancelhas, atentas mas imperturbadas por qualquer esforço.

Roark ergueu a cabeça e atirou o papel para Wynand, do outro lado da escrivania.

– É isso o que você quer?

A casa de Wynand estava desenhada no papel – com alpendres coloniais, um telhado de duas águas quebradas, duas chaminés compactas, umas poucas pilastras pequenas, algumas janelas tipo portinholas. Não era uma paródia, era

um trabalho sério de adaptação, feito com o que qualquer professor teria qualificado como um gosto excelente.

– Deus do céu, não!

O grito sufocado foi instintivo e imediato.

– Então cale a boca – disse Roark – e nunca mais me faça ouvir nenhuma sugestão sobre arquitetura.

Wynand reclinou-se bruscamente em sua cadeira e riu. Riu por muito tempo, sem conseguir parar. Não era um som bonito.

Roark sacudiu a cabeça, desanimado.

– Você é mais esperto do que isso. E é um truque tão velho para mim... A minha teimosia antissocial é tão conhecida que eu não pensei que alguém perderia tempo tentando me provocar outra vez.

– Howard, eu estava falando sério. Até ver isto.

– Eu sabia que você estava falando sério. Não achei que você pudesse ser tão tolo.

– Você sabia que estava correndo um risco terrível?

– Absolutamente nenhum risco. Eu tinha um aliado em que podia confiar.

– O quê? A sua integridade?

– A sua, Gail.

Wynand ficou olhando para a superfície de sua escrivaninha. Após algum tempo, disse:

– Você está errado quanto a isso.

– Eu acho que não.

Wynand levantou a cabeça. Parecia cansado. Tinha um tom indiferente.

– Foi o seu método do julgamento Stoddard outra vez, não foi? “A defesa encerra o caso”... Eu queria ter estado naquele tribunal para ouvir essa frase... Você jogou o julgamento na minha cara outra vez, não jogou?

– Se quiser chamar assim.

– Mas, desta vez, você venceu. Suponho que saiba que não estou contente por você ter vencido.

– Eu sei que não está.

– Não pense que foi uma dessas tentações em que a pessoa provoca só para testar sua vítima e fica feliz ao ser derrotada, sorri e diz: “Bem, finalmente aqui está o tipo de pessoa que eu quero.” Não imagine isso. Não crie essa desculpa para mim.

– Não estou criando. Eu sei o que você queria.

– Eu não teria perdido tão facilmente antes. Isso teria sido apenas o começo. Eu sei que posso tentar outra vez. Não quero tentar. Não porque você provavelmente resistiria até o fim, mas porque eu não resistiria. Não, não estou contente e não estou grato a você por isso... Mas não importa...

– Gail, quanto de fato você é capaz de mentir para si mesmo?

– Não estou mentindo. Tudo o que acabei de lhe dizer é verdade. Pensei que você entendesse.

– Tudo o que acabou de me dizer, sim. Eu não estava pensando nisso.

– Você está errado no que está pensando. Está errado em permanecer aqui.

– Quer me jogar para fora?

– Você sabe que eu não posso.

O olhar de Wynand transferiu-se de Roark para o desenho da casa, virado sobre sua escrivaninha. Ele hesitou por um momento, olhando para a cartolina vazia, e então a desvirou. Perguntou mansamente:

– Posso lhe dizer agora o que acho disto?

– Você já disse.

– Howard, você falou sobre uma casa ser uma declaração da minha vida. Você acha que a minha vida merece uma declaração como esta?

– Acho.

– Esse é o seu julgamento honesto?

– Meu julgamento honesto, Gail. Meu julgamento mais sincero. Meu julgamento final, não importa o que possa acontecer entre nós no futuro.

Wynand largou o desenho e ficou estudando as plantas por muito tempo. Quando ergueu a cabeça, parecia calmo e normal.

– Por que você se manteve afastado daqui? – perguntou.

– Você estava ocupado com detetives particulares.

Wynand riu.

– Ah, aquilo? Eu não consegui resistir aos meus velhos vícios e estava curioso. Agora sei tudo sobre você, com exceção das mulheres da sua vida. Ou você é muito discreto, ou não houve muitas. Não há nenhuma informação disponível sobre isso em lugar nenhum.

– Não houve muitas.

– Acho que senti a sua falta. Foi um tipo de substituto, coletar os detalhes sobre o seu passado. Por que ficou afastado, realmente?

– Você me disse para ficar.

– Você é sempre tão submisso quando recebe ordens?

– Quando acho que é aconselhável.

– Bem, aqui vai uma ordem... Espero que você a coloque entre as aconselháveis: venha jantar conosco hoje à noite. Vou levar este desenho para casa, para mostrar à minha mulher. Eu não contei nada a ela sobre a casa, até agora.

– Não contou nada a ela?

– Não. Quero que ela veja isto. E quero que você se encontre com ela. Sei que ela não foi gentil com você no passado. Eu li o que ela escreveu sobre você. Mas foi há tanto tempo... Espero que não importe agora.

– Não, não importa.

– Então você vem?

– Eu vou.

DOMINIQUE ESTAVA PERTO DA PORTA de vidro de seu quarto. Wynand viu a luz das estrelas refletida nas placas de gelo do jardim do terraço, do lado de fora. Viu seu reflexo tocar o contorno do perfil dela, um leve brilho em suas pálpebras e nos contornos de seu rosto. Ele pensou que essa era a iluminação apropriada para o rosto dela. Ela se virou lentamente para ele, e a luz tornou-se um halo ao redor da massa lisa e clara de seu cabelo. Dominique sorriu como sempre sorria para o marido, uma saudação silenciosa de compreensão.

– Qual é o problema, Gail?

– Boa noite, querida. Por quê?

– Você parece feliz. Essa não é a palavra, mas é a mais próxima.

– “Leve” é mais próxima. Eu me sinto leve, trinta anos mais leve. Não que eu quisesse ser o que era há trinta anos. Ninguém quer. O que o sentimento significa é só uma sensação de ser carregado intacto, sem alteração, de volta ao começo. É totalmente ilógico e impossível e maravilhoso.

– O que o sentimento geralmente significa é que você conheceu alguém. Via de regra, uma mulher.

– Conheci. Não uma mulher. Um homem. Dominique, você está muito linda esta noite. Mas eu sempre digo isso. Não é o que eu queria dizer. É isto: eu estou muito feliz esta noite por você ser tão linda.

– O que é, Gail?

– Nada. Somente um sentimento de quanta coisa não tem importância, e de como é fácil viver.

Ele pegou na mão dela e segurou-a junto a seus lábios.

– Dominique, eu nunca parei de pensar que é um milagre o nosso casamento ter durado. Agora acredito que ele não será rompido, por nada nem ninguém. – Ela encostou-se ao vidro. – Eu tenho um presente para você. Não me lembre de que é a frase que eu uso com mais frequência do que qualquer outra. Terei um presente para você até o final do verão. A nossa casa.

– A casa? Você não fala nela há tanto tempo, pensei que tivesse se esquecido.

– Não pensei em outra coisa nos últimos seis meses. Você não mudou de ideia? Quer mesmo sair da cidade?

– Sim, Gail, se você quer tanto. Já decidi quem será o arquiteto?

– Fiz mais do que isso. Tenho o desenho da casa para lhe mostrar.

– Oh, eu quero vê-lo.

– Está no meu escritório. Venha. Quero que você veja.

Ela sorriu e fechou seus dedos ao redor do pulso dele, uma breve pressão, como uma carícia de encorajamento, e então o seguiu. Ele escancarou a porta de seu escritório e deixou que ela entrasse primeiro. A luz estava acesa e o desenho se encontrava sobre um apoio na mesa dele, de frente para a porta.

Ela parou, com as mãos para trás, as palmas totalmente apoiadas no batente da porta. Estava longe demais para enxergar a assinatura, mas conhecia o trabalho e o único homem que poderia ter projetado aquela casa.

Seus ombros moveram-se, descrevendo um círculo, contorcendo-se lentamente, como se ela estivesse amarrada a um poste, como se houvesse abandonado qualquer esperança de escapar, e somente seu corpo fizesse um último e instintivo gesto de protesto.

Ela pensou que, se estivesse deitada na cama, nos braços de Roark, diante de Gail Wynand, a violação seria menos terrível. Esse desenho, mais pessoal do que o corpo de Roark, criado como resposta a uma força comparável vinda de Wynand, era uma violação dela, de Roark, de Wynand... e, ainda assim, ela soube subitamente que era o inevitável.

– Não – sussurrou ela –, coisas como essa nunca são uma coincidência.

– O quê?

Ela ergueu a mão, suavemente repelindo qualquer conversação, e aproximou-se do desenho, seus passos inaudíveis no tapete. Viu a assinatura precisa no canto: “Howard Roark”. Era menos aterrorizante do que a forma da casa. Era um pequeno ponto de apoio, quase um cumprimento.

– Dominique?

Ela virou seu rosto para ele. Wynand viu sua resposta. Ele disse:

– Eu sabia que você ia gostar. Perdoe-me a falta de jeito. Faltam-me as palavras esta noite.

Ela foi até o sofá e sentou-se, pressionando as costas contra as almofadas; ficar reta a ajudava. Manteve os olhos no marido. Ele ficou em pé diante dela, apoiado no friso da lareira, meio virado para o outro lado, fitando o desenho. Ela não conseguia escapar daquele esboço. O rosto de Wynand era como um espelho dele.

– Você o viu, Gail?

– Quem?

– O arquiteto.

– É claro que o vi. Não faz nem uma hora.

– Quando se encontrou com ele pela primeira vez?

– No mês passado.

– Você o conhecia esse tempo todo?... Toda noite... quando voltava para casa... à mesa do jantar...

– Quer dizer, por que não lhe contei? Eu queria ter o esboço para lhe mostrar. Eu via a casa desta forma, mas não conseguia explicar. Não pensei que alguém jamais entenderia o que eu queria e o desenharia. Ele fez.

– Quem?

– Howard Roark

Ela quis ouvir o nome pronunciado por Gail Wynand.

– Como você o escolheu, Gail?

– Pesquisei no país inteiro. Cada prédio que eu gostava havia sido feito por ele. Ela anuiu com a cabeça, lentamente.

– Dominique, eu acredito que você não se importa mais com isso, mas sei que escolhi justamente o arquiteto que você denunciou o tempo todo, quando estava no *Banner*.

– Você leu aquilo?

– Li. Você o fez de um jeito estranho. Era óbvio que admirava o trabalho dele e o odiava como pessoa. Mas você o defendeu no julgamento Stoddard.

– Sim.

– Você até chegou a trabalhar para ele, uma vez. Aquela estátua, Dominique, foi feita para o templo dele.

– Sim.

– É estranho. Você perdeu seu emprego no *Banner* porque o defendeu. Eu não sabia disso quando o escolhi. Não sabia sobre aquele julgamento. Eu tinha me esquecido do nome dele. Dominique, de certa forma, foi ele quem deu você para mim. A estátua, do templo dele. E agora ele vai me dar essa casa. Dominique, por que você o odiava?

– Eu não o odiava... Foi há tanto tempo...

– Acho que nada disso importa agora, certo? – Ele apontou para o desenho.

– Eu não o vejo há anos.

– Vai vê-lo daqui a mais ou menos uma hora. Ele vem jantar aqui.

Ela mexeu a mão, traçando uma espiral no braço do sofá, para convencer-se de que podia fazê-lo.

– *Aqui?!*

– Sim.

– Você o convidou para jantar?

Ele sorriu. Lembrou-se de como se ressentia com a presença de convidados em sua casa. Disse:

– Isto é diferente. Eu o quero aqui. Acho que você não se lembra bem dele... ou não ficaria perplexa.

Ela levantou-se.

– Está bem, Gail. Vou dar as ordens. Depois vou me vestir.



Eles se encararam de lados opostos da sala de visitas da cobertura de Gail Wynand. Dominique pensou como era simples. Roark sempre estivera ali. Ele fora a força motriz de cada passo que ela dera nesses cômodos. Ele a trouxera até ali e agora viera para tomar posse desse lugar. Ela estava olhando para ele. Estava vendo-o como o vira na manhã em que acordou na cama dele pela última

vez. Sabia que nem as roupas dele nem os anos a separavam da pureza viva daquela lembrança. Pensou que isso fora inevitável desde o início, desde o instante em que ela olhara para ele em uma saliência de uma pedreira – tinha que acabar assim, na casa de Gail Wynand –, e agora ela sentia a paz do desfecho, sabendo que sua cota de decisão havia terminado. Fora ela que agira, mas ele agiria a partir de agora.

Ela estava ereta, de cabeça erguida; os contornos do seu rosto tinham uma fragilidade feminina e uma precisão de limpeza militar. Suas mãos estavam soltas, imóveis, posicionadas serenamente de cada lado do corpo, paralelas às linhas longas e retas de seu vestido preto.

– Prazer em vê-lo, Sr. Roark.

– Prazer em vê-la, Sra. Wynand.

– Posso lhe agradecer pela casa que desenhou para nós? É o mais lindo de todos os seus prédios.

– Tinha que ser, pela natureza do projeto, Sra. Wynand.

Ela virou a cabeça lentamente.

– Como você apresentou o projeto ao Sr. Roark, Gail?

– Exatamente como falei sobre ele para você.

Ela pensou no que Roark ouvira de Wynand e aceitara. Moveu-se para sentar-se. Os dois homens seguiram seu exemplo. Roark disse:

– Se você gosta da casa, o primeiro sucesso foi a concepção que o Sr. Wynand teve dela.

Ela perguntou:

– Está dividindo o crédito com um cliente?

– Sim, de certa forma.

– Creio que isso contradiz o que me lembro de suas convicções profissionais.

– Mas está de acordo com minhas convicções pessoais.

– Não estou certa se jamais compreendi isso.

– Eu acredito no conflito, Sra. Wynand.

– O trabalho de projetar essa casa envolveu um conflito?

– O desejo de não ser influenciado pelo meu cliente.

– De que forma?

– Eu gostei de trabalhar para algumas pessoas e não gostei de trabalhar para outras. Mas nenhuma delas tinha importância. Desta vez, eu sabia que a casa seria o que se tornou somente porque estava sendo feita para o Sr. Wynand. Tive que superar isso. Ou melhor, tive que trabalhar com isso e contra isso. Era a melhor maneira de trabalhar. A casa tinha que ultrapassar o arquiteto, o cliente e o futuro morador. E ela conseguiu esse feito.

– Mas a casa... é você, Howard – disse Wynand. – Ainda é você.

Foi o primeiro sinal de emoção no rosto dela, um choque silencioso, quando ela ouviu o “Howard”. Wynand não notou. Roark, sim. Ele olhou para ela de relance

– seu primeiro olhar de contato pessoal. Dominique não conseguiu ler nenhum comentário no olhar, apenas uma afirmação consciente do pensamento que a havia chocado.

– Obrigado por entender isso, Gail – respondeu ele.

Ela não teve certeza se o ouvira enfatizar o nome.

– É estranho – comentou Wynand. – Sou o homem mais ofensivamente possessivo do planeta. Eu tenho um efeito sobre as coisas. Basta eu escolher um cinzeiro no balcão de uma loja barata, pagar por ele e colocá-lo no bolso e ele se transforma em um tipo especial de cinzeiro, diferente de qualquer outro na Terra, porque é *meu*. É uma qualidade extra do objeto, como um tipo de halo. Eu me sinto assim com relação a tudo o que possuo. Desde o meu casaco até a lino tipo mais velha na sala de composição, até as cópias do *Banner* nas bancas, até esta cobertura, até a minha mulher. E eu nunca quis possuir coisa alguma tanto quanto quero esta casa que você vai construir para mim, Howard. Provavelmente vou ficar com ciúmes de Dominique por morar nela... Eu posso ser totalmente louco em relação a coisas como essa. Mesmo assim, não sinto que vou possuí-la, porque, não importa o que eu faça ou pague, ela ainda é sua. Sempre será sua.

– Tem que ser minha – disse Roark – Mas, em outro sentido, Gail, você possui essa casa e tudo o mais que eu construí. Você possui cada estrutura diante da qual parou e sentiu a si mesmo reagindo.

– Em que sentido?

– No sentido dessa reação pessoal. O que você sente na presença de algo que admira é apenas uma palavra: “Sim”. A afirmação, a aceitação, o sinal de admissão. E esse “sim” é mais do que uma resposta a uma coisa, é um tipo de “amém” à vida, à Terra que contém essa coisa, ao pensamento que a criou, a você mesmo, por ser capaz de entender isso. Mas a capacidade de dizer “sim” ou “não” é a essência de toda posse. É a sua posse de seu próprio ego. Sua alma, se desejar. Sua alma tem uma única função básica: o ato de avaliar. “Sim” ou “não”, “eu quero” ou “eu não quero”. Você não pode dizer “sim” sem dizer “eu”. Não existe nenhuma afirmação sem aquele que afirma. Nesse sentido, tudo aquilo a que você dá o seu amor é seu.

– Nesse sentido, você compartilha as coisas com os outros?

– Não. Não é compartilhar. Quando escuto uma sinfonia que amo, não tiro dela o que o compositor tirou. O “sim” dele foi diferente do meu. Ele não poderia ter nenhum interesse pelo meu nem nenhuma concepção exata dele. Essa reação é pessoal demais para cada pessoa. Mas, ao dar a si mesmo o que queria, ele me deu uma grande experiência. Eu estou sozinho quando projeto uma casa, Gail, e você nunca poderá conhecer a forma em que eu a possuo. Mas, se você lhe concedeu o seu próprio “amém”, ela também é sua. E estou contente que seja sua.

Wynand disse, sorrindo:

– Eu gosto de pensar nisso. Que eu possuo Monadnock e a Residência Enright e o Edifício Cord...

– E o Templo Stoddard – acrescentou Dominique.

Ela os havia escutado. Sentia-se entorpecida. Wynand nunca tinha falado assim com nenhum convidado em sua casa; Roark nunca falara assim com nenhum cliente. Ela sabia que o entorpecimento se romperia em raiva, negação e indignação, mais tarde. Agora era apenas um som cortante em sua voz, um som para destruir o que ela ouvira.

Ela pensou que fora bem-sucedida, porque Wynand respondeu, a palavra caindo pesada:

– Sim.

– Esqueça o Templo Stoddard, Gail – disse Roark. Havia uma alegria tão simples e descuidada em sua voz que nenhuma isenção solene poderia ter sido mais eficaz.

– Sim, Howard – obedeceu Wynand, sorrindo.

Ela viu os olhos de Roark voltados para ela.

– Eu não lhe agradei, Sra. Wynand, por me aceitar como seu arquiteto. Sei que o seu marido me escolheu e que você poderia ter rejeitado os meus serviços. Quero lhe dizer que estou contente por você não ter feito isso.

Ela pensou: *Eu acredito porque não se pode acreditar em nada disso. Aceitarei qualquer coisa esta noite. Estou olhando para ele.*

Disse, com uma indiferença cortês:

– Não seria um comentário sobre o meu julgamento supor que eu desejaria rejeitar uma casa que você houvesse projetado, Sr. Roark?

Ela pensou que nada que dissesse em voz alta poderia ter importância esta noite.

Wynand perguntou:

– Howard, aquele “sim”... uma vez que é concedido, pode ser retirado?

Ela queria rir, com uma raiva incrédula. Fora a voz de Wynand que perguntara isso; deveria ter sido a dela. *Ele tem que olhar para mim quando responder*, pensou ela. *Tem que olhar para mim.*

– Nunca – respondeu Roark, olhando para Wynand.

– Há tanta bobagem por aí sobre a inconstância humana e a transitoriedade de todas as emoções – comentou Wynand. – Eu sempre pensei que um sentimento que muda nunca chegou a existir. Há livros de que eu gostava aos 16 anos, e ainda gosto deles.

O mordomo entrou, carregando uma bandeja de coquetéis. Segurando a sua taça, ela observou Roark pegar a dele da bandeja. Ela pensou: *Neste momento, a haste da taça entre os dedos dele provoca exatamente a mesma sensação que a haste entre os meus. Temos ao menos isso em comum...* Wynand estava em pé,

segurando uma taça, olhando para Roark com um tipo estranho de admiração incrédula, não como um anfitrião, mas como um dono que não pode acreditar totalmente na posse de seu prêmio mais precioso. Ela pensou: *Eu não estou louca, estou apenas histérica, mas está tudo bem, estou dizendo alguma coisa, não sei o que é, mas deve estar tudo bem, os dois estão escutando e respondendo, Gail está sorrindo, eu devo estar dizendo as coisas apropriadas...*

O jantar foi anunciado e ela se levantou obedientemente. Conduziu-os para a sala de jantar, como um animal elegante cujo equilíbrio provinha de reflexos condicionados. Sentou-se à cabeceira da mesa, entre os dois homens, que ficaram de frente um para o outro, um de cada lado dela. Observou os talheres nos dedos de Roark, as peças de metal polido com as iniciais “D. W.”. Pensou: *Eu fiz isso tantas vezes... Eu sou a elegante Sra. Gail Wynand... eles eram senadores, juizes, presidentes de companhias de seguros, sentados para jantar, nesse lugar à minha direita. E era para isso que eu estava sendo treinada, foi por isso que Gail se ergueu, através de anos de tortura, à posição de receber senadores e juizes para jantar, para chegar a uma noite em que o convidado diante dele seria Howard Roark.*

Wynand falou sobre o jornalismo. Não demonstrou nenhuma relutância em discutir isso com Roark, e ela pronunciou algumas frases quando parecia necessário. Sua voz tinha uma simplicidade luminosa. Ela estava sendo levada, sem resistir, qualquer reação pessoal seria supérflua, até mesmo dor ou medo. Ela pensou que, se, no decorrer da conversa, a próxima fala de Wynand fosse “Você dormiu com ele”, ela responderia “Sim, Gail, é claro” com a mesma simplicidade. Porém o marido raramente olhava para ela. Quando olhava, ela sabia pelo rosto dele que o dela estava normal.

Mais tarde, novamente na sala de visitas, ela viu Roark em pé perto da janela, contra as luzes da cidade. Pensou: *Gail construiu este lugar como um símbolo de sua própria vitória, para ter a cidade sempre diante dele, a cidade onde ele efetivamente dava as ordens, afinal. Mas foi para isto que ele foi realmente construído: para ter Roark em pé diante daquela janela. E acho que Gail sabe disso esta noite – o corpo de Roark bloqueando quilômetros daquela perspectiva, com somente uns poucos pontos de fogo e uns poucos cubos de vidro iluminado visíveis ao redor do contorno de sua figura. Roark estava fumando e ela observou seu cigarro movendo-se lentamente contra o céu negro, à medida que ele o punha entre seus lábios, depois o segurava estendendo em seus dedos, e ela pensou: São somente faíscas de seu cigarro, aqueles pontos brilhando no espaço atrás dele.*

Ela disse, em voz baixa:

– Gail sempre gostou de olhar para a cidade à noite. Ele era apaixonado pelos arranha-céus.

Então ela percebeu que havia usado o tempo passado e perguntou-se por quê.

Ela não se lembrava do que dissera quando eles falaram sobre a casa nova. Wynand foi buscar os desenhos em seu escritório, abriu as plantas sobre uma

mesa e os três inclinaram-se juntos sobre elas. O lápis de Roark se mexia, apontando, através dos padrões geométricos nítidos das finas linhas pretas sobre as folhas brancas. Ela ouviu a voz dele, perto dela, explicando. Não falavam de beleza ou afirmação, mas de closets, escadarias, despensas, banheiros. Roark perguntou-lhe se ela achava que a distribuição era conveniente. Ela pensou que era estranho que todos eles falassem como se realmente acreditassem que ela algum dia viveria nessa casa.

Depois que Roark foi embora, ela ouviu Wynand lhe perguntando:

– O que acha dele?

Ela sentiu algo raivoso e perigoso, como uma guinada única e súbita dentro de si, e disse, meio com medo, meio como uma incitação deliberada:

– Ele não lhe lembra Dwight Carson?

– Ah, esqueça Dwight Carson!

A voz de Wynand, recusando a seriedade, recusando a culpa, soara exatamente como a voz que dissera “Esqueça o Templo Stoddard”.



A secretária na recepção olhou, espantada, para o cavalheiro aristocrático cujo rosto ela vira com tanta frequência nos jornais.

– Gail Wynand – disse ele, inclinando a cabeça, apresentando-se. – Eu gostaria de falar com o Sr. Roark. Se ele não estiver ocupado. Por favor, não o incomode se ele estiver. Eu não marquei hora.

Ela jamais poderia imaginar que Wynand fosse a um escritório sem se anunciar e pedir para ser recebido naquele tom de respeito solene.

A secretária anunciou o visitante. Roark foi até a recepção, sorrindo, como se não visse nada de incomum nessa visita.

– Olá, Gail. Entre.

– Olá, Howard.

Ele seguiu o arquiteto até a sala. Além das janelas amplas, a escuridão do fim da tarde dissolvia a cidade. Estava nevando. Partículas escuras rodopiavam furiosamente por entre as luzes.

– Não quero interromper se você estiver ocupado, Howard. Não é importante.

Ele não via Roark havia cinco dias, desde o jantar.

– Não estou ocupado. Tire o casaco. Devo mandar trazer os desenhos?

– Não. Não quero conversar sobre a casa. Na verdade, eu vim sem absolutamente nenhuma razão. Estive no meu escritório o dia todo, fiquei cheio dele e tive vontade de vir até aqui. Por que você está sorrindo?

– Nada. É só que você disse que não era importante.

Wynand olhou para ele, sorriu e assentiu com a cabeça.

Ele sentou-se na borda da escrivaninha de Roark, com uma descontração que

nunca havia sentido em seu próprio escritório, as mãos nos bolsos, uma das pernas balançando.

– É quase inútil falar com você, Howard. Sempre me sinto como se estivesse lendo para você uma cópia de mim mesmo e você já tivesse visto o original. Você parece ouvir tudo o que eu digo um minuto adiantado. Nós não estamos sincronizados.

– Chama a isso de não estar sincronizado?

– Está bem. Sincronizados demais. – Seus olhos estavam se movendo lentamente através da sala. – Se possuímos as coisas às quais dizemos “sim”, então eu possuo esta sala?

– Então você a possui.

– Sabe como me sinto aqui? Não, não vou dizer que me sinto em casa, não acho que eu jamais tenha me sentido em casa em lugar algum. E não vou dizer que me sinto como me senti nos palácios que visitei, ou nas grandes catedrais da Europa. Eu me sinto como me sentia quando ainda estava em Hell’s Kitchen, nos melhores dias que tive lá. Não houve muitos. Mas, às vezes, quando eu me sentava como agora, com a diferença de que era em algum pedaço de muro quebrado perto do cais, e havia muitas estrelas no céu e montes de lixo ao meu redor e o rio cheirava a conchas podres... Howard, quando olha para trás, você tem a sensação de que todos os seus dias avançaram uniformemente, como um tipo de exercício de datilografia, todos parecidos? Ou houve paradas, pontos alcançados, e então o exercício recomeçava?

– Houve paradas.

– Você as reconheceu na época?... Sabia que eram isso?

– Sim.

– Eu não sabia. Soube depois. Mas nunca soube as razões. Houve um momento, eu tinha 12 anos e estava atrás de um muro, esperando para ser morto. Só que eu sabia que não seria morto. Não o que eu fiz depois, não a luta que tive, mas apenas aquele momento específico, quando eu estava esperando. Não sei por que aquilo foi uma parada digna de ser recordada nem por que eu tenho orgulho dela. Não sei por que tenho que pensar nela aqui.

– Não procure a razão.

– Você sabe qual é?

– Eu disse para não a procurar.

– Tenho pensado no meu passado, desde que o conheci. E fiquei anos sem pensar nele. Não, não há conclusões secretas para você tirar disso. Não me magoa olhar para trás dessa forma e não me dá prazer. É apenas olhar. Não é uma busca, nem mesmo uma viagem. Apenas um tipo de caminhada ao acaso, como vagar pelo campo à noite, quando estamos um pouco cansados... Se houver qualquer ligação com você, é apenas um pensamento que continua voltando para mim. Eu fico pensando que você e eu começamos do mesmo jeito. Do mesmo

ponto. Do nada. Eu só penso isso. Sem nenhuma interpretação. Não consigo achar nenhum significado particular nisso. Apenas “começamos do mesmo jeito”... Quer me dizer o que significa?

– Não.

Wynand olhou ao redor da sala e reparou em um jornal em cima de um arquivo.

– Quem diabos lê o *Banner* aqui?

– Eu.

– Desde quando?

– Mais ou menos um mês.

– Sadismo?

– Não. Só curiosidade.

Wynand levantou-se, pegou o jornal e deu uma olhada, virando as páginas. Parou em uma e deu uma risadinha. Ele a ergueu: a página continha fotografias de desenhos dos prédios da exposição “A Marcha dos Séculos”.

– Horrível, não é? – perguntou Wynand. – É revoltante termos que fazer publicidade dessa coisa. Mas eu me sinto melhor a respeito quando penso no que você fez àqueles célebres líderes cívicos. – Riu alegremente. – Você lhes disse que não coopera nem colabora.

– Mas não foi um gesto, Gail. Foi simples bom senso. Uma pessoa não pode colaborar em seu próprio trabalho. Eu posso cooperar, se é assim que eles chamam, com os operários que erguem meus prédios. Mas não posso ajudá-los a colocar os tijolos, e eles não podem me ajudar a projetar a casa.

– Foi o tipo de gesto que eu gostaria de fazer. Sou forçado a dar àqueles líderes cívicos espaço de graça nos meus jornais. Mas tudo bem. Você deu um tapa na cara deles por mim.

Ele atirou o jornal para o lado, sem raiva.

– É como um almoço ao qual eu tive que comparecer hoje. Uma convenção nacional de anunciantes. Eu tenho que lhes dar publicidade... todos abanando os rabinhos, abanando e babando. Fiquei tão enojado com aquilo que pensei que ia ser possuído por uma fúria cega e arrebentar o crânio de alguém. E, então, pensei em você. Pensei que você não era afetado por nada daquilo. De nenhuma forma. A convenção nacional de anunciantes não existe, no que lhe diz respeito. Está em algum tipo de quarta dimensão que nunca poderá estabelecer nenhum contato com você. Pensei nisso e senti um tipo peculiar de alívio.

Ele se recostou no arquivo, de braços cruzados, escorregando os pés para a frente, e falou em voz baixa:

– Howard, eu tive um gatinho uma vez. A maldita coisa se apegou a mim... um animalzinho da sarjeta, cheio de picadas de pulga, nada além de pelo, lama e ossos... seguiu-me até em casa, eu o alimentei e o pus para fora, mas no dia seguinte lá estava ele outra vez, e finalmente fiquei com ele. Eu tinha 17 anos, na

época, e trabalhava para a *Gazette*, estava aprendendo a trabalhar do jeito especial que eu tinha de aprender para o resto da vida. Eu podia aguentar bem, mas não tudo. Havia momentos em que era muito ruim. As noites, geralmente. Uma vez, eu quis me matar. Não era raiva – a raiva me fazia trabalhar ainda mais. Não era medo. Era asco, Howard. O tipo de asco que fazia parecer que o mundo inteiro estava embaixo d'água e que a água era parada, água que havia refluído dos esgotos e que inundava tudo, até o céu, até o meu cérebro. Então eu olhei para aquele gatinho. E pensei que ele não sabia sobre as coisas que eu detestava, nunca poderia saber. Ele estava limpo, limpo em sentido absoluto, porque não tinha nenhuma capacidade de conceber a feiura do mundo. Não posso lhe descrever o alívio que era tentar imaginar o estado de consciência dentro daquele pequeno cérebro, tentar compartilhá-la, uma consciência viva, porém limpa e livre. Eu me deitava no chão e punha o rosto na barriga daquele gato, e ouvia o animal ronronando. E então me sentia melhor... Aí está, Howard. Chamei o meu escritório de cais putrefato, e você, de gato de rua. Esse é o meu jeito de prestar homenagem.

Roark sorriu. Wynand viu que o sorriso era agradecido.

– Fique quieto – disse o empresário com veemência. – Não diga nada.

Ele aproximou-se de uma janela e ficou olhando para fora.

– Não sei por que cargas-d'água estou falando deste jeito. Estes são os primeiros anos felizes da minha vida. Eu conheci você porque quis construir um monumento à minha felicidade. Eu venho até aqui para encontrar repouso, e o encontro, porém, mesmo assim, falo sobre essas coisas... Bem, esqueça... Veja só que tempo horrível. Você terminou o trabalho? Pode encerrar por hoje?

– Sim. Quase acabei.

– Vamos jantar juntos em algum lugar aqui perto.

– Está bem.

– Posso usar seu telefone? Vou avisar Dominique que não me espere para o jantar.

Ele discou o número. Roark dirigiu-se à porta da sala de desenho. Tinha ordens a dar antes de sair. Mas se deteve perto da porta. Tinha que parar e ouvir.

– Alô, Dominique?... Sim... Cansada?... Não, foi só a sua voz que pareceu cansada... Não irei jantar em casa, você me desculpa, meu amor?... Não sei, pode ficar tarde... Vou comer no centro... Não. Vou jantar com Howard Roark... Alô, Dominique?... Sim... O quê?... Estou ligando do escritório dele... Tchau, querida.

Ele colocou o fone no gancho.

Na biblioteca da cobertura, Dominique ficou parada, com a mão no telefone, como se a ligação ainda não houvesse sido encerrada.

Durante cinco dias e noites ela lutara contra um único desejo: o de ir vê-lo. Vê-lo sozinho, em qualquer lugar, na casa dele, no escritório dele, ou na rua, por

uma palavra ou só um olhar... mas sozinho. Ela não podia ir. Sua cota de ação terminara. Ele viria até ela quando quisesse. Dominique sabia que ele viria, e que ele queria que ela esperasse. Ela havia esperado, mas tinha se agarrado a um único pensamento: o de um endereço, um escritório no Edifício Cord.

Continuou parada, sua mão fechada ao redor do fone. Ela não tinha o direito de ir até aquele escritório. Mas Gail Wynand tinha.



Quando Ellsworth Toohey entrou na sala de Wynand, atendendo ao chamado, deu alguns passos e parou. As paredes da sala do empresário – a única sala luxuosa no Edifício Banner – eram cobertas com painéis de cortiça e cobre e nunca haviam exibido nenhum quadro. Agora, na parede em frente à escrivaninha de Wynand, ele deparou-se com uma fotografia ampliada, sob um vidro: a foto de Roark na inauguração da Residência Enright: Roark em pé perto da balaustrada do rio, com a cabeça inclinada para trás.

Toohey virou-se para ele. Os dois se entreolharam.

Wynand indicou uma cadeira e Toohey sentou-se. Wynand falou, sorrindo:

– Eu nunca pensei que viria a concordar com algumas de suas teorias sociais, Sr. Toohey, mas percebo que sou forçado a fazê-lo. Você sempre denunciou a hipocrisia da classe alta e pregou a virtude das massas. E agora percebo que me arrependo das vantagens que desfrutei em minha antiga condição proletária. Se ainda estivesse em Hell’s Kitchen, eu teria começado esta entrevista dizendo: “Ouça aqui, piolho!” Mas, já que eu sou um capitalista inibido, não farei isso.

Toohey aguardou. Parecia curioso.

– Começarei dizendo: Ouça, Sr. Toohey. Eu não sei o que o motiva. Não me interessa dissecar os seus motivos. Eu não tenho o estômago exigido dos alunos de medicina. Portanto, não farei nenhuma pergunta e não quero ouvir nenhuma explicação. Vou lhe dizer simplesmente que, de agora em diante, há um nome que você nunca mais mencionará em sua coluna outra vez – Apontou para a fotografia. – Eu poderia fazer você voltar atrás publicamente no que disse e me deleitaria com isso, mas prefiro proibi-lo totalmente de tocar no assunto. Nem uma palavra, Sr. Toohey. Nunca mais. Agora não mencione o seu contrato nem nenhuma cláusula particular dele. Não seria aconselhável. Continue escrevendo sua coluna, mas lembre-se do título dela e dedique-a a assuntos compatíveis com o título. Mantenha-a pequena, Sr. Toohey. Bem pequena.

– Sim, Sr. Wynand – disse Toohey, tranquilo. – Eu não tenho que escrever sobre o Sr. Roark no momento.

– Isso é tudo.

Toohey levantou-se.

– Sim, Sr. Wynand.

GAIL WYNAND ESTAVA SENTADO à escrivaninha em sua sala e lia as provas de um editorial sobre o valor moral de se criar grandes famílias. Frases como gomas de mascar usadas, mascadas e remascadas, cuspidas e recolhidas novamente, passando de boca em boca, ao asfalto, à sola do sapato, à boca, ao cérebro... Ele pensou em Howard Roark e continuou lendo o *Banner* – tornava as coisas mais fáceis.

“A delicadeza é o maior atributo de uma garota. Não deixe de lavar sua roupa íntima toda noite e aprenda a conversar sobre algum assunto culto, e você terá todos os acompanhantes que quiser.” “Seu horóscopo para amanhã revela um aspecto benéfico. Dedicção e sinceridade trarão recompensas nos setores da engenharia, da contabilidade e do romance.” “Os hobbies da Sra. Huntington-Cole são jardinagem, ópera e açucareiros americanos antigos. Ela divide seu tempo entre seu pequeno filho Kit e suas várias atividades beneficentes.” “Eu sou só Millie, sou apenas uma órfã.” “Para a dieta completa, envie dez centavos e um envelope autoendereçoado, contendo selo.”... Ele virava as páginas, pensando em Howard Roark.

Ele assinou o contrato de publicidade com o Pudim Kream-O – por cinco anos, em toda a cadeia Wynand, duas páginas inteiras em cada jornal, todo domingo. Os homens diante de sua escrivaninha estavam sentados como arcos do triunfo de carne e osso, monumentos à vitória, a noites de paciência e cálculo, mesas de restaurante, copos esvaziados em gargantas, meses de pensamento, sua energia, sua energia viva fluindo como o líquido nos copos para dentro das aberturas de lábios grossos, para dentro de dedos gordos, do outro lado de uma escrivaninha, para dentro de duas páginas inteiras todo domingo, para desenhos de fôrmas amarelas decoradas com morangos e fôrmas amarelas decoradas com calda de caramelo. Ele olhou, acima das cabeças dos homens, para a fotografia na parede de sua sala: o céu, o rio e o rosto de um homem, erguido.

Mas me magoa, pensou. Magoa cada vez que penso nele. Torna tudo mais fácil – as pessoas, os editoriais, os contratos –, porém mais fácil porque dói tanto. A dor também é um estimulante. Acho que odeio esse nome. Vou continuar repetindo-o. É uma dor que quero suportar.

Depois, sentado diante de Roark no escritório de sua cobertura, já não sentia nenhuma dor, apenas uma vontade de rir sem malícia.

– Howard, tudo o que você fez em sua vida está errado, de acordo com os ideais declarados da humanidade. E aqui está você. E, de alguma forma, parece ser uma imensa piada sobre o mundo todo.

Roark estava sentado em uma poltrona perto da lareira. O brilho do fogo movia-se pela biblioteca. A luz parecia se curvar com um prazer consciente ao redor de cada objeto da sala, orgulhosa de enfatizar sua beleza, dando o seu carimbo de aprovação ao gosto do homem que conquistara esse cenário para si

próprio. Eles estavam sozinhos. Dominique retirara-se depois do jantar. Sabia que eles queriam ficar sozinhos.

– Uma piada sobre todos nós – disse Wynand. – Sobre cada pessoa na rua. Eu sempre olho para as pessoas na rua. Eu costumava andar de metrô só para ver quantas pessoas levavam consigo o *Banner*. Eu as odiava e, às vezes, tinha medo. Mas agora olho para cada uma delas e quero dizer: “Ora, seu pobre idiota!” Só isso.



Ele telefonou para o escritório de Roark uma manhã.

– Pode almoçar comigo, Howard?... Encontre-se comigo no Nordland dentro de meia hora.

Deu de ombros, sorrindo, quando encarou Roark do lado oposto da mesa do restaurante.

– Não é nada, Howard. Nenhuma razão especial. Só passei uma meia hora revoltante e quis tirar o gosto dela da minha boca.

– Que meia hora revoltante?

– Tirei uma foto com Lancelot Clokey.

– Quem é Lancelot Clokey?

Wynand riu alto, esquecendo-se de sua elegância controlada, esquecendo-se do olhar assustado do garçom.

– É isso, Howard. Era por isso que eu tinha que almoçar com você. Porque você pode dizer coisas como essa.

– Qual é o problema?

– Você não lê livros? Não sabe que Lancelot Clokey é “o nosso observador mais sensível do cenário internacional”? Foi o que o crítico disse, no meu próprio *Banner*. Clokey acaba de ser eleito o autor do ano, ou coisa que o valha, por alguma organização. Vamos publicar a biografia dele no suplemento de domingo, e eu tive de posar com meu braço ao redor dos ombros dele. O sujeito usa camisas de seda e cheira a gim. O segundo livro que lançou é sobre sua infância e como ela o ajudou a compreender o cenário internacional. Vendeu cem mil exemplares. Mas você nunca ouviu falar nele. Vamos, coma seu almoço, Howard. Gosto de vê-lo comendo. Eu gostaria que você fosse pobre, para que eu pudesse lhe pagar este almoço e saber que você realmente precisava dele.



No final do dia, ele ia sem avisar ao escritório ou à casa de Roark. O arquiteto tinha um apartamento na Residência Enright, uma das unidades em forma de

crystal com vista para o East River: uma sala de trabalho, uma biblioteca, um quarto. Ele próprio havia desenhado os móveis. Wynand não conseguiu entender, durante muito tempo, por que o lugar lhe dava uma impressão de luxo, até que percebeu que não se notava a mobília, apenas uma extensão limpa de espaço e o luxo de uma austeridade que não fora simples de alcançar. Em valor financeiro, era o lar mais modesto em que Wynand entrara como convidado em 25 anos.

– Nós começamos do mesmo jeito, Howard – comentou ele, olhando ao redor da sala de Roark – De acordo com meu julgamento e experiência, você deveria ter permanecido na sarjeta. Mas não permaneceu. Eu gosto desta sala. Gosto de me sentar aqui.

– Eu gosto de ver você aqui.

– Howard, você já teve poder sobre um único ser humano?

– Não. E não aceitaria, se me fosse oferecido.

– Não posso acreditar nisso.

– Já me foi oferecido uma vez, Gail. Eu recusei.

Wynand olhou para ele com curiosidade. Foi a primeira vez que ele notou esforço para falar na voz de Roark.

– Por quê?

– Tive que recusar.

– Por respeito ao homem?

– Era uma mulher.

– Ah, seu maldito tolo! Por respeito a uma mulher?

– Por respeito a mim mesmo.

– Não espere que eu entenda. Nós somos tão diferentes quanto dois homens podem ser.

– Eu já pensei assim. Quis pensar assim.

– E agora não pensa mais?

– Não.

– Você não despreza cada ato que eu cometi?

– Praticamente todos sobre os quais eu sei.

– E ainda assim gosta de me ver aqui?

– Gosto. Gail, houve um homem que considerava você o símbolo do mal especial que o destruiu e que me destruiria. Ele me deixou o ódio dele. E houve outra razão. Acho que eu odiava você, antes de conhecê-lo.

– Eu sabia disso. O que o fez mudar de ideia?

– Não posso lhe explicar isso.

Eles iam juntos à propriedade em Connecticut onde as paredes da casa estavam se erguendo do solo congelado. Wynand seguia Roark através dos futuros cômodos, ficava de lado e o observava dando instruções. Às vezes, Wynand ia sozinho. Os pedreiros viam o pequeno conversível preto subindo pelas curvas da estrada até o alto da colina, avistavam a figura de Wynand parada ao

longe, olhando para a estrutura. Sua figura sempre carregava consigo todas as implicações de sua posição: a elegância sutil de seu casaco, o ângulo de seu chapéu, a confiança de sua postura, ao mesmo tempo tensa e casual, evocavam o pensamento do império Wynand, das impressoras ressoando de oceano a oceano, dos jornais, as capas lustrosas das revistas, os raios de luz tremeluzindo através dos jornais cinematográficos, os fios de telégrafo serpenteando sobre o planeta, o poder fluindo para dentro de cada palácio, cada capital, cada sala secreta e crucial, dia e noite, através de cada minuto valioso da vida desse homem. Ele ficava imóvel contra um céu cinza como a água de roupa sendo lavada, e flocos de neve esvoaçavam preguiçosamente perto da aba de seu chapéu.

Num dia de abril, ele dirigiu sozinho até Connecticut, depois de uma ausência de muitas semanas. O conversível voava através do campo, não um objeto, mas uma longa faixa de velocidade. Ele não sentia nenhum tremor dentro de seu pequeno cubo de vidro e couro. Parecia-lhe que seu carro estava imóvel, suspenso acima do chão, ao mesmo tempo que o controle de suas mãos no volante fazia com que a Terra passasse por ele voando e ele simplesmente tivesse que esperar até que o lugar que desejava viesse rolando até ele. Ele adorava o volante de um carro, assim como adorava sua escrivaninha no escritório do *Banner*: ambos lhe davam a mesma sensação de um monstro perigoso solto sob a direção hábil de seus dedos.

Algo passou veloz diante de sua visão, e ele estava a um quilômetro de distância quando pensou em como era estranho que o houvesse notado, porque fora apenas um tufo de mato na beira da estrada. Um quilômetro depois, percebeu que era mais estranho ainda: o mato estava verde. *Não no meio do inverno*, pensou, e então entendeu, surpreso, que não era mais inverno. Ele estivera muito ocupado nas últimas semanas, não tivera tempo de notar. Agora via, suspenso acima dos campos ao seu redor, um vestígio de verde, como um sussurro. Ouviu três afirmações em sua mente, em sucessão precisa, como engrenagens interligadas: *É primavera. Não sei se me restam muitas mais para ver. Tenho 50 anos.*

Foram afirmações, não emoções. Ele não sentia nada, nem ansiedade nem medo. Mas sabia que era estranho que experimentasse essa noção de tempo. Ele nunca havia pensado na sua idade em relação a qualquer medida, nunca definira sua posição em um percurso limitado, não havia pensado em um percurso nem em limites. Ele havia sido Gail Wynand e ficara imóvel, como esse carro, e os anos haviam passado por ele a toda velocidade, como esse solo, e o motor dentro dele havia controlado a passagem rápida dos anos.

Não, pensou ele, *eu não me arrependo de nada. Houve coisas que perdi, mas não faço nenhuma pergunta, porque eu amei tudo, exatamente como foi, mesmo os momentos de vazio, mesmo o que não foi respondido. E o fato de que eu amei, isso é o que não foi respondido na minha vida. Mas eu a amei. Se fosse verdade aquela*

velha lenda sobre aparecer diante de um juiz supremo e relatar os próprios atos do passado, eu ofereceria, com todo o meu orgulho, não nenhum ato que cometi, mas uma coisa que eu nunca fiz neste mundo: nunca busquei aprovação alheia. Eu me levantaria e diria: Eu sou Gail Wynand, o homem que cometeu todos os crimes, exceto o principal – o de atribuir futilidade ao maravilhoso fato da existência e buscar justificativa externa. Esse é o meu orgulho – que agora, pensando no fim, eu não choro como todos os homens da minha idade. Mas quais foram a utilidade e o significado? Eu fui a utilidade e o significado, eu, Gail Wynand. O fato de eu ter vivido e agido.

Ele dirigiu até a base da colina e pisou com tudo no freio, em choque, olhando para cima. Em sua ausência, a casa tomara forma. Podia ser reconhecida agora – parecia-se com o desenho. Ele sentiu, em um momento de admiração infantil, que ela de fato saíra exatamente como no esboço, como se ele nunca houvesse acreditado totalmente que seria possível. Erguendo-se contra o céu azul-claro, ainda parecia um desenho, inacabada, os planos de alvenaria como faixas de aquarela preenchidas, os andaimes descobertos como linhas feitas a lápis, um desenho imenso sobre uma folha de papel azul-claro.

Ele largou o carro e subiu a colina a pé. Viu Roark entre os homens. Ficou do lado de fora e observou a maneira como ele andava através da estrutura, o modo como virava a cabeça ou erguia a mão, apontando. Notou a forma como Roark parava: as pernas afastadas, os braços retos ao lado do corpo, a cabeça erguida; uma pose instintiva de confiança, de energia mantida sob controle sem esforço, um momento que dava ao seu corpo a simplicidade estrutural de seu próprio prédio. *A estrutura, pensou Wynand, é um problema solucionado de tensão, de equilíbrio, de segurança entre forças que se opõem.*

E pensou, também: *Não há nenhum significado emocional no ato de erguer um prédio. É só um trabalho mecânico, como instalar uma tubulação de esgoto ou um automóvel.* E perguntou-se por que observava Roark, sentindo o que sentia em sua galeria de arte. *O lugar dele é em um prédio inacabado, pensou Wynand, mais do que em um pronto, mais do que em uma prancheta de desenho, é o cenário certo para ele, combina com ele... assim como Dominique disse que um iate combina comigo.*

Mais tarde, Roark saiu e eles caminharam juntos ao longo da crista da colina, entre as árvores. Sentaram-se em um tronco de árvore caído, viram a estrutura ao longe, por entre os caules da vegetação. Eles estavam secos e desfolhados, mas havia uma qualidade de primavera na insolência alegre de seu impulso em direção ao céu, a agitação de um propósito carregado de autoafirmação.

Wynand perguntou:

– Howard, você já esteve apaixonado?

Roark virou-se para olhar diretamente para ele e respondeu com serenidade:

– Ainda estou.

– Mas, quando anda através de um prédio, o que você sente é maior do que

isso?

– Muito maior, Gail.

– Eu estava pensando nas pessoas que dizem que a felicidade é impossível na Terra. Veja quanto todas elas se esforçam para encontrar alguma alegria na vida. Veja como lutam por isso. Por que qualquer criatura viva deveria existir com dor? Em nome de que direito concebível alguém pode exigir que um ser humano exista para qualquer coisa que não seja a sua própria alegria? Cada um deles a quer. Cada parte deles a quer. Mas nunca a encontram. Por que será? Eles choramingam e dizem que não entendem o significado da vida. Há um tipo particular de pessoas que eu desprezo: aquelas que buscam algum tipo de propósito mais elevado, ou “finalidade universal”, que não sabem para o que viver, que gemem que têm que “encontrar a si mesmas”. Ouve-se isso por toda parte. Parece ser o chavão oficial do nosso século. Cada livro que você abre, cada autoconfissão bobona. Parece ser a coisa nobre a se confessar. Eu a consideraria a mais vergonhosa.

– Olhe, Gail.

Roark levantou-se, estendeu o braço, arrancou um galho grosso de uma árvore, segurou-o em suas mãos, com um punho fechado em cada ponta. Então, com seus pulsos e nós dos dedos tensos contra a resistência, ele envergou o galho lentamente, formando um arco.

– Agora eu posso fazer o que quiser com ele: um arco, uma lança, uma bengala, uma balaustrada. Esse é o significado da vida.

– A sua força?

– O seu trabalho. – Ele atirou o galho para o lado. – O material que a Terra lhe oferece e o que você faz com ele... Em que está pensando, Gail?

– Na fotografia na parede do meu escritório.



Manter-se controlada, como ele queria, ser paciente, fazer da paciência um dever ativo executado conscientemente a cada dia, estar diante de Roark e deixar que sua serenidade lhe dissesse: “Isto é o mais difícil que você poderia ter exigido de mim, mas estou contente, se é o que você quer” – tal era a disciplina da existência de Dominique.

Ela ficava de lado, como uma espectadora quieta de Roark e Wynand. Observava-os em silêncio. Ela desejava compreender o marido. Essa era a resposta.

Aceitou as visitas de Roark à sua casa e a compreensão de que, nas horas dessas noites, ele era propriedade de Wynand, não dela. Dominique o recebia como uma anfitriã elegante, indiferente e sorridente, não uma pessoa, mas um acessório requintado da casa de Wynand. Presidia a mesa do jantar e depois os

deixava sozinhos no escritório.

Sentou-se sozinha na sala de visitas, com as luzes apagadas e a porta aberta. Sentou-se reta e quieta, com os olhos fixos na fenda de luz sob a porta do escritório, do lado oposto do hall. Ela pensou: *Esta é a minha tarefa, mesmo quando estou sozinha, mesmo no escuro, ao alcance de nenhum conhecimento a não ser o meu próprio, olhar para aquela porta como eu olhei para ele aqui, sem queixas... Roark, se é o castigo que você escolheu para mim, eu o cumprirei totalmente, não como um papel a ser desempenhado em sua presença, mas como um dever a ser executado quando estou sozinha. Você sabe que não é difícil para mim aguentar a violência, só a paciência é: você escolheu o mais difícil, e eu devo executá-lo e oferecê-lo a você... meu... amor...*

Quando Roark a fitava, não havia nenhuma negação de lembrança nos olhos dele. O olhar dizia simplesmente que nada havia mudado e que nada era necessário para demonstrar isso. Ela se sentia como se o ouvisse dizer: “Por que está chocada? Você acha que estivemos realmente separados? Sua sala de visitas, seu marido e a cidade que você teme além das janelas são reais agora, Dominique? Você compreende? Está começando a compreender?”

– Sim – dizia ela subitamente, em voz alta, confiante de que a palavra se encaixaria na conversa do momento, sabendo que Roark a ouviria como a resposta a ele.

Não era um castigo que ele escolhera para ela. Era uma disciplina imposta a ambos, o teste final. Ela compreendeu o propósito dele quando descobriu que podia sentir seu amor por ele provado pela sala, por Wynand, até mesmo pelo amor que os dois sentiam por Wynand, pela situação impossível, pelo silêncio imposto a ela – as barreiras provando a ela que nenhuma barreira podia existir.

Dominique não ficava a sós com ele. Esperava.

Recusou-se a visitar o local da construção. Disse a Wynand:

– Eu verei a casa quando estiver pronta.

Nunca lhe perguntava nada a respeito de Roark. Deixava suas mãos visíveis, repousando sobre os braços da cadeira, para que lhe fosse negado o alívio de qualquer gesto brusco, suas mãos tornando-se seu termômetro particular de resistência, quando Wynand chegava em casa tarde e dizia que passara a noite no apartamento de Roark, o imóvel que ela nunca havia visto.

Uma vez, ela fraquejou o suficiente para perguntar:

– O que é isso, Gail? Uma obsessão?

– Suponho que sim.

Ele acrescentou:

– É estranho que você não goste dele.

– Eu não disse isso.

– Eu posso ver. Não estou surpreso, na verdade. É o seu jeito. Você não gosta dele exatamente porque ele é o tipo de homem de quem deveria gostar... Não fique magoada com a minha obsessão.

– Não estou magoada.

– Dominique, você entenderia se eu lhe dissesse que amo você mais, desde que o conheci? Até... quero dizer isto... até quando você está nos meus braços, é mais do que era. Eu sinto ter um direito maior a você.

Wyndand falou com a confiança simples que eles haviam dado um ao outro nos últimos três anos. Ela ficou o observando como sempre fazia; seu olhar tinha ternura sem desprezo e tristeza sem pena.

– Eu entendo, Gail.

Após uma pausa, ela perguntou:

– O que ele é para você, Gail? Semelhante a um santuário?

– Semelhante a um cilício – respondeu Wyndand.

Depois que ela subiu para o quarto, ele se aproximou de uma janela e ficou olhando para o céu. Com a cabeça inclinada para trás, sentiu os músculos de sua garganta estirando-se e perguntou-se se a solenidade peculiar de se olhar para o céu vem não do que contemplamos, mas desse ato de erguer a cabeça.

– O PROBLEMA BÁSICO DO MUNDO MODERNO – disse Ellsworth Toohey – é a falácia intelectual de que a liberdade e a coerção são opostas. Para resolver os problemas gigantescos que estão esmagando o mundo atualmente, devemos elucidar nossa confusão mental. Devemos adquirir uma perspectiva filosófica. Na essência, a liberdade e a coerção são uma coisa só. Deixe-me dar-lhes uma ilustração simples. Os semáforos restringem a sua liberdade de atravessar uma rua a qualquer momento que desejar. Mas essa restrição o liberta de ser atropelado por um caminhão. Se você fosse contratado para um emprego e proibido de sair dele, isso restringiria a liberdade de sua carreira. Mas o libertaria do medo do desemprego. Sempre que uma nova coerção é imposta a nós, automaticamente ganhamos uma nova liberdade. As duas são inseparáveis. Somente ao aceitar a coerção total podemos atingir a liberdade total.

– É isso mesmo! – guinchou Mitchell Layton.

Foi um guincho, de fato, estridente e agudo. Soara com a brusquidão alarmante de uma sirene de incêndio. Seus convidados olharam para Mitchell Layton.

Ele estava sentado em uma cadeira estofada de sua sala de visitas, meio deitado, com as pernas e a barriga para a frente, como uma criança mal-educada exibindo sua má postura. Tudo o que dizia respeito à pessoa de Mitchell Layton era quase, não totalmente, apenas a um passo do êxito: seu corpo a princípio cresceu alto, mas mudou de ideia, deixando-o com um tronco comprido sustentado por pernas curtas e grossas; seu rosto tinha ossos delicados, mas a carne havia pregado uma peça neles, inchando, não o suficiente para atingir a obesidade, mas o suficiente para dar uma ideia de caxumba permanente. Mitchell Layton fazia beicinho. Não era uma expressão temporária, nem uma questão de traços faciais, era um atributo crônico que impregnava toda a sua pessoa. Ele fazia beicinho com o corpo todo.

Layton herdara um quarto de bilhão de dólares e passara os 33 anos de sua vida tentando pagar por isso.

Ellsworth Toohey, em traje de gala, estava encostado languidamente a um armário. Sua indiferença tinha um ar de informalidade graciosa e um toque de impertinência, como se as pessoas ao seu redor não merecessem a preservação de boas maneiras rígidas.

Seus olhos se moviam ao redor da sala, que não era exatamente moderna nem totalmente colonial e chegava muito perto do estilo imperial francês. A mobília apresentava planos retos e pernas rebuscadas, espelhos negros e luminárias elétricas com proteção de vidro, cromo e tapeçaria. Havia unidade em um único atributo: no custo extravagante de tudo.

– É isso mesmo – disse Mitchell Layton com hostilidade, como se esperasse que todos discordassem e os estivesse insultando antecipadamente. – As pessoas

fazem estardalhaço demais a respeito da liberdade. O que quero dizer é que é uma palavra vaga e superabusada. Nem tenho certeza se é tamanha bênção. *Eu* acho que todos seriam muito mais felizes em uma sociedade regulada, que tivesse um padrão definido e uma forma unificada, como uma dança popular. Vocês sabem como é linda a dança popular. E rítmica também. Isso porque foram necessárias gerações para criá-la e não se permite a qualquer tolo mudá-la ao acaso. É disso que precisamos. Padrão, quero dizer, e ritmo. E também beleza.

– É uma comparação muito adequada, Mitch – comentou Toohey. – Eu sempre lhe disse que você tinha uma mente criativa.

– O que quero dizer é que o que torna as pessoas infelizes não são escolhas de menos, mas de mais – esclareceu Mitchell Layton. – Ter que decidir, sempre decidir, oscilando entre os dois lados o tempo todo. Agora, em uma sociedade que tem um padrão, um homem poderia sentir-se seguro. Ninguém viria procurá-lo o tempo todo, atormentando-o para que fizesse algo. Ninguém teria que fazer nada. Quero dizer, exceto trabalhar para o bem comum, é claro.

– São os valores espirituais que contam – disse Homer Slottern. – É preciso estar atualizado e acompanhar o mundo. Este é um século espiritual.

Slottern tinha um rosto grande e olhos sonolentos. Os botões de sua camisa eram feitos de uma combinação de rubis e esmeraldas, como bocados de salada escorrendo pela frente de sua camisa branca engomada. Ele era dono de três lojas de departamentos.

– Deveria haver uma lei que obrigasse todo mundo a estudar os segredos místicos das eras – falou Mitchell Layton. – Está tudo escrito nas pirâmides do Egito.

– É verdade, Mitch – concordou Homer Slottern. – Há muito a ser dito em favor do misticismo. Por um lado. Por outro, o materialismo dialético...

– Não é uma contradição – corrigiu Layton desdenhosamente, com a voz arrastada. – O mundo do futuro combinará os dois.

– Na verdade – interveio Toohey –, os dois são manifestações superficialmente distintas da mesma coisa. Da mesma intenção.

Seus olhos lançaram uma faísca, como se houvessem sido acesos por dentro. Ele pareceu tirar prazer dessa afirmação em especial, à sua própria maneira.

– Só sei que o altruísmo é o único princípio moral – comentou Jessica Pratt –, o princípio mais nobre e um dever sagrado e muito mais importante do que a liberdade. O altruísmo é o único caminho para a felicidade. Eu faria com que todos que se recusassem a ser altruístas fossem executados. Para libertá-los de sua miséria. Não podem ser felizes de forma alguma.

Jessica Pratt falava melancolicamente. Tinha um rosto suave que estava envelhecendo. Sua pele quebradiça, sem maquiagem, dava a impressão de que se um dedo a tocasse ficaria com uma mancha de pó branco.

Ela tinha um nome de família antigo, nenhum dinheiro e uma grande paixão: o amor por sua irmã mais nova, Renée. Ficaram órfãs quando eram pequenas e ela havia dedicado sua vida a criar a menina. Havia sacrificado tudo, nunca se casara, tinha lutado, conspirado, criado esquemas, trapaceado através dos anos – e conquistado o triunfo do casamento de Renée com Homer Slottern.

Renée Slottern estava sentada encolhida em um banco, mastigando amendoins ruidosamente. De vez em quando, levantava um dos braços para alcançar a tigela de cristal em uma mesa lateral e pegava outro. Não demonstrava nenhum outro interesse. Seus olhos pálidos, em seu rosto sem cor, tinham uma expressão serena.

– Isso já é ir longe demais, Jess – disse Homer Slottern. – Você não pode esperar que todo mundo seja santo.

– Eu não espero nada – retrucou Jessica Pratt humildemente. – Desisti de esperar há muito tempo. Mas é de educação que todos nós precisamos. Acho que o Sr. Toohey entende. Se todos fossem obrigados a ter o tipo apropriado de educação, nós teríamos um mundo melhor. Se forçarmos as pessoas a fazer o bem, elas ficarão livres para ser felizes.

– Esta é uma discussão totalmente inútil – falou Eve Layton. – Nenhuma pessoa inteligente acredita na liberdade nos dias de hoje. É um conceito obsoleto. O futuro pertence ao planejamento social. A coerção é uma lei da natureza. E ponto final. É evidente.

Eve era bonita. Ela estava sob a luz de um lustre, seu cabelo negro e macio agarrado ao crânio, o cetim verde-claro de seu vestido vivo como água prestes a escorrer e expor o resto de sua pele suave e bronzada. Ela tinha a faculdade especial de fazer com que cetim e perfume parecessem tão modernos quanto um tempo de mesa de alumínio. Era Vênus saindo da escotilha de um submarino.

Eve acreditava que sua missão na vida era ser da vanguarda – não importava do quê. Seu método sempre fora dar um salto descuidado e aterrissar triunfalmente bem adiante de todos os outros. Sua filosofia consistia em uma sentença: “Eu posso fazer qualquer coisa impunemente.” Quando conversava, expressava esse modo de pensar com sua frase predileta: “Eu? Eu sou o depois de amanhã.” Ela era uma amazona competente, piloto de carros de corrida, piloto de acrobacias aéreas, campeã de natação. Quando viu que a ênfase da moda havia mudado para o âmbito das ideias, deu outro salto, como fazia por cima de qualquer vala. Aterrissou bem na frente, na última moda. Depois de aterrissar, surpreendeu-se ao descobrir que havia pessoas que questionavam sua façanha. Ninguém nunca questionara suas outras conquistas. Desenvolveu uma raiva impaciente contra todos aqueles que discordavam de suas opiniões políticas. Era uma questão pessoal. Ela tinha que estar certa, uma vez que era o depois de amanhã.

Seu marido, Mitchell Layton, odiava-a.

– É uma discussão totalmente válida – disse ele num tom ríspido. – Não é todo mundo que pode ser tão competente quanto você, minha querida. Nós devemos ajudar os outros. É o dever moral dos líderes intelectuais. O que quero dizer é que deveríamos deixar de lado esse bicho-papão que é o medo da palavra coerção. Não é coerção quando é por uma boa causa. Quero dizer, em nome do amor. Mas não sei como podemos fazer este país entender isso. Os americanos são tão maçantes.

Ele não podia perdoar o seu país porque lhe dera um quarto de bilhão de dólares e depois se recusara a conceder-lhe o mesmo em reverência. As pessoas não aceitavam suas opiniões sobre arte, literatura, história, biologia, sociologia e metafísica da mesma forma que aceitavam seus cheques. Ele se queixava de que as pessoas o identificavam demais com seu dinheiro. Odiava-as porque não o identificavam o suficiente.

– Há muito a ser dito em favor da coerção – declarou Homer Slottern –, contanto que seja democraticamente planejada. O bem comum deve sempre vir em primeiro lugar, gostemos disso ou não.

Traduzida em linguagem, a atitude de Homer Slottern consistia em duas partes – que eram contraditórias –, mas isso não o preocupava, uma vez que permaneciam sem tradução em sua mente. Primeiro, ele sentia que teorias abstratas eram tolices, e, se os clientes quisessem esse tipo em particular, era perfeitamente seguro dar-lhes o que queriam, além de ser um bom negócio. Segundo, sentia-se apreensivo por ter negligenciado o que quer que fosse que as pessoas chamavam de vida espiritual, no afã de ganhar dinheiro. Talvez homens como Toohey tivessem alguma razão nisso. E se suas lojas fossem tiradas dele? Não seria realmente mais fácil viver como gerente de uma loja de departamentos estatal? Não teria lá um salário e o mesmo prestígio e conforto dos quais desfrutava agora, mas sem a responsabilidade da posse?

– É verdade que na sociedade do futuro qualquer mulher dormirá com qualquer homem que quiser? – perguntou Renée Slottern. Começara como uma pergunta, mas foi enfraquecendo. Ela não queria de fato saber. Simplesmente sentiu uma curiosidade insípida sobre como seria uma mulher ter um homem que realmente quisesse, e como seria, de fato, querer.

– É uma burrice falar em escolha pessoal – disse Eve Layton. – É antiquado. Não existe uma pessoa. Existe apenas uma entidade coletiva. É evidente.

Ellsworth Toohey sorria e não dizia nada.

– Algo tem que ser feito a respeito das massas – declarou Mitchell Layton. – Elas têm que ser lideradas. Não sabem o que é bom para elas. Quero dizer, não consigo entender por que pessoas cultas e de posição como nós compreendem o grande ideal do coletivismo tão bem e estão dispostas a sacrificar nossas vantagens pessoais, enquanto o trabalhador, que tem tudo a ganhar com isso, permanece tão estupidamente indiferente. Não consigo entender por que os

trabalhadores neste país têm tão pouca simpatia pelo coletivismo.

– Não consegue? – perguntou Toohey. Seus olhos faiscaram.

– Isto está me matando de tédio – disse Eve Layton rispidamente, andando de um lado a outro da sala, a luz escorrendo de seus ombros.

A conversa mudou para arte e seus reconhecidos líderes modernos em cada campo.

– Lois Cook afirmou que as palavras devem ser libertadas da opressão da razão. Ela disse que a repressão das palavras pela razão é como a exploração das massas pelos capitalistas. As palavras devem ter permissão para negociar com a razão, por meio de um acordo coletivo. Foi isso que ela disse. Ela é tão divertida e estimulante.

– Ike... como é mesmo o nome dele?... disse que o teatro é um instrumento do amor. Ele falou que é errado que uma peça seja realizada no palco. Ela deve acontecer no coração da plateia.

– Jules Fougler disse, no *Banner* de domingo passado, que no mundo do futuro o teatro será absolutamente desnecessário. Ele acredita que a vida diária do homem comum é em si mesma uma obra de arte, tanto quanto a melhor tragédia de Shakespeare. No futuro, não haverá nenhuma necessidade de termos dramaturgos. O crítico vai simplesmente observar a vida das massas e avaliar seus pontos artísticos para o público. Foi o que Jules Fougler disse. Bem, não sei se concordo, mas ele oferece um ângulo novo e interessante sobre isso.

– Lancelot Clokey diz que o Império Britânico está condenado. Ele garantiu que não haverá guerra, porque os trabalhadores do mundo não permitirão, são os banqueiros internacionais e os fabricantes de munição que iniciam as guerras, e eles foram retirados do comando. Lancelot Clokey diz que o universo é um mistério e que sua mãe é sua melhor amiga. E afirma que o primeiro-ministro da Bulgária come arenque no café da manhã.

– Gordon Prescott falou que a arquitetura não é nada além de quatro paredes e um teto. O piso é opcional. Todo o resto é ostentação capitalista. Ele diz que ninguém deveria ter permissão para construir nada, em lugar nenhum, até que cada habitante do globo tenha um teto sobre sua cabeça... E o povo da Patagônia, você quer saber? É *nosso* trabalho ensinar-lhes a *querer* um teto. Prescott chama isso de interdependência transespaçial dialética.

Ellsworth Toohey não dizia nada. Ele sorria para a visão de uma enorme máquina de escrever. Cada nome famoso que ouvia era uma tecla da máquina, cada uma controlando um campo especial, cada uma batendo, deixando sua marca, e o todo criando frases conectadas em uma ampla folha de papel em branco. *Uma máquina de escrever*, pensou ele, *pressupõe a mão que bate em suas teclas*.

Ele voltou a prestar atenção, com um sobressalto, quando ouviu a voz mal-humorada de Mitchell Layton dizer:

– Ah, sim, o maldito *Banner*!

– Eu sei – disse Homer Slottern.

– Ele está falhando – falou Mitchell Layton. – Com certeza, está falhando. Que maravilha de investimento acabou sendo para mim. Foi a única vez que Ellsworth errou.

– Ellsworth nunca erra – retrucou Eve Layton.

– Bem, ele errou dessa vez. Foi ele que me aconselhou a comprar um pedaço daquele jornal nojento.

Layton viu os olhos de Toohey, pacientes como veludo, e acrescentou rapidamente:

– Quero dizer, não estou me queixando, Ellsworth. Não faz mal. Talvez até me ajude a reduzir um pouco do meu maldito imposto de renda. Mas aquele pasquim reacionário imundo com certeza está indo para o buraco.

– Tenha um pouco de paciência, Mitch – pediu Toohey.

– Você não acha que eu deveria vender antes da derrocada?

– Não, Mitch, não acho.

– Está bem, se você diz. Eu tenho dinheiro suficiente. O bastante para pagar por qualquer coisa.

– Mas eu com certeza não tenho! – gritou Homer Slottern, com uma veemência surpreendente. – Está chegando a um ponto em que uma pessoa não pode se dar ao luxo de anunciar no *Banner*. Não é a sua circulação, quanto a isso tudo bem, mas há um sentimento por aí, um tipo esquisito de sentimento... Ellsworth, estou pensando em rescindir meu contrato.

– Por quê?

– Você conhece o movimento “Nós não lemos Wynand”?

– Ouvi falar a respeito.

– É liderado por um cara chamado Gus Webb. Eles colocam adesivos em para-brisas de carros estacionados e em banheiros públicos. Vaiam os jornais cinematográficos Wynand, nos cinemas. Não acho que seja um grupo grande, mas... Na semana passada, uma mulher pouco atraente teve um ataque na minha loja, a da Quinta Avenida, chamando-nos de inimigos dos trabalhadores porque anunciamos no *Banner*. Você pode ignorar isso, mas a coisa fica séria quando uma de nossas clientes mais antigas, uma pequena senhora pacata de Connecticut e republicana há três gerações, nos telefona para dizer que talvez ela devesse cancelar sua conta-corrente conosco porque alguém lhe disse que Wynand é um ditador.

– Gail Wynand não conhece nada sobre política, exceto o tipo mais primitivo – declarou Toohey. – Ele ainda pensa em termos do Clube Democrata de Hell’s Kitchen. Havia certa inocência na corrupção política daquela época, não acha?

– Não me interessa. Não é disso que estou falando. O que quero dizer é que o *Banner* está se transformando em um tipo de problema. Faz mal aos negócios.

Temos que ser muito cuidadosos nos dias de hoje. Você se liga às pessoas erradas e, quando se dá conta, acontece uma campanha difamatória e acaba espirrando em você também. Eu não posso arcar com esse tipo de coisa.

– Não é uma difamação totalmente injustificada.

– Não me interessa. Eu não ligo a mínima se é verdade ou não. Quem sou eu para arriscar o meu pescoço por Gail Wynand? Se há uma aversão pública a ele, a minha obrigação é ficar o mais longe possível, imediatamente. E não sou o único. Há muitos de nós que pensam da mesma forma. Jim Ferris da Ferris & Symes, Billy Shultz dos Cereais Vimo, Bud Harper da Pequenos Elegantes e... diabos, você conhece todos eles, são todos seus amigos, o nosso grupo, os empresários liberais. Todos nós queremos tirar nossos anúncios do *Banner*.

– Tenha um pouco de paciência, Homer. Eu não me apressaria. Há uma hora certa para tudo. Existe uma coisa chamada momento psicológico.

– Está bem, vou aceitar a sua palavra. Mas há... há um tipo de sentimento no ar. Vai se tornar perigoso algum dia.

– Pode ser. Eu lhe direi quando estiver para acontecer.

– Eu pensei que Ellsworth trabalhasse no *Banner* – comentou Renée Slottern, vagamente confusa.

Os outros viraram-se para ela, com indignação e pena.

– Você é ingênua, Renée – disse Eve Layton, dando de ombros.

– Mas qual é o problema com o *Banner*?

– Criança, não se incomode com a política suja – falou Jessica Pratt. – O *Banner* é um jornal perverso. O Sr. Wynand é um homem muito mau. Ele representa os interesses egoístas dos ricos.

– Eu o acho lindo – revelou Renée. – Acho-o sexy.

– Ah, pelo amor de Deus! – bradou Eve Layton.

– Espere aí, afinal de contas a Renée tem o direito de expressar a opinião dela – disse Jessica Pratt, com uma ira imediata.

– Alguém me contou que Ellsworth é o presidente do Sindicato dos Funcionários Wynand – falou Renée com a voz arrastada.

– Deus me livre, não, Renée. Eu nunca fui presidente de nada. Sou apenas um membro comum, como qualquer office boy.

– Eles têm um Sindicato de Funcionários Wynand? – perguntou Homer Slottern.

– Era só um clube, no início – respondeu Toohey. – Virou sindicato no ano passado.

– Quem o organizou?

– Quem pode saber? Foi mais ou menos espontâneo. Como todos os movimentos de massa.

– Eu acho que Wynand é um filho da mãe – declarou Mitchell Layton. – Quem ele pensa que é, afinal? Fui a uma reunião de acionistas e ele nos tratou

como fracassados. O meu dinheiro não é tão bom quanto o dele? Não sou o dono de uma parte da droga do jornal dele? Eu poderia lhe ensinar algumas coisinhas sobre jornalismo. Eu tenho ideias. Por que ele é tão arrogante? Só porque fez aquela fortuna sozinho? Ele tem que ser tão esnobe só porque veio de Hell's Kitchen? Não é culpa das outras pessoas se não tiveram a sorte de nascer naquele antro para poder sair de lá! Ninguém entende que terrível desvantagem é nascer rico. Porque as pessoas simplesmente têm certeza de que, porque nasceu rico, você não valeria nada se tivesse nascido pobre. Quero dizer, se tivesse tido as oportunidades de Gail Wynand, a esta altura eu seria duas vezes mais rico que ele e três vezes mais famoso. Mas ele é tão convencido que não percebe isso de jeito nenhum!

Ninguém disse uma palavra. Ouviram a inflexão crescente de histeria na voz de Mitchell Layton. Eve Layton olhou para Toohey, silenciosamente pedindo ajuda. Toohey sorriu e deu um passo à frente.

– Estou com vergonha de você, Mitch – comentou ele.

Homer Slottern arquejou. Não se repreendia Mitchell Layton nesse assunto. Não se repreendia aquele homem em nenhum assunto.

O lábio inferior de Layton desapareceu.

– Estou com vergonha de você, Mitch – repetiu Toohey severamente –, por comparar-se a um homem tão desprezível quanto Gail Wynand.

A boca de Mitchell Layton relaxou e assumiu uma forma equivalente a algo quase tão amável quanto um sorriso.

– É verdade – concordou ele humildemente.

– Não, você nunca seria capaz de igualar a carreira de Gail Wynand. Não com seu espírito sensível e seus instintos humanitários. É isso que o restringe, Mitch, não o seu dinheiro. Quem liga para isso? A era do dinheiro já passou. É a sua natureza que é refinada demais para a competição bruta de nosso sistema capitalista. Mas isso também está passando.

– É evidente – reconheceu Eve Layton.

Era tarde quando Toohey partiu. Sentia-se bem-disposto e resolveu caminhar até sua casa. As ruas da cidade estavam solenemente vazias ao seu redor, e as massas escuras dos prédios erguiam-se em direção ao céu, confiantes e desprotegidas. Ele lembrou-se do que dissera a Dominique, certa vez: “Uma engrenagem imensa e complicada como a nossa sociedade... e se apenas pressionar um ponto com seu dedo mindinho... o centro de toda a sua gravidade... você pode fazer a máquina desmoronar e virar um monte imprestável de ferrovelho...” Ele sentia saudades de Dominique. Gostaria que ela pudesse ter estado com ele para ouvir a conversa dessa noite.

O não compartilhado estava fervendo dentro dele. Ele parou no meio de uma rua silenciosa, atirou a cabeça para trás e riu alto, olhando para os topos dos arranha-céus.

Um policial deu-lhe um tapinha no ombro e perguntou:

– Algum problema, senhor?

Toohey viu botões e um tecido azul esticado sobre um peito largo, um rosto impassível, duro e paciente. Um homem tão decidido e seguro quanto os prédios ao seu redor.

– Fazendo sua obrigação, seu guarda? – perguntou Toohey, os ecos de riso como espasmos em sua voz – Protegendo a lei, a ordem, a decência e as vidas humanas? – O policial coçou a nuca. – O senhor deveria me prender, seu guarda.

– Tudo bem, camarada, tudo bem – disse o policial. – Vá andando. Todos nós tomamos um trago a mais, de vez em quando.

SOMENTE DEPOIS QUE O ÚLTIMO pintor foi embora Peter Keating teve uma sensação de desolação e uma fraqueza dormente na curva de seus cotovelos. Ele estava em pé no saguão, olhando para o teto. Sob o brilho berrante da tinta, ainda podia ver o contorno do quadrado de onde a escadaria havia sido removida e a abertura, selada. A antiga sala de Guy Francon desaparecera. A firma Keating & Dumont agora tinha apenas um único andar.

Pensou na escadaria e em como ele havia subido seus degraus de veludo vermelho pela primeira vez, carregando um desenho nas pontas dos dedos. Pensou na sala de Francon, com as faíscas que brilhavam como um enxame de borboletas. Pensou nos quatro anos em que ele próprio havia ocupado aquele recinto.

Ele soubera o que estava acontecendo com sua firma, nesses últimos anos. Soubera muito bem, enquanto os homens de macacão retiravam a escadaria e fechavam o buraco no teto. Porém foi aquele quadrado coberto pela tinta branca que tornou a situação real para ele, e definitiva.

Resignara-se com o processo de declínio havia muito tempo. Não escolhera resignar-se – teria sido uma decisão positiva –, simplesmente acontecera e ele não impedira. Fora simples e quase indolor, como uma sonolência levando uma pessoa a nada mais sinistro do que um sono bem-vindo. A dor entorpecida vinha do desejo de compreender por que ocorrera.

Houve a exposição “A Marcha dos Séculos”, mas ela sozinha não poderia ter sido fundamental. Inaugurada em maio, tornou-se um fracasso. *De que adianta*, pensou Keating, *por que não dizer a palavra certa? Fracasso*. Foi um fracasso medonho. Ellsworth Toohey escrevera: “O título dessa empreitada seria mais apropriado se presumirmos que os séculos passaram a cavalo.” Todo o resto escrito sobre os méritos arquitetônicos da exposição havia sido da mesma natureza.

Keating pensou, com uma amargura melancólica, em como haviam trabalhado cuidadosamente, ele e os sete outros arquitetos, ao projetar aqueles prédios. Era verdade que ele havia se adiantado e tomado conta da publicidade, mas com certeza não havia feito isso no que dizia respeito à criação dos projetos. Eles haviam trabalhado em harmonia, uma reunião após a outra, cada um cedendo aos outros, num verdadeiro espírito coletivo, nenhum tentando impor seus preconceitos pessoais ou nas ideias egoístas. Até Ralston Holcombe deixara de lado a Renascença. Eles haviam feito prédios modernos, mais modernos do que qualquer coisa vista antes, mais modernos do que as vitrines da loja de departamentos Slottern. Ele não achava que os prédios pareciam “espirais de pasta de dentes, quando alguém pisa no tubo, ou versões estilizadas do intestino delgado”, como dissera um crítico.

Contudo, parecia que era isso o que o público pensava, se é que pensava. Ele não sabia. Sabia apenas que os ingressos para “A Marcha dos Séculos” estavam sendo trocados por cartelas de bingo nos cinemas, e que a sensação da exposição, a salvação financeira, fora uma moça chamada Juanita Fay, que dançava com um pavão vivo como única peça de vestuário.

Mas e daí que a feira tinha fracassado? Isso não afetara os outros arquitetos que participaram dela. Gordon L. Prescott estava progredindo com mais força do que nunca. Não era isso, pensou Keating. Começara antes da feira. Ele não sabia dizer quando.

Poderia haver tantas explicações. A Depressão atingira todos eles; outros haviam se recuperado até certo ponto, Keating & Dumont, não. Algo saíra da firma e dos círculos de onde ela atraía seus clientes, com a aposentadoria de Guy Francon. Keating percebeu que houvera arte, habilidade e um tipo próprio de energia ilógica na carreira do ex-sócio, mesmo se a arte consistisse apenas em seu charme social e a energia fosse direcionada a laçar milionários desnorreados. Houvera um tipo de senso distorcido na reação das pessoas a Francon.

Ele não conseguia ver nenhum indicio de racionalidade nas coisas às quais as pessoas reagiam agora. O líder da profissão – em pequena escala; já não restava grande escala em nada – era Prescott, o presidente do Conselho dos Construtores Americanos. Prescott, que dava palestras sobre o pragmatismo transcendental da arquitetura e do planejamento social, que punha os pés em cima das mesas em salas de visitas, ia a jantares formais vestindo bombachas e criticava a sopa em voz alta. As pessoas da sociedade diziam que gostavam de um arquiteto que fosse liberal. A Associação Americana de Arquitetos ainda existia, com uma dignidade intransigente e ofendida, mas referiam-se a ela como a Casa dos Velhos. O Conselho dos Construtores Americanos governava a profissão e falava sobre um monopólio sobre ela, embora ninguém ainda houvesse inventado uma forma de concretizar isso. Sempre que o nome de um arquiteto aparecia na coluna de Ellsworth Toohey, era o de Augustus Webb. Aos 39 anos, Keating ouvia descreverem-no como antiquado.

Ele desistira de tentar entender. Sabia vagamente que a explicação para a mudança que estava engolindo o mundo era de uma natureza que ele preferia não conhecer. Em sua juventude, sentira um desprezo amigável pelos trabalhos de Guy Francon ou de Ralston Holcombe, e imitá-los não parecera ser nada mais do que charlatanice inocente. Entretanto, ele sabia que Gordon L. Prescott e Gus Webb representavam uma fraude tão impertinente e malévola que fechar seus olhos às evidências estava além de sua capacidade elástica. Keating acreditava que as pessoas encontravam grandeza em Holcombe e houvera uma satisfação razoável em pegar emprestada a grandeza que aquele homem também havia pegado emprestada. Ele sabia que ninguém via absolutamente nada em Prescott. Sentia algo obscuro e malicioso na maneira com que as pessoas falavam da

genialidade de Prescott, como se não estivessem prestando uma homenagem a ele, mas cuspidando na genialidade. Pela primeira vez, Keating não podia imitar as pessoas. Estava claro demais, até para ele, que o favoritismo do público deixara de ser um reconhecimento de mérito e que se tornara quase uma marca de vergonha.

Ele prosseguia, impulsionado pela inércia. Não podia arcar com o custo de andar grande que seu escritório ocupava e de cujas salas não usava a metade, mas continuava com elas e pagava o déficit de seu próprio bolso. Tinha que continuar. Perdera uma grande parte de sua fortuna pessoal em especulações descuidadas no mercado de ações, mas ainda restara o suficiente para lhe garantir algum conforto para o resto da vida. Isso não o perturbava; o dinheiro deixara de ser uma grande preocupação que prendesse a sua atenção. Era a inatividade que ele temia, o ponto de interrogação aparecendo indistintamente no futuro, se a rotina de seu trabalho lhe fosse tirada.

Caminhava lentamente, com os braços pressionados ao lado do corpo, de ombros caídos, como se vivesse encolhido com um frio permanente. Vinha engordando. Seu rosto estava inchado. Mantinha-o abaixado, e a prega de um queixo duplo aparecia, achatada pelo nó da gravata. Permanecia um traço de sua beleza, e piorava a sua aparência, como se as linhas de seu rosto houvessem sido desenhadas em um mata-borrão e tivessem se espalhado, indistintas. Os fios brancos em suas têmporas estavam se tornando mais visíveis. Bebia com frequência, sem alegria.

Pedi à sua mãe que voltasse a morar com ele. Ela voltou. Passavam longas noites juntos na sala de estar, sem dizer nada, sem rancor, mas buscando apoio e conforto um no outro. A Sra. Keating não fazia nenhuma sugestão, nenhuma reclamação. Em vez disso, havia uma nova ternura, como uma forma de pânico, na maneira como tratava o filho. Ela preparava o café da manhã dele, embora tivessem uma empregada; preparava seu prato favorito, crepes, do tipo de que ele gostava quando tinha 9 anos e teve sarampo. Se ele reparava em seus esforços e fazia algum comentário de prazer, ela assentia com a cabeça, piscando, virando para o outro lado, perguntando-se por que isso a deixava tão feliz e, se deixava, por que seus olhos enchiam-se de lágrimas.

Ela perguntava subitamente, após um um tempo em silêncio:

– Vai ficar tudo bem, Petey? Não vai?

E ele não perguntava o que ela queria dizer com aquilo, mas respondia brandamente:

– Sim, mãe, vai ficar tudo bem. – Empregava o que havia sobrado de sua capacidade de sentir pena no esforço de fazer com que sua voz soasse convincente.

Uma vez, ela perguntou-lhe:

– Você é feliz, Petey? Não é?

Ele fitou-a e viu que ela não estava rindo dele; os olhos dela estavam arregalados e assustados. E, como ele não pôde responder, ela gritou:

– Mas você tem que ser feliz! Petey, você tem! Senão, para que eu vivi?

Ele quis se levantar, tomá-la nos braços e dizer que estava tudo bem – e então lembrou-se de Guy Francon lhe dizendo, no dia de seu casamento: “Quero que você tenha orgulho de mim, Peter... Quero sentir que teve algum significado.” E então ficou paralisado. Sentiu-se na presença de algo que não devia compreender, que jamais deveria permitir que entrasse em sua mente. Deu as costas à mãe.

Certa noite, ela disse, sem preâmbulos:

– Petey, acho que você deveria se casar. Acho que seria muito melhor se você estivesse casado.

Ele não encontrou nenhuma resposta e, enquanto procurava às cegas por alguma coisa alegre para dizer, ela acrescentou:

– Petey, por que não... por que você não se casa com Catherine Halsey?

Ele sentiu a raiva enchendo seus olhos, sentiu a pressão em suas pálpebras inchadas, enquanto se virava lentamente para a mãe. Então viu diante dele aquela figura pequena e gorda, rígida e indefesa, com um tipo de orgulho desesperado, aceitando levar qualquer golpe que ele desejasse dar, absolvendo-o de antemão, e entendeu que esse fora o gesto mais corajoso que ela já tentara fazer. A raiva sumiu, porque sentiu a dor dela de forma mais aguda do que o choque da sua própria, e ergueu a mão, apenas para deixá-la cair flácida, para deixar que o gesto abrangesse tudo, dizendo apenas:

– Mãe, não vamos...

Nos fins de semana, não sempre, mas uma ou duas vezes por mês, ele desaparecia da cidade. Ninguém sabia aonde ia. A Sra. Keating se preocupava, mas não fazia perguntas. Ela suspeitava que havia uma mulher em algum lugar, e não uma boa mulher, caso contrário ele não se calaria de modo tão sombrio sobre o assunto. A Sra. Keating descobriu-se torcendo para que ele houvesse caído nas garras da mulher da vida mais sórdida e gananciosa, que tivesse juízo suficiente para fazê-lo casar-se com ela.

Ele ia para uma cabana que havia alugado nas colinas de uma vila desconhecida. Guardava tintas, pincéis e telas na cabana. Passava os dias nas colinas, pintando. Não sabia explicar por que se lembrara daquela ambição não desenvolvida de sua juventude, que sua mãe drenara e desviara para o canal da arquitetura. Não sabia explicar por meio de que processo o impulso tornara-se irresistível. Mas encontrara a cabana e gostava de ir até lá.

Ele não podia dizer que gostava de pintar. Não era prazer nem alívio, era autotortura, mas, de alguma forma, isso não importava. Sentava-se em um banquinho de lona diante de um cavalete pequeno e olhava para uma vastidão deserta de colinas, para o bosque e o céu. Tinha uma dor silenciosa como única

concepção do que queria expressar, uma ternura humilde e insuportável pela visão da Terra ao seu redor, e algo apertado, paralisado, como único meio de expressá-la. Prosseguia. Tentava. Olhava para suas telas e sabia que nada havia sido capturado em sua imperfeição infantil. Não importava. Não era para ninguém vê-las. Empilhava-as cuidadosamente em um canto da cabana e trancava a porta antes de retornar à cidade. Não havia nenhum prazer envolvido, nenhum orgulho, nenhuma solução. Apenas – enquanto ele estava sentado sozinho diante do cavalete – uma sensação de paz.

Tentava não pensar em Ellsworth Toohey. Um instinto vago lhe dizia que poderia preservar uma precária segurança de espírito, contanto que não tocasse naquele assunto. Só podia haver uma explicação para o comportamento de Toohey com relação a ele – e Peter preferia não formulá-la.

Toohey afastara-se dele. Os intervalos entre seus encontros haviam se tornado mais longos a cada ano. Ele aceitou e disse a si mesmo que o crítico estava ocupado. O silêncio público de Toohey sobre ele era desconcertante. Dizia a si mesmo que o amigo tinha coisas mais importantes sobre o que escrever. A crítica de Toohey à feira “A Marcha dos Séculos” havia sido um golpe. Peter disse a si mesmo que seu trabalho a merecera. Aceitava qualquer culpa. Podia se dar ao luxo de duvidar de si mesmo. Não podia se dar ao luxo de duvidar de Toohey.

Foi Neil Dumont quem o forçou a pensar em Toohey novamente. Neil falava com petulância sobre o estado do mundo, sobre chorar sobre leite derramado, a mudança como uma lei da existência, a adaptabilidade e a importância de ser um dos primeiros a entrar em um novo negócio. Keating entendeu vagamente, de um discurso longo e confuso, que os negócios, como eles haviam conhecido, estavam acabados, que o governo assumiria o controle, quer eles gostassem disso ou não, que a iniciativa privada no campo da construção estava morrendo e que logo o governo seria o único construtor, e que era melhor eles entrarem nisso agora, se quisessem chegar a entrar. Neil disse:

– Olhe para Gordon Prescott e o interessante pequeno monopólio que ele ergueu com a construção de moradias populares e correios. Olhe para Gus Webb forçando sua própria participação no esquema.

Keating não respondeu. Neil estava atirando nele seus próprios pensamentos não confessados. Ele soubera que em breve teria que encarar isso e tentara adiar o momento.

Ele não queria pensar no Conjunto Habitacional Cortlandt, um projeto de moradia popular do governo que seria construído em Astoria, às margens do East River. Fora planejado como um experimento gigantesco de moradias de aluguel baixo, para servir de modelo para o país todo, para o mundo todo. Keating ouvia arquitetos falarem a respeito há mais de um ano. A verba fora aprovada e o local escolhido. Mas não o arquiteto. Keating recusava-se a admitir para si mesmo

como estava desesperado para obter Cortlandt e como eram mínimas suas chances de isso acontecer.

– Ouça, Pete, é melhor falarmos francamente – disse Neil. – Nós estamos nas últimas, amigo, e você sabe disso. Tudo bem, vamos durar mais um ou dois anos, nos aproveitando de sua reputação. E depois? Não é culpa nossa. É só que a iniciativa privada morreu e está ficando cada vez mais morta. É um processo histórico. A onda do futuro. Portanto, é melhor agarrarmos a nossa prancha enquanto ainda podemos. Há uma oportunidade boa e firme esperando pelo cara esperto o suficiente para agarrá-la: o Conjunto Habitacional Cortlandt.

Agora ele ouvira aquilo ser pronunciado. Keating perguntou-se por que o nome soara como uma badalada amortecida de um sino, como se o som houvesse aberto e fechado uma sequência que ele não seria capaz de deter.

– O que quer dizer, Neil?

– O Conjunto Habitacional Cortlandt. Ellsworth Toohey. Agora você sabe o que quero dizer.

– Neil, eu...

– O que há com você, Pete? Ouça, todo mundo está rindo disso. Todos estão dizendo que se fossem o amiguinho predileto de Toohey, como você é, eles conseguiriam o Conjunto Habitacional Cortlandt assim – ele estalou seus dedos bem-cuidados –, assim mesmo, e ninguém entende o que você está esperando. Você sabe que é o amigo Ellsworth quem está comandando esse *show* da construção.

– Não é verdade. Ele não está. Não tem nenhum cargo no governo. Nunca teve.

– A quem você está enganando? A maioria dos rapazes de importância em todos os escritórios é *dele*. Não tenho ideia de como conseguiu infiltrá-los, mas conseguiu. Qual é o problema, Pete? Está com medo de pedir um favor a Ellsworth Toohey?

Pronto, pensou Keating. Agora não havia volta. Ele não podia admitir a si mesmo que estava com medo de pedir a Toohey.

– Não – disse ele, com a voz fraca –, não estou com medo, Neil. Eu vou... Está bem, Neil. Vou falar com Ellsworth.



Ellsworth Toohey estava estirado em um sofá, vestindo um robe. Seu corpo tinha o formato de uma letra X malfeita: os braços esticados acima da cabeça, paralelos às bordas das almofadas, as pernas abertas e separadas. O robe era de seda e estampado com a marca registrada do pó de arroz Coty, pompons brancos sobre um fundo laranja. Parecia ousado e alegre, extremamente elegante nessa completa bobagem. Sob o robe, Toohey vestia um pijama amassado de linho

verde pistache. A calça flutuava ao redor de seus tornozelos finos como varas.

Era típico de Toohey, pensou Keating. Essa pose em meio à meticulosidade severa de sua sala de estar; uma única tela de um artista famoso na parede atrás dele, e o restante da sala modesto como o quarto de um monge. *Não*, pensou Keating, *como o refúgio de um rei no exílio, desdenhando a exibição materialista.*

Os olhos de Toohey se mostravam afetivos, entretidos, encorajadores. Ele atendera pessoalmente ao telefone e concedera-lhe a visita imediatamente. Keating pensou: *É bom ser recebido assim, informalmente. Do que eu estava com medo? Do que duvidei? Nós somos velhos amigos.*

– Puxa vida – disse Toohey, bocejando –, como ficamos cansados! Chega um momento no dia de todo homem em que ele fica ansioso para relaxar como um vagabundo cambaleante. Eu cheguei em casa e senti que não podia ficar vestido com aquelas roupas nem mais um minuto. Eu me sentia como um maldito camponês, simplesmente sentindo coceira, e tive que tirá-las. Você não se importa, não é, Peter? Com algumas pessoas é preciso ser empertigado e formal, mas com você isso não é absolutamente necessário.

– Não, é claro que não.

– Acho que vou tomar um banho daqui a pouco. Nada como um bom banho quente para fazer uma pessoa se sentir como um parasita. Gosta de banhos quentes, Peter?

– Ora... sim... acho que sim.

– Você está engordando, Peter. Muito em breve, vai ter uma aparência repulsiva em uma banheira. Está engordando e parece doente. É uma combinação ruim. Absolutamente errada, do ponto de vista estético. As pessoas gordas devem ser felizes e bem-humoradas.

– Eu... eu estou bem, Ellsworth. É só que...

– Você costumava ter uma ótima disposição. Não deve perder isso. As pessoas vão ficar entediadas com você.

– Eu não mudei, Ellsworth. – Subitamente, ele enfatizou as palavras: – Eu realmente não mudei nada. Sou exatamente o que era quando projetei o Edifício Cosmo-Slotnick.

Olhou esperançoso para Toohey. Pensou que essa era uma dica óbvia o suficiente para ele entender. O crítico entendia coisas muito mais delicadas do que isso. Peter esperou para ser ajudado. Toohey continuou olhando para ele, com olhos bondosos e inexpressivos.

– Ora, Peter, essa afirmação não é filosófica. A mudança é o princípio básico do universo. Tudo muda. As estações, as folhas, as flores, os pássaros, as morais, os homens e os prédios. É o processo dialético, Peter.

– Sim, claro. As coisas mudam, tão rápido, de uma forma tão esquisita. Você nem mesmo percebe como e, de repente, certa manhã, lá está. Lembra, há poucos anos, Lois Cook, Gordon Prescott, Ike e Lance... eles não eram ninguém.

E agora... Ellsworth, eles estão no topo e são todos seus. Para qualquer lado que olho, qualquer nome importante que ouço é um dos seus rapazes. Você é surpreendente, Ellsworth. Como alguém pode fazer isso... em apenas alguns anos...

– É muito mais simples do que lhe parece, Peter. É porque você pensa em termos de personalidades. Você acha que é feito de um em um. Mas, meu Deus, as vidas inteiras de cem assessores de imprensa não seriam suficientes. Pode ser feito muito mais depressa. Esta é a era das invenções que economizam tempo. Se quer que alguma coisa cresça, você não alimenta as sementes em separado. Simplesmente espalha determinado fertilizante. A natureza faz o resto. Acredito que você pensa que eu sou o único responsável. Mas não sou. Minha nossa, não. Sou apenas uma figura dentre muitas, uma alavanca em um movimento muito amplo. Muito amplo e muito antigo. Por acaso, eu escolhi o campo que interessa a você – o campo das artes – porque pensei que ele enfocava os fatores decisivos na tarefa que tínhamos que completar.

– Sim, claro, mas acho que você foi tão esperto. Quero dizer, que você pôde escolher jovens que tinham talento, que tinham futuro. Não tenho a menor ideia de como adivinhou por antecipação. Lembra o sótão horroroso que tínhamos para o Conselho dos Construtores Americanos? E ninguém nos levava a sério. E as pessoas costumavam rir de você por perder tempo com todo tipo de organizações ridículas.

– Meu caro Peter, as pessoas se deixam levar por tantas pressuposições equivocadas. Por exemplo, aquela velha: dividir e conquistar. Bem, tem suas aplicações. Mas coube ao nosso século descobrir uma fórmula muito mais potente. Unir e governar.

– O que você quer dizer?

– Nada que você pudesse entender. E não devo sobrecarregar sua energia. Não parece que você tenha muita de sobra.

– Ah, eu estou bem. Posso parecer um pouco preocupado, porque...

– Preocupar-se é um desperdício de reservas emocionais. Uma grande tolice. Não é digno de uma pessoa culta. Visto que somos apenas as criaturas de nosso metabolismo químico e dos fatores econômicos de nossos ambientes, não há absolutamente nada que possamos fazer em relação a coisa alguma. Então, por que nos preocupar? Há, claro, exceções aparentes. Meramente aparentes. Quando as circunstâncias nos iludem, fazendo-nos pensar que a ação livre é indicada. Como, por exemplo, a sua vinda aqui para falar sobre o Conjunto Habitacional Cortlandt.

Keating piscou e então sorriu, agradecido. Pensou que era típico de Toohy adivinhar e poupá-lo das preliminares constrangedoras.

– É verdade, Ellsworth. Era exatamente sobre isso que eu queria falar com você. Você é maravilhoso. Me lê como um livro.

– Que tipo de livro, Peter? Um romance barato? Uma história de amor? Um suspense policial? Ou só um manuscrito plagiado? Não, digamos: como um seriado. Um seriado bom, longo, empolgante... faltando o último capítulo, que ficou perdido em algum lugar. Não haverá nenhum último capítulo. A menos, é claro, que seja o Conjunto Habitacional Cortlandt. Sim, esse seria um capítulo final apropriado.

Keating esperava, seus olhos intensos e francos, esquecendo-se de pensar na vergonha, no apelo que deveria ser disfarçado.

– Um projeto tremendo, o Conjunto Habitacional Cortlandt. Maior que Stoneridge. Você se lembra de Stoneridge, Peter?

Ele só está à vontade comigo, penso Keating. Está cansado, não pode ter tato o tempo todo, não percebe o que está...

– Stoneridge. O grande empreendimento residencial de Gail Wynand. Já pensou na carreira de Wynand, Peter? De rato de cais a Stoneridge. Sabe o que um passo como esse significa? Você se daria ao trabalho de calcular o esforço, a energia, o sofrimento com que ele pagou por cada passo de seu caminho? E aqui estou eu, e tenho na palma da mão um projeto muito maior que Stoneridge, sem ter feito nenhum esforço. – Ele abaixou a mão e acrescentou: – Se é que eu tenho. Pode ser apenas uma figura de linguagem. Não entenda as minhas palavras literalmente, Peter.

– Eu odeio Wynand – disse Keating, olhando para o chão, com a voz embargada. – Eu o odeio mais do que a qualquer homem vivo.

– Wynand? Ele é uma pessoa muito ingênua. É ingênuo o suficiente para achar que os homens são motivados principalmente por dinheiro.

– Você não é, Ellsworth. Você é um homem íntegro. É por isso que eu acredito em você. É tudo o que eu tenho. Se eu parasse de acreditar em você, não haveria nada... em lugar nenhum.

– Obrigado, Peter. Muito amável da sua parte. Histérico, mas amável.

– Ellsworth... você sabe o que eu sinto por você.

– Tenho uma vaga ideia.

– É por isso que não consigo entender.

– O quê?

Ele tinha que dizer. Havia decidido, acima de tudo, nunca dizê-lo, mas não podia evitar.

– Ellsworth, por que você me abandonou? Por que nunca mais escreveu nada a meu respeito? Por que é sempre, na sua coluna e em todo lugar, e sobre qualquer projeto que você tenha a chance de influenciar, por que é sempre Gus Webb?

– Mas, Peter, por que não deveria ser?

– Mas... eu...

– Eu lamento ver que você não me entendeu em absoluto. Em todos esses anos, você não aprendeu nada sobre os meus princípios. Eu não acredito em

individualismo, Peter. Não acredito que nem um único homem seja uma única coisa que todos os outros não podem ser. Acredito que somos todos iguais e permutáveis. Uma posição que você tenha hoje pode ser de qualquer pessoa, e de todas as pessoas, amanhã. Rotação igualitária. Eu não preguei isso sempre para você? Por que acha que eu o escolhi? Por que o coloquei onde você estava? Para proteger a profissão de homens que se tornariam insubstituíveis. Para dar uma chance aos Gus Webbs deste mundo. Por que acha que eu lutei contra, por exemplo, Howard Roark?

A mente de Keating era um hematoma. Ele pensou que seria um hematoma, porque sentia como se sua mente houvesse sido atingida com força por algo achatado e pesado, e ela ficaria preta, azulada e inchada mais tarde. No momento, não sentia nada, exceto uma dormência branda. Os fragmentos de pensamento que ele pôde distinguir disseram-lhe que as ideias que ouviu eram de uma alta ordem moral, aquelas que ele sempre havia aceitado, portanto nenhum mal lhe poderia ser feito a partir delas, não podia haver a intenção de fazer nenhum mal. Os olhos de Toohey fitavam-no diretamente, escuros, amáveis, benevolentes. Talvez mais tarde... ele saberia mais tarde... Mas uma coisa havia penetrado e permanecido presa em algum fragmento de seu cérebro. Aquilo ele havia entendido. O nome.

E, ao mesmo tempo que sua única esperança de salvação dependia de Toohey, algo inexplicável retorceu-se dentro dele, Peter inclinou-se para a frente, sabendo que isso magoaria, desejando que magoasse Toohey, e seus lábios contorceram-se inacreditavelmente em um sorriso, deixando à mostra os dentes e a gengiva:

– Você falhou nisso, não falhou, Ellsworth? Veja só onde ele está agora...
Howard Roark

– Puxa vida, como é monótono discutir com mentes dedicadas ao óbvio. Você é totalmente incapaz de entender princípios, Peter. Só pensa em termos de pessoas. Você acha mesmo que eu não tenho outra missão na vida a não ser me preocupar com o destino específico do seu Howard Roark? Ele não passa de um detalhe, no meio de muitos. Eu lidei com ele quando era conveniente. Ainda estou lidando com ele, embora não diretamente. Entretanto, admito a você que o Sr. Roark é uma grande tentação para mim. Às vezes, sinto que seria uma pena se eu nunca mais o enfrentasse pessoalmente de novo. Mas talvez não seja necessário. Lidar com princípios, Peter, nos poupa do incômodo dos confrontos individuais.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que você pode seguir um entre dois métodos. Pode dedicar a sua vida a arrancar cada erva daninha separadamente, à medida que ela nasce, e assim dez vidas não serão suficientes para realizar o trabalho. Ou você pode preparar seu solo de tal forma... espalhando nele determinado produto químico,

digamos... que tornará impossível o crescimento das ervas daninhas. Este último é mais rápido. Uso o termo “erva daninha” porque é um simbolismo convencional e não o assustará. A mesma técnica, claro, é verdadeira no caso de qualquer outra planta viva que você possa querer eliminar: trigo, batatas, laranjas, orquídeas ou ipomeias.

– Ellsworth, não sei do que você está falando.

– Mas é claro que não sabe. Essa é a minha vantagem. Eu digo essas coisas publicamente todo santo dia, e ninguém sabe do que estou falando.

– Você sabia que Howard Roark está construindo uma casa para Gail Wynand?

– Meu caro Peter, você acha que eu tinha que esperar para saber isso de você?

– Bem, e o que você acha disso?

– Por que eu deveria me interessar por isso, de um jeito ou de outro?

– Você sabia que Roark e Wynand são amigos íntimos? E que amizade, pelo que tenho ouvido falar! Então? Você sabe o que Wynand pode fazer. Sabe em que ele pode transformar Roark. Tente impedir Roark agora! Tente impedi-lo! Tente...

Ele engasgou e ficou quieto. Percebeu que estava olhando fixamente para o tornozelo nu de Toohey, entre a calça do pijama e a pele abundante de um chinelo forrado de pele de carneiro. Nunca havia visualizado a nudez de Toohey; de certa forma, nunca pensara em Toohey como possuindo um corpo físico. Havia algo levemente indecente naquele tornozelo: só pele, de uma cor muito branco-azulada forte, esticada sobre ossos que pareciam frágeis demais. Fazia-o pensar em ossos de frango deixados em um prato após o jantar, ressecados. Se alguém tocar neles, sem fazer nenhum esforço, eles simplesmente se partem. Pegou-se desejando estender a mão, agarrar aquele tornozelo entre o polegar e o indicador e apenas torcer as pontas de seus dedos.

– Ellsworth, eu vim aqui para falar sobre o Conjunto Habitacional Cortlandt!

Ele não conseguia tirar os olhos do tornozelo. Tinha esperança de que as palavras o libertassem.

– Não grite assim. Qual é o problema?... O Conjunto Habitacional Cortlandt? Bem, o que você queria dizer sobre ele?

Keating teve de erguer os olhos, atônito. Toohey esperava inocentemente.

– Eu quero projetar o Conjunto Habitacional Cortlandt – declarou ele, a voz saindo como uma pasta espremida através de um pano. – Quero que você o dê para mim.

– Por que eu deveria dá-lo para você?

Não havia nenhuma resposta. Se dissesse agora “Porque você escreveu que eu sou o maior arquiteto vivo”, a recordação provaria que Toohey não acreditava mais nisso. Ele não ousava enfrentar tal prova nem a possível resposta de Toohey. Estava olhando fixamente para dois pelos pretos compridos sobre o osso

saliente e azulado do tornozelo de Toohey. Podia ver os pelos nitidamente: um liso, o outro retorcido, formando um arabesco. Depois de uma longa pausa, respondeu:

– Porque eu preciso muito dele, Ellsworth.

– Eu sei que precisa.

Não havia mais nada a dizer. Toohey mudou seu tornozelo de posição, levantou o pé e colocou-o sobre o braço do sofá, esticando as pernas confortavelmente.

– Sente-se direito, Peter. Você parece uma gárgula.

Keating não se mexeu.

– O que o fez presumir que a escolha do arquiteto para o Conjunto Habitacional Cortlandt caberá a mim?

Keating levantou a cabeça. Foi uma pontada de alívio. Ele presumira demais e ofendera Toohey, essa era a razão, a única razão.

– Ora, eu entendi... estão dizendo... disseram-me que você tem muita influência nesse projeto em particular... com aquelas pessoas... e em Washington... e em lugares...

– Estritamente em caráter extraoficial. Como um tipo de especialista em questões arquitetônicas. Nada além disso.

– Sim, claro... Foi isso... o que eu quis dizer.

– Eu posso recomendar um arquiteto. Só isso. Não posso garantir nada. Não tenho a palavra final.

– Era só isso que eu queria, Ellsworth. Uma recomendação sua...

– Mas, Peter, se eu recomendar alguém, tenho que dar um motivo. Não posso usar a influência que talvez eu tenha só para beneficiar um amigo, posso?

Keating olhou para o robe, pensando: *pompons de pó de arroz, por que pompons de pó de arroz? É isso que está me fazendo mal. Se ele ao menos tirasse essa coisa...*

– Sua reputação profissional não é mais o que era, Peter.

– Você disse “para beneficiar um amigo”, Ellsworth. – Foi um sussurro.

– Bem, é claro que sou seu amigo. Sempre fui seu amigo. Você não está duvidando disso, está?

– Não... Não posso, Ellsworth.

– Bem, alegre-se, então. Olhe, eu vou lhe dizer a verdade. Estamos empacados nesse maldito Cortlandt. Há um probleminha difícil envolvido. Eu tentei conseguir o projeto para Gordon Prescott e Gus Webb. Achei que era mais o estilo deles, não sabia que você estava interessado. Mas nenhum deles conseguiu ser aprovado. Sabe qual é o grande problema na habitação? A economia, Peter. Como desenhar uma residência moderna decente cujo aluguel seja quinze dólares por mês? Já tentou resolver esse problema? Bem, é isso que esperam do arquiteto que fará Cortlandt... se conseguirem achá-lo. Claro, a seleção de

inquilinos ajuda, o governo manipula os aluguéis, as famílias que ganham 1.200 dólares por ano pagam mais pelo mesmo apartamento, para ajudar a manter as famílias que ganham 600 dólares por ano... você sabe, tira-se do desprivilegiado para ajudar alguém que é mais desprivilegiado ainda... mas, mesmo assim, o custo e a manutenção do prédio devem ser tão baixos quanto for humanamente possível. Os rapazes em Washington não querem outro daqueles... você ouviu falar, um pequeno empreendimento do governo em que as casas custaram dez mil dólares cada uma, quando um construtor privado poderia tê-las feito por dois mil. Cortlandt tem que ser um projeto-modelo. Um exemplo para o mundo todo. Tem que ser a exibição de planejamento hábil e economia estrutural mais brilhante e mais eficiente jamais realizada em qualquer lugar. É isso que os mandachugas estão exigindo. Gordon e Gus não conseguiram. Tentaram e foram rejeitados. Você ficaria surpreso se soubesse quantas pessoas tentaram. Peter, eu não conseguiria vender você a eles, nem mesmo no age da sua carreira. O que posso lhes dizer a seu respeito? Tudo o que você representa é veludo, dourado e mármore, o velho Guy Francon, o Edifício Cosmo-Slotnick, o Edifício do Frink National Bank e aquele pequeno aborto “A Marcha dos Séculos” que nunca vai conseguir pagar seu próprio custo. O que eles querem é uma cozinha de milionário pelo valor da renda de um meeiro. Acha que pode fazer isso?

– Eu... eu tenho ideias, Ellsworth. Eu observei o campo... Eu... estudei novos métodos... Eu poderia...

– Se puder, é seu. Se não puder, nem toda a minha amizade vai ajudá-lo. E Deus sabe que eu gostaria de ajudá-lo. Você parece uma galinha velha na chuva. Isto é o que vou fazer por você, Peter: vá ao meu escritório amanhã, eu lhe darei todos os pormenores, leve para sua casa e veja se vai querer quebrar sua cabeça com isso. Assuma um risco, se quiser. Crie um projeto preliminar para mim. Eu não posso prometer nada. Mas, se o seu projeto chegar perto da solução, eu o apresentarei às pessoas certas e o apoiarei com toda a energia. É tudo o que posso fazer por você. Não depende de mim. Na verdade, só depende de você.

Keating ficou parado, fitando Toohey, os olhos ansiosos, ávidos e desesperançados.

– Quer tentar, Peter?

– Você vai me deixar tentar?

– É claro que vou deixar. Por que não deixaria? Eu ficaria encantado se você, entre todos, acabasse sendo o que resolveu o problema.

– Quanto à minha aparência, Ellsworth – falou ele subitamente –, quanto à minha aparência... não é porque eu me importe tanto de ser um fracasso... é porque não consigo entender por que eu caí dessa forma... do topo... sem absolutamente nenhum motivo...

– Bem, Peter, isso é algo que pode ser assustador de se contemplar. O inexplicável é sempre assustador. Mas não seria tão assustador se você parasse

para se perguntar se alguma vez houve qualquer razão para você ter estado no topo... Ah, vamos lá, Peter, sorria, estou só brincando. Uma pessoa perde tudo quando perde seu senso de humor.

Na manhã seguinte, Keating foi para seu escritório, após ter feito uma visita ao cubículo de Ellsworth Toohey no Edifício *Banner*. Chegou trazendo uma pasta contendo as informações sobre o projeto do Conjunto Habitacional Cortlandt. Espalhou os papéis sobre a prancheta de desenho em sua sala e trancou a porta. Ao meio-dia, pediu a um desenhista que lhe trouxesse um sanduíche, e pediu outro sanduíche na hora do jantar. Neil Dumont perguntou:

– Quer uma ajuda, Pete? Poderíamos trocar ideias e discutir o assunto e...

Keating sacudiu a cabeça.

Ele ficou sentado à prancheta a noite toda. Depois de um tempo, parou de olhar para os papéis e permaneceu sentado, imóvel, pensando. Não estava pensando nos gráficos e números espalhados diante dele. Já os havia estudado. Havia compreendido que não podia fazer.

Quando percebeu que era dia, ao ouvir passos do outro lado de sua porta fechada, o movimento dos homens voltando ao trabalho, e soube que o dia de trabalho havia começado, ali e em todos os outros lugares da cidade, ele se levantou, foi até sua escrivaninha e pegou sua agenda de telefones. Discou o número.

– Aqui fala Peter Keating. Eu gostaria de marcar uma hora com o Sr. Roark.

Meu Deus, pensou, enquanto esperava, *não permita que ele me receba. Faça com que ele recuse. Senhor, faça com que ele recuse e eu terei o direito de odiá-lo pelo resto dos meus dias. Não permita que ele me receba.*

– Quatro horas amanhã à tarde é conveniente para o senhor, Sr. Keating? – perguntou a voz calma e gentil da secretária. – O Sr. Roark o receberá nesse horário.

ROARK SOUBE QUE NÃO DEVERIA DEMONSTRAR o seu choque ao ver Peter Keating, e que já era tarde demais; ele viu a sombra de um sorriso nos lábios daquele homem, terrível em sua admissão resignada de desintegração.

– Você tem só dois anos a menos que eu, Howard? – foi a primeira coisa que Keating perguntou, olhando para aquele rosto que ele já não via havia seis anos.

– Não sei, Peter, acho que sim. Tenho 37.

– Eu tenho 39. Nada mais que isso.

Ele se moveu até a cadeira à frente da escrivaninha de Roark, tateando por ela com sua mão. Fora cegado pela faixa de vidro que constituía três das paredes da sala de Roark. Ficou olhando para o céu e a cidade. Não tinha nenhuma sensação de altura ali, os prédios pareciam estar a seus pés, não uma cidade real, mas miniaturas de marcos famosos, incongruente e próximos e pequenos; sentia que poderia se agachar e recolher qualquer um deles em sua mão. Viu os traços pretos que eram carros e pareciam se arrastar, tão demorado era o intervalo que levavam para percorrer uma quadra do tamanho de seu dedo. Ele via a pedra e o reboco da cidade como uma substância que havia absorvido luz e a estava lançando de volta, fileira após fileira de planos lisos verticais pontilhados de janelas, cada plano um refletor, rosado, dourado e roxo, e faixas recortadas de azul esfumado correndo entre eles, dando-lhes forma, ângulos e distância. A luz fluía dos edifícios para o céu e fazia do azul-claro de verão um detalhe sem importância, uma extensão de água pálida sobre fogo vivo. *Meu Deus*, pensou Keating, *quem são os homens que fizeram tudo isso?* – e então lembrou-se de que havia sido um deles.

Ele viu a figura de Roark por um instante, ereta e magra contra o ângulo de dois painéis de vidro atrás de sua escrivaninha, e então Roark sentou-se, de frente para ele.

Keating pensou em homens perdidos no deserto e em homens perecendo em alto-mar, quando, na presença da eternidade silenciosa do céu, eles têm que dizer a verdade. E, agora, ele precisava dizer a verdade, porque estava na presença da maior cidade da Terra.

– Howard, é essa a coisa terrível que eles querem dizer quando falam sobre dar a outra face, você me deixar vir aqui?

Ele não pensou na própria voz. Não sabia que havia dignidade nela.

Roark olhou para ele silenciosamente, por um momento. Essa era uma mudança maior que o rosto inchado.

– Eu não sei, Peter. Não, se querem dizer perdoar de verdade. Se eu tivesse sofrido algum dano, nunca o perdoaria. Sim, se queriam dizer o que estou fazendo. Não acho que um homem pode causar dano a outro, não de qualquer forma significativa. Nem lhe causar dano nem ajudá-lo. Eu realmente não tenho

nada a perdoá-lo.

– Seria melhor se você sentisse que tem. Seria menos cruel.

– Acho que sim.

– Você não mudou, Howard.

– Acho que não.

– Essa é a punição que eu devo receber. Quero que saiba que a estou recebendo e que entendo. Houve uma época em que eu teria achado que estava me safando com facilidade.

– Você mudou, Peter.

– Eu sei que sim.

– Eu sinto muito se tiver que ser uma punição.

– Eu sei que sente. Acredito em você. Mas está tudo bem. Isto é só o final. Eu sofri a verdadeira punição anteaontem.

– Quando resolveu vir aqui?

– Sim.

– Então não tenha medo agora. O que é?

Keating estava sentado ereto, calmo, não como havia sentado diante de um homem de robe três dias antes, mas quase em repouso confiante. Falou devagar e sem piedade:

– Howard, eu sou um parasita. Fui um parasita a minha vida toda. Você fez meus melhores projetos em Stanton. Projetou a primeira casa que construí. Você projetou o Edifício Cosmo-Slotnick. Eu me alimentei de você e de todos os homens como você que viveram antes de termos nascido. Os homens que projetaram o Partenon, as catedrais góticas, os primeiros arranha-céus. Se eles não tivessem existido, eu não saberia como empilhar pedra sobre pedra. Em toda a minha vida, não adicionei uma maçaneta sequer ao que outros homens fizeram antes de mim. Eu tomei aquilo que não era meu e não dei nada em troca. Eu não tinha nada para dar. Isso não é uma encenação, Howard, e estou perfeitamente consciente do que estou falando. E vim aqui para lhe pedir que me salve novamente. Se quiser me pôr para fora, faça-o agora.

Roark abanou a cabeça de um lado para outro, devagar, e moveu uma das mãos em permissão silenciosa para que ele continuasse.

– Acho que você sabe que eu estou acabado como arquiteto. Bem, não totalmente acabado, mas bem perto disso. Outros poderiam continuar assim por anos, mas eu não posso, não depois do que já fui. Ou do que acreditavam que eu era. As pessoas não perdoam um homem que está afundando. Eu preciso ser o que acreditavam que eu era. Só posso fazer isso da mesma forma que fiz tudo mais na minha vida. Preciso de um prestígio que não mereço, por uma conquista que não posso realizar, para salvar um nome que não ganhei o direito de ostentar. Deram-me uma última chance. Sei que é a minha última. Sei que não posso fazer esse trabalho. Não vou tentar trazer uma mixórdia para você e pedir que a

corrija. Estou pedindo que faça todo o projeto e me deixe colocar meu nome nele.

- Qual é o trabalho?
- O Conjunto Habitacional Cortlandt.
- O projeto de moradia popular?
- Sim. Ouviu falar dele?
- Eu sei tudo sobre ele.
- Você tem interesse em projetos de moradia popular, Howard?
- Quem lhe ofereceu? Sob quais condições?

Keating explicou, precisamente, com frieza, contando sua conversa com Toohey como se fosse o sumário de uma transcrição de tribunal que houvesse lido havia muito tempo. Tirou os papéis de sua pasta, colocou-os sobre a escrivaninha e continuou falando, enquanto Roark olhava para eles. Roark interrompeu-o uma vez:

- Espere um pouco, Peter. Fique quieto.

Ele esperou por um longo tempo. Viu as mãos de Roark manuseando os papéis sem propósito, e sabia que Roark não estava olhando para eles. Roark disse:

- Continue.

E Keating continuou obedientemente, não se permitindo nenhuma pergunta.

– Acho que não existe nenhuma razão para você fazer isso por mim – concluiu ele. – Se pode solucionar o problema deles, você pode ir até eles e fazê-lo você mesmo.

Roark sorriu.

- Acha que Toohey me deixaria?
- Não. Não, não acho que deixaria.
- Quem lhe disse que eu tenho interesse em projetos habitacionais?
- Que arquiteto não tem?
- Bem, eu tenho. Mas não do jeito que você acha.

Ele se levantou. Foi um movimento ágil, impaciente e tenso. Keating permitiu-se sua primeira opinião: pensou que era estranho ver entusiasmo reprimido em Roark

– Deixe-me pensar a respeito, Peter. Deixe isso aqui. Vá a minha casa amanhã à noite. Eu lhe direi então.

- Você não está... rejeitando minha proposta?
- Ainda não.
- Você poderia... depois de tudo o que aconteceu...?
- Que se dane o que aconteceu.
- Você vai considerar...
- Não posso dizer nada agora, Peter. Preciso pensar a respeito. Não conte comigo. Eu talvez lhe exija algo impossível em troca.
- Qualquer coisa que pedir, Howard. Qualquer coisa.

- Falaremos sobre isso amanhã.
- Howard, eu... como posso tentar lhe agradecer, mesmo que apenas por...
- Não me agradeça. Se eu fizer isso, terei meu próprio propósito. Eu esperarei ganhar tanto quanto você, provavelmente mais. Apenas lembre-se de que eu não faço as coisas sob quaisquer outras condições.



Keating foi à casa de Roark na noite seguinte. Não sabia dizer se havia esperado impacientemente ou não. O hematoma havia se espalhado. Podia agir, mas não podia avaliar nada.

Ele estava em pé no meio da sala de Roark e olhava lentamente ao redor. Estava grato por todas as coisas que Roark não lhe dissera. Mas ele mesmo deu voz a essas coisas quando perguntou:

- Esta é a Residência Enright, não é?
 - É.
 - Você a construiu?
- Roark fez que sim com a cabeça e, entendendo bem demais, disse:
- Sente-se, Peter.

Keating trouxera sua pasta de trabalho; colocou-a no chão, recostando-a contra sua cadeira. A pasta estava inchada e parecia pesada; ele a manipulava com cuidado. Então estendeu as mãos e, sem se dar conta, continuou assim, perguntando:

- E então?
- Peter, você consegue pensar, por um momento, que está sozinho no mundo?
- Estive pensando justamente isso nos últimos três dias.
- Não. Não é isso que eu quero dizer. Você consegue esquecer o que lhe ensinaram a repetir, e pensar, pensar para valer, com o seu próprio cérebro? Há coisas que vou querer que você entenda. É a minha primeira condição. Vou lhe dizer o que quero. Se pensar como a maioria das pessoas, vai dizer que não é nada. Mas, se disser isso, não poderei fazê-lo. Não poderei, a menos que você entenda completamente, com toda a sua mente, como é importante.
- Vou tentar, Howard. Eu fui... honesto com você ontem.
- Sim. Se não tivesse sido, eu teria rejeitado sua proposta ontem. Agora eu acho que você pode entender e fazer a sua parte.
- Você quer fazer esse trabalho?
- Talvez. Se me oferecer o suficiente.
- Howard, qualquer coisa que pedir. Qualquer coisa. Eu venderia minha alma...
- Esse é o tipo de coisa que quero que entenda. Vender a alma é a coisa mais fácil do mundo. É o que todas as pessoas fazem, a cada hora da vida delas. Se lhe

pedisse que não abrisse mão da sua alma, você entenderia por que isso é muito mais difícil?

– Sim... acho que sim.

– E então? Continue. Quero que me dê uma razão para projetar Cortlandt. Quero que me faça uma oferta.

– Você pode ficar com todo o dinheiro que me pagarem. Não preciso dele. Pode ficar com o dobro do dinheiro. Eu dobro o pagamento deles.

– Você sabe que não é isso que me interessa, Peter. É com isso que quer me tentar?

– Você salvaria a minha vida.

– Você consegue pensar em alguma razão pela qual eu poderia querer salvar a sua vida?

– Não.

– Estou esperando.

– É um grande projeto público, Howard. Uma empreitada humanitária. Pense nas pessoas pobres que vivem nos cortiços. Se puder dar-lhes um conforto decente por um preço que possam pagar, você terá a satisfação de haver feito uma boa ação.

– Peter, você foi mais honesto que isso ontem.

Com os olhos caídos e a voz baixa, Keating disse:

– Você adorará projetar Cortlandt.

– Sim, Peter. Agora está falando a minha língua.

– O que você quer?

– Agora ouça. Há anos tenho trabalhado no problema de habitações de aluguel baixo. Eu nunca pensei nas pessoas pobres nos cortiços. Pensei nas potencialidades do nosso mundo moderno. Nas oportunidades, nos novos materiais e meios a serem adotados e utilizados. Há tantos produtos da genialidade do homem à nossa volta, hoje em dia. Há tantas possibilidades fantásticas a explorar. Construir de forma barata, simples, inteligente. Eu tive muito tempo para estudar. Não tive muito o que fazer depois do Templo Stoddard. Eu não esperava que fosse alcançar algum resultado concreto. Trabalhei porque não posso olhar para nenhum material sem pensar: o que pode ser feito com isso? E, no momento em que penso assim, tenho que continuar. Achar a resposta, resolver o problema. Trabalhei nisso durante anos. Amei fazê-lo. Trabalhei porque era um problema que queria solucionar. Quer saber como construir uma unidade para ser alugada por quinze dólares por mês? Vou lhe mostrar como construí-la por dez.

Keating fez um movimento involuntário para a frente.

– Mas, primeiro, quero que pense e me diga o que me motivou a dedicar anos a esse trabalho. Dinheiro? Fama? Caridade? Altruísmo?

Keating balançou a cabeça devagar.

– Muito bem. Está começando a entender. Portanto, seja o que for que faremos, não vamos falar dos pobres nos cortiços. Eles não têm nada a ver com isso, apesar de que eu não invejaria a tarefa de explicar isso a tolos. Você percebe, eu nunca me preocupo com meus clientes, apenas com as suas necessidades arquitetônicas. Eu as considero parte do tema e do problema da minha construção, como materiais, assim como considero os tijolos e o aço. Tijolos e aço não são o meu motivo. Tampouco os clientes. Uns e outros são somente meios para o meu trabalho. Peter, antes de poder fazer coisas para as pessoas, você precisa ser o tipo de homem que sabe como executá-las. Mas, para poder realizá-las, você precisa amar o ato de fazê-las, não as consequências secundárias. O trabalho, não as pessoas. Sua própria ação, não qualquer possível beneficiário de sua caridade. Ficarei contente se as pessoas que precisam de uma forma melhor de viver a encontrarem em uma casa que projetei. Mas esse não é o motivo do meu trabalho. Nem a minha razão. Nem a minha recompensa.

Ele andou até uma janela e ficou olhando para as luzes da cidade tremeluzindo no rio escuro.

– Você disse ontem: “Que arquiteto não tem interesse em projetos habitacionais?” Eu detesto toda a maldita ideia deles. Acho que é uma empreitada de valor proporcionar um apartamento decente para um homem que ganha quinze dólares por semana. Mas não à custa de outros homens. Não se aumentam os impostos, nem se aumentam todos os outros aluguéis e faz-se com que o homem que ganha quarenta dólares viva em um buraco de rato. É isso que está acontecendo em Nova York. Ninguém pode pagar por um apartamento moderno, exceto os muito ricos e os muito pobres. Você viu os prédios reformados de arenito marrom nos quais casais que trabalham para se sustentar têm que viver? Viu os armários de cozinha e os encanamentos? São forçados a viver desse jeito porque não são suficientemente incompetentes. Ganham quarenta dólares por semana e seriam barrados em um projeto habitacional. Mas são eles que fornecem o dinheiro para o maldito projeto. Eles pagam os impostos. E os impostos aumentam o próprio aluguel deles. E eles têm que se mudar de um prédio reformado de arenito marrom para um que não foi reformado, e de lá para um apartamento apertado com quartos pequenos. Eu não teria desejo nenhum de penalizar um homem porque ganha só quinze dólares por semana. Mas que um raio me parta se eu puder entender por que penalizar um homem que ganha quarenta, e penalizá-lo para benefício de quem é menos competente. Claro, há muitas teorias sobre o assunto e volumes de discussões. Mas olhe os resultados. Ainda assim, os arquitetos são todos a favor de habitações do governo. E você já viu algum arquiteto que não clamasse por cidades planejadas? Eu gostaria de perguntar a ele como pode estar tão certo de que o plano adotado será o dele. E, se for, que direito ele tem de impô-lo aos outros. E, se não for, o que acontece com o trabalho dele. Acho que ele diria que não quer

que nenhum plano, dele ou de outro arquiteto, seja adotado. Ele quer um conselho, uma conferência, cooperação, e colaboração. E o resultado será “A Marcha dos Séculos”. Peter, cada um de vocês naquele comitê fez melhores trabalhos sozinho do que o que vocês oito produziram coletivamente. Pergunte-se o porquê, em algum momento.

– Eu acho que sei... mas Cortlandt...

– Sim. Cortlandt. Bem, eu lhe contei todas as coisas nas quais não acredito, para que você entenda o que eu quero e que direito eu tenho de querer. Não acredito em habitações do governo. Não quero ouvir nada a respeito dos seus propósitos nobres. Eu não acho que são nobres. Mas isso também não importa. Essa não é a minha principal preocupação. Nem quem vive na casa nem quem manda construí-la. Só a própria casa. Se tem que ser construída, é melhor que seja da maneira correta.

– Você... quer construí-la?

– Durante todos os anos em que trabalhei nesse problema, nunca sonhei ver os resultados em aplicações práticas. Forcei a mim mesmo a não sonhar. Eu sabia que não podia contar com uma oportunidade de mostrar o que poderia ser feito em larga escala. As habitações do governo, entre outras coisas, tornaram toda a construção tão cara que os proprietários privados não podem arcar com tais projetos, nem com nenhum tipo de construção para aluguéis baixos. E nenhum governo jamais me dará qualquer trabalho. Você mesmo já entendeu isso. Você disse que Toohey não me deixaria. Ele não é o único. Eu nunca recebi nenhum trabalho de nenhum grupo, comissão, conselho ou comitê, público ou privado, exceto quando algum homem lutou por mim, como Kent Lansing. Há uma razão para isso, mas não temos que discutir esse assunto agora. Só quero que você saiba que eu percebo de que modo preciso de você, para que o que façamos seja uma troca justa.

– *Você* precisa de mim?

– Peter, eu amo esse trabalho. Quero vê-lo erguido, funcionando, construído. Quero torná-lo real, vivo. Mas toda entidade viva é integrada. Sabe o que isso significa? Inteira, pura, completa, intacta. Sabe o que constitui um princípio de integração? Um pensamento. O pensamento específico, o único pensamento que criou a entidade e cada parte dela. O pensamento que ninguém pode alterar ou tocar. Eu quero projetar Cortlandt. Quero vê-lo construído, quero vê-lo construído exatamente como vou projetá-lo.

– Howard... eu não direi “Isso não é nada”.

– Você entende?

– Sim.

– Eu gosto de receber dinheiro pelo meu trabalho. Mas posso abrir mão desta vez. Gosto que as pessoas saibam que o meu trabalho é feito por mim. Mas posso abrir mão disso também. Gosto que o meu trabalho faça os ocupantes felizes.

Mas isso não tem muita importância. A única coisa que importa, meu objetivo, minha recompensa, meu início e meu fim, é o próprio trabalho. Meu trabalho feito do meu jeito. Peter, não há nada no mundo que você possa me oferecer, exceto isso. Ofereça-me isso e pode contar com tudo o que eu tenho para dar. Meu trabalho feito do meu jeito. Uma motivação particular, pessoal, egoísta. É a única forma em que funciono. É assim que eu sou.

– Sim, Howard. Eu entendo. Com toda a minha mente.

– Então é isso que estou lhe oferecendo: projetarei Cortlandt. Você colocará seu nome nele. Você ficará com o pagamento. Mas garantirá que seja construído exatamente do jeito que o projetarei.

Keating olhou para ele e sustentou o olhar deliberadamente, em silêncio, por um momento.

– Tudo bem, Howard. Eu esperei, para mostrar a você que sei exatamente o que está pedindo e o que estou prometendo.

– Você sabe que não será fácil?

– Sei que será terrivelmente difícil.

– Será. Porque é um projeto muito grande. E especialmente porque é um projeto do governo. Haverá tantas pessoas envolvidas, cada uma com autoridade, cada uma querendo exercê-la de uma forma ou de outra. Você enfrentará uma batalha dura. Terá que ter a coragem das minhas convicções.

– Eu tentarei não decepcioná-lo, Howard.

– Não vai conseguir, a não ser que entenda que estou lhe dando um voto de confiança mais sagrado, e mais nobre, se gosta da palavra, que qualquer propósito altruístico que você possa mencionar. A não ser que entenda que isso não é um favor, que não estou fazendo isso por você ou pelos futuros ocupantes, mas por mim mesmo, e que você não tem nenhum direito ao meu trabalho a não ser nesses termos.

– Eu entendo, Howard.

– Você terá que fazer o que achar necessário para conseguir isso. Terá que obter de seus patrões um contrato que não dê margem a alterações posteriores e depois lutar, por um ano ou mais, com cada burocrata que aparecer na sua frente, a cada cinco minutos. Eu não terei nenhuma garantia, a não ser a sua palavra. Quer dá-la para mim?

– Eu lhe dou a minha palavra.

Roark tirou duas páginas datilografadas de seu bolso e estendeu-as a Keating.

– Assine.

– O que é isso?

– Um contrato entre nós, especificando os termos do nosso acordo. Uma cópia para cada um. Provavelmente não teria nenhuma validade legal. Mas posso usá-lo contra você. Eu não poderia processá-lo, mas poderia tornar isso público. Se é prestígio o que você quer, não pode permitir que isso se torne conhecido. Se sua

coragem falhar em qualquer ponto, lembre-se de que perderá tudo se ceder. Mas, se mantiver sua palavra, eu lhe dou a minha, está escrito aí, de que nunca contarei a ninguém. Cortlandt será seu. No dia em que estiver terminado, mandarei esse papel de volta para você e pode queimá-lo, se quiser.

– Tudo bem, Howard.

Keating assinou, passou a caneta para Roarke ele assinou.

Keating ficou olhando para ele por um momento, e então disse, devagar, como se estivesse tentando discernir a forma obscura de um pensamento próprio:

– Todo mundo diria que você é um idiota... Todo mundo diria que estou ganhando tudo...

– Você ganhará tudo o que a sociedade pode dar a um homem. Ficará com todo o dinheiro. Terá a fama e a honra que qualquer um desejar lhe conceder. Aceitará qualquer gratidão que os ocupantes possam sentir. E eu, eu ganharei o que ninguém pode dar a um homem, o que só ele mesmo pode se dar. Eu terei construído Cortlandt.

– Você está ganhando mais que eu, Howard.

– Peter! – A voz era de triunfo. – Você entende isso?

– Sim...

Roark inclinou-se para trás, apoiando-se em uma mesa, e riu baixinho. Foi o som mais feliz que Keating jamais ouvira.

– Isso vai funcionar, Peter. Vai funcionar. Vai dar tudo certo. Você fez algo maravilhoso. Não estragou tudo me agradecendo.

Keating aquiesceu com a cabeça.

– Agora relaxe, Peter. Quer um drinque? Não vamos discutir os detalhes hoje. Apenas sente-se e acostume-se comigo. Pare de ter medo de mim. Esqueça tudo o que disse ontem. Isso apaga tudo. Estamos começando do zero. Somos sócios agora. Você tem a sua parte a fazer. É uma parte legítima. Essa, por acaso, é a minha ideia de cooperação. Você lida com as pessoas. Eu construo. Cada um fará o trabalho que sabe fazer melhor, tão honestamente quanto puder.

Ele andou até Keating e estendeu a mão.

Sentado sem se mexer, sem levantar a cabeça, Keating segurou-lhe a mão. Seus dedos a apertaram por um momento.

Quando Roark trouxe-lhe um drinque, Keating deu três goles longos e ficou olhando para a sala. Seus dedos estavam fechados com firmeza ao redor do copo, seu braço controlado, mas o gelo tinha no líquido de vez em quando, sem movimento aparente.

Seus olhos moviam-se lentamente pelo ambiente, pelo corpo de Roark. Ele pensou: *Não é de propósito, não é só para me fazer sofrer, ele não pode evitar, ele nem sabe... mas está em todo o seu corpo, a aparência de uma criatura contente por estar viva.* E ele percebeu que jamais havia realmente acreditado que um ser vivo pudesse sentir contentamento com o dom da existência.

– Você é... tão jovem, Howard... Você é tão jovem... Uma vez eu o repreendi por ser muito velho e sério... Você se lembra de quando trabalhava para mim no escritório do Francon?

– Esqueça, Peter. Nós estávamos tão bem sem ficar lembrando.

– Isso é porque você é bondoso. Espere, não faça cara feia. Deixe-me falar. Preciso falar sobre uma coisa. Eu sei, isso é o que você não quis mencionar. Deus, como eu não queria que você mencionasse! Tive que me preparar para me proteger contra isso, aquela noite, contra tudo aquilo que você podia jogar na minha cara. Mas não jogou. Se a situação fosse invertida agora e estivéssemos na minha casa, pode imaginar o que eu diria ou faria? Você não é suficientemente convencido.

– Como não? Sou convencido demais, se quiser chamar dessa forma. Eu não faço comparações. Nunca penso em mim mesmo em relação a qualquer outra pessoa. Simplesmente me recuso a me avaliar como parte de qualquer coisa. Eu sou um egoísta total.

– Sim. Você é. Mas egoístas não são bondosos. E você é. Você é o homem mais egoísta e o mais bondoso que conheço. E isso não faz sentido.

– Talvez os conceitos não façam sentido. Talvez não signifiquem o que ensinaram às pessoas a pensar que significam. Mas agora vamos deixar isso para lá. Se precisa falar alguma coisa, vamos falar sobre o que vamos fazer.

Roark inclinou-se para olhar pela janela aberta.

– Ficar logo ali. Aquele trecho escuro é o terreno de Cortlandt. Quando estiver pronto, poderei vê-lo da minha janela. Então será parte da cidade. Peter, alguma vez já lhe disse como amo esta cidade?

ELES ESTAVAM NA MARGEM DO LAGO , Wynand sentado relaxado sobre uma rocha grande, Roark deitado no chão, Dominique sentada apumada, o corpo erguendo-se rígido a partir do círculo azul-claro de sua saia sobre a grama.

Na colina acima deles estava a residência Wynand. A terra espalhava-se em níveis divididos em terraços e erguia-se gradualmente, acompanhando a elevação da colina. A casa era uma forma de retângulos horizontais que se erguiam em direção a uma súbita projeção vertical; um conjunto de recuos decrescentes, cada um deles um cômodo separado, seu tamanho e formato compoendo os degraus sucessivos em uma série de projeções de pisos interligados. Era como se, a partir da ampla sala de estar no primeiro nível, uma mão houvesse se movido lentamente, formando os níveis seguintes em um toque contínuo, e então houvesse parado, e depois continuado em movimentos separados, cada um mais curto, mais brusco, e houvesse terminado, arrancada, permanecendo em algum lugar no céu. Assim, tinha-se a impressão de que o ritmo suave dos níveis em elevação havia sido capturado, enfatizado, acelerado e rompido nos acordes em staccato do final da sinfonia.

– Gosto de olhá-la daqui – disse Wynand. – Passei o dia todo aqui, ontem, observando as mudanças de luz sobre ela. Quando projeta um prédio, Howard, você sabe exatamente que efeito a luz do sol terá sobre ele a qualquer momento do dia, de qualquer ângulo? Você controla o sol?

– Claro – respondeu Roark, sem erguer a cabeça. – Infelizmente, não posso controlá-lo aqui. Saia daí, Gail. Você está atrapalhando. Eu gosto do sol nas minhas costas.

Wynand deixou-se escorregar para a grama. Roark estava deitado de bruços, com o rosto enterrado no braço, o cabelo laranja sobre a manga da camisa branca, uma das mãos estendida à sua frente, a palma pressionada contra o chão. Dominique olhou para as hastes de grama entre os dedos dele, que se moviam de vez em quando, amassando a grama com um prazer indolente e sensual.

O lago estendia-se atrás deles, um lençol liso escurecendo nas margens, como se as árvores distantes estivessem se aproximando para cercá-lo durante a noite. O sol gravava uma faixa cintilante na superfície da água. Dominique olhou para a casa e pensou que gostaria de estar lá, junto a uma janela, e olhar para baixo e ver justamente essa figura branca estendida perto da margem deserta, com a mão no chão, exaurida, esvaziada, aos pés daquela colina.

Ela morava na casa havia um mês. Nunca pensara que chegaria a viver lá. Então, um dia, Roark dissera:

– A casa estará pronta para você em dez dias, Sra. Wynand.

E ela respondera:

– Sim, Sr. Roark

Ela aceitou a casa, o toque do corrimão da escadaria sob sua mão, as paredes que encerravam o ar que ela respirava. Aceitou os interruptores de luz que apertava à noite, e os fios de eletricidade firmes que ele espalhara pelo interior das paredes; a água que corria quando ela abria uma torneira, vinda de canos que ele planejava; o calor do fogo nas noites de agosto, diante de uma lareira construída pedra por pedra a partir do projeto dele. Ela pensava: *Cada momento... cada necessidade da minha existência...* Pensava: *Por que não? É o mesmo com o meu corpo... pulmões, artérias, nervos, cérebro... sob o mesmo controle.* Sentia que ela e a casa eram uma coisa só.

Aceitou as noites em que se deitava nos braços de Wynand, abria os olhos e via a forma do quarto que Roark havia projetado, e ela cerrava os dentes contra um prazer torturante que era em parte uma reação, em parte uma zombaria do desejo insatisfeito de seu corpo, e se rendia a esse desejo, sem saber que homem lhe dera isso, qual deles, ou ambos.

Wynand observava-a quando ela atravessava um cômodo, quando descia as escadas, quando ficava perto de uma janela. Dominique o ouvira dizer:

– Eu não sabia que uma casa podia ser desenhada para uma mulher, como um vestido. Você não pode se ver aqui como eu posso, não pode ver quanto esta casa é completamente sua. Cada ângulo, cada parte de cada cômodo é um cenário para você. A escala foi feita de acordo com a sua altura, com o seu corpo. Até mesmo a textura das paredes combina com a da sua pele, de uma maneira curiosa. É o Templo Stoddard, mas construído para uma única pessoa, e é meu. Era isto que eu queria. A cidade não pode tocar em você aqui. Eu sempre senti que a cidade tiraria você de mim. Ela me deu tudo o que tenho. Não sei por que sinto, às vezes, que ela exigirá o pagamento, algum dia. Mas, aqui, você está segura e é minha.

Ela queria gritar: Gail, eu pertencço a ele aqui mais do que jamais pertenci.

Roark era o único convidado que Wynand permitia em sua casa nova. Ela aceitou as visitas dele nos fins de semana. Era o mais difícil de aceitar. Sabia que ele não vinha para torturá-la, mas simplesmente porque Wynand o convidava e ele gostava de estar com Wynand. Lembrava-se de ter-lhe dito, à noite, com a mão sobre o corrimão da escada, em pé nos degraus que levavam ao seu quarto:

– Desça para o café da manhã quando quiser, Sr. Roark. É só pressionar o botão na sala de jantar.

– Obrigado, Sra. Wynand. Boa noite.

Certa vez, ela o viu sozinho, por um momento. Era de manhã cedo. Não dormira a noite toda, pensando nele num quarto do outro lado do corredor. Ela saíra de seu quarto antes de o resto da casa acordar. Desceu a colina e encontrou alívio na imobilidade anormal ao seu redor, a imobilidade da claridade total sem sol, das folhas sem movimento, de um silêncio luminoso e demorado. Ela ouviu passos atrás de si e parou, encostando-se no tronco de uma árvore. Ele tinha um

calção de banho atirado por cima do ombro, estava indo nadar no lago. Roark parou diante dela e os dois ficaram imóveis junto com tudo ao redor, olhando um para o outro. Ele não disse nada, virou-se e afastou-se. Dominique permaneceu encostada na árvore, e, depois de algum tempo, voltou para a casa.

Agora, sentada à margem do lago, ela ouviu Wynand dizendo a ele:

– Você parece a criatura mais preguiçosa do mundo, Howard.

– E sou.

– Nunca vi ninguém relaxar assim.

– Tente ficar acordado durante três noites seguidas.

– Eu lhe disse para vir ontem.

– Não pude.

– Você vai apagar aqui mesmo?

– Eu gostaria. Isto é maravilhoso.

Ele ergueu a cabeça, seus olhos rindo, como se não houvesse visto o prédio na colina, como se não estivesse falando dele.

– É assim que eu gostaria de morrer, deitado no chão em alguma margem como esta, apenas fechar os olhos e nunca mais voltar.

Ela pensou: *Ele está pensando o que eu estou pensando... ainda temos isso juntos... Gail não compreenderia... não ele e Gail, pelo menos esta vez... ele e eu.*

Wynand falou:

– Seu maldito tolo. Isso não combina com você, nem mesmo como piada. Você está se matando por causa de alguma coisa. O que é?

– Poços de ventilação, no momento. Poços de ventilação muito teimosos.

– Para quem?

– Clientes... Tenho todo tipo de clientes agora.

– Tem que trabalhar à noite?

– Sim... para essas pessoas em particular. Um trabalho muito especial. Não posso nem fazê-lo no escritório.

– De que você está falando?

– Nada. Não preste atenção. Estou meio que dormindo.

Ela pensou: *Esta é a homenagem a Gail, a confiança da entrega. Ele relaxa como um gato... e gatos não relaxam, a não ser que estejam com pessoas de quem gostam.*

– Eu vou chutá-lo para dentro do quarto, depois do jantar, e trancar a porta – avisou Wynand. – E deixá-lo lá para dormir por doze horas.

– Está bem.

– Quer levantar cedo? Vamos dar uma nadada antes de o sol nascer.

– O Sr. Roark está cansado, Gail – disse Dominique, em tom cortante.

Roark ergueu-se, apoiando-se em um dos cotovelos, para olhá-la. Ela viu seus olhos, diretos, compreensivos.

– Você está adquirindo os vícios de quem mora fora da cidade, Gail – disse ela

–, impondo seus horários do campo aos convidados que vêm da cidade e que não estão acostumados a eles.

Ela pensou: *Deixe que seja meu... aquele momento único em que você estava caminhando para o lago... não deixe Gail apossar-se disso também, como fez com todo o resto.*

– Você não pode ficar dando ordens ao Sr. Roark como se ele fosse um funcionário do *Banner*.

– Não conheço ninguém no mundo a quem eu gostaria mais de dar ordens do que ao Sr. Roark – disse Wynand alegremente. – Sempre que eu conseguir fazê-lo e escapar ileso.

– Você está escapando ileso.

– Eu não me importo de receber ordens, Sra. Wynand – comentou Roark – Não de um homem tão capaz quanto Gail.

Deixe-me ganhar desta vez, pensou ela, por favor, deixe-me ganhar desta vez... Não significa nada para você... é absurdo e não significa absolutamente nada ... Mas negue isto a ele, negue isto a ele pela memória de uma pausa momentânea que não pertenceu a ele.

– Acho que você deveria descansar, Sr. Roark. Deveria dormir até tarde amanhã. Eu direi aos criados que não o incomodem.

– Ora, não, obrigado. Eu estarei bem em algumas horas, Sra. Wynand. Gosto de nadar antes do café da manhã. Bata na porta quando estiver pronto, Gail, e desceremos juntos.

Ela olhou para a amplidão do lago e das colinas, sem um único sinal de pessoas, nenhuma outra casa em lugar algum, apenas água, árvores e sol, um mundo só deles, e pensou que ele estava certo – era natural que estivessem juntos, os três.



Os desenhos do projeto do Conjunto Habitacional Cortlandt apresentavam seis prédios de quinze andares, cada um feito no formato de uma estrela irregular, com braços estendendo-se a partir de uma coluna central. As colunas continham elevadores, escadarias, sistemas de aquecimento e todos os encanamentos e fiações. Os apartamentos se irradiavam a partir do centro, na forma de triângulos estendidos. O espaço entre os braços permitia a entrada de luz e ar por três lados. Os tetos eram pré-moldados; as paredes internas eram de azulejo plástico, que não exigia pintura nem aplicação de argamassa; todos os canos e fios passavam por dutos de metal perto do chão, que podiam ser abertos e substituídos quando necessário, sem a necessidade de demolições custosas; as cozinhas e os banheiros eram pré-fabricados como unidades completas; as divisões internas eram feitas de um metal leve e podiam ser dobradas e embutidas nas paredes para criar um

apresento grande, ou estendidas, para dividi-lo em dois ambientes; havia poucos vestíbulos ou saguões para limpar, resultando em um custo e um trabalho mínimos para manter o local. O projeto inteiro era uma composição em triângulos. Os prédios, de concreto, eram um modelo complexo de características estruturais simples. Não havia nenhum ornamento; nenhum era necessário, uma vez que as formas tinham a beleza de esculturas.

Ellsworth Toohey não estava olhando para as plantas que Keating espalhara sobre sua escrivaninha. Observava o desenho da perspectiva. Fitava-o fixamente, de boca aberta.

Então atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Peter – disse ele –, você é um gênio.

Acrescentou:

– Acho que você sabe exatamente o que quero dizer.

Keating olhou para ele sem expressão, sem curiosidade.

– Você conseguiu o que eu passei uma vida inteira tentando conquistar, o que séculos de homens e batalhas sangrentas no nosso passado tentaram conquistar. Eu tiro o chapéu para você, Peter, em reverência e admiração.

– Olhe para as plantas – disse Keating, indiferente. – Cada unidade poderá ser alugada por dez dólares.

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Não preciso olhar. Está certo, Peter, isto vai passar. Não se preocupe. Será aceito. Meus parabéns, Peter.



– Seu maldito idiota! – bradou Gail Wynand. – O que você está tramando?

Ele atirou para Roark um exemplar do *Banner* dobrado em uma página interna. A página exibia uma fotografia com a legenda: “Projeto dos arquitetos do Conjunto Habitacional Cortlandt, o Projeto de Moradia Popular de 15 milhões de dólares a ser construído em Astoria, Long Island, Keating & Dumont, arquitetos”.

Roark deu uma olhada na fotografia e perguntou:

– O que você quer dizer?

– Você sabe muito bem o que quero dizer. Acha que eu escolhi as obras em minha galeria de arte por suas assinaturas? Se foi Peter Keating quem desenhou isso, eu comerei todos os exemplares de hoje do *Banner*.

– Peter Keating desenhou isso, Gail.

– Seu idiota. O que você quer?

– Se eu não quiser entender o que você está falando, não vou entender, não importa o que você diga.

– Ah, talvez você entenda, se eu publicar uma história alegando que certo projeto de habitação foi feito por Howard Roark, o que daria uma reportagem

exclusiva bem interessante e pregaria uma peça num tal de Sr. Toohey, que é o cara que está por trás dos caras na maioria desses malditos projetos.

– Publique isso e eu processarei você até lhe tirar o último centavo.

– Processaria mesmo?

– Sim. Pare, Gail. Não vê que eu não quero falar no assunto?

Mais tarde, Wynand mostrou a foto a Dominique e perguntou:

– Quem projetou isto?

Ela olhou para a fotografia.

– É claro – foi tudo o que ela respondeu.



– Que tipo de “mundo em transformação”, Alvah? Transformando-se em quê? A partir de quê? Quem está fazendo a transformação?

Partes do rosto de Alvah Scarret pareciam ansiosas, mas a maior parte estava impaciente, enquanto ele olhava para as provas de seu editorial “A maternidade num mundo em transformação” que estavam sobre a mesa de Wynand.

– Mas que diabos, Gail – resmungou ele, indiferente.

– É isso que eu quero saber: que diabos?

Pegou a prova e leu em voz alta:

– “O mundo que conhecemos desapareceu e acabou, e não adianta nos enganarmos a respeito disso. Não podemos voltar, devemos seguir adiante. As mães de hoje devem dar o exemplo, ampliando sua própria visão emocional e elevando seu amor egoísta por seus filhos a um plano mais alto, para incluir as criancinhas do mundo todo. As mães devem amar todas as crianças de seu quarteirão, de sua rua, de sua cidade, município, estado, nação e de todo o vasto mundo – exatamente tanto quanto amam a sua própria pequena Mary ou o seu próprio pequeno Johnny.”

Wynand torceu o nariz, descontente.

– Alvah?... Tudo bem, distribuir porcaria, mas... este nível de porcaria?

Alvah Scarret recusava-se a olhar para ele.

– Você está fora de sintonia com os tempos modernos, Gail – retrucou. Sua voz saiu baixa; tinha um tom de aviso, como de algo que arreganha os dentes, como um experimento, apenas para futura referência.

Esse era um comportamento tão estranho vindo de Scarret que Wynand perdeu todo o interesse em prosseguir com a conversa. Traçou uma linha atravessando o editorial, mas o golpe do lápis azul pareceu cansado e terminou em um borrão. E disse:

– Vá escrever outra coisa, Alvah.

Scarret levantou-se, pegou a tira de papel, virou-se e saiu da sala sem dizer uma única palavra.

Wynand, confuso, ensimesmado e ligeiramente enojado, observou-o sair.

Ele sabia havia vários anos qual tendência seu jornal havia adotado pouco a pouco, imperceptivelmente, sem nenhuma ordem dele. Notara a “parcialidade” cuidadosa das reportagens, as indiretas, as alusões vagas, os adjetivos peculiares peculiarmente posicionados, a ênfase em certos temas, a inserção de conclusões políticas onde nenhuma era necessária. Se uma reportagem tratava de uma disputa entre patrão e empregado, fazia-se com que o patrão parecesse culpado simplesmente por meio da escolha das palavras, independentemente do que os fatos apresentassem. Se uma frase referia-se ao passado, era sempre “nosso passado negro” ou “nosso passado morto”. Se uma afirmação envolvia o motivo pessoal de alguém, era sempre “impelida pelo egoísmo” ou “instigada pela cobiça”. Um jogo de palavras cruzadas deu a definição de “indivíduos obsoletos” e a palavra formada era “capitalistas”.

Wynand havia ignorado a tendência, desdenhosamente entretido. A sua equipe, pensou ele, era bem treinada: se essa era a gíria popular do momento, seus rapazes a adotavam automaticamente. Não significava absolutamente nada. Ele a mantinha fora da página editorial e o resto não importava. Não passava de uma moda do momento – e ele sobrevivera a muitas mudanças de moda.

Ele não sentia nenhuma preocupação com a campanha “Nós não lemos Wynand”. Arranjou um dos adesivos colocados em banheiros masculinos, colou-o no para-brisa de seu próprio Lincoln, acrescentou as palavras “Nós também não” e manteve-o ali até ser descoberto e fotografado pelo fotógrafo de um jornal neutro. Ao longo de sua carreira, ele fora combatido, amaldiçoado, denunciado pelos maiores donos de jornais de seu tempo, pelas coligações de poder financeiro mais astutas. Não podia sentir nenhuma apreensão com as atividades de uma pessoa chamada Gus Webb.

Ele sabia que o *Banner* estava perdendo parte de sua popularidade.

– É uma situação passageira – disse ele a Scarret, dando de ombros.

Publicava um concurso de poemas humorísticos, ou uma série de cupons para discos de vitrola, via um leve aumento da circulação e imediatamente esquecia o assunto.

Não conseguia motivar-se a agir com força total. Nunca havia sentido um desejo maior de trabalhar. Entrava em sua sala a cada manhã com uma avidez impaciente. No entanto, depois de uma hora, pegava-se estudando as junções dos painéis das paredes e recitando versos infantis em sua mente. Não era tédio, não era a satisfação de um bocejo, porém algo mais parecido com um puxão perturbador de uma vontade de bocejar que não dá em nada. Ele não podia dizer que não gostava de seu trabalho. O trabalho apenas se tornara de mau gosto. Não o suficiente para forçar uma decisão; não o bastante para fazê-lo cerrar os punhos apenas para contrair suas narinas.

Wynand pensou vagamente que a causa estava naquela nova tendência do

gosto popular. Não via razão para não o seguir e se aproveitar dele tão habilmente quanto havia se aproveitado de todas as outras modas. Mas não conseguia seguir. Não sentia nenhum escrúpulo moral. Não era uma posição positiva, escolhida racionalmente, não era um desafio em nome de uma causa importante, era apenas um sentimento obstinado, algo quase relativo à castidade: a hesitação que uma pessoa sente antes de enfiar o pé na lama. Pensou: *Não importa... não vai durar... Eu voltarei quando a onda virar para outro tema... Acho que simplesmente prefiro esperar essa onda passar.*

Não podia explicar por que o encontro com Alvah Scarret lhe dera uma sensação de inquietação, mais aguda do que o normal. Achou engraçado que Alvah houvesse adotado essa linha estúpida em seus artigos. Porém houve algo mais, houve uma nota pessoal na saída de Alvah, quase uma declaração de que ele não via mais nenhuma necessidade de considerar a opinião do patrão.

Eu devia mandar o Alvah embora, pensou, e então riu de si mesmo, chocado: mandar Alvah Scarret embora? Faria tanto sentido quanto pensar em parar a Terra... ou... ou no impensável, fechar o *Banner*.

Entretanto, durante os meses daquele verão e do outono, houve dias em que ele adorou o *Banner*. Era quando ele se sentava à sua escrivaninha, com a mão sobre as páginas abertas diante dele, a tinta fresca manchando a palma de sua mão, e sorria quando via o nome de Howard Roark nas páginas do jornal.

A ordem partira de sua sala para todos os departamentos envolvidos: promovam Howard Roark. Na seção de arte, na seção de negócios imobiliários, nos editoriais e nas colunas, referências a Roark e seus prédios começaram a aparecer regularmente. Não havia muitas oportunidades para dar publicidade a um arquiteto, e prédios tinham pouco valor como notícia, mas o *Banner* conseguia mostrar o nome de Roark ao público sob todo tipo de pretexto engenhoso. Wynand revisava cada palavra. O material era surpreendente nas páginas do *Banner*: era redigido com bom gosto. Não havia nenhuma reportagem sensacionalista, nenhuma fotografia de Roark tomando café da manhã, nenhum interesse humano, nenhuma tentativa de vender um homem, apenas uma homenagem atenciosa e cortês à grandeza de um artista.

Ele nunca falou sobre o assunto com Roark, e este nunca o mencionou. Os dois não conversavam sobre o *Banner*.

Ao chegar em sua casa nova toda noite, Wynand sempre via o *Banner* sobre a mesa da sala de estar. Ele não havia permitido que o jornal entrasse em sua casa desde seu casamento. Sorriu quando o viu pela primeira vez e não disse nada.

Então, certa noite, tocou no assunto. Folheou as páginas até chegar a um artigo sobre resorts de férias, cuja maior parte era uma descrição do Vale Monadnock. Ergueu a cabeça para olhar Dominique, no lado oposto da sala. Ela estava sentada no chão, perto da lareira. Ele disse:

– Obrigada, querida.

– Por quê, Gail?

– Por entender quando eu ficaria contente de ver o *Banner* dentro da minha casa.

Wynand aproximou-se dela e sentou-se no chão, ao seu lado. Aconchegou os ombros magros dela na curva de seu braço e disse:

– Pense em todos os políticos, estrelas de cinema, grão-duques visitantes e assassinos que o *Banner* exibiu durante todos esses anos. Pense nas minhas grandes cruzadas sobre companhias de bondes, zonas de prostituição e o cultivo caseiro de verduras. Pela primeira vez, Dominique, eu posso falar sobre algo em que acredito.

– Sim, Gail...

– Todo esse poder que eu desejei, conquistei e nunca usei... Agora eles verão do que sou capaz. Vou forçá-los a reconhecê-lo como ele deveria ser reconhecido. Vou dar a ele a fama que merece. Opinião pública? A opinião pública é o que eu faço dela.

– Você acha que ele quer isso?

– Provavelmente não. Não me importa. Roark precisa disso e vai ter. Quero que ele tenha. Como arquiteto, ele é propriedade pública. Não pode impedir um jornal de escrever sobre ele, se quiser.

– Todos aqueles textos sobre ele... você mesmo os escreve?

– A maioria.

– Gail, que grande jornalista você poderia ter sido...

A campanha deu resultados, mas de um tipo que ele não havia esperado. O público em geral permaneceu completamente indiferente. Porém, nos círculos intelectuais, no mundo da arte e na área da arquitetura, as pessoas riam de Roark Wynand era informado sobre os comentários: “Roark? Ah é, o mascote do Wynand.” “O sujeito que é estrela do *Banner*.” “O gênio da imprensa marrom.” “O *Banner* está vendendo arte agora – envie duas tampas de caixas ou uma cópia nítida.” “Não era de esperar? Foi isso o que eu sempre pensei de Roark – o tipo de talento perfeito para os jornais Wynand.”

– Veremos – disse Wynand desdenhosamente, e continuou com sua cruzada particular.

Ele deu a Roark todos os projetos importantes cujos proprietários estavam sujeitos a pressão. Desde a primavera, conseguira para o escritório de Roark os projetos de um iate clube às margens do Hudson, um prédio de escritórios e duas residências particulares.

– Vou lhe dar mais do que você pode dar conta – disse ele. – Vou fazê-lo recuperar todos os anos que eles o fizeram perder.

Austen Heller disse a Roark, uma noite:

– Se me permite a ousadia, acho que você precisa de um conselho, Howard. Sim, claro, estou falando desse negócio absurdo do Sr. Gail Wynand. Você e ele

como amigos inseparáveis é algo que coloca em questão cada conceito racional no qual eu já acreditei. Afinal de contas, existem classes distintas de humanidade... Não, não estou falando a língua do Toohey... mas existem certas fronteiras entre os homens que não podem ser atravessadas.

– Sim, existem, mas ninguém nunca definiu de forma apropriada onde elas devem ser traçadas.

– A amizade só diz respeito a você. Mas há outro aspecto que tem que acabar, e você vai me ouvir desta vez.

– Estou ouvindo.

– Acho que está tudo bem em relação àqueles projetos todos que ele está despejando em você. Tenho certeza de que ele será recompensado por isso e subirá vários patamares no inferno, para onde irá com certeza. Mas ele tem que parar com esse banho de publicidade que está dando em você, no *Banner*. Você tem que fazê-lo parar. Você não sabe que o apoio dos jornais Wynand é suficiente para desacreditar qualquer um? – Roark não disse nada. – Está prejudicando você profissionalmente, Howard.

– Eu sei que está.

– Você vai fazê-lo parar?

– Não.

– Mas por que diabos?

– Eu disse que ouviria, Austen. Não disse que falaria sobre isso.

Num fim de tarde, no outono, Wynand foi ao escritório de Roark, como fazia com frequência ao final do dia. Quando saíram juntos, disse:

– Está uma noite agradável. Vamos fazer uma caminhada, Howard. Há uma propriedade que quero que veja.

Wynand liderou o caminho para Hell's Kitchen. Eles caminharam ao redor de um grande retângulo: dois quarteirões entre a Nona Avenida e a Décima Primeira, cinco quarteirões de norte a sul. Roark viu uma desolação encardida de cortiços, paredes em ruínas com restos de tijolos vermelhos, portas tortas, madeiras apodrecendo, varais com roupas de baixo cinzentas penduradas, estendidos entre poços de ventilação estreitos, não como um sinal de vida, mas como um acúmulo maligno de matéria em decomposição.

– Você é dono disto? – perguntou Roark

– De tudo.

– Por que quis me mostrar? Não sabe que fazer um arquiteto olhar para isto é pior do que lhe mostrar um campo de cadáveres expostos ao ar livre?

Wynand apontou para a fachada de azulejos brancos de uma lanchonete nova do outro lado da rua:

– Vamos entrar ali.

Sentaram-se perto da janela, a uma mesa de metal limpa, e Wynand pediu café. Ele parecia tão elegantemente à vontade quanto nos melhores restaurantes

da cidade. Sua elegância possuía uma estranha qualidade ali – não insultava o lugar, mas parecia modificá-lo, como a presença de um rei que nunca altera seus modos, mas transforma qualquer casa em que entra em um palácio. Ele se inclinou para a frente, com os cotovelos na mesa, observando Roark através da fumaça que saía do café, seus olhos estreitos, divertidos. Mexeu um dos dedos para apontar para o outro lado da rua.

– Aquela foi a primeira propriedade que comprei, Howard. Muito tempo atrás. Eu não toquei nela desde então.

– Para que a estava guardando?

– Para você.

Roark ergueu a caneca de café branca e pesada até os lábios, seus olhos estreitos e zombeteiros, por sua vez, sustentando o olhar de Wynand. Ele sabia que Wynand queria perguntas ávidas e, em vez disso, esperou pacientemente.

– Seu filho da mãe teimoso – falou Wynand rindo, rendendo-se. – Está bem. Ouça. Foi aqui que eu nasci. Quando tive condições de começar a pensar em adquirir imóveis, comprei este trecho. Casa por casa. Quarteirão por quarteirão. Levou muito tempo. Eu poderia ter adquirido propriedades melhores e ganhado dinheiro rapidamente, como fiz depois, mas esperei até ter isto. Muito embora eu soubesse que não teria nenhuma utilidade para mim durante muitos anos. Veja bem, naquela época eu havia decidido que seria aqui que se ergueria o Edifício Wynand, um dia... Tudo bem, fique calado o tempo que quiser, eu já vi a sua cara agora.

– Meu Deus, Gail!

– O que foi? Quer fazer? Quer muito?

– Acho que eu quase daria a minha vida por isto, só que então não poderia construí-lo. Era isso o que você queria ouvir?

– Algo desse tipo. Não vou exigir a sua vida. Mas é agradável tirar-lhe o fôlego, para variar. Obrigado por ficar chocado. Significa que você entendeu as implicações do Edifício Wynand. A estrutura mais alta da cidade. E a maior.

– Sei que você iria querer isso.

– Não vou construí-lo ainda. Mas esperei por ele todos esses anos. E agora você vai esperar comigo. Sabia que eu realmente gosto de torturar você, de certa forma? Que sempre quero fazer isso?

– Eu sei.

– Eu o trouxe aqui só para lhe dizer que ele será seu, quando eu decidir construí-lo. Esperei porque senti que eu não estava pronto para ele. Desde que o conheci, eu soube que estava pronto – e não foi porque você é arquiteto. Mas teremos que esperar um pouco mais, só mais um ou dois anos, até que o país se levante outra vez. Esta é a época errada para construir. Claro, todo mundo diz que a época dos arranha-céus já passou, que são obsoletos. Eu não ligo a mínima para isso. Farei com que ele pague por si mesmo. As Empresas Wynand têm

escritórios espalhados pela cidade inteira. Quero reunir todos eles no mesmo prédio. E tenho o suficiente pairando sobre as cabeças de um número suficiente de pessoas importantes para forçá-las a alugar todo o resto do espaço. Talvez seja o último arranha-céu construído em Nova York. Melhor assim. O maior e o último.

Roark ficou olhando para o outro lado da rua, para as ruínas manchadas.

– Será demolido, Howard. Tudo. Completamente destruído. O lugar onde eu não dava as ordens. Será substituído por um parque e pelo Edifício Wynand... As melhores construções de Nova York são desperdiçadas porque não podem ser vistas, estão espremidas umas contra as outras em quarteirões. O meu prédio será visto. Vai transformar o bairro inteiro. Que os outros venham atrás. Eles dirão que não é o local certo? Quem determina os locais certos? Eles verão. Isto aqui pode se tornar o novo centro da cidade... quando a cidade começar a viver de novo. Eu o planejei quando o *Banner* não passava de um pasquim de quarta categoria. Não calculei mal, não é verdade? Eu sabia no que me tornaria... Um monumento à minha vida, Howard. Lembra-se do que você disse quando veio ao meu escritório pela primeira vez? Uma declaração da minha vida. Houve coisas no meu passado de que eu não gostei, mas todas aquelas de que me orgulhei permanecerão. Depois que eu me for, esse prédio será Gail Wynand... Eu sabia que encontraria o arquiteto certo quando chegasse a hora. Não sabia que seria muito mais do que um simples arquiteto que eu contrataria. Estou feliz que tenha acontecido assim. É um tipo de recompensa. É como se eu tivesse sido perdoado. A minha última e maior realização também será a sua maior. Não será apenas o meu monumento, mas o melhor presente que eu poderia oferecer ao homem que significa mais para mim no mundo todo. Não faça cara feia, você sabe que é isso o que você é para mim. Olhe para aquele horror do outro lado da rua. Eu quero ver você olhando para ele. É isso que vamos destruir... você e eu. Será a partir disso que ele se erguerá... o Edifício Wynand, de Howard Roark. Eu espero por ele desde o dia em que nasci. Desde o dia em que nasceu, você espera pela sua grande chance. Lá está ela, Howard, do outro lado da rua. Sua... dada por mim.

HAVIA PARADO DE CHOVER, mas Peter Keating queria que começasse outra vez. As ruas e as calçadas brilhavam, havia manchas escuras nas paredes dos prédios e, uma vez que a umidade não vinha do céu, parecia que a cidade estava banhada em um suor frio. O ar estava pesado com uma escuridão prematura, inquietante como o envelhecimento precoce, e havia poças amarelas de luz nas janelas. Keating saíra depois que parara de chover, mas sentia-se úmido até os ossos. Ele saíra cedo do escritório e seguia a pé para casa. O escritório parecia-lhe irreal, como já acontecia havia muito tempo. Ele só conseguia encontrar realidade à noite, quando fugia furtivamente para o apartamento de Roark. Não fugia e não era furtivo, disse a si mesmo, com raiva – e sabia que era, embora atravessasse o saguão da Residência Enright e subisse de elevador, como qualquer homem com uma missão legítima. Era a vaga ansiedade, o impulso de olhar rapidamente para cada rosto, o temor de ser reconhecido. Era uma carga de culpa anônima, não em relação a nenhuma pessoa, mas o sentimento de culpa mais assustador, sem uma vítima que a motivasse.

Ele pegava com Roark esboços gerais de cada detalhe de Cortlandt, para que sua própria equipe os traduzisse em desenhos para a construção. Ouvia as instruções de Roark. Decorava os argumentos a serem dados aos seus contratantes contra qualquer objeção possível. Ele absorvia como um gravador. Depois, quando dava as explicações a seus desenhistas, sua voz soava como um disco sendo tocado. Ele não se importava. Não questionava nada.

Agora, caminhava lentamente, por ruas cheias de uma chuva que não caía. Olhou para cima e viu um espaço vazio onde haviam estado as torres de prédios conhecidos. Não parecia ser um nevoeiro ou nuvens, mas uma extensão sólida de céu cinzento que produzia uma destruição gigantesca e silenciosa. A visão de prédios desaparecendo no céu sempre o deixara inquieto. Continuou caminhando, olhando para baixo.

Foram os sapatos que ele notou primeiro. Sabia que devia ter visto o rosto da mulher, que o instinto de autopreservação impulsionara seu olhar a desviar-se dele e deixara sua percepção consciente começar pelos sapatos. Eram baixos, fechados, ofensivamente eficientes, lustrosos demais no asfalto enlameado, desdenhosos em relação à chuva e à beleza. Seus olhos se dirigiram para a saia marrom, para o blazer feito sob medida, caro e frio como um uniforme, para a mão que exibia um furo no dedo de uma luva cara, para a lapela que ostentava um ornamento absurdo – um mexicano de pernas arqueadas com calças de verniz vermelho – colocado ali em uma tentativa desajeitada de ousadia, para os lábios finos, os óculos, os olhos.

– Katie – disse ele.

Ela estava diante da vitrine de uma livraria. Seu olhar hesitou a meio caminho entre o reconhecimento e o título de um livro que ela estivera examinando. Então, com o reconhecimento evidenciado no esboço de um sorriso, o olhar voltou para o título do livro, para terminar e guardá-lo de cor. Em seguida, seus olhos voltaram-se para Keating. Seu sorriso era agradável, não como um esforço para encobrir a amargura, e não como boas-vindas, apenas agradável.

– Ora, Peter Keating – falou ela. – Olá, Peter.

– Katie...

Ele não conseguiu estender a mão ou se aproximar dela.

– Sim, imagine só encontrar você assim... Ora, Nova York é exatamente como qualquer cidade pequena, embora, suponho, sem as melhores características. – Não havia tensão na voz dela.

– O que você está fazendo aqui? Eu pensei... ouvi...

Ele sabia que ela tinha um bom emprego em Washington e se mudara para lá havia dois anos.

– É só uma viagem a trabalho. Tenho que voltar correndo amanhã. Também não posso dizer que me importo. Nova York parece tão morta, tão *devagar*.

– Bem, fico contente que você goste do seu trabalho... se quer dizer... não é isso o que você quer dizer?

– Se gosto do meu trabalho? Que coisa mais boba de se dizer. Washington é o único lugar adulto no país. Não entendo como as pessoas podem morar em qualquer outro lugar. O que tem feito, Peter? Vi seu nome no jornal, outro dia, era algo importante.

– Eu... estou trabalhando... Você não mudou muito, Katie, não realmente, mudou? Quero dizer, o seu rosto... você está como era antes... de certa forma...

– É o único rosto que tenho. Por que as pessoas sempre têm que falar em mudanças, se não se veem por um ou dois anos? Encontrei-me com Grace Parker ontem, e ela teve que fazer um inventário da minha aparência. Eu podia simplesmente adivinhar cada palavra antes de ela dizer: “Você está tão bem, nem um dia mais velha, de verdade, Catherine.” As pessoas são tão provincianas...

– Mas... você está bem mesmo... É... bom vê-la.

– Estou contente de vê-lo também. Como está o setor da construção?

– Não sei... O que você leu deve ter sido sobre Cortlandt... Estou construindo o Conjunto Habitacional Cortlandt, um projeto de moradia...

– Sim, claro. Foi isso. Acho que é muito bom para você, Peter. Realizar um trabalho, não apenas para o proveito pessoal e por um pagamento gordo, mas com um propósito social. Acho que os arquitetos deveriam parar de correr atrás do dinheiro e dedicar um pouco de tempo às obras do governo e a objetivos mais amplos.

– Ora, a maioria deles pegaria esse tipo de trabalho se tivesse a chance, é um

dos esquemas mais difíceis de infiltrar, é fechado...

– Sim, sim, eu sei. É simplesmente impossível fazer os leigos entenderem nossos métodos de trabalho, e é por isso que só escutam os aquelas queixas idiotas e cansativas. Você não deve ler os jornais Wynand, Peter.

– Eu nunca leio os jornais Wynand. O que isso tem a ver com... Ah, eu... Eu não sei do que estamos falando, Katie.

Ele pensou que ela não lhe devia nada, ou tinha direito a todo tipo de raiva e desprezo que conseguisse exibir. E, ainda assim, havia uma obrigação humana que Catherine ainda tinha com ele: ela lhe devia uma demonstração de tensão neste encontro. Não havia nenhuma.

– Nós realmente devemos ter muito sobre o que conversar, Peter. – As palavras o teriam animado, se não houvessem sido pronunciadas tão facilmente. – Mas não podemos ficar em pé aqui o dia todo. – Olhou para seu relógio de pulso. – Eu tenho mais ou menos uma hora. Que tal me levar para tomar um chá? Você precisa de uma xícara de chá quente, está parecendo enregelado.

Foi seu primeiro comentário sobre a aparência dele. Isso e um olhar sem reação. Ele pensou que até Roark ficara chocado, reconheceu a mudança.

– Sim, Katie. É uma ideia maravilhosa. Eu...

Ele gostaria que não houvesse sido ela a sugerir. Era a coisa certa a fazerem. Gostaria que ela não houvesse sido capaz de pensar na coisa certa, não tão rápido.

– Vamos procurar um lugar agradável e tranquilo...

– Vamos ao Thorpe's. Há um virando a esquina. Eles têm os melhores sanduíches de agrião.

Foi ela quem pegou no braço dele para atravessar a rua e largou-o quando chegaram ao outro lado. O gesto fora automático. Ela não o notara.

Havia um balcão com doces e balas dentro do Thorpe's. Uma tigela grande de amêndoas recobertas de açúcar, verdes e brancas, resplandecia na frente de Keating. O lugar cheirava a cobertura de bolo de laranja. As luzes eram fracas, um alaranjado enevoado e abafado. O cheiro fazia com que a luz parecesse grudenta. As mesas eram pequenas demais, perto umas das outras.

Ele sentou-se e ficou olhando para um descanso de papel rendado, para copos, sobre um tampo de mesa de vidro negro. Porém, quando ergueu a vista para fitar Catherine, ele soube que nenhuma cautela era necessária: ela não reagia ao seu escrutínio. A expressão no rosto dela permanecia a mesma, quer ele observasse seu rosto, quer fitasse o da mulher da mesa ao lado. Ela não parecia ter nenhuma consciência de sua própria pessoa.

A boca era o que mais havia mudado nela, pensou ele; os lábios estavam retraídos, restando somente uma pálida beirada de carne ao redor da linha imperiosa de sua abertura. *Uma boca para emitir ordens*, pensou ele, *mas não ordens grandes ou cruéis, apenas pequenas ordens desprezíveis, sobre*

encanamentos e desinfetantes. Ele viu as rugas delicadas nos cantos dos olhos dela, uma pele que parecia um papel que fora amassado e depois alisado.

Ela estava lhe contando sobre seu trabalho em Washington, e ele escutava, desolado. Não ouvia as palavras, apenas o tom da voz dela, seco e estalante.

Uma garçonete vestida com um uniforme engomado lilás foi anotar seus pedidos. Catherine pediu, rispidamente:

– Sanduíches do dia e chá. Por favor.

Keating disse:

– Um café.

Ele viu os olhos de Catherine fixos nele e, num súbito pânico de constrangimento, sentindo que não podia confessar que não conseguiria engolir nenhuma comida agora, sentindo que tal confissão a deixaria irritada, acrescentou:

– Acho que vou querer um misto quente no pão de centeio.

– Peter, que hábitos alimentares medonhos! Um momento, garçonete. Não é isso o que você quer, Peter. Isso faz muito mal. Você deveria comer uma salada fresca. E café é péssimo a esta hora do dia. Os americanos tomam café demais.

– Tudo bem – concordou Keating.

– Chá e uma salada mista, garçonete... E... garçonete, sem pão acompanhando a salada... Você está engordando, Peter... Biscoitos dietéticos. Por favor.

Keating esperou até o uniforme lilás ter se afastado e então disse, esperançoso:

– Eu mudei, não mudei, Katie? Estou muito horroroso? – Até mesmo um comentário depreciativo seria um vínculo pessoal.

– O quê? Ah, acho que sim. Não é saudável. Mas os americanos não sabem absolutamente nada sobre o equilíbrio nutricional adequado. Claro, os homens dão uma importância exagerada à simples aparência. São muito mais vaidosos que as mulheres. São as mulheres, realmente, que estão assumindo o comando de todo o trabalho produtivo agora, e as mulheres construirão um mundo melhor.

– Como se constrói um mundo melhor, Katie?

– Bem, se você considerar o fator determinante, que é, claro, econômico...

– Não, eu... não perguntei nesse sentido... Katie, eu estou muito infeliz.

– Lamento ouvir isso. Escutamos tanta gente dizer isso, hoje em dia. É porque vivemos um período de transição e as pessoas se sentem sem raízes. Mas você sempre teve um ânimo radiante, Peter.

– Você... Você se lembra de como eu era?

– Minha nossa, Peter, você fala como se tivesse sido 65 anos atrás.

– Mas tantas coisas aconteceram. Eu... – Ele mergulhou de cabeça. Tinha que fazer isso, a forma mais bruta parecia ser a mais fácil. – Eu me casei. E me divorciei.

– Sim, eu li a respeito. Fiquei contente quando você se divorciou. – Ela inclinou-se para a frente. – Se a sua esposa era o tipo de mulher que podia se

casar com Gail Wynand, você teve sorte de se livrar dela.

O tom de impaciência crônica que conectava as palavras não se alterara ao pronunciar isso. Ele tinha que acreditar: o assunto só significava isso para ela.

– Katie, você é muito discreta e gentil... mas pare com a encenação – disse ele, sabendo, em pânico, que não era uma encenação. – Pare com isso... Diga-me o que pensou de mim na época... Diga tudo, eu não me importo, quero ouvir... Você não entende? Eu me sentirei melhor se ouvir.

– Com certeza, Peter, você não vai querer que eu comece, de algum modo, a recriá-lo, vai? Eu diria que é presunçoso da sua parte, se não fosse tão infantil.

– O que você sentiu... naquele dia... quando eu não apareci... e depois você soube que eu havia me casado?

Ele não sabia que instinto o impelia, através de um torpor, a ser brutal, como se fosse o único meio que lhe restava.

– Katie, você sofreu?

– Sim, é claro que sofri. Todas as pessoas jovens sofrem, nessas situações. Depois, parece tolice. Eu chorei e gritei umas coisas pavorosas para o tio Ellsworth, e ele teve que chamar um médico para me dar um sedativo, e então, semanas depois, eu desmaiei na rua sem nenhum motivo, o que foi realmente vergonhoso. Todas as coisas convencionais, suponho, todo mundo passa por elas, como sarampo. Por que eu esperaria ser imune a isso? Foi o que disse o tio Ellsworth.

Keating pensou que não soubera antes que havia algo pior do que uma memória viva de dor: uma memória morta. Catherine continuou:

– E, claro, nós sabíamos que foi melhor assim. Não consigo me imaginar casada com você.

– Não consegue imaginar, Katie?

– Isto é, nem casada com mais ninguém. Não teria dado certo, Peter. Meu temperamento não se presta à vida doméstica. É egoísta e limitada demais. Claro, eu entendo o que você está sentindo neste momento e fico grata. É simplesmente humano que você sinta algo parecido com remorso, uma vez que você, como se diz, me deu o fora. – Ele estremeceu. – Você percebe como essas coisas parecem estúpidas? É natural que você esteja um pouco arrependido, é um reflexo normal, mas devemos olhar para o assunto objetivamente, somos pessoas adultas e racionais, nada é sério demais, não podemos realmente evitar fazer o que fazemos, somos condicionados a ser assim, simplesmente colocamos o que aconteceu na conta da experiência e prosseguimos a partir daí.

– Katie! Você não está ajudando uma garota em apuros a resolver seu problema. É sobre você mesma que está falando.

– Há alguma diferença essencial? Os problemas de todo mundo são os mesmos, assim como as emoções de todo mundo.

Ele a viu mordiscando uma tira fina de pão com uma mancha verde e percebeu que seu prato havia sido servido. Revirou o garfo no prato de salada e forçou-se a morder um pedaço cinza de biscoito dietético. Então descobriu como era estranho quando alguém perdia a aptidão de comer automaticamente e tinha de fazê-lo por meio de um esforço totalmente consciente. O biscoito parecia inesgotável; ele não conseguia terminar o processo de mastigação; mexia seu maxilar sem reduzir a quantidade de massa arenosa em sua boca.

– Katie... durante seis anos... eu pensei em como faria para lhe pedir perdão, algum dia. E agora tenho a chance, mas não vou pedir. Parece... parece irrelevante. Sei que é horrível dizer isso, mas é o que me parece. Foi a pior coisa que eu fiz na vida, mas não porque a magoei. Eu a magoei de verdade, Katie, e talvez mais do que você mesma saiba. Mas essa não é a minha pior culpa... Katie, eu queria me casar com você. Foi a única coisa que eu realmente quis. E esse é o pecado que não pode ser perdoado: que eu não tenha feito o que queria. Parece tão sujo, incoerente e monstruoso, como uma pessoa se sente em relação à insanidade, porque não há nenhum sentido nisso, nenhuma dignidade, não há nada além de dor, e dor desperdiçada... Katie, por que sempre nos ensinam que é fácil e mau fazer o que queremos e que precisamos de disciplina para nos conter? Fazer o que queremos é a coisa mais difícil do mundo, e requer o maior tipo de coragem. Quero dizer, fazer o que realmente queremos. Como eu queria me casar com você. Não como quero dormir com uma mulher qualquer, ou me embriagar, ou conseguir que meu nome apareça nos jornais. Essas coisas... não são nem desejos... são coisas que as pessoas fazem para escapar dos desejos, porque é uma responsabilidade tão grande, realmente, querer algo.

– Peter, o que você está dizendo é muito feio e egoísta.

– Talvez. Não sei. Eu sempre tive que lhe dizer a verdade. Sobre tudo. Mesmo que você não pedisse, eu tive.

– Sim. Você teve. Era uma característica louvável. Você era um jovem charmoso, Peter.

Era a tigela de amêndoas recobertas de açúcar, sobre o balcão, que o incomodava, pensou ele, com uma raiva entorpecida. As amêndoas eram verdes e brancas. Não tinham nada que ser verdes e brancas nessa época do ano. As cores do Dia de São Patricio – nesse dia sempre havia doces como esse em todas as vitrines, e Dia de São Patricio significava primavera... não, melhor que primavera, aquele momento de expectativa maravilhosa logo antes de a primavera começar.

– Katie, não vou dizer que ainda estou apaixonado por você. Não sei se estou ou não. Nunca perguntei isso a mim mesmo. Não faria diferença agora. Não estou dizendo isso porque tenho alguma esperança, ou porque penso em tentar, ou... Só sei que eu amei você, Katie, eu amei você, seja lá no que for que eu transformei esse amor, mesmo que seja assim que eu tenha que dizer isso pela

última vez, eu amei você, Katie.

Ela olhou para ele – e parecia contente. Não agitada, não feliz, não compassiva, mas apenas contente, de uma forma casual. Ele pensou: *Se ela fosse a solteirona completa, a assistente social frustrada, que é o que as pessoas pensam desse tipo de mulher; o tipo que desdenha o sexo, na presunção arrogante de sua própria virtude, isso ainda seria um reconhecimento, mesmo que somente com hostilidade.* Porém isso... essa tolerância distraída parecia admitir que o romance era algo apenas humano, uma pessoa tinha de aceitá-lo, como todo mundo, era uma fraqueza popular sem nenhuma grande consequência. Ela estava satisfeita como teria ficado com as mesmas palavras vindas de qualquer outro homem. Era como aquele mexicano de verniz vermelho sobre sua lapela, uma concessão desdenhosa à exigência de vaidade por parte das pessoas.

– Katie... Katie, digamos que isto não importa... isto, agora... já passou da época de importar, de qualquer forma, não passou? Isto não pode mudar o que era, pode, Katie? As pessoas sempre lamentam que o passado seja tão definitivo, que nada possa mudá-lo, mas estou contente que seja assim. Nós não podemos estragá-lo. Podemos pensar no passado, não podemos? Por que não deveríamos? Isto é, como você disse, como pessoas adultas, sem nos enganarmos, sem tentarmos ter esperança, mas simplesmente olhar para trás e vê-lo... Você se lembra de quando eu fui à sua casa em Nova York pela primeira vez? Você parecia tão magrinha e pequena, e seu cabelo se esparramava para todos os lados. Eu lhe disse que nunca amaria mais ninguém. Eu a segurei no meu colo, você não pesava nada, e lhe disse que eu nunca amaria mais ninguém. E você disse que sabia disso.

– Eu me lembro.

– Quando estávamos juntos... Katie, eu tenho vergonha de tantas coisas, mas não de nem um único momento em que estivemos juntos. Quando pedi a você que se casasse comigo... Não, eu nunca pedi a você que se casasse comigo, eu só disse que estávamos noivos, e você disse “sim”... Foi em um banco de parque... estava nevando...

– Foi.

– Você estava com umas luvas de lã engraçadas. Como luvas sem dedos. Eu me lembro, havia gotas de água nos fiozinhos de lã, redondas, como cristal... elas brilhavam... foi porque um carro passou.

– Sim, acho que é agradável relembrar o passado de vez em quando. Mas a perspectiva de uma pessoa se amplia. A pessoa fica mais rica espiritualmente, com o passar dos anos.

Ele ficou em silêncio por muito tempo. Depois disse, com voz inexpressiva:

– Eu sinto muito.

– Por quê? Você é muito meigo, Peter. Eu sempre disse que os homens é que são sentimentais.

Ele pensou: *Não é uma encenação. Não se pode criar uma encenação como esta, a menos que seja uma encenação interior, para a própria pessoa e, neste caso, não há nenhum limite, nenhuma saída, nenhuma realidade...*

Ela continuou falando com ele, e depois de algum tempo estava falando sobre Washington outra vez. Ele respondia quando necessário.

Peter pensou que havia acreditado que o passado e o presente formavam uma sequência simples, e que, se houvesse uma perda no passado, a pessoa era compensada por uma dor no presente, e a dor lhe dava um tipo de imortalidade. Mas ele não sabia que alguém podia destruir o passado assim, matar retroativamente, de modo que, para ela, a perda nunca tivesse existido.

Ela olhou para seu relógio de pulso e soltou um pequeno suspiro de impaciência.

– Já estou atrasada. Tenho que sair correndo.

Ele disse, sério:

– Você se importa se eu não a acompanhar, Katie? Não quero ser rude, só acho que é melhor assim.

– Mas é claro. Não me importo de jeito nenhum. Sou perfeitamente capaz de me orientar nessas ruas, e não há nenhuma necessidade de formalidades entre velhos amigos.

Ela acrescentou, pegando a bolsa e as luvas, amassando um guardanapo de papel, transformando-o em uma bola e deixando-o cair habilmente dentro de sua xícara de chá:

– Eu ligo para você na próxima vez que vier à cidade, e vamos comer alguma coisa juntos outra vez. Embora eu não possa prometer quando vai ser. Sou tão ocupada, tenho que ir a tantos lugares, no mês passado foi Detroit, e na semana que vem vou pegar um avião para Saint Louis, mas, quando eles me enviarem para Nova York de novo, eu lhe telefono. Até a próxima, Peter, foi muito agradável.

GAIL WYNAND OLHOU PARA A MADEIRA brilhante do convés do iate. A madeira e uma maçaneta de cobre que se tornara um borrão de fogo lhe davam uma noção de tudo ao seu redor: os quilômetros de espaço cheios de sol, entre as extensões ardentes do céu e do oceano. Era fevereiro e o iate estava imóvel, seus motores ociosos, no sul do oceano Pacífico.

Inclinou-se sobre a amurada e olhou para baixo, para onde estava Roark, na água. Roark boiava de costas, corpo estendido em linha reta, braços abertos e olhos fechados. Sua pele bronzeada indicava um mês de dias como esse. Wynand pensou que era assim que ele gostava de captar o espaço e o tempo: através da força de seu iate, através do bronzeado da pele de Roark ou de seus próprios braços dourados pelo sol, cruzados diante dele sobre a amurada.

Não viajava com seu iate havia vários anos. Desta vez, ele quis que Roark fosse seu único convidado. Dominique foi deixada em casa.

Wynand dissera:

– Você está se matando, Howard. Está trabalhando num ritmo que ninguém pode aguentar por muito tempo. Desde Monadnock, não é? Acha que teria a coragem de realizar a façanha mais difícil para você: descansar?

Ficou atônito quando Roark aceitou sem discutir. Roark riu:

– Não estou fugindo do meu trabalho, se é isso que o surpreende. Sei quando parar, e não posso parar, a não ser que seja completamente. Sei que exagerei. Tenho desperdiçado papel demais ultimamente, e feito uns desenhos horríveis.

– Você faz desenhos horríveis?

– Provavelmente mais do que qualquer outro arquiteto, e com menos desculpas. A única diferença que posso alegar a meu favor é que meus esboços malfeitos acabam em meu próprio cesto de lixo.

– Ficaremos longe durante meses. Se começar a se arrepender e depois de uma semana chorar que quer a sua prancheta de desenho, como fazem todos os homens que nunca aprenderam a vadiar, não o trarei de volta. Sou o pior tipo de ditador a bordo do meu iate. Você terá tudo o que puder imaginar, exceto papel e lápis. Sequer lhe darei liberdade de expressão. Não quero ouvir falar de vigas mestras, materiais plásticos ou concreto armado a partir do momento em que subir a bordo. Vou lhe ensinar a comer, dormir e existir como o mais inútil dos milionários.

– Eu quero experimentar.

O trabalho no escritório não exigia a presença de Roark nos próximos meses. Seus projetos atuais estavam sendo concluídos. Dois novos projetos só deveriam ser iniciados na primavera.

Ele havia feito todos os esboços de que Keating precisava para Cortlandt. A construção estava prestes a começar. Antes de partir, em um dia no fim de

dezembro, Roark foi dar uma última olhada no terreno de Cortlandt. Como um espectador anônimo no meio de um grupo de curiosos ociosos, ficou observando as escavadeiras a vapor mordendo o solo, abrindo caminho para as futuras fundações. O East River era uma faixa larga de água negra e lenta. E, mais adiante, em meio à neblina esparsa de flocos de neve, as torres da cidade erguiam-se suavizadas, parcialmente sugeridas em lilases e azuis de aquarela.

Dominique não protestou quando Wynand lhe disse que queria partir em um longo cruzeiro com Roark.

– Meu amor, você compreende que não estou fugindo de você? Eu só preciso tirar um tempo para ficar longe de tudo. Estar com Howard é como estar sozinho comigo mesmo, só que mais em paz.

– Claro, Gail. Eu não me importo.

Mas ele olhou para ela e subitamente riu, incrédulo e satisfeito.

– Dominique, acho que você está com ciúmes. É maravilhoso, estou mais grato a ele do que nunca, se isto pôde fazer você ter ciúmes de mim.

Ela não podia lhe dizer que realmente estava com ciúmes, nem de quem.

O iate partiu no final de dezembro. Roark observou, rindo, a decepção de Wynand quando descobriu que não precisava controlá-lo. Roark não falava sobre prédios, deitava-se durante horas, estendido no convés sob o sol, e vadiava como um conhecedor. Eles conversavam pouco. Havia dias em que Wynand não conseguia se lembrar de que frases haviam trocado. Parecia-lhe possível que eles não tivessem falado absolutamente nada. A serenidade de ambos era seu melhor meio de comunicação.

Nesse dia, haviam mergulhado juntos para nadar e Wynand subira a bordo primeiro. Em pé junto à amurada, observando Roark na água, ele pensou no poder que detinha nesse momento: podia dar ordens para o iate começar a se mover, ir embora e abandonar aquele corpo de cabeça ruiva ao sol e ao mar. O pensamento lhe dava prazer: a sensação de poder e a de rendição a Roark, sabendo que nenhuma força imaginável poderia forçá-lo a exercer esse poder. Todos os instrumentos físicos estavam do seu lado: umas poucas contrações de suas cordas vocais dando a ordem, a mão de alguém abrindo uma válvula e a máquina, obediente, se afastaria. Pensou: *Não é apenas uma questão moral, não o mero horror do ato. Seria admissível abandonar um homem, se o destino de um continente dependesse disso.* Mas nada o tornaria capaz de abandonar este homem. Ele, Gail Wynand, era o impotente nesse momento, com as tábuas sólidas do convés sob seus pés. Roark, boiando como um pedaço de madeira à deriva, detinha um poder maior do que o do motor alojado no interior do iate. Wynand pensou: *Porque esse é o poder que criou o motor.*

Roark subiu ao convés. Wynand olhou para o corpo de Roark, para os filamentos de água escorrendo pelos planos angulares. E disse:

– Você cometeu um erro no Templo Stoddard, Howard. Aquela estátua

deveria ter sido não de Dominique, mas sua.

– Não. Eu sou egoísta demais para isso.

– Egoísta? Um egoísta teria adorado. Você usa as palavras de um jeito muito estranho.

– Do jeito exato. Eu não quero ser símbolo de nada. Sou apenas eu mesmo.



Estirado em uma espreguiçadeira, Wynand ergueu o olhar com satisfação para a lanterna, um disco de vidro fosco na antepara atrás dele: ela bloqueava o vazio negro do oceano e lhe proporcionava privacidade dentro de paredes sólidas de luz. Ele ouvia o som do movimento do iate, sentia o ar morno da noite em seu rosto, não via nada além da extensão do convés ao seu redor, cercado e definitivo.

Roark estava em pé diante dele, encostado na amurada, uma figura alta e branca contra o espaço negro, com a cabeça erguida como Wynand a vira em um prédio inacabado. Suas mãos seguravam a murada com firmeza. As mangas curtas da camisa deixavam seus braços expostos à luz. Sombras verticais enfatizavam os músculos tensos dos braços e os tendões do pescoço. Wynand pensava no motor do iate, nos arranha-céus, nos cabos transatlânticos, em tudo o que o homem havia feito.

– Howard, era isso que eu queria, que você estivesse aqui comigo.

– Eu sei.

– Sabe o que é, realmente? Avareza. Eu sou um sovina com relação a duas coisas na Terra: você e Dominique. Sou um milionário que nunca possuiu nada. Lembra-se do que disse sobre a posse? Eu sou como um selvagem que descobriu a ideia de propriedade privada e ficou furiosamente enlouquecido com ela. É engraçado. Pense em Ellsworth Toohey.

– Por que Ellsworth Toohey?

– Quero dizer, as coisas que ele prega. Tenho me perguntado ultimamente se ele realmente entende o que está defendendo. Abnegação no sentido absoluto? Ora, abnegado é exatamente o que eu era. Ele sabe que eu sou a personificação do ideal dele? Claro, ele não aprovaria o meu motivo, mas os motivos nunca alteram os fatos. Se o que ele quer é a verdadeira abnegação, no sentido filosófico... e o Sr. Toohey é um filósofo... em um sentido muito além das questões de dinheiro, ora, ele que olhe para mim. Eu nunca possuí nada. Nunca quis nada. Eu não ligava a mínima, no sentido mais cósmico que Toohey jamais poderia sonhar. Eu me transformei em um barômetro sujeito à pressão do mundo todo. A voz das massas dele me empurrava para cima e para baixo. Claro, eu ganhei uma fortuna durante o processo. Isso muda a realidade intrínseca do cenário? Imagine que eu doasse cada centavo da minha fortuna.

Imagine que eu nunca tivesse desejado obter nenhum dinheiro, mas tivesse começado minha carreira por puro altruísmo, para servir o povo. O que eu teria que fazer? Exatamente o que fiz. Dar o maior prazer ao maior número de pessoas. Expressar as opiniões, os desejos, os gostos da maioria. A maioria que concedeu sua aprovação e seu apoio a mim livremente, na forma de um voto de três centavos, depositado nas bancas de jornais de esquina, todas as manhãs. Os jornais Wynand? Há 31 anos eles representam todo mundo, exceto Gail Wynand. Eu apaguei a existência do meu ego de uma forma jamais alcançada por nenhum santo em um mosteiro. Ainda assim, as pessoas me chamam de corrupto. Por quê? O santo em um mosteiro sacrifica apenas coisas materiais. É um preço baixo a pagar pela glória de sua alma. Ele preserva a sua alma e desiste do mundo. Mas eu... eu aceitei automóveis, pijamas de seda, uma cobertura e em troca dei ao mundo a minha alma. Quem sacrificou mais, se o sacrifício for o teste de virtude? Quem é o verdadeiro santo?

– Gail... eu não achei que você jamais fosse admitir isso a si mesmo.

– Por que não? Eu sabia o que estava fazendo. Eu queria ter poder sobre uma alma coletiva e consegui. Uma alma coletiva. É um tipo confuso de conceito, mas, se qualquer pessoa quiser visualizá-lo concretamente, só precisa comprar um exemplar do *New York Banner*.

– Sim...

– Claro, Toohey me diria que não é isso o que ele quer dizer com altruísmo. Ele quer dizer que eu não deveria deixar que o povo decidisse o que quer. *Eu* deveria decidir. *Eu* deveria determinar, não do que gosto ou do que eles gostam, mas do que eu acho que eles deveriam gostar, e depois forçá-los a aceitar. Teria que ser forçado, uma vez que sua escolha voluntária é o *Banner*. Bem, há vários altruístas desse tipo no mundo de hoje.

– Você percebe isso?

– É claro. O que mais uma pessoa pode fazer, se deve servir ao povo? Se tem que viver pelos outros? Ou atender aos desejos de todo mundo e ser chamado de corrupto, ou impor a todo mundo, à força, a sua própria ideia do que é bom para todos? Você consegue pensar em qualquer outra alternativa?

– Não.

– Então, o que sobra? Onde começa a decência? O que começa onde termina o altruísmo? Você vê pelo que estou apaixonado?

– Sim, Gail.

Wynand notara que a voz de Roark continha uma relutância que soava quase como tristeza.

– O que há com você? Por que esse tom de voz?

– Sinto muito. Desculpe. É só algo que pensei. Estou pensando nisso há muito tempo, e especialmente em todos esses dias em que você me fez deitar no convés e ficar à toa.

– Está pensando em mim?

– Em você... entre muitas outras coisas.

– O que você decidiu?

– Eu não sou altruísta, Gail. Não decido pelos outros.

– Não precisa se preocupar comigo. Eu me vendi, mas não conservei nenhuma ilusão a respeito. Nunca me tornei um Alvah Scarret. Ele realmente acredita em seja lá o que for que o público acredita. Eu desprezo o público. Essa é minha única redenção. Eu vendi a minha vida, mas por um bom preço. Poder. Nunca o usei. Não podia me dar ao luxo de ter um desejo pessoal. Mas agora estou livre. Agora posso usá-lo para o que quiser. Para aquilo em que eu acredito. Para Dominique. Para você.

Roark virou-se para o outro lado. Quando olhou novamente para Wynand, disse apenas:

– Espero que sim, Gail.

– Em que você tem pensado, nessas últimas semanas?

– No princípio por trás do diretor que me expulsou de Stanton.

– Que princípio?

– A coisa que está destruindo o mundo. A coisa sobre a qual você estava falando. A verdadeira abnegação.

– O ideal que dizem que não existe?

– Estão errados. Existe, embora não do jeito que imaginam. Era isso que eu não consegui entender a respeito das pessoas, durante muito tempo. Elas não têm um eu. Vivem dentro dos outros. Vivem à custa dos outros, como parasitas. Olhe para Peter Keating.

– Olhe você para ele. Eu o detesto.

– Eu olhei para ele, para o que sobrou dele, e me ajudou a entender. Ele está pagando um preço e se perguntando por qual pecado, e dizendo a si mesmo que foi egoísta demais. Em que ato ou pensamento dele jamais existiu um eu? Qual era o objetivo dele na vida? Grandeza, aos olhos das outras pessoas. Fama, admiração, inveja, tudo o que procede dos outros. Os outros ditaram as convicções dele, que ele não tinha, mas ele estava satisfeito porque os outros acreditavam que tinha. Os outros foram a sua força motriz e a sua preocupação principal. Ele não queria ser formidável, mas queria ser considerado formidável. Não queria construir, mas queria ser admirado como um construtor. Ele pegava emprestado dos outros, para provocar uma impressão nos outros. Aí está a verdadeira abnegação. Foi o seu próprio ego que ele traiu e abandonou. Mas todo mundo o chama de egoísta.

– Esse é o padrão que a maioria das pessoas segue.

– Sim! E não é essa a raiz de toda ação vil? Não o egoísmo, mas precisamente a ausência de um ego. Olhe para eles. O homem que engana e mente, mas preserva uma fachada respeitável. Ele sabe que é desonesto, mas os outros

acham que é honesto, e ele obtém seu respeito próprio dos outros, adquirindo-o de segunda mão. O homem que aceita o reconhecimento por uma conquista que não foi sua. Ele sabe que é medíocre, mas é magnífico aos olhos dos outros. O coitado frustrado que declara amar os inferiores e apega-se aos menos dotados, para estabelecer sua própria superioridade através da comparação. O homem cujo único objetivo é ganhar dinheiro. Eu não vejo nada maligno nesse desejo, mas o dinheiro é somente um meio para atingirmos algum fim. Se um homem o deseja para um propósito pessoal... para investir em sua indústria, para criar, estudar, viajar, desfrutar do luxo... ele é completamente moral. Porém os homens que colocam o dinheiro em primeiro lugar vão muito além disso. O luxo pessoal é um empreendimento limitado. O que eles querem é ostentação: exibir, chocar, entreter, impressionar os outros. São parasitas que vivem à custa dos outros. Olhe para os nossos assim chamados “empreendimentos culturais”. Um palestrante que recita algum material reciclado que pegou emprestado, que não consiste em absolutamente nada e não significa absolutamente nada para ele; e as pessoas que escutam não ligam a mínima, mas ficam ali sentadas para poder dizer a seus amigos que assistiram à palestra de um nome famoso. Todos eles são parasitas vivendo de segunda mão.

– Se eu fosse Ellsworth Toohey, diria: você não está argumentando contra o egoísmo? Eles não estão todos agindo por um motivo egoísta... para serem notados, apreciados, admirados?

– ... pelos outros. À custa do respeito por si próprio. No âmbito da maior importância, o âmbito dos valores, do discernimento, do espírito, do pensamento, eles colocam os outros acima de si mesmos, exatamente da maneira exigida pelo altruísmo. Um homem verdadeiramente egoísta não pode ser afetado pela aprovação dos outros. Ele não precisa dela.

– Acho que Toohey entende isso. É o que o ajuda a disseminar seus absurdos nocivos. Só fraqueza e covardia. É tão fácil recorrer aos outros. É tão difícil ser autossuficiente. Você pode fingir virtude para uma plateia. Não pode fingi-la para si mesmo. O ego de uma pessoa é o seu juiz mais severo. Elas fogem dele. Passam a vida fugindo. É mais fácil doar alguns milhares de dólares para a caridade e se achar nobre do que basear o respeito próprio em padrões pessoais de realização pessoal. É simples buscar substitutos para a competência... substitutos tão fáceis: amor, charme, bondade, caridade. No entanto, não existe substituto para a competência.

– Essa, precisamente, é a característica mortal dos parasitas que vivem de segunda mão. Eles não têm nenhum interesse por fatos, ideias, trabalho. Só se interessam pelas pessoas. Eles não perguntam: “Isso é verdade?” E sim: “Isso é o que os outros acham que é verdade?” O importante para eles não é julgar, mas repetir; não é fazer, mas dar a impressão de fazer. Não a criação, mas a exibição. Não a habilidade, mas a amizade. Não o mérito, mas a influência. O

que aconteceria com o mundo sem aqueles que fazem, pensam, trabalham, produzem? Esses são os egoístas. Não se pode pensar com o cérebro dos outros nem trabalhar com as mãos dos outros. Quando para de usar sua faculdade de julgamento independente, você para de usar a sua consciência. Parar de usar a consciência é parar de viver. Os que vivem à custa dos outros não possuem nenhuma noção de realidade. Sua realidade não está dentro deles, mas em algum lugar naquele espaço que divide um corpo humano de outro. Não uma entidade, mas uma relação, ancorada a nada. Esse é o vazio que eu não conseguia entender nas pessoas. Era isso que me detinha sempre que eu enfrentava um comitê. Homens sem ego. Opinião sem um processo racional. Movimento sem freio nem motor. Poder sem responsabilidade. O parasita age, mas a fonte de suas ações está espalhada em todas as outras pessoas vivas. Está em todo lugar e em lugar nenhum, e você não pode ter uma conversa racional com ele. Ele não está aberto à razão. Você não pode falar com ele... ele não consegue ouvir. Você é julgado por um tribunal vazio. Uma massa cega, avançando furiosa e enlouquecida, para esmagá-lo sem sentido nem propósito. Steve Mallory não conseguia definir o monstro, mas ele sabia. É a fera babando que ele teme. O parasita.

– Acho que os parasitas a quem você se refere entendem isso, por mais que tentem não admitir isso para si mesmos. Note como eles aceitam qualquer coisa, exceto um homem que assuma uma posição independente. Eles o reconhecem imediatamente, por instinto. Há um tipo especial e traiçoeiro de ódio por ele. Eles perdoam criminosos. Admiram ditadores. Crime e violência representam um vínculo, uma forma de mútua dependência. Eles precisam de vínculos. Têm de impor suas personalidades insignificantes e miseráveis a cada pessoa que conhecem. O homem independente os destrói, porque eles não existem dentro dele e essa é a única forma de existência que conhecem. Note o tipo maligno de ressentimento contra qualquer ideia que proponha a independência. Note a malícia com relação a um homem independente. Olhe para seu passado, para sua própria vida, Howard, e para as pessoas que você conheceu. Elas sabem. Têm medo. Você é uma censura a elas.

– Isso é porque alguma noção de dignidade sempre permanece nelas. Ainda são seres humanos. Porém ensinaram-lhes a buscar a si mesmas nos outros. Contudo, nenhuma pessoa pode alcançar o tipo de humildade absoluta que exigiria uma completa falta de qualquer forma de autoestima. Ela não sobreviveria. Então, depois de séculos sendo bombardeadas com a doutrina de que o altruísmo é o ideal supremo, as pessoas a aceitaram da única maneira em que podia ser aceita: buscando a autoestima a partir dos outros. Vivendo à custa dos outros. E isso abriu caminho para todo tipo de horror. Tornou-se uma forma pavorosa de egoísmo que um homem verdadeiramente egoísta não poderia ter concebido. E agora, para curar um mundo que está perecendo por causa da falta

de ego, nos pedem para destruímos o ego. Ouça o que é pregado hoje em dia. Olhe para todos ao nosso redor. Você se perguntou por que eles sofrem, por que buscam a felicidade e nunca a encontram. Se qualquer homem parasse e se perguntasse se alguma vez teve um desejo verdadeiramente pessoal, ele encontraria a resposta. Veria que todos os seus desejos, seus esforços, seus sonhos, suas ambições são motivados por outras pessoas. Ele não está realmente lutando nem mesmo pela riqueza material, mas pela ilusão daquele que vive à custa dos outros: o prestígio. Um carimbo de aprovação, mas não dado por ele mesmo. Ele não consegue encontrar nenhuma alegria na luta e nenhuma alegria quando é bem-sucedido. Ele não pode dizer, com relação a uma única coisa: “Foi isso o que eu quis porque fui eu quem quis, não porque fez com que os meus vizinhos olhassem boquiabertos para mim.” Então ele se pergunta por que é infeliz. Todas as formas de felicidade são particulares. Nossos melhores momentos são pessoais, automotivados e não devem ser tocados por ninguém. As coisas que são sagradas ou valiosas para nós são as que não compartilhamos indiscriminadamente. Mas agora nos ensinam a atirar tudo o que temos dentro de nós à luz do público e ao manuseio popular. A buscar alegria nos salões de assembleias. Nem ao menos temos uma palavra para a qualidade de que estou falando, para a autossuficiência do espírito humano. É difícil chamá-la de egoísmo ou egotismo, as palavras foram pervertidas, passaram a significar Peter Keating. Gail, eu acho que o único mal fundamental na Terra é o de colocar o seu interesse primordial dentro de outras pessoas. Eu sempre exigi certa qualidade nas pessoas de quem gostava. Sempre a reconheci imediatamente... e é a única qualidade que respeito nas pessoas. Eu escolho meus amigos por meio disso. Agora sei o que é: um ego autossuficiente. Nada mais importa.

– Estou feliz por você admitir que tem amigos.

– Eu até admito que os amo. Mas não poderia amá-los se eles fossem a minha razão principal de viver. Você percebe que Peter Keating já não tem mais um único amigo? Entende por que, se uma pessoa não respeita a si mesma, não pode ter nem amor nem respeito pelos outros?

– Peter Keating que se dane. Eu estou pensando em você e nos seus amigos.

Roark sorriu.

– Gail, se este barco estivesse afundando, eu daria a minha vida para salvar você. Não porque seja qualquer tipo de dever. Somente porque eu gosto de você, por meus próprios motivos e padrões. Eu poderia morrer por você. Mas não poderia viver, e não viveria, por você.

– Howard, quais são os seus motivos e padrões?

Roark olhou para ele e percebeu que havia dito todas as coisas que tentara não dizer a Wynand. Respondeu:

– Que você não nasceu para ser um parasita que vive à custa dos outros.

Wynand sorriu. Ele ouviu a frase – e mais nada.

Mais tarde, depois que Wynand desceu para sua cabine, Roark permaneceu no convés, sozinho. Ficou encostado na amurada, olhando para o mar, para nada.

Pensou: *Eu não mencionei a ele o pior tipo de parasita de todos: o homem que busca o poder.*

ERA ABRIL QUANDO ROARK E WYNAND retornaram à cidade. Os arranha-céus pareciam rosados contra o céu azul, uma mancha incompatível de porcelana em massas de pedra. Havia pequenos tufos de verde nas árvores das ruas.

Roark foi para seu escritório. Sua equipe apertou-lhe a mão e ele viu o esforço de sorrisos conscientemente reprimidos, até que um rapaz disse, num rompante:

– Mas que inferno! Por que não podemos dizer como estamos alegres por vê-lo de volta, chefe?

Roark riu.

– Podem dizer, sim. Eu é que não consigo expressar quanto estou contente por estar de volta.

Sentou-se a uma prancheta da sala de desenho, enquanto todos relatavam o que havia acontecido nos últimos três meses, interrompendo-se uns aos outros. Ele ficou brincando com uma régua em suas mãos, sem notar, como um homem que sente a terra de sua fazenda entre os dedos, após um período de ausência.

À tarde, sozinho à sua escrivaninha, abriu um jornal. Não vira um durante três meses. Notou uma notícia sobre a construção do Conjunto Habitacional Cortlandt. Viu a linha: “Peter Keating, arquiteto. Gordon L. Prescott e Augustus Webb, projetistas associados”.

Ele ficou sentado, completamente imóvel.

Naquela noite, foi ver Cortlandt.

O primeiro prédio estava quase pronto. Erguia-se sozinho no terreno grande e vazio. Os pedreiros já haviam ido embora. Via-se uma luz fraca no barracão do vigia noturno. O prédio tinha o esqueleto do que Roark havia desenhado, com os vestígios de dez raças diferentes empilhados sobre a adorável simetria dos ossos. Ele viu a economia da estrutura preservada, mas o exagero de atributos incompreensíveis acrescentados; a variedade de massas modeladas desaparecida, substituída pela monotonia de cubos grosseiros; uma nova ala adicionada, com um teto em forma de abóbada, emergindo de uma parede como um tumor, contendo um ginásio; fileiras de sacadas acrescentadas, feitas de tiras de metal pintadas de um azul berrante; janelas de canto sem propósito; um ângulo recortado para uma porta inútil, com um toldo redondo de metal, sustentado por um mastro, como uma loja de roupas masculinas na Broadway; três faixas verticais de tijolos, indo de lugar nenhum para lugar nenhum; o estilo geral do que a profissão chamava de “Bronx Moderno”; um painel em baixo-relevo acima da entrada principal, representando uma massa de músculos de onde se podiam discernir três ou quatro corpos, um deles com um braço erguido, segurando uma chave de fenda.

Havia cruces brancas nas vidraças recém-colocadas das janelas e parecia

apropriado, como um X eliminando a existência de um erro. Via-se uma faixa vermelha no céu, a oeste, atrás de Manhattan, e os prédios da cidade elevavam-se retos e negros contra ela.

Roark estava em pé diante do espaço da futura rua que passaria na frente do primeiro edifício de Cortlandt. Estava ereto, os músculos da garganta retesados, os pulsos abaixados e longe do corpo, como ele teria se posicionado diante de um pelotão de fuzilamento.



Ninguém sabia dizer como acontecera. Não houvera nenhuma intenção deliberada por trás do que ocorreu. Simplesmente acontecera.

Primeiro, Toohey disse a Keating, numa manhã, que Gordon L. Prescott e Gus Webb seriam acrescentados à folha de pagamento como projetistas associados.

– Por que você se importaria, Peter? Não vai sair do seu pagamento. Não vai prejudicar de forma alguma o seu prestígio, já que você é o chefe. Eles não serão muito mais que seus desenhistas. Eu só quero dar uma força aos rapazes. Ajudará a reputação deles estarem ligados a esse projeto de alguma forma. Eu tenho um grande interesse em melhorar a reputação deles.

– Mas para quê? Não há nada para eles fazerem. Já está tudo feito.

– Ah, qualquer tipo de desenho de última hora. Vai economizar o tempo da sua equipe. Você pode dividir os gastos com eles. Não seja mesquinho.

Toohey falara a verdade; ele não tinha em mente nenhuma outra intenção. Keating não conseguiu descobrir que conexões Prescott e Webb possuíam, com quem, em que órgão, em que termos, entre as dúzias de autoridades envolvidas no projeto. A distribuição de responsabilidade era tão emaranhada que ninguém podia ter certeza quanto à autoridade de qualquer pessoa envolvida. A única coisa que estava clara era que Prescott e Webb tinham amigos, e que Keating não podia mantê-los fora do projeto.

As alterações começaram com o ginásio. A senhora encarregada da seleção de moradores exigiu um ginásio. Ela era assistente social e sua tarefa deveria terminar com a inauguração do projeto. Arranjou um emprego permanente ao conseguir ser nomeada diretora de Recreação Social de Cortlandt. Nenhum ginásio havia sido incluído nos planos originais; havia duas escolas e uma filial da Associação Cristã de Moços a uma distância que podia ser percorrida a pé. Ela declarou que isso era uma ofensa aos filhos dos pobres. Prescott e Webb forneceram o ginásio. Seguiram-se outras alterações, de natureza puramente estética. Despesas extras somavam-se ao custo da construção, que fora planejada tão cuidadosamente para ser econômica. A diretora de Recreação Social partiu para Washington, a fim de discutir a questão de um pequeno teatro e de um salão de reuniões que ela queria que fossem acrescentados aos próximos

dois prédios de Cortlandt.

As alterações no projeto ocorreram gradualmente, poucas de cada vez. As ordens autorizando as mudanças vinham dos escalões mais altos.

– Mas estamos prontos para começar! – gritou Keating.

– Mas que diabos! – exclamou Gus Webb, com a voz arrastada. – O atraso vai lhes custar umas duas mil pratas a mais, só isso.

– Agora, quanto às sacadas – disse Gordon L. Prescott –, elas acrescentam certo estilo moderno. Você não vai querer que essa maldita coisa pareça tão sem graça. É deprimente. Além disso, você não entende de psicologia. As pessoas que vão morar aqui estão acostumadas a sentar-se em escadas de incêndio. Elas adoram isso. Vão sentir falta. Você tem que lhes dar um lugar para sentarem-se ao ar livre... O custo? Mas que inferno, se está tão preocupado com a droga do custo, eu tenho uma ideia para economizarmos bastante. Vamos nos virar sem as portas dos closets. Para que eles precisam de portas nos closets? Está fora de moda. – Todas as portas de closets foram excluídas.

Keating lutou. Era o tipo de batalha em que ele nunca havia entrado, mas ele tentou tudo o que lhe era possível, até o limite honesto de suas forças exauridas. Foi de escritório em escritório, discutindo, ameaçando, suplicando. Porém ele não tinha nenhuma influência, ao passo que seus projetistas associados pareciam controlar um rio subterrâneo com afluentes interligados. As autoridades davam de ombros e mandavam-no falar com outra pessoa. Ninguém se importava com a questão da estética. “Qual é a diferença?” “Não vai sair do seu bolso, vai?” “Quem é você para querer fazer tudo do seu jeito? Deixe que os rapazes deem alguma contribuição.”

Apelou para Ellsworth Toohey, mas ele não estava interessado. Estava ocupado com outras questões e não tinha nenhuma vontade de provocar uma briga burocrática. Toohey realmente não havia instigado seus protegidos a embarcar em uma empreitada artística, mas não via nenhum motivo para tentar impedi-los. Estava se divertindo com a situação toda.

– Mas está horrível, Ellsworth! Você sabe que está horrível!

– Ah, suponho que sim. Por que você se incomoda, Peter? Seus moradores pobres mas fedorentos não serão capazes de apreciar os pontos mais sofisticados da arte da arquitetura. Certifique-se de que o encanamento funciona.

– Mas para quê? Para quê? Para quê?! – gritava Keating aos seus projetistas associados.

– Bem, por que não podemos dar a nossa opinião também? – perguntou Gordon L. Prescott. – Nós também queremos expressar nossa individualidade.

Quando Keating mencionou seu contrato, eles lhe disseram;

– Tudo bem, vá em frente, tente processar o governo. Tente.

Às vezes, ele sentia um desejo de matar. Não havia ninguém a quem matar. Se lhe houvessem concedido esse privilégio, ele não poderia ter escolhido uma

vítima. Ninguém era responsável. Não havia nenhum propósito nem nenhuma causa. Simplesmente aconteceu.

Keating foi à casa de Roark, na noite seguinte ao regresso do arquiteto. Ele não fora chamado. Roark abriu a porta e disse:

– Boa noite, Peter.

Mas Keating não conseguiu responder.

Dirigiram-se em silêncio para a sala de trabalho. Roark sentou-se, mas Keating permaneceu em pé no meio da sala e perguntou, com a voz embotada:

– O que você vai fazer?

– Você deve deixar isso comigo, agora.

– Eu não consigo evitar, Howard... Não consigo evitar!

– Suponho que não.

– O que você pode fazer agora? Não pode processar o governo.

– Não.

Keating pensou que deveria sentar-se, mas a distância até uma cadeira parecia grande demais. Ele sentia que ficaria visível demais, caso se mexesse.

– O que vai fazer comigo, Howard?

– Nada.

– Quer que eu confesse a verdade a eles? A todo mundo?

– Não.

Após uma pausa, Keating sussurrou:

– Você me deixaria lhe dar o meu pagamento... tudo... e...

Roark sorriu.

– Eu sinto muito... – murmurou Keating, olhando para o outro lado.

Ele esperou, e então a súplica que sabia que não deveria pronunciar saiu assim:

– Estou com medo, Howard...

Roark sacudiu a cabeça.

– O que quer que eu faça não será para prejudicá-lo, Peter. Eu também sou culpado. Nós dois somos.

– Você é culpado?

– Fui eu que destruí você, Peter. Desde o começo. Ao ajudá-lo. Há questões sobre as quais uma pessoa não deve pedir ajuda nem dá-la. Eu não deveria ter feito os seus projetos em Stanton. Não deveria ter feito o Edifício Cosmo-Slotnick Nem Cortlandt. Eu o sobrecarreguei com mais do que você podia aguentar. É como uma corrente elétrica forte demais para o circuito. Queima o fusível. Agora, nós dois vamos pagar por isso. Será difícil para você, mas será mais difícil para mim.

– Você prefere... que eu vá para casa agora, Howard?

– Sim.

À porta, Keating disse:

– Howard! Eles não fizeram de propósito.

– É isso que torna a coisa ainda pior.



Dominique ouviu o som do carro subindo a estrada da colina. Achou que fosse Wynand voltando para casa. Ele havia ficado na cidade até tarde, trabalhando, todas as noites das duas semanas desde seu regresso.

O motor encheu o silêncio de primavera do campo. Não havia nenhum ruído na casa, apenas o leve sussurro de seu cabelo quando ela encostava a cabeça na almofada de uma poltrona. Após um instante, não deixou de prestar atenção ao som do carro se aproximando; era um som tão familiar a essa hora, parte da solidão e da privacidade do lado de fora.

Ela ouviu o carro parar perto da porta, que nunca ficava trancada – não havia vizinhos ou convidados a esperar. Ouviu a porta se abrindo e passos no hall, no andar de baixo. Os passos não pararam, mas prosseguiram com uma certeza familiar, subindo as escadas. Uma mão virou a maçaneta da porta do quarto.

Era Roark Ela pensou, enquanto se levantava, que ele nunca antes havia entrado em seu quarto. Mas ele conhecia cada parte dessa casa, assim como conhecia tudo sobre o corpo dela. Ela não sentiu nenhum choque, apenas a memória de um momento, um choque no tempo passado, o pensamento: *Eu devo ter ficado chocada quando o vi, mas agora não*. Agora, ela já em pé diante dele, parecia muito simples.

Ela pensou: *O mais importante nunca precisa ser dito entre nós. Sempre foi assim. Ele não queria me ver a sós. Agora ele está aqui. Eu esperei e estou pronta*.

– Boa noite, Dominique.

Ela ouviu o nome pronunciado para preencher o espaço de cinco anos. Disse suavemente:

– Boa noite, Roark

– Quero que você me ajude.

Ela estava em pé na plataforma da estação de Clayton, Ohio; no banco de testemunas do julgamento Stoddard; à beira da saliência de uma pedreira, para compartilhar – com quem ela era naquelas ocasiões – essa frase que ouvia agora.

– Sim, Roark

Ele atravessou o quarto que havia projetado para ela, sentou-se de frente para ela, a largura do quarto entre eles. Ela percebeu que também estava sentada, sem ter consciência de seus próprios movimentos, somente dos dele, como se o corpo dele contivesse dois conjuntos de nervos, os dele e os dela.

– Na próxima segunda-feira à noite, Dominique, exatamente às 23h30, eu quero que você vá de carro até o local da construção do Conjunto Habitacional Cortlandt.

Ela notou que estava consciente das próprias pálpebras; não sentia dor, mas estava consciente delas mesmo assim, como se houvessem enrijecido e se recusassem a mover-se novamente. Ela vira o primeiro prédio de Cortlandt. Sabia o que estava prestes a ouvir.

– Você tem que estar sozinha em seu carro e tem que estar voltando para casa de algum lugar aonde foi fazer uma visita, marcada antecipadamente. Um lugar aonde, saindo daqui, você só possa chegar passando por Cortlandt. Você vai ter que poder provar isso, depois. Eu quero que o seu carro fique sem gasolina na frente de Cortlandt, às 23h30. Toque a buzina. Há um velho vigia lá. Ele vai sair. Peça-lhe que a ajude e mande-o ao posto de gasolina mais próximo, que fica a quase dois quilômetros dali.

Ela disse, impassível:

– Sim, Roark

– Quando ele se afastar, saia do carro. Há um terreno baldio grande, do outro lado da rua, em frente ao prédio, e um tipo de vala mais adiante, no terreno. Vá para a vala o mais rápido que puder, entre nela e deite-se no chão. Fique deitada bem junto ao solo. Depois de algum tempo, pode voltar para o carro. Você vai saber quando for a hora de voltar. É importante que você seja encontrada dentro do carro, e que seu estado combine com o estado do carro... mais ou menos.

– Sim, Roark

– Você entendeu?

– Entendi.

– Tudo?

– Sim. Tudo.

Eles estavam em pé. Ela via apenas os olhos de Roark, e que ele estava sorrindo.

Ouviu-o dizer:

– Boa noite, Dominique.

Ele saiu e ela ouviu o carro dele se afastando. Pensou no sorriso dele.

Sabia que ele não precisava de sua ajuda para o que ia fazer, podia encontrar outra maneira de se livrar do vigia. Sabia que ele a deixava ter uma participação nisso porque, se não deixasse, ela não sobreviveria ao que se seguiria. Sabia que esse era o teste.

Ela não quis dizer o que iria fazer; quis que ela compreendesse e não demonstrasse nenhum medo. Ela não fora capaz de aceitar o julgamento Stoddard, havia fugido do horror de vê-lo sendo agredido pelo mundo, mas concordara em ajudá-lo nisso. Havia concordado com total serenidade. Ela estava livre, e ele sabia disso.



A estrada estendia-se sobre um terreno plano através das amplidões escuras de Long Island, mas Dominique sentia-se como se estivesse dirigindo ladeira acima. Essa era a única sensação anormal: a de estar subindo, como se o carro estivesse decolando. Ela mantinha os olhos na estrada, mas o painel na periferia de sua visão parecia o painel de instrumentos de um avião. O relógio do painel marcava 23h10.

Ela estava entretida pensando: *Nunca aprendi a pilotar um avião e agora sei qual é a sensação. É exatamente como isto, o espaço desobstruído e nenhum esforço. E nenhum peso. É o que acontece na estratosfera... ou seria no espaço interplanetário?... onde se começa a flutuar e não há lei da gravidade. Nenhuma lei de nenhum tipo de gravidade.* Ela ouviu a si mesma rindo alto.

Somente essa sensação de estar subindo... Fora isso, sentia-se normal. Nunca havia dirigido tão bem. Pensou: *Dirigir um carro é um trabalho técnico e mecânico, portanto sei que estou muito lúcida.* Porque dirigir parecia fácil, como respirar ou engolir, uma função automática que não exigia nenhuma atenção. Ela parava nos semáforos vermelhos, suspensos no ar acima dos cruzamentos de ruas anônimas em subúrbios desconhecidos, virava as esquinas, ultrapassava outros carros e tinha certeza de que nenhum acidente podia lhe acontecer essa noite. Seu carro estava sendo guiado por controle remoto – um daqueles raios automáticos sobre os quais ela havia lido. Era um sinal luminoso ou uma emissão de rádio? E ela só tinha que ficar sentada ao volante.

Estava livre para não ter consciência de nada além de questões sem importância, e para sentir-se despreocupada e... destituída de seriedade, pensou ela. Tão completamente destituída de seriedade. Era uma espécie de clareza, ser mais normal do que o normal, como o cristal é mais transparente do que o ar vazio. Apenas questões sem importância: a seda fina de seu vestido preto curto, e a maneira como estava puxado acima dos joelhos; seus dedos se flexionando dentro do sapato, quando ela mexia o pé; “Restaurante Danny’s”, em letras douradas, sobre uma vitrine negra que passou em velocidade.

Ela estivera muito alegre no jantar oferecido pela esposa de um banqueiro, amigos importantes de Gail, cujos nomes tinha dificuldade de lembrar agora. Fora um jantar maravilhoso, em uma mansão enorme em Long Island. Eles haviam ficado tão contentes em vê-la e lamentaram tanto que Gail não pudera ir também. Ela comera tudo o que vira ser servido à sua frente. Demonstrara um apetite esplêndido, como acontecera em raras ocasiões em sua infância, quando ia correndo para casa depois de passar o dia todo no bosque e sua mãe ficava tão contente, porque tinha medo de que ela ficasse anêmica quando crescesse.

Ela mantivera os convidados entretidos, à mesa do jantar, com histórias de sua infância, fizera-os rir, e fora o jantar mais divertido de que seus anfitriões podiam se lembrar. Depois, na sala de visitas, com as janelas bem abertas para um céu escuro – um céu sem lua que se estendia para além das árvores, além

das cidades, até chegar às margens do East River –, ela rira e conversara, sorria para todos ao seu redor com uma simpatia que fizera com que falassem livremente sobre as coisas que lhes eram mais preciosas. Ela amara aquelas pessoas, e elas souberam que eram amadas – ela amara cada indivíduo em qualquer lugar do mundo e uma mulher dissera:

– Dominique, eu não sabia que você podia ser tão maravilhosa!

E ela respondera:

– Eu não tenho uma única preocupação na vida.

Porém, na verdade, ela não havia prestado atenção em nada, a não ser no relógio em seu pulso, e no fato de que precisava sair daquela casa às 22h50. Não tinha ideia do que diria para poder retirar-se, mas às 22h45 disse, de forma educada e convincente, e às 22h50 seu pé estava no acelerador.

Era um carro esporte com capota, para duas pessoas, preto, com estofamento de couro vermelho. Ela pensou que John, o *chofer*, mantinha o couro muito bem polido. Não restaria nada do carro, e era apropriado que ele devesse estar com sua melhor aparência no seu último passeio. Como uma mulher em sua primeira noite. *Eu não cheguei a me arrumar para a minha primeira noite... eu não tive nenhuma primeira noite... apenas algo arrancado de mim e o gosto de pó de pedreira nos meus dentes.*

Quando viu faixas verticais escuras com pontos de luz preenchendo o vidro da janela do carro, ela se perguntou o que havia acontecido com o vidro. Então percebeu que estava dirigindo ao longo do East River e que era Nova York, do outro lado do rio. Riu e pensou: *Não, isto não é Nova York, é uma pintura particular que foi colada na janela do meu carro, tudo aqui, em uma pequena janela, sob a minha mão, eu a possuo, ela é minha agora, Roark* – moveu a mão sobre os prédios, desde o Battery Park até a ponte Queensborough –, *é minha e a estou dando para você.*



A figura distante do vigia noturno tinha agora 40 centímetros de altura. *Quando diminuir para 20 centímetros, começarei a correr*, pensou Dominique. Ela estava em pé ao lado do carro e gostaria que o vigia andasse mais rápido.

O prédio era uma massa negra que escorava o céu em um ponto. O resto do céu se curvava, intimamente baixo, sobre uma extensão plana de terra. As ruas e as casas mais próximas estavam a anos de distância, longe, à margem do espaço, pequenas pontas irregulares, como os dentes de um serrrote quebrado.

Ela sentia um seixo grande sob a sola de seu sapato. Estava desconfortável, mas não mexia o pé; fazia barulho. Ela não estava sozinha. Sabia que ele estava em algum lugar daquele prédio, a uma distância dela que era apenas a largura de uma rua. Não havia nenhum som nem nenhuma luz no prédio, somente cruzeiras brancas em janelas negras. Ele não precisaria de nenhuma luz, conhecia cada

saguão, cada escadaria.

O vigia havia encolhido com a distância. Ela abriu a porta do carro. Atirou o chapéu e a bolsa para dentro e empurrou a porta com força. Quando ouviu o som do baque da porta, já estava do outro lado da rua, correndo pelo terreno baldio, afastando-se do prédio.

Sentia a seda do vestido grudando em suas pernas, e aquilo servia como um propósito tangível de fuga, correr de encontro àquilo, atravessar aquela barreira o mais rápido que podia. Havia buracos e tocos secos no chão. Ela caiu uma vez, mas só notou quando já estava correndo outra vez.

Viu a vala na escuridão. Então pôs-se de joelhos, no fundo, e em seguida deitou-se de bruços, com o rosto abaixado, a boca pressionada contra a terra.

Ela sentia a palpitação em suas coxas e contorceu o corpo uma vez, em uma longa convulsão, para sentir a terra com suas pernas, seus seios, a pele de seus braços. Era como estar deitada na cama de Roark.

O som foi como a pancada de um punho em sua nuca. Ela sentiu o impulso da terra embaixo dela, atirando-a para cima, colocando-a em pé, na beira da vala. A parte de cima do prédio Cortlandt havia se inclinado, e estava pendurada, imóvel, enquanto uma faixa recortada de céu alargava-se lentamente, atravessando-a. Como se o céu estivesse cortando o prédio ao meio. Então a faixa se tornou uma luz azul-turquesa. Depois, já não havia mais parte de cima, apenas esquadrias de janelas e vigas voando pelos ares, o prédio se espalhando através do céu, uma língua vermelha comprida e fina projetando-se do centro, outra pancada de um punho, e mais outra, um clarão de luz ofuscante e os painéis de vidro dos arranha-céus do outro lado do rio brilhando como lantejoulas.

Dominique não se lembrou de que ele a havia mandado ficar deitada junto ao chão, que estava em pé, que cacos de vidro e pedaços de ferro retorcido estavam chovendo ao seu redor. No instante em que as paredes foram lançadas para fora e o prédio se abriu como uma erupção solar, ela pensou nele, ali, em algum lugar mais adiante, o construtor que teve que destruir, que conhecia cada ponto crucial daquela estrutura, que criara o equilíbrio delicado entre tensão e sustentação. Ela pensou nele selecionando esses pontos-chave, colocando as cargas de dinamite, um médico transformado em assassino, habilmente arrebentando coração, cérebro e pulmões simultaneamente. Roark estava lá, ele viu tudo, e o que a explosão fez com ele foi pior do que o que fez com o prédio. Mas ele estava lá e aceitara de bom grado.

Ela viu a cidade envolvida pela luz por meio segundo, conseguiu ver parapeitos de janelas e cornijas que estavam a quilômetros de distância, pensou em quartos e tetos escuros sendo lambidos por esse fogo, viu os picos das torres iluminados contra o céu, sua cidade agora, e dele.

– Roark! – gritou ela. – Roark! Roark!

Não percebeu que havia gritado. Não conseguiu ouvir sua própria voz em meio

à explosão.

E então ela estava correndo, atravessando o terreno em direção à ruína fumegante, correndo sobre cacos de vidro, plantando os pés com toda a força a cada passo, porque estava gostando da dor. Não restava mais nenhuma dor para ela sentir outra vez. Uma nuvem de poeira pairava sobre o terreno, como um toldo. Ela ouviu o som agudo de sirenes vindo de muito longe.

Ainda era um carro, embora as rodas traseiras estivessem esmagadas sob um pedaço de caldeira de calefação e houvesse uma porta de elevador sobre o capô. Ela se arrastou para o assento. Tinha que aparentar não ter saído dali. Pegou punhados de cacos do chão e os derramou sobre seu colo, sobre seu cabelo. Pegou um estilhaço afiado e cortou a pele do seu pescoço, das pernas, dos braços. O que ela sentia não era dor. Viu sangue jorrando do braço, escorrendo pelo colo, encharcando a seda preta, pingando entre suas coxas. Sua cabeça caiu para trás, e ela ficou de boca aberta, ofegante. Não queria parar. Estava livre. Era invulnerável. Não sabia que havia cortado uma artéria. Sentia-se tão leve. Estava rindo da lei da gravidade.

Quando foi encontrada pelos homens do primeiro carro de polícia a chegar ao local, estava inconsciente, restando poucos minutos de vida em seu corpo.

DOMINIQUE OLHOU AO REDOR DO QUARTO da cobertura. Era o seu primeiro contato com um ambiente capaz de reconhecer. Sabia que havia sido levada até ali depois de muitos dias em um hospital. O quarto parecia envernizado com luz. É aquela clareza de cristal sobre tudo, pensou ela; aquilo permaneceu, permanecerá para sempre. Viu Wynand em pé, ao lado da cama. Ele a estava observando. Parecia animado.

Lembrava-se de tê-lo visto no hospital. Lá, ele não parecera animado. Sabia que o médico dissera a ele que ela não sobreviveria àquela primeira noite. Ela quisera dizer a todos eles que sobreviveria, que não tinha escolha agora, a não ser viver. Só que não parecia importante dizer qualquer coisa às pessoas, nunca mais.

Agora, ela estava de volta. Podia sentir as bandagens em seu pescoço, em suas pernas, em seu braço esquerdo. Contudo, suas mãos repousavam diante dela, sobre o cobertor, e a gaze havia sido removida. Restavam apenas poucas cicatrizes vermelhas e finas.

– Sua tolinha maluca! – exclamou Wynand efusivamente. – Por que tinha que fazer um trabalho tão bom?

Recostada no travesseiro branco, com seu cabelo dourado e macio e uma camisola de hospital branca, de gola alta, ela parecia mais jovem do que jamais aparentara ser quando criança. Tinha o resplendor sereno desejado e nunca encontrado na infância: a consciência total de certeza, de inocência, de paz.

– A gasolina acabou – comentou ela – e eu estava esperando ali, no meu carro, quando, de repente...

– Eu já contei essa história à polícia. E o vigia noturno também. Mas você não sabia que vidro deve ser manuseado com cuidado?

Gail parece descansado, pensou ela, e muito confiante. Tudo mudou para ele também; da mesma forma.

– Não doe – disse ela.

– Na próxima vez que quiser representar a espectadora inocente, deixe que eu lhe ensine como se faz.

– Mas eles acreditaram, não é?

– Ah, sim, eles acreditaram. Têm que acreditar. Você quase morreu. Não entendo por que ele tinha que salvar a vida do vigia e quase tirar a sua.

– Quem?

– Howard, minha querida. Howard Roark.

– O que ele tem a ver com isso?

– Meu amor, você não está sendo interrogada pela polícia. Mas será, e terá que ser mais convincente do que isso. E tenho certeza de que vai conseguir. Eles não vão pensar no julgamento Stoddard.

– Ah...

– Você fez isso naquela ocasião, e sempre fará. Seja lá o que for que você

ache de Roark, sempre sentirá o que eu sinto a respeito do trabalho dele.

– Gail, você está contente por eu ter feito isso?

– Estou.

Ela o viu olhando para a sua mão, que repousava na beira da cama. E então ele estava de joelhos, com os lábios encostados na mão dela, sem erguê-la, sem tocá-la com os dedos, somente com a boca. Essa era a única confissão que ele se permitiria fazer do que os dias dela no hospital haviam lhe custado. Ela ergueu a outra mão e passou-a sobre o cabelo dele. Pensou: *Será pior para você do que se eu tivesse morrido, Gail, mas ficará tudo bem, não vai magoá-lo, já não resta mais dor no mundo, nada que se compare ao fato de nós existirmos: ele, você e eu. Você entendeu tudo o que importa, embora não saiba que me perdeu.*

Ele ergueu a cabeça e levantou-se.

– Eu não tinha a intenção de repreendê-la de nenhuma maneira. Me perdoe.

– Eu não vou morrer, Gail. Sinto-me maravilhosamente bem.

– Você parece.

– Ele foi preso?

– Saiu sob fiança.

– Você está feliz?

– Estou contente que você tenha feito e que tenha sido por ele. Estou contente que ele tenha feito. Tinha que fazer aquilo.

– Sim. E será o julgamento Stoddard outra vez.

– Não exatamente.

– Você queria outra chance, Gail? Esses anos todos?

– Sim.

– Posso ler os jornais?

– Não. Não até poder se levantar.

– Nem ao menos o *Banner*?

– Não. Muito menos o *Banner*.

– Eu amo você, Gail. Se você aguentar até o fim...

– Não venha me oferecer nenhum suborno. Isto não é entre mim e você. Nem mesmo entre mim e ele.

– Mas entre você e Deus?

– Se quiser chamar assim. Mas não vamos falar sobre isso. Não até ter acabado. Você tem uma visita esperando lá embaixo para vê-la. Ele esteve aqui todos os dias.

– Quem?

– O seu amante, Howard Roark. Quer deixá-lo lhe agradecer agora?

A piada alegre, o tom de proferir a coisa mais absurda que ele conseguiu pensar, disse-lhe quanto ele estava longe de adivinhar o resto. Ela disse:

– Sim. Quero vê-lo. Gail, e se eu decidir fazer dele meu amante?

– Eu mato vocês dois. Agora, não se mexa, fique quieta. O médico disse que

você deve ter cuidado. Você tem 26 pontos espalhados pelo corpo.

Ele saiu do quarto e ela o ouviu descendo as escadas.



Quando o primeiro policial chegara ao local da explosão, encontrara, atrás do prédio, na margem do rio, o detonador. Roark estava em pé ao lado do detonador, com as mãos nos bolsos, olhando para o que restava de Cortlandt.

– O que sabe sobre isto, camarada? – perguntou o policial.

– É melhor você me prender – disse Roark – Eu falarei no julgamento.

Ele não acrescentara mais nenhuma palavra em resposta a todas as perguntas oficiais que se seguiram.

Foi Wynand quem conseguiu que ele fosse libertado sob fiança, nas primeiras horas da manhã. Wynand estivera calmo no pronto-socorro, onde vira os ferimentos de Dominique e lhe disseram que ela não sobreviveria. Estivera calmo quando fez uma ligação, arrancou da cama um juiz da comarca e providenciou a fiança de Roark. Porém, na sala do diretor de uma pequena prisão municipal, subitamente ele começou a tremer.

– Seus malditos idiotas! – disse ele, os dentes cerrados, e a essas palavras seguiram-se todas as obscenidades que ele aprendera no porto.

Ele se esqueceu de todos os aspectos da situação, exceto um: Roark estar sendo mantido atrás das grades. Era de novo o Wynand Magrão de Hell's Kitchen, e esse era o tipo de fúria que o havia abalado em surtos repentinos, naquela época, a fúria que sentira quando estava em pé atrás de um muro em ruínas, esperando para ser morto. A única diferença era que agora ele sabia que também era Gail Wynand, o dono de um império, e não conseguia entender por que qualquer procedimento legal era necessário. Por que ele não demolia essa prisão, com seus próprios punhos ou através de seus jornais, eram uma coisa só para ele no momento – ele queria matar, tinha que matar, como naquela noite atrás do muro, para defender sua própria vida.

Conseguiu assinar os papéis, conseguiu esperar até que Roark fosse levado até ele. Saíram juntos, Roark levando-o pelo pulso, e, quando chegaram ao carro, Wynand já se acalmara. No carro, ele perguntou:

– É claro que foi você, não é?

– Claro.

– Vamos lutar juntos contra isso.

– Se você quiser fazer disso sua batalha.

– Pelos cálculos atuais, minha fortuna pessoal chega a quarenta milhões de dólares. Deve ser o suficiente para contratar qualquer advogado que você queira, ou todos eles.

– Eu não quero um advogado.

– Howard! Você não vai mostrar fotografias outra vez, vai?

– Não. Desta vez, não.



Roark entrou no quarto e sentou-se em uma cadeira ao lado da cama. Dominique ficou imóvel, olhando para ele. Sorriam um para o outro. *Nada tem que ser dito, também não desta vez*, ela pensou. Então perguntou:

– Você ficou preso?

– Por poucas horas.

– Como foi?

– Não comece a reagir como Gail.

– Gail ficou muito mal?

– Muito.

– Eu não vou ficar.

– Talvez eu tenha que voltar para uma cela e ficar lá durante anos. Você sabia disso quando concordou em me ajudar.

– Sim. Eu sabia disso.

– Estou contando com você para salvar Gail, se eu for preso.

– Contando comigo?

Ele olhou para ela e balançou a cabeça.

– Minha querida... – Soou como uma reprimenda.

– O quê? – sussurrou ela.

– Você ainda não sabe que foi uma armadilha que eu armei para você?

– Como?

– O que você faria se eu não tivesse pedido que me ajudasse?

– Eu estaria com você, em seu apartamento na Residência Enright, neste instante, pública e abertamente.

– Sim. Mas agora você não pode fazer isso. Você é a Sra. Gail Wynand, está acima de qualquer suspeita, e todos acreditam que você estava no local por acaso. É só revelar o que somos um para o outro e será uma confissão de que fui eu que fiz

– Entendo.

– Quero que você fique quieta. Se tinha quaisquer pensamentos de compartilhar meu destino, esqueça-os. Eu não vou lhe dizer o que pretendo fazer, porque é a única forma que tenho de controlar você até o julgamento. Dominique, se eu for condenado, quero que você fique com Gail. Estou contando com isso. Quero que fique com ele e que nunca conte a ele sobre nós, porque você e ele precisarão um do outro.

– E se você for absolvido?

– Então... – Ele olhou rapidamente ao redor do quarto, o quarto de Wynand. –

Não quero dizer aqui. Mas você sabe.

– Você o ama muito?

– Sim.

– O suficiente para sacrificar...

Ele sorriu.

– Você tem medo disso desde que eu vim aqui pela primeira vez?

– Tenho.

Ele fitou os olhos dela.

– Achou que seria possível?

– Não.

– Não o meu trabalho nem você, Dominique. Jamais. Mas posso fazer isto por ele: posso deixar você para ele, se eu tiver que partir.

– Você será absolvido.

– Não é isso que eu quero ouvir você dizer.

– Se condenarem você, se o trancafiarem na prisão ou o colocarem em um grupo de trabalhos forçados, se mancharem o seu nome em cada manchete de jornal imunda, se nunca mais o deixarem projetar outro prédio, se nunca mais me deixarem ver você outra vez, não importará. Não muito. Só até certo ponto.

– Foi isso que eu esperei sete anos para ouvir, Dominique.

Ele pegou a mão dela, ergueu-a e levou-a aos lábios. Ela sentiu os lábios dele onde haviam estado os de Wynand. Em seguida, ele se levantou.

– Eu esperarei – disse ela. – Ficarei quieta. Não me aproximarei de você. Eu prometo.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça. Então foi embora.



“Acontece, em raras ocasiões, que forças mundiais grandes demais para serem compreendidas concentram-se em um único evento, como raios capturados por uma lente e enfocados em um ponto de suprema claridade, para que todos vejam. Tal evento é o atentado de Cortlandt. Aqui, em um microcosmo, podemos observar o mal que oprime nosso pobre planeta desde o dia de seu nascimento no plasma cósmico. O ego de um homem contra todos os conceitos de piedade, humanidade e irmandade. Um homem destruindo os futuros lares dos desvalidos. Um homem condenando milhares ao horror dos cortiços, à imundície, à doença e à morte. Quando uma sociedade que está despertando, com um novo senso de dever humanitário, fez um esforço supremo para resgatar os desprivilegiados, quando os melhores talentos da sociedade se uniram para criar um lar decente para eles, o egoísmo de um homem destroça a conquista dos outros. E para quê? Por alguma vaga questão de vaidade pessoal, por alguma presunção vazia. Eu lamento que as leis de nosso estado não

prescrevam nada além de uma pena de prisão para este crime. Esse homem deveria pagar com a própria vida. A sociedade precisa do direito de se livrar de homens como Howard Roark”

Assim falou Ellsworth M. Toohey nas páginas da *Novas Fronteiras*.

Ecos lhe responderam de todo o país. A explosão de Cortlandt havia durado meio minuto. A explosão da fúria pública continuou por muito tempo, como uma nuvem de gesso em pó enchendo o ar, com vidro, ferrugem e lixo chovendo da nuvem.

Roark fora indiciado por um grande júri, declarara-se “inocente” e se recusara a fazer qualquer outra declaração. Fora libertado sob fiança, paga por Gail Wynand, e aguardava o julgamento.

Houve muitas especulações a respeito de seus motivos. Alguns disseram que era inveja profissional. Outros declararam que havia certa semelhança entre o desenho de Cortlandt e o estilo de construção de Roark, que Keating, Prescott e Webb poderiam ter tomado um pouco emprestado de Roark – “uma adaptação legítima”; “não existe direito de propriedade no que se refere a ideias”; “numa democracia, a arte pertence a todo o povo” – e que este fora impelido pela ânsia de vingança de um artista que havia acreditado que fora plagiado.

Nada disso era muito claro, mas ninguém se importava muito com os motivos. A questão era simples: um homem contra muitos. Ele não tinha direito a nenhum motivo.

Um lar, construído por caridade, para os pobres. Construído com base em dez mil anos durante os quais os homens haviam sido ensinados que caridade e autossacrifício são um absoluto inquestionável, o critério de virtude, o ideal supremo. Dez mil anos de vezes falando em servir e sacrificar-se... sacrifício é a lei primordial da vida... servir ou ser servido... subjugar ou ser subjugado... o sacrifício é nobre... tire o maior proveito que puder... de um jeito ou de outro... servir e sacrificar-se... servir e servir e servir...

Contra isso, um homem que não desejava servir nem governar. E que, por isso, cometera o único crime imperdoável.

Foi um escândalo sensacional, e houve o barulho e o ardor habituais da raiva justificada, característicos de todos os linchamentos. Entretanto, havia uma qualidade feroz e pessoal na indignação de cada pessoa que falava no assunto.

“Ele não passa de um egocêntrico destituído de qualquer senso moral.”

... disse, ao se vestir para um bazar beneficente, a mulher da sociedade que não ousava contemplar que meios de autoexpressão lhe restariam e como ela poderia impor sua ostentação aos seus amigos se a caridade não fosse a virtude que desculpa tudo...

... disse o assistente social que não encontrara nenhum objetivo na vida e que não podia gerar nenhum objetivo no interior estéril de sua alma, mas que se cobria de virtude e recebia um respeito imerecido de todos, pela graça de seus

dedos nas feridas dos outros...

... disse o romancista que não teria nada a dizer se o tópico do serviço e sacrifício fosse tirado dele, que soluçava, ao ser ouvido por milhares de pessoas atentas, dizendo que ele as amava, e as amava muito, e será que elas por favor poderiam amá-lo um pouquinho em troca...

... disse a senhora colunista que acabara de comprar uma mansão no campo porque escrevia tão carinhosamente sobre os desprivilegiados...

... disseram todos os desprivilegiados que queriam ouvir falar de amor, o grande amor, o amor que não exige, o amor que abraça tudo, perdoa tudo e lhes permite tudo...

... disse cada pessoa que vivia à custa dos outros, e que não podia existir, a não ser como um sanguessuga nas almas dos outros.

Ellsworth Toohey, sem se envolver, ficou assistindo, ouvindo e sorrindo.

Gordon L. Prescott e Gus Webb recebiam atenção especial em jantares e festas. Eram tratados com um cuidado carinhoso e curioso, como se fossem sobreviventes de uma catástrofe. Disseram que não podiam entender que motivo possível Roark poderia ter tido e exigiam justiça.

Peter Keating não foi a lugar nenhum. Recusou-se a receber a imprensa. Recusou-se a ver qualquer um. Porém tornou pública uma declaração escrita dizendo que acreditava que Roark não era culpado. Sua declaração continha uma sentença curiosa, a última. Dizia: “Deixem-no em paz, por favor, não podem deixá-lo em paz?”

Piquetes do Conselho dos Construtores Americanos marchavam em frente ao Edifício Cord. Não serviam a nenhum propósito, uma vez que não havia trabalho no escritório de Roark. Os projetos que ele iria começar foram cancelados.

Isso era solidariedade. A debutante fazendo as unhas dos pés, a dona de casa comprando cenouras de um vendedor ambulante, o contador que desejava ser pianista mas que tinha a desculpa de ter que sustentar a irmã, o homem de negócios que odiava seu negócio, o trabalhador que odiava seu trabalho, o intelectual que odiava todo mundo – estavam todos unidos como irmãos no luxo de uma raiva comum que curava o tédio e fazia cada um deles ficar fora de si, e cada um sabia muito bem que bênção era ficar fora de si. Os leitores eram unânimes. A imprensa era unânime.

Gail Wynand foi contra a corrente.

– Gail! – exclamara Alvah Scarret, sem fôlego. – Não podemos defender um homem que dinamita prédios!

– Fique quieto, Alvah – dissera Wynand –, antes que eu quebre todos os seus dentes.

Wynand estava em pé, sozinho, no meio de sua sala, com a cabeça inclinada para trás, contente por estar vivo, como estivera em um cais, em uma noite escura, olhando para as luzes de uma cidade.

“Em meio à gritaria obscena que está acontecendo agora, ao nosso redor”, dizia em letras garrafais um editorial do *Banner* assinado “Gail Wynand”, “ninguém parece se lembrar de que Howard Roark entregou-se por sua livre e espontânea vontade. Se explodiu aquele prédio, ele tinha que permanecer no local para ser preso? Mas nós não esperamos para descobrir os seus motivos. Nós o condenamos sem um inquérito. Queremos que ele seja culpado. Estamos encantados com este caso. O que vocês ouvem não é indignação, é regozijo. Qualquer maníaco analfabeto, qualquer imbecil imprestável que cometa um assassinato revoltante recebe de nós gritinhos de compaixão e mobiliza um exército de defensores humanitários. Mas um gênio é culpado por definição. É verdade que é uma injustiça perversa condenar um homem simplesmente porque é fraco e insignificante. Mas a que nível de depravação uma sociedade se rebaixou quando condena um homem simplesmente porque é forte e magnífico? Entretanto, esta é toda a atmosfera moral do nosso século – o século do homem de segunda categoria.”

“Ouvimos gritarem”, dizia outro editorial de Wynand, “que Howard Roark passa sua carreira entrando e saindo de tribunais. Bem, é verdade. Um homem como ele é julgado pela sociedade durante toda a sua vida. Isso é uma acusação contra quem: Roark ou a sociedade?”

“Nós nunca fizemos qualquer esforço para compreender o que é a grandeza no homem e como reconhecê-la”, dizia outro editorial de Wynand. “Chegamos a ponto de defender, em um tipo de insensibilidade enjoativa, que a grandeza deve ser medida pelo autossacrifício. Ele, dizemos nós, babando, é a virtude suprema. Vamos parar e pensar por um momento. O sacrifício é uma virtude? Um homem pode sacrificar sua integridade? Sua honra? Sua liberdade? Seus ideais? Suas convicções? A honestidade de seus sentimentos? A independência de seus pensamentos? Mas esses são os bens supremos de um homem. Qualquer coisa da qual ele abra mão em favor desses bens não é um sacrifício, mas uma barganha fácil. Entretanto, eles estão acima do sacrifício por qualquer causa ou consideração concebíveis. Nós não deveríamos, então, parar de pregar absurdos perigosos e perversos? Sacrificar o próprio eu? Mas é precisamente o eu que não pode e não deve ser sacrificado. É o eu não sacrificado que devemos respeitar no homem, acima de tudo.”

Esse editorial foi citado na *Novas Fronteiras* e em muitos jornais e reimpresso em um quadro sob o título: “Vejam quem fala!”

Gail Wynand riu. A resistência o alimentava e fortalecia. Essa era uma guerra, e ele não se envolvia em uma guerra de verdade havia anos, desde a época em que estabelecera os alicerces de seu império por entre os gritos de protesto da profissão inteira. A ele foi concedido o impossível, o sonho de todos os homens: a oportunidade e a intensidade da juventude, para serem usadas com a sabedoria da experiência. Um recomeço e um clímax, juntos. *Eu esperei e vivi*,

pensou ele, *por isto*.

Seus 22 jornais, suas revistas, seus noticiários cinematográficos receberam a ordem: defendam Roark Vendam-no ao público. Acabem com o linchamento.

– Sejam quais forem os fatos – explicou Wynand à sua equipe –, este não será um julgamento baseado em fatos. É um julgamento baseado na opinião pública. Nós sempre fizemos a opinião pública. Vamos fazê-la. Vendam Roark Não me importa como o façam. Eu treinei vocês, são especialistas em vendas. Agora, mostrem-me quanto são bons.

Suas palavras foram recebidas com silêncio, e seus funcionários entreolharam-se. Alvah Scarret enxugou a testa. Mas todos obedeceram.

O *Banner* publicou uma fotografia da Residência Enright, com a legenda: “É este o homem que vocês querem destruir?” Uma fotografia da casa de Wynand: “Igualém isto, se puderem.” Uma fotografia do Vale Monadnock: “É este o homem que não contribuiu com nada para a sociedade?”

O *Banner* publicou a biografia de Roark, sob o nome de um escritor de quem ninguém nunca havia ouvido falar; foi escrita por Gail Wynand. O *Banner* publicou uma série de julgamentos famosos, em que homens inocentes haviam sido condenados pelo preconceito que a maioria possuía na época. O jornal publicou artigos sobre homens torturados pela sociedade: Sócrates, Galileu, Pasteur, os pensadores, os cientistas, uma sequência longa e heroica – cada um deles um homem que pensava e agia sozinho, um homem que desafiava os homens.

– Mas, Gail, pelo amor de Deus, Gail, era um projeto de moradia popular! – gemeu Alvah Scarret.

Wynand olhou para ele, desanimado:

– Acho que é impossível fazer vocês tolos entenderem que isso não tem nada a ver com a questão. Tudo bem. Vamos falar de projetos de moradia popular.

O *Banner* publicou uma matéria expondo o esquema fraudulento das moradias populares: a corrupção, a incompetência, as estruturas construídas a um custo cinco vezes maior do que teria sido necessário a um construtor privado, os bairros populares construídos e abandonados, o desempenho horrível aceito, admirado, perdoado, protegido pela vaca sagrada do altruísmo. “Dizem que o inferno está cheio de boas intenções”, comentou o *Banner*. “Seria por que nós nunca aprendemos a distinguir quais intenções são as boas? Não é hora de aprendermos? Nunca houve tantas boas intenções proclamadas em brados tão altos no mundo. E olhem para ele.”

Os editoriais do *Banner* eram escritos por Gail Wynand, em pé diante de uma mesa na sala de redação – escritos, como de costume, em uma folha enorme de papel de impressão, com lápis azul, em letras de dois centímetros. Ele assinava com força o *GW* no final, e as famosas iniciais nunca haviam carregado tamanho ar de orgulho desenfreado.

Dominique recuperara-se e voltara à casa de campo. Wynand ia para casa tarde da noite. Levava Roark consigo sempre que podia. Sentavam-se juntos na sala de estar, com as janelas abertas para a noite de primavera. Sob as paredes da casa, as superfícies escuras da colina deslizavam suavemente para baixo, em direção ao lago que cintilava a distância, através das árvores. Eles não conversavam sobre o caso ou sobre o futuro julgamento. Mas Wynand falava sobre sua cruzada, em tom impessoal, quase como se não tivesse absolutamente nada a ver com Roark. Wynand ficava no meio da sala, dizendo:

– Tudo bem, a carreira inteira do *Banner* foi desprezível. Mas isso vai compensar tudo. Dominique, eu sei que você nunca conseguiu entender por que eu não sinto nenhuma vergonha do meu passado, por que eu amo o *Banner*. Agora você verá a resposta. Poder. Eu detenho um poder que nunca testei. Agora você verá o teste. Eles vão pensar o que eu quiser que pensem. Vão fazer o que eu mandar. Porque é a minha cidade e eu dou as ordens aqui. Howard, quando chegar a hora do seu julgamento, eu já os terei retorcido de tal forma que não existirá nenhum júri que ouse condená-lo.

Ele não conseguia dormir, à noite. Não sentia nenhuma vontade de pegar no sono. Dizia a Roark e Dominique:

– Podem ir dormir, eu subo dentro de alguns minutos.

E então Dominique, de seu quarto, e Roark, do quarto de hóspedes do outro lado do corredor, ouviam os passos de Wynand caminhando pelo terraço durante horas, um tipo de inquietação alegre no som, cada passo como uma sentença ancorada, uma declaração martelada no piso.

Certa vez, quando Wynand mandou-os ir dormir, tarde da noite, Roark e Dominique subiram as escadas juntos e pararam no primeiro patamar. Ouviram o estalo violento de um fósforo na sala de estar abaixo, um som que carregava a imagem de uma mão fazendo um movimento forte e descuidado, acendendo o primeiro dos cigarros que durariam até a madrugada, um pequeno ponto de fogo cruzando e recruzando o terraço, ao ritmo da batida de passos.

Eles olharam para baixo e depois se entreolharam.

– É horrível – disse Dominique.

– É magnífico – falou Roark.

– Ele não pode ajudar você, não importa o que faça.

– Eu sei que não. Esse não é o ponto.

– Ele está arriscando tudo o que tem para salvar você. Não sabe que vai me perder se você for salvo.

– Dominique, o que será pior para ele, perder você ou perder a cruzada dele?

Ela anuiu com a cabeça, compreendendo. Roark acrescentou:

– Você sabe que não é a mim que ele quer salvar. Eu sou apenas a desculpa.

Ela ergueu a mão. Tocou no rosto dele, com uma leve pressão das pontas dos dedos. Não podia se permitir nada além disso. Virou-se e seguiu para o seu

quarto, e ouviu-o fechando a porta do quarto de hóspedes.

“Não é apropriado”, escreveu Lancelot Clokey em um artigo publicado por vários jornais, “que Howard Roark esteja sendo defendido pelos jornais Wynand? Se alguém tem dúvidas sobre as questões morais envolvidas neste caso assustador, aqui está a prova do que é o quê, e de quem está em que posição. Os jornais Wynand – aquela fortaleza da imprensa marrom, da vulgaridade, da corrupção e do sensacionalismo, aquele insulto organizado ao gosto e à decência do público, aquele submundo intelectual governado por um homem que tem menos noção de princípios do que um canibal –, os jornais Wynand são os defensores apropriados de Howard Roark, e Roark é seu herói legítimo. Depois de uma vida inteira dedicada à destruição da integridade da imprensa, é apropriado que Gail Wynand agora apoie um colega demolidor mais bruto.”

– Toda essa conversa sofisticada por aí – disse Gus Webb em um discurso público – é um monte de asneiras. O negócio é o seguinte: esse cara, o Wynand, acumulou bastante grana, e quero dizer bastante mesmo, sugando otários nos esquemas imobiliários, todos esses anos. Ele gosta quando o governo entra de sola e o joga para fora, para que os mais humildes possam ter um teto limpo sobre suas cabeças e um banheiro moderno para seus filhos? Podem apostar as botas que ele não gosta nem um pouquinho. É uma trama maquinada entre os dois, o Wynand e aquele amiguinho ruivo dele, e, na minha opinião, o amiguinho levou uma bela bolada em dinheiro do Sr. Wynand para fazer o serviço.

“Soubemos por intermédio de uma fonte de absoluta confiança”, escreveu um jornal radical, “que Cortlandt era apenas o primeiro passo de um plano gigantesco para explodir todos os projetos habitacionais, correios, usinas e escolas públicas dos Estados Unidos. A conspiração é liderada por Gail Wynand – como podemos ver – e por outros capitalistas cheios da grana do tipo dele, entre os quais alguns de nossos maiores ricos.”

“Muito pouca atenção tem sido dada ao ângulo feminino deste caso”, escreveu Sally Brent na *Novas Fronteiras*. “O papel desempenhado pela Sra. Gail Wynand é, com certeza, altamente duvidoso, para dizer o mínimo. Não é a coincidência mais engraçadinha que tenha sido a Sra. Wynand que, de forma tão conveniente, afastou o vigia dali justamente na hora certa? E que o seu marido agora esteja fazendo um barulho danado para defender o Sr. Roark? Se não tivéssemos os olhos vendados por um senso de cavalheirismo estúpido, absurdo e antiquado sempre que se trata de uma suposta linda mulher, não permitiríamos que essa parte do caso fosse abafada. Se não tivéssemos exageradamente intimidados pela posição social da Sra. Wynand e pelo assim chamado prestígio de seu marido – que está fazendo um papel de completo idiota –, faríamos algumas perguntas sobre a história de ela quase ter perdido a vida no desastre. Como sabemos que isso é verdade? Os médicos podem ser comprados como qualquer outra pessoa, e o Sr. Gail Wynand é um especialista nessas questões. Se levarmos

tudo isso em consideração, é bem possível que vejamos os contornos de algo extremamente revoltante.”

“A posição assumida pela imprensa de Wynand”, escreveu um jornal discreto e conservador, “é inexplicável e vergonhosa.”

A circulação do *Banner* caía a cada semana, com a velocidade acelerando na queda, como um elevador fora de controle. Os adesivos e os *buttons* com a inscrição “Nós não lemos Wynand” aumentaram de volume nos muros, nas colunas do metrô, em para-brisas e lapelas de casacos. Nos cinemas, os noticiários cinematográficos Wynand eram vaiados e retirados das telas. O *Banner* desapareceu das bancas de esquina. Os vendedores de jornais eram obrigados a tê-lo, mas o escondiam sob seus balcões e só o retiravam, de má vontade, quando alguém pedia. O solo havia sido preparado, os pilares haviam sido corroídos havia muito tempo. O caso Cortlandt proporcionou o impacto final.

Roark quase foi esquecido na tempestade de indignação contra Gail Wynand. Os protestos mais raivosos vinham do próprio público de Wynand: associações de mulheres, pastores, mães, pequenos lojistas. Alvah Scarret tinha que ser mantido longe da sala em que grandes cestos eram enchidos diariamente com cartas dos leitores. Ele começou a ler as cartas... e seus amigos na equipe encarregaram-se de impedir uma repetição da experiência, temendo um derrame cerebral.

A equipe do *Banner* trabalhava em silêncio. Não havia mais olhares furtivos, palavrões sussurrados ou fofocas nos banheiros. Alguns homens pediram demissão. O restante continuava trabalhando, devagar, pesadamente, como se vestissem coletes salva-vidas, esperando pelo inevitável.

Gail Wynand notava uma espécie de ritmo lento em cada ação ao seu redor. Quando entrava no Edifício *Banner*, seus funcionários paravam ao vê-lo; quando lhes fazia um aceno com a cabeça, o cumprimento deles acontecia com um segundo de atraso; quando continuava andando e, de repente, virava-se, via-os olhando para ele fixamente. O “Sim, Sr. Wynand” que sempre respondera às suas ordens, sem um instante de pausa entre a última sílaba de sua voz e a primeira letra da resposta, agora chegava atrasado, e a pausa tinha um formato tangível, de modo que a resposta soava como uma sentença que vinha depois de um ponto de interrogação.

“Uma Pequena Voz” manteve-se calada sobre o caso Cortlandt. Wynand chamara Toohey em sua sala, no dia seguinte ao da explosão, e dissera:

– Preste atenção. Nem uma única palavra na sua coluna, entendeu? O que você faz ou berra fora daqui não é da minha conta... por enquanto. Mas, se berrar demais, eu cuidarei de você quando isto acabar.

– Sim, Sr. Wynand.

– No que se refere à sua coluna, você é surdo, mudo e cego. Nunca ouviu falar de nenhuma explosão. Nunca ouviu falar de ninguém chamado Roark. Você não conhece o significado da palavra Cortlandt. Enquanto estiver neste prédio.

– Sim, Sr. Wynand.

– E não deixe que eu o veja muito por aqui.

– Sim, Sr. Wynand.

O advogado do empresário, um velho amigo que o servia havia anos, tentou detê-lo.

– Gail, o que há com você? Está agindo como criança. Como um amador inexperiente. Recomponha-se, homem.

– Cale-se – disse Wynand.

– Gail, você é... você foi o maior dono de jornais do mundo. Eu tenho que lhe dizer o óbvio? Uma causa impopular é um negócio perigoso para qualquer um. Para um jornal popular, é suicídio.

– Se você não calar essa boca, eu o jogo no olho da rua e arranjo outro advogado trapaceiro.

Wynand começou a discutir sobre o caso com os homens ilustres com quem se reunia em almoços e jantares de negócios. Ele nunca tinha discutido antes, sobre qualquer assunto, nunca precisara se explicar. Havia apenas lançado afirmações conclusivas a ouvintes respeitosos. Agora, não encontrava nenhum ouvinte. Deparava com um silêncio indiferente, metade tédio, metade ressentimento. Os homens que haviam dado toda a atenção a cada palavra que ele se incomodasse em pronunciar sobre o mercado de ações, negócios imobiliários, publicidade, política não tinham nenhum interesse em sua opinião sobre arte, grandeza e justiça abstrata.

Ele ouvia algumas respostas:

– Sim, Gail, sim, claro. Por outro lado, acho que foi tremendamente egoísta da parte do cara. E esse é o problema com o mundo, hoje em dia: o egoísmo. Egoísmo demais, por toda parte. Foi o que Lancelot Clokey disse em seu livro. Um livro muito interessante, todo sobre a infância dele. Você leu, eu vi a sua foto com Clokey. Ele viajou pelo mundo todo, ele sabe do que está falando.

– Sim, Gail, mas você não está sendo meio antiquado? Que história é essa de homem magnífico? O que há de magnífico em um pedreiro glorificado? E quem é magnífico, afinal de contas? Todos nós somos apenas um monte de glândulas, substâncias químicas e seja lá o que for que ingerimos no café da manhã. Acho que Lois Cook explicou isso muito bem naquele livro tão simpático... Qual é mesmo o nome? Sim, *O cálculo biliar gentil*. Sim, senhor. O seu próprio *Banner* fez uma propaganda desenfreada desse livrinho.

– Mas veja, Gail, ele deveria ter pensado nas outras pessoas antes de pensar em si mesmo. Acho que, se um homem não tem nenhum amor em seu coração, não pode ser grande coisa. Ouvi isso em uma peça, ontem à noite. Foi uma peça espetacular, a nova do Ike... Qual é mesmo o sobrenome dele?... Você tem que ir ver essa peça... até o seu Jules Fougler disse que é um poema teatral corajoso e carinhoso.

– Você apresenta um bom argumento, Gail, e eu não saberia o que dizer contra ele, não sei onde é que você está errado, mas não me parece certo, porque Ellsworth Toohey... Não me interprete mal, eu não concordo de jeito nenhum com as opiniões políticas de Toohey, sei que ele é um radical, mas, por outro lado, você tem que admitir que ele é um grande idealista, com um coração tão grande quanto uma casa... Bem, Ellsworth Toohey disse...

Esses eram os milionários, os banqueiros, os industriais, os homens de negócios que não conseguiam entender por que o mundo estava indo para o inferno, como lamentavam em todos os seus discursos em almoços.

Certa manhã, quando Wynand saiu de seu carro, na frente do Edifício Banner, uma mulher correu até ele, na calçada. Ela estava esperando perto da entrada. Era obesa e de meia-idade. Usava um vestido de algodão imundo e um chapéu amassado. Tinha um rosto descorado, flácido, uma boca grosseira e olhos negros, redondos e brilhantes. Ela parou na frente de Gail Wynand e atirou um maço de folhas de beterraba podres no rosto dele. Não havia beterrabas, só as folhas, murchas e gosmentas, amarradas com um barbante. Elas bateram na bochecha dele e rolaram para baixo, caindo na calçada.

Wynand ficou imóvel. Ele olhou para a mulher. Viu a carne branca, a boca aberta em triunfo, o rosto de um mal que se considera virtuoso. Algumas pessoas que estavam passando agarraram a mulher, e ela gritava obscenidades indizíveis. Wynand levantou a mão, balançou a cabeça, dizendo-lhes com o gesto que soltassem a criatura, e entrou no Edifício Banner, uma sujeira amarelo-esverdeada grudada em seu rosto.

– Ellsworth, o que vamos fazer? – lamentou-se Alvah Scarret. – O que vamos fazer?

Ellsworth Toohey estava sentado empoleirado na borda de sua escrivaninha e sorriu como se desejasse poder beijar Scarret.

– Por que não desistem desse assunto maldito, Ellsworth? Por que não acontece alguma coisa nova para tirar isso das primeiras páginas? Será que não poderíamos especular sobre uma crise internacional ou algo assim? Em toda a minha vida, nunca vi as pessoas ficarem tão enlouquecidas por tão pouco. Uma explosão com dinamite! Deus do céu, Ellsworth, é uma história de última página. Acontece todo mês, praticamente com todas as greves, lembra? A greve dos peleteiros, a greve dos tintureiros... Ah, que inferno! Por que essa fúria toda? Quem se importa com isso? Por que eles se importam?

– Há ocasiões, Alvah, em que as questões em jogo não são, absolutamente, os fatos aparentes. E a reação do público parece fora de toda proporção, mas não é. Você não deveria deixar seu humor se afetar tanto com isso. Estou surpreso. Você deveria estar agradecendo aos deuses. Veja, foi isso o que eu quis dizer quando falei em esperar pelo momento certo. O momento certo sempre chega. Mas eu não fazia ideia de que me seria servido assim, numa bandeja. Alegre-se,

Alvah. É agora que nós tomamos posse.

– Tomamos posse do quê?

– Dos jornais Wynand.

– Você está louco, Ellsworth. Como todos eles. Está louco. O que quer dizer com isso? Gail tem 51 por cento das...

– Alvah, eu amo você. Você é maravilhoso, Alvah. Eu amo você, mas queria tanto que não fosse tão tolo, para que eu pudesse conversar com você! Eu gostaria de poder conversar com alguém.

Ellsworth Toohey tentou conversar com Gus Webb, certa noite, mas foi decepcionante. Gus Webb disse, com voz arrastada:

– O problema com você, Ellsworth, é que você é romântico demais. Metafísico demais, droga. Por que essa exultação toda? Não há nenhum valor prático na coisa. Nada em que valha a pena mergulhar de cabeça, exceto por uma ou duas semanas. Eu queria que ele o tivesse explodido quando estivesse cheio de gente... algumas crianças despedaçadas. Ai, sim, você teria alguma coisa. Ai, sim, eu adoraria. O movimento poderia usá-lo. Mas isto? Com os diabos, eles vão mandar o otário para a cadeia e pronto. Você, um realista? Você é um espécime incurável de intelectual, Ellsworth, é só isso que você é. Acha que é o homem do futuro? Não engane a si mesmo, meu caro. Eu é que sou.

Toohey suspirou.

– Tem razão, Gus – concordou ele.

– É MUITA GENTILEZA SUA, SR. TOOHEY – disse a Sra. Keating humildemente. – Estou contente que tenha vindo. Não sei o que fazer com Petey. Ele não quer ver ninguém. Não quer ir ao escritório. Estou assustada, Sr. Toohey. Perdoe-me, eu não devo ficar choramingando. Talvez o senhor possa ajudar, possa tirá-lo disso. Ele o tem em tão alta estima, Sr. Toohey.

– Sim, tenho certeza que sim. Onde ele está?

– Aqui mesmo. No quarto dele. Por aqui, Sr. Toohey.

A visita era inesperada. Toohey não ia à casa de Keating fazia anos. A Sra. Keating sentia-se muito grata. Ela o conduziu pelo corredor e abriu uma porta, sem bater, com medo de anunciar a visita, temendo a recusa de seu filho. Disse, entusiasmada:

– Olhe, Petey, veja que visita eu trouxe para você!

Keating levantou a cabeça. Estava sentado diante de uma mesa lotada, inclinado sob um abajur que emitia uma luz fraca. Fazia palavras cruzadas arrancadas de um jornal. Havia um copo alto sobre a mesa, com um vestígio seco e vermelho, ao redor da borda, do que havia sido suco de tomate; uma caixa com um quebra-cabeça; um baralho; uma Bíblia.

– Olá, Ellsworth – disse ele, sorrindo. Inclinou-se para a frente, para se levantar, mas esqueceu-se do esforço no meio do movimento.

A Sra. Keating viu o sorriso e, aliviada, saiu rapidamente, fechando a porta.

O sorriso desapareceu, sem ter sido totalmente completado. Fora um instinto de memória. Então ele se lembrou de muitas coisas que havia tentado não entender.

– Olá, Ellsworth – repetiu, sem ação.

Toohey ficou em pé diante dele, examinando o quarto e a mesa com curiosidade.

– Tocante, Peter – comentou ele. – Muito tocante. Tenho certeza de que ele gostaria, se visse.

– Quem?

– Você não anda muito falante ultimamente, anda, Peter? Nem está muito sociável, está?

– Eu queria vê-lo, Ellsworth. Queria falar com você.

Toohey agarrou uma cadeira pelo encosto, girou-a no ar em um grande círculo, como um floreio, plantou-a perto da mesa e sentou-se.

– Bem, foi para isso que eu vim aqui – disse ele. – Para ouvi-lo falar.

Keating não disse nada.

– E então?

– Você não deve pensar que eu não queria vê-lo, Ellsworth. Foi só que... o que eu disse à minha mãe sobre não deixar ninguém entrar... foi por causa dos

repórteres. Eles não me deixam em paz.

– Nossa, como os tempos mudam, Peter. Eu me lembro da época em que era impossível mantê-lo longe dos repórteres.

– Ellsworth, não me resta mais nenhum senso de humor. Absolutamente nenhum.

– Sorte sua, ou você morreria de tanto dar risada.

– Estou tão cansado, Ellsworth... Estou contente por você ter vindo.

A luz refletia-se nos óculos de Toohey e Keating não podia ver seus olhos, apenas dois círculos preenchidos com uma mancha metálica, como os faróis apagados de um carro refletindo a aproximação de algo distante.

– Acha que vai conseguir se safar assim? – perguntou Toohey.

– Assim como?

– Dando uma de ermitão. A grande penitência. O silêncio leal.

– Ellsworth, o que há com você?

– Então ele não é culpado, certo? Então você quer que nós, por favor, o deixemos em paz, é isso?

Os ombros de Keating mexeram-se, mais uma intenção do que a realidade de sentar-se ereto, porém, ainda assim, uma intenção, e seu maxilar se moveu o suficiente para perguntar:

– O que você quer?

– A história toda.

– Para quê?

– Quer que eu torne mais fácil para você? Quer uma boa desculpa, Peter? Eu poderia, sabe, lhe dar 33 razões, todas nobres, e você engoliria qualquer uma delas. Mas não estou com vontade de tornar as coisas mais fáceis para você. Portanto, vou simplesmente lhe dizer a verdade: para mandá-lo para a penitenciária, o seu herói, o seu ídolo, o seu amigo generoso, o seu anjo da guarda!

– Eu não tenho nada a lhe contar, Ellsworth.

– Enquanto você estiver em choque e perdendo o resto do seu juízo, é melhor se agarrar ao pouco que conseguiu conservar para perceber que não está à minha altura. Você vai falar se eu quiser que fale, e não estou com vontade de perder tempo. Quem projetou Cortlandt?

– Fui eu.

– Você não sabe que eu sou um especialista em arquitetura?

– Eu projetei Cortlandt.

– Assim como projetou o Edifício Cosmo-Slotnick?

– O que você quer de mim?

– Quero ver você no banco de testemunhas, Petey. Quero que você conte a história no tribunal. O seu amigo não é tão óbvio quanto você. Eu não sei o que ele está tramando. Aquela história de permanecer no local do crime foi um

pouco astuta demais. Ele sabia que seria suspeito e está sendo sutil. Só Deus sabe o que ele pretende dizer no tribunal. Eu não pretendo deixá-lo se safar. O motivo é o que está deixando a todos intrigados. Eu sei qual foi o motivo. Ninguém acreditará em mim se eu tentar explicar. Mas você o declarará sob juramento. Você vai dizer a verdade. Você vai contar a eles quem projetou Cortlandt e por quê.

– Eu o projetei.

– Se quiser dizer isso no banco de testemunhas, é melhor dar um jeito no seu controle muscular. Por que está tremendo?

– Deixe-me em paz.

– Tarde demais, Peter. Você já leu *Fausto*?

– O que você quer?

– A cabeça de Howard Roark

– Ele não é meu amigo. Nunca foi. Você sabe o que penso dele.

– Eu sei, seu maldito idiota! Sei que você o idolatrou durante toda a sua vida. Você se ajoelhou e o idolatrou, enquanto o esfaqueava pelas costas. Não teve nem ao menos a coragem da sua própria maldade. Não conseguiu escolher um caminho ou o outro. Você me odiava. Ah, não imaginava que eu sabia? E me seguia. Você o amava e o destruiu. Ah, você o destruiu mesmo, Petey, e agora não há para onde fugir, e você terá que ir até o fim!

– O que ele significa para você? Que diferença faz para você?

– Você deveria ter feito essa pergunta há muito tempo. Mas não fez. O que significa que você sabia. Sempre soube. É por isso que está tremendo. Por que eu deveria ajudá-lo a mentir para si mesmo? Fiz isso durante dez anos. Era para isso que você vinha até mim. É para isso que todos eles vêm até mim. Mas você não pode obter nada de graça. Nunca. Apesar de minhas teorias socialistas pregando o contrário. Você teve o que queria de mim. É a minha vez agora.

– Eu não vou falar sobre o Howard. Você não pode me obrigar a falar sobre ele.

– Não? Por que você não me põe daqui para fora? Por que não me agarra pelo pescoço e me esgana? Você é muito mais forte do que eu. Mas não vai fazer nada disso. Não pode. Vê a natureza do poder, Petey? O poder físico? Força bruta, armas ou dinheiro? Você e Gail Wynand deveriam passar um tempo juntos. Você tem muito a ensinar a ele. Vamos lá, Peter. Quem projetou Cortlandt?

– Deixe-me em paz.

– Quem projetou Cortlandt?

– Deixe-me sozinho!

– Quem projetou Cortlandt?

– É pior... o que você está fazendo... é muito pior...

– Do que o quê?

- Do que o que eu fiz com Lucius Heyer.
- O que você fez com Lucius Heyer?
- Eu o matei.
- Do que está falando?
- Foi por isso que foi melhor. Porque eu o deixei morrer.
- Pare de delirar.
- Por que você quer matar Howard?

- Eu não quero matá-lo. Quero-o na prisão. Entende? Na prisão. Em uma cela. Atrás das grades. Trancado, impedido, amarrado... e vivo. Ele se levantará quando mandarem. Comerá quando lhe derem comida. Ele se mexerá quando mandarem se mexer e parará quando ordenarem. Andará até a fábrica de juta, quando mandarem, e trabalhará como lhe ordenarem. Eles o empurrarão, se ele não se mover rápido o suficiente, e esbofetearão a cara dele quando tiverem vontade, e lhe darão surras com cassetetes de borracha, se ele não obedecer. E ele obedecerá. Receberá ordens. Ele receberá ordens!

- Ellsworth! - gritou Keating. - Ellsworth!

- Você me enjoa. Não consegue aguentar a verdade? Não, você quer tudo enfeitado. É por isso que prefiro Gus Webb. Ele é um homem que não tem nenhuma ilusão.

A Sra. Keating abriu a porta, de súbito. Ela ouvira o grito.

- Saia daqui! - Toohey lhe disse rispidamente.

Ela se retirou e Toohey bateu a porta.

Keating ergueu a cabeça.

- Você não tem nenhum direito de falar com a minha mãe desse jeito. Ela não fez nada a você.

- Quem projetou Cortlandt?

Keating levantou-se. Arrastou os pés até uma cômoda, abriu uma gaveta, retirou um pedaço de papel amassado e entregou-o a Toohey. Era o seu contrato com Roark.

Toohey leu-o e deu uma risadinha, uma vez, um som como um estalo seco. Então olhou para Keating.

- Você é um sucesso total, Peter, no que me diz respeito. Mas, às vezes, eu tenho que me virar para o outro lado, para não ter que olhar para os meus sucessos.

Keating permaneceu em pé perto da cômoda, com os ombros caídos e os olhos vazios.

- Eu não esperava que você o tivesse assim, por escrito, com a assinatura dele. Então foi isso o que ele fez para você, e isto é o que você está fazendo, em troca... Não, eu retiro os insultos, Peter. Você tinha que fazer isso. Quem é você para reverter as leis da história? Você sabe o que este papel representa? O perfeito impossível, o sonho dos séculos, o objetivo de todas as grandes escolas de

pensamento da humanidade. Você colocou uma rédea nele, fez com que ele trabalhasse para você. Apropriou-se da conquista dele, da recompensa, do dinheiro, da glória, do nome dele. Nós só pensamos e escrevemos sobre isso. Você deu uma demonstração prática. Todos os filósofos, de Platão em diante, deveriam lhe agradecer. Aqui está ela, a pedra filosofal, para transformar ouro em chumbo. Eu deveria estar satisfeito, mas acho que sou humano e não posso evitá-lo, não estou satisfeito, estou apenas enojado. Os outros, Platão e todo o resto, realmente achavam que ela transformaria chumbo em ouro. Eu sabia qual era a verdade, desde o início. Eu fui honesto comigo mesmo, Peter, e essa é a forma mais difícil de honestidade. A forma da qual vocês todos fogem a qualquer preço. E, neste momento, eu não o culpo, é a mais difícil, Peter.

Ele se sentou, exausto, e segurou o papel pelas pontas, com ambas as mãos. Disse:

– Se quiser saber quanto é difícil, eu lhe direi: neste momento, quero queimar este papel. Entenda isso como quiser. Eu não reivindico qualquer mérito por esse desejo, porque sei que amanhã vou enviar isto ao promotor público. Roark nunca saberá... e não faria nenhuma diferença para ele, se soubesse... mas a verdade é que houve um momento em que eu quis queimar este papel.

Ele dobrou o papel cuidadosamente e colocou-o no bolso. Keating seguia seus movimentos, mexendo a cabeça toda, como um gato observando uma bola presa a uma corda.

– Você me enjoa – disse Toohey. – Meu Deus, como você me enjoa, você e todos os outros sentimentais hipócritas! Vocês me seguem, declamam o que lhes ensino, lucram com isso, mas não têm a dignidade de admitir para si mesmos o que estão fazendo. Passam mal quando enxergam a verdade. Suponho que isso faça parte de suas naturezas, e é essa precisamente a minha arma principal... Mas... meu Deus!... isso me cansa. Tenho que permitir a mim mesmo um momento livre de vocês. É para isso que eu tenho que fazer uma encenação, a minha vida toda, para pequenas mediocridades desprezíveis como vocês. Para proteger suas sensibilidades, suas posturas, suas consciências e a paz de espírito que vocês não têm. É esse o preço que eu pago pelo que quero, mas ao menos eu sei que tenho que pagar. E não tenho nenhuma ilusão quanto ao preço ou à compra.

– O que você... quer... Ellsworth?

– Poder, Petey.

Houve passos no apartamento de cima, alguém estava dando pulinhos alegremente, alguns sons no teto, parecendo quatro ou cinco batidas de sapateado. O lustre tiniu e a cabeça de Keating ergueu-se obedientemente. Em seguida, voltou a concentrar-se em Toohey. O homem estava sorrindo, quase indiferente.

– Você... sempre disse... – começou Keating, com dificuldade, e parou.

– Eu sempre disse exatamente isso. Clara, precisa e abertamente. Não é culpa minha se você não podia ouvir. Você podia, é claro, mas não quis. O que era mais seguro do que a surdez, para mim. Eu disse que pretendia dominar. Como todos os meus antepassados espirituais. Mas tenho mais sorte do que eles. Eu herdei o fruto dos esforços deles e serei aquele que verá o grande sonho transformado em realidade. Vejo-o por toda a parte, ao meu redor, hoje em dia. Eu o reconheço. Não gosto dele. Não esperava gostar dele. O prazer não é o meu destino. Eu encontrarei a satisfação que a minha capacidade permite. Eu dominarei.

– A quem...?

– Você. O mundo. É só uma questão de descobrir a alavanca. Se aprender a dominar a alma de um único homem, você consegue pegar o resto da humanidade. É a alma, Peter, a alma. Não chicotes, nem espadas, nem fogo, nem armas. Foi por isso que os Césares, os Átilas, os Napoleões foram tolos e não duraram. Nós duraremos. A alma, Peter, é aquilo que não pode ser dominado. Tem que ser destruída. Enfie uma cunha nela, agarre-a com seus dedos, e o homem lhe pertence. Você não precisará de um chicote; ele o trará para você e lhe pedirá que o açoite. Reverta a meta dele, e o próprio mecanismo dele fará o seu trabalho para você. Use-o contra si mesmo. Quer saber como se faz? Veja se alguma vez eu menti para você. Veja se não ouviu tudo isso durante anos, mas você não queria ouvir, e a culpa é sua, não minha. Há muitas maneiras. Aqui vai uma: faça o homem se sentir insignificante. Faça-o se sentir culpado. Mate suas aspirações e sua integridade. Isso é difícil. Mesmo o pior entre vocês procura, tateando no escuro, um ideal, do seu próprio jeito distorcido. Mate a integridade através da corrupção interior. Use-a contra si mesma. Direcione-a para um objetivo que destrua toda a integridade. Pregue a abnegação. Diga ao homem que ele deve viver para os outros. Diga aos homens que o altruísmo é o ideal. Nem um único deles jamais o alcançou e nem um único jamais o alcançará. Cada um de seus instintos vivos grita contra ele. Mas você não vê o que realiza? O homem percebe que é incapaz de atingir o que aceitou ser a virtude mais nobre, e isso lhe dá um senso de culpa, de pecado, de sua fundamental falta de valor. Uma vez que o ideal supremo está além do seu alcance, ele acaba abrindo mão de todos os ideais, de todas as aspirações, de todo o senso de seu valor pessoal. Ele se sente forçado a pregar o que não pode fazer. No entanto, uma pessoa não pode ser boa pela metade ou aproximadamente honesta. Preservar a própria integridade é uma batalha dura. Por que preservar aquilo que a pessoa já sabe que está corrompido? Sua alma abre mão do respeito próprio. Você o tem. Ele obedecerá. Ficará contente em obedecer, porque não pode confiar em si mesmo, sente-se inseguro, sente-se impuro. Essa é uma maneira. Aqui vai outra: mate o senso de valores do homem. Mate a sua capacidade de reconhecer a grandeza ou de atingi-la. Grandes homens não podem ser dominados. Não queremos nenhum

grande homem. Não negue o conceito de grandeza. Destrua-o por dentro. O grande é o raro, o difícil, o excepcional. Estabeleça padrões de realização abertos a todos, aos piores, aos mais inaptos, e você paralisa o ímpeto de esforço em todos os homens, grandes ou pequenos. Você paralisa todo o incentivo ao progresso, à excelência, à perfeição. Ria de Roarke e defenda Peter Keating como um grande arquiteto. Você destruiu a arquitetura. Avance a carreira de Lois Cook e você destruiu a literatura. Aclame Ike, e você destruiu o teatro. Glorifique Lancelot Clokey, e você destruiu a imprensa. Não saia por aí tentando arrasar todos os santuários... você assustará os homens. Venere a mediocridade, e os santuários estarão arrasados. E há outra maneira: mate através do riso. Ele é um instrumento de alegria humana. Aprenda a usá-lo como uma arma destruidora. Transforme-o em um riso de menosprezo. É simples. Diga-lhes para rirem de tudo. Diga-lhes que o senso de humor é uma virtude ilimitada. Não deixe que nada permaneça sagrado na alma de um homem, e a sua própria alma não será sagrada para ele. Mate a veneração e você terá matado o herói no homem. Não se venera com risadinhas. Ele obedecerá e não imporá nenhum limite à sua obediência: vale tudo, nada é sério demais. Aqui vai outra maneira, e esta é extremamente importante: não permita que os homens sejam felizes. A felicidade é independente e autossuficiente. Homens felizes não têm tempo nem utilidade para você. Homens felizes são homens livres. Portanto, mate a alegria deles de viver. Tire deles o que quer que seja precioso ou importante para eles. Nunca deixe que tenham o que querem. Faça com que sintam que o mero fato de um desejo pessoal é maligno. Leve-os a um estado em que dizer “Eu quero” não é mais um direito natural, e sim uma confissão vergonhosa. O altruísmo é de grande ajuda nesse caso. Os homens infelizes virão até você. Precisarão de você. Virão buscando consolo, apoio, fuga. A natureza não permite nenhum vácuo. Esvazie a alma do homem, e o espaço será seu para ser preenchido.

Toohey fez uma pausa, encarando Keating.

– Não sei por que você deveria parecer tão chocado, Peter. Essa é a mais velha de todas. Olhe para a história. Examine qualquer grande sistema de ética, do Oriente em diante. Todos eles não pregavam o sacrifício da alegria pessoal? Sob todas as complexidades do palavreado, todos eles não tiveram os mesmos temas recorrentes: o sacrifício, a renúncia, a abnegação? Você não conseguiu pegar o tema musical deles? “Sacrifício, sacrifício, sacrifício, sacrifício.” Veja a atmosfera moral da atualidade. Tudo o que dá prazer, incluindo cigarros, sexo, ambição e motivação pelo lucro, é considerado depravado ou pecaminoso. Basta provar que uma coisa torna os homens felizes, e você a amaldiçoou. Foi a esse ponto que chegamos. Amarramos a felicidade à culpa. E pegamos a humanidade pelo pescoço. Atire seu primogênito em uma pira sacrificial, deite-se em uma cama de pregos, vá para o deserto para mortificar a carne, não dance, não vá ao cinema aos domingos, não tente enriquecer, não fume, não beba. São todos a

mesma fala. A grande fala. Os tolos acham que tabus dessa natureza são apenas absurdos. Um resquício, antiquado. Mas sempre existe um propósito no absurdo. Não se incomode em analisar uma idiotice, pergunte-se apenas que consequências ela causa. Todos os sistemas de ética que pregaram o sacrifício transformaram-se em potências mundiais e dominaram milhões de homens. Claro, é preciso usar camuflagem. Você tem que dizer às pessoas que elas conquistarão um tipo superior de felicidade ao abrir mão de tudo o que as faz felizes. Não é preciso ser claro demais. Use palavras imponentes e vagas. “Harmonia Universal”, “Espírito Eterno”, “Propósito Divino”, “Nirvana”, “Paraíso”, “Supremacia Racial”, “Ditadura do Proletariado”. Corrupção interior, Peter. Essa é a mais velha de todas. A farsa prossegue há séculos e os homens ainda se deixam levar. Contudo, o teste deveria ser tão simples: apenas escute qualquer profeta e, se o ouvir falar de sacrifício, saia correndo. Corra mais rápido do que se estivesse fugindo de uma peste. Se usarmos a razão, fica claro que, onde há sacrifício, há alguém coletando as oferendas sacrificiais. Onde há serviço, há alguém sendo servido. O homem que lhe fala de sacrifício fala de escravos e donos. E tem a intenção de ser o dono. Mas, se ouvir um homem lhe dizer que você deve ser feliz, que é seu direito natural, que o seu primeiro dever é para consigo mesmo, este é o homem que não quer a sua alma. É o homem que não tem nada a ganhar de você. Mas, se ele aparecesse, as pessoas gritariam até estourarem suas cabeças vazias, urrando que ele é um monstro egoísta. Portanto, o esquema está seguro por muitos e muitos séculos.

Toohey parecia ter ensaiado todo aquele discurso.

– Mas aqui você pode ter notado uma coisa. Eu disse: “Se usarmos a razão.” Você percebe? Os homens têm uma arma contra você. A razão. Portanto, você precisa certificar-se completamente de que a tirará deles. Corte os alicerces que a sustentam. Mas tenha cuidado. Não a negue completamente. Nunca negue nada completamente, ou você mostra o seu jogo. Não diga que a razão é maligna, embora alguns tenham até chegado a fazer isso, e com um sucesso surpreendente. Apenas diga que ela é limitada. Que há algo acima dela. O quê? Não precisa ser muito claro a respeito disso, tampouco. O campo é inesgotável. “Instinto”, “Sentimento”, “Revelação”, “Intuição Divina”, “Materialismo Dialético”. Se for pego em algum ponto crucial e alguém lhe disser que a sua doutrina não faz sentido, você estará preparado. Você responde que há algo acima do fazer sentido. Que, nessa questão, ele não deve tentar pensar, deve sentir. Deve acreditar. Faça com que parem de usar a razão, e você pode jogar como se tivesse todos os coringas: qualquer coisa vale, de qualquer maneira que você desejar, quando desejar. Você os tem na mão. Dá para dominar um homem que pensa? Não queremos nenhum homem que pensa.

Keating havia se sentado no chão, ao lado da cômoda. Sentira-se cansado e havia simplesmente encolhido as pernas. Não queria sair de perto da cômoda;

sentia-se mais seguro apoiado nela, como se ela ainda guardasse a carta que ele havia entregado.

– Peter, você já ouviu tudo isso. Você me viu praticá-lo durante dez anos. Você o vê sendo praticado no mundo inteiro. Por que está tão desgostoso? Não tem nenhum direito de se sentar aí e ficar me olhando com a superioridade virtuosa de estar chocado. Você está metido nisso. Pegou a sua parte e agora tem que continuar participando. Está com medo de ver aonde vai dar. Eu não estou. Eu lhe digo: no mundo do futuro. No mundo que eu quero. Um mundo de obediência e de união. Um mundo em que o pensamento de cada homem não será o seu próprio, mas uma tentativa de adivinhar o pensamento no cérebro de seu vizinho, que, por sua vez, não terá nenhum pensamento próprio, mas uma tentativa de adivinhar o pensamento do próximo vizinho, que não terá nenhum pensamento... e assim por diante, Peter, no mundo todo. Uma vez que todos devem concordar com todos. Um mundo em que nenhum homem terá desejo próprio, mas direcionará todos os seus esforços para satisfazer os de seu vizinho, que, por sua vez, não terá nenhum desejo, exceto o de satisfazer os do próximo vizinho, que não terá nenhum desejo... pelo mundo afora, Peter. Uma vez que todos devem servir a todos. Um mundo em que o homem não trabalhará por um incentivo tão inocente quanto o dinheiro, mas por aquele monstro sem cabeça: o prestígio. A aprovação de seus semelhantes, a boa opinião deles, a opinião de homens que serão proibidos de ter qualquer opinião. Um polvo, só tentáculos e nenhum cérebro. Raciocínio individual, Peter? Nada de raciocínio individual, apenas pesquisas de opinião pública. Uma média tirada de zeros, uma vez que nenhuma individualidade será permitida. Um mundo com seu motor arrancado e um único coração, bombeado à mão. A minha mão... e as mãos de uns poucos, muito poucos, outros homens como eu. Aqueles que sabem o que vocês querem... vocês, a grande e maravilhosa média, vocês que não se ergueram em fúria quando nós os chamamos de média, de pequenos, de comuns, vocês que gostaram desses nomes e os aceitaram. Vocês se sentarão no trono, vocês serão glorificados, vocês, os homenzinhos do povo, serão o governante absoluto que fará com que todos os governantes do passado se contorçam de inveja, o absoluto, o ilimitado, Deus, Profeta e Rei combinados. *Vox populi*. A média, o comum, o geral.

Keating tinha o semblante exausto, mas Tookey não diminuiu o ritmo.

– Sabe qual é o antônimo apropriado de Ego? Lugar-comum, Peter. O domínio do lugar-comum. Mas mesmo o banal, gasto de tanta repetição, tem que ser criado por alguém, em algum momento. Nós o criaremos. *Vox dei*. Nós nos deleitaremos com a submissão ilimitada de homens que não aprenderam nada, exceto a submeter-se. Nós os chamaremos de “servir”. Distribuiremos medalhas pelo serviço. Vocês vão cair uns em cima dos outros, brigando para ver quem se submete mais e melhor. Não haverá nenhuma outra distinção a buscar.

Nenhuma outra forma de realização pessoal. Você consegue imaginar Howard Roark nesse cenário? Não? Então não perca tempo com perguntas bobas. Tudo o que não puder ser dominado tem que desaparecer. E se aberrações persistirem em nascer ocasionalmente, não sobreviverão além dos 12 anos. Quando seus cérebros começarem a funcionar, sentirão a pressão e explodirão. A pressão calibrada para produzir um vácuo. Sabe o que acontece com criaturas de grandes profundezas do oceano, quando são expostas à luz do sol? É o que acontecerá aos futuros Roarks. O restante de vocês sorrirá e obedecerá. Você já notou que o imbecil sempre sorri? O primeiro franzir de sobrancelhas do homem é o primeiro toque de Deus em sua testa. O toque do pensamento. Mas nós não teremos nem Deus nem pensamento. Apenas votos por meio de sorrisos. Alavancas automáticas, todas dizendo sim... Agora, se você fosse um pouco mais inteligente, como a sua ex-esposa, por exemplo, perguntaria: e quanto a nós, os que temos o poder? E quanto a mim, Ellsworth Monkton Toohey? E eu diria: sim, você está certo. Eu não alcançarei nada mais do que vocês. Não terei nenhum outro propósito a não ser mantê-los contentes. Mentir, adúlá-los, elogiá-los, inflar sua vaidade. Fazer discursos sobre o povo e o bem comum. Peter, meu pobre e velho amigo, eu sou o homem mais abnegado que você já conheceu. Tenho menos independência do que você, a quem acabei de forçar a vender a alma. Você, pelo menos, usou as pessoas pelo que podia tirar delas para si mesmo. Eu não quero nada para mim mesmo. Eu uso as pessoas pelo que posso fazer com elas. É a minha única função e satisfação. Não tenho nenhum propósito particular. Eu quero o poder. Quero o meu mundo do futuro. Que todos vivam pelos outros. Que todos se sacrifiquem e que ninguém lucre. Que todos sofram e ninguém desfrute. Que o progresso pare. Que todos fiquem estagnados. Há igualdade na estagnação. Todos subjugados à vontade de todos. Escravidão universal, sem ao menos a dignidade de ter um senhor. Escravos da escravidão. Um grande círculo, e uma total igualdade. O mundo do futuro.

– Ellsworth... você é...

– Louco? Tem medo de dizer? Você está aí sentado e a palavra está escrita em você inteiro, a sua última esperança. Louco? Olhe à sua volta. Pegue qualquer jornal e leia as manchetes. Não está chegando? Não está aqui? Cada uma das coisas que eu lhe falei? Não é verdade que a Europa já foi engolida e nós estamos cambaleando na mesma direção? Tudo o que eu disse está contido em uma única palavra: coletivismo. E não é esse o deus do nosso século? Atuar juntos. Pensar... juntos. Sentir... juntos. Unir, concordar, obedecer. Obedecer, servir, sacrificar. Dividir e conquistar, primeiro. Mas, depois, unir e governar. Finalmente descobrimos isso. Lembra-se do imperador romano que disse que gostaria que a humanidade tivesse um único pescoço, para que ele pudesse cortá-lo? As pessoas riem dele há séculos. Mas nós riremos por último. Nós realizamos o que ele não conseguiu realizar. Ensinamos os homens a unirem-se. Isso cria um

pescoço pronto para uma coleira. Nós encontramos a palavra mágica: coletivismo. Olhe para a Europa, seu tolo. Não consegue enxergar por trás da conversa fiada e reconhecer a essência? Um país dedica-se à proposição de que o homem não tem direitos, de que o coletivo é tudo. O indivíduo visto como mau; a multidão, como Deus. Nenhum motivo e nenhuma virtude permitidos, exceto o do serviço ao proletariado. Essa é uma versão. Aqui está outra: um país dedicado à proposição de que o homem não tem direitos, de que o Estado é tudo. O indivíduo visto como mau; a raça, como Deus. Nenhum motivo e nenhuma virtude permitidos, exceto o do serviço à raça. Estou delirando ou essa já é a fria realidade de dois continentes? Observe o movimento pelos dois flancos. Se você estiver enjoado de uma versão, nós o empurramos para a outra. Fazemos com que você vá de um lado ao outro. Fechamos as portas. Adulteramos a moeda. Cara, coletivismo; e coroa, coletivismo. Combata a doutrina que massacra o indivíduo com uma doutrina que também massacra o indivíduo. Sacrifique sua alma a um conselho, ou sacrifique-a a um líder. Mas sacrifique-a, sacrifique-a, sacrifique-a. A minha técnica, Peter. Ofereça veneno como alimento e veneno como antídoto. Seja extravagante nos enfeites, mas atenha-se ao objetivo principal. Dê aos tolos uma escolha, deixe que se divirtam, mas não se esqueça do único propósito que você tem que alcançar. Mate o indivíduo. Mate a alma do homem. O resto seguirá automaticamente. Observe o estado do mundo no momento atual. Ainda acha que eu sou louco, Peter?

Keating permanecia sentado no chão, com as pernas abertas. Ergueu uma das mãos e observou as pontas de seus dedos, depois colocou-a na boca e arrancou com os dentes uma pelezinha solta. Porém o movimento era enganoso; o homem estava reduzido a um único sentido, o da audição, e Toohey sabia que não podia esperar nenhuma resposta.

Keating esperou obedientemente. Não parecia fazer nenhuma diferença. Os sons haviam parado e agora sua função era esperar até que comessem outra vez.

Toohey pôs as mãos sobre os braços de sua cadeira, depois ergueu as palmas, a partir dos pulsos, e agarrou a madeira de novo, um tapinha resignadamente definitivo. E se levantou.

– Obrigado, Peter – disse ele em tom solene. – A honestidade é algo difícil de erradicar. Eu fiz discursos para grandes plateias a minha vida toda. Esse foi o discurso que nunca terei a chance de fazer.

Keating ergueu a cabeça. Sua voz tinha a qualidade de um pagamento inicial pelo terror; não estava assustada, mas continha os ecos antecipados da próxima hora que viria:

– Não vá, Ellsworth.

Toohey estava em pé, acima dele, e riu brandamente:

– Essa é a resposta, Peter. Essa é a minha prova. Você sabe o que eu sou, sabe

o que eu fiz com você, não lhe resta mais nenhuma ilusão de virtude. Mas você não consegue me largar, e nunca será capaz de me largar. Você me obedeceu em nome de ideais. Continuará me obedecendo, sem ideais. Porque você só serve para isso, agora... Boa noite, Peter.

“ESTE É UM CASO QUE ESTABELECEERÁ um precedente. O que pensarmos sobre ele determinará o que somos. Na pessoa de Howard Roark, nós devemos esmagar as forças do egoísmo e do individualismo antissocial – a maldição de nosso mundo moderno –, aqui demonstradas em suas últimas consequências. Como foi mencionado no início desta coluna, o promotor público tem em mãos, agora, um indício – não podemos revelar a sua natureza, neste momento – que prova decisivamente que Roark é culpado. Nós, o povo, agora exigiremos justiça.”

Isso apareceu em “Uma Pequena Voz”, numa manhã no fim de maio. Gail Wynand leu a coluna em seu carro, indo do aeroporto para casa. Ele havia ido a Chicago, em uma última tentativa de manter um anunciante nacional que se recusara a renovar um contrato de três milhões de dólares. Dois dias de esforços habilidosos haviam falhado; Wynand perdeu o anunciante. Ao sair do avião, em Newark, ele comprou os jornais de Nova York. Seu carro estava à espera para levá-lo à sua casa de campo. Foi então que leu “Uma Pequena Voz”.

Ficou incerto, por um momento, sobre qual jornal estava segurando. Olhou para o nome no alto da página. Mas era o *Banner*, e a coluna estava lá, em seu lugar certo, primeira coluna, primeira página, segunda seção.

Inclinou-se para a frente e disse ao chofer que o levasse ao seu escritório.

Permaneceu com a página aberta sobre o colo até o carro parar diante do Edifício Banner.

Percebeu imediatamente, quando entrou no prédio. Nos olhos de dois repórteres que saíram de um elevador no saguão; na postura deliberada do ascensorista, lutando contra o desejo de virar-se e encará-lo; na súbita imobilidade de todos os homens em sua antessala; na interrupção do matraquear de uma máquina de escrever sobre a mesa de uma secretária: na mão erguida de outra – ele viu a espera. Então soube que todas as implicações do inimaginável haviam sido entendidas por todos em seu jornal.

Sentiu um primeiro choque vago, porque a expectativa ao seu redor continha um espanto curioso, e algo estava errado, se podia haver qualquer espanto na mente de qualquer um sobre o resultado de uma disputa entre ele e Ellsworth Toohy.

Contudo, ele não tinha tempo de notar suas próprias reações. Não tinha nenhuma atenção de sobra para nada, exceto uma sensação de aperto, uma pressão contra os ossos de seu rosto, seus dentes, suas bochechas, a parte superior de seu nariz, e sabia que tinha que pressionar de volta, mantê-la sob a superfície, contê-la.

Não cumprimentou ninguém e entrou em sua sala. Alvah Scarret estava sentado, afundado em uma cadeira diante de sua escrivaninha. O editor tinha

uma faixa de gaze branca suja sobre a garganta, e suas bochechas estavam afoqueadas. Wynand deteve-se no meio da sala. As pessoas do lado de fora haviam se sentido aliviadas: o rosto do empresário parecia calmo. Alvah Scarret sabia que não era bem assim.

– Gail, eu não estava aqui – disse ele, engolindo em seco, em um sussurro entrecortado que não era uma voz. – Não venho ao escritório há dois dias. Laringite, Gail. Pergunte ao meu médico. Eu não estava aqui. Acabei de sair da cama, olhe para mim, estou com trinta e nove e meio de febre, quero dizer, o médico não queria, mas eu... que eu me levantasse, quero dizer. Gail, eu não estava aqui, eu não estava aqui!

Ele não podia ter certeza de que Wynand estava ouvindo. Este, porém, deixou-o terminar, depois assumiu uma aparência de quem estava ouvindo, como se os sons estivessem chegando atrasados até ele. Após um momento, Wynand perguntou:

– Quem estava na redação final?

– Passou... passou por Allen e Falk

– Demita Harding, Allen, Falk e Toohey. Pague todo o contrato de Harding. Mas não o de Toohey. Faça com que todos eles estejam fora do prédio em quinze minutos.

Harding era o editor-chefe; Falk, um revisor de textos; Allen, o chefe da redação final. Todos trabalhavam no *Banner* havia mais de dez anos. Era como se Scarret houvesse escutado uma notícia urgente anunciando o impeachment de um presidente, a destruição da cidade de Nova York por um meteoro e o afundamento da Califórnia no oceano Pacífico.

– Gail! – gritou ele. – Não podemos fazer isso!

– Saia daqui.

Scarret saiu.

Wynand apertou um botão sobre sua escrivaninha e disse, respondendo à voz trêmula da mulher do lado de fora:

– Não deixe ninguém entrar.

– Sim, Sr. Wynand.

Apertou outro botão e falou com o gerente de circulação.

– Retire todos os exemplares das ruas.

– Sr. Wynand, é tarde demais! A maioria está...

– Retire-os.

– Sim, Sr. Wynand.

Ele queria apoiar a cabeça sobre a escrivaninha, ficar quieto e descansar, só que a forma de descanso de que precisava não existia, era maior do que o sono, maior do que a morte, o descanso de nunca haver vivido. O desejo era como um insulto secreto a ele mesmo, porque ele sabia que a pressão lancinante em seu crânio significava o oposto, uma ânsia de agir, tão forte que ele se sentia

paralisado. Remexeu em sua escrivaninha, procurando algumas folhas de papel em branco, esquecido de onde as guardava. Tinha que escrever o editorial que explicaria e contra-atacaria. Tinha que ser rápido. Sentia que não tinha direito a nenhum minuto que passasse sem a resposta estar escrita.

A pressão desapareceu com a primeira palavra que pôs no papel. Pensou, enquanto sua mão movia-se rapidamente, no poder que havia nas palavras, para aqueles que as escutavam depois, mas, primeiro, para aquele que as encontrava; um poder de cura, uma solução, como a quebra de uma barreira. Ele pensou: *Talvez o segredo básico que os cientistas nunca descobriram, a primeira fonte da vida, é o que acontece quando um pensamento toma forma em palavras.*

Ele ouvia o ronco, a vibração nas paredes de sua sala, no chão. As rotativas estavam imprimindo seu jornal da tarde, um pequeno tabloide, o *Clarion*. Sorriu ao ouvir o som. Sua mão moveu-se mais rápido, como se o som fosse energia sendo bombeada em seus dedos.

Ele abandonara seu habitual “nós” editorial. Escreveu: “... E, se meus leitores ou meus inimigos desejarem rir de mim por conta desse incidente, eu o aceitarei e o considerarei o pagamento de uma dívida. Eu mereci.”

Pensou: *É o coração deste prédio, batendo... Que horas são?... Estou ouvindo realmente, ou é o meu próprio coração?... Certa vez, um médico colocou as extremidades de seu estetoscópio em minhas orelhas e me deixou ouvir as batidas do meu coração... ele soava exatamente assim... Ele disse que eu era um animal saudável e gozaria de boa saúde por muitos anos... por muitos... anos...*

“Eu impingi a meus leitores um vilão desprezível, cuja estatura espiritual é a minha única desculpa. Eu não havia atingido tal grau de desprezo pela sociedade que me permitisse considerá-lo perigoso. Ainda me atenho a um respeito suficiente pelos meus semelhantes que me permite dizer que Ellsworth Toohey não pode ser uma ameaça.”

Dizem que o som nunca morre, mas continua viajando pelo espaço... O que acontece com as batidas do coração de um homem?... Tantas delas em 56 anos... poderiam ser coletadas novamente, em alguma espécie de condensador, e ser utilizadas mais uma vez? Se fossem retransmitidas, o resultado seria a batida dessas rotativas?

“Mas eu o patrocinei sob o cabeçalho do meu jornal e, se a penitência pública é um ato incomum e humilhante a ser praticado em nossa era moderna, tal é a punição que imponho a mim mesmo por meio deste editorial.”

Não 56 anos daquelas pequenas gotas de som suaves que um homem nunca ouve, cada uma única e final, não como uma vírgula, mas como um ponto, uma longa fileira de pontos sobre uma página, reunidos para alimentar essas máquinas... Não 56, mas 31 anos, os outros 25 foram para me preparar. Eu tinha 25 anos quando pendurei o novo nome sobre a porta... Não se muda o nome de um jornal... Eu mudo: New York Banner... o Banner de Gail Wynand...

“Eu peço perdão a cada pessoa que leu este jornal.”

Um animal saudável... e aquilo que vem de mim é saudável... tenho que trazer

aquele médico aqui e fazê-lo ouvir essas rotativas... ele vai sorrir do seu jeito bom, complacente, satisfeito, os médicos gostam de um paciente com a saúde perfeita, ocasionalmente, é bastante raro... tenho que lhe dar esse gosto... o som mais saudável que ele já ouviu... e ele dirá que o Banner gozará de boa saúde por muitos anos...

A porta de sua sala se abriu e Ellsworth Toohey entrou.

Wynand deixou-o atravessar a sala e se aproximar da escrivinha sem um único gesto de protesto. O empresário pensou que o que sentia era curiosidade – se esta pudesse ser ampliada para as dimensões de uma criatura do abismo, como aqueles desenhos de besouros do tamanho de uma casa avançando sobre figuras humanas, nas páginas do suplemento de domingo do *Banner*. Curiosidade porque Ellsworth Toohey ainda estava no prédio, porque conseguira entrar em sua sala, apesar das ordens dadas, e porque estava rindo.

– Eu vim para lhe informar sobre a minha licença do trabalho, Sr. Wynand – disse Toohey. Seu rosto estava composto, não expressava nenhum regozijo, o rosto de um artista que sabia que o exagero era uma derrota e atingia a ofensa suprema permanecendo normal. – E para lhe dizer que eu voltarei. A este emprego, a esta coluna, a este prédio. Durante o intervalo, você verá a natureza do erro que cometeu. Perdoe-me, sei que isto é completamente de mau gosto, mas eu esperei por isto durante treze anos e acho que posso me permitir cinco minutos de recompensa. Então você era um homem possessivo, Sr. Wynand, e amava o seu senso de propriedade? Alguma vez parou para pensar em que ele se baseava? Parou para proteger as fundações? Não, porque você era um homem prático. Homens práticos lidam com contas bancárias, imóveis, contatos de publicidade e investimentos seguros como ouro. Eles deixam para os intelectuais pouco práticos, como eu, a diversão de fazer uma análise química do ouro, para aprender algumas coisas sobre a natureza e a fonte do ouro. Eles se atêm ao pudim e nos deixam trivialidades como o teatro, o cinema, o rádio, as escolas, as críticas de livros e de arquitetura. Apenas um calmante para nos manter quietos, sem nos importarmos em perder nosso tempo brincando com as questões irrelevantes da vida, enquanto vocês ganham dinheiro. Dinheiro é poder. É mesmo, Sr. Wynand? Então era poder que você queria, Sr. Wynand? Poder sobre os homens? Seu pobre amador! Você nunca descobriu a natureza de sua própria ambição, ou teria sabido que não foi feito para isso. Não poderia usar os métodos exigidos e não iria querer os resultados. Você nunca foi patife o suficiente. Não me importo de lhe conceder isso, porque não sei o que é pior: ser um grande patife ou um monumental idiota. É por isso que eu vou voltar. E, quando voltar, vou comandar este jornal.

Wynand retrucou calmamente:

– Quando voltar. Agora, dê o fora daqui.



A redação de notícias locais do *Banner* entrou em greve.

Os membros do Sindicato dos Funcionários Wynand saiu em bloco. Muitos outros, que não eram membros, juntaram-se a eles. A equipe tipográfica ficou.

Wynand nunca havia dedicado um pensamento sequer ao Sindicato. Ele pagava salários mais altos do que qualquer outro dono de jornal e nenhuma exigência financeira jamais lhe havia sido feita. Se seus funcionários queriam se divertir ouvindo discursos, ele não vira nenhuma razão para se preocupar com isso. Dominique havia tentado avisá-lo, certa vez:

– Gail, se as pessoas querem se organizar para reivindicar melhores salários, jornadas mais curtas ou para fazer exigências práticas, é um direito legítimo delas. Mas, quando não há nenhum propósito concreto, é melhor vigiá-los de perto.

– Querida, quantas vezes tenho que pedir? Não se envolva com o *Banner*.

Ele nunca se dera ao trabalho de saber quem pertencia ao Sindicato. Descobriu, agora, que o total de membros era pequeno – e crucial. Incluía todos os seus homens essenciais, não os grandes executivos, mas os que estavam logo abaixo deles, habilmente escolhidos, os ativos, pequenos e indispensáveis como velas de ignição: os melhores repórteres de rua, os repórteres não especializados, os revisores, os assistentes de edição. Ele pesquisou seus registros: a maioria deles havia sido contratada nos últimos oito anos, recomendada pelo Sr. Toohey.

Os que não eram membros do Sindicato entraram em greve por vários motivos: alguns porque odiavam Wynand, outros porque tinham medo de continuar trabalhando e lhes parecia mais fácil do que analisar a questão. Um homem, um sujeito pequeno e tímido, encontrou-se com Wynand no saguão e parou para gritar estridentemente:

– Nós voltaremos, meu caro, e então a história será outra!

Alguns foram embora evitando ver Wynand. Outros foram cautelosos:

– Sr. Wynand, detesto fazer isto, detesto de verdade, eu não tinha nada a ver com aquele Sindicato, mas greve é greve e eu não posso me permitir ser um fura-greve.

– Honestamente, Sr. Wynand, eu não sei quem está certo ou errado, realmente acho que o Ellsworth deu um golpe baixo e o Harding não tinha nada que deixá-lo se safar, mas como alguém pode ter certeza de quem está certo a respeito de qualquer coisa, hoje em dia? E se tem uma coisa que eu me recuso a fazer é furar um piquete de greve. Não, senhor. Estou com os grevistas, certos ou errados.

Os grevistas apresentaram duas exigências: a recontração dos quatro homens que haviam sido demitidos e uma inversão da posição do *Banner* sobre o caso Cortlandt.

Harding, o editor-chefe, escreveu um artigo explicando sua posição. Foi publicado na *Novas Fronteiras*. “Eu realmente ignorei as ordens do Sr. Wynand sobre uma questão de política interna, talvez um ato sem precedentes tomado por um editor-chefe. Eu o fiz com total entendimento da responsabilidade envolvida. O Sr. Toohey, Allen, Falk e eu queríamos salvar o *Banner*, pelo bem de seus funcionários, de seus acionistas e de seus leitores. Queríamos trazer o Sr. Wynand à razão por meios pacíficos. Esperávamos que ele cedesse de boa vontade, uma vez que tivesse visto o *Banner* comprometido a defender a posição compartilhada pela maioria da imprensa do país. Conhecíamos o caráter arbitrário, imprevisível e inescrupuloso de nosso patrão, mas decidimos correr o risco, dispostos a nos sacrificar pelo nosso dever profissional. Ao mesmo tempo que reconhecemos o direito de um proprietário de ditar a linha de seu jornal sobre as questões políticas, sociológicas ou econômicas, acreditamos que uma situação passou dos limites da decência quando um patrão espera que homens com respeito por si próprios abracem a causa de um criminoso ordinário. Queremos que o Sr. Wynand perceba que os dias de domínio ditatorial de um homem só já passaram. Nós temos que ter algum direito a fazer valer nossa opinião sobre a administração do lugar onde ganhamos a vida. É uma luta pela liberdade de imprensa.”

O Sr. Harding tinha 60 anos, possuía uma propriedade em Long Island e dividia seu tempo livre entre a prática de tiro aos pratos e a criação de faisões. Sua esposa, sem filhos, era membro do conselho de diretores da Oficina de Estudos Sociais; Toohey, seu principal palestrante, a havia apresentado à Oficina. Ela escrevera o artigo assinado pelo marido.

Os dois homens que haviam saído da redação final não eram membros do Sindicato de Toohey. A filha de Allen era uma atriz jovem e bonita que estrelava todas as peças de Ike. O irmão de Falk era secretário de Lancelot Clokey.

Gail Wynand, sentado à escrivaninha de sua sala, olhava para uma pilha de papéis. Tinha muitas coisas a fazer, mas uma imagem continuava voltando à sua mente e ele não conseguia livrar-se dela, e o sentimento que ela criava permeava todas as suas ações: a imagem de um garoto esfarrapado, em pé, diante da escrivaninha de um editor. “Você sabe soletrar gato?” “Você sabe soletrar antropomorfologia?” As identidades fragmentavam-se e misturavam-se, e lhe parecia que o garoto estava em pé ali, na frente de sua escrivaninha, esperando, e uma vez ele disse em voz alta:

– Vá embora!

Percebeu, enraivecido, o que estava fazendo e pensou: *Você está perdendo a cabeça, seu idiota, agora não é hora para isso*. Não falou mais em voz alta, mas a conversa continuou, em silêncio, enquanto ele lia, verificava e assinava os papéis: “Vá embora! Não temos nenhum emprego aqui.” “Vou ficar por aqui. Use-me quando quiser. Não tem que me pagar.” “Eles estão te pagando, você não

entende, seu pequeno idiota? Eles estão te pagando.” Em voz alta, mas normal, falou ao telefone:

– Diga ao Manning que teremos que preencher com material que já temos pronto... Mande-me as provas assim que puder... Mande trazer um sanduiche, de qualquer tipo.

Uns poucos haviam ficado com ele: os velhos e os meninos de recados. Eles entravam, de manhã, frequentemente com cortes nos rostos e sangue nos colarinhos. Um deles chegou cambaleando, com um corte grande na cabeça, e teve que ser levado de ambulância. Não era coragem nem lealdade; era inércia. Eles haviam vivido tempo demais com a ideia de que seria o fim do mundo se perdessem seus empregos no *Banner*. Os velhos não entendiam. Os jovens não ligavam.

Meninos de recados eram enviados para fazer o trabalho de repórteres. A maioria das matérias que entregavam era de tal qualidade que forçava Wynand a esquecer o desespero e dar gargalhadas estrondosas: nunca lera um inglês tão rebuscado. Podia ver o orgulho do jovem ambicioso que finalmente se tornara jornalista. Não riu quando as reportagens apareceram no *Banner* do jeito que haviam sido escritas. Não havia revisores suficientes.

Ele tentou contratar novos funcionários. Ofereceu salários exorbitantes. As pessoas que ele queria se recusavam a trabalhar para ele. Uns poucos atenderam ao seu chamado, e ele gostaria que não houvessem atendido, mas contratou-os. Eram homens que não conseguiam encontrar emprego em jornais bem conceituados há dez anos, o tipo que, um mês atrás, não teria tido permissão de pisar nem no saguão de seu prédio. Alguns tiveram que ser atirados para fora depois de dois dias; outros permaneceram. Estavam bêbados na maior parte do tempo. Alguns agiam como se estivessem fazendo um favor a Wynand.

– Não fique todo sensível, Gail, meu camarada – disse um deles, e foi literalmente jogado escada abaixo, caindo dois lances de uma vez. Ele quebrou um dos tornozelos e ficou sentado ao pé da escada, olhando com um ar de total perplexidade para Wynand lá em cima.

Outros eram mais sutis: simplesmente ficavam por perto, em silêncio, e olhavam para o empresário com um ar malicioso, quase piscando, dando a entender que eles eram parceiros no crime, unidos em uma jogada suja.

Ele apelou às escolas de jornalismo. Nenhuma respondeu. Uma associação de estudantes enviou-lhe uma resolução assinada por todos os membros: “... Ao iniciar nossas carreiras com alta consideração pela dignidade de nossa profissão, dedicando-nos a defender a honra da imprensa, concluímos que nenhum de nós poderia preservar o respeito por si próprio se aceitasse uma oferta como a sua.”

O editor de notícias permanecera à sua escrivaninha. O redator de notícias locais havia ido embora. Wynand estava desempenhando as funções de redator de notícias locais, editor-chefe, operador do telégrafo, revisor, menino de

recados. Não saía do prédio. Dormia em um sofá em sua sala, como fizera nos primeiros anos de existência do *Banner*. Sem paletó, sem gravata, com o colarinho da camisa aberto, ele subia e descia as escadas correndo, seus passos soando como disparos de uma metralhadora. Dois ascensoristas haviam ficado; os outros haviam sumido, ninguém sabia com certeza quando nem por quê, se levados pela solidariedade à greve, pelo medo, ou simplesmente pelo desânimo.

Alvah Scarret não conseguia compreender a calma de Wynand. A máquina brilhante – e esse, pensou Scarret, sempre fora o termo que realmente descrevera Wynand em sua mente – nunca havia funcionado melhor. Suas palavras eram breves; suas ordens, rápidas; suas decisões, imediatas. Na confusão de máquinas, chumbo, graxa, tinta, papel inutilizado, salas por varrer, escriturinhas desocupadas, súbitas chuvas de cacos de vidro, quando um tijolo era arremessado da rua abaixo, Wynand movia-se como uma figura em exposição dupla, sobreposto em seu pano de fundo, fora de lugar e de escala. *Este não é o lugar dele*, pensou Scarret, porque ele não parece moderno. *É isso, não parece moderno, não importa que tipo de calça esteja vestindo, ele parece algo tirado de uma catedral gótica*. A cabeça aristocrática, mantida erguida, o rosto sem carne que havia emagrecido e ficado ainda mais contraído. O capitão de um navio que todos sabiam, exceto o próprio capitão, que estava afundando.

Alvah Scarret havia ficado. Não compreendera que os eventos eram reais; andava de um lado para outro, arrastando os pés, num estupor; sentia um novo baque de espanto a cada manhã, quando chegava de carro ao prédio e via os piquetes. Não sofrera nenhum ataque além de alguns tomates atirados no parabrisa de seu automóvel. Ele tentava ajudar Wynand. Empenhava-se para fazer seu trabalho e o de mais cinco homens, mas não conseguia completar as tarefas de um dia normal. Estava desmoronando silenciosamente, suas juntas sendo repuxadas por um ponto de interrogação. Fazia todos perderem tempo, interrompendo qualquer tarefa para perguntar:

– Mas por quê? Por quê? Como? Assim, de repente?

Viu uma enfermeira de uniforme branco caminhando pelo saguão. Um posto de primeiros socorros havia sido montado no térreo. Ela estava carregando para o incinerador um cesto de lixo com chumaços de gaze manchados de sangue. Ele virou para outro lado, passando mal. Não foi a visão, mas o terror maior de uma consequência apreendida por seu instinto: esse prédio civilizado – seguro na limpeza dos pisos encerados, respeitável com a elegância severa dos negócios modernos, um lugar onde as pessoas lidavam com questões racionais como palavras escritas e contratos comerciais, onde se aceitavam anúncios de roupas de bebê e se conversava sobre golfe – tornara-se, em poucos dias, um lugar em que se carregava lixo sujo de sangue pelos corredores. *Por quê?*, pensou Scarret.

– Eu não posso entender – dizia ele, em tom monótono, sem nenhuma ênfase, a qualquer pessoa que estivesse por perto. – Não consigo entender como

Ellsworth conseguiu tanto poder... E ele é um homem de cultura, um idealista, não um radical sujo desses que fazem discursos na rua, ele é tão amigável e perspicaz, e que erudição ele tem! Um homem que faz piada o tempo todo não é um homem de violência. Ellsworth não quis que isso acontecesse, não sabia que consequência teria, ele ama as pessoas, eu poria a minha mão no fogo por Ellsworth Toohey.

Certa vez, na sala de Wynand, aventurou-se a dizer:

– Gail, por que você não negocia? Por que não se reúne com eles, pelo menos?

– Cale a boca.

– Mas, Gail, talvez haja um pouco de verdade no lado deles também. São jornalistas. Você sabe o que eles dizem, a liberdade de imprensa...

Então ele viu o ataque de fúria que esperara durante dias e que pensara que fora seguramente desviado – as íris azuis desaparecendo em uma mancha branca, os globos oculares cegos e luminosos em um rosto que só tinha cavidades, as mãos tremendo. Contudo, em um momento, ele viu o que nunca havia testemunhado antes: viu Wynand conter o ataque, sem som, sem alívio. Viu o suor do esforço nas concavidades de suas têmporas, e os punhos fechados sobre a borda da escrivaninha.

– Alvah... se eu não tivesse me sentado nos degraus da *Gazette* durante uma semana... onde estaria a imprensa na qual eles poderiam ser livres?

Havia policiais do lado de fora, e nos saguões do prédio. Ajudava, mas não muito. Uma noite, jogaram ácido na entrada principal. Queimou o grande painel de vidro das janelas do térreo e deixou manchas leprosas nas paredes. Uma das rotativas foi paralisada por areia colocada nas engrenagens. O dono desconhecido de uma delicatessen teve sua loja destruída por anunciar no *Banner*. Muitos pequenos anunciantes retiraram suas propagandas. Caminhões de entrega Wynand foram destruídos. Um motorista foi morto. O Sindicato dos Funcionários Wynand, em greve, emitiu um protesto contra atos de violência. O sindicato não os havia instigado, a maioria de seus membros não sabia quem os praticara. A *Novas Fronteiras* mencionou algo sobre excessos lamentáveis, mas os atribuiu a “acessos espontâneos de justificada ira popular”.

Homer Slotern, em nome de um grupo que se autodenominava “os homens de negócios liberais”, enviou um aviso a Wynand cancelando seus contratos de publicidade. “Pode nos processar, se quiser. Achamos que temos um motivo legítimo para o cancelamento. Assinamos um contrato para anunciar em um jornal respeitável, não em um veículo de comunicação que se tornou uma vergonha pública, que traz piquetes às nossas portas, arruína os nossos negócios e não está sendo lido por ninguém.” O grupo incluía a maioria dos anunciantes mais ricos do *Banner*.

Gail Wynand, junto à janela de sua sala, olhava para a sua cidade.

“Eu apoiei greves numa época em que era perigoso fazer isso. Lutei contra

Gail Wynand a minha vida toda. Nunca esperei ver o dia, ou a questão, em que eu seria forçado a dizer – como digo agora – que estou do lado de Gail Wynand”, escreveu Austen Heller no *Chronicle*.

Wynand enviou-lhe um bilhete: “Maldito seja você, eu não lhe pedi para me defender. *GW.*”

A *Novas Fronteiras* descreveu Austen Heller como um “reacionário que se vendeu às grandes empresas”. Senhoras intelectuais da sociedade diziam que Heller era antiquado.

Gail ficava em pé diante de uma escrivaninha na sala de redação e escrevia editoriais, como de costume. Sua desamparada equipe não via nenhuma mudança nele; nenhuma pressa, nenhum acesso de raiva. Não havia ninguém para notar que alguns de seus atos eram novos: ele ia à sala de impressão e ficava olhando para a faixa branca que era disparada pelas estrondosas máquinas gigantes e quedava-se ouvindo o som. Pegou um espaçador de chumbo do chão da sala de composição e passou os dedos sobre ele, distraidamente, colocando-o na palma da mão, como um pedaço de jade, e depositando-o cuidadosamente sobre uma mesa, como se não quisesse que fosse desperdiçado. Combatia outras formas de desperdício semelhantes, sem notar, com gestos instintivos: juntava lápis, gastava meia hora, enquanto os telefones tocavam estridentemente, sem resposta, consertando uma máquina de escrever quebrada. Não era uma questão de economia: ele assinava cheques sem olhar para os números; Scarret tinha medo de pensar nas quantias despendidas por Wynand a cada dia que passava. Era uma questão dos objetos que faziam parte do prédio em que ele amava cada maçaneta, objetos que pertenciam ao *Banner*, que pertencia a ele.

Ao fim de cada tarde, ele telefonava para Dominique, no campo.

– Tudo bem. Tudo sob controle. Não preste atenção nos que gostam de espalhar o pânico... Não, que vá para o inferno, você sabe que não quero falar sobre o maldito jornal. Conte-me como está o jardim... Você foi nadar hoje?... Fale-me sobre o lago... Que vestido você está usando?... Sintonize na WLX hoje à noite, às oito, eles vão tocar a sua favorita: o *Concerto Nº 2* de Rachmaninoff... É claro que tenho tempo de me manter informado a respeito de tudo... Ah, está bem, já vi que não se pode enganar uma ex-jornalista, eu olhei mesmo a página do rádio... É claro que temos ajuda suficiente, é só que não posso confiar totalmente em alguns dos novos rapazes e tive um momento de folga... Acima de tudo, não venha à cidade. Você me prometeu... Boa noite, meu amor...

Ele desligou e ficou olhando para o telefone, sorrindo. Pensar no campo era como pensar em um continente do outro lado de um oceano intransponível. Dava-lhe a sensação de estar trancado em uma fortaleza sitiada, e ele gostava disso – não do fato, mas da sensação. Seu rosto parecia um regresso a algum antepassado distante que lutara nas rampas de um castelo.

Certa noite, foi ao restaurante do outro lado da rua. Não comia uma refeição

completa havia dias. As ruas ainda estavam claras quando voltou, com a neblina castanha serena do verão, como se raios de sol entorpecidos permanecessem estirados, confortáveis demais no ar quente para executarem o movimento de retirada, muito embora o sol já houvesse desaparecido havia muito tempo. Fazia com que o céu parecesse fresco e a rua, suja. Havia manchas de luz marrom e de um laranja desbotado nos cantos dos prédios velhos. Viu piqueteiros andando de um lado para outro diante da entrada do *Banner*. Havia oito deles, marchando em um oval comprido, na calçada. Ele reconheceu um rapaz, um repórter policial; nunca havia visto nenhum dos outros. Eles carregavam cartazes: “Toohey, Harding, Allen, Falk”... “Liberdade de imprensa”... “Gail Wynand passa por cima dos direitos humanos”...

Seus olhos ficaram seguindo uma mulher. Os quadris dela começavam nos tornozelos, avolumando-se por cima das presilhas dos sapatos; tinha ombros quadrados e usava um casaco comprido e barato de tweed marrom, cobrindo um corpo enorme e quadrado. Tinha mãos brancas pequenas, do tipo que derruba coisas pela cozinha toda. Sua boca era uma incisão, sem lábios, e ela balançava quando se movia, porém movia-se com uma vivacidade surpreendente. Seus passos desafiavam o mundo todo a machucá-la, com uma dissimulação maliciosa que parecia dizer que era o que ela mais queria, porque seria uma piada à custa do mundo se este tentasse machucá-la, apenas tente e verá, apenas tente. Wynand sabia que ela nunca havia sido funcionária do *Banner*. Nunca poderia ser. Não parecia provável que ela conseguisse aprender a ler. Seus passos pareciam acrescentar que ela nem precisava aprender. Carregava um cartaz: “Nós exigimos...”

Ele pensou nas noites em que havia dormido no sofá, no antigo prédio do *Banner*, nos primeiros anos, porque as rotativas novas tinham que ser pagas e o *Banner* precisava estar nas ruas antes de seus concorrentes, e ele tossira e cuspira sangue, uma noite, e se recusara a consultar um médico, mas acabara não sendo nada, apenas exaustão.

Ele entrou correndo no prédio. As rotativas estavam funcionando. Ficou parado, ouvindo, por algum tempo.

À noite, o prédio ficava silencioso. Parecia maior, como se o som houvesse tomado o espaço e o esvaziado. Havia painéis de luz nas portas abertas, entre longas extensões de corredores pouco iluminados. Uma máquina de escrever solitária matraqueava em algum lugar, uniformemente, como uma torneira pingando. Wynand caminhou pelos saguões. Pensou que os homens desejavam trabalhar para ele quando ele dera publicidade a esboços conhecidos que concorriam a eleições municipais, quando lisonjeava as zonas de meretrício, quando arruinara reputações por meio de calúnias escandalosas, quando fizera reportagens sentimentais sobre as mães de gângsteres. Homens talentosos e respeitáveis teriam agarrado a oportunidade de trabalhar para ele. Agora, ele

estava sendo honesto pela primeira vez em sua carreira. Estava liderando sua maior cruzada, com a ajuda de fura-greves, andarilhos, bêbados e burros de carga humildes, passivos demais para pedir demissão. *A culpa*, pensou ele, *talvez não fosse daqueles que agora se recusavam a trabalhar para ele.*



O sol atingiu o tinteiro quadrado de cristal sobre sua escrivaninha. Fez com que Wynand pensasse em uma bebida gelada, em um gramado, roupas brancas, a sensação da grama sob os cotovelos nus. Tentou não olhar para o brilho alegre e continuou escrevendo. Era uma manhã na segunda semana da greve. Ele havia se retirado para sua sala por uma hora e dera ordens para não ser incomodado. Tinha um artigo para terminar. Sabia que queria a desculpa, uma hora sem ver o que se passava dentro do prédio.

A porta de sua sala abriu sem nenhum aviso e Dominique entrou. Ela não tivera autorização para entrar no Edifício Banner desde seu casamento com Wynand.

Ele se levantou, com um tipo de obediência silenciosa em seu movimento, não se permitindo fazer nenhuma pergunta. Ela vestia um conjunto de linho coral e tinha uma postura que dava a impressão de que o lago estava atrás dela e que a luz do sol se erguia da superfície do lago até as dobras de suas roupas. Ela disse:

– Gail, eu vim ocupar o meu antigo lugar no *Banner*.

Ele ficou olhando para ela, em silêncio. Então sorriu; era um sorriso de convalescente.

Virou-se para a escrivaninha, pegou as folhas que havia escrito, deu-as a ela e disse:

– Leve isso à sala dos fundos. Pegue as reportagens em papel de cópia e traga-as para mim. Depois, apresente-se ao Manning na sala de redação.

O impossível, o que não podia ser alcançado com palavras, olhares ou gestos, a união completa de dois seres em completo entendimento, foi feita por meio de uma pequena pilha de papéis que passou das mãos dele para as dela. Seus dedos não se tocaram. Ela virou-se e saiu da sala.

Dentro de dois dias, era como se ela nunca houvesse deixado a equipe do *Banner*. Só que agora ela não escrevia uma coluna sobre casas, mas se ocupava de qualquer tarefa em que uma mão competente fosse necessária para preencher uma lacuna.

– Está tudo bem, Alvah – disse ela a Scarret –, o trabalho de costureira é apropriadamente feminino. Eu estou aqui para pregar remendos onde for necessário e, puxa vida, este tecido está rasgando depressa. Pode me chamar quando um dos seus novos jornalistas ficar mais fora de controle do que o habitual.

Scarret não podia entender o tom, a conduta nem a presença dela.

– Você é uma salva-vidas, Dominique – murmurou ele com tristeza. – É como nos velhos tempos, vê-la aqui, e como eu queria que fossem aqueles tempos! Mas não consigo entender. Gail não admitia uma foto sua neste lugar quando era um lugar decente e respeitável, e agora, quando é praticamente tão seguro quanto uma penitenciária durante uma rebelião de presos, ele a deixa trabalhar aqui!

– Guarde os comentários, Alvah. Não temos tempo para isso.

Ela escreveu uma crítica brilhante de um filme que não havia visto. Redigiu às pressas uma reportagem sobre uma convenção à qual não comparecera. Produziu uma série de receitas para a coluna “Pratos Diários”, quando a moça responsável não apareceu para trabalhar, certa manhã.

– Eu não tinha ideia de que você sabia cozinhar – disse Scarret.

– Eu também não – falou Dominique.

Ela saiu, uma noite, para cobrir um incêndio nas docas quando descobriram que o único repórter de plantão havia desmaiado no chão do banheiro masculino. Quando leu a reportagem, Wynand lhe disse:

– Bom trabalho, mas tente fazer isso de novo e será despedida. Se quiser ficar, não saia do prédio.

Esse foi seu único comentário na presença dela. Ele falava com ela quando necessário, breve e simplesmente, como com qualquer outro funcionário. Wynand dava ordens. Havia dias em que os dois não tinham tempo de se ver. Dominique dormia em um sofá na biblioteca. De vez em quando, à noite, ela ia até a sala dele, para um breve descanso, quando podiam fazer um intervalo, e então conversavam, sobre nada em especial, sobre pequenos acontecimentos do dia de trabalho, alegres, como qualquer casal fofocando sobre a rotina normal de sua vida em comum.

Não falavam sobre Roark nem Cortlandt. Ela havia notado a foto de Roark na parede da sala dele e perguntara:

– Quando pendurou isso?

– Há mais de um ano.

Fora a única referência que haviam feito a Roark. Não discutiam a crescente fúria popular contra o *Banner*. Não especulavam sobre o futuro. Encontravam alívio em esquecer a questão que jazia além das paredes do prédio. Podia ser esquecida, pois já não era uma questão entre eles; estava resolvida e respondida. O que restava era a paz do simplificado: eles tinham um trabalho a fazer, o de manter um jornal funcionando, e o estavam realizando juntos.

Ela entrava, sem ter sido chamada, no meio da noite, com uma xícara de café quente, que ele agarrava agradecido, sem parar de trabalhar. Ele encontrava sanduíches frescos deixados sobre sua escrivaninha, justamente quando precisava muito deles. Não tinha tempo de se perguntar onde ela conseguia as

coisas. Então descobriu que ela arrumara uma chapa elétrica e um estoque de alimentos, que guardava em um armário. Dominique preparava o café da manhã para Wynand, quando ele tinha que trabalhar a noite toda, entrava carregando pratos sobre um pedaço de cartolina que usava como bandeja, com o silêncio das ruas vazias do lado de fora das janelas e a primeira luz da manhã sobre os telhados.

Certa vez, ele a encontrou de vassoura na mão, varrendo uma sala. O departamento de manutenção havia se desmantelado, as faxineiras apareciam e sumiam, e ninguém tinha tempo de reparar.

– É para isso que estou lhe pagando? – perguntou ele.

– Bem, não podemos trabalhar em um chiqueiro. Não lhe perguntei quanto está me pagando, mas quero um aumento.

– Largue essa coisa, pelo amor de Deus! É ridículo.

– O que é ridículo? Agora está limpo. Não me tomou muito tempo. Fiz um bom trabalho?

– Você fez um bom trabalho.

Ela se apoiou no cabo da vassoura e riu.

– Acho que você pensou, como todo mundo, que eu era só uma espécie de objeto de luxo, um tipo de concubina de alta classe, não pensou, Gail?

– É assim que você consegue persistir, quando quer?

– Foi assim que eu quis persistir a minha vida toda, se conseguisse encontrar uma razão para fazê-lo.

Ele compreendeu que a resistência dela era maior que a dele. Dominique nunca demonstrava nenhum sinal de exaustão. Ele presumia que ela dormia, mas não conseguia descobrir quando.

A qualquer hora, em qualquer parte do prédio, sem vê-lo durante horas, ela estava consciente dele, sabia quando ele mais precisava dela. Uma vez, Wynand adormeceu, curvado sobre sua escrivaninha. Acordou e a viu olhando para ele. Ela havia apagado as luzes e estava sentada em uma cadeira perto da janela, sob a luz do luar, seu rosto virado para ele, calmo, observando. O rosto dela foi a primeira coisa que ele viu. Erguendo a cabeça do braço, dolorosamente, no primeiro momento, antes de poder retornar totalmente ao controle e à realidade, ele sentiu um súbito espasmo de raiva, impotência e protesto desesperado, sem se lembrar do que os havia levado até ali, a isso, lembrando-se somente de que ambos estavam presos em algum processo de tortura vasto e lento, e de que ele a amava.

Ela viu isso no rosto dele, antes de ele completar o movimento de endireitar o corpo. Ela se aproximou do marido, ficou em pé perto de sua cadeira, segurou a cabeça dele e deixou que descansasse contra o corpo dela, abraçou-o e ele não resistiu, aconchegado nos braços dela. Dominique beijou o cabelo dele e murmurou:

– Vai ficar tudo bem, Gail, vai ficar tudo bem.



Ao fim de três semanas, Wynand saiu do prédio, certa noite, sem se importar se restaria algo dele quando retornasse, e foi ver Roark.

Não telefonara para o arquiteto desde o início do cerco. Roark telefonara com frequência. Wynand atendia, calmo, apenas respondendo, sem fazer nenhuma declaração, recusando-se a prolongar a conversa. Avisara a Roark, no início:

– Não tente vir aqui. Eu dei ordens. Não o deixarão entrar.

Ele tinha que manter fora de sua mente a forma real que a questão de sua batalha podia tomar, tinha que esquecer a existência física de Roark, porque pensar naquele homem lhe trazia o pensamento da prisão municipal.

Percorreu a pé a longa distância até a Residência Enright. Caminhar tornava a distância maior e mais segura. Uma corrida de táxi faria com que Roark ficasse perto demais do Edifício Banner. Ele mantinha seu olhar direcionado a um ponto dois metros à sua frente, na calçada; não queria olhar para a cidade.

– Boa noite, Gail – disse Roark, sereno, quando ele entrou.

– Não sei qual é a forma mais óbvia de má educação – falou Wynand, atirando seu chapéu sobre uma mesa perto da porta –, dizer as coisas de cara, sem pensar, ou ignorá-las da maneira mais ostensiva. Eu estou com uma aparência horrível. Diga.

– Você está com uma aparência horrível mesmo. Sente-se, descanse e não fale. Já vou lhe preparar um banho quente... Não, você não está parecendo sujo, mas lhe fará bem, para variar. E depois vamos conversar.

Wynand balançou a cabeça e permaneceu em pé perto da porta.

– Howard, o *Banner* não está ajudando você. Está destruindo você. – Levava oito semanas para se preparar para dizer isso.

– É claro – confirmou Roark – E daí?

Wynand se recusava a entrar na sala.

– Gail, para mim não importa. Não estou contando com a opinião pública, de um jeito ou de outro.

– Você quer que eu ceda?

– Eu quero que você resista, mesmo que custe tudo o que você tem.

Roark viu que Wynand entendera, que era o que Wynand havia tentado não enfrentar, e que queria que ele falasse.

– Eu não espero que você me salve. Acho que tenho uma chance de vencer. A greve não tornará a chance melhor nem pior. Não se preocupe comigo. E não ceda. Se aguentar até o fim, você não precisará mais de mim.

Ele viu o olhar de raiva, protesto – e concordância. Acrescentou:

– Você sabe o que estou dizendo. Seremos melhores amigos do que nunca, e

você irá me visitar na prisão, se necessário. Não estremeça e não me faça falar demais. Agora não. Estou contente com essa greve. Eu sabia que algo desse tipo tinha que acontecer, quando vi você pela primeira vez. Você sabia muito antes disso.

– Há dois meses, eu prometi a você... a única promessa que eu queria cumprir...

– Você a está cumprindo.

– Você não quer, realmente, me desprezar? Eu gostaria que você dissesse agora. Vim até aqui para ouvir isso.

– Muito bem. Ouça. Você foi o único encontro em minha vida que nunca poderá ser repetido. Houve Henry Cameron, que morreu por minha causa. E você é dono de tabloides imundos. Mas eu não pude dizer isso a ele, e estou dizendo a você. Há Steve Mallory, que nunca comprometeu a própria alma. E você não fez nada além de vender a sua, de todas as formas conhecidas. Mas eu não pude dizer isso a ele, e estou dizendo a você. É isso o que você sempre quis ouvir de mim? Mas não ceda.

Ele se virou para outro lado e acrescentou:

– Isso é tudo. Não falaremos sobre sua maldita greve de novo. Sente-se, eu vou pegar uma bebida para você. Descanse, trate de se recuperar dessa aparência horrível.

Wynand voltou ao *Banner* tarde da noite. Tomou um táxi. Não importava. Ele não notou a distância.

Dominique disse:

– Você viu Roark

– Sim. Como você sabe?

– Aqui está a composição de domingo. Está bastante malfeita, mas vai ter que servir. Eu mandei Manning para casa por algumas horas, ele estava a ponto de desmaiar. Jackson foi embora, mas nós nos viramos sem ele. A coluna de Alvah estava uma droga... ele não consegue mais nem aplicar as regras gramaticais e escrever corretamente... eu a reescrevi, mas não conte a ele, diga que foi você.

– Vá dormir. Eu substituo o Manning. Posso trabalhar por horas.

Eles prosseguiram, e os dias passavam e, na sala de correspondência, as pilhas de devoluções cresciam, vazando para o corredor, pilhas brancas de jornal que pareciam placas de mármore. Cada vez menos cópias do *Banner* eram produzidas a cada tiragem, mas as pilhas continuavam crescendo. Os dias passavam, dias de esforço heroico para publicar um jornal que voltava sem ter sido comprado e sem ter sido lido.

NO MOGNO LISO COMO VIDRO DA MESA comprida reservada para o conselho de diretores havia um monograma em madeira colorida – *GW* – reproduzido a partir de sua assinatura. Era algo que sempre irritara os diretores. Eles não tinham tempo de notá-lo, agora. Entretanto, ocasionalmente, um olhar caía sobre ele, e era um olhar de prazer.

Os diretores estavam sentados ao redor da mesa. Era a primeira reunião da história do conselho que não fora convocada por Wynand. Porém fora convocada e ele estava presente. A greve estava em seu segundo mês.

Wynand estava em pé junto à sua cadeira, à cabeceira da mesa. Ele parecia um desenho de uma revista de moda masculina, meticulosamente arrumado, com um lenço branco na lapela de seu terno escuro. Os diretores se deram conta de que tinham pensamentos peculiares: alguns pensavam em alfaiates ingleses, outros na Câmara dos Lordes, na Torre de Londres, no rei inglês executado – ou teria sido um chanceler? –, que morrera com tanta dignidade.

Não queriam olhar para o homem diante deles. Contavam com as visões dos piquetes do lado de fora; das mulheres perfumadas e bem-arrumadas que gritavam seu apoio a Ellsworth Toohey nas discussões em salas de visitas; do rosto largo e achatado de uma moça que marchava na Quinta Avenida, segurando um cartaz com a frase “Nós não lemos Wynand”; para dar-lhes apoio e coragem para dizer o que estavam dizendo.

Wynand pensava em um muro em ruínas às margens do Hudson. Ouvia passos se aproximando, a quarteirões de distância. Só que, desta vez, não havia fios em suas mãos para manter seus músculos preparados.

– Passou dos limites do bom senso. Isto é uma empresa ou uma sociedade beneficente para defesa de amigos pessoais?

– Trezentos mil dólares na semana passada... Nem se incomode em perguntar como eu sei, Gail, não é segredo nenhum, o seu banqueiro me disse. Tudo bem, é o seu dinheiro, mas, se espera recuperar essa quantia à custa da empresa, já vou lhe avisando que nós conhecemos os seus truques espertos. Você não vai sobrecarregar a corporação com isso, com nenhum centavo disso, não vai conseguir se safar desta vez. É tarde demais, Gail, a época das suas manobras brilhantes já passou.

Wynand olhava para os lábios carnudos do homem produzindo sons e pensou: *Você dirigiu o Banner desde o início, você não sabia, mas eu sei, era você, era o seu jornal, não há nada para salvar agora.*

– Sim, Slottern e o grupo dele estão dispostos a voltar imediatamente. Só o que pedem é que aceitemos as exigências do sindicato, e eles honrarão o saldo de seus contratos, sob os antigos termos, mesmo sem esperar até que você recupere a circulação, o que não vai ser uma tarefa fácil, meu amigo, acredite, e acho que é bastante correto da parte deles. Eu falei com Homer ontem e ele me deu sua

palavra. Quer que eu mencione as quantias envolvidas, Wynand, ou você já sabe sem a minha ajuda?

– Não, o senador Eldridge não concordaria em recebê-lo... Ah, pare com isso, Gail, nós sabemos que você foi a Washington na semana passada. O que você não sabe é que o senador Eldridge anda dizendo por aí que não quer nem chegar perto disto. E Craig, o líder do partido, de repente teve que ir à Flórida, não foi? Para visitar uma tia doente? Nenhum deles vai ajudá-lo a sair desta, Gail. Isto não é uma negociata para pavimentar uma estrada, nem um pequeno escândalo de ações sem lastro. E você não é mais o que era.

Wynand pensou: *Eu nunca fui nada, nunca estive aqui, por que vocês têm medo de olhar para mim? Não sabem que eu sou o pior entre vocês? As mulheres seminuas do suplemento de domingo, os bebês da seção ilustrada, os editoriais sobre os esquilos do parque, eles eram as expressões de suas almas, o material saído direto de suas almas. Mas onde estava a minha?*

– Eu não consigo, por nada deste mundo, ver nenhum sentido nisto. Se eles estivessem exigindo um aumento de salários, isso eu poderia entender, eu diria vamos lutar contra os desgraçados com tudo o que temos. Mas o que é isto? Uma maldita questão intelectual de algum tipo? Estamos perdendo as roupas do corpo por princípios ou algo assim?

– Você não entende? O *Banner* é uma publicação religiosa, agora. Sr. Gail Wynand, o evangelista. Nós estamos afundando por causa de princípios ou algo parecido?

– Agora, se fosse uma questão real, uma questão política, mas um idiota demolidor que explodiu um depósito de lixo qualquer! Todo mundo está rindo de nós. Honestamente, Wynand, eu tenho tentado ler os seus editoriais e, se quiser a minha opinião sincera, é a pior porcaria que já foi publicada. Parecia que você estava escrevendo para professores universitários!

Wynand pensou: *Eu conheço você. Você é o que daria dinheiro para uma prostituta grávida, mas não para um gênio morrendo de fome... Eu já vi a sua cara... Eu o peguei na rua e o trouxe para cá... “Quando estiverem em dúvida sobre seu trabalho, lembrem-se do rosto daquele homem. Vocês estão escrevendo para ele”... “Mas, Sr. Wynand, não dá para se lembrar do rosto dele.”... Dá sim, criança, dá sim, ele voltará para lembrá-lo... voltará e exigirá o pagamento... e eu vou pagar... Eu assinei um cheque em branco muito tempo atrás e agora ele está sendo cobrado... mas um cheque em branco sempre corresponde à soma de tudo o que você tem.*

– A situação é medieval, uma desgraça para a democracia – choramingou a voz. Era Mitchell Layton falando. – Já é hora de alguém ter alguma voz por aqui. Um homem só dirigindo todos esses jornais como bem entende... O que é isso, o século XIX?

Layton estava fazendo beicinho. Ele olhava para um ponto vago na direção de um banqueiro do outro lado da mesa:

– Alguém aqui alguma vez se incomodou em perguntar sobre as minhas ideias? Eu tenho ideias. Todos nós temos que reunir as nossas ideias. O que quero dizer é trabalho em equipe, uma grande orquestra. Está na hora de este jornal ter uma política moderna, liberal e progressista! Por exemplo, na questão dos meeiros...

– Cale a boca, Mitch – disse Alvah Scarret.

Gotas de suor escorriam pelas têmporas de Scarret. Ele não sabia por quê. Queria que o conselho ganhasse. Mas havia algo na sala... *Está quente demais aqui*, pensou ele, *eu queria que alguém abrisse uma janela*.

– Eu não vou calar a boca! – gritou Layton estridentemente. – Eu sou tão bom quanto...

– Por favor, Sr. Layton – disse o banqueiro.

– Tudo bem – concordou Layton –, tudo bem. Não se esqueça de quem é que tem o maior naco de ações, depois do Super-Homem aqui. – Sacudiu o polegar na direção de Wynand, sem olhar para ele. – Só não se esqueça. Adivinhe só quem vai comandar as coisas por aqui.

– Gail – disse Alvah Scarret, erguendo a cabeça para encarar Wynand, os olhos estranhamente honestos e torturados. – Gail, não adianta. Mas podemos salvar o que sobrou. Olhe, se apenas admitirmos que estávamos errados a respeito de Cortlandt e... e se apenas aceitarmos Harding de volta... ele é um homem de valor, e... talvez o Toohey...

– Ninguém vai mencionar o nome de Toohey nesta discussão – avisou Wynand.

Mitchell Layton abriu a boca e fechou-a novamente.

– É isso, Gail! – gritou Alvah Scarret. – Isso é ótimo! Podemos negociar e fazer uma oferta a eles. Nós invertemos nossa política sobre Cortlandt... isso nós temos que fazer, não para o maldito sindicato, mas temos que recuperar a circulação, Gail... – então vamos lhes oferecer isso e aceitar Harding, Allen e Falk de volta, mas não o To... não o Ellsworth. Nós cedemos e eles cedem. Salva as aparências de todo mundo. É isso, Gail?

Wynand não disse nada.

– Acho que é isso, Sr. Scarret – falou o banqueiro. – Acho que essa é a solução. Afinal de contas, é preciso permitir que o Sr. Wynand mantenha o seu prestígio. Nós podemos sacrificar... um colunista, e manter a paz entre nós.

– Eu não concordo! – berrou Mitchell Layton. – Não concordo de jeito nenhum! Por que deveríamos sacrificar o Sr... um grande liberal, só porque...

– Eu estou com o Sr. Scarret – anunciou o homem que falara dos senadores, e as vozes dos outros o apoiaram. O que havia criticado os editoriais disse, subitamente, em meio ao barulho geral:

– Eu acho que Gail Wynand foi um tremendo de um chefe, afinal de contas! – Havia algo em Mitchell Layton que ele não queria ver. Agora ele estava olhando

para Wynand, buscando proteção. O empresário não o notou.

– Gail? – perguntou Scarret. – Gail, o que você diz?

Não houve resposta.

– Maldição, Wynand! É agora ou nunca! Isto não pode continuar!

– Decida-se ou caia fora!

– Eu compro a sua parte! – gritou Layton. – Quer vender? Quer vender e cair fora de uma vez?

– Pelo amor de Deus, Wynand, não seja tolo.

– Gail, é o *Banner*... – sussurrou Scarret. – É o nosso *Banner*...

– Nós vamos apoiá-lo, Gail, todos nós vamos contribuir, colocaremos o velho jornal de pé outra vez, faremos o que você quiser, você será o chefe... mas, pelo amor de Deus, aja como um chefe agora!

– Silêncio, senhores, silêncio! Wynand, esta é a decisão final: nós invertemos a política sobre Cortlandt, aceitamos Harding, Allen e Falk de volta e salvamos o que sobrou do naufrágio. Sim ou não?

Não houve resposta.

– Wynand, você sabe que ou é isso, ou você tem que fechar o *Banner*. Não pode continuar assim, mesmo se comprasse as partes de todos nós. Ceda ou feche o *Banner*. É melhor você ceder.

Wynand ouviu isso. Ele o ouvira através de todos os discursos. Ouvira isso durante dias, antes da reunião. Sabia melhor do que qualquer homem presente. Fechar o *Banner*.

Viu uma única imagem: o cabeçalho com o novo nome, erguendo-se acima da porta da *Gazette*.

– É melhor você ceder.

Ele deu um passo para trás. Não era um muro o que estava atrás dele. Era apenas a lateral de sua cadeira.

Pensou no momento, em seu quarto, em que quase havia puxado o gatilho. Sabia que o estava puxando agora.

– Está bem – aceitou ele.



É só uma tampinha de garrafa, pensou Wynand, olhando para um ponto brilhante sob seus pés. Uma tampinha de garrafa afundada no asfalto. As ruas e as calçadas de Nova York são cheias de coisas desse tipo – tampinhas de garrafa, alfinetes, buttons de campanhas, correntes; às vezes, joias perdidas. Todas se parecem agora, achatadas, afundadas no chão. Faz com que o asfalto brilhe à noite. O fertilizante de uma cidade. Alguém bebeu a garrafa toda e jogou a tampinha fora. Quantos carros passaram por cima dela? Seria possível resgatá-la, agora? Uma pessoa poderia se ajoelhar, cavar com as próprias mãos e arrancá-la do chão? Eu não tinha nenhum direito de ter esperança de escapar. Não tinha o

direito de me ajoelhar e buscar redenção. Há milhões de anos, quando a Terra estava nascendo, havia seres vivos como eu: mosquitos presos em uma resina que se transformou em âmbar; animais presos no lodo que se transformou em rocha. Eu sou um homem do século XX e me tornei um pedaço de latão no asfalto, para os caminhões de Nova York passarem por cima.

Ele caminhava lentamente, com a gola do casaco levantada. A rua estendia-se à sua frente, vazia, e os prédios adiante eram como livros alinhados em uma estante, reunidos sem ordem, de todos os tamanhos. As esquinas por onde passava levavam a canais escuros; a luz dos postes dava à cidade uma cobertura protetora, mas rachava em alguns pontos. Virou uma esquina quando viu uma luz adiante. Era um objetivo por mais três ou quatro quarteirões.

A luz vinha da vitrine de uma loja de penhores. O estabelecimento estava fechado, mas uma lâmpada muito brilhante estava pendurada ali, para desencorajar saqueadores que pudessem estar reduzidos a recorrer a isso. Ele parou e olhou para ela. Pensou: *A visão mais indecente do mundo, uma vitrine de uma loja de penhores. As coisas que haviam sido sagradas para as pessoas, que haviam sido valiosas, expostas à vista de todos, ao manuseio e à barganha, lixo aos olhos indiferentes de estranhos, a igualdade de uma pilha de entulho, máquinhas de escrever e violinos – os instrumentos de sonhos –, velhas fotografias e alianças de casamento – os símbolos de amor –, misturados a calças sujas, bules de café, cinzeiros, estatuetas pornográficas de gesso; o refugio do desespero, empenhados, não vendidos, não separados definitivamente para uma finalidade digna, mas empenhados a uma esperança morta ao nascer, sem chance de jamais serem recuperados.*

– Olá, Gail Wynand – disse ele aos objetos na vitrine, e continuou andando.

Sentiu uma grade de ferro sob seus pés e um odor atingiu-o no rosto, o odor de poeira, suor e roupa suja, pior do que o cheiro de estábulos, porque tinha um caráter familiar e normal, como a decomposição que se torna rotina. As saídas de ar do metrô. Ele pensou: *Este é o resíduo de muitas pessoas aglomeradas, corpos humanos comprimidos em uma massa, sem espaço para se mexer, sem ar para respirar. Esta é a soma, embora lá embaixo, no meio da carne comprimida, seja possível encontrar o cheiro de vestidos brancos engomados, de cabelos limpos, de pele jovem e saudável. Tal é a natureza das somas e das buscas pelo menor denominador comum. Então qual é o resíduo de muitas mentes humanas reunidas, não arejadas, não espaçadas, não diferenciadas? O Banner, pensou, e continuou andando.*

A minha cidade, pensou ele, a cidade que eu ameï, a cidade que eu pensei que dominava.

Ele saïra da reunião do conselho. Dissera:

– Assuma, Alvah, até eu voltar.

Não parara para ver Manning bêbado de exaustão, na redação das notícias locais, nem as pessoas na sala de redação, ainda funcionando, esperando, sabendo o que estava sendo decidido na sala do conselho, nem para ver

Dominique. Scarret contaria a eles. Wynand saíra do prédio, fora à sua cobertura e sentara-se sozinho no quarto sem janelas. Ninguém foi até lá incomodá-lo.

Quando deixou o local, já era seguro sair: estava escuro. Passou por uma banca e viu edições dos jornais da tarde, anunciando o acordo entre ele e os grevistas. O sindicato havia aceitado a concessão proposta por Scarret. Ele sabia que o homem cuidaria de todo o resto. Scarret mandaria refazer a chapa da primeira página do *Banner* do dia seguinte e escreveria o editorial que apareceria na primeira página. Ele pensou: *As rotativas estão imprimindo neste momento. O Banner de amanhã de manhã estará nas ruas dentro de uma hora.*

Ele caminhava sem rumo certo. Não possuía nada, mas era possuído por qualquer parte da cidade. Era correto que agora ela direcionasse seu caminho e que ele desse ser movido pela atração vinda de esquinas ao acaso. *Aqui estou eu, meus mestres, venho para saudá-los e reconhecê-los, onde quer que me queiram, eu irei conforme me mandarem. Eu sou o homem que queria o poder.*

A mulher sentada na escada diante de uma casa velha de arenito castanho, com os joelhos gordos separados; o homem empurrando sua barriga branca para fora de um táxi, na frente de um grande hotel; o homenzinho bebendo um refrigerante no balcão de uma drogaria; a mulher apoiada em um colchão manchado, sobre o peitoril da janela de um cortiço; o motorista de táxi estacionado em uma esquina; a dama com as orquídeas, bêbada à mesa de um café na calçada; a mulher desdentada vendendo goma de mascar; o homem em mangas de camisa, encostado na porta de um salão de bilhar – eles são os meus mestres. Meus donos, meus governantes sem rosto.

Fique parado aqui, pensou ele, e conte as janelas iluminadas de uma cidade. Você não consegue. Porém, atrás de cada retângulo amarelo que se ergue, um acima do outro, até o céu, sob cada lâmpada, até ali embaixo – está vendo aquela faísca sobre o rio, que não é uma estrela? –, há pessoas que você nunca verá e que são seus mestres. Às mesas de jantar, nas salas de visitas, em suas camas e em seus porões, em seus escritórios e em seus banheiros. Circulando no metrô, sob seus pés. Subindo em elevadores, dentro de fendas verticais ao seu redor. Passando, aos solavancos, diante de você, em cada ônibus. Seus mestres, Gail Wynand. Há uma rede – mais longa do que os cabos que se desenrolam, espiralados, por dentro das paredes desta cidade, maior do que o labirinto de canos que levam água, gás e esgoto –, há outra rede, escondida, ao seu redor. Você está preso a ela, e os fios conduzem a cada mão na cidade. Eles movimentaram os fios e você se mexeu. Você era um governante de homens. Você tinha uma correia. Uma correia é apenas uma corda com um laço nas duas pontas.

Meus mestres, os anônimos, os não escolhidos. Eles me deram uma cobertura, um escritório, um iate. Para eles, para qualquer um deles que desejasse, pela soma de três centavos, eu vendi Howard Roark.

Ele passou diante de uma praça de mármore, uma caverna escavada profundamente em um prédio, cheia de luz, jorrando o súbito vento frio de ar condicionado. Era um cinema, e a marquise tinha letras em forma de arco-íris:

Romeu e Julieta. Havia um cartaz ao lado da coluna de vidro da bilheteria: “O clássico imortal de William Shakespeare! Mas não há nada de sofisticado nele! Apenas uma simples história de amor. Um rapaz do Bronx conhece uma garota do Brooklyn. Exatamente como os nossos vizinhos. Exatamente como você e eu.”

Passou diante da porta de um bar. Havia um cheiro de cerveja choca. Uma mulher estava encurvada, com os seios achatados sobre o tampo de uma mesa. Uma vitrola tocava a *Canção da estrela da tarde*, de Wagner, adaptada, em ritmo de swing.

Ele viu as árvores do Central Park. Caminhou, de olhos baixos. Estava passando pelo Hotel Aquitânia.

Chegou a uma esquina. Havia escapado de outras esquinas como ela, mas esta o reteve. Era mal iluminada, uma fatia de calçada presa entre a parede de uma garagem fechada e os pilares de uma estação de metrô suspensa. Ele viu a traseira de um caminhão desaparecendo rua abaixo. Não vira o nome nele, mas sabia que caminhão era. Havia uma banca de jornal encaixada abaixo dos degraus de ferro da estação suspensa. Ele moveu os olhos lentamente. A pilha fresca estava lá, exposta para ele. O *Banner* do dia seguinte.

Ele não se aproximou. Ficou parado, esperando. Pensou: *Eu ainda tenho alguns minutos para passar sem saber*.

Viu pessoas sem rosto parando na banca, uma após outra. Elas foram comprar outros jornais, mas também compraram o *Banner* quando notaram a primeira página. Ele ficou encostado à parede, esperando. Pensou: *É apropriado que eu seja o último a saber o que foi que eu disse*.

Então não pôde adiar mais: não apareceu mais nenhum freguês, a banca ficou deserta, jornais espalhados sob a luz amarela de uma lâmpada, esperando por ele. Não via nenhum vendedor na barraca negra a não ser pela lâmpada. A rua estava vazia, um longo corredor preenchido pelo esqueleto da estação suspensa. Uma rua de pedras, paredes manchadas, pilares de ferro entrelaçados. Havia janelas iluminadas, mas davam a impressão de não haver ninguém se movendo atrás das paredes. Um trem passou com estrondo acima de sua cabeça, a passagem longa de um som estridente que prosseguiu pelos pilares trêmulos, até penetrar na terra. Parecia um aglomerado de metal correndo através da noite sem um condutor humano.

Ele esperou até que o som morresse e então se aproximou da banca.

– O *Banner* – pediu.

Não viu quem lhe vendeu o jornal, se era homem ou mulher. Viu apenas uma mão marrom envelhecida empurrando o exemplar em sua direção.

Começou a se afastar, mas parou enquanto atravessava a rua. Havia uma fotografia de Roark na primeira página. Era uma boa foto. O rosto calmo, as maçãs do rosto salientes, a boca implacável. Leu o editorial, encostado em uma pilastra da estação suspensa.

“Sempre nos esforçamos para dar aos nossos leitores a verdade, sem medo nem preconceito...

“... uma consideração caridosa e o benefício da dúvida até mesmo para um homem acusado de um crime ultrajante...

“... mas, após uma investigação escrupulosa e à luz de novos indícios que nos foram apresentados, nós nos vemos obrigados a honestamente admitir que talvez tenhamos sido brandos demais...

“... Uma sociedade que despertou para um novo senso de responsabilidade com relação aos desprivilegiados...

“... Nós nos unimos à voz da opinião pública...

“... O passado, a carreira, a personalidade de Howard Roark parecem apoiar a impressão generalizada de que ele é uma pessoa execrável, um tipo de homem perigoso, sem princípios eantissocial...

“... Se for considerado culpado, como parece inevitável, Howard Roark deve ser obrigado a sofrer a pena mais pesada que a lei possa lhe impor.” Assinado: “Gail Wynand”.

Quando ergueu os olhos, ele estava em uma rua brilhantemente iluminada, em uma calçada elegante, olhando para um manequim de cera primorosamente contorcido sobre uma chaise longue de seda, em uma vitrine. O manequim usava um robe fino cor de salmão e sandálias de acrílico e tinha um colar de pérolas pendurado em um dedo erguido.

Ele não sabia quando havia largado o jornal. Já não estava mais em suas mãos. Olhou para trás. Seria impossível achar um jornal jogado fora, em alguma rua na qual ele não sabia que havia passado. Pensou: *Para quê? Há outros jornais como ele. A cidade está cheia deles.*

Você foi o único encontro em minha vida que nunca poderá ser repetido...

Howard, eu escrevi esse editorial há quarenta anos. Eu o escrevi uma noite quando tinha 16 anos e estava no telhado de um cortiço.

Continuou caminhando. Outra rua surgiu diante dele, um corte súbito de um vazio comprido e uma corrente de semáforos verdes pendurados, enfileirados até o horizonte. Como um rosário sem fim. Ele pensou: *Agora, ande de uma conta verde à outra... Estas não são as palavras.* Mas as palavras continuavam soando com seus passos: *mea culpa... mea culpa... mea maxima culpa.*

Passou por uma janela na qual havia sapatos velhos, corroídos pelo uso; passou diante da porta de uma missão, com uma cruz acima dela; diante de um pôster rasgado de um candidato político que havia concorrido dois anos antes; diante de uma mercearia com barracas de verduras em decomposição, sobre a calçada. As ruas estavam se contraindo, as paredes se aproximando. Ele sentia o cheiro do rio, e havia chumaços de neblina acima das luzes esparsas.

Ele estava em Hell's Kitchen.

As fachadas dos prédios ao seu redor eram como as paredes de quintais secretos subitamente expostos; deterioração sem pudor, além da necessidade de

privacidade ou vergonha. Ele ouviu gritos vindos de um bar em uma esquina; não pôde distinguir se era alegria ou briga.

Ficou parado no meio de uma rua. Olhou lentamente para a abertura de cada rachadura escura, para as paredes estriadas, para as janelas, para os telhados.

Eu nunca saí daqui.

Nunca saí. Eu me rendi ao merceiro, aos marujos na balsa, ao dono do salão de bilhar. Você não dá ordens aqui. Você não dá ordens aqui. Você nunca deu ordens em lugar nenhum, Gail Wynand. Você só se juntou às coisas às quais eles davam ordens.

Então olhou para cima, para o outro lado da cidade, para as formas dos grandes arranha-céus. Viu uma fileira de luzes elevando-se sem apoio em um espaço negro, um pináculo cintilante ancorado a nada, um quadrado pequeno e brilhante pendurado, solto, no céu. Conhecia os edifícios famosos aos quais eles pertenciam, podia reconstruir suas formas no espaço. Pensou: *Vocês são meus juizes e testemunhas. Vocês se alçam, desimpedidos, acima dos telhados em ruínas. Vocês projetam sua tensão elegante até as estrelas, para fora do frouxo, do cansado, do acidental. Os olhos que estão a um quilômetro de distância, no oceano, não verão nada disso, e nada disso importará, mas vocês serão a presença e a cidade. Assim como, através dos séculos, uns poucos homens se postam, em retidão solitária, para que possamos olhar e dizer: há uma raça humana por trás de nós. Não se pode escapar de vocês; as ruas mudam, mas é só olhar para cima e lá estão vocês, inalterados. Vocês me viram andando pelas ruas, esta noite. Viram todos os meus passos e todos os meus anos. Foi a vocês que eu traí. Pois eu nasci para ser um de vocês.*

Continuou caminhando. Era tarde. Círculos de luz jaziam imperturbados sobre as calçadas vazias, sob os postes. Ouviam-se buzinas de táxis de vez em quando, como campainhas ressoando através dos corredores de um interior vazio. Ele passava por jornais que haviam sido jogados fora: nas calçadas, nos bancos de parque, nas latas de lixo de metal trançado das esquinas. Muitos deles eram o *Banner*. Muitos exemplares do *Banner* haviam sido lidos na cidade, esta noite. Ele pensou: *Estamos recuperando a circulação, Alvah.*

Parou. Viu um jornal aberto sobre a sarjeta diante dele, com a primeira página virada para cima. Era o *Banner*. Viu a fotografia de Roark. Viu a pegada cinza do salto de uma sola de borracha sobre o rosto de Roark.

Ele se agachou, o corpo se dobrando lentamente, com os dois joelhos, os dois braços, e pegou o jornal. Dobrou a primeira página e colocou-a no bolso. Continuou andando.

Uma sola de borracha de um sapato desconhecido, em algum lugar da cidade, em um pé desconhecido que eu pus em movimento.

Eu pus todos eles. Eu criei cada um daqueles que me destruíram. Há uma fera solta na Terra, barrada com segurança por sua própria impotência. Eu rompi a barreira. Eles teriam permanecido impotentes. Não podem produzir nada. Eu lhes dei a arma. Eu lhes dei a minha força, a minha energia, o meu poder vivo. Eu criei

uma grande voz e deixei que eles ditassem as palavras. A mulher que jogou as folhas de beterraba na minha cara tinha o direito de fazê-lo. Eu tornei isso possível para ela.

Qualquer coisa pode ser traída, qualquer um pode ser perdoado. Mas não aqueles que não têm a coragem de sua própria grandeza. Alvah Scarret pode ser perdoado. Ele não tinha nada para trair. Mitchell Layton pode ser perdoado. Mas eu não. Eu não nasci para ser um homem que vive à custa dos outros.

ERA UM DIA DE VERÃO, SEM NUVENS E FRESCO, como se o sol estivesse sendo filtrado por uma camada invisível de água, e a energia do calor houvesse sido transformada em uma claridade mais nítida, um brilho acrescentado ao contorno dos prédios da cidade. Nas ruas, esparramadas como restos de espuma cinza, havia uma grande quantidade de exemplares do *Banner*. A cidade leu, dando risada, a declaração de rendição de Wynand.

– É isso mesmo – disse Gus Webb, presidente do Comitê “Nós não lemos Wynand”.

– É bem feito – falou Ike.

– Eu gostaria de dar uma olhadinha, só uma olhadinha, na cara do grande Gail Wynand hoje – comentou Sally Brent.

– Já não era sem tempo – disse Homer Slottern.

– Não é esplêndido? Wynand se rendeu – declarou uma mulher taciturna. Ela sabia pouco sobre Wynand e nada sobre o assunto, mas gostava de ouvir falar em pessoas se rendendo.

Em uma cozinha, depois do jantar, uma mulher obesa raspou os restos de comida dos pratos sobre uma folha de jornal. Ela nunca lia a primeira página, somente os capítulos de um romance seriado no segundo caderno. Ela embrulhou cascas de cebola e ossos de costeleta de cordeiro em um exemplar do *Banner*.

– É maravilhoso – disse Lancelot Clokey –, mas eu estou realmente furioso com esse sindicato, Ellsworth. Como puderam trai-lo dessa forma?

– Não seja tolo, Lance – repreendeu Ellsworth Toohey.

– Como assim?

– Eu disse a eles que aceitassem as condições.

– Você disse?

– Sim.

– Mas, Deus do céu! “Uma Pequena Voz”...

– Você pode esperar pela coluna “Uma Pequena Voz” por mais um mês ou dois, não pode? Eu entrei com um processo junto ao conselho trabalhista, hoje, para ser reintegrado ao meu emprego no *Banner*. Há mais de uma maneira de esfolar um gato, Lance. O modo de esfolar não importa, uma vez que você já quebrou a espinha dele.

Naquela noite, Roark tocou a campainha da cobertura de Wynand. O mordomo abriu a porta e disse:

– O Sr. Wynand não pode recebê-lo, Sr. Roark.

Da calçada, no outro lado da rua, Roark olhou para cima e viu um quadrado de luz muito acima dos telhados, na janela da biblioteca de Wynand.

De manhã, Roark foi ao escritório de Wynand no Edifício *Banner*. A secretária dele lhe disse:

– O Sr. Wynand não pode recebê-lo, Sr. Roark.

Ela acrescentou, com voz educada, disciplinada:

– O Sr. Wynand pediu que eu lhe dissesse que ele não quer vê-lo nunca mais.

Roark escreveu-lhe uma longa carta: “... Gail, eu sei. Eu tive esperança de que você pudesse escapar, mas, já que teve que acontecer, recomece de onde você está. Eu sei o que você está fazendo consigo mesmo. Você não está fazendo por mim, não cabe a mim, mas, se isto o ajudar, eu quero dizer que estou repetindo, agora, tudo o que eu já lhe disse. Nada mudou para mim. Você ainda é o que era. Não estou dizendo que o perdoo, porque não pode haver uma questão desse tipo entre nós. Mas, se você não pode perdoar a si mesmo, por favor, deixe que eu faça isso. Deixe-me dizer que não importa, não é o veredicto final sobre você. Dê-me o direito de deixar que você esqueça isso. Prossiga somente com base na minha fé, até que você se recupere. Eu sei que é algo que nenhum homem pode fazer por outro, mas, se eu for o que fui para você, Gail, você aceitará. Chame isso de uma transfusão de sangue. Você precisa de uma. Aceite-a. É mais difícil do que lutar contra aquela greve. Faça-o por mim, se isso o ajudar. Mas faça. Volte. Haverá outra chance. O que você acha que perdeu não pode ser perdido nem encontrado. Não deixe que isso morra.”

A carta foi devolvida a Roark, sem ter sido aberta.

Alvah Scarret dirigia o *Banner*. Wynand sentava-se em sua sala. Ele havia tirado a fotografia de Roark da parede. Cuidava dos contratos de publicidade, das despesas, das contas. Scarret cuidava da política editorial. Wynand não lia o conteúdo do jornal.

Quando Wynand aparecia em qualquer departamento do prédio, os funcionários lhe obedeciam como costumavam fazer antes. Ele ainda era uma máquina e eles sabiam que era uma máquina mais perigosa que nunca: um carro correndo ladeira abaixo, sem motor nem freios.

Ele dormia em sua cobertura. Não havia visto Dominique. Scarret lhe contara que ela voltara para o campo. Certa vez, Wynand mandou sua secretária telefonar para Connecticut. Ele ficou em pé ao lado da escrivãzinha dela enquanto ela perguntava ao mordomo se a Sra. Wynand estava em casa. O homem respondeu que sim. A secretária desligou e Wynand voltou para sua sala.

Ele pensou que daria a si mesmo alguns dias. Depois voltaria para Dominique. O casamento deles seria o que ela havia desejado que fosse, no início: “Sra. Jornais Wynand”. Ele aceitaria.

Espera, pensou ele, com uma impaciência angustiante, espera. Deve aprender a encará-la como você é agora. Treine para ser um mendigo. Não deve haver nenhuma pretensão sobre coisas às quais você não tem nenhum direito. Nenhuma igualdade, nenhuma resistência, nenhum orgulho em confrontar a força dela com a sua. Somente aceitação, agora. Coloque-se diante dela como um homem que não pode lhe dar nada, que viverá daquilo que ela decidir lhe conceder. Será desprezo, mas virá dela, e será um vínculo. Mostre-lhe que você reconhece isso.

Há um tipo de dignidade em renunciar à dignidade, de forma abertamente admitida. Aprenda como se faz. Espere... Ele estava sentado no escritório de sua cobertura, com a cabeça apoiada no braço da cadeira. Não havia testemunhas nas salas vazias ao seu redor... *Dominique*, pensou ele, *eu não alegarei nada, a não ser que preciso demais de você. E que eu amo você. Eu lhe disse uma vez que não leve esse assunto em consideração. Agora usarei isso como uma caneca de esmolas. Mas vou usá-lo. Eu amo você...*



Dominique estava deitada na margem do lago. Ela olhou para a casa na colina, para os galhos das árvores acima dela. Deitada de costas, com as mãos cruzadas sob a nuca, ela observava o movimento das folhas contra o céu. Era uma atividade intensa, que lhe dava satisfação total. Ela pensou: *É um tipo de verde adorável, há uma diferença entre a cor das plantas e a cor dos objetos, essa cor tem luz dentro dela, não é apenas verde, mas também a força da vida da árvore que se faz visível. Eu não preciso olhar para baixo, posso ver os galhos, o tronco, as raízes, apenas olhando para essa cor. Aquele fogo ao redor das bordas é o sol, não tenho que vê-lo, eu sei qual é a aparência de todo o campo hoje. Os pontos de luz entrelaçando-se em círculos; isto é o lago, o tipo especial de luz que vem refratada da água. O lago está lindo hoje, e é melhor não vê-lo, apenas adivinhar por meio desses pontos. Eu nunca pude desfrutar disso antes, da visão da Terra, é um cenário tão esplêndido, mas não tem nenhum significado, a não ser como tal, e eu pensava naqueles que a possuíam e isso me magoava demais. Eu posso amá-la agora. Eles não a possuem. Não possuem nada. Nunca possuíram. Eu vi a vida de Gail Wynand e agora eu sei. Não se pode odiar a Terra em nome deles. A Terra é linda. É um cenário, mas não o deles.*

Ela sabia o que tinha que fazer. Porém daria a si mesma alguns dias. Pensou: *Eu aprendi a aguentar qualquer coisa, exceto a felicidade. Tenho que aprender a suportá-la. Como não quebrar sob sua presença. É a única disciplina de que precisarei, a partir de agora.*



Roarke estava junto à janela de sua casa no Vale Monadnock. Ele havia alugado a casa para o verão. Ia até lá quando queria solidão e descanso. Era uma noite tranquila. A janela se abria para uma pequena saliência na colina, emoldurada por árvores suspensas contra o céu. Uma faixa de luz do crepúsculo estendia-se acima dos cumes escuros das árvores. Ele sabia que havia casas mais abaixo, mas elas não podiam ser vistas. Estava tão grato quanto qualquer outro ocupante pela maneira como havia construído esse lugar. Ouvia o som de um carro se aproximando, subindo a estrada do outro lado. Ficou escutando, surpreso. Não esperava nenhuma visita. O carro parou. Ele foi abrir a porta. Não sentiu

nenhuma surpresa ao ver Dominique.

Ela entrou como se houvesse saído dessa casa meia hora antes. Estava sem chapéu, sem meias-calças, usava apenas sandálias e um vestido feito para estradas do interior, justo, de linho azul-escuro e mangas curtas, como um avental de jardinagem. Não tinha a aparência de quem havia dirigido através de três estados, mas de quem voltava de uma caminhada pela colina. Ele sabia que essa seria a solenidade do momento – o fato de não precisar de nenhuma ocasião solene. Não era para ser enfatizado e colocado à parte, não era essa noite em particular, mas o significado completo dos últimos sete anos deles.

– Howard.

Ele ficou parado, como se estivesse olhando para o som de seu nome na sala. Ele tinha tudo o que havia desejado.

Entretanto, havia um pensamento que permanecia como dor, até mesmo agora. Ele disse:

– Dominique, espere até ele se recuperar.

– Você sabe que ele não vai se recuperar.

– Tenha um pouco de pena dele.

– Não fale a língua deles.

– Ele não teve escolha.

– Ele poderia ter fechado o jornal.

– Era a vida dele.

– Esta é a minha.

Ele não sabia que Wynand certa vez dissera que todo amor faz exceções; e Wynand não saberia que Roark o havia amado o suficiente para fazer a maior exceção de sua vida, um momento em que ele tentara fazer uma concessão. E então, ele soube que era inútil, como todos os sacrifícios. O que ele disse foi sua assinatura abaixo da decisão dela:

– Eu te amo.

Ela olhou ao redor da sala, para deixar que a realidade trivial de paredes e cadeiras a ajudasse a manter a disciplina que estivera aprendendo para esse momento. As paredes que ele havia projetado, as cadeiras que ele usava, um maço dos cigarros dele sobre a mesa, as necessidades rotineiras da vida que podiam adquirir esplendor quando a vida se tornava o que era agora.

– Howard, eu sei o que você pretende fazer no julgamento. Portanto, não fará nenhuma diferença se souberem a verdade sobre nós.

– Não fará nenhuma diferença.

– Quando você me procurou, naquela noite, e me falou sobre Cortlandt, eu não tentei impedir. Eu sabia que você tinha que fazer aquilo, era o seu momento de estabelecer as condições sob as quais você poderia prosseguir. Este é o meu momento. A minha explosão de Cortlandt. Você tem que me deixar fazê-lo do meu jeito. Não me questione. Não me proteja. Não importa o que eu faça.

- Eu sei o que você vai fazer.
- Sabe que tenho que fazer isso?
- Sei.

Ela ergueu um dos antebraços, com os dedos levantados, em um impulso curto para trás, como se estivesse atirando o assunto por cima de seu próprio ombro. Estava resolvido e não era para ser discutido.

Virou-se para o outro lado e atravessou a sala, para deixar que a naturalidade despreocupada de seus passos transformasse essa casa em seu lar, para afirmar que a presença dele seria a regra de todos os seus dias futuros e que ela não tinha nenhuma necessidade de fazer o que mais queria nesse momento: ficar em pé, ali, e olhar para ele. Ela também sabia o que estava adiando, porque não estava pronta e nunca estaria. Esticou a mão para alcançar o maço de cigarros dele sobre a mesa.

Os dedos dele se fecharam ao redor de seu pulso, e ele puxou sua mão para trás. Ele a virou, fazendo com que Dominique ficasse de frente para ele, e então a abraçou, sua boca sobre a dela. Ela sabia que todos os momentos daqueles sete anos em que ela quisera isso e bloqueara a dor, e pensara que havia vencido, não faziam parte do passado, nunca foram interrompidos, continuaram vivendo, armazenados, acrescentando desejo ao desejo, e agora ela tinha que sentir tudo, o toque do corpo dele, a resposta e a espera juntas.

Ela não sabia se sua disciplina havia ajudado. *Não muito*, pensou ela, porque viu que ele a erguera em seus braços, carregara-a até uma cadeira e sentara-se, mantendo-a sobre seus joelhos. Ele estava rindo em silêncio, como teria rido de uma criança, mas a firmeza das mãos dele segurando-a demonstrava preocupação e uma espécie de cautela tranquilizadora. Então pareceu simples; ela não tinha nada a esconder dele e murmurou:

- Sim, Howard... tanto assim...

E ele disse:

- Foi muito difícil para mim... todos esses anos.

E os anos terminaram.

Ela escorregou até sentar-se no chão, com os cotovelos apoiados nos joelhos dele, ergueu os olhos para ele e sorriu. Sabia que não poderia ter alcançado essa serenidade transparente a não ser como a soma de todas as cores, de toda a violência que ela havia conhecido.

– Howard... de livre e espontânea vontade, completamente e sempre... sem reservas, sem medo de nada que eles possam fazer com você ou comigo... de qualquer forma que você desejar... como sua esposa ou sua amante, secreta ou abertamente... aqui ou em um quarto mobiliado que eu arranje em alguma cidade perto de uma prisão, onde eu o verei através de uma tela de arame... não importará... Howard, se você vencer no julgamento, até isso não importará muito. Você já venceu há muito tempo... Eu continuarei sendo o que sou e

permanecerei com você, agora e para sempre, de qualquer maneira que você quiser...

Roark envolveu as mãos dela nas dele, ela viu os ombros dele abaixando-se até ela, viu-o sem ação, rendido a esse momento, como ela estava – e ela sabia que até a dor pode ser confessada, mas confessar a felicidade é mostrar-se nu, entregue à testemunha, porém cada um deles podia deixar que o outro visse sua felicidade sem necessidade de proteção. Estava escurecendo, a sala desapareceu, restavam apenas a janela e os ombros dele contra o céu na janela.

Ela acordou com o sol em seus olhos. Estava deitada de costas, olhando para o teto como havia olhado para as folhas. Não queria se mover, apenas adivinhar através dos sinais, ver tudo através da intensidade maior do significado. Os triângulos entrecortados de luz sobre o desenho angular dos ladrilhos de plástico do teto indicavam que era de manhã e que esse era um quarto em Monadnock, com a geometria de fogo e de estrutura acima dela desenhada por ele. O fogo era branco, o que significava que era bem cedo e que os raios chegavam através do ar puro do campo, sem nada em nenhuma parte do espaço entre esse quarto e o sol. A sensação do cobertor, pesado e íntimo sobre seu corpo nu, era tudo o que fora a noite passada. E a pele que ela sentia encostada em seu braço era Roark adormecido ao seu lado.

Ela se levantou da cama. Ficou junto à janela, com os braços erguidos, apoiados um de cada lado da esquadria. Ela pensou que, se olhasse para trás, não veria nenhuma sombra de seu corpo no chão, sentia-se como se a luz do sol atravessasse seu corpo, porque ele não tinha nenhum peso.

Porém tinha que se apressar, antes que ele acordasse. Encontrou o pijama dele em uma gaveta da cômoda e vestiu-o. Foi até a sala, fechando a porta cuidadosamente atrás de si. Pegou o telefone e pediu que a conectassem com a delegacia mais próxima.

– Aqui fala a Sra. Gail Wynand – disse ela. – Estou falando da casa do Sr. Howard Roark, no Vale Monadnock. Eu quero registrar uma queixa, pois o meu anel de safira-estrela foi roubado, aqui, ontem à noite... Por volta de cinco mil dólares... Foi um presente do Sr. Roark.. Vocês podem estar aqui dentro de uma hora?... Obrigada.

Foi até a cozinha, fez café e ficou observando o brilho da espiral elétrica sob o bule de café, pensando que era a luz mais linda do mundo.

Arrumou a mesa perto da janela grande, na sala. Ele saiu do quarto, vestido apenas com um roupão, e riu ao vê-la vestindo o seu pijama. Ela disse:

– Não se vista. Sente-se. Vamos tomar o café da manhã.

Estavam terminando quando ouviram o som do carro parando do lado de fora. Ela sorriu e foi abrir a porta.

Havia um xerife, um assistente e dois repórteres de jornais locais.

– Bom dia – disse Dominique. – Podem entrar.

– Sra... Wynand? – perguntou o xerife.

– Isso mesmo. Sra. Gail Wynand. Entrem. Sentem-se.

Envolta nas dobras ridículas do pijama, com o tecido escuro avolumando-se por cima de um cordão amarrado bem apertado, as mangas cobrindo as pontas de seus dedos, ela preservava toda a elegância controlada de quando usava seu melhor vestido de anfitriã. Era a única que parecia não ver nada de incomum na situação.

O xerife segurava um caderno de anotações como se não soubesse o que fazer com ele. Ela ajudou-o a encontrar as perguntas certas e respondeu-as com precisão, como uma boa jornalista.

– Era um anel de safira-estrela montada em platina. Eu o tirei e deixei aqui, sobre esta mesa, perto da minha bolsa, antes de ir me deitar... Foi mais ou menos às dez horas, na noite passada... Quando me levantei, agora de manhã, havia desaparecido... Sim, esta janela estava aberta... Não, nós não ouvimos nada... Não, não tinha seguro, eu ainda não havia tido tempo, o Sr. Roark me deu o anel recentemente... Não, não havia criados aqui e nenhum outro hóspede... Sim, por favor, façam uma busca na casa... Sala, quarto, banheiro e cozinha... Sim, claro, os senhores também podem olhar. São da imprensa, suponho. Querem me fazer alguma pergunta?

Não havia nenhuma pergunta a fazer. A reportagem estava completa. Os repórteres nunca tinham visto uma história dessa natureza, oferecida dessa maneira.

Ela tentou não olhar para Roark depois da primeira vez que viu, de relance, o rosto dele. Porém ele cumpriu o prometido. Não tentou detê-la nem protegê-la. Quando lhe fizeram perguntas, ele respondeu o suficiente para apoiar as declarações dela.

Depois os homens foram embora. Pareciam estar contentes em partir. Até o xerife sabia que não teria que conduzir uma busca por aquele anel.

Dominique disse:

– Desculpe. Eu sei que foi terrível para você, mas era a única maneira de fazer com que aparecesse nos jornais.

– Você deveria ter me dito qual das suas safiras-estrela eu lhe dei.

– Eu nunca tive nenhuma. Não gosto delas.

– Esse foi um trabalho explosivo mais completo do que Cortlandt.

– Sim. Agora, esta explosão vai atirar Gail com tudo para o lado ao qual ele pertence. Então ele acha que você é um “tipo de homem sem princípios e antissocial”? Agora ele que veja o *Banner* falando mal de mim também. Por que ele deveria ser poupado disso? Desculpe, Howard, eu não tenho o mesmo sentimento de compaixão que você. Eu li aquele editorial. Não faça nenhum comentário sobre isso. Não diga nada sobre autossacrifício ou vou perder a cabeça e... e não sou tão forte quanto aquele xerife provavelmente está

pensando. Eu não fiz isso por você. Tornei as coisas piores para você, acrescente um escândalo a tudo o mais que eles vão atirar em você. Mas, Howard, agora nós estamos juntos, lado a lado, contra todos eles. Você será um condenado e eu serei uma adúltera. Howard, você lembra que eu tinha medo de compartilhar você com vagões-lanchonete e janelas de estranhos? Agora eu não tenho medo de ver a noite passada exposta nos jornais deles. Meu amor, você entende por que estou feliz e por que estou livre?

Ele disse:

– Eu nunca a farei lembrar, depois, que você está chorando, Dominique.



A reportagem, incluindo o pijama, o roupão, a mesa do café da manhã e a única cama apareceu em todos os jornais da tarde de Nova York naquele dia.

Alvah Scarret entrou na sala de Wynand e atirou um jornal sobre a escrivanhinha. Scarret nunca havia descoberto, até agora, quanto amava Wynand e estava tão magoado que só conseguia expressar isso com um tratamento abusivo e furioso. Disse, engolindo em seco:

– Maldito seja você, seu grande idiota! Bem feito para você! É bem feito e eu fico contente, maldita seja a sua alma estúpida! O que vamos fazer agora?

Wynand leu a reportagem e ficou olhando para o jornal. Scarret ficou em pé diante da escrivanhinha. Não acontecia nada. Era somente uma sala, um homem estava sentado a uma escrivanhinha, segurando um jornal. Ele viu as mãos de Wynand, uma de cada lado da folha, imóveis. *Não*, pensou ele, *normalmente um homem não seria capaz de manter as mãos assim, erguidas e sem apoio, sem nenhum tremor.*

Wynand levantou a cabeça. Scarret não pôde descobrir nada em seus olhos, exceto um tipo de leve perplexidade, como se o empresário estivesse se perguntando o que ele estava fazendo ali. Então, aterrorizado, Scarret sussurrou:

– Gail, o que vamos fazer?

– Vamos publicar – respondeu Wynand. – É notícia.

– Mas... como?

– Da maneira que você quiser.

Scarret foi com tudo, porque sabia que era agora ou nunca, ele não teria coragem de tentar isso de novo. E porque estava encurralado ali, com medo de se afastar em direção à porta:

– Gail, você tem que se divorciar dela.

Ele se deu conta de que ainda estava em pé ali e continuou, sem olhar para Wynand, gritando para conseguir falar:

– Gail, você não tem escolha agora! Você tem que salvar o que resta da sua reputação! Tem que se divorciar dela e é você quem tem que entrar com o

pedido!

– Está bem.

– Você vai fazer isso? Imediatamente? Vai deixar Paul dar entrada nos papéis agora mesmo?

– Sim.

Scarret saiu correndo da sala. Disparou até sua própria sala, bateu a porta, agarrou o telefone e ligou para o advogado de Wynand. Explicou e ficou repetindo:

– Pare tudo e entre com o pedido agora, Paul, já, hoje, depressa, antes que ele mude de ideia!



Wynand foi para sua casa de campo. Dominique estava lá, esperando por ele.

Ela se levantou quando ele entrou em seu quarto. Ela deu um passo à frente, para que não houvesse móveis entre eles. Queria que ele visse todo o seu corpo. Ele ficou em pé, do outro lado do espaço vazio, e olhou para a mulher como se estivesse observando a ambos ao mesmo tempo, um espectador imparcial que via Dominique e um homem encarando-a, mas nenhum Gail Wynand.

Ela aguardou, mas ele não disse nada.

– Bem, eu lhe dei uma reportagem que vai aumentar a circulação, Gail.

Ele ouviu, mas parecia que nada do presente era relevante. Parecia um caixa de banco calculando o saldo da conta de um estranho, uma conta com saldo negativo, que tinha que ser encerrada. Ele falou:

– Eu gostaria de saber só uma coisa, se você quiser me dizer: essa foi a primeira vez, desde o nosso casamento?

– Sim.

– Mas não foi a primeira vez...

– Não. Ele foi o primeiro homem que me possuiu.

– Acho que eu deveria ter percebido. Você se casou com Peter Keating. Logo depois do julgamento Stoddard.

– Você quer saber tudo? Eu quero lhe contar. Eu o conheci quando ele estava trabalhando em uma pedreira de granito. Por que não? Você vai colocá-lo em um grupo de detentos que fazem trabalhos forçados ou em uma fábrica de juta. Ele estava trabalhando em uma pedreira. Não pediu o meu consentimento; ele me estuprou. Foi assim que começou. Quer usar essa história? Quer publicá-la no *Banner*?

– Ele a amava.

– Sim.

– Mesmo assim, ele construiu esta casa para nós.

– Sim.

– Eu só queria saber.

Ele virou-se para sair.

– Seu maldito! – gritou ela. – Se pode aguentar isso desta forma, você não tinha nenhum direito de se tornar o que se tornou!

– É por isso que estou aguentando.

Ele saiu do quarto, fechando a porta suavemente.



Guy Francon telefonou para Dominique naquela noite. Desde que se aposentara, ele morava sozinho em sua propriedade perto da cidade da pedreira. Ela se recusara a atender ligações hoje, mas pegou o telefone quando a empregada disse que era o Sr. Francon. Ao invés da fúria que esperava, ela ouviu uma voz amável dizer:

– Olá, Dominique.

– Olá, pai.

– Você vai deixar Wynand agora?

– Vou.

– Você não deve se mudar para a cidade. Não é necessário. Não exagere. Venha para cá ficar comigo. Até... o julgamento.

As coisas que ele não disse e o tom de sua voz, firme, simples e com uma nota que soava próxima da felicidade fizeram-na responder, após um momento:

– Está bem, papai. – Era a voz de uma menina, a voz de uma filha, com uma alegria cansada, confiante, saudosa. – Chegarei aí por volta da meia-noite. Deixe um copo de leite para mim... e alguns sanduíches prontos.

– Tente não correr muito, como você sempre faz. As estradas não estão muito boas.

Quando ela chegou, Francon foi recebê-la na porta. Ambos sorriram e ela soube que não haveria nenhuma pergunta, nenhuma recriminação. Ele a conduziu até a pequena copa, onde a comida estava servida em uma mesa, perto de uma janela aberta para o gramado escuro. O ar cheirava a grama, sobre a mesa havia velas e um buquê de jasmims em um vaso de prata.

Ela sentou-se, com os dedos fechados sobre um copo gelado, e ele sentou-se do outro lado da mesa, comendo um sanduíche calmamente.

– Quer conversar, pai?

– Não. Quero que você tome o seu leite e vá para a cama.

– Está bem.

Ele pegou uma azeitona e a ficou observando, pensativo, girando-a, espetada em um palito de dentes colorido. Então ergueu os olhos para ela.

– Olhe, Dominique. Eu não consigo nem tentar entender tudo o que aconteceu. Mas de uma coisa eu sei: é o certo para você. Desta vez, é o homem certo.

– Sim, pai.

– É por isso que estou contente.

Ela assentiu com a cabeça.

– Diga ao Sr. Roark que pode vir aqui sempre que quiser.

Ela sorriu.

– Dizer a quem, pai?

– Diga... ao Howard.

O braço dela estava sobre a mesa; Dominique colocou a cabeça sobre o braço. Ele fitou o cabelo dourado à luz das velas. Ela disse, porque era mais fácil controlar a voz:

– Não me deixe adormecer aqui. Estou cansada.

Mas ele respondeu:

– Ele será absolvido, filha.



Todos os jornais de Nova York eram trazidos à sala de Wynand todos os dias, como ele havia ordenado. Ele lia cada palavra do que havia sido escrito e cochichado na cidade. Todo mundo sabia que a história havia sido armada por ela mesma. A esposa de um multimilionário não registraria queixa pela perda de um anel de cinco mil dólares, nessas circunstâncias, mas isso não impediu ninguém de aceitar a história como foi relatada, e, conseqüentemente, de comentá-la. Os comentários mais ofensivos estavam espalhados nas páginas do *Banner*.

Alvah Scarret havia encontrado uma cruzada à qual se dedicou com o fervor mais genuíno que jamais havia experimentado. Ele sentia que era a sua redenção por qualquer deslealdade que pudesse haver cometido contra Wynand no passado. Viu uma maneira de redimir o nome do empresário. Lançou-se em uma campanha para vender Wynand ao público como a vítima de uma paixão arrebatadora por uma mulher depravada. Fora Dominique que obrigara seu marido a defender uma causa imoral, mesmo contra o bom senso de Wynand. Ela quase havia destruído o jornal de seu marido, sua posição, sua reputação, a realização de sua vida inteira – em benefício de seu amante. Scarret implorou aos leitores que perdoassem Wynand – um amor trágico que exigia o sacrifício pessoal era a sua justificativa. Era uma forma de gerar o efeito contrário, nos cálculos de Scarret: cada adjetivo obscuro atirado em Dominique criava compaixão por Wynand na mente do leitor. Isso alimentou o talento de Scarret para o ataque malicioso. Funcionou. O público reagiu, em especial as antigas leitoras do *Banner*. Isso ajudou no trabalho lento e doloroso de reconstrução do jornal.

Cartas começaram a chegar, generosas em suas condolências, desenfreadas

na indecência de seus comentários sobre Dominique Francon.

– Como nos velhos tempos, Gail – disse Scarret, alegre. – Exatamente como nos velhos tempos!

Ele empilhou todas as cartas sobre a escrivaninha do empresário.

Wynand estava sozinho em seu escritório, com as cartas. Scarret não podia suspeitar que isso era o pior de todo o sofrimento que Gail ainda conheceria. Wynand forçou-se a ler cada carta. Dominique, a quem ele tentara salvar do *Banner*...

Quando se encontraram no prédio, Scarret olhou para ele, esperançoso, com um meio sorriso suplicante e cauteloso, um aluno ansioso esperando pelo reconhecimento do professor por uma lição bem aprendida e bem-feita. Wynand não disse nada. Scarret arriscou-se uma vez:

– Foi engenhoso, não foi, Gail?

– Sim.

– Tem alguma ideia de como podemos tirar mais proveito disso?

– O trabalho é seu, Alvah.

– Ela é realmente a causa de tudo, Gail. Muito antes de tudo isso. Quando você se casou com ela. Eu fiquei com medo, na época. Foi aí que tudo começou. Lembra quando você não nos deixou cobrir o seu casamento? Aquilo foi um sinal. Ela arruinou o *Banner*. Mas eu garanto que vou reconstruí-lo agora, sobre o próprio corpo dela. Exatamente como o era. O nosso velho *Banner*.

– Sim.

– Tem alguma sugestão, Gail? O que mais gostaria que eu fizesse?

– O que você quiser, Alvah.

UM GALHO DE ARVORE PENDIA DIANTE da janela aberta. As folhas moviam-se contra o céu, sugerindo o sol, o verão e uma terra inesgotável a ser usada. Dominique pensou no mundo como cenário. Wynand pensou em duas mãos envergando um galho de árvore para explicar o significado da vida. As folhas inclinavam-se, tocando as espirais da silhueta de Nova York contra o céu ao longe, do outro lado do rio. Os arranha-céus erguiam-se como feixes de luz do sol, esbranquiçados pela distância e pelo verão. Uma multidão enchia o tribunal, assistindo ao julgamento de Howard Roark

Sentado à mesa da defesa, o arquiteto ouvia calmamente.

Dominique estava sentada na terceira fila de espectadores. Olhando para ela, as pessoas sentiam que haviam visto um sorriso. Porém ela não sorria. Fitava as folhas na janela.

Gail Wynand estava sentado na última fileira do tribunal. Havia entrado, sozinho, quando a sala já estava cheia. Não notara os olhares na sua direção e os flashes espocando ao seu redor. Parara no corredor, por um momento, examinando o local como se não houvesse nenhuma razão para não fazer isso. Usava um terno cinza de verão e um chapéu-panamá com uma aba curvada que se erguia de um lado. Seu olhar passou por Dominique da mesma maneira como passou pelo resto do tribunal. Quando se sentou, fitou Roark. Desde o momento em que entrara, os olhos de Roark haviam se voltado para ele repetidamente. Sempre que o arquiteto o encarava, Wynand virava-se para outro lado.

– O motivo que o Estado se propõe a provar – o promotor de justiça dizia em sua declaração inicial para o júri – está além do âmbito das emoções humanas normais. Para a maioria de nós, ele parecerá monstruoso e inconcebível.

Dominique estava sentada com Mallory, Heller, Lansing, Enright, Mike e Guy Francon, para desaprovação chocada de seus amigos. Do outro lado do corredor, celebridades formavam um cometa: a partir do pequeno ponto de Ellsworth Toohey, bem na frente, uma cauda de nomes populares estendia-se pela multidão: Lois Cook, Gordon L. Prescott, Gus Webb, Lancelot Clokey, Ike, Jules Fougler, Sally Brent, Homer Slottern, Mitchell Layton.

– Assim como a dinamite que aniquilou um prédio inteiro, seu motivo dinamitou todo o sentimento humanitário da alma desse homem. Estamos lidando, cavalheiros do júri, com o explosivo mais maligno da Terra: o egoísta!

Nas cadeiras, nos parapeitos das janelas, nos corredores, pressionada contra as paredes, a massa humana havia se amalgamado como um monólito, exceto pelos ovais pálidos dos rostos, que se destacavam, separados, solitários, únicos. Por trás de cada um havia os anos de uma vida vivida ou já pela metade, havia esforço, esperança e uma tentativa, honesta ou desonesta, mas uma tentativa. Ela deixara em todos uma única marca em comum: nos lábios sorrindo com malícia,

nos lábios amolecidos de renúncia, nos lábios apertados com uma dignidade incerta – em todos, a marca do sofrimento.

– ... Nos dias de hoje, uma época em que o mundo está sendo dilacerado por problemas de proporções gigantescas, buscando resposta para questões que podem determinar a sobrevivência da humanidade, esse homem atribuiu, a algo tão intangível, vago e secundário como suas opiniões artísticas, importância suficiente para permitir que elas se tornassem sua única paixão e a motivação de um crime contra a sociedade.

As pessoas tinham ido ao tribunal a fim de testemunhar um caso sensacional, para ver celebridades, obter um tema para conversas, serem vistas, para matar o tempo. Elas iriam voltar para empregos que não queriam, famílias que não amavam, amigos que não haviam escolhido, para salas de visitas, roupas de gala, copos de coquetéis e filmes, para dores não admitidas, esperanças assassinações, desejos não alcançados, largados silenciosamente sobre um caminho onde nenhum passo fora dado, para dias de esforço para não pensar, não dizer, para esquecer, ceder e desistir. Mas cada uma delas havia conhecido um momento inesquecível – uma manhã em que nada tinha acontecido, um trecho de música ouvido de repente e nunca mais ouvido da mesma forma, o rosto de um estranho visto em um ônibus –, um momento em que cada uma havia conhecido um sentido de vida diferente. E cada uma lembrava outros momentos, em uma noite sem sono, em uma tarde chuvosa, em uma igreja, em uma rua deserta ao pôr do sol, quando se indagou por que existia tanto sofrimento e feiura no mundo. Elas não haviam tentado achar a resposta e continuaram vivendo como se nenhuma resposta fosse necessária. Mas cada uma conhecera um momento em que, com pura e solitária honestidade, sentira a necessidade de uma resposta.

– ... um egoísta arrogante e sem escrúpulos que quis que sua vontade fosse feita a qualquer preço...

Doze homens sentavam-se no banco dos jurados. Eles ouviam, seus rostos atentos e sem emoções. As pessoas tinham cochichado que era um júri que parecia durão. Havia dois industriais, dois engenheiros, um matemático, um motorista de caminhão, um pedreiro, um eletricitista, um jardineiro e três operários de fábrica. O processo de seleção do júri tomara algum tempo. Roark havia rejeitado muitos suplentes e escolhido esses doze. O promotor havia concordado, dizendo a si mesmo que era isso o que acontecia quando um amador decidia tomar conta de sua própria defesa; um advogado teria escolhido os tipos mais dóceis, aqueles mais inclinados a reagir a um apelo por clemência. Roark escolhera os rostos mais duros.

– ... Se tivesse sido a mansão de um rico, mas um conjunto de moradias populares, cavalheiros do júri, um conjunto de moradias populares!

O juiz sentava-se ereto em seu assento alto. Tinha cabelo grisalho e o rosto severo de um oficial do exército.

– ... um homem treinado para servir a sociedade, um construtor que se tornou um destruidor...

A voz prosseguiu, experiente e confiante. Os rostos que enchiam a sala ouviam com a mesma reação de satisfação que teriam após um bom jantar, a ser esquecido em menos de uma hora. Concordavam com cada frase. Já tinham ouvido isso antes, sempre haviam ouvido isso, era o que o mundo acreditava e praticava – era evidente por si mesmo, como uma poça d'água diante dos pés.

O promotor chamou as suas testemunhas. O policial que prendeu Roark começou a contar como havia encontrado o acusado em pé ao lado do detonador elétrico. O vigia noturno relatou como tinha sido afastado do local. Seu testemunho foi breve; o promotor preferiu não enfatizar a participação de Dominique. O capataz do empreiteiro testemunhou sobre a dinamite que havia desaparecido do depósito da obra. Autoridades de Cortlandt, inspetores de prédios e avaliadores subiram ao banco das testemunhas para descrever o prédio e a extensão dos danos. Isso concluiu o primeiro dia do julgamento.

Peter Keating foi a primeira testemunha chamada para depor, no dia seguinte.

Ele sentou-se no banco e ficou curvado para a frente, olhando docilmente para o promotor. Seus olhos moviam-se de vez em quando. Ele fitava a multidão, o júri, Roark. Não fazia diferença.

– Sr. Keating, poderia dizer, sob juramento, se projetou o empreendimento que lhe foi designado, conhecido como Conjunto Habitacional Cortlandt?

– Não, não projetei.

– Quem projetou?

– Howard Roark.

– A pedido de quem?

– A meu pedido.

– Por que pediu ajuda a ele?

– Porque eu não era capaz de fazer o projeto.

Não havia som de honestidade em sua voz, porque não havia som de esforço para pronunciar uma verdade de tal natureza; nenhum tom de verdade ou falsidade, apenas indiferença.

O promotor passou-lhe uma folha de papel.

– Esse é o acordo que o senhor assinou?

Keating segurou o papel em sua mão.

– Sim.

– Essa é a assinatura de Howard Roark?

– Sim.

– Poderia, por favor, ler os termos do acordo para o júri?

Keating leu em voz alta. Sua voz, bem treinada, saía uniforme. Ninguém na sala do tribunal percebeu que esse testemunho havia sido planejado para ser uma sensação. Não era um arquiteto famoso confessando publicamente sua

incompetência; era um homem recitando uma lição decorada. As pessoas sentiam que, se fosse interrompido, ele não conseguiria prosseguir com a próxima frase, mas teria que começar tudo novamente, desde o início.

Ele respondeu a muitas perguntas. O promotor apresentou como prova os desenhos originais de Cortlandt feitos por Roark, que Keating havia guardado; as cópias que Keating havia feito deles; e fotografias de Cortlandt como fora construído.

– Por que o senhor se opôs tão ativamente às excelentes mudanças estruturais sugeridas pelo Sr. Prescott e pelo Sr. Webb?

– Eu tinha medo de Howard Roark.

– O que seu conhecimento do caráter dele o levava a esperar?

– Qualquer coisa.

– O que quer dizer?

– Não sei. Estava com medo. Eu costumava ter medo.

As perguntas continuaram. A história era incomum, mas o público se sentia entediado. Não soava como a narração de um participante. As outras testemunhas haviam parecido ter uma ligação mais pessoal com o caso.

Quando Keating deixou o banco das testemunhas, o público teve a estranha impressão de que nenhuma mudança havia ocorrido com a saída daquele homem, como se ninguém houvesse saído dali.

– A acusação encerra o caso – anunciou o promotor de justiça.

O juiz olhou para Roark.

– Prossiga – disse, com voz gentil.

Roark levantou-se.

– Meritíssimo, eu não chamarei nenhuma testemunha. Este será o meu testemunho e a minha conclusão final.

– Faça o juramento.

Roark o fez. Ele ficou em pé, ao lado dos degraus do banco das testemunhas. Os espectadores olhavam para ele. Sentiam que não tinha a mínima chance. Podiam abandonar o ressentimento sem nome, a sensação de insegurança que ele despertava na maioria das pessoas. E assim, pela primeira vez, podiam vê-lo como era: um homem que desconhecia totalmente o medo.

O medo em que pensavam não era o do tipo comum, não a resposta a um perigo tangível, mas o medo crônico e inconfessado com que todos eles viviam. Eles lembravam a miséria de momentos em que, em solidão, pensaram nas palavras brilhantes que poderiam ter dito mas não encontraram, e odiaram aqueles que lhes roubaram a coragem. A miséria de saber quão forte e hábil se é em sua própria mente, a imagem radiante que nunca se tornará realidade. Sonhos? Ilusão? Ou uma realidade assassinada, não nascida, morta por aquela emoção corrosiva sem nome – medo, necessidade, dependência, ódio?

Roark estava diante deles assim como cada homem fica diante da inocência de

sua própria mente. Mas estava assim diante de uma multidão hostil, e eles entenderam subitamente que não lhe era possível sentir qualquer ódio. Por um breve instante, perceberam a qualidade da consciência dele. Cada um se perguntou: eu preciso de aprovação? Faz alguma diferença? Estou preso? E, durante aquele instante, cada homem ficou livre, livre o suficiente para sentir benevolência por todas as outras pessoas naquela sala.

Foi apenas um momento, o instante de silêncio logo antes de Roark começar a falar:

– Há milhares de anos, o primeiro homem descobriu como fazer o fogo. Ele provavelmente foi queimado na fogueira que ensinara seus irmãos a acender. Foi visto como um homem maligno que havia tratado com um demônio temido pela humanidade. Mas, a partir de então, os homens possuíram o fogo para aquecer-se, para cozinhar sua comida, iluminar suas cavernas. Ele lhes deixou uma dádiva que não haviam concebido e removeu a escuridão da face da Terra. Séculos mais tarde, o primeiro homem inventou a roda. Ele provavelmente foi despedaçado na própria roda que ensinara seus irmãos a construir. Foi visto como um transgressor que se aventurou em território proibido. Mas, a partir de então, os homens puderam viajar além de qualquer horizonte. Ele lhes deixou uma dádiva que não tinham concebido e abriu as estradas do mundo.

“Esse homem, o primeiro, que não se submete a ninguém, figura nos primeiros capítulos de todas as lendas que a humanidade já registrou sobre suas origens. Prometeu foi acorrentado a uma rocha e despedaçado por abutres... porque roubou o fogo dos deuses. Adão foi condenado a sofrer... porque comeu o fruto da árvore do conhecimento. Qualquer que fosse a lenda, em algum lugar nas sombras de sua memória, a humanidade sabia que sua glória começou com um único homem, e que ele pagou pela sua coragem.

“Ao longo dos séculos, existiram homens que deram os primeiros passos em novos caminhos, armados apenas com sua própria visão. Seus objetivos variavam, mas todos eles tinham algo em comum: o seu passo era o primeiro, o seu caminho era novo, a sua visão era original e a reação que receberam... o ódio. Os grandes criadores... pensadores, artistas, cientistas, inventores... – enfrentaram sozinhos os homens de seu tempo. Todas as grandes ideias originais foram atacadas. Todas as invenções revolucionárias foram denunciadas. O primeiro motor foi considerado uma bobagem. O avião, impossível. A máquina de tear, maligna. A anestesia, pecaminosa. Mas os homens de visão independente seguiram adiante. Eles lutaram, sofreram e pagaram. Mas venceram.

“Nenhum criador foi motivado pelo desejo de servir aos seus irmãos, porque estes rejeitavam a dádiva que ele oferecia, a dádiva que destruía a rotina preguiçosa de suas vidas. A verdade do criador era sua única motivação. A sua própria verdade e seu próprio esforço para alcançá-la da sua própria maneira. Uma sinfonia, um livro, um motor, uma filosofia, um avião ou um prédio... sua

criação era seu objetivo e sua vida. Não aqueles que ouviam, liam, operavam, acreditavam, pilotavam ou moravam na sua criação. A criação, não seus usuários. A criação, não os benefícios que ela trazia para os outros. A criação que dava forma à sua verdade. Ele colocava a sua verdade acima de tudo e a defendia contra todos.

“Sua visão, sua força e sua coragem originavam-se de seu próprio espírito. O espírito de um homem, entretanto, é o seu próprio ego, a entidade que é sua própria consciência. Pensar, sentir, julgar e agir são funções do ego.

“Os criadores não eram altruístas. Esse é todo o segredo do seu poder – que ele era autossuficiente, automotivado, autogerado. Uma causa inicial, uma fonte de energia, uma força vital, um Primeiro Criador. O criador não servia a nada nem a ninguém. Ele vivia para si próprio.

“E somente porque viveu para si próprio é que o criador pôde conquistar as coisas que são a glória da humanidade. Essa é a natureza da conquista.

“O homem não pode sobreviver sem o uso de sua mente. Ele nasce desarmado – seu cérebro é sua única arma. Os animais obtêm comida usando a força. O homem não tem garras, presas, chifres, nem grande força muscular. Ele tem que plantar sua comida ou caçá-la. Para plantar, ele precisa pensar. Para caçar, ele precisa de armas, e, para fazer armas, precisa pensar. Da mais simples necessidade até a mais complexa abstração religiosa, da roda ao arranha-céu, tudo o que somos e tudo o que temos vem de um único atributo do homem: a capacidade de sua mente racional.

“Mas a mente é um atributo do indivíduo. Um cérebro coletivo é algo que não existe. Um pensamento coletivo é algo que não existe. Uma conclusão à qual várias pessoas chegaram é apenas um consenso ou uma média proveniente de vários pensamentos individuais. Essa conclusão é uma consequência secundária. O ato primário, o uso da razão, tem que ser executado por cada um, individualmente. Uma refeição pode ser dividida entre várias pessoas. Mas não pode ser digerida em um estômago coletivo. Nenhum homem pode emprestar seus pulmões para que outros respirem. Nenhum homem pode emprestar seu cérebro para que outros pensem. Todas as funções do corpo e do espírito são individuais. Não podem ser compartilhadas nem transferidas.

“Nós herdamos os produtos do pensamento de outros homens. Nós herdamos a roda. Fazemos uma carroça. A carroça torna-se um automóvel. O automóvel torna-se um avião. Mas, ao longo de todo esse processo, o que recebemos dos outros é apenas o produto do seu pensamento. A força motriz é a faculdade criativa, que usa esse produto como material e origina o próximo passo. Essa faculdade criativa não pode ser dada nem recebida, não pode ser compartilhada nem emprestada. Ela é propriedade de cada indivíduo. Aquilo que ela cria é propriedade do criador. Os homens aprendem uns com os outros. Mas todo aprendizado é apenas uma troca de ideias. Nenhum homem pode dar a outro a

capacidade de pensar. E essa capacidade é o nosso único meio de sobrevivência.

“Nada é dado ao homem na Terra. Tudo o que ele precisa tem que ser produzido. E esta é a alternativa básica que o homem enfrenta: ele pode sobreviver de duas maneiras: por meio do uso independente de sua mente ou como um parasita alimentado pelas mentes de outros. O criador origina. O parasita toma emprestado. O criador enfrenta a natureza sozinho. O parasita enfrenta a natureza através de um intermediário.

“A preocupação do criador é a conquista da natureza. A preocupação do parasita é a conquista dos homens.

“O criador vive em função do seu trabalho. Ele não precisa de ninguém. Seu objetivo principal está dentro de si mesmo. O parasita vive em função dos outros. Ele precisa dos outros. Os outros são a sua motivação principal.

“A necessidade básica do criador é a independência. A mente racional não pode funcionar sob qualquer forma de coação. Não pode ser limitada, sacrificada ou subordinada a nenhum tipo de consideração. Ela exige total independência no seu funcionamento e na sua motivação. Para o criador, todas as relações com os outros homens são secundárias.

“A necessidade básica do parasita que vive à custa de outras pessoas é assegurar sua relação com outros homens para ser alimentado. Para ele, os relacionamentos estão acima de tudo. Ele declara que o homem existe para servir aos outros. Ele prega o altruísmo, que é a doutrina que exige que o homem viva para os outros e dê mais importância aos outros que a si próprio.

“Nenhum homem pode viver por outro. Ele não pode compartilhar seu espírito, assim como não pode compartilhar seu corpo. Mas o homem que vive à custa dos outros usou o altruísmo como arma de exploração e inverteu o fundamento dos princípios morais da humanidade. Aos homens foi ensinado cada preceito que destrói o criador. Aos homens foi ensinado que a dependência é uma virtude.

“O homem que tenta viver para os outros é um dependente. É um parasita em sua motivação e faz daqueles a quem serve parasitas também. Essa relação não produz nada além de corrupção mútua. É impossível conceber tal relação. O exemplo mais próximo na realidade, o homem que vive para servir aos outros, é o escravo. Se a escravidão física é repugnante, quanto mais repugnante é o conceito de escravidão espiritual? O escravo, mesmo subjugado, ainda retém um vestígio de honra. Ele tem o mérito de haver resistido e de saber que a sua condição é revoltante. Mas o homem que se escraviza voluntariamente em nome do amor é a criatura mais desprezível que existe. Ele degrada a dignidade do homem e degrada o conceito de amor. Mas essa é a essência do altruísmo.

“Aos homens foi ensinado que a maior virtude não é realizar, é dar. Mas nada pode ser dado antes de ser criado. A criação precede a distribuição... ou não haveria nada a distribuir. As necessidades do criador têm precedência sobre as

de qualquer possível beneficiário. Entretanto, somos ensinados a ter mais admiração pelo parasita que distribui presentes que não criou do que pelo homem que tornou os presentes possíveis. Nós elogiamos um ato de caridade e ficamos indiferentes a um ato de realização.

“Aos homens foi ensinado que sua primeira preocupação é aliviar o sofrimento dos outros. Mas o sofrimento é uma doença. Se alguém depara com outra pessoa sofrendo, é normal que tente ajudar e dar assistência. Mas fazer da decisão de alguém nessa situação o teste mais crucial de sua virtude é tornar o sofrimento a parte mais importante da vida. Sob essa perspectiva, o homem deve desejar que os outros sofram, para que ele possa ser virtuoso. Essa é a natureza do altruísmo. O criador não se preocupa com a doença, mas com a vida. Ainda assim, o trabalho do criador eliminou doença após doença, curando tanto o corpo quanto o espírito do homem, e aliviou o sofrimento humano numa escala que altruísta nenhum jamais poderia conceber.

“Aos homens foi ensinado que concordar com os outros é uma virtude. Mas o criador é o homem que discorda. Aos homens foi ensinado que nadar a favor da corrente é uma virtude. Mas o criador é o homem que vai contra a corrente. Aos homens foi ensinado que se unir aos outros é uma virtude. Mas o criador é o homem que fica sozinho.

“Aos homens foi ensinado que o ego é sinônimo do mal, e que esquecer o ego e ser altruísta é o ideal da virtude. Mas o criador é o egoísta no sentido mais absoluto, e o homem sem ego é aquele que não pensa, sente, julga ou atua. Essas são funções do ego.

“Essa inversão básica é absolutamente fatal. Essa questão foi pervertida e deixou o homem sem nenhuma alternativa... e sem nenhuma liberdade. Duas concepções foram oferecidas a ele como polos do bem e do mal: altruísmo e egoísmo. O egoísmo passou a significar o sacrifício dos outros ao ego, para benefício próprio; o altruísmo, o sacrifício pessoal em benefício dos outros. Essas concepções ataram irrevogavelmente o homem a outros homens e lhe deixaram apenas uma escolha de dor: sua própria dor, suportada para benefício de outros, ou a infligida a outros, para benefício próprio. Quando a essas concepções foi adicionada a ideia de que o homem deve se alegrar com o sacrifício pessoal, a autoimolação, a armadilha se fechou. O homem foi forçado a aceitar o masoquismo como seu ideal, sob a ameaça de que o sadismo era sua única alternativa. Essa foi a maior fraude jamais perpetrada contra a humanidade.

“Esse foi o estratagema que fez com que a dependência e o sofrimento se perpetuassem como princípios essenciais da vida.

“A escolha não é sacrifício pessoal ou domínio sobre os outros. Ela é independência ou dependência. O código do criador ou o código do parasita que vive à custa dos outros. Essa é a questão básica. E ela procede da alternativa entre a vida e a morte. O código do criador é construído de acordo com as

necessidades da mente racional, que permite ao homem sobreviver. O código do parasita é construído de acordo com as necessidades de uma mente incapaz de garantir sua própria sobrevivência. Tudo o que resulta do ego independente do homem é bom. Tudo o que resulta da dependência de um homem em relação a outro é mau.

“O egoísta, no sentido mais absoluto, não é o homem que sacrifica os outros. O egoísta é o homem que está acima da necessidade de usar os outros de qualquer forma. Ele não funciona por intermédio deles. Nunca se preocupa com eles em questões fundamentais. Nem na escolha do seu objetivo, nem no seu motivo, nem no seu pensamento, nem nos seus desejos, nem na fonte da sua energia. Ele não existe para benefício de nenhum outro homem... e não pede a nenhum outro homem que exista para seu benefício. Essa é a única forma possível de irmandade e respeito mútuo entre os homens.

“Graus de habilidade variam, mas o princípio básico permanece o mesmo: o grau de independência, iniciativa e amor pelo seu trabalho é que determina seu talento como trabalhador e seu valor como homem. A independência de um homem é a única medida da sua virtude e do seu valor: o que um homem é, e o que faz de si mesmo; não o que fez, ou deixou de fazer, pelos outros. Não há substituto para a dignidade pessoal. O único padrão de dignidade pessoal que existe é a independência.

“Em todos os relacionamentos dignos de respeito ninguém se sacrifica por ninguém. Um arquiteto precisa de clientes, mas não subordina seu trabalho aos desejos deles. E eles precisam de um arquiteto, mas não encomendam uma casa só para lhe dar trabalho. Os homens trocam o seu trabalho de livre e espontânea vontade, com mútuo consentimento e para vantagem mútua, sempre que seus interesses pessoais coincidem e ambos desejam a troca. Se não desejam tratar um com o outro, não são forçados a fazer isso. Ambos podem continuar seguindo seus caminhos. Essa é a única forma possível de relacionamento entre iguais. Qualquer outra é uma relação entre escravo e dono, ou entre vítima e carrasco.

“Nenhum trabalho jamais é feito coletivamente, pela decisão da maioria. A execução de todo trabalho criativo é guiada por um único pensamento individual. Um arquiteto precisa de muitos homens para erguer sua construção. Mas ele não pede que opinem sobre seu projeto. Eles trabalham juntos, por vontade própria, e cada um tem liberdade para atuar em suas respectivas funções. Um arquiteto usa aço, vidro, concreto produzidos por outros. Mas os materiais permanecem inalterados até que ele os toque. O que faz deles torna-se sua criação individual e sua propriedade particular. Esse é o único padrão apropriado de cooperação entre os homens.

“O primeiro direito na Terra é o direito do ego. A principal obrigação do homem é consigo mesmo. Sua lei moral é nunca permitir que seus principais objetivos residam dentro de outros. Sua obrigação moral é fazer o que deseja,

desde que seu desejo não dependa basicamente de outros. Isso inclui toda a esfera da sua faculdade criativa, do seu pensamento, do seu trabalho. Mas não inclui a esfera do bandido, do altruísta e do ditador.

“O homem pensa e trabalha sozinho. Ele não pode roubar, explorar ou dominar sozinho. Roubo, exploração e dominação pressupõem vítimas. Eles exigem a dependência. São a província do homem que vive à custa dos outros.

“Aqueles que dominam outros não são egoístas. Eles não criam nada. A sua existência depende inteiramente de outros. O seu objetivo reside em seus súditos, no ato de escravizá-los. Eles são tão dependentes quanto o mendigo, o assistente social e o bandido. A forma da dependência não importa.

“Mas os homens foram ensinados a ver os parasitas que vivem à custa dos outros... – os tiranos, imperadores e ditadores... como expoentes do egoísmo. Por meio dessa fraude, eles foram levados a destruir o ego, a si próprios e aos outros. O objetivo da fraude era destruir os criadores. Ou subjugar-los, o que é um sinônimo.

“Desde os primórdios da história, os dois antagonistas se enfrentaram face a face: o criador e o parasita. Quando o primeiro criador inventou a roda, o primeiro parasita reagiu. Ele inventou o altruísmo.

“O criador, rejeitado, hostilizado, perseguido, explorado, perseverou, seguiu adiante e com sua energia carregou toda a humanidade com ele. O parasita não contribuiu com nada para esse processo, exceto com os obstáculos. A disputa tem outro nome: o indivíduo contra o coletivo.

“O ‘bem comum’ do coletivo... da raça, da classe, do Estado... foi a alegação e a justificativa de todas as tiranias estabelecidas sobre os homens. Os maiores horrores da história foram cometidos em nome de motivos altruísticos. Será que já foi cometido algum ato de egoísmo que possa igualar a carnificina executada pelos discípulos do altruísmo? Onde está a culpa: na hipocrisia dos altruístas ou na natureza do seu princípio? Os piores carrascos foram os mais sinceros. Eles acreditavam na sociedade perfeita alcançada através da guilhotina e do pelotão de fuzilamento. Ninguém questionou o seu direito de matar porque matavam por motivações altruístas. A ideia de que o homem deve ser sacrificado para benefício de outros estava bem estabelecida. Os atores mudam, mas o curso da tragédia permanece o mesmo. Humanitários que começam declarando seu amor pela humanidade e acabam com banhos de sangue. Assim foi e assim será enquanto se acreditar que uma ação é boa se for altruísta. Essa crença dá ao altruísta permissão para agir e força suas vítimas a sofrerem caladas. Os líderes de movimentos coletivistas não pedem nada para si mesmos. Mas observem os resultados.

“A única forma de os homens se beneficiarem mutuamente e a única declaração de um relacionamento apropriado entre eles é: ‘Não se meta!’

“Observem agora os resultados de uma sociedade construída sobre o princípio

do individualismo. Este, o nosso país. O país mais nobre da história da humanidade. O país das maiores conquistas, da maior prosperidade e da maior liberdade. Este país não foi baseado no serviço abnegado, no sacrifício pessoal, na renúncia, nem em nenhum preceito altruísta. Foi baseado no direito do homem de buscar a felicidade. A sua própria felicidade. Não a de qualquer outra pessoa. Uma motivação pessoal, individual, egoísta. Olhem para os resultados. Examinem suas próprias consciências.

“Esse é um conflito muito antigo. Cada vez que os homens estiveram perto de descobrir a verdade, ela foi destruída, e civilizações pereceram, uma após outra. A civilização é o progresso em direção a uma sociedade de privacidade. A existência inteira de um selvagem é pública, governada pelas leis da sua tribo. A civilização é o processo de libertar os homens uns dos outros.

“Agora, na nossa época, o coletivismo, o reinado do parasita que vive à custa dos outros e do mediocre, o monstro antigo está à solta e correndo descontrolado. Ele levou os homens a um nível de indecência intelectual nunca igualado na face da Terra. Causou horror numa escala sem precedentes. Envenenou todas as mentes. Engoliu a maior parte da Europa. E está tomando conta de nosso país.

“Eu sou um arquiteto. Eu sei qual será o resultado pelo princípio que guia a construção. Nós estamos nos aproximando de um mundo no qual eu não posso me permitir viver.

“Agora vocês sabem por que dinamitei Cortlandt.

“Eu projetei Cortlandt. Eu o dei a vocês. Eu o destruí. Eu o destruí porque não quis permitir que existisse. Era um monstro duplo. Em forma e em significado. Eu tive que explodir os dois. A forma foi mutilada por dois parasitas que assumiram o direito de melhorar algo que não criaram e que não podiam igualar. Eles tiveram permissão para alterar a minha criação por causa da impressão generalizada de que o objetivo altruísta desse projeto superava quaisquer direitos meus e eliminava qualquer forma de defesa da minha parte.

“Concordei em projetar Cortlandt com o objetivo de vê-lo construído como eu o projetei, e por nenhuma outra razão. Esse foi o preço que determinei para o meu trabalho. Eu não fui pago.

“Não culpo Peter Keating. Ele não poderia ter feito nada. Ele tinha um contrato com aqueles que o empregaram, mas o documento foi ignorado. Haviam lhe prometido que a estrutura que ele oferecera seria construída da forma como foi projetada. A promessa foi quebrada. O amor de um homem pela integridade do seu trabalho e seu direito de preservá-lo são agora considerados algo intangível, vago e secundário. Vocês ouviram o promotor dizer isso. Por que o prédio foi desfigurado? Por nenhuma razão. Tais atos nunca têm uma razão, a não ser a vaidade de alguns parasitas que sentem ter direito à propriedade dos outros, seja espiritual ou material. Quem lhes deu permissão para desfigurar meu prédio? Nenhum homem em particular entre as dúzias de

homens com autoridade. Nenhum deles teve interesse em permitir ou em proibir. Ninguém era responsável. Ninguém pode ser responsabilizado. Essa é a natureza de toda ação coletiva.

“Eu não recebi o pagamento que pedi. Mas os donos de Cortlandt conseguiram o que queriam de mim. Eles queriam um projeto que lhes permitisse construir uma estrutura da forma mais barata possível. Não encontraram ninguém que pudesse fazer isso. Eu podia e fiz. Eles ficaram com o fruto do meu trabalho e me fizeram dá-lo como um presente. Mas eu não sou altruísta. Eu não dou presentes dessa natureza.

“Dizem que destruí a moradia dos destituídos. Mas se esquecem de que, se não fosse por mim, os destituídos não poderiam ter essa moradia. Aqueles que estavam preocupados com os pobres tiveram que recorrer a mim, que nunca me preocupeí, para ajudar os pobres. Acredita-se que a pobreza dos futuros inquilinos lhes dá direito ao meu trabalho; que a necessidade deles lhes dá direito à minha vida; que eu tenho a obrigação de contribuir com tudo o que for exigido de mim. Esse é o credo que está engolindo o mundo agora, o credo do parasita que vive à custa dos outros.

“Eu vim aqui para dizer que não reconheço o direito de ninguém a um minuto sequer da minha vida. Nem a nenhuma parte da minha energia. Nem a nenhuma conquista minha. Não me importa quem faça a exigência, quantos a façam, nem o tamanho da sua necessidade.

“Eu quis vir aqui e dizer que sou um homem que não existe para servir aos outros.

“Isso precisava ser dito. O mundo está perecendo por causa de uma orgia de sacrifícios pessoais.

“Eu quis vir aqui e dizer que a integridade do trabalho criativo de um homem é muito mais importante que qualquer projeto de caridade. Aqueles entre vocês que não entendem isso são os que estão destruindo o mundo.

“Eu quis vir aqui e ditar os meus termos. Não tenho interesse em existir sob quaisquer outros.

“Eu não reconheço nenhuma obrigação para com os outros homens, com uma única exceção: respeitar a sua liberdade e não participar de nenhuma maneira em uma sociedade escravocrata. Ao meu país eu quero dedicar os dez anos que passarei na prisão, se meu país não mais existe. Eu os passarei em lembrança e gratidão pelo que o meu país já foi. Esse será o meu ato de lealdade, a minha recusa a viver ou trabalhar no que tomou o seu lugar.

“Esse é o meu ato de lealdade a todo criador que viveu e sofreu nas mãos das forças responsáveis pelo Cortlandt que dinamitei. Meu ato de lealdade a toda hora torturada de solidão, rejeição, frustração e abuso que ele foi forçado a suportar... e às batalhas que venceu. Meu ato de lealdade a todo criador cujo nome é conhecido... e a todo criador que viveu, lutou e pereceu desconhecido, antes de

poder alcançar o sucesso. A todo criador cujo corpo ou espírito foi destruído. A Henry Cameron. A Steven Mallory. A um homem que não quer ser identificado, mas que está sentado neste tribunal e sabe que é dele que falo.”

Roark ficou em pé, com as pernas separadas, os braços estendidos ao lado do corpo, a cabeça erguida, como ficava diante de um prédio inacabado. Mais tarde, sentado novamente à mesa da defesa, muitos no tribunal sentiam-se como se ainda o vissem em pé: a imagem de um momento que não podia ser substituído.

A imagem permaneceu em suas mentes durante as longas discussões jurídicas que se seguiram. Ouviram o juiz dizer ao promotor que o acusado havia, efetivamente, mudado a sua declaração: ele admitira o seu ato, mas não havia se declarado culpado do crime. A questão de insanidade temporária legal foi levantada: cabia ao júri decidir se o acusado sabia qual era a natureza e a qualidade do seu ato, ou, se sabia, se também sabia que o ato era errado. O promotor não fez qualquer objeção: havia um silêncio esquisito na sala; ele estava certo de já ter ganhado o seu caso. Ele fez seu discurso de encerramento. Ninguém se lembrou do que o homem falou. O juiz deu suas instruções ao júri, que se levantou e deixou a sala do tribunal.

As pessoas se mexeram, preparando-se para ir embora, sem pressa, contando com várias horas de espera. Wynand, no fundo da sala, e Dominique, na frente, permaneceram sentados, imóveis.

Um meirinho postou-se ao lado de Roark para conduzi-lo para fora. O arquiteto estava em pé ao lado da mesa da defesa. Seus olhos fixaram-se em Dominique e depois em Wynand. Virou-se e seguiu o meirinho.

Ele havia alcançado a porta quando se ouviu o som nítido de uma pancada, seguido por um momento de absoluto silêncio, antes que as pessoas percebessem que havia sido uma batida na porta fechada da sala dos jurados. O júri havia chegado a um veredicto.

Aqueles que estavam em pé continuaram assim, paralisados, até o juiz retornar ao seu banco. Os jurados entraram em fila no tribunal.

– O prisioneiro deve se levantar e olhar para o júri – disse o escrivão.

Howard Roark deu um passo à frente e ficou em pé, encarando o júri. No fundo da sala, Gail Wynand levantou-se, olhando também.

– Senhor primeiro jurado, chegaram a um veredicto?

– Chegamos.

– Qual é o seu veredicto?

– Inocente.

O primeiro movimento da cabeça de Roark não foi para olhar para a cidade na janela, para o juiz ou para Dominique. Ele olhou para Wynand, que se virou bruscamente e saiu da sala. Ele foi o primeiro a sair do tribunal.

ROGER ENRIGHT COMPROU DO GOVERNO o terreno, as plantas do projeto e as ruínas de Cortlandt. Ele ordenou que cada destroço retorcido das fundações fosse retirado para deixar um buraco limpo na terra. Contratou Howard Roark para reconstruir o conjunto residencial. Entregando a obra a um único empreiteiro e respeitando a economia rigorosa das plantas, Enright orçou o empreendimento para poder cobrar aluguéis baixos e ter uma margem de lucro confortável para si próprio. Nenhuma pergunta seria feita a respeito da renda, do emprego, do número de filhos ou da alimentação dos futuros ocupantes. O conjunto residencial estaria aberto a qualquer pessoa que quisesse mudar-se para lá e pagar o aluguel, quer ela pudesse pagar por um apartamento mais caro em outro lugar ou não.

No fim de agosto, Gail Wynand teve seu pedido de divórcio concedido. O processo não foi contestado, e Dominique não esteve presente à breve audiência. Wynand postou-se como um homem encarando uma corte marcial e ouviu a obscenidade fria da linguagem jurídica descrevendo o café da manhã em uma casa no Vale Monadnock – Sra. Gail Wynand, Howard Roark –, marcando sua esposa como uma mulher oficialmente desonrada e concedendo a ele a compaixão legal, a condição de inocência ferida e um documento que era o seu passaporte para a liberdade por todos os anos à sua frente, e por todas as noites silenciosas desses anos.

Ellsworth Toohey ganhou sua causa perante o conselho trabalhista. Wynand recebeu ordem de readmiti-lo em seu emprego.

Naquela tarde, a secretária de Wynand telefonou para Toohey e disse-lhe que o Sr. Wynand o esperava de volta ao trabalho naquela noite, antes das nove horas. O crítico sorriu, desligando o telefone.

Toohey sorria ao entrar no Edifício naquela noite. Ele passou pela redação. Acenou para as pessoas, apertou mãos, fez comentários engraçados sobre alguns filmes em cartaz e assumiu um ar de espanto sincero, como se houvesse estado ausente somente por um dia e não estivesse entendendo por que as pessoas o cumprimentavam como se essa fosse uma volta triunfal ao lar.

Então dirigiu-se lentamente à sua sala. Parou de repente. Soube, assim que parou, que devia entrar, que não devia dar a perceber a parada brusca, e que já o fizera: Wynand estava parado à porta aberta de sua sala.

– Boa noite, Sr. Toohey – disse Wynand calmamente. – Entre.

– Olá, Sr. Wynand – falou Toohey, em tom agradável, reconfortado por sentir que os músculos de seu rosto conseguiram produzir um sorriso e que suas pernas podiam andar.

Ele entrou e parou, incerto. Era a sua própria sala, inalterada, com sua máquina de escrever e uma pilha de papel nova sobre a escrivaninha. Porém a

porta permaneceu aberta e Wynand ficou ali, em silêncio, encostado no batente.

– Sente-se à sua escrivaninha, Sr. Toohey. Comece a trabalhar. Devemos obedecer à lei.

Toohey sacudiu os ombros de leve, alegre, concordando, atravessou a sala e sentou-se. Colocou suas mãos no tampo da escrivaninha, com as palmas abertas rigidamente, e em seguida deixou-as cair sobre seu colo. Pegou um lápis, examinou a ponta e largou-o.

Wynand ergueu a mão vagarosamente até a altura do peito e a manteve imóvel, seu antebraço e seus dedos longos e abaixados formando o vértice de um triângulo; ele estava olhando para seu relógio de pulso. Disse:

– Faltam dez minutos para as nove. Você está de volta ao seu emprego, Sr. Toohey.

– E estou feliz como uma criança por estar de volta. Honestamente, Sr. Wynand, suponho que eu não deveria confessar isso, mas senti uma falta danada deste lugar.

Wynand não fez nenhum movimento para sair. Manteve seu habitual porte relaxado, a parte de cima das costas apoiada no batente da porta, os braços cruzados na altura do peito, as mãos segurando os cotovelos. Um abajur com uma cúpula quadrada de vidro verde estava aceso sobre a escrivaninha, mas ainda havia luz na rua, faixas de um marrom desbotado num céu cor de limão. A sala continha uma sensação sombria de noite na iluminação que parecia ao mesmo tempo prematura e fraca demais. A luz formava uma poça sobre a escrivaninha, mas não conseguia afastar as formas castanhas e semidissolvidas da rua, nem conseguia alcançar a porta para aplacar a presença de Wynand.

A cúpula do abajur chacoalhou levemente e Toohey sentiu o rumor sob as solas de seus sapatos: as rotativas estavam imprimindo. Ele percebeu que já as ouvia havia algum tempo. Era um som reconfortante, seguro e vivo. A pulsação de um jornal – o jornal que transmite aos homens a pulsação do mundo. Um fluxo constante e longo de gotas separadas, como bolinhas de gude rolando em linha reta, como o som do coração de um homem.

Toohey movia um lápis sobre um papel, até que percebeu que a folha estava sob a luz do abajur e que Wynand podia ver o lápis desenhando uma vitória-régia, um bule e um perfil com barba. Ele largou o lápis e fez um som com os lábios, parecendo zombar de si mesmo. Abriu uma gaveta e olhou atentamente para uma pilha de papel-carbono e clipes. Ele não sabia o que deveria fazer: não se começava a escrever uma coluna assim, sem mais nem menos. Ele havia achado estranho ter sido chamado para reassumir seu cargo às nove da noite, mas havia suposto que Wynand estava disfarçando sua rendição à sua maneira, exagerando, e havia sentido que podia se dar ao luxo de não discutir a questão.

As rotativas estavam imprimindo; as batidas do coração de um homem, coletadas e retransmitidas. Ele não ouviu nenhum outro som e pensou que era um

absurdo continuar com isso, se Wynand houvesse ido embora, mas que seria extremamente desaconselhável olhar na direção dele, se não houvesse.

Após algum tempo, ele olhou para cima. Wynand ainda estava lá. A luz destacava dois pontos brancos em sua figura: os dedos longos de uma mão fechados ao redor de um cotovelo e a testa alta. Era a testa que Toohey queria ver. Não, não havia saliências diagonais acima das sobrancelhas. Os olhos formavam dois ovais totalmente brancos, vagamente discerníveis nas sombras angulares do rosto. Os ovais estavam direcionados para Toohey. Mas não havia nada no rosto, nenhuma indicação de propósito.

Após algum tempo, Toohey disse:

– Honestamente, Sr. Wynand, não há nenhuma razão para você e eu não nos darmos bem.

O empresário não respondeu.

Toohey pegou uma folha de papel e colocou-a na máquina de escrever. Ficou olhando para as teclas, segurando o queixo entre dois dedos, na pose que sabia que fazia quando estava se preparando para começar um parágrafo. As bordas das teclas cintilavam sob o abajur, anéis de níquel luminoso suspensos na sala mal iluminada.

As rotativas pararam.

Toohey recuou, automaticamente, antes de saber por que havia feito isso: ele era um jornalista e esse era um som que não parava assim de repente.

Wynand olhou para seu relógio de pulso e disse:

– São nove horas. Você está desempregado, Sr. Toohey. O *Banner* deixou de existir.

Logo depois Toohey percebeu sua própria mão caindo sobre as teclas da máquina de escrever: ele ouviu o som metálico abrupto das alavancas das teclas se chocando e embaraçando-se umas nas outras, e o pulinho do carro da máquina.

Ele não falou, mas pensou que seu rosto estava exposto porque ouviu Wynand lhe respondendo:

– Sim, você trabalhou aqui durante treze anos... Sim, eu comprei todos eles, inclusive Mitchell Layton, há duas semanas... – A voz demonstrava indiferença. – Não, os rapazes da redação não sabiam. Só os da impressão...

Toohey virou-se. Pegou um clipe, segurou-o na palma da mão, depois virou-a para baixo e deixou-o cair, observando com um leve espanto o caráter decisivo da lei que não permitira que ele permanecesse na palma virada da sua mão.

Levantou-se. Ficou olhando para Wynand, uma faixa de carpete cinza entre eles.

A cabeça de Wynand se moveu, inclinando-se ligeiramente na direção de um ombro. O rosto dele parecia demonstrar que nenhuma barreira era necessária agora, parecia simples, não havia nenhuma raiva, os lábios fechados sugeriam

um sorriso de dor que era quase humilde.

Wynand falou:

– Este foi o fim do *Banner*... Acho que é apropriado que eu o tenha presenciado em sua companhia.



Muitos jornais solicitaram os serviços de Ellsworth Monkton Toohey. Ele escolheu o *Courier*, um veículo de prestígio sólido e com uma política levemente incerta.

Na noite de seu primeiro dia no novo emprego, Toohey sentou-se na borda da escrivaninha de um editor associado e eles conversaram sobre o Sr. Talbot, o dono do *Courier*, com quem Toohey só havia se encontrado umas poucas vezes.

– Mas e o Sr. Talbot como pessoa? – perguntou Toohey. – Qual é o deus particular dele? A falta de que o faria desmoronar?

Na sala do rádio, do outro lado do saguão, alguém estava girando o botão de um rádio. Uma voz bradou:

– O tempo passa!



Roark estava sentado à prancheta de desenho de sua sala, trabalhando. A cidade fora das paredes de vidro parecia resplandecente, o ar purificado pelo primeiro frio de outubro.

O telefone tocou. Ele suspendeu o lápis, num impulso de impaciência. O telefone não podia tocar quando ele estava desenhando. Foi até sua escrivaninha e levantou o fone.

– Sr. Roark – disse sua secretária, o leve tom tenso de sua voz servindo como um pedido de desculpas pela ordem desobedecida –, o Sr. Gail Wynand gostaria de saber se seria conveniente para o senhor ir vê-lo em seu escritório, às quatro da tarde, amanhã.

Ela ouviu o chiado fraco de silêncio no fone ao seu ouvido e contou muitos segundos.

– Ele está na linha? – perguntou Roark. A mulher sabia que não era a ligação que fazia com que a voz dele soasse assim.

– Não, Sr. Roark. É a secretária do Sr. Wynand.

– Sim. Sim. Diga a ela que sim.

Ele voltou à prancheta de desenho e olhou para os esboços. Era a primeira deserção que ele fora forçado a cometer em toda a sua vida: sabia que não conseguiria trabalhar mais nesse dia. O peso da esperança e do alívio juntos era grande demais.



Quando Roark se aproximou da porta do que havia sido o Edifício Banner, viu que a placa, com o cabeçalho do *Banner*, não estava mais lá. Não havia nada no seu lugar. Um retângulo desbotado era tudo o que havia acima da porta. Ele sabia que agora o edifício abrigava os escritórios do *Clarion* e vários andares de salas vazias. O *Clarion*, um tabloide vespertino de terceira categoria, era o único representante da cadeia Wynand em Nova York.

Dirigiu-se a um elevador. Ficou contente por ser o único ocupante: teve uma sensação súbita e violenta de possuir sua pequena jaula de aço. Era dele, reencontrada, devolvida a ele. A intensidade do alívio mostrou-lhe a intensidade da dor que havia terminado com ele – a dor especial, como nenhuma outra em sua vida.

Quando entrou na sala de Wynand, soube que teria que aceitar aquela dor e carregá-la para sempre, que não haveria nenhuma cura nem nenhuma esperança. Wynand estava sentado atrás de sua escrivaninha e levantou-se quando ele entrou, encarando-o. O rosto de Wynand era mais do que o de um estranho: o rosto de um estranho é uma potencialidade ainda não abordada, para ser aberta se a escolha e o esforço forem feitos – o dele era um rosto conhecido, que havia se fechado e que nunca mais seria alcançado. Um rosto que não mostrava nenhuma dor pela renúncia, mas o carimbo do próximo passo, quando se renuncia até à dor. Um rosto distante e calmo, com uma dignidade própria, não um atributo vivo, mas a dignidade de uma figura sobre um túmulo medieval, que fala de uma grandeza passada e proíbe à mão tentar tocar nos restos mortais.

– Sr. Roark, esta reunião é necessária, porém extremamente difícil para mim. Por favor, aja conforme a ocasião.

Roark sabia que o último ato de bondade que podia oferecer era não demonstrar nenhum vínculo. Sabia que destroçaria o que sobrara do homem diante de si se pronunciasse uma palavra: Gail.

Roark respondeu:

– Sim, Sr. Wynand.

O empresário pegou quatro folhas de papel datilografadas e entregou-as por cima da mesa:

– Por favor, leia isto e assine, se aprovar.

– O que é?

– O seu contrato para projetar o Edifício Wynand.

Roark largou os papéis. Não podia segurá-los. Não podia olhar para eles.

– Por favor, ouça com muita atenção, Sr. Roark. Isto tem que ser explicado e entendido. Eu quero iniciar a construção do Edifício Wynand imediatamente. Quero que seja a estrutura mais alta da cidade. Não discuta comigo se é o momento certo, ou se é aconselhável do ponto de vista econômico. Eu quero que

seja construído. Será usado, e é só isso que lhe diz respeito. Ele abrigará o *Clarion* e todos os escritórios das Empresas Wynand que agora se encontram em diversas partes da cidade. O restante do espaço será alugado. Ainda me resta reputação suficiente para garantir isso. Você não precisa ter nenhum temor de que vai construir uma estrutura inútil. Eu lhe enviarei uma declaração por escrito contendo todos os detalhes e as exigências. O resto fica a seu critério. Você projetará o prédio como desejar. Terá a última palavra. Não haverá necessidade de minha aprovação. Terá comando e autoridade totais. Isso está estabelecido no contrato. Mas eu quero que fique entendido que eu não terei que vê-lo. Haverá um agente para me representar em todas as questões técnicas e financeiras. Você tratará com ele. Todas as suas futuras reuniões serão com ele. Informe-o sobre que empreiteiros você prefere que sejam escolhidos para o trabalho. Se julgar necessário se comunicar comigo, você o fará por intermédio do meu agente. Você não deve ter nenhuma expectativa de que me verá, nem deve tentar me ver. Se tentar, não será recebido. Eu não quero falar com você. Não quero vê-lo nunca mais. Se estiver preparado para cumprir essas condições, por favor, leia o contrato e assine.

Roark pegou uma caneta e assinou sem olhar para o papel.

– Você não leu – disse Wynand.

Roark atirou o papel sobre a escrivaninha.

– Por favor, assine as duas vias.

O arquiteto obedeceu.

– Obrigado – falou Wynand. Ele assinou as folhas e entregou uma a Roark – Esta é a sua via.

Roark colocou o papel no bolso.

– Eu não mencionei a parte financeira do empreendimento. Comenta-se que o assim chamado império Wynand está morto. Ele está ileso e indo melhor do que nunca no país inteiro, com exceção da cidade de Nova York. Ele existirá enquanto eu viver. Mas terminará comigo. Pretendo liquidar uma boa parte dele. Portanto, você não terá nenhuma razão para limitar-se por qualquer consideração de custo quando projetar o prédio. Está livre para fazê-lo custar quanto achar necessário. O prédio permanecerá muito depois de os jornais cinematográficos e os tabloides desaparecerem.

– Sim, Sr. Wynand.

– Eu presumo que a sua intenção será tornar a estrutura eficientemente econômica quanto aos custos de manutenção. Mas não precisa levar em consideração o retorno do investimento original. Não há ninguém a quem ele deva retornar.

– Sim, Sr. Wynand.

– Se levar em consideração o comportamento do mundo atualmente e a catástrofe para a qual ele está se dirigindo, você pode achar que o

empreendimento é absurdo. A era do arranha-céu acabou. Esta é a era do conjunto habitacional, o que é sempre um prelúdio à era das cavernas. Mas você não teme um gesto contra o mundo todo. Este será o último arranha-céu a ser construído em Nova York. É apropriado que seja assim. A última conquista do homem na Terra antes que a humanidade se destrua.

– A humanidade jamais se destruirá, Sr. Wynand. Tampouco deve pensar em si mesma como destruída. Não enquanto ela realizar algo como isso.

– Como o quê?

– Como o Edifício Wynand.

– Isso cabe a você. Coisas mortas, como o *Banner*, são apenas o fertilizante financeiro que o tornará possível. É a função apropriada delas.

Wynand pegou a sua via do contrato, dobrou-a e colocou-a, com um movimento preciso, no bolso interno do paletó. Prosseguiu, sem nenhuma mudança no tom de voz:

– Eu lhe disse certa vez que esse prédio deveria ser um monumento à minha vida. Não há nada a celebrar agora. O Edifício Wynand não terá nada... exceto o que você lhe der.

Ele se pôs de pé, indicando que a reunião estava encerrada. Roark levantou-se e inclinou a cabeça, despedindo-se. Manteve a cabeça abaixada por um instante a mais do que o necessário, em uma reverência formal.

À porta, parou e virou-se. Wynand estava em pé atrás de sua escrivaninha, imóvel. Eles olharam um para o outro.

O empresário falou:

– Construa-o como um monumento àquele espírito que é seu... e que poderia ter sido meu.

NUM DIA DE PRIMAVERA, DEZOITO MESES DEPOIS, Dominique caminhou até o local da obra do Edifício Wynand.

Olhou para os arranha-céus da cidade. Eles erguiam-se a partir de pontos inesperados, entre as silhuetas de telhados baixos. Possuíam uma brusquidão surpreendente, como se houvessem brotado um segundo antes de ela os ver e ela houvesse avistado o último impulso do movimento; como se, caso ela se virasse e voltasse a olhar rápido o suficiente, pudesse flagrá-los no ato de emergir.

Dobrou uma esquina de Hell's Kitchen e chegou ao terreno desobstruído.

Máquinas arrastavam-se sobre a terra despedaçada, nivelando o futuro parque. No centro, o esqueleto do Edifício Wynand, completo, erguia-se em direção ao céu. A parte superior da estrutura ainda estava inacabada, uma jaula de aço entrelaçado. Vidro e alvenaria haviam seguido a sua ascensão, cobrindo o resto da longa faixa que cortava o espaço.

Ela pensou: *Dizem que o coração da Terra é feito de fogo. Ele é mantido aprisionado e silencioso. Mas, de vez em quando, atravessa a argila, o ferro, o granito e se lança para fora, para a liberdade. É então que se torna algo como isto.*

Andou até o prédio. Um tapume de madeira cercava seus andares mais baixos. O tapume reluzia com placas grandes anunciando os nomes das firmas que haviam fornecido os materiais para a estrutura mais alta do mundo. “Aço Nacional Ltda.”; “Vidros Ludlow”; “Equipamentos Elétricos Wells-Clairmont”; “Elevadores Kessler Ltda.”; “Nash & Dunning, Empreiteiros”.

Dominique parou. Viu um objeto que nunca notara antes. A visão era como o toque de uma mão sobre sua testa, a mão daqueles personagens de lendas que tinham o poder de curar. Ela não conhecera Henry Cameron e não o ouvira dizer isto, mas o que sentia nesse instante era como se estivesse ouvindo: “E sei que, se você carregar essas palavras até o fim, será uma vitória, Howard, não apenas para você, mas para algo que deve vencer, algo que move o mundo... e que nunca recebe nenhum reconhecimento. Vingar-se muitos que foram derrotados antes de você, que sofreram como você sofrerá.”

Ela viu, no tapume que cercava o maior edifício de Nova York, uma pequena placa de latão com as palavras:

“HOWARD ROARK, ARQUITETO”

Dirigiu-se ao barracão do capataz. Ela fora lá com frequência, para visitar Roark e observar o avanço da construção. Porém encontrou no barracão um homem novo, que não a conhecia. Dominique perguntou por Roark.

– O Sr. Roark está lá no topo, perto da caixa-d'água. A quem devo anunciar, senhora?

– Sra. Roark – respondeu ela.

O homem encontrou o capataz, que a deixou subir no elevador de obra, como

ela sempre fazia – algumas tábuas e uma corda servindo de grade, que subia pelo lado de fora do prédio.

Ela ficou em pé, com a mão erguida segurando um cabo, seus sapatos de salto alto plantados firmemente sobre as tábuas, que estremeceram. Uma corrente de ar fez com que sua saia grudasse no corpo, e ela viu o chão caindo suavemente, afastando-se dela.

Dominique subiu além dos painéis amplos das vitrines das lojas. Os canais formados pelas ruas tornavam-se mais profundos, mergulhando. Subiu além das marquises de cinemas, esteiras negras sustentadas por espirais coloridas. Janelas de escritórios passavam enfileiradas por ela, longos cinturões de vidro escorrendo para baixo. Os blocos baixos e pesados dos depósitos desapareceram, afundando com os tesouros que guardavam. Torres de hotéis se inclinaram, como as varetas de um leque que se abre, e encolheram. Os palitos de fósforos soltando fumaça eram chaminés de fábrica e os quadrados cinza se movendo eram carros. O sol transformava cumes aguçados em faróis que giravam, lançando raios longos e brancos sobre a cidade, que se esparramava, marchando em fileiras angulares até os rios. Era retida entre dois braços de água finos e negros. Pulava por sobre eles e desenrolava-se em uma névoa de planícies e céu.

Telhados planos desciam como pedais pressionando os prédios para baixo, afastando-se da rota do voo dela. Dominique passou pelos cubos de vidro que continham salas de jantar, quartos e cômodos de bebês. Viu jardins em telhados flutuarem para baixo, como lenços espalhados ao vento. Arranha-céus apostaram corrida com ela e ficaram para trás. As tábuas sob seus pés passaram em velocidade por antenas de estações de rádio.

O elevador balançava como um pêndulo acima da cidade. Movia-se velozmente contra a lateral do prédio. Passara a linha onde a alvenaria que estava atrás dela terminava. Não havia nada atrás dela agora, a não ser vigas mestras de aço e espaço. Ela sentia a altura pressionando seus tímpanos. O sol enchia seus olhos. O ar batia de encontro ao seu queixo erguido.

Dominique o viu em pé, mais acima, na plataforma mais alta do Edifício Wynand. Roark acenou para ela.

A linha do oceano cortava o céu. O oceano subia à medida que a cidade descia. Ela passou pelos pináculos de prédios de bancos. Passou pelos topos de tribunais. Elevou-se acima dos cumes de igrejas.

Então havia apenas o oceano e o céu, e a figura de Howard Roark

FIM

POSFÁCIO

por Leonard Peikoff

ANTES DE COMEÇAR UM ROMANCE, Ayn Rand escrevia copiosamente em seus diários a respeito do tema, dos personagens e do enredo. Ela escrevia não para qualquer outro leitor, mas para si mesma – para alcançar maior clareza em sua própria compreensão. Entretanto, para os seus admiradores, os diários de *A Nascente* são uma cornucópia de tesouros. Entre outras coisas, eles incluem os primeiros esboços dos personagens, anotações indicando a evolução do enredo, sua própria análise do primeiro rascunho da Parte I e uma ampla pesquisa sobre arquitetura, com passagens de livros de várias autoridades copiadas à mão e seguidas de seus próprios comentários. Permeando os diários, é claro, de uma forma ou de outra, há também filosofia – ou seja, as ideias que terminariam por culminar no objetivismo.

Desses diários, com a ajuda generosa de um associado, Gary Hull, selecionei para este Posfácio trechos de vários tipos. Eles estão sendo aqui oferecidos como um bônus para os leitores de Ayn Rand. Esse material dará ao leitor pelo menos um vislumbre do romance nascendo – e da autora trabalhando, criando-o por meio da solução de problemas para os quais, graças a ela, o leitor já sabe as respostas completas e perfeitas.

O título provisório de Ayn Rand para o romance era “*Viver à custa dos outros*” (*Second-hand lives*). O título final, escolhido após a conclusão do manuscrito, muda a ênfase: como o livro, ele dá primazia não aos vilões, mas ao herói criativo, o homem que usa a sua mente independentemente dos outros e que se torna, dessa forma, a fonte de todas as realizações e conquistas.

A primeira página dos originais escritos à mão de *A Nascente* é datada de 26 de junho de 1938. Porém anos antes Ayn Rand já estava trabalhando duro, pensando no livro. Em 26 de dezembro de 1935, por exemplo, ela esboçou o seguinte elenco preliminar de personagens (três dos quais foram eliminados mais tarde, enquanto outros eram adicionados):

Howard Roark – A alma nobre por excelência. O homem como deve ser. Autossuficiente, autoconfiante, o objetivo dos objetivos, a razão incorporada, a alegria de viver personificada. Acima de tudo, o homem que vive para si próprio, da forma como viver para si próprio deve ser entendida. E que triunfa completamente. Um homem que é aquilo que deve ser.

Peter Keating – Exatamente o oposto de Howard Roark e tudo o que um homem não deve ser. Um exemplo perfeito de um homem sem ego que é, na acepção aceita da palavra, um egoísta cruel e sem princípios. Uma vaidade e ganância tremendas, que o levam a sacrificar tudo por uma “carreira brilhante”.

No fundo, um plebeu, um homem da multidão e para a multidão. Seu triunfo é seu desastre. Destroçada, amarga e vazia, sua “vida à custa dos outros” toma a forma de sacrificar tudo por uma vitória que não tem nenhum significado e que não lhe dá nenhuma satisfação. Porque os meios que emprega se tornam o seu fim. Ele mostra que um homem sem ego não pode ser ético. Ele não tem ego e, portanto, não pode ter nenhuma ética. Um homem que jamais poderia ser [como o homem deve ser]. E não sabe disso.

Um dono de várias publicações (Gail Wynand) – Um homem que comanda a multidão apenas enquanto disser o que ela quer que ele diga. O que acontece quando ele tenta dizer o que *ele* quer. Um homem que poderia ter sido.

Um pregador? – Um homem que tenta salvar o mundo com uma ideologia ultrapassada. Mostrar que seus ideais estão de fato ativos na realidade e que eles são precisamente aquilo de que o mundo precisa ser salvo.

Um produtor de arte (Cinema) – Um homem que não tem opiniões nem valores, exceto os dos outros.

A atriz (Vesta Dunning) – Uma mulher que acredita na grandeza quando vista por outros, não por ela mesma. Uma mulher que poderia ter sido.

Dominique Wynand – A mulher para um homem como Howard Roark. A perfeita sacerdotisa.

John Eric Snyte – O empregador que leva o crédito pelo trabalho de seus contratados. Um homem que se glorifica apropriando-se das conquistas de outros.

Ellsworth Monkton Toohey – Notável economista, crítico e esquerdista. “Notável” em qualquer coisa e em tudo o que faz. Um grande “humanitário” e “homem de integridade”. Glorifica todas as formas de coletivismo porque sabe que somente sob tais formas ele conseguirá, como o melhor representante das massas, alcançar proeminência e distinção, as quais lhe seriam impossíveis por meio de seus próprios méritos, que não existem. O demolidor de ídolos por excelência. Inimigo nato e orgânico de tudo o que é heroico. Possui um gênio evidente para tudo o que é banal. O pior de todos os ratos possíveis. Um homem que nunca poderia ser – e sabe disso.

Os dois extremos morais nesse elenco são obviamente Roark e Toohey. Aqui está Ayn Rand criando o personagem de Roark, em 9 de fevereiro de 1936.

Observe a sua preocupação com os detalhes físicos que o tornarão real, e com o espírito que o fará Roark

Howard Roark

Alto, esguio. Um pouco anguloso – linhas retas, ângulos retos, músculos firmes. Anda depressa, facilmente demais, um pouco relaxado, um tipo solto de facilidade no movimento, como se o movimento não requeresse absolutamente nenhum esforço, um corpo para o qual o movimento é tão natural quanto a imobilidade, sem uma linha definida a separá-los, uma facilidade de movimento leve, fluida, preguiçosa, uma energia tão completa que assume a facilidade do ócio. Mãos grandes e longas – juntas, nós dos dedos e ossos dos pulsos proeminentes, com veias firmes e saltadas nas costas das mãos; mãos que não parecem nem jovens nem velhas, mas extraordinariamente fortes. Suas roupas sempre amarfanhadas, desarrumadas, folgadas e sugestivas... uma certa inaptidão selvagem para roupas. Cabelo definitivamente ruivo, solto, liso, sempre despenteado.

Um rosto duro, proibitivo, sem o menor atrativo, de acordo com os padrões convencionais. Mais sujeito a ser considerado rústico que bonito. Maçãs do rosto bem salientes. Um nariz reto, pontudo. Uma boca grande – longa e estreita, com o lábio superior fino e o inferior bastante proeminente, que lhe dão a aparência de um eterno meio sorriso congelado, um sorriso irônico, duro, desconfortável, zombeteiro e desdenhoso. Rugas, covinhas ou músculos levemente proeminentes, tudo isso e nenhum definitivamente, ao redor dos cantos da boca. Um rosto muito pálido, sem cor nas bochechas e com sardas sobre as maçãs do rosto e a parte superior do nariz. Sobrancelhas vermelho-escuras, retas e finas. Olhos cinza-escuro, firmes, sem expressão – olhos que se recusam a mostrar expressão, para ser exata. Cílios muito longos, retos, vermelho-escuros – o único toque gentil e suave em todo o rosto, um toque surpreendente em sua expressão austera. E, quando ele ri – o que ocorre raramente –, sua boca se abre bastante, com um tipo de abandono total e relaxado. Uma voz baixa, dura, rouca – não arranhada, mas com um tom indeterminado, apesar de distinta em seu som, com a mesma fluidez preguiçosa e suave de seus movimentos, nem a voz nem os movimentos realmente sendo preguiçosos ou suaves...

Ele não chega a ser nem militante, nem arrogante a respeito do seu egoísmo absoluto. Assim como não poderia ser arrogante a respeito do seu direito de respirar e comer. Ele tem a tranquilidade serena, completa e irrevogável de uma convicção de ferro. Sem dramas, histerias nem sensibilidades a respeito – porque não há nenhuma dúvida. Uma aceitação serena, quase indiferente, de um fato irrevogável.

Uma mente rápida e perspicaz, corajosa e sem medo de se magoar, que há muito tempo já percebeu e entendeu por completo como o mundo é exatamente, e que o mundo não é como ele. Consequentemente, ele não pode mais ser magoado. O mundo não tem nenhuma surpresa dolorosa para ele, uma vez que ele já aceitou há muito tempo o que deve esperar do mundo...

Ele não sofre, porque não acredita em sofrimento. Derrotas e decepções são apenas parte da batalha. Nada pode tocá-lo realmente. Preocupa-se exclusivamente com o que faz. Não com o que sente. A forma como ele se sente é uma questão exclusivamente sua, que não pode ser influenciada por nada nem ninguém do lado de fora. Seu sentimento é uma chama firme e lisa, secreta e escondida, uma profunda alegria de viver e de conhecer seu próprio poder; uma alegria que não tem consciência de ser alegria, porque é tão constante, natural e imutável...

Ele será ele mesmo a qualquer custo – a única coisa que realmente quer da vida. E, no fundo, sabe que tem a capacidade para obter o direito de ser ele mesmo. Consequentemente, a sua vida é clara, simples, satisfatória e alegre – mesmo que muito dura em sua aparência exterior.

Ele está em conflito com o mundo de todas as formas possíveis – e em completa paz consigo mesmo. E a diferença principal entre ele e o mundo é que ele nasceu sem a capacidade de levar os outros em consideração. Como uma questão de forma e necessidade em seu percurso, como em encontros com companheiros de viagem – sim. Como uma consideração básica e primária – não...

Religião – Nenhuma. Nem um pingo. Nascido sem nenhum “centro cerebral religioso”. Não entende e não pode sequer conceber o instinto de se curvar e se submeter. Toda a sua capacidade de reverência está centrada em si mesmo. Não precisa de nenhuma “consolação” mística e de nenhuma outra vida. Aprecia demais este mundo para esperar ou desejar qualquer outro...

A história é a história do triunfo de Howard Roark. Tem que mostrar o que esse homem é, o que quer e como ele o consegue. Tem que ser um épico triunfante do espírito humano, um hino glorificando o “Eu” de um homem. Tem que mostrar todos os obstáculos e as dificuldades imagináveis em seu caminho – e como triunfa sobre eles, porque ele tem que triunfar.

Um ano depois, em 22 de fevereiro de 1937, Any Rand está trabalhando em um esboço inicial de *Toohy*. Estes são alguns trechos:

Ellsworth Monkton Toohy

O homem não criativo que vive à custa dos outros por excelência – o crítico, expressando e moldando a voz da opinião pública, o homem comum desinibido – condensado, representando as qualidades do homem comum mais as qualidades peculiares do seu tipo, que fazem dele o líder natural do homem comum. O tema musical – uma vaidade maligna enraizada, aliada a um desejo vão pelo poder; uma cobiça pela superioridade que pode ser expressa somente por intermédio de outras pessoas, a quem, portanto, ele tem que dominar; um complexo natural de inferioridade que o leva subconscientemente a rebaixar todas as coisas e torná-las inferiores...

Entrou com tudo na “intelectualidade”. Duas razões: primeira, uma vingança subconsciente por sua inferioridade física óbvia, um meio de chegar ao poder que seu corpo jamais lhe poderia ter dado; segunda, e principal –

uma percepção astuta de que somente o controle mental sobre os outros é o verdadeiro controle, e que, se puder governá-los mentalmente, será o governante absoluto deles. Sua vaidade não é passiva como a de Peter, que não se preocupa realmente com os outros, propriamente ditos, mas apenas na medida em que servem de espelhos para a sua vaidade. Toohey se preocupa intensamente com os outros, no sentido de um desejo arrebatador de dominá-los...

Toohey percebeu antes de muitos outros o poder tremendo dos números, o poder das massas que, pela primeira vez, no século XX, estão adquirindo uma verdadeira importância em todos os setores da vida, até mesmo no intelectual. Nesse sentido, ele é o homem do século, o gênio da democracia moderna em seu pior sentido. O principal alicerce de suas convicções é a igualdade – sua maior paixão. Isso inclui a ideia de que, como criaturas humanas bipedes, todos possuem certo valor intrínseco pelo mero fato de haverem nascido com a forma humana, e não como macacos. Nenhum conteúdo mental, concreto dentro da forma humana, importa. Um grande cérebro, ou um grande talento, ou um caráter magnífico não têm nenhuma importância quando comparados ao valor intrínseco que todos possuem como homens – o que quer que seja esse valor. Ele nunca é claro sobre o que seria esse valor e fica bastante incomodado quando a questão é levantada...

Uma vez que crenças são importantes para ele apenas como meios para um fim, e essa é a extensão de sua crença em crenças, ele não se incomoda com as suas inconsistências, com a imprecisão e as falácias lógicas de suas convicções. Elas são eficientes e eficazes para alcançar os fins que ele almeja. Elas funcionam e é para isso que servem...

O comunismo, a variedade soviética em particular, não é apenas uma teoria econômica. Ele não exige igualdade econômica e segurança com a finalidade de deixar cada indivíduo livre para subir na vida como escolher. O comunismo é, acima de tudo, uma teoria espiritual que nega o indivíduo, não somente como um poder econômico, mas em todos os aspectos possíveis. Ele exige subordinação espiritual às massas em todas as formas concebíveis: econômica, intelectual, artística; permite que indivíduos subam na vida como servos das massas, apenas como porta-vozes da grande média. Coloca, entre todos os indivíduos, Ellsworth Monkton Toohey no topo da pirâmide humana...

Em sua oposição à ordem social existente, não são os grandes capitalistas e seu dinheiro a quem Toohey se opõe, e sim aos escassos conceitos de individualismo que ainda existem naquela sociedade e aos poucos privilegiados que são seus símbolos materiais. Ele diz que está lutando contra Rockefeller e Morgan; está lutando contra Beethoven e Shakespeare...

Toohey estuda vorazmente. Tem uma memória magnífica para fatos e estatísticas, é conhecido como uma “enciclopédia ambulante”. Isso é natural – já que ele não tem uma mente criativa, apenas uma mente que repete, imita, absorve, uma mente parasita. Pelo mesmo motivo – sua absorção em estudos –, ele não tem nada novo a criar, mas pode adquirir importância por meio da absorção dos trabalhos e das conquistas dos outros. Ele é uma esponja, não uma fonte de água fresca...

Ele é um homem tão completamente envenenado espiritualmente que sua aparência física debilitada parece ser um testemunho ambulante do pus espiritual que enche suas veias.

Se os diários de Ayn Rand a mostram no ato apaixonado do trabalho criativo, eles também a revelam criticando e analisando sem qualquer paixão partes dos estágios iniciais do seu trabalho. Aqui, por exemplo, estão os comentários dela a respeito do primeiro rascunho do Capítulo 1 (18 de fevereiro de 1940):

Capítulo 1 Roark aparece cedo demais – (demais é revelado sobre ele) – heroico demais, muito óbvio – a simpatia da autora clara demais. (?) não gosto da explosão do Roark com o Diretor – pode ser feito de outra forma. Não expresse pensamentos em forma de diálogo – narre-os (como os do Diretor e da Sra. Keating) Roark mudando seu desenho – detalhes demais (?) Nesse primeiro capítulo – para introduzir Roark ornamento – que seus prédios não são caixas modernistas?

Depois de analisar dessa forma toda a Parte 1, capítulo por capítulo, Ayn Rand resume para si mesma certos pontos cruciais:

Sobre a primeira parte em geral:

Não expresse pensamentos em forma de diálogo. Controle os adjetivos – corte os que enfraquecem. Não os use, a não ser que sejam diferentes e esclarecedores. Não entre em análises psicológicas detalhadas, a não ser que a finalidade seja dizer algo novo e esclarecedor. Não dê nenhum tipo de detalhe – em frases ou pensamentos –, a não ser que tenha algo novo a dizer.

Ponha ênfase na atitude de parasita sempre que possível, particularmente no caso de Keating, mas mostre uma faceta diferente a cada vez. Corte as partes que não têm relação com esse tema. O livro não é sobre arquitetura, é sobre Roark contra o mundo e sobre o funcionamento daquela coisa no mundo que se opõe a ele. Dê apenas o suficiente de pura arquitetura para tornar o cenário real. Mas apenas como *cenário*. Elimine banalidades ou expressões convenientes e familiares já formuladas, mesmo em lugares que são meras transições, como em “e entrou para a história do cinema”, “ronda de *nightclubs*” etc.

Uma das partes mais interessantes e filosóficas desses diários é a coleção de páginas dedicadas à pesquisa. Ayn Rand aprendeu sobre arquitetura lendo livros e por meio da própria experiência (que incluiu um ano de trabalho em um escritório de arquitetura). Estas são algumas das suas anotações de 1937, a respeito de arquitetura e outros tópicos. Eu escolhi estas passagens aleatoriamente, mas as apresento em ordem cronológica.

27 de fevereiro de 1937

Questão incidental: um bibliotecário escrevendo sobre construção de bibliotecas insiste que elas devem ser feitas para parecerem tão acessíveis ao público quanto possível – para “trazer a biblioteca para mais perto do povo”. “Entradas espaçosas e convidativas são colocadas ao nível do solo, perto da via pública, com o mínimo possível de passos entre o pedestre e o prédio.” Isso pode parecer bastante sensato em relação à arquitetura de uma biblioteca, mas a questão que é levantada, de uma forma geral, é: será que é aconselhável oferecer todas as conveniências da cultura para pessoas que acham que o esforço de subir uns poucos degraus de escada é razão suficiente para deixar de ler?

27 de março de 1937

Um exemplo típico do poder crescente das massas – A arrogância aberta daqueles que são inferiores e que não tentam mais imitar seus superiores, mas exibem ousadamente sua inferioridade, suas qualidades comuns, seu “apelo popular”. Uma situação em que a qualidade não tem mais importância alguma e na qual está começando a ser evitada, malvista, até mesmo desprezada. O paradoxo da escória da humanidade sentindo, de fato, *desprezo* pelos que são melhores que eles, justamente *porque* são melhores. A quantidade considerada, por si só, importante – a qualidade nem mais sequer considerada. As massas triunfantes. Exemplo da vida real: o chefe de uma “escola de etiqueta”, no comando de um esquema fraudulento desprezível, ao ser atacado por uma revista “de prestígio”, diz, arrogante: “Por que devo me preocupar? Quem são eles? Em todos os seus anos de existência, eles têm apenas cem mil leitores. *Eu* tenho um milhão de fregueses ao ano!”

4 de junho de 1937

Exemplo típico e valioso do espírito de multidão:

Raymond Hook, arquiteto do Edifício Daily News em Nova York (o prédio mais feio da cidade!) é “um arquiteto do tipo moderno que prega e pratica a cooperação. Ele não quer saber do arquiteto que “se tranca em seu escritório para fazer um projeto e depois o manda para um empreiteiro construir ou para um engenheiro encaixar o encanamento, o aquecimento e o aço da melhor forma que puder”. Tampouco quer saber do arquiteto que “sobe para uma comunhão no Monte Sinai e passa os resultados ao dono, aos engenheiros e ao público”. De acordo com o seu ponto de vista, assim como do meu, os melhores projetos, pelo menos no que diz respeito à construção de arranha-céus, vêm de “um grupo de mentes no qual o arquiteto é apenas um elo na corrente”.

Assim fala a multidão. E os resultados falam por si mesmos. São os prédios mais feios, mais achatados, mais convencionais, sem sentido, sem imaginação e

menos inspiradores do livro.

Esse tipo de arquiteto trabalha “por conferência”, na qual todos os elementos envolvidos participam, discutem seus projetos, fazem sugestões, etc. (Como uma conferência em Hollywood para criar uma história.) O resultado é o resultado de sempre de uma criação coletiva – “uma média da média”.

10 de junho de 1937

Nota: A preocupação peculiar de arquitetos como esse autor e o anterior com “proporções”, “molduras”, “fidelidade dedicada a exemplos clássicos”, etc. A preocupação com cada pequena coisa, exceto a mais importante – a composição e o seu significado como um todo. Será que não é como as pessoas que se preocupam demasiadamente com pequenos detalhes de “estilo” e gramática, em literatura, sem se importarem com o que o conteúdo significa? Mais uma vez, o “como” em oposição ao “o quê”. (Porém o “o quê” determina todo o restante, assim como o fim determina os meios, não vice-versa. Eu também não pretendo que o “fim” justifique meios torpes. O “como” sempre deve estar à altura do “o quê”, mas deve ser determinado por ele.)

5 de dezembro de 1937

Vamos decidir de uma vez por todas o que é uma unidade e o que será apenas uma parte da unidade, subordinada a ela. Um prédio é uma unidade – tudo mais dentro dele, como esculturas, murais, ornamentos, são partes da unidade e devem estar subordinadas à vontade do arquiteto, como o criador da unidade. Nenhum papo de “liberdade do artesão” para escultores e outros como eles.

Além disso, o *homem* é uma unidade, não a *sociedade*. Portanto, o homem não pode ser considerado apenas uma parte subordinada a ser encaixada no conjunto da sociedade ou governada por ela.

(Eu realmente acredito que um prédio, não uma cidade, é uma unidade, o que significa que o planejamento urbano não deveria controlar todos os prédios. Porque uma casa pode ser o produto de um homem, mas uma cidade não pode. E nada que seja coletivo pode ter a unicidade e a integridade de uma “unidade”.)

Grande parte da confusão sobre o significado de “coletivismo” e de “individualismo” poderia ser esclarecida se as pessoas fossem claras sobre o que constitui uma unidade, o que deve ser considerado uma unidade.

Em relação às regras sobre isso – meu trabalho do futuro.

Aqueles que conhecem o livro de Ayn Rand intitulado *Introduction to Objectivist Epistemology* sabem de que forma surpreendente ela completou esse “trabalho do futuro” extremamente técnico.

Nos anos 1930, porém, ela estava preocupada principalmente com a ética; ela

queria definir e apresentar uma visão dignificante da vida humana. Em uma anotação datada de 15 de janeiro de 1936 está a sua razão para escrever *A Nascente*:

Isso pode parecer ingenuidade. Mas... será que algum dia a nossa vida terá alguma realidade? Será que em alguma época viveremos honestamente? Ou será que a vida sempre será outra coisa, algo diferente do que deveria ser? Uma vida real, simples, sincera e até ingênua é a única vida em que o potencial de toda a grandeza e beleza da existência humana pode ser realmente encontrado. Será que existem razões reais para aceitar a alternativa, aquilo que temos hoje? Ninguém de fato mostrou a vida de hoje *como ela realmente é*, com seu significado verdadeiro e suas razões. Eu vou mostrá-la. Se não for uma imagem bonita... qual é a alternativa?

Eu li *A Nascente* muitas vezes desde 1949, quando o encontrei pela primeira vez. Eu o li principalmente pelo simples prazer de viver no mundo “alternativo” criado por Ayn Rand. Espero que a história tenha lhe dado o mesmo prazer.

Leonard Peikoff
Irvine, Califórnia
março de 1992

SOBRE A AUTORA



Escritora e filósofa, Ayn Rand nasceu em 1905 em São Petersburgo, Rússia. Aos 8 anos descobriu seu primeiro herói de ficção em uma revista infantil

francesa, e essa concepção heroica permaneceu ao longo de sua vida. Aos 9 anos, decidiu se tornar autora de livros de ficção. Opositora convicta da cultura mística e do coletivismo russo, considerava-se uma escritora europeia, especialmente após entrar em contato com Victor Hugo, autor que ela muito admirava.

Quando conheceu a história dos Estados Unidos, imediatamente tomou a América como o modelo de uma nação de homens livres.

Na Universidade de Petrograd, estudou filosofia e história. Eterna admiradora do cinema, ingressou no Instituto Estatal de Arte Cinematográfica em 1924.

Em 1925 Ayn Rand conseguiu autorização para deixar a Rússia e saiu decidida a nunca mais voltar. Chegou a Nova York em 1926 e, após seis meses, mudou-se para Hollywood em busca de uma carreira de roteirista.

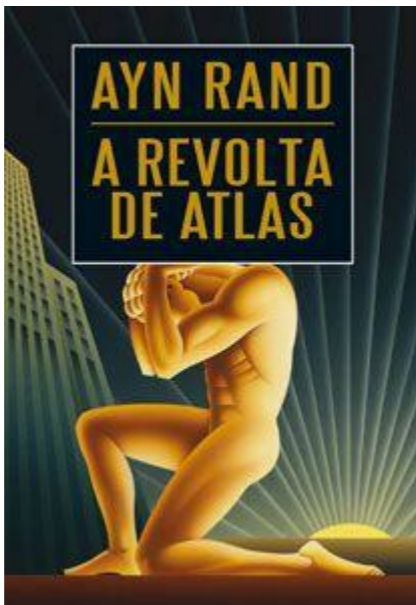
Lá, conheceu o ator Frank O'Connor, com quem se casou em 1929. Ficaram casados até a morte de Frank, 50 anos depois.

Seu primeiro romance, *We the Living*, foi rejeitado por inúmeras editoras, até ser aceito e publicado em 1936. Considerado o mais autobiográfico de seus livros, foi baseado nos anos que passou sob a tirania soviética.

Ayn Rand começou a escrever *A Nascente* em 1935. Levou sete anos para ser escrito e foi inicialmente rejeitado por doze editoras, sendo finalmente aceito e publicado em 1943. *A Nascente* fez história e acabou se tornando uma das obras mais vendidas no mundo graças ao boca a boca dos leitores, dois anos mais tarde, e consagrando sua autora como porta-voz do individualismo. Até hoje mais de seis milhões de exemplares do livro já foram vendidos mundialmente.

Em 1946, começou a escrever *A revolta de Atlas*, lançado pela Editora Arqueiro em 2010.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA



A REVOLTA DE ATLAS

CAPÍTULO 1
O TEMA

– QUEM É JOHN GALT?

A luz começava a declinar, e Eddie Willers não conseguiu distinguir o rosto do vagabundo que tinha falado de modo simples, sem expressão. Mas, do crepúsculo lá longe, no fim da rua, lampejos amarelos alcançaram seus olhos, que,

galhofeiros e parados, fitavam Willers diretamente – como se a pergunta se referisse àquele mal-estar inexplicável que ele sentia.

– Por que você disse isso? – perguntou Willers, tenso.

O vagabundo se encostou no batente da porta. Uma vidraça partida por trás dele refletia o amarelo metálico do céu.

– Por que isso o incomoda? – perguntou.

– Não me incomoda – rosnou Willers.

Mais que depressa, enfiou a mão no bolso à procura de uma moeda. O vagabundo o havia detido, lhe pedira uma moeda e continuava falando, como se tentasse ultrapassar aquele momento e adiar o seguinte. Pedir dinheiro nas ruas já havia se tornado tão frequente que ninguém mais perdia tempo ouvindo explicações – e Eddie não estava interessado em conhecer os detalhes do desespero específico daquele pedinte.

– Vá tomar um café – disse, estendendo a moeda para aquela sombra sem rosto.

– Muito obrigado, senhor – disse a voz, sem interesse, e a cabeça se inclinou para a frente por um momento. Tinha a face curtida pelo vento, sulcada por rugas de cansaço e por uma cínica resignação, e os olhos eram inteligentes.

Eddie Willers continuou caminhando, enquanto se perguntava a razão de ter sempre, a esta hora do dia, a mesma sensação inexplicável de medo. *Não, pensou. Não é medo, não há nada a temer. O que há é mais uma apreensão imensa e difusa, sem origem e sem causa.* Ele se acostumara à sensação, mas não conseguia defini-la. Ademais, o vagabundo falara como se soubesse de seus sentimentos, como se achasse que alguém deveria sentir aquilo e, ainda mais, como se conhecesse o motivo.

Eddie Willers se empertigou, exercendo sua autodisciplina. *Preciso acabar com isso*, pensou. Estava começando a imaginar coisas. Sempre sentira aquilo? Estava com 32 anos. Tentou se lembrar. Não, não tinha sido sempre assim; mas ele não podia se lembrar de quando começara. A sensação lhe chegara subitamente, a intervalos irregulares, e agora estava mais insistente que nunca. *É o crepúsculo*, pensou. *Eu detesto o crepúsculo.*

As nuvens e os topos dos arranha-céus contra elas começavam a adquirir uma tonalidade marrom, como num velho quadro a óleo, com a cor evanescente de uma obra-prima já desbotada. Longas raias de sujeira escorriam pelas paredes carcomidas de fuligem. Bem no alto de uma torre, havia uma rachadura com o formato de um raio imóvel, que se prolongava por uns 10 andares. Um objeto denteado cortava os céus, acima dos tetos: era a metade de um pináculo, que ainda refletia o brilho do pôr do sol. O dourado que antes recobriria a parte fosca já descascara havia muito tempo. O brilho era vermelho e sereno como o reflexo de um incêndio, não um incêndio ativo, mas um que já está morrendo, que não foi possível conter a tempo.

Não, pensou Eddie Willers, não há nada de perturbador na visão da cidade. Ela parece a mesma de sempre.

Ele continuou caminhando, lembrando-se de que havia se atrasado na volta ao escritório. Não lhe agradava nada a tarefa que teria de concluir quando chegasse, mas era preciso que fosse feita. Assim, para não atrasá-la ainda mais, apressou o passo.

Virou uma esquina. Pelo estreito espaço entre as silhuetas negras de dois edifícios, como através de uma fresta numa porta, ele viu a página de um gigantesco calendário suspenso no céu.

Era o calendário que o prefeito de Nova York tinha colocado, no ano anterior, no topo de um edifício, de tal modo que os cidadãos pudessem ver os dias do mês como viam as horas: olhando de relance para o alto do prédio. Era um retângulo branco sobre a cidade, que informava a data aos homens nas ruas, lá embaixo. Na luz cor de ferrugem do crepúsculo, o retângulo avisava: 2 de setembro.

Eddie Willers desviou o olhar. Jamais gostara de ver esse calendário. Era uma visão que o perturbava de um modo que não podia explicar nem definir. A sensação parecia se misturar àquela de constrangimento que há pouco experimentara: tinha as mesmas características.

Pensou subitamente que havia uma frase, uma citação que expressava o que o calendário lhe parecia sugerir. Mas não pôde se lembrar. Caminhou, procurando alcançar mentalmente uma frase que pairava em seu espírito como uma forma vazia. Não conseguia preenchê-la nem descartá-la. Olhou para trás. O retângulo branco, lá no alto, continuava proferindo sua sentença: 2 de setembro.

Eddie Willers baixou o olhar para a rua, para uma carrocinha de verduras parada diante de uma casa de pedra. Viu uma pilha de cenouras douradas e brilhantes e o verde fresco das cebolas. Uma cortina de impecável alvura ondulava através de uma janela aberta. Um ônibus, dirigido por um motorista competente, virava uma esquina. Perguntou-se por que voltara a se sentir tranquilo – e também por que desejava subitamente que essas coisas todas não fossem deixadas a descoberto, desprotegidas contra o espaço vazio de cima.

Quando chegou à Quinta Avenida, seguiu olhando as vitrines pelas quais passava. Não estava precisando de nada nem queria comprar nada, mas gostava de ver a arrumação das mercadorias, quaisquer que fossem, objetos feitos pelo homem, para uso do homem. Alegrou-se com a visão de uma rua próspera: apenas uma em cada quatro lojas estava desativada, com as vitrines escuras e vazias.

Sem saber por quê, subitamente se lembrou do carvalho. Nada parecia trazê-lo diretamente à lembrança. Mas pensou nele, nos verões de sua infância na propriedade dos Taggart. Eddie passara a maior parte de sua infância com as crianças de lá e agora trabalhava para elas, como seu pai e seu avô haviam trabalhado para os pais e os avós delas.

O grande carvalho ficava numa montanha sobre o rio Hudson, em um lugar isolado da propriedade dos Taggart. Eddie, com 7 anos, gostava de olhar para ele. Estava lá havia centenas de anos e parecia ao menino que lá ficaria para sempre. Suas raízes seguravam a montanha como dedos cravados no solo, e ele imaginava que se um gigante quisesse arrancá-lo pelos galhos, não conseguiria. Conseguiria, sim, balançar a montanha e, com ela, toda a terra, que ficaria como uma bola pendurada por uma corda. Ele se sentia seguro, diante do carvalho: era algo que nada nem ninguém podia alterar ou ameaçar – era para ele o símbolo maior da força.

Certa noite, um raio atingiu o carvalho. Eddie o viu na manhã seguinte. Estava partido ao meio, e o menino olhou o tronco como quem olha para a boca de um túnel negro: ele era apenas uma concha oca. Sua massa interna tinha apodrecido havia muito tempo: não existia nada lá dentro, apenas uma fina poeira cinzenta que se dispersava ao capricho da mais leve brisa. Fora-se o poder vital e, sem ele, a forma que ficara não tinha podido se manter.

Anos mais tarde, ele ouviu dizer que as crianças devem ser protegidas contra choques, contra seu primeiro contato com a morte, a dor, o medo. Mas essas eram coisas com as quais ele não se assustava. Seu choque viera naquele instante, quando permanecera quieto, olhando o buraco negro do tronco. Fora uma sensação profunda de traição – ainda pior, porque ele não podia identificar exatamente o que ou quem havia sido traído. Não fora ele, sabia-o bem, nem sua fé – era algo mais. Permaneceu ali por algum tempo, em total silêncio, e depois voltou para casa. Não falou sobre aquilo com ninguém, nem na hora, nem depois.

Eddie Willers balançou a cabeça, no momento em que o ruído de um mecanismo enferrujado de sinal de trânsito interrompeu seu caminho no meio-fio. Sentiu raiva de si mesmo. Não havia por que lembrar o carvalho hoje. Já não significava mais nada para ele, apenas uma tintura esmaecida de tristeza – e, em alguma parte em seu íntimo, uma gotícula de dor, movendo-se rapidamente e desaparecendo como um pingo de chuva na vidraça da janela, mal deixando visível o seu curso em forma de ponto de interrogação.

Não queria associar lembranças tristes à sua infância. Amava suas recordações: cada um daqueles dias, ele via agora, parecia-lhe inundado pela luz solar, tranquila e brilhante. Parecia-lhe que alguns daqueles raios chegavam até seu presente. Não eram raios, exatamente: mais pareciam pequenos pontos de luz, que conferiam um ocasional momento de brilho ao seu trabalho, ao seu apartamento, onde vivia solitário, no ritmo calmo e escrupuloso de sua existência.

Lembrou-se de um dia de verão, quando tinha 10 anos. Naquele dia, numa clareira do bosque, sua mais querida companheira de infância lhe disse o que fariam quando crescessem. As palavras foram duras e brilhantes como os raios de sol. Ele ouviu admirado. Quando ela lhe perguntou *o que* desejaria fazer, ele

respondeu de imediato: “O que for certo.” E acrescentou: “E preciso fazer alguma coisa que seja grande... Quero dizer, nós dois juntos.” E ela: “O quê, por exemplo?” Ele respondeu: “Não sei. É o que nós devemos descobrir. Não o que você disse. Não é trabalho nem um modo de ganhar a vida. Mas algo como ganhar batalhas, salvar pessoas de incêndios ou escalar montanhas.” “Para quê?”, perguntou ela. E ele: “No último domingo, o pastor disse que devemos procurar alcançar o melhor de nós. O que você acha que há de melhor em nós?” “Não sei.” E ele concluiu: “Precisamos descobrir.” Ela não disse mais nada. Estava olhando para longe, para a estrada de ferro, que se perdia na distância.

Eddie Willers sorriu. Ele dissera: “O que for certo.” E isso fora há 22 anos. Desde então, essa deliberação permanecera inalterada em sua vida. Todas as demais questões se evanesceram em sua mente – não tinha tempo para elas. Mas ainda lhe parecia evidente que cada um devia fazer o que fosse direito: jamais entendera como alguém podia desejar outra coisa. Sabia apenas que isso ocorria. E isso ainda lhe parecia uma coisa ao mesmo tempo simples e incompreensível – simples, o fato de que as coisas devem estar certas; e incompreensível, que não estivessem. Sabia que não estavam. Era nisso que pensava quando dobrou a esquina e chegou ao grande prédio da Taggart Transcontinental.

O edifício era a mais alta e mais orgulhosa construção da rua. Willers sempre sorria ao primeiro impacto de sua visão. Todas as janelas nas longas fileiras estavam intactas, ao contrário das dos prédios vizinhos. Suas linhas ascendentes cortavam o céu sem cantos empoeirados e sem bordas quebradas. Ele parecia ser imune ao próprio tempo, sempre incólume. *Estaria ali sempre*, pensou.

Cada vez que ele entrava no Edifício Taggart, experimentava uma sensação de alívio e segurança. Aquele era o lugar da competência e do poder. O piso da entrada era um verdadeiro espelho feito de mármore. Os gelados retângulos das luminárias pareciam pedaços de luz sólida. Por trás das divisórias de vidro, filas de moças batiam à máquina, o ruído das teclas parecia o som de rodas de trem. E, como um eco, às vezes um tremor discreto atravessava as paredes, vindo lá de baixo do prédio, dos túneis do grande terminal, de onde os trens partiam e para onde convergiam, para cruzarem o continente e pararem depois de cruzá-lo de novo, como partiam e paravam geração após geração. “*Taggart Transcontinental*”, pensou Eddie Willers, “*De oceano a oceano*”, orgulhoso slogan de sua infância, tão mais brilhante e sagrado do que qualquer um dos mandamentos da Bíblia. “*De oceano a oceano, para sempre*”, continuou pensando, enquanto caminhava para o coração do edifício, o escritório de James Taggart, presidente da Taggart Transcontinental.

James Taggart estava sentado à mesa de trabalho. Parecia um cinquentão que tivesse chegado a tal idade diretamente da adolescência, sem passar pelo estágio intermediário da juventude. Tinha a boca pequena e petulante e alguns raros fios de cabelo se elevavam na fronte calva. Seu ar desleixado e sua má postura

pareciam desafiar o corpo alto e esguio, cuja elegância, condizente com a de um aristocrata confiante, transformava-se na falta de jeito de um palerma. A pele do rosto era pálida e macia. Os olhos, mortíços e velados, em movimentos lentos e incessantes, deslizavam pelas coisas como num eterno ressentimento por elas existirem. Parecia obstinado e gasto. Tinha 39 anos.

Levantou a cabeça irritado ao som da porta que se abria.

– Não me perturbe, não me perturbe, não me perturbe – disse James Taggart. Eddie Willers se dirigiu para a mesa.

– É importante, Jim – disse, sem levantar a voz.

– Está bem, está bem. De que se trata?

Willers olhou para um mapa na parede do escritório. Suas cores, por trás do vidro da moldura, estavam desbotadas, e ele se perguntou quantos presidentes Taggart haviam se sentado diante desse mapa, e por quantos anos. A Rede Ferroviária Taggart Transcontinental era uma trama de linhas vermelhas, que cortava o corpo empalidecido do país, de Nova York a São Francisco, e parecia uma rede de vasos sanguíneos. Como se o sangue, uma vez, muito tempo atrás, tivesse atingido a artéria principal e, sob a pressão de sua própria intensidade e abundância, tivesse se ramificado ao acaso, preenchendo, por fim, todo o país. Uma tira vermelha se retorcia desde Cheyenne, Wyoming, até El Paso, Texas – a Linha Rio Norte da Taggart Transcontinental. Novas rotas haviam sido adicionadas recentemente, e o grande veio vermelho se estendera ao sul para além de El Paso. Willers se virou abruptamente quando seus olhos encontraram aquele ponto do mapa.

Ele olhou para Taggart e disse:

– Trata-se da Linha Rio Norte. – Viu o olhar de Taggart se desviando para baixo, correndo pela beira da escrivaninha. Então continuou: – Tivemos outro acidente.

– Acidentes ferroviários ocorrem todos os dias. Você tinha de me incomodar com isso?

– Você sabe do que estou falando, Jim. A Rio Norte está liquidada. Aquela via acabou. Toda ela.

– Estamos providenciando trilhos novos.

Willers continuou, como se não tivesse havido resposta alguma:

– A via está acabada. Não adianta mais pôr trens para andar nela. As pessoas já estão desistindo deles.

– Na minha opinião, não há uma só ferrovia no país que não tenha alguns setores deficitários. Não somos os únicos. É uma situação nacional. Temporária, mas nacional.

Willers permaneceu em silêncio, olhando para ele. O que Taggart detestava nele era o seu hábito de olhar diretamente para os olhos das pessoas. Os olhos de Willers eram azuis, grandes e penetrantes, os cabelos eram louros, o rosto

quadrado nada tinha de notável, a não ser o ar de escrupulosa atenção e curiosidade.

– Mais alguma coisa? – perguntou Taggart, ríspido.

– Vim apenas lhe dizer algo que você devia saber. Alguém tinha de lhe dizer.

– Que tivemos outro acidente?

– Que não podemos abandonar a Rio Norte.

James Taggart raramente levantava a cabeça. Quando olhava as pessoas, apenas elevava as pesadas sobrancelhas sem erguer a cabeça.

– Quem está pensando em abandonar a Linha Rio Norte? – perguntou. – Jamais se pensou em abandoná-la. Fico magoado por ouvi-lo dizer isso. Fico muito magoado mesmo.

– Mas não conseguimos manter seus horários nos últimos seis meses. Não completamos uma única viagem sem algum contratempo, grande ou pequeno. Estamos perdendo nossos clientes, um por um. Quanto tempo podemos aguentar assim?

– Você é um pessimista, Eddie. Não tem fé. É isso que termina minando o ânimo da nossa organização.

– Quer dizer que nada será feito quanto à Rio Norte?

– Eu não disse isso. Assim que tivermos trilhos novos...

– Jim, não vai haver trilhos novos. – Ele viu os olhos de Taggart se deslocarem lentamente para cima. – Acabo de voltar dos escritórios das Siderúrgicas Associadas. Falei com Orren Boyle.

– O que foi que ele disse?

– Falou durante uma hora e meia e não me deu nenhuma resposta direta.

– Por que foi incomodá-lo? Se não me engano, a primeira entrega de trilhos está marcada para o próximo mês.

– É, mas já esteve marcada para três meses atrás.

– Foram circunstâncias imprevisíveis. Absolutamente fora do controle de Orren.

– E já esteve marcada para seis meses antes, Jim. Estamos esperando que as Siderúrgicas Associadas nos façam essa entrega há 13 meses.

– O que você quer que eu faça? Não posso tocar para a frente os negócios de Orren Boyle.

– Compreenda que não podemos esperar.

Taggart perguntou lentamente, com a voz meio zombeteira, meio cautelosa:

– O que minha irmã disse a respeito?

– Ela só volta amanhã.

– Muito bem, o que quer que eu faça?

– Cabe a você decidir.

– Bem, não importa o que você diga, só não mencione a Siderúrgica Rearden.

Willers não respondeu de imediato, mas depois falou calmamente:

– Está bem, Jim. Não tocarei nesse assunto.

– Orren é meu amigo. – Sem resposta, continuou: – Sua atitude me magoa. Orren Boyle entregará os trilhos assim que for possível. Enquanto ele não fizer a entrega, ninguém pode dizer que a culpa é nossa.

– Jim! O que você está dizendo? Não entende que a Rio Norte está acabando, quer nos culpem, quer não?

– As pessoas estariam conformadas com a situação – teriam de estar – se não fosse a Phoenix-Durango. – Ele olhou o rosto contraído de Willers. – Ninguém jamais se queixou da Linha Rio Norte até aparecer a Phoenix-Durango.

– A Phoenix-Durango está fazendo um trabalho brilhante.

– Ora, uma coisinha chamada Phoenix-Durango não pode competir com a Taggart Transcontinental! Há 10 anos eles tinham apenas uma ferroviazinha local para transporte de leite.

– Mas agora é deles a maior parte dos fretes do Arizona, do Novo México e do Colorado. – Taggart não respondeu. – Jim, não podemos perder o Colorado. É a nossa última esperança. É a última esperança para todo mundo. Se não nos unirmos, vamos perder todos os grandes carregamentos do estado para a Phoenix-Durango. Já perdemos os dos campos de petróleo Wyatt.

– Queria saber por que todo mundo vive falando dos campos de petróleo Wyatt.

– Porque Ellis Wyatt é um prodígio que...

– Ellis Wyatt que se dane!

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br, e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta cadastrar-se diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Introdução

VOLUME I

Parte I – Peter Keating

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Parte II – Ellsworth M. Toohy

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

VOLUME II

Parte III – Gail Wynand

1

2

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[Parte IV – Howard Roark](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[Posfácio](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outro título da autora](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)